Coleção MINEIRIANA



ERÁRIO MINERAL

LUÍS GOMES FERREIRA

Organização: Júnia Ferreira Furtado

VOLUME 1

EDITORA FIOCRUZ

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Governo de Minas Gerais

FAPEMIG
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

Table of Contents / Sumário / Tabla de Contenido

- Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciales
- Volume 1
  - I - Erário mineral
    - 1. Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens
    - 2. Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao Erário Mineral
    - 3. Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710-1733
    - 4. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia
    - 5. O Erário Mineral divertido e curioso
  - II - Dos critérios de normalização editorial e modernização da linguagem
  - III - Erário mineral
    - 1. Prólogo: ao leitor
    - 2. Licenças: do Santo Ofício
    - 3. Poemas ludatórios: ao Erario Mineral, que compos o senhor Luís Gomes Ferreira
    - 4. Índex: dos tratados e capÍtulos que contém este livro
    - 5. Índice das observaÇÕes que se contêm neste livro
    - 6. Divisão da obra
    - 7. Proêmio
    - 8. Tratado I – Da cura das pontadas pleuríticas e suas observações
    - 9. Tratado II – Das obstruções

10. Tratado III – Da miscelânea de varios remédios, assim experimentados e inventados pelo autor, como escolhidos de vários para diversas enfermidades
11. Tratado IV – Das deslocações, fraturas e suas observações

Volume 2

12. Tratado V – Da rara virtude do Óleo de ouro, das muitas enfermidades para que serve e observações de curas excelentíssimas que com ele se têm feito
13. Tratado VI – Dos segredos ou remédios particulares que o autor faz manifestos para utilidade do bem comum
14. Tratado VII – Dos formigueiros e outras doenças comuns nestas Minas
15. Tratado VIII – Da enfermidade a que chamam corrupção-do-bicho, suas causas, seus sinais, seus prognósticos, sua cura e suas observações
16. Tratado IX – Dos resfriamentos
17. Tratado X: Dos danos que faz o leite, melado, aguardente de cana e advertências para conservação da saúde
18. Tratado XI: Dos venenos e mordeduras venenosas
19. Tratado XII: Do escorbuto ou Mal de Luanda
20. Index das coisas mais notáveis que se contêm neste livro

IV - Glossário

V - Glossário de médicos

VI - Sumário das ilustrações

Erário mineral

Luís Gomes Ferreira

Júnia Ferreira Furtado (Org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FURTADO, JF., org., FERREIRA, GF. *Erário mineral* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Mineiriana collection. Clássicos series. ISBN 978-85-7541-240-4. Vol. 1 e 2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

ERÁRIO MINERAL



LUÍS GOMES FERREIRA

Organização
JÚNIA FERREIRA FURTADO

Governador
Itamar Augusto Cautiero Franco

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral
Frederico Penido Alvarenga

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Presidente
Ricardo Carneiro

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais
Sylvana de Castro Pessoa Santana

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente
Paulo Marchiori Buss

Vice-Presidente de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação
Paulo Gadelha

EDITORA FIOCRUZ

Coordenador
Paulo Gadelha

Coordenador Executivo
João Carlos Canossa P. Mendes

Esta obra é dedicada à memória do professor Júlio Barbosa, um dos idealizadores da Coleção Mineiriana.

61 (815.1) Ferreira, Luís Gomes.

F382e

Erário mineral [livro eletrônico]/ Luís Gomes Ferreira; organização Júnia Ferreira Furtado - Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.

12.824 Kb ; ePUB, 2 v. il. (Coleção Mineiriana. Série Clássicos)

Publicado em 1735 em Lisboa Ocidental na oficina de Manuel de Rodrigues documento dividido em 12 tratados

ISBN 978-85-7541-240-4

1. Medicina - Minas Gerais - século XVIII. 2. História econômica - Minas Gerais - século XVIII. 3. Condições de vida - Minas Gerais - século XVIII. 4. Medicamento - Minas Gerais - século XVIII. 5. Doenças - Minas Gerais - século XVIII. I. Título. II. Furtado, Júnia Ferreira, org. III. Série.

CDU61 (815.1)

Apoio:

Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG



COLEÇÃO MINEIRIANA – CONSELHO EDITORIAL

Aluísio Pimenta, Amilcar Vianna Martins Filho, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Bernardo Novais da Mata Machado, Caio César Boschi, Carlos Antônio Leite Brandão, Douglas Cole Libby, Eleonora Santa Rosa, Fábio Lucas, Fernando Correia Dias, Friedrich Ewald Renger, Guy de Almeida, Jarbas Medeiros, José Bento Teixeira de Salles, Lucília de Almeida Neves, Marcus Vinicius de Freitas, Maria Efigênia Lage de Resende, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Ricardo Carneiro, Roberto Borges Martins, Sylvana de Castro Pessoa Santana



EDITORA FIOCRUZ – CONSELHO EDITORIAL

Carlos E. A. Coimbra Jr., Carolina M. Bori, Charles Pessanha, Jaime L. Benchimol, José da Rocha Carvalheiro, José Rodrigues Coura, Luis David Castiel, Luiz Fernando Ferreira, Maria Cecília de Souza Minayo, Miriam Struchiner, Paulo Amarante, Vanize Macêdo

ERARIO MINERAL

DIVIDIDO EM DOZE TRATADOS,

DEDICADO, E OFFERECIDO

A' PURISSIMA, E SERENISSIMA VIRGEM

NOSSA SENHORA DA CONCEYCAÕ.

AUTOR

LUIS GOMES FERREYRA,

Cirurgião approvado, natural da Villa de S. Pedro de Rates, e assistente nas Minas do ouro por discurso de vinte annos.

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,

Impressor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXV.

Com todas as licenças necessarias.

Capa original da edição do *Erário Mineral* de 1735.

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação Editorial
JÚNIA FERREIRA FURTADO
ROSELI RAQUEL DE AGUIAR

Supervisão Geral
SYLVANA DE CASTRO PESSOA SANTANA

Organização
JÚNIA FERREIRA FURTADO

Indicação do Texto
RONALDO SIMÕES COELHO

Projeto Gráfico e Arte
SEBASTIÃO NUNES

Produção Editorial e Executiva
ROSELI RAQUEL DE AGUIAR
RONARA DE PAULA

Revisão de Texto
MARIA DE LOURDES COSTA DE QUEIROZ

Normatização
HELENA SCHIRM

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação
JÚNIA FERREIRA FURTADO

Modernização do texto em prosa
BRUNO FLÁVIO LONTRA FAGUNDES

Modernização do texto poético
ELIANE SCOTTI MUZZI

Estudos críticos
JÚNIA FERREIRA FURTADO
ELIANE SCOTTI MUZZI
MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS
MARIA CRISTINA CORTEZ WISSENBACH
RONALDO SIMÕES COELHO

Glossário

BRUNO FLÁVIO LONTRA FAGUNDES (Org.)

SÉRGIO GÓES DE PAULA (Org.)

ÃNGELA PÔRTO

JÚNIA FERREIRA FURTADO

ROBERTA CERQUEIRA

VIVIANE DE LAMARE

Glossário de médicos
RONALDO SIMÕES COELHO

Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais
Belo Horizonte
2002

A Fundação João Pinheiro (FJP), por intermédio do seu Centro de Estudos Históricos e Culturais (CEHC), tem a satisfação de trazer a público o *Erário Mineral*, de Luís Gomes Ferreira, volume da Coleção Mineiriana - Série Clássicos.

O Erário Mineral foi editado pela primeira vez em Lisboa, em 1735, e é dos primeiros tratados de medicina brasileira escrito em língua portuguesa. O livro reúne as experiências de práticas médicas realizadas pelo cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira na Capitania de Minas Gerais e demorou menos de um ano para ser escrito.

Curioso é o fato de que o autor não veio para as Minas Gerais com o intuito primeiro de se dedicar à medicina ou à cirurgia; veio para tentar a fortuna na mineração, que esperava o enriquecesse em poucos anos. Perdido nos sertões das Minas, em pouco tempo começou a exercer a medicina como cirurgião-barbeiro, pois, segundo ele, *nestas Minas aonde não chegam médicos nem cirurgiões, padecem os povos grandes necessidades.*

O autor faz não só uma descrição pormenorizada dos principais males freqüentes em Minas, como também dos meios mais eficazes de cura que experimentou e um importante inventário dos medicamentos utilizados na época com suas respectivas funções. Entre os remédios empregados encontravam-se vários utilizados pelos índios e incorporados pelos paulistas à medicina colonial.

Além disso, há que se anotar o que concerne à história econômica e social e a outros aspectos da vida de Minas Gerais. Luís Gomes Ferreira permaneceu na Capitania entre 1708 e 1733, tendo girado por muitos lugares e residido em vários arraiais e vilas das Comarcas do Rio das Mortes, Rio das Velhas e Ouro Preto. Ali viveu dias turbulentos, marcados inicialmente pelas disputas que abalaram paulistas e reinóis, na célebre *Guerra dos Emboabas*, e pela lenta e controvertida afirmação da política fiscal e administrativa da Coroa portuguesa.

Parte preciosa de seu relato é constituída pelas minuciosas informações que fornece sobre os escravos: características, alimentação, hábitos, doenças, trabalho e moradia, dentre outros aspectos. As duras condições de vida e de trabalho a que estavam submetidos pelos senhores, permanentemente mergulhados nos rios, nos afazeres da mineração, minavam-lhes as forças e facilitavam a propagação das doenças.

A presente edição foi secionada em dois volumes, para facilitar o manuseio do leitor, utilizando-se a primeira edição da obra, publicada em 1735. Para enriquecer a recepção do leitor, foram incorporados cinco estudos críticos, que buscaram desvendar diferentes aspectos do Erário Mineral. Júnia Ferreira Furtado, apesar das lacunas documentais, trouxe à luz uma pequena biografia do autor e sua trajetória em Minas Gerais. Eliana Scotti Muzzi abordou o aspecto discursivo do texto, o contexto literário no qual foi escrito e analisou os poemas laudatórios que abrem a obra. Em instigante texto, Maria Odila Leite da Silva Dias tratou os aspectos da colonização em Minas Gerais, o dia-adia de um cirurgião-barbeiro, testemunha ocular das dificuldades de afirmação da administração portuguesa em uma nova frente de povoamento. Maria Cristina Cortez Wissenbach e Ronaldo Simões Coelho dissecaram as práticas médicas utilizadas, os medicamentos receitados, "experiências inscritas nas possibilidades da medicina e da cura na movimentada idade do ouro do Brasil". Dois glossários completam e enriquecem ainda mais esta edição. Ronaldo Simões Coelho fez um levantamento dos médicos e cirurgiões citados pelo autor. Bruno Flávio Lontra Fagundes e Sérgio Góes de Paula coordenaram uma equipe que esquadrinhou o rico universo vocabular presente no livro.

Esta edição, organizada por Júnia Ferreira Furtado, contou com as parcerias da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), decisivas na sua viabilização. Iniciada na gestão do Presidente Roberto Borges Martins, resulta, em especial, de intenso esforço de trabalho dedicado pela equipe do Centro de Estudos Históricos e Culturais (CEHC), a quem agradecemos.

Ricardo Carneiro
Presidente da Fundação João Pinheiro

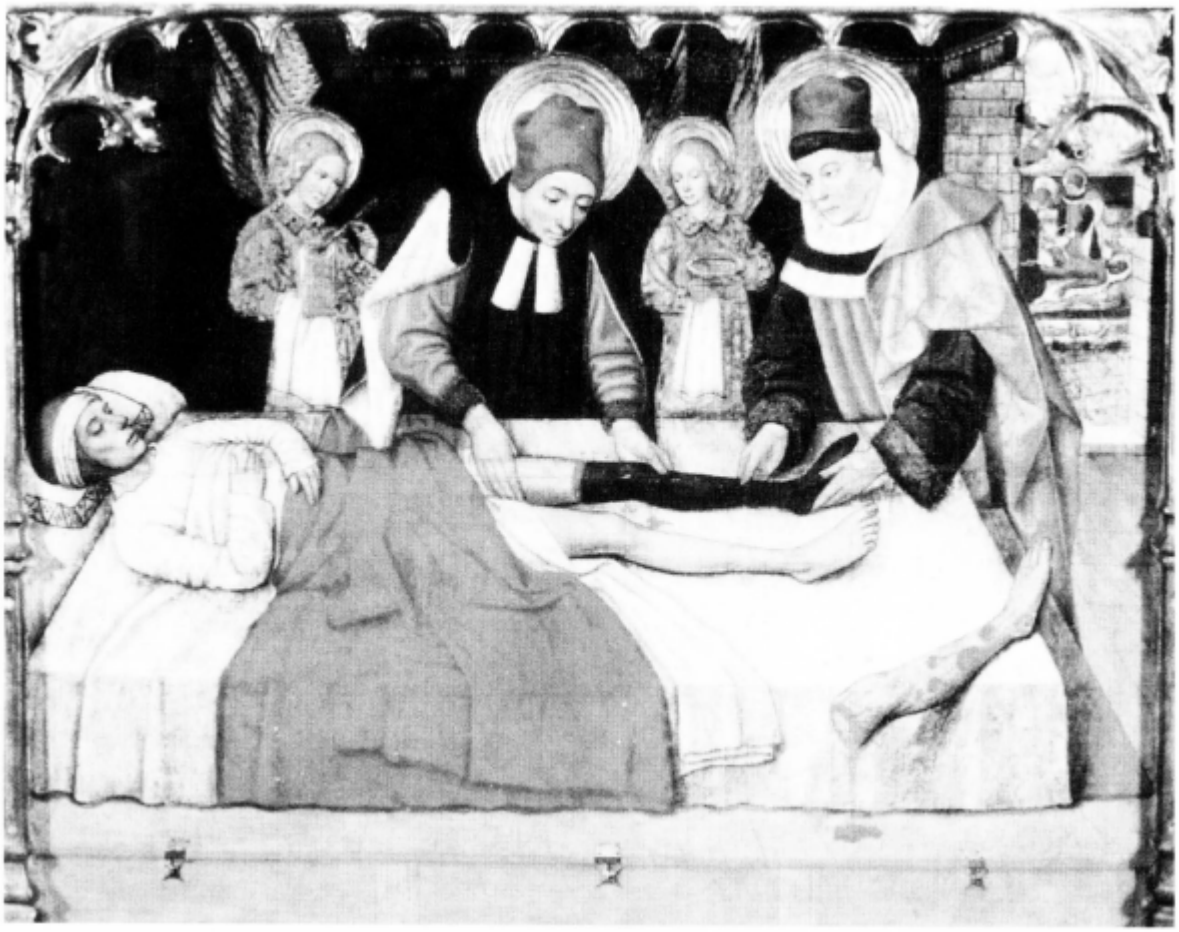
É com satisfação que a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) se associa à Fundação João Pinheiro na edição do Erário Mineral, de Luís Gomes Ferreira.

Embora a tradição da FIOCRUZ seja a pesquisa do novo, do que ainda não se conhece, o próprio fato de ser uma instituição centenária faz com que ela esteja de olhos abertos não apenas para a busca do desconhecido, do que está no futuro, mas também para busca do que já é esquecido, do que está no passado. Neste campo, temos a destacar as atividades da Casa de Oswaldo Cruz, com seus departamentos de pesquisa, de arquivo, de patrimônio e de ensino, e o Museu da Vida.

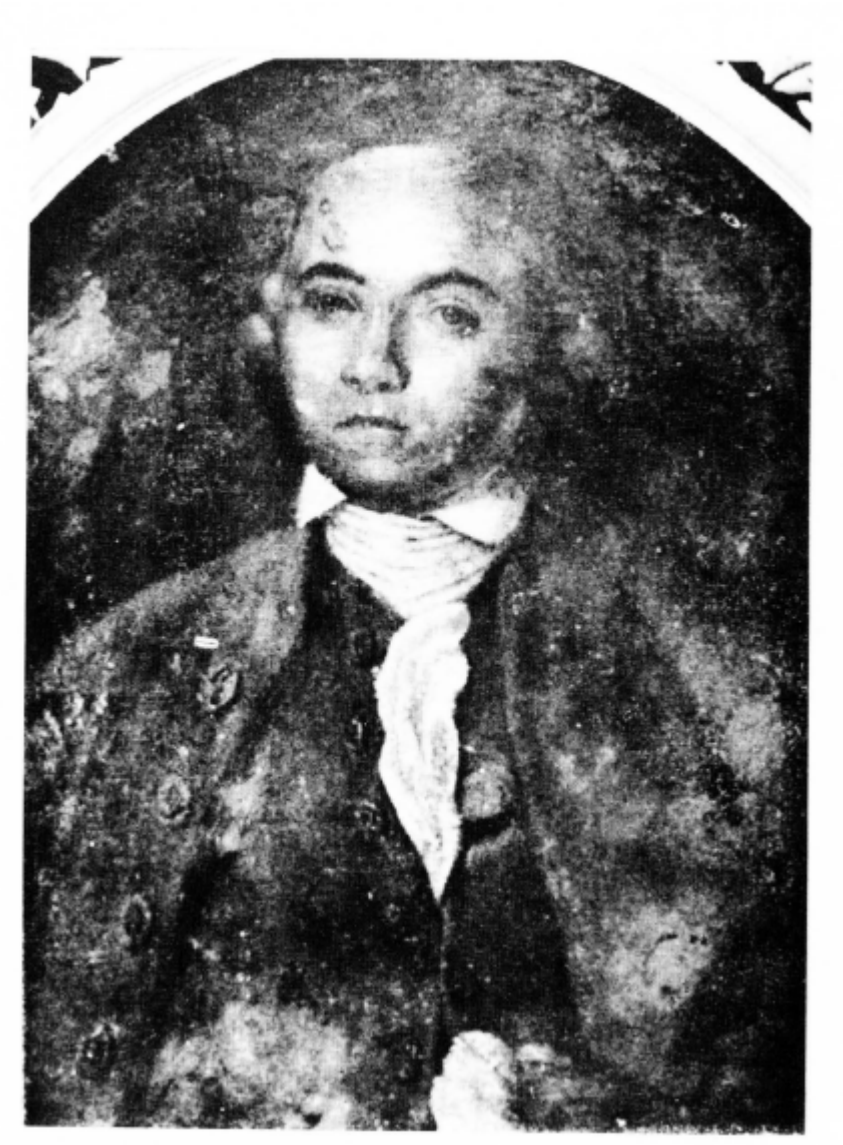
Sendo assim, associarmo-nos na publicação do Erário Mineral não é uma ação fortuita, mas faz parte de uma linha de pesquisa, ensino e divulgação bastante ativa e, de certa forma, enraizada no passado, já que se pode dizer que ela foi iniciada pelo próprio Oswaldo Cruz que, ao criar a biblioteca do Instituto de Manguinhos, preocupouse em adquirir um grande número de obras raras - dentre as quais um exemplar deste mesmo *Erário Mineral*.

Estamos certos de que os leitores, sejam eles especialistas em história da medicina ou interessados nas coisas do Brasil, terão muito o que aprender com este livro, que vai muito além de um receituário do século XVIII - só isto já bastaria para justificar sua republicação - e se mostra um verdadeiro tesouro de informações sobre a vida na América Portuguesa.

Paulo Marchiori Buss
Presidente da Fundação Oswaldo Cruz



São Cosme e São Damião enxertam a perna de um mouro em um paciente branco.
(Pintura de Jaime Huguet)



Retrato de Luís Gomes Ferreira, pertencente ao acervo familiar.

ERÁRIO MINERAL

LUÍS GOMES FERREIRA

(VOLUME 1)



Detalhe de ex-voto do século XVIII, que retrata o menino Joaquim da Silva Campos acometido de grave doença, (autoria desconhecida)

Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens

Júnia Ferreira Furtado

No século XVIII, herdeira de uma tradição européia medieval, a medicina em Portugal e seus domínios dividia-se em dois ramos: um erudito, exercido por médicos formados; outro mais prático, desempenhado por cirurgiões, parteiras, barbeiros, que realizavam sangrias e extraíam dentes, e algebristas, que tratavam ossos quebrados e músculos.

Os cirurgiões-barbeiros tinham um aprendizado mais empírico, mas, a partir de 1492, com a instalação do Hospital Real de Todos-os-Santos em Lisboa, este se tornou um grande centro para o ensino da arte da cirurgia.[1] Também na Universidade de Coimbra havia uma cadeira de cirurgia ligada ao curso de Medicina.

Na esteira das reformas pombalinas, no último quartel do século XVIII, a regulamentação e o exercício dos diversos ramos da medicina passaram a ser feitos pela Junta do Protomedicato, criada em Lisboa. Até então, existiam dois oficiais que concediam licenças a todos que desejavam exercer a cura e a prática da medicina em Portugal e seus domínios. Eram eles o físico-mor e o cirurgião-mor, cabendo ao primeiro examinar os médicos formados e licenciar as boticas.[2]

O cirurgião-mor aprovava os cirurgiões, as parteiras e os barbeiros, sendo que estes últimos, em lugares onde não houvesse a assistência dos primeiros, podiam também conseguir licença para realizar cirurgias. Os aspirantes à prática da cirurgia tinham de apresentar certidão de pelo menos quatro anos de aprendizado com cirurgião reconhecido e depois estagiar por mais dois anos com cirurgião licenciado.[3] Nessa área ainda vigorava a tradição das corporações de ofício, nas quais os mestres passavam seu saber secular aos aprendizes. Por seu caráter mais prático e aprendizado mais empírico, a arte da cirurgia era considerada menor e periférica ao exercício da medicina.

No Brasil, o físico-mor nomeava comissários delegados para a fiscalização das atividades médicas e dos boticários. A ação dos delegados deveria obedecer ao regimento que instituía as normas a serem seguidas para a prática da medicina na colônia.[4] Nas Minas Gerais, cabia também às Câmaras Municipais a concessão das licenças e a fiscalização das boticas, como de todos os tipos de estabelecimentos comerciais localizados no espaço urbano. Com isso, buscava-se a garantia da qualidade e o tabelamento dos preços dos medicamentos.[5] Mas, muitas vezes, as Câmaras também exerciam um controle sobre a ação dos profissionais da

saúde, completando o papel dos comissários designados pelo físico-mor. Tal foi o caso, por exemplo, das medidas estabelecidas pela Câmara de Vila Rica, em 1715, quando, após contínuas queixas dos moradores, proibiu os médicos de vender remédios, pois isso cabia apenas aos boticários. Determinou também que *nenhum cirurgião, não sendo aprovado e não ter apresentado carta de aprovação do físico-mor [neste] Senado, não possa curar.*[6]

Em Minas Gerais, as Câmaras também tinham o privilégio de contratar físicos e cirurgiões pelo prazo máximo de dez anos, pagando-lhes um ordenado para prestarem serviços junto aos pobres e presos.[7] Arrecadava para este fim uma taxa anual.[8] No arraial do Tejuco, havia ainda um hospital para cuidar dos escravos que trabalhavam nos serviços diamantinos. No período dos contratadores, os encargos do hospital e da contratação de um médico recaíam sobre os primeiros. Com a monopolização da exploração dos diamantes, após 1771, esses custos passaram a ser arcados pela Intendência dos Diamantes.[9] Em virtude da escassez de físicos formados na colônia, os limites entre o exercício dos médicos e dos cirurgiões-barbeiros eram tênues, estendendo consideravelmente a atuação dos últimos.[10]

No início do século XVIII, o cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, como muitos outros portugueses, veio para as Minas Gerais atraído pelas descobertas auríferas (EM, v. 1, p. 183). Os ganhos pecuniários oriundos da ocupação e a falta de médicos na região levaram-no a continuar a exercer seu ofício, pois *em tão remotas partes, que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgiões que professem a cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades*(EM, Prólogo, v. 1, p. 184). Alguns anos depois, fez a mesma observação o cirurgião José Antônio Mendes, que trabalhou no Hospital do Contrato dos Diamantes do Tejuco, foi comissário do cirurgião-mor para a América e também escreveu um tratado prático de medicina intitulado *Governo de Mineiros*.[11] Como Gomes Ferreira, Mendes atreveu-se a receitar em seu livro a ingestão de vários medicamentos, apesar de saber que isso era prerrogativa dos

médicos, e a descrever suas fórmulas e métodos de fabricação, consciente de que isso era privilégio dos boticários. Desculpou-se dizendo que, nas Minas, tais práticas geralmente eram realizadas por barbeiros, sem nenhuma formação, e que ao menos os cirurgiões, como ele, eram mais bem preparados.[12]

O Erário Mineral, publicado em 1735, foi resultado da experiência prática que Luís Gomes Ferreira reuniu realizando diversas curas em Minas Gerais. Ali escreveu apontamentos sobre as especificidades do clima, dos moradores, das doenças, dos tratamentos ministrados, aos quais incorporou diversas ervas locais. Advertiu que *as ervas, raízes, coisas minerais e de animais, que há nas partes do Brasil e seus sertões* serviam de muito préstimo à saúde pública e que as boticas locais deviam desenvolver medicamentos incorporando-as (EM, v. 1, p. 266). Contrariando as ordens e aproveitando-se dos dilatados sertões onde exercia suas curas, o cirurgião-barbeiro receitava e ministrava medicamentos e possuía uma botica própria.[13]

As diferenças entre a erudição dos médicos e a experiência dos cirurgiões muitas vezes resultavam em disputas e tensões entre essas duas categorias. No Erário Mineral, como em outros tratados práticos de medicina da época, essas disputas afloraram. Luís Gomes Ferreira apontou a experiência como a base tanto para a medicina quanto para a cirurgia, apesar de saber que haveria quem dissesse o contrário (EM, v. 1, p. 183). Também José Antônio Mendes desculpou-se por se atrever a publicar um tratado de medicina sendo apenas cirurgião. Pediu aos

> *críticos, êmulos ou mordazes Asistarcos me não culpem de vaidoso; pois não é a minha mente dar leis na Medicina, nem aos Médicos, como fez Numa Pompílio aos romanos. Não me parece delito apontar os remédios, que a minha experiência e boa diligência me têm mostrado singulares no efeito no clima da América, e com eles livrado a muitos enfermos de funestos casos.*[14]

Luís Gomes Ferreira chamou a atenção para a importância de não se ater à tradição e regras dos antigos e condenou aqueles que não davam importância nem à razão natural, *nem ao que estão vendo com os seus olhos. […] Pois ainda que todas estas coisas parecem incríveis, e contra a razão, a experiência mostra que todas são verdadeiras* (EM, v. 1, p. 226, 233). Mostrando um desapego à tradição e valorizando os conhecimentos oriundos da experiência e observação, o cirurgião-barbeiro se colocava na vanguarda do pensamento científico da época. A mesma advertência foi feita por Jean de Senebier, quando aconselhava os filósofos de seu tempo que *o dogmatismo era o pior inimigo da observação. No Ensaio sobre a arte de observar e de fazer experiências, afirmou que a dúvida filosófica deve se estender a tudo que existe sobre o objeto em estudo, desde às idéias dos outros, até a dos grandes homens, cuja autoridade é geralmente irresistível.*[15]

Estas diferenças entre médicos e cirurgiões muitas vezes resultavam em contendas. No *Erário Mineral,* o autor relatou várias desavenças suas com médicos em Minas Gerais. Na primeira, recém-chegado a Sabará, não tinha fama a lhe preceder. Por isso, o capitão Manoel Dias Leite preteriu o tratamento que Ferreira lhe tinha recomendado, pelo seu oposto, aconselhado pelo médico local. O resultado, segundo o cirurgião, foi a morte precipitada do capitão *(EM,* v. 1, p. 292). Numa segunda disputa na vila sobre os melhores remédios a serem ministrados a um escravo de João Gonçalves da Costa, o cirurgião prático saiu vencedor, pois já tinha alcançado a fama de ser bom na arte da cura, apesar de o médico local ter alegado sua autoridade sobre a matéria *(EM,* v. 1, p. 270-272).

As poucas informações que existem sobre a vida de Luís Gomes Ferreira foram quase todas fornecidas por ele mesmo ao longo do livro.[16] Era português, natural da Vila de São Pedro de Rates, que se situava na Província do Douro, pouco ao norte da cidade do Porto e pertencia ao Concelho de Póvoa do Varzim. De lá saiu cedo, indo para Lisboa, onde aprendeu a arte de cirurgião-barbeiro. Durante esse período em Lisboa, residiu em Resmolares na casa do

licenciado Francisco dos Santos, que era cirurgião da enfermaria Real de Dom Pedro e que, provavelmente, ministrou-lhe os primeiros ensinamentos *(EM,* v. 2, p. 510). Como era comum, completou sua formação no Hospital Real de Todos-os-Santos em Lisboa, onde era aprendiz no ano de 1705 e onde também fez observações anatômicas *(EM,* v. 1, p. 267 e v. 2, p. 582). Nesse hospital, teve como um de seus mestres o licenciado João Lopes Correa, que lhe ensinou um medicamento para cicatrização *(EM,* v. 1, p. 343). Foi então aprovado pelo cirurgião-mor do Reino, cuja carta de licença carregava sempre consigo (EM, v. 2, p. 632). Também partilhava da amizade e confiança do boticário do rei Dom Afonso VI, chamado Manoel Lopes Carameleiro, que lhe ensinou um de seus medicamentos secretos para limpeza dos dentes (EM, v. 1, p. 325).

Fez questão de apontar que era católico e cristão-velho, pois os judeus e cristãos-novos estavam tradicionalmente ligados ao comércio e às profissões liberais, como a medicina e a cirurgia. Foram muitos os licenciados perseguidos pela Inquisição, como João Tomás de Castro, médico no Rio de Janeiro, que foi queimado em um auto-de-fé, acusado de herege e judaizante.[17]

Foi cirurgião na carreira da Índia *(EM,* v. 2, p. 692). Em uma destas viagens, de Lisboa, partiu para o Brasil, onde sua permanência foi marcada por idas e vindas em constantes deslocamentos. Chegou pela primeira vez em 1707, vindo de Lisboa, como cirurgião numa frota que desembarcou na Bahia, mas não ficou por muito tempo *(EM,* v.1, p. 367 e v. 2, p. 511). Retornou no ano seguinte, novamente como cirurgião de uma nau que ia da ilha da Madeira para a Bahia. A presença de cirurgiões a bordo dos navios era prática comum, pois as péssimas condições a bordo faziam proliferar as doenças.[18]

Luís Gomes Ferreira contou que fora várias vezes à Índia, embarcado como cirurgião, realizando muitas curas, principalmente do escorbuto, que grassava a bordo (EM, v. 2, p. 689). Como se acreditava à época, o cirurgião imputou aos escravos trazidos da

África a transmissão da doença, por isso conhecida como mal de Luanda. No *Erário Mineral,* Gomes Ferreira divulgou pela primeira vez as descobertas do licenciado João Cardoso de Miranda sobre um novo medicamento para curar a doença e, voltando da Bahia para o Reino, foi portador de uma carta de Miranda pedindo ao físico-mor do Reino que licenciasse sua invenção (EM, v. 2, p. 689-695). Miranda exercia a cirurgia em Salvador e, mais tarde, registrou seus estudos sobre o escoburto em um livro publicado em 1741, que teve grande repercussão.[19]

A receita de Miranda compunha-se de um chá de ervas frescas, acompanhado de uma dieta reforçada também de alimentos sempre frescos, como carne de galinha, alface, chicória, almeirão e beldroegas *(EM,* v. 2, p. 693). Dessa forma, fornecia aos doentes debilitados fisicamente a vitamina C, cuja ausência era a verdadeira causa do mal. A doença geralmente se manifestava nas longas viagens marítimas por causa do tipo de alimento fornecido a bordo, constituído basicamente de biscoitos e, em menor quantidade, de carne salgada, de cebola, de vinagre e de azeite. Bebia-se somente água e vinho, guardados em tonéis. Nos dias santos, servia-se peixe e queijo e também açúcar, mel, manteiga e ameixas, mas jamais alimentos frescos, que se deterioravam rapidamente.[20] No caso dos escravos, a péssima alimentação em terra agravava os sintomas e muitos morriam rapidamente. Na segunda metade do século, o escorbuto já era associado ao tipo de alimentação, como observou o cirurgião José Antônio Mendes, para quem

> *as mais urgentes causas de semelhante queixa são os alimentos grosseiros, crassos e corruptos de que se usa na maior parte dessa América dar-se aos negros, principalmente aos que vêm da costa da África, que se sustentam no mar de mantimentos não só grosseiros, mas muitas vezes meio podres, bebendo também água meio corrupta.*[21]

Desta segunda vez, Luís Gomes Ferreira permaneceu três anos em Salvador, entre 1708 a 1710, residindo na casa de seu irmão Alexandre Gomes de Sousa, junto às portas do mosteiro de São

Bento *(EM,* v. 2, p.625). Ali se estabeleceu exercendo a arte da cirurgia, tendo curado muitos enfermos. De um deles, um serralheiro que morava junto à igreja de São Bento, tratou de uma chaga no pé *(EM,* v. 2, p. 625).

Por essa época esteve várias vezes em visita às Minas Gerais. Saiu da cidade da Bahia até Cachoeira, distante 12 léguas. De lá, o caminho passava pela aldeia de João Amaro, Tranqueira, onde o caminho se dividia. Ferreira pegou o caminho da esquerda, mais curto, aberto por João Gonçalves da Costa, que ia para Mathias Cardoso, chegando à barra do Rio das Velhas.[22] Em 1708, como grande parte dos viajantes, Luís Gomes Ferreira ficou doente no percurso, permanecendo cinco meses na barra do rio das Velhas, atacado de febre maligna, sem saber a natureza do mal, mas certo de estar perto da morte *(EM,* v. 2, p. 516, 647). Nesta confluência com o rio São Francisco ficava o arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso e Almas da Barra do rio das Velhas, hoje Guaicuí, onde ficou retido o doente cirurgião. Ali se hospedou na fazenda do Mestre de Campo Manoel de Queirós (EM, v. 2, p. 647). Nessa região, ficavam os currais de um dos grandes potentados das Minas, Manoel Nunes Vianna, e seu primo Manoel Rodrigues.[23] Gomes Ferreira registrou em seu livro que as sezões que infestavam a região do rio São Francisco eram as piores de que tinha notícia e a maleita acometia a todos que chegavam de lá (EM, v. 2, p. 516-517). Depois de idas e vindas, resolveu finalmente se estabelecer na área mineradora, onde grandes possibilidades se abriam aos homens aventureiros.

Em 1710, Luís Gomes Ferrreira seguiu de novo para as Minas Gerais, disposto a buscar fortunas nas lavras auríferas da Capitania. Desta feita, não foi pelo mesmo caminho que margeava o rio São Francisco e entrava nas Minas pela Barra do rio das Velhas. Na Tranqueira, pegou o caminho da direita que seguia pelo rio Verde Grande até a Capela de Nossa Senhora e São José, num lugar chamado Formigas. Era uma das vertentes do conhecido caminho do Sertão, da Bahia, ou dos currais, pois às margens dos rios São Francisco, Verde e das Velhas estabeleceram-se grandes fazendas

de gado, aproveitando-se da abundância de água e de depósitos de sal. Por ali passavam as grandes boiadas que iam abastecer de carne o mercado urbano das Minas. Numa destas fazendas, ao longo do Rio Gorutuba, a de Januário Cardoso, pernoitou o cirurgião Gomes Ferreira *(EM,* v. 2, p. 591). Januário Cardoso era um potentado na região e, em meio à caatinga, era proprietário das fazendas de Angicos e Joazeiro onde, como o costume, criava-se gado *vacum.*[24] Ali o cirurgião visitou um de seus escravos acometido de um tumor nas costas de uma das mãos. Ainda sem a experiência prática acumulada nas Minas, de que segundo sua observação, tal mal deveria ser curado com mel e sal, preferiu não ministrar-lhe nenhum medicamento (EM, v. 2, p. 591).

Arriscado e penoso, o caminho do sertão cortava uma região mais plana, em comparação à geografia mais íngreme com que se defrontavam os viajantes que partiam do Rio de Janeiro e São Paulo e que tinham de cruzar a Serra da Mantiqueira. Mesmo assim, por todo o percurso era constante a ameaça de doenças, de animais selvagens e de bandos de negros fugidos que atacavam de surpresa, o que tornava imperativo que a viagem fosse realizada em grupos fortemente armados. Descrevendo o caminho do sertão, um morador das Minas contou que a viagem era demorada e *tudo era feroz e contrário a penetração humana nessas terras misteriosas e sinistras.*[25] Era tal o medo que os caminhos que levavam às Minas provocavam que era significativo o número de comerciantes ambulantes, os chamados *viandantes,* que antes de partir deixavam registrados testamentos, pois a morte estava à espreita em cada trecho. Um deles, Manuel Ferreira Leal, escreveu que o fazia por estar a caminho das Minas, vindo da Bahia, e não saber se diz *Deus seja servido levar-me para si nesta viagem?*[26]

O caminho da Bahia terminava em Sabara, onde o cirurgião-barbeiro se instalou em 1711, quando o arraial era elevado a vila. Morou no centro, próximo à igreja matriz, junto da casa do tesoureiro dos Defuntos e Ausentes, Manoel Gonçalves Loures. Ainda debilitado, pouco depois de sua chegada foi acometido de surdez (EM, v. 1, p. 249). Ele repetia a saga de inúmeros

conterrâneos, deixando a região norte de Portugal, cuja economia, então em crise, baseava-se principalmente na agricultura. O século XVIII assistiu à emigração em direção às Minas de significativa parcela de homens do norte de Portugal, especialmente das Províncias do Minho e do Douro. Eram quase sempre solteiros, mas alguns deixavam para trás a família e esposa e partiam em busca do sonho do Eldorado. Essa corrente migratória conformou o povoamento das duas regiões, separadas por extenso oceano, imprimindo uma dupla imagem - positiva e negativa -, pois enquanto nas Minas a população era majoritariamente composta de homens, no norte de Portugal as mulheres se tornaram a maioria. Em ambas, isso resultou em casamentos tardios, número elevado de concubinatos, famílias extensas e abandono de crianças.[27]

Uma vez nas Minas, esses homens não estabeleciam raízes, seguindo o curso dos novos achados minerais, abandonando as vilas mais ao sul da capitania e criando novos assentamentos populacionais próximos às lavras recém-descobertas. Em 1725, por exemplo, em Sabará, trocava-se uma casa por um freio de cavalo, vendiam-se engenhos e roças para comprar escravos e partir em busca dos diamantes perto do arraial do Tejuco, mais a noroeste da capitania.[28] Luís Gomes Ferreira agiu da mesma maneira e, apesar de ter permanecido vinte anos nas Minas, mudou-se constantemente, em busca de novas oportunidades e ganhos.

Pouco depois de chegar, como cirugião, integrou-se ao exército que o governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, Antônio de Albuquerque, recrutou para ajudar o governador do Rio de Janeiro a expulsar os franceses (EM, v. 2, p. 666). Em setembro de 1711, uma esquadra francesa, capitaneada por Du Guay-Trouin, foi vista junto à costa do Brasil e, do mar, começou a bombardear a cidade do Rio de Janeiro. No dia 21, o governador reuniu a Câmara Municipal e resolveram evacuar a cidade, impossibilitados de defendê-la com sucesso. Na mesma data, o governador Antônio de Albuquerque recebia uma mensagem verbal pedindo ajuda para libertar a cidade da ameaça francesa. Imediatamente, deu início à mobilização das tropas.

Luís Gomes Ferreira integrou o contingente de 6 mil homens, que, uma semana depois, partiu da Vila do Carmo, seguindo em direção ao Rio de Janeiro. Fazia parte de uma das seis milícias de ordenanças recrutadas entre os honrosos cidadãos, que se fizeram acompanhar de seus escravos. A viagem tornou-se um pesadelo. Pesadas chuvas tornaram o caminho quase intransitável, impossibilitando o transporte da pólvora e de gêneros. Durante a travessia da serra do mar, as mensagens que chegavam do Rio de Janeiro eram desanimadoras: a cidade fora evacuada, caíra nas mãos dos franceses e agora negociava-se um resgate. O valoroso exército não disparou um único tiro. Quando chegaram, nada havia a ser feito: a pólvora e as armas eram insuficientes, os franceses estavam bem posicionados e o resgate já tinha sido quase todo pago. Sua presença serviu apenas para amedrontar os invasores, que apressaram sua retirada, deixando o Rio de Janeiro em 13 de novembro.[29]

Na capitania, Gomes Ferreira mesclou a arte da medicina com a exploração aurífera. Ainda pobre, sem escravos para empregar em seu lugar, teve muitas vezes de explorar ele mesmo suas lavras. Chegou a escavar uma vala para desviar o leito caudaloso de um rio e, assim, viabilizar a exploração (EM, v. 1, p. 332). Recém-chegado, logo percebeu que a grande riqueza que afluía dos ribeiros auríferos era muito mais aparente, e a região caracterizava-se pela baixa capitalização dos proprietários.[30] O comércio drenava grande parte do ouro extraído, pois os produtos eram vendidos a preços altíssimos e muitos se encontravam endividados. As dificuldades enfrentadas podem ser atestadas pelo pedido que o oficial de barbeiro e sangrador, Luís Correa de Souza, dirigiu ao rei. Residia em Mariana, na casa da sogra, e requereu licença para retornar ao Reino, alegando ser muito pobre e não ser capaz de arcar com as grandes despesas das Minas.[31]

Gomes Ferreira também se deu conta de que os anos de aprendizado no Reino não eram suficientes para o desempenho da profissão na região, pois as doenças nem sempre eram as mesmas. O clima diferente e único da capitania, frio e úmido, era para ele a

causa de quase todos os males, associado à alimentação, à moradia e à natureza da atividade mineratória, que obrigava principalmente os escravos a passarem muitas horas dentro da água ou no subsolo. Bom observador da realidade que o cercava, Gomes Ferreira tratou de reunir o conhecimento necessário para diagnosticar corretamente as doenças, ministrar os tratamentos adequados e, assim, conseguir realizar muitas curas. Pouco depois de sua chegada, foi fundamental a amizade que estabeleceu com o húngaro João da Rosa - cirurgião, herbolário, químico e farmacêutico - que lhe ministrou os primeiros ensinamentos sobre as características especiais das doenças que acometiam os moradores da Minas (EM, v. 1, p. 241). Sagaz, Gomes Ferreira compreendeu que a especificidade das doenças da região exigia tratamentos diferentes dos que ele conhecia e, assim, incorporou à sua farmacopéia as ervas e produtos locais, vários já conhecidos e usados na região. Sérgio Buarque de Holanda afirmou que o conhecimento de quase todos esses produtos foram transmitidos pelos índios aos bandeirantes paulistas.[32] Gomes Ferreira citou um pó conhecido em Minas Gerais como “Para tudo,” feito da casca grossa de uma árvore, como introduzido por um paulista sertanejo (EM, v. 1, p. 363). O uso da aguardente para a cura dos resfriados afirmou que este *modo de cura inventaram os carijós do mato, e deles passou aos paulistas e destes a nós.* Também os paulistas aprenderam com os carijós o uso de raízes como a butua e pacacoanha (EM, v. 2, p. 676-678). Outros ele incorporou por “ouvir dizer” que eram usados na região com sucesso, como a utilização da embaúba para o tratamento das quebraduras (EM, v. 1, p. 471).

Gomes Ferreira se diferenciou e angariou fama de bom curador pela sua capacidade de absorver a farmacopéia e a experiência dos práticos locais, em oposição ao conhecimento divulgado pelos eruditos e pelos livros portugueses. Descartar tais tradições, porém, valeu-lhe muitas disputas não só com os médicos, mas também com alguns cirurgiões que ali atuavam. Em Sabará, indispôs-se com um deles, chegando a uma disputa verbal no meio da rua, com o povo a assistir. Isso se deu por não concordar com a utilização de claras de ovo no tratamento de uma fratura do fêmur de um escravo

de seu vizinho, o tesoureiro dos Defuntos e Ausentes, Manoel Gonçalves Loures. Argumentou que era um tratamento frio, incompatível com o clima e condições de vida locais, que também eram frios. A medicina galênica baseava-se na teoria dos humores, tratando a doença pelo seu oposto. Partindo dessa teoria, mas adaptando-a às condições locais, Gomes Ferreira concluiu que, por causa das especificidades da região, todos os tratamentos a serem ministrados nas Minas deveriam basear-se em produtos quentes (EM, v. 1, p. 468-473).

Detentores de um conhecimento empírico, o segredo era estratégia vital desses homens práticos, pois seu valor era medido não só pela capacidade de fazer o diagnóstico correto, mas principalmente por aplicarem o tratamento adequado, o que lhes garantiria o mérito da cura. Assim, granjeavam fama, angariavam novos clientes e conquistavam a gratidão e a amizade dos que tinham sido curados. Essa amizade era baseada no interesse e na proteção, elementos essenciais de identificação e de promoção social na época.[33] Segredo, cura, amizade e clientelismo eram os mecanismos básicos do exercício dessa profissão. Várias vezes se valeu Gomes Ferreira do conhecimento que adquiriu das ervas locais e, enquanto atuou nas Minas, manteve secretas várias de suas fórmulas, graças às quais, diz, *sempre tive grande conceito (EM,* v. 1, p. 269). Seguia o padrão de seus colegas de profissão, pois foi por causa do segredo de seus medicamentos que Manuel Lopes Carameleiro, boticário do Rei Dom Afonso, conquistara a “amizade” dos poderosos (EM, v. 1, p. 325).

A arte da medicina também requeria um profundo conhecimento do quotidiano dos moradores locais, pois os laços comunitários característicos de seu modo de viver refletiam-se claramente na profilaxia das doenças. O corpo doente forjava laços de sociabilidade, causados não apenas por compaixão ou parentesco, mas porque compor os ingredientes das fórmulas dos remédios exigia do médico um profundo conhecimento do interior das casas e da vida alheia. Em suas receitas, Gomes Ferreira acrescentava sapatos velhos, enxofre de verrugas, água de cisterna, leite virginal,

óleo humano, fezes de cavalos ou de meninos sadios, legumes de hortas, meias sujas e suadas dentre outros - ingredientes que precisavam ser emprestados, pedidos e barganhados entre a comunidade (EM, v. 1, p. 337, 355, 356, 358, 425).

O sucesso de seus tratamentos colocavam-no sob a proteção dos homens importantes da capitania, que passavam a lhe “dever” a vida ou a de seus escravos, o que ocorreu muitas vezes em Sabará. Tratou, por exemplo, de umas pontadas pleuríticas de um dos escravos do ouvidor-geral, Luís Botelho de Queirós. Outro ouvidor, Gonçalo de Freitas Baracho, chamou-o para assistir uma mulher que estava em sua casa com problemas uterinos (EM, v. 1, p. 63). Manuel da Silva Gramacho foi-lhe sempre grato por lhe ter curado de forma rápida e barata um escravo de ganho (EM, v. 1, p. 312). Também tratou de 13 escravos do capitão mor Custódio da Silva Serra, soterrados quando escavavam uma lavra aurífera (EM, v. 1, p. 479). No arraial de Pompéu, distrito da Vila, tratou de um hóspede do padre Cipriano Gomes Claro (EM, v. 2, p. 516).

Outro aspecto desses profissonais era a necessidade de tornarem públicas suas habilidades para conquistarem vantagens na disputa pelo mercado de clientes. Com falsa modestia, Gomes Ferreira afirmou que se descuidara de registrar e divulgar todos os seus casos bem-sucedidos, pois, diz, *não fiz conta, cuidando, faria a minha fortuna em poucos anos (EM,* v. 1, p. 266). Nota-se em seu relato, porém, que, ao contrário, ele utilizou fartamente a publicidade, a espetacularidade e a improbabilidade da recuperação do doente para espalhar sua fama na região. Uma dessas oportunidades lhe apareceu quando o meirinho Manoel Gonçalves Moinhos foi apunhalado por um mulato, quase mortalmente, da nuca até a boca, quando saía da missa de domingo na vila de Sabará. Não poderia haver melhor cenário e público para o barbeiro encenar seu espetáculo. Iniciou o tratamento, com um dos seus medicamentos secretos, em plena rua, cercado por todos que tinham ido à missa e, aos incrédulos, lançou o desafio de que não apenas o curaria, mas, no curto espaço de uma semana, ele estaria apto a assistir à missa no domingo seguinte *(EM,* v. 2, p. 525-527).

Foi com misto de orgulho e vaidade que registrou como tudo acontecera conforme tinha prometido, *com admiração de todos, grande crédito do remédio e da Arte (EM,* v. 2, p. 527).

Em Sabará, como em todas as vilas e arraiais da época, reinava a precariedade, apesar dos esforços dos vereadores em organizar o espaço urbano. As construções eram muito próximas umas das outras, as ruas eram muito estreitas, sem pavimentação, ficando constantemente empoeiradas na época das secas, e nas chuvas tornando-se lamacentas. Vários anos depois, em 1740, um português observou que na vila *as casas não são de pedra e cal, como as dessa terra, mas sim de pau e barro, e varas, que com qualquer chuva vai as paredes e apodrecem as madeiras, que se metem na terra, que todos os anos sempre se andam a consertar. Estas [casas] não são de sobrado, porque as não há, e só três moradas vi na vila.*[34]

O abandono de animais e do lixo e o esgoto que se acumulava nas ruas contribuíam para que a vida fosse insalubre, o que facilitava a proliferação de doenças. Com efeito, estas eram recorrentes e se alastravam na forma de epidemias terríveis, matando um sem-número de pessoas. A varíola era das doenças mais temidas, pois o índice de mortalidade era altíssimo, mas mesmo a gripe não raro era mortal e se espalhava com enorme rapidez.[35] Gomes Ferreira assistiu várias epidemias na vila, como uma de pleurises (gripe) acontecida em 1730 (EM, v. 1, p. 261).

Durante sua estada em Minas Gerais, ele acompanhou os primeiros momentos de tentativa de institucionalização do poder metropolitano na região mineradora, representado pela criação das vilas, divisão da capitania em comarcas, estabelecimento dos cargos administrativos, instalação das Câmaras Municipais, etc. Em 1716, deixou a região de Sabará e foi para a região de Vila Rica. Nessa época, a comarca de Ouro Preto abrigava os maiores descobertos de ouro e atraía enorme população. Inicialmente, estabeleceu-se no Ribeirão Abaixo, na fazenda do mestre-de-campo Joseph Perdigão (EM, v. 2, p. 598).

Nas imediações, transitou por várias localidades, como Lavras Velhas (1718), São Caetano, Itacolomi, Antunes, Lavras Velhas, Guarapiranga, Gualachos, Camargos, e Lavras Novas (1720) (EM, v. 1, p. 296, 458 e v. 2, p. 543-544), sempre atendendo doentes e realizando diversas curas, que aumentavam sua fama. Em 1719, foi à freguesia de Bom Jesus do Forquim, chamado por um grande senhor, o coronel Francisco do Amaral Coutinho, para curar seu cunhado, o sargento-mor Gaspar de Brito Soares, propretário de um engenho na região (EM, v. 1, p. 293-294).

Em 1718, mudou-se para perto da Vila de Nossa Senhora do Carmo (posteriormente cidade de Mariana), comprando nas redondezas a fazenda de São Miguel do Bom Retiro, próximo do Itacolomi. Como era comum, ali também se dedicava à mineração, tendo estabelecido, na propriedade rural, lavras minerais junto às roças e à criação (EM, v. 1, p. 294-295). Essas atividades eram absorventes e dificultavam seu deslocamento, por isto tratou alguns doentes a distância. Em virtude das horas passadas dentro do rio, catando ouro, apareceu-lhe uma inflamação que quase lhe custou a perna, tendo ele mesmo diagnosticado erisipela (EM, v. 1, p. 331-332). Contou que durante cinco anos estivera metido com os pés dentro da água, para abrir uma vala para desviar o rio caudaloso que passava pela propriedade, prova de que se envolvera diretamente nas atividades de extração, e não apenas seus escravos. Mas, sempre que possível, prestava seus serviços na região, aproveitando também para coletar ervas para completar sua botica. Por essa época, foi a vários arraiais próximos, como Guarapiranga e Gama. Também estabeleceu relações com outros proprietários de fazendas nas redondezas, tendo tratado do capitão Domingos Francisco de Oliveira, dono de um engenho próximo ao seu (EM, v. 1, p. 313). Na vila, frequentava a casa do vigário local, o padre José Simões (EM, v. 1, p. 241). No arraial de São Caetano, cuidou de um dos escravos do mestre-de-campo Joseph Rebello Perdigão e do alferes Gervasio Barbosa (EM, v. 1, p. 344, 372).

Em 1724, estabeleceu-se em Vila Rica, no distrito de Padre Faria, mas manteve a propriedade rural (EM, v. 2, p. 536). Não se sabe por

que preferiu residir na vila, mas é provável que já dispusesse de número suficiente de escravos para realizar as atividades na fazenda e não precisasse mais passar tanto tempo ali. No núcleo urbano, aumentava o número de possíveis clientes e era mais fácil o seu deslocamento, pois já tinha vários conhecidos e ia constantemente assisti-los (EM, v. 1, p. 458). Agiu como a maioria dos senhores rurais de seu tempo, que possuíam uma pequena casa na cidade para pernoitar nos dias de festas, missas, ou para realizar negócios. O distrito do Padre Faria ficava afastado do centro e situava-se num dos morros da periferia, freqüentado principalmente por escravos e infestado de vendas,[36] mas permitia que ele estivesse próximo da enorme clientela que se aglomerava na então mais populosa vila da capitania e suas vizinhanças. Como era de se esperar, realizou várias curas em Antônio Dias, um dos distritos centrais de Vila Rica, onde se concentravam os sobrados e as lojas (EM, v. 1, p. 401).

Por essa época, Luís Gomes Ferreira continuou com a política, já bem-sucedida, de estabelecer relações com os homens importantes locais, tratando de suas doenças e das doenças de seus escravos. Um deles foi o capitão Thomé Ferreira, morador no Padre Faria, de quem tratou de um escravo com dores nos quadris (EM, v. 1, p. 458). Atendeu o irmão do Padre Antônio Brandão, que foi capelão no arraial da Passagem e depois em Mariana (EM, v. 2, p. 535). Outro foi João Fernandes de Oliveira, que em Mariana e Vila Rica se envolveu em vários negócios: era fazendeiro, tinha lavras de mineração,[37] foi caixa e administrador do contrato dos dízimos da região[38] e, mais tarde, se tornou o primeiro contratador dos diamantes no Tejuco. Gomes Ferreira tratou de seus escravos e, tendo sido bem-sucedido, passou a fazer parte do círculo restrito que freqüentava a fazenda da Vargem, de sua propriedade, na mesma região de Itacolomi, próximo a Mariana. No mesmo ano que o cirurgião chegou a Vila Rica, foi convidado a ouvir missa na capela particular do fazendeiro (EM, v. 1, p. 275).

As relações de amizade com poderosos sempre resultavam em vantagens para aqueles que buscavam ascensão para si e para sua

família, sendo um dos principais mecanismos de sociabilidade da época.[39] Não parece ter sido mera coincidência, pois, que seu sobrinho José Gomes Ferreira tenha se estabelecido no Tejuco no período em que João Fernandes de Oliveira era contratador, onde exerceu a profissão de cirurgião no hospital do contrato.[40]

Graças a seus remédios secretos e à forma como praticava a sua "arte," sua fama se espalhava pelas Minas. Quando o ouvidor e provedor da Fazenda Real, António Bercó del Rio, residente em Vila Rica, a cujo escravo Gomes Ferreira ministrava um tratamento, perguntou se era cirurgião aprovado, Gomes Ferreira se dispôs a apresentar sua carta de ofício. Foi com satisfação que ouviu do importante ministro de Sua Majestade que não era necessário mostrar o documento, pois *já sabia [que ele] era um grande cirurgião (EM,* v. 2, p. 632).

Quando residia em Vila Rica, seu envolvimento na doença do mercador Domingos Rodrigues da Rocha foi ilustrativo das particularidades das redes de sociabilidade e normas de conduta que se estabeleciam entre os moradores nas Minas Gerais, onde as relações pessoais se mesclavam às profissionais. O comerciante era seu amigo, a quem se sentia obrigado, certamente por lhe prestar vários favores, sendo os mais prováveis o empréstimo de dinheiro e a venda de produtos a crédito. Em 1725, nas inúmeras viagens que fez ao centro da vila para cuidar de seus negócios, encontrou o mercador acometido de uma forte febre, mas já em tratamento por um médico e um cirurgião. Evitou se envolver na questão, pois não queria se indispor com dois colegas de profissão, que já cuidavam do caso e aos quais devotava respeito. Mostrava-se muito mais cuidadoso do que tinha sido em Sabará, onde não se furtara de tornar público suas divergências com outros licenciados. As antipatias que angariou devem ter tido custos elevados, que agora ele procurava evitar. Como o amigo não apresentava melhoras, resolveu receitar-lhe o remédio à base de arruda, que ele mesmo desenvolvera. Antes, porém, tomou o cuidado de recomendar-lhe que o tomasse em segredo, pois, como ele mesmo justificou, *antes lhes dava de barato o crédito da cura, que o ficar eu*

com inimigos, porque os não queria, nem de palha (EM, v. 2, p. 518-519).

Em 1729, voltou a se estabelecer na fazenda, mas não ficou muito tempo, retornando a Sabará no ano seguinte, onde permaneceu até 1732 *(EM,* v. 2, p. 659). Nessa época, anotou as doenças de vários escravos que trabalhavam nas suas lavras de ouro *(EM,* v. 1, p. 263). Seu plantel era de pelo menos cerca de dez escravos, número aproximado a que se referiu no tratado. Era um proprietário médio para os padrões das Minas, onde os plantéis médios variavam mais frequentemente de um a cinco. Jactava-se de os tratar bem, ao contrário do que era comum nas Minas, o que elas facilitava a resistência e a recuperação das doenças, pois eram gordos e bem nutridos *(EM,* v. 1, p. 258, 273).

Pouco se sabe sobre sua família. Novamente, foi Luís Gomes Ferreira quem forneceu algumas informações. Era filho de Caetano Gomes Ferreira[41] e tinha três irmãos: Gabriel Gomes, Alexandre Gomes de Sousa e João Gomes Ferreira, não se conhecendo o nome de sua mãe. Os dois primeiros vieram para o Brasil, sendo que Alexandre inicialmente morava em Salvador, onde se hospedou Luís durante sua estada na cidade. Alexandre acabou por também se estabelecer na Vila do Carmo *(EM,* v. 2, p. 537-538). Em 1740, ainda residia na vila e pediu que seis de suas filhas retornassem ao Reino, onde pretendiam se recolher a um convento, de livre vontade. Argumentou a impossibilidade de sustentar tão numerosa prole, e que ficaria apenas com as duas filhas restantes e cinco filhos, os quais pretendia nomear como herdeiros.[42] Gabriel também veio para o Brasil e visitou-o na fazenda de São Miguel, em Itacolomi, quando foi acometido de umas pontadas nas juntas *(EM,* v. 2, p. 533). João Gomes Ferreira era padre e foi abade em Prondas *(EM,* v. 2, p. 665).

Um de seus sobrinhos, José Gomes Ferreira, também era cirurgião, barbeiro e boticário,[43] e, em Portugal, foi escrivão do conservatório da Universidade de Évora.[44] José se instalou, no fim da década de 1740, no arraial do Tejuco.[45] Seu tio, o padre João Gomes, legou-

lhe um patrimônio para que pudesse ordenar-se em Ordens Sacras, o que acabou por não se consumar.

José foi cirurgião do hospital do Contrato Diamantino, que depois foi incorporado à Intendencia dos Diamantes, quando da decretação do monopólio régio sobre a exploração diamantina. Como já foi dito, esse cargo provavelmente foi conseguido por seu tio Luís Gomes Ferreira, por meio das relações que tecera, em Itacolomi, com seu vizinho e futuro contratador, João Fernandes de Oliveira.[46]

José Gomes Ferreira teve um longo caso com sua escrava Maria parda, a quem mais tarde também alforriou. Maria parda era conhecida da famosa escrava Chica da Silva e suas vidas se intercruzaram várias vezes.[47] Apanhados pela devassa de 1753,[48] cinco anos depois, ainda viviam juntos e tiveram mais três meninas: Rosa, Matilde e Francisca.[49] Em 1774, Maria Gomes residia no arraial, na rua Padre do Manoel da Costa, em uma casa alugada separada de José, como era o costume entre os casais não constituídos oficialmente para fugirem dos braços vigilantes da Igreja.[50] José morava na rua de Luís Gomes, acompanhado de seu filho,[51] este, sim, clérico, o qual provavelmente herdou os bens do tio-avô. O padre era senhorio direto de umas casas em um lugarejo próximo a Vila da Feira, pertencentes ao morgado de Salvador da Rocha Tavares. Como os bens de morgadio eram inalienáveis, o padre teve de pedir a Sua Majestade a sua desintegração do morgado, para que pudesse dotar o sobrinho de um patrimônio que lhe garantisse renda, pré-requisito necessário para abraçar a carreira eclesiástica.[52]

Não se sabe por que, em 1731, Luís Gomes Ferreira decidiu abandonar tudo e voltar para Portugal. Retornou pelo mesmo caminho do sertão, que vinte anos antes lhe abrira as portas das Minas. Provavelmente, como vários de seus conterrâneos, a região representara apenas um local de passagem, onde se poderia formar o pecúlio desejado para o desfrute de uma velhice sossegada no Reino. Luís Gomes Ferreira retornava mais rico do que viera. Possuía uma fazenda, casa de morada, escravos, datas de

mineração, criação de animais. Certamente vendera tudo antes de sua partida e agora percorria o caminho de volta com a bolsa cheia de várias oitavas de ouro. No fim do ano, já estava na Bahia, à esperada frota que ia para o Reino. Capitaneada pela nau Madre de Deus, os navios arribaram no rio Tejo e chegaram a Lisboa em 27 de fevereiro de 1732.[53]

Luís Gomes Ferreira se casou com Maria Ursulina Monteiro da Gama e teve um filho, Alexandre Gomes Ferreira. Alexandre estudou na Universidade de Coimbra. Foi conselheiro de Dona Maria I e recebeu a Ordem de Cristo.[54] Tudo indica que Alexandre exerceu a arte da cirurgia em Vila Rica, como seu pai. No inventário do comerciante João Gonçalves Baptista, em Vila Rica, apareceu o registro de seis livros de cirurgia que deveriam ser entregues a Alexandre Gomes Ferreira, que os encomendara, pelos quais pagaria dez oitavas.[55] Alexandre casou-se no Brasil com Cândida Florinda de Oliveira Belo e teve três filhos, José, Luís e Maria Angélica.[56]

Em Portugal, a experiência que Luís Gomes Ferreira acumulara sobre medicina tropical continuou a ser requisitada, pois havia os que voltavam do Brasil acometidos de doenças, mas os pacientes não eram muitos. Realizou várias viagens, como estava acostumado, e, passados apenas alguns meses desde sua chegada, já tinha ido ao Porto, a Braga, a Barroso e a Coimbra *(EM,* v. 1, p. 284). Mostrou o conhecimento que adquirira no além-mar, ao curar Manoel João de Carvalho que chegara das Minas com umas pontadas no fígado e Francisco Ribeiro da Costa atacado de escorbuto *(EM,* v. 1, p. 284 e v. 2, p. 697).

Mas, se no Reino cedo descobriu que seu conhecimento não se aplicava mais às doenças de sua terra natal, o que restringia a clientela, também se deu conta de que a experiência acumulada no exercício da medicina no Brasil poderia se transformar numa mercadoria bem mais valiosa. Agora, pouco lhe valia o segredo, pois não havia clientes a conquistar. Se fora descuidado em não anotar criteriosamente os casos que assistira, podia valer-se de sua

memória. Assim se pôs a escrever *observações e não autoridades, e também revelo os segredos que tenho alcançado por minha indústria (EM,* v. 1, p. 184). Em poucos meses, o *Erário Mineral* estava pronto e foi enviado aos censores *(EM,* v. 2, p. 645).

Ao rascunhar as páginas do livro, Luís Gomes Ferreira percebeu que se afastava dos princípios básicos da profissão que abraçara. Agora o que lhe valia era a publicidade de seus segredos profissionais que no passado lhe tinham garantido fama e atraído os pacientes. Tornava sua experiência um conhecimento a ser dividido com muitos, e nesse ponto se aproximava mais dos médicos, pois estes compartilhavam entre si um saber erudito que se constituía numa ciência universal. Desculpou-se com os colegas por sua iniciativa, pois, disse, *não duvido que alguns cirurgiões não gostem de que ensine um remédio tão fácil e tão eficaz, mas a conveniência dos muitos deve antepor-se a dos poucos (EM,* v. 1, p. 405).

O *Erário Mineral*, constituído de um fólio, foi publicado dois anos depois, em 1735, impresso na oficina de Miguel Rodrigues, e em 1755, teve uma primeira reimpressão. Foi revisto e aumentado pelo autor, particularmente no item III - Miscelânias - tendo sido, então, composto em dois volumes.[57] Nos trinta anos que se seguiram, por concessão régia, Luís Gomes Ferreira teve direito sobre todos os volumes impressos ou vendidos no Reino e em além-mar.[58] Esperava alcançar com seu livro fama e riqueza, e parece que conseguiu algum sucesso de vendas em Minas Gerais nos anos que se seguiram. O capitão Manuel Ribeiro dos Santos, caixa e administrador dos Contratos dos Dízimos na capitania de Minas Gerais, nos triênios de 1741 a 1750, era também revendedor de livros. Periodicamente encomendava a seu correspondente em Lisboa, Jerônimo Roiz Airão, exemplares do *Erário Mineral.*[59] Também nos poucos registros de livros existentes nos inventários da região de Sabará, ele foi o único livro presente em vários deles.[60]

No Brasil, inaugurou o que poderia ser chamado de uma *Medicina tropical,* pois preocupava-se em conhecer a especificidade das doenças e dos tratamentos locais. Mas, na literatura médica

portuguesa da época, seu livro não teve repercussão. Tratava-se de conselhos práticos, pertinentes a uma medicina caseira, baseada ainda na doutrina galênica que vinha sendo questionada pela ciência médica, que procurava se estruturar em bases cada vez mais racionais. É importante ressaltar que, apesar de ainda compartilhar de uma visão da medicina baseada na teoria dos humores, Luís Gomes Ferreira insurgia-se contra o uso indiscriminado das sangrias, seu principal método terapêutico *(EM,* v. 1, p. 279). Outra questão a se destacar foi a ênfase na experiência prática observável como fio condutor do saber. Tal qual Garcia d'Orta, médico que esteve na Ásia entre 1523 a 1533 e escreveu *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da índia,* tentou incorporar as plantas, animais, produtos e terapêuticas locais, acentuando o primado da empiria, de sua experiencia prática, em oposição ao academicismo do *Galenismo,* como forma primordial de acesso ao conhecimento.[61]

O *Erário Mineral* revela sua maior riqueza no caleidoscópio de leituras que seu conteúdo nos abre, fornecendo ricas informações não só sobre as doenças e suas práticas curativas, mas também sobre costumes e características da região das Minas Gerais, no século XVIII. Aborda um leque de temas que abarca desde o dia-a-dia dos escravos, o sistema de mineração aurífera, as crenças, a alimentação, a vida familiar, dentre inúmeros outros, como veremos nos textos introdutórios a seguir, que exploram algumas das inúmeras possibilidades de leitura dos textos: o dia-a-dia das Minas, a vida dos escravos, a farmacopéia e a medicina presentes no livro. A fama que Luís Gomes Ferreira tanto buscou alcançar em vida se imortalizou neste inestimável legado, fruto de sua arguta capacidade de observar o mundo que o cercava.



Espécie botânica encontrada em São Luís do Maranhão.

Bibliografia

ABREU, José Rodrigues. *Luz dos cirurgiões embarcadiços, que trata das doenças epidêmicas de que costumam enfermar os que se embarcam para os portos ultramarinos*. Lisboa: Antonio Pedrozo Galram, 1711.

_____. *Historiologia médica, fundada e estabelecida nos princípios de George Ernesto Stahl famigeradíssimo escritor do presente século, e ajustada ao uso prático deste paíz*. Lisboa: Oficina de Antônio de Sousa da Silva, 1739, v. 2.

ALIOTO, Anthony M. *A history of western science*. New Jersey: Englewwod Cliffs, 1987.

ANASTASIA, Carla Maria. Junho. *Vassalos rebeldes:* violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVVIII. Belo

Horizonte: C/Arte, 1998.

BOSCHI, Caio. As misericórdias e a assistência à pobreza nas Minas setecentistas. *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense, Porto,v. XI, p. 77-89, 1996.

BOXER, Charles R. *The golden age of Brazil (1765-1750)*. New York: Martin Press, 1955.

_____. A rare luso-brazilian medical treatise and its author: Luis Gomes Ferreira and his *Erario Mineral* of 1735 and 1755. *Indiana University Bookman*, Indiana, v. 10, p. 48-70, 1969.

_____. A footnote to Luis Gomes Ferreira. *Erario Mineral* of 1735 and 1755. *Indiana University Bookman*, Indiana, v. 11, p. 89-92, 1973.

CANO, Wilson. Economia do ouro em Minas Gerais (século XVIII). *Contexto*, São Paulo, v.3, 1977.

CONRAD, Lawrence L., et al. *The western medical tradition*. Cambridge: Cambrigde University Press, 1998.

COSTA FILHO, Miguel. O "Erário mineral" de Luiz Gomes Ferreira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 235, p.331-340,1957.

DINIS, Sílvio Gabriel. Um livreiro em Vila Rica no meados do século XVIII. Revista *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 47-48, jan./ jul. de 1959.

DUTRA, Francis A. The practice of medicine in early modern Portugal. In: KATZ, Israel J. (Ed.). *Libraries, history, diplomacy, and the performing arts*. New York: Pendragon Press, 1991, p.135-169.

ENTRALGO, P. Lain. *Historia de la medicina*. Barcelona: Editorial Científico Médico, 1954.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famíias:* vida familiar em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

FURTADO, Júnia Ferreira. *O livro da capa verde:* o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da real extração. São Paulo: Anna Blume, 1996.

_____*. Homens de negócio:* a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. As índias do conhecimento, ou a cartografia imaginária da conquista do ouro. In: CONSTANTINO, Francisco Carlos (Org). *1500/2000:* trajetórias. Belo Horizonte: Newton Paiva, 1999, p. 21-32.

_____*. Chica da Silva e o contratador dos diamantes*. São Paulo: Companhia das Letras (no prelo).

GOODYEAR JR., James. *Agents of empire:* portugueses doctors in colonial Brazil and the idea of tropical disease. Baltimore: Johns Hopkins, 1982. (Mimeo.)

GROSSI, Ramon Fernandes. Considerações sobre a arte médica na capitania das Minas (Primeira metade do século XVIII). *LPH-*Revista de História, Ouro Preto: UFOP, v. 8, p.11-26,1998-1999.

HIGGINS, Kathleen J. *Licencious liberty in a brazilian gold-mining region*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LINDEMANN, Mary. *Medicine and society in early Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

LISANTI FILHO, Luis. (Org.) *Negócios coloniais:* uma correspondência comercial do século XVIII. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão Editorial, 1973.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca lusitana*. Lisboa: Oficina de Inácio Rodrigues, 1747, t. II.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro:* a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por essa cauza is seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, no mais das vezes mortais*. Oferecido ao Senhor Coronel Antonio Soares Brandão, cirurgião da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima e Fidalgo de sua Casa, Cirurgião-mor dos Reinos, seus domínios e exércitos. Lisboa: Oficina de Antonio Roiz Galhardo, 1770.

MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos;* viagens e viajantes na história da expansão e da conquista. São Paulo: Scritta, 1994.

MIRANDA, João Cardoso. *Relação cirurgica, e médica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbutica*. Lisboa, 1741.

NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Jr., 1947.

_____. *Capítulos de história da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil MédicoxsCirúrgico, 1948.

PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*. Coimbra: Minerva Editora, 1996.

RAMOS, Donald. Marriage and family in colonial Vila Rica. *Hispanic American Historical Review*, North Carolina, v. 55, p. 200-205, maio 1975.

RIBEIRO, Márcia Moisés *A ciência dos trópicos:* a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1991.

SENEBIER, Jean. *Essai sur l'art d'observer et de faire des experiences*. Geneve: J. J. Paschoud, 1802.

SOUSA, A. Tavares. *Curso de história da medicina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,1996.

VASCONCELOS, Ivolino de. Noticia histórica sobre Luís Gomes Ferreira e sua obra -O "Erário Mineral". In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DO BRASIL NO SÉCULO XVIII. p. 75-412.

VIANNA, Urbino. *Bandeiras e sertanistas baianos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

1 DUTRA, Francis A. The practice of medicine in early modern Portugal, In: KATZ, Israel J. (Ed.) *Libraries, history, diplomacy and the performing arts*, p. 139.

2 DUTRA, Francis A. The practice of medicine in early modern Portugal, In: KATZ, Israel J. (Ed.) *Libraries, history, diplomacy and the performing arts*, p. 135.

3 DUTRA, Francis A. The practice of medicine in early modern Portugal, In: KATZ, Israel J. (Ed.) *Libraries, history, diplomacy and the performing arts*, p. 159.

4 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (APM) Seção Colonial SC.02. fl. 200-4v. Regimento que devem observar os comissários delegados do Físico Mor do Reino no Estado do Brasil. Ver também: RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos*. GROSSI, Ramon F. Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas, *LPH*, p. 11-26.

5 FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*, p. 210.

6 ATAS da Câmara Municipal de Vila Rica. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano 25, v. 2, p. 105, 1937, apud FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*, p. 210.

7 *Os oficiais da Câmara da Vila Real de Sabará […] tinham feito providenciar o modo de socorrer as enfermidades dos miseráveis presos daquele termo e ainda as pessoas pobres, facultando à Câmara a ampla liberdade de dar a um Físico a porção annual de 150 oitavas de ouro. [Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano* 16, p. 279, 1912).

8 SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*.

9 APM.SC270. f.61-3. apud FURTADO, Júnia Ferreira. *O livro da capa verde, p.I23*.

10 RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos…*

11 MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros…*, p. XIV-XV. NAVA, Pedro. *Capítulos de história da medicina no Brasil*, p. 98.

12 MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros…*, p. XIV-XV. NAVA, Pedro. *Capítulos de história da medicina no Brasil* p. 98.

13 *Não lhe apliquei outro* [remédio] *algum por não ter […] por ir a minha botica adiante. (EM*, v. 2, p. 591)

14 MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros…*, p. XVII.

15 SENEBIER, Jean. *Essai sur l'art d'observer et de faire des experiences*, p. 97, 101.

16 VASCONCELOS, Ivolino de. Notícia histórica sobre Luís Gomes Ferreira e sua obra - O "Erário Mineral". In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DO BRASIL NO SÉCULO XVIII. p. 403. COSTA FILHO, Miguel. O "Erário Mineral" de Luís Gomes Ferreira. *Revista do IHGB*, v. 235, p.331-340, 1957; BOXER Charles, R. Arare luso-brazilian medical treatise and its author: Luis Gomes Ferreira and this Erário Mineral of 1735 and 1755. *Indiana University Bookman*, v. 10, p. 48-70. (Agradeço a Neil Safier a cópia dos dois artigos de Charles Boxer utilizados.)

17 SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*, p. 308-309.

18 ABREU, José Rodrigues. *Luz dos cirurgiões embarcadiços…*

19 MIRANDA. João Cardoso de. *Relaçaõ cirurgica, e médica…*

20 MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos…*

21 MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros…*, p.85-86.

22 VIANNA, Urbino. *Bandeiras e sertanistas baianos*, p. 166-167. (O autor reproduz e comenta o caminho descrito por Antonil.)

23 ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes*, p. 78.

24 VIANNA, Urbino. *Bandeiras e sertanistas baianos*, p. 172. Estas informações são baseadas no roteiro de Joaquim Quaresma Delgado.

25 Apud FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*, p. 190.

26 FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*, p. 98.

27 FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*, p. 152-153. RAMOS, Donald. Marriage and family in colonial Vila Rica, *Hispanic American Historical Review*, v. 55, p. 200-205, maio 1975.

28 FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*, p. 192.

29 BOXER, Charles R. *The golden age of Brazil (1765-1750)*, p. 95-102.

30 Ver: CANO, Wilson. Economia do ouro em Minas Gerais (século XVIII). *Contexto*, v. 3, 1977. MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro…* FURTADO, Júnia Ferreira. *O livro da capa verde…*

31 ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA. Documentação Avulsa de Minas Gerais. Caixa 058. Doe. 4.965.

32 HOLANDA Sérgio Buarque. A botica da natureza. In: *Caminhos e fronteiras*, p. 74-89.

33 FURTADO, Júnia Ferreira. Fidalgos e Lacaios. In: *Homens de negócio…*, cap. 2.

34 Correspondência de Francisco Pinheiro, apud LISANTI FILHO, Luís. (Org.) *Negócios coloniais*.

35 BOSCHI, Caio. As misericórdias e a assistência à pobreza nas Minas Setecentistas. *Revista de Ciências Históricas*, v. XI, p. 252, 1996.

36 ATAS da Câmara Municipal de Vila Rica. *Revista do Arquivo Publico Mineiro*, Ano 25, v. 2, p. 22-23,72, 95, 1937.

37 ARQUIVO ECLESIÁSTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. Processo matrimonial de João Fernandes de Oliveira e Maria de São José, n. 3.608,1726.

38 ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. Auto 6.118. Códice 300. 10. ofício. f.l8v.

39 FURTADO, Júnia Ferreira. Fidalgos e lacaios. In: *Homens de negócio…*, cap. 2.

40 ARQUIVO ECLESIÁSTICO DO BISPADO DE DIAMANTINA. Caixa 297. Batizados no Tejuco - 1745/1765. f.16. ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO. Chancelaria de Dom João V.

41 VASCONCELOS, Ivolino de. Notícia histórica sobre Luís Gomes Ferreira e sua obra - O "Erário Mineral," p. 403.

42 ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA. Documentação Avulsa de Minas Gerais. Caixa 39. Documento 11.

43 ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO. Chancelaria de Dom João V. Carta de boticário (30/8/1740); Carta de cirurgião (20/8/1723); Carta de mercê para poder usar o ofício de cirurgia (6/7/1723).

44 ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO. Chancelaria de Dom João V. Provisão para ter um servente no seu ofício de escrivão do conservatório da Universidade de Évora (20/9/1741).

45 ARQUIVO ECLESIÁSTICO DO BISPADO DE DIAMANTINA. Caixa 297. Batizados no Tejuco, 1745/1765. f. 16.

46 Quando José foi médico do contrato, era seu administrador no Tejuco o filho de João Fernandes de Oliveira, o desembargador João Fernandes de Oliveira. Nessa época, Luís Gomes Ferreira e o velho João Fernandes já tinham retornado a Lisboa, onde certamente se reencontraram.

47 FURTADO, Júnia Ferreira *Chica da Silva e o contratador dos diamantes*.

48 AEAD. Caixa 557. f.96v. Livro de termos do Serro do Frio. 1750-3.

49 AEAD. Caixa 297. f.49, 76v, 96v.Livro de batizados do arraial do Tejuco. 1745/1765.

50 AHU. MAMG. Caixa 108. Doc. 9. Ver também: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas familias*.

51 ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA Documentação avulsa de Minas Gerais. Caixa 108. Doc. 9.

52 ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO. Chancelaria de Dom João V. Provisão de licença para o padre João Gomes fazer patrimônio ao dito sobrinho" (17/3/1716). (Agradeço a Renato Pinto Venâncio, André Belo e Antônio Manuel Hespanha as transcrições e sugestões sobre esta documentação.)

53 BOXER, Charles R. A rare luso-brazilian medical treatise and its author…, p. 53, 1969.

54 VASCONCELOS, Ivolino de. Noticia histórica sobre Luís Gomes Ferreira…, p. 404.

55 ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Casa do Pilar. Cód. 67. Auto 802. Inventário de João Gonçalves Baptista.

56 VASCONCELOS, Ivolino de. Notícia histórica sobre Luís Gomes Ferreira…, p. 404-405.

57 BOXER, Charles R. A rare luso-brazilian medical treatise and its author, p. 49.VASCONCELOS, Ivolino de. Notícia histórica sobre Luís Gomes Ferreira…, p. 404-405.Na edição de 1735, a seção de Miscelânias termina em um remédio para os que se sentem mal ao beber vinho, na p. 220. Na edição de 1755, esta seção continua até a p. 344 e lista mais setenta e cinco receitas e prescrições médicas. Segue-se então uma seção intitulada "Vários remédios avulsos que obram maravilhosamente com sua virtude", onde são listadas mais 18 remédios e curas. BOXER, Charles. A footnote to Luis Gomes Ferreira, *Erario Mineral* of 1735 and 1755, p. 90.

58 ARQUIVOS NACIONAIS DA TORRE DO TOMBO. Chancelaria de Dom João V. Cod. L 91, n. 822. (Agradeço a Renato Pinto Venâncio a transcrição deste documento.)

59 DINIS, Sílvio Gabriel. Um livreiro em Vila Rica no meados do século XVIII, p. 181.

60 HIGGINS, Kathleen J. *Licencious liberty*, p. 55.

61 GOODYEAR JR., James. The empirist Garcia d'Orta. In: *Agents of empire*, p. 81-93.

Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao Erário Mineral

Eliane Scotti Muzzi

Um simples manuseio do *Erário Mineral* e uma leitura oblíqua das matérias que o compõem são suficientes para fornecer ao leitor informações curiosas não só quanto ao caráter empírico do enunciado científico, como também quanto às suas relações com outros tipos de discurso, como o literário. A inclusão de uma coletânea de poemas entre os textos liminares do *Erário* é, assim, recebida como fato estranho e inadequado ao cânon subjacente à nossa prática discursiva, que estabelece uma relação de oposição entre o registro científico e o literário, vistos como termos excludentes e inconciliáveis.

Tal cláusula não constava, entretanto, dos protocolos que codificavam os gêneros do discurso nos séculos XVII e XVIII em consonância com a tradição européia herdada da antigüidade greco-romana. No ensino medieval, por exemplo, o *Septennium*, ciclo de estudos então vigente, era dividido em duas etapas: o *Trivium*, que compreendia a gramática, a dialética e a retórica e o *Quadrivium*, constituído pela música, aritmética, geometria e astronomia -só mais tarde lhe seria acrescentada a medicina. Como observa Roland Barthes,[1] nas disciplinas do *Septennium* não havia uma oposição entre ciências e letras, mas entre os segredos da natureza e os da palavra.

Nos séculos XVII e XVIII, esse dois tipos de discurso ainda entretêm relações próximas, determinadas pela indispensável referência à erudição própria ao Barroco e por sua vocação educativa. Em sua análise de um discurso sobre as ciências e as artes, publicado anonimamente em Sevilha em 1627, sob o título de *Panegyrico por la poesia*, Curtius[2] aponta uma teoria teológica da poesia, concebida

como "senhora de todas as ciências e artes," uma vez que todas elas eram suscetíveis de constituir seu objeto. Por ser a poesia capaz de abranger as ciências como as artes, tanto sob o ponto de vista da prática quanto da especulação, conclui o anônimo, em discordância com a posição aristotélica, sobre a superioridade da poesia até mesmo em relação à filosofia. A poética elaborada no *Panegyrico*, segundo Curtius até então desconhecida, é praticada por contemporâneos desse autor anônimo, como Calderón, e seus prolongamentos se estendem até as colônias ultramarinas da Espanha e de Portugal.

No caso específico do Brasil, Fábio Lucas[3] cita como exemplo de "conúbio entre as artes e as ciências" um poema de Domingos Caldas Barbosa intitulado e dedicado "Ao Senhor João Manso Pereira," químico amador do final do século XVIII, cujos méritos científicos são poeticamente louvados nos seguintes termos:

> *Os clamores das artes escutando*
> *Sobre o químico trono*
> *À sua própria Pátria dando abono*
> *Os preciosos socorros vai prestando:*
> *Eis os sabões, e os óleos extraídos,*
> *E os álcalis nas plantas escondidos*.

A esse recorte diferente das categorias constitutivas do discurso do saber, dominante nos séculos XVII e XVIII, acrescenta-se outro elemento característico da retórica barroca, que contribui de igual modo para uma certa "ilegibilidade" atual dos textos produzidos segundo essa estética. Trata-se do panegírico, forma de discurso laudatório amplamente praticada na época em questão e que se encontra hoje em desuso, pelo menos sob as formas que então assumia. Esse tipo de discurso, também denominado "encomiástico," tinha por objeto principal o louvor - de um homem, de uma cidade ou obra.

Embora não conste mais da grade retórica vigente a partir do século XIX, de onde deriva a dificuldade de ser compreendido e avaliado

por nossos contemporâneos, o panegírico tem, na retórica antiga, uma tradição das mais importantes. Sua origem remonta à antigüidade grega, quando, como parece indicar a noção de "assembléia" presente em sua etimologia, se aplicava aos discursos laudatórios que celebravam os vencedores dos jogos. Desde então sua prática é associada à do "encómio," palavra que designava uma forma de lírica coral cantada durante os cortejos festivos, acompanhada de música e destinada à celebração.

O panegírico foi largamente utilizado na Grécia a partir do século V a. C. Seus grandes mestres foram Górgias, Lisias e, sobretudo, Isócrates. Aristóteles o inclui em sua tipologia dos discursos como um dos três gêneros de eloqüência, constituídos pelo discurso deliberativo, que visa aconselhar ou dissuadir, pelo Judiciário, que acusa ou defende, e pelo epidítico, que louva ou vitupera.

Na época romana, o panegírico constituiu um verdadeiro gênero literário, ligado à oração fúnebre e caracterizado pelo estilo hiperbólico e ornado, marcas conservadas na tradição ocidental que transita pela Idade Média e que encontram na arte maneirista e barroca um fértil campo de atuação. De fato, a importância do mecenato, imprescindível à produção artística da época, faz do panegírico um gênero dos mais praticados nos séculos XVII e XVIII. Toda uma tópica do discurso encomiástico, fundada na tradição antiga e reapropriada pelo cristianismo, é colocada em circulação nos textos barrocos, sob a forma de "lugares" obrigatórios, tais como o do elogio ao soberano, o do louvor a cidades, países ou obras e o da valorização da pessoa homenageada por intermédio da desvalorização do sujeito do discurso. Por meio de uma intrincada rede em que se promovem valores capazes de assegurar a proteção e o beneplácito dos grandes, o panegírico assume, na prática de então, a função de tributo pago ao poder.

Os poemas introdutórios ao *Erário Mineral* inscrevem-se nesse tipo de discurso e têm por objeto o louvor da obra e de seu autor, o cirurgião português Luís Gomes Ferreira, que exerceu, durante vinte anos, sua profissão nas Minas Gerais. Constituem um gênero de

poesia chamado circunstância, produzido em função de determinado acontecimento da vida social. Essa prática poética era bastante comum na época e calcava-se numa concepção de poesia como elemento estreitamente vinculado aos diferentes atos da vida pública.

No Brasil colonial, essa dimensão social da poesia seiscentista manifesta-se no fenômeno das academias, algumas delas verdadeiras instituições, com regras e estatutos fixos, como a Academia Brasílica dos Renascidos, que se congregou na Bahia entre 1759 e 1760, outras meramente circunstanciais, ligadas a eventos pontuais, como a Academia dos Seletos, reunida no Rio de Janeiro em 1752, com a finalidade de homenagear Gomes Freire de Andrada. Affonso Ávila[4] assinala a ocorrência, em Mariana, em 1748, de uma academia cultista denominada *Áureo Trono Episcopal*, em homenagem à posse de D. Frei Manuel da Cruz, primeiro bispo das Minas. Em seu minucioso estudo, Ávila faz referência ao fato de vir o relato desse acontecimento - publicado em Lisboa em 1749 e de autor anônimo - acompanhado de uma coletânea de produções literárias, de caráter poético e oratório, alusivas ao evento, de autoria de dez poetas locais. Segundo o autor, tal reunião de poetas em tomo de um tema constitui um *certame talvez sem precedentes na colônia* e *um dos primeiros trabalhos em equipe na colônia das letras no Brasil*.

Não se sabe em que circunstâncias circularam, antes da publicação, os poemas laudatórios ao *Erário*. É possível que tenham sido apresentados de forma coletiva, em algum ato público em homenagem ao autor. De qualquer modo, trata-se de um trabalho em equipe anterior à academia do *Áureo Trono Episcopal*, visto ter sido o *Erário* publicado em 1733. Esse fato comprova a precoce impregnação do paradigma seiscentista na vida social e cultural das Minas, considerando-se que os modelos portugueses do gênero, como a antologia *Fênix Renascida*, publicada entre 1716 e 1728, lhe são praticamente contemporâneos.

Os autores dos poemas ao *Erário* parecem ter sido, como os do *Áureo Trono Episcopal*, poetas circunstanciais. São, além disso, em sua maior parte, anônimos que se designam pelo laço que os une a Luís Gomes Ferreira: *por um seu amigo*. Alguns deles, porém, se identificam, como é o caso de Tomás Pinto Brandão, Tomás Barroso Tinoco e João Bernardes que, embora tenham sido homens cultivados, não deixaram, além desse, outros traços na produção literária da época.

A anexação desses poemas à obra de Luís Gomes Ferreira inscreve-os numa prática tradicional do livro impresso, segundo a qual o texto principal deve vir acompanhado de textos menores, que lhe são quase sempre anteriores e constituem seu paratexto. A função desses textos *é* preparar e dirigir a leitura e codificá-la segundo os pressupostos culturais e ideológicos de uma época.

Nos séculos XVII e XVIII em particular, o paratexto das obras funciona como uma rede de proteção do texto contra a má interpretação de leitores e censores, buscando defendê-la antecipadamente de acusações que poderiam ser fatais à vida da obra e à de seu autor. Numa época em que a prática da escrita estava intimamente ligada, por um lado, à censura da Inquisição e, por outro, ao exercício do mecenato, o paratexto assume uma função de grande importância na proteção ao texto e na promoção de valores capazes de lhe assegurar a benevolência de um protetor.

No caso do *Erário Mineral*, já desde o título essa estratégia é colocada em prática. O termo "erário," que designa, em sentido próprio, o tesouro público, o fisco e, por extensão, qualquer tesouro, é uma isca lançada ao leitor.

A página de rosto oferece, além do título, uma súmula de informações referentes à organização formal do livro *(dividido em doze tratados)*, às suas instâncias destinadora e produtora - referidas na dedicatória a Nossa Senhora da Conceição e na menção do nome do autor, seguido de seus títulos e dados biográficos: *Cirurgião aprovado, natural da Vila de São Pedro de Rates e assistente nas Minas do ouro por discurso de vinte anos*. Na

parte inferior da folha, separada das outras informações por uma vinheta, a referência ao local da impressão - Lisboa Ocidental; à Casa Editora - a Oficina de Miguel Rodrigues; com a ressalva de que trata-se do impressor do Senhor Patriarca, à data da publicação, em algarismos romanos - M DCC XXXII; e, finalmente, às licenças do Santo Ofício, sem as quais nenhuma obra poderia vir à luz.

Na dedicatória, que na verdade é uma carta-dedicatória, o autor utiliza o *topos* retórico do auto-rebaixamento e se humilha enquanto *vilíssimo pecador e indigno servo de Deus* para melhor realçar a superioridade e o poder da *mãe advogada de todos os pecadores*, cuja proteção é buscada preferentemente à dos poderosos mundanos. Com esse objetivo, Luís Gomes Ferreira lança mão, na carta-dedicatória, de uma retórica propriamente literária que lhe permite, num engenhoso jogo de agudeza, colocar-se como devedor que tem *mais a restituir que a oferecer*, procedimento que se desdobra e culmina com a inversão barroca tão utilizada pelo padre Antônio Vieira: *Para mim o dar é receber e para vós o receber é dar*.

O Prólogo ao Leitor abre-se, de modo surpreendente, em tom radicalmente oposto ao da dedicatória - não mais de submissão, mas de franca agressão, constituindo uma ilustração do discurso que define, no gênero epidítico, a outra face do louvor, a vituperação. Ao *grato leitor*, a quem se dirige ironicamente o autor, são atribuídos os vícios da ingratidão, da maledicencia e da mordacidade. A ele cabe, *a priori*, o papel de opositor, de crítico ferino cujo veneno intimida possíveis autores e impede a publicação de obras úteis à sociedade. Esta, para nós, estranha estratégia retórica que, em lugar de buscar a cumplicidade do leitor, desqualifica-o, funciona como o espelho de uma sociedade tensa, na qual o leitor, imagem invertida do autor, assume o lugar do outro na arena social. O inopinado ataque, no início do prólogo, parece obedecer a uma tática visando desestabilizar o inimigo.

Num segundo momento do Prólogo, o autor produz sua defesa, peça cuidadosamente montada segundo a tópica não mais do

discurso epidítico, mas do judiciário. Na escolha dos argumentos que caracterizam o autor como digno de louvor e não de censura, o *topos* retórico do "novo" comparece sob a forma de ter sido o autor o primeiro a escrever *das enfermidades das Minas do ouro*, trazendo-lhes remédios até então desconhecidos. À possível acusação de escrever sobre medicina, sendo cirurgião, pondera que a cirurgia é parte da medicina e, na falta de médicos na região, é natural que os cirurgiões assumam suas funções. Aos que possam censurá-lo por *não escrever cirurgicamente*, isto é, por não utilizar o discurso científico da medicina, Luís Gomes Ferreira aponta com argúcia a relação entre o saber e o poder, ao afirmar que seu objetivo *não é satisfazer políticas, mas sim remediar necessitados*, que jamais teriam acesso a esses conhecimentos se eles fossem veiculados em vocabulário especializado. E conclui despretensiosamente: *Escrevo observações e não autoridades*.

Estendendo sua reflexão à função dos prólogos, Luís Gomes Ferreira aproxima retórica e medicina ao definir humoristicamente esse elemento do paratexto como *um antecipado remédio aos achaques dos livros, porque sempre andam de companhia os erros e as desculpas*. Mas, paradoxalmente, recusa com arrogância essa função por ele atribuída ao Prólogo, ao mesmo tempo que retoma o tom hostil do início desse texto: *Eu não peço perdão de nada*. A esse rasgo de insubmissão segue-se novo ataque ao leitor inimigo: *E nem espero teu agradecimento, nem temo a tua calúnia*. A esse adversário o autor endereça uma alusão pérfida: *O mais ignorante é o que mais presume, razão por que a tudo se atreve o que mais ignora*. A pena ferina de Luís Gomes Ferreira não poupa nem mesmo o gosto da época, formado pela estética seiscentista e certamente apreciado pelo leitor: *Se queres aproveitar, não leias para escurecer; lerás para saber, se leres com os claros do teu juízo*. E, para fechar o espaço agonístico do Prólogo, lança um último desafio ao adversário: *faze outra* (obra) *melhor*.

Os poemas introdutórios, ao contrário do prólogo, definem um espaço textual marcado pela unanimidade do elogio. Em número de 15, distribuem-se, com exceção de um acróstico, em três tipos de

formas poéticas, duas delas curtas e fixas - o soneto e a décima - e uma longa - o romance heróico -, composição de extensão indeterminada, conteúdo narrativo e versos assonantados. Homogêneos na forma como no conteúdo, esses poemas caracterizam um emprego canônico da tópica barroca.

O acróstico mencionado, de autoria de Tomás Barroso Tinoco, constitui uma ilustração exemplar da tópica vigente: essa forma de poema visual, ligada à criptografia, compõe, com as iniciais de cada verso, no sentido de uma leitura vertical, uma dedicatória ao autor do livro: *A Luís Gomes Ferreira, dando à luz o Erário*. Observe-se que não é possível aqui nenhum acerto ortográfico, sob pena de inadequar a letra corrigida ao texto do poema, lido horizontalmente.

A imagem do autor, nos poemas introdutórios ao *Erário, é* investida dos atributos de *douto* e *discreto*, que resumem dois valores fundamentais da época, a erudição e a discrição. Se o significado do primeiro desses termos é transparente aos olhos do leitor moderno, o mesmo não acontece com o segundo, que designava um padrão cortesão: *Discreto é o melhor, caracterizado pelo juízo e pela prudencia, que o constituem como nobre…*[5] Entretanto, essa nobreza, de acordo com Gracián, não é definida pela origem, mas pela adequação do sujeito às convenções que determinam um tipo de comportamento social. Desse modo, Luís Gomes Ferreira, além das qualidades intrínsecas de branco, católico, médico, é *discreto* por suas atitudes - modéstia, prudência, circunspecção - perfeitamente de acordo com a norma instituída.

O tratamento retórico da imagem do autor nos poemas ativa o *topos* clássico do "elogio dos contemporâneos," por meio de uma comparação com as "figuras" de médico fixadas pela História: os gregos Galeno e Hipócrates, cuja fisiologia repousa sobre a teoria dos humores; e o árabe Avicena, autor do *Cânon de Medicina*, que foi durante muito tempo a base dos estudos médicos. Num primeiro momento, Ferreira é situado no mesmo nível de seus precursores. Mas essa suposta igualdade, impulsionada pelo excesso do

panegírico, resvala logo para a superioridade, postulada pelo *topos* da superação da tradição pela contemporaneidade:

Hipócrates à ciência escurecera
Vendo vosso livro, idéia clara

Ou

Deixais aos mais autores eclipsados

É curioso observar que a comparação entre o moderno e o antigo, resultando na superioridade do primeiro termo sobre o segundo, serve indefectivelmente de gancho para a articulação da comparação entre o Novo e o Velho Mundo:

Quem vos não louvará, outra vez digo,
Vendo que dessa América tão vasta
Com novos aforismos, mais Galeno,
Mestre vos hão de ouvir de Europa as aulas?

E ainda:

A Hipócrates, Galeno e Avicena,
Nas três partes do mundo canta a fama
Igualando os ternários; porém clama
Não ter a nova parte nova pena

O *topos* da valorização do novo, freqüente na retórica seiscentista, tem aqui a vantagem de se aplicar não apenas ao autor, como também ao lugar de e sobre onde escreve:

Novo achado, ó novo Lusitano,
Novamente achais no novo mundo

O panegírico ao autor desdobra-se num jogo hiperbólico de agudezas, que culmina ao atribuir a Ferreira o epíteto de "Rei das Minas," a partir de um paralelo com um certo Marquês das Minas

existente em Portugal. O mesmo título real lhe é conferido por meio da comparação com um outro "Luís muito famoso," o de Camões:

Príncipe ele na Poesia
Vós na Medicina Rei

A compulsão comparatista ultrapassa, às vezes, o limite do verossímil, levando ao estabelecimento de relações algo forçadas, como a que aproxima e distingue Luís Gomes Ferreira e Américo Vespúcio, referido aqui como o descobridor da América:

A Américo, que lá na quarta parte
Tão rica nos descobre tal porção,
Ó Ferreira, não posso comparar-te.
Do que aquele descobre, és conservação,
E a que conserva é mais nobre arte
Que a arte que acha, sem comparação.

No que diz respeito ao elogio da obra propriamente dita, o termo de comparação obsessivamente retomado é o ouro. Em praticamente todos os poemas, o *Erário* é aproximado do mais nobre dos metais. O próprio título do livro, introduzindo a idéia de tesouro, sugere essa comparação, lugar comum na literatura desde a Antigüidade, tanto no seu sentido literal quanto no figurado.

O que chama a atenção, nos poemas introdutórios, é o estabelecimento de uma relação entre o ouro meramente retórico e a materialidade bruta da extração do ouro dada pelo contexto imediato das Minas, cuja proximidade não permite maquiar as circunstâncias penosas em que se dá a exploração desse tesouro fabuloso: o sofrimento dos escravos, o aumento da distância entre ricos e pobres, a opressão dos impostos. Toda a tensão de uma sociedade formada em função do ouro pulsa nesses poemas e afasta-os da convencionalidade retórica. Esse fato conduz à elaboração de uma imagem de seus autores como participantes dessa realidade das Minas, e não como portugueses que, no distanciamento da metrópole, comemoram literariamente a obra de Luís Gomes Ferreira após seu retorno à pátria.

Esse ouro enraizado no contexto social de sua extração constitui o termo privilegiado nas metáforas e comparações estabelecidas nos poemas. O livro de Ferreira é *um profundo mineral tesouro, mina abundante* que supera as reais porque nunca se esgota: Por *mais ouro que dê, nunca se gasta*. Além do mais, é um ouro acessível ao pobre, constituindo uma riqueza coletiva, um tesouro público, em suma, um *erário*. E ainda possui a vantagem de não ser taxada pelo fisco, de ser isenta do quinto, como observa espertamente Tomás Pinto Brandão:

> O *vosso livro é uma mina*
> *Que aberta ao prelo mostrais;*
> *A todo o pobre sarais,*
> *Que mais desse ouro faminto*
> *Andava, e segundo eu sinto,*
> *Talvez sendo ouro de lei,*
> *Que não pagueis quinto ao Rei,*
> *E antes vos pague o Rei Quinto*.

O fecho do poema é um exercício de agudeza e engenho, alcançando, por meio da construção em quiasma, ou seja, invertida, o duplo efeito de sentido da palavra *quinto*, por meio do qual o imposto cobrado é associado ao rei D. João V.

A rede de comparações tecida entre o livro e o ouro não só aproxima esses dois objetos e estabelece a superioridade do primeiro sobre o segundo, como termina por opô-los: o livro é o tesouro que conserva a vida, enquanto o ouro, na frialdade de suas lavras, a destrói. A contraposição do livro ao ouro é retomada num soneto de Tomás Barroso Tinoco, sob a forma personificada de um afrontamento entre a Parca, que ceifa vidas, e Luís Gomes Ferreira, que as defende:

> *Não chores do Brasil, ó novo mundo*
> *Que a Parca te prepare a sepultura*
> *Pois que tens em Luís um sem segundo*

A mesma oposição se cristaliza sob a imagem do *antídoto* ou *contraveneno*, aplicada à matéria do livro, que subentende a assimilação do ouro ao veneno - aproximação em total desacordo com as conotações positivas geralmente atribuídas ao ouro.

Outra imagem recorrente nos poemas é a da árvore. A analogia entre a árvore e o livro, implícita na própria origem do suporte de inscrição, é ativada pelo *topos* do "livro da natureza," em cujas folhas, tomadas na dupla acepção do termo, o autor lê os remédios da natureza e sobre as quais os escreve, como se vê no primeiro romance heróico:

> *Escrevendo formastes doutamente*
> *Dos troncos pena, se papel das ramas*.

Por meio dessa bela imagem cunhada nos moldes da estética barroca, realiza-se a transmutação retórica: a árvore não está presente apenas na origem material do livro, ela é a própria fonte de onde se extrai o ouro vegetal dos medicamentos nele transcritos. Aqui se coloca um problema de ordem lógica - o da contradição entre o atributo enunciado no título *Erário Mineral* e a origem mais vegetal que mineral dos tesouros contidos no livro.

Por outro lado, a metáfora da árvore vai buscar, no estoque da retórica clássica, formas míticas como a "árvore de ouro" e os "pomos de ouro" do jardim das Hespérides, que restabelecem o vínculo com as conotações magnificatórias do ouro. Essa manobra não visa apenas à valorização da obra. No nível formal, ela permite a ultrapassagem da oposição, acima apontada, entre o livro, que busca a preservação da vida, e o ouro, cuja extração produz a morte. Por via mítica, restabelece-se o distanciamento, tornado impossível pela presença demasiado próxima do ouro e das circunstâncias materiais de sua exploração. Por meio das imagens fixadas da árvore de ouro, cujos galhos arrancados sempre renascem, e dos pomos de ouro que articulam a natureza vegetal e a mineral, opera-se a fusão barroca dos contrários, realizada textualmente por meio da figura mitológica de Apolo, deus do sol e da luz, das artes e das letras, da medicina e dos oráculos - que

também é chamado Délio, por ter nascido na ilha de Delos, cognominada a *Brilhante*, que era então um pedaço de terra flutuante, estéril e rochosa, mais tarde fixada por Apolo no centro do mundo grego. Sob esse nome que evoca o brilho do ouro, o deus é mencionado no primeiro romance heróico:

> *E se a influxo de Délio nasce o ouro*
> *E o mesmo a Medicina ampara*
> *Em vosso livro uniu o deus de Delfos*
> *De metal e ciência as glórias ambas*

O topos mitológico produz aqui mais que um efeito meramente decorativo. Por meio dele realiza-se a mutação alquímica em que se resolvem todas as contradições: *Em ouro transformais a Medicina*.

Ao harmonizar os reinos vegetal e animal, essa operação elucida o sentido do título, sem desfazer sua ambigüidade. O tesouro coletivo que encerra a obra de Luís Gomes Ferreira, embora prioritariamente de ordem vegetal, visto que os remédios por ele propostos são em sua maior parte extraídos das plantas locais, é, sem contradição, duas vezes mineral: por estabelecer uma relação de equivalência, postulando igualdade ou mesmo superioridade com o metal precioso, constitui um ouro metafórico; por produzir-se em contexto contíguo às minas de ouro - nas Minas Gerais -, é metonimicamente ouro.

Não se deve esquecer um terceiro componente dessa transmutação alquímica realizada por meios retóricos. Apolo, o louro deus que tem o brilho do ouro e é pai da Medicina, exerce também seu patrocínio sobre as letras e as artes e, enquanto tal, confere à ciência árida o brilho da poesia e fixa para a eternidade a flutuação do momento presente.

Referências bibliográficas

ÁVILA, Affonso. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, UFMG, 1967, v. 1.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique. *Communications*. Paris: Seuil, n. 16,1970.

CURTIUS. *Literatura européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: INL, 1957.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho:* Gregório de Matos e a Bahia do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

LUCAS, Fábio. *Luzes e trevas*. Minas Gerais no século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.



Planta de onde se extrai quinino usado no tratamento da malária.

1 BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique.

2 CURTIUS. *Literatura européia e Idade Média latina*, p. 524-603.

3 LUCAS, Fábio. *Luzes e trevas:* Minas Gerais no século XVIII, p. 107-118.

4 ÁVILA, Affonso. *Resíduos seiscentistas em Minas*, v. 1, p. 25-60.

5 HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho:* Gregório de Matos e a Bahia do século XVII, p. 63.

Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710-1733

Maria Odila Leite da Silva Dias

Luís Gomes Ferreira chegou às minas por volta de 1710, vindo de Salvador pelo caminho do rio São Francisco. Essa rota de acesso às minas continuaria ainda por mais vinte anos a ser a principal via de abastecimento da região da mineração. Difícil de ser vigiada, bastante povoada e cheia de possíveis atalhos, propiciava o contrabando do ouro, a evasão do fisco, das entradas, dos dízimos e principalmente do gado. Foi o caminho por excelência dos que se enriqueceram nas minas durante todo o período em que o cirurgião aí viveu.

Luís Gomes Ferreira permaneceu alguns meses doente num local junto a barra do rio das Velhas, a cerca de 60 léguas de distância do que viria a ser a vila de Sabará. Por muitos anos as "sezões e malignidades" do sertão do rio São Francisco faria vítimas entre índios, vaqueiros, moradores e viajantes. Ali, na fazenda do mestre de campo Manoel de Queiroz, passou cinco meses com maleita e grave crise do "mal do bicho". Generoso e caritativo, o dono da propriedade reservara uma casa próxima a sua para hospital dos viajantes doentes. *Por mercê de Deus escapei de ir povoar um cemitério de muitas cruzes, postas cada uma a cabeceira de cada defunto, na mesma ordem que passava a estrada* (EM, v.2, p. 516).[1]

A confluência do rio São Francisco com o rio das Velhas era um lugar malsão, por causa de inundações. No dia de São Romão, em 1712, num terreno baixo da margem do rio São Francisco, houve uma enchente especialmente dramática, que deu nome a uma localidade bastante freqüentada pelos viajantes.[2] São Romão foi

cenário dos motins de 1736 contra a cobrança do imposto da capitação sobre escravos ocupados na pecuária. Nesta data já fazia alguns anos do retorno de Luís Gomes Ferreira a Portugal, onde vivia no Porto, à qual se refere como a cidade das hortaliças e dos ferradores.

Em 1710, chegava pela primeira vez à região do rio das Velhas, num momento crítico do povoamento, provocado pela corrida dos reinóis do norte de Portugal às minas de ouro; os que, como ele, eram naturais de Barcelos, estavam acostumados às serras e às regiões montanhosas, porém temerosos do clima novo, dos perigos, das brenhas indômitas, que encontraram nas minas, chamadas caetés, tomando de empréstimo um termo indígena local.

De início, os recém-chegados foram ameaçados por aguda falta de gêneros alimentícios e por muitos conflitos, acirrados pelo repentino conglomerado de adventícios, assim como pela destruição imprevidente dos recursos de caça e de pesca. Não seria por certo uma crise de fome tão desesperadora quanto as ocorridas entre 1698 e 1705, descritas por Antonil, mas ainda assim bastante incômoda para causar, em 1709, uma verdadeira paralisação dos negócios nas Gerais, no rio das Velhas e na Comarca do Rio das Mortes.[3]

Sezões e maleitas não impediram o entroncamento do caminho do sertão do São Francisco com o do rio das Velhas de ir se transformando em região, desde os primórdios da mineração, povoada em função do abastecimento das minas. Foi de início ocupada pelos currais de gado, espraiados a partir do povoamento feito pela família Guedes de Brito da Casa da Torre, em Salvador.

O cronista Antonil nos lembra que toda a extensão do sertão baiano entre o Morro do Chapéu na Chapada Diamantina e o rio das Velhas, extensão de cerca de 160 léguas, pertencia aos herdeiros de Antônio Guerra e Guedes de Brito[4].

Nessa época dos descobrimentos do ouro, muitos paulistas vieram estabelecer-se com suas famílias ao longo do caminho do sertão, lado a lado com baianos, pernambucanos, reinóis e estrangeiros.[5] Matías Cardoso de Almeida, juntamente com o irmão Manuel e seu filho Januário, fundaram um arraial a cerca de 54 léguas ao norte da confluência do rio São Francisco com o rio das Velhas. Eram protegidos de Manuel Nunes Viana. Nessa região exterminaram os cariris e abriram currais de gado.[6] Quando de suas idas e vindas entre as Minas e Salvador, Luís Gomes Ferreira tinha o hábito de hospedar-se na casa de Januário Cardoso.

Um observador contemporâneo, autor das *Informações sobre as minas do Brasil*, observava ser este o caminho mais suave e mais habitado que o caminho novo para o Rio de Janeiro, aberto pelo filho de Fernão Pais, a partir de 1701. O viajante com destino às minas, ao longo do rio São Francisco, encontrava água em abundância, farinha em quantidade, carnes de toda espécie, frutas, laticínios, cavalos para se transportarem, pastos para as cavalgaduras e casas para se recolherem sem risco de ataque de tapuias, pois as tribos que habitavam a região do rio das Velhas foram rapidamente dizimadas, logo nesses primeiros anos de descobertas.[7] Mas a ameaça de tapuias ou índios bravos foi um fenômeno marcante na época em que Luís Gomes Ferreira viveu nas Minas. Por volta de 1718, os botocudos, os coroados e os puris da região de Sabará ainda sobreviviam na região.

A concorrência com o Caminho Novo só se faria sentir após 1725, época a partir da qual os controles fiscais da Coroa se tornariam gradativamente mais presentes na vida dos mineradores. O Caminho Novo encurtava de 25 para cerca de 14 dias o acesso do Rio de Janeiro às regiões do ouro, e veio a ter um papel importante no deslocamento do eixo econômico e do povoamento para o sul.[8] Somente em meados da década de 1920 é que foi completado o caminho entre Barbacena e Vila Rica, região que teve de ser arduamente conquistada por causa da resistência aguerrida dos índios coroado, caraiás, cachinés e pitas.[9]

Logo de sua chegada, Luís Gomes Ferreira foi recrutado pelo governador Antônio de Albuquerque para lutar contra os franceses de Duguay-Trouin, durante a invasão do Rio de Janeiro. Afeito às aventuras, conheceu o Caminho Novo nesta fase inicial de desbravamento.[10] Entretanto, manteria mais contatos no Caminho da Bahia, pois viveu muitos anos na região do rio das Velhas.

Em 1720, o acesso pelo rio São Francisco foi encurtado pelas autoridades, para facilitar o controle dos desvios de ouro e do contrabando, com a abertura de uma estrada nova, construída por Antônio Gonçalves Figueira, um dos primeiros paulistas que chegaram a esta região. A Coroa dependia de serviços como esse, prestados por potentado locais. Figueira era apaniguado de Manuel Nunes Viana. Tinha suas fazendas contíguas às dele.[11]

De tempos em tempos, Luís Gomes Ferreira costumava visitar seu irmão Alexandre na cidade da Bahia. Neste ir e vir, propício a estabelecer conhecimentos novos, conheceu Francisco Barreto, pernambucano e proprietário de duas fazendas de currais de gado, que acabou vindo minerar em Sabará, onde Luís Gomes teve oportunidade de revê-lo e de curá-lo de uma crise de gangrena na perna (EM, v. 2, p. 619). Nessas paragens também estabeleceu relações duradouras com um traficante de escravos chamado Manoel da Costa Pereira, que tinha negócios em Pernambuco e no Rio de Janeiro (EM, v. 2, p. 553). O abastecimento de escravos era feito a partir de firmas de Pernambuco, mas sobretudo da Bahia e do Rio de Janeiro.[12] A Coroa quis, de início, evitar crise nas lavouras de açúcar com vários decretos proibindo a revenda para as minas e estipulando uma quota de apenas 200 escravos para as Gerais, mas nunca tiveram aplicação, pois os altos preços tornavam muito lucrativo o abastecimento de escravos.[13] Um minerador da época da Guerra dos Emboabas, Luís Tenório de Molina, enriquecido com o ouro, foi morar em Salvador, onde investiu numa companhia clandestina de tráfico de escravos mina, que prosperou muito até por volta de 1740.[14]

Luís Gomes Ferreira chegou numa das mais conturbadas conjunturas do processo inicial de povoamento das Minas. Nessa ocasião, cerca de 3 a 4 mil reinóis chegavam por ano às minas,[15] de modo que, em 1721, a Coroa proibia por decreto a continuação do êxodo, para evitar que se despovoasse o Reino e se consumasse a ruína da lavoura no norte de Portugal. Em 1711, Antonil estimou a população das Gerais em cerca de 30 mil homens brancos, cifra que passaria em 1736 a cerca de 80 mil.[16] Os brancos, entretanto, figuravam como uma minoria na vasta e crescente população trazida pelo tráfico de escravos e que em 1736 já era estimada em torno de 160 mil.[17] A desproporção entre os brancos e uma maioria de população escrava era particularmente acentuada nos arraiais de Sabará e do Ribeirão do Carmo, onde Luís Gomes Ferreira viveu. Esse desequilíbrio de população, mais a densidade de escravos concentrados em torno das datas de exploração do ouro, definiria os costumes e o ritmo das relações sociais. Três quartos de escravos para uma minoria de um terço de homens brancos demarcaria o círculo de inter-relações em torno ao qual se desenhariam os costumes e as tensões da vida quotidiana.

O cirurgião-barbeiro assistiu aos episódios de violência entre reinóis e paulistas. Embora os caminhos já estivessem cobertos de roças, houve imprevidência no plantio delas e falta generalizada de gêneros alimentícios. A carestia e a instabilidade do abastecimento contribuíram para acirrar o já elevado teor de violência que caracterizava as relações entre mineradores de ouro de aluvião. Em 1709, os preços dos gêneros de primeira necessidade alcançaram cifras muito elevadas, tanto na região da Comarca do Rio das Mortes, onde desembocava o Caminho Novo para o Rio de Janeiro, como na região mais ao norte do rio das Velhas. No Caminho Novo, Mathias Barbosa teria vendido uma plantação de bananas por 50 mil cruzados.[18]

Em meio aos episódios conhecidos como Guerra dos Emboabas, nosso personagem veio morar onde viria a ser posteriormente a vila de Sabará. É difícil precisar a data em que comprou uma casa térrea junto à capela, que mais tarde se transformaria na *igreja*

velha. Ali teria vivido os primeiros anos entre o faiscar no leito do rio das Velhas e o socorrer doentes e feridos, pois era grande a violência na vida de todo o dia. Provavelmente vivia parte do tempo a cavalo por trilhas inóspitas. Em geral, trazia consigo uma boa receita para os ferimentos de pólvora no rosto ou para curar feridas causadas por excesso de açoites. *Muitos o chamavam na hora do desespero. Certa vez foi chamado para atender um vizinho morador do arraial da barra do Sobará da Villa Real. Francisco Gil de Andrade tinha sido atingido por uma espada larga que lhe abriu uma ferida por baixo da orelha da nuca até o rosto* (EM, v. 2, p. 524). No ano anterior, em 1711 também fora chamado a Sabará para socorrer o meirinho do ouvidor Gonçalo de Freitas Baracho. Baracho viera inicialmente nomeado ouvidor para a Comarca do Rio das Mortes, mas o falecimento do ouvidor de Sabará fez com que fosse nomeado primeiro ouvidor da Vila Real de Sabará (EM, v. 2, 525-527). Ao sair da missa, o meirinho fora atacado por um mulato, também com uma espada larga, que lhe abrira *uma cutilada, a mais horrenda que tenho visto*, cortando-lhe o pescoço, *as veias jugulares, artérias, nervos, músculos e tendões* (EM, v. 2, p. 525).

Nem todos andavam a cavalo nas Minas, pois havia trechos íngremes da estrada que tinham de ser passados a pé. Após curar-se da maleita e de uma crise de hemorróidas, o cirurgião teria permanecido alguns meses em pleno sertão, atendendo doentes no arraial de Guaiacui, como era chamado na língua da terra, justo na confluência do rio São Francisco com o rio das Velhas. Em 1710, já estaria instalado em Sabará, pois visitava um doente junto ao rio do Paraopeba, percorrendo a cavalo as muitas léguas de distância que mediavam entre estas localidades.

> *À medida que se aproximava de Sabará, a paisagem se enchia de coqueiros de macaúba. Passava por paragens acidentadas e assustadoras. Um dos afluentes do rio Sabará era chamado rio do Inferno, porque para atravessá-lo era preciso passar por uma ponte de menos de 20 pés de comprimento, correndo o rio por baixo por mais de duzentos de profundidade; são suas paredes talhadas a pique com alguns ramos e estes em pedras*

saídas para fora que estão convidando a quem olha da ponte o horroroso precipício.[19]

Em 1710, foi socorrer um escravo de Francisco Rondon, paulista, que morava distante nas minas de Paraopeba *por serem matos gerais mui distantes de povoado e de vizinhança* (EM, v. 2, p. 564-565). Francisco Rondon, quando da abertura da Câmara de Sabará, em 1711, foi um de seus primeiros oficiais.[20] Paraopeba ficava a três dias de viagem de Sabará, em direção ao poente. Era uma região de lavras onde havia muitas roças férteis, pois as terras eram boas para mantimentos. O rio tinha muitos peixes. Ali morava nessa época, já empobrecido, após ter ficado muito rico nos primeiros tempos de exploração do ouro, Manuel de Borba Gato. Segundo certas fontes, ali veio a falecer com 90 anos, em 1734, mas, segundo Antonil, teria morrido em Sabará, em 1718.

Um cavalo de montaria ou cavalo marchador custava, segundo Antonil, em 1711, 2 libras de ouro, enquanto um cavalo sendeiro, ou de carga, custava 100 oitavas.[21]O cavalo tinha uma conotação simbólica de *status* social. Em 1720, queixava-se amargamente um comerciante estabelecido nas Minas para seu patrão em Lisboa de ter percorrido cerca de 200 léguas a pé, do Rio de Janeiro à Comarca do Rio das Mortes: *…estive em grandes riscos nesta viagem assim com me quererem tirar a vida*[22]. Em 1725, gastava 900 réis por dia para manter-se a si, a dois escravos e a um cavalo.[23]

Em 1731, o cavalo continuava a ser um artigo caro de consumo. Em carta para seu patrão em Lisboa, que não queria reembolsar a metade do preço do animal, que perdera, o comerciante Francisco Cruz justificava suas despesas: *… não querer VM levar a metade do cavalo que me morreu, pois confesso lhe que ainda que eu ficasse sem camisa no corpo não podia vir assim a pé, pois a cavalo* VM *lá verá os dias que eu gastei no caminho, quanto mais se eu viesse a pé, que me punha a ter uma doença*.[24] Em 1740, queixava-se de que, ao chegar do Rio de Janeiro a Caeté, não pudera comprar um cavalo com sela e armas, por não dispor da soma de 200 réis. Por

esse motivo, não pôde assumir o ofício de cobrador de dívidas para o ouvidor, pois era condição simbólica de *status* necessária para ocupar o ofício.[25] Luís Gomes Ferreira não hesitava em percorrer longas distâncias a cavalo. Em seu livro refere-se diversas vezes às feridas de pisadura e a receitas para curar cavalos. Aconselhava aos demais cavaleiros levar, como ele fazia, um raminho de trovisco no cós do calção para proteger-se da sela (EM, v. 1, p. 381).

Carregava consigo um escravo, uma canastra do sertão, um prato de estanho, um tachinho pequeno e aguardente do reino para misturar com o da terra (EM, v. 1, p. 244). De resto, tinha os olhos treinados para localizar ervas e improvisar remédios de pobre, como os chamava em oposição aos remédios de botica. Avenca silvestre, por exemplo, sabia que dava em mata virgem, em morro de pedra ou em terra enxuta. Nos meses de seca, entre julho e setembro, era difícil achar ervas, mesmo a de santa-maria, o mastruço ou a hortelã (EM, v. 1, p. 243). A erva-santa ou erva-cidreira somente se encontrava em *paus esfolados* e gastos, à beira dos caminhos, a exceção dos caminhos para o Rio de Janeiro ou de Sabará para Conceição do Mato Dentro, localidades em que ainda eram abundantes, por serem menos freqüentadas (EM, v. 1, p. 363-364). Assim como os animais de caça, também as ervas começavam a faltar pelas estradas. Os homens bons já repetiam providências para conservar a lenha dos matos mais próximos aos arraiais:

> *São estes homens muito vistos e experimentados em raízes, ervas, plantas, árvores e frutos, por andarem pelos sertões anos e anos, não se curando de suas enfermidades, senão com as tais coisas e por terem muita comunicação com os carijós, de quem se têm alcançado coisas boas (EM*, v. 2, p. 677-678).

Desde os primeiros momentos de sua chegada às Gerais, procurou o convívio dos paulistas e de seus carijós, pois em inúmeras passagens de sua obra mencionava o conhecimento precioso que tinham das ervas, plantas e remédios locais que mais o interessavam.

Bem sabia o impacto dos revezes súbitos causados por males repentinos, por facadas, quedas bruscas, que causavam fratura nos ossos, mordidas de cobra, acidentes de percurso, seja no desbravar matas para plantar roças, seja no costume de minerar dentro dos rios, situações drásticas que exigiam remédios imediatamente acessíveis. Havia muito a aprender na paisagem e no clima novos. Valorizava os conhecimentos locais de plantas e receitas aprendidas dos índios pelos paulistas. Ervas e remédios novos colhidas entre os índios carijós, dos botocudos, dos coroados e dos puris da região de Sabará, desde os primeiros descobrimentos.[26]O clima era desconhecido e traiçoeiramente frio, causando friagens, resfriados, eventualmente infecções pulmonares. Muitos dos recursos mais essenciais para sobrevivência nos primeiros tempos vinham dos carijós, como o modo de fazer fogo, se um morador se encontrasse na mata sem arma de fogo, fuzil e pederneira. Para tanto, os carijós juntavam dois pauzinhos - um de casca mole, outro de casca dura - bem secos: *a um deles façam uma ponta bem redonda e ao outro um buraquinho no meio ou final dele; este o ponham deitado com o buraquinho para cima e seguro que não bula*. (EM, v. 1, p. 388).

É impressionante quão poucas informações ficaram nas fontes dessa época sobre os contatos entre os adventícios e os índios. Aqui e ali, aparecem sumárias referências a choques com tribos que tinham, como os botocudos, nos arredores de Vila Rica, as orelhas e beiços furados com pedaços de madeira.[27]

A rapidez e o vulto tomado pelo povoamento da região acelerou o extermínio dos índios. Os remanescentes teriam se embrenhado pelas matas do rio Doce, na direção do Espírito Santo[28]. Luís Gomes Ferreira se interessou vivamente pelos conhecimentos que os índios tinham das plantas de finalidade terapêutica, mas suas referências são bastante vagas quanto à vida dos indígenas. Limitou-se a discernir genericamente a oposição entre tribos selvagens ou bravias, que considerava como animais ferozes, e índios mansos, domesticados, a que se referia também sob o nome genérico de carijós. Embora desfile em seu livro inúmeros casos de escravos e homens brancos pobres, que socorreu como cirurgião

barbeiro, parece que nunca tratou de um índio manso, o que é significativo da atitude do meio em relação aos índios.

Havia muitos índios empregados como carregadores ou atendentes de rancho. Ainda em 1731, o comissário do negociante Francisco Pinheiro, em carta de Sabará, datada de 11 de julho, comentava a próxima chegada de Antônio Mendes da Costa, que tardava pelo caminho novo: *Me disseram lá que ele vinha pelo caminho muito devagar por causa de trazer sua mulher em uma rede com todo o estado e buscando índios para a carregarem às costas.*[29] Outro indício da presença dos sobreviventes domesticados eram as denúncias freqüentes nas devassas do Bispado contra o amancebamento com concubinas carijós. As famílias constituídas pelos primeiros povoadores custaram a se adaptar às normas da igreja. Um dos filhos de Miguel Pereira, fundador de Mariana, tinha como mãe, e ao mesmo tempo comadre ou sogra, uma índia carijó de nome Catarina, denunciada numa devassa de 1726. Miguel Pereira estava vivendo com uma *bastarda por nome Maria que esta tida e em fama e com título de ser sua sobrinha por ser filha de Catarina Carijó, a qual também tinha de portas adentro e com ambas dizem tinha trato ilícito, tanto com uma, como outra e sempre ouviu dizer, que a Carijó mãe fora amiga de seu irmão Lucas Pereira e de quem tivera a filha com quem se diz andar amigado*.[30] No arraial mais distante de Guarapiranga, onde Luís Gomes Ferreira visitava alguns clientes, em 1726, também foi denunciado Antônio Ferreira por viver há muito tempo amigado com uma Carijó chamada Domingas, com a qual teve vários filhos.[31] As freqüentes uniões consensuais com índias carijós passaram na década de 1720 a perder em número para os amancebados com suas negras minas.

Luís Gomes Ferreira, desde sua chegada, cultivou a companhia de sertanistas paulistas, pois se interessava por seus conhecimentos. Eram grandes conhecedores dos remédios locais. A eles se referia como paulistas sertanejos (EM, v.1, p. 363). Os recém-chegados de Portugal estranhavam bastante a sua aparência rústica. Quando a cavalo, traziam capotes, bernes e mais roupas do sertão, que

contrastavam com os calções, botas e chapéus usados pelos reinóis.[32]

Deles obteve receitas importantes para socorro no caso de intoxicação, dor de barriga, *cursos* (diarréia), vermes. Eram remédios usualmente presentes nas casas dos moradores mais estabelecidos. Tratava-se do capim ou erva-santa, os chamados "paratudo," troncos delgados de casca amarela, com folhas largas (EM, v. 1, p. 363) e inumeráveis outros, que descreve em seu livro. Certo paulista de grande experiência dos sertões pelos quais andara muitos anos, cujo nome omitiu, presenteou-o com umas contas de macacos barbudos, bolinhas retiradas do testículo da coxa da perna esquerda desses macacos, excelentes para curar as almorreimas, bastando trazer as contas na algibeira (EM, v. 1, p. 382).

Deles também recolheu as descrições de animais da terra, como macacos, gambás, bichos-preguiças (EM, v. 2, p. 683), as inhaúmas, aves existentes nos sertões do rio São Francisco, tanto da parte da Bahia como da parte de Pernambuco. Essas aves tinham na ponta das asas uns esporões que, uma vez ralados, davam excelente remédio para mordedura de cobra venenosa e também serviam de antídoto contra qualquer envenenamento (EM, v. 2, p. 674).

Dos paulistas aprendeu a utilidade da raiz butua ou da raiz chamada "mil usos," que tanto servia para doenças venéreas como de antídoto para mordida de cobras venenosas (EM, v. 2, p. 675). A butua era também excelente remédio para crises de fígado. Dos paulistas e seus carijós, adotou o uso de raízes chamadas "mil homens," "orelha de onça" (EM, v. 2, p. 675) e, sobretudo, raízes de um cipó chamada pacacuanha, de que os paulistas faziam muito caso, trazendo-as sempre consigo e que seriam úteis por ocasião de envenamentos ou de sangramentos, etc. (EM, v. 2, p. 678). Também passou a receitar o uso da raiz de jurubeba, da chamada língua de carijó; assinalava as qualidades da erva-cidreira, do funcho, da jurubeba, dos jenipapos verdes (EM, v. 1, p. 260, 333).

> *…nunca acompanha a experiência o discurso, que são os dois pólos, em que se susten ta toda a maquina das artes. E finalmente diz (o doutor Francisco Baile) que, quando o discurso se encontrar com tanta duvida, que não atine com razão certa, que o satisfaça, se recorra à experiências (EM, v. 2*, p. 700).

Ao passar o Equador, deparou com um mundo novo e desconhecido (EM, v. 1, p. 285).

A vida que levava como minerador, viajante e cirurgião nas bandas das Gerais e do rio das Velhas trazia-lhe conhecimentos inteiramente sem precedentes, dentre as quais primavam os da natureza, aprendidos mais da experiências do que das autoridades escritas. Esse é um refrão ou traço recorrente em sua obra. A vivência do dia-a-dia no clima novo é que o levava a contradizer abertamente as autoridades médicas, os escritores famosos, os tratados mais clássicos de medicina de seu tempo (EM, v. 1, p. 225-227, 233, 426; v. 2, p. 699-700). *O que digo pela experiência assim me ter ensinado; pois onde esta falta, emudecem todas as autoridades; e demais que os autores, que até agora escreveram, não sabiam deste clima das Minas, nem em materia de obstruções acha muito adiantada neles (EM*, v. 1, p. 304).

Em certa ocasião, *este caso sucedeu na rua da Barra em Sabará em presença de muito povo (EM*, v. 1, p. 471), teve um debate com outro cirurgião a respeito de divergências nos métodos de cura de fraturas: *disse eu que éramos obrigados a curar as doenças conforme a região e o clima, aonde nos achássemos, a razão nos ditasse e a experiência nos ensinasse; porque os autores, quando escreveram, estavam em outras terras mui remotas, e de diferente clima, e não tinham notícia deste (EM*, v. 1, p. 471).

Muitos dos remédios e das curas válidas para Portugal deixavam de sê-lo na região do ouro. Outro era o clima, outras eram as plantas. O meio geográfico pedia remédios diferentes (EM, v. 1, p. 225-227).

Muitos dos remédios vindos de Portugal perdiam o efeito na longa travessia do mar e estragavam durante os trajetos demorados que levavam três a quatro semanas - às vezes mais - para, do Rio de Janeiro, chegar às Gerais (EM, v. 1, p. 305).

Os sertões muito ermos, mais as distâncias enormes faziam com que as boticas, quando existiam nos arraiais, ficassem na maior parte das vezes a dois ou três dias de cavalgada ou de percurso a pé. Os doentes que dependiam dos remédios tradicionais preparados nas boticas sofriam a exploração dos preços exorbitantes cobrados pelos boticários *(EM*, v. 1, p. 261, 329, 332, 471); corriam os riscos de vários dias de transporte até a botica mais próxima, por caminhos difíceis, que percorriam às vezes desmaiados numa rede levada por índios ou a cavalo com os escravos, se ainda lhes sobrasse para tanto resistência física.

Remédios como o mercúrio ou o azougue, usualmente receitados no Reino, passavam a ser nocivos no clima das minas. Da mesma forma, as sangrias e purgas tão aconselhadas, na região do ouro, faziam muito mal à saúde: *É o sangue o azeite em que se conserva a luz da candeia da vida; quanto mais azeite tiver a candeia, tanto mais tempo durará a luz dela, e[…] porque faço grande escrúpulo de não dizer a todos o quanto importa sangrar pouco para viver muito (EM*, v. 1, p. 279).

Os mantimentos nas Minas não tinham a mesma *sustança* dos alimentos do Reino. Por isso as sangrias enfraqueciam mais ainda o doente já atacado de outros males. Além da alimentação, o clima frio sobrecarregava o organismo, principalmente dos negros, que trabalhavam horas seguidas nos rios com água até a cintura *(EM*, v. 1, p. 279).

Como os pratos eram pouco nutritivos, aconselhava amiudar as refeições para não ficar muito tempo com o estômago vazio. O morador das Minas deveria, a todo custo, evitar ficar de manhã em jejum. A fim de passar bem, era preciso tomar pelo menos alguns goles de aguardente do reino; seria bom comer *coisas engrossantes*, como franga ou galinha cozida com arroz e

beldroengas, mãos e pés de boi com arroz e carne de vaca cozida ou assada *(EM*, v. 1, p. 477). *Comerá coisas de sustância e de boa nutrição*, tais como açúcar rosado e xaropes de *rosas secas e de murtinhos ou de maças de anáfega. (EM*, v. 2, p. 507). Um bom caldo de galinha com água cozida e uma gema de ovo bem batido era remédio milagroso para cólicas (EM, v. 2, p. 520).

Eram inúmeros os conselhos de saúde que ensinava aos moradores recém-chegados às Minas: *Não molhará o corpo, nem trará os pés úmidos, nem enxugará camisa no corpo por nenhum caso, se a suar, que não será mau, tirando-a logo; não comerá coisas crassas, ou de ruim digestão, nem coisas frias e úmidas, nem frutos ou frutas da terra, salvo, por necessidade, alguma banana de São Tomé assada (EM*, v. 1, p. 303-304).

Contar suas aventuras, descrever ervas e inventar receitas novas com plantas locais era o seu modo de contribuir para salvar vidas (EM, v. 1, p. 286). Dedicou boa parte de seu tratado aos remédios de pobres, acessíveis aos que *viviam nos matos faltos de notícias*, tanto escravos como brancos sem recursos (EM, v. 1, p. 263, 305). Pensava que também os

> *brancos que exercitarem o mesmo oficio dos pretos, ou quase o mesmo, como é o serem feitores de lavras ou roças, ou andar em outros ministérios descalços, com má ordem de viver ou mal comidos, mal enroupados, molhados, suados, etc., que estes tais se curarão de pontadas pelo mesmo método que os pretos, porque é provável, lhe procedam as pontadas das mesmas causas, só com uma diferença: que se atenderá a que os pretos são dotados de natureza mais robusta (EM*, v. 1, p. 280).

Seu livro foi escrito de memória, mais provavelmente em 1733, quando já estava de volta ao Porto. Não o escreveu sob forma de diário, lamenta o autor, porque no início pensou que ficaria rico depressa e que logo voltaria para o Reino *(EM*, v. 1, p. 266). Entretanto, como contador de casos, enfileirou diagnósticos, curas e receitas recolhidas da memória oral ou eventualmente por ele inventadas.

O livro, de cerca de 500 páginas, tomou forma híbrida entre um dicionário de medicina, uma narrativa de curas e um levantamento das plantas e dos animais úteis para a cura de moléstias tropicais e males diversos, que acometiam os numerosos escravos, os brancos pobres, assim como mineradores e agricultores mais remediados. Escreveu-o com a intenção de divulgar conhecimentos úteis para os moradores das Minas e de transmitir a outros as experiências vividas por ele; era mais um gesto de boa vontade para com os que, como ele, enfrentaram os perigos de um clima diferente, cheio de perigos, de sezões, de violências.

Recomendava a quem viajasse pelos matos evitar tomar água, levando dois cocos para matar a sede no caminho. Em vez de tomar água, aconselhava sempre as tisanas, chamadas "água de tanchagem". Consistia em água fervida com raiz de capeba, ou raiz de periparoba (como era chamada no Rio de Janeiro); poderia eventualmente ser rapidamente fervida com salsa, de modo a quase não mudar de cor. A água cozida com raízes tinha uma cor alambreada ou rosada e protegia de males do intestino e do fígado (EM, v. 1, p. 303, 346, 364). *Será, pois, o seu remédio ajudas de água de cisterna avinagrada e morna, ou ajudas de água de tanchagem, ou de água de malvas, ou de caldo de galinha que seja cozida, primeiro, com tanchagem, almeirão, chicória e borragens, ou parte destas (EM*, v. 1, p. 364).

Aconselhava muitos banhos de água morna, de canga ou de água corrente nos rios, sobretudo para evitar o depósito de larvas de moscas em feridas expostas ou surtos de hemorróidas. No caso dos banhos de assento (EM, v. 2, p. 579) seria prudente cobrir-se para evitar qualquer corrente de ar e sentar-se sobre uma grade, deixando a água fervendo no tacho para sustentar mais tempo o calor. Lembrava a todos que evitassem comer muito, sobretudo os caldos gordos, que eram usuais no sertão.

Os cozimentos de água com raiz de capeba e butua ou os chás eram excelentes digestivos, a que os moradores deveriam recorrer a toda hora e muitas vezes durante o dia, pois *que é bebida admirável*

para fazer bom cozimento, discutir flatos, esquentar os humores, fazê-los circular e também para a tosse, se a houver. (EM, v. 1, p. 253).

Advertia aos habitantes dos sertões das Gerais, onde o clima se caracterizava por ser muito frio, que evitassem, sobretudo, as mudanças bruscas de temperatura. Era o que acontecia necessariamente aos escravos que trabalhavam o tempo todo dentro da água.

Os suores no clima frio das Minas enfraqueciam muito e expunham à morte os incautos. Ele mesmo escapou de morrer por um fio. Contava o caso de um fazendeiro que deitou com sua escrava para ter relações sexuais e, distraído, levantou rapidamente em ceroulas, como era costume, para ir chamar os escravos no pátio. Esse ato repentino quase lhe custou a vida. Suar muito e passar por uma corrente de ar ou tomar água fria bastavam para causar as piores complicações de saúde. O clima era traiçoeiro, e guardar roupas úmidas ou molhadas, deixando que secassem sobre o corpo, era uma imprudência sem nome (EM, v. 1, p. 239). As temperaturas variavam de modo inimaginável; os humores frios apertavam mais à noite, quando piorava a tosse e o doente ficava sem dormir, sendo nesses casos recomendável aplicar compressas peitorais e expectorantes, além de ter o cuidado de acender uma fogueira dentro do aposento (EM, v. 1, p. 481).

Enfileirava pequenos lembretes e receitas para guardar alimentos, como o de conservar as frutas no mel da terra, remédios em vidros tapados com cera negra da terra ou com cera amarela do Reino, conservados em cinza quente durante pelo menos dez horas (EM, v. 1, p. 439-440; v. 2, p. 598). Era necessario purgar-se com purga de resina (de batata) para acabar de limpar os humores frios que sempre predominam neste clima (EM, v. 2, p. 286-287).

Os alimentos, além de caros, eram em geral malcozidos ou pesados. Entremeava em seu texto instruções minuciosas sobre como ferver e coar os alimentos, lentamente em panelas de barro ou pratos de estanho e conselhos sobre o comer leve, produtos

agradáveis para o estômago, como *marmelada, vinho e vós de canela, e vela boca, colheres de caldo-de-galinha temperado com pós de pedra-bazer e umas pingas de vinho (EM*, v. 1, p. 309); arroz com franga ou frango, acompanhados de alimentos frescos tais como alfaces, chicórias, beldroegas, ameixas, lentilhas (EM, v. 1, p. 323). Seria eventualmente revigorante cozinhar em partes iguais enxúndia de galinha com banha de porco sem sal *(EM*, v. 1, p. 352); fugir de alimentos que gerassem fleumas, *como legumes, leite (que é o pior)*, peixe e outros semelhantes; fazer exercício antes de comer e passadas seis hora de jantar; dormir moderado, principalmente de dia (EM, v. 2, p. 497), alimentar-se pouco de cada vez e à miúde. Evitar alimentos muito salgados, feculentos e amargosos. Comer mantimentos fáceis de digerir, como frango, cabrito, vitela, ovos brancos passados no açúcar *(EM*, v. 2, p. 500).

O comerciante Francisco da Cruz, em carta de Sabará, escrita em dezembro de 1725, reclamava de dureza de estômago, e o médico atribuía esse mal à falta de exercício, devido ao fato de ele não andar a pé, trabalhando sentado como escrevente no cartório.[33]

> *No pacadio (sic) da minha casa dou conta que não sei que mais estril possa passar pois o jantar é carne cozida e no caldo farinha a que chamam nessa terra de pão, que nos serve de sopas, algumas vezes como assim os dias santos um bocado de vaca assada, outras vezes picada, esta sabe Deus com que temperos, sobremesas, (s)ão sempre umas bananas que é a principal fruta nesta terras. Confesso que há outras como limas, laranjas, estas me entram em casa quando algum amigo mas manda, que estas vezes se pode contar por milagre. Almoço: nem merenda, não me há porque o tempo não dá lugar para regalos, as seias passo com um prato de milho cozido em água com uma colher de melado,cujo prato lhe dão cá [nome] de cangica, que esta é a coisa de meu achaque, que pouco há perto de seis meses mais ou menos, pois ando com uma obstrução, com o estômago duro como uma tábua e sempre azedo, aqui verá da forma que passo…*[34]

Em outra passagem, contava que na ceia comia cangica com melado, eventualmente um ensopado de vaca, guardado do jantar por seu escravo mulato.[35]

O abastecimento dos gêneros de primeira necessidade era precário e os preços, volta e meia, ficavam muito elevados por causa da especulação de atravessadores. Em 1725, escrevia o comerciante para seu patrão em Lisboa: *Entendo que tudo isto me procede do muito calor que nesta terra há, onde arde todo o mundo nele, e junto com o tal uma grande seca que Deus por quem é nos acuda, por quanto toda a casta de fazendas comestíveis se vão pondo numas alturas, que lhe afirmo a VM não saber em que isto há de vir a parar*.[36] Queixava-se da vertiginosa inflação de preços, tanto dos produtos importados como dos gêneros da terra.

Já um ano depois, em 1726, sob o impacto da descoberta de diamantes em Serro Frio e de ouro em Minas Novas, havia um êxodo grande de pessoas; em Sabará, os preços das casas, das lavras e das roças tinham caído para menos da metade. Havia quem vendesse uma casa pela metade do preço, assim como engenhos e fazendas eram abandonadas por meia arroba de ouro.[37]

A situação de instabilidade de preços, de insegurança, de endividamento e de violência pareciam dar o tom da vida de todo o dia nas Minas. Talvez por isso Luís Gomes Ferreira tenha interposto trechos recomendando calma e tranqüilidade aos que quisessem conservar a saúde: *Evite todas as paixões da alma, como ira, tristeza e o mais que poder inquietar o ânimo, porque lhe será de grande dano (EM*, v. 2, p. 498). Em outras passagens, reiterava quase diariamente a advertência de evitar *as paixões da alma, que esquentam muito os humores, e ande lúbrico de ventre. (EM*, v. 2, p. 500).

As vilas do Barroco ainda não existiam no período em que Luís Gomes Ferreira viveu nas Gerais. Nessa época, os primeiros faiscadores levantavam ranchos, tomavam o machado, abriam

clareiras nos matos e plantavam roças de milho e feijão. Após o plantio, os faiscadores costumavam seguir adiante pelas margens dos rios ou pelos picos dos montes em busca de outras possíveis catas, deixando atrás de si uma trilha de roças e lavras mal reviradas. Meses depois, voltavam para as roças já crescidas a colher espigas de milho, como retaguarda para garantir a sobrevivência, enquanto entravam pela água dos ribeiros a catar ouro com suas bateias e pratos de estanho.[38]

Os caminhos de terra eram percorridos por escravos, por mulas e cavalos, e entremeados, junto aos serviços de mineração, por ranchos de palha e pequenas vendas servidas por mulheres escravas, ocupadas nos afazeres do comércio ambulante.[39]

Em plena época das violências, amainadas um pouco com a retirada de Manuel Nunes Viana, em 1711, para sua fazenda da Tábua, junto à barra do rio das Velhas,[40] Luís Gomes Ferreira veio instalar-se, em 1711, no arraial da igreja velha de Sabará. Como a localidade não existe mais, fica obscura a relação com a igreja nova, nome que começou a ser usado depois de 1714, provavelmente para designar a mesma capela, agora reformada e mais tarde transformada na Matriz de N.S. da Conceição (EM, v. 1, p. 392; v. 2, p. 587). Situava-se à margem direita do rio das Velhas, junto ao caminho que conduzia, através da ponte pequena de madeira sobre o rio Sabará, ao arraial velho de Santana, situado em outra margem do rio das Velhas. Separava-o do arraial da Barra uma boa distância entrecortada por um íngreme caminho, através de um morro.[41]

No arraial da Barra, em 1712, foi construída a primeira capela de Nossa Senhora do Rosário, posteriormente reformada (EM, v. 1, p. *293)*.[42] A decoração da talha seria uma das mais antigas existentes, caracterizando-se por um estilo maneirista próprio da época de Pedro II.[43] Em 1714, junto ao arraial da Barra, foi construída outra capela de Santa Rita, que ficava na antiga rua Direita.[44] A partir de 1714, surgem referências à igreja nova. O costume de reformas

sucessivas das primeiras capelas era generalizado em qualquer parte da região do ouro.[45]

Quando Luís Gomes Ferreira primeiro chegou, a vila ainda não existia; eram ainda poucos e precários os arraiais da região de Sabará. Junto ao rio, havia várias minas ou esboços de futuros arraiais. Ficavam a várias léguas de distância uns dos outros. Havia ranchos de palha e capim, com chão de terra, em Raposos e na Roça Grande, local inicialmente descoberto e habitado por gente de Fernão Dias Paes.[46] Nesses arraiais, os vigários juntamente com os moradores, armavam altares com estacas e esteiras de taquara. As primeiras irmandades foram organizadas por iniciativa e interesse dos próprios moradores. Um dos primeiros afazeres das irmandades consistia no gradual aprimoramento das primitivas capelas. Estas, muitas vezes, eram pintadas em cores bem vivas:[47] *Eu mandei fazer a capela tapada e fechada, com porta e coberta de capim, que não havia ainda telha*.[48]

Nessas capelas provisórias diziam missa, confessavam e desobrigavam. Algumas capelas eram de pau-a-pique cobertas de palha. As primeiras capelas se assemelhavam a altares portáteis, pois os arraiais de exploração tomavam destino aleatoriamente, segundo se revelassem mais ou menos promissoras as primeiras pintas de ouro.

A fundação propriamente dita da vila pelo governador Antônio de Albuquerque, em 1711, foi um marco meramente simbólico. Na historiografia, entretanto, ganhou um sentido extrapolado provavelmente advindo da importância exagerada conferida por cronistas sempre dispostos a exaltar a presença da Metrópole. O poder de construir os arraiais estava efetivamente nas mãos dos que primeiro chegavam a consolidar seus haveres e a prosperar. A política de fundar vilas era um gesto simbólico da Coroa, que assim deixava expressa sua intenção de urbanizar a região do ouro para melhor vir a exercer um controle fiscal.

Não passava de mera formalidade, por meio da qual a Coroa convocava os moradores e a suas irmandades para que construíssem, *cada um conforme suas posses*, tanto as primeiras capelas como a casa da Câmara;[49] sequer precipitava um povoamento que as pintas não tivessem força para fixar de forma mais permanente.

No caso de Mariana, as terras do rocio, ou seja, a meia légua de terra em quadra em torno do Senado da Câmara, foi doação particular de Antônio Pereira. Os vereadores da Câmara, querendo agradar ao soberano, doaram essas terras para nelas ser construído o quartel da companhia de dragões. Passou, então, a faltar terras para o desenvolvimento da vila, problema somente resolvido em 1721, com concessão pela Coroa de uma sesmaria, garantindo as terras do rocio, o que finalmente permitiu o início de construções mais duradouras.[50]

A lenta transformação de arraiais provisórios em vilas demoraria muitos anos. Somente entre 1725 e 1730, surgiriam as primeiras construções mais sólidas de pedra e cal, assim como nas igrejas os primeiros altares de talha dourada, segundo Germain Bazin, ainda presos ao estilo maneirista pré-barroco. Ao ser oficialmente fundada em 1711, a vila real do Sabará estava longe de constituir um aglomerado urbano. Anos mais tarde, em 1725, um comerciante se queixava da inexistência de sobrados de pedra e taipa. Existiam apenas três em Sabará, pois ainda predominavam casas térreas de taipa sendo poucas as cobertas com telhas. Em Ouro Preto tinha uma olaria desde 1711. Os padrões de Sabará continuaram mais rústicos. Provavelmente porque a mineração era mais difícil.

Os bairros ficavam a léguas uns dos outros. O arraial velho de Raposos ficava cerca de 2 léguas de Sabará. E o de Congonhas, 2 léguas e meia. Junto a ele já surgiam os arraiais da ponte grande e pequena, cerca de meia légua da Vila Real. O da Igreja Grande, provavelmente próximo da capela inicial de Nossa Senhora da Conceição nada tinha a ver com relação ao local onde depois de meados do século foi construída a Matriz. A igreja nova junto à

capela de Nossa Senhora da Conceição teria sido iniciada em 1701 e terminada em 1711. Igreja grande ou nova eram referências ao mesmo local. Era separado do arraial da Barra por um morro, que posteriormente na década de 1730 veio a chamar-se o morro da Intendência, sobre o qual passava uma única trilha. O arraial da Barra estava começando a aparecer em 1712, quando Luís Gomes aí chegou. A diferença dos outros que corriam acompanhando as margens do rio da Barra era perpendicular a ele.[51]

A mineração no rio das Velhas, segundo Antonil, começara atraindo uma multidão de faiscadores, por causa de umas pintas enormes que foram localizadas entre dois pequenos afluentes, *os quais abrindo-se com alavancas eram todos de um piçarrão duro e claro, e por entre ele sem se ir lavar ao rio, foi tal a grandeza do ouro de que estavam cheios, que se estava vendo em pedaços e granitos nas mesmas bateias*.[52]

Os paulistas, informava Antonil, consideravam um ribeiro de bom rendimento, quando cada bateia rendia 2 oitavas de ouro.[53] Muitas vezes o ribeirão rendia 8 e mais oitavas.[54] Aconteceu que no ribeirão descoberto por Bento Rodrigues, em Vila Rica, as bateias chegaram a 30 oitavas. No rio das Velhas deram, num primeiro momento, 40 a 50 oitavas.

Achar ouro e localizar catas dependia do mais imprevisível golpe de sorte. *E nisto se viram e vêm a cada passo vários e diferentes sucessos, tirando uns mineiros de poucas braças muito ouro e outros de muitas pouco; ejá houve quem por pouco mais de mil oitavas vendeu data, da qual o comprador tirou sete arobas de ouro. Pelo que se tem por jogo de bem ou mal afortunado o tirar ou não tirar ouro das datas?*[55] Um indício seguro de ouro era o aparecimento na terra de blocos de minério de ferro muito duros chamados *tapanhuacanga*. Estes primeiros sinais desafiavam os maiores esforços físicos. Quebrá-los para chegar ao ouro era uma empresa difícil, que os aventureiros somente enfrentavam em função da grande expectativa que suscitava: *vale mesmo que cabeça de negro pelo teçume (sic) das pedras tão duro que só a*

poder de ferro se desmancha.[56] Tratava-se de início do trabalho braçal de separar o ouro dos cascalhos, o que se fazia dentro do rio com as bateias nas mãos. Exigia quase nenhuma técnica e dependia dos azares da sorte. Não era atividade capaz de fixar os homens em arraiais permanentes.

O trabalho dentro d'água não se limitava às bateias para separar o ouro fino dos cascalhos. A partir de 1707, os reinóis introduziram outros métodos de lavagem dentro d'água. Eram as canoas ou bolinetes, que se construíam dentro do leito do rio, uma após outra; construções de madeira que se afunilavam na direção da corrente das águas. Em cada canoa ou bolinete, ficava um escravo encarregado de mexer a água com almocrefes. Um dos meios de sobrevivência dos faiscadores era o costume de alugar o escravo e a canoa por certa jornada fixa. As canoas se sucediam cada qual com seu escravo ao longo de vários metros do curso da água.[57] Os *mundéus ou canoas para negros faiscarem se vendiam e passavam de mãos em mãos.*[58] Os almocrefes, pelos quais passava o lodo da correnteza, consistiam num pedaço de couro, pendurado na ponta da canoa, com os pelos voltados em sentido contrário ao da água.[59] Havia também o recurso de usar dentro do leito do rio uma espécie de pá, chamada bate-folhas, tendo na ponta um saco de couro com pelinhos ou bexigas, que retinham o ouro. Se as bateias rendiam 10 oitavas de ouro, os bate-folhas retinham cerca de 50 oitavas. Estes também serviam de um bom remédio para feridas pequenas ou esfoladuras: *Tomem aqueles pelinhas ou bexigas em que os bate-folhas batem o ouro e cortarão delas o que for necessário para cobrir a tal ferida ou esfoladura de pau ou pedra, a qual molharão com o cuspo para pegar nas pontas e a deixaram estar pegada até cair por si mesmo* (EM, v. 1, p. 405).

A respeito do emprego das canoas ou cangas, lembrava Luís Gomes Ferreira uma doença específica desse tipo de trabalho dos escravos dentro dos rios, a que se dava o nome de camba, ou vulgarmente de cangalha. *Esta doença é muito comum nestas Minas, e é só nos pretos de toda a Costa da Mina, excetuados todos os de Angola somente, e pela maior parte é só nos que são*

mineiros, que andam metidos dentro da água, ou com os pés nela, que os que se ocupam em roças nunca neles vi tal doença (EM, v. 2, p. 578-579).

Os falseadores andavam nômades por arraiais provisórios. As condições de consolidação de arraiais em aglomerados fixos que se transformavam em vilas dependiam da presença de mineradores com poder de comprar escravos e requerer datas. Recebiam por escravo duas braças e meia de terra, de modo que quem tivesse 15 escravos tinha uma data completa de 30 braças quadradas, que era equivalente ao tamanho da data, em geral reservada para a Coroa e para o superintendente.[60]

Os guardas-mores eram nesta época figuras importantes, pois tinham o poder de dividir as datas, favorecendo uns, desfavorecendo outros. Na falta de qualquer forma de justiça, os superintendentes eram os que deveriam fazer vistorias nas datas e acudir eventuais brigas entre faisqueiros ou vizinhos de datas, que se engalfinhavam pelos motivos mais espcrivães. Os escrivães da Ouvidoria de vistoria das datas às vezes tinham a vida ameaçada, e muitos deles chegaram a ser abatidos a tiros. Francisco Cruz, em sua correspondência, narra alguns acidentes ocorridos em Vila Rica e em Sabará. No ribeirão do Carmo, em 1713, houve um motim dos mineradores contra o superintendente que abusava de vistorias e insistia em demarcar datas onde os moradores consideravam áreas de uso comum, em morros realengos.[61]

Inimigos, porque não os queria, nem de palha (EM, v. 2, p. 518).

Entre 1711 e 1716, Luís Gomes Ferreira permaneceu em Sabará. A sua vida na região do rio das Velhas se alternaria entre as atividades de contrabando, de mineração e das roças de abastecimento. Os moradores da região permaneceriam ate fins da década de 1720, praticamente imunes aos decretos da Coroa, sempre voltados para as atividades de enriquecimento por meio do contrabando do ouro em pó, das mercadorias de abastecimento, que vinham por caminhos seguros de nunca pagar o imposto das

entradas. As tensões mais agudas procediam da concorrência dos potentados locais pelo monopólio de fornecimento de gado, eventualmente de fumo. As lutas entre facções locais às margens do rio das Velhas e depois em Sabará diziam respeito principalmente à concorrência dos potentados locais pelo abastecimento do comércio de gado e de tabaco que se fazia quase inteiramente clandestinos. Houve muita dificuldade de implementar os decretos de 1712 e 1714, que determinavam a abertura de registros para a cobrança dos impostos das *entradas*, tanto sobre as cabeças de gado, como sobre quaisquer das mercadorias que abasteciam as Minas. Os poucos que chegaram a fazer fortuna tinham enriquecido em atividades múltiplas, principalmente no atravessamento e na especulação com o monopólio de fornecimento de gêneros de primeira necessidade.[62] Aqueles mineradores que conseguiram naqueles anos acumular maior cabedal eram homens que se ocupavam intermitentemente da atividade de minerar e de fazer comércio.

A especulação dos atravessadores e a disputa entre comerciantes de abastecimento, de fornecimento de víveres, de gado e de carne suscitavam tensões e descontentamento, provocando inúmeros motins por parte dos moradores das Minas. Entre 1710 e 1711, arrematataram-se os primeiros contratos de cobrança dos impostos das entradas e dos dízimos. Em 1710, o contratador de dízimos do Rio de Janeiro foi preso, e na auditoria feita entre seus feitores, que ainda não tinham terminado a cobrança, os dízimos já rendiam mais de 120 mil cruzados.[63]

Sucederam-se motins também na região do rio das Velhas, onde Manuel Nunes Viana e seus apaniguados, dentre os quais o padre Francisco de Menezes, tentavam forçar o monopólio de fornecimento de gado de corte. O ouvidor de Sabará, Luís Botelho Queiroz, foi ameaçado de morte e acusado de proteger os interesses de Manuel Nunes Viana. Em mais de uma ocasião, Luís Gomes visitou-o em sua casa, em Sabará, a seu chamado, para socorrer escravos doentes (EM, v. 1, p. 267). Este mesmo ouvidor, homem violento, em 1714, enfrentou os quilombos de negros

fugidos nos locais de Curralinho e Palmital, próximos de Sabará, mandando assassinar cerca de 98 escravos. Nesse mesmo ano, Luís Gomes Ferreira tentou salvar um de seus escravos que chegara da lavra sufocado, cheio de pontadas no lado esquerdo e sem respiração. O escravo morreu e o cirurgião húngaro João da Rosa e Luís Gomes

Ferreira fizeram a autópsia. Descobriram que tinha os intestinos saturados de vermes e lombrigas. Luís Gomes Ferreira narrou minuciosamente neste seu livro *Erário Mineral*, os sintomas do escravo deste primeiro ouvidor de Sabará, omitindo qualquer comentário político ou juízo moral sobre a violência de suas ações.

Manuel Nunes Viana foi um personagem importante na consolidação do fornecimento de gado. Por isso era muito antipatizado em Sabará, registrandose em 1710 um motim dos moradores contra suas pretensões de monopolizar o fornecimento da carne. Luís Gomes Ferreira estaria entre os moradores revoltados contra a carestia provocada pelo monopólio dos potentados locais. Ainda morava em Sabará, em 1713, quando houve um segundo motim, desta vez contra o ouvidor nomeado pelo governador D. Braz da Silveira para fazer cumprir a nova diretriz de cobrar o quinto por bateia de escravo.[64]

Era freqüente o nome do ouvidor aparecer implicado em acusações de conivência com algum potentado local. Aconteceu com Luís Botelho de Queiroz, ouvidor em Sabará, acusado de favorecer os interesses de Manuel Nunes Viana, em 1713, em Sabará. Em 1715, Luis Botelho de Oliveira foi nomeado pelo governador D. Braz interventor junto aos potentados da vila de Pitangui. Tido como homem duro, ainda assim nada conseguiu contra Bartolomeu Bueno do Prado ou Jerônimo Pedroso de Barros.[65] Da mesma forma, o ouvidor Mosqueira da Rosa, conhecido como ambicioso, foi acusado de receber suborno de Manoel Nunes Viana.[66]

Embora reinol, Luís Gomes Ferreira nunca exaltou os primeiros governadores. Provavelmente, estava a igual distância dos

interesses opostos do emboaba Manuel Nunes Viana, de que não era um apaniguado direto, e dos interesses dos paulistas da facção de Borba Gato. A seu modo de ver, fazer fortuna, prosperar ou simplesmente sobreviver eram desafios que dispensavam o confronto com paulistas, assim como com autoridades reinóis com suas políticas de cobrança acirrada do quinto e de impostos sobre os gêneros de primeira necessidade.

Posicionava-se certamente contra os açambarcadores ou monopolizadores do fornecimento do gado. Em 1717 e 1718, novamente Manuel Nunes Viana e apaniguados poderosos se organizavam para resistir contra a tentativa do Conde de Assumar de efetivação de um registro na passagem do rio das Velhas para a cobrança dos impostos sobre o gado e outras mercadorias que por aí transitavam. Contavam com aliados poderosos, como o padre Antônio Curvelo de Ávila, vigário do arraial de Matias Cardoso, que tentava estender o alcance de seu poder eclesiástico a toda a região, inclusive o noroeste de Minas. Manuel Nunes Viana e seu primo Manoel Rodrigues Soares tentaram arrematar o imposto da passagem, para melhor controlar o fornecimento de gado da região, para tanto enfrentando pressões de ouvidores e de outras autoridades nomeadas pelo governador.[67]

Luís Gomes Ferreira atendia às necessidades dos vizinhos quando doentes e procurava manter-se a distância dos motins mais violentos, mantendo contatos pessoais igualmente com paulistas, emboabas e autoridades do Reino.

Não parecia compartilhar a inimizade e o estranhamento inicial que seus compatriotas manifestavam com relação aos moradores mais antigos da região ou destes para com os reinóis: *ouvindo-se qualquer tiro, lá morreu cachorro ou emboaba!*[68]

É curioso assinalar que havia entre os clientes assistidos e socorridos por Luís Gomes Ferreira gente das mais diversas proveniências, dentre os quais portugueses, baianos, pernambucanos e paulistas. Em 1709 e 1710 em Sabará, onde

morava, houve várias escaramuças contra paulistas. Frei Francisco de Menezes, cooptado por Manuel Nunes Viana, acirrava os moradores contra os paulistas, organizando contra eles duas companhias de moradores armados; uma partiu de Sabará para Mato Dentro e outra do rio das Velhas até Casa Branca. Esse padre foi um dos principais fornecedores de gado para as minas.

Em dezembro de 1708, dera-se o episódio do Capão da Traição, na Comarca do Rio das Mortes, onde foram massacrados os paulistas. Este massacre, por sua vez, desencadeou outros episódios de violências, tumultos e rivalidades entre os primeiros descobridores e os reinóis recém-chegados, como era o caso de Luís Gomes Ferreira. Nesses episódios esteve envolvido Bento do Amaral Coutinho. Nascido no Rio de Janeiro, era conhecido como homem violento e cruel; veio refugiar-se nas Minas por ter matado um homem, no Rio. Luís Gomes Ferreira não se refere a ele, mas a seu irmão Francisco do Amaral Coutinho, pois o visitou em 1719 no arraial do Furquim, cerca de 5 léguas de Mariana, no Ribeirão Abaixo, onde morava num engenho chamado do Barro, situado em local ermo e isolado (EM, v. 1, p. 293-294). Em Caeté, Borba Gato permaneceu algum tempo com cerca de 200 homens armados esperando um ataque iminente. Luís Gomes Ferreira provavelmente conhecia a fortaleza de Manuel Nunes Viana, construída com pau-a-pique e cavada com fossos fundos de terra em redor.[69] Nessa ocasião, um paulista chamado José Pompeu foi assassinado numa refrega em um arraial relativamente distante de Sabará, que passou a ser chamado arraial do Pompéu.[70]

Nenhuma referência preconceituosa contra os paulistas emerge de suas anotações. Não se encontra em suas notas comentários subservientes aos primeiros ouvidores ou em geral às autoridades do Reino. Por outro lado, conhecia bem a aura de poder de que se revestiam os pioneiros paulistas. O governador Antônio de Albuquerque, ao chegar às Minas, em 1710, dirigiu-se diretamente à região do rio das Velhas para entrevistar-se com Borba Gato e Manuel Nunes Viana.

Luís Gomes Ferreira, embora vivesse cercado de vizinhos violentos, em constante luta entre si, parecia mais preocupado em sobreviver no ambiente novo, ameaçado por males e doenças, próprios de um clima novo, para ele desconhecido. A sua expressão *inimigos de palha* provavelmente era referência ao costume dos mineradores de queimar em efígie o boneco do inimigo. Este era um dentre outros costumes de resistência às autoridades, como o eram as mascaradas, as assuadas, os eventuais incêndios à casa e aos livros de um ouvidor, os boatos ou pasquins, que corriam contra certas autoridades, em momentos de acertar impostos ou de cobrança do quinto sobre o ouro.[71]

Os paulistas eram homens rudes. Acostumados à turbulência, irrompiam pelos arraiais, provocando assuadas: *Entrando por ela com gente armigerada, e o senhor á frente, de pé descalço, em ceroulas arregaçadas, catana talingada, patrona cingida, pistolas no cinto, faca no peito, clavina sobraçada e na cabeça, ou carapuça de rebuço ou chapéu de aba caída*.[72] Andavam, em geral, escoltados por índios e escravos. Esporadicamente ganhavam fortunas com o ouro de aluvião, que brotava fortuito de achados repentinos.[73] Alguns chegavam a viajar com escoltas numerosas de carijós domesticados e escravos negros, ostentando suas armas. *Cá tivemos novos sobressaltos a respeito de um levantamento que ia havendo a que o mesmo sr. nos acudiu pois vindo eles já na vila (Sabará) lhes amanheceu sobre uma ponte que fica no Arraal do Piolho, não se sabe de que procedia o tal, só o que direi passavam de 180, de cavalo, fora os de pé.*[74] Em um documento de 1709, houve quem sugerisse um limite máximo de dois pajens para os mineradores, que se apresentassem em público alardeando poder.

Com o tempo foram se extinguindo os índios domesticados, substituídos gradativamente por escravos africanos. Os preços destes foram encarecendo cada vez mais. Um escravo robusto e moço custava, em média, cerca de 300 oitavas de ouro nas Gerais, na década de 1720, ou seja, o dobro do que custava no recôncavo baiano. Luís Gomes Ferreira estimava o preço em 400 oitavas, cifra correspondente ao que ainda custava por volta de 1735. Uma

cozinheira poderia valer até 600 oitavas, visto que eram raras as mulheres importadas pelo traficantes[75]. Comprar no Rio de Janeiro saía muito mais barato, mas acabava não compensando, porque nem sempre eram escravos preparados para o trabalho nas minas, e as dificuldades do comboio elevavam demais os riscos de perdê-los pelo caminho.

O costume de ter escravos trombeteiros generalizou-se entre os potentados locais. Foi o caso de Paschoal da Silva Guimarães, famoso por ter dado o nome a um morro de Ouro Preto. Nesse morro foi proprietário de muitas minas e chegou a ter cerca de 48 escravos, quantidade excepcional para a região, onde a média de proprietários raramente tinha mais de 10 escravos.[76] Em Sabará, nos registros do imposto da capitação, em 1733, a média seria de quase 7 escravos por proprietário, havendo 6 mil escravos para 900 proprietários.[77] As proporções, entretanto, variavam muito conforme a densidade de escravos em cada arraial ou morro. Guimarães enriqueceu-se com a exploração do ouro e com o comércio de abastecimento entre Salvador e a região das Gerais. Foi um dos líderes da revolta de 1720 contra o estabelecimento das Casas de Fundição, momento, em que interveio com seus escravos, trombetas, clarins, muitos cavalos e um verdadeiro exército particular de apaniguados.

Inúmeros outros mineradores enriquecidos andavam com sua escolta particular de negros trombeteiros. Iam muito bem-vestidos em trajes coloridos, à frente de seus senhores, tocando trombeta e clarins para anunciar-lhes a passagem. Tornou-se hábito arraigado nas Minas, a ponto de ser freqüentemente discutido no decorrer da década de 1720. Com o tempo, deixou de ser apanágio dos paulistas. Qualquer potentado local enriquecido com a exploração do ouro teria seus clarins, assim como suas bandas e seus negros músicos, sintoma significativo da sociabilidade dos primeiros tempos, já francamente moldada pelos valores hierárquicos e por um acentuado autoritarismo. No final da década de 1720, era considerado um luxo acintoso desperdiçar um escravo saudável em ofícios que não fossem estritamente de bateia ou de roças.

Em 1719, Pedro de Almeida, Conde de Assumar, tinha a impressão de que ter escravos trombeteiros já se tornava hábito em extinção entre os potentados mineiros: *Uma única vez depois que aqui assisto, ouvi tocar trombetas e me fez e aos circunstantes novidade, nem os mineiros e mais habitantes estão tão sobrados, que tenham o luxo que lá se considera*.[78]

Mas reapareciam por ocasião de motins contra as autoridades, como os ocorridos em Mariana e Sabará, em 1713, repetindo-se em Sabará, em Caeté e Morro Velho em 1715; em Pitangui, em 1717, em Papagaio, na barra do rio das Velhas em 1717 e 1718 e em Vila Rica, em 1720.

O predominio do poder dos potentados locais é que daria a tônica da vida social, na época de Luís Gomes, pois a Coroa dependia deles para qualquer iniciativa, desde a abertura de caminhos, construção de capelas, dos prédios públicos, até a própria cobrança dos contratos dos principais impostos. Governadores eram obrigados a negociar com eles o modo de cobrar o quinto do ouro. As principais autoridades administrativas, como ouvidores, superintendentes, tratavam com eles as medidas a tomar a respeito de qualquer decreto da Coroa, de modo que acabavam tendo seus interesses irremediavelmente enredados aos seus. As serventias de cargos como o de escrivão, o de meirinho e outros também acabavam passando por eles. Até por volta de 1740 (quem sabe durante todo o apogeu da produção de ouro e diamantes), os potentados constituíram, sem dúvida, o principal esteio da vida social das Minas. Mesmo após essa data, mantiveram um poder significativo em face das autoridades oficiais, com as quais gradativamente entrariam em entendimentos mais assíduos. Em 1735, a cobrança da capitação teria sido aceita pelos potentados, porque, afinal, era um modo de os mineradores dividirem com os mais pobres o ônus fiscal, que até então recaía mais sobre mineradores do que sobre roceiros ou boiadeiros.

Os poderosos ditavam os termos de seu convívio com a administração da Coroa, negociavam, faziam compromissos, pois

desde sempre o poder necessitava de aparatos simbólicos, como honrarias, títulos e cargos.

Aspecto significativo da consolidação da sociedade do ouro foi a crescente necessidade dos poderosos de legitimarem seu *status* social recém-adquirido, o que foi consolidando as dependências mútuas entre eles e as a autoridades locais. Explorar esse eixo de interação entre os potentados e as hierarquias da administração tem enriquecido o entendimento das relações de poder nas localidades mineradoras.[79] Esse viés da questão evita as distorções de uma perspectiva estritamente construída sob o foco da polaridade colônia/ metrópole, que tende a sobrecarregar uma dimensão de falsa exterioridade. Ao ressaltar a resistência dos potentados locais na primeira fase de formação da sociedade das Minas, os historiadores muitas vezes deixam de trabalhar a urdidura de dominação que entrelaçava as relações sociais estabelecidas entre autoridades e potentados, como numa simbiose de atividades inextricáveis umas das outras. O poder era concentrado, fortalecido, ainda mais, pelas distâncias e por esta simbiose entre potentados e autoridades, agindo como uma só força dominadora, processo este que, unindo potentados e autoridades, explicaria o vulto tomado pelo contrabando.

A consolidação das fortunas dos potentados levou-os, gradativamente, a se aproximarem das autoridades da Coroa, provavelmente pela necessidade de melhor negociar condições mais favoráveis de pagamento dos impostos, quando se tornava inviável sonegá-los. Os poderosos queriam consolidar seu status, obter favores e honrarias da corte, arrematar contratos, obter o *status* de familiares do Santo Ofício.[80]

No tempo de Luís Gomes Ferreira, esse consenso hegemônico do poder era ainda incipiente. Seu livro nos dá pistas para a composição das redes de solidariedade que promoviam interesses e agasalhavam os mineradores nos momentos em que as tensões aumentavam. Os seus conhecidos abrangiam todos os matizes e todas as diversas origens dos grupos povoadores. Todos pareciam

em luta entre si, enquanto redes de sociabilidade de vizinhança entravam em cena para atenuar a violência. Havia disputa por interesses comerciais, de abastecimento, enquanto corriam propinas e favores pessoais entre potentados paulistas, comerciantes reinóis, ouvidores, meirinhos do ouvidor-geral, tesoureiros dos defuntos e ausentes e escrivãos de vistoria dos ouvidores encarregados de audição nas datas.

A rede de solidariedade tecida em torno dos potentados absorvia os núcleos menores de auxílio mútuo, como o das irmandades. A urdidura de interesses era composta pelo inter-relacionamento de potentados com escrivãos, meirinhos, chegando aos guardas-mores e, mesmo, ou sobretudo, aos ouvidores. As referências diversas no texto de Luís Gomes Ferreira às personalidades das Gerais eram bastante lacônicas, no que dizia respeito a qualquer gênero de comentário, pois bem sabia evitar desentendimentos com poderosos locais. *Inimigos, porque não os queria, nem de palha*, escrevia o cirurgião barbeiro (EM, v. 2, p. 518) que parecia entender os limites das tensões locais e comprazer-se nas suas possibilidades múltiplas de acomodação.

Em seu livro *Erário Mineral*, arrolou os nomes de clientes ou pessoas que socorreu com seus conhecimentos teurapêuticos. Entre esses clientes figuravam paulistas moradores na região, como Braz Martins, Francisco do Rego Barros, Manoel da Silva Gamacho, capitão Manoel Dias Leite. Nenhuma referência aparece em seu texto aos potentados mais notórios como Manoel Borba Gato ou Domingos Jorge Velho. A eles os reinóis, em geral, se referiam como fascínoras e feras insolentes, com o agravante, no caso dos dois últimos, de causarem certo impacto por falarem acintosamente a língua dos índios *na presença* das autoridades portuguesas.[81]

Orgulhava-se da fama de bom cirurgião, que foi obtendo nos arraiais vizinhos, pois confirmavam o prestígio de bom profissional. Socorria igualmente ouvidores, capitães-mores, mamposteiros, meirinhos, ouvidores. Não registrava informações nem tecia comentários sobre as lutas políticas da região. Descrevia de preferência as doenças, os

percalços da vida dos mais pobres e seus escravos. Grupos sociais que tiveram sua época nesta fase inicial do povoamento para desaparecerem depois de 1740, quando brancos pobres começaram gradativamente a ceder lugar para seus filhos, mulatos forros, grupo social que veio a predominar, após a terceira geração dos povoadores, numericamente na sociedade mais urbanizada da segunda metade do século XVIII nas Gerais.

> *…hoje eram mineiros e lavravam nesta paragem, amanhã em outra e no outro dia iam para a roça, e no outro dia para o povoado; hoje tinham um negro, amanhã compravam vinte, no outro dia vendiam dez e no outro lhes adoeciam três, e no outro dia lhes fugiam quatro…*[82]

Faiscar era ofício desgastante. Luís Gomes Ferreira referia-se com freqüência aos males sofridos por homens pobres exercendo função de escravos. Uma minoria de homens livres pobres se arriscava por conta própria, dividindo o tempo entre o trabalho dentro dos rios e a labuta em suas pequenas roças, essenciais para garantir-lhes a sobrevivência. Rios muito frios provocavam doenças em escravos comprados por quantias onerosas; à exceção de faiscadores mais pobres, cada minerador dependia do jornal ou trabalho diário de seus negros, de modo que qualquer doença representava significativo prejuízo.

No *Erário Mineral*, Luís Gomes Ferreira documentou a freqüente perda de escravos nos serviços de mineração. A mortalidade era elevada em função dos riscos a que ficavam expostos. Os escravos ficavam muitas horas com os pés e os joelhos dentro da água dos ribeiros. Tanto o ribeirão do Carmo como o rio Sabará eram extremamente frios. Segundo uma fonte da época, *tão forte e insuportável era o frio das águas do ribeirão que era preciso entrar nele pela dez horas da manhã e sair dele pelas três da tarde*.[83]

Muitos senhores não tomavam esses cuidados. Sobrevinham os sintomas inquietantes, como pontadas, crises reumáticas, febres

com catarros. Muitos escravos, embora fortes e robustos, acabavam morrendo (EM, v. 1, p. 241-242).

Outra doença também comum eram as chagas e a ameaça eventual de gangrena dos que traziam as pernas sempre escalavradas e machucadas. *Sendo as chagas nas pernas dos pretos, que nestas Minas costumam pela maior parte andarem com elas escaneladas ou escalavradas pelos serviços em que atualmente andam (EM*, v. 1, p. 616). As receitas dependiam do feitio das chagas, das cascas, dos lábios calosos que formavam ao redor e exigiam cuidados minuciosos, muita limpeza e repetidos curativos (EM, v. 2, p. 616-619). Ao recomendar atenção e diligência dos senhores no trato de seus escravos, advertia-os para que providenciassem remédios e tratamentos adequados, argumentando em prol da economia que fariam de somas consideráveis de seus recursos (EM, v. 1, p. 258, 459; v. 2, p. 590).

Os gastos com a manutenção dos escravos eram minuciosamente calculados, tendo em vista o capital inicialmente investido: *Fazendo a conta ao que os escravos custam a comprar e sustentar, está perdido o que não tiver mais de quatro vinténs de jornal pelos seus negros, que são 3/4 de oitavas por soma…*[84] A estimativa de longevidade de um escravo nas minas variava segundo a observação de fontes contemporâneas. Alguns esperavam que um escravo minerador durasse 7 anos, outros, mais otimistas, previam uma sobrevida de 12 anos.[85]

As horas que os escravos ficavam dentro da água rendiam por dia, no mínimo, cerca de 3 a 4 oitavas de ouro, que eram em média o seu jornal. *E nestas poucas horas que gastavam neste exercício, mergulhando, tirando cascalho e lavando, faziam os escravos para os seus senhores três e quatro oitavas de ouro de jornal, fora o que para si reservavam para comer e beber, de que muito careciam, alem da ração de seus senhores*.[86]

Um observador contemporâneo estudava a relação entre as oitavas de ouro obtidas pelo escravo e o número de oitavas que custava a

sua alimentação. Na sua opinião, o mineiro que recebesse apenas oitava e meia de ouro por semana de jornal de seu escravo estaria arruinado.[87] Calculava que, em média, um escravo na bateia rendia para seu senhor cerca de 80 oitavas de ouro por ano. Os jornais de escravos artesãos, ocupados em ofícios como carpinteiro, ferreiro, caldeireiro, orçavam em torno de 57,2 oitavas de ouro por mês: *Tal é a carestia desta terra e tais são os jornais, que um oficial de carpinteiro ou de outro qualquer oficio ganha, por dia, duas oitavas de ouro e, ainda em cima, se rogam*.[88]

Luís Gomes Ferreira lamentava, em particular, a perda de escravos caros por donos pobres. Um minerador pobre trabalhava *dois e três anos para lucrar um* (escravo) e o perdia em poucos dias, ou em 24 horas, alguns em menos tempo (EM, v. 1, p. 241). Havendo inchaço dos tornozelos ou de qualquer ponto dos pés ou das pernas, recomendava um tratamento que exigia, às vezes, 20 e até 40 dias de tratamento e muita paciência. O tempo parecia render, pois era medido por Luís Gomes Ferreira por intermédio da duração de uma ave-maria, de um pai-nosso, de um credo. Na época era comum a expressão *tempo de uma frota*, referindo-se aos quase dois meses que levavam os navios em sua trajetória até Lisboa.

Os tratamentos exigiam tempo e trabalho. Consistiam em fazer uma mistura de ervas e de esquentá-las, num tacho de cobre, sobre uma fogueira junto do enfermo. Em seguida, sucediam-se compressas com pano molhado com aguardente do reino, que deveria durar ao menos uma ave-maria. Depois, acrescentava-se um certo emplastro de ervas frescas. Pressupunha a presença constante de gente disponível perto do doente para cobri-lo com baeta nova e limpa, mantê-lo quente, evitando resfriamentos (EM, v. 2, p. 242-243).

Os riscos de saúde dos escravos foram aumentando com a gradativa complexidade tomada pelo trabalho de mineração nos leitos dos rios e nas grupiaras ou encostas dos morros.

Para aumentar o rendimento das lavras, era muitas vezes preciso desviar o leito do rio com uma série de estacas de madeira,

folhagens e, eventualmente paredes de pedra construídas dentro dos rios. Era trabalho demorado e, sobretudo, cheio de riscos para os que os empreendiam. Exigia capital, pois requeria muita mão-de-obra escrava, bastante investimento de tempo e de despesas de manutenção desta. Se esses diques se rompessem após várias horas de trabalho, perdia-se muito trabalho. Era o que se chamava de *serviço falhado: Se quando se lhe arrombou tinha já a força de trabalho desentulhado quinze ou vinte palmos de tejuco ou lodo, faltando-lhe só dois para chegar ao cascalho, de que havia de tirar o ouro […] Também se pode chamar falhado este serviço se, feito o cerco e desentulho, é tão pouco o ouro que [se] acha no cascalho, que não basta para pagar o milho que comeram os negros enquanto, trabalharam…*[89]

Para o cirurgião barbeiro os escravos mina eram de longe os mais resistentes. Não expressava mera opinião pessoal, pois houve nos primeiros tempos uma tendência generalizada do tráfico de especializar-se no abastecimento de escravos da Costa da Mina, em geral muçulmanos. O tráfico importou para as Minas até 1730 sobretudo escravos da Costa da Mina, pois os mineradores preferiam escravos já acostumados às técnicas de ouro de aluvião. Esses escravos minas entraram em número maior nas duas primeiras décadas do século XVIII.

De 1711 a 1720, cerca de 60,2% dos escravos importados eram minas. Diminuíram para 54,1% entre 1721 a 1730 e posteriormente para 34,2%, quando os bantus de Angola passaram a vir em maior quantidade para a lavoura de abastecimento.[90] Em 1719, no morro de Paschoal da Silva registravam-se cerca de 598 escravos minas para 248 angolanos.[91]

Custavam caro, sobretudo por causa da especulação com as quotas restritivas da ida de escravos para as Minas decretadas pela Coroa e do excesso de impostos de que eram alvos no decorrer dos registros ao longo do caminho. Entre 350 e 450 oitavas seria o preço de um homem mina adulto saudável e pronto para o serviço.

A preferência por escravos minas explica-se, portanto, pelo fato de já conhecerem as técnicas de exploração do ouro de aluvião. Os iorubas, por exemplo, tinham conhecimentos a respeito das ligas dos metais e dominavam os segredos de amalgamar os diferentes quilates de ouro, por isso também dominavam o ofício de falsificar as barras de ouro.

Havia grande diversidade cultural entre os escravos minas. Provinham das Costas do Ouro, Marfim e dos Escravos. Falavam os mais diferentes dialetos. Os da Costa do Ouro eram comprados em Elmina, dos holandeses, com 10% de ágio que os traficantes portugueses pagavam aos holandeses. Outros vinham em maior quantidade dos portos de Fopo, Joaquim, Apa e da fortaleza de Ajuda, no golfo de Benim.[92] Nessas regiões os achantis guerreavam e escravizavam as tribos do interior num processo de conquista e de controle de um número cada vez maior de áreas de fundição de ferro, de bronze e de ouro. Essa expansão atingiu o que hoje constitui Ghana e parte da Costa do Marfim. Já os iorubas eram um grupo lingüístico perseguido àquela época pela expansão do império dos Oyo.[93]

> *As passagens e as galerias formavam braços ou contraminas e estas às vezes se cruzavam causando brigas e demandas entre os mineiros.*[94]

Luís Gomes Ferreira, desde sua vinda para Sabará, instalara-se com escravos para uma mineração mais custosa. Em Ribeirão do Carmo a mineração era mais difícil, por isso as lavras já eram permanentes, enquanto em 1715, em Sabará, permaneciam volantes. As lavras volantes precediam as permanentes. O ouro de aluvião atraía faiscadores e um tipo de exploração mais superficial e nômade. Diante da menor dificuldade, deslocavam-se os faiscadores e os mineradores com seus escravos em busca de outros locais de exploração mais fácil, apesar de efêmera. O trabalho se tornava mais elaborado quando a lavra era permanente e nela trabalhavam os escravos com um feitor. Mariana e Sabará, por volta de 1735, concentravam uma população maior de escravos

do que Vila Rica.[95] Muitos escravos eram encarregados de trazer o cascalho das encostas dos morros em pequenas caixas de madeira, chamadas tarumbês, para serem lavados no leito dos rios. Era o que acontecia quando o ouro se estendia em veios pelas ribanceiras e encostas dos morros.[96] Havia minas de sarrilho, ou minas horizontais, assim como minas subterrâneas, onde chegavam cavando galerias dentro da terra: a cada cem palmos de comprimento, acendiam candeias para se poder ver o trabalho.[97]

Por vezes, as escavações, quando acontecia de estarem próximas a casas, fontes, caminhos públicos, ocasionavam súbitos desbarrancamentos com grande prejuízo para os mineradores.[98] Os trabalhos também se complicaram quando os mineiros passaram a desviar o cursos das águas para usar a própria força hidráulica, *conduzindo-as por olivel a outros para, artificiosamente, ajudados de alavancas e instrumentos de cavadeiras de ferro, ajudar as águas a desfazerem a terra*.[99]

Canalizando custosas águas, *desfazendo penhascos, cortando montes, fazendo passagem de jiraus altíssimos de madeira de lei para passar por bicas, e outros por alcatruzes ou bicas fechadas, descendo e subindo com elas até pô-las nos lugares que dessem ouro.*[100]

Em 1725, Manuel Pontes aperfeiçoou o uso da roda hidráulica. Essa invenção representou um marco no sentido de tornar mais eficiente a exploração e, sobretudo, mais cara. A partir de então, acentuou-se a diferença entre mineradores pobres e mineradores de roda, que ostentavam *status* diferenciado.[101]

Luís Gomes Ferreira descreveu inúmeros acidentes de trabalho causados por desabamentos nas minas em que se faziam paredes ou diques para desviar as águas do rio. Em 1714, em Sabará, *trazendo os meus escravos cortando a ponta de um morro, ou espigão de terra, para meter por aquela brecha um rio caudaloso e dele extrair ouro em uma volta que havia de ficar em seco, andando quatro em uma cortadura da dita ponta, mui apertada e funda, que*

fazia para meter um golpe do dito rio, sucedeu um desabamento *(EM*, v. 2, p. 603). Quando um acidente ocorreu nas lavras de Custódio da Silva, os escravos ficaram 2 metros abaixo da terra, soterrados entre pedras. Felizmente havia orifícios através dos quais alguns puderam respirar: *Confesso que quando cheguei ao terreiro da casa, fiquei impossibilitado de ânimo para fazer as tais curas, vendo os moños e os vivos, todos estendidos no dito terreiro, da cor da mesma tena, uns com gemidos tão sentidos que moveriam à compaixão o mais duro coração que houvesse, outros sem dizerem nada por estarem na outra vida; ese a vizinhança não acudisse com os seus escravos a cavar a tena para tirar os miseráveis, poucos se tirariam vivos (EM*, v. 1, p. 479-480).

Outro evento descrito no *Erário Mineral* aconteceu com um preto de Manuel Álvares, numa mina subterrânea, no arraial do padre Faria, o *qual, andando em uma mina ou estrada subterrânea junto com outros tirando ouro, lhe caiu em cima um grande pedaço do teto da mesma mina, que a terra e pedras o cobriram quase de todo, e, acodindo lhe logo os companheiros, o livraram da morte e o trouxeram em uma rede para casa de seu senhor (EM*, v. 1, p. 461).

Havia raríssimas mulheres nos acampamentos de mineração nas primeiras décadas de exploração, antes de 1720. Os mais poderosos se orgulhavam de uma ou outra negra mina ou doceira que ostentavam, comprada a preço muito elevado. Os traficantes traziam poucas mulheres, não chegando a 15% dos comboios, pois não eram usadas como mão-de-obra nas lavras. Esse desequilíbrio da razão demográfica entre homens e mulheres também ocorria entre os colonos portugueses. Tratava-se de um fenômeno que veio marcar profundamente a sedimentação da sociedade mineradora, carregando de valores culturais machistas a formação das famílias e difundindo nos costumes a violência física e preconceitos discriminadores contra as mulheres.

Aconselhava por exemplo o cirurgião-barbeiro que *fuja de andar em jejum e de mulher, porque lhe fará gravíssimos danos (EM*, v. 1, p. 304).

Os traficantes, mesmo para as regiões de açúcar do litoral, costumavam importar dois homens para uma mulher. O desequilíbrio da relação entre os sexos foi um fenômeno marcante na época de Luís Gomes Ferreira e perdurou por mais de cinqüenta anos. O recenseamento de 1776 ainda indicava uma proporção de cerca de 1.300 homens para 1.000 mulheres, que era considerada padrão nas regiões do litoral.[102]

Entretanto, entre escravos, mesmo em 1776, a desproporção se mantinha, pois registrava-se 70% de homens. Os mineradores de menor poder aquisitivo importavam apenas escravos homens. A maioria absoluta dos escravos era composta por homens. O morro de Pascoal Guimarães, em Vila Rica, exibia uma densa concentração de escravos com 91% de homens.

Luís Gomes Ferreira comenta em seu livro o quanto os escravos procuravam cachaça e desmanchos. Um fator sugestivo da escassez de mulheres era o número de escravos ou homens livres que o cirurgião atendia por esfalfamento. Eram pessoas já enfraquecidas por trabalhos excessivamente cansativos, que, após terem relações sexuais, entravam em estado de colapso. Passavam do limite de suas forças, tendo crises agudas que os punham à beira da morte, porque não podiam mais comer, sofrendo de desidratação. Para casos como este, o cirurgião barbeiro receitava um caldo forte ou geléia, que consistia em longo processo de cozimento e sucessivas retiradas do licor da gordura. Esse restaurativo de forças devia ser dado em uma colher a cada duas horas (EM, v. 1, p. 411). Os cuidados com o corpo ocupavam muito mais tempo do que podemos hoje imaginar. Os tratamentos recomendados nessa época exigiam tempo, disponibilidade de gente e atitude cultural muito diferente para atender os enfermos.

Havia nas Minas notória escassez de mulheres escravas. Os mais ricos tinham, por uma questão de luxo, escravas minas cozinheiras, ou domésticas. Outros alugavam suas escravas para terceiros, colocando-as a jornal, em atividades de pequeno comércio, que foram rapidamente se disseminando pelos arraiais.

Chamavam, desse modo, a atenção dos vizinhos, que os denunciavam aos vigários durante as devassas do Bispado. Em 1733, em Itapera, Manuel de Lima foi denunciado por passar a noite na venda de uma escrava chamada Rosa.[103] Roque da Costa abrira uma venda para Francisca de tal, com a qual vivia amancebado. João do Prado, homem solteiro, vivia das rendas de sua taberna e *em sua ausência a negra forra Agostinha, com a qual vivia amancebado, administrava sozinha a sua taberna.*[104]

A prestação de pequenos serviços por parte das mulheres escravas contribuiu para generalizar o costume de sucessivas uniões consensuais ou de amancebamentos. Ter uma concubina escrava mina era considerado um sinal de prestigio e um indício seguro de sorte para o minerador.[105] No Sumidouro, arraial próximo a Mariana, João Mendes *está vivendo de portas adentro com a negra-mina da qual já tem vários filhos grandes tratos por seus e é público andarem já há anos amigados*.[106] Em 1726, Antônio Ferreira teve um filho com sua escrava, *que trata como seu* e que logo forrou, como o faziam muitos proprietários.[107] Muitos compravam as escravas pelas quais se apaixonavam, pagando ouro para alforriá-las de seus donos. Não era incomum casos de maus-tratos e de violência praticados pelos senhores para com suas negras minas concubinas. Leonardo Domingos Álvares de Azevedo, em 1722, *andava concubinado com uma sua escrava e, com ciúmes de Antonio F., a matara com açoites e enterrara detrás de sua casa, e sabe testemunha por ouvir dizer a Francisco Cardozo e a várias pessoas que estava morta e a tivera em castigos a dita negra mais de seis meses*.[108]

Dez anos depois do estabelecimento inicial de Luís Gomes Ferreira, o pequeno comércio ambulante tinha aumentado a ponto de surgirem decretos proibindo as negras de tabuleiro de se aproximarem a um mínimo de 200 passos das catas e dos serviços de desvio de água. Em 1720, já existiam no arraial da então chamada igreja matriz de Sabará cerca de 28 vendas de pequeno comércio e oito lojas com depósitos de mercadorias mais caras.[109]

As negras vendiam comida, aguardente e garapa para os próprios escravos, que costumavam esconder dos senhores algum ouro em pó para formar pecúlio próprio. Também vendiam tecidos ou instrumentos de trabalho. Eram freqüentes as acusações de meretrício contra negras vendedoras. Maria Franca confessava a um vizinho que trouxera duas escravas da vila de São José para fartar os moradores de Rio Abaixo; eram bem pagas, em ouro em pó. Em Catas Altas, em 1723, Manuel de Oliveira saía de casa para que suas escravas pudessem receber negros e homens *com o interesse de que suas escravas ganhem muito ouro por esse pecado para lhe darem.*[110]

A presença das escravas vendedoras fomentava a prática de um comércio clandestino, que por sua vez propiciava fuga de escravos e alimentava os muitos quilombos que foram se formando nos arredores de Sabará, à medida que crescia rapidamente a população escrava. De arraial em arraial, as mulheres percorriam a região, trazendo mercadorias, veiculando boatos, levando notícias.

Luís Gomes Ferreira, em inúmeras ocasiões, tratou de doenças venéreas para as quais improvisava remédios novos. Associava às mulheres doenças e males de todo o tipo. Aconselhava mil cuidados para com as ditas mulheres "depravadas". Prescrevia aos convalescentes abstenção de relações sexuais por dois meses. Era preciso evitar jejum, frutos da terra e mulheres de vida airada: *Fuja de andar em jejum e de mulher, porque lhe fará gravíssimos danos (EM*, v. 1, p. 304).

As superstições misóginas procediam do Minho, onde eram atávicas e se reproduziram com forças renovadas no ambiente das Minas, onde havia muito poucas mulheres (EM, v. 1, p. 197, 211, 213, 339, 474), de modo que valores culturais machistas deixaram nessas regiões marcas profundas nas relações de gênero. O sangue menstrual fazia mal e muitas vezes causava inchações no membro masculino, semelhantes a doenças venéreas. A camisa de uma mulher menstruada poderia acarretar piora ou mesmo morte para

homens com tumores, feridas ou enfraquecidos por outras doenças, como seria o caso dos tísicos.

> *Todas as plantas por onde a mulher passar, ou lhe pegar com a sua mão se secarão de tal modo que nunca mais tornarão a nascer; os cães que comerem o sangue menstrual se farão danados […]. As criaturas humanas, se por malícia ou erro, comerem sangue mensal, ficarão loucos e sem juízo, como eu vi um homem como uma torre e bem disposto que ficou sem juízo, e, como era rico, deram-lhe tutor, e assim veio a morrer (EM*, v. 2, p. 688).

Logo ao desembarcar em Salvador, tivera relações com uma escrava lavadeira e contraíra a gonorréia. Essa doença também era generalizada nas Minas, tendo o cirurgião de diagnosticá-la com freqüência.

Atendia a um número infindável de mineradores e de escravos com crises mais ou menos agudas de chagas e boubas, com febre e um sem-número de manifestações secundárias advindas do estado de fraqueza e das dores que sentiam. Logo ficou conhecido na região por lançar mão de remédios alternativos.

Anos depois, em 1714, em Sabará, quando estava fazendo um serviço de mineração pesado que dependia de mudar de curso um afluente caudaloso do Ribeirão do Carmo, voltou a ter uma seqüela com complicações. Demorou mais de dois meses para sarar dos sintomas que começaram com uma ferida na garganta, porque tinha de passar os dias trabalhando dentro da água e acabaram numa grave crise de erisipela (EM, v. 1, p. 332).

Havia a tendência de os doentes esperarem demais antes de procurar o médico. Alguns chegavam em estado já avançado e, sobretudo, muito enfraquecidos por remédios prescritos por médicos charlatães ou curandeiras. A seu ver, as pílulas de azougue ou de mercúrio eram incompatíveis com o clima demasiado frio das Minas. Deixavam o doente enfraquecido, sobrevindo febres, resfriados, pneumonias fatais (EM, v. 2, p. 539). Rafael Pires, morador nas

minas do Itacolomi, veio procurá-lo em estado muito avançado: *Tinha uma mula aberta com tão larga boca e funda, que pouco faltava para passar ao vão das tripas, e o que mais era estar com principio de gangrena* (EM, v. 2, p. 539).

Certa vez, atendeu um seu vizinho, Luís de Sousa, que morava em sua roça, junto a vila Real de Sabará: *o qual tendo uma chaga da banda de baixo da fava do membro viril, em cima da via da urina,[…] lhe achei muito sórdida e cheia de matéria branca, muito pegajosa, bastantemente grande, e o membro também inchado (EM*, v. 2, p. 596). Em outra ocasião, socorreu uma rapariga de seu irmão, que estava coberta de chagas: *Saíram a uma crioula, ainda rapariga, de meu irmão Alexandre Gomes de Sousa, que ficou bem cheia delas, assim pelas partes baixas, como pela cara e de baixo dos braços (EM*, v. 2, p. 537-538). Curava-os com banhos de aguardente aquecida e misturada com urina e água, que se seguiam uma série de purgas (de jalapa, de resina de batata) e de xaropes de raízes como a *capeba, a butua, salsafraz, almeirão, almendroa (EM*, v. 2, p. 545-546), leite de termentina para boubas velhas *(EM*, v. 2, p.558).

Apesar dos seus preconceitos misóginos, socorreu mulheres, indicando tratamentos que sempre dependiam de muitas horas de cuidado e muito tempo disponível para banhos, salmouras, compressas. A escrava de um alferes, que morava no arraial do capitão João de Souza Neto, estava muito magra, enfraquecida, com febre alta e obstruções no umbigo, mesentério e baço *(EM*, v. 1, p. 308-309). Outra vez, atendeu uma vizinha que morava junto ao arrayal da Igreja Velha de Sabará, *uma preta de um sapateiro por nome Hilário Simões […], a qual, estando como quem tinha o juízo perdido, com dores insuportáveis por lhe não vir a conjunção, lhe dei um frasco do medicamento desobstruente e uma purga de rum, com o que lhe veio o sangue e ficou sã (EM*, v. 1, p. 309).

Socorria partos, abortos e acidentes uterinos, como o ocorrido com uma escrava do ouvidor *(EM*, v. 1, p. 440). Estava no sétimo mês de gravidez, respirava com muita dificuldade e já não podia falar. Deu-

lhe uma mistura de arruda com assafetida, e *dentro de uma ave-maria, falou e ficou em seu acordo (EM*, v. 1, p. 338). As escravas abortavam muito. A escrava Anita teve várias barrigas que morreram.

Outro aspecto significativo do meio social de desequilíbrio entre o número de homens e mulheres eram os crimes passionais ou os suicídios. Os cadáveres de mulheres, ao contrário dos homens afogados, boiavam de bruços na água. Acostumado ao ambiente tempestuoso de relações interpessoais nas Minas, dava minuciosas instruções para o socorro dos afogados.

> *Faltava a experiência daquele modo de vida do dilatado terreno das Minas, dos grande empenhos dos mineiros, das mortes continuadas, fugidas e doenças dos escravos, das repetidas mudanças dos moradores, que hoje se achavam naquela vila, amanhã no Sabará e no outro dia não apareciam…*[111]

Em 1716, Luís Gomes Ferreira mudou-se para Mariana, onde viveu até 1729, quando de seu retorno a Portugal. Tudo indica que procurava melhores condições de trabalho. A mineração em Sabará era difícil, os acidentes causavam grandes prejuízos e os escravos andavam cada vez mais caros. As autoridades ameaçavam cobrar impostos sobre o gado para completar o quinto, o que afinal foi efetivado em 1717,[112] gerando muitas tensões e descontentamento entre os moradores.

Luís Gomes Ferreira decidiu obter uma sesmaria, a fim de alternar as atividades dos seus escravos; trabalhariam parte do tempo nas roças de milho, feijão, cana e parte do tempo nas datas minerando, o que lhe parecia o melhor caminho e de longe o mais lucrativo, diante da carestia e dos riscos que a mineração representava para a saúde deles. Afinal, os escravos representavam investimentos cada vez mais caros.

As principais fortunas consolidadas até a década de 1730 advinham dessas empresas mistas, de lavras e roças. À medida que

aumentou a possibilidade da cobrança mais efetiva dos impostos pelas autoridades, minerar tendia a tornar-se atividade de alto risco e, freqüentemente, antieconômica nas Gerais. Os gastos eram exorbitantes, e o imposto do quinto quando começou a ser efetivo, por volta de 1725, tornou a atividade da mineração quase proibitiva. Por isso passou a ser atividade associada com a de produção de gêneros alimentícios para o abastecimento local.[113]

Em 1716, Luís Gomes Ferreira foi morar na região dos arraiais do Ribeirão Abaixo, no distrito de São Caetano, junto ao morro do Itacolomi, que ficava a três léguas do Ribeirão do Carmo (Mariana). De início, ficou hospedado na fazenda de Mestre José Rabelo Perdigão, no Ribeirão Abaixo, onde também alternava datas e fazenda. Este seu conhecido, anos mais tarde, em 1733, escreveu o *Itinerário Geográfico* das Minas.[114] Logo após sua chegada, em 1716, Perdigão, com o qual certamente gostava de bater papo, mudou-se para a Comarca do Rio das Mortes (EM, v. 2, p. 598-599). Em 1718, quando eclodiram conflitos entre dois potentados mineradores em Catas Altas, termo do Ribeirão do Carmo, o Conde de Assumar nomeou dois mestres de campo como interventores para apaziguar os ânimos, um dos quais era José Rabelo Perdigão.[115] Quatro anos mais tarde, numa devassa episcopal de 1722, foi denunciado por crime de incesto, pois vivia *de portas adentro com uma moça solteira chamada Verônica da Silva […] que com ela tem ocasião de pecado de incesto por ser filha de outra mulher Fulana da Silva, da qual teve uns três filhos e que também a dita Verônica da Silva tem tido outros filhos.*[116]

Luís Gomes Ferreira, provavelmente, chegou a acumular algum capital em sua mineração em Sabará, pois era caro obter uma sesmaria em São Caetano. Era vizinho de João Fernandes de Oliveira, proprietário da fazenda Vargem, onde mantinha, a exemplo de outros proprietários, lavras e roças, e que mais tarde se tornaria famoso como contratador dos diamantes no Tejuco. Este seu vizinho tinha uma capela em sua fazenda, e durante muitos anos o cirurgião assistia à missa nesta capela, em vez de ir até o Ribeirão do Carmo (EM, v. 1, p. 275). Também ali perto morava Domingos Francisco de

Oliveira, vizinho que tinha engenhos d'água em sua propriedade (EM, v. 1, p. 313).

Um memorialista antigo da região lembrava-se de uma capela de quatro forquilhas, forrada de esteiras de taquara e coberta de palha, construída em 1701, no local onde viria a ser fundada a vila do Ribeirão do Carmo, futura Mariana. O memorialista referia-se aos primórdios do arraial das minas do Ribeirão Abaixo, onde veio morar Luís Gomes Ferreira:

> *…morava em São Caetano um coronel, que só a sua capela era coberta de paus de palmitos em lugar de telha; seguia-se logo outro paulista, Francisco de Oliveira; logo um mercador da vila de Santos, chamado o Castro; logo um pardo muito rico que tirava ouro em tachos, Manuel de Lima; logo abaixo, outro paulista não menos rico, Alberto Dias; logo abaixo, um filho de Lisboa, José Rabelo Perdigão, também rico; logo abaixo, um paulista, Bento Pires; logo abaixo, o Furquim*.[117]

Eram os vizinhos de Luís Gomes Ferreira. O cirurgião em seu livro não fez referência a Bento, mas a Rafael Pires, que socorreu em grave estado por causa de uma doença venérea (EM, v. 2, p. 539).

As lavras de Santana e do arraial da Passagem, que ficavam a 2 1/2 léguas da propriedade de Luís Gomes Ferreira, eram conhecidas pelas dificuldades que ofereciam aos mineradores. Sucediam-se buracos na encosta do morro, com a distância de somente 40 palmos uns dos outros, gerando muitas contendas entre os mineradores.

Luís Gomes Ferreira descreveu com pormenores o desmoronamento de um morro a poucas léguas de sua propriedade no local denominada a Passagem (EM, v. 2, p. 462).

A sua propriedade ficava a meio caminho e a uma igual distância de 2 léguas, tanto do arraial de Antônio Pereira no Ribeirão do Carmo como a igual distância do Arraial dos Camargos.

Em 1716, Ribeirão do Carmo ainda não era uma cidade. Em 1721, recebeu uma sesmaria da Coroa e a partir desse momento teve condições para crescer e consolidar o seu termo. Até essa data, as dissidências entre fundador e moradores, por disputa de posses e terrenos já adquiridos, impediram a formalização da vila criada pelo governador Antônio de Albuquerque, em 1711.[118]

Desde a fundação da vila, ao longo do caminho para Ouro Preto, foram se constituindo acampamentos de mineradores, que dividiram o espaço da futura vila entre os chamados Arraial de Cima e o Arraial de Baixo. O principal fundador desses arraiais foi o capitão Antônio Pereira Machado, que se instalou com seus escravos, abrindo lavras no Ribeirão Abaixo, onde construiu, em 1703, logo ao pé de sua casa, uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Plantou mantimentos e retirou-se para o caminho de cima, junto à lavra de Matacavalos e São Gonçalo,[119] onde construiu moradia.

O Arraial de Baixo é que acabou por dar origem à vila. Persistiram dúvidas quanto ao termo da vila até 1721, quando as disputas pelos terrenos foram finalmente resolvidas por Pedro de Almeida, Conde de Assumar. Os arraiais nessa época já começavam a se expandir perpendicularmente ao rio, abrangendo o arraial de Monsus (Monsieur), do outro lado do Ribeirão, no chamado morro do Rosário. Também se estendiam na direção norte, de onde saía o caminho para Mato Dentro.[120]

A transformação, em 1712, da capela de Nossa Senhora da Conceição em matriz foi um sintoma da primazia que ganhava o Arraial de Baixo com relação aos demais. Em 1713, foi criada uma olaria no caminho de fora para São Paulo, o que possibilitou, em 1716, a construção da primeira casa de dois andares coberta por telhas. Na praça atrás da matriz também foi construído outro grande edifício para hospedar o regimento dos dragões, que depois se mudaria para Cachoeira do Campo. Ali veio residir inicialmente o Conde de Assumar.

A vila do Carmo, por volta de 1720, quando aí residia Luís Gomes Ferreira, era um conglomerado de arraiais permanentes, por causa da mineração mais elaborada dos morros e ribanceiras. Para o sul, junto à capela da Conceição, saía o caminho para São Paulo, que somente se consolidou em fins da década de 1720.

Houve muitos desentendimentos entre moradores. Câmara e autoridades da Coroa, o que retardou por muitos anos a consolidação de uma vila entre tantos povoados dispersos.[121]

De 1720 a 1740 as posturas reiteradamente pediam que os moradores respeitassem o alinhamento ou comunicassem à Câmara os seus projetos de construção. Repetidamente, a Câmara promulgava a proibição aos escravos de andarem armados, e às escravas vendedoras de venderem seus produtos junto às lavras. A maior parte dos moradores do Ribeirão Abaixo continuavam dispersos por suas propriedades de lavras e roças em bairros distantes 2 ou 3 léguas do povoado, como os do Sumidouro, de São Sebastião e de São Caetano.

Luís Gomes Ferreira faz referência a locais por ele visitados para atender doentes, dentre os quais o das minas do Arraial Velho, que provavelmente seria o local de Matacavalos, junto ao Caminho de Cima. Outras vezes, referia-se a visitas que fazia ao Arraial de Cima, que também poderia indicar o arraial de São Gonçalo. Atendia doentes junto à capela do morro na vila do Carmo[122], junto às lavras velhas do Ribeirão Abaixo, onde roceiros abriam o mato com machados. Visitava as localidades mais distantes, como o arraial dos Camargos, do Gama, do Guarapiranga ou do Furquim, onde, em 1719, os negros ameaçaram levantar-se numa rebelião de proporções regionais (EM, v. 1, p. 293- 294, 296, 344, 458; v. 2, p. 543-544, 598).

Os mineradores, acostumados a comprar fiado dos mercadores, viviam endividados. Dedicar-se também a lavoura foi um recurso de que lançaram mão contra o jugo de dominação que sofriam por parte dos comerciantes. Desse modo, poderiam resistir à

especulação de atravessadores, que elevavam o preço dos alimentos a seu bel-prazer. Mineradores roceiros poderiam produzir o bastante para suprir as próprias necessidades e teriam eventualmente um excedente para vender para os vizinhos A tendência ao encarecimento dos escravos foi-se acentuando a cada ano. Em 1718, passaram a cobrar por cabeça de cada escravo que entrava nas Minas a soma de 4 oitavas. Em 1719, oficializou-se o imposto das passagens, de modo que inflacionou ainda mais o preço dos escravos. Os impostos contribuíram para aumentar o preço dos escravos, que oscilaram nesse período entre 200 e até 450 cruzados.[123] Alémdos impostos cobrados dos traficantes na África, pagavam-se as seguintes tarifas: *sobre cada negro, pelo contrato de saída do Rio de Janeiro 4 $500; de despacho, $500; de passagem no rio Paraíba, 4160; aos soldados de guarda nos registros propina de $40; $640 de despacho em Paraibuna; e 3$000 de entrada no registro de Matias Barbosa. Pesava ainda sobre cada escravo o imposto do subsídio literário que era de 4 $800 e sobre cada passaporte de escravos (cobrava-se) $40 para o escrivão de polícia.*[124]

Os mineradores compravam fiado os seus escravos, a juros de 6 1/4 por cento,[125] que chegavam, às vezes, até 25%, de modo que ficavam os mineradores à mercê das cobranças dos comerciantes. Os trabalhos de desmonte, desvio dos rios e de abrir galeria nas minas sobrecarregavam os já endividados com altos gastos com ferramentas e com a alimentação dos escravos. Era importante que tivessem um meio de resistir às cobranças injustas de dívidas que sofriam por parte dos mercadores mais poderosos.

Logo se configurou um problema grave para os proprietários endividados, que consistia no confisco de seus escravos, que não chegavam a ser integralmente pagos. Depois de muitos protestos, os proprietários conseguiram um decreto, em 1721, que de certa forma protegia o senhor do mero confisco. *Os escravos que se comprarem fiado e não forem pagos por faltarem as faisqueiras, se avaliem por dois homens peritos e os credores os tomem pela avaliação.*[126]

Os escravos seqüestrados pelos credores ficavam, às vezes, mais de um ano sem serem vendidos; um decreto especial, que favorecia proprietários endividados garantia que pudessem receber os jornais ganhos pelos escravos durante esse espaço de tempo. Na correspondência do comissário Francisco da Cruz com o mercador de Lisboa, Francisco Pinheiro, o assunto vinha à tona quando o comissário se esforçava para explicar as dificuldades que enfrentava na cobrança das dívidas de seus fregueses. O comissário teve, por sua vez, de recorrer judicialmente da decisão, que favorecia os donos endividados dos escravos e prejudicava os cobradores credores.[127]

Houve inúmeras crises de abastecimento entre 1714 e 1715. Os atravessadores especulavam com a falta de alimentos ou gêneros indispensáveis para os escravos, como o fumo em corda.

As dificuldades da mineração em Sabará tomavam ainda mais incertas as condições de vida, e os moradores se sentiam revoltados com a indiferença ou o desconhecimento, pelo Conselho Ultramarino, das dificuldades por que passavam.

Entre 1726 e 1729, os últimos anos em que Luís Ferreira Gomes viveu no Ribeirão do Carmo, a situação dos mineradores se tornou gradativamente mais crítica, depois da decretação da lei que obrigava a cobrar os quintos em Casas de Fundição, onde o ouro em pó era transformado em barras. A partir desse momento, o ouro em pó deixou de circular livremente, o que muito prejudicou os moradores das Minas. A decisão, imposta pelo Conde de Assumar, provocou imediatamente o levante de 1720, do qual participaram principalmente os mercadores mais ricos. O movimento foi duramente reprimido, mas as autoridades tiveram de recuar de seus intuitos de cobrança do quinto. No decorrer dos anos seguintes foi-se agravando a condição de endividamento dos mineradores e lavradores com a decisão de baixar o preço do ouro em pó, que até então corria sob o preço de 1.400 oitavas e que passou, a partir de 1720, a valer apenas 1.200 réis.[128]

Os roceiros se viram prejudicados porque passaram a receber menos pelos frutos do que vendiam. As vendas tinham sempre sido em oitavas, e não em mil-réis. A baixa do valor do ouro representou, pois, um empobrecimento dos lavradores, sem falar nas dificuldades passadas pelos mineradores, que somente tinham direito de ter ouro em pó no curto espaço de dois meses, antes de serem obrigados a transformá-los em barra, nas Casas de Fundição.

A diminuição do valor do ouro tornou os mineradores mais vulneráveis às cobranças dos mercadores. Os mercadores vendiam escravos, mercadorias do reino e mesmo alimentos de primeira necessidade com o preço do ouro quintado, de modo que, com a desvalorização do ouro em pó (que passou a 1.200 réis), tinham os mineradores de desembolsar a diferença do próprio bolso. Voltaram a se endividar para com os mercadores. A mineração tornou-se também mais cara e a cobrança do quinto sobre o ouro foi-se tornando mais pesada.

A situação piorou bastante às vésperas da inauguração das Casas de Fundição, que passaram efetivamente a existir após 1726. Desde 1724, no entanto, os mercadores começaram a fazer cobranças em ouro quintado. Os preços de gêneros importados aumentaram subitamente. Os preços dos gêneros da terra também. Os mineradores, por sua vez, também lançaram mão de oficiais da justiça para cobrarem dos que lhes deviam, a fim de entregarem o ouro para ser quintado.

No Ribeirão do Carmo, onde morava Luís Gomes Ferreira, o descontentamento pela situação de endividamento geral coincidiu com um momento de grandes perseguições pessoais em Mariana. As perseguições foram agravadas pela presença de um vigário de vara, Cônego João Vaz Ferreira, nomeado pelo Bispo do Rio de Janeiro, que viera para Mariana acumulando as funções de pároco com as de visitador pastoral. *Como tal saía em giro pelo distrito, cobrando dos moradores um grosso cabedal, obtido por condenação de duas três oitavas de ouro de todas as pessoas que se serviam de negras ou comiam carne na Quaresma.*[129]

Não são conhecidos os pormenores da vida familiar de Luís Gomes Ferreira. Sabe-se que mais tarde veio a se casar no Porto, tendo vários filhos. Nada se sabe quanto aos seus relacionamentos pessoais no período em que viveu nas Minas.

Talvez o clima de tensão e as eventuais acusações de concubinato envolvessem de alguma forma o cirurgião, pois coincidiu de ele se mudar, em 1726, para o bairro do Padre Faria, em Vila Rica, que ficava a três dias de sua fazenda. Os condenados na devassa eclesiástica tinham de pagar uma multa de cerca de 2 1/2 oitavas por pessoa do casal de amancebados, o que não era muito. Eram, porém, obrigados a assumir o compromisso de sair de casa e de pôr termo à situação irregular de vida. A questão das denúncias se tornava mais grave quando da reincidência das condenações. Uma terceira condenação implicaria a excomunhão. Essa ameaça era considerada intimidadora, embora fosse pequeno o número dos reincidentes que chegavam a ser sentenciados.[130]

O pároco de Mariana acabou sendo destituído das suas funções, por cobrar 2 oitavas de ouro por batismo e mais ainda por outras sacramentos. Destituído pelo bispo, João Vaz ficou, no entanto, encarregado, como visitador, de fazer uma correição na área que ia do arraial da Passagem até a paróquia de Antônio Dias, em Vila Rica. O arraial da Passagem ficava a 2 léguas da propriedade de Luís Gomes Ferreira.[131] (EM, v. 1, p. 295).

Diante disso, os moradores de Mariana, mascarados, cercaram a casa do padre, ameaçando-o de grossa pacandaria, caso não se retirasse imediatamente para o Rio de Janeiro. O governador Lourenço de Almeida foi obrigado a intervir, protegendo a retirada do padre.[132]

Esse episódio coincidiu com o afastamento de Luís Gomes Ferreira para o arraial do Padre Faria, onde *permaneceu* durante dois anos, atendendo doentes e minerando com alguns escravos. Nada se sabe sobre suas atividades de minerador no arraial do Padre Faria, nem se houve, porventura, algum novo descobrimento de ouro no

arraial que justificasse o deslocamento do cirurgião. Possivelmente, foi a perseguição desencadeada pela devassa aos concubinados que o levou a mudar-se para esse arraial. Em 1728, voltou a residir em sua propriedade, no distrito de São Caetano, próximo a Mariana.

Entre 1726 e 1729, reinava o desânimo entre os mineradores, que permaneciam na retaguarda do povoamento das Minas, em Ribeirão do Carmo. Cerca de 2 mil homens se ausentavam por ano, em busca dos novos descobrimentos de Minas Novas, do Tejuco, mas principalmente das minas de Mato Grosso e Goiás. Talvez Luís Gomes Ferreira tenha considerado a possibilidade de migrar para as minas novas de Goiás. A viagem, entretanto, era longa e por demais difícil, segundo o depoimento do empregado do negociante Francisco Pinheiro, em carta de 22 de maio de 1726:

> *Com grande risco de vida, o caminho vara elas são ainda por grandes matos e dizem gastar-se mais de seis mezes, segundo dizem os paulistas e a maior parte do caminho ê andar por rios e se não come por ele senão caça brava, como são papagaios, macacos, tucanos e várias castas de animais e sobre o maior perigo as muitas onças, que para isso quando parte gente para elas vão 400 pessoas, 500, que das Minas Gerais passam de ter ido mais de 4000, estas pela maior parte todos mineiros, todos estes vão a fazer fortuna e vários deles riquissímos, que o mais povo lhe julgam a estes a sua morte…*[133]

À medida que novos descobrimentos de ouro foram constituindo outras fronteiras de exploração do ouro e dos diamantes, deu-se nas Gerais uma tendência de êxodo da população para Diamantina, Serro Frio, Minas Novas, assim como para Goiás e Mato Grosso. Nesse momento, em 1730, Luís Gomes Ferreira voltou definitivamente para Portugal. Já não morava na região em 1733, para assistir em Vila Rica a uma grande festa por ocasião da procissão de *Corpus Christi*, quando se deu a inauguração da igreja de Nossa Senhora do Pilar. Com o patrocínio das irmandades mais ricas, do Santíssimo Sacramento, assim como da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos, que congregava os

escravos, a comemoração assinalava uma nova fase na vida social dos que permaneciam nas Gerais. Foi uma festa ostentosa, com participação diversificada dos mais diferentes grupos da sociedade local, em que já se discernia a hegemonia de grupos dirigentes. Houve um desfile de carros alegóricos, fantasias suntuosas, caprichosa decoração, documentando múltiplos aspectos da sedimentação da sociedade mineradora. Demarcou a passagem de uma sociedade rude de fronteira de povoamento do ouro para a dos arraiais barrocos já estabelecidos.

A grande procissão de 1733, em Vila Rica, foi uma primeira manifestação do florescimento do barroco de D. João V nas Minas.[134] As vestimentas luxuosas, as talhas com motivos florais dourados, as colunas torsas de estilo italiano e os altares de baldaquim inspirados na obra de Bernini já indicavam uma sociedade de hierarquias consolidadas. Acentuava-se o processo de concentração de riqueza e de simbiose entre autoridades e facções locais.

Alexandre de Gusmão, em documento de 1733, esperava que, com a cobrança da capitação sobre os escravos, o hábito de ostentação de riquezas se tornasse inviável: *muitos dos que hoje se empregam somente em trazer armas, ou em tocar trombetas ou em outros exercícios, que só servem de fomento às paixões e à vaidade de seus donos*.[135] Surgia, entretanto, um novo costume cívico, de ostentação e de teatralização pública em que autoridades, irmandades e poderosos locais colaboravam para o mesmo espetáculo de reforço simbólico e de legitimação pública dos poderes. A partir de 1760, a cobrança da derrama sob o quinto nas Casas de Fundição contribuiria para abalar, ainda mais, os mais fracos, os empobrecidos e os endividados.

Luís Gomes Ferreira documentou o momento inicial do povoamento tumultuário e de abertura das fronteiras do ouro. Seu livro é uma fonte importante para o estudo das condições de vida dos mais pobres, dos endividados, dos remediados, assim como das asperezas do trabalho dos escravos, nos primeiros anos de

produção do ouro nas Gerais. As pistas inéditas sobre os costumes do dia-a-da e sobre as condições de saúde desse povo e de cuidado com o corpo enriquecem sobremaneira nossas possibilidades de compor um quadro mais amplo da fase inicial da sociedade do ouro.



Um médico apresenta um cálculo extraído da bexiga de um paciente. (Gravura em madeira de Jean de Cuba)

Bibliografia

Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 57, p. 180, 1935.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes:* violência coletiva nas minas na primeira metade do século XVIII. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas*. Introdução, notas e comentários de Andrée Mansuy D. Silva. Paris: Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, 1965, v. 1.

ARAÚJO, Renata; CARITA, Helder (Orgs.). *Coletânea de estudos*. Universo urbanístico português, 1415-1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

ÁVILA, Affonso de. O *lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAZIN, Germain. *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, Rio de Janeiro: Record, 1956, v. 1-2.

BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques. Urbanização colonial: estudo de um modelo de espaço urbano em Sabará. *Barroco*, p. 243-256, 1982/ 1983, v. 12.

BOXER, C. R. *The golden age Brazil*. Londres: Universidad of California Press, 1962.

BRITO, Francisco Tavares de. Itinerário geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos do Rio de Janeiro até as Minas do Ouro. In: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999. v.1, p.898-910.

CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri (1695-1735)*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1950.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *Histórіados indios no Brasil* São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 418.

CURTIN, Philip. *The Atlantic Slave Trade*. Madison: University of Wisconsin Press, 1969.

FIGUEIREDO, Luciano de A. O *avesso da memória* (cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII, Brasilia: EDUNB/José Olympio, 1993.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias*. Vida familiar em Minas Geraes no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999.

FONSECA, Claudia Damasceno. *Do arraial à cidade:* a trajectoria de Mariana no contexto do urbanismo colonial português. In: ARAÚJO, Renata; CARITA, Helder (Orgs.). *Coletânea de estudos*. Universo urbanístico português, 1415-1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Negócios coloniais:* a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas. São Paulo: Hucitec, 1998.

GOULART, Mauricio. O *tr*áfico *de escravos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alfa Omega, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e pedras preciosas. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1976. v.1: A época colonial.

LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica* Belo Horizonte: Arquivo Publico Mineiro, 1979, v. 1.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

LIMA JÜNIOR, Augusto de. *Vila Rica de Ouro Preta* síntese histórica e descritiva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.

LISANTI, Luis (Org.). *Negócios coloniais* (uma correspondência comercial do século XVIII). Brasília: Ministério da Fazenda. São Paulo: Visão Editorial, 1973, v. 1.

MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de. 1720/1721. Curral d'El Rey e capitação. *Varía História*, Belo Horizonte, n. 18, p. 32, set. 1997.

MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia histórica da província de Minas Gerais* (1837). Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1981, v. 1-2.

MELLO, José Soares de. *Emboabas*. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1979.

RENGER, Friederich ?. Direito mineral e mineração no Códice Costa Matoso. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 21, p. 166, jul. 1999.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica* São Paulo: Perspectiva, 1977.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Caminho novo: a longa duração. *Varia História*, Belo Horizonte, ?. 188, p. 21, jul. 1999.

RUSSELL-WOOD, A. J. Technology and society: The impact of gold mining in the Institution of Slavery in Portuguese America. The *Journal of Economic History*, v. XXXVII, p. 63, march 1977.

ZEMELLA, Mafalda P. O *abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da província de Minas Gerais*, p. 178-179.

1 Pois *nestas Minas e no Sertão do rio São Francisco dá este achaque com tão terríveis sintomas, maiores que nas mais partes do Brasil e de Portugal; pois no dito sertão vi muitos doentes, que passaram a febres malignas, e eu experimentei o mesmo, que na*

barra do rio das Velhas as padeci cinco meses (EM, v. 2, p. 516-517). Ainda não tinha inventado o remédio com que passou a curar a febre e que consistia em misturar algumas gotas de tártaro emético com amida e vinho. Foi com esse remédio que acudiu, anos mais tarde, um morador por home Manoel de Souza, que então se hospedava em casa do padre Cipriano Gomes Claro, em local acima do arraial do Pompeu no distrito de Sabará.

2 MATOS, Raimundo J. C. *Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837)*, p. 207.

3 MELLO, José Soares de. *Emboabas*, p. 261.

4 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 390.

5 ZEMELLA, Mafalda P. O *abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 134.

6 ANTONIL, André João. *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas*, p. 440.

7 Informações sobre as minas do Brasil, *Anais da Biblioteca Nacional*, v. LVII, p. 180, apud ZEMELLA, Mafalda P. O *abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 136.

8 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*.

9 VENANCIO, Renato Pinto. Caminho novo: a longa duração, p. 188.

10 FURTADO, Júnia Ferreira. *Arte e segredo….* Ensaio de introdução deste volume, p. 13.

11 ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes….*, p. 78.

12 GOULART, Mauricio. O *tráfico de esa avos*, p. 150; ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento das Minas Gerais*, p. 102.

13 BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*, p. 45.

14 BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*, p. 305.

15 BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*, p. 49.

16 BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*, p. 49.

17 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society: The impact of gold mining in the Institution of Slavery in Portuguese America, p. 63-644. Cf. Reflexões de Martinho de Mendonça de Pina e Proença sobre o sistema da capitação (1734) apud CORTESÃO, Jaime. *Obras várias de Alexandre de Gusmão*, p. 418.

18 MELLO, José Soares de. *Emboabas*, p. 257.

19 BRITO, Francisco Tavares de. Itinerário geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos do Rio de Janeiro até as Minas do Ouro. In: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, p. 905.

20 MATOS, Raimundo José da Costa. *Corografia histórica da província de Minas Gerais*, v.1. p. 161.

21 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, v. 1, p. 386.

22 LISAOTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 360.

23 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 238.

24 LISAOTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 335.

25 LISANTI FILHO, Luis (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 360.

26 MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia histórica da província de Minas Gerais* (1837), v. 2, p. 65-67.

27 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, p. 218.

28 CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*, p. 418.

29 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negocios coloniais…*, v. 1, p. 336.

30 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 118.

31 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 133.

32 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 201, 206.

33 LISANTI FILHO, Luis (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 278.

34 LISANTI FILHO, Luis (Org.). *Negócios coloniais…, v*. 1, p. 287-288.

35 LISANTI FILHO, Luis (Org.). *Negócios coloniais…*, v. *1*, p. 313.

36 LISANTI FILHO, Luis (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 249.

37 LISANTI FILHO, Luis (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 301.

38 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 169.

39 ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da província de Minas Gerais*, p. 178-179; FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. O *avesso da memória…*

40 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 391.

41 BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques. Urbanização colonial: estudo de um modelo de espaço urbano em Sabará. *Barroco*, v. 12, p. 245, 1982/1983.

42 BAZIN, Germain. *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, v. *2*, p. 94; v. 1, p. 196.

43 BAZIN, Germain, *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, v. 1, p. 393.

44 BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques. *Urbanização colonial…*, p. 246.

45 BAZIN, Germain. *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, v. 2, p. 94-95.

46 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 356.

47 LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica*, v. 1, p. 61.

48 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 212-214.

49 FONSECA, Cláudia Damasceno. Do arraial à cidade… In: ARAÚJO, Renata; CARITA, Helder (Orgs.). *Coletânea de estudos*, p. 277.

50 FONSECA, Cláudia Damasceno. Do arraial à cidade…, p. 276.

51 BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques. *Urbanização colonial*…, p. 245, 1982/1983.

52 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 450.

53 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 360.

54 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 450.

55 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 378.

56 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 450.

57 RENGER, Friederich E. Direito mineral e mineração no Códice Costa Matoso, p. 166. LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Vila Rica de Ouro Preto*, p. 21.

58 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Vila Rica de Ouro Preto*, p. 26.

59 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Vila Rica de Ouro Preto*, p. 26.

60 BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*, p. 52.

61 ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes…*, p. 31.

62 Um dos primeiros historiadores a chamar a atenção para a diversidade de origem no processo de formação das fortunas em Minas foi Mafalda Zemella, em seu estudo *O abastecimento da capitania das Minas Gerais*. O tema foi retomado por Sérgio Buarque de Holanda, em seu ensaio *Metais e pedras preciosas* (v. 2, p. 266), onde assinala a importância do contrabando e do abastecimento de gêneros alimentícios, além da exploração do ouro.

63 MELLO, José Soares de. *Emboabas*, p. 267.

64 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 225.

65 ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes…*, p. 80, 98.

66 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v.1, p. 208.

67 ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes…*, p. 102 et seq.

68 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 231.

69 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 201.

70 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 198.

71 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 225.

72 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 225.

73 MELLO, José Soares de. *Emboabas*, p. 235.

74 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais*, v. 1, p. 252.

75 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society…, p. 63.

76 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society…, p. 67.

77 MAGALHÃES, Beatriz Ricardina de. 1720/1721. Curral d'El Rey e capitação, p. 32.

78 Reflexões de Martinho de Mendonça de Pina e Proença sobre a capitação (1734), apud CORTESÃO, Jaime. *Obras varias de Alexandre de Gusmão*, p. 418-419.

79 FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio…*

80 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais*…, v. 1, p. 241, 244.

81 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 247, e ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p. 393-394. MONTEIRO, John. Os caminhos da memória paulista no Códice Mattoso, p. 86-99.

82 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 437.

83 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 181.

84 CORTESÃO, Jaime. *Obras várias de A. de Gusmão*, p. 419-420.

85 BOXER, Charles R. *The golden age of Brazil*, p. 174.

86 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 181-182. BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*.

87 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 418.

88 VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica*, p. 57.

89 CORTESÃO, Jaime. *Obras várias de Alexandre de Gusmão*, p. 419.

90 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society…, p. 70-71.

91 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society…, p. 67.

92 CURTIN, Philip. *History of the Atlantic Slave Trade*, p. 216.

93 RUSSEL-WOOD, A. J. R. Technology and society…, p. 77-78.

94 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Vila Rica de Ouro Preto*, p. 27.

95 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society…, p. 65.

96 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Vila Rica do Ouro Preto*, p. 22.

97 LIMA JÚNIOR, Augusto de. V*ila Rica de Ouro Preto*, p. 27.

98 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 767, 768 e 769.

99 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 191.

100 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 192.

101 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Metais e pedras preciosas*, p. 275.

102 RUSSELL-WOOD, A. J. R. Technology and society, p. 67.

103 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 150.

104 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 141.

105 BOXER, Charles R. *The golden age Brazil*, p. 165.

106 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 133, 120.

107 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 121.

108 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 113.

109 ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 180.

110 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 145.

111 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 437.

112 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 440.

113 HOLANDA, Sergio Buarque de. *Metais e pedras preciosas*, p. 295.

114 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 898.

115 ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes…*, p. 101.

116 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 117.

117 Notícias do que ouvi sobre o princípio destas Minas. In: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.) *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 218.

118 FONSECA, Cláudia Damasceno. *Do arraial à cidade…*, p. 280.

119 FONSECA, Cláudia Damasceno. *Do arraial à cidade…*, p. 282.

120 FONSECA, Claudia Damasceno. *Do arraial à cidade…*, p. 273.

121 FONSECA, Claudia Damasceno. *Do arraial à cidade…*, p. 277.

122 ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 153.

123 ZEMELLA, Mafalda P. O *abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 204.

124 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 357.

125 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 360.

126 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 312.

127 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais…*, v.1, p. 264, 269, 314.

128 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica (Orgs.). *Códice Costa Matoso, Códice Costa Mattoso*, v. 1, p. 247, 507.

129 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*, p. 214.

130 FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias…*, p. 153, 159.

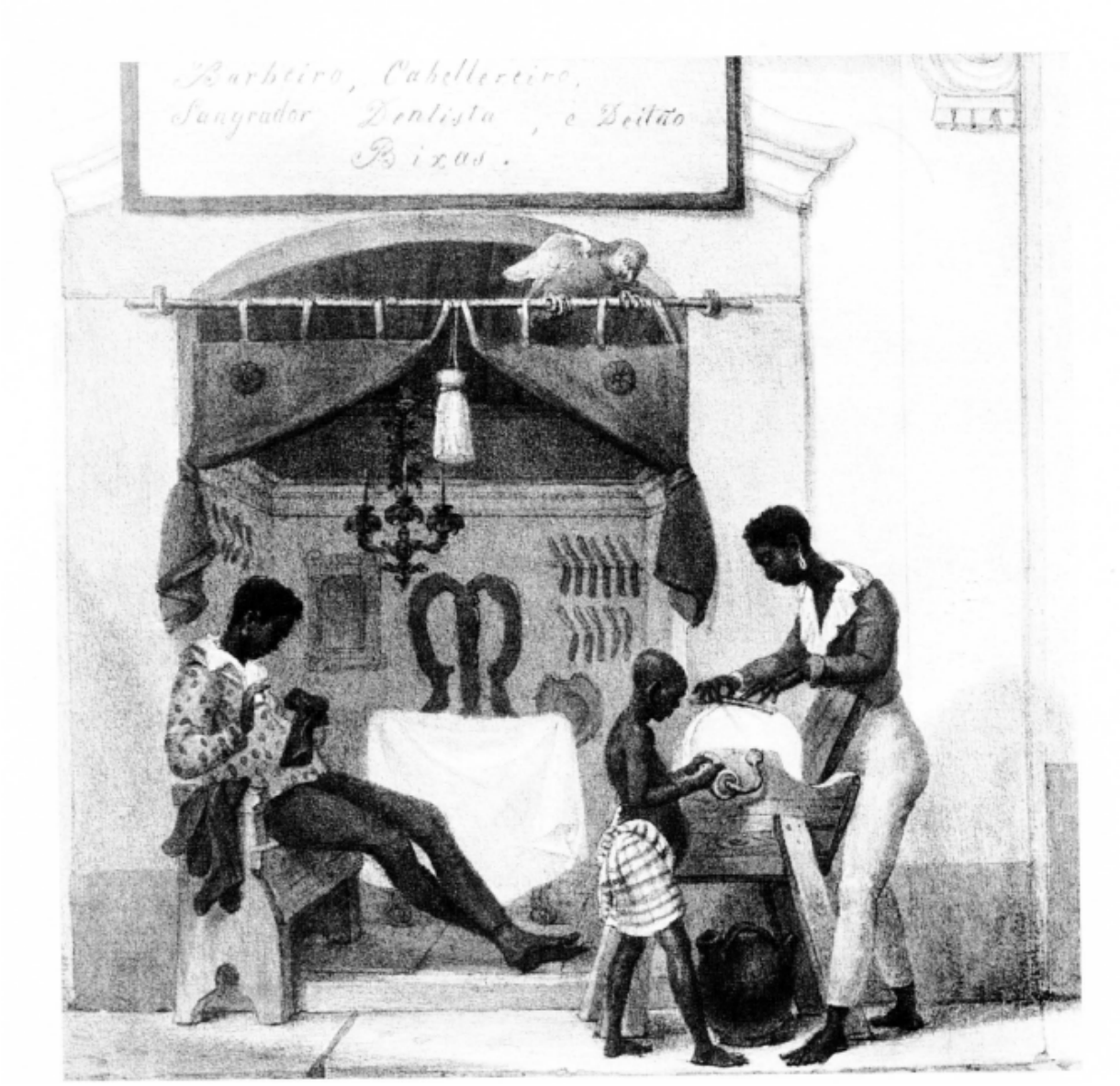
131 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*.

132 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*, p. 214.

133 LISANTI FILHO, Luís (Org.). *Negócios coloniais…*, v. 1, p. 291.

134 ÁVILA, Affonso. O *lúdico e as projeções do mundo barroco*, p. 105.

135 CORTESÃO, Jaime Gusmão. *Obras várias de Alexandre de Gusmão*, p. 124.



Loja de barbeiros. (Jean-Baptiste Debret)

Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia

Maria Cristina Cortez Wissenbach

Nas Minas Gerais das primeiras décadas do Setecentos, diante do formidável movimento de gentes livres e escravas que rapidamente se espalharam pela região, da avidez exploratória em meio a precárias condições de vida e de um árduo trabalho nas lavras e faisqueiras, a presença de médicos e cirurgiões era essencial. Inseridos na massa populacional que se deslocava, integrados nos ritmos e interesses característicos das descobertas auríferas, esses homens, que acompanharam milhares de outros com o intuito de fazer fortuna, acabaram por, também, enfrentar as vicissitudes de um novo universo social e, inúmeras vezes, improvisar uma prática médica que pudesse dar conta das exigências com as quais se defrontavam quotidianamente.

O sentido histórico do *Erário Mineral*, naquilo que revela acerca da experiência de um cirurgião nas Minas Gerais do século XVIII, deve ser relacionado a um contexto amplo, marcado por um saber médico datado historicamente e pelas condições sociais que propiciaram sua formulação singular. A obra, tanto em seus diversos tratados como nos casos relatados por Ferreira - as doenças de que eram acometidos seus pacientes e as terapêuticas que lhes aplicava, os tropeços diante de evoluções inesperadas, as suas fórmulas particulares preparadas com os produtos da terra -, não pode ser reduzida às receitas interessantes, aos procedimentos simpáticos ou estercoários que O autor trazia da formação lusitana, tampouco a seus equívocos, como usualmente foi tratada pelos historiadores da medicina brasileira.[1]

Muito além desta visão redutora, estão contidas ao longo das mais de 500 páginas do *Erário* incontáveis experiências inscritas nas possibilidades da medicina e da cura na movimentada Idade de Ouro do Brasil, bem como expressivos testemunhos das condições de vida e de sobrevivência de larga parcela da sociedade colonial. Fragmento que ilumina a complexidade da sociedade mineira à luz de suas condições nosológicas e terapêuticas, reproduziu, numa linguagem específica, as urgências de um universo que se formara

abruptamente, reunindo populações de diferentes origens e classes sociais, sem o enraizamento das zonas de ocupação mais antiga. Movendo-se nesse contexto social com a formação prévia que trazia do Hospital Real de Todos os Santos, de Lisboa, Gomes Ferreira mostrou-se atento às inflexões específicas do clima e das patologias que aqui encontrou, recolhendo concepções de diferentes origens, criando procedimentos de diagnóstico e de cura que, muitas vezes, substituíram os que havia aprendido em Portugal.

Num sentido amplo, e embora já houvesse passado quase dois séculos das primeiras expedições náuticas portuguesas, encontram-se presentes no tratado setecentista de Gomes Ferreira processos similares aos que acompanharam as aventuras expansionistas e os descobrimentos. Sobretudo a partir do século XVI, os europeus viram-se diante de territórios e contingentes populacionais para eles novos e foram obrigados a adequar seus conhecimentos e visão do mundo a uma realidade diferenciada, marcada inicialmente pelas intempéries e distâncias das navegações e, ao longo da experiência colonizadora, por informações sobre doenças e drogas até então desconhecidas. Os estudiosos dos descobrimentos e da formação do império colonial português têm contemplado com relativa atenção tal processo, salientando os cuidados que acompanhavam a preparação das expedições náuticas e das boticas de bordo, as mazelas físicas das longas travessias e, principalmente os impactos que as novidades advindas do ultramar trouxeram aos horizontes da matéria médica dos povos ibéricos.[2]

Dos informes sobre a flora e a fauna de valor medicinal à descrição dos males que dizimavam as populações autóctones, possivelmente em razão da chegada dos europeus, situam-se como expressão desse movimento de contato com ambientes e populações exóticas, ainda na era quinhentista, as informações fornecidas pelo boticário Tomé Pires, no início do século XVI;[3] os colóquios do conceituado físico Garcia de Orta, editados em Goa em 1563;[4] ou, ainda, Cristóvão da Costa, com seu tratado sobre as drogas orientais de 1568.[5] Também inseridas neste conjunto, vale lembrar as notícias deixadas, em 1587, pelo senhor de engenho Gabriel Soares de

Sousa, relativas especificamente às doenças, árvores e ervas medicinais do Brasil.[6] aEstendendo-se já ao século XVII, há também o relato do licenciado Aleixo de Abreu acerca das experiências que manteve em Angola e no Brasil, editado em 1623.[7] Esses autores, dentre outros, sinalizam, na reversão da perspectiva eurocentrista, a projeção de uma longa estirpe de profissionais formados nas academias e nas tradições da medicina e da terapêutica portuguesas, e que foram obrigados a se transformar também em naturalistas, adestrados no reconhecimento das doenças e das mezinhas e drogas do Oriente, da África e do Novo Mundo.

No Brasil, a presença de uma massa de indivíduos escravizados em contraposição ao pequeno contingente de colonos brancos, associada à imensidão territorial dos domínios, principalmente a partir da expansão para o interior em busca da riqueza mineral, e a improvisação de agrupamentos erigidos ao sabor das aventuras exploratórias foram fatores que exigiram ainda mais a flexibilização das regras da medicina metropolitana.[8] A um saber médico, delineado em suas concepções e terapêuticas desde a Idade Média, impunha-se enfrentar moléstias próprias a outro hemisfério e clima, circunstanciadas pela situação colonial na qual a escravidão indígena, o tráfico africano e as condições de vida e de trabalho da massa escrava faziam avolumar quadros patológicos que não aqueles do reino. A farmacopéia metropolitana, sedimentada em complexas composições de recursos não mais disponíveis, caberia assimilar as ervas e raízes da terra e, com isso, substituir os produtos da Europa ou das possessões orientais, que aqui chegavam com sua qualidade comprometida em função das longas distâncias e, pelo mesmo motivo, escassos e com preços elevados.[9]

No mundo da colônia, o apelo a profissionais que não exclusivamente os formados nas escolas de medicina metropolitanas demarcou a realidade singular da prática médica, sobretudo nos três primeiros séculos. Se em Portugal procurava-se impor linhas hierárquicas entre físicos e cirurgiões, mantendo-se, a partir de suas distinções, campos de atuação relativamente diferenciados decorrentes das cissuras entre a medicina doutrinal e

a ministrante,[10] e se ainda a metrópole poderia se dar ao luxo de expulsar os profissionais cristãos-novos, acusados como judaizantes ou marranos,[11] o Brasil não só abrigou conceituados médicos degredados, como deu maior espaço aos cirurgiões, aos boticários, aos barbeiros e também aos práticos da medicina - fossem estes últimos ricos senhores de fazendas ou engenhos e escravos, fossem, numa outra escala, simples curiosos, como eram chamados os que provinham de diferentes estratos sociais.

Impossível dimensionar a proporção entre físicos e cirurgiões existentes no Brasil nos séculos XVII e XVIII. As indicações sobre a falta de atendimento médico foram inúmeras, tanto provenientes de zonas de povoamento mais denso, quanto vindas de áreas distantes do litoral. Para Recife, entre 1654 e, aproximadamente, 1720, Pereira da Costa localizou na documentação menções a respeito de sete médicos graduados e três cirurgiões, em sua maioria ligados às tropas do exército ou profissionais de partido a serviço da Câmara.[12] Na mesma localidade, nos primordios do século XVIII, para cerca de *30.000 racionais indivíduos entre adultos e párvulos, brancos e pretos, libertos e escravos*, o cirurgião Padre Manuel dos Santos testemunhava que médicos, *quando muito houve, nunca de três passarão*.[13] Tempos mais tarde, aproximando-se já dos finais do século, a carência de assistência médica em Belém era ainda mais acentuada: em 1783, Alexandre Rodrigues Ferreira noticiava a presença de apenas dois médicos e sete cirurgiões aprovados para assistir uma população de aproximadamente 11 mil almas.[14] Mesmo em áreas densamente povoadas, tal como as Minas do século XVIII, acredita-se terem sido poucos os médicos formados; Lúcio de Senna listou alguns nomes para todo o século, muitos deles portugueses e estrangeiros de outras nações, no geral envolvidos em outras atividades.[15]

A escassez de médicos configura-se característica importante para dimensionar o período correspondente à obra de Gomes Ferreira, como também, considerando-se um tempo mais longo, importante para entender as direções que, durante séculos, tomaram as práticas de diagnóstico e de cura das doenças no Brasil. Nessas

circunstâncias difíceis, ressaltou-se a importância do conhecimento que os profissionais que aqui assistiram desenvolveram, grande parte respaldado no atendimento quotidiano às populações. Do exotismo das doenças existentes nas travessias e conquistas, da necessidade de improvisar terapêuticas e remédios, da carência de físicos nas novas terras e do vasto experimentalismo dos cirurgiões resultaram guias para a prática médica valorizados no reino e na colônia, como foi o *Erário Mineral*.

Desde os inícios dos empreendimentos coloniais, as autoridades ibéricas entenderam a necessidade e o sentido de produzir informes que permitissem o reconhecimento de produtos úteis para a ampliação do lucrativo comércio de drogas. O incentivo às obras que descrevessem o quadro de doenças e, especialmente, a flora e a fauna de valor medicinal localizadas nos territórios descobertos remonta ao Édito de Felipe II, de 1570, vigente ao tempo da união das Coroas ibéricas, do grande império unificado dos Felipes. Dispositivo que buscava tirar proveito das notícias trazidas por todos aqueles que porventura entrassem em contato com as novas terras, com seus habitantes originais e adventícios:

> *E reconhecendo o quanto de beneficio será para este e aqueles reinos a notícia, comunicação e comércio de alguma planta, ervas, sementes e outras cousas medicinais que possam conduzir à cura e saúde dos corpos humanos, temos resolvido enviar, algumas vezes, um ou muitos protomédicos gerais às províncias das Índias e ilhas adjacentes*.

Esses emissários, segundo os termos da mesma determinação, seriam incumbidos de

> *informar, aonde chegarem, de todos os médicos, cirurgiões, herbolários espanhóis e índios, e outras pessoas curiosas nesta faculdade e que lhes pareça poderão entender ou saber algo, e tomar relação deles, geralmente, de todas as ervas, árvores, plantas e sementes medicinais que houver […] se informarão sobre a experiência que se tem das coisas sobreditas, e do uso, faculdade e quantidade que destas medicinas se dão; como se*

> *cultivam, se nascem em lugares secos ou úmidos; e se das árvores e plantas há espécies diferentes…*[16]

Conhecimento prestigiado e até então prerrogativa da medicina doutrinal, informar sobre a matéria incluía até mesmo as considerações feitas pelos cirurgiões, grupo social visto como pouco habilitado para formular guias e tratados médicos. Sendo estes os que com mais freqüência atendiam os habitantes da colônia, seriam os mais aptos a retirar dessa prática elementos que contribuíssem para o saber médico e farmacológico, emparelhando-se, nessas circunstâncias, aos "autores" formados nas academias. Numa perspectiva ampla, os cirurgiões expressavam em suas descrições e ensinamentos a situação colonial, marcada pela prevalência do conhecimento prático sobre o teórico, da experiência e do empirismo sobre a razão, tal como diria Gomes Ferreira no Prólogo de seu *Erário Mineral*.

Com exceção das obras dos físicos holandeses Guilherme Piso e George Marcgraf, realizadas sob os auspícios do governo de Maurício de Nassau em Recife,[17] pode-se afirmar que, no Brasil, as demandas dos poderes metropolitanos só passaram a surtir efeito a partir do final do século XVII, quando começaram a ser produzidos relatos específicos sobre o quadro nosológico da colônia. Anos antes do *Erário Mineral*, publicado em 1735, vale ressaltar os primeiros tratados em língua vernácula sobre as patologias que afligiam os habitantes dos finais do século XVII e início do XVIII: de Simão Pinheiro Morão, médico, cristão-novo, reconciliado, *Tratado único das bexigas e do sarampo*, de 1683; de João Ferreira da Rosa, o primeiro a descrever a febre amarela nos territórios brasileiros, *Tratado único da constituição pestilental de Pernambuco*, de 1694; e de Miguel Dias Pimenta, cirurgião-mascate, *Noticia do que é o achaque do bicho*, de 1707.[18] Sublinha-se, além disso, numa época próxima à da estada de Gomes Ferreira em Minas Gerais, os relatos do físico José Rodrigues Abreu que acompanhou o governador Antônio de Albuquerque, passando por São Paulo cerca de 1712, estando em Minas entre os anos de 1705 e 1714,[19] autor que, a partir de suas vivências ultramarinas, publicou, em

1711, *Luz de cirurgiões embarcadiços, que trata das doenças epidêmicas de que costumam enfermar todos os que embarcam para as partes ultramarinas* e, em 1732, *Historiologia médica*, obra que traz algumas referências sobre o Brasil. Também o cirurgião João Cardoso de Miranda dedicou-se ao tema mais amplo das doenças e terapêuticas coloniais em sua obra *Relação cirúrgica, e médica, na qual se trata, e declara especialmente um método para curar a infecção escorbutica, ou mal de Luanda*, publicada em 1741.[20] E, do mesmo autor, o opúsculo de 1749, relativo às qualidades das águas próximas a Sabará para a cura dos achaques dos que para aí se dirigiam, *Prodigiosa lagoa descuberta nas Congonhas das Minas de Sabará*[21].

Posteriormente, décadas após a edição do *Erário Mineral*, vem a lume, em Lisboa, o trabalho de José Antônio Mendes, *Governo de mineiros mui necessário para os que vivem distantes*,[22] de 1770, cirurgião formado no Hospital Real de São José, de Lisboa, que exerceu a medicina no Hospital da Demarcação Diamantina, Serro do Frio. Essa obra que consolida a importância de tratados de medicina prática para a orientação dos colonos, dos quais o *Erário* é, sem dúvida, precursor. Significativo também, entre as peças elaboradas no final do século XVIII, foi o testemunho deixado em 1786 por Antônio José de Araújo Braga, cirurgião português formado no mesmo hospital lisboeta, em que descreve a situação da assistência médica e as doenças mais comuns na região de Barcelos, na capitania do Rio Negro: *Observações médicas*, relatório apresentado ao naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, em suas incursões à Amazônia, a mando do governo português.[23]

Relativamente ao conjunto de trabalhos datados entre os finais do século XVII e a metade do século XVIII, o *Erário Mineral* apresenta algumas similaridades: quanto à forma - a maneira pela qual apresenta os casos e suas indicações; quanto ao conteúdo - respaldado no saber médico da época e que se manteve relativamente inalterado até os primórdios do século seguinte. No entanto, apresenta vieses que o tornam historicamente singular. Comparado aos tratados dos dois físicos radicados em Recife

(Morão e Rosa, acima citados), enquanto estes foram elaborados por profissionais vinculados às intervenções dos governos locais preocupados em debelar epidemias que assolavam as cidades do Nordeste - e suposto que sedimentados na tradição deixada pelos holandeses nas obras inaugurais sobre a matéria médica de seus físicos e naturalistas -, o texto de Ferreira diferencia-se, pois, ampliado em direção à descrição de um número grande de incômodos físicos com os quais se defrontava no dia-a-dia, mostra-se acentuadamente contextualizado pelo quotidiano e pelos ritmos da sociedade que assistiu.

Ao relatar experiências de um cirurgião que faz de suas funções complemento de outras - aproximando-se em suas atribuições mais a práticos de medicina tais como Pimenta e Cardoso, já citados -, descreve uma multiplicidade de males, contemplando em sua obra desde as doenças pulmonares, as mais comuns nas Minas, até os ferimentos causados pelo bicho-do-pé ou por uma simples frieira, pequenos acidentes que nos tempos coevos poderiam evoluir para gangrena e morte. Mosaico de doenças, mas principalmente de terapêuticas e receituários úteis aos colonos, o *Erário Mineral* destaca-se também quanto à menção da flora brasileira de valor medicinal, especialmente quando destinada aos cuidados com os escravos, àqueles que viviam distantes dos povoados e de suas boticas, aos brancos rudes, ou seja, às camadas menos favorecidas da sociedade mineira. Para tanto, o cirurgião busca a experiência dos habitantes indígenas irradiada por intermédio dos sertanistas paulistas e dos jesuítas, ou ainda os ensinamentos dados por antigos moradores da região, mezinheiros, curandeiros e mesmo velhas comedeiras, como eram por ele denominadas as mulheres que praticavam a medicina popular.

Na ansiedade de combater os males, o olhar de Gomes Ferreira capta e recolhe a riqueza de informações que encontra disseminada por entre uma sociedade multifacetada. Diante dela, notadamente uma sociedade que se formava, insiste numa ação quase que pedagógica: sugerindo qualidades de alimentos mais apropriados àquele clima ensinando, aos que viviam distantes de boticas, aos

faltos de notícias que vivem nos matos, não somente suas receitas particulares, como também a maneira pela qual deveriam ser plantadas as ervas medicinais que também ele cultivava em sua horta; aconselhando aos senhores de escravos como tratá-los, como remediar as possíveis seqüelas das punições, ou ainda como os negros e as gentes simples deveriam ser indagados para o diagnóstico de seus males: *Se o doente for preto ou branco rude, a informação que se tomar se repetirá duas e três vezes, porque, como é gente agreste e variavel, agora dizem uma coisa, e, tornando a ser perguntados, respondem outra (EM*, v. 1, p. 247). Condenava, além disso, a falta de higiene e os maus-tratos dirigidos aos mesmos, insistindo em condições mínimas de vida, senão por valores filantrópicos, ao menos como forma de preservar uma propriedade valiosa da qual ele mesmo usufruía: *E advirto que, se o doente for preto, se lhe dê boa cobertura, casa bem recolhida e o comer de boa sustância, que nisto pecam muitos os senhores de escravos (EM*, v. 1, p. 258).

Realizando as múltiplas tarefas que lhe foram colocadas pela realidade da colônia, Gomes Ferreira seguia movimentos similares ao conjunto social mais amplo dos cirurgiões. Formados nos hospitais do reino, geralmente remediados e com poucas fazendas, como diziam, homens que se aventuram em direção às benesses da colônia, vislumbrando possibilidades de enriquecimento que se mostrariam mais atraentes principalmente após a descoberta do ouro na região onde o autor viveu por mais de duas décadas.



Preparação de um antídoto contra mordedura de serpentes.
(Anônimo)

Trajetória social dos cirurgiões no Brasil colonial

Vindos para o Brasil geralmente como embarcadiços, profissionais mais que necessários diante das mazelas das longas travessias marítimas, os cirurgiões -habilitados nas artes da cirurgia, quebraduras, amputações - e os barbeiros ou sangradores - adestrados em sarjar, sangrar, aplicar ventosas ou sanguessugas, extrair dentes, barbear ou cortar cabelos - predominaram no trato dos habitantes remediados e pobres da colônia. Se a princípio a eles estariam destinados os enormes plantéis escravos, distribuídos nas minas, nas cidades e nas fazendas, estenderam sua esfera de atuação a outras camadas sociais quando da carência de

profissionais médicos. À escassez de físicos formados, é necessário acrescentar as inúmeras dificuldades envoltas no comércio de drogas e remédios, seu alto custo e o comprometimento de sua qualidade em função das longas travessias - particularmente a corrupção dos mesmos, *passando a linha, onde todas as cousas se degeneram*, segundo os termos do próprio Gomes Ferreira (EM, v. 1, p. 285). Assim, diante das profundas desigualdades sociais, acentuadas ao limite pela escravidão, os produtos de botica, muitos deles provenientes do reino, e profissionais médicos eram quase que prerrogativas dos mais ricos; remédios caseiros, fórmulas feitas com ervas e outros produtos de valor medicinal, curandeiros e mezinheiros, barbeiros, sangradores e cirurgiões era aquilo com que poderiam contar minimamente os setores remediados, pobres e os escravos da colônia.

Nos primeiros séculos da colonização, a fiscalização ao exercício profissional e ao comércio de drogas estivera a cargo de representantes do físico-mor do reino, substituídos entre 1782 e 1802 por delegados da Junta do Protomedicato, organismo sediado em Lisboa e criado por Dª. Maria I. Antes desta, o Regimento de 1742 relativo às partes do Brasil determinava que os comissários, médicos aprovados pela Universidade de Coimbra, fiscalizariam não só a qualidade das drogas trazidas pelos navios e depositadas nas boticas brasileiras, e a ação dos boticários, como também coibiriam a prática da clínica por leigos, ou por aqueles que a isso não estivessem explicitamente habilitados.[24]

Mas, de fato, instituições e autoridades pouco fizeram contra a ação de homens e de mulheres que praticavam as artes médicas e desenvolviam seus próprios receituários e terapêuticas. Mesmo nos principais centros da administração colonial, como Salvador, Rio de Janeiro e Recife, onde teoricamente essa fiscalização estaria mais presente, as medidas restritivas, além de se mostrarem relativamente inoperantes, quando aplicadas, recebiam freqüentes reclamos vindos muitas vezes dos representantes da Coroa, em nome da realidade colonial. No final do século XVIII, D. Rodrigo Menezes, governador em Salvador, conclamava às autoridades

metropolitanas a necessidade de contemplar com parcimônia o controle dos profissionais não aprovados, em razão das carências da população. Investia, nessa época, contra as medidas tomadas pelos delegados da Junta do Protomedicato, pois, no seu dizer, eram os cirurgiões não aprovados e especialmente os sangradores, geralmente negros forros, os que medicavam com mais pontualidade.[25] Também entre a elite de fazendeiros e donos de engenho existia relutância à aplicação rígida da lei. Anos mais tarde, em 1807, no parecer sobre as causas que impediam o desenvolvimento da colônia, aconselhava o desembargador João Rodrigues de Brito ao Conde da Ponte, governador da Bahia, a plena liberalização de conhecimentos e práticas:

> *Permiti o tratar dos enfermos a todos os que tiverem para isso inclinação, e vos vereis um grande número de homens de letras, e curiosos, aplicarem-se à arte de curar, porem-se em estado de discernir os charlatães, e obrigá-los pela sua concorrência a estudarem e cuidarem seriamente dos seus doentes.*[26]

Para tanto, sugeria o fim da exigência das cartas de habilitação, do monopolio do exercício das funções entre os "encartados," a possibilidade de os boticários, párocos e mesmo senhores de engenho praticarem as artes médicas, seguindo uma tradição que já era notável em Salvador e no Recôncavo:

> *São bem conhecidos alguns lavradores do Recôncavo, que por caridade curam muita gente com feliz sucesso, como o Senhor do Engenho do Poucoponto, e há mesmo dentro da cidade até pessoas do sexo feminino, que exercem a Farmácia com mais perfeição que muitos Boticários encartados, lembrando entre elas, como exemplo, as meninas do Senhor João Landislau, cuja botica é a mais creditada.*[27]

Pois, como bem observou um cirurgião no final do século XVIII, *a necessidade não tem lei e onde não há médico, nem cirurgião, melhor é sujeitar-se o enfermo ao curativo dos enfermeiros que tem*

uma reconhecida prática, do que abandonar-se ao desamparo em que acabam os demasiadamente escrupulosos. Morando na Amazônia, em 1786, enfatizava Antônio José de Araújo Braga que essa carência transformava simples condutores de canoas nos principais recursos com que poderiam contar os seus habitantes. Homens, segundo ele, de notável familiaridade com as moléstias e as drogas da região:

> *Assim se vendo que os cabos das canoas que navegam para o Mato-Grosso, como a experiência os têm ensinado que as enfermidades que reinam durante aquela viagem, e em todo o distrito daquela capitania, são as febres pestilantes, que eles chamam carneiradas; a corrupção ou por outro nome o bicho, toda qualidade de sezões; as obstruções, e as hidropesias, cuidam muito de proverem dos remédios mais próprios, como são na classe dos eméticos, o tártaro ipecacuanha; na dos tônicos, extrato de china e a dita em pó e o sal de losna; nas dos estimulantes, contra a corrupção, o gengibre, a pimenta malagueta em pó misturada com sal comum, o enxofre, e a pólvora. E na dos purgantes, a jalapa, o ruibarbo, o quint*ílio *e na falta d'este, o pinhão*.[28]

É lógico supor que esta prevalência provocava por vezes intensas querelas entre os físicos e os cirurgiões ou entre estes e outros tipos sociais de curiosos que tomavam para si os encargos de ministrar terapêuticas para as doenças. Em face da epidemia de febre amarela que atacava Recife, no final do século XVII, o médico formado em Coimbra, João Ferreira da Rosa, condenava os métodos de que se valia o cirurgião flamengo Antônio Brebon, que, segundo ele, a partir de uma observação equivocada da doença administrava uma terapêutica "bisonha e aérea," pouco condizente com a gravidade da moléstia.[29] Também o empírico João Cardoso de Miranda, para que fosse aprovada sua fórmula contra o escorbuto, reconhecida em quase todo o Brasil do século XVIII e requisitada por mercadores da Costa da Mina, Angola e Índia para onde enviava arrobas, como ele afirmava, teve de recorrer aos

favores reais para contornar as acusações de charlatanismo. A respeito, afirmou o comentador de sua obra:

> *O que se sabe é que foi nos degraus do trono real que foi acabar a contenda curiosa que relatamos, e que pode ser bem considerada como símbolo das rijas e demoradas lutas que no século XVIII se deram entre médicos e cirurgiões, pretendendo estes elevar-se até aqueles no exercício da clínica e na consideração pública, ao passo que os médicos os repeliam como indignos pela sua condição e ignorância.*[30]

Ao sinalizar a importância de seu conhecimento, advindo da prática nas Minas Gerais e muitas vezes em oposição às indicações preconizadas pelos "autores," o autor do *Erário Mineral* reproduzia uma situação corrente em outros pontos da colônia, tomando de antemão um certo cuidado para não levantar a ira dos formados, explicando as razões de sua ousadia em editar um tratado médico. No Prólogo ao Leitor, afirmava:

> *Se for censurado por escrever da Medicina, sendo professor da Cirurgia, respondo, que a Cirurgia é parte inseparável da Medicina, e demais, que nas necessidades da saúde os Cirurgiões suprem em falta dos senhores Médicos, e com muita razão em tantas, e tão remotas partes, que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam Médicos, nem ainda Cirurgiões, que professem Cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades. Para remediar estas, e dar luz aos principiantes nesta região, sai a público este* Erário Mineral.

Além da larga influência junto à sociedade colonial, a maior parte dos cirurgiões luso-brasileiros, como também dos físicos formados nas academias de Portugal que aqui assistiam, não se dedicava com exclusividade aos misteres de suas funções. Ofício considerado mecânico, por muito tempo desprestigiado socialmente e associado a ocupações de cristãos-novos,[31] atanto os cirurgiões quanto os médicos, muitas vezes oriundos de setores sociais

remediados da metrópole, vinham como degredados e reconciliados, envolvidos com os tribunais da Inquisição, ou abandonavam o país de origem espontaneamente em busca de riqueza. Nessa trajetória, não foram poucos os que se converteram em comerciantes abastados, mascates que chegavam aos pontos mais distantes da colônia, ricos senhores de engenho em Pernambuco ou no Recôncavo Baiano, donos de fazendas e de lavras relativamente produtivas nas Minas Gerais e, como tais, senhores de escravos e, por vezes, negociantes ligados ao comércio africano. Na sobreposição de funções e atividades multiplicavam seus conhecimentos, como decorrência não só do trato das populações coloniais, como também do resguardo de interesses particulares.

O acesso à documentação da época - processos da Inquisição, petições às autoridades metropolitanas, devassas e conflitos com as autoridades locais -vem aos poucos restabelecendo múltiplas injunções na trajetória social dos cirurgiões e dos físicos estabelecidos na colônia. Ora deparamos com o médico Simão Pinheiro Morão, em Pernambuco das últimas décadas do século XVII, laureado autor do primeiro tratado de matéria médica feito no Brasil, mas, no entanto, indiciado e acusado como judaizante pelos tribunais da Inquisição e enviado como reconciliado à colônia;[32] ora ainda com práticos da medicina, como Miguel Dias Pimenta e João Cardoso de Miranda, em seus estudos sobre doenças que atacavam principalmente os africanos trazidos ao Brasil - a corrupção ou achaque do bicho e o mal de Luanda ou escorbuto -, envoltos nos negócios do comércio de escravos com a África, o primeiro em Recife e o segundo em Salvador, ambos na primeira metade do século XVIII.[33] Também nas regiões das Minas Novas, da mesma época, físicos cristãos-novos como João Nunes Vizeu, Francisco Nunes Miranda, Antônio Ribeiro Sanches e o boticário João Henriques de Paiva mantinham sociedades para o carregamento de escravos, realizando transações comerciais entre as Minas e os portos do Rio de Janeiro, Salvador, Angola e São Tomé.[34]

Em razão da diversificação de atividades característica da vida em colonia, a documentação deslinda ainda as hierarquias que se faziam presentes entre eles. Os inventários de bens dos que foram indiciados pelo Tribunal da Inquisição indicam a esse respeito sensíveis graduações de riqueza; nos autos perfilam profissionais da medicina, donos de engenhos e de bens de raiz, ao lado daqueles que pouco possuíam. Preso em 1730, Diogo Corrêa do Vale, médico português morador nas Minas de Ouro, de 59 anos, arrolava diante das autoridades eclesiásticas bens e objetos que denotavam a mobilidade intrínseca ao desempenho de suas funções:

> *…que ao tempo de sua prisão não estava de posse de bens alguns de raiz mas que de móveis possuía o seguinte: uma mula e um cavalo selados; dois escravos: Ventura Mina e Joseph; um leito de campanha com seu paramento de drogas e uns tamboretes de couro; cinco ou seis oitavas de ouro e cinco mil réis em prata; que tinha alguns livros de sua profissão, que valeriam 30 mil réis.*[35]

Ao lado do remediado físico, aparecia envolto nas mesmas malhas, possivelmente em razão do volume de seus cabedais, o médico português Manoel Mendes Monforte, natural de Castelo Branco, preso em 1721 na Bahia, possuidor de um extenso patrimônio formado por engenhos, fazendas e escravaria, negociante de produtos manufaturados entre os portos da Europa, os do Brasil e as Minas Gerais.[36] Mas, no geral, parecem ter prevalecido os de médios cabedais. Ao contrário do médico cristão-novo, senhor de engenho, nem mesmo nosso Gomes Ferreira, explorador de lavras e dono de escravos, mostra-se incisivo quanto às dimensões de sua fortuna; particularmente quando, tratando das circunstâncias em que elaborou sua obra, no esforço de relembrar casos transcorridos nos vinte anos de estada nas Minas Gerais, deixa entender que havia sido preciso mais tempo do que inicialmente planejara para formá-la: *…mas como não fiz tal conta, cuidando faria minha fortuna em poucos anos, por isso me descuidei, e agora me não lembram para as fazer públicas, e só o faço do que me lembro, e conforme o*

tempo me dá lugar (EM, v. 1, p. 266). Ao que parece mantinha dívidas ou pagamentos a prazo, anos após sua ida a Portugal quando da publicação do livro: em 1739, seu nome constava entre os devedores do cristão-novo Fernando Gomes Nunes, comerciante morador nas Minas dos Goiases, *com um valor de cento e vinte oitavas de ouro procedidas das fazendas que lhe vendeu a pagamento de cinco meses*.[37]

Em decorrência da mescla de atividades e interesses, perseguindo movimentos comuns aos habitantes dessa época, são os cirurgiões igualmente homens andarilhos, percorrendo vários pontos da colônia: por vezes, vamos encontrá-los nos mais remotos lugares, mascateando e assistindo populações isoladas que demandavam seus serviços. Nas notícias sobre os moradores de Cuiabá, entre os anos de 1746 e 1747, conta-nos o expedicionário José Gonçalves Fonseca a existência de um cirurgião português que supria os habitantes de povoações dispersas desde o Mato Grosso até a Amazônia, na região do rio Negro, mercadejando gêneros de primeira necessidade, principalmente o sal, produto que freqüentemente escasseava naquelas localidades:

> *…neste meio tempo tornaram alguns moradores a fazer viagem do Mato-Grosso à aldeia de Exaltação, sem conseguir coisa alguma de negociação, até que no ano de 1747, achando-se aqueles arraiais em grande penúria de sal passou um cirurgião chamado Francisco Rodrigues da Costa a comerciar alguns deste gênero, e com efeito o conseguiu a troco de fazenda seca, e também negociou cera e pano de algodão, que tudo lhe fez boa conveniência […] no ano seguinte fazendo o mesmo Francisco Rodrigues compra no Mato-Grosso dos gêneros sorteados*.[38]

Também o cirurgião ou curioso-mascate, Miguel Dias Pimenta, já mencionado, aliava interesses mercantis, entre os quais estariam os relacionados ao comércio de negros, e artes médicas; de seus relatos foi possível inferir deslocamentos amplos, segundo entreviu o comentador de sua obra:

> *Das* Notícias *infere-se que Pimenta viajava muito por distantes lugares da Capitania. A relativa freqüência com que aponta as regiões onde se poderiam obter as ervas medicinais de sua farmacopéia permite-o supor. Provavelmente andava em caravanas de tropeiros, mercador como era, comprando coisas para despachar nas frotas e vendendo os artigos com que estas vinham d'além-mar. Talvez comprando e vendendo mesmo negros, porque há sinais de que, graças à apregoada eficácia de seus métodos curativos do achaque do bicho, devia resultar-lhe vantajoso arrematar os rebotalhos do mercado de escravos da rua dos Judeus ou os pretos imprestáveis das senzalas dos engenhos, para fazê-los sarar e passar adiante, curados e refeitos, por muito bom dinheiro*.[39]

Dessa maneira, não é de estranhar os inúmeros locais e situações citados por Gomes Ferreira e que denotam a amplitude espacial de seu raio de ação: ora vamos encontrá-lo por entre as inúmeras vilas, arraiais e distritos espalhados pela região aurífera, ora deslocando-se por entre os caminhos do sertão, especialmente nas rotas do São Francisco, zona dos currais baianos e elo de ligação de Minas com os centros do litoral - Recife e Salvador.[40] Em outras ocasiões, em Lisboa, nos trajetos marítimos como embarcadiço, nas ilhas do Atlântico, em outras capitanias brasileiras, como na do Rio de Janeiro, em 1711, atuando como cirurgião das tropas mineiras organizadas por Antônio de Albuquerque.[41] Foi possivelmente por conta dessa mobilidade que o cirurgião armazenou ensinamentos provenientes de tradições étnicas diferenciadas, somados aos que obtinha do contato com profissionais como ele. Lições sobre as particularidades do clima e das doenças que se mostraram substanciais nos inícios de sua estada em Minas Gerais, quando foi instruído por práticos da medicina, velhos moradores na região como Baião, cirurgião nas minas do Rio das Mortes, ou João da Rosa, húngaro de nação:

> *…e achando-me mui triste naquele princípio, vendo que esta doença era muito comum, e que morriam tantos escravos e se perdia tanto ouro em poucos dias, me fazia ter grande pena,*

> *assim pelos não poder remediar, como pelo pouco crédito, que adquiria, e não menos, vendo que um pobre trabalhava dois, e três anos para lucrar um, e que o perdia em poucos dias, ou em 24 horas […]. Andando, pois, nestas considerações, tive ocasião de ser amigo do licenciado João da Rosa, húngaro de nação e bem conhecido em todas estas Minas por cirurgião eminentíssimo, químico, hervolário, e farmacêutico, o qual me deu alguma instrução como antigo no clima (EM*, v. 1, p. 241).

Saber médico e tradições populares no Erário Mineral

Exercem, os cirurgiões, práticas que expressam a adequação - ou a aclimatação, como diriam - do conhecimento adquirido na formação médico-cirúrgica em Portugal ao contexto específico da colônia. Nesse sentido, o quadro de doutrinas a que se vincula Gomes Ferreira deve ser, inicialmente, referenciado aos autores portugueses, base de seu aprendizado, ainda que prático, no Hospital Real de Todos os Santos, de Lisboa.[42] Estão presentes em sua obra créditos aos tratados médicos mais gerais que circulavam na época.

Menciona os autores mais antigos, clássicos da literatura médica portuguesa: o físico judeu do século XVI, João Castelo Branco, mais conhecido em seu exílio como Amato Lusitano (1511-1568), e Zacuto Lusitano (1557-1642), o conceituado médico português igualmente obrigado a emigrar para Amsterdã, onde editou sua *Praxis medica admiranda*, de 1634. E, ainda, os manuais didáticos comuns às escolas de medicina européias, como os de Daniel Senerto, Lázaro Rivière, Luís Mercatus, Gabriel Fallopio, dentre outros.

Nas sessões em que trata de moléstias mais específicas, suas observações aparecem fundamentadas na obra sobre a sífilis e suas manifestações - de Duarte Madeira Arrais, *Madeira ilustrado, método de conhecer e curar o morbo gálico*, de 1642 -, e nos

estudos pontuais sobre a matéria cirúrgica, realizados pelos professores do Hospital Real, nos séculos XVII e XVIII: Antônio da Cruz, *Recopilação de cirurgia*, de 1601; Antônio Ferreira, *Luz verdadeira ou recopilado exame de toda cirurgia*, de 1670; Feliciano de Almeida, *Cirurgia reformada*, de 1715; João Lopes Corrêa, *Castelo forte contra todas as enfermidades*, de 1723, Manuel da Silva Leitão, *Arte com vida ou vida com arte*, de 1738.

Apesar da longa lista de trabalhos citados, da qual não poderiam faltar menções aos mestres da medicina clássica e árabe, substrato importante nas doutrinas da época - Hipócrates, Galeno, Avicena, Mesue, Silvático, Paulo Egineta, Guido, dentre outros -, a influência decisiva sobre o *Erário* parece ter sido a de João Curvo Semedo, através de seus diversos trabalhos: *Poliantéia medicinal*, de 1695, *Observações médicas e doutrinais de cem casos gravíssimos*, de 1707, e *Atalaia da vida contra as hostilidades da morte*, de 1720. Médico da família real de Portugal, da nobreza e das gentes humildes de Lisboa, inspirou com suas obras não só parte significativa das indicações feitas por Gomes Ferreira, como também esteve presente entre as populações letradas do Brasil colonial, ao menos como publicação mencionada nas coleções de livros existentes no Rio de Janeiro e Minas Gerais do século XVIII e início do XIX.[43] Expressão das mais ilustrativas da velha medicina do reino, eivada de superstição e magia, na qualificação de Lycurgo Santos Filho, sua grande popularidade decorria possivelmente por apresentar exatamente aquilo que nele criticam: uma combinação entre o conhecimento médico, as observações de casos os mais diversos e uma série de receitas e procedimentos que retirava das tradições populares.

Tão familiares quanto os tratados de Semedo foram igualmente seus preparados, os chamados segredos curvianos - bezoárticos, antídotos compostos por produtos vindos das Índias, trociscos de Fioravento ou de Alandal, águas e cordiais antifebris ou "antipheuriticos," vinho diurético, óleo de ouro etc. -, apresentados ora sob a forma de preparados galênicos, nos quais predominavam os produtos vegetais, ora trazendo em sua composição os

elementos químicos, cuja excelência era preconizada por Semedo, tais como o antimônio, calomelanos, vitriolo, pós de quintílio e tártaro emético, produtos tantas vezes citados no *Erário Mineral.*[44] Além é claro, da indicação de receitas feitas com produtos de uso corriqueiro, como os que eram aconselhados por Semedo para a cura de garrotilho ou das queixas de garganta: *atar ao redor da garganta um escarpim, ou palmilha de meia bem suada e fedorenta*. Receita reproduzida por Gomes Ferreira em sua obra (EM, v. 1, p. 425) e que teria a seu favor, segundo Semedo, *a aprovação dos religiosos irlandeses, que vivem na Corte Real, os quais uniformemente dizem que nas suas pátrias é o escarpim suado o mais decantado remédio que há para os garrotilhos, e queixas da garganta.*[45]

Em seu conjunto, foram os remedios curvianos proficuamente recomendados não só pelo nosso cirurgião, como integrados no rol de produtos das boticas brasileiras e indicados nas coleções de receitas dos jesuítas, compiladas no século XVIII.[46] Talvez mais famosa do que estes, somente a Triaga Brasílica, *celebríssima em todo aquelle novo Mundo*, fórmula secreta desenvolvida no Colégio da Bahia, guardada cuidadosamente pelos jesuítas e que, em sua composição, reunia quase todos os produtos da flora medicinal e da fauna mágica do Brasil colonial.[47] Triaga, que, além de ser apresentada como poderoso antídoto, se estendia a um número igualmente grande de moléstias, de dores intrínsecas, de acidentes e encantamentos.

Tendo, portanto, como referência os autores e as concepções que vigoravam na medicina portuguesa, o *Erário Mineral* apresenta elementos que lhe são recorrentes: a aplicação de uma mesma polifarmácia do reino, em cordiais, tisanas, lambedores, elixires e triagas; o recurso a produtos que agiam sobre as doenças por simpatia ou antipatia; receitas com a indicação de bezoárticos e de produtos estercoários, em suas virtudes ocultas; o uso excessivo do mercúrio, azougue-vivo, no tratamento da sífilis ou do paludismo de que alguns autores acusam a velha medicina, mas principalmente a presença constante das purgas, dos vomitórios e, em menor escala,

das sangrias, como introdução obrigatória a toda e qualquer prescrição médica - base terapêutica de longa data e que perduraria ainda por muito tempo, senão na medicina dita científica, ao menos nas tradições da medicina popular, associada quase sempre a rituais de purificação e de castigo.[48]

Acompanhando por vezes a terapêutica expulsiva, encontram-se reproduzidos nos tratados de Gomes Ferreira receituários nos quais se correspondem ritos de simpatias ao uso de produtos estercoários. São componentes imprescindíveis de várias das fórmulas do cirurgião, de um lado, o uso de excrementos humanos e de animais; de outro, o porte de amuletos de proteção - o âmbar atado ao pescoço para contornar insônias; o cascavel das cobras trazido debaixo do sovaco, para livrar de acidentes de gota coral; presas de animais para evitar as dores de dentes -, pedras e orações como elementos preventivos de acidentes e doenças. Aspecto este que, bem notado e sublinhado pelos estudiosos, transformou a sua obra num dos exemplares mais apreciados para ilustrar a "obsoleta e contraproducente" terapêutica luso-brasileira que vigorou no período.

Vistos, no entanto, sob o prisma da época em que foram produzidos, tais conteúdos adquirem conotações diferenciadas. Partindo do pressuposto de que os excretos manteriam parte da vitalidade dos corpos, mesmo depois de mortos, Gomes Ferreira considerava excelente remédio para tirar manchas, sinais ou marcas da pele, colocar em cima delas a mão de um defunto ainda quente (EM, v. 1, p. 414); ou ainda óleo humano, produto vendido pelos carrascos às boticas, posto nas marcas da bexiga e nódoas: *quem usar do óleo […] feito de unto de homem, se for do rim será melhor, e há de morrer esquartejado (EM*, v. 1, p. 355). O mesmo poder revitalizador presente no leite humano e no sêmen poderia ser obtido com o unto de cadáveres de homens mortos por meios violentos, como excelente receita contra a calvície. Receituário extenso que, no limite, e entendendo que para grandes males somente poderosos remédios, na falta de antídotos disponíveis, indicava a ingestão de fezes humanas como a última alternativa

para combater as mordeduras de cobras, seguindo a tradição presente entre os sertanistas.

Nestes termos, do mesmo modo que é delicada a separação entre uma pretensa cultura erudita e as práticas curativas relacionadas às vivências dos grupos étnicos e sociais aqui estabelecidos, a medicina luso-brasileira que vigorou ao longo dos primeiros séculos da colonização deve ser considerada em sua historicidade e manifestações plurais, no imbricamento de múltiplas práticas de diagnóstico e de cura, tão variadas quanto a diversidade social e étnica do universo brasileiro. Referindo-se especificamente aos mestres da medicina portuguesa da época, afirmou Pedro Nava:

> *Realmente há um instante da evolução da Arte Médica em Portugal, em que é difícil traçar um limite entre o seu setor cultivado e o seu saber popular - entre a magia, superstição, a feitiçaria e a religiosidade, de um lado, e a medicina científica de outro. Tudo isso constitui um amálgama inseparável na obra dos mestres portugueses, principalmente dos séculos XVII e* XVIII.[49]

Tratando-se de uma medicina essencialmente clínica, valendo-se sobretudo da observação dos sintomas visíveis ou suspeitados, fazendo da casuística o registro de casos, um fator importante, enquanto a patologia repousava na sintomatologia, a origem das doenças era atribuída às condições climáticas ou a fenômenos astronômicos, aos desregramentos alimentares ou sexuais, a estados emotivos, a desarmonias dos humores, na concepção hipocrática,[50] havendo igualmente amplos espaços para a consideração de malefícios e feitiços na ocorrência delas. Assim, entre as concepções que perfaziam as fronteiras da medicina dita barroca, na ausência de distinções entre magia e ciência e na mescla de elementos físicos e espirituais para explicar a causa dos males, é que devem ser interpretados os procedimentos simpáticos, o aproveitamento da vitalidade depositada nos excretos de corpos e, numa outra direção, o temor diante da suspeição de infidelidade,

que quase sempre acompanhava a edição das obras médicas, todas a princípio sob a mira do Santo Ofício.[51]

O tratado de Gomes Ferreira deve ser referenciado às dimensões em que à matéria médica de sua época imbricavam-se concepções provenientes da medicina popular portuguesa que, segundo os estudiosos, mantinha-se não só extremamente presente na península, como também revitalizada anteriormente nos encontros significativos entre crenças latinas, aportes árabes, elementos provenientes da Antigüidade. Em virtude desse fato, nota-se o quanto ainda é arraigada no autor a presença dessas tradições, notadamente quando trata dos feitiços como causa de determinados males. Sugestivamente, não se mostra ainda assimilada em sua obra a correspondência entre feitiçaria e crenças afro-brasileiras - a obsessão pelo feitiço praticado pelos negros, escravos ou livres, que iria acompanhar o universo mental brasileiro, particularmente junto aos senhores, em razão das ambigüidades implícitas ao domínio escravista. Ao invés disso, seu capítulo sobre os enfeitiçados, *ligados por arte mágica, ou malefícios* (EM, v. 1, p. 421-423), remete-se aos quadros mentais ibéricos, sendo quase uma transcrição literal de passagens da obra de Curvo Semedo, *Observações médicas doutrinais*, nas quais os enfeitiçamentos aparecem relacionados à infidelidade conjugal e a comportamentos estranhos dos maridos junto a suas esposas, e nestes casos a terapêutica simpática e ritualista como a mais indicada para desfazer os encantamentos.[52]

Diante do contato com a visão de mundo das populações autóctones e a dos segmentos de origem africana, o etiologismo sobrenatural dos infortúnios físicos e espirituais permitia, além disso, movimentos de aproximação às concepções originárias dos demais grupos aqui presentes; ao que tudo indica, no contexto da colônia, não importava muito se estes fossem explicados pelas *qualidades maléficas*, pelos catimbós, pelas mandingas, pelas *váalungas africanas*, no dizer de Pedro Nava.[53] Numa direção similar, o receituário de Gomes Ferreira, abundante em ossos, gorduras, pedaços e animais inteiros, valendo-se nesta matéria de quase toda

a fauna disponível, aproximava-se dos produtos utilizados na cura praticada por nossos índios, igualmente pródigos em buscar no reino animal, remédios como a *saliva e a urina; a banha do jacaré contra a dentada de cobra; a carne torrada e pulverizada do sapo preto para aliviar as mulheres no paño; o esmogma, como antídoto para veneno de cobra; e conchas, dentes de onça, unhas de tamanduá como amuletos preservativos.*[54] Movimento presente também nas práticas médico-curativas, é possível inferir na sua interpretação processos de readequações culturais tão profundamente mesclados que se torna quase impossível precisar a origem dos componentes autóctones, africanos e europeus, tal como ocorria na vida cultural da colônia.

É no contexto de um complexo movimento no qual se cruzam visões de mundo e conceitos singulares de doença, de diagnóstico e de cura que perpassavam a sociedade luso-brasileira da época que devem ser interpretados segmentos da obra de Gomes Ferreira. Considerar, portanto, as suas colocações como expressões do obscurantismo e do atraso que marcavam o conhecimento médico dos séculos XVII e XVIII, equivale sobrepor à interpretação histórica juízos de valor impressos pelos movimentos posteriores que teimaram em delinear fronteiras entre o popular e o erudito, entre a ciência e a magia, próprias à afirmação da ciência médica do século XIX. Ou mesmo imaginar, numa perspectiva evolucionista, uma progressão linear do conhecimento tomado numa única e exclusiva direção.

A experiência colonial: escravos, doenças tropicais e as ervas da terra no Erário Mineral

Ao quadro de referências que subsidiava a formação dos cirurgiões do reino, Gomes Ferreira incorporou os elementos provenientes da prática que desenvolveu no Brasil e que demandou a flexibilização dos cânones da medicina portuguesa, relativizando ou readequando à luz das particularidades da sociedade assistida aquilo que determinavam os autores. Uma parte considerável do *Erário Mineral*

só pode ser entendida no cerne do difícil processo de instrumentalizar a assistência na colônia e que impunha, muitas vezes, contrapor à autoridade dos mestres a experiência vivida. Entre outras tantas passagens, o imperativo dessa inflexão fica evidenciada quando o autor questiona a propriedade das sangrias circunstanciada na singularidade colonial.

> *E se em Portugal se recomenda que as sangrias se não façam com excesso, onde os mantimentos são de boa sustância, que sucederá nestas Minas, e em todo o Brasil, aonde são tão diferentes, e os dos pretos com muita maior razão, porque habitam sempre, ou quase sempre dentro da água, e depois que entram a trabalhar, andam expostos ao rigor da chuva, do frio, e do sol? Ruins coberturas, ruins camas, e ruim tratamento, como todos sabem os que habitam nestas partes; e, por estas razões e pelos maus sucessos que delas via, nunca fui devoto de mandar sangrar, senão com muita cautela; e pelas mesmas não mandei sangrar a muitos, que, na opinião de todos os professores modernos no tal clima, haviam de ser bem sangrados, como os quatro escravos meus que ficaram imprimidos e apertadíssimos entre duas paredes cobertos de terra e pedras, muito por cima da cabeça e com tantas contusões que, depois de saírem, não podiam articular as palavras, nem tomar respiração (EM*, v. 1, p. 278-279).

Num ritmo similar ao das contingências do mundo do ouro, as doenças novas ou relativamente conhecidas foram por ele descritas na sucessão e concretude de casos; o receituário, em inúmeras ocasiões, improvisado diante de evoluções inesperadas; e as virtudes das drogas, apreendidas mediante a observação dos usos da terra e testadas na mesma diapasão da sociedade mineira. Improvisações clínicas e terapêuticas que se mostrariam imprescindíveis principalmente quando o cirurgião chegou à região, num momento em que, iniciando-se aí o estabelecimento de núcleos populacionais, nem ao menos existiam boticas, e por *haver poucos medicamentos, e venderem-se por alto preço e ouvia dizer que os*

olhos de embaúba era bons para quebraduras, compus os emplastos na forma que fica dito (EM, v. 1, p. 471).

A atuação de Ferreira perseguia os movimentos mais gerais de uma sociedade que, de fato, deixava pouco espaço para a prudência ou para reflexões apriorísticas. O que não significou, necessariamente, demérito de seus ensinamentos; pelo contrário, agindo não como um mero narrador, mas como um homem ligado a uma prática constante, o cirurgião compilou as várias etapas das doenças que observava, sua sintomatologia e os tratamentos utilizados em cada uma delas, perfazendo posteriormente o principal guia para os profissionais que lhe seguiram e que possivelmente viram-se diante de situações semelhantes. No mesmo sentido, as virtudes dos medicamentos, particularmente os de origem vegetal, foram por ele reconhecidas em ensaios, considerados prováveis acertos e supostamente também muitos erros. Num tom de quase desabafo, que deve orientar a pretensão de interpretações ulteriores a respeito de seu trabalho, adverte os leitores:

> *E se alguém se admirar, […] saiba que tudo o que digo é verdade, e saiba também que a experiência deve prevalecer a toda a razão, e os que a duvidarem fiquem com a sua opinião. Eu digo o que experimentei neste clima de vinte anos a esta parte e as curas, que nele fiz e me lembram, não havendo nestas Minas professor mais antigo; cada um seguirá o que lhe parecer (EM*, v. 1, p. 483).

Para sua prática essencialmente experimental, Gomes Ferreira contou com o mais adequado conjunto de pacientes - os escravos, em sua humanidade presumidamente diferenciada. Vistos em sua compleição física singular, *porque como pretos são dotados de uma natureza mais forte e robusta que os brancos, resistem mais a todas as enfermidades (EM*, v. 1, p. 282), em sua natureza agreste e bruta, acostumados às duras intempéries do trabalho nas minas, suportariam os tratamentos extremados que eram aplicados pelo cirurgião. Acreditando que *inimigos fortes se não vencem com armas fracas (EM*, v. 1, p. 238), poderiam estar sujeitos a

sucessivas purgas e vomitórios, aos sacatrapos violentos na cura dos males que os afligiam. Alguns cuidados deveriam, no entanto, ser observados: considerando as mesmas limitações relativas à escravidão, era aconselhável que as sangrias fossem evitadas, enquanto as purgas poderiam ser numerosas; ao sinal de qualquer moléstia, tomando os seus banhos, neles deveria ser respeitada a corrupção do bicho. Os sintomas das doenças surgiriam um pouco alterados: sendo negro, nos casos de febres, o rosto apareceria luzente *(EM*, v. 1, p. 254), e os mesmos sintomas deveriam ser reconhecidos a partir de seus linguajares próprios: *dizendo mais, que tinha fastio, e o comer na boca não estava doce, que é o modo, com que eles [os escravos] se costumam explicar quando querem dizer que o comer lhes amarga… (EM*, v. 1, p. 274). No limite, foi sob o corpo de um escravo morto abruptamente, por razões desconhecidas, que Gomes Ferreira realizou uma autópsia *(EM*, v. 1, p. 267-268), numa época em que tais procedimentos começavam a ser coibidos em Portugal, mesmo entre os muros da Universidade de Coimbra. Subjacente a todos os atendimentos e terapêuticas aplicadas aos escravos, existia no cirurgião a consciência do valor desta propriedade para a sociedade da época e a necessidade de sua preservação: *Sem embargo que já tenho feito esta advertência, a torno a repetir, por ser de grande importância nos pretos, porque a perda de um posta em prata carrega outro (EM*, v. 1, p. 270).

Anotando casos enfrentados no dia-a-dia, a obra configura-se inventário significativo do quadro nosológico da colônia e da sociedade mineira. Encontram-se descritos de maneira detalhada os males que se estendiam a todos os habitantes daquele clima específico (as obstruções e os formigamentos, por exemplo); as doenças que se manifestavam como decorrência do trabalho nas minas, nas condições físicas em que se processava a exploração do ouro (as pontadas pleuriticas ou as frieiras nos pés). Destacavam-se as que acompanhavam os africanos recém-chegados e aquelas cuja incidência era maior em determinadas etnias ou grupos presentes na região: no caso dos africanos, o escorbuto ou mal de Luanda (Tratado XII), a corrupção do bicho (Tratado VIII), as boubas (piã), a cangalha - doença específica dos pretos, mas *só nos pretos de toda*

a Costa da Mina, excetuados todos os de Angola somente, e pela maior parte é só nos que são mineiros, que andam metidos dentro da água ou com os pés nela, que, os que se ocupam em roças, nunca neles vi tal doença (EM, v. 2, p. 578-579); os papos - *doença mais comum em paulistas, carijós, mamelucos e mais em mulheres que em homens; também em pretos e alguns, suposto poucos, em filhos de Portugal (EM*, v. 2, p. 592).

Em sua natureza específica de tratado sobre a matéria médica, a importância do *Erário Mineral* deve ser dimensionada, na medida do possível, tendo em vista as repercussões que teve para a sociedade brasileira do período, bem como as contribuições dadas ao combate e ao tratamento das moléstias que grassavam na colônia. Numa perspectiva mais longa, deve ser tratado como fonte capaz de fornecer indícios que permitam a reconstituição histórica da vida na sociedade da época, as possibilidades de sobrevivência de seus habitantes diante das mazelas a que estavam afeitos.

A observação quotidiana dos males que atacavam sobretudo os escravos transformou a obra de Gomes Ferreira num testemunho histórico significativo acerca das patologias que reinavam no Brasil, abrangendo aí a descrição daquelas que seriam estudadas, nos finais do século XIX, à luz da medicina tropical, algumas já quase totalmente erradicadas, como a corrupção do bicho.[55] Chamada também como "mal do Brasil" ou "mal de São Tomé," uma vez que diretamente relacionada ao tráfico negreiro, e popularizada com a denominação africana de "maculo," as considerações feitas por Gomes Ferreira a respeito dessa doença tornaram-se referência obrigatória entre os profissionais médicos e os viajantes que lhe seguiram. Os tratamentos que preconizou - a erva do bicho, como principal componente do receituário, e a indicação de banhos constantes, introduzindo inclusive novos hábitos de higiene no trato dos escravos -, bem como os que deveriam acompanhar as fases mais agudas, perdurariam por mais tempo, ao menos nos pontos longínquos do território brasileiro:

> *A terapêutica brutal dos sacatrapos prevaleceria e alcançaria sobretudo nos resistentes focos do Brasil central, os últimos anos do século passado. […] No alto Mato Grosso e Amazonas, de acordo com Alexandre Rodrigues Ferreira, as grossas massas só eram indicadas nos casos de insensibilidade do enfermo aos clisteres de pimenta e gengibre. Se não havia a mínima reação a tais estimulantes, recorria-se à 'massa composta'. Era o método usado nas Minas Gerais do setecentos e recomendada pelo cirurgião Gomes Ferreira.*[56]

No mesmo sentido, os estudiosos da história da medicina dos séculos XVII e XVII destacaram o pioneirismo de Gomes Ferreira no que se refere à etiologia das chagas causadas pelas moscas varejeiras, posto que pouco divulgado. Segundo um deles,

> *no Brasil colônia, de minguados recursos e quase nenhuma assistência, ninguém observou e melhor descreveu a miíase humana do que o autor do Erário Mineral, no capítulo das chagas das moscas varejeiras. As sete páginas que o cirurgião dedicou bastaria para situá-lo entre os primeiros nomes da parasitologia, se sua obra, como a de Garcia de Orta, tivesse um Clusius que a latinizasse e difundisse nos meios científicos de então.*[57]

Ao enfrentar moléstias as mais diversificadas, Gomes Ferreira ampliou a utilização da flora e da fauna nativas, tão necessárias às terapêuticas da colônia. Trazendo parte desse conhecimento já de Lisboa, supostamente adquirido através dos inventários feitos sobre os produtos medicinais do ultramar por Curvo Semedo,[58] Gomes Ferreira enriqueceu-o mediante o contato com a experiência dos colonos e índios, recolhendo-o a partir do uso que se espalhava por entre os habitantes das minas, dos sertões e do litoral, entre os moradores ribeirinhos do São Francisco e os que se situavam nas áreas do litoral, sobretudo Recife e Salvador, centros com os quais mantinha mais contato. Assim, ao insistir nas virtudes da erva-do-bicho, também chamada de fedegoso ou cataia para o tratamento do maculo ou corrupção do bicho, explicita que

> *nestas Minas há grande abundância dela, e, pela específica virtude que tem para a doença chamada corrupção do bicho todos a estimam muito, e porque ninguém pode estar sem ela, quem se muda para algum sítio novo a primeira coisa que leva para ele é alguns pés dela para plantar; porque a cada passo é necessária, principalmente para escravos (EM*, v. 2, p. 638).

Além desta, a raiz de mil-homens, virtuosa contra *malefícios e dores de barriga (EM*, v. 2, p. 675); o célebre emético feito de ipecacuanha ou poaia, planta descrita pelo autor em suas características, facilitando o reconhecimento deste que seria o grande produto brasileiro no comércio de drogas: *a raiz de cipó chamada de pacacoanha ou por outro nome poalha, nomes que lhe deram os gentios carijós e por eles descoberta, é uma raiz delgadinha e com muitos nós, enozelada e torta; são estas raízes o único e certo remédio para curar cursos ou sejam de sangue ou sem ele, […] e também é remédio contra os venenos (EM*, v. 2, p. 678). Outras ainda, citadas ao longo do *Erário:* a erva conhecida como orelha-de-onça, *prodigiosa para todos os venenos e malefícios, assim tomado o seu pó, como bebida a sua água, ou tudo junto, que será melhor […] para toda a qualidade de veneno e para quem tiver desconfiança de que lhe deram feitiços e para mordeduras venenosas (EM*, v. 2, p. 675); a batata de purga ou a purga dos paulistas, sucedânea à jalapa, largamente utilizada pelo cirurgião; a erva-de-santa-maria, excelente para lombrigas e também para a corrupção; a raiz do jaborandi, remédio para tirar dores de dente *certo, experimentado muitas vezes, e fácil nestas Minas (EM*, v. 1, p. 328-329); a raiz de butua, indicada para doenças do fígado, para carnosidades e purgações da madre, e para toda sorte de venenos *(EM*, v. 2, p. 676-678), de cujas virtudes não se podia duvidar:

> *porque eu vi os paulistas fazerem muito caso dela, trazendo-a consigo, que são estes homens muito vistos e experimentados em raízes, ervas, plantas, árvores e frutos, por andarem pelos sertões anos e anos não se curando de suas enfermidades senão com as tais coisas e por terem muita comunicação com*

> *os carijós de quem tem alcançado cousas boas (EM*, v. 2, p. 677-678).

Embora a menção aos produtos da flora e da fauna nativas estivesse presente desde as crônicas coloniais e nas observações feitas pelos naturalistas holandeses,[59] somente nos finais do século XVIII se solidificaria o reconhecimento de suas qualidades para a fitoterapia mundial, graças ao esforço de uma geração de naturalistas e botânicos que insistiram no valor das propriedades medicinais dos produtos da terra, dentre os quais caberia apontar o já citado Alexandre Rodrigues Ferreira, Bernardino Antônio Gomes e Frei José Mariano da Conceição Veloso.[60] Num movimento secular de progressão que se iniciou timidamente com os informes dos séculos XVI e XVI, chegando às primeiras catalogações da flora medicinal no final do XVIII e início do XIX, o empirismo de Gomes Ferreira nesta matéria coloca-se como momento a ser considerado.

Numa perspectiva ampla de tempo e espaço, a obra de Gomes Ferreira inicia uma tradição marcante na vida social da colônia e do Império, qual seja, a disponibilidade de manuais de medicina doméstica, destinados, em última instância, a sanar a carência de profissionais médicos no imenso território brasileiro. Circulando mais intensamente a partir do século XIX, tais manuais, transformados sobretudo em formulários de receitas, deveriam orientar particularmente a terapêutica doméstica exercida pelos fazendeiros no atendimento a suas parentelas e plantéis. Arvorando-se do direito sobre a vida e morte de seus escravos, a aplicação de medicamentos por ocasião de suas doenças aparecia como extensão natural do domínio senhorial, tornando-se usuais situações em que

> *o fazendeiro sangrava afoitamente, preparava a sua caroba, o ungüento digestivo de traque, fedegoso, folhas defumo e mel de pau; os seus cozimentos de raízes e cascas amargas, a purga de batata e da bucha dos Paulistas; o vomitório de pinhão, a urina e limagem de ferro, etc. Em certos casos recorriam aos benzilhões, às medicações por palavra, e a esta espécie de*

> *cura que hoje se diria magnética e sugestiva, esta já reconhecida por D. João IV…*[61]

Também convertidas em formulários de receitas, as mesmas obras apareceriam, de acordo com o testemunho de Alexandre Rodrigues Ferreira, por entre os curandeiros que assistiam as populações nas localidades distantes do litoral, nas últimas décadas do Setecentos:

> *Vagam em suas mãos algumas receitas, que se tem tirado dos receituários de Ferreira, Mirandella, e Mouravá, com estas e com as que têm ajuntado e recebido de alguns dos cirurgiões, se caracterizam médicos, e como tais se encarregam de toda e qualquer enfermidade. Ainda a mais vasta e mais escolhida biblioteca cirúrgica, que por aqui se tem espalhado, não comprende mais do que as obras dos citados Ferreira, Mirandella e Mouravá; as de Curvo, Santisse, Castellos Fortes, Madeira de qualidade celtica, a* Âncora Medicinal *de Pedro de Alvellos, o* Diálogo cirúrgico, *do Lima do Porto*, Receituário Luzitano, *e já hoje com muita raridade algum col. de Villares*, Thesouro Appolineo, *etc.*[62]

Outro indício da importância dos tratados de medicina prática entre os setores letrados do Brasil foi a presença desse gênero de obras entre os livreiros dos inícios do século XIX. Nas coleções comercializadas no Rio de Janeiro, Rubens Borba de Moraes localizou a presença dos autores médicos portugueses do século precedente - Curvo Semedo, Mirandela -, bem como a dos cirurgiões luso-brasileiros, em seus tratados sobre a medicina na colônia: o *Governo de mineiros* (de 1770), obra já referida; *Observações médicas*, possivelmente a obra de 1785, do cirurgião português radicado em Salvador, Manoel Fernandes Nabuco. Junto a estes, algumas traduções como a *Medicina doméstica*, do inglês Guilherme Buchan, na versão realizada por Manuel Henrique de Paiva, em 1788.[63] No geral, manuais portugueses que seriam gradativamente substituídos, sobretudo após a vinda da família real para o Brasil, por uma nova tendência afrancesada na forma de dicionários médicos para uso doméstico dos quais o mais afamado

foi, no Império, o *Dicionário de Medicina Popular*, de autoria de Pedro Luís Chernoviz.

No final do século XVIII, apesar da renovação da ciência médica em decorrência dos novos ares trazidos pelas reformas pombalinas e por uma abertura maior à produção européia, persistem na colônia carências relativas à cura das moléstias, mantendo-se o hábito de colecionar receitas médicas entre as populações brasileiras. Provável versão masculina dos receituários domésticos, estas se apresentariam recolhidas ora em grandes cadernos manuscritos, ora intermediando as anotações financeiras nos livros de razão dos engenhos e fazendas. Nos livros oitocentistas dos senhores do Brejo do Campo Seco, grande propriedade rural na região de Caetité e Brumado, no caminho do sertão do São Francisco, Lycurgo Santos Filho encontrou recomendações terapêuticas com traços do século precedente, similares às que Gomes Ferreira indicava: para a cura de gonorréia, vista ainda como ulceração gálica, a barrigudinha encontrada nos campos; para a sífilis, a salsaparrilha, a jalapa, o mercúrio doce e a carobinha em pó. Outra ainda, transmitida possivelmente por José Vieira Couto aos proprietários baianos, médico do Hospital do Distrito Diamantino, em Tejuco dos finais do XVIII, traz a indicação do celebrado digestivo de picão, *que em todas as Minas se sabe fazer*, para o tratamento do carbúnculo,[64] igualmente registrada no *Governo de mineiros*, do licenciado José Antônio Mendes, cirurgião do mesmo hospital.

Para enriquecer ainda mais os acervos de receitas, os leitores utilizavam, outras vezes, as contracapas dos mesmos manuais para suas anotações pessoais; no exemplar do *Manual do fazendeiro, ou tratado doméstico sobreos enfermidades dos negros*, de Imbert, localizado na Biblioteca Municipal de São Paulo,[65] constam receitas manuscritas feitas por volta de 1854 possivelmente por um fazendeiro, ou fazendeira: para inflamações de estômago, uma mistura de açúcar e calomelanos; para as assaduras de crianças, láudano e tintura de jataí; para tosse comprida, jalandico, serpentária da Virgínia, quina em pó; bálsamo de ópio e folhas de

fumo para queimaduras e alívio das febres; para cura do mal gálico, a salsaparrilha com aguardente de cana.

Produtos não muito diferentes daqueles que acompanhavam as boticas das expedições de exploração do território nacional,[66] ou os que deveriam constar necessariamente nas boticas domésticas. Dentre outros, como aconselha José Antônio Mendes, em seu tratado: jalapa, sene, maná, salsaparrilha e, comprados junto aos boticários, calomelanos turquescos, tártaro emético, quintílio em pó, cremor de tártaro, bezoártico do Curvo, Triaga Magna e Brasílica, quinaquina, láudano. Produtos familiares na obra de Gomes Ferreira dos inícios do século XVIII, similares aos que acompanhavam as expedições de Alexandre Rodrigues Ferreira no final do mesmo século e que continuariam a fazer parte dos acervos e coleções de drogas dos ervanários dos inícios do século XX, nos principais centros urbanos brasileiros.



Antigramma repanda. (Aquarela de Sydney Parkinson)

Bibliografia

ABREU, Aleixo de. *Tratado de las siete enfermidade, de la inflammacion universal de higado, zirbo, pyloron, y rinones*. Lisboa:

Pedro Craesbeeck, 1623.

ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memórias vara a história do extincto estado do Maranhão, cujo território comprehende hoje as províncias do Maranhão, Piahuy, Grão-Pará e Amazonas*. Rio de Janeiro: Nova Tipografía de J. Paulo Hildebrandt, 1874, v. 2.

ANDRADE, Gilberto Osório de. Estudo crítico: Às noticias do que é o achaque do bicho, de Miguel Dias Pimenta. In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1956.

ANDRADE, Mário de. A medicina dos excretos In: *Namoros com a medicina*. 4. ed. São Paulo: Martins/Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ARAÚJO, Carlos da Silva. *Matéria médica no Brasil do século XVIII*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952, p. 39-40.

ARAÚJO, Maria Benedita. O *conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

BRAGA, Antonio José de Araújo. Relatório médico de 1787…, apud FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário da viagem filosófica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. LI, 1883. p. 139-166.

BRITO, Rodrigues de. *A economia brasileira no alvorecer do século XIX*. Salvador: Progresso, [s./d.].

COLLEÇÃO de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brazil… Transcrição do índice do ms. em: LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Edições Broteria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

CORDEIRO, José Pedro Leite. Documentos sobre médicos e medicina no Brasil. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 244, p. 372-378, 1959.

ACOSTA, Cristóvão da. *Tractado de las drogas, y medicinas de las índias Orientales, con sus plantas debuxadas ai biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente. En el quál se verifica mucho de lo que escrivio el doctór García de Orta*. Burgos, Martin de Victoria, 1578

COSTA, F. A. Pereira da. *Anais pernambucanos*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1952, v.III.

DIAS, José Pedro Sousa. A farmácia setecentista: uma introdução à história, literatura e cerâmica da farmácia em Portugal no século XVIII. In: CATÁLOGO da exposição Farmácia Setecentista: literatura e artefactos. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, fev. 1990.

DIAS, Maria Odila Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 273, 1968.

DINIZ, Silvio Gabriel. Bibliotecas setecentistas nas Minas Gerais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. VI, p. 343, 1959.

DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica (à Notícia do que é o achaque do bicho, de Miguel Dias pimenta). In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1956.

ELLIS, Miriam. Contribuição ao estudo do abastecimento das zonas mineradoras do Brasil no século XVIII. *Revista de História*, São Paulo, ano DC, p.429-68,1958.

FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: USP, 1997. (Dissertação de mestrado).

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário de viagem philosophica pela capitania de S. José do Rio Negro, com a informação do estudo presente, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista,

empregado na expedição philosophica do Estado. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. LI, 1888.

FICALHO (Conde de). (Dir.) *Colóquios dos simples e drogas da Índia, por Garcia da Orta*. Edição publicada por deliberação da Academia Real das Ciências de Lisboa, dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891.

FREITAS, Octávio de. *Doenças africanas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

GOMES, Bernardino Antônio. *Plantas medicinais do Brasil*. São Paulo, Edusp; Belo Horizonte, Itatiaia, edição fac-símile, 1972.

HERSON, Bella. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)*. São Paulo: Edusp, 1996.

HOEHNE, F. C. *Botânica e agricultura no Brasil do século XVI (pesquisas e contribuições)*. São Paulo: Editora Nacional, 1937.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed., 1ª reimp., São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

IMBERT, J. B. A., *Manual do fazendeiro, ou Tratado doméstico sobre as enfermidades dos negro*. Rio de Janeiro: na Typ. Imp. e Const., de Seignot-Planchar, 1834.

LEITE, Serafim. *Artes e oficios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Edições Broteria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

LEMOS, Maximiano *História da medicina em Portugal* - Doutrinas e instituições. Lisboa: Manoel Gomes, 1899, v. 1.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943.

MENDES, José Antônio. *Governo de mineiros mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez, e mais legoas,*

padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortaes. Lisboa: Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Mesa Censória, Ano MDCCLXX.

MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa lagoa descuberta nas Congonhas das Minas de Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques que nesta Relação se expõem (1749)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente um methodo para curar a infecção escorbutica, ou mal de Luanda, e todos os seus productos, fazendo para isto manifestos dous especificos, e mui particulares remedios*. Lisboa: Oficina de Manuel Soares, Ano MDCCXLI.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas do Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos/São Paulo: Secretaria de Cultura, 1979.

MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1956.

NABUCO, José Thomaz. *Um cirurgião do Brasil colônia* - O cirurgião-mor Manuel Fernandes Nabuco e sua gente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 156.

NAVA, Pedro. Capítulos da história da medicina no Brasil - Introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil. *Brasil Médico Cirúrgico* Rio de Janeiro, v. 11, p. 8-10,1949.

NAVA, Pedro. Introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil. In: *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico Cirúrgico (separata), 1948-49. p. 107-136.

NOVINSKY, Anita. *Inquisição:* inventário de bens confiscados a cristãos-novos. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa das

Moedas/Livraria Camões, [s./d.].

O PATRIOTA - Jornal litterario, político, mercantil, & c. do Rio de Janeiro.

PINA, Luís de. A botica de bordo de Fernão de Magalhães. *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, 1942, v. IV.

PINA, Luís de. A medicina embarcada no século XVI e XVII. *Arquivo Histórico de Portugal* Lisboa, 1939, v. IV.

PINA, Luis de. As boticas do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do século XVIII). *Separata dos Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, v. DC, 1949.

PIRES, Tomé. Carta escripta de Cochin a el-Rey D. Manoel por Thomé Pires, em 27 de janeiro de 1516, sobre algumas plantas e drogas úteis do Oriente. Manuscrito transcrito no apêndice das *Obras completas do Cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz), Patriarca de Lisboa*, precedidas de uma introdução pelo Marqués de Rezende. Lisboa: Imprensa Nacional, 1876, t. VI.

PISO, Guilherme. *História natural e médica da Índia Ocidental*, em cinco livros (1648). Trad. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957(Coleção Obras Raras).

RIBEIRO, Márcia Moisés *A ciencia dos trópicos* -A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997

ROSA, João Ferreira da. *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*, de 1691. In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1956.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Plantes usuelles des bresiliens*. Paris: Grimbert Librairie, 1824.

SANTOS FILHO, Lycurgo *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1977, v. 1-2.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo* - Aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SANTOS, Manuel dos. Narração histórica das calamidades de Pernambuco, sucedidas desde o anno de 1707 até o de 1715, com a noticia do levante dos povos de suas capitanias, escripta por um anonimo e pelo mesmo correcta e acrescentada, anno de 1749. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LIII, p. 7, 1890.

SEMEDO, João Curvo. *Observações médica doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em a serviço da Patria & das Nações estranhas escreve em língua Portuguesa, & latina Joam Curvo Semmedo…* Lisboa Ocidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, Ano M.DCCXXVII.

SENNA, Lúcio de. *Médicos mineiros - No* Brasil-Colônia, no Império e na República. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

SIGAUD, J. F. X. *Du climat et des maladies du Brésil ou Statistique médicale de cet empire*. Paris: Chez Fortin, Masson et Cie., Libraires, 1844.

SILVA, Lina Gorenstein Ferreira. *Heréticos e impuros - A* Inquisição e os cristãos-novos no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Notas e comentários de Francisco Adolpho de Varnhagen. 4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional/ Edusp, 1971.

SOUZA, José Eduardo Teixeira de; LIMA, Agostinho José de Sousa. As sciências médico-pharmacêuticas. In: LIVRO do Centenário

(1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Associação do IV Centenário do Descobrimento do Brasil, 1900, v. 2.

TAUNAY, Afonso d'E. Epidemias e endemias coloniais. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, t. III, p. 414, 1927.

TORRES, Luiz José de Godoy. Matéria médica - Mapa das plantas do Brasil, suas virtudes e lugares em que florescem, extraído de ofícios de vários médicos e cirurgiões. O *Patriota*, n. 4, jul./ago. 1814.

TORRES, Luiz José de Godoy. Plantas medicinaes indígenas de Minas Gerais. O *Patriota*, n. 3, maio/jun. 1814.

VARNHAGEN, F. A. de. Excerptos de várias listas de condemnados pela Inquisição de Lisboa desde o anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só os brasileiros, ou colonos estabelecidos no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. VII, 1866.

ZEMELLA, Mafalda P. O *abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII. 2*. ed. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

1 Como exemplo, o conceituado historiador da medicina brasileira, Lycurgo Santos Filho, avalia a obra como *repositório de impropriedades médicas, então admitidas pela maioria dos profissionais, um grosso volume que descreve afeções mais comuns na Bahia e Minas Gerais, como o maculo, escorbuto, 'espinha caída', e indica 'segredos ou remédios particulares', entre eles o óleo de ouro*. SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*, v. 1, p. 42.

2 PINA, Luís de. A medicina embarcada no século XVI e XVII. *Arquivo Histórico de Portugal*, v. IV, p. 288; A botica de bordo de Fernão de Magalhães, *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, v. IV.

3 PIRES, Tomé. Carta escripta de Cochin a el-Rey D. Manoel por Thomé Pires, em 27 de janeiro de 1516, sobre algumas plantas e drogas úteis do Oriente.

4 FICALHO (Conde de). (Dir.) *Colóquios dos simples e drogas da Índia, por Garcia da Orta*.

5 COSTA, Cristóvão da. *Tratado de las drogas y medicinas de las Indias Orientais*.

6 SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*.

7 ABREU, Aleixo de. *Tratado de las siete enfermidade, de la inflammación universal de higado, zirbo, pyloron, y rinones*.

8 RIBEIRO, Márcia Moisés. A singularidade colonial. In: *A ciência dos trópicos*, p. 21-45.

9 RIBEIRO, Márcia Moisés. A singularidade colonial. In: *A ciência dos trópicos*, p. 25; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*, capítulo: "Botica da natureza. In: *Caminhos e fronteiras*, p. 74-89.

10 As distinções implicavam, primeiramente, a formação diferenciada: os físicos, diplomados nas academias de medicina européias e os cirurgiões com uma formação realizada nos hospitais do reino ou junto a cirurgiões aprovados. Ambos estariam sujeitos a exames junto às autoridades do reino ou da colônia para a obtenção de cartas de habilitação no exercício da clínica médica ou cirúrgica. (LEMOS, Maximiano. Da creação dos estudos cirúrgicos no Hospital de Todos-os-Santos à reforma da Universidade, 1504-1772). In: *História da medicina em Portugal…* Envolviam também campos diferenciados de atuação, sendo que aos cirurgiões eram atribuídas as funções ditas mecânicas da medicina; segundo Márcia Moisés Ribeiro, funções mais elementares tais como *sangrias, escarificações, extração de balas, aplicação de ventosas e sanguessugas, curas de ferimentos externos e outras atividades*

dependentes de habilidade manual. RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos*, p. 34.

11 Sobre os abalos causados pela Inquisição na medicina portuguesa e a importância dos exilados na formulação do saber médico, entre os séculos XVI e XVIII: LEMOS, Maximiano. *História da medicina em Portugal*, v. 1, p. 217-220; SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*, v. 1, p. 283-289.

12 COSTA, F. A. Pereira da. *Anais pernambucanos, v*. III, p. 31-36. Para se ter uma idéia comparativa, em uma só freguesia de Lisboa, das Mercês, por volta de 1763, *viviam aí cinco médicos, sete cirurgiões, três boticários, dois oficiais de boticários e um comerciante de Água da Inglaterra;*para toda Lisboa, da mesma época, contava-se com *192 cirurgiões, 96 boticários, 51 médicos, 30 ajudantes de enfermeiros, 25 enfermeiros, 18 oficiais de boticários, 13 parteiras, 3 dentistas, 2 boticários cirurgiões, além de outros profissionais da área da saúde*. (Dados citados em: DIAS, José Pedro Sousa. A farmácia setecentista… In: *Catálogo da exposição Farmácia Setecentista…*, p. 8-9.)

13 SANTOS, Manuel dos. Narração histórica das calamidades de Pernambuco…, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. LIII, p. 7, 1890.

14 Apud SOUZA, José Eduardo Teixeira de; LIMA, Agostinho José de Sousa. As sciências médico-pharmacêuticas. In: LIVRO do Centenário (1500-1900), v. 2, p. 51.

15 SENNA, Lúcio de. *Médicos mineiros…*, p. 115.

16 Lei de 11 de janeiro de 1570, apud DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica. In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*, p. 43.

17 PISO, Guilherme. *História natural e médica da Índia Ocidental*.

18 Os três tratados foram reeditados, numa iniciativa do Arquivo Público de Pernambuco, em 1956, na obra acima citada, de MORÃO, ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*.

19 Segundo informações de SENNA, Lúcio de *Médicos mineiros*, p. 118; TAUNAY, Afonso d'E. Epidemias e endemias coloniais. *Anais do Museu Paulista*, t. III, p. 414. LEMOS, Maximiano. *História da medicina em Portugal*, v. 1, p. 156.

20 Trata-se do mesmo autor da receita contra escorbuto acrescentada, a pedido, no Tratado ?II do *Erário Mineral*. A publicação em livro é, portanto, posterior ao *Erário*, sendo um dos seus intuitos a divulgação correta da fórmula, corrigindo alguns equívocos da veiculada na obra de Gomes Ferreira. MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica….*

21 MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa lagoa descuberta nas Congonhas das Minas de Sabará….*

22 MENDES, José Antônio. *Governo de mineiros mui necessário para os que vivem distantes….*

23 Observações médicas do cirurgião Antônio José de Araújo Braga, de 1786. In: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário da viagem philosófica… *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, t. LI, 1888.

24 Regimento que devem observar os comissários delegados do Fizico mor do Reyno, no Estado do Brasil, de 27 de maio de 1742, apud CORDEIRO, José Pedro Leite. Documentos sobre médicos e medicina no Brasil. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, v. 244, p. 372378, 1959. Segundo Márcia Moisés Ribeiro, completado por outro regimento datado de maio de 1744. RIBEIRO, Márcia Moisés. A singularidade colonial. In: *A ciência dos trópicos*, p. 31. Ver também ARAÚJO, Carlos da Silva. *Matéria médica no Brasil do século XVIII*, p. 39-40.

25 Ofício de D. Rodrigo de Menezes ao ministro do Ultramar em Lisboa, em 21 de maio de 1787, apud NABUCO, José Thomaz. *Um cirurgião do Brasil colônia…*, p. 156.

26 Resposta de João Rodrigues de Brito ao ofício do Governador Conde da Ponte, em 1807, sobre o estado da lavoura, comércio etc. BRITO, Rodrigues de. *A economia brasileira no alvorecer do século XIX*, p. 102.

27 BRITO, Rodrigues de. *A economia brasileira no alvorecer do século XIX*, p. 103-104.

28 BRAGA, Antônio José de Araújo. Relatório médico de 1787…, apud FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário da viagem filosófica, p. 147.

29 *Na frota de mil seiscentos e noventa e dois mandou sua Majestade ao Governo da Bahia, e por ele às mais capitanias, o traslado de um juramento do cirurgião Antônio Brebon, o qual quimericamente se publicou descubridor da cura deste contágio: e é o dito juramento na forma seguinte, transladado de verbo e verbum*. ROSA, João Ferreira da. *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*, de 1691. In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*, p. 235-236.

30 CARVALHO, Augusto da Silva. Prefácio. In: MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa lagoa descuberta nas Congonhas das Minas de Sabará*, p. XXXII.

31 *Não obstante a inspecção e direção theologo-metaphysica do ensino médico, a natureza real e positiva de taes estudos provocava uma certa suspeição de impiedade nos que os cultivavam, suscitando o rifão já tão popular no século XVI,* Tres medici, quatuar athaei; *poucos cursavam Coimbra, e por lei (1632-1671) estavam proibidos de curar no reino os médicos que saíssem reconciliados com o Santo Officio;* e mais adiante: *Durante a tétrica actividade da Inquisição, os médicos portugueses ostentavam-se como familiares*

do Santo Officio e ardentemente solicitavam essa distincção para arredar de si o labéo de christãos novos. SOUZA, José Eduardo Teixeira de; SOUSA LIMA, Agostinho José de. *As sciências médico-pharmacêuticas*, p. 23.

32 HERSON, Bella. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)*, p. 93-94. Segundo nos informa à página 171, de acordo com o decreto de 1671, os médicos cristãos-novos, mesmo reconciliados com o Santo Ofício, ficariam proibidos de exercer a profissão sob pena de serem exterminados; nessas circunstâncias *era para o Brasil que, em regra, se desterrava o infrator da lei*. Mas, mesmo aqui, não estariam livres da Inquisição: Lina Gorenstein Ferreira da Silva assinala que pelo menos 3,5% dos denunciados no Brasil do século XVIII praticavam a medicina. SILVA, Leina Gorestein Ferreira da. *Heréticos e impuros* - A Inquisição e os cristãos-novos no Rio de Janeiro, século XVIII. p. 44.

33 Augusto da Silva Carvalho localizou, nos arquivos de Lisboa, a comprovação do envolvimento de Cardoso de Miranda no comércio de escravos: documentos que tratam de litígios entre o cirurgião e a Mesa de Inspeção de Salvador, em 1758, sobre a licença das galeras Nossa Senhora da Penha da França e Boa Hora, que realizavam escambo de escravos entre a Bahia e a Costa da Mina. CARVALHO, Augusto da Silva. Prefácio. In: *Prodigiosa lagoa descuberta nas Congonhas de Minas Gerais*, p. XVI.

34 Cf. FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*, p. 102. Nomes indicados também em VARNHAGEN, F. A. de. Excerptos de várias listas de condemnados pela Inquisição de Lisboa desde o anno de 1711 ao de 1767… *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. VII.

35 Apud NOVINSKY, Anita. *Inquisição:* inventário de bens confiscados a cristãos-novos, p. 86-87.

36 NOVINSKY, Anita. *Inquisição:* inventário de bens confiscados a cristãos-novos, cit., p. 198 et seq.; sobre os autos inquisitoriais

relativos a Monforte: HERSON, Bella. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira*, p. 145 et seq.

37 NOVINSKY, Anita. *Inquisição:* inventário de bens confiscados a cristãos-novos, p. 106.

38 Primeira exploração pelos rios Madeira e Guaporé feita por José Gonçalves da Fonseca em 1749 por ordem do Governo. In: ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memórias para a história do extincto estado do Maranhão, cujo território comprehende hoje as províncias do Maranhão, Piahuy, Grão-Pará e Amazonas*, v. 2, p. 354-355.

39 ANDRADE, Gilberto Osório de. Estudo crítico: Às noticias do que é o achaque do bicho, de Miguel Dias Pimenta. In: MORÃO, ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*, p. 376. Sobre o comércio de escravos doentes ver SANTOS FILHO, Lycurgo *História geral da medicina brasileira*, v. 2, p. 230.

40 ZEMELLA, Mafalda P. Os transportes dos gêneros, utensilios e escravos - Caminhos baianos para as Minas. In: *O abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII*, p. 115-142. ELLIS, Miriam. Contribuição ao estudo do abastecimento das zonas mineradoras do Brasil no século XVIII, v. XXXVI.

41 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*, p. 164: *Já em 1711 a história militar do Brasil registra o frito de Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador da incipiente capitania. que, por ocasião da investida de Duguay Trouin contra o Rio de Janeiro, levantou em poucos dias seis mil homens 'da melhor e mais luzida gente que tem as ditas Minas, assim Paulistas como forasteiros', com eles marchando sobre o litoral e guarnecendo-o*.

42 Instituição fundada em 1492 que centralizou o ensino da cirurgia em Portugal, até o incêndio em 1750 e sua destruição no terremoto de 1755. Sobre o ensino cirúrgico e os autores citados adiante: LEMOS, Maximiano. Organização do ensino cirúrgico no Hospital de

Todos os Santos e fora dele. In: *História da medicina em Portugal*, especialmente v. 1, capítulo: 3.

43 MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas do Brasil colonial*, p. 197; DINIZ, Silvio Gabriel. Bibliotecas setecentistas nas Minas Gerais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. VI, p. 343, 1959.

44 Sobre as distinções entre remédios galênicos e o receituário de produtos químicos, como também sobre a farmacopéia dos segredistas em Portugal: DIAS, José Pedro Sousa. *A farmácia setecentista…;* ARAÚJO, Maria Benedita. *O conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XVII e XVIII*. Especificamente sobre os segredos curvianos: LEMOS, Maximiano *História da medicina em Portugal*, v. 2, p. 53-54.

45 SEMEDO, João Curvo. *Observações médica doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em a serviço da Patria & das Nações estranhas escreve em língua Portuguesa, & latina Joam Curvo Semmedo*, p. 198. Num estilo aproximado ao que seria adotado por Gomes Ferreira nas suas observações, trata-se de obra que descreve os casos mais característicos das moléstias presentes na sociedade lisboeta, em pacientes pertencentes desde a nobreza, fidalgos e fidalgas ilustríssimos, às *gentes ordinárias*, configurando, assim, um interessante painel daquela sociedade.

46 Colleção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brazil…, apud LEITE, Serafim. *Artes e oficios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*, p. 283-293. Segundo José Pedro Sousa Dias, os segredos curvianos eram também comercializados em Lisboa pelos dominicanos e jesuítas, além dos próprios segredos desta farmácia conventual, tais como a Teriaga ou Triaga Brasílica. DIAS, José Pedro Sousa. *A farmácia setecentista…*, p. 12.

47 LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*, p. 295-299.

48 Sobre o caráter apontado presente também na terapêutica estercoária: NAVA, Pedro. Capítulos da história da medicina no Brasil. In: *Brasil Médico Cirúrgico*, v. 11, p. 8-10; ANDRADE, Mário de. A medicina dos excretos. In: *Namoros com a medicina*.

49 NAVA, Pedro. *Introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil*, p. 5.

50 SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*, v. 2, p. 176.

51 Caso exemplar, no sentido apontado por Pedro Nava, é a obra de Bernardo Pereyra, de 1734, cujo título já explicita tais dimensões e os cuidados que deveriam ser tomados diante da Inquisição: *Anacephaleosis medico theologica, magica, jurídica, moral e política, na qual são recopilados dissertações e divizões, se mostra a infalível certeza de haver qualidades maleficias, se apontão os sinais por onde possão conhecer-se; e se descreve a cura assim em geral, como em particular, de que se devem valer nos achaques procedidos das dittas qualidades maléficas e demoníacas, chamadas vulgarmente FEITIÇOS*.

52 SEMEDO, João Curvo. *Observaçoens médica doutrinaes de cem casos gravíssimos*, p. 565-567.

53 NAVA, Pedro. *Introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil*, p. 19.

54 NAVA, Pedro. *Introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil*, p. 16.

55 FREITAS, Octávio de. *Doenças africanas no Brasil*, p. 37.

56 DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica… In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*, p. 439; a mesma terapêutica seria indicada por BRAGA, Antônio José de Araújo. *Observações médicas*, p. 147-148; bem como na primeira metade do século XIX, por SIGAUD, J. F. X.,

D*u climat et des maladies du Brêsil ou Statistique médicale de cet empire*, p. 132: *o tratamento empírico que se coloca a esta doença consiste em banhos freqüentes com suco de limão e pimenta malagueta. Se este estimulante produzir dor é sinal evidente da próxima separação da parte gangrenada; caso contrário, a morte é reputada inevitável*.

57 DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica… In: MORÃO; ROSA; PIMENTA. *Notícia dos três primeiros limos em vernáculo sobre a medicina no Brasil*, p. 416-417.

58 Memorial de varios simplices que da Índia Oriental, da America, & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remedio de muytas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com se devem usar, apud SEMEDO, *Curvo. Observações medicas doutrinaes de cem casos gravíssimos*.

59 SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. PISO, Guilherme. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Sobre as contribuições dadas por ambos ao reconhecimento da flora medicinal brasileira, nos primeiros séculos da colonização, ver: HOEHNE, F. C. *Botânica e agricultura no Brasil do século XVI (pesquisas e contribuições)*.

60 FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário de viagem philosóphica pela capitania de S. José do Rio Negro, com a informação do estudo presente, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista, empregado na expedição philosóphica do Estado. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. LI, 1888; GOMES, Bernardino Antônio. *Plantas medicinais do Brasil*. Conforme indicação de DIAS, Maria Odila Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1968, v. 273. Importante assinalar também os inventários sobre a flora medicinal publicados no jornal O *Patriota* - Jornal litterario, político, mercantil, & c. do Rio de Janeiro; TORRES, Luiz José de Godoy. Plantas medicinaes indígenas de Minas Gerais. O *Patriota*, n. 3, maio/ jun. 1814; TORRES, Luiz José de Godoy. Matéria médica - Mapa das plantas

do Brasil, suas virtudes e lugares em que florescem, extraído de ofícios de vários médicos e cirurgiões. O *Patriota*, n. 4, jul./ago. 1814. Também as investigações feitas pelos naturalistas estrangeiros, tais como SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Plantes usuelles des bresiliens*.

61 SOUZA, José Eduardo Teixeira de; LIMA, Agostinho José de Sousa. As sciências médico-pharmacêuticas…, p. 23.

62 FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário de viagem philosóphica pela capitania de S. José do Rio Negro…, p. 103.

63 MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas do Brasil colonial*, p. 197.

64 SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo…*, p. 191-198.

65 IMBERT, J. B. A., *Manual do fazendeiro, ou Tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros*.

66 PINA, Luis de. As boticas do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do século XVIII). *Separata dos Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, v. IX, 1949.



Bromelia edulis (Aquarela de Sydney Parkinson)

O Erário Mineral *divertido e curioso*

Ronaldo Simões Coelho

Introdução

> A história do trabalho e do esforço humano é muito mais interessante e significativa do que a história do homem como indivíduo, porque os homens morrem sem alcançar sequer cem anos, mas sua obra sobrevive durante muitos séculos.
>
> Gorki

A razão e a experiência sempre foram mais poderosas que a autoridade humana (EM, v. 1, p. 233), afirma o Dr. Luís Gomes Ferreira. E reafirma: *As coisas por novas não devem desmerecer o crédito de sua verdade porque, que coisa haverá no mundo tão antiga que não fosse nova em algum tempo?* Insiste: *Pela experiência assim me ter ensinado, pois onde esta fala, emudecem todas as autoridades*. E diz, ainda: *Se alguém quiser, que nos atemos em tudo aos passados, quererá que se atem os vivos aos mortos*. (EM, v. I, p. 225-227).

Luís Gomes Ferreira tem todas as características de um bom médico: é ético, recusando-se a tratar alguém que esteja aos cuidados de outro médico ou cirurgião; aceita opiniões de colegas, ainda que defenda suas idéias; é crítico, duvidando das autoridades em algumas circunstâncias, e se recusa a praticar aquilo em que não crê; é crédulo e, com isso, diminui sua onipotência; é, ainda, estudioso, experiente e generoso; caridoso, é capaz de levar o doente para ser tratado na sua própria casa; preocupa-se, como católico que afirma ser, com a salvação da alma e a vida eterna de seus pacientes. Talvez resida aí a razão de seu sucesso.

Seus métodos, sua teoria, sua prática e sua experiência o fazem levar ao doente tudo aquilo que todo paciente deseja: cuidado, atenção, confiança. Curar é cuidar.

Autoconfiante, acredita que a experiência se sobrepõe à autoridade e, apoiado na teoria dos humores, procura adaptá-la ao clima da região em que trabalha.

É significativa, na sua obra, a busca de bons resultados, venham eles do pó de minhoca, do sulfato de quinina, do testículo de cavalo, do sangue menstrual (considerado veneno terrível, capaz de levar à loucura), do leite virginal, da triaga magna, da sangria do lado oposto ao da lesão, de terra de sepultura, das mordidas feitas por moças menstruadas nos portadores de papos. Ou outra coisa qualquer, como a virtude oculta, a simpatia ou a antipatia. O importante é que funcionem. Tudo aquilo que não sabe ele o sabe. Sua ignorância é sua aliada e seu saber. Récipe, eis a questão.

Ao querer ouvir exaustivamente os escravos e os brancos rudes, antecipa-se a Freud. Deve ter lido Celso, ou algum autor que o tenha citado, pois procede como recomenda Freud em um de seus aforismos: *Um médico experiente não deve, logo ao chegar, pegar no pulso do paciente, mas deixá-lo sentar-se e perguntar como se sente, se está com medo ou apreensivo, encorajando-o, através de fala simples, e só então tomar-lhe o pulso*.

Pensa, ainda, nas dificuldades econômicas, acredita que remédios baratos podem fazer tão bem aos pobres quanto os remédios caros farão bem aos ricos. E critica aqueles que prolongam os tratamentos para ganhar mais dinheiro.

Pouco importa se está atualizado, se conhece as mais recentes descobertas da medicina de sua época. O modo como pratica a medicina o torna pioneiro da medicina ecológica e precursor da medicina comunitária.

Parece estranho que o Dr. Gomes Ferreira fale apenas apenas em pacientes brancos e negros, nunca mencionando os índios, apesar de utilizar muitos remédios de uso contínuo entre estes. O fato de viver em zona de mineração, em plena efervescência da busca do ouro, explicaria sua ignorância em relação à prática curativa dos índios?

Nunca se questiona sobre a escravidão, ele próprio sendo possuidor de escravos, mas se preocupa com a questão dos negros, o modo como são tratados, os riscos constantes a que se acham sujeitos.

Leu Paracelso e, talvez, tenha a visão paracelsiana da medicina do trabalho. Relata as más condições em que são exercidas as atividades mineradoras dos negros, a deficiência alimentar e as condições de moradia. Tem visão preventiva, pois fala na importância de diagnosticar cedo os tumores de mama, assim como relaciona o abuso da bebida alcoólica com doença hepática. Insiste na necessidade de condições higiênicas. Seguindo os antigos, sugere a importância do exercício físico como coadjuvante na cura e, receitando para que os gordos emagreçam, não deixa de mencionar que devem comer pouco. Mostra-se um precursor da parasitologia ao descrever as moscas varejeiras. Prepara seus remédios com seriedade, por mais demorada que seja a manipulação e por mais difíceis que sejam de encontrar os materiais de que necessita.

Seu maior mérito, porém, está em submeter-se à critica do futuro, expondo-se totalmente ao relatar em livro toda a sua experiência, sujeitando-se, como tem acontecido, às mais severas recriminações dos estudiosos, por descrever tratamentos absolutamente inócuos ou dignos de serem comparados àqueles dos curandeiros, pela utilização de farmacopéia recheada de remédios imundos, como se isso não fosse costume imemorial e usual. Não teria sido por intermédio dessas experiências que se pôde chegar a remédios para hipertensão, por meio de veneno de cobra, e a tantos outros em uso atualmente, derivados daqueles mais primitivos?

O Dr. Luís Gomes Ferreira nunca poderia supor que, além de permitir o estudo da história da medicina de seu tempo, estaria contribuindo também para estudos de costumes, de folclore, de história, de geografia, de demografia, de lingüística e de outros muitos aspectos de interesse atual.

O autor do *Erário Mineral* sugere a seus leitores que leiam o Dr. Curvo Semedo, seu mestre, onde *acharão bom divertimento*. A mesma sugestão pode ser feita sobre sua obra, na qual, com riqueza de detalhes, ensina a medicina por ele praticada nas Minas Gerais do século XVIII.

Seu livro já foi visto por alguns comentaristas como um repositório de crendices e absurdos. A pensar assim, que outros livros antigos ou atuais não seriam idênticos? Outros encontram nele fonte para diversos estudos.

De qualquer forma, como o próprio autor afirma, o fato de ter descrito suas experiências o torna passível de julgamentos e críticas. Aliás, ele mesmo critica e altera conceitos das autoridades.

Como demonstração de sua prática médica, o autor se baseia em seus conhecimentos teóricos, hauridos na autoridade dos livros e em sua prática diária. Mostra-se versado nos velhos mestres, aos quais recorre muitas vezes para justificar suas ações ou para refutá-los.

Pragmático, como se pode depreender da leitura de sua obra e do próprio fato de tê-la publicado, teve o cuidado de impedir sua reprodução por outros e buscou proteger seus direitos de autor.

A arte de curar

> É um erro crer em tudo e outro erro é não crer em nada.
>
> Sêneca

O ser humano, na sua luta contra o sofrimento e a dor, a doença e a morte, sempre buscou todo e qualquer recurso, seja na magia, na religião ou na ciência. Recorreu às palavras, aos sonhos, aos sacrifícios, aos oráculos, aos deuses e aos santos, aos xamãs e aos médicos. No decorrer dos tempos, utiliza tudo na busca de alívio e cura. E aí se incluem vegetais, animais e minerais.

Uma visão rápida nas páginas da história da medicina oferece riquíssimo panorama das tentativas e experiências feitas pelos homens, no decorrer dos tempos, à procura de remédios eficazes.

É significativo que práticas de cura utilizadas em tempos remotos continuem sendo utilizadas ainda hoje. O povo, apesar do progresso, continua a se comunicar oralmente. Os conhecimentos científicos, em qualquer área, demoram a chegar até o povo. Mesmo a utilização de grandes descobertas pode levar séculos. O termômetro, por exemplo, levou mais de cem anos antes de ser utilizado na medicina. A balança, na química, teve de esperar por Lavoisier. Por isso, sempre existiu uma dupla medicina: a oficial e a popular. Aspecto a ser considerado é o fato de experimentos científicos atuais confirmarem, muitas vezes, o valor terapêutico de técnicas e substâncias empregadas no passado. O uso da pele de sapo em gengivas sangrantes, recomendada na medicina antiga, tem seu valor reconhecido hoje, quando se descobre que a pele de sapo contém poderoso hemostático - a efedrina. A reabilitação da sanguessuga, usada inicialmente na Roma antiga e aplicada até recentemente, está trazendo-a de volta ao cenário médico, após a descoberta de substância anticoagulante secretada por ela.

Outro dado a se considerar refere-se a possíveis erros de interpretação quanto à terminologia usada em outras épocas ou quanto a erros de tradução. Pode-se, por exemplo, traduzir literalmente uma palavra que aparentemente se refere a um animal, quando esta palavra poderia designar uma planta. Um erro de tradução famoso refere-se à expressão *espéculo vaginal*, cuja utilidade desapareceu no decorrer da Idade Média, por terem os árabes, retraduzindo-a para o latim, lhe dado o nome de espelho. Assim, os médicos da Idade Média, cuja formação é totalmente literária, vão ter no seu arsenal de exame um espelho inútil, como têm um frasco para examinar a urina, fonte de todas as informações de que necessitam para os diagnósticos e a terapêutica.

A farmacopéia do antigo Egito inclui, como demonstra o papiro Ebers, pêlo de bode, excremento de leão, de gazela ou de avestruz, vesícula biliar de tartaruga, olhos de salamandra e dedos do pé de rãs. Uma receita anticoncepcional recomenda espinhos de acácia finamente esmagados, misturados com tâmara e mel, formando uma pasta a ser introduzida profundamente no canal vaginal para

evitar a fecundação. Sabe-se, hoje, que o látex contido nos espinhos de acácia desprende ácido lático, principal componente de óvulos anticoncepcionais modernos.

No século XI, os chineses utilizavam algas, com sucesso, no tratamento de bócio, sem terem a menor idéia da função do iodo na cura.

A sutura intestinal descrita na India 2 mil anos antes de Cristo, utilizando formigas, fato descrito também na medicina indígena brasileira, é objeto de estudos atualmente, para saber como se evitava a peritonite em tais casos.

A lista é interminável. Plínio, o Velho, receitava saliva, fezes, esperma, pedras preciosas. São Jerônimo receitava banha de galinha e de hiena para feridas putrefatas e bile animal para cataratas.

O *Erário Mineral* não foge à regra: tudo vale para curar.

E em todos os tempos vai existir a base teórica para explicar a razão das práticas. O Dr. Luís Gomes Ferreira tem como base a teoria dos humores.

A teoria dos humores

O início da teoria dos humores se dá com Hipócrates, considerado o pai da medicina, e é ampliada com Galeno, cuja autoridade não será contestada durante quinze séculos. Na Idade Média e no Renascimento, torna-se a base de todo o conhecimento médico e da terapêutica.

Os conceitos de Hipócrates se baseiam na harmonia dos quatro humores -bile, melancolia, sangue e fleuma -, que significa saúde. A doença surge quando ocorre desequilíbrio, pois o calor vital provoca a fermentação do humor em excesso, o qual deve ser expelido pelas vias naturais. Caso isso não aconteça, o acúmulo forma o

apostema e suas conseqüências: inflamação, gangrena, supuração. A partir daí, entra em ação a natureza, para combater o mal. O papel do médico será apenas de colaborar com as forças naturais para a recuperação da saúde. O médico deve fazer isso através do diagnóstico, do prognóstico e do tratamento. Para tanto, deve observar o doente, acompanhar os sintomas, sempre de acordo com o princípio básico de que, em primeiro lugar, nunca deve prejudicar.

Os princípios hipocráticos foram sendo gradativamente ampliados, sendo os árabes os que mais contribuíram para isso. Constantino, o Africano, ao traduzir ou mandar traduzir os textos árabes, introduziu a propedêutica baseada na ampliação dos conceitos da teoria humoral.

Tudo o que existe no mundo começa a partir dos quatro elementos: o fogo, o ar, a água e a terra. O fogo é seco e quente, a água é fria e úmida, a terra é fria e seca, o ar é quente e úmido. A esses elementos correspondem as qualidades características de cada um e a interação entre eles determinam o que se chama de compleição. São nove as compleições correspondentes às diversas combinações dos quatro elementos. Se estão em proporções iguais, há equilíbrio. Se há predominância de uma das qualidades, há desequilíbrio. Se há qualidades contraditórias ou não, é o que vai decidir como se fará o tratamento. O sangue é quente e úmido como o ar; o fleuma, frio e úmido como a água; a bile, quente e seca como o fogo; a melancolia, fria e seca como a terra. Micro e macrosmo se unem assim. A astrologia passa a ter um prestígio enorme. Mais ainda, a caracterologia surge como capaz de explicar muito: as pessoas são do tipo sangüíneo fleugmático, bilioso ou melancólico.

O desequilíbrio da compleição, isto é, as perturbações que podem ocorrer entre os constituintes do corpo humano, é que vai explicar as doenças e sugerir os tratamentos. Os constituintes do corpo são os quatro elementos (ar, água, fogo e terra), as quatro qualidades (quente, seco, frio e úmido) e os quatro humores (sangue, fleuma, bile e melancolia). Assim, o ar, sendo quente e úmido, está ligado ao

sangue; a água, fria e úmida, à fleuma; o fogo, quente e seco, à bile; a terra, fria e seca, à melancolia.

A compleição pode ter as quatro qualidades em proporções iguais, mas pode haver predominância de uma delas ou de duas não contraditórias. A cocção dos alimentos no fígado forma o sangue venoso e leva a cada parte do corpo a nutrição de que ela necessita.

Outros conceitos incluem a noção de membros (o principal deles seria o coração, mas algumas autoridades incluíam o fígado, ovários e testículos), de virtudes ou faculdades e das operações, sendo as últimas as ações necessárias ao funcionamento do organismo. A partir da noção de calor, frio, umidade e secura, toda a prática terapêutica se estabelece para corrigir o desequilíbrio ou "corrupção" da compleição, que se manifesta por intermédio de febre, do apostema, da obstrução das passagens dos humores, etc.

A cura ou tratamento utiliza a dieta (que compreende os fatores ambientais, o sono, a alimentação, as condições de trabalho, etc.), ampla farmacopéia (que inclui medicamentos de origem humana, animal, vegetal e mineral) e cirurgia.

O preparo dos remedios pode ser simples ou complexo e seu uso pode ser interno (xaropes, pílulas ou trociscos, etc.) ou externo (cataplasmas, emplastros e outros).

Os remédios de origem vegetal são os mais usados. Aos poucos se introduzem produtos químicos. Purgar é a principal forma de tratamento, pois facilita a desobstrução, esvaziando parte do corpo do acúmulo de humor. O mesmo se pretende com o uso de sangrias, banhos e outros cuidados. Como muitos medicamentos possuem *virtudes ocultas*, há de se contar com a experiência do médico ou do cirurgião.

Ferreira se refere aos cacoquímicos, que significam alteração ou depravação dos humores, causa imediata da caquexia.

Virtudes ocultas

A crença nas virtudes ocultas na medicina é um fato curioso. Muitos sábios médicos se referem a elas.

A afirmação de sua existência e de sua importância curativa encheu páginas e páginas da literatura médica durante séculos. Tal como a teoria das simpatias e das antipatias, é uma fascinante busca de explicação para as curas.

A filosofia neoplatônica considerava as *virtudes ocultas* mais poderosas que as *elementais*. Seriam, segundo alguns, os instrumentos pelos quais Deus torna os objetos diferentes uns dos outros, não sendo explicáveis tais diferenças pelas qualidades elementares ou pela mistura destas. Crendo-se nas virtudes ocultas, fica mais fácil entender a ação de ervas medicinais ou de amuletos ou pedras preciosas na melhora e na cura dos doentes. Tudo aquilo que não pudesse ser explicado nem comprovado experimentalmente se tornaria compreensível.

Além das explicações astrológicas, mágicas e teológicas, as virtudes ocultas seriam as *umbrae* (sombras) das idéias divinas conferidas a cada objeto e a cada qualidade, correspondente a uma configuração celestial, segundo Agrippa de Nettesheym no seu livro *De occulta philosophia*, de 1533.

Amato Lusitano (1511-1568), citado por Ferreira, foi um grande sábio, comentador de Dioscórides, traduzindo os nomes dos *simples* do grego para o latim, o português, o espanhol, o francês, o alemão e o árabe. Escreveu contra a astrologia, considerando não haver relação entre as posições dos astros e a terapêutica, chegando a afirmar que os médicos que deixassem de sangrar ou de purgar por causa disso seriam *dignos de compaixão*. Entretanto, a prevalência do modo de pensar dos séculos anteriores continua a exercer grande influência nos séculos seguintes. Curvo Semedo, considerado um espírito adiantado para sua época, acreditava e recomendava até mesmo *bruxarias* em determinada condições.

Luís Ferreira Gomes relata muitos casos em que as virtudes ocultas atuaram favoravelmente. A cura do panarício pode ser feita pondo-se o dedo no ouvido de um gato ou, sendo-se mulher, colocando o dedo doente *no seu vaso natural por espaço de um quarto de hora*. O mesmo se dará na cura das hemorróidas com o uso de uma *bolazinha* que um certo macaco mineiro possui, desde que seja da perna esquerda. O uso do espelho para que a hemorróida se recolha envergonhada também é relatado.

Para evitar picadas de abelhas, nada como a virtude oculta da erva-cidreira. A mesma virtude oculta não falha quando se quer separar amancebados: basta que se ponha o esterco do homem na sola ou nas palmilhas do sapato dela e o esterco dela no sapato dele.

Simpatia e antipatia

O próprio autor define simpatia e antipatia. São virtudes ocultas, mas contêm uma explicação. Simpatia, segundo ele, *é uma certa amizade, conformidade e inclinação, que têm umas coisas com outras, conformando-se, buscando-se, abraçandose e amando-se, como o vemos no azougue com o ouro, na pedra de cevar com o ferro e no alambre com a palha, e outras coisas*. (EM, v. 1, p. 382)

Já a antipatia é

> *uma certa inimizade, repugnância, aversão e discórdia, que têm entre si umas coisas com outras, assim viventes, e sensitivas, como as que não têm vida nem sentimento: isto se deixa ver nas cordas de viola feitas de tripa de lobo, que, se se ajuntarem com as que forem feitas de tripas de carneiro, as rói, e as corta, como se fosse uma navalha. O mesmo vemos em um tambor feito de uma banda com pele de lobo, e da outra com pele de ovelha, não fará estrondo, nem soará, ainda que tanjam nele com quanta força houver, pela antipatia, que entre estes animais têm entre si, não só quando são vivos, senão também depois de mortos. Na hera com as árvores vemos o mesmo, pois as aperta e as mata, como também alguns cipós no Brasil,*

> *que se enrolam, crescem e apertam as árvores de tal modo que, sendo delgados, e as árvores muito grossas, as corta, e as faz secar. As couves com as parreiras*, etc. *(EM*, v. 1, p. 382-383)

Os exemplos se mutiplicam no decorrer da obra: acidentes de asma são provocados porque o bafo do gato tem antipatia pelo nosso pulmão; um corpo defunto brota sangue em presença de seu assassino também por antipatia. A simpatia, por sua vez, fará com que um dente de defunto que tenha morrido velho, sem frio nem febre, fará cair o dente dolorido do doente sem uso de nenhum instrumento.

Galeno era partidário da teoria da simpatia em medicina. A etimologia da palavra lhe dá o significado de *sofrer com* e é baseada em conceitos dos filósofos estóicos. Trata-se de um princípio unificador e que coordena as partes num todo, assegurando a coerência e a unidade. Uma parte doente pode transmitir secundariamente sua doença a uma outra parte pela simpatia. Esta se opõe à protopatia, que é a doença da parte inicialmente atingida. A simpatia se transmite pelos nervos, pelos humores, pelos vapores ou pelo contato.

A sangria

Entre os diversos meios terapêuticos, a sangria ocupou lugar de destaque durante muito tempo. Indicada para febres, resfriado na cabeça, afecção torácica e tantas outras doenças ou sintomas, era considerada por Guy Pattin, professor da Faculdade de Medicina de Paris no século XVII, como capaz de *fazer mais milagres em medicina do que qualquer outro remédio*. Acreditava nisso a ponto de ter-se sangrado, a seu filho e a sua mulher, num total de trinta e nove vezes.

Uso e abuso, as diversas maneiras de se realizar (flebotomia, escarificação, sanguessugas), medida higiênica, indicações e contra-indicaçõe astrológicas, quantidade de sangue a extrair, o

lugar de sangrar, qual a veia, de que lado, a maior ou menor proximidade da lesão, tudo era motivo de discussão, na qual intervinham não só os médicos, mas também o rei e o papa.

Os árabes se opunham aos seguidores de Hipócrates quanto à questão da distância e do lado, acreditando que se devia sangrar longe e não perto, e do mesmo lado da lesão. No século XVI um médico fugiu de Paris para Portugal para evitar perseguição em razão disso: Pierre Brissot chegou a sangrar o rei D. Manuel I em Évora, mas o físico-mor do reino se opôs a ele e houve séria divisão entre os brissotistas e os antibrissotistas.

Sangrar, portanto, era assunto médico da maior importância, rivalizando-se com a purga, como meio eficaz de curas.

Ora, em pleno início do século XVIII, Luís Gomes Ferreira, mesmo fazendo suas críticas, segue autores de épocas remotas ou outros que se baseiam naqueles, apesar de grandes avanços terem surgido na medicina de sua época e dos quais parece não ter tomado conhecimento. É fácil explicar isso. Com a invenção da imprensa, em 1455, o acesso aos velhos autores se democratiza. Hipócrates é editado em Roma, em 1525, em Basiléia, em 1538, e em Frankfurt, em 1595, no que se refere à *Opera Omnia*. Os aforismos haviam sido publicados em Leão, por Rabelais, em 1532. Celso foi impresso em Florença, em 1478 *(De Re Medicina)* e depois em Milão (1481) e Veneza (1524). Dioscórides teve edições em 1481, 1499 e 1524. Plínio, o Velho, foi editado oito vezes logo depois da invenção da imprensa. Galeno, em cinco volumes, surge a partir de 1525 e 1538. A edição mais próxima do Dr. Ferreira é a de Leipzig, feita entre 1541 e 1625. Paulo de Egina tem o seu *Epitome* impresso em sete volumes em Veneza, entre 1528 e 1553, enquanto Avicena é traduzido e publicado em latim a partir de 1473.

A imprensa, ao recuperar obras de autores antigos, de valor inestimável, deu ocasião à utilização de conceitos dogmaticamente aceitos e não criticamente estudados, ocasionando a repetição sistemática de erros. O século XVII é o de William Harvey (1578-1657), inglês que estudou em Pádua e que, num opúsculo de

apenas 72 páginas, revela ao mundo a circulação do sangue. *De motu cordis*, publicado em 1628, é um momento revolucionário na história da medicina. O Dr. Gomes Ferreira, porém, tão douto nos autores antigos, não conhece a obra de Harvey. Malpighi (1628-1694), que consagra o trabalho de Harvey ao descobrir os capilares, também não parece ter sido lido por ele. O mesmo se dá no que se refere a Pecquet (1622-1674) e à circulação linfática, ou a Leeuwenhoek (1632-1723) e seus achados microscópicos (descrição dos espermatozóides, o caráter estriado dos músculos voluntários, os estudos sobre os glóbulos vermelhos e tantos outros). Nem fala em Stenon, Graaf ou Redi. Não se deve crer que Gomes Ferreira teria uma atitude como a de seu colega inglês, Sydenham (1624-1689), o maior clínico de sua época, o qual fez questão de ignorar seus contemporâneos, só se interessando, medicamente, por Hipócrates e seus métodos de observação. Era contra a doutrina galênica dos humores e pôde, assim, descrever suas observações sobre malária, gota, escarlatina, sarampo, broncopneumonia, disenteria, coréia e histeria. O autor preferido de Sydenham não era médico e se chamava Miguel de Cervantes.

O Dr. Gomes Ferreira não conhecia, apesar de ser cirurgião, a obra de Ambroise Paré, morto em 1590 e considerado atualmente o pai da cirurgia francesa. Paré foi grande divulgador da obra de Vesálio, por ter escrito em francês um resumo de *Fábrica*, tornando a anatomia acessível aos cirurgiões que não soubessem o latim. Se o Dr. Ferreira o tivesse lido e conhecido, não teria tanto entusiasmo pela pedra bezoar. Paré lamentava que se acreditasse na eficácia do pó de múmia, do pó do chifre de unicórnio e, quanto ao bezoar, conta-se a seguinte história: Quando o rei Carlos IX ganhou de presente uma dessas pedras, tidas como contraveneno universal. Paré lhe afirmou ser impossível tal propriedade. Refutado pelo autor da dádiva. Paré propôs ao rei que se fizesse uma experiência. Bastava escolher um condenado à morte e lhe dar algum veneno, seguindo-se a ingestão da pedra. Caso sobrevivesse, o infeliz estaria perdoado e livre. Foi escolhido um pobre cozinheiro, condenado pelo roubo de duas bandejas de prata. Tomou o veneno, ingeriu o contraveneno e morreu com grandes sofrimentos. Diante

disso, o bom rei teria jogado no fogo o restante da pedra, gesto que não impediu seu uso e prestígio durante os séculos seguintes. Paré escreveu um precioso livro sobre monstros e prodígios, o que vem mostrar a ambivalência reinante. De um lado, a racionalidade, a prática, a experiência; de outro, a credulidade.

A dificuldade de acesso às descobertas recentes devia ser enorme, principalmente para um cirurgião exercendo a medicina no Brasil, onde também buscava o enriquecimento nas minas de ouro, já que aqui viveu na época mais rica do chamado Ciclo do Ouro. Não se veja nisso crítica ao Dr. Luís Gomes Ferreira. Mas é bom observar que duzentos anos antes o grande médico judeu-português Garcia D'Orta, autor do *Colóquio dos Simples*, conseguia manter-se atualizado com o que se fazia na Europa, apesar de estar vivendo na Índia.

De qualquer modo, Luís Gomes Ferreira era um homem da época que ofereceu ao mundo figuras como Shakespeare, Milton, Cervantes, Molière, Servet, Newton, Spinoza, Locke, Bach, Leibnitz, Halley, dentre tantos outros.

Ressalte-se o mérito de o nosso cirurgião fazer descrições de muitos dos casos que atendeu. Isso permite que se façam diagnósticos retrospectivos, por meio da releitura baseada nos conhecimentos atuais. Cita, por exemplo, casos de anasarca, os quais denomina obstrução do fígado, que podem ser descrições de quadros de insuficiência cardíaca congestiva e, quem sabe, relacionados com doença que só vai ser descoberta duzentos anos depois, em 1909, por Carlos Chagas, nas mesmas Minas Gerais. Sua descrição de um quadro de traumatismo craniano foi recentemente estudado por neurocirurgiões, os quais consideraram o tratamento absolutamente correto, pouco diferindo do que se faria hoje, sendo de notar que utilizou aguardente para lavar a ferida, com plena recuperação do paciente.

Dentre outros aspectos da terapêutica utilizada, relembre-se o fato de que ele usou a sangria com certa cautela, afirmando que *é o sangue o azeite, em que se conserva a luz da candeia da vida* e que

é importante *sangrar pouco para viver muito*. É digna de nota a coincidência da publicação do *Erário Mineral* com a inauguração e o funcionamento da Santa Casa da Misericórdia de Villa Rica, ambos acontecidos em 1735.

A farmacopéia do Erário Mineral

O autor usa vulnerários, medicamentos próprios para curar úlceras ou feridas; lambedores, xaropes feitos com açúcar dissolvido em suco de frutas; cozimentos, bebidas preparadas por decocção, usando-se a água como veículo de extração dos princípios existentes nas raízes, cascas ou substâncias animais, dependendo dessas substâncias a denominação de cada um (peitorais, tônicos, emolientes, sudoríficos, etc.); conservas, preparações farmacêuticas de consistência mole, preparadas com pós de flores, folhas, frutas ou raízes, às quais se ajunta açúcar e cujas propriedades são adstringentes e tônicas; preparantes: é como preparar um medicamento, dosar, combinar os ingredientes; espírito é o nome dado aos medicamentos líquidos resultantes da destilação do álcool com uma ou mais substâncias aromáticas capazes de terem propriedades ativas que estimulam todos os órgãos; apozemas, medicamentos líquidos, cuja base é a decocção; algália, um licor cheiroso e espesso; tutia, ungüento usada nas oftalmias, que tem por base o óxido de chumbo; triaga magna, electuário de composição complexa; arrobe, espécie de xarope formado pela concentração do mosto da uva sob a ação do fogo; polme, uma massa um pouco líquida; confeição, medicamento composto de muitas substâncias, com virtudes estomacais; posca aquosa, bebida de vinagre com açúcar e água; degoladouros, que o próprio autor define.

Para o nosso autor há remédios milagarosos. Um deles é o óleo de ouro, que merece um capítulo inteiro. O outro é a triaga brasílica, remédio secreto dos jesuítas e que se tornou famoso na Europa após a publicação, em Roma, em 1766, da *Colleção de varias receitas e segredos particulares da principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, Macao, e do Brasil, compostas, e*

experimentadas pelos melhores medicos, e boticarios mais celebres que tem havido nesses paises.

A triaga brasílica é uma panacéia e um antídoto universal, composto de várias plantas, raízes e ervas, além de drogas e animais do Brasil, onde abundam remédios para todos os males. Servia para tudo, desde envenamentos até ausência de menstruação. Consta que, para serem tão especializados em contravenenos, os jesuítas teriam de ser também especialistas em venenos. Aliás, eles foram acusados de ter envenenado e matado o Papa Clemente XIV.

Vê-se que a cura se faz por meio de emplastos, pomadas, xaropes, pílulas, ungüentos, colírios, parche (paninho embebido em água ou álcool, que se coloca sobre qualquer parte do corpo para aliviar dor ou inflamação), além de tantas outras técnicas e artes.

Medicamentos de origem vegetal

São muitas as plantas utilizadas pelo autor (anexa, a relação das plantas). Usa-se tanto a casca como a raiz, a folha, o fruto, a semente, em estado natural ou após preparações demoradas. A maior parte tem efeitos purgativos e eméticos, principal meio curativo dentro da medicina empírica e panacéica da época.

Medicamentos de origem animal e humana

Nos conceitos da medicina panacéica e empírica, baseados em teorias difíceis de compreender hoje, o uso de medicamentos de origem animal e humana se generaliza. Ainda que estranhemos tal uso, ele ainda é corrente na medicina popular. Pó de lombrigas de homem, ferrada, leite de peito, esterco de menino, sebo de bode, miolo de gato, óleo de escorpiões, sebo de rim, unto de porco, matar um animal e pôr o doente dentro, animais abertos vivos, víboras, frango, galinha, pombos, capão, urina, esterco humano ou não, enxúndia de galinha, enxúndia de rã, água de porco espinho, espermacete, leite virginal, óleo humano, fel de boi ou vaca, ovo de

galinha, baço de boi, caveiras, suor de agonizante, sebo de carneiro, sebo de homem, sangue, cobra, urina de menino macho, contas de macaco, dentes de caveira, sangue debaixo das asas de pombo, sangue de crista de galinha, dentes de cavalo, cabelos de lebre, pêlos pubianos, mãos de menina virgem, vagina, gatos vivos, gatinhos, minhocas, unicórnio, múmia, cabelo, inhaúma, cinza de lagarto (jacaré), lagartixa, leite de vaca, pó de sapo, osso de perna de sapo, mel, mortalha, fígado de galinha, queijo, soro de leite, trociscos, esperma *ranarum*, percevejos, formigas, terra de fora dos formigueiros, terra de cemitério, cantáridas, enguias, e quanto mais haja, por meio de difíceis acessos e preparações. Sempre com o maior sucesso terapêutico.

Medicamentos de origem mineral

Também de uso corrente, e isso vem desde os tempos de Plínio, o Velho, abusa-se dos minerais: amianto, âmbar, antimônio, açúcar de chumbo, azougue, breu, ferrugem, fuligem, óleo de ouro vinho, láudano opiado, mercúrio, ópio, pólvora, sal, pedra hematita, pedra-lipes, moeda de prata, pedra bazar, pedra de mombaça - e tantos outros mais, em preparações isoladas ou não.

Anticoncepcionais e abortivos

O autor se refere muitas vezes à ausência e ao atraso das regras. Este é um aspecto intrigante de sua obra. É grande o número de substâncias consideradas ecbólicas ou emenagogas e abortivas no seu trabalho. Não interessa se elas possuem ou não tal efeito, mas a tradição popular e as farmacopéias da época afirmam a existência de tais propriedades, e quem as receita crê na ação pretendida.

Já no primeiro tratado se fornece uma receita útil para fazer vir a *conjunção mensal*. Ao se referir à cura das *obstruções em mulheres e fazer-lhes vir a conjunção*, o autor relata como tratou uma moça portadora de perturbação mental pela ausência de regras. Mostra-se familiarizado com remédios capazes de *lançar criança que estiver*

morta no ventre da mãe e outros que evitam partos prematuros. Também se refere à possibilidade de as mães matarem seus filhos após o nascimento e como saber se tal coisa sucedeu. Ensina como tratar *barriga inchada por falta de conjunção mensal* e provocar as regras. Conhece medicamentos capazes de facilitar a expulsão da placenta. São muitas as referências relacionadas com medicação emenagoga, e até na transcrição da receita antiescorbútica do Dr. Miranda menciona-se como uma de suas indicações a capacidade para fazer virem as regras. Mais do que as referências, porém, é a insistência no uso de tantas plantas com efeitos emenagogos.

Seriam os anticoncepcionais e abortivos usados com que finalidade?

Algumas hipóteses podem ser levantadas. Sendo homem caridoso, como se pode perceber nos seus escritos, estaria ele querendo poupar as mulheres do risco de morrerem no parto? Seria um bom psicólogo, ao livrar moças solteiras de gravidez indesejável? Ou um pacificador, no caso de mulheres grávidas de outro que não fosse o próprio marido?

Ficam as indagações.

Conclusão

Muitos estudos podem derivar da consulta e da leitura do *Erário Mineral*. Sob o ponto de vista da abordagem relacionada com a história da medicina, há inumeros fatos curiosos e indicadores da prática vigente à época. O livro não difere muito de outros escritos naquele tempo, como se pode observar na obra de Curvo Semedo.

Atualmente, nossa prática é outra, e a consideramos mais racional e científica. No entanto, cremos mais na indústria farmacêutica e nos equipamentos oferecidos pela tecnologia do que na nossa capacidade de raciocinar sobre o homem doente, o qual se torna cada vez mais um objeto, um caso, do que um sofredor. A chamada

relação médico-paciente se deteriora, a ética é ignorada e a medicina se transforma em oficina de reparos.

Por outro lado, a medicina popular continua com as mesmas práticas de séculos atrás, mantendo a crença na magia, nos poderes ocultos, nas cirurgias espirituais, no curandeirismo, na urinoterapia, na astrologia, etc. Isso se dá em função da distância que separa a medicina oficial, por razões econômicas e sociais, da realidade do sofrimento humano.

Que dirão, dentro de pouco tempo, sobre a medicina do nosso século? Serão feitas críticas severas, provavelmente, aos métodos brutais e invasivos da nossa terapêutica, o que não quer dizer que vidas não tenham sido salvas e progressos não tenham sido alcançados.

Por isso mesmo, temos de ser mais modestos, humildes até, no estudo da prática ensinada pelo Dr. Luís Gomes Ferreira.

Se as sangrias não tivessem sido tão abusivamente feitas no passado, seria pouco provável que as transfusões de sangue alcançassem o nível atual. Do mesmo modo, foram as medicações utilizadas empiricamente que levaram ao avanço farmacológico de hoje. A farmacopéia moderna continua utilizando animais, vegetais e minerais.

Nesse sentido, pode-se esperar que a reedição do *Erário Mineral* contribua para a crítica da nossa própria prática.

Relação das plantas citadas no Erário Mineral

(Em negrito, as ecbólicas ou emenagogas e as abortivas, segundo diversos autores.)

Agárico - **Agrimônia** - Almécega- Altéia ou malvaísco-Alcar(a,o)via - Ameixa - Amora - Alfavaca - **Abóbora** - **Alecrim** - **Aspargo** - **Açafrão** - **Aipo** - **Arruda** - **Artemísia** - **Assafétida** - Alcaçuz -

Angelim - Avenca - Anafega - Agraço -Almeirão - Alforvas (?) - Árvore espinhosa (é a jurubeba) - **Abútua** - Alface -Arroz - **Anterrhino** (**dente-de-leão**)

Bardana - Borragem - Buglosada - Bicuíba - **Bertônica**

Balaústia (Romã) - **Beldroega (GLCruz- - Bútua (abútua)** - Bananeira - Belis do prado (ou belides) - **Batata de purga** - Benjoim

Canafístula - **Colonquíntidas** - **Chá** - **Crocus** (**é o açafrão**, ***Crocus sativus*****, da Índia**) - **Canela** - Carerus - Caparosa (não é só planta, mas também é o nome dado ao sulfato de zinco) - Corindiúba - Cocleária - **Chicórea** (**ou Almeirão**) - Copaíba - Cevada - Camoezas - **Cravo (da Índia)** - Cúbeba - Coroa-de- rei - **Capeba** -Cidra - Carrapicho (v. picão) - Cebola - **Cipó (de coração ou Aristolochia cordigera e milhomens) - Cipreste**

Drago (sangue-de-drago) - Domadinha - Douradinha (da fam. dos fetos) - Diagrídio (?) Escorcioneira - Estoraque - Espora de cavaleiro - Escórdio Engus - Espina cardi - **Escabiosa** - Eufórbio - **Epiricão - Erva-de-bicho**

Fragária (morangueiro) - Fumo bravo (tabaco=erva santa) - Funcho - Figueira baforeira - Fruta-de-lobo - Fava (flor) - Fedegoso (ou matapasto)

Gengibre - Galbano - Golfão - Gilbarbeira - Grama - Guaiaco (pau-santo) -Gurubeba (jurubeba?)

Hissopo - Heléboro - Hortelã - Hermodactiles - Horjevão (berbena) (verbena ou urgebão) - (H)ervas (S. Maria, moura, do bicho, etc)

Incenso - Inhaúma - Ipecacuanha

Jalapa - Joá bravo - Jequira - Jaburandi

Limão - Laranjas bicais azedas - Linho (sementes) - Lírio

Maná - Matapasto (fedegoso - cassia bicapsularis) - Malvaísco - Maçã - Meimendro - **Mil-homens** - Mentrasto (erva de S. João) - Mentruz (erva-de-santa-maria) -Melancia - **Mirra**

Napelo

Olibano - Ourego (orégano) - Opoponaco - Orelha-de-onça

Persicaria (erva-do-bicho) - Pragana - Paratudo - Pau-santo - Pimpinela Picão -Poejo - Papoula - Pimenta

Quina-quina

Romã - Ruibarbo - rabão (seria o rabanete?)

Salsa - Sassafraz - Semen-contra (artemísia judaica) - Sene - Sabugueiro - Sapé -Saramago - Sarapilheira - Sorveira - Solda - Semente de Alexandria (mastruço) -Silva (rosácea, como as amoras) - Sila

Tormentilha - Trincai - Tripojana - Trovisco - Termentina (terebentina?) -Tepes-Taba

Uvas

Velame - Viola



A botica. (Quadro de Pietro Longhi)

Bibliografia

ANDRADE, M. *Namoros com a medicina*. 4. ed. São Paulo: Martins/ Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BOUISSOU, R. *Histoire de la médecine*. Paris: Larousse, 1967.

CALDAS AULETE, F. J. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2. v.

CAMINHOÁ, J. M. *Elementos de botanica geral e medica*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial, 1877. 3. v.

COSTA, D. *Tratado das drogas e medicinas das índias Orientais*. Martim da Vitoria Impressor, MDLXXVIII (edição comemorativa feita em 1964).

CRUZ, G. L. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Formulario e guia medica*. 11. ed. Paris: Roger & Chernoviz, 1884.

DIAS, M. *Exorcismos e feitiços da medicina popular*. Sintra: Europa-América, 1989.

ENTRALGO, P. L. *Historia de la medicina moderna y contemporánea*. Barcelona: Editorial Científico Médica, 1954.

FERRAND, A. *Formulaire de thérapeutique appliqué*. Paris: Lecrosnier et Babé, 1890.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1983.

GARRISON, F. H. *Introducción a la historia de la medicina*. Madrid: Calpe, 1921. 2 v.

JOUANNA, J. *Hippocrate*. Paris: Fayard,1992.

L'ÉSCLUSE, C. *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia* (versão portuguesa comemorativa do epítome latino dos Colóquios dos Simples, de Garcia de Orta, de MDLXVII, 1964).

MAGALHÃES, P. S. *A medicina tropical* (especializada por decreto): Brazil-México, 1925, v. XXIII.

MARTINS, W. *História da inteligência brasileira. 2*. ed. São Paulo: Cultrix, 1977, v. 1.

NABUCO, J. T. *Um médico no Brasil Colônia:* o cirurgião-mor Manoel Francisco Nabuco e sua gente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1986.

OLIVEIRA, Bernardes de. *A evolução da medicina até o início do século XX*. São Paulo: Pioneira,1981.

PINTO, A. J. S. *Pharmacopéa chymica, medica, e cirúrgica*. Ouro Preto: Typographia da Silva, 1834.

PLÍNIO EL VIEJO. *Lapidario*. Traducción y notas de Avelino Domínguez Gaarcía e Hipólito-Benjamín Riesco. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

RIBEIRO, L. *Medicina no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, 1971.

RIDDLE, J. M. *Eve's herbs*. A history of contraception and abortion in teh west. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

ROOT-BERNSTEIN, R. e M. *A incrível história dos remédios*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SALLES, P. *História da medicina no Brasil*. Belo Horizonte: G. Holman, 1971.

SANTOS FILHO, L. C. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1991. 2. v.

SEMEDO, J. C. *Polyanthea medicinal*. 5. imp. Lisboa Ocidental,1741.

SOUSA, A. Tavares de. *Curso de história da medicina. 2*. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SOUSA, J. G.; GUSMÃO, S. Primeira intervenção neurocirúrgica relatada no Brasil, *Arq. Bras. Neurocirurgia*, jan. 1997.

STARÝ, F. *Plantes médicinales*. Paris: Gründ, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL D? MINAS GERAIS. *Projeto metropolitano do Conselho de Extensão:* Remédios caseiros. Imprensa Universitária, s./d.

VANNIER, L. L'oeuvre de Crollius. *Bull. de la Soc. Franç. d'Hist. de la Médecine*, v. XXXI, p. 91, 1937.

Dos critérios de normalização editorial e modernização da linguagem

Bruno Flávio Lontra Fagundes; Eliane Scotti Muzzi

Da partição do Erário Mineral *em dois volumes*

A partição do livro *Erário Mineral* em dois volumes é um critério de publicação adotado pela Fundação João Pinheiro e não corresponde ao original. Obedeceu a um princípio de comodidade. Enfeixado em dois volumes, ficam facilitados o uso e o manuseio do livro para o leitor.

Do plano gráfico

Notas de rodapé foram utilizadas para comentários sobre prováveis lapsos e contradições cometidos pelo autor e para esclarecimentos sobre a adoção eventual de procedimentos divergentes das normas gerais adotadas na modernização do texto do documento, como é o caso de algumas intervenções particulares no texto poético.

Obedecendo ao *layout* gráfico do documento, os índices existentes foram conservados conforme a publicação utilizada. A edição, no entanto, como não poderia deixar de ser, refez os números das páginas anotadas nos índices, sem sinalizar essa mudança. Os números de página estão conforme a repaginação sofrida pelo documento nesta nova edição.

As chamadas de assunto laterais estão conforme o documento, conservadas rigorosamente nas passagens do texto a que se referem.

Um glossário de termos médicos, de ervas e plantas e de substantivos e adjetivos completa esta edição.

A modernização do texto poético

Como regra geral, foi adotado procedimento comum de modernização da linguagem no texto poético e no texto em prosa. Não houve ênfase filológica nas intervenções lingüísticas efetuadas, tendo sido o documento percebido mais como informação de uma realidade social de que procura tratar o seu texto. Tal critério de modernização combinou-se, porém, com a manutenção de particularidades lingüísticas e estilísticas, que, realçadas, atestam o caráter de testemunho de época do documento. Na modernização dos poemas, algumas particularidades lingüísticas foram conservadas em razão de nuances ortográficas e fonéticas, sem as quais os textos perderiam a expressividade de que são portadores.

No tratamento lingüístico dos poemas, as normas de modernização submeteram-se - além dos critérios gerais e eventualmente contra eles - a outro tipo de exigência, de ordem formal e estilística, o que determinou, algumas vezes, a manutenção de arcaísmos. É o caso de arcaísmos como *pírola*, índice da inserção do texto na língua do século XVIII e na estética barroca, assim como U*entages* e *Iulgando*, que, por razões lógicas, foram conservados, uma vez que o acróstico de que fazem parte se tornaria ilegível sem a presença deles.

A modernização do texto em prosa

Na modernização da linguagem do texto em prosa, os critérios adotados conceberam-no como atestado das formulações discursivas com que um saber médico se exprimia na realidade social do século XVIII na região das Minas, independentemente do valor de monumento de época que o livro e a grafia antiga do *Erário Mineral* podem ostentar para os leitores de hoje.

A linguagem está modernizada visando a uma leitura do texto sem tropeços por parte do leitor de agora. Palavras como *huma, sahe, mãy, leytor, officina, villa* e tantas outras foram atualizadas. Palavras ainda hoje existentes no léxico da língua portuguesa, mas de conotação arcaica, também sofreram processo de atualização, como *mui, cousa, dous, doudo* e outras.

Em notas de rodapé, ao longo do documento, foi anotada a modificação evolutiva de algumas palavras, de cujas características ortográficas e fonéticas vigentes no século XVIII mineiro se distanciou a grafia atual e cuja atualização não suscita dúvidas, tais como *paralisia*, por *parlesia e pílula*, por *piróla*, dentre algumas outras. As notas de rodapé trazem ainda comentários sobre construções vocabulares expressivas de que faz uso o autor.

As construções sintáticas foram preservadas sempre em função da clareza dos enunciados. A pontuação, quando necessário, foi refeita; foram respeitadas as regências verbal e nominal de época, assim como contrações de preposição e artigos. Esse procedimento preserva, sem detrimento de uma leitura atual, as características gramaticais formais do texto relacionadas a uma escrita que, a rigor, além de não científica, em muitos momentos se aproxima de relatos orais, dos quais o autor lança mão para discursar sobre a adaptação da medicina a uma realidade empírica nova.

Alguns conjuntos de palavras foram mantidos com suas iniciais maiúsculas, conforme o texto: nomes de instituições políticas, médicas e religiosas, nomes de santos e congêneres, antropônimos e topônimos.

As palavras *Medicina* e *Cirurgia* foram conservadas com as iniciais maiúsculas. Esse procedimento preserva o realce que o autor mesmo fazia do saber médico da época e sua inserção social. Os médicos e cirurgiões relacionavam entre si como portadores de saberes ainda não totalmente distintos, além de lidarem com práticas autóctones de cura que nem sempre reconheciam e com as quais muitas vezes se espantavam, embora eventualmente tivessem de aceitar seus resultados eficazes.

As maiúsculas mantidas das palavras Medicina e Cirurgia auxiliam o leitor a localizar as passagens do texto em que se insinua a disputa e o intercâmbio entre os dois saberes e as práticas de cura adotadas pela gente das Minas.

As iniciais maiúsculas foram mantidas para os nomes das vilas, das cidades, dos sítios e das paragens citados, os topônimos, tais como *Vila do Carmo, Vila Real do Sabará, Cidade da Bahia, Cidade do Porto*, etc.

Instituições políticas e ordens religiosas mantiveram as iniciais maiúsculas, tais como *Ordem de São Bernardo, Ordem de Santiago, Câmara Real, Hospital Real*, etc.

A palavra *Minas/minas* oscila entre a inicial maiúscula e a minúscula. Alguns enunciados são dúbios, por não se poder saber se se trata do território ou das escavações minerais. A palavra *Minas do Ouro* está maiúscula, pois é termo com que era referida a região mineradora colonial.

Os nomes de lugares, territórios e nações que aparecem, normalmente, como segundo termo de palavras compostas de ervas e remédios não foram ligados por hífen e, assim isolados, foram mantidas as suas iniciais maiúsculas. Dessa forma, segundo esse critério, e não obstante hoje terem se tornado substantivos comuns, foram mantidas grafias como *aguardente do Reino, goma Arábia, salitre da Índia, banana de São Tomé, mal de Luanda, raiz da China*, etc. Esse procedimento preserva o significado das palavras como expressão da origem e procedência das coisas, procedimento fundamental para exprimir a intenção do autor de revelar que o saber médico e sua execução deviam sempre variar conforme os recursos naturais e humanos dos lugares em que se praticava a medicina. A manutenção dessas palavras com iniciais maiúsculas revela que o autor fazia questão de assinalar que as palavras e as coisas tinham uma pátria, um lugar que demarcava a necessidade de a Medicina estar se adaptando sempre àqueles lugares em que era exercida.

A grafia de antropônimos foi modernizada segundo as regras gramaticais ortográficas hoje vigentes, como *Luís, Sousa, Manuel*, etc.

Foram realçadas em itálico palavras e expressões latinas - *Recipe, noli me tangere* etc. - e nomes de obras e tratados médicos citados - *Polianthea Medicinal*, etc. O procedimento de realçar em itálico nomes de médicos e suas obras e tratados visa facilitar ao leitor a visualização de trechos em que se apresenta o debate da época sobre os procedimentos de cura de doenças e moléstias que atacavam a humanidade e já então compendiadas. Em muitas passagens do texto, o autor justifica seus argumentos no interior dos debates e das polêmicas médicas existentes à época e informa ao leitor os diversos posicionamentos de médicos nas polêmicas da época. O recurso ao itálico facilita ao leitor encontrar os momentos no texto em que o autor, ora discordando, ora concordando, recoloca a discussão das idéias vigentes e tenta justificar os procedimentos que adota na cura dos seus pacientes mineiros do século XVIII.

Pelo recurso do hífen foi modernizada a grafia de diversos substantivos comuns, hoje dicionarizados, com destaque para nomes de ervas, animais e males da saúde, tais como *mosca-varejeira, fumo-bravo, erva-doce, pau-santo, gota-serena, gota-coral*, etc. O procedimento da hifenização seguiu as regras gramaticais e modernizou as palavras conforme os dicionários atuais.

Palavras com dupla grafia, e que ainda hoje permanecem dicionarizadas, foram mantidas nas formas em que aparecem no texto, tais como *bêbedo/ bêbado, costumar/acostumar, limpar/alimpar*, etc., assim como palavras que ora aparecem traduzidas, ora não, como é o caso de *cremor tartari/cremor tartáreo*.

Do glossário

Um glossário de termos médicos, de ervas e plantas e de substantivos e adjetivos, e outro de nomes de médicos/cirugiões completam esta edição. Em sua maioria, a grafia das palavras foi atualizada, principalmente quando evoluíram para formas ortográficas hoje vigentes. Foram mantidos, no entanto, termos e palavras que desapareceram do léxico da língua portuguesa. Essas palavras estão no glossário, onde podem ser encontradas na sua grafia de época: os arcaísmos vocabulares. Ao glossário também foram remetidas palavras que, embora grafadas como na língua de agora, possuía então significados diferentes: os arcaísmos semânticos.

Utilizou-se o recurso do asterisco a título de remissivas para fazer assinalar termos que se encontram no próprio glossário, com o fim de auxiliar, ampliar ou completar a significação dos termos e palavras.

O glossário de substantivos e adjetivos privilegia todas aquelas palavras que, sendo da linguagem prosaica e coloquial e originalmente não pertencentes a um vocabulário médico como entendemos hoje, exprimem o processo de apropriação necessária que o saber médico fazia de termos que descreviam coisas e seres alheios à medicina e que faziam parte da realidade mineira do século XVIII. Esse procedimento, ao destacar do texto palavras e termos, tais como *cova do ladrão, cavalo, mula, madre, goma, cana, chaminé, lagarto*, etc, revela não só a inserção social da medicina na colônia mineira e sua interação com o meio em que era exercida, mas demonstra, também, o modo próprio como a medicina associava os recursos lingüísticos existentes no território mineiro e a linguagem médica, que necessitava daqueles recursos, sem os quais não se exprimiria.

Nomes de ervas e plantas medicinais e de termos de medicina, cirurgia e farmácia assinalados no glossário atendem a uma expectativa mediana do leitor. Alguns nomes e termos devem ser consultados em dicionários e compêndios específicos, ou porque ausentes do glossário, ou porque o verbete que os descreve suscita

no leitor maiores informações. Num documento como o *Erário Mineral*, a seleção de nomes principais de ervas e plantas, assim como de termos médicos, é imprescindível, seleção sem a qual o editor estaria obrigado a escrever outro livro que contivesse rigorosamente todos os nomes e termos arrolados em profusão no texto.

ERÁRIO

MINERAL

DIVIDIDO EM DOZE
TRATADOS

DEDICADO E OFERECIDO
À PURÍSSIMA E SERENÍSSIMA VIRGEM
NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO

AUTOR
LUÍS GOMES FERREIRA
cirurgião aprovado, natural da vila de São Pedro de Rates e assistente nas Minas do Ouro por discurso de vinte anos

LISBOA OCIDENTAL
Na oficina de MIGUEL RODRIGUES,
impressor do Senhor Patriarca

MDCCXXXV
com todas as licenças necessárias



Botica. (Jean-Baptiste Debret)

À puríssima virgem Maria Nossa Senhora da Conceição, mãe-advogada de todos os pecadores

A vossa soberana presença chega este vilíssimo pecador e indigno servo vosso, mais a restituir que a oferecer, e, não tanto a pagar-vos uma dívida, quanto a contrair outra de novo. Este livro, que para poder sair à luz saiu primeiro da que para o compor me concedestes, vosso é, e a vossa mão torna da minha, se não liberal na oferta, ao menos fiel na restituição; porém, porque da minha mão se lhe pegaram muitas imperfeições que o fazem indigno de entrar

na vossa e menos útil para andar nas dos homens, quisera, ó dulcíssima Senhora, dever-vos esta nova mercê de o aceitardes debaixo do vosso patrocínio e amparo, que é o mesmo que pedir-vos para mim o perdão dos defeitos, que leva como meu, e, para os que o lerem, o fruto da doutrina, que encerra como vosso. E se é palavra de vosso filho que maior glória é dar que receber, aqui ponho, diante de vossa magnificência, uma oca ião de vossa maior glória, em que para mim o dar é receber e para vós o receber é dar; com isto, e mediante vosso favor, poderei esperar que o meu trabalho seja proveitoso a alguns, ainda que seja mal recebido de muitos.

Finalmente, tenha esta dedicatória, também, o seu resumo feito com as palavras de um devoto vosso, em que compreende os dois pontos dela, que são pagar e ficar devendo: pagar com ação de graças o que o livro tiver de bom, porque a vós se deve; dever-vos o perdão de suas faltas, porque a mim as atribuo, esperando de vossa proteção, e piedade, que, afervorando a tibieza do meu coração com o suave ardor de vossa graça, possa, amparado dela, prosseguir até a morte em publicar vossas excelências, confessando-me, ainda que indigno, por

fiel escravo vosso.
LUÍS GOMES FERREIRA

Prólogo: ao leitor

Grato leitor, se a tua gratidão fosse igual à vontade com que desejo servir-te, não teria lugar a maledicencia, nem faltaria quem te gratificasse o gosto com novos pratos de semelhante manjar; mas como é muito antigo o dissabor que causa a mordacidade dos críticos, por isso, e com razão, fogem muitos sujeitos de engenho o saírem à luz com seus escritos, e, pela mesma, estão sepultados muitos remédios que podiam dar saúde a muitos enfermos ou serem mais fáceis e breves as curas de muitas enfermidades, porque se não pode negar que quanto mais cresce o tempo, mais alcançam os homens; mas como a censura é já muito antiga em todos quantos autores dão ao prelo seus escritos, já eu estou desenganado de ser mais censurado que pessoa alguma, assim por ser o primeiro que escrevo das enfermidades das Minas do Ouro, como por reconhecer as muitas faltas que neste pequeno tomo ofereço.

Por ser o primeiro, não me deves argüir, antes merece a minha curiosidade algum louvor, pois saberás que, para escrever estas notícias de clima tão remoto e de remédios ainda não escritos em menos tempo de um ano tendo a precisa ocupação de mineiro, o não fizera se não fosse movido de alguns confessores e amigos e por servir à república destas Minas, povo tão dividido e tão numeroso, compadecendo-se das calamidades que padece, pelas ter visto.

Se for censurado por escrever da Medicina sendo professor de Cirurgia, respondo que a Cirurgia é parte inseparável da Medicina; e, demais, que, nas necessidades da saúde, os cirurgiões suprem em falta dos senhores médicos, e, com muita razão, em tantas e tão remotas partes que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgiões que professem Cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades. Para remediar estas e dar luz aos principiantes nesta região, sai a público este *Erário Mineral*

Se o for por não escrever cirurgicamente, respondo que o meu intento não é satisfazer políticas, mas sim remediar necessitados, conforme o tempo me deu lugar; e como haviam de entender os ignorantes da Medicina e Cirurgia, se não fossem ensinados com o modo ordinário com que se explica o povo? Que esta é a maior razão por que assim o faço e por escrever para todos se aproveitarem nas suas necessidades, lembrando-me do que achei escrito, que disse Santo Agostinho (desejando aproveitar a todos) que, antes, queria ser censurado dos gramáticos que mal entendido dos rústicos, e, demais, que a galantaria no dizer, suposto dá mais graça, não dá melhor crédito; e, se o for por algum da minha faculdade, não causará isso admiração.

Conheço que, sem que valham estas e outras justificações, diz o grande doutor São Jerônimo que ninguém, por bem que escreva, se livra de censuras, porque, como adverte o ínclito Crisóstomo, as coisas não se julgam pelo que são, mas pelo afeto de quem as ajuíza: da mesma flor tira a vespa o amargoso e a abelha o suave.

Escrevo observações e não autoridades, e também te revelo os segredos que tenho alcançado por minha indústria sem alguma reserva, como fazem todos os autores, em que se acham alguns de prodigiosas virtudes para enfermidades grandes, e um excelentíssimo e único remédio, ainda não escrito mas bem experimentado, para escorbutos, ou mal de Luanda, que também, por minha indústria e diligência, alcancei assim de seu autor, como de um grande ministro, o que se manifesta no último tratado deste volume; e nisto poderás conhecer a vontade com que desejo servir a todos.

São os prólogos um antecipado remédio aos achaques dos livros, porque sempre andam de companhia os erros e as desculpas; eu não peço perdão de nada, quem achar que dizer não mo perdoe, nem será necessário encomendá-lo; os que forem mais amantes de palavras que de obras comprarão os livros mais pelo feitio. Tudo o que escrevo é para honra e glória de Deus e para proveito do próximo, e nem espero o teu agradecimento, nem temo a tua

calúnia. E se, como diz São Jerônimo, no tabernáculo de Deus cada um oferece o que tem, no teatro do mundo cada um diz o que sabe, ou o que pode.

O mais ignorante é o que mais presume, razão por que a tudo se atreve o que mais ignora; por que há de ter ânimo para censurar o que outros escrevem quem não teve brio, nem aplicação para escrever? Nenhum está tão longe de si como o desvanecido, nem tanto em si como o considerado. Se queres aproveitar, não leias para escurecer; lerás para saber, se leres com os claros do teu juízo; forma desta obra o que te parecer.

Se nela achares algum lucro, desconta o mau em satisfação do bom; e, se tudo te parecer inútil, faze outra melhor e dá louvores a Deus, que repartiu contigo tanto, dando aos outros tão pouco. Ele te guarde.

Licenças do santo ofício

Eminentíssimo senhor

Vi, por ordem de Vossa Eminência, este livro, cujo título é *Erário Mineral*, composto por Luís Gomes Ferreira, cirurgião aprovado, natural da Vila de São Pedro de Rates e assistente nas Minas do Ouro, conquista do Reino de Portugal. Não achei nele coisa alguma repugnante à nossa Santa Fé e bons costumes. Contém muitas notícias do clima das terras das Minas, por ter nelas assistido vinte anos, muitos remédios e várias observações para se curarem muitas enfermidades, de que, até o presente tempo, se não tem escrito, tudo útil e ainda muito necessário para a saúde de todos os que habitam e se acharem assistentes naquelas terras, e assim me parece muito digno da licença que se pede. Vossa Eminência mandará o que for servido. Lisboa Oriental, no convento de Nossa Senhora da Graça, em 23 de novembro de 1733.

O *mui frei Manuel de Cerqueira*

Eminentíssimo senhor

Vi este livro, *Erário Mineral*, que quer imprimir seu autor, Luís Gomes Ferreira, cirurgião aprovado e experimentado muitos anos na América e em Portugal, descrevendo tantas observações das suas curas, feitas com novos inventos seus, com brevidade, felicidade e menos dispêndio dos enfermos, e, não contendo coisa contrária à nossa fé ou bons costumes, me parece se lhe conceda o que pede. Convento de Santo Antônio de Lisboa Ocidental, em 15 de dezembro de 1733.

Frei João de São Diogo

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado *Erário Mineral*, de que é autor Luís Gomes Ferreira, e, depois de impresso, tornará para se conferir e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental, 12 de março de 1734.

Frei R. Lancastre. Teixeira. Silva. Cabedo. Soares.

Do ordinário

Pode-se imprimir o livro de que se trata, e, depois de impresso, tornará para se conferir e dar licença para que corra. Lisboa Ocidental, 30 de abril de 1734.

Gouveia

Do paço

SENHOR

Por mandado de Vossa Majestade, vi o livro com o título de *Erário Mineral* que compôs Luís Gomes Ferreira, cirurgião aprovado, natural de São Pedro de Rates e assistente nas Minas do Ouro por discurso de vinte anos. Contém este livro muitos e vários remédios para várias enfermidades, com muitas observações acompanhadas de um grande médico húngaro que naquela região assistia havia muitos anos, como o mesmo autor confessa.

Neste livro trata o autor com muita clareza as enfermidades que naquela região costumam padecer os habitadores dela e como daquele clima não houve até agora escritor algum e a mudança dos climas faz mudar de remédios; e naquela região se acham muitas ervas, plantas e frutos com nomes diversos para diversas enfermidades que o autor descobriu com a larga experiência de tantos anos e a boa razão de seu discurso, que são as duas pernas de que faz menção Galeno, no liv. 3 dos seus métodos, cap.1, isto é, razão e experiência, e diz o mesmo Galeno que, faltando uma

destas, claudica a Medicina; e como para aquela região vão muitos cirurgiões modernos deste Reino, que, ainda que sejam bons práticos, contudo, pela mudança do clima, devem acomodar-se ao método daquela região e aos remédios com que nela se curam os enfermos, porque, curando Galeno na Ásia pela via espagírica e dessecante, quando foi para Roma curou pela via umectante, acomodandose ao método e clima de Rema; e, assim, também os cirurgiões que forem deste Reino acharão neste livro todas as enfermidades que naquela região acontecem e remédios para elas conducentes, com pouco dispêndio, que é o que se pretende naquelas partes pela multidão de escravos que adoecem com tão várias enfermidades. E ainda me animo a dizer que não é este livro somente para os habitadores das Minas, mas também para este Reino, porque as enfermidades que naquela região se padecem também neste Reino se acham quase todas. Pelo que me parece que Vossa Majestade lhe deve conceder a licença que pede, contudo Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa Ocidental, 20 de julho de 1734.

João de Sousa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e, depois de impresso, tornará a esta Mesa [de Consciência e Ordens] para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental, 13 de agosto de 1734.

Pereira. Teixeira. Rego.

Está conforme com o seu original. Convento de Santo Antônio, de Lisboa Ocidental, em o primeiro de julho de 1735.

Frei João de São Diogo

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa Ocidental, o primeiro de julho de 1735.

Frei R. Lancastre. Teixeira. Cabedo. Soares. Abreu.

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa Ocidental, 4 de julho de 1735.

Gouveia

Que possa correr, e taxam este livro em doze tostões em papel. Lisboa Ocidental, 4 de julho de 1735.

Pereira. Teixeira. Rego

Dom João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, senhor de Guiné *etc*. Faço saber que Luís Gomes Ferreira, cirurgião aprovado, me representou, por sua petição, que ele imprimira o livro intitulado *Erário Mineral*, com licença minha, o qual lhe fizera notável despesa e temia que se lhe mandasse imprimir ou vir de fora do Reino; me pedia lhe fizesse mercê conceder privilégio por tempo de dez anos, na forma do estilo. E, visto o que alegou e resposta do procurador de minha Coroa, a que se deu vista e não teve dúvida, hei por bem fazer mercê ao suplicante de lhe conceder o privilégio de que faz menção, por tempo de dez anos, para que, durante eles, nenhum livreiro, impressor, nem outra qualquer pessoa possa imprimir, vender, nem mandar vir de fora do Reino o livro referido sem licença do suplicante, sob pena de perder todos os volumes que lhe forem achados para o mesmo suplicante e de pagar cinqüenta cruzados, metade para o acusador e a outra metade para minha Câmara Real; e esta provisão se cumprirá como nela se contém, que valerá, posto que seu efeito haja de durar mais de um ano, sem embargo da Ordenação do livro segundo, título quarto, em contrário, e pagou de novos direitos quinhentos e quarenta réis, que se carregaram ao tesoureiro deles, à folha 384 do livro primeiro de sua receita, e se registrou o conhecimento em forma no livro primeiro do registro geral, à folha 325 verso. El-rei, nosso senhor, o mandou por seu especial mandado pelos digníssimos Antônio Teixeira Álvares e Belchior do Rego de Andrada, ambos do seu Conselho e seus desembargadores do Paço. José da Costa Pedroso a fez em Lisboa Ocidental a vinte e dois de dezembro de mil setecentos e trinta e cinco anos. De feitio desta, duzentos réis.

Gonçalo Freire da Costa de Soto Maior a fez escrever.

Antônio Teixeira Álvares. Belchior do Rego de Andrada

Por resolução de Sua Majestade de 17 de dezembro de 1735, em consulta do Desembargo do Paço e observância da lei de 24 de julho de 1713.

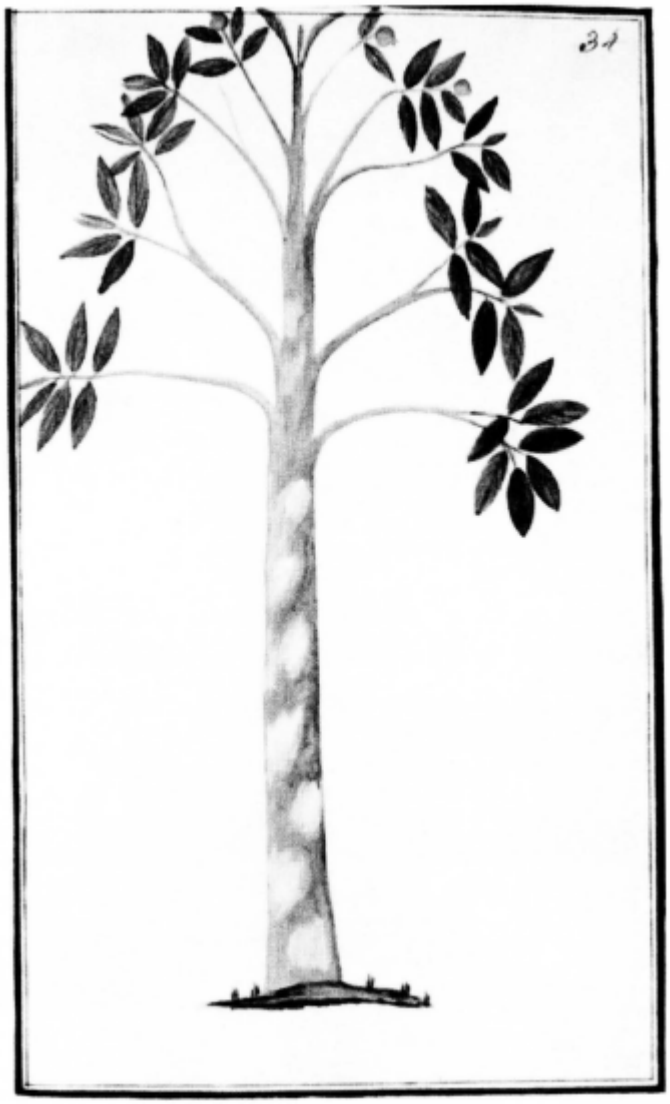
José Vaz de Carvalho

Pagou quinhentos e quarenta réis e, aos oficiais, trezentos e quarenta réis. Lisboa Ocidental, 24 de dezembro de 1735.

Dom Miguel Maldonado

Registrada na Chancelaria-mor da Corte e Reino, no livro de ofícios e mercês, à folha 356. Lisboa Ocidental, 12 de janeiro de 1736.

Inocêncio Inácio de Moura



Genipapo. (Aquarela, anônimo)

Ao Erário Mineral, que compôs o senhor Luís Gomes Ferreira.

Romance heróico por um seu amigo.

Doutor Ferreira, cujo raro engenho,
Fatigando do prelo a dura estampa
Imortal substitui ao vosso nome,
Quantas as letras, tantas as estátuas.

Sem dúvida, ao sair à luz do mundo
Este tomo de normas soberanas,
Se verá com sutil metamorfose
Ser o pasmo clarim, Argos a fama.

Quem vos não louvará, vendo que douto
A Medicina dais regras tão sábias?
Como se esta ciência peregrina
Infusa dentro em vós se procriara?

Quem vos não louvará, outra vez digo,
Vendo que desta América tão vasta
Com novos aforismos, mais Galeno,
Mestre vos hão de ouvir de Europa as aulas?

Quatro lustros, com célebre fadiga,
Da natureza investigando as causas,
Escrevendo formastes doutamente
Dos troncos pena, se papel das ramas.

Lestes com hipocrática viveza
Nas numerosas folhas dessas plantas
Um verdadeiro antídoto, que possa
Cortar da escura morte as negras asas.

Quem duvida que, quando de Aqueronte
O comércio impedis da imunda barca,
Nunca esquecido do imortal aplauso
Do Letes passareis as claras águas?

Da silvestre campanha à intonsa mata,
Que a vil Loto, mudando a natureza,
Consagre ao vosso nome só lembranças.

Nunca serão do tempo maltratados
Esses tratados,que o aplauso aclama,
Mas antes brilharão com cores vivas,
Retratados em lâminas de prata.

Doze tratados dais tão bem compostos
Que bem mostrais com agudezas altas,
Que se doze no céu signos rutilam,
Que signos também há na vossa lavra.

Doze muralhas são, belas e fortes,
Com que cercais da vida a inerme praça,
Que sem receio viverá segura
Das três esquadras das soberbas Parcas.

Pois no profundo mineral tesouro,
Que descobris nas terras da observância,
Dais para a humana vida mais riqueza,
Do que essa, que a ambição nas Minas cava.

Um precioso metal, mina abundante,
Em cada folha desse livro se acha,
Com que hoje enriqueceis a natureza
da ambiciosa vida desejada.

Em cada letra um pomo de ouro vejo,
Que, Hipomenes de idéia mais preclara,
Lançais, porque não fique vencedora
Da escura morte a mísera Atalanta.

Qual outro Alcides, esse vosso livro
Da Hespéride o dragão devora e mata,
Porque colher se possa o áureo pomo,
Que a terra em seus arcanos ocultava.

Se de Plutão no campo verde-negro
Uma árvore de ouro o Estígio lava,
Donde por mais que a rama se lhe tire,
A natureza faz com que outra nasça.

Quem duvida também, Ferreira insigne,
Que a ela o vosso livro se equipara?
Porque sempre imortal, sempre fecundo,
Por mais ouro que dê, nunca se gasta.

O mais sublime trópico da idéia,
Essa mina influiu em cópia tanta,
Que subindo ao quilate mais supremo,
De vinte e quatro o seu valor se exalta.

Já vejo que desse ouro o mais subido
Que o vosso mineral hoje derrama,
Artífice o aplauso ao vosso nome
Trombetas forja, se memória frágua.

E se a influxo de Délio nasce o ouro,
E o mesmo Délio a Medicina ampara,
Em vosso livro uniu o Deus de Delfos
De metal e ciência as glórias ambas.

Como filho de Sol (não Faetonte)
Mas Esculápio sim do novo mapa,
Em ouro transformais a Medicina,
Por que a pírola[1] seja mais dourada.

À sombra já das folhas desse livro,
A saúde se vê refugiada,

Porquanto à delinqüente, frágil vida
Mil cartas de seguro o livro passa.

Só vós agora, ó ínclito Ferreira,
Mostrastes com ciência aventajada
Que a delícia do ameno paraíso
No américo terreno se retrata.

Pois no livro, que ao prelo dais facundo,
Se vê com sutileza sempre grata,
Que essa árvore da vida apetecida
Se admira em cada página estampada.

Mas que muito, se quando especulastes,
Qual outro Plínio, a natureza vária,
A árvore da ciência em vós primeiro
Floresceu em purpúreas madrugadas.

Mas já, Ferreira insigne, é bem que ponha
Aos curtos elogios termo e pausa;
Quando a fama suspensa nesta empresa
Retórica emudece, e muda canta.

Em louvor do Senhor Luís Gomes Ferreira, autor do livro discreto e proveitoso Erário Mineral

Por Tomás Pinto Brandão

Décima

Se a quem cava nas areias
Que cria o planeta louro
O descobrir veias de ouro

Lhe custa o sangue das veias,
Hoje nas vossas idéias,
Discreto Ferreira, estude,
Que minas de ouro e virtude
Cavará com pouca lida,
Onde não só busque a vida,
Mas também ache a saúde.

Outra do mesmo

Pois, douto Luís, nos dais
Folhas de ouro em medicina,
O vosso livro é uma mina,
Que aberta ao prelo mostrais;
A todo o pobre sarais,
Que mais desse ouro faminto
Andava, e segundo eu sinto,
Talvez sendo ouro de lei,
Que não pagueis quinto ao rei,
E antes vos pague o rei quinto.

Ao autor, em aplauso do seu Erário

De Tomás Barroso Tinoco

Assustando as esferas de diamante,
Liberal tu só nos dás minas de ouro,
Usurpando do mesmo o luzimento,
Intimando ao mundo ser novo sol.
Sabiamente e com engenho nos descreves
Grande antídoto no teu novo Erário,
Ostentando nele o quanto pudeste
Marte submeter ao teu domínio.
Em as elegâncias que nos dispensas,
Sujeita já te fica a etérea Pito

Facundos elogios conservando
Em a mortal vida imortal fama.
Raios não vibra Júpiter sentido,
Repete sim, no ardor de seu tesouro,
Entre incêndios da dor, cinzas caducas.
Imortal na fama, tu, com teu engenho,
Repartes ao mundo novo tesouro
Adornado com um novo diadema
De pérolas e ouro de tua mina
Aumentando ao mundo com tal riqueza.
Nas cinzas de um Fênix abrasado,
Desperta novo Fênix ultrajando
Os mais altos vôos de uma águia
Alcançando dela mesma o valimento.
Luís, como Fênix, também descobre
Uentages postas em caducas cinzas,
Sendo novo Fênix já renascido,
Ostentando mais que a águia o subir alto.
Em louvores a fama te publica,
Reclamando com vozes do seu clarim
As suaves harmonias do teu nome,
Rasgando os ares com mil clamores,
Iulgando seres Fênix, que traspassas
Os antecipados vôos de tal águia.

Do Mesmo

Soneto

Nas Minas, em que por ouro e diamantes
Provida tem mostrado a natureza
O quanto de seus montes a rudeza
Cerrava de tesouros abundantes,

Com notas descobriste vigilantes
De forte observação, rara agudeza,

Erário Mineral, cuja riqueza
Dá remédios à vida relevantes.

Daqueles se sustenta a mesma vida
Com asseio, com pompa e majestade,
Deste porém se faz já mais crescida:

Mas se de ouro se alenta a qualidade
Neste Erário tem para mais cumprida
Uma quase segura eternidade.

****

Suspende, ó Parca, já, suspende o corte,
Com que tantos triunfos roubar lidas;
Olha, que o braço estende a mil vidas
Luís Gomes Ferreira, alento forte.

Consente um pouco que o melhor Mavorte
Veja de louro as fontes mais cingidas,
Pois não dá as vitórias por perdidas
No destroço de tua cruel sorte.

Mas não te movas, não, desse teu mundo
Porque seus troféus com a fama tão segura
Com o clarim nos ares lhe retundo:
Não chores do Brasil, ó novo mundo,
Que a Parca te prepare a sepultura,
Pois que tens em Luís um sem segundo.

[Ejusdem]

Quod longinqua tegit tenebrarum in nocte vetustas,
Detegit ingenii vena opulenta tui:

Qui latuere diu morbi, et medicamina quondam
Nominis orba sui, nomen habere facis.

Quidquid adhuc picea in caligine merserat artes
Quidquid morborum vasta ruina premit,

Tu calamo ilustras, caecus nunc exulat error,
Et veri facies semisepulta viget.

Mundi opifex multum tibi dat de luce; gubernat
Ille diem; noctem sed tamen ipse regis.

Orbis sic duplici fulgebit lumine: mundo
Dat Deus hanc lucem; mortibus ipse dabis.

Pristina complures viderunt faecula doctos
Sed tibi consimilem faecula nulla dabunt

SONETO

De um seu amigo

A Hipócrates, Galeno e Avicena,
Nas três partes do mundo canta a fama
Igualando os ternários; porém clama
Não ter para a nova parte nova pena.

Se aí a lusa nação mortes ordena,
Cujo triunfo a gritos esta aclama,
Compassiva a dar a vida a Luís chama,
E a desterros a morte já condena.

Porém, se aos três Atlantes do universo
Por coroas corta a fama verde louro,
Ao quarto as compõem de melhor preço:

Pois erigindo-lhe jaspes sem desdouro,
Ao quarto levanta com excesso
Diademas de diamante, estátuas de ouro.

Do mesmo

Novo achado, ó novo Lusitano,
Novamente achais no novo mundo,
Onde só se acha um buscar profundo,
É tal o achado raro, e soberano.

Mais que Chirurgo, ainda mais ufano
Em novos dogmas, alto, douto e fundo,
No vosso Erário, que enriquece o mundo
Valeis mais que um mundo americano:

Diamantes, esmeraldas, fino ouro
Com mão larga produz lá nessa parte
O deus, de que são parto rico e louro;

Do mesmo Deus produto a vossa arte
Mais inclui em si melhor tesouro,
Pois por riquezas saúde nos reparte.

Do mesmo

Deixais aos mais autores eclipsados,
E a mesma arte pondes mais luzida;
É a matéria deles dela traduzida,
Por ver são vossos remédios inventados.

Os seus estavam já quase avassalados
De Libitina e Loto homicida;
A uma e outra pondes em fugida,
E os pendões da saúde levantados.

Mas se quase perigando a Medicina,
Para crédito seu destina a sorte
Vossa experiência douta e peregrina,

Não tememos da Parca o duro corte,
Porque o vosso Erário nos destina
Muros para desprezar golpes da morte.

Do mesmo

Tanto a todos te vejo aventajado
Nesse livro, ou mais próprio céu aberto,
Em que por cada signo descoberto
De várias complexões é um tratado;

Que hás a ti mesmo nele levantado
Estátua perdurável, sendo certo
De teus novos remédios o concerto
Muito mais é que o novo mundo achado.

A Américo que lá na quarta parte
Tão rica nos descobre tal porção,
Ó Ferreira, não posso comparar-te:

Do que aquele descobre, és conservação,
E a que conserva é mais nobre arte
Que a arte que acha, sem comparação.

De João Bernardes

soneto

É no mundo, Luís, bem decantado,
O que o sábio nos diz, como entendido,
Que debaixo do Sol, astro luzido,
Novidade nenhuma tenha encontrado;

Mas este vosso livro tem mostrado,
O que com todos tenho conhecido,
Que o nome de mui novo há merecido
Com tanta novidade este tratado;

É se alguém duvidar da habilidade
E de ser tudo novo o que dissestes,
Fundado na sentença ser verdade,

Confesse vendo o livro que escrevestes,
Que ou debaixo do Sol há novidade,
Ou que em cima do Sol vós o fizestes.

Do mesmo

Décima

Causais no livro famoso
Dous motivos diferentes,
Um gostoso aos viventes,
Outro à morte mui penoso:
Para os que vivem gostoso,
Quando para essa homicida
Amargura conhecida,
Ficando assim desta sorte
Com grande tristeza a morte,
Com muita alegria a vida.

Nomes coletivos são
Aqueles em que se vê
O singular, ainda que
Signifiquem multidão:
Logo com muita razão
Os vossos doze tratados
Por singulares chamados
Devem ser por muitos modos,
Sendo singulares todos
Ainda que multiplicados.

Tendes, Luís, conseguido,
O que nenhum alcançado,
Pois fazeis não ser lembrado,
Nenhum dos que têm havido:
O vosso livro entendido
Ainda vos dá maior glória
A qual fica bem notória,

Tirando em tratados puros
Esperanças dos futuros,
Dos passados a memória.

Um Luís muito famoso,
Na poesia afamado,
Nela é certo ter logrado
Príncipe ser majestoso:
De outro Luís portentoso
Este conceito formei,
E confessarem já sei,
Pois ninguém negar
podia Príncipe ele em poesia,
Vós na Medicina rei.

Vemos que em doze tratados
O livro está dividido,
E nos doze desmentido
O que dirão os malvados:
Que não devem ser louvados
Quando das dúzias são;
Mas eu digo, e com razão,
O que não devem negar,
Que nos quisestes mostrar
Serem da regra exceção.

Um Ferreira em Cirurgia,
E muito douto Ferreira,
Fez uma luz verdadeira
Mais clara que a luz do dia;
Ferreira, com mais notícia,
Este livro nos compôs,
Confessando todos nós,
Com muito justo motivo,
Que se aquele fora vivo
Aprendera de vós.

Romance heróico

Do mesmo

Este tesouro só por vós achado,
Por vosso raro engenho descoberto,
Nele a vida parece fica isenta,
Do tributo que paga ao monumento.

Mineral precioso, em que logramos
Os maiores dous bens que ter podemos,
Que é a vida e saúde, em que só acha
A riqueza maior nossos desejos.

A vida e saúde, bens tão grandes,
Por cem milhões de mundos não daremos
Pois é qualquer dos dous maior que todos,
E sobre todo o bem, que é bem terreno.

Estes bens entre os bens mais desejados,
Por vós, Luís, lograr todos já vemos,
Pois esta mina rica entre as mais ricas
Nos descobriu o vosso raro engenho.

Mais preciosas minas para todos
Achamos nos tratados todos régios,
Que se o ouro não livra de caducos,
Parece que nos faz o livro eternos.

Para a vida lograr, e mais saúde,
Descobristes, Luís, um novo meio
Cavando nestas minas tão profundo,
Como elevado o vosso entendimento.

Com tanta erudição e novidade,
No vosso Mineral falar vos vemos,
Que só por vós ouvimos doutamente
O que estava até agora no silêncio.

Descobristes nas minas com assombro
Um tesouro escondido de remédios,
Confessando os peritos nestas artes
Que até agora não fora descoberto.

Mas duas faculdades que escrevestes,
Com tanta novidade discorrendo,
Os gigantes, que nelas têm havido,
Convosco comparados são pequenos.

Escreverem doutores singulares
Com novidades grandes confessemos,
Mas vós mais singular que os singulares,
E com maior extremo entre os extremos.

As riquezas que neles descobristes,
Eu com todos, Luís, por certo tenho,
Que não pode o conceito mais subido,
Para bem vos louvar, fazer conceito.

Louve-se pois a si mesmo o livro,
Que suposto em louvar-se comete erro,
Para louvar-se dignamente é justo
Tenha de se louvar o privilégio.

Vosso nome no mundo excelso seja,
E como para o nome é mui pequeno,
Multiplique-se o mundo para o nome,
Se em pouco para o nome o mundo temos.

E se o livro fazeis com novidade,
E com muitas mui douto discorrendo,
Para em novo altar o colocares,
A fama vos levante novo templo.

Luís Gomes Ferreira, rei das Minas
Vos aclama este livro sem exemplo,

Que havendo em Portugal marquês das Minas,
Só vós ficásseis rei em os mais reinos.

Por um amigo do autor

Soneto

A América ilustras no que ensinas,
Tanto, sábio Luís, novo Galeno,
Quanto tua ciencia o reino ameno
Faz no assombro maior com novas minas.

Excedes no valor as diamantinas,
Porque és delas enfim contraveneno,
Não há enfermos que temam o seteno,
Se tuas suas são as medicinas;

Se a todo o bem excede o bem da vida,
E já neste teu livro cousa certa,
Teres a América mais enriquecida

Na mina que tens nele descoberta;
Pois deste bem a idéia esclarecida
Em folhas de ouro a todos faz oferta.

Outro

Do mesmo

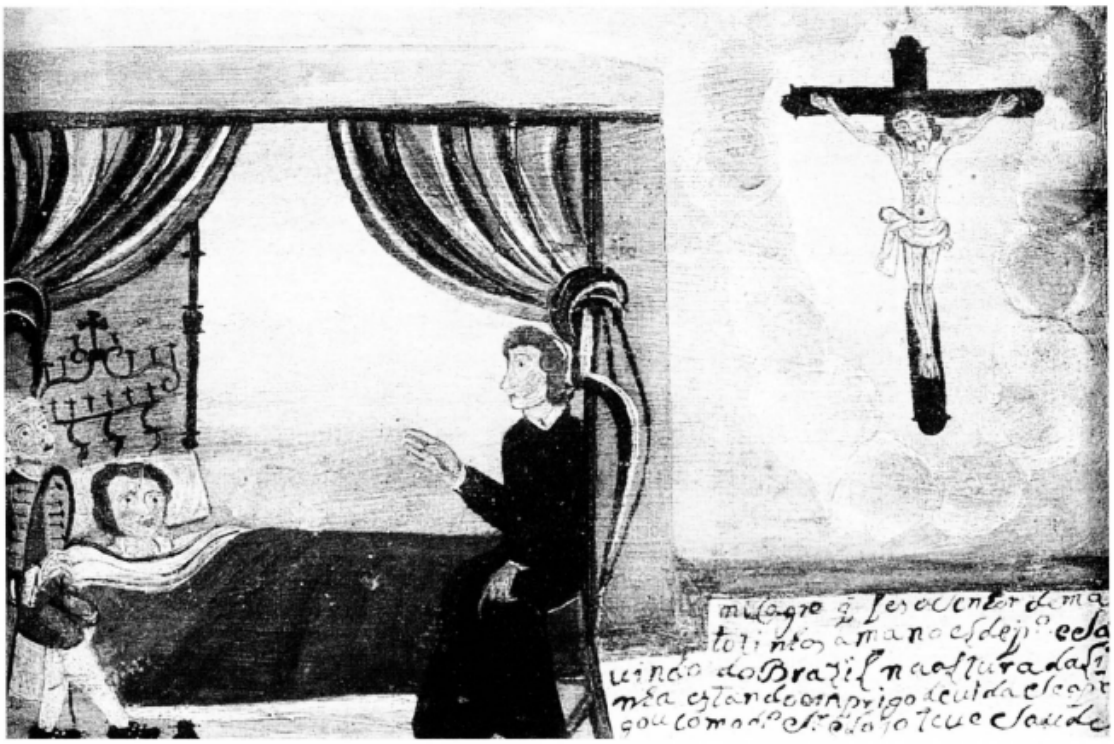
Hipócrates à ciência escurecera
Vendo o vosso livro, idéia clara,
E com ele Luís se consultara,
Porque com ele só mais aprendera.

Em claros aforismos conhecera,
Quando em estudo maior não alcançara,

Ainda ponto sutil, ciência rara,
Com assombro fatal o suspendera.

Não seria no mundo celebrado
Sem deste livro ter sábia doutrina;
Que como se acha o orbe em outro estado,

Dá novos remédios no que ensina
Com tão superior estilo, e elevado,
Que parece ouro toda a Medicina.



Ex-voto retratanto o milagre do Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Manuel de Pereira e Sá.

1 Pílula - grafia atualizada da forma antiga pírola, utilizada pelo autor.

Índex dos tratados e capítulos que contém este livro

Tratado I

Da cura das pontadas pleuríticas e suas observações

Capítulo I - Das pontadas serem o maior flagelo dos moradores das Minas e outras razões atendíveis

Capítulo II - Que coisa é pontada pleurítica

Capítulo III - Das pontadas complicadas

Capítulo IV - Dos sinais de enchimento do estômago, as doenças que causa e como se curam

Capítulo V - Dos sinais de haver lombrigas

Capítulo VI - Dos remédios contra lombrigas inventados pelo autor

Capítulo VII - Da cura das pontadas sem complicação

Capítulo VIII - Do modo de fazer o cozimento para as purgas de maná, em caso de necessidade

Capítulo IX - De uma advertência mui necessária

Capítulo X - De outra advertência não menos necessária

Capítulo XI - De outra breve e precisa advertência para os que não forem professores, a respeito das medidas e pesos de botica

Capítulo XII - Das pontadas pleuríticas que dão de repente

Capítulo XIII - Das pontadas que dão com sufocação da respiração

Capítulo XIV - Das pontadas que dão com moderação

Capítulo XV - De como se devem fazer as ajudas fortes e purgativas

Capítulo XVI - Das pontadas que procedem de causa quente, e seus sinais, e sua cura

Capítulo XVII - Das pontadas de causa fria, que são as que comumente vêm sem febre

Capítulo XVIII - Do modo mais fácil de entender para os faltos de prática na cura das pontadas

Capítulo XIX - Das pontadas que dão com escarros de sangue

Capítulo XX - De observações em pontadas com escarros de sangue

Capítulo XXI - De observações em pontadas sem escarros de sangue

Tratado II

Das obstruções

Capítulo I - Das obstruções

Capítulo II - Da obstrução do fígado, seus sinais e sua cura

Capítulo III - De observações em obstruções do fígado

Capítulo IV - Da obstrução do baço e do mesentério, seus sinais e sua cura

Capítulo V - De como se deve curar a obstrução do baço e do mesentério

Capítulo VI - De observações nas obstruções do baço e do mesentério

Tratado III

Da miscelânea de vários remédios, assim experimentados e inventados pelo autor, como escolhidos de vários autores e curiosos para variedades de doenças

Tratado IV

Das deslocações e fraturas

Capítulo I - Das deslocações, fraturas e suas observações

Capítulo II - Da deslocação das vértebras do espinhaço e uma observação

Capítulo III - Da deslocação do ombro e do quadril

Capítulo IV - Das deslocações com ferida e suas observações

Capítulo V - Das fraturas sem ferida

Capítulo VI - Das fraturas com ferida e suas observações

Tratado V

Da rara virtude do óleo de ouro, das muitas enfermidades para que serve e observações de curas excelentíssimas que com ele têm feito, assim o autor, como outros professores

Tratado VI

Dos segredos, ou remédios particulares, que o autor faz manifestos, e quais são

Capítulo I - Do remédio contra maleitas, ou sezões, que entram com frio, de qualquer qualidade que sejam, com resguardo de três dias somente, e suas observações

Capítulo II - Do remédio das feridas e suas observações

Capítulo III - Dos remédios contra o gálico e suas observações

Capítulo IV - Do remédio para os fluxos de sangue, saiam donde saírem, e suas observações

Capítulo V - Do remédio para as supressões da urina e suas observações

Capítulo VI - Do remédio para as ictericias

Capítulo VII - De uma receita particular para os defluxos asmáticos que caem no peito, remédio único

Capítulo VIII - De um remédio para curar gonorréias velhas que não querem obedecer a outro algum

Capítulo IX - De um remédio para curar oftalmias rebeldes a todos os mais

Capítulo X - Do remédio da fruta chamada urucu, para quem lançar sangue pela boca, ou estiver tísico, ou asmático

Capítulo XI - Do remédio para braços ou pernas que estiverem com pouco movimento ou esquecidos, por causa de algum estupor, ou paralisia, ou resfriamento

Tratado VII

Dos formigueiros e doenças comuns nestas Minas

Capítulo I - De seus sinais e cura dos braços e das pernas

Capítulo II - Dos formigueiros que nascem nas solas dos pés dos pretos e sua cura

Capítulo III - Da enfermidade a que chamam comumente cangalha e eu lhe chamo convulsão de nervos

Capítulo IV - Das roturas das virilhas, a que o povo chama quebraduras

Capítulo V - Das roturas que podem admitir cura e dos seus remédios mais eficazes

Capítulo VI - Das esquinências, ou dores de garganta

Capítulo VII - Dos remédios para tumores de humor frio que nascem nas costas das mãos

Capítulo VIII - Dos papos e dos seus remédios mais particulares ou eficazes

Capítulo IX - Das chagas do membro viril ou genital, a que vulgarmente chamam cavalos

Capítulo X - Das contusões grandes causadas por pancada, caída de alto ou aperto

Capítulo XI - Da gota-serena que dá nos olhos

Capítulo XII - Dos bichos de mosca-varejeira no nariz, ou outras partes, e suas observações

Capítulo XIII - Das chagas da beca, garganta e nariz

Capítulo XIV - Das chagas em qualquer parte do corpo

Capítulo XV - Das chagas dos dedos dos pés e unhas

Capítulo XVI - Das escoriações do escroto, ou bolsa dos testículos, e membro viril

Capítulo XVII - Dos remédios contra cursos

Tratado VIII

Da enfermidade a que chamam corrupção-do-bicho, suas causas, seus sinais e seus prognósticos, sua cura e suas observações

Tratado IX

Dos resfriamentos, suas causas, seus sinais, prognósticos e sua cura

Capítulo I - Como se curam os resfriamentos mais leves

Capítulo II - Como se curam os resfriamentos mais pesados

Tratado X

Dos danos que faz o leite melado, aguardente de cana e advertências para conservação da saúde

Capítulo I - Do leite

Capítulo II - Da aguardente de cana

Tratado XI

Dos venenos e mordeduras venenosas

Capítulo I - Introdução, e sinais vários de quem tiver tomado vários venenos

Capítulo II - De remédios químicos e cordiais contra os venenos

Capítulo III - Da mordedura de cão danado

Capítulo IV - Das mordeduras de víbora e mais cobras venenosas

Capítulo V - Das mordeduras das cobras do Brasil a que chamam jararacas, surucucus e cobras de cascavel

Capítulo VI - Dos remédios do país experimentados que se costumam dar pela boca

Tratado XII

Do escorbuto, ou mal de Luanda, seus sinais e o seu único remédio



Ex-voto do século XVIII, onde se agradece a cura de Ana Maria Joaquinade Menezes que se salvou milagrosamente de complicações ocorridas após o parto, (autoria desconhecida)

Índice das observações que se contêm neste livro

Tratado I

Capítulo XX

De observações em pontadas pleuríticas com escarros de sangue

Capítulo XXI

De observações em pontadas sem escarros de sangue

Observação *I- De uma pontada procedida de lombrigas, que mataram ao doente em menos de vinte e quatro horas, o que o autor conheceu por fazer nele anatomia , dando para isso licença o doutor ouvidor-geral da Vila Real de Sabará, Luís Botelho de Queirós, por ser o defunto seu escravo*

Observação II - *De outra pontada, quase pelo mesmo modo, de que livrou o doente com sucesso admirável*

Observação *De uma surdez na própria pessoa do autor, que sarou com facilidade*

Observação III - *Em um escravo de João Gonçalves da Costa com uma pontada da parte esquerda, que, por lhe fazer lançar grande número de lombrigas, livrou do grande perigo em que estava*

Observação IV - *De uma pontada e dor no peito com dificuldade de respiração*

Observação V - *Em um escravo do autor, com dores de ombros e costas vomitório*

Observação VI - *Em escravo do autor com dores de peitos, que sarou com um vomitório*

Observação VII - *Em um escravo de João Fernandes de Oliveira, que de noite rebentava com tosse que lhe ficou de uma pontada, a que alguns professores assistiram sem lhe poderem tirar a tosse, e o autor lhe tirou com uma receita que leva o espermacete, como se pode ver*

Tratado II

Capítulo III

De observações em obstruções do fígado

Observação I - *No capitão Manuel Dias Leite*

Observação II - *No sargento-mor Gaspar de Brito Soares*

Observação III - *Em André Rodrigues Lima*

Observação IV - *Em um escravo de Miguel Dias de Sousa, que, tendo cursos contínuos e antigos, não sarou deles senão depois que o autor lhe curou uma obstrução que tinha no fígado*

Notícia de vários enfermos que perderam a vida por causa das mesmas obstruções no fígado

Capítulo VI

De observações nas obstruções do baço e do mesentério

Observação *1- De uma hidropisia em um religioso de São Francisco, tão disforme que, desdobrando o seu cordão, o atava na cintura pelas pontas, o qual escapou da morte por conselho do autor, não bebendo água alguma em discurso de quarenta dias, comendo seco*

Observação II - *De uma obstrução no mesentério*

Observação III - *De uma obstrução no mesentério, na artéria ilíaca e alguma também no baço, em Domingos Francisco de Oliveira, e, sendo assistido de alguns professores alguns meses, sendo de mais de dois anos, sarou sendo curado pelo autor*

Duas observações em mulheres

Tratado III

Da miscelânea

Observação *admirável de uma inchação de pés e dermatose muito antiga em um escravo do autor, que sarou radicalmente com um remédio tópico esquisito, invento do autor, em poucos dias*

Observação *na própria pessoa do autor, mas com sucesso tão contrário que o ia pondo a pique de perder a vida, e, por sua indústria, livrou do grande perigo com um remédio que inventou em lance tão apertado, com que sarou de uma inchação medonha das pernas e pés, em chaga viva*

Observação *de uma mulher que estava sufocada com um acidente uterino e, em menos tempo de um quarto de hora, falou e ficou em seu juízo*

Observação *de um panarício maligno no mar, indo o autor embarcado*

Observação *de uma asma sufocante, que sarou*

Observação *de uma hérnia intestinal com uma inchação monstruosa, curada em poucas horas com um remédio esquisito, invento do autor*

Observação *de umas câmaras*[1] *lientéricas desesperadas, que, estando o doente desenganado de quem lhe tinha assistido, sarou*

por conselho do autor com um remédio esquisito

Tratado IV

Das deslocações, fraturas e suas observações

Observação I- *De uma deslocação que se não remediou, mas servirá de boa doutrina aos principiantes*

Observação II - *De um escravo que ficou perdido por causa de uma deslocação no osso da cia, pelo não conhecer quem lhe assistiu, que também servirá de boa doutrina*

Observação III - *De uma deslocação no osso da cia, em que houve bom sucesso, sendo de sete dias*

Observação IV - *De uma contusão grande, que pareceu a certo professor deslocação, em que me quis tirar o crédito afirmando que o era, e as juntas ou consultas que houve tiraram as dúvidas*

Observação doutrinal *e muito para se ver*

Capítulo VI

Das fraturas com ferida e suas observações

Observação I - *De uma fratura dilacerada em uma perna que se abriu como uma pescada*

Observação II

Observação III - *Feita em vários doentes do capitão-mor Custódio da Silva Serra, que ficaram debaixo das ruínas de um morro, onde logo morreram quatro, e treze ficaram com vários ossos quebrados, e um com as vértebras do espinhaço deslocadas, e outro lançando sangue pela boca, narizes, ouvidos e olhos, de que sarou, e os mais*

Observação IV - *De uma fratura no osso da cia, na qual ficaram as duas cabeças do osso apartadas e o doente aleijado para sempre, boa doutrina para os modernos*

Observação V - *De uma fratura em um braço, acima do cotovelo, onde temos um só osso, a qual foi causa de ficar o braço pendurado pelos nervos, sem governo algum*

Tratado V

Da rara virtude do óleo de ouro e observações das curas excelentíssimas que com ele se têm feito

Observação *em dois cirros maiores que ovos, curados com óleo de ouro*

Observação *em um cancro, em que houveram dúvidas se o era, curado com óleo de ouro, ainda que saía fora dos círculos*

Observação *de um cancro em um peito que se cortou, de que morreu o doente*

Observação *de uma cura em ferida penetrante, que, depois de feita, se moviam os apósitos, e a razão por quê*

Observação *em uma ferida penetrante do peito, que, estando o doente como morto, cheio de sangue extravasado, sem lançar nenhuma pinga, pondo-se-lhe um círculo de óleo de ouro, lançou tanto que correu pela casa*

Observação *em uma ferida penetrante, que passou das costas ao peito esquerdo e ofendeu a mão do doente, por lever a sua espada debaixo do braço, a qual se curou com óleo de ouro, e sarou, o que aconteceu na Cidade da Bahia*

Observação *em uma estocada que, entrando pela nuca ou cova do ladrão, passou a uma maxila do rosto e sarou com óleo de ouro*

Observação *em uma facada dada em um braço, que sarou em poucos dias com o óleo de ouro*

Tratado VI

Dos segredos, ou remédios particulares, e suas observações

Observação *única em Domingos Rodrigues da Rocha, que, estando com sezões cinco meses, assistido de dois professores, só com o segredo do autor, tomado uma só vez, ficou radicalmente são*

Observação *em uma ferida de uma mão, que cortou nervos, veias, artérias e osso, curada com o remédio particular do autor, e sarou sem ficar com lesão alguma*

Observação *em uma ferida grande dada com uma catana, que chegou desde a nuca até a cara, cortando nervos, veias e artérias jugulares, e sarou com o remédio particular do autor*

Observação *em outra ferida pelo mesmo modo, mas maior, porque cortou nervos, músculos, veias, artérias e a ponta do queixo junto ao canto da boca, e sarou dentro de seis dias com o remédio particular do autor*

Observação *de dores de juntas em um homem que estava tolhido, e, tendo gasto mais de mil oitavas de ouro, o autor o curou com os xaropes contra morbum em poucos dias, de que se desempenhou dando quinhentas oitavas de ouro; boa doutrina para os modernos e caso admirável*

Observação *de chagas na garganta e uma goma no peito em uma mulher, que sarou, felizmente, com os xaropes contra* morbum *que o autor faz manifestos neste mesmo tratado*

Observação *de taipárias na cabeça e dores nas juntas, curadas com os sobreditos xaropes*

Observação *de boubas curadas com os sobreditos xaropes*

Observação *de chagas na garganta na própria pessoa do autor, com os mesmos xaropes e outro remédio específico* Observação *em um fluxo de sangue pelo cano da urina, ocasionado por um ato venéreo, havendo um esquentamento; caso grande*

Observação *de gomas na testa*

Observação *de uma gonorréia, que sarou com as pílulas de mercúrio sublimado que se apontam neste mesmo tratado*

Observação *de umas boubas que sararam com as ditas pílulas* Observação *de uma mula em um escravo do autor, que sarou com as tais pílulas* Observação *dos doentes que tomaram unturas e mercúrio que não sararam* Observação *de uma mulher com um fluxo de sangue pela madre que sarou com duas bebidas do remédio particular que o autor faz manifesto*

Observação *de um homem que, tendo um fluxo de sangue pela cova de um dente, e que estava a pique de perder a vida, sarou com uma bebida do tal remédio particular*

Observação *de um clérigo na Cidade da Bahia que, estando deixado dos médicos por lançar sangue pela boca, sarou com o tal remédio particular*

Observação *de uma supressão de urina, que sarou com o remédio particular que se aponta*

Observação *de um preto que, estando com uma supressão de urina, sarou com o sobredito remédio*

Observação *de um homem com uma supressão de urina que, trazendo cem mil réis para dar a um religioso no Rio de Janeiro para o curar, sarou com o sobredito remédio particular, e ficou com o dinheiro*

Observação *em uma icterícia que sarou com talhadas de rábão serenadas em mel, depois de baldados todos os remédios*

Observação *de um caso grande com nervos e ossos cortados*

Observação *em uma ferida na cabeça, penetrante*

Tratado VII

Dos formigueiros e suas observações

Observação *de um formigueiro desesperado em José Álvares, que, curando-se com outros professores em discurso de treze meses, o autor o curou com cautérios de fogo, sendo a enfermidade no estado em que estava outro semelhante*

Observação *de outro formigueiro*

Observação *de outro formigueiro*

Observação *de outro formigueiro com dezessete buracos em uma perna de uma mulher*

Observação *de uma esquinencia em Clemente Garcez, que, por culpa de quem a curou, degenerou em um garrotilho sufocante, e o autor inventou um remédio de virtude eficaz, com que o doente sarou em poucos dias*

Observação *em João da Costa, oficial de armeiro na Cidade da Bahia, a quem o autor tirou uma pedra da via da urina*

Observação *de um tumor nas costas das mãos de um escravo, que, não podendo já trabalhar, sarou com felicidade com um remédio por invento do autor*

Observação única *de um tumor nas costas de uma mão que um cirurgião abriu cuidando tinha matéria e achou humor soroso, como água, como é comum nos destas partes*

Observação *de uma chaga, ou cavalo, no membro viril*

Observação *em dois escravos do autor com chagas na garganta*

Observação *de uma fistula na coxa de uma perna, que atravessava de uma banda a outra, que sarou com bom sucesso*

Observação *em quatro escravos do autor, grandes contusões e caso grande* Observação *em um escravo do autor de uma grande contusão nas costas* Observação *de outro caso, quase pelo mesmo modo*

Observação única *de bichos no nariz em um escravo do autor, que, estando perigosíssimo, sarou com uns remédios esquisitos*

Observação *de uma chaga podre, curada, felizmente, com uns pós esquisitos* Observação *em uma mordedura venenosa, que, por sua causa, estava uma mão quase sem sentimento; boa doutrina para os modernos*

Observação única *de uma chaga em um dedo de um pé, muito antiga* Observação *em uma hérnia aquosa, que, tendo sete anos, o autor a curou em oito dias* Observação única *de uma diarréia desesperada em casa do doutor ouvidor-geral da vila de Ouro Preto, que, estando o doente feito um esqueleto, sarou por milagre com um remédio esquisito que o autor aconselhou em presença de um médico que lhe assistia*

Observação *em uma hérnia aquosa na bolsa dos testículos com a maior grandeza que o autor viu, e, tendo sete anos, sarou em três dias, tirando-lhe duas bacias e meia de água*

Observação *de um moço, que, estando já sem fala por causa de uma corrupção-do-bicho e largueza tão grande que lhe cabia uma mão fechada pela via dentro, muito à vontade, da qual, por mercê de Deus e indústria do autor, recuperou a vida e a saúde*

Observação *no padre Francisco Fernandes Paulino, que, por beber leite muito continuado, lhe tirou totalmente a vontade de comer outra alguma coisa, por cuja causa estava morrendo sem saber de que,*

nem se podia ter em pé, e, largando-o, por conselho do autor, recuperou a saúde

Observação *em João Gonçalves da Costa, que, por comer à noite um prato de melado, produto da cana-de-açúcar, com batatas cozidas, esteve a pique de ter uma doença muito dilatada, ou de perder a vida, se o autor lhe não acudira com vomitórios*

Observação *de cinqüenta doentes em uma casa, curados com o remédio antiescorbútico, ou mal de Luanda*

Observação *no alferes Gervásio Barbosa, que estando sufocado com um acidente de asma, sarou com dois vomitórios e uma purga de maná*

Observação, *na Cidade do Porto, em enfermo com um escorbuto deixado sem remédio, e, com o que se faz manifesto, sarou*

Observação *de uma ferida na cabeça, penetrante; boa doutrina para os modernos*

Advertências

Advertência *acerca das enfermidades que mais comumente sucedem nas Minas*

Advertência *e razões de ponderação acerca das lombrigas*

Advertência *acerca dos medicamentos que se aplicarem às enfermidades das Minas*

Advertência *para melhor conservação da saúde*

Advertência *muito necessária nas obstruções*

Advertência *na miscelânea aos ignorantes e mulheres depravadas*

Advertência *acerca das taipárias e gomas*

Advertência *acerca das boubas*

Advertência *acerca das mulas e dos esquentamentos*

Advertência *acerca das enfermidades que mais perseguem os moradores das Minas e alguns conselhos proveitosos para o bom regímen da saúde, e observações da rara virtude que tem o chá*

Advertência *para quem comprar escravos*

Advertência *de mel de tanque para curar obstruções* - Trat. 3, num. 352

Advertência *precisa*

Advertência *mui necessária*

Advertência *não menos necessária*

Advertência *precisa aos que não forem professores, a respeito dos pesos e medidas* Advertência *acerca dos que tiverem falta de ouvir para não tomarem suores, e a razão por quê*

1 O autor usa, indiferentemente, câmara ou camera com o mesmo significado.

Divisão da obra

O I TRATADO: Da cura das pontadas pleuríticas com novos remédios inventados, e suas observações.

O II TRATADO: De como se hão de conhecer e curar as obstruções do fígado, do baço e do mesentério com novos remédios inventados, e suas observações.

O III TRATADO: De uma miscelânea de vários remédios assim inventados e experimentados para muitas enfermidades, como escolhidos de vários autores.

O IV TRATADO: Da cura das deslocações e fraturas com novos remédios inventados, e suas observações.

O V TRATADO: Das muitas enfermidades para que serve o óleo de ouro, como se devem curar com ele, e suas observações.

O VI TRATADO: Dos segredos, ou remédios particulares, que o autor faz manifestos para utilidade do bem comum, e suas observações.

O VII TRATADO: Da cura dos formigueiros com novos remédios inventados, suas observações, e outras doenças mais comuns nestas Minas.

O VIII TRATADO: De como se há de conhecer e curar a enfermidade a que chamam corrupção-do-bicho, e suas observações.

O IX TRATADO: De como se hão de conhecer e curar os resfriamentos com novos remédios inventados.

O X TRATADO: Dos danos que faz o leite, melado e aguardente de cana, com suas observações.

O XI TRATADO: Da cura dos venenos e mordeduras venenosas das cobras do Brasil com novos remédios inventados, e suas observações.

O XII TRATADO, último e muito principal. Da cura do escorbuto, ou mal de Luanda; único remédio desta enfermidade, ainda não escrito, com muita novidade.

Proêmio

Neste pequeno volume se insinuam vários remédios para socorrer as doenças que mais comumente sucedem nestas Minas, assim a pretos, como a brancos, ainda que notados por fraco talento. Contudo, por serem experimentos práticos neste clima e região de vinte anos a esta parte, levam nisto muita vantagem e mais segura a sua aprovação, advertindo que se não faça toda a confiança neles, porque, sendo aplicados por quem lhes faltar o conhecimento das enfermidades, com muita facilidade poderá errar, o qual é difícil ainda aos mesmos professores, quanto mais a quem tem toda a desculpa por não ser profissão sua, sendo certo que é para o princípio das doenças, enquanto se não recorre aos professores apolíneos. E discorrendo neste sentido, é sem questão que, se me não compadecera das necessidades dos povos e da perda que experimentam nos seus escravos, não exporia minha rudez, nem gastaria tempo e papel por me não pôr em risco (que é o mais certo) de ser censurado.

A empresa em que entro a não ignora o meu fraco talento e, sem dúvida, a reconhece por grande; e tanto maior é a sua grandeza quanto o é entrar nela sem armas, ou, para melhor dizer, sem autor, guia ou farol deste clima mais que a minha pobre experiência; nele, entraram muitos professores cientes, mas trataram só das suas conveniências; eu, ainda que mais indigno de todos, quero tratar também das alheias.

E assim, como sempre me pareceu justo obedecer à razão, me pareceu sempre temerário contradizer a experiência, pois a razão e a experiência são as duas colunas em que se sustenta a Medicina e a Cirurgia; e como sejam maravilhosas e estupendas as obras que a natureza faz por caminhos ocultos, sem que a razão, nem o entendimento as alcance, daqui procede que maior fé se deve dar à experiência que à razão.

Infinitos exemplos pudera referir em confirmação desta verdade, mas, por não ser pesado aos leitores, apontarei só quatro. Quem haverá que não se admire vendo sarar feridas horríveis e fluxos de sangue implacáveis sem se aplicar remédio algum sobre as tais feridas, mas deitando somente os pós simpáticos sobre o sangue ou sobre o instrumento que feriu, com tal condição que o sangue esteja ainda fresco?! Quem não ficará admirado vendo que uma velha de oitenta anos criou com o leite de seus peitos uma neta sua, que, por ficar sem mãe e tão pobre que não tinha dinheiro para pagar a quem a criasse, estava disposta a morrer?! A quem não parecerá fabuloso o dizer que o pano chamado amianto (quando está sujo) se lava metendo-se no fogo, sem se queimar?! A quantas pessoas parecerá engano o dizer-se que os membros abrasados com o incêndio de uma erisipela se curam aplicando-lhe panos molhados em aguardente ou em espírito de vinho?! Quem haverá que não tenha por mentira o dizer-se que muitas tosses se curam com laranjas azedas?! Se houvéssemos de dar mais crédito à razão que à experiência, mais razão era que os pós simpáticos se deitassem sobre a ferida que sobre o sangue, ou instrumento que se feriu; se houvéssemos de dar mais crédito à razão que à experiência, pareceria impossível que uma velha de oitenta anos tivesse leite para criar uma sua neta; se houvéssemos de dar mais crédito à razão que à experiência, mais conforme a razão era que o pano amianto se lavasse com água e sabão que com o fogo; se houvéssemos de dar mais crédito à razão que à experiência, mais conforme a razão era que a tosse se curasse *com* lambedores e coisas doces que com laranjas azedas - Contudo, ainda que estas coisas pareçam incríveis e contra a razão, a experiência mostra que todas são verdadeiras, pois vemos que, com os pós da simpatia deitados sobre o sangue ou sobre o pano molhado nele fresco, se curam as feridas, e, também, consta de muitas pessoas fidedignas que uma velha de oitenta anos criou com o leite de seus peitos uma neta sua, e também vemos que o pano chamado amianto, se não queima, ainda que esteja metido no fogo por muitas horas; vemos, finalmente, que muitas tosses, principalmente as secas, se não curam senão com laranjas azedas, piorando com os lambedores e coisas doces. Assim o dizem gravíssimos autores.

E pelas referidas razões, e pelo que cada dia estamos vendo, é a experiência a base fundamental da Medicina e Cirurgia, e se houver (o que não duvido) quem contradiga ou não creia o que digo neste volume, e fizer o contrário, sucedendo-lhe mal, dará conta a Deus das vidas de que for homicida, porque o que digo que fiz é verdade e se lhe deve dar inteiro crédito, porque sou católico e cristão velho, pela graça de Deus, e não havia de enganar a alguém em matéria de tanta conseqüência.

Mas, deixando de parte o que as más línguas dirão como adotivas de Lúcifer, passo a dizer que a enfermidade de maior ponderação e que mais comumente persegue os escravos nestas Minas e derrotam os senhores deles são as pontadas pleuríticas, que — por ser esta a doença que mais cuidado tem dado aos professores, sem nunca poderem achar modo certo em sua cura, ainda os mais cientes, principalmente nos primeiros anos de curativo nesta região, e ainda em muitos, porque, pela maior parte, sangrando-se morrem, com cordiais morrem, purgando-se com vomitórios morrem - de tal modo e com tais sintomas se vêm a pôr os miseráveis enfermos que ficam os cirurgiões e médicos admirados, vendo morrer os doentes sem remédio, como eu muitas vezes tenho visto; e assim, por ser esta a doença mais comum e mais difícil, darei princípio por ela no seguinte tratado.



Exame clínico geral. (Ilustração de Guido de Paiva)

Tratado I

Da cura das pontadas pleuríticas e suas observações

Capítulo I

1. Esta enfermidade é o flagelo que mais tem destroçado os mineiros destas Minas e é a que mais cuidado tem dado aos professores da Medicina e Cirurgia, enganando-se e tropeçando a cada passo, por dever ser o seu modo curativo, neste clima, alheio totalmente do que os autores apontam, por cuja razão morrem escravos sem número: uns por darem nas mãos dos principiantes do dito clima, outros porque lhes dá com tanta veemência e perigo que uns duram vinte e quatro horas, outros pouco mais e outros ainda menos.

2. Não sei que haja professor algum que até o dia de hoje tenha escrito das enfermidades das Minas, nem ainda do Brasil, e não haverá pessoa que ignore serem os tais climas diferentes dos de Portugal e da Europa, porque, ou em mais ou em menos, diferem, e, na minha opinião, o clima das Minas é totalmente diferente de todos os mais; e, sendo isto assim, como sem dúvida é, por muitas razões não haverá quem, com razão, calunie o que disser neste meu livro, ainda que pareça impossível, pois não só o clima é diferente, mas a causa das enfermidades e os humores que as produzem, por razão dos mantimentos e habitação em que assistem e se exercitam, assim os pretos como os brancos: os pretos, porque uns habitam dentro da água, como são os mineiros que mineram nas partes baixas da terra e veios dela, outros feitos toupeiras, minerando por baixo da terra, uns em altura, de fundo, cinqüenta, oitenta e mais de cem palmos, outros pelo comprimento em estradas subterrâneas

muitos mais, que muitas vezes chegam a seiscentos e a setecentos; lá trabalham, lá comem e lá dormem muitas vezes, e como estes, quando trabalham, andam banhados em suor, com os pés sempre em terra fria, pedras ou água, e, quando descansam ou comem, se lhes constipam os poros e se resfriam de tal modo que daí se lhes originam várias enfermidades perigosas, como são pleurises apertadíssimos, estupores, paralisias[1], convulsões, peripneumonias e outras muitas doenças, para as quais os melhores remédios que se lhes devem aplicar são sudoríficos, diaforéticos e vulnerários, para que abram os poros e se promova a circulação do sangue e mais líquidos com os remédios que em seu lugar se apontarão; os brancos, alguns descalços por orvalhos, suados, molhados e resfriados, do mesmo modo.

3. E para que não digam que não sou oráculo para escrever novo modo de curar as doenças, sem me conformar com os antigos mestres, respondo o seguinte. Hipócrates, aquele grande oráculo da Medicina Científica, certifica, e com muita razão, que a arte médica é tão vasta e dilatada que não tem termo em que caiba nem baliza que a compreenda; porquanto, ainda que ele nos deixou os seus aforismos e regras universais por onde nos governamos, contudo, a experiência nos mostra que não há no mundo coisa alguma tão certa nem tão infalível que não tenha suas exceções e deixe de faltar algumas vezes. Como coisa certa e infalível, diz Hipócrates que nem as mulheres padecem gota enquanto lhes baixa a conjunção mensal, nem os meninos enquanto têm uso de mulher, e, pela experiência, consta que algumas mulheres menstruadas e alguns meninos incapazes, por sua idade, de ter cópula com mulheres, padecem gota com dores insuportáveis. O mesmo Hipócrates certifica que os acidentes de gota-coral nas pessoas velhas e nas que passam de vinte e cinco anos são incuráveis, e o doutor Curvo curou dos tais acidentes a três homens, um dos quais passava de trinta, e os dois passavam de vinte e cinco, como os curiosos poderão ver na sua *Polyanthea Medicinal* da segunda impressão, trat. 2, cap. 9, f. 80, do núm.34 até 38. E também consta que Matias Cornaro, médico de Maximiliano II, curou de gota-coral a uma mulher que tinha setenta anos. Diz mais o sobredito Hipócrates

que os empiemáticos e os que têm matérias supuradas dentro do vão do peito só se purgam e evacuam por escarro, e a experiência tem mostrado que escaparam alguns deitando as matérias já por via das urinas[2], já misturadas com a camera[3]. O mesmo certifica Paulo Egineta dizendo que, quando o apostema do peito se rompe, cai a matéria umas vezes no estômago, outras vezes nos intestinos, e outras vezes na bexiga pelos anfractos das veias, como por canos ou aquedutos. Nem Galeno deixou de conhecer isto mesmo quando disse: *Não é para admirar, nem é impossível, que, das partes que estão superiores ao septo transverso, corra e desça matéria ao ventre, e das que ficam abaixo deste, caia e desça a matéria pelos rins à bexiga*. E porque Mesue o disse ainda mais claro, não será fora da razão referir aqui as suas palavras, que são as seguintes: *Depois que os abscessos, ou apostemas do peito, rebentam, deitam alguns a tal matéria e cai na cavidade do peito por destilação; a estes, ou pela veia do quilo, cai na parte côncava do fígado, e daí, pelas veias dos intestinos, pode sair de mistura com a camera; mas, se, pelo contrário, a matéria do apostema que estava no peito cair e correr para a parte convexa do fígado, daí pelas veias emulgentes, dará consigo nos rins e na bexiga, e sairá pela via da urina*.

4. Também é sentença definitiva de Hipócrates que, se as prenhadas se sangrarem ou purgarem, moverão; e tão longe está isto de ser assim que, para não moverem, as sangramos e purgamos muitas vezes com felicíssimo sucesso, não só dando-lhes purgas brandas e benignas, mas dando-lhes a água benedita, ou os pós de quintílio, ou o tártaro emético; porque, suposto fazem algumas ânsias, são muito fiéis e seguros, quando a causa por que movem é a cópia de humores cacoquímicos, alheios da natureza do sangue, como são cóleras, que causam enchimento no estômago, e outros. Diz, além disso, o mesmo Hipócrates que as feridas da bexiga são incuráveis, e consta nos, com toda a certeza, que em França, em Holanda e em outras partes do mundo se abrem muitas bexigas com ferro, para se lhe tirarem as pedras, e por benefício de peritíssimos cirurgiões se curam perfeitamente e vivem largos anos. Diz o doutor Curvo que teve uma pedra na sua mão do tamanho de uma castanha, que se tirou da bexiga aberta ao ferro, sem perigo da

vida da enferma, que era uma criada de Luís de Saldanha, morador a Junqueira.

5. Também é lei assentada de Hipócrates que, na entrada dos crescimentos das febres, se não dê de comer nem de beber aos doentes, e, não obstante este preceito, não há médico tão covarde que, se o doente é muito magro ou de temperamento muito seco, ou colérico, ou muito fraco, lhe não dê de comer em qualquer hora da sezão, para evitar que o doente se não faça hético ou morra de fraqueza.

6. Bem encomendam Galeno e Avicena que se não sangrem os meninos antes de terem quatorze anos; e a experiência nos mostra que, com sangrias moderadas, os livramos hoje de gravíssimas doenças, sendo de menos de um ano.

7. Finalmente, diz Hipócrates que os que padecem supressões de urina morrem, se até o sétimo dia não urinam; e, pelo contrário, temos visto alguns doentes que urinaram no fim de oito dias e escaparam da morte. Dos referidos casos se colhe, claramente, que as regras e sentenças dos antigos, ainda que, pela maior parte, sejam verdadeiras, a experiência mostra que, muitas vezes, têm falência, e outras que é acertado não as seguir, e, para confirmação desta verdade, diz o doutor Curvo o seguinte:

8. O mui reverendo padre frei Pedro Manuel, religioso da Ordem de São Bernardo, filho do excelentíssimo senhor dom Sancho Manuel, conde de Vilaflor, depois de uma supressão alta que lhe durou vinte dias, salvou a vida, contra a opinião de Hipócrates, porque, sangrando-se doze vezes nos braços, deitou tanta quantidade de urina pelas cesuras das sangrias quanto pudera ter deitado pela via da urina em todos aqueles dias; e não só escapou do grandíssimo perigo em que estava, mas até o dia de hoje logra saúde perfeitíssima. Neste lugar se oferecem duas coisas dignas de reparo e importância na prática da Medicina e Cirurgia: a primeira é considerar quão errados vão aqueles que são contumazes e atados aos conselhos e regras dos antigos, que, nem à razão natural, nem ao que estão vendo com os seus olhos, querem dar crédito, o que é

muito abominável, pois seria melhor examinar as causas do que os seus olhos vêem que negar teimosamente a fé do que se experimenta, porque (como dizem graves autores) a razão e a experiência sempre foram mais poderosas que a autoridade humana, e, suposto que Hipócrates e Galeno sejam os oráculos antigos da Medicina, não são tão senhores dos entendimentos dos modernos que hajamos de crer por infalível tudo o que eles disseram. Do que fica dito, consta esta verdade.

9. A segunda coisa digna de grande reparo é ver quão erradamente procede quem, nas supressões altas da urina, tem medo de mandar sangrar repetidas vezes, quando a experiência nos está mostrando que nenhum remédio é mais proveitoso que as sangrias dos braços repetidas, feitas depois que o doente estiver purgado com vomitório de água benedita vigorada ou tártaro emético, pois, deste modo, têm livrado muitos enfermos da morte.

10. Nestas Minas, com mais razão, se verificam estas verdades, pois o mais próprio que nelas se deve usar é da razão e da experiência, como vou mostrando e mostrarei em todo o discurso deste volume, que não só servirá para este clima, seu verdadeiro objeto, senão também para todo o Brasil e grande parte para Portugal.

Capítulo II

Que coisa é pontada pleurítica?

Pontadas pleuríticas, nestas Minas, são aquelas a que vulgarmente brancos e pretos chamam pontadas, e, porque elas têm várias complicações, quero defini-las do modo seguinte:

Capítulo III

Das pontadas complicadas

A complicação que mais ordinariamente e mais vezes é causa de pontadas, principalmente nos pretos, são enchimentos do estômago, lombrigas, corrupção-do-bicho e alguma obstrução; mas, como os enchimentos do estômago são a principal complicação, e que mais ordinariamente acontece (como se verá nas observações), passo a dizer quais são os sinais do enchimento; e também é causa de pontadas o enchimento de humores no corpo.

Capítulo IV

Dos sinais do enchimento do estômago

1. Os sinais por onde se conhece haver enchimento no estômago são os seguintes: haverá amargores na boca, fastio ou pouca vontade de comer, e o comer mal saboroso, ou não doce, como dizem os pretos; vontade de vomitar, ou vômitos, e o estômago duro, ou cheio, e o melhor e mais certo sinal é, estando o doente em jejum e deitado de costas com os pés encolhidos, carregando-lhe com os dedos, brandamente, na boca do estômago, se se doer dele, ou seja na boca, ou em algum lado, torcendo-se o doente e mostrando sentimento com alguns dos mais sinais, não teremos dúvida alguma em que a pontada procede do dito enchimento; e, no exame que se fizer, haverá repetição de uma, duas e três vezes, para vermos se os pretos variam, no que são muito fáceis, ou se falam sempre de um modo, o que é de grandíssima importância para o acerto da cura, porque, de outro modo, vai com grande risco de morrer o enfermo com o vomitório, pois com os vomitórios morrem sufocados, não tendo a sua causa na primeira região, que é o estômago; e a mesma advertência se terá nas mais doenças.

haverá repetição nas perguntas que se fizerem aos pretos

2. Tendo o doente, ou seja preto ou branco, os sinais acima ditos, ou ainda que não tenha todos, bastará que tenha a maior parte, para ficarmos certos em que a pontada é procedida do mesmo

enchimento; nestes termos, se poderá, seguramente, dar ao doente um vomitório de tártaro emético, que nestas Minas prova admiravelmente com o peso de cinco até seis grãos, conforme for o sujeito e as forças dele; porque, se for robusto e de boa idade, poderá sofrer um até dois grãos mais, e, se for fraco ou de pouca idade, ou a pontada for grande, se lhe dará menos, para melhor segurança, porque, se por algum acidente ou por informação menos verdadeira, suceder que a pontada não seja procedida do dito enchimento, são perigosíssimos os vomitórios; e assim deve haver grande cuidado nisto, porque não vai mais nem menos que a vida do enfermo, como se verá nas observações.

vomitório de tártaro emético

3. Sendo o tártaro já conhecido por bom e bem calcinado, se dará somente os cinco até os seis grãos que ficam ditos, como eu ordinariamente tenho usado e uso; e, dado o primeiro, se verá se a pontada se moderou e não despediu de todo, que, neste caso, se poderá dar segundo, como eu muitas vezes tenho dado, acrescentando ou diminuindo conforme a obra do primeiro; e se a pontada despedir de todo, não será necessário dar segundo nem terceiro, como tenho dado com bom sucesso, mas sempre será bom conselho purgar ao depois dos vomitórios com purga solutiva de resina de batata; e, se o doente tiver padecido algumas queixas gálica s de poucos tempos, ou as tenha de presente, será bom acerto, depois da purga de resina, tomar alguma, ou algumas, de jalapa, porque a resina é muito universal de todo o corpo, e também capital, e alimpa bem os humores frios de que os pretos abundam muito, e também os brancos, suposto menos; e as de jalapa são muito próprias para os humores gálicos e muito singulares para as queixas das juntas, quando há dores nelas; e há de ser a jalapa pisada de fresco, porque, estando pisada algum tempo, perde muita parte de sua virtude e também purga todos os humores; e o mais que agora podia dizer se verá no discurso deste tratado e nas observações.

queixas gálicas

queixas das juntas

4. E como há também algumas pontadas que procedem de lombrigas, como tenho visto e nas observações se verá, se conhecerão pelos sinais seguintes:

Capítulo V

Dos sinais de haverem lombrigas

Havendo pontada ou outras quaisquer queixas, se examinará o doente para vermos se tem dores no embigo, ou se ele se lhe torce, como dizem os pretos, ou sente nele mordeduras ou picadas pela barriga, ou se sente correr-lhe alguma coisa para cima que lhe venha à garganta, principalmente estando em jejum, ou tem comichão nela ou nos narizes, ou tem tosse, ou dor no estômago e picadas nele, ou tem a boca e língua languinhenta, ou se é sujeito que, em outras doenças, fosse costumado a lançá-las, e, sendo em jejum, aparecerão melhor os ditos sinais, e o melhor e mais certo que eu tenho observado nos pretos, principalmente, é terem os pulsos delgados e submersos, ainda que haja febre, e, sendo criança, terá comichão nos narizes, ou, estando dormindo, trincará nos dentes ou terá estremeceduras; e, sendo branco, a cor do rosto será pálida, os olhos brancos e esmorecidos, com o mesmo sinal nos pulsos. Havendo os ditos sinais, ou a maior parte deles, com os pulsos delgados e a modo de sumidos, não teremos dúvida em haver lombrigas, pelo que é preciso pôr todo o cuidado em destruí-las e lançá-las fora com os remédios seguintes:

Capítulo VI

Dos remédios contra lombrigas

1. O remédio que tem feito grande obra em muitos enfermos e lhes tem feito lançar muito grande número de lombrigas, de tal sorte que

quase se podia fazer incrível para algumas pessoas, é o seguinte: sumo de erva-de-santa-maria, assim chamada nestas Minas e de todos bem conhecida, e na Cidade da Bahia chamada mastruços, sendo os mastruços verdadeiros outros, como na cura das pontadas se verá. Do dito sumo meia xícara, sumo de dois ou três limões azedos, se misture tudo e se lhe lance uma colher de azeite-de-mamona, por outro nome azeite-de-carrapato, com umas pingas de vinagre forte e uma dedada de pó de açafrão, como de tabaco; tudo bem mexido e morno, se dê a beber ao doente pela manhã, em jejum, com tal condição que o doente há de tomar, primeiro, uma colher de açúcar, e, quando tomar a mezinha, lhe não há de tomar o cheiro, o que se observará do modo seguinte. A descrição da erva-de-santa-maria se achará no trat.12, núm. 20.

este remédio tem feito prodígios e é invento do autor

2. Depois de tomar o dito açúcar, deixará passar algum intervalo de tempo, e, passado ele, que as lombrigas possam estar juntas no estômago por estarem faltas de sustento, tapará o doente os narizes com os dedos e, sem tomar respiração, beberá de repente a dita mezinha, e a razão é porque, segundo a experiência que tenho, são as lombrigas uns bichos tão perspicazes que, chegando-lhes o cheiro do seu contrário, fogem para as partes longínquas e, ainda que o doente tome remédios muitos dias e muito perfeitos, não farão efeito algum, como muitas vezes tenho visto; e, pelo contrário, tomando-se o remédio, como tenho dito, também tenho visto obrarem os tais remédios maravilhosamente, estime-se este, que é soberano e também é alguma coisa purgante, pela virtude do azeite que leva, e por isso mais próprio.

experiência

3. O dito remédio se repetirá até cinco ou seis dias, tomado só em jejum, se a necessidade pedir que sejam tantos; e, no caso que haja necessidade grande, tomará o remédio em jejum, e de tarde, antes do sol posto.

4. A semente de Alexandria, chamada vulgarmente erva lombrigueira, sendo nova, e misturando, a cada meia oitava dela, feita em pó, três ou quatro grãos de calomelanos turquescos lançados em sumo de hortelã, ou de mastruços verdadeiros, ou de erva-de-santa-maria, com umas pingas de vinagre forte, é muito bom remédio; ou também se podem lançar os ditos pós dentro de um bocado de banana de São Tomé assada, e dada em jejum ao doente com as condições e do mesmo modo que fica referido; o azebre feito em pílulas, do mesmo modo que se fazem as de resina de batata, é muito bom remédio, por ser purgativo, dando dele uma oitava até oitava e meia de peso, com dez grãos de calomelanos turquescos, principalmente tendo o doente tomado algum dos outros será mais próprio, porque, estando já atormentadas, sairão melhor, assim por ser contra elas, como por ser purgativo brando; a água de azougue vivo é também muito bom remédio, principalmente para os meninos, por se enganarem melhor com ela, a qual se faz do modo seguinte:

remédio composto pelo autor

5. Em duas canadas de água da fonte se lancem duas onças de azougue vivo e sirva em panela de barro até diminuir a metade, e, escoada a água, de modo que não vá nela nada do azougue, se lhe misture uma oitava de semente de alexandria, bem pisada em pó sutil, e, sendo necessário, para ficar mais clara e limpa, se coará a tal água por um pano e se lhe ajuntará meio escrópulo, que são doze grãos, como adiante se verá, de calomelanos turquescos feitos em pó sutil; e desta água bem toldada tomará o doente uma xícara todos os dias em jejum, ou também de tarde, conforme a necessidade, que é um grande remédio e louvado de muitos autores, sem que leve os calomelanos, quanto mais que com eles fica mais forte e vigorado, como tenho experimentado muitas vezes. Acrescentei a este remédio os calomelanos por conhecer que inimigos fortes se não vencem com armas fracas, e com ele venci em muitas ocasiões os tais inimigos; a amêndoa da fruta do angelim pisada e dada em algum sumo dos que ficam ditos ou em água morna dizem muitas pessoas que têm experimentado ser bom

remédio. A casca das raízes do dito angelim - e se for da raiz que ficar para o nascente, melhor -, pisada e dada na forma dita, é remédio que algumas pessoas me disseram era bom e experimentado; e a mim me parece serão bons por conhecer que são amargosíssimos.

água de azougue acrescentada pelo autor

a amêndoa da fruta do angelim é bom remedio

a casca do dito angelim também é aprovada

6. Mas porque nestas Minas há tanta abundância de lombrigas, assim em pretos como em brancos, de que muitos morrem sem ninguém saber de que, ensinarei o melhor remédio que inventei para as destruir, o qual me desempenhou em ocasiões sem-número e muitos doentes recuperaram a vida por meio dele, o qual se faz do modo seguinte:

7. Uma raiz de fedegoso, sendo grande, ou duas, sendo pequenas, depois de lavadas se cortem em bocadinhos e se pisarão em almofariz, lançando-lhe, depois de pisadas, uma xícara, ou menos, de água da fonte, morna; se tornarão a pisar e a moer muito bem, e depois se esfregará a dita massa com os dedos dentro no almofariz, e, lançada em um pano, se coará e espremerá muito bem para se lhe tirar toda a virtude, misturando-se na tal água a terça parte do sumo de erva-de-santa-maria, também coado ou limpo, com umas pingas de vinagre forte, três ou quatro grãos de calomelanos turquescos feitos em pó sutil, e, morno, se dará ao doente em jejum, tomando primeiro o açúcar e tapando os narizes, por não ficar o remédio baldado, como já fica referido, o qual se continuará até seis dias, sendo necessário, porque há algumas lombrigas tão fortes que, para se vencerem, todo este tempo é necessário, e muitas vezes é preciso tomá-lo de manhã e de tarde, principalmente quando as queixas ameaçam perigo de vida; e, ainda que há muitos doentes que, ao segundo e terceiro dias, começam a lançar grande cópia delas, também há outros que não as lançam senão ao quarto, quinto e sexto dia, e sempre é bom conselho tomar ajudas

purgativas todos os dias à noite, para as ir lançando, e os humores podres, que as fomentam e cevam.

remédio singularíssimo para lombrigas: invento do autor

8. No caso, porém, que haja necessidade grande de matar lombrigas com brevidade, pelo enfermo estar com perigo de vida, como eu vi muitos e nas observações se verá, será preciso repetir o dito remédio duas vezes cada dia, em jejum e de tarde; e também será preciso que, em cima do embigo e nas cadeiras, se aplique o emplasto seguinte, ao mesmo tempo do remédio pela boca: pise-se uma boa mão cheia de folhas de erva-de-santa-maria e outra de folhas de hortelã; tudo bem pisado, se lhe misture um fel de boi ou de vaca e um golpe de vinagre forte, e, bem misturado tudo, se aplique quente nas ditas partes bem seguro, e se renovará sendo necessário, que este exterior, aplicado ao mesmo tempo que se toma o interior, poderão os doentes estar certos que hão de lançar infalivelmente todas quantas tiverem no corpo, pois nunca experimentei falência nele.

emplasto singularíssimo para lombrigas, invento do autor

Advertência

As enfermidades que mais comumente sucedem nestas Minas, principalmente aos pretos, são pontadas, enchimentos do estômago, lombrigas e obstruções: as pontadas lhes procedem, umas vezes, por causa de grande enchimento de humores frios em todo o corpo, que é o mais comum; outras vezes, por causa de resfriamentos e constipação dos poros fechados; outras, por causa da circulação do sangue e mais líquidos se retardarem e andar mais vagarosa do que convém, ou estar quase parada; outras vezes, por causa de alguma obstrução, ou também por causa de grandes frios que hajam neste tempo; e muito poucas vezes sucederá haver pontada por causa de abundância de sangue. Os enchimentos lhes procedem por causa de comerem tarde, fora de horas, que

comumente é depois de meia-noite e depois de dormirem, malcozido e de diversas qualidades, e também por ser em muita quantidade, que tudo isso conduz a haver muitos enchimentos no estômago e no corpo. As obstruções também lhes procedem das mesmas causas, porque, aonde há maus cozimentos no dito estômago, há muitas cruezas nele, e dele passam a fazer as obstruções e enchimento de humores no corpo e outras muitas doenças, e também por causa de serem muitos dos seus mantimentos frios, flatulentos, malcozidos, por cuja razão indigestos.

advertência muito necessária

9. As lombrigas se produzem dos humores corruptos que procedem dos maus cozimentos, e deles, corruptos, se gera grande cópia delas; portanto, se deve atender com grande cautela e cuidado a estes quatro gêneros de enfermidade, e não menos em os remediar, porque, os que têm enchimentos de humores frios é preciso aquentá-los e purgá-los, para se diminuírem, e os que têm enchimentos no estômago, sangrando-se se lhes metem com as sangrias as cruezas nas veias, e, quando não morrem sendo muito sangrados, têm doença dilatada e muito custosa para se curar, assim de muito tempo, como de muita despesa. Os que têm lombrigas, sangrando-se, pela maior parte morrem, principalmente tendo muitas; os que têm obstruções, se se sangram, ficam incuráveis pela maior parte, e se os purgarem sem preparação, far-se-lhes-ão as obstruções maiores; e, finalmente, é tal este clima que, se os cirurgiões e médicos não discorrerem por si em todas as doenças que nele acontecem, farão muito poucas curas com acerto ou sem se enganarem, porque é muita a variedade delas, e, conseqüentemente, pedem vários modos de cura fora da regra dos autores, por respeito do clima, habitação e sustentos, como se verá nas observações que adiante escreverei.

advertências e razões de grande penderação

10. Não é de menos ponderação e confusão a cura das pontadas pleuríticas que, com a mercê de Deus e com alguns documentos do licenciado João da Rosa, húngaro de nação que faleceu nestas

Minas, eu as curo, e outras doenças, com mais facilidade que ninguém e fora do modo curativo dos mais cirurgiões e médicos, exceto o uso das purgas de resina, que já todos sabem, principalmente os mais antigos neste clima, que são melhores que todas as outras, como se verá no discurso deste tratado, o qual modo curativo, pouco tempo depois de chegado a estas Minas, comecei a usar e usei sempre até o dia de hoje com feliz sucesso; e quem as curar pelos autores irá perdido, perderão os enfermos as vidas e seus senhores (sendo os enfermos pretos), o seu valor. E, se houver pontada em que não haja sinais de grande abundância de humores no corpo, ou de enchimento de estômago, ou de lombrigas, se verá se tem corrupção-do-bicho, a qual se conhecerá e curará como se diz no oitavo tratado deste volume, que os curiosos folgarão de ver.

com mais facilidade que ninguém

Capítulo VII

Da cura das pontadas sem complicação

1. Somos chegados ao maior flagelo que eu dizia dos moradores destas Minas, enfermidade em que, certamente, se enganam todos os principiantes neste clima, assim cirurgiões como médicos, porque, fazendo o que estudaram e os autores ensinam, nenhum efeito vêem da sua diligência ou, se o chegam a ver em um enfermo, o não vêem em um cento. Falo como experimentado e como quem também se enganou, e, achando-me mui triste naquele princípio, vendo que esta doença era muito comum e que morriam tantos escravos e se perdia tanto ouro em poucos dias, me fazia ter grande pena, assim pelos não poder remediar, como pelo pouco crédito que adquiria, e não menos, vendo que um pobre trabalhava dois e três anos para lucrar um, e que o perdia em poucos dias ou em vinte e quatro horas, e alguns em menos, como nas observações adiante mostrarei. Andando, pois, nestas considerações, tive ocasião de ser amigo do licenciado João da

Rosa, húngaro de nação e bem conhecido em todas estas Minas por cirurgião eminentíssimo, químico, herbolário e farmacêutico, o qual me deu alguma instrução como antigo no clima, não porque fosse seu gênio esse, mas sim por muita diligência minha, sem embargo que era cristianíssimo, que Deus o tinha trazido a estas Minas para remédio de tantos aflitos, e muito principalmente dos pobres, de quem era universal benfeitor; que, por isso e pela boa natureza de que era dotado, estará gozando da bem-aventurança, como piamente creio.

flagelo

escravos se perdem nas minas em vinte e quatro horas, e alguns em menos

2. Isto assim suposto, digo que, muitas vezes, acontece haverem dores de cabeça e pescoço, e depois irem-lhe descendo pelos ombros, ao que alguns professores costumam chamar reumatismos, e como tais os curaram, sangrando-os, o que, na minha opinião, é erro manifesto, porque são sintomas que vêm a disparar em finas pontadas pleuríticas, pelo que advirto que, sucedendo haver algum doente nesta forma, se não sangre nem se lhe chame reumatismo sem que precedam mais sinais para se vir em perfeito conhecimento, mas sim se irá tenteando a natureza com ajudas frescas e purgativas, tomando seus banhos, respeitando a corrupção-do-bicho e vendo se a tem, esperando o que a natureza dispõe, por não metermos o doente em algum perigo, como algumas vezes tenho visto; uma das quais foi em casa do reverendo vigário da Vila do Carmo, o padre José Simões, que perdeu um bom escravo à minha vista, curando-se de uma semelhante queixa com sangrias bastantes ou tantas que o desanimaram e debilitaram, de modo que, sem conservar caldo algum no estômago, com vômitos acabou a vida, dando o professor assistente a esta doença o nome de reumatismo, de que farei memória nas observações, para servir de espelho aos que quiserem observá-lo.

um enfermo se curou de reumatismo, não o sendo, e morreu na má cura

3. Sendo que as dores de pescoço e ombros venham a resolverem-se em pontada, logo assim que o doente a sentir, ou seja, de manhã ou de tarde, se lhe dê uma purga de resina de batata de uma oitava de peso, sendo pessoa robusta, e, não o sendo, será de menos, com cinco ou seis grãos de calomelanos turquescos ou de tártaro vitriolado, para respeitar as lombrigas, porque estas pontadas costumam ser das piores, e digo que se dê logo a purga e leve alexifármaco contra as lombrigas, para, de uma vez e ao mesmo tempo, acudirmos ao doente por duas maneiras; porque, se a pontada proceder de lombrigas, é muito acertado esse remédio, pois, até a mesma resina é contra elas e se destruirão, se as houver, e se purgarão os humores de que elas se geram, e, se não houver as tais lombrigas, é a resina maravilhoso remédio para pontada, sem que os calomelanos façam prejuízo, amparando-se a parte da pontada com panos quentes e resguardá-la do ar frio; e, no segundo dia da purga, se porá em cima da dita pontada o emplasto seguinte, que é excelentíssimo:

purga de resina com alexifármacos contra lombrigas

4. Tomem uma mão cheia de folhas de erva-de-santa-maria e outra de cabeças de mentrastos; se não estiverem espigados, melhor; pise-se tudo, e, pisado, se meta em um saquinho de pano de linho, e, cosida a boca do saco, se componham as ervas, que fiquem estendidas, e se lance em um tacho seco, o qual se porá em cima de fogo brando, e tanto que for aquecendo, se irá borrifando o dito saco com aguardente do Reino, da melhor que houver, e, virado da outra banda, se fará o mesmo, e assim as mais vezes que for necessário, de modo que fique bem molhado; então se tirará, e, compostas as ervas, se porá em cima da pontada com a quentura que puder sofrer e se ligará com sua atadura larga, que fique o emplasto bem seguro na parte, de tal modo que, por nenhum caso, se mude, que será de maior dano; porque, como este emplasto é quente, com a quentura abre os poros e faz suar aquela parte, que por isso obra maravilhas; e posso afirmar que a sua virtude é indizível, e, estando a parte assim suada e os poros abertos, dando-lhe o ar frio, se constipam e faz retroceder o humor para dentro, e,

por essa causa, de grande dano, como muitas vezes tenho visto, o que sucede ou por ser mal atado, ou por se não recomendar aos doentes e haver neles cuidado, pelo que é de grande utilidade haver muita cautela nisto; e, por cima do dito emplasto, se porá sua baeta nova para rebater os espíritos da aguardente e não se exalarem, que, exalando-se, se seca mais depressa o emplasto, e para defender o ar frio. Este emplasto poderá servir para duas, três ou quatro curas, renovando-o todas as vezes com a dita aguardente na forma que fica referido, o que se fará conforme for a pontada, porque, sendo moderada, servirá para mais vezes, e, sendo forte, servirá só para duas; e quando se tirar para se renovar, se alimpará a parte com um pano, porque há de estar suada, resguardando-a do ar; e o doente beberá água cozida com raiz de butua, ou com raiz de capeba, que qualquer delas é singular em causas frias e faz circular o sangue e mais humores.

emplasto singularíssimo para pontadas, invento do autor

virtude indizível

5. Do dito emplasto tenho usado há dezenove anos a esta parte, e sempre com admirável sucesso, sem usar de outro, salvo se é em julho, agosto ou setembro, por ser tempo de grande seca em que não há estas ervas, senão em lugares úmidos ou em hortas; e, quando as não há, em tal caso uso de saquinho cheio de farelos de milho grosso, borrifado na mesma forma que fica referido, ou de alecrim machucado, e do mesmo modo; mas sempre cuidei muito em ter as ditas ervas na minha horta, regando-as para as ter prontas no dito tempo seco e na ocasião da necessidade. A descrição da erva-de-santa-maria se achará no trat.12, núm. 20.

emplasto de farelos de milho grosso e de alecrim para pontadas, invento do autor

6. Com a dita purga de resina e com os mais auxílios de emplastos, ajudas e banhos se verá como se acha o enfermo, e, se virmos que a pontada se não desvanece de todo, ainda que se mude, como

ordinariamente sucede (e então melhor sinal) ou se não mude, como também acontece, se tornará a purgar com a mesma purga; que, muitas vezes, é necessário repetir-se terceira, pelo doente estar muito cheio de humores, continuando sempre o dito emplasto em cima da pontada, de dia e de noite; e se virmos que o doente fica aliviado da pontada e fica com catarrão, como muitas vezes sucede, sendo grande se purgará com duas onças e meia de maná, ou de três, conforme a idade e as forças, desfeito em caldo-de-galinha ou em cozimento peitoral feito na botica, o qual os boticários sabem muito bem; e sendo o catarrão pequeno que não aperte muito ao enfermo, se usará de qualquer dos lambedores que adiante apontarei, em parágrafo separado; mas porque se poderá purgar com o maná em caldo-de-galinha e não obedecer o catarrão como convém, será preciso tornar-se a repetir a segunda purga do mesmo maná em cozimento peitoral; e porque poderá ser em parte remota, onde não haja botica, nem se possa ir buscar a ela, se fará o cozimento na forma seguinte.

Capítulo VIII

Do modo de fazer o cozimento para as purgas de maná em caso de necessidade

1. Tomem uma mão cheia de avenca - se for da silvestre que se acha em morros de pedras e em terra enxuta e de mato virgem, e também fora dele, esta será melhor que a verdadeira, por ser mais forte; coza-se com um bocado de raiz de alcaçus machucada, se a houver, aliás se cozerá a avenca só em dois cocos de água, que ferva até ficar em um, e depois se lhe ajuntem duas oitavas de sene; e com ele dê mais uma fervura, se coará, e, na quantidade que for suficiente para a purga, se desfará o maná, que serão duas onças, ou duas e meia, ou três, conforme for o sujeito, porque, se houver fraqueza ou pouca idade, será menos, e se for pessoa robusta ou que tenha forças, será mais; e, depois do maná muito bem desfeito, se coará por um pano, e, morno, se dê ao doente; e ficando ainda

tosse, ou rouquidão na voz, ou dor no peito, se usará de qualquer dos lambedores e fomentações seguintes.

2. Lance-se em um prato de estanho ou em um tachinho pequenino duas ou três onças de aguardente do Reino, conforme for o doente, sendo da melhor que houver, e que, de nenhuma sorte, tenha mistura da da terra, ou cachaça, que é o seu nome verdadeiro; na dita se lance uma boa colher de açúcar e fogo, e se deixe arder muito bem, mexendo-se com a dita colher até que fique bem queimada; depois se apague o fogo, e, quase fria de todo, se dê ao doente duas, três e quatro vezes cada dia, que será em jejum antes de jantar, antes do sol posto e duas horas depois de cear, de sorte que, por nenhum modo, seja perto dos comeres, que, em tal caso, não fará proveito algum. Esse lambedor é tão singular que, antes de purgar e depois de purgar, é seguríssimo, de que tenho usado milhares de vezes com bom sucesso; porém, no caso que este não aproveite, ou que o doente o não queira tomar por ter caído, receando-lhe levante algum calor, o que eu não creio, em tal caso poderá usar do seguinte: Em quanto baste de água comum se lance uma boa mão cheia de folhas de avenca da que fica dita, porque a tenho por melhor quando a tosse é rebelde, e, se houver alcaçus, se lhe ajuntará um bocado de raiz dele machucado e ferverá tudo junto, ou a avenca só, até diminuir metade da água que se lhe lançar, e depois disto se tirarão os simples, e, na água que ficar ou na que quiserem, lançarão o açúcar que entenderem será necessário para ferver com ele até ficar em ponto de lambedor; que antes fique mais delgado que mais grosso, o que se conhecerá tirando dele, estando frio ou quase frio, com uma colher, e, inclinado-a para uma banda, se conhecerá no correr dele estar mais grosso ou mais delgado; deste lambedor tomará o doente uma onça por cada vez, ou onça e meia quatro ou cinco vezes, morno, cada dia, sempre longe dos comeres; ou corresponderá uma libra de açúcar a uma camada de cozimento, para ferver e fazer o lambedor; qualquer destes lambedores faz repurgar os humores do peito e bofe, depois de os fazer adquirir cozimento.

lambedor excelente para catarrões, invento do autor

lambedor de avenca, invento do autor

3. Destes dois lambedores tenho usado sempre com bom sucesso, seja Deus louvado, porque, ainda que os humores estivessem sem cozimento (como sempre assim é), logo umas vezes, ao segundo dia e outras ao terceiro, ou quarto, começavam a adquirir cozimento e a lançar escarros grossos, aliviando ao mesmo compasso a tosse, a febre e a pontada, se a tinham; e quando a tosse era ferina e com grande força, mandava dar o lambedor entre dia, muitas vezes, sempre morno e longe dos comeres; e se me parecia que as queixas eram procedidas de causa fria (como quase sempre assim é) e que era grande a tosse, aplicava, em primeiro lugar, o lambedor feito de aguardente, assim por ser mais fácil e pronto, como porque vence melhor a tal causa, dispõe e prepara o tal humor, e, conseqüentemente, alivia as queixas em mais breve tempo; e, depois de continuar com o dito lambedor alguns dias, tendo o humor cozimento (o que se conhece pelo doente lançar melhor os escarros e serem alguma coisa grossos ou com alguma amarelidão), mandava purgar o doente com purga de maná, maior ou menor, conforme as forças e a idade; que nas enfermidades do peito é o maná admirável remédio e tem o principado, principalmente nestas Minas, aonde tem provado maravilhosamente nestas doenças; mas se algum dia acontecer que haja tosse tão rebelde que não obedeça a tão bons remédios, podem recorrer a um medicamento singular, o qual se achará receitado na observação de um escravo de João Fernandes de Oliveira, que o seu efeito mostrará ser um remédio supremo; ou também quem quiser mandar buscar à botica partes iguais de lambedor de alcaçus e de avenca o poderá fazer, mas, se a pontada se alterar com o emplasto de erva-de-santa-maria e tiver os sinais que aponto adiante nas pontadas de causa quente, se curará como lá se expõem.

como os ditos lambedores têm aliviado pontadas, tosses e febres

o maná, nas enfermidades do peito, tem o principado

remedio supremo para tosse, o qual se achará na observação de João Fernandes de Oliveira

Capítulo IX

De uma advertência muito necessária

1. Quem curar doenças em todas as regiões, e muito principalmente nesta das Minas, é necessário, para o fazer com acerto, considerar e trazer muito na memória quatro coisas, a saber; certa quantidade, certa qualidade, modo e maneira como se há de usar, ocasião oportuna em que se devem aplicar os remédios. Certa quantidade que não seja mais, nem menos do que convém, porque daí lhe pode resultar grande proveito ou grande dano; certa qualidade que seja o remédio contra a doença que se houver de curar; modo e maneira como se há de usar, se há de ser bebido e a que horas, se há de ser simples ou composto, se for aplicado por fora, a forma e modo como; ocasião oportuna em que se deve aplicar, se há de ser de manhã ou de tarde, de noite ou de dia, e a que hora.

2. Não usei nunca nesta doença de xaropes preparantes, porque umas vezes não dava lugar e, outras, entendia que bastava a continuação de beber água cozida com raiz de capeba e butua, ou qualquer delas, que são admiráveis raízes.

Capítulo X

De outra advertência não menos necessária.

Se o doente for preto ou branco rude, a informação que se tomar se repetirá duas e três vezes, porque, como é gente agreste e variável, agora dizem uma coisa, e, tornando a ser perguntados, respondem outra, como a mim me tem sucedido com todos; e por folgar de acertar, evitar perigos e despesas ou não fazer as enfermidades maiores do que haviam de ser, sempre quando tomo informações a

esta casta de gente, me ponho com toda a paciência; e, outrossim, primeiro que tome o pulso ao doente, converso com ele algum intervalo de tempo e sempre lho tomo por duas e três vezes, por ter experiência certa de que, assim que entro e o salvo, se assusta, levantandose, se pode, compondo-se e salvando também, e, neste princípio, se lhe alteram os pulsos, mais do que estavam de antes e do que ficam ao depois; e se não, faça cada um experiência e verá se isto é certo como digo; e, ainda digo mais, que não só nesta qualidade de gente é certo o que tenho dito, mas também em todos os mais, e a razão é porque, com a política das cortesias do médico ou do cirurgião e com o sentido no que receitará, naturalmente se hão de alterar, mais ou menos.

gente agreste e variável

tomar o pulso duas e três vezes

Capítulo XI

De outra breve e precisa advertência para os que não forem professores e tiverem necessidade de saberem as medidas e pesos de botica, em que hei de falar

1. As libras de botica de coisas líquidas têm doze onças; cada uma destas onças é uma medida de metal que levará pouco mais, ou menos, tanto como um ovo de galinha ordinário, onde tem também, pegada da outra banda, a medida de meia onça, que é por onde se medem as águas, os xaropes e as coisas líquidas; e não são onças, nem libras de peso, como muitos imaginarão. As coisas sólidas, ou grossas, e secas se pesam por libras, onças, oitavas e meias oitavas dos marcos comuns. Estas libras têm dezesseis onças, as oitavas têm, cada uma, setenta e dois grãos. Os escrópulos têm, cada um, vinte e quatro grãos, os meios escrópulos têm doze grãos; e estes pesos de escrópulos são uns pesos de folha de metal que

costumam vir nas balanças estrangeiras e os ourives têm, os quais têm seus números cada um deles, que todos, ordinariamente, são seis; cada um deles com letras de conta imprimidas de um, dois, três, seis, doze e vinte e quatro, que querem dizer um grão, dois grãos, três grãos, seis, doze e vinte e quatro; e não são grãos de trigo, nem as onças onças de peso, como muitos imaginam. As mãos cheias, em que tenho falado e hei de falar, é, regularmente, quanto pode abranger uma mão com os dedos. E a palavra dose, ou doses, é o mesmo que uma porção; tudo o mais é o comum.

Outra advertência

2. Os medicamentos que se aplicarem às enfermidades das Minas sejam sempre de qualidades quentes em sua natureza, ou que inclinem a quentes, porque as doenças do tal clima pela maior parte procedem de causas frias, e, por esta razão, os que são de sua natureza quentes obram excelentemente, como a aguardente do Reino, a água do chá, a água de raiz de capeba, de que hei de falar muitas vezes e queira Deus inclinar os ânimos a darem crédito ao que disser (de que resultarão grandes proveitos), que tudo será com ajuda do mesmo Senhor, verdade lisa e sem dúvida; e outros muitos remédios. Os medicamentos que se aplicarem aos olhos sempre hão de ser frios, isto é, sem se aquentarem, e, pelo contrário, os que se aplicarem aos ouvidos sempre hão de ser mornos: isto digo para os principiantes e tudo o mais para o comum.

os medicamentos que se aplicarem às enfermidades das minas serão sempre de natureza quentes e a razão por que

os que se aplicarem aos olhos hão de ser frios e aos ouvidos quentes

Outra advertência para a saúde

3. As pessoas que comerem alguma coisa nestas Minas pela manhã e lhe beberem em cima um copinho de aguardente do Reino conservarão melhor a saúde, e, se forem achacadas de flatos,

sararão deles ou, ao menos, passarão com muitas melhoras; e quem não puder comer pela manhã (como há muitos) beba um dedal da dita bebida, ou beba chá, ou chocolate, que observarão grande proveito em não andarem em jejum, como eu em mim experimentei no princípio que cheguei à Vila Real do Sabará destas Minas, pouco tempo passado da minha chegada, por me sobrevir uma surdez que quase de todo perdi o ouvir; e como por uma parte tinha grande pena e pela outra muitos doentes a que assistia, me resolvi a comer alguma coisa de manhã e a beber em cima um copinho da dita aguardente, e assim a todos os comeres, por me persuadir que seriam flatos, por ter zunido nos ouvidos e na cabeça; e, sem embargo que não podia almoçar pelo não ter de costume, me fui costumando, e com efeito me não enganei, porque, em poucos dias, experimentei muita melhora e no discurso de pouco tempo fiquei são, sendo este o único remédio que fiz.

bom conselho

observação de uma surdez do autor e como sarou dela com facilidade

4. O mesmo tenho aconselhado a muitas pessoas que eram atormentadas de flatos e maus cozimentos no estômago, e depois me davam os agradecimentos do bom conselho que lhes dera. O mais que agora podia dizer para o bom regime e conservação da saúde acharão os curiosos em seu capítulo separado.

Capítulo XII

Das pontadas pleuríticas que dão de repente

Chegando ao doente, veremos se a pontada é da parte direita ou da esquerda; se for da esquerda, é mais perigosa, e, como tal, se deve tratar; veremos também se a febre é grande ou pequena, se tem a língua branca, e os olhos, pela parte debaixo, o que se verá carregando com os dedos nas pestanas, debaixo ou junto delas,

que, puxando, se verá, porque, se a língua estiver branca, pela maior parte também os olhos o estão na dita parte; veremos também se tem sinais de lombrigas ou de enchimento de estômago; se tiver alguns destes dois sinais, se curará o enfermo como fica dito, e, não os tendo e a pontada for forte com a língua branca e os olhos, a febre maior purgar o doente ou menor, seja a pontada da parte direita ou da esquerda, se purgará logo o doente, sem esperar mais tempo, ou seja de manhã, ou de tarde, a qualquer hora do dia ou da noite (isto é, quando o doente estiver muito apertado que não possa esperar para outro dia) com uma oitava de resina de batata feita em pílulas, estando o doente com forças e idade suficiente, que, não sendo assim, será a purga de três partes da oitava; e sendo uma ou outra, sempre levará alexifármacos contra lombrigas, como atrás fica referido no volume 1, na página 240, ou também, em falta dos ditos alexifármacos, se poderá misturar ao fazer das pílulas meia pataca, ou um escrópulo, de lombrigueira, sendo nova; e, antes de tomar a dita purga, como a pontada é com aperto, também é preciso ampará-la para que o doente se não esteja sufocando, o que se fará pondo-lhe em cima um guardanapo ou toalha dobrada e bem quente, ou panos dobrados e molhados em aguardente do Reino com sua baeta seca por cima e atadura larga, que fique bem fixa na parte, para que se não mude e fique a parte agasalhada do frio e se conforte; e, depois de acabada a obra da purga, se porá em cima da dita pontada o emplasto de erva-de-santa-maria que fica dito na página 15; e no dia seguinte da purga descansará o doente, renovando-lhe o dito emplasto com aguardente ou fazendo-o de novo; e, no fim do dito dia, veremos como o enfermo tem passado, e, se virmos que passou com melhoras e obrou bem com a purga, descansará outro dia para se tornar a purgar com a mesma purga, e depois se continuará a cura, como fica dito no volume 1, na página 242 até 244.

olhos e língua branca são sinais certos de proceder a enfermidade de causa fria, ainda que haja febre

purgar o doente a qualquer hora do dia ou da noite

Capítulo XIII

Das pontadas que dão com sufocação da respiração

1. Estas pontadas são muito perigosas, principalmente se logo se não remedeiam, pelo perigo que têm de sufocarem ao doente; nestas que têm dificuldade na respiração, por nenhum caso se dêem vomitórios, porque com eles tenho visto morrerem muitos doentes com a respiração tolhida a um médico que era muito afeiçoado a eles; lástima, sem dúvida, para se chorar com lágrimas de sangue, vendo acabar a vida tão miseravelmente sem remédio, uns no segundo dia do vomitório, outros no terceiro; e a razão de morrerem com este aperto em tão pouco tempo é, na minha opinião, o estar a causa da pontada na segunda região e o vomitório tirar da primeira; e, como a primeira está abaixo da segunda, e os vomitórios puxam os humores para cima, para os lançar pela boca, que é a sua verdadeira virtude, os que saem da primeira região passam pela segunda, onde está a causa da pontada, e não só não tiram a tal causa, mas ainda acrescentam mais humores a ela, fazendo-a maior e atraindo-os à garganta, fazendo nela a que chamam filga ou pigarro, com que acabam a vida. Esta me parece ser a verdadeira razão e, se houver quem dê outra mais coerente e de mais proveito para os enfermos, eu o estimarei por eles ficarem com essa fortuna; mas é de advertir que os doentes que tomavam vomitórios em pontadas com a respiração apertada, ou falta nela, todos morriam sufocados, e os que eu purgava com purgas solutivas (que são todas as que puxam os humores para baixo) quase todos livravam; porque vai grande diferença de puxar os ditos humores para longe donde está a causa ou puxá-los para a mesma causa, acrescentando-a; que, a este respeito, verá o curioso o que digo na observação de um escravo de João Gonçalves da Costa, e o que mais é morrerem sem confissão; e beberá água cozida com raiz de butua ou de capeba.

vomitórios por nenhum caso se dêem aos enfermos que tiverem pontadas com faltas na respiração, e a razão por que

2. Isto assim suposto, digo que, assim que houver pontada nesta forma, logo, logo, a qualquer hora que seja, do dia ou da noite, se lhe ponha o emplasto de erva-de-santa-maria que fica dito no volume 1, página 242 ou, em sua falta, o de alecrim, ou de farelos de milho, dito no volume 1, página 243, e, atado bem o tal emplasto, se lhe dê logo uma purga de resina de batata com as condições que ficam ditas no volume 1, página 242, porque, na minha opinião (como quem o tem experimentado), só este remédio é capaz de livrar o doente da morte; e depois se continuará com as mais purgas e o mais que fica referido nas páginas antecedentes.

purgar o doente a qualquer hora do dia ou da noite

3. No caso, porém, que, depois de purgado, o doente ainda fique com o aperto na respiração e tiver grande febre, os olhos vermelhos, a língua seca ou com secura, pedindo água, neste caso se sangrará e fará o mais como se dirá adiante no capítulo das pontadas de causa quente.

Capítulo XIV

Das pontadas que dão com moderação

1. Assim que acontecer pontada pleurítica, não sendo com veemência, se mandará tomar ao doente um diaforético ou, por outro nome, sudorífico, feito de poejos na forma seguinte. Tomem duas mãos cheias de poejos e, depois de lavados, se ponham a ferver com água da fonte em panela de barro com duas canadas de água até diminuir a metade; deste cozimento, se dará a beber ao doente seis onças, com duas ou três colheres de açúcar, com toda a quentura que puder sofrer; e assim que o acabar de beber, se abafará na cama com bastante roupa para suar, e, depois que tiver

suado bastante, mudará a camisa e a mais roupa que tiver molhada, ou úmida, com tal condição que, quando alimpar o corpo do suor e mudar a roupa, lhe não dê ar de vento algum, o qual medicamento tomará duas vezes cada dia, longe dos comeres, não sendo de manhã, por ser tempo mais frio, mas será pelas nove ou dez horas, e de tarde antes do Sol posto, enquanto os ares estão quentes; e assim as vezes necessárias.

diaforético, ou sudorífico singular, como se faz e como se aplica

2. A água que o doente há de beber será cozida com uma ou duas raízes de capeba, conforme for a quantidade da água em que se fizer o cozimento, porque, como é para beber de ordinário e a toda a hora, será melhor que seja o cozimento antes maior que menor, e ferverá até a água ficar alguma coisa alambreada, a qual poderá beber assim fria; e, se no cozimento se lançar um bocado de raiz de butua machucada, ficará uma bebida vulnerária e descoagulante muito admirável para fazer abrir as vias e os canais, promovendo os humores, liquidando-os e abrindo os poros da pele para que melhor transpirem os humores e as fuligens e, conseqüentemente, suar melhor o enfermo com o sudorífico; e, se o doente, pela manhã em jejum e à noite, quando quiser dormir, depois de cear, duas horas, tomar seis onças por cada vez do tal cozimento, com duas ou três colheres de açúcar, será muito mais conveniente; e o mesmo se observará com todas as mais pontadas que procederem de causa fria no que respeita a esta bebida nos dias que o doente descansar, porque é singularíssima não só para fazer os efeitos que ficam referidos, senão também para fazer circular melhor o sangue e os mais líquidos e, conseqüentemente, desembaraçar o sangue mensal das mulheres e fazer-lhe vir à regra copiosamente. Também o doente poderá tomar seis ou sete onças de água de chá bem quente, com pouco açúcar, pela manhã em jejum, e a toda a hora que quiser entredia, ainda que seja perto dos comeres, depois deles, que é bebida admirável para fazer bom cozimento, discutir flatos, aquentar os humores, fazê-los circular; e também para a tosse, se a houver, e outros muitos proveitos, tomando os doentes

desta enfermidade ajudas purgativas feitas na forma seguinte; e também a dita água é vulnerária; ou beberá água a toda a hora, cozida com raiz de butua machucada, que é singular raiz para causas frias.

bebida vulnerária e descoagulante, invento do autor

para fazer circular o sangue e vir o das mulheres copiosamente

água da infusão do chá faz tão singulares proveitos, como se aponta

Capítulo XV

De como se devem fazer as ajudas fortes purgativas

1. Tomem uma dúzia de juás-bravos que sejam dos maduros, cozamse em dois frascos de água, que fique em um e meio; e sendo as frutas alguma coisa verdes, ferverá até ficar em um frasco; deste cozimento se tirará o que for necessário para uma ajuda, e nela se lançarão duas colheres de azeite-de-mamona e uma colher, não muito cheia, de sal do Reino, e, mexido tudo no fogo até se derreter o sal e misturar bem o sal com o cozimento, morna se lançará ao doente, como fica dito, que com ela purgará muito bem por ser o dito azeite purgativo, e também as frutas, lançando frialdades às postas com os mais humores; e também são excelentes para quem tiver lombrigas, porque, além de purgarem os maus humores em que elas se cevam, as faz também sair, estando já atormentadas ou destruídas com os seus remédios contrários, que ficam referidos.

ajudas purgativas fortes

2. Com qualquer das ditas bebidas e com estas ajudas e emplastos tenho curado inumeráveis enfermos de pontadas, e, naquelas que não vêm com força, não uso de outra coisa, e sempre com bom sucesso; e se vejo que algumas não acabam de obedecer, purgo os doentes uma ou duas vezes, com purga de resina, e nada mais.

Capítulo XVI

Dos sinais das pontadas que procedem de causa quente e sua cura

1. Os sinais das pontadas que procedem de causa quente serão os seguintes: terá o doente grande febre, os olhos estarão vermelhos, assim pela parte debaixo do branco deles, como também no mesmo branco, a língua estará seca, o doente estará pedindo água, o corpo estará muito esquentado, o rosto estará luzente, sendo preto, as urinas serão vermelhas. Tendo estes sinais, ou a maior parte deles, a sua cura se deve principiar por sangria, a qual se fará no braço contrário da pontada, e no pé ao mesmo tempo que é acabada a do braço, e, atada, se abra logo a do pé; e se o doente for robusto, se farão as sangrias boas do braço, principalmente sendo a pontada com aperto, e a do pé será sempre mais pequena, manhã e tarde; e, ao mesmo tempo das sangrias, tomará o doente o cordial solutivo seguinte. Tomem meia onça de flores cordiais, ou de raiz de escorcioneira, e meia oitava de pevides de cidra; machuquem-se estas coisas levemente e se ponham a cozer em panela de barro, e não em vaso de metal, com três libras de água comum até diminuir a terça parte, e, na última fervura, se lhe lancem duas oitavas de sene e uma onça de maná, e, tirando-se logo do fogo, se deixe estar por um quarto de hora, abafando a boca da panela; depois se coe e se guarde para o uso, do qual tomará o doente assim frio, ou quebrado somente da friúra, cinco ou seis onças, meia hora depois das sangrias, assim de tarde, como de manhã; e se o doente fizer obra com que não possa, tomará uma só vez ao dia, porque é purgativo, mas brando; e se quiserem que seja mais cordial, se lhe poderá ajuntar à dita quantidade duas oitavas de triaga magna, ou

duas oitavas do cordial do doutor Curvo contra febres malignas, se o houver, feito em pó sutil; e haverá muito cuidado que o doente tome seus banhos no cesto para respeitar a corrupção-do-bicho; e, se for mulher, os tome em ambas as vias porque não suceda, como já vi, corromper-se a via e morrer o doente sem remédio, ainda que lhe fiz quantos pude, procedido da pouca cautela que muitas pessoas têm com os doentes, sendo coisa tão comum e fácil de remediar no princípio.

sangrias do braço e do pé, juntamente

sangrias e cordial solutivo

se for mulher

2. Assim se irá procedendo com cautela nas sangrias, que antes percam por mais pequenas e por menos, que por maiores e por mais das necessárias, tomando, ao mesmo tempo, o cordial e fomentando a pontada com enxúndia de galinha quente, que é remédio benigno e anódino de dores, com seu papel por cima, ou com ungüento peitoral, ou óleo violado, ou banha de flor, ou se lhe ponham folhas de fumo-bravo, a que eu chamo almeirão silvestre, passadas primeiro pelo fogo, que é bom remédio para estas pontadas; e, assim que a febre declinar para melhora e as mais queixas, se suspenderão as sangrias, porque, sendo mais das necessárias, debilitam os doentes por muitos tempos e fazem outros grandes danos, como se podem ver no fim deste tratado; e no dia que parecer está o doente capaz de se purgar, se purgará com purga de maná na forma seguinte: *Recipe*. Em quanto baste de cozimento peitoral na última fervura, altere[4] de sene duas oitavas e, coado, se lhe ajunte cristal mineral meia oitava, *cremor tartari* um escrópulo, de bom maná três onças; desfeito tudo e coado, se dará morno ao doente. Esta purga se mandará fazer na botica, mas, se for em parte onde não haja a dita botica, se fará o cozimento como se diz no volume 1, página 244, e se lhe lançará o peso de maná conforme as forças e a idade do doente, e o menos que se pode dar a qualquer enfermo são duas onças, exceto se a fraqueza for muita,

porque, em tal caso, será onça e meia, e o mais a que se pode estender o peso serão até três onças; quem quiser acrescentar à purga que fica receitada acima uma onça de xarope Pérsico e outra de xarope Rei, ou de xarope áureo, que vem a fazer duas onças, uma de cada um, poderá diminuir uma onça, ou até onça e meia, das três onças de maná que ficam ditas, e ficará uma purga composta muito boa para todas as enfermidades do peito; e para os faltos de notícia, que vivem pelos matos, a quero receitar. *Recipe*. Em quanto baste de cozimento peitoral na última fervura, altere de sene duas oitavas e, coado, se lhe ajunte de cristal mineral meia oitava, *cremor tartari* um escrópulo, de bom maná duas onças, xarope Pérsico e de Rei, de cada um uma onça, misture-se.

os danos das sangrias com excesso se podem ver no fim deste tratado

purga de maná composta

3. Se, depois de purgado, carecer de mais sangrias, se farão com toda cautela, porque costumam-se estas queixas nos pretos extinguir-se, a febre e os mais sinais de causa quente, de um dia para o outro, e ficarem com grandes catarrões, grande tosse, prostrados de forças, o peito cerrado sem poderem articular uma palavra; e quando os doentes ficam nesta forma, como a mim me tem sucedido algumas vezes, corre grande perigo a sua vida por falta de calor nativo e forças para poder cozer os humores e lançá-los por escarro, que é a melhor via e o melhor intento, ainda que sejam ajudados com os expectorantes de lambedores e tudo o mais que for peitoral; e se há fastio, pior.

forças prostradas de um dia para outro

4. Ao mesmo tempo que o doente tomar as sangrias e o cordial, a língua se lavará com vinagre destemperado com água, umas pingas de sumo de limão azedo e uma migalha de sal, molhando n o tal remédio, depois de bem misturado e derretido o sal, um paninho embrulhado no dedo, que desta sorte se fará melhor; e, depois de lavada, ou antes, se raspará também com uma colher o sarro que

há de ter, como todos têm, por abundarem de muitos humores alheios da natureza do sangue, que, sem se lhes fazer isto, não podem comer, e depois o fazem com melhor vontade, o que é muito necessário para não caírem em fraqueza, pois, caindo nela, sobrepõe a enfermidade à natureza e custa muito livrar ao enfermo da morte; e não só é preciso fazê-los comer, dar-lho com mão larga e de boa sustância por este respeito, mas também porque, não havendo bom trato na doença, levam muitos meses a convalescer por ficarem muito debilitados; e, ainda que o doente tenha secura na língua e esteja áspera, nem por isto se deixará de lavar com o dito remédio; e a água que o doente beber será morna e não fria, a que quiser, principalmente aos comeres.

remédio para o fastio

5. Tanto que o doente estiver mais aliviado, se tornará a purgar com outra purga do mesmo maná, ou poderá continuar com o cordial solutivo, se com ele se tiver achado bem, para o que se repetirão as receitas que forem necessárias; e, se de todo estiver aliviado e a língua ficar branca e úmida, é sinal de que já predominam mais humores frios que quentes, e, neste caso, quando haja necessidade de purgar por haver ainda resto de pontada, se dará com purga de resina de batata, do modo que fica referido, respeitando muito as forças do doente, e se lhe dará já a beber a água de ordinário, cozida com raízes de capeba, não muito; e pode-a beber fria, a toda hora e a que quiser, e, se ajuntarem ao cozimento um bocado de raiz de butua, será muito melhor.

sinais de predominarem mais humores frios que quentes

água medicada para o doente beber a toda a hora e a que quiser

6. Suposto que tenho tocado esta matéria em outra parte, contudo, pelo desejo que tenho de proceder com clareza para utilidade dos enfermos, escrevo este parágrafo. Costumam, pela maior parte, as pontadas pleuríticas degenerarem em catarrões; estes, como a sua

causa são humores frios, crassos e viscosos, custam muito a adquirir cozimento para se lançarem fora por escarro, que é o melhor intento, o qual se conseguirá com qualquer dos lambedores referidos no volume 1, páginas 244 até 246, estando o doente já purgado, para diminuição da maior carga dos humores; e quando a tosse for grande com dor nos peitos e os escarros crus sem cozimento algum, será melhor o lambedor de aguardente do Reino, porque, além de ser admirável para cozer os catarrões, também é muito peitoral e modera a dor ou pontada que houver no peito, ou na ilharga; e tanto que o doente começar a lançar escarros com algum cozimento, é bom sinal, porque logo as queixas irão a menos, o cozimento a mais, e sarará em pouco tempo; mas, se o doente não estiver ainda purgado e a carga de humores for grande, ainda que não haja cozimento algum, se pode purgar para diminuição dela e a natureza poder mais facilmente regulá-los e cozê-los, com os lambedores, bebidas vulnerárias e fomentações que ficam referidas.

enchimentos de humores crus, crassos e viscosos se devem diminuir com purga, ainda que falte cozimento neles, e a razão por que

7. O lambedor que mando fazer de aguardente do Reino de nenhuma maneira seja da da terra, como fazem algumas pessoas, porque fará graves danos, ainda que logo se não percebam.

8. As emulsões que se fazem das quatro sementes frias maiores são muito boas neste caso, as quais se acharão receitadas no princípio do tratado da miscelânea; e, havendo febre ardente, com tosse ou sem ela, serão adoçadas com lambedor de violas e, por necessidade, com açúcar, em pouca quantidade, e, não havendo a tal febre e havendo tosse, se adoçarão com lambedor de alcaçus ou de avenca, porque serão mais convenientes; mas se for em parte onde hajam as pevides para fazer as emulsões, e a chicória ou almeirão para fazer o cozimento, e não hajam os lambedores, em tal caso se adoçarão com pouco açúcar; sejam emulsões, ou lambedores, ou tisanas, se tomarão longe dos comeres, porque

junto deles não farão proveito algum; e se houver a chicória e o almeirão, se fará o cozimento de ambas.

emulsões

Advertência precisa

9. E advirto que, se o doente for preto, se lhe dê boa cobertura, casa bem recolhida e o comer de boa sustância, que nisto pecam muito os senhores de escravos que hão de dar conta a Deus, e que, por nenhum modo, tendo catarrões, bebam água fria, porque se encruarão mais, antes, quanto mais quente a beberem melhor será, e que não façam desmanchos de mulher, ou cachaça, de que são muito afeiçoados. Outrossim, advirto que os senhores vão ver os seus escravos quando estiverem doentes e lhes façam boa assistência, porque nisto lhes darão muita confiança e consolação, metendo-lhes ânimo e esforço para resistirem melhor à doença; e se assim o não fizerem, como há muitos que tal não fazem, enchem-se os tais de confusão, vendo que não têm outro pai, e se deixam ir passando sem comer, ainda que lho mandem, até que ultimamente morrem, o que digo pelo ter visto assim suceder; e assim, por conveniência, como por obrigação, devem tratá-los bem em saúde e melhor nas doenças, não lhes faltando com o necessário, que desta sorte farão o que devem, serão bem servidos, terão menos doenças, mais conveniência, experimentarão menos perdas e terão menos contas que dar no dia delas.

advertência precisa

Capítulo XVII

Dos pontadas de causa fria, que são as que comumente vêm sem febre

1. Estas pontadas se conhecem porque não há febre ou, quando a há, é pouca e, juntamente, porque tem a língua branca e

languinhenta, ou úmida, e os olhos brancos pela parte de baixo do branco deles, as quais se remedeiam facilmente, pondo-lhe em cima o emplasto da erva-de-santa-maria, ou de farelos de milho grosso, ou de alecrim, referidos no v.l, nas páginas 242-244, e, dando-lhe a beber em jejum e antes do sol posto seis onças, ou um prato de estanho cheio de água muito bem cozida com raízes de capeba com um bocado de butua machucada; e porque fica bastantemente amargosa sendo bem cozida, a beberá o doente com uns pós de açúcar as primeiras vezes, enquanto se não costumar, as quais continuará todos os dias enquanto for necessário, tomando também todos os dias, à noite, ajudas purgativas das que ficam referidas no v.1, nas página 252-253. A água de chá, neste caso, também é maravilhosa.

2. Se, passados alguns dias, a pontada não obedecer, se purgará o doente com purga de resina de batata, uma ou duas vezes, interpolando alguns dias, conforme parecer necessário, e, se tiver tosse, se lhe acudirá com lambedor de aguardente, como fica dito, e fomentações ao peito para o abrandar; e será isto bastante para curar estas pontadas, e quando sejam necessárias mais purgas, as tomará, porque há alguns tão cheios de humores frios que tudo lhes é necessário, e como há algumas pontadas com febre que procedem da mesma causa fria, com estes auxílios se podem curar, porque são febres que procedem dos mesmos humores frios e, tirando-lhe a causa, cessará o efeito, como experimentará quem isto seguir.

tirando-se a causa, cessará o efeito

Capítulo XVIII

Do modo mais fácil de entender para os faltos de prática na cura das pontadas

1. A primeira coisa que se deve fazer havendo pontada é olhar para o doente e ver se tem os olhos vermelhos pela parte de baixo do

branco deles, o que se vê carregando-lhe com os dedos, como já disse; ver-se-á também a língua, se a tem vermelha e seca e se o doente tem securas; tomar-se-lhe-á o pulso e se verá se tem grande febre, o rosto sendo preto, se o tem luzente; neste caso se sangrará e fará o mais que fica referido no v.1, na página 254 e nas seguintes.

2. Digo no v.1, na página 254 acima que os doentes se sangrem no braço e no pé juntamente, porque tenho visto ruins sucessos da sangria do braço somente, ainda que logo se não perceba o dano, e depois, pela maior parte, se não pode remediar, assim por falta de não haver forças, como porque se tem aumentado a doença e suspendido os humores para cima com a dita sangria do braço; e, ainda que, ao depois se sangre no pé, não aproveita por ser tarde, e por este mesmo modo tenho visto morrer a muitos; e assim que não só nestas Minas, senão também em todo o Brasil, se tem a sangria do braço somente por muito má, tanto na opinião do vulgo, como pela experiência assim o ter mostrado; e por me ter sucedido bem com as sangrias do braço e do pé juntamente, ainda que estas sejam mais pequenas, por isso aconselho que se faça o mesmo quando houver pontada com necessidade de sangrar, que poucas vezes acontecerá.

razões por que, sendo a sangria feita somente no braço, é muito danosa

3. E, quando a febre for ardente, se poderá usar do cordial ou emulsão seguinte. Faça-se cozimento de folhas de chicória e de almeirão, de cada uma uma mão cheia, nele se desfaçam as quatro sementes frias maiores, ou parte delas, como são pevides de melancia e de abóbora, sendo de água, melhor; descascadas e pisadas, se irão mexendo com a mesma mão do almofariz dentro dele com um bocado do dito cozimento, e se irá coando por um pano o que tiver defeito; e a massa que ficar se tornará a pisar e a colocar água do cozimento, coando-o, e assim das mais vezes, até se acabar a massa; depois se lhe misturará tanta água do cozimento até que fique, nem muito clara, nem grossa; estando

assim, se lhe lançará o sumo de limão que for necessário para ficar agradavelmente azedo e, conforme forem as pevides, assim será o cozimento, não sendo de prejuízo algum sendo de mais alguma quantidade, uma ou outra coisa adoçado com pouco açúcar.

como se fazem as emulsões

4. Serve este cordial, ou emulsão fresca, para onde houver pobreza ou por necessidade de não haver botica aonde se possa mandar buscar, que, havendo-a e querendo-se mandar buscar a ela, se pedirá nesta forma. *Recipe*. Em quanto baste de cozimento de chicória e de almeirão, se desfaçam as quatro sementes frias maiores, que fique, em libras duas, a que se ajunte, de lambedor de violas quatro onças, sumo de limão azedo pouca quantidade; e, se quiserem que seja mais cordial, se lhe mandará ajuntar duas oitavas de triaga magna.

emulsão ou cordial fresco para febres ardentes

5. Assim se irão continuando as sangrias com moderação, porque neste clima é muito necessário poupar as forças, a respeito dos mantimentos serem de pouca sustância e pouco nutritivos, por cuja causa caem as forças dentro de poucas horas e não dias; e como sempre se há de purgar, bom será que as haja para se fazer a seu tempo, para o que também é preciso que o doente coma bem e às suas horas. Feitas as sangrias que parecerem necessárias, segundo a grandeza do mal e as forças o permitirem, se verá se o doente tem grande enchimento de humores e que tenha mais sinais de predominarem humores frios do que quentes, os quais ficam apontados nos capítulos antecedentes; e, tendo-os, se purgará com purga de resina e depois com a de maná, e as que forem necessárias, como a cada um lhe parecer; mas, se, pelo contrário, houverem mais sinais de causa quente que de fria, neste caso se purgará com a purga de maná composta que atrás fica referida e as mais vezes que forem necessárias; e se parecer, ultimamente, que será necessário purgar-se com purga de resina para acabar de alimpar os humores frios, que sempre predominam neste clima, se fará, o que não será desacerto.

caem as forças dentro de poucas horas

6. E, sendo caso que o doente haja tido algumas causas gálicas, ou dores de juntas, ou as tenha de presente, se purgará, ultimamente, ou em lugar da purga de resina, ou depois dela, com purga de jalapa, que terá duas oitavas de peso, ou até duas e meia, sendo pisada de fresco e não antiga, por perder muito da sua virtude, porque a dita jalapa purga todos os humores e, principalmente, das juntas, para o que é especial.

purga de jalapa purga todos os humores, e das juntas

7. Este é o método com que tenho curado as pontadas pleuríticas nestas Minas há vinte anos a esta parte com bom sucesso, Deus louvado, como é notório nos distritos das comarcas aonde assisti.

8. Não há dúvida que as doenças variam e há, algumas vezes, constituições malignas, como sucedeu na Vila Real do Sabará o ano de 1730, aonde deu uma constituição de pleurises que se levaram à pura sangria, cordiais e purgas frescas, mas isto foi acaso, porque eu nunca vi tal nestas Minas em tantos anos que nelas assisti; e quando haja alguma variedade ou diferença do que tenho dito, persuado-me que não seja grande, exceto as que dão com escarros de sangue, que destas tratarei no capítulo seguinte e nas observações; mas, porque é factível que algumas sucedam com a tal diferença, cada um as curará como melhor entender, que eu não estou mais obrigado que a dizer o que entendo e o que tenho observado, não como desejava, mas como o tempo mo permite.

9. Quem usar deste modo curativo que exponho me dará o agradecimento, ainda que o não espero, e escusará de fazer as despesas em boticas que estão fazendo os senhores dos escravos e muitos brancos, terão menos tempo de doença e menos perdas; e quem fizer mais caso da opinião deste mundo que da conta que há de dar a Deus, siga o seu ditame e não a minha advertência, que algum dia, ou no fim deles, lhe fará pendor.

quem usar deste modo curativo experimentará menos perdas nos escravos

Capítulo XIX

Das pontadas pleuríticas que dão com escarros de sangue

1. Cuidarão algumas pessoas que as pontadas que dão com escarros de sangue procedem de abundância dele, e, na minha opinião, segundo o que tenho observado, é engano, porque alguns que mandei sangrar, quanto mais sangrias tomavam, mais sangue lançavam nos escarros, por onde vim a entender que o sangue não saía por abundância sua, senão por abundância e corrupção dos mais humores alheios da sua natureza; e tanto que comecei a purgá-los, melhoravam os escarros, porque uns, com a primeira purga, não lançavam mais sangue, e outros, com a segunda, ficavam livres, assim do sangue, como da pontada, pelo que não tenho que me deter mais nesta queixa, senão dizer que se devem purgar com resina de batata as vezes necessárias, e, quem tiver medo de purgar com ela por ser mais forte que o maná, poderá usar do dito maná as vezes necessárias, e de nenhum modo com vomitório, salvo se os amargores da boca forem tão grandes, e o fastio, que o doente não possa comer coisa alguma, pois estes sinais darão claros indícios de haver grande enchimento no estômago e, pelo conseguinte, serem as mais queixas produtos do mesmo enchimento; e, neste caso, se poderá usar do vomitório em diminuta quantidade, porque vale mais usar dele por duas ou por três vezes seguramente que querer tirar o enchimento com um vomitório grande em um dia, com perigo; e depois de dados os que parecerem necessários, se purgará com resina ou maná, e também será muito acertado, depois que o doente estiver purgado, usar do lambedor seguinte, ainda que esteja lançando algum sangue nos escarros ou no cuspo.

sangue nos escarros não sai por abundância dele

2. Cozam uma ou duas raízes de capeba muito bem cozidas e, no cozimento que quiserem, lançarão o açúcar que for necessário para ferver até ficar em ponto de lambedor, que não fique grosso; deste darão quatro colheres ao doente, morno e longe dos comeres, por três ou quatro vezes cada dia, que observarão um proveito maravilhoso, como eu posso afirmar por usar dele muitas vezes sempre com feliz sucesso, e adiante citarei uma observação para maior clareza. Os brancos que andarem descalços por orvalhos, molhados e resfriados, ou tenham pontadas ou catarrões com escarros de sangue, se curarão pelo modo que fica dito, bebendo água cozida com raiz de butua em lascas.

lambedor de raiz de capeba, invento do autor

brancos se curem do mesmo modo que os pretos

Capítulo XX

De observações com escarros de sangue

1. No mês de maio do ano de 1730, se queixou um escravo meu de dores de ombros e depois lhe desceram para as costas; mandei-lhe fazer uma fomentação com óleo feito de arruda e de alecrim, na forma que logo ensinarei em parágrafo separado, com a qual ficou bom; passaram-se alguns dias, continuando com ele, e teve tanta melhora que foi para a lavra trabalhar; ao sétimo dia, lhe deu tão grande dor nos peitos que nessa noite não dormiu coisa alguma, e, indo vê-lo pela manhã, o achei com bastante febre, bem ansiado, com grande tosse e lançar do escarros de sangue, sem se poder mover de um lugar.

escarros de sangue

2. Quando fui ver este doente, seriam oito horas da manhã, por me não darem parte mais cedo, e, considerando que estas queixas assim grandes não costumam obedecer senão a grande remédio, lhe dei, às mesmas horas, uma purga de resina de batata de três

quartos de peso, com que fez quarenta e sete cursos, e a noite seguinte a passou com mais alívio na febre e já sem lançar escarros com sangue; no outro dia de manhã, em jejum, lhe mandei dar o lambedor de aguardente bem queimada para ficar mais dócil e, à noite, o tomou outra vez a respeito da grande tosse que tinha, para ir dulcificando e cozendo os humores crus para melhor se lançarem por escarro, por ser lambedor mais forte que os outros e vencer as tosses em menos tempo, tomando também, todos os dias à noite, ajudas purgativas com bom regimento e banhos por baixo, para respeitar a corrupção-do-bicho; e com bom trato sarou, sem mais coisa alguma.

escarros de sangue se suspenderam com uma purga

3. Nota. Que, nas pontadas em que houver tosse com escarros de sangue, se não sangre o doente como tenho dito, parecendo que, com as sangrias, se há de extinguir o tal sangue, antes se aumentará mais; porque, como a causa não é abundância dele, mas sim a dos mais humores, quanto mais se sangrar, mais sangue aparecerá nos escarros, ou ao menos se não há de remediar por este caminho, enfraquecendo-se e debilitando-se a natureza, de tal sorte que, ainda que se queira purgar ao depois, se não poderá fazer, por cujo respeito se há de dilatar a doença ou morrer o enfermo, o que não sucederá purgando-se logo no princípio com mais ou menos purgas, conforme as forças e o estado em que estiver a doença; e, depois de purgado a primeira vez, se poderão usar dos expectorantes que são os lambedores, ou a emulsão das quatro sementes frias maiores adoçadas com lambedor de violas ou, não havendo febre, com lambedor de alcaçus ou de avenca, e, em falta de tudo, com açúcar; e, havendo febre, com lambedor de violas, ou de camoezas, ou de papoulas.

sangrias em escarros de sangue não convêm, e a razão por que

4. Entre as purgas que se devem usar neste caso tem o primeiro lugar as de resina de batata e, depois delas, as de maná, com esta diferença: que, se a tosse for grande, o doente tiver forças e os

escarros muito pegajosos que muitas vezes parecem grude, se purgará com uma purga de resina que tenha uma oitava de peso e, se tiver menos forças ou pouca idade, a purga será de meia oitava ou de pouco mais; e, se for fraco de sua natureza e estiver debilitado, neste caso se purgará com purga de maná em cozimento peitoral, uma ou mais vezes; e a razão por que digo que se purgue em primeiro lugar com a resina é porque os humores que causam a tosse, a pontada e os escarros de sangue são viscosos, e estes só se podem arrancar e diminuir com medicamento forte e vigoroso, como é a dita resina; e, depois que com ela se tirar a maior carga dos humores, ficará a natureza mais forte e senhora para vencer o cozimento do resto deles; e advirto que, para purgar neste caso, se não espere que haja cozimento nos humores, como se usa nas mais doenças, porque não é fácil havê-lo nesta pela muito grande carga com que a natureza não pode sem a aliviarem, enquanto há forças; eu sempre assim o usei com bom sucesso, por não achar outro caminho melhor; cada um fará como melhor lhe parecer.

escarros viscosos só se arrancam com medicamento forte

5. Havendo pontada, sempre lhe mandei pôr o emplasto da erva-de-santa-maria que fica dito; e, se via que o doente com ele tinha alguma ânsia não estando ainda purgado, entendia que a tal ânsia lhe procedia de estar o corpo muito cheio de humores; tirava-lhe o emplasto e punha na parte alguma fomentação anódina, como é a enxúndia de galinha ou outra semelhante, e tratava logo de purgar o doente; e, se a dor era no peito, como também sucede, mandava-lhe fazer uma fomentação larga com o mesmo, e seu papel por cima, e por cima dele baeta, para ficar bem resguardado do ar; e o maior empenho que fazia era purgar, ou com resina ou com maná, conforme as forças davam lugar; e logo via melhoras no enfermo, por mais que o catarrão estivesse encruado, ou pegajoso, ou da cor que estivesse; porque uns escarros são brancos, outros são verdes como ervas, tão viscosos e pegajosos que os doentes os não podem arrancar e lançar, senão com muita dificuldade e trabalho; outros, como trazem mais sangue, se não podem julgar, mas

sempre são crus, como tenho dito; e, se há algum doente que, por acaso, sucede que, estando bem nutrido com boa disposição e menos abundante de humores, neste caso poderão os escarros no princípio aparecerem com algum cozimento, e, então, sempre as purgas obram melhor, e, conseqüentemente, mais fácil a cura; e sempre mandava a estes enfermos beber água cozida com raiz de butua.

escarros verdes como ervas, e com sangue

6. Torno a advertir que ninguém tenha receio de purgar neste caso, porque só as purgas livrarão ao enfermo; e quando a pontada ou a tosse der com grande força, com a mesma se deve purgar logo o enfermo, enquanto há forças para isso, porque, assim, a grande carga dos humores, como a aflição da doença e a dor da pontada são causas bastantes para se diminuírem, e ficando o doente prostrado sem forças, se não pode fazer remédio algum e, conseqüentemente, se seguirá a morte; e no caso que algum tenha receio de purgar no princípio com resina e com a força que digo, o não faça com purga inteira, purgue com meia oitava dela, e depois com outra meia; e se ainda houver receio, purgue-se com maná em cozimento peitoral, ou pela melhor forma que a cada um parecer ou a necessidade o pedir, seguindo-se a ordem que fica referida a respeito das tais purgas; e, depois que com as tais purgas e alguns lambedores houver mais cozimento nos escarros, haja ainda sangue neles ou não, poderão, sem algum receio, purgar com a dita resina, e, tanto que a experiência lhe mostrar o que a mim me tem mostrado, então ficarão com desengano.

7. Muitas vezes tenho feito para esta doença com escarros de sangue o lambedor de raízes de capeba que fica referido na página 36, com tal condição que a febre não havia de ser grande, porque, como é quente, faria ao doente alguma fadiga ou ânsia; mas é de advertir que sempre fiz grande estimação deste lambedor pelos maravilhosos efeitos que com ele alcancei em alguns escarros de sangue que fariam temer ao mais perito médico falto de experiência neste clima na escolha do remédio; e para haver de purgar nesta

doença, não reparava em que houvesse febre, porque esta sempre, pela maior parte, procede de abundância dos humores crus sem cozimento, e o remédio desta febre são purgas e não sangrias.

o mais perito médico havia de temer na escolha do remedio

8. Pelo método que fica referido, tenho curado inumeráveis enfermos de pontadas com escarros de sangue, os quais não nomeio por me não lembrarem os nomes; que, se eu presumira que havia de estar tantos anos nestas Minas e fizesse conta de escrever algumas notícias e observações de que logo do princípio fosse fazendo memória, ao menos dos casos mais principais que me passaram pelas mãos, faria um grandioso volume, aonde se achariam também boas notícias de ervas, raízes, coisas minerais e de animais que há pelas partes do Brasil e seus sertões, que não deixariam de agradar aos leitores e servirem de muito préstimo à saúde pública; mas como não fiz tal conta, cuidando faria minha fortuna em poucos anos, por isso me descuidei, e agora me não lembram para as fazer públicas, e só o faço do que me lembro e conforme o tempo me dá lugar.

Capítulo XXI

Das observações em pontadas pleuríticas sem escarros de sangue

Observação I

De uma pontada procedida de lombrigas que mataram ao doente

1. Esta observação fiz em um bom escravo do doutor ouvidor-geral da Vila Real do Sabará, Luís Botelho de Queirós, no ano de 1714, o que sucedeu na forma seguinte.

2. Vindo um seu escravo da lavra um dia de tarde, quase ao sol posto, me mandou chamar, por ser seu cirurgião, para o ver, ao qual achei com um pontada da parte esquerda, tão apertada que lhe fazia impedimento na respiração, com febre, mas não grande, porque tinha os pulsos mui delgados e submersos, ou sumidos, e, como vinha suado e cansado do caminho, o mandei descansar e que, depois, tomasse sua ajuda purgativa, e, depois de a lançar, tomasse seu banho por baixo para respeitar a corrupção-do-bicho e ver se a tinha, e, tendo-a, lhe metessem seus quartos de limão; na pontada lhe pusessem logo o emplasto da erva-de-santa-maria, que muitas vezes fica referido; isto mandei fazer por não ter ainda inteiro conhecimento destas enfermidades, que, se o tivera, como ao depois e como hoje, o mandara purgar, não no mesmo instante pela causa que fica referida, mas sim no mesmo dia, logo que ele estivesse descansado da jornada. Isto assim suposto, disse ao dito doutor que, pela manhã cedo, o iria ver para lhe aplicar, na mesma manhã, o remédio que parecesse mais acertado; e, indo de manhã cedo a procurá-lo na sua cama, fui o primeiro que dei com ele morto e já frio, caso que me deixou admirado, estando no dia antecedente, à noite, falando bem. Bati à porta do quarto do dito ouvidor e lhe disse que o seu enfermo estava na outra vida, de que ficou suspenso, não tendo mais sintoma que a dita pontada; e dizendo o dito ministro que, por se não fazer exame particular, morriam tantos escravos nestas Minas, lhe respondi que tinha visto fazer muitas anatomias no Hospital Real, e que, se desse licença, se faria também naquele defunto, para o que seria acertado mandar chamar o licenciado João da Rosa, húngaro de nação, peritíssimo cirurgião e de muitos anos, e que, ambos, faríamos a dita anatomia e exame para vermos se alcançávamos a causa da morte tão repentina. Assim se executou com o gosto de todos e, vendo toda a cavidade do peito aberta e todos os membros internos, coração, fígado, bofes e tudo o mais, nada se achou leso; fomos ao ventre e, fazendo o mesmo exame, não vimos coisa alguma, de que ficamos não menos admirados que confusos; nesses termos, deu o dito licenciado com um verdugo uma incisão, ou golpe, em um intestino ou tripa grossa, quase de agastado. Caso de admiração! Apareceram tantas lombrigas, umas unidas com as outras, como sardinhas em tigela; e

o mesmo nas mais tripas, assim nas grossas, como nas delgadas, estando todas como recheadas, a que não era possível dar-se número, de que ficou o dito ministro admirado e nós advertidos para o futuro; e, desde então, fiquei atendendo sempre a elas em todas as curas que fazia, e, muito principalmente, aos escravos, misturando sempre nas purgas (ainda que não tivessem sinais de lombrigas) remédios contra estes adversários inimigos, pois viemos a inferir que as lombrigas o tinham sufocado; daqui se pode tirar muita doutrina para as curas das pontadas e das mais doenças.

anatomias no Hospital Real

anatomia que se fez

Observação II

De outra pontada pleurítica quase pelo mesmo modo, de que livrou o doente com sucesso admirável

1. No ano de 1724, morando no arraial do Padre Faria, distrito de Vila Rica do Ouro Preto, me chamou o alferes Francisco Gomes da Silva e seu irmão, o sargento-mor Antônio Gomes da Silva, para lhe ver um escravo que no mesmo instante tinha chegado da faisqueira em uma tarde, o qual achei com tão grande ânsia e com uma pontada tão forte que não podia tomar a respiração, de tal modo que parecia se estava sufocando por instantes, e o que mais me fez temer perigo foi o ser a pontada da parte esquerda; tomei-lhe os pulsos e lhos achei delgados e submersos, com pouca febre; o senhor dele me perguntava com muita pressa se o havia de mandar sangrar ou se se havia de purgar, e, tornando eu a examinar o enfermo para ver se dizia o mesmo que tinha dito, respondeu o mesmo, por ser bem ladino e dos melhores que seu senhor possuía; e, tornando a tomar-lhe o pulso, o achei do mesmo modo, por estar já descansado do caminho, tendo vindo nos braços de dois seus parceiros. Estando eu examinando o doente muito devagar e consultando o melhor remédio que lhe poderia aplicar, para ver se o poderia livrar de tão grande perigo em que estava, o senhor dele me estava apertando que dissesse se se havia de sangrar ou purgar, e,

vendo eu que o doente tinha pouca febre, os pulsos delgados e a modo de sumidos, me resolvi a dizer que nem se havia de sangrar, nem purgar, e só sim era de parecer que havia de tomar remédios contra lombrigas, por me parecer que estava cheio delas e eram a causa da tal pontada e do aperto na respiração; e, com efeito, me não enganei, assim por alguns sinais que tinha de lombrigas dos que ficam apontados, como pelos sinais dos pulsos, que acima digo. Custou-me a persuadir aos senhores dele estarem pelo que lhe dizia, vendo o seu escravo em tanto aperto, dizendo que só a sangria ou a purga o poderia livrar; enfim, vieram em que lhe aplicasse o que me parecesse. Disse-lhe, então, que mandasse a minha casa, que era perto, buscar o remédio contra lombrigas de fedegoso, que fica receitado, ou ensinado, no volume 1, página 238, por ser segredo meu em que sempre tive grande conceito, por me desempenhar em muitas ocasiões, o qual tomou o doente no mesmo dia antes de cear, e no mesmo lhe mandei pôr na pontada o emplasto da erva-de-santa-maria para confortar aquela parte e o doente tomar melhor a respiração, e que tomasse seu banho depois de um ajuda purgativa; pela manhã cedo o fui ver e me disse passara melhor de noite e dormira alguma coisa, e os pulsos não estavam já tão delgados, nem tão sumidos, e o senhor dele mais satisfeito; fui para casa fazer-lhe outro remédio e ordenei que, depois que o bebesse, lhe pusessem nas cadeiras e no embigo o emplasto da erva-de-santa-maria, e fel de boi, que fica ensinado no volume 1, página 239, por estar já com toda certeza de serem lombrigas, pelo doente ter passado melhor a noite e os pulsos estarem mais saídos; com efeito, tomou o dito remédio e se puseram os ditos emplastos, e, no mesmo dia, começou a lançar por baixo e pela boca algumas lombrigas; continuou a tomar dois remédios cada dia e, ao mesmo compasso que os ia tomando, ia lançando cada vez mais lombrigas e as melhoras em aumento, até que, no fim de três dias, lançou tantas que admirou, sendo de duas onças cada remédio; e, no mesmo tempo dos três dias, ficou de todo livre da pontada e com a respiração desimpedida, tomando, ao mesmo tempo dos remédios, todos os dias, à noite, ajudas purgativas, das que ficam apontadas no volume 1, página 253, lançando com elas pedaços de humores frios e corruptos de que as

lombrigas se geram, juntos com algumas e outras que a natureza lançava por si, ou elas, obrigadas do remédio, buscavam a saída; ao depois de não lançar mais e o doente sem queixa alguma, lhe dei uma purga de resina com peso de uma oitava para lançar o resto delas, se as tivesse, e alimpar também os humores, de que todos os escravos superabundam, com a qual fez boa obra e ficou livre e são, sem mais queixa.

que não se havia de sangrar, nem purgar

2. Sem embargo que já tenho feito esta advertência, a torno a repetir, por ser de grande importância nos pretos, porque a perda de um posta em prata carrega outro; assim que, ainda que seja notado de alguém, torno a dizer que, quando se tirarem as informações das queixas dos pretos, se tirem com muito vagar e paciência, para ver se falam certos no que dizem ou se variam, para se vir em perfeito conhecimento do que é verdade, o que eu sempre observei e observo; e, para melhor clareza e satisfação do que digo, se veja a observação seguinte.

Observação III

Em um escravo de João Gonçalves da Costa

1. No ano de 1714, morando na Vila Real do Sabará, me chamou o dito João Gonçalves da Costa para lhe ver um escravo que tinha uma pontada da parte esquerda com bastante aperto, e, como era bom e seu senhor fazia dele estimação, lhe disse, se queria chamar médico, o fizesse; e, chamando-o, lhe propus a doença, ao que respondeu era de parecer tomasse um vomitório de xarope emético, de que era afeiçoado, o que eu contrariei, dizendo que sim se purgasse, mas que havia de ser com purga solutiva; sobre isto tivemos várias palavras, sustentando cada um a sua opinião, até que, em conclusão, lhe perguntei aonde estava a causa daquela pontada, ao que respondeu que estava na segunda região; disse-lhe então: "Pois, senhor doutor, se vossa mercê diz que a causa desta tão grande enfermidade está na segunda região, aonde a tiram os vomitórios? E para onde fazem a sua operação?" Respondeu que

tiravam da primeira região e faziam a sua obra puxando para a parte superior, ao que respondi: "Pois, senhor, diz vossa mercê que a causa está na segunda região, como é sem dúvida, e que os vomitórios puxam para cima; neste caso, entendia eu que não só o vomitório que vossa mercê aplica fará maior dano, mas que porá o doente em manifesto perigo, e a razão é porque o vomitório tira da primeira região, donde não está a causa da pontada, e, como a causa está na segunda, que fica mais acima da primeira, precisamente os humores hão de passar por ela, e, por esta razão, em lugar de aliviar a pontada, ficará mais ofendida". Disto se mostrou molestado e persuadia ao senhor do enfermo aceitasse a sua opinião, e, vendo-se o dito João Gonçalves da Costa perplexo e indeterminado, lhe adverti que, como senhor do escravo, podia escolher a opinião que melhor lhe parecesse. A isto respondeu o dito médico que a sua opinião era mais provável e pelo mesmo a devia aceitar, e muito mais por ser médico, ao que repliquei, dizendo: "Já que a sua opinião é mais provável, contemos os doentes que eu tenho livrado de pontadas com purgas solutivas e os que vossa mercê tem enterrado com vomitórios, morrendo sufocados, não tendo sinais de enchimento de estômago, como este". A isto, como o senhor do escravo sabia de alguns (nem eu o diria, se não fosse público) lhe respondeu que lhe assistisse eu e que pagaria ao senhor doutor o que lhe devesse da junta, o qual se despediu.

qual é a segunda região e qual a primeira

2. Dei ao enfermo a purga solutiva que foi uma oitava de resina de batata com seis grãos de calomelanos, por ter alguns sinais de lombrigas, e foi tão bom o sucesso que fez grande obra com ela, lançou bastantes lombrigas e ficou com muito alívio na pontada. Passados dois dias que lhe dei de descanso, tomou outra purga do mesmo e sarou da dita pontada, tendo sempre nela o emplasto da erva-de-santa-maria, e, ficando com algum catarrão, tomou os peitorais que ficam ditos e ficou radicalmente são, mandando-lhe beber água cozida com raiz de butua machucada a toda a hora que a quisesse, por pecar a doença em humores frios.

3. Deste mesmo modo curei a muitos doentes dos mesmos sintomas que, por me não lembrarem os nomes, os não repito; e do referido caso se pode considerar o como sucedería ao enfermo tomando o vomitório, porque não somente não tiraria os humores da segunda região, pela sua virtude ser dedicada para a primeira, que é o estômago, pois não tinha enchimento nele, mas os acrescentaria, suspendendo todos os humores do corpo para cima, e daria com eles na garganta, fazendo nela pigarro, e morreria sufocado, como vi alguns; e, o que mais é, morrerem sem fala para se poderem confessar.

Observação IV

De uma pontada e dor no peito com dificuldade na respiração

1. No ano de 1730, se queixou um escravo meu de uma pontada na parte esquerda e dor no peito; tomei-lhe os pulsos e lhe achei pouca febre, mas grossos, e também tinha algum cansaço na respiração; e tinha mais o que o vulgo chama felga[5] na garganta, ou pigarro, com alguma tribulação e ânsia; e como a dor era em todo o peito e estava em jejum, o mandei deitar de costas para o apalpar, e, carregando-lhe brandamente com os dedos na boca do estômago e seus arredores, se mostrou sentido, dizendo lhe doía muito e que, para a parte da pontada, lhe doía mais; e, perguntando-lhe se tinha amargores de boca, respondeu lhe amargava muito e pouca vontade de comer; nestes termos, como já pelas experiências de os apalpar, que é um dos melhores sinais para se conhecer que há enchimento de cóleras no estômago, sendo acompanhado com os dois que ficam ditos, entendi que a causa de todas as queixas referidas não era outra senão o dito enchimento, como outras muitas vezes tenho observado. Mandei-lhe tomar uma ajuda purgativa, por não serem horas de tomar vomitório e não ter perigo o enchimento, ainda que padecesse alguma moléstia mais; no outro dia lhe dei um vomitório de seis grãos de tártaro emético, com que fez uma copiosa obra por ser do perfeito, com que lançou uma bacia das ordinárias quase cheia de cóleras, e por curso também obrou bem, ficando no mesmo dia com mais alívio, e no outro se achou

sem dor no peito e sem ânsia alguma; mas, daí a alguns dias, tornando-lhe a vir algumas relíquias das mesmas queixas com sinais de ter ainda algum enchimento no estômago, lhe dei segundo vomitório mais pequeno, com que fez boa obra e, ultimamente, lhe dei uma purga de resina, com que ficou de todo livre e sem mais queixa alguma.

2. Como este escravo era corpulento, estava gordo, bem nutrido, em boa idade e, suposto que a febre nos pulsos não era demasiada, estava esquentado bastantemente, e, vendo-se um doente nesta forma, não duvido que houvesse algum cirurgião ou médico que o mandasse sangrar, e, sangrando-se, se meteriam as cruezas do estômago nas veias e teria doença mui dilatada, quando não tivesse perigo.

cruezas do estômago se metem nas veias

Observação V

Em um escravo meu

1. No mesmo ano de 1730, se queixou um escravo meu de umas dores de ombros e costas; mandei-lhe fazer uma fomentação do mesmo óleo que fica dito no volume 1, página 265, feito de arruda e alecrim, que agora ensinarei a fazer, e se faz do modo seguinte:

2. Uma mão cheia de folhas de arruda, outra de folhas de alecrim, tudo cortado a modo de salada[6] e lançado em meia medida de azeite doce, que corresponde, pouco mais ou menos, a uma canada de Portugal, com o qual ferverá a fogo brando até ficar a arruda e o alecrim bem seco e tostado; depois se coe e guarde para o uso.

3. Deste óleo mandei aquentar o que bastava para fazer fomentação nas partes doentes que ficam ditas, cobrindo-as com papéis e baetas, com sua atadura bem segura, e com a tal fomentação, por duas vezes feita, ficou com alívio; daí a vinte e quatro horas lhe dispararam as tais dores em outras por todo o peito, com que esteve bem ansiado; e, como a experiência me tem mostrado que estas

pontadas não obedecem sem purgas, lhe dei uma de resina de batata de três quartos de peso, por ser boa, com que fez boa obra e ficou aliviado, e, tomando segunda, ficou de todo são. Daí a três dias lhe tornou a repetir, mas logo supus fora procedido de algum desmancho, como ordinariamente sucede nesta casta de gente, e a este assim sucedeu, porque, mandando-lhe pôr panos quentes a miúdo, se lhe foram as dores e ficou livre de todo.

Observação VI

De dores de peitos

1. No mês de agosto de 1730, se queixou um escravo meu de dores de peitos e costas, com febre; e, examinando eu se tinha amargores de boca, me disse lhe amargava muito e, mandando-o deitar de costas em jejum e carregando-lhe em cima do estômago, o não podia consentir; dizendo mais, que tinha fastio, e o comer na boca não estava doce, que é o modo com que eles se costumam explicar quando querem dizer que o comer lhes amarga; e persuadido eu que era enchimento de estômago pelos sinais que ficam referidos, lhe dei seis grãos de tártaro emético, com que fez dezessete vômitos de cóleras e poucos cursos; no outro dia de manhã, o fui ver e me disse estava sem dor alguma, e daí a poucos foi trabalhar.

2. É de advertir que todo o gênero de pontadas, ou sejam em alguma das ilhargas, ou no peito, afligem em grande maneira aos enfermos, por estarem em uma cavidade tão principal, como é o peito, aonde residem, e todos temos os membros tão principais, como são, principalmente, o coração e o bofe. Quando esta cavidade, ou segunda região, é ofendida de abundância de humores e não é logo socorrida com remédios prontos, além do doente padecer muito, corre perigo a sua vida, e como, principalmente os escravos, são mais sujeitos a estas enfermidades do peito que os brancos, e pela maior parte são mais as causas das tais enfermidades procedidas de humores frios que de quentes, de que já tratei em algumas partes deste tratado e dos sinais para se conhecerem as tais causas, por isso tenho por escuso dilatar-me nelas mais; e só digo que as que têm dificuldade na respiração tem

muito perigo a sua vida, pelo bofe estar ofendido, se logo se lhe não acode a aliviá-lo para se ventilar melhor e fazer a sua operação.

dificuldade na respiração

3. Se o doente tiver sinais de que a causa da dificuldade é procedida de abundância de humores frios, como atrás fica referido, o seu remédio mais pronto que a experiência me tem ensinado é o purgar logo sem demora; e um dos bons sinais que tenho alcançado para conhecer se as queixas de qualquer enfermo destas Minas procedem de causa fria é o apertarem mais de noite que de dia, e também o dormirem pouco, sinais em que sempre fiz observação e sempre me saiu certa, e, se havia falta na respiração, me parecia estarem os humores embebidos nos brônquios do bofe; e, se algum doente padecia estas queixas, tendo já doença larga, me parecia ser a causa o não serem bem purgados no princípio e não serem aplicados os remédios peitorais a seu tempo, para disporem e cozerem a matéria para se expelir por escarro, por cuja causa ficam com tosse, a qual necessita de muita despesa e de tempo para se curar, e, às vezes, com dificuldade, como sucedeu a um escravo de João Fernandes de Oliveira, além de outros, o qual, depois de uma larga doença, procedida de uma pontada, ficou com uma tosse tão ferina que, principalmente de noite, cruelmente o molestava, de que sarou, cuja observação é a seguinte:

queixas mais de noite que de dia é um bom sinal

Observação VII

De um escravo de João Fernandes de Oliveira que padecia de noite uma cruel tosse

1. No ano de 1724, indo eu ouvir missa à capela do dito João Fernandes de Oliveira que tinha na sua fazenda, em Itacolomi, chamada a Vargem, me mostrou um seu escravo e me disse que, havia perto de um ano, padecia uma tosse tão grande que o fazia rebentar, principalmente de noite, porque nem dormia, nem deixava dormir a pessoa alguma, que se tinha curado na Vila do Carmo de

uma pontada e bem assistido e que lhe tinha ficado aquela tosse; depois de bastante tempo de cura sem proveito, o mandara para a Vila do Ouro Preto e que nela se estivera curando com um médico e um cirurgião, e que, ao depois de largo tempo e larga despesa, enfadados com a tosse, o deixaram e lhe disseram o mandasse para a dita fazenda, que, talvez, com outros ares por ficar distante e outras águas, se achasse melhor.

2. Depois de me propor as referidas razões, me pediu que visse se saberia algum remédio para aquela tosse, porque era bom escravo e desejava curá-lo, ainda que a despesa que tinha feito lhe importaria pouco menos do seu valor. Apalpei-o em jejum para ver se tinha alguma obstrução, porque, se a tivesse, era mui factível que ela fosse a causa da tal tosse, como são de outras muitas enfermidades, pois havendo algum enfermo que tenha qualquer enfermidade que seja e tiver obstrução sem esta se curar, se não curará a tal enfermidade, e seja isto regra geral para todas elas.

obstruções são causa de muitas enfermidades e sem se curar a obstrução, se não pode curar a enfermidade

3. Vendo, pois, o enfermo acima, lhe não achei obstrução alguma, pelo que me persuadi a que os humores que causavam a tal tosse estavam embebidos no bofe e eram mais de natureza frios, que quentes, pelo enfermo ter mais queixas de noite, que de dia, como atrás fica referido; e, fundado nesta conjectura e ter experiência do remédio seguinte, lho receitei nesta forma: *Recipe*. Açafrão duas oitavas, sal de tártaro um escrópulo, água essencial de raiz de bardana uma libra; extraiam a tintura e, na coadura, se dissolva de espermacete três oitavas, xarope de mucilagens de semente de linho três onças, misture-se. Este remédio se divide em três partes, para tomar uma delas cada dia, sempre morno, e, se no fim deles a tosse perseverar, se acudirá logo ao enfermo com outro remédio, duplicando as quantidades, para o tomar duas vezes cada dia em jejum, e ao recolher na cama, ceando mais cedo, para que se não passem muitos dias sem o doente continuar com o remédio, porque, passando-se alguns, será mais dificultosa a tosse de vencer.

remédio excelentíssimo para tosse desesperada

4. O dito enfermo tomou este remédio uma só vez por dia em jejum e logo com o primeiro começou a ter melhora, e as duas porções que ficaram as tomou nos dois dias seguintes, com que ficou muito aliviado; e, indo-se buscar outro remédio à botica, o tomou em outros três dias sempre morno, e ficou com tantas melhoras que quase ficou sem tosse, e, indo-se buscar terceira receita, respondeu o boticário se lhe tinha acabado o espermacete; sem dúvida ficaria o doente de todo são se continuasse, o que não fez por se não achar o dito espermacete em todas as boticas da Vila do Carmo e da Vila do Ouro Preto; e é de advertir que estas receitas se foram buscar interpoladas, metendo-se algum tempo em meio, por ser longe da dita fazenda às duas vilas; e suposto o doente ficou com alguma tosse, passados alguns tempos, me disse seu senhor, ficara são, com admiração de quem o conheceu com tão terrível tosse. Mas, se acontecer que alguma tosse não obedeça a este e aos outros remédios, entenderemos que procede de soros delgados e, neste caso, se darão ao doente laranjas bicais azedas, para fixar e engrossar os tais soros, pois são remédio eficaz.

5. Também este grande remédio é bom para as asmas, para dor de costas e pulmonia, pois, além do espermacete ser singular para as tosses, leva o açafrão, a quem *Escrodero* chama "alma do bofe". Veja-se *Cirurgia Methodica* no capítulo do espermacete.

asmas e dor de costas

6. Também tenho observado que os doentes de pontadas que se sangram, quando não morrem, desamparam-se de forças e não há cozimento nos humores, prolongando-se a doença por muitos meses, por falta de calor natural que consiste no sangue; e por ter visto estes maus sucessos das sangrias, fujo muito delas, e também a respeito dos mantimentos serem de pouca sustância, pelo que é preciso poupar as ditas forças, que, sem elas, nem a natureza, nem a arte obra coisa alguma.

sangrias nas pontadas aumentam as doenças, ou desamparam de forças aos doentes

7. O que tenho dito, e o que direi daqui por diante, servirá de luz aos principiantes neste clima, que, se eu a tivera, me não enganara, como me enganei e se enganam todos; isto suposto, passo a tratar das obstruções conforme o tempo me der lugar, porque esta enfermidade é, nestas Minas, muito geral, assim em pretos, como em brancos, pelo clima e os sustentos assim o permitirem, e também tem dado e dá grande cuidado aos professores, como se verá nas observações que escreverei no fim do seguinte tratado.

8. Uma advertência quero fazer, por serviço de Deus e bem dos homens; sem embargo de ter já tocado esta matéria em parte, agora o farei com mais clareza, para que fiquem todos desenganados e os que errarem sem desculpa.

Advertência muito necessária

9. Alguns autores de boa nota defendem as muitas sangrias dizendo que o sangue é o tesouro da vida e o bálsamo da natureza, e os que se sangrarem com excesso, sem grande necessidade, como é a de um garrotilho, um pleuris sanguinho apertadíssimo, uma peripneumonia com a respiração presa, por serem doenças inflamatórias, uma supressão alta da urina e outros casos semelhantes de grande perigo que só as sangrias, repetidas três e quatro cada dia, poderão livrar aos doentes da sepultura; mas, podendo passar com poucas ou sem nenhuma, será erro gravíssimo darem-se muitas, porque ficam fracos de estômago, ficam fracos de nervos, trêmulos das mãos e cabeça, ficam com a vista curta ou sem ela; outros caem em apoplexias, outros em paralisias, outros em convulsões, outros em estupores, outros ficam hidrópicos, outros ficam padecendo flatos e ventosidades, outros se fazem héticos, outros tísicos, outros se fazem hipocondríacos, outros finalmente ficam opilados, o que tudo sucede pelos tempos adiante, ainda que com elas alcancem alívio. Isto é o que dizem os autores, e eu, pela razão e pela experiência que tenho, digo que assim sucede muitas e muitas vezes, e ainda digo mais, que os muito sangrados nestas

Minas não só ficam muito expostos a todas as enfermidades referidas, senão que todos, ou quase todos, ficam opilados, de tal sorte que não podem bulir-se, nem arrastar as pernas; e muitos vi que, por causa das sangrias, perderam a vida; e quando assim não suceda e haja alguns que não fiquem muito opilados, ficam tão fracos de forças que é necessário muitos meses (ainda com bom trato) para se refazerem delas e irem para o trabalho; mas o ficarem obstrutos, ou opilados, e fraquíssimos, é o mais certo que eles hão de experimentar, por cuja causa mais despesa e menos lucro. E se isto assim sucede ou não, façam os moradores das Minas observação, e verão se falo verdade; o que não sucederá se as sangrias se derem com muita cautela e moderação.

sangrias três, quatro cada dia nas doenças em fronte

vejam-se os gravíssimos danos das muitas sangrias

10. E se em Portugal se recomenda que as sangrias se não façam com excesso, onde os mantimentos são de boa sustância, que sucederá nestas Minas e em todo o Brasil, aonde são tão diferentes, e os dos pretos com muita maior razão, porque habitam sempre, ou quase sempre, dentro da água, e depois que entram a trabalhar, andam expostos ao rigor da chuva, do frio e do sol? Ruins coberturas, ruins camas e ruim tratamento, como todos sabem os que habitam nestas partes; e, por estas razões e pelos maus sucessos que delas via, nunca fui devoto de mandar sangrar, senão com muita cautela; e pelas mesmas não mandei sangrar a muitos, que, na opinião de todos os professores modernos no tal clima, haviam de ser bem sangrados, como os quatro escravos meus que ficaram imprimidos e apertadíssimos entre duas paredes cobertos de terra e pedras, muito por cima da cabeça e com tantas contusões que, depois de saírem, não podiam articular as palavras, nem tomar respiração, senão com muita dificuldade, que esta observação folgarão de ver os curiosos como sucedeu e os remédios com que sararam, sem sangrias, dentro de dezenove dias, a qual se achará neste livro.

ruim tratamento, ruins coberturas, ruins camas

11. É o sangue o azeite em que se conserva a luz da candeia da vida; quanto mais azeite tiver a candeia, tanto mais tempo durará a luz dela, e, pelo contrário, quanto menos azeite tiver, menos durará a sua claridade e resplendor. Isto quis advertir para descargo da minha consciência, porque faço grande escrúpulo de não dizer a todos o quanto importa sangrar pouco para viver muito.

sangue é a luz da candeia da vida

12. Por falar na página antecedente em peripneumonias, quero dizer alguma coisa a respeito delas. Assim como sucedem pleurises de causa fria, assim, pela mesma causa e da mesma sorte, sucedem peripneumonias nestas Minas, pois ambas estas doenças se formam no peito e ambas impedem a respiração, ambas têm quase os mesmos sinais, ambas grande perigo, suposto a peripneumonia o tem maior, por se formar no bofe e o pleuris na cavidade do peito e suas membranas, e ambas estas doenças se curam quase do mesmo modo, e, como fica dito, sendo originadas das mesmas causas. Quando os poros do corpo estiverem muito fechados, o corpo frio, a respiração muito presa e o doente não possa sossegar de um nem do outro lado, estando já purgado com vomitório, ou purga solutiva, conforme os sinais que tivesse ou estiver com algumas sangrias, se tiverem indicantes para ser sangrado, as quais devem ser no braço da mesma parte, é excelentíssima a bebida seguinte para retundir o fervor do sangue e refrigerar as partes internas inflamadas por causa dos humores reclusos no bofe: uma mão cheia de cevada pilada se coza solta em panela de barro com vinte quartilhos de água comum, até ficar em seis; então se deite na água uma onça de cascas de raiz de bardana, machucadas e um punhado de flores de papoulas, e com isto ferva por um quarto de hora; então se tire do fogo e, estando ainda quente, se deite na tal água seis esquíbalas, ou bonicos de esterco de cavalo fresco do mesmo instante, e, passadas duas horas, se coe a dita água por pano bem tapado, e, então, se lhe ajuntem duas onças de lambedor de papoulas magistral e três oitavas de pó de coral bem preparado. Deste cordial bem vascolejado se dará meio quartilho de seis em seis horas, que logo respirará o doente com liberdade, pois é

indizível a virtude que tem para absorver e volatilizar os humores, descoagulando-os, e temperando as entranhas, por ser composto dos melhores absorventes que há na Medicina; assim o dizem graves autores dela, mas sempre se chame médico douto.

pleurises e peripneumonias

13. Tudo o que tenho dito não é por meter a foice na seara alheia, mas sim é para remediar alguns enfermos que viverem metidos pelos matos das Minas, aonde não é possível chegar médico, nem cirurgião perito. Este parágrafo seja o último deste tratado.

14. Tudo o que fica escrito a respeito das pontadas se entenderá, não só a respeito dos pretos, senão também a respeito dos brancos que exercitarem o mesmo ofício dos pretos, ou quase o mesmo, como é o serem feitores de lavras ou roças, ou andar em outros ministérios descalços, com má ordem de viver ou malcomidos, mal enroupados, molhados, suados, *etc.*, que estes tais se curarão de pontadas pelo mesmo método que os pretos, porque é provável lhe procedam as pontadas das mesmas causas, só com uma diferença: que se atenderá a que os pretos são dotados de naturezas mais robusta, porque, os que são bons, quando chegam a dizer que estão doentes, estão meio mortos, como eu muitas vezes tenho visto; e destes há alguns que, pela maior parte, morrem, e outros custam muito a livrar. Os brancos que forem mais bem tratados, haverá neles bom exame para se saber como se hão de curar, se há de ser como fica referido ou não; mas, quando haja diferença, sempre se inclinará a cura ao mesmo método que fica referido, respeitando o clima e os mantimentos do país; os de nação cobus e os angolas nas doenças são muito moles, e os de nação minas muito duros.

1 **Paralisia** - Grafia atualizada da forma antiga *parlesia*, utilizada pelo autor.

2 **Urina** - Grafia atualizada da forma antiga *ourina*, utilizada pelo autor.

3 O autor usa, indiferentemente, o sinônimo câmara.

4 **Altere** - Na Medicina, *alterar* era usar de remédios alterantes, medicamentos que mudam insensivelmente o estado dos sólidos e líquidos. São medicamentos aplicados em pequenas doses, que se administram nas doenças crônicas das vísceras abdominais e do sistema linfático. O autor pode ter se referido ao altere como expressão substantivada do verbo *alterar*, referindo-se à propriedade alterante da planta de sene.

5 **Felga** - Torrões desfeitos ou miúdos. Provavelmente, por analogia, o autor utilizou a palavra para se referir a pigarros, como *pequenos torrões desfeitos ou miúdos da garganta*. Antes, o autor se utilizara da palavra *filga* ao se referir à mesma coisa, o que sugere que não conhecia a grafia correta da palavra.

6 Grafia atualizada da forma antiga *celada*, utilizada pelo autor.

Tratado II

Capítulo I

Das obstruções

1. As obstruções nestas Minas têm dado grande cuidado aos professores, por ser este clima muito conducente a elas, assim para os brancos como para os pretos ainda que para estes com maior razão, por andarem pela maior parte sempre metidos dentro da água, principalmente os que são mineiros; e, também, porque os humores deles estão mais arraigados e infiltrados nas partes onde se formam do que em outros quaisquer achaques, pela qual razão são mui dilatadas em sua cura; e como eu tenho curado muitas de outro modo que os mais professores e do que os autores ensinam, pela razão e a experiência me terem ensinado, como se verá no discurso deste tratado, exporei o meu método curativo; cada um seguirá o que melhor lhe parecer.

2. São muito diferentes as partes que podem padecer obstruções, mas não tratarei senão de três, por serem as mais comuns[1] e as mais principais: as do fígado, as do baço e as do mesentério, e apenas não farei pouco, pela ocupação com que de presente me acho mo não permitir. Isto assim suposto, darei princípio pela do fígado, por ser a mais perigosa, de que tenho visto morrer a muitos hidrópicos sem remédio por causa dela.

Capítulo II

Da obstrução do figado, seus sinais e sua cura

1. A obstrução do fígado se conhecerá estando o doente em jejum, e, deitado de costas com os pés encolhidos, se lhe carregará brandamente com os dedos de ambas as mãos da parte direita, naquele vão que medeia entre as costelas mendosas e o estômago, junto das costelas, ou da arca, como diz o povo, e, achando-se naquela parte dureza e dor, não teremos dúvida que o fígado está obstruto, e, segundo a maior ou menor dureza, assim também será a obstrução maior ou menor, de sorte que, se a dureza for grande, haverá menos dor, e, se for pequena, será a dor maior; havendo grande dor e menos dureza, será mais curável e, se houver pouca dor e a dureza for grande, será mais dificultosa a sua cura, e, sendo a dureza grande e sem nenhuma dor, será incurável e se reputará por obstrução cirrosa; e, se o cansaço for muito quando andar e tiver dificuldade na respiração, os pés e pernas inchados, e o rosto magro, fora do seu natural, e as maxilas, ou maçãs do rosto, vermelhas, pela maior parte vêm a morrer hidrópicos, falando até de todo se sufocarem.

obstrução cirrosa

2. Nota. Que, algumas vezes, sucede haver grande inflamação no fígado que os doentes não podem consentir que se lhe ponha a mão, como já vi; estas tais inflamações sempre são perigosas, sem embargo que uma, que sucedeu a um escravo meu, não teve perigo, porque como os pretos são dotados de natureza mais forte e robusta que os brancos, resistem mais a todas as enfermidades; e, ainda que pareça, é perigosa e mortal, sempre se lhe devem aplicar os remédios, porque em tal estado estará a natureza que os receba e livre do perigo; e sempre será bom conselho que o doente faça seu testamento e receba os sacramentos, o que se deve praticar em todas as doenças que prometerem qualquer perigo.

Como se curará esta obstrução

3. A primeira coisa que se deve fazer ao doente é dar-lhe um vomitório de tártaro emético, de cinco até seis grãos de peso, sendo bom, e, se for mais inferior, serão sete até oito, para evacuar as cruezas da primeira região, que, sem esta evacuação, serão

infrutíferos os mais remédios. Depois que tiver tomado este, descansará o doente o dia seguinte, para vermos se ainda tem necessidade de tomar outro, o que se conhecerá porque haverá amargores de boca, ou pouca vontade de comer, ou o estômago estará duro, ou cheio como empanzinado; e sendo que tenha estes sinais ou parte deles, tomará outro, mas sempre com advertência que sejam antes mais pequenos que maiores, para não causarem ânsias, nem grande trabalho ao doente, e, também, para que não fique prostrado de forças, porque quem faz uma jornada comprida a fará mais seguramente indo devagar que indo depressa; e, outrossim, é de advertir que, quando a primeira região está bem limpa e evacuada, aproveitam e obram melhor os mais remédios que depois se lhe aplicam, mais segura e breve a cura. E, como nestas Minas não faltam nunca cruezas nos estômagos, por isso mais convenientes serão os vomitórios.

vomitório

4. Evacuada a primeira região com um vomitório, se obrar bem, ou com dois, obrando pouco com o primeiro ou havendo necessidade de segundo, nestes termos tomará o enfermo por cinco ou seis dias contínuos, de manhã, em jejum e de tarde, antes do Sol posto, seis onças por cada vez, do remédio seguinte. Tomem uma raiz pequena de capeba e duas, ou três, de salsa das hortas, conforme forem que não seja a salsa espigada, e as raízes de um pé de artemija e uma raiz de funcho, e, se estas não forem também espigadas, será melhor; as folhas e o tronco se cortem por junto das raízes e se lancem fora, as raízes se lavem e, limpas, se metam em uma panela, ou tacho, bem areado com três frascos de água comum, que ferva até ficar em frasco e meio, e, coada esta água, se lhe lançará meia libra, ou meio arrátel, de açúcar, e com ele torne a ferver e a purificar ao fogo, até que fique em um frasco, e, coado outra vez, se guarde; e dele irá tomando o doente, como tenho dito, e sempre morno; e, assim que o doente tomar as bebidas e fora delas, fará exercício moderado, porque é uma grande circunstância para o remédio obrar melhor, digerir o que comer e abrir os poros

para transpirarem as fuligens e alguns humores; e assim continuará até acabar o dito frasco.

remédiode sobstruente

exercício

Sendo em Portugal e querendo-se mandar fazer na botica, se fará o medicamento com os seguintes simples. Raiz de salsa das hortas, de funcho, de artemija, de grama, de aipo e de borragens, de cada uma duas onças; folhas de agrimônia, de douradinha, de borragens e de hissopo, de cada uma meia onça. Ferva tudo em duas canadas de água comum, até ficar em uma, e, coado, se lhe ajunte meia libra de açúcar, com que ferverá até diminuir meio quartilho, e, coado outra vez, se lhe ajunte, de oximel, duas onças, e se guarde para o uso.

O oximel que mando misturar é grande remédio para abrir e incidir, sendo veículo para melhor obrarem os mais, e facilita o curso, que nesta queixa é de grande utilidade andar a natureza lúbrica. Não ponho aqui os caracteres das onças e libras para serem entendidos de quem os ignora, por ser aqui o seu próprio lugar.

Para fomentar a obstrução, é maravilhoso o lenimento seguinte: sumos de folhas de salsa fresca, de funcho, de aipo; sumos de raiz de salsa e de lírio, de cada um duas onças; sumo de cebola branca quatro onças; banha de porco sem sal quatro onças; óleo de lírio, o que baste para fazer lenimento brando, fervendo os sumos até se lhes consumir a umidade. *S.A*[2].

Nesta mesma forma receitei estes dois remédios para curar uma obstrução nesta Cidade do Porto ao mui reverendo padre Manuel João de Carvalho, que a trouxe das Minas no fígado, repetindo várias vezes a bebida acima, tomando primeiro de tudo dois vomitórios e purgando-se todas as vezes que acabava de beber uma receita, fazendo dois e três jatos cada dia em que tomava o desobstruente, por virtude do oximel e pelo medicamento das ervas ser laxativo, com que, ao compasso que ia tomando as bebidas,

tomava também as purgas no fim delas, e, fomentando a parte com o sobredito lenimento, se ia achando cada vez melhor e veio a sarar de todo, como é bem notório nesta parte da cidade das hortas e ferradores, andando sempre de pé com os desobstruentes.

5. Nota que, como a raiz de capeba é quente, se o doente for de natureza cálida, ou se não lance no cozimento ou, se se lançar, seja em pouca quantidade, mas, como é muito desobstruente, sempre será conveniente ajuntar-se alguma, porque, ainda que pareça se não devem ajuntar medicamentos quentes na obstrução do fígado, eu sempre os ajuntei com bom sucesso, sem se esquentarem os doentes, porque as mais raízes são temperadas e temperam esta; e demais, como os humores que têm feito a obstrução são de sua natureza mais frios que quentes, não se esquentam os enfermos com facilidade; nem mandei nunca sangrar nesta doença, nem aconselho tal se faça.

6. Nota mais. A salsa, a capeba, a artemija e o funcho que atrás digo não sejam espigadas é porque, estando com semente, têm posto toda a sua força nela, por cuja causa ficam as raízes mais endurecidas e fracas, ou, para melhor dizer, com pouca virtude; e para o remédio obrar melhor, o doente aproveitar o tempo e alcançar o fim que pretende, não hão de ter semente e, se for possível, nem flor ou grelo. Mas no caso que seja em Portugal, ou em parte aonde não hajam todas as ditas raízes, se podem ajuntar ao cozimento raiz de espargos, raiz de gilbarbeira, ou douradinha, ainda que estas são mais fracas que as outras, por virem de Portugal e passarem a linha, onde todas as coisas degeneram.

7. Acabado o dito frasco que acima fica referido, se purgará o doente com uma oitava de pós cornaquinos[3] verdadeiros, porque, se acharem algumas cruezas ainda no estômago, as lançarão pela boca, por serem também vomitórios, e, não as achando, farão a sua obra por curso, lançando os humores da obstrução que estão diluídos ou brandos com os desobstruentes que já tem tomado.

pós comaquinos

8. Tendo o doente tomado esta dita purga, poderá já usar da fomentação a seguinte: derreta-se ao fogo enxúndia de galinha com banha de porco sem sal, de cada uma partes iguais, e, quanto mais velhas forem, melhor será; com este medicamento fomentem toda a região do fígado, estando morno, e, por cima da fomentação, se lhe ponha folha de capeba, passada primeiro pelo fogo, ou, em sua falta, folhas de almeirão silvestre, a que o povo chama fumo-bravo, ou folhas de almeirão verdadeiro, e, em falta de tudo, papel, e a parte bem coberta do ar; e se algum achar que este remédio é fraco, por não levar muitos símplices, eu lhes digo que é excelente e que sempre me sucedeu bem com ele; ou fomentem a parte com ungüento desopilativo de fumos, que se mandará buscar à botica, ou se fará em casa pela receita que se achará no tratado da miscelânea; e por cima a dita folha, ou papel.

fomentação

9. Melhor que todos os outros remédios é o seguinte, de que tenho usado infinitas vezes com bom sucesso, o qual é invento meu, porque, ao compasso que se vão tomando os desobstruentes e purgas, vai fazendo melhor o seu efeito, e, por conseqüência, ajuda a abreviar a cura em menos tempo, desfazendo este por fora, os desobstruentes por dentro e as purgas lançando-os fora, o qual se faz do modo seguinte:

remédio excelente para fomentar, invento do autor

10. Pise-se uma boa mão cheia de folhas de picão, ou, por outro nome, carrapicho, que é uma erva de pouca altura e tem na ponta dos botões de sua semente uma espiga, ou arestas, que, depois de secas, se pegam muito aos vestidos de quem passa por junto dela, e duas ou três cebolas brancas, conforme forem, quatro onças de banha de porco sem sal, tudo pisado de *per se*, e depois se torne a pisar junto, que fique uma boa massa, a qual se lançará em um tacho pequeno com quatro onças de óleo de lírio, ou, em sua falta, de óleo rosado; e, quando seja em parte onde não haja nenhum destes, será de azeite doce; ferverá tudo a fogo brando, até que se consumam os sumos, o que se conhecerá tirando dele e lançando-o

no fogo, não espirrará; e depois se coe por pano ralo e se guarde para o uso, com que se fomentará todas as noites ao recolher na cama com um bocado deste remédio morno, e, por cima, o que fica dito, resguardando-se muito do ar.

11. No tempo que se vai usando destas fomentações, irá o doente tomando pela boca outro desobstruente, feito na forma que fica referido, e, neste mesmo tempo, como este remédio não é purgativo e só desobstruente, tomará o doente todos os dias à noite ajuda purgativa, ou ao menos um dia e outro não, para irem aliviando a natureza, e fazendo sempre exercício, como já disse, o que recomendo muito, por ser de grandíssimo proveito.

12. Acabado o dito frasco, se o doente tiver sinais de humores frios, o que se conhecerá pelos que ficam apontados no volume 1, nas páginas 249, 256 e 257, se purgará com uma oitava, ou três quartos, de resina de batata, com segurança e sem receio, para purgar universalmente todo o corpo, e, depois dela, um ou dois dias, poderá tornar a continuar com outro frasco de medicamento desobstruente, feito como fica dito, e tomando as ajudas purgativas. Mas, se o doente for de compleição branda e tiver receio de tomar a dita purga que atrás fica referida, de pós cornaquinos, ou esta acima de resina, poderá tomar outra mais branda, como são os trociscos de Fioravanto na forma seguinte. Em cinco onças de cozimento de chicória ou de almeirão, se lance oitava e meia dos ditos trociscos feitos em pó com duas onças de conserva pérsica, ou, em seu lugar, onça e meia de maná; tudo desfeito e coado, se dê morno ao doente em jejum, que é uma purga muito perfeita, suposto branda, mas advirto que sendo robusto e tendo sinais de humores frios, que quase sempre assim há de ser, principalmente depois de ter tomado um ou dois vomitórios e um ou dois frascos do dito medicamento e continuado as fomentações; e sendo assim, são as purgas de pós cornaquinos e as de resina de batata singularíssimas, o que experimentará o doente e o professor que lhe assistir, sendo de mais ou menos peso, segundo as forças e a idade, por uma ou mais vezes interpoladas, conforme os sinais que o doente tiver, porque, tendo alguns de ter algumas cóleras no estômago, são os pós

cornaquinos admiráveis pelo grande efeito que fazem nestas obstruções, purgando por uma e outra via os humores prejudiciais; e tendo sinais de abundância de humores frios, são as de resina muito excelentes, porque, além de serem purgas universais, purgam e arrancam valorosamente os humores de que se formam todas as obstruções.

purga de resina

purga de trociscos, de fioravanto

purgas de pós cornaquinos e de resina

13. Também se pode usar das pílulas[4] mesentéricas de Lemeri, mas eu tenho-as por fracas e de pouco proveito, ou, para melhor dizer, obram mui devagar e fazem a cura mui dilatada, porque, suposto elas sejam desobstruentes, é massa ou simples que vem de Portugal com a sua virtude muito diminuta quando cá chegam, fora o tempo que cá estarão nas boticas; e como cá pela maior parte os doentes querem medicamentos que façam cursar muito, mandam-lhe os professores ajuntar diagrídio, e a força dele é que fazem cursar muito, mas não fazem desobstruir, que é o primeiro intento e muito principal, porque, usando os medicamentos purgantes sem que os humores estejam diluídos e preparados, não só se não curarão as obstruções, mas se acrescentarão mais e as queixas do enfermo se aumentarão, de sorte que o porão em miserável estado; e por isto é que eu digo que se usem primeiro os desobstruentes e depois os purgantes para os lançar fora, e não preparar e purgar ao mesmo tempo com um mesmo medicamento; mas não entram nesta conta um ou dois vomitórios no princípio, porque estes não carecem de preparação antecedente, salvo se for uma ajuda.

14. Tomada a purga que parecer mais conveniente, conforme for o sujeito e as forças o permitirem, se tornará a fazer outro frasco de medicamento desobstruente na mesma forma que está dito, e, acabado, se tornará a purgar, e assim, nesta mesma forma, se irá procedendo na cura preparando os humores, e, depois de preparados e adelgaçados, purgá-los pelo modo que fica dito,

usando das mesmas fomentações e ajudas. O regimento que o doente há de guardar no comer e beber será o seguinte. No tempo que tomar as purgas, comerá galinha, como se não ignora, e fora delas, em todo o mais, comerá vaca assada ou cozida, depois de seca no forno, ainda que não fique muito apertada, que será melhor no forno que em moquém; também poderá comer em algumas ocasiões ovos quentes, somente com pão ou farinha, e não assados ou cozidos que fiquem duros e menos frios; também poderá comer migas, franga assada, veado e aves do monte; a água que há de beber será cozida com um molho de raízes de sapé, que é muito melhor que grama, o qual não falta nestas Minas e em todo o Brasil.

regimento e água que há de beber

15. Por ter visto a alguns professores curarem doentes desta enfermidade sem lhes mandarem fazer exercício, e morrerem, ainda que não fosse por esta causa, como eu pela experiência e razão tenho visto que o exercício é muito preciso nesta obstrução e em todas as mais, por isso torno a recomendá-lo, pois com ele se aumenta o calor, consomem as cruezas, abrem os poros, e lhe facilita a transpiração e o suor, resolve os flatos, fortalece os nervos, promove a circulação do sangue e outros proveitos essencialmente necessários para a cura desta e das mais obstruções; e os mesmos proveitos faz nas hidropisias, que muitas procedem desta obstrução, como tenho visto e se verá nas observações que adiante escreverei, as quais folgará de ver o curioso; nem me parece seja possível curarem-se obstruções sem exercício. O doente se não molhe, nem traga os pés úmidos, que lhe será de grande dano.

proveitos do exercício

16. Sendo esta obstrução em mulher, se lhe darão os vomitórios necessários e os mesmos medicamentos desobstruentes; porém, no que toca a purgar, se purgarão com purga de rom, feita em pó de fresco e em quantidade de meia até uma oitava, conforme as forças e a idade, ou também segundo a preparação que se houver feito com os desobstruentes, porque, se for de poucos dias, será menos o peso da purga, e será dada ou desfeita em um bocado do mesmo

cozimento, tépido somente, ou se lançará em uma gema-de-ovo, assim fria dentro da sua casca, e mexida, porque assim se tomam com mais facilidade; e não só são boas estas purgas para se curar obstruções nas mulheres, senão também que são excelentes para promover o sangue mensal dos seus meses, de que tenho usado muitas vezes com feliz sucesso, principalmente quando lhe não vem a sua conjunção por causa de alguma obstrução, como quase sempre é certo; e promovendo-se os meses às mulheres, mais brevemente saram da obstrução. Em quem tenho usado das purgas de rom mais vezes é em mulheres pretas com bom sucesso, e sempre usei do rom que está em pedra, porque, estando em pó, perde muito a sua virtude. Destas mesmas purgas tenho usado muitas vezes em homens que tinham paralisias, estupores ou ramo de ar; e também faz promover o sangue mensal e alimpar a madre o seguinte: duas partes do sumo de artemija e uma de sumo de arruda com uns pós de açúcar, de tudo uma onça até onça e meia para cada vez, morno, em jejum e de tarde, se quiserem, lançando-lhe umas pingas de água ao pisar e também o cozimento acima referido.

sendo em mulher

paralisia ou ramo de ar

17. Esta obstrução é de mais perigo que nenhuma das outras, por estar em membro muito principal, e, como assim seja, se deve tratar dela com todo o cuidado no princípio, se o doente der parte a tempo, e não se despreze, porque, ainda que são perigosas, eu tenho curado muitas e algumas delas já em ruins termos; nem se faça pouco caso dos remédios que aplico na consideração de serem fracos, que, antes, eu lhes chamo muito valentes por estarem no seu natural e obrarem com toda a sua virtude.

Se o doente estiver esquentado, que se fará

1. Muitas vezes acontece, e é mui ordinário nestas obstruções sendo antigas, haver grande calor, e, sucedendo assim, se não dará o vomitório que digo no princípio deste tratado, senão depois que o

tal calor estiver temperado, salvo se houverem bastantes sinais de enchimento de estômago, que, neste caso, se dará e será em diminuta quantidade; e depois dele se temperará o doente se estiver esquentado com grande calor, o que se fará com banhos de água morna em canoa, que fique só a cabeça de fora, no qual banho estará enquanto a água estiver tépida, sendo em tempo quente e estando o sol alto; e não sendo com estas condições, se não devem tomar, e, nesse caso, se refrescará o doente com frangos feitos na forma seguinte: Limpo um franganito de pena e suas entranhas, se porá a cozer em uma panela de barro com folhas de chicória e de almeirão, ou de borragens, em quanto baste de água comum, que ferva e se coza bem para ficar em cinco ou seis onças de cozimento, que o doente tomará morno em jejum todos os dias sem mais coisa alguma; destes frangos usará, até se achar mais temperado e sem os calores que antes deles sentia, os quais me parecem mais convenientes que os banhos; cada um escolherá o que melhor lhe parecer, advertindo que os frangos não só me parecem mais convenientes para temperar e refrigerar os calores, senão também que em menos dias hão de fazer o seu efeito, do que os banhos, porque estes, não sendo tomados em grande número, como de sessenta até cem, não poderão fazer efeito, além de se não poderem tomar em todo o tempo; e, achando-se temperado, ainda que não seja de todo, poderá tomar o vomitório, se antes o não tiver tomado, e, não obrando bem ou havendo sinais que prognostiquem haver ainda enchimento no estômago, poderá tomar segundo e depois continuar com os mais medicamentos desobstruentes pela ordem que fica referida, ou se refrescará com algumas emulsões.

calores em obstruções

banhos de canoa

frangos

o numero de banhos há de ser grande

2. Digo que, ainda que não fique de todo refrescado, se continue a cura, porque, como o corpo está cheio de humores, não será fácil achar-se fresco de todo; e, tanto que o corpo se descarregar e ficar aliviado, terá a natureza aqueles inimigos menos e não terá já quem a oprima tanto, e com os remédios desobstruentes se desobstruirão as vias e canais para o sangue e mais líquidos se circularem melhor e, conseqüentemente, melhorará dos calores, como se verá na obstrução de Domingos Francisco de Oliveira que adiante escreverei; e não se use de soros em corpos cheios de humores, porque nada hão de obrar, como tenho visto e pelas razões acima apontadas.

causa por que os calores se não podem acabar de tirar com remédios frescos

3. Segundo as observações que tenho feito, assim nos meus doentes, como nos dos mais professores, médicos e cirurgiões, tenho achado com toda a certeza ser mais conveniente dar aos doentes os medicamentos preparantes e desobstruentes simples, quero dizer, sem nada purgativo, por discurso de seis dias, pouco mais ou menos, e, depois dos seis dias, tomar a purga, tornar a preparar outros seis dias e tornar a purgar, e assim enquanto for necessário, porque os preparantes ou desobstruentes preparam e desobstruem, ou abrandam os humores que estão duros e coagulados na obstrução e abrem os caminhos, vias ou canais para os purgantes acharem os caminhos abertos e os humores brandos, para melhor fazerem o seu efeito e lançá-los fora com menos moléstia e mais alívio do enfermo, porque, deste modo, são as curas de menos duração; o que não pode suceder misturando purgantes com os preparantes, porque obram muito pouco na doença, a meu parecer, salvo melhor juízo, e também porque os preparantes, misturados com purgantes, estes agravam e dão fadiga à natureza, pelos humores de que se formam as obstruções serem crassos e viscosos e por estarem infiltrados, coagulados e endurecidos, não podem os purgantes fazerem a sua operação; e, demais que, quem aplica os preparantes com purgantes, alguns lhe mandam ajuntar diagrídio para esporear os purgantes e, por força

dele, é que os doentes fazem boa obra por curso, mas não na enfermidade, porque é fazê-los obrar por força; e, nesta forma, são eternas as curas, o que assim tenho visto fazer a médicos e cirurgiões, e não faltará nestas Minas quem tenha notícia, com toda a certeza, de serem estas curas de anos; e, pelo contrário, também há de haver alguém ainda vivo que tenha notícia, ou que tenha experimentado em si mesmo o contrário, tomando medicamentos pelo meu método, o que mais claramente se verá nas observações, onde nomearei alguns doentes, os quais servirão de testemunhas, se vivos forem; aliás, vizinhos ou parentes.

causa por que algumas curas são eternas

4. Digo o que tenho visto e o que entendo para bem dos enfermos, e não obrigo, nem violento o querer alheio; suposto isto, passo a tratar das observações desta obstrução no capítulo seguinte.

Capítulo III

De observações em obstruções do figado

Observação I

Do capitão Manuel Dias Leite

1. A primeira observação que fiz foi na Vila Real do Sabará, em o capitão Manuel Dias Leite, o qual me chamou para o curar de uma obstrução que tinha no fígado, não grande, e, seguindo o método curativo que atrás fica referido, ficou quase são, e como não tinha queixa que lhe desse moléstia, não quis mais cura, sem embargo que eu lhe dizia não estava são, por lhe achar ainda alguma dureza; passados tempos, tornou a crescer a obstrução, como assim havia de suceder; chamou médico para lhe assistir, mas não sei em que estado estava a obstrução, nem sei que remédios tomou; sei, sim, que lhe cresceu, de sorte que, ouvindo dizer que estava perigoso, o fui ver de curioso, e o achei meio assentado e meio deitado para poder tomar a respiração, que de outra sorte se sufocava; e assim

esteve algum tempo, até que, da mesma sorte, veio a morrer hidrópico, sufocando-se-lhe a respiração pela compressão que o fígado fez ao bofe com a sua inflamação ou inchação e falando claramente em seu juízo perfeito até o último instante, com o corpo bastantemente inchado, principalmente o ventre, sem que o dito médico que lhe assistia lhe pudesse valer. E desta mesma sorte morrem todos aqueles que se não curam no princípio até ficarem sãos ou aqueles a quem se não aplicam os remédios mais genuínos a seu tempo.

Observação II

Do sargento-mor Gaspar de Brito Soares

1. No ano de 1719 me mandou chamar o coronel Francisco do Amaral Coutinho para ver ao dito sargento-mor Gaspar de Brito Soares, seu cunhado, morador em Ribeirão Abaixo, na freguesia de Bom Jesus do Furquim, e, por longe donde eu morava, pernoitei em casa do dito enfermo para o apalpar pela manhã em jejum, por me dizer cansava muito quando andava e tinha a respiração cansada, de sorte que, quando subia alguma subida, lhe era preciso parar e descansar; e, apalpando-o, lhe achei uma grande obstrução no fígado.

2. Depois de o ver, lhe perguntei em presença do dito coronel, seu cunhado, se queria lhe falasse a verdade do que entendia, à vista do que lhe disse tinha uma grande obstrução no fígado, membro muito principal, e que, se lhe não acudisse logo, mudando-se para a Vila do Carmo ou para a do Ouro Preto, onde havia médicos, corria a sua vida grande perigo de morrer hidrópico, como tinha visto morrer a outros nas Minas, e que, naquela paragem que era o seu engenho, chamado da Barra, mui distante, se não podia curar como convinha, por ficar longe de todo o necessário; ao que respondeu não podia mudar-se, porque lhe ficava a sua fazenda ao desamparo; entre outras razões me despedi, dizendo lhe não podia assistir.

3. Passado algum tempo, como viu que as queixas iam em crescimento, como sem dúvida haviam de ir, mandou chamar um médico de boa nota, o qual lhe deu uns pós para ir tomando em sua casa, dizendo que eram específicos, os quais tomou sem efeito algum; daí a duas semanas, pouco mais ou menos, mandou chamar a um cirurgião, o qual lhe disse que a sua doença não tinha perigo, e, dizendo-lhe o enfermo que eu lhe tinha dado o prognóstico de morte, respondeu que fosse para a Vila do Carmo, que ele lhe prometia assistir-lhe e restituí-lo a sua casa são, fazendo-lhe companhia e passando pela minha, por morar em caminho, para saber se morrera ou estava são.

4. Passados poucos dias com o bom prognóstico, se resolveu ir para a dita vila, e, indo eu dela para minha casa, o encontrei em companhia do sargento-mor José Cardoso Homem e do capitão Francisco do Rego Barros, aonde me apeei para lhe falar e ver o estado em que ia, o qual vi meio assentado e meio deitado em uma rede em que ia, que assim lhe era preciso para poder tomar a respiração, e, dando-me algumas palavras, vi que as não podia pronunciar sem grandes faltas e que se estava sufocando; dei-lhe algumas de consolação e que, já que não tratara da saúde do corpo a tempo, tratasse da saúde da alma e do seu testamento, enquanto Deus lho dava. Chegou à dita vila de noite, porque recomendei aos ditos dois companheiros não permitissem que o doente apanhasse sol no caminho, porque tinha grande perigo com ele de morrer sufocado dentro da rede em que ia, sem ninguém saber da tal morte; chegou na dita noite à dita vila, onde morreu sufocado daí a vinte dias, pouco mais ou menos.

Observação III

De uma obstrução no figado em André Rodrigues Lima

1. No ano de 1722 veio a esta minha fazenda de São Miguel do Bom Retiro de Itacolomi, freguesia da Vila do Carmo, André Rodrigues Lima, morador no arraial da Passagem, freguesia da mesma vila, a pedir-me o curasse, e, pernoitando em minha casa, lhe apalpei o ventre em jejum e lhe achei uma obstrução no fígado

muito grande, que lhe causava bastante cansaço quando andava, e tinha o rosto desfeito e as maxilas, ou maçãs dele, vermelhas mais do natural, os pés inchados pela parte de cima e os tornozelos alguma coisa; à vista de tantas e tão grandes queixas, estava desconfiado de remédio, mas como sabia que eu tinha curado alguns achaques a que outros professores não tinham dado remédio, me pediu que - pois tinha muita experiência das Minas - lhe acudisse e valesse em tão grande aflição; e dizendo-lhe que tinha a minha lavra a que acudir, lhe não podia fazer assistência, que chamasse médico ou outro cirurgião, que não faltavam nas duas vilas vizinhas, a do Carmo e a do Ouro Preto, além de outros arraiais, onde não faltava quem lhe assistisse melhor do que eu, por lhe ficarem todos mais vizinhos e eu lhe ficava distante duas léguas e meia; ao que respondeu que ele viria em pessoa, a cavalo, se pudesse, ou em rede, a minha casa, ou mandaria informação para lhe ordenar o que havia de fazer; e que, quando eu pudesse ir vê-lo algum dia, seria grande favor além da satisfação, e, quando não pudesse ou não tivesse algum negócio para aquela parte, teria paciência só com as informações, e que assim se contentava. À vista disto, lhe ordenei fosse para sua casa e tomasse um vomitório de tártaro emético e depois disto me avisasse da obra, e como obrou bem, lhe mandei um frasco cheio do remédio desobstruente, na forma que fica dito, e, depois de acabado o dito frasco, lhe ordenei tomasse uma purga de pós cornaquinos verdadeiros de uma oitava de peso, para que, se tivesse algumas cruezas ainda no estômago, as alimpasse, para que os mais remédios que havia de tomar daí por diante obrassem melhor; o que assim sucedeu, porque obrou por uma e outra via admiravelmente.

2. Depois que me deu este aviso, lhe mandei outro frasco de medicamento desobstruente, e, depois que o acabou, o mandei purgar com uma oitava de resina de batata e, finalmente, assim foi tomando daí por diante medicamentos desobstruentes e purgas de resina em menos quantidade, recomendando-lhe muito a cautela no uso venéreo e mais coisas prejudiciais, e que, no tempo que tomasse o medicamento desobstruente, fizesse exercício moderado, com que sarou radicalmente, e, até o dia de hoje, que vão perto de

dez anos, nunca mais se queixou da tal enfermidade, como ele mesmo dirá, pois ainda é vivo e morador ainda no mesmo arraial.

3. Em escravos meus tenho curado algumas destas obstruções pelo mesmo modo, e sempre sararam, como também a outros pretos e brancos para quem fui chamado, que, por haver muitos anos, me não lembram os nomes.

Observação de umas câmeras contínuas que não obedeceram senão depois que lhe curei uma obstrução que tinha no figado

4. No ano de 1720 fui chamado para curar um bom escravo de Miguel Dias de Sousa, morador nas Lavras Novas, distrito da Vila do Ouro Preto, o qual tinha umas câmeras contínuas, de dia e de noite, havia perto de um ano, e, dizendo-me o dito seu senhor que tinha gasto muito com boticas, médicos e cirurgiões, e até remédios de curiosos, sem terem os tais cursos diminuição alguma, lhe respondi que não aplicava remédio sem lhe apalpar o ventre no outro dia, estando em jejum, para ver se tinha alguma obstrução, como presumia, por ter visto em outras ocasiões cursos e algumas outras doenças que não sararam, senão ao depois que se lhe curavam obstruções que tinham; e, com efeito, me não enganei, porque, apalpando-o no outro dia, lhe achei uma obstrução no fígado e levando-o para minha casa por ficar distante da sua e me pedir que, já que eu lhe conhecia a causa da doença, lhe havia de fazer mercê curá-lo, porque seria mais fácil a mim que a quem não tivesse experiência ou conhecimento da tal causa.

Foi, com efeito, e, curando-o na forma que fica referida, dando-lhe, por fim, algumas purgas de ruibarbo e, ultimamente, os pós de poalha, ou por outro nome pacacoanha, uma só vez, como se diz no tratado sétimo, cap. 17, núm. 7, sarou radicalmente, sem nunca mais lhe tornarem os tais cursos; e é de advertir que estava já resolvido a mandá-lo curar ao Rio de Janeiro, por lhe dizerem que nas Minas não havia de sarar.

Notícia de vários enfermos que perderam a vida por causa da mesma obstrução

1. Na Vila Real do Sabará morreu um guarda-mor de datas de terras minerais hidrópico de uma obstrução no fígado, sufocado da respiração. Na dita vila, onde chamam o Arraial Velho, morreu um vendilhão, ou taverneiro, por nome João Pereira, de uma obstrução no fígado, hidrópico e sufocado da respiração. No rio de São Francisco morreu Pascoal Ferreira Ferro, hidrópico de uma obstrução no fígado e sufocado da respiração. Na Vila do Carmo morreu um homem chamado Brás Martins da mesma enfermidade. Na dita Vila do Sabará morreram mais dois homens da mesma enfermidade e do mesmo modo. No distrito da Vila do Ouro Preto, no arraial chamado o Corgo Seco, morreu um clérigo de tal enfermidade e do mesmo modo. Em Ribeirão Abaixo, distrito da Vila do Carmo, morreu Agostinho Monteiro da mesma enfermidade. No dito Ribeirão Abaixo morreu um homem de estimação, da mesma enfermidade.

2. Por não parecer ladainha e por não enfadar aos leitores, não aponto mais; estes bastarão para se saber que é mui freqüente esta enfermidade nestas Minas, e, à vista das observações que ficam referidas, poderão ter remédio, acudindo-lhes a tempo, antes que a obstrução do fígado se faça grande e passe à hidropisia, porque, ao depois, o seu remédio será a sepultura.

3. Ainda que para algumas pessoas pareça indecência o que agora direi, para outras que se quiserem aproveitar será de grande utilidade, e, por isso e não por outro motivo (que só Deus é verdadeira testemunha do meu zelo para com o próximo), digo que a maior parte destas obstruções procederam de beberem aguardente de cana continuadamente e com excesso, pois desta bebida continuada se formam, e, depois delas formadas, passam a hidropisias, e destas se segue a morte. E os que a não continuam com excesso não experimentam obstruções, sendo trabalhadores, mas nunca terão boas cores, nem boa vontade de comer e experimentarão muita secura; e, quanto mais bebem dela, mais sede experimentam, porque parece que uma está chamando pela outra, principalmente os que estão já tão casados com ela que, ou ela há de estar em casa ou eles; e o pior é que dizem os afeiçoados

a ela que é maravilhosa para todos os achaques, dizendo dela milagres, porque a não podem largar; e se algum o faz, ou por vergonha de se ver desprezado ou porque se acaba de persuadir que é tão prejudicial à vida, à saúde e à bolsa, vendo morrer a tantos, a outros com o juízo perdido e a outros pobres logo tornam ao tal vício, até que, ultimamente, perdem a vida, depois de ficarem pobres.

4. Se me fora lícito nomear a muitos que hoje vivem, assim como falei em alguns que já faleceram, acabariam todos de se desenganarem do que é esta bebida, e, ainda que alguns têm notícia e conhecimento de algumas pessoas que perderam a vida por respeito dela, nem por isso se desenganam, assim como os viciosos de outros vícios, ainda que se vejam a espelhos muitos claros. Queira Deus acabem de conhecer que, não só estraga a saúde e tira a vida, senão também o crédito e a fazenda, ficando trêmulos de mãos, pés e cabeça, descorados, e outras muitas misérias, enquanto não acabam.

razões da ponderação

5. Os escravos não podem ter número, porque, como todos são os que a bebem, são infinitos os que morrem sem que seus senhores saibam a causa, sendo que não morrem por outra. Falo como testemunha de vista, e como tal advirto aos senhores deles que, quando algum lhe adoecer, examinem bem se será procedido da tal bebida, para que se lhe não faça a cura errada e morra sem sacramentos, que será o pior, sobretudo.

Capítulo IV

Da obstrução do baço e do mesentério, seus sinais e sua cura

1. A obstrução do baço se conhece estando o doente em jejum, e, deitado de costas com os pés encolhidos, se lhe carregará com os

dedos brandamente da parte esquerda naquele vão que medeia entre o estômago e as costelas mendosas, junto às ditas costelas, inclinando para a dita parte esquerda; e, se naquela parte se achar dureza e dor, será certo estar o baço obstruído, ou mais, ou menos.

obstrução cirrosa

2. A obstrução do mesentério se conhece estando o doente em jejum e, posto na dita forma, se lhe carregará com os dedos brandamente em cima do embigo e sua circunferência, carregando mais e menos, mandando que o doente tome a respiração em si, nem muito, nem pouco, em forma que a dita parte fique branda e não dura, porque, desta sorte, se perceberá melhor com os dedos se tem dureza e se é grande ou pequena; e também se verá se naquela parte tem alguma palpitação fora do natural, porque a natural é a mesma que tem as artérias nas mais partes do corpo, e a preternatural é indício certo de haver obstrução na artéria celíaca e seus ramos, e nas veias meseraicas ou mesentéricas; e, segundo a maior ou menor palpitação fora do natural, com a maior ou menor dureza, ou no mesmo embigo e sua circunferência, ou para alguma parte dele, assim será a obstrução maior ou menor.

3. Nota. Que a maior ou menor palpitação não é tanto perigosa, como a maior dureza, principalmente sendo a dureza sem dor, carregando-lhe que, se assim for, se pode reputar por obstrução cirrosa, como também na do fígado ou na do embigo, ou em algum lado dele, e, como tal, dificultosa de curar, por não ser fácil obedecer aos remédios e por estarem os humores muito coagulados, duros, frios e inobedientes aos remédios, que pelo tempo adiante vêm a matar ao enfermo, principalmente não obedecendo nada, mas, antes, indo a mais; sendo assim, ainda que se entenda é perigosa e que não obedecerá, sempre se lhe devem aplicar os remédios, recomendando muito que faça o exercício que puder e trate da obstrução com mais cuidado, antes que as vias ou canais se obstruam de todo e, de todo, pare a circulação do sangue e mais líquidos naquela parte e lhe comece a inchar todo o ventre e os pés; pois, tanto que se põem nestes termos, não podem os doentes fazer

nenhum exercício, nem os remédios obram nada, por acharem os canais impedidos, por cuja causa vêm a morrer, como tenho visto morrer muitos, de que apontarei algumas observações.

o exercício é a melhor âncora para salvar os obstrutos

Capítulo V

De como se deve curar a obstrução do baço e do mesentério

1. Conhecidas estas obstruções pelos sinais que ficam apontados, se curarão não do mesmo modo que a do fígado, mas com a diferença seguinte: o cozimento desobstruente se fará das mesmas raízes que ficam ditas, acrescentando-se mais da raiz de capeba, sem receio, porque nestas obstruções não podemos temer que a tal raiz, por quente, faça calor ou esquente o enfermo, como na do fígado; além disto, o cozimento se poderá purificar ao fogo com mel de pau ou lançado todas as vezes que o doente tomar a mezinha depois de quente, lançando-lhe duas ou três colheres em cada porção, que será de seis onças, mexendo com uma colher muito bem, e se tome quente, duas vezes ao dia, em jejum e antes do sol posto um bom pedaço. Este dito mel se lançará em lugar de açúcar, pois nestas obstruções lhe leva muito grande vantagem; e, em falta dele, servirá o de Portugal, sendo do melhor, tomando primeiro que tudo os vomitórios que forem necessários.

2. Os vomitórios de tártaro se devem aplicar nestas obstruções assim e da mesma forma que tenho dito na do fígado, e alguns mais interpolados no meio dos desobstruentes, havendo alguns sinais, ainda que poucos, de haver enchimento no estômago, porque nunca os obstrutos fazem bons cozimentos; e, no mais, se observará o mesmo método em preparar e purgar como fica referido, com tal condição que as purgas devem ser mais fortes e mais próprias para arrancar os humores frios de que estas se formam, como são as de resina de batata e de pós cornaquinos verdadeiros, as quais se

darão em mais ou menos quantidade, respeitando o humor que estiver preparado, a idade do enfermo, o temperamento dele, as forças e a necessidade ou grandeza do mal, que a tudo se deve atender com muita aplicação e cuidado.

purgas na obstrução do baço devem ser mais fortes que na do fígado

3. A maior quantidade a que se pode estender o peso das purgas de resina é uma oitava, e também se podem dar de meia e de três quartos, quando o doente estiver com poucos dias desobstruente; as de pós cornaquinos se devem procurar que sejam dos verdadeiros, e o peso a que se pode estender é de uma oitava até oitava e meia; e são estas purgas maravilhosas em todas as obstruções.

peso das purgas de resina e de pós cornaquinos

4. Nota. Que algumas vezes acontece, principalmente sendo estas obstruções antigas, esquentarem-se os doentes, como é terem alguma febre e tanto calor nas costas que, dizem eles, podem assar ovos nelas, e com ânsia no ventre; ao que muitos professores tenho visto aplicar soros de leite, frangos, tisanas *etc.*, parecendo-lhes que estes calores provêm de causa quente; e, na minha opinião, é engano, porque não procedem senão da mesma causa fria de que procedem as obstruções, e a razão é por estarem os canais obstrutos e não ter passagem livre, assim, a circulação do sangue, como as dos mais líquidos; e daqui se levantam vapores, que causam a dita febre e os ditos calores que tanto afligem alguns enfermos, e, por estarem estagnados e encrassados os humores frios naqueles vasos de que procedem os tais calores preternaturais, estes se desvanecem não com os ditos soros, frangos ou tisanas, que estes acrescentarão mais causa pela natureza fria e úmida de que constam, mas sim se remediarão com os desobstruentes que ficam referidos, e, logo, com purga de resina, para diminuir a maior carga de humores que são a causa, porque, diminuída ela, já o doente ficará com mais alívio, como a mim me tem sucedido e adiante mostrarei nas observações; e, se alguém

tiver receio de purgar neste caso e quiser temperar o doente, sendo os calores demasiados, o poderá fazer com os frangos que ficam ditos na obstrução do fígado, ou com algumas emulsões, e, de nenhum modo, com soros de leite, ainda que sejam medicados, nem com tisanas ou banhos de canoa, ou de água corrente, de que muitos têm usado com pouco ou nenhum fruto, pois, desta sorte, estarão a curar as obstruções um ano e dois, e sem nunca sararem.

engano de calores

frangos e emulsões

um ano e dois, sem nunca sararem

5. Se o doente tomar os ditos frangos, advirto que não sejam continuados por muito tempo, salvo se for de natureza seca, que, neste caso, os continuará por mais algum, para se temperar e umedecer, que em naturezas ressecadas é preciso, e, depois que se achar mais temperado e úmido, então se purgará com a dita purga de resina em diminuta quantidade, para não fatigar ao enfermo; e, descansando um ou dois dias, se continuarão os desobstruentes, ou se purgará com meia oitava de pós cornaquinos verdadeiros, ou *ad summum* três quartos, e assim se irá prosseguindo a cura, como tenho dito; e também se poderá umedecer e nutrir com leite bebido, assim que sair do animal, sendo vaca, cabra ou burra.

natureza seca ou ressecada

6. Depois que o doente estiver purgado uma ou duas vezes, poderá beber de ordinário água cozida com raízes de capeba, que, por ser amargosa, não será muito cozida a primeira; e, depois que já estiver costumado a bebê-la, se cozerá mais, de sorte que fique alambreada, e, ainda que o doente a ache amargosa, tenha paciência, pela grande utilidade que se lhe segue, e não a beba com açúcar, se de algum modo puder passar sem ele, porque logo se acostumará, pois com ele sera de menos proveito.

água de raiz de capeba para beber de ordinário

7. Se a obstrução for grande, ou o doente quiser sarar mais brevemente, pode lançar na água de capeba, quando a quiser beber, cinco ou seis pingas de espírito de ferrugem, ou de cocleária para cada vez, pois é singular descoagulante, ou, em sua falta, as ditas pingas de tintura Martis, que, sendo a dita água de capeba admirável para ver circular o sangue e mais líquidos, podendo o doente bebê-la com o dito espírito, será um grande remédio desobstruente; e não havendo a raiz de capeba por não ser parte aonde a haja, poderá o doente beber água cozida com raízes de sapé, um molho para cada um dos cozimentos, e, na falta desta, será cozida com raízes de espargos e grama com algum dos ditos espíritos; mas a de capeba leva a palma a todas e depois dela a de sapé, e muito mais por estarem no seu natural.

espírito de ferrugem e tintura martis

8. Estando o doente já purgado uma ou duas vezes, poderá usar da fomentação que fica dita na obstrução do fígado, acrescentando-lhe meia cabeça de alho ou alguns dentes, conforme forem as mais coisas; e, feito o ungüento, se fomentará a obstrução do baço ou do mesentério, todos os dias à noite, pondo-lhe por cima uma folha de capeba passada pelo fogo, ou de papel; e se a dureza for grande, será melhor que tudo um pedaço de baço de boi ou de vaca, rachado ao meio e posto quente ao fogo; e, se for aonde não haja o picão, se faça o ungüento com as mais coisas de cebolas brancas, banha de porco, alhos, que agora acrescento, e alguns dos óleos que ficam ditos na dita obstrução, ou, em sua falta, com azeite doce, que o tal ungüento é o de que comumente tenho usado com admirável sucesso; porque, ao compasso que os desobstruentes e purgas vão obrando, vai esta fomentação desfazendo a dureza e a palpitação, sendo no embigo; e, nos dias em que tomar os desobstruentes, tomará ajudas purgativas das que ficam ditas no volume 1, página 253, todos os dias à noite, ou ao menos um dia e outro não.

fomentação

ajudas purgativas

9. No tempo que o doente tomar os desobstruentes, fará bom exercício, não sendo, porém, com demasia, mas sempre será maior o desta obstrução que o da do fígado; e advirtam todos que se não cansem, nem gastem o tempo ou dinheiro em quererem curar obstruções, sejam em qualquer parte que forem, sem o doente fazer exercício, pois faz os proveitos que se diz e outros muitos, ou use da receita na miscelânea.

não se gaste tempo, nem dinheiro em curar obstruções sem exercício

10. Achando-se o doente já sem queixa alguma, se o cirurgião achar que tem ainda alguma relíquia das queixas, se não empenhará a discutir todas as ditas relíquias, salvo se o doente as quiser acabar de extinguir, porque, no caso que não queira ou não possa, a natureza as poderá acabar de consumir, sendo, porém, ajudada de bom regimento e exercício, e bebendo água, de ordinário cozida com raiz de capeba ou, por outro nome no Rio de Janeiro, pariparoba, que, desta sorte, poderão esperar com bom fundamento que as relíquias se acabem e fique o doente seguro; e podem beber a tal água pelo tempo que quiserem, ainda que seja sem regimento, tomando algumas ajudas por dias interpolados, para que a natureza se vá costumando ao natural.

11. Eu conheci um homem, morador no Sabará, por nome Manuel Gomes Soares, e por apelido o Paciência, que, indo eu a sua casa, pedi água para beber, e, trazendo o portador um copo dela alambreada, lhe disse seu senhor fosse buscar outra, que aquela era particularmente sua; e disse então que aquela água era cozida com raízes de capeba e que a ela devia grandes obrigações, porque, curando-o o licenciado João da Rosa, húngaro, de uma obstrução e de uma oftalmia mui grande em ambos os olhos, lhe aconselhara, por fim, que fosse bebendo daquela água o mais tempo que pudesse, para ficar de todo são; e que havia já dois anos que a bebia, pela grande afeição com que lhe ficara e que nunca bebera de outra, e por isto o vi disposto, gordo e bem rosado.

exemplo

12. Depois que o doente acabar de tomar os medicamentos, observará os preceitos seguintes, por espaço de dois meses ou ao menos por cinqüenta dias, bebendo sempre a dita água: não molhará o corpo, nem trará os pés úmidos, nem enxugará camisa no corpo por nenhum caso, se a suar, que não será mau, tirando-a logo; não comerá coisas crassas ou de ruim digestão, nem coisa frias e úmidas, nem frutos ou frutas da terra, salvo, por necessidade, alguma banana de São Tomé assada; fuja de andar em jejum e de mulher, porque lhe fará gravíssimos danos.

preceitos que devem guardar inviolavelmente os enfermos desta enfermidade

13. Por este modo curativo se dará fim a estas curas em dois até três meses, e, quando a causa seja muito antiga ou as obstruções sejam muito grandes, tendo o doente bom regimento, poderão chegar quando muito a quatro, e não a um ano e a dois, como tenho visto a bons professores; mas estes usam de desobstruentes misturados com purgantes e eu nunca tal usei, nem usarei, nem aconselho tal se use, porque os desobstruentes purgativos agravam sendo fortes e, sendo brandos, ainda que causem menos gravação, também não têm fortaleza para fazerem destacar os humores de que elas se formam, por serem de sua natureza pegajosos e frios; e muito mais não sendo com boa preparação neles, o que digo pela experiência assim me ter ensinado, pois, aonde esta fala, emudecem todas as autoridades; e, demais, que os autores que até agora escreveram não sabiam deste clima das Minas, nem esta matéria de obstruções se acha muito adiantada neles.

tempo que poderá levar esta cura

um ano e dois

aonde fala a experiência, emudecem as autoridades

14. Do que tenho visto e observado nelas, apontarei algumas observações para melhor clareza e luz dos principiantes, quanto o tempo mo permitir, ainda que falto deste e do mais que em si têm os escritores, o que tudo a mim me falta; e não sou de parecer se use pílulas de aço, por ter visto delas ruins sucessos a alguns, e a outros muito pouco proveito, ainda que o aço seja bem preparado, nem tal remédio usei nunca, por saber que os que ficam referidos são mais seguros.

Advertência muito necessária

1. Antes que dê princípio às observações, quero advertir que, das raízes de capeba de que falo é da verdadeira, e desta há grande cópia em Ribeirão Abaixo, comarca da Vila do Carmo, no Gama, na Guarapiranga e em toda a comarca da Vila Real do Sabará, e em algumas partes mais, e é tão singular esta raiz que tem as virtudes seguintes:

2. Não sei que haja raiz mais desobstruente, nem mais vulnerária, nem que mais promova a circulação do sangue e mais líquidos, nem que mais purifique os humores, liquidando-os e desfazendo apostemas internos; e, sendo cozida com um bocado de raiz de butua, ainda melhor os desfará, que também há nestas Minas grande abundância, e a mais preta é a melhor, por cuja causa é admirável bebida nas quedas, por grandes que sejam, e desfaz também os inchaços ou contusões por fora do corpo, sendo fomentados por algum espaço de tempo com água bem quente deste cozimento, com uma pouca de aguardente do Reino, e pondo-lhe panos molhados as vezes necessárias, que tudo isto me tem ensinado a experiência que dela tenho e das mais ervas e raízes de que falo neste volume. As folhas têm diferente virtude, porque são adstringentes e se dá o seu sumo com grande aproveitamento aos que deitam sangue pela boca, adoçado com uns pós de açúcar em pouca quantidade.

desfaz apostemas internos infalivelmente, estando no princípio

também desfaz apostemas externos e contusões

sangue pela boca

3. Vejam agora os que costumam receitar para as boticas tudo quanto lhes é necessário para curar os seus doentes, sem atenderem a gastos, principalmente dos pobres, e muitas vezes baldados, com quanta maior razão e virtude obrarão os que estão no seu clima e natural com toda a sua força e vigor? Se obrarão melhor estes ou os que vêm das boticas de Portugal, passando a linha, onde tudo degenera, depois às boticas dos povoados desta América e delas as destas Minas, onde, em umas e outras, estarão anos e anos? Julguem os afeiçoados destes e pouco curiosos dos outros, quanta diferença irá, se será como de vivo a pintado; nem estes poderão negar que há muitos remédios, assim vegetáveis, como raízes, minerais e animais, a quem nosso Senhor deu virtudes excelentes (umas, que já descobriram, outras, que se vão descobrindo e se descobrirão ainda) para remédio de muitas enfermidades que eram trabalhosas de curar e hoje fáceis, como se não pode negar e se verá em muitas partes deste volume.

4. Advirto mais que, se houver algum enfermo desobstrução que não possa tomar, ou por medo ou por fraqueza, alguma das purgas de resina ou de pós cornaquinos, poderá tomar alguma mais branda, interpolada, como são os trociscos de *Fioravanto*, na forma que fica dito na obstrução do fígado, ou outra semelhante, como a cada um lhe parecer melhor; mas sempre devem propender para as que ficam ditas, se quiserem sarar mais breve e seguramente, porque só os medicamentos vigorosos arrancam e lançam fora maravilhosamente os humores frios às postas, que metem medo, e os brandos não têm fortaleza que façam isto, ainda que se esporeiem com diagrídio, que, na minha opinião, não é o melhor. O contrário disto é engano e diga cada um o que quiser.

se por medo ou por fraqueza não puder tomar purgas fortes, tomará trociscos de fioravanto

as purgas fortes lançam os humores frios às postas

5. Pelo modo que fica referido, tenho curado infinitas obstruções sempre com bom sucesso, e também tenho curado bastantes no baço e no mesentério com os remédios seguintes; mas era em escravos ou homens robustos.

6. Uma de raiz de capeba, sendo grande, ou duas, sendo pequenas, se cozam em dois frascos de água até ficar em um e meio, para o que se lançará o frasco e meio na vasilha em que há de ferver; estando com as raízes dentro, se lhe meterá um pau e se lhe porá uma marca pela medida da água, e depois se lhe lançará o meio frasco, que há de diminuir, e ferverá até ficar na dita medida, ou menos alguma coisa; estando assim, se tirem as raízes, e, no dito cozimento, se lance uma onça de batata em roda e outra de jalapa, também em roda; tudo pisado que fique grosso, se ponha a ferver em tacho bem limpo, ou panela vidrada, que será melhor, até que se gaste a terça parte; então, se lhe lancem duas oitavas de sene, com que dê uma leve fervura, e, tirado do fogo, se coe e torne a ele a purificar com sete ou oito onças de mel de pau, dando algumas fervuras, e, sendo necessário coado, se coe e guarde para o uso. Estando o cozimento de todo feito, se poderá guardar, e, quando o doente quiser tomar a sua porção, então se poderá lançar até duas colheres do dito mel, estando a dita porção quente para se mexer e beber.

7. Bem sei que quem entender da farmacêutica que há de condenar o mandar ferver a batata e jalapa, por serem resinosas, de que se não pode extrair a resina por este meio, que é a virtude purgativa, mas a mim me parece que, como são simples mucilaginosos, se lhe extrai a tal virtude e será bastante para ficar purgativo, quando se lhe não extrai da resinosa alguma parte; mas o que posso afirmar é que o tenho feito muitas vezes e que faz purgar muito bem, produzindo grandes efeitos, e o vi usar a um médico em muitos enfermos, o qual o tinha em segredo para curar os opilados que eram robustos, e é, sem dúvida, grande remédio, porque leva a água de capeba e o mel de pau, que ambos são grandes desobstruentes; e, no caso que não haja batata, se fará o cozimento com a jalapa e o sene somente.

a virtude mucilaginosa se extrai no cozimento para ficar purgativo

a água de capeba e o mel de pau são grandes desobstruentes

8. Deste remédio se dará ao doente, pela manhã em jejum e de tarde antes do sol posto, de duas onças até três, morno, o que se executará conforme a obra que fizer, porque, se obrar bem, tomará em jejum somente, e, se quiser tomar duas vezes cada dia, será menos quantidade, e assim se continuará até acabar o cozimento; e querendo-se fazer mais, se fará pelo mesmo modo, que, com este remédio, lançará o doente frialdades em grande quantidade; pode andar de pé fazendo seu exercício, mas não se molhará, nem andará por lugares úmidos, e, se suar a camisa, será obrigado a tirá-la logo; beberá de ordinário água cozida com raiz de capeba, e não será muito cozida, porque, tanto esta água como o dito remédio são quentes e não convém que o sejam muito; e, ainda que o doente sinta algum calor, veja se pode passar tomando banhos por baixo, sem largar o tal remédio, pois daí lhe resulta muito proveito; mas não podendo passar, continuando o remédio e bebendo a tal água, largue-a e beba água comum morna, e a outra a poderá beber fria a toda a hora, se a beber.

9. Também tenho curado algumas obstruções destas com urina de menino macho, sendo fresca e não antiga, ou de homem sadio misturada com mel de pau, a saber: três partes de urina e uma de mel, tudo bem misturado e quente se tome pela manhã em jejum e de tarde, em quantidade de três até quatro onças por cada vez, bebendo também água cozida com raiz de capeba, e fazendo exercício e tomando ajudas purgativas, ou todos os dias, ou um dia e outro não, por este remédio não ser purgativo. Estes dois remédios acima são remédios de pobres, ou também se poderá fazer outro de pouco custo, que eu tenho feito muitas vezes com bom sucesso, e é o seguinte: água de raiz de capeba bem cozida se lhe lance, de mel de pau, duas ou três colheres em quatro ou cinco onças do tal cozimento quente, e, mexido, se tome pela ordem

acima; e advirto que todos os doentes que tomarem remédios purgantes, ainda que sejam ajudas, tenham muito cuidado de tomarem seus banhos por baixo, depois que acabarem de purgar, e também todos os que se sentirem com dores de cabeça ou moimento do corpo, por não caírem na grave enfermidade a que chamam corrupção-do-bicho, tão perigosa e tão fácil de curar, como se verá no seu tratado. E o mais a respeito destas obstruções se verá em algumas observações que adiante escreverei, aonde se alcançará alguma doutrina e circunstâncias que atrás não disse. A urina acima há de ser fresca e não de muitas horas.

urina com mel de pau cura opilados

remédios de pobres

a água de capeba com mel de pau cura opilados

quem tomar remédios purgantes, no fim deles tome banhos

Para curar obstruções em mulheres e fazer-lhe vir a sua conjunção, quero escrever as observações seguintes

Observação em uma boa escrava do alferes João Rodrigues Cortez

10. Morava este alferes na Vila Real do Sabará, em o arraial do capitão João de Sousa Neto, e tinha a dita escrava com febre contínua, dores muito grandes no embigo e por todo o ventre, e fastio grande, e estava muito magra e seca; chamou um médico, o qual lhe assistiu e deu variedade de remédios sem proveito e, por fim, lhe aplicou tomasse banhos de água fria em canoa, metendo todo o corpo nela, ficando só a cabeça de fora, para temperar e refrescar aquele grande incêndio de febre e umedecer a secura e magreza que tinha no corpo; e, tendo medo de lhe aplicar os tais banhos, me chamou, e, vendo a doente em jejum, apalpando-lhe o ventre, lhe achei uma obstrução no mesentério muito boa, e alguma no baço, tendo no embigo e sua circunferência uma grande

palpitação; nestes termos, entendi que a febre, as dores, fastio e magreza lhe procediam das tais obstruções, e muito mais me certifiquei, perguntando se lhe vinha a sua conjunção, e, dizendo-me que não, tratei da obstrução dando-lhe um vomitório pequeno, com que obrou bem, e, dando-lhe os desobstruentes e purgas de rom, como fica referido no número 16 deste livro, se lhe extinguiu a febre e todas as mais queixas, ficando inteiramente sã e vindo-lhe a conjunção direitamente. É verdade que, como quando tomou uma purga de meia oitava de rom, pisado de fresco, lhe deram tanta água fria que fez uma obra extraordinária, e estava expirando se a não visito no mesmo dia de manhã e lhe acudo com confortantes ao estômago, de marmelada, vinho e pós de canela, e, pela boca, colheres de caldo-de-galinha temperado com pós de pedra-bazar e umas pingas de vinho; e os emplastos do estômago, estando frios, os renovava, com que se suspendeu a operação e ficou livre de todas as queixas em poucos dias.

Outra observação fiz em uma preta de um sapateiro por nome Hilário Simões, morador na dita vila, no arraial da Igreja Velha, a qual, estando como quem tinha o juízo perdido, com dores insuportáveis por lhe não vir a conjunção, lhe dei um frasco do medicamento desobstruente e uma purga de rom, com o que lhe veio o sangue e ficou sã.

Nesta enferma houve uma grande dúvida, porque, passando um médico, o chamou o senhor da escrava, e a mandava sangrar três ou quatro vezes cada dia, por ver os grandes terremotos que com as dores fazia, e que, se assim o não fizessem, morria; e, chegando eu depois, respondi que, se a sangrassem, teria uma doença dilatada, quando não fosse perigosa, e, se se não sangrasse e se curasse por meu voto, lhe faria vir a conjunção sem sangrias, o que disse por ter experimentado o remédio desobstruente que fica referido em outras muitas enfermas com bom sucesso. E, estando o tal Hilário Simões irresoluto no que faria, se seguiria a minha opinião ou a do médico, se resolveu, em conclusão, em seguir a minha.

Fiz logo um frasco do remédio desobstruente que fica dito na cura das obstruções do fígado no número 4 e, tomando-o pela manhã e tarde, se lhe foram diminuindo as dores e o sangue lhe veio ao terceiro dia; e tanto que se lhe acabou o mênstruo, que não correu muito, passados alguns dias lhe dei uma purga de rom e ficou sã, bebendo ambas estas enfermas água, de ordinário cozida com raízes de capeba, que, para desembaraçar o sangue mensal, tem particular virtude.

Capítulo VI

De observações nas obstruções do baço e do mesentério

Observação I

De uma hidropisia em um religioso de São Francisco, de que escapou milagrosamente, não bebendo água de nenhuma qualidade no discurso de quarenta dias, comendo seco e urinando muito

1. Na Vila Real do Sabará, em casa de Antônio Gomes, marido de uma mulher que cozia pão, moradores no arraial do capitão João de Sousa Neto, estava um religioso de São Francisco por seu hóspede, de idade, pouco mais ou menos, de 25 anos, ao qual não sei por que causa começou a inchar o ventre e a ressecar-se-lhe a câmera, de tal modo que nem com ajudas, nem sem elas podia evacuar coisa alguma. Chamaram-me para o ver e ao licenciado João da Rosa, húngaro, e lhe achamos alguma obstrução no baço e no mesentério, sem embargo que mal se podia perceber pela grande inchação com que estava. Aplicamos-lhe algumas ajudas brandas, por dizer que tinha usado das fortes, e com elas não obrou nada; aplicamos-lhe outras mais fortes, metendo no cozimento folhas de sene e depois azeite-de-mamona, por ser purgativo e laxante, e também óleos de amêndoas doces, com as quais obrava coisa mui pouca, e o que saía eram umas bolinhas redondas, duras e

requeimadas; tomou alguns xaropes laxantes, tomou purgas e apózemos desobstruentes; com tudo isto fazia muito limitada obra por curso e na enfermidade se não via melhora alguma, antes, cada vez, ia crescendo mais a inchação, pela muita água que bebia, ainda que algumas vezes, dizia ele, que a bebia cozida com raiz de capeba, mas o mais do tempo a bebia da fonte, por estar já de todo desconfiado de remédio, não podendo obrar senão com puros gritos, coisa mui limitada e duríssima. Nesta consternação não havia remédio, senão o da morte, no que estava conforme e desenganado, tendo o ventre tão crescido e disforme que, andando de pé muito devagar, parecia um monstro, metendo medo a quem o via; e para se saber cabalmente o que seria esta inchação, desfez o seu cordão, e, pondo-o singelo no ventre, o atava pelas pontas. Neste último aperto, como o dito húngaro lhe não assistia havia muitos tempos, e eu passava todos os dias pela sua porta a ver outros doentes, o via também a ele lastimosamente, ao qual fui aconselhando que ainda tinha um remédio e que era o mais equivalente para aquela enfermidade que quantos tinha o mundo, e que, se o pusesse por obra, poderia nosso Senhor dar-lhe saúde com muitos anos de vida, e rompendo no remédio, que era não beber água pouca, nem muita, por discurso de trinta ou quarenta dias, e que tudo quanto comesse havia de ser assado; respondeu que mais depressa acabaria os dias de sua vida, que bem poucos seriam, ao que acudi, dizendo que o primeiro dia, o segundo e até o terceiro, que experimentaria grande secura e vontade de beber, a qual sempre teve grande, mas que, passado o terceiro, não sentiria a falta de água e urinaria bem, e comeria o comer seco, assim pão, como biscoito, carne, galinha, frango, *etc.*, com boa vontade. Levou-me esta diligência alguns dias para o convencer, dizendo-lhe que, visto estar em tão manifesto perigo, experimentasse o que eu lhe dizia e veria se era certo; ultimamente, ajudado do dono da casa e de outras pessoas, acabei com ele a fazer a tal experiência, recomendando-lhe muito não fraqueasse na tal empresa, e foi caso prodigioso, porque tudo quanto lhe disse experimentou.

cordão franciscano desfeito pelas pontas

2. Nos primeiros dois dias experimentou grande necessidade de água, mas como tinha quem o confortava e vigiava por ordem minha, custou-lhe muito; ao terceiro dia, já lhe custou menos, porque até a este lhe concedi que comesse galinha cozida e bebesse o seu caldo ao jantar somente, e os mais comeres, tudo seco; ao quarto, começou a comer seco, almoço, jantar e ceia, e neste dia já experimentou menos sede, urinando muito bem; ao quinto, já pouco lhe lembrava o beber água; ao sexto, nada. Em um deles começou a cursar e, daí por diante, comendo sempre seco, carne de vaca, galinha, frango e franga com biscoito bem seco, começou a ver melhoras, abaixando-se-lhe o ventre e fazendo melhor exercício, de tal modo que, ao compasso que iam passando os dias, iam as melhoras em aumento, até que, no discurso de quarenta dias, ficou de todo são e com o corpo em sua forma natural; e tanto que eu o vi neste termos, lhe disse que despejasse as Minas, e assim o executou.

Observação II

De uma obstrução no mesentério

1. Na Vila Real do Sabará curei a um molecão de Manuel da Silva Gramacho, no ano de 1712, de uma obstrução no mesentério, não muito grande, mas fazia-o cansar constantemente, porque todo o corpo, ou seus canais, tinha bem obstrutos, o que se manifestava pelos olhos e língua, porque tudo tinha bastantemente branco, por cuja causa não servia bem a seu senhor, sendo que era bom escravo; e, pedindo-me o dito seu senhor que lhe aplicasse algum remédio de pobre, porque lhe era muito necessário para vender a sua hortaliça, de que vivia, e que havia de andar na rua, lhe ordenei bebesse todos os dias da sua própria urina, por não haver outro na casa mais sadio, misturada com mel de pau, duas vezes cada dia, sempre morna, e bebesse água cozida com raiz de capeba e tomasse algumas ajudas purgativas; assim o executou, fazendo exercício, comendo carne assada e farinha seca, com os quais remédios, pelo discurso de dois meses, pouco mais ou menos, veio a sarar sem purga, nem mais coisa alguma, de que o dito seu

senhor, por muitas vezes, me deu o agradecimento de cura tão barata.

2. A outras muitas pessoas curei com este mesmo remédio, de quem me não lembram os nomes, porque se têm passado muitos anos. Do remédio de batata e jalapa que fica dito pudera escrever muitas observações, se me lembrassem também os nomes das pessoas, mas só digo que lhe chamava remédio particular, o qual era buscado de muitas pessoas pela facilidade com que curava; da obra que fazia, do pouco que custava, andando de pé, se admiravam as gentes.

Observação III

De uma obstrução no mesentério e na artéria ilíaca, ou celíaca, em Domingos Francisco de Oliveira

1. No ano de 1729, morando eu nesta minha fazenda de São Miguel do Bom Retiro, de Itacolomi, veio ter comigo Domingos Francisco de Oliveira, morador meu vizinho rio abaixo no seu engenho, e me disse que, havia perto de dois anos, se andava curando de uma obstrução; que, no princípio da cura, chamara um médico e que alguns meses lhe assistira na Vila do Carmo, para onde ele dito se tinha mudado, deixando a sua casa para melhor ser assistido, porque se achava com grandes calores, aonde tomara vários remédios frescos, e que não tivera com eles melhora alguma, antes se achara mais esquentado; e, como era de pouca paciência, se mudara para o arraial da Passagem e chamara outro médico, o qual lhe assistira dois meses, pouco mais ou menos, refrescando-o pelos grandes calores com que se achava e, não sentindo melhoras, chamara uma castelhana curadeira, ou, para melhor dizer, comedeira, com quem ajustara dar-lhe, por cada dia, uma oitava de ouro ficando são, a qual lhe tinha assistido perto de dois meses e não achara melhora alguma com as suas mezinhas, antes com pioras; e, como tinha gasto muito ouro e padecido gravíssimas moléstias, me pediu o curasse e lhe pedisse da cura o que quisesse, pois não queria que outro cirurgião ou médico o curasse mais; ao que respondi que, à vista de tão bons professores lhe

terem assistido por tantos tempos, pouco poderia eu fazer, ou nada; e instando com toda a força, dizendo que não reparava em ouro, lhe disse que viesse no outro dia, em jejum, para o apalpar, e que veríamos o estado em que estava a obstrução, e, se na minha mão estivesse o remédio, lho daria.

2. Veio no segundo dia e lhe achei uma grande obstrução no mesentério e com grande palpitação nas suas veias e na artéria ilíaca, e também tinha alguma obstrução no baço, e me disse tinha tão grandes calores pelos lombos que bem podia neles assar ovos, tendo também alguma febre; e dizendo-lhe a enfermidade que tinha, me disse que, ficando são, daria uma libra de ouro, ou, por outro nome, um arrátel, ao que não pus dúvida, sendo os medicamentos da botica e os mais que eu não tivesse, à sua custa, no que ficamos ajustados e entrei a curá-lo na forma seguinte:

3. Não fazendo caso dos calores, lhe dei um vomitório de tártaro emético de seis grãos de peso, com que fez muito boa operação, por uma e por outra via; e, descansando um dia, começou a tomar o medicamento desobstruente que fica dito na cura destas obstruções; e, depois que tomou um frasco dele, lhe dei uma purga solutiva de resina de batata com uma oitava de peso, por estar com forças e em boa idade, com a qual fez uma copiosa obra; e, descansando dois dias, se achou com menos calores, por estar a natureza com menos carga de humores, os quais calores eram a maior queixa que o atormentava; e, por isso, eu dizia que estes tais se não curavam com leites, banhos ou tisanas, mas sim com preparar os humores e lançá-los fora, pois são a causa material dos tais calores preternaturais. No fim dos ditos dois dias tornou a continuar outro frasco do medicamento desobstruente, que cada um lhe durava seis dias, e no fim dele o tornei a purgar com outro vomitório do mesmo tártaro, por ter sinais de ter algum enchimento ainda no estômago, com que fez boa obra e ficou com melhoras nos calores, que antecedentemente experimentava; e, descansando dois dias, tornou a tomar meio frasco do medicamento desobstruente, e, acabado, o purguei com três quartos de peso de resina, com que fez boa obra; e, depois disto, o mandei descansar

alguns dias para lhe ver a obstrução em jejum, a qual achei muito diminuída, com menos dureza e menos palpitação. Foi continuando do mesmo modo, desobstruindo e purgando, com o que ia passando com grandes alívios, advertindo que, depois que tomou o primeiro vomitório e deu princípio a tomar os primeiros desobstruentes, lhe mandei beber água pouco cozida com raiz de capeba; e, depois que tomou a segunda purga de resina e se achou melhor dos calores e mais descarregado do corpo, lhe ordenei mandasse cozer a água de capeba mais e lhe fiz em minha casa a fomentação que fica referida, para ele usar dela em sua casa, fomentando o embigo e sua circunferência e a região do baço, todos os dias à noite, com ela quente; e lhe ordenei mais que, no tempo que tomasse os desobstruentes, tomasse também ajudas purgativas, um dia e outro não.

calores se não curavam com leites, banhos, frangos ou tisanas

4. Na dita forma foi continuando com gosto de ambos e admiração de muitos, por ele publicar as muitas melhoras que tinha alcançado; e, imaginando eu que o tinha quase são, me mandou chamar um dia, dizendo que lhe fosse acudir, porque estava para morrer, ao que respondi por um escrito que, visto fazer desmanchos, o não curava mais, e, tornando a repetir o aviso dizendo estava com o corpo todo inchado e que, sem dúvida, morria se lhe não acudisse, fui vê-lo e o achei inchado desde a cara até os pés, de tal modo que a camisa lhe não chegava no pescoço, o peito fazia cova onde se lhe carregava com o dedo, o ventre bem crescido, a bolsa dos testículos bastantemente inchada e luzente e, finalmente, as pernas e os pés muito bem inchados, cedendo ao tato, ou fazendo cova, carregando-lhe; andava de pé, mas mui devagar, porque a bolsa dos testículos lho impedia, andando com as pernas abertas; o peso que sentia em todo o corpo e o susto com que estava lhe faziam a enfermidade maior e mais perigosa; e, sem embargo que nunca quis confessar a desordem que fizera, fiquei certo em que tinha feito desmancho grande e com excesso.

inchação de todo o corpo e bolsa dos testículos

5. Nestes termos dispus que logo tomasse uma oitava de pós cornaquinos, por me persuadir que ainda tinha enchimento no estômago e em todo o corpo dos mais humores, com que fez uma extraordinária obra, assim pela boca vomitando cóleras e venenos que a ele o pôs em admiração, como por baixo frialdades aos pedaços e outros humores. Depois desta grande descarga, ficou quase desinchado de todo e, no outro dia, lhe mandei tomar umas pingas de espírito de ferrugem, lançadas na água que havia de beber a toda a hora que quisesse, a qual havia de ser cozida, primeiro com raiz de capeba e de salsa das hortas; e, descansando dois ou três dias, lhe mandei tomar outra purga dos mesmos pós cornaquinos, com que fez boa obra, mas não tanta, e ficou de todo desinchado.

pós cornaquinos para o corpo todo inchado

espírito de ferrugem na água, para beber

6. Nota. O primeiro vomitório que lhe mandei tomar foi para tirar as cruezas da primeira região, que sempre nestas Minas abundam, pelos mantimentos se converterem nelas pela maior parte, e, muito principalmente, nos obstrutos, que, quase tudo quanto comem, se lhe converte em cruezas no estômago; e com os desobstruentes preparava e diluía, ou descoagulava, os humores, e com as purgas os lançava fora, uma e tantas vezes quantas eram necessárias; e, desta sorte, cada dia a natureza se ia achando mais aliviada e os calores diminuídos, pela circulação do sangue e mais líquidos se acharem mais desembaraçados; e o inchar-lhe o corpo não só teve por causa o desvario que teve no uso venéreo, (que depois me chegou a notícia) como por estarem os humores muito adelgaçados com os preparantes e pouca descarga para respeitar à grandíssima abundância deles, que tinha adquirido em perto de dois anos que estava com esta queixa, convertendo se-lhe o que comia em cruezas, sem tomar mais remédios que os frescos e algumas purguinhas brandas (respeitando os calores) aplicadas pelos dois médicos que lhe assistiram, temendo-se que as fortes

exasperassem os tais calores. E, pela dita extraordinária obra que fez com a oitava de pós cornaquinos, se verificou a grande abundância que ainda tinha de humores, tendo tomado as outras purgas que ficam ditas. Depois que tomou a segunda purga dos ditos pós cornaquinos, ficou com o corpo em sua forma natural, e, daí por diante, lhe ordenei não bebesse de outra água, senão da que fosse cozida com raiz de capeba e de salsa das hortas, e que, ao tempo que a quisesse beber assim fria, lhe lançasse umas pingas de espírito de ferrugem, com a qual urinava mais do natural, por serem as ditas raízes diuréticas e com o espírito diuréticas e descoagulantes. Assim foi continuando e tomando algumas ajudas purgativas para irem evacuando a natureza e regular melhor os remédios, continuando sempre com a fomentação que fica dita no volume 1, página 300.

os obstrutos, pela maior parte, tudo quanto comem se lhe converte em cruezas

raízes diuréticas

7. Daí a alguns dias lhe apalpei as obstruções em jejum e lhas achei quase de todo extintas; foi continuando com a dita bebida por espaço de vinte dias, pouco mais ou menos, ajudas e fomentações; e, passados eles, tomou uma purga de resina de três quartos de peso, para acabar de alimpar o corpo dos humores que estivessem diluídos e preparados, com que ficou de todo sem cansaço, sem calores e sem queixa alguma até o dia de hoje, tendo-se já passado três anos.

8. Das obstruções do baço e do mesentério não tenho que tratar mais, por me não dilatar; e, quem as curar pelo modo que tenho exposto, não poderá deixar de alcançar bons sucessos, mediante a graça divina, como eu há tantos anos tenho alcançado, não sendo estas curas de tanta despesa, nem de tanto tempo, como sendo curadas por outros meios, como outros professores as curam.

9. Quem se achar em parte onde não hajam as raízes que deixo referidas, poderá fazer o cozimento das seguintes: raízes de grama,

de funcho, de salsa, de aipo, de borragens, de alcaçus, folhas de agrimônia, de douradinha, de avenca, de borragens, de orégãos, de nêveda, de hissopo, todas, ou parte delas.

10. A purga também poderá ser do modo seguinte; suposto branda, repetir-se-á mais vezes. *Recipe*. No que baste do cozimento acima, altere de sene oitava e meia, e se infunda, de agárico trociscado de fresco meia oitava, e, coado, solte de xarope de Nicolau onça e meia, xarope Pérsico uma onça, aromatizado com grãos, cinco de canela fina, faça-se bebida.



Um cirurgião lanceta um bulbo de um paciente. (Gravura em madeira, anônima)



Um médico discute com o farmacêutico a composição dc um medicamento. (Gravura em madeira, anônima)

1 Grafia atualizada de comuas, forma antiga utilizada pelo autor.

2 **S.A.** - Abreviação latina de *secundun arten*, "conforme, de acordo com a arte".

3 **Cornaquinos** - Grafia atualizada de *cornachinos,* forma antiga utilizada pelo autor.

4 **Pilula -** Grafia atualizada da forma antiga *pirola,* utilizada pelo autor.

Tratado III

Da miscelânea de vários remédios, assim experimentados e inventados pelo autor, como escolhidos de vários para diversas enfermidades

Das tisanas comuns

1. Em seis libras de água comum, cozam uma onça de cevada descascada e solta na panela, ferva até gastar duas partes e depois se coe; doses é de seis onças, adoçadas com açúcar ou lambedor de violas; virtudes: refresca, tira a sede, tempera as febres e tira os ácidos dos humores.

tisana comum

Tisana de madame Focquet

2. De aveia meia oitava de um alqueire, a que em muitas partes chamam salamim; de raiz de almeirão verde um molho, de cristal mineral meia onça, de mel duas onças, de água comum quatro canadas e meia; lave-se a aveia e se ponha a ferver na dita água, até gastar meia canada, e logo se lhe ajuntarão as raízes, com que ferverá até gastar uma libra; e logo se lhe ajuntará o mel e o cristal mineral e ferverá até gastar outra libra; e, tirada do fogo, se coará por pano de linho e se guardará para o uso.

tisana de madame Focquet

3. Nota. Diz o licenciado João Lopes Correia, mestre do Hospital Real, no seu Castelo Forte, que tem usado desta tisana com bom sucesso em tempo cálido sem resguardo, e, quando não achava aveia, usava de cevada descascada, e, em lugar de mel, deitava açúcar ou tanto de açúcar, como de mel, e, quando a queria fazer

purgativa, assim que tirava o tacho do fogo, fervendo, lhe deitava duas onças de sene e meia oitava de *cremor tartari* e uma dedada de pó de canela e meia casca de limão azedo machucada; abafava bem o tacho com um cobertor e, daí a seis horas, usava da tisana, com a qual purgava a muita gente mimosa que não podia sofrer coisas de botica, o que fazia com bom sucesso, mas que não teve a fortuna que teve o francês das águas, com que ganhou os cabedais que se sabe, que, por estrangeiro, se lhe deu mais crédito que a ele e a outros.

tisana purgativa de que usava João Lopes Correia com bom sucesso, sem dieta, nem preparação alguma

4. Nota mais que, quem houver de usar desta tisana, não é necessário que se sangre, nem que se purgue, nem que tenha dieta, nem esteja de cama, e comerá o que tiver por uso cotidiano, exceto manjares salgados ou especiaria. A esta tisana de madame Focquet se chama também "tisana excelente," e este era o título que tinha quando lha deram; e, se lhe ajuntarem pau-santo, salsaparrilha e raiz da China, de cada uma duas onças, terão a celebrada água do francês.

água do francês

Outra tisana purgativa, de que o dito usa comumente

5. De água comum oito libras, posta ao fogo até que levante cachão e, tirada do fogo, assim fervendo, se lhe lance dentro, de bom maná três onças, sene duas onças, cristal mineral uma oitava, pó de canela uma dedada, como de tabaco, e uma casca de limão azedo machucada; tudo se misture e abafe muito bem que não respire nada por tempo de seis horas; e depois se use dela na forma seguinte:

outra do mesmo autor

6. Tomem pela manhã cedo uma libra desta tisana e, se até às nove horas não tiver obrado, pode tomar outra libra, e seja morna

somente, e assim os mais dias que quiserem; e diz que não quer encarecer os seus efeitos, nem a suavidade com que obra, por não ser suspeitoso; quem usar dela saberá a verdade e não quererá outra purga.

Das amendoadas

7. De amêndoas descascadas uma onça, açúcar seis oitavas, água de cevada seis onças; de tudo se faça amendoada, segundo a arte: usa-se dela nos achaques do peito, porque abranda muito a tosse e os humores acres.

amendoada

Outra comum mais fresca

8. De sementes frias maiores descascadas cinco oitavas, água de cevada seis onças, açúcar meia onça; de tudo se faça amendoada; virtudes: refrigera as entranhas dos seus ardores e as intemperanças quentes do fígado ou de febres.

outra mais fresca

9. Nota. Se quiserem que o doente durma com esta amendoada, lhe ajuntem xarope de dormideiras brancas, quanto baste para adoçar.

Outra fresca, de que eu tenho usado muitas vezes com bom sucesso

10. Sementes frias maiores descascadas, pisadas e desfeitas com umas gotas de água de chicória e de cevada, ou de almeirão; ajuntava este polme com água do dito cozimento a que bastava e, adoçada com açúcar, fazia então as porções conforme a quantidade das pevides e da água, e dava seis onças por cada vez, com que refrescava os doentes de febres ou calores grandes das entranhas, ou de todo o corpo, e, a quem era cálido de sua natureza, com admirável sucesso.

outra do autor

11. Nota que as sementes frias maiores são pevides de melancia, de abóbora; sendo das de água, serão melhores; de cabaço, não sendo dos amargosos, que são purgativos fortes e perigosos, e as sementes de pepino; estas são as que se chamam sementes frias maiores.

as quatro sementes frias maiores

Das emulsões

12. De tudo se faça emulsão ou cozimento e, depois de coada, se dissolva ou desfaça de bom maná uma onça, ou duas; e, se a quiserem mais purgativa, serão três onças, e, coada, se lhe ajunte água de canela buglossada meia onça; doses é bebida medíocre, ou pequena, por outro nome.

emulsão laxativa

Outra

13. No que baste de água de almeirão, ou, em sua falta, a de chicória, pisem semente de dormideiras brancas e pevides de melão, ou, em falta destas, as de melancia, de cada uma meia onça, semente de alface meia onça; de tudo se faça amendoada, e, coada, se adoce com açúcar e se tome de tarde, ou quando se quiser recolher a dormir.

emulsão para provocar o sono

Outra

14. No que baste de água de almeirão e de chicória, ou de borragens, pisem semente de melancia descascada e de abóbora de água, de cada uma duas oitavas, e, depois de bem desfeitas, se misture com a dita água depois de bem cozida com as ditas ervas, e se lhe misture de açúcar o que se baste para adoçar.

emulsão mais fresca, fácil e experimentada nestas minas

Para tomar o fluxo do sangue do nariz

15. Os pós simpáticos são admiráveis sem terem nada de superstição, como alguns cuidam; usa-se deles na forma seguinte: molhem um pano no sangue e, se com o pano tocarem a boca do vaso será melhor, e neste pano cheio de sangue se deitarão os pós simpáticos e se porá defronte do doente, e se verá, à vista dos olhos, parar o sangue, sem haver mister mais remédio algum ou ainda que o doente esteja longe algumas léguas.

pós simpáticos

16. Nota. Sendo os pós simpáticos feitos com as condições que se devem guardar e bem calcinados, são milagrosos nos seus efeitos; e, quem quiser tirar as névoas dos olhos, veja o *Lexicon Mathematico, que* tirará as dúvidas a quem não quiser crer em tal remédio, mas, antes, dizem é remédio da carochinha; vejam estes incrédulos ou, para melhor dizer, estes cirurgiões imperitos, os louvores que o *Lexicon Mathematico* e outros muitos autores de grande nota (que não adquiriram fama, nem nome por lisonjeiros, senão por muito cansaço de seus estudos) o que dizem dos pós simpáticos e a brevidade com que logo remedeiam a tão urgente sintoma, que a muitos têm levado desta vida, que, se eles usaram dos tais pós, lhes não morreriam os doentes.

17. Vários autores usam dos remédios seguintes: metam em uma bolsa de escarlate pó de sapo e se meta no sovaco do braço da parte donde sair o sangue, ou se tenha na mão até que aqueça, e logo parará o sangue; o osso da coxa de sapo metido no nariz, no mesmo instante, faz parar o fluxo do sangue dele.

18. Nota que o osso da coxa do sapo se tirará deste modo: matem o sapo e, espetado em um pau, o ponham no ar a secar, até que toda a carne se consuma e se lhe tire o osso, e, tirado, se guarde para a ocasião. Também é certo tirar este osso a dor do dente que doer,

tocando-o ou esfregando-o com ele. Outros autores dizem que, tendo na mão um dente de cavalo, faz parar o fluxo de sangue do nariz.

osso de sapo tira a dor dos dentes

19. Como, pela maior parte, não há os remédios particulares e, suposto os cirurgiões não ignoram os comuns, contudo, poderá acontecer a necessidade em parte onde não hajam os tais remédios ou os tais cirurgiões que apliquem os comuns; assim, por um respeito, como por outro, apontarei alguns.

20. O primeiro, e mais principal, é mandar sangrar ao doente no braço da mesma parte donde sair o sangue. Alguns mandam fazer as sangrias por intervalos, pondo o dedo e tirando-o por muitas vezes, até fazer sangria, e outros não mandam fazê-las por intervalos; e quem quiser ver as razões que há para se não fazerem, veja a Riverio e, dando as forças lugar, se farão as necessárias; coma o doente pouco e fresco, como são alfaces, chicórias, beldroegas, ameixas, lentilhas, arroz com franga ou frango.

sangrias

21. Hipócrates, lib.3, nos fluxos de sangue, e Galeno, 3, *Methodo*, cap. 5, *Zacut.Lusit., prax.*, observação 66, dizem que, depois de executados todos os remédios para o fluxo de sangue no nariz e para o da boca, e que, não parando com remédio algum, só pararão pondo um cautério de fogo nas solas dos pés, e que, no discurso de três dias, tinha o doente lançado vinte libras de sangue.

cautério de fogo nas solas dos pés

22. Na parte se porão remédios adstringentes, encrassantes e aglutinantes, como são os seguintes: de bolo-armênio meia onça, claras de ovos as que bastem, tudo batido com umas pingas de vinagre forte, se faça cataplasma e se ponha na testa. Ou este: de bolo-armênio e *terra sigillata*, sangue-de-drago, incenso, almécega e azebre, de cada um uma oitava; farinha volátil, ou de trigo, cabelos

de lebre cortados miúdos, de cada um meia oitava; claras de ovos duas, sumo de tanchagem e de erva-moura, de cada um o que baste; bata-se tudo e se faça cataplasma que se ponha na testa e nos músculos temporais, que são as fontes, em pano delgado e molhado. Ou este, que é eficaz: pisem gesso com o que baste de vinagre e se use em pano molhado, que é certo, e, se da primeira vez não obrar, da segunda obrará; ou molhem tiras de pano em água muito fria ou em sumo de tanchagem com sumo de erva-moura e com claras de ovos, pondo-lhe por cima panos de vinagre destemperado, renovando-se todos os remédios em se secando, ou borrifem a cara do doente com muita água fria, porque, com o temor ou susto que recebe, se repele o sangue para dentro; ou deitem vinagre dentro do ouvido, da parte donde sair sangue. Ou este: ponham na raiz do nariz uma moeda de prata e, em cima dela, ponham a cataplasma seguinte: pisem gesso com claras de ovos e se ate bem; e, se da primeira vez não aproveitar, se repita, que é supremo remédio, e parará logo o fluxo; o mesmo se porá nos músculos temporais e testa.

23. De pó sutil de *spica nardi* uma oitava, água de tanchagem, ou caldo-de-galinha, ou água de beldroegas, ou outro licor apropriado se misture e se dê ao doente, que é remédio experimentado de *Riverio*, e não só é específico, mas corrobora o fígado e proíbe o fluxo de sangue. Ou este: xarope de dormideiras uma onça, água de beldroegas e de tanchagem duas onças, e tome-se à noite e pela manhã. Ou este: água de tanchagem e de beldroegas, de cada uma uma onça, *espirito salis dulcis* meio escrópulo, de escórdio meia oitava, *laudano opiato* grãos dois, xarope de beldroegas uma onça, misture-se e tome o doente, de cada vez, uma colher a miúdo, longe dos comeres.

24. Não bastando nada do que está dito, se usará de medicamentos opiados, na forma seguinte: água de tanchagem rosada e de tormentilha, de cada uma uma onça e meia, múmia dois escrópulos, trociscos de cânfora uma oitava, magistério de coral dez grãos, láudano opiado quatro grãos, xarope de coral meia onça; misture-se e se tome por duas vezes, assim frio, ou por uma vez, estando no

paroxismo e último perigo da vida. Ou este: láudano opiado dois, ou até três grãos somente, tome-se em água de tanchagem ou de beldroegas, a que baste para uma vez, ao deitar na cama.

medicamentos opiados

25. E quando nada disto aproveite, ou logo que suceder o fluxo de sangue, sendo grande, recorram ao tratado dos meus segredos, que lá acharão um excelentíssimo remédio para toda a diversidade de fluxos de sangue; e não sendo muito grande, pode o doente chapejar a testa e sorver pelos narizes água bem fria com algumas pingas de vinagre, fazendo isto muitas vezes e a miúdo, que é remédio de que tenho usado muitas vezes com bom sucesso.

segredo do autor

Para alimpar a limosidade dos dentes, ou pedra que se cria neles, ou podridão

26. De papel limpo o que quiserem, este se deite de molho em água, e depois se pise muito bem, até que fique como massa; depois se esprema bem, sem que lhe fique umidade alguma; e, feito isto, se torne a pisar com sumo de limão azedo, e a esta massa se junte espírito de enxofre doze pingas, e, tudo bem mexido, se use pondo-o em cima dos dentes, e se verá que, em espaço de meio quarto de hora, cairá a limosidade, ou pedra, e se alimpará toda a corrupção que houver neles; e depois se esfreguem os dentes com o seguinte, metido em pano à maneira de um botão: pedra-pomes quatro oitavas, coral preparado duas oitavas, âmbar dez grãos, folhas de ouro número três, sândalos vermelhos uma oitava, misture-se. Isto é para quem os quiser perfeitos.

para a pedra dos dentes e limosidade

27. Este é um segredo com que o boticário del-rei dom Afonso, que Deus tenha em descanso, por nome Manuel Lopes Carameleiro, adquiriu amizades, e é certo.

Para tirar a negridão dos dentes

28. Sarro de vinho e almécega em pó sutil se atem em pano e se esfreguem os dentes. A cinza que fica nos cachimbos de quem bebe fumo é remédio que, certissimamente, faz os dentes muito alvos. A pedra-pomes feita em brasa e apagada, duas vezes em vinho branco, e na terceira se deixe ficar até esfriar, e pisada no mesmo vinho e lavar com ele, e com ela os dentes, os fará alvíssimos. Tocar os dentes com um pincel molhado em espirito-vitriolo, algumas vezes, por dias interpolados, também tirará a negridão dos dentes.

para a negridão dos dentes

Para dor de dentes, e arrancar o furado

29. Cozam a raiz de hortelã bem cozida e com este cozimento lavem os dentes a miúdo, porque lhe tirará a dor e arrancará os furados.

Para tirar dentes sem ferro

30. Ponham em cima do dente que quiserem tirar enxúndia de rã. Ou este: cozam em água de agresta água ruça e ferva até ficar espessa como mel, e com isto toquem só o dente que quiserem tirar; a água ruça é a que sai das azeitonas verdes, quando se faz o azeite no lagar. Os pós do lagarto, seco no forno em forma que se possam fazer, aplicados à roda do dente que quiserem tirar fará desunir a carne dele e se tirará com facilidade.

para tirar dentes sem ferro

Para tirar a dor de dentes sem dúvida

31. Ponham em cima do dente que doer, ou dentro na cova dele, se a tiver, enxugando-a com um paninho, uma migalha ou pilulazinha de láudano opiado, que, dentro de um credo, se tirará a dor, pondo-

lhe em cima da tal pílula um paninho, e, fechando a boca, se esperará que a dor passe.

para tirar a dor de dentes sem dúvida

Outro que também é certo

32. Óleo de cravo, lançando uma pinga ou duas em cima do dente com o froco de uma pena, tirará logo a dor. O mesmo efeito faz um dente de cão, arrancado dele estando o cão vivo; furado e pendurado ao pescoço preservará de dores de dentes por toda a vida. Em Lisboa havia um pai que, tanto que lhe nascia algum filho, lhe pendurava um dente de cão ao pescoço e, assim, os preservava de dores de dentes. Ou este, que também é certo: quem for atormentado de dores de dentes, ate no bucho do braço um bordão de harpa; trazendo-o sempre, se preservará, como eu conheço algumas pessoas.

óleo de cravo, dente de cão, bordão de harpa, são certos

Outro que infalivelmente tira a dor dos dentes no mesmo instante, fácil e para feridas frescas

33. Tomarão de verdete e de cravo da Índia, do melhor que houver, que é o mais acanelado, de cada um partes iguais; feito tudo em pó e misturado, se ponha em um prato de estanho em 29 de agosto, desde às onze horas até o meio-dia, em parte aonde lhe dê o sol, havendo-o, e depois o recolherão em um copo de chumbo, que assim se conservará melhor para um, dois e mais anos. A sua aplicação é molhar o dedo na saliva da boca e pô-lo em cima dos pós, e os que levar pegados, com o mesmo dedo e pós se esfregará o dente que doer; ainda que chegue aos mais não importa, que logo, em discurso de uma ave-maria, ficará o doente livre da tal dor. Estes ditos pós curam também as feridas frescas, aplicados na forma seguinte:

segredo do autor para dores de dentes e para curar feridas frescas sem fazerem matéria

34. Depois da ferida estar lavada ou desalterada, e dados os pontos necessários, se carecer deles, cobrirão a tal ferida com os sobreditos pós, e, por cima, pano seco e atadura; e, passadas quarenta e oito horas, se lhe lançarão outros pós, ou em cima dos mesmos, ou pelos lábios, e assim as mais vezes; têm estes pós curado feridas horrendas na cabeça, rosto e outras partes do corpo, sem fazerem matéria. Se houver alguma pessoa (o que não creio) que note o ensinar este e outros segredos, não terá razão, porque a conveniência dos muitos deve prevalecer a dos poucos. Também é infalível tirar a dor de dentes assar um dente-de-alho, e metido dentro no ouvido, da parte da dor, que logo a tirará.

segredo para feridas frescas, infalível

Como se devem preparar os pós do lagarto que ficam ditos, e que lagarto é

35. Tomarão um lagarto negro, dos que andam nos rios ou lagoas, que a meu parecer são aqueles a que, cá no Brasil, chamamos jacarés; tiradas as suas entranhas, se seque o tal lagarto no forno, de tal modo que se faça em pó, no qual pó se porá o dedo índex, primeiro molhado, e depois se porá o tal dedo com os ditos pós em cima do dente, tocando também a gengiva ao redor dele e, posto outra vez em cima do dente com os pós que, em pouco espaço de tempo, pegando nele, caíra logo.

pós de jacaré ou lagartos para tirar o dente com os dedos

Para confortar os dentes abalados

36. Lavem os dentes com vinagre esquilítico, e também faz bom cheiro na boca, lavando-a muitas vezes e deixando-o estar por algum tempo, ou, em falta, vinagre forte ou fortíssimo.

para confortar os dentes abalados

Para inchação dos queixos, por causa de dores de dentes

37. Lance-se uma gota de leite de peito em um prato, nele se lance um pano de linho fino do tamanho que cubra a tal inchação, e, estando estendido e afogado no leite, se pulverize todo o pano com pós sutis de incenso, e, morno, o prato em cima de umas brasas, se aplique o dito pano com o incenso assim morno em cima da inchação, e, secando-se, se molhe por cima com leite fresco, ou se renove as vezes que for necessário; eu assim o tenho feito muitas vezes e todas com bom sucesso, não sendo a inchação demasiada, que então carecerá o doente de ser sangrado.

para inchação dos queixos, invento do autor

Outro para tirar dores de dentes, certo, experimentado muitas vezes e fácil nestas Minas

38. Uma raiz de jaborandi, que nestas Minas há grande abundância nos matos virgens e capoeiras de poucos anos; esta se mastiga em cima do dente que doer e, em pouco espaço de tempo, se atormentará a dor e depois passará; *é* remédio para pretos cotidiano, de que os meus usam por conselho meu, sem usarem de outro, nem lhe ser necessário, salvo os que tiravam ao ferro, por lhe repetirem as dores muitas vezes ou estarem podres.

raiz de jaborandi para dor de dentes

Para inchação de pernas, pés e tornozelos que faz covas, pondo-lhe os dedos, invento do autor

39. Tomem um pouco de gengibre, façam dele massa e a metam em um saco do tamanho que quiserem, e, depois, se estenda a dita massa cosendo o saco na boca e alguns pontos pelo meio, à maneira de colchão, e depois se lance em um tacho seco, posto em cima de fogo brando, o qual irão borrifando com a aguardente do Reino de uma e outra banda, até que fique bem molhado; e, tirado

do tacho e com pouca quentura, se ponha em cima da inchação, que, sendo causada de humor frio, logo desinchará, renovando esta cura uma vez cada dia; e o tal gengibre poderá servir para duas ou três curas, modificando-o como fica dito; e, ainda que a parte fique desinchada, sempre se usará do tal remédio alguns dias para a confortar, ou o tempo que quiserem, que o mais será o melhor. É este remédio experimentado por mim muitas vezes, e certo; também serve para inchação de juntas da mesma causa.

para pernas inchadas, invento do autor

40. Nota, que, assim que a parte desinchar, se purgará o doente com purga de resina de batata, não tendo sinais de enchimento de estômago, que, havendo-o, tomará primeiro vomitório e depois a dita resina, que assim será mais conveniente para tirar primeiro as cruezas da primeira região e suspender os humores das partes baixas pára cima e melhor os lançar com a resina; e, depois dela, tomará o doente uma ou duas purgas de jalapa pisada de fresco.

41. Se parecer, a quem curar, dar primeiro da purga de resina, ainda que tome o vomitório, alguns xaropes preparantes de humores frios, não será mau conselho, e depois continuar como está dito.

42. Os xaropes preparantes de humores frios se poderão mandar buscar à botica, que os boticários sabem muito bem, e quem os quiser fazer em casa muito bons os poderá fazer na forma seguinte: cozam uma raiz de capeba com meia mão cheia de folhas de alfavaca, ou de almeirão, em um frasco de água que diminua mais da terça parte e fique em pouco mais de a metade, e, na última fervura, se lhe ajunte duas oitavas de sene, e, tirado do fogo, se coe e torne a ele com meia libra de açúcar, com o qual dará algumas fervuras e, tirado, se coe outra vez e se guarde para o uso, dos quais, como são em parte purgativos, tomará um cada dia em jejum; e conheçam que tem uns xaropes preparantes de humor frio muito admiráveis: eu os tenho feito em minha casa muitas vezes e mandado fazer a muitos doentes, e sempre experimentei com eles bom sucesso.

manufatura de xaropes preparantes

43. Com o remédio acima tenho curado muitas inchações de humores frios que nestas Minas perseguem a muitos escravos e a muitos brancos, e, entre eles, a um escravo meu, que, comprando-o com uma inchação muito antiga sem o saber, o qual seu senhor tinha de cama até desinchar, e indo faiscar, como se metia na água, alguns dias lhe tornava a inchar; e por esta causa, como tinha testemunhas, lho queria enjeitar; mas, como viemos a conserto e a inchação era em cima do pé, lhe dei uns risquinhos ou sarjaduras muito superficiais com uma lanceta e lhe pus em cima o dito saquinho cheio da dita massa, primeiro servida em aguardente do Reino, com sua baeta por cima e atadura; e renovando-lhe este emplasto todos os dias, uma vez, no discurso de poucos ficou a parte tão desinchada e seca como se não tivera nada, e continuando mais alguns dias para ficar a tal parte confortada; foi caso admirável que, sem tomar xaropes nem purgas, o mandei faiscar, metendo-se na água sem resguardo algum, lhe não tornou a inchar muito, nem pouco em muitos anos que o possuí; e, conhecendo-o na mão do comprador, o vi sempre são.

observação admirável

44. Em minha própria pessoa experimentei o mesmo remédio, que, tendo uma inchação e dermatose, que é a mesma que fica dita, nos tornozelos pela parte de dentro, que subia pelas pernas acima da dita parte, tinha-lhe feito vários remédios, a que não obedecia, e, pondo-lhe o dito remédio, obedeceu; e usando dele mais vezes para confortar a parte, me sucedeu uma desgraça, não por culpa do remédio, mas sim pela minha, e foi que, pondo os saquinhos mais quentes do que convinha, apertei as ataduras, e, ainda que depois de apertadas senti quentura bastante que me custou bem a sofrê-la, não buli do remédio e o deixei estar; ao outro dia achei ambas as pernas no lugar dos emplastos com vermelhidão e dor, ou, para melhor dizer, com erisipela mui sensitiva, causada assim da fortidão do remédio, por ser mui quente, como pelo demasiado calor com que o pus nas partes, que esta foi a maior causa.

observação em minha própria pessoa, mas com tão mau sucesso que me pos a pique de perder a vida, e a razão por que

Erisipela ulcerada

45. Fui temperando aquela inflamação e dor com remédios anódinos, mas sem fruto, porque veio a escoriar-se ou, para melhor dizer, a esfolar-se toda aquela parte aonde tinham chegado os ditos saquinhos, e ficou tudo em carne viva com dores quase insuportáveis; e aplicando variedade de remédios por conselho não só meu, como de um cirurgião e um médico amigos, todos foram baldados e, neste tempo, chegaram as dores e ardores a tal extremo que me impediam o comer e o tomar a respiração, não podendo consentir que às tais partes chegasse pano, mão ou lençol; estando as pernas tão inchadas e os pés, que me puseram em tal desconsolação, que comecei a considerar comigo: que seja possível que, tendo eu excogitado e inventado tantos remédios fora da regra dos autores, com que tenho remediado a tantos enfermos, não excogite agora um para mim? Vendo-me tão atribulado, temendo com justa razão uma gangrena e, sucessivamente, um perigo evidentíssimo, estive algum tempo implorando o auxílio divino, e, passado pouco espaço, mandei fazer em minha presença o remédio seguinte, com o qual fiquei inteiramente são dentro de três dias:

46. Mandei trazer à minha presença uma mão cheia de folhas de tanchagem, outra de folhas de malvas e meia de rachinhas de sassafrás verdadeiro, e mandei cozer tudo em um tacho com quatro frascos de água comum, que fervesse até diminuir à metade, fazendo-se, primeiro, medida dos dois em que havia de ficar, e com este cozimento tépido fui banhando as pernas até a água ficar fria, ou quase de todo fria, lançando-lha de alto; e nela molhei um pano de linho delgado de camisa de homem e pus um em cada uma e, tanto que se secavam, tornava a dar banho e a pôr panos, de sorte que, quando principiei a usar deste grande remédio, seriam onze horas da manhã, e nesse dia tomei sete ou oito banhos, ao terceiro experimentei muita melhora nas dores, e o que estava em carne

viva já tinha algum sinal de pele nova, secando e murchando, e no mesmo dia fiquei tão aliviado que dormi esta noite admiravelmente. O mesmo fui continuando, passando-se poucas horas de um banho a outro, e foi Deus servido que, dentro de três dias, fiquei com as chagas encouradas e as pernas e pés sem inchação alguma e em sua forma natural.

para erisipela ulcerada, remédio prodigioso, invento do autor e experimentado nele mesmo

47. É muito para advertir que, quando estavam as chagas abertas antes de usar do dito remédio, estavam elas lançando por todos os poros humor colérico tão delgado e mordaz que me fazia inquietar com dores, e, depois que usei deste quase milagroso remédio, não lançaram mais o tal humor, nem houve mais dores, e a grande inchação começou a ceder a ele, o que tive por grande favor de céu dar-me inteligência para o compor e conseguir tão grande felicidade, o que não alcancei com tanta variedade de remédios de botica, que, morando na minha fazenda do Bom Retiro de Itacolomi, andavam os portadores encontrando-se uns com os outros pelo caminho, e quando me vi aflito com tantas dores, considerando que o que me fazia o maior dano era o humor colérico por ter algum amargor na boca, tomei um vomitório para aliviar a maior parte da cólera, e, depois dele, uma purga de maná em cozimento fresco de chicória, almeirão e flores cordiais; porém, nada obedeceu, fazendo muito boa obra e não lançando outra casta de humor, tomando a de maná para adoçar a dita cólera; o que fiz contra a opinião do dito médico douto.

48. Depois de são fui andando de pé e, suposto tornaram a inchar os tornozelos alguma coisa, nunca foi de cuidado, nem que me desse moléstia alguma, de sorte que nunca foi tanto como tinha antes de aplicar o tal remédio de gengibre; e saibam mais os leitores que esta causa teve o seu princípio havia cinco anos procedida de assistir em lugar muito úmido, dentro de uma brecha que abri para meter um rio caudaloso, para dele extrair ouro, saindo de uma cura, que assim foi forçoso.

sendo inchação cinco anos

49. Como a causa de que procederam as chagas foi por agravação ou por irritação do remédio, e não por essência, por isso mesmo consultei o remédio fresco e dessecante brando que acima fica referido; porque as malvas, e a tanchagem, é um remédio muito brando e muito temperado e fresco, e o sassafrás é quente e dessecante, e, por ser quente, por isso lhe lancei pouco dele, e assim ficou um remédio tão ajustado que refrescou e dessecou assim as chagas, encourando-as, como desfez a dita inchação tão disforme. E, porque esta matéria das erisipelas ulceradas está tão pouco tratada dos autores, esta era a maior dúvida e confusão que eu tinha, e muito principalmente tendo-lhe aplicado todos os remédios tópicos, assim os que achei escritos nos autores, como outros que pareciam conducentes à dita queixa, e por todas estas razões investiguei e compus o dito remédio, que, mediante a graça divina, fez os efeitos prodigiosos que ficam ditos.

De outros remédios, de que tenho usado para as mesmas inchações

50. Faça-se um cozimento na forma seguinte: uma ou duas raízes de capeba, conforme forem, um pedaço de raiz de butua rachada muitas vezes, ou machucada, uma boa mão cheia de rachinhas de sassafrás, duas ou três mãos cheias de cabeças, ou olhos de mentrastos que não estejam espigados; tudo se meta em um tacho com oito frascos de água e se ponha a ferver até diminuir a metade e depois se coe e guarde para tomar banhos nas pernas, joelhos e tornozelos que estiverem inchados, com um pouco deste cozimento bem quente por espaço de algum tempo; e, tornando a aquentar o tal cozimento, nele bem quente se molharão panos e se porão em cima das inchações, cobrindo-os com baeta nova e sua atadura, o que se fará todos os dias duas vezes até estar a parte de todo desinchada; e, estando assim, tomará o doente um vomitório, se tiver indicantes de enchimento do estômago e depois se purgará, primeiro com resina de batata e depois com jalapa as vezes necessárias, tomando primeiro xaropes preparantes, ou sem eles,

continuando os banhos nos dias que não tomar as purgas, para ir confortando aquelas partes.

Para inchação de pés, pernas e tornozelo é experimentado

Para gonorréias ou, por outro nome, esquentamento

51. Tomem as raízes da parte do nascente de umas árvores espinhosas que têm os paus muito direitos, a modo de varas e todos cheios de espinhos desde os pés delas até a ponta, e o mesmo pau e também os seus braços pequenos e as suas folhas, que nascem nas capoeiras em touças e há abundância em algumas partes, com as folhas miúdas e fazem a modo de copa por cima; costumam nascer três, quatro, cinco e seis juntos, e logo se vêem de longe, juntos e cheios de espinhos em redondo dos paus, que, por estes sinais, não haverá quem não os conheça. Destas raízes se pise um bocado delas e se lave em água quente e se beba a dita água em jejum, ou se coza a dita raiz depois de pisada, e, dando algumas fervuras, se beba em jejum com uns pós de açúcar e a toda a hora que quiserem e os dias que forem necessários, com o qual remédio sarará o doente em poucos dias e me dará o agradecimento.

remédio particular para esquentamentos

52. Os esquentamentos nem sempre são apegados de mulher, porque há alguns que se originam da própria pessoa, tendo alguma hérnia ou tendo algum ato com mulher que esteja com a sua regra; ou também por demasiado excesso nos atos venéreos, como eu tenho visto muitas vezes.

os esquentamentos nem sempre são causados de mulher, e a razão por que

Outro para o mesmo

53. Uma grande gema-de-ovo assim fria se pique com a ponta de uma tesoura, e pelo pique se lhe lancem três ou quatro pingas de

óleo de copaúba, ou copaiba, e tanto que se sumirem pelo buraquinho, se beba em jejum assim inteira, e todos os dias fará o mesmo, porque fará urinar e lançar a matéria, alimpando o corpo, e sarará; este é experimentado por mim muitas vezes e muitas pessoas o têm sabido dos doentes a quem o ensinei e os bons efeitos que faz; mas, no tempo que se tomar, se não molhará o doente, nem terá cópula com mulher, e menos comerá coisas salgadas. Também o remédio seguinte é muito bom e diz o seu autor que faz urinar copiosamente: tomem de quatro até oito gotas de tintura de tártaro, a que chamam *sulphur tartari*, em água de raiz de salsa das hortas ou, em sua falta, de funcho ou de grama, ou em caldo-de-galinha, que fará urinar copiosamente.

óleo de copoíba para curar esquentamentos

Outro para o mesmo

54. Cozam a raiz da jurubeba ou, por outro nome, jubeba, que em todo o Brasil e Minas há quantidade e são árvores espinhosas, e, depois de bem cozida, bebam daquela água todos os dias em jejum com açúcar, ou a toda a hora que quiserem, que fará urinar copiosamente e alimpará o corpo da matéria gálica; depois de limpo, secará a tal purgação e sarará da tal enfermidade.

raiz de jurubeba para esquentamentos

Outro para fazer urinar, assim nos esquentamentos, como para os que tiverem falta, por outra qualquer causa

55. Cozam as folhas e os talos da erva a que chamam, por língua dos carijós, tripoeirana, ou tripojana, que tem uns talos grossos e as folhas pequenas e compridas, e é rasteira, lançando seus braços para todas as partes, conhecid a de muitas pessoas pelo tal nome e nasce nas partes úmidas ou junto da água; e, depois de bem cozi da, se beba aquela água com açúcar em jejum e a toda a hora que quiserem, que fará urinar muito bem, por ser diurética, como eu muitas vezes tenho experimentado.

tripoeirana para esquentamentos

Outro remédio para os esquentamentos que têm ou fazem muitas dores no princípio

56. O remédio de que eu comumente tenho usado, e sempre com feliz sucesso, quando o esquentamento está no seu princípio e com dores insuportáveis, é o seguinte: de água de malvas libra e meia, xarope ou lambedor violado oito onças, misture-se. Deste remédio mandava dar aos doentes cinco ou seis onças, morno, pela manhã em jejum, e, antes do sol posto, outro tanto, e assim os mais dias; e mandava que o doente urinasse com o membro metido dentro em leite ou água de malvas, morna; e desta sorte se moderavam as dores em poucos dias e muitos esquentamentos vi que, continuando-se esta bebida, sararam sem mais remédio algum, urinando bem e lançando matérias com a urina, ainda que venha com sangue.

remédio experimentado muitas vezes

Para lançar a criança que estiver morta no ventre de sua mãe

57. De trincal duas oitavas e meia, trociscos de mirra um escrópulo, tudo se faça em pó sutil e se misture, e depois se divida em duas partes iguais, as quais se usarão cada uma por sua vez em água de poejos e de artemija, de cada uma onça e meia.

para lançar a criança morta

Para o mesmo, e para lançar as páreas

58. Pisem percevejos e se metam na boca da madre, ou se bebam três, pisados e desfeitos em vinho ou caldo-de-galinha, que farão lançar a criança e as páreas. Ou façam este: de mirra, castóreo e estoraque, de cada coisa meia oitava, mel o que baste, se misture e se dará meia oitava dos pós por cada vez, desfeitos em vinho com uma migalha do dito mel; e não só fará os efeitos acima, senão que facilita o parto, e, diz seu autor, que nunca lhe faltou e que é certo.

para o mesmo, e pareas

Remédios para o mesmo, e fáceis

59. Atem na perna esquerda da mulher que estiver para parir a pedra-de-mombaça, que é certo e experimentado, e, tanto que parir, se tire logo, logo; ou tome a mulher, de uma oitava até duas, de açafrão, bem desfeito em pouca água, ou atem na coxa direita da mulher, instantaneamente, um fígado de galinha, assim logo que se tirar, estando viva a galinha, pois é experiência certa. Ou este: façam cozimento de folhas de alhos e de seus grelos e meta-se a mulher no tal cozimento morno, que é experimentado. Ou este: façam pó de amoras de silva maduras e se dê o que quiserem em água ou vinho, que logo lançará as páreas; é certo e experimentado. Ou este: de trincai, em pó sutil, oitava e meia, vinho de malvasia o que baste, e se beba morno uma ou mais vezes; e, vindo as dores de parir, mastigue fortemente uma cebola.

para o mesmo

para facilitar o parto

Para não mover

60. A mulher que for costumada a mover aos sete meses ou em outro tempo use dos remédios seguintes: no que baste de azeite, se ajunte pó de incenso e de almécega, e cera, a que baste, e se faça ungüento a fogo brando, com que se esfregue o ventre da mulher, rins e lombos, e use desta fomentação três ou quatro vezes cada semana, ou todos os dias, porque conforta muito a madre e seus ligamentos. Ou este: cozam em bom vinho avenca, até diminuir a terça parte, e, coado, se tome meia onça deste vinho por três ou mais dias contínuos em jejum.

Para não mover

Para acidentes uterinos ou sufocação da madre

61. Cortem os cabelos das partes baixas da própria doente e botem-nos em brasas, e tome aqueles fumos pelos narizes, debruçada em cima, que logo se livrará do paroxismo por modo de milagre; é experimentado muitas vezes. Ou este: untem o palato ou garganta com fel de boi, que logo entrará em seu acordo. Ou este: metam na boca da madre um botão que leve dentro algália, que logo descerá a madre a seu lugar, e, ao mesmo tempo, tome pelos narizes fumos de coisas fétidas, como de solas de sapatos velhos, de enxofre, das verrugas da parte de dentro das mãos e pés de cavalos, e das rapaduras dos seus cascos, e outras coisas semelhantes.

para acidentes uterinos

varios remédios

Para o mesmo, e certo, invento do autor

62. Para o paroxismo dos acidentes uterinos, estando a doente sem fala acidentes e não obedecendo a nenhum remédio, ou não querendo experimentar outro invento do autor por não perder tempo, façam o seguinte, que é certo e experimentado por mim, como logo direi: desfaçam em água morna meia oitava de massa chamada assa-fétida, e se beba, que daí a um quarto de hora, ou menos, ficará em seu juízo e com sua fala natural; mas como os remédios humanos todos são falíveis, se acontecer (o que não creio) que este falte, desfaçam uma oitava da dita massa na dita forma e a tomem, que não faltará com o seu maravilhoso efeito.

acidentes uterinos, invento do autor

63. Na Vila Real do Sabará, em casa do doutor ouvidor-geral Gonçalo de Freitas Baracho, estava uma mulher sem fala e sufocada com um acidente uterino, e tendo-lhe um cirurgião aplicado-lhe vários remédios sem fruto, me mandou chamar o dito doutor pela meia-noite e, tornando a minha casa a buscar o dito remédio, lhe dei em quantidade de meia oitava desfeito em água morna, e, dentro de uma ave-maria, falou e ficou em seu acordo, como se não tivera nada; e, se ajuntarem a este remédio um pouco

de sumo de arruda, ficará ainda mais eficaz, o que fiz em outras enfermas com o mesmo bom sucesso.

observação

Para o mesmo

64. De bom castóreo fresco onça e meia, goma-galbano três onças, assa-fétida dois escrópulos, cera a que bastar; faça-se bola e unte-se com óleo de arruda, ou de alambre, e se doure; é bom remédio para senhoras trazerem consigo, sendo sujeitas a acidentes da madre, que é singular, ou estejam os acidentes para virem ou já vindos; cheirando esta bola, tornam em seu acordo, ou não lhe virão.

Para febres

65. No que baste de água cozam madrepérola por espaço de meia hora e depois se faça em pó, e se dê a beber ao doente este pó em qualquer licor de águas cordiais ou caldo-de-galinha, a toda a hora que quiserem.

febres

Para febres malignas

66. Cozam as folhas dos cravos bem cozidas e deste cozimento beba o doente em jejum e longe dos comeres. Virtudes: potentemente move suor eurinas sem grande trabalho da natureza, corrobora o coração e mitiga a sede; é experiência de Mangeto e diz assim. Inumeráveis vezes, permitindo-o Deus, livrei a muitos enfermos com o cozimento das folhas dos cravos, e isto afirmo com juramento a todos os estudiosos de Medicina. Virtudes que têm os cravos: são cefálicos e cordiais, o seu uso serve para as vertigens e males da cabeça, apoplexia, paralisia, epilepsia e em todos os achaques de nervos, no síncope, na palpitação do coração, nas febres pestilentas, dando meia onça de sumo de toda a erva; e no mesmo tempo se devem tapar os narizes com panos de vinagre;

matam as lombrigas, facilitam o parto, tiram as coisas fincadas no crânio; usa-se em suco inspissado, a que chamam essência, em conserva de folhas dos cravos em águas destiladas e em vinagre, deitadas de infusão, machucadas.

febres malignas, lombrigas, parto, coisas fincadas, vertigens e achaques de nervos

Para o mesmo

67. Água comum seis libras, açúcar quatro onças, talhadas de cidra quatro; tudo se ponha a ferver até quebrar a terça parte; doses é um copo para cada vez. É cordial para febres.

água cordial e fácil

Das águas particulares

Água cordial

68. Esta água é laxativa e purga brandamente. De água da fonte quatro libras, ponha-se a ferver em cachão e, tirada do fogo, se lhe lance logo de bom sene uma onça, de bom maná onça e meia, *cremor tartari*, ou cristal mineral, meia oitava, pó de canela uma boa dedada, como de tabaco, e uma casca de limão azedo machucada; tudo se deite na dita água fervendo e se abafe muito bem o tacho com roupa, por seis horas, e depois se coe e guarde. Doses é meia libra para cada vez, que é o mesmo que seis onças; toma-se em jejum, sem preparação alguma, quantas vezes quiserem, e é muito experimentada e cordial.

água cordial, que purga sem preparação alguma

Água mercurial para sarnas e impingens

69. Água de tanchagem quatro libras, água-rosada onça e meia, cozimento de laranjas nove onças, mercúrio doce sublimado meia onça, mais ou menos, conforme a cada um lhe parecer; tudo se

coza em vaso vidrado a fogo brando, que fique bem cozido e se guarde para o uso; na primeira e segunda lavagem que se fizer, sairá a sarna toda para fora, e, daí por diante, se irá secando e fazendo escaras, que depois irão caindo. Ou este, que é experimentado: tomem duas onças de enxofre, outras duas de cal virgem e outras duas de sal torrado; tudo feito em pó e bem misturado se meta em três panos iguais e se atem bem seguros e os infundam em azeite doce por vinte e quatro horas, e, passadas elas, se pegue em um e se esfregue com ele os pulsos das mãos, os cotovelos, os sovacos e ombros, as virilhas, os joelhos e curvas, muito bem esfregado tudo segunda vez, quando se quiser deitar; no outro dia se esfregarão todas as mesmas partes com o outro pano, e no outro dia com o outro, e, passado o outro dia, vestirá camisa lavada, depois de lavar o corpo com água bem quente, e ficará livre da sarna. Eu o fiz para mim e fiquei são e livre das tais sarnas.

sarnas, impingens e lepra

Outro para impingens, invento do autor

70. Coalhem leite em uma panela e depois lhe tirem a manteiga ou a nata que tiver por cima, à superfície, e a lançarão em uma xícara ou tigela vidrada, e dali irão tirando a que for necessária para outra vasilha, e lhe misturarão flores de enxofre, as que bastem, muito bem misturadas com a dita manteiga, de sorte que, quando se aplicar a primeira vez, não há de ficar o medicamento muito azulado para ficar mais brando; e já o segundo que se lhe aplicar se lhe misturarão mais alguns pós das ditas flores para ficar mais forte alguma coisa; e a terceira vez se fará o medicamento mais forte com mais alguns pós e ficará mais azulado alguma coisa, e assim se poderá continuar as vezes que for necessário; e como a manteiga ou nata se há de secar de um dia para outro, será bom que haja sempre leite coalhado para haver manteiga fresca para se fazer, ou renovar, o dito remédio; mas, no caso que não haja a dita manteiga nova, se poderá renovar o tal medicamento com umas pingas de água-rosada ou de tanchagem; isto é por necessidade.

segredo para impingens, invento do autor

71. Se houvesse de dizer as impingens que tenho curado com este segredo que inventei, havia de mister muito papel; só digo que quem usar dele me dará o agradecimento, e, no caso que as impingens aonde se puser este remédio sarem e arrebentem outras, estas se curarão do mesmo modo até se acabarem todas, o que a mim me tem sucedido algumas vezes.

Outro para o mesmo

72. Pisem as folhas de mata-pasto com vinagre forte, de modo que fique uma boa massa, e com ela untem as impingens, e, se este remédio assim feito não obra, pisem a semente da dita erva mata-pasto com o dito vinagre, quanto mais forte será melhor, que também este remédio me tem desempenhado algumas vezes; mas, como eu sabia que o remédio assim era mais eficaz, usava dele em primeiro lugar, quando havia os seus ingredientes.

outro para o mesmo

Água para inflamações dos olhos

73. Em oito libras de água fervendo se lance, de pó sutil de caparrosa branca, duas oitavas, pó sutil de verdete dois escrópulos; revolva-se muito bem com espátula de pau, até que se esfrie e se guarde em vidro para o uso. Serve para as inflamações dos olhos, lavando-os e botando-lhe dentro uma pinga, e, ainda que arda, logo passa a dor; serve também para sarna e para chagas cutâneas e tinha.

para inflamação dos olhos, sarna, chagas e tinha

Outra

74. Água-rosada duas onças, sumo de limão-galego meia onça; misture-se e se lavem os olhos a miúdo.

Colírio excelente

75. Claras de ovos duas; batam-se muito bem e nelas se esfregue ou deite, sendo em pó, um bocadinho de pedra-hematites preparada, e depois se esfregue um bocado de pedra-ume crua, que apenas se gaste dela coisa limitada; depois se esfregue um bocado de pedra-lipes do mesmo modo, só para tomar alguma cor. Feito tudo isto, se lhe lançará uma onça de água-rosada e um bocadinho de açúcar de chumbo, ou, em sua falta, de açúcar-cande; e tudo bem incorporado e mexido, ou batido, se destilará por papel brando e, depois de passado pelo dito papel, se guarde em vidro para o uso, ou pano de linho tapado.

colírio singular

76. Deste remédio se irão lançando nos olhos umas pingas a miúdo, assim frio, que faz efeitos prodigiosos, como eu muitas vezes tenho experimentado e o tenho feito em minha casa; é também singular para os olhos que têm vermelhidão antiga e falta da vista, como eu experimentei em um escravo meu, que ficou são. Lavar os olhos com aguardente fria é grande remédio.

Outro para feridas nos olhos

77. Sumo de funcho e leite de peito o que quiserem, misture-se e se use; é bom para feridas nos olhos.

para feridas nos olhos

Outro para o mesmo

78. Nota que, estando uma moça frigindo peixe, lhe saltou em um olho azeite fervendo e foi curada, sem lhe ficar sinal, com sangue de crista de galinha deitado dentro, de meia em meia hora, sempre com sangue novo.

Outro para feridas nos olhos e contusões

79. Tirem sangue de debaixo das asas dos pombos e se lhe lance a miúdo, picando as veias com lanceta todas as vezes que se houver

de lançar, que será saindo da veia e caindo dentro do olho com o calor natural.

Outro para névoas

80. De bélis do prado, ou belide, [sic] que são umas flores vermelhas, se pisem em gral de pedra e se esprema o seu sumo, e se lance nos olhos a miúdo; é segredo que em quinze dias cura.

Outro para cegos

81. No que baste de vinho branco, e do mais singular que houver, cozam raiz de genciana até diminuir a metade; e deste cozimento deitem nos olhos a miúdo, e faz comichão e dor; com este segredo se curou um menino cego de um ano, em três ou quatro dias. Autor Reusnerio, nas suas observações.

Outro para belidas e cicatrizes

82. Façam-se pós de lombrigas de homem e se deitem nos olhos por canudo, ou se façam pós do primeiro curso que fazem as crianças quando nascem, a que chamam ferrado, e se misturem com leite de peito e se deitem às pingas dentro nos olhos; ou se façam pós do esterco de meninos e se use por canudo. Deste, diz o licenciado João Lopes Correia, mestre do Hospital Real, que sempre usou dele com bom sucesso, assim nas belidas como nas cicatrizes e pano dos olhos; e que também usa de água destilada de mel virgem com bom sucesso.

Outro para belida, experimentado

83. Dois pratos de estanho novos, que não tenham servido de coisa, alguma; em um deles se porá meia folha de papel branco e limpo, ardendo, e, tanto que assim estiver, se lhe porá o outro prato virado em cima, para abafar o fogo; e, passado pouco tempo se descubra e o suor que se achar nos pratos se lançará na belida, e estará com o olho meio aberto, ou ao menos se não espremerá, fechando-o com força por algum tempo; o mesmo se fará todas as vezes que se

houver de lançar, que será todos os dias uma vez, e não se passarão muitos que se não tire a belida, por velha que seja. Quem me descobriu este remédio me assegurou ter experimentado muitas vezes e tinha tirado belidas muito velhas.

para belidas fácil e experimentado

Outro para quando os olhos estão inflamados, invento do autor

84. A duas claras de ovos bem batidas se ajunte a terça parte de aguardente do Reino e, tudo batido, se molhem panos delgados e se ponham em cima dos olhos, lançando também alguma parte dentro, com esta advertência, que, se a inflamação for grande, se lançará menos aguardente, e, se for mais moderada, se lançará mais alguma coisa, de sorte que as primeiras vezes que se lançar seja antes menos aguardente que mais; e, ao depois que a inflamação for diminuindo, se lhe irá acrescentando mais, para que não fiquem alguns humores frios e façam névoas e belidas, como assim têm acontecido milhares de vezes, por se aplicarem remédios frescos até o fim, na consideração de que, ao depois, se tirarão os humores com xaropes e purgas; e muitas vezes, nem com cáusticos, nem com sedenhos, nem com um cento de purgas capitais, se tiram muitas névoas, belidas ou os humores depois de embebidos nos nervos ópticos, como eu tenho visto muitas vezes, sendo fácil, atendendo-se a isto no tempo que a inflamação vai declinando ir-se-lhe aplicando remédio descoagulante que não deixe encrassar o humor frio, para o que deve ter o primeiro lugar (na minha opinião) a aguardente do Reino, sendo pura; o que digo pela muita experiência que tenho das suas singularíssimas virtudes, como em muitas partes deste volume se verá.

colírio fácil e excelentíssimo, invento do autor com razões de consideração

85. Eu assim tenho feito este remédio inumeráveis vezes com admirável sucesso, porque, ao mesmo tempo que vai temperando o humor quente, vai, juntamente, resolvendo o frio, para não acontecerem ao depois acidentes tão perniciosos, de que tenho

visto muitos ficarem cegos e outros com cataratas para toda a sua vida. Quem quiser ver outros segredos para os olhos recorrerá ao capítulo da gota-serena.

névoas, belidas e cataratas para toda a vida

Não se apliquem remédios frios aos olhos, isto é, frios de sua natureza, sem se misturarem com remédios quentes, como é a clara de ovo com aguardente, como fica dito, e outros semelhantes, pelo perigo que corre o doente de ficar cego para toda a sua vida, como sucedeu a um lindo escravo do mestre-de-campo José Rebelo Perdigão, morador nas minas de Ribeirão Abaixo, e a outros que pudera nomear, cujo desgraçado sucesso foi desta maneira:

Deu uma inflamação nos olhos do tal enfermo e dizendo-lhe que logo sarava se lhe aplicasse o sumo do entrecasco da árvore chamada corindiúba, porque era maravilhoso remédio, assim o fez; mas, como este sumo é frigidíssimo e os olhos purgavam humor, logo ficaram secos e o doente cego em poucos dias. Vendo que não via nada, me mandou chamar e, vendo-lhe eu os olhos claros e totalmente cegos, lhe disse que não havia remédio porque estava o humor encrassado e resfriado nos nervos ópticos, e se não havia de poder tirar; e, sem embargo destas razões tão verdadeiras, quis que se lhe fizesse a diligência, a qual fiz com xaropes preparantes, purgas universais e purgas capitais; e, depois de purgado os saquinhos de alecrim, que se acharão no capítulo da gota-serena, tudo sem efeito algum, como bem lhe tinha prognosticado, quis ainda que aplicasse sedenhos ou cáusticos, mas eu lhos não apliquei, porque entendi que tudo seria baldado por não ter indício de melhora alguma com o que lhe tinha aplicado, e assim ficou para sempre.

Confesso que tive a maior pena que se pode considerar vendo um escravo de valor, por ser bem feito, moço e de boa índole, ficar para sempre perdido por uma incúria tão grande, sendo fácil no princípio de remediar; pelo que advirto que, quando os olhos estiverem com inflamação, lançando de si humor, se lhe não apliquem remédios totalmente frios, porque farão retroceder o humor para dentro e

causarão uma cegueira incurável, como sucedeu ao doente referido e a outros, que ficaram com belidas, outros com névoas, outros com cataratas, outros com unhas e outros com os olhos tão limpos e claros, como se não tiveram defeito algum; e, depois, alguns professores tenho visto que lhe aplicam fontes, cáusticos, sedenhos, purgas e mais purgas, quando tudo é intempestivo e não aproveita de nada; falo com muita experiência nesta matéria e move-me a piedade.

Os remédios frios são gostosos para os enfermos, porque lhe refrescam os ardores e temperam as dores, mas fazem-lhes um grande mal, porque resolvem o humor delgado e fica o grosso; isto é querer remediar as dores logo, mas antes se remedeiem mais devagar e com mais segurança.

Para icterícia nos olhos

86. Usem do sumo da cidra azeda, deitando-lhe umas pingas dentro a miúdo, ou usem deste: no que baste de vinho branco e leite, partes iguais, cozam folhas de cardo de comer, e beba-se, em jejum e a toda hora, por modo de mezinha, como quatro ou cinco onças por cada vez, que, dizem autores, é remédio aprovado e certo.

para a ictericia nos olhos

Outro

87. Façam uma pasta de algodão do tamanho da palma de uma mão e ponha-se dentro de um tacho, e o doente lhe urine em cima, e depois se escorra a urina que quiser sair e se ponha o tacho com a dita pasta em cima do fogo, até que fique seca, e depois se guarde para tornar a fazer o mesmo, quatro ou cinco dias, uma cada um, sempre com a mesma pasta, e sarará o doente; assim mo afirmou um homem de verdade lhe sucedera estando com o corpo cheio de icterícia, e a outros, ficando todos sãos; isto é por antipatia, o que se não pode negar; e, quando isto não baste, recorram ao tratado dos segredos, que lá acharão remédios particulares.

para a ictericia

Água para chagas velhas

88. Em vinte e quatro libras de água da fonte, e se for da chuva melhor, se *lance*, de cal viva dez oitavas, ferva em vaso de arame um pouco, depois se coe e ajunte, a cada libra da água que ficar, meio escrópulo de solimão em pó sutil e se use lavando as chagas, pondo-lhe fios molhados e pano por cima.

água para chagas velhas

Água aluminosa

89. Água de tanchagem e rosada, de cada uma uma libra, solimão em pó sutil meia oitava, pedra-ume queimada duas oitavas, misture-se e se use nas chagas gálicas ou outras quaisquer que sejam, lavando-as com ela morna, pondo-lhe fios e panos molhados.

água aluminosa para chagas

Água forte para verrugas, cravos e lobinhos

90. Caparrosa e pedra-ume crua, de cada urna urna libra, salitre meia libra; rudo se destile segundo a arte e se guarde em vaso de vidro bem tapado, e desta água forte se usará para curar as verrugas, tocando-as com um pincel, ou os cravos de toda a casta e os lobinhos.

água forte para lobinhos, verrugas e cravos

Outra água mais forte, que obra com mais brevidade

91. Salitre da Índia, caparrosa queimada e pedra-ume queimada, de cada uma duas libras, tudo se misture e se destile segundo a arte; e, quem quiser partir as receitas, o poderá fazer.

outra mais forte

Água para tirar os sinais das bexigas e fazer o rosto formoso

92. Sal de chumbo três oitavas, água da rainha de Hungria uma onça, misture-se tudo em gral de pedra, até que se desfaça; depois se lhe ajunte água de flor de favas duas libras e se guarde para o uso. Esta água tira os sinais das bexigas, não sendo antigos, e faz o rosto formoso, deixando-a secar nele.

outra para tirar sinais de bexigas e fazer o rosto formoso

Água para tomar fluxos de sangue, externos ou internos

93. Água da fonte trinta onças, pó sutil de caparrosa branca três onças, pós de pedra-ume crua onça e meia; tudo se misture em vasilha vidrada e se mexa com espátula de pau, sempre para uma banda, por espaço de uma hora; e depois se coe por papel pardo ralo e se lance em vidro bem tapado, lançando-lhe dentro oito pingas, ou dez, de espírito de vitríolo, e se guarde para o uso.

água excelente para tomar fluxos de sangue, quaisquer que sejam, de que se deve fazer grande estimação

94. Esta receita se comprou a um armênio por excessivo preço e depois a comprou el-rei da França e daqui se divulgou; é utilíssima para tomar todos os fluxos de sangue, ou sejam, de artéria cortada ou de veia, dando pontos e pondo-lhe chumaços molhados em cima com sua atadura que não fique apertada demasiadamente, por se não perder aquela parte, perdendo os espíritos e apodrecendo; e também serve para os fluxos de sangue que saem pela boca, ou pela madre, ou pelas almorreimas, bebendo o doente quatro onças desta água em jejum e outras tantas de tarde, antes do Sol posto, e o mesmo duas ou três horas depois de ceia, bebendo, de ordinário, água engrossante cozida com alquitira, ou com beldroegas, e comendo mantimentos frescos e engrossantes, como franga ou frango cozidos com beldroegas ou alface, almeirão, borragens ou com arroz; ou comerá pés e mãos de carneiro ou, em falta, mocotós de boi, ou pés e mãos, que é o mesmo, advertindo que os pós

acima se pisem cada um de *per se* e fiquem sutilíssimos. E, quando este grande remédio falte, recorram ao tratado dos segredos, aonde se achará um eficaz.

Outro remédio para tomar fluxos de sangue de artéria cortada; é certo

95. Façam uma pílula de magistério de ópio e a ponham ou metam dentro na ferida e parará logo o sangue. Um certo cirurgião o fez assim em presença de outros que estavam para cauterizar uma ferida com fluxo, pelo não poderem tomar com outro nenhum remédio, e logo parou, ficando os outros cirurgiões admirados de efeito tão prodigioso e repentino; porque, depois de metida a pílula, mandou bulir com o braço, sem atadura, com o sangue parado. O licenciado João Lopes Correia, mestre que foi do Hospital Real, foi um dos que assistiram, e diz no seu Castelo Forte que, desde então, ficou usando do dito remédio com feliz sucesso, na forma seguinte: de magistério de ópio um escrópulo, cabelos de lebre cortados miúdos, e clara de ovo a que baste; faz massa e dela pílulas pequenas, que mete na boca do vaso as que bastam.

remédio certo para tomar fluxos de sangue de artéria cortada

Dos ungüentos

Ungüento Egipcíaco

96. De verdete quatro onças, pedra-ume queimada e sal amoníaco, de cada um meia onça, sumo de escórdio quatro onças, sumo de aliária e de arruda, de cada um três onças, vinagre esquilítico, ou bem forte, seis onças, mel dezesseis onças; tudo coza a fogo manso até tomar consistência medíocre de ungüento brando.

como se faz o ungüento egipcíaco

97. Virtudes. É grande preservativo para gangrenas e chagas podres, porque consome o podre e preserva o são; e também é remédio de grande proveito para alimpar as chagas que estiverem sujas, desfazendo um bocado dele em aguardente do Reino e molhando nela, quente, fios e panos, e nas gangrenas, ou nas podres, se usará dele em sustância, untando com ele as pranchetas muito bem, lavando primeiro a tal parte com aguardente do Reino bem quente e pondo-lhe por cima panos molhados na mesma.

virtudes

Outro Egipcíaco mais fácil, que obra bons efeitos

98. Mel comum uma libra, vinagre forte seis onças, sumo de arruda três onças ou, sem ele, verdete uma onça, pedra-ume queimada meia onça; coza-se tudo junto em tigela vidrada até tomar ponto de mel e fique de cor roxa; se guarde para o uso.

outro egipcíaco fácil e modo como se há de usar dele e o para que serve

99. Deste tenho usado e feito em casa várias vezes e obra efeitos excelentes nas chagas podres ou sujas, ou gangrenas, desfeito em aguardente do Reino quente, respeitando o estado da chaga, porque, se está mais podre, se desfará mais parte de ungüento e menos de aguardente, e, estando menos podre, ou menos suja, se desfará menos, e a aguardente será mais, e, no lenimento que se fizer, se molharão fios e panos, estando bem quente, e se cobrirá tudo por cima e as circunferências da chaga com panos de aguardente bem quente.

100. Sendo gangrena que tenha pequena chaga ou não tenha abertura alguma, se lhe farão as sarjaduras necessárias com navalha ou verdugo, ao comprimento dos nervos, mais ou menos fundas, conforme for necessário, segundo a podridão ou falta de sentimento, o que se conhecerá metendo a ponta da lanceta, ou de tesoura, ou alfinete grande; e, feitas as sarjaduras, se lavarão com aguardente bem quente, espremendo bem aquele sangue grosso,

carregando-lhe com os dedos; dada toda a descarga que for possível, então estará feito o medicamento acima bem quente, e nele se molharão os fios e se meterão pelas sarjaduras e, por cima, panos molhados no mesmo e panos de aguardente tão quente quanto possa sofrer, cobrindo com baeta nova e atadura.

gangrena

101. Nesta cura se não bulirá senão passadas vinte e quatro horas, mas sim se lhe molharão os panos e fios com a dita aguardente do Reino da melhor que se puder achar, em se secando, e a razão é: porque, bulindo-se na cura e ficando a chaga exposta ao ar, se enfraquece mais aquela parte, exalando de si parte dos espíritos que tiver, esfriando-se com o ar, que tudo lhe será de grave prejuízo, o que nada disto acontecerá estando a parte com a cura e confortando-a quando se remolhar; eu assim o tenho feito muitas vezes com bom sucesso. A segunda cura e as mais se farão pelo mesmo modo ou conforme a cada um parecer mais conveniente, pois eu não estou obrigado a dizer senão o que tenho feito e observado nestas Minas, como mais claramente se poderá ver nas observações das gangrenas, onde nomearei algumas pessoas que livrei da morte.

102. Também é muito útil para as chagas antigas e fistulosas; serve também para as chagas da boca e gengivas, a que chamam mal de Luanda, desfeito em água de tanchagem e rosada, em mais ou menos quantidade, conforme o estado em que estiverem as tais chagas. Também é conveniente o tal ungüento para as chagas do membro viril ou genital, se estiverem sujas e côncavas, misturado com alguma água fresca das que ficam ditas acima, para que não cause alguma inflamação; e se observará o mesmo método que fica dito, fazendo o medicamento mais forte ou mais brando. Este medicamento costuma alimpar as chagas, encarná-las e, muitas vezes sem mais medicamento algum, as sara de todo.

Ungüento branco é o seguinte:

103. Cera branca três onças, alvaiade em pó sutil seis onças, óleo rosado doze onças, claras de ovos número três, alcanfor uma oitava, tudo se misture e coza a fogo brando até tomar consistência de ungüento e, em falta de óleo, servirá azeite doce.

ungüento branco

104. Virtudes. Serve para queimaduras depois de feitas em chaga, para escoriações ou chaguinhas por causa cálida, por ser muito fresco e dessecante, e para encourar.

Ungüento desopilativo de sumos para obstruções é o seguinte:

105. Sumos de aipo, de funcho, de salsa, de hortelã, de cada um duas onças; sumos da raiz de lírio e de losna, de cada um uma onça; sumo da raiz de salsa duas onças, vinho três onças, azeite duas libras, cera branca meia libra.

ungüento desopilativo de sumos

106. Os sumos se hão de tirar das ervas frescas e se porão em uma tigela vidrada com o azeite e vinho, com que andará alguns dias ao sol; e depois se ponham a fogo brando até gastar a umidade dos sumos, o que se conhecerá, porque, lançando com uma colher algumas pingas no fogo, não espirrará, e, depois que assim estiver, se coará fortemente e se lhe ajuntará a cera e tornará ao fogo para com ela se incorporar, e se guardará para o uso.

107. Mas, porque não há algumas das ditas ervas nestas Minas, se tirarão os tais sumos de folhas de salsa fresca, de folhas de funcho e de folhas de picão, e também das tais raízes, que todas estas não faltam, de cada uma três onças; estes sumos, com uma libra de azeite e com quatro onças de banha de porco sem sal, sem mais coisa alguma, se porá tudo a ferver a fogo brando até gastar a umidade dos sumos, como fica dito; e depois se alimpará ou coará por pano ralo e forte, espremendo-o bem, e se guarde para o uso, o qual tenho feito muitas vezes e tem obrado nas obstruções

admiravelmente, por cuja causa se deve fazer dele grande estimação e não pelo que tem de meu.

ungüento desopilativo de sumos, que se pode fazer nestas Minas e cada um em sua cosa, para obstruções

Ungüento para dores

108. Banha de porco sem sal e enxúndia de galinha, de cada uma partes iguais; ponham-se ambas juntas a derreter em qualquer vasilha e, depois que estiverem derretidas, se tirem do fogo e se guarde para fomentar, que tira as dores em qualquer parte que estejam, ou sejam de flato ou inchação de humor, porque o resolve e é muito anodino e não escandaliza, por ser benigno; e dele tenho usado várias vezes.

ungüento de dores

Ungüento molificativo, anódino, maturativo e para calos é o seguinte:

109. Azeite doce, o que quiserem, cera da terra (como se chama no Brasil) a que bastar para se derreter com o azeite e ficar ungüento mole, e, se a cera for da mais preta, será melhor; este ungüento tem mais virtudes do que parece. Serve para madurar e fazer matéria qualquer apostema, não sendo muito grande; serve também para rachaduras dos pés e outras quaisquer que sejam; tira as dores por ser brando e benigno; serve para os calos dos pés, que admiravelmente lhe tira as dores e os amolece de tal sorte, trazendo-o em cima deles de noite e de dia, por quatro ou cinco, e depois, metendo-os em água quente, se arrancarão singularmente, como em mim mesmo o tenho experimentado e em outras muitas pessoas e, na minha opinião, é o melhor remédio e mais fácil que há; serve mais para tirar os círculos muito duros que algumas chagas têm em roda, por cuja causa não saram enquanto os têm; para o que também é certo o emplasto diapalmo, baixo do ponto.

ungüento molificativo para calos, para dores, para fazer matéria, para rachaduras e para calosidades das chagas, invento do autor

Ungüento para as gretas dos bicos dos peitos e mais partes, que é certo

110. De bolo-armênio, mirra e cerusa, de cada um duas oitavas; enxúndia de adem a que baste; faça-se ungüento segundo a arte e se use.

ungüento para rachaduras dos bicos dos peitos

Ungüento para o pólipo, que nasce dentro no nariz

111. Misture-se sumo de alhos-porós com tártaro e cera verde, faça-se ungüento. Usar-se-á pelas ventas do nariz, pois é de grandíssima utilidade e preciosíssimo remédio.

ungüento para o pólipo dentro do nariz

Ungüento para diversas chagas

112. Para chagas gálicas é excelente o ungüento de cinábrio.

113. Para chagas superficiais, a que chamam escoriações, é bom remédio o ungüento de minio alcanforado, ou ungüento de tutia, e melhor o de fezes-de-ouro, porque são frescos e dessecantes; para chagas sujas, sórdidas ou podres é admirável remédio o ungüento que fica dito chamado egipcíaco, desfeito em aguardente ou em águas frescas, conforme as partes onde estiverem, porque, se estiver podre que se tema perigo, será misturado com a dita aguardente, como fica dito no título da sua manufatura; para chagas que tiverem muita vermelhidão em roda, o ungüento branco ou o de fezes-de-ouro que fica dito; para chagas que estiverem em cima de olhos ou de nervos é remédio admirável lavá-las com aguardente do Reino quente e pôr-lhe panos molhados nela todos os dias, uma só vez, a qual é também excelentíssima para toda a casta de feridas

frescas, sejam grandes ou pequenas; e, finalmente, para todas as chagas em geral, sejam de qualquer qualidade que forem ou em qualquer parte que estejam, é prodigioso remédio o emplasto *Saturno*, cuja receita é a seguinte.

ungüento de cinabrio, ungüento de minio canforado, ungüento de tutia, de fezes-de-ouro, ungüento egipcíaco e aguardente

Emplasto Saturno

114. Chumbo queimado e lavado duas onças, sebo de bode e cera branca, de cada um onça e meia, terebintina seis oitavas, pedra calaminar preparada e alvaiade, de cada um meia onça; de ponfóliges e tutia preparada, de cada um duas oitavas; mirra vermelha, almécega e olíbano, de cada um uma oitava; azebre hepático, cânfora e nitro, de cada um meia oitava; misture-se e faça-se emplasto segundo a arte manda.

emplasto saturno sobre todos

Virtudes

115. É tão singular este emplasto que não é razão passe em silêncio virtudes tão excelentes. É admirável para todo o gênero de chagas antigas deploradas e que têm desprezado os outros remédios; costuma sarar as profundas e cavernosas, sabendo-se aplicar dentro e fora; é certo e muito experimentado nas queimaduras, nas inflamações, nos tumores, nas erisipelas, nas feridas, nas chagas podres e corrosivas, nas cancrosas, nas malignas, nos pólipos do nariz, no *noli me tangere;* quem usar deste experimentará felizes sucessos; seu autor lhe chama "quase divino".

virtudes

Emplasto para durezas das juntas

116. Pisem queijo velho com azeite doce, faça-se emplasto e se use em cima da dureza, que é admirável remédio, porque resolve e extrai toda a sorte de durezas, ainda que seja a matéria de natureza de gesso; e, quando este não baste, se pise o queijo com cozimento de pés de porco salgados ou com azeite-de-mamona; e, não bastando ainda, se use, em cima da dureza, pasta de chumbo azougada com seus buraquinhos e se traga em cima por muito tempo; o emplasto se renovará todos os dias uma vez, e a chapa se azougará de oito em oito dias, ou de seis em seis, nesta forma:

emplasto para durezas de juntas

117. Feita a chapa de chumbo que fique delgada e do tamanho que a quiserem, se lançará um pouquinho de azougue vivo na palma da mão e se lhe lance em cima cuspo da boca, estando em jejum, e com ele se irá matando o azougue, desfazendo-o muito bem com o dedo, cuspindo as vezes necessárias, pouco de cada uma; e depois se cuspirá em um paninho, pegando-lhe com os três dedos da mão, se lhe porá em cima do azougue para se lhe pegar e se pôr em cima da chapa e, com ele, se lhe carregará andando à roda, em cima da chapa, tantas vezes, tomando com o paninho o azougue da mão, até que fique toda a chapa prateada com o azougue e, furada, se aplique.

como se azougam as pastas de chumbo

Para não sonhar

118. Para os que sonham coisas tristes e turbulentas é bom remédio beber semente de alface em pó com água ou vinho, ao deitar na cama e a toda a hora que quiserem; ou ponham no leito em que dormirem uns pés de beldroegas e não sonharão mais.

para não sonhar

Leite virginal para tirar sinais da cara e todas as manchas ou covas de bexigas

119. De pedra-ume crua quatro onças, água de cisterna duas libras, leite virginal ferva tudo até se gastar a terça parte; depois se lance de fezes-de-ouro meia libra, vinagre branco libra e meia, ferva tudo até ficar só uma libra e, depois de frio, se mexa até ficar de cor branca, e se coe e se guarde para o uso; e com ele se unte onde tiver nódoas, sinais ou covas de bexigas, não sendo antigas, as vezes que for necessário.

leite virginal

Outro para tirar os sinais e covas das bexigas

120. Óleo de alecrim, ou seu bálsamo, é remédio aprovadíssimo outro para tirar os sinais e covas das bexigas para tirar os sinais das bexigas e restituir a cor do rosto a seu antigo estado. O lenimento, que se faz de onça e meia de azeite, misturandome seis onças de sumo de limões azedos, meia onça de fezes-de-ouro lavadas, outra meia de cinza de cágados, outra meia de enxúndia de galinha, untando com este ungüento os sinais e covas que deixam as bexigas vinte e cinco dias sucessivos, e, no fim deles, lavarem o rosto com água cozida com tremoços, terão um grande remédio. Quem usar do óleo humano ou, por outro modo, óleo feito de unto do homem, se for do rim será melhor e há de morrer esquartejado, ou sem frio, nem febre, pondo-o com uma pena nas covas que deixam as bexigas ou nas suas nódoas; e, continuado por algum tempo, aproveitará maravilhosamente, como eu já experimentei em minha casa por achar o tal óleo em uma botica.

outro para tirar os sinais e covas das bexigas

Para fazer crescer as bexigas que estiverem alastradas

121. Frijam três ou quatro lagartixas vivas em meia canada de azeite velho, até que as lagartixas se torrem, e, coado este óleo, se guarde para com ele, quente, esfregar os lugares em que estiverem as bexigas alastradas, abafando bem o doente, duas ou três vezes cada dia, com o qual remédio crescerão a olhos vistos. Diz o doutor Curvo que, se não estivera tão vizinho da sepultura, havia de fazer o

dito óleo para o ter preparado e pronto para toda a necessidade, obrigado de um caso que viu e observou deste maravilhoso remédio, aconselhado de um rústico, o qual é o seguinte:

para as bexigas alastradas

122. Estava um menino com tais ânsias e agonias, porque as bexigas não só não cresciam, mas algumas, que tinham saído, se alastraram e recolheram; soube deste aperto certo homem camponês e disse que ele faria que as bexigas saíssem e crescessem bem; fomentou-lhe o corpo com o dito óleo e saíram com admiração de todos e livrou o menino da morte.

menino que escapou da morte

Outro

123. Em três quartilhos de água deitem quatro esquíbalas, ou bonicos de cavalo, assim que saírem do animal, e, depois de passadas duas horas, coarão a tal água por pano bem tapado, de sorte que não passe nada do esterco, e nesta água deitarão duas oitavas do bezoártico verdadeiro do doutor Curvo, feito em pó; e se desta água, bem vascolejada e revolvida, derem ao doente uma xícara de seis em seis horas, longe dos comeres, certissimamente crescerão as bexigas, como se tem visto inumeráveis vezes, com tal condição que o doente esteja sempre bem coberto e o aposento esteja bem fechado.

agua para bexigas

124. Se algum dia suceder que, com tão decantado remédio, não queiram sair as bexigas, darão ao bexigoso, duas vezes no dia, uma oitava de pó de esterco de menino sadio, mas não saiba o doente qual é o remédio. Este é excelentíssimo e com ele têm escapado muitos da morte.

Cordial de que se deve fazer grande conceito para as bexigas

125. *Recipe*. Em quanto baste de água comum se faça cozimento de flores cordiais, cardo-santo e flores de papoulas que fique em duas libras, e, coado, se lhe ajunte bezoártico verdadeiro do doutor Curvo duas oitavas, antimônio diaforético marcial dois escrópulos, triaga magna duas oitavas, arrobe de sabugo duas onças; misture-se e se dê ao doente em jejum e de tarde, seis onças por cada vez, porque é admirável remédio.

para bexigas, cordial de que o autor tem usado muitas vezes

126. Deste cordial tenho usado muitas vezes com bom sucesso, porque, além de rebater o humor maligno, é sudorífico e faz ventilar os humores e suar o doente e, por isso, muito conveniente para saírem as bexigas para fora e ficar a natureza mais forte e senhora de si.

127. A cautela em todas bexigas, ainda que pareçam boas, é sempre muito necessária, porque, ao mesmo tempo que se cuida não ter perigo, daí a poucas horas morrem, como tenho visto alguns escravos, pelo que haja grande cuidado em que estejam os doentes bem cobertos em casa recolhida e aonde não hajam ventos, para que se não constipem os poros, e o humor, que havia de sair por eles para fora e livrar ao enfermo, não faça retrocesso para dentro e o mate, como muitas vezes tem acontecido. Os remédios para defender os olhos e a garganta comumente são sabidos; mas, sem embargo disso, apontarei os seguintes:

do que se deve observar com os bexigosos

128. Para defender a garganta se faça gargarejo de água de tanchagem com pós de alva de cão bem finos, os quais se tomarão a miúdo; e para defender os olhos se desfarão umas féveras de açafrão em água-rosada que fique bem amarela e, com uma pena, se lançarão umas pingas nos olhos e suas pálpebras, a miúdo; isto se fará logo assim que aparecerem os primeiros sinais de bexigas ou as primeiras apontarem, e nisto se terá grande cuidado, por não

verem ao depois os doentes cegos ou morrerem sufocados com os humores que lhe tapam a garganta.

remédios para os olhos e garganta

Para surdez dos ouvidos

129. tornem um rabão de horta que seja grosso, corte-se por junto das folhas, e depois se lhe tire mais uma talhada e se cave todo o outro, de modo que se lhe tire todo o branco de dentro, e se encha de água de manjerona e, coberto com a mesma talhada, se enterre outra vez na terra por quatro ou cinco dias e, passados eles, se lhe tire a água de dentro e se guarde para o uso, deitando dentro do ouvido meia colher morna por cada vez, tapando-o com algodão de cheiro.

para a surdez

Outro para o mesmo

130. Derreta-se a banha de uma enguia e, deitada morna dentro dos ouvidos umas pingas por cada vez, faz logo ouvir.

para a surdez

Outro, que é grande segredo para a surdez antiga

131. Espírito de vinho, deitando umas gotas por cada vez nos ouvidos, assim frio, porque, como é espírito, os espíritos não se aquentam, mas sim todos os outros remédios que se aplicarem aos ouvidos; este dito tira a surdez, a dificuldade de ouvir e o zunido; é segredo grande; deitam-se as pingas de manhã, de tarde e à noite ao recolher na cama, e se tapam com algodão de cheiro.

para a surdez, grande segredo

Outro para surdez, dores e zunidos

132. Façam uma cova em uma cebola, tirando-lhe todo o miolo que se puder tirar, esta seja das brancas, e se encha de óleos de amêndoas amargosas, e com um bocado de açafrão se asse em borralho, pondo-lhe o que se lhe tirou antes de se fazer a cova; depois de assada se esprema muito bem, e o licor que sair se deite nos ouvidos às pingas; ou também pode servir o óleo de amêndoas amargosas por si somente, que dele tenho usado infinitas vezes com bom sucesso.

outro

Para os surdos que deitam matéria ou humores pelos ouvidos, remédios bons

133. O sumo de funcho morno deitado nos ouvidos faz grande proveito; frigir quatro ou cinco ratinhos vivos acabados de nascer, ou nascidos de dois ou três dias, em oito onças de óleo de arruda e seis de óleo de amêndoas amargosas; e como se torrarem os ratinhos, guardareis o tal óleo como um remédio precioso e dele deitareis nos ouvidos ao deitar na cama algumas gotas, que observareis um grande proveito.

para os que deitam matéria pelos ouvidos

134. Um róbão feito em talhadinhas o frigireis em azeite comum até que se torrem as tais talhadinhas e com uma onça deste azeite e outra de vinho branco generoso enchereis a cova de uma cebola, ou de mais cebolas, e as poreis a assar sobre fogo muito brando, e depois guardareis este licor para dele deitardes umas pingas por muitos dias nos ouvidos surdos e vereis um efeito maravilhoso. Eu tenho usado deste remédio algumas vezes em pessoas que ouviam muito pouco e lançavam matéria pelos ouvidos, principalmente lançavam mais nas ocasiões dos movimentos da Lua, e sempre alcancei com ele bons efeitos.

outro para os que deitam matéria pelos ouvidos

135. Os que deitam matéria pelos ouvidos, que haja quatro ou cinco anos, certissimamente ficarão surdos sem remédio; trazer por muito tempo dentro do ouvido uma bolinha de algodão de cheiro, na qual tenham metido dentro um bocadinho de bom almíscar, é remédio que enxuga bem as matérias e esperta o ouvir, o qual prova bem em muitas pessoas, e algumas só com ele sararão. Uma enguia de água doce assada no espeto deita de si uma gordura, que, misturada com o seu fel, deitando no ouvido duas ou três gotas por cada vez, é remédio de maior eficácia que se tem achado nas experiências antigas e modernas.

outros remédios para a surdez

136. O remédio que a todos excede na virtude para a surdez e zunimento nos ouvidos é o seguinte: tomai trezentos ovos de formigas e quarenta bichos-de-conta, chamados milípedes, de castóreo verdadeiro uma oitava, de polpa de coloquíntidas, de folhas de manjerona, de losna, de arruda, de cada coisa destas uma oitava, de canela finíssima duas oitavas, de erva-doce, de cominhos, de alcaravia e de funcho, de cada coisa destas duas oitavas, de casca de romã, de heléboro negro e cascas de rábão, de cada coisa destas três oitavas, de amêndoas amargosas duas onças; tudo bem pisado se meta em um frasco de vidro forte com meia canada de azeite velho, o melhor que se puder achar e, fechando-se-lhe a boca muito bem, se enterre em monte de esterco de cavalo por quinze dias e, no fim deles, se tire o frasco ou garrafa do esterco e se meta em tacho de água e se faça ferver por duas horas, e, acabadas elas, se coe o tal óleo com forte expressão e se guarde em vaso bem tapado, e deste óleo deitarão todos os dias no ouvido quatro ou seis gotas pela manhã e ao recolher na cama, e no discurso de um mês experimentarão um efeito prodigioso.

outro, que excede a todos, segundo diz o seu autor

137. O espírito de vinho que fica dito ou, em sua falta, água da rainha de Hungria, misturado em igual parte com óleo de amêndoas amargosas, bem batido tudo, e deitar deste remédio algumas gotas mornas dentro dos ouvidos pela manhã, antes de erguer da cama e

à noite ao recolher nela, cobrindo o ouvido com algodão de cheiro, e, se dentro dele meterem um torrãozinho de almíscar ou, em sua falta, de algália, experimentarão um efeito maravilhoso, como eu já experimentei.

outro

138. Do dito almíscar ou algália, meter dois grãos ou três dentro de algodão de cheiro e, trazido sempre dentro no ouvido, ainda que lhe não botem dentro remédio algum, renovando outras bolinhas quando for necessário, é remédio que a pessoas totalmente surdas curou em pouco tempo, pois é seguro e aprovadíssimo.

outro

139. É, porém, de advertir que, se estes remédios ou qualquer deles forem aplicados depois que o doente estiver purgado universalmente com purgas de resina depois de xaropes preparantes, e depois com purgas capitais, obrarão muito melhor os ditos remédios e será o caminho mais verdadeiro, porque, estando o corpo cheio de humores e a cabeça, fica clara a razão de não obrarem tão bem. O sumo da arruda misturado com igual parte de mel, que seja do melhor que houver, deitado às gotas como fica dito, é também muito bom remédio.

outro

140. Advirto que, quem tiver surdez ou falta de ouvir, por nenhum caso tome suores, porque ficará surdo ou cego para toda a vida, se a doença for nos olhos, porque, sendo a doença nos ouvidos ou nos olhos, de nenhuma sorte convêm suores; assim o dizem autores graves. E a razão disto é porque, com os suores, se adelgaçam os humores e dão consigo nos órgãos auditórios e visuais.

outro, com uma advertência

141. Também a aguardente do Reino morna, sendo a surdez, a dor ou zunido procedido de flatos ou de humor frio, lançada dentro, às

pingas, tapando com algodão de cheiro ou com outro qualquer, continuado este remédio por alguns dias, experimentarão admiráveis efeitos, o que eu em minha própria pessoa experimentei, estando quase surdo, como já disse no princípio deste livro e bebendo, aos comeres, algumas pingas; e o mesmo experimentaram muitos enfermos a quem aconselhei o tal remédio.

outro

outro certo, sendo como se diz

Para mataduras de besta

142. Se acontecer que alguma pessoa, indo em jornada dilatada e a sela fizer matadura na besta em que for, pise a erva chamada *persicaria de* bestas *maculata*, ou por outro nome mal-casada, lha ponha à noite, que logo sarará; e, em falta desta, segurem no suadouro uma pele de sebo de boi ou vaca, do rim ou do redenho das suas tripas, ou de carneiro, e podem fazer viagem.

para mataduras de bestas

Outro, para quando algum cavalo ou outra qualquer besta não puder andar, por causa de resfriamento nos peitos e espáduas

143. Arranquem bastante jaborandi, que nas Minas não falta, e, cortadas miudamente as folhas, paus e raízes, se meta tudo em tacho grande com umas poucas de rachinhas de sassafrás verdadeiro, com três ou quatro mãos cheias de mentrastos e depois se encha o dito tacho de urina e se ponha a ferver até diminuir a terça parte; e deste cozimento se tirará o necessário para dar um banho nas partes queixosas com um pano molhado, nele estando bem quente, chapejando por muito tempo, estando a besta em parte recolhida de vento; e logo se fará uma cenrada de cinza peneirada e lançada no que bastar do mesmo cozimento, de modo que fique uma massa branda para se poder barrar com a mão as partes que foram chapejadas, o que se fará contrapelo; e, depois de estarem todas as partes queixosas bem barradas, se cobrirá com uma baeta

ou capote a dita besta, e, atada a cobertura, se deixará estar até o outro dia, no qual se fará o mesmo, e assim nos mais dias que forem necessários, advertindo que, se isto se fizer quando o sol estiver quente e sempre em casa recolhida, será melhor; e, quando se fizerem as curas, se alimpará toda a cinza que tiver pegada; e a boa cobertura, e bem atada, é preciso.

para resfriamento de bestas

144. Tendo eu um cavalo doente de resfriamento nestas Minas e mandando-o sangrar, carregar e outros vários remédios por conselho de um alveitar, nada foi bastante para que o cavalo tivesse melhora alguma, estando sem se poder bulir dos peitos, indo-se com os narizes ao chão, custando muito para o fazer dar um passo; nestes termos, vendo um bom cavalo perdido, investiguei o remédio acima, misturando-lhe também um punhado de sal depois de tiradas as ervas, com o qual sarou e me serviu tempos bastantes e o vendi são, fazendo-lhe o remédio como fica dito, e duas vezes cada dia.

remédio com que sarou um bom cavalo que estava perdido

Para dor de cólica, remédio experimentado

145. De triaga brasílica meia oitava, ou uma, se a dor for forte, desfeita em aguardente do Reino, ou, em falta, em água de infusão do chá e, na falta de tudo, em água quente, e se beba; é remédio certo e muitas vezes por mim experimentado. A mesma água de chá com açúcar e bebida uma porção bem quente é capaz de tirar a dor de cólica ou dor de barriga, como muitas vezes tenho experimentado. Também, para quem tiver comido muito em algum banquete que não possa vomitar e esteja com ânsias, é remédio que obra por modo de milagre em tirar as ânsias e fazer bom cozimento, como tenho visto em algumas pessoas e experimentado em a minha própria, com admiração dos que me viram, porque, oferecendo-me um jantar de que gostei, me fui metendo nas iguarias, sem entender que era demasia à natureza; depois não podia sossegar, com ânsias em pé, nem deitado, e com uma grande

xícara de água de chá com pouco açúcar, de improviso fiquei sem queixa alguma.

para cólica, ou dor de barriga, e para quem tiver comido muito em banquete, invento do autor

Outros remédios fáceis para dores de cólicas ou de barriga

146. Duas ou três folhas de fumo verde, chamado também erva-santa, fritas em um pouco de azeite doce e com ele fomentar a barriga, estando bem quente, enfaixando com toalha e um papel por cima do óleo é remédio fácil para os pobres e de grande proveito, tomando, ao mesmo tempo, pela boca, pós de butua em água quente ou aguardente. Também os pós da casca grossa e amarela a que chamam nas Minas "paratudo" e há bastantes paus dela, os quais são grossos e delgados com as folhas largas, e é este remédio tão vulgar em algumas partes que até os pretos trazem esta casca consigo para as ocasiões de suas dores de barriga, e as casas que dela têm notícia não estão sem ela, por ser tão prodigiosa que, em se bebendo dela quantidade de meia oitava até uma, ralada com um ralador ou pisada e feita em pó, dada em aguardente do Reino, não há dor, ou seja de barriga, ou de estômago, que se não renda a tão singular remédio, descoberto por um paulista sertanejo ou sertanista; ou também em vinho ou água quente, sendo pessoa que não beba bebida alguma.

para dores de cólica ou de barriga, vários remédios

147. Este remédio há poucos anos que se divulgou, e, estando ele ainda em algum segredo, eu vi uma receita em uma botica, na qual pedia um cirurgião uma oitava dos ditos pós, chamando-lhe magistrais para melhor segredo, e vendo dá-los ao boticário, conheci os ditos pós serem da dita casca, e perguntando o portador da receita ao boticário quanto custava o remédio, respondeu que custava uma oitava de ouro, o que me fez admirar, e disse ao boticário o que me pareceu; ao que respondeu que o cirurgião assim a mandava vender e, pelo desbaratado preço que vi, lhe respondi, se queria algumas cargas dela de graça lhas mandaria vir, pois

conhecia já os paus e sabia havia bastantes pelos matos; e hoje é tão procurada que, principalmente os paus que estão nas estradas, estão todos esfolados, e é certo ser este um grande remédio e digno de se mandar conduzir a partes mui remotas; e por junto do caminho do Rio de Janeiro para as Minas há abundância dos paus, e nas Minas só sei que hajam os tais paus nas Minas de Mato Dentro. Também se dá em água quente às pessoas que não bebam aguardente.

preço excessivo da casca de um pau, havendo-a de graça

148. Mas, quando a dor de cólica for desesperada que não obedeça a remédio algum, se lance em cima da dor uma ventosa de boca larga, que, diz o doutor Curvo, e Galeno, que de improviso se lhe tirará a dor, principalmente se for procedida de flatos; as ajudas de caldo-de-galinha são seguríssimas e singulares em toda a sorte de dores, quer sejam de causa quente ou de fria, mandando ao doente que as retenha dentro em si mais tempo que puder e, se ficarem de um dia para o outro melhor será, nem fará impedimento uma para se lançar outra.

ventosas e ajudas de caldo-de-galinha

149. A raiz do gengibre mastigada e engolido o seu suco é grande remédio, ou também pisada e dada em água quente ou aguardente; e também é grande remédio meia oitava, mais ou menos, de pós de raiz de butua, ou meia oitava de triaga brasílica ou magna, para dor de barriga ou de cólica.

raiz de gengibre

Sendo a dor de cólica de causa quente, que se fará?

150. Conhecer-se-á a dor ser procedida de causa quente porque não terá obedecido aos remédios quentes, ou com eles se terá alterado, ou o doente será de sua natureza cálido, colérico ou

sanguinho, ou porque a dor sobreveio ao tempo que comeu alguma coisa quente.

dor de cólica de causa quente

151. Será, pois, o seu remédio ajudas de água de cisterna avinagrada e morna, ou ajudas de água de tanchagem, ou de água de malvas, ou de caldo-de-galinha que seja cozida, primeiro com tanchagem, almeirão, chicória e borragens, ou parte destas; e pela boca tomará o doente triaga magna ou de esmeraldas desfeita em água morna, ou tomará as emulsões das quatro sementes frias maiores adoçadas com pouco açúcar, pois é remédio de que tenho usado com bom sucesso, feitas como se diz no princípio deste tratado; e também usava, ao mesmo tempo delas, de ajudas de leite fresco e morno com uns pós de açúcar.

remédios bons para dor de cólica de causa quente

Remédios para o panarício

152. O panarício é um apostema pequeno ou tumor que nasce nas pontas dos dedos das mãos, e algumas vezes dos pés, nos quais, umas vezes, há dores pequenas, outras maiores e outras gravíssimas que fazem aos doentes perder o juízo, o dedo, a mão, o braço ou a vida, por serem estes procedidos de humor maligno, metido entre o periósteo e o osso, que às vezes o corrompe se se não acode no princípio com remédios eficazes, os quais são os seguintes: o primeiro é de minhocas machucadas e postas logo no panarício, sem demora; para melhor aplicação se meterão em um saquinho, para nele meter o dedo, e é este remédio dos que têm o primeiro lugar e eu não usei de outro depois que tive conhecimento deste. O segundo é de uvas-de- cão machucadas e postas, as quais são as que nascem em cima dos telhados e pelas paredes, que costumam dar umas espigas; quem experimentar o das minhocas, a quem o curar e a seu autor rogará muitos bens; e os ditos dois remédios são dois segredos mui grandes para o panarício mais terrível que houver, mas hão-se de aplicar no princípio e renovar de hora em hora.

acidentes do panarício e seus remédios

Outros para o mesmo

153. Quando a dor for desesperada e não obedeça a remédio algum dos que ficam ditos, ou sendo em parte que os não haja, aquentarão um pouco de vinagre que esteja tão quente que o doente não possa senão meter o dedo e tirá-lo uma e muitas vezes, e depois lhe ponha panos do mesmo bem quentes; e se não houver este, assem um limão, cortando-lhe primeiro uma talhada e pulverizando o que se há de assar com sal, e posto em cinza bem quente com brasas ao redor; e tanto que o sal estiver derretido, se fará no limão um buraco capaz de meter o dedo, o qual se meterá nele, sofrendo a quentura o mais que for possível, ou meterá muitas vezes, pondo-lhe depois o miolo do tal limão com seus panos atados ou molhados, em sumo de outros limões. Também dizem alguns autores que, metido o dedo dentro do ouvido de um gato, deixando estar por algum tempo, é grande remédio de virtude oculta, e depois se lhe ponham panos molhados em vinagre ou sumo de limão; e, sendo em mulher, meta o dedo no seu vaso natural por espaço de um quarto de hora e os mesmos panos acima, que obra por virtude oculta e tira as dores.

outros para o mesmo

Outro particular para fazer matéria

154. Quando as dores forem intensas no panarício e não quiser fazer matéria, se meterá em um saquinho de couro de luva, ou outro semelhante, esterco humano e fresco, e se meterá o dedo dentro do tal saquinho, renovando este remédio as mais vezes que for possível, porque é de virtude superior a todos, assim para tirar as dores, como para fazer matéria e arrebentar com o mesmo.

esterco humano para fazer rebentar a matéria do panarício

155. Mas, no caso que suceda não obedecer a remédio algum dos que ficam ditos, antes as dores vão em aumento e a inchação é sinal de que a matéria é maligna e está pegada no osso, em tal caso se abrirá todo o dedo, ou naquela parte da maior dor, com um verdugo ou navalha, com toda a força, para o tal ferro chegar ao osso, aonde certamente estará a dita matéria, para que saia para fora, que será o único remédio; e depois de bem espremida aquela parte para dela correr bem sangue, se lhe meterá um ou dois lequinos de fios molhados em espírito de vitríolo ou em óleo de enxofre, e bem calcados com a pinça ou ponta de tesoura, para que cheguem ao osso e comam a corrupção que houver nele, se a houver; e, quando a não haja, sempre será remédio conveniente para consumir a tal matéria; e por cima dos tais lequinos se porão outros e panos molhados em todo o ovo bem batido, e a mesma cura se fará por duas ou três vezes, curando ao depois conforme for necessário e os autores mandam.

abertura no panarício que chegue ao osso e espírito de vitríolo

156. Digo que se abra quando as dores forem intensas e que se lhe metam os lequinos molhados no tal espirito, porque assim me sucedeu um caso no mar, fazendo eu a primeira viagem de Lisboa para a Bahia, na forma seguinte: Nasceu a um marinheiro um panarício no dedo de uma mão e, fazendo-lhe alguns remédios dos poucos que permitem aquelas casas, não obedeceu, mas sim foi a mais com tantas dores e inchação que o homem atirava consigo ao chão, sem reparar se caía bem ou mal, e com tais gritos e desesperação que em tudo parecia tinha perdido o juízo; nestes termos considerei que a matéria estava no osso e que o seu único remédio era abrir o dedo em forma que ela saísse dele; prognostiquei o perigo que tinha de o perder, cortando-se-lhe, ou a mão ou a vida, e assim o capacitei a consentir lho abrisse e, pondo-lho em cima de um bofete, lhe meti o verdugo, carregando-lhe com toda a força, para que, da primeira vez, chegasse ao osso; e, com efeito, me não enganei, porque, feita a obra, saiu matéria misturada com sangue; curei na forma dita acima e logo se foi desvanecendo a

inchação, as dores a menos, que, em poucos dias, ficou livre de todas, e, quando chegamos à Bahia, chegou são, sem perder nada do dito, nem ficar com lesão alguma, porque lhe dei a incisão ao comprimento dele.

observação no mar

observação que fiz em um panarício maligno no mar

Remédio para queimaduras de pólvora na cara

157. De manteiga crua seis onças; lave-se nove vezes ou mais em água de *esperma ranarum*, se lhe misture óleos de gemas-de-ovos duas onças e disto se faça lenimento, com o qual untarão a queimadura com uma pena, que curará qualquer queimadura em oito dias, por grande que seja.

para queimaduras de pólvora

Outro para queimaduras de água ou fogo

158. De azeite fresco, ou melhor será óleo de sabugo duas onças, claras de ovos quatro; tudo se bata com espátula de pau bem batido, até que faça lenimento e, com isto, se unte com pena de galinha preta, e nada se lhe ponha por cima, que é certo e nem cicatriz deixa; e diz seu autor que não há experimento melhor.

para queimaduras de água, azeite ou fogo

Outro para não empolar, e certo

159. Assim, logo que suceder alguma escaldadura com água fervendo, com azeite ou com fogo, não saindo logo a pele, mandem lavar uma mulher por baixo, e com aquela água lavem a queimadura, pondo-lhe panos molhados que estarão livres de esfolar, nem de empolar, e ficarão logo sãos, como eu tenho visto algumas vezes.

a água da lavagem de ualquer mulher serve para ueimaduras e é certo

Outro certo

160. Batam as claras de ovos que quiserem com o óleo de linhaça, que fique a modo de lenimento, e nele molhem panos delgados, não os deixando secar, que é infalível para tirar as dores e não empolar: eu assim o tenho experimentado algumas vezes com felicidades.

outro também certo

Outro também certo e fácil

161. Pisem uma ou duas cebolas com pouco sal e, pondo a tal massa em um prato inclinado para destilar, daquele licor que for saindo se vá untando a queimadura com uma pena, e verão efeitos prodigiosos, untando-se a miúdo, com tal condição que a tal queimadura não há de estar esfolada, porque, se o estiver, lhe fará grande dano. É tal este remédio que os seus prodigiosos efeitos de tirar a dor, o ardor, o pruído e impedir que não empole farão admirar a todos, porque, imediatamente, faz os proveitos referidos, advertindo que se há de usar dele logo no princípio.

outro certo e fácil para queimaduras

Para as chagas das queimaduras

162. Litargírio de ouro duas onças, óleo de gemas-de-ovos onça e meia, óleo de dormideiras uma onça, ungüento populeão duas onças, cânfora meia oitava; de tudo se faça ungüento segundo a arte. Ou este. Claras de ovos duas bem batidas, óleo de gemas-de-ovos uma onça, alvaiade em pó sutil quatro oitavas; tudo se bata muito bem até se fazer lenimento, e, molhado um pano delgado, se ponha na chaga, e, sendo nos matos, em lugar do óleo de gemas-de-ovos servirá o rosado e, na falta deste, azeite doce.

outro para as chagas delas

Os ungüentos que podem servir para as chagas das queimaduras são os seguintes:

163. Ungüento branco alcanforado, ungüento de fezes-de-ouro, ungüento de tutia; qualquer destes, estendidos em pano de linho delgado e seja o ungüento em pouca quantidade e o pano não seja de camisa de mulher, renovando-se a miúdo, curarão qualquer chaga até encourar.

ungüento para as chagas das queimaduras

Remédios para a asma

164. Em uma tigela de caldo-de-galinha se deite espírito de tabaco de três até doze pingas, se tome em jejum e de tarde, que é específico, principalmente depois que o doente estiver purgado com um vomitório e alguma purga mais, como de maná, *etc*.

para a asma

Outro

165. O espírito de enxofre tirado por campana e misturado com água da fonte, que fique com azedo agradável, brando, é estupendo remédio; toma-se uma colher de cada vez e repete-se muitas.

Outro

Outro

166. Uma esponja molhada em vinagre de arruda e cheirada faz outro suspender, de repente, o paroxismo da sufocação da asma, o que sucede porque a asma é gota-coral do bofe, e, como o cheiro da arruda rebate a gota-coral, não é de admirar que rebata o acidente da asma. O tabaco de fumo, ou fumo tomado no cachimbo por muitos dias depois de dormir e antes de comer, não só cura a asma de causa fria, mas preserva dela e desobstrui a sustância e brônquios do bofe.

Outro

Outro

167. Diz o doutor Curvo o seguinte. *Consta-me, por repetidas experiências, que os pós dos gatinhos acabados de nascer de poucos dias, metidos vivos em uma panda nova barrada com o seu testo e metida no forno para se secarem, de sorte que se possam fazer em pó, dando uma oitava deles em água cozida com cabecinhas de hissopo, orégãos e açafrão, faz grandíssimo proveito*. Com este remédio curou a um menino, morador junto à igreja dos Mártires, que havia dois anos padecia terríveis acidentes de asma, procedidos de dormir com um gato na cama, o que é danosíssimo, porque o bafo daquele animal tem uma tal antipatia com o nosso bofe que, infalivelmente, causa asma a todas as pessoas que dormem com eles na cama, o que lhe consta (diz ele) por mil experiências, e que, quando era chamado para doentes asmáticos, lhe perguntava logo se tinham dormido com gatos e todos lhe diziam que sim; sendo, pois, o bafo a causa da asma, o seu pó é remédio dela.

outro

outro especifico, feito de gatinhos vivos

168. Também está introduzido em pessoas fidedignas que meter a urina do asmático em uma ponta de boi e pendurada na chaminé se vai diminuindo a asma ao compasso que a urina se vai secando; se se fizer este remédio, não fará dano, nem se perderá nada, porque se tem visto, em coisas que parecem ridículas ou embustes de benzedeiras, acharem-se alguns remédios admiráveis, o que se não pode negar.

outro

Outro

169. Tomai de tâmaras sem caroço três oitavas, de folhas de escabiosa uma mão cheia, de raízes de lírio cardano, cortadas em talhadinhas uma oitava; tudo se coza em quatro canadas de água-mel, que é água adoçada com mel, e desta água, depois de coada, beberá o doente por continuação e mostrará a experiência que é remédio portentoso. Já se o doente se sangrar debaixo da língua, nas veias a que chamam leônicas, que estão à vista, se verá um efeito maravilhoso, com tal condição que o doente há de estar purgado racionavelmente com seis grãos de tártaro emético, que, para as asmas e tosses, é a melhor e mais proveitosa purga ou vomitório que tem a Medicina.

outro

Asma seca, convulsiva ou espasmódica

170. A asma seca, chamada também convulsiva ou espasmódica, é diferente da asma úmida, porque na asma seca rara vez há tosse, não tem piados, nem roncos na garganta, nem estertor no peito, somente tem muita falta na respiração, nem podem estar deitados de nenhum dos lados, ou, se se deitam, é por pouco tempo; ordinariamente tem inflamação nas faces do rosto e muita secura na boca.

sinais da asma seca

171. O seu maior remédio é o uso de leite de burra continuado por muito tempo, tomando um quartilho por cada vez em jejum, deitando-lhe dentro um escrópulo de pó sutilíssimo de unha de grão besta, e nas terras aonde não houver o dito leite e a dita unha, poderá servir, ainda que menos eficaz, o leite de cabra e a unha do burro feita em aparas e pó sutil, contanto que não ande com o cio; ou melhor que o leite de cabra será uma onça de manteiga crua derretida e bebida em jejum com os ditos pós ou sem eles, não os havendo, ou umas amendoadas feitas em água de cevada, como se diz no princípio deste tratado. Com o remédio do leite de burra se curou dom Francisco Mascarenhas, dona Isabel Guilherme e outras

muitas pessoas. Com a manteiga derretida tomada por muitos dias se curou uma religiosa e outras pessoas.

remédios eficazes

172. Mas porque a falta da respiração ou sufocação convulsiva ou espasmódica pode suceder de noite, fora de horas, e não se lhe possa então acudir com os maiores remédios, neste aperto se lhe acudirá metendo-lhe os pés logo em água bem quente, por tempo de uma hora, cevando a dita água com outra muito quente; e a razão por que os tais banhos aproveitam muito é porque a água bem quente desencorreia as fibras do bofe e diafragma, que, por estarem encorreadas e convulsas, ou espasmadas por causa de algum tumor maligno, nem o diafragma e bofe podem fazer o seu ofício, que é ventilar e abanar o coração, e por falta deste abano ou refrigério se sufocam os tais doentes e morrem; mas, desencorreadas as fibras por virtude da dita água bem quente, torna a continuar a ventilação e livram os doentes, como se tem observado em várias pessoas com toda a certeza que se livraram do paroxismo e última agonia da morte que nem se podiam confessar, nem dar sinal para o confessor os absolver.

pediluvios de água bem quente é remédio eficacíssimo para livrar os doentes do aperto e último paroxismo da asma

Asma úmida

173. A asma úmida é aquela em que os doentes têm tosse, roncos e piados no peito; deitam alguns escarros muito viscosos, pegajosos e grudentos; esta se cura, em primeiro lugar, com um ou dois vomitórios, pois é utilíssimo remédio e o mais principal de todos, e depois alguns dos que ficam referidos. Ou o seguinte: em meio quartilho de caldo de galo velho deitem dez reis *[sic]* de bom açafrão em pó e seis grãos de ouro diaforético, que é admirável remédio e faz milagrosos efeitos.

sinais da asma úmida e sua cura

174. Se nada do que fica dito aproveitar, podem recorrer ao remédio do espermacete que fica receitado na observação sétima, pois é remédio de que tenho experiência certa em tosses rebeldíssimas e desesperadas.

remédio do espermacete

Observação em o alferes Gervásio Barbosa, morador na freguesia de São Caetano, Ribeirão Abaixo, o qual padecia uma asma sufocante de sua natureza úmida, de que ficou livre com dois vomitórios e uma purga de maná

175. No ano de 1722 me mandou chamar o alferes Gervásio Barbosa, morador então na freguesia de São Caetano, distrito da Vila do Carmo, o qual estava na cama sufocando-se por instantes, por não poder tomar a respiração, com roncos e piados no peito e com tão grande aperto que não podia estar senão meio deitado e meio sentado para poder respirar, ao qual mandei tomar um vomitório de seis grãos de tártaro emético, com o qual fez uma obra admirável, assim pela boca, lançando grande cópia de cóleras, como por baixo, e depois desta obra ficou tão aliviado que lhe dava mui pouca moléstia o respirar, podendo já fazê-lo sentado e deitado; à vista de tão grande alívio, o mandei descansar dois dias, no fim dos quais tomou outro vomitório, com que fez boa obra e ficou quase de todo aliviado. Passados outros dois dias, lhe mandei tomar uma purga de maná em cozimento peitoral e ficou de todo são.

observação

176. Passado pouco mais de um ano, lhe tornou a sobrevir a mesma queixa e com o mesmo aperto; tornou-me a mandar chamar e o mandei purgar com outro vomitório; depois dele ficou lançando muitos escarros grossos e purulentos com mais alívio na respiração, mas sempre com os piados no peito, a modo de gato; ordenei-lhe expectorantes de lambedores de aguardente, porque os não tenho achado neste clima mais singulares nas enfermidades de matéria fria ou úmida, com os quais se foi achando com muito alívio e lançando poderosamente escarros mui grossos e, passados dez ou

doze dias, o mandei purgar com uma purga de maná em cozimento peitoral, com a qual ficou mais aliviado na respiração; e dando-lhe esta doença cuidado pelas repetições que lhe fazia nas ocasiões das luas, mas estas duas que tenho dito foram as de maior aperto, mandou chamar um médico, o qual lhe disse que os remédios estavam bem aplicados e que não tinha nada de novo que lhe aplicar; fui desenganando este doente para se sair das Minas, o qual, ficando com boa respiração e de todo aliviado, se foi preparando para vender a sua lavra e escravos, que enfim veio a conseguir e hoje se acha no Rio de Janeiro, aonde, como em outro clima, tem logrado melhor saúde há uns poucos de anos, livre do tal achaque, no que me não enganei, como em outros mais doentes que aconselhei saíssem do clima das Minas para sararem de algumas enfermidades que estavam casadas com eles e fora dele sararam.

para matéria fria ou úmida

algumas enfermidades que não sararam no clima das Minas

Para caírem os cabelos e não tornarem a nascer

177. Tomem uma pouca de carne de vaca, ponham-na aonde apodreça e se encha de bichos, estes bichos se sequem ao fogo até que se possam fazer em pó, mas não se queimem; destes pós fareis umas papas com sumo de agraço pisado, que é o sumo que sai das uvas verdes, e poreis isto no lugar que quiserdes pelar e que fique sem cabelo, e deixai estar este remédio na parte, até que se seque, e então puxareis pelos cabelos e se tirarão sem dor; e, no caso que tenham algum, torne-se a pôr o remédio, que, secando-se na parte, se tirarão sem dor e sem falta para nunca tornarem a nascer.

para caírem os cabelos é certo

178. Se untarem muitos dias a parte aonde quiserem que caia o cabelo com água que destilam as parreiras quando as podam,

misturada com azeite, cairá o cabelo que ali estiver. Fomentar muitas noites a parte aonde quisermos que caia o cabelo com sumo de miolo de abóbora, misturado com pós sutilíssimos de *crocus martis*, cairá dela o cabelo.

outro

Para não nascer cabelo

179. Esfregar a cabeça ou outra qualquer parte aonde não quiserem que nasça cabelo com o sangue de uma rã de ribeira corrente, não nascerá ou não tornará a nascer; a raiz ou cebola do jacinto de flor vermelha, esfregando a parte com ela, impede o nascimento dos cabelos. Arrancados os cabelos e untar aquela parte com o sangue de um morcego não deixa nascer o cabelo muitos anos; quem esfregar a parte, depois de tirados os cabelos, com sangue de cágado conseguirá o não tornarem a nascer. À meia onça de cal virgem em pó sutil ajuntai, de vinagre forte e urina de cabra, partes iguais, tudo se ferva junto, e com este remédio fomentai o lugar, que não nascerão nele mais cabelos; e o mesmo faz esfregando a parte com esterco de gato misturado com vinagre fortíssimo, fará cair o cabelo, untando a parte várias vezes cada dia.

remédios para não nascer cabelo

Para fazer nascer cabelo na cabeça ou em outras partes

180. É experiência certíssima que, rapada a cabeça à navalha, quatro ou cinco vezes, e untá-la com sebo de homem esquartejado, ou com o seu óleo por tempo de um mês, faz nascer o cabelo, e, se untarem a cabeça dois meses com o dito sebo, lhe nascerá tanto que não terão vontade de mais; tira também certamente as manchas e sinais das bexigas e desfaz as suas covas, untando-as todos os dias duas vezes com o tal sebo ou com o seu óleo; e também desfaz as cicatrizes das feridas que ficam na cara ou mãos, o qual se acha em algumas boticas vendido pelos carrascos; porém há-se de aplicar logo no princípio ou ao menos de pouco tempo.

Também untar a parte com mel misturado com pós de moscas muitas vezes.

sebo de homem esquartejado faz nascer o cabelo e tira as manchas das bexigas, e desfaz as cicatrizes que ficam das feridas na cara

181. Uma moça formosa e rica deixava de casar por ser calva e, untando a cabeça dois meses com o dito sebo, lhe nasceu tanto que casou e viveu com muito gosto.

moça formosa e rica

Os calos se tiram sem risco da vida com os remédios seguintes:

182. Tem acontecido, como logo mostrarei, morrerem muitos homens por cortarem os calos dos pés com tesoura, navalha ou canivete; advirto que tal se não faça por não ficarem filhos sem pais, mulheres sem maridos e outros que dependem da vida de alguns: a razão por que morrem e têm morrido é por tirarem os calos por violência, fazendo sangue e dores, causa por que acode o humor à parte, cria herpes e morrem sem remédio; que, tendo-o em outras partes, nesta não obedecem a remédio algum, podendo-se tirar sem moléstia, nem risco com os seguintes remédios:

perigo dos calos se se tirarem por violência

183. Mastigar papel pardo pelas manhãs em jejum, todos os dias, e pôr-lhe aquela massa em cima que os cubra por tempo de oito ou dez dias, e depois metê-los em água quente por tempo de meia hora, com muita facilidade se tirarão; e a razão é por respeito da saliva, que, pelo sal volátil que tem, penetra eficazmente a dureza do calo e o abranda tanto como se fosse cera junto do fogo; mas é necessário que o papel se traga na boca por muito tempo, para que embeba em si o sal volátil da saliva, o que se fará e porá todos os dias, e pode andar de pé; ou cebola pisada com enxúndia de galinha.

remédios para os calos

184. Se tocarem os calos cinco ou seis vezes no dia com água muito clara, em que a cal virgem tiver estado de molho seis dias, abranda os calos pela mesma razão do muito sal volátil que a tal em si tem, como a saliva. Se na sobredita água misturarem um pouco de sal amoníaco, e com ela tocarem os calos oito dias, ou as verrugas, infalivelmente cairão. Os gomos de limão azedo machucados e trazidos sobre os calos oito dias também é bom remédio, porque os abranda, de sorte que, metidos em água quente, se tiram com a unha sem dor e sem risco.

calos e verrugas

185. O remédio que eu tenho achado e inventado por melhor e mais fácil é pôr-lhe em cima dos calos, de noite e de dia, estando em casa e saindo fora, o ungüento feito de cera da terra, que é a das abelhas silvestres das Minas e do Brasil, e a mais preta é melhor, derretida com azeite doce que fique mole, renovando-o quantas mais vezes melhor; seguramente, em poucos dias, ficarão os calos tão brandos que, metidos em água quente por um quarto de hora, se tirarão admiravelmente, o que afirmo pelo ter experimentado muitas vezes nos meus e aconselhado a muitos doentes do mesmo mal, e todos experimentaram a mesma felicidade; e os sapatos largos também é um dos melhores remédios.

remédio certo e infalível para os calos, nvento do autor

186. As pessoas que têm morrido por cortarem os calos, fazendo-lhes sangue e dor, foi um desembargador do Senado de Lisboa João Coelho de Almeida que, querendo tirar um calo por violência, fez dor, correu o humor à parte, gangrenou-se e morreu; Gaspar Pereira, cavaleiro da Ordem de Santiago, cortou um calo com tesoura, saltaram-lhe herpes e morreu, não lhe valendo remédio algum.

pessoas que morreram por cortarem os calos

187. A causa de não obedecerem aos remédios e morrerem é porque aquele panículo chamado periósteo que cobre os ossos tem comunicação com os calos; ofendendo-se os calos com dores por violência do instrumento, ofende-se o tal periósteo, e, como é muito sensitivo, acode o humor, de tal sorte que, não podendo ventilar-se e faltando a ventilação e circulação necessária ao tal humor, certamente se mortifica, apodrece e morrem.

causa por que os remedios nao valem nestas partes

Para que os calos não tornem a nascer

188. É remédio de grande estimação pulverizar a cova donde se tirou o calo com a cinza que se fizer das cascas das ostras. Um impressor de livros era muito vexado de calos, porque, assim que os tirava, lhe tornavam a nascer, como a todos, até que, sabendo deste segredo e usando dele, nunca mais lhe tornaram. E sobre todos é calçar sapatos largos.

para calos não tornarem a nascer

Para os calos das fontes

189. Molhem um grão novo, antes de o meterem na fonte, na saliva da boca, e se envolva em pós de cantáridas e se use por vinte e quatro horas, que é certo.

para os das fontes

Para chagas do membro viril e mais partes

190. Façam cinza de casco de cabaça, esta se lave em água-rosada e, com a mesma água, se deixe secar à sombra, e, seca, se façam pós e se apliquem, pulverizando as chagas com eles, que é certo.

chagas do membro viril

Outro

191. Água-rosada e de tanchagem, de cada uma duas onças, alvaiade em pó sutil quatro oitavas, pedra-lipes machucada, que logo se desfaz, um escrópulo; misture-se tudo. Com este remédio morno se lavem as chagas do membro ou escoriações dele, ou do escroto, que é a bolsa, ou os cavalos, pondo-lhe fios molhados nela e panos delgados, duas ou três vezes cada dia, suspendendo o membro para cima; é experimentado por mim muitas vezes, e tanto nestas partes como nas chagas dos dedos dos pés e unhas.

para chagas do membro viril, bolsa dos testículos e dedos dos pés

Outro

192. Água de tanchagem e de pés de rosas, de cada uma duas onças, pedra-lipes um escrópulo, alvaiade em pó sutil três oitavas, pós de caroba-do-campo uma oitava, tudo se misture e, quente, se lavem as chagas e se lhe ponham panos molhados e fios duas vezes ao dia. Com este remédio tenho curado infinitas chagas nos dedos dos pés, a que chamam unheiros, algumas deixadas por incuráveis, e escoriações do membro viril e da bolsa dos testículos.

Outro particular e certa para o mesmo

Aos afogados na água, com que remédios se deve acudir

193. Ainda que alguma pessoa se tire debaixo da água reputada por morta, se lhe deve acudir com os remédios seguintes: assim que sair, logo se pendure com a cabeça para baixo até que lance toda a água que tiver bebido e, tanto que não lançar mais, logo o deitem em cama bastantemente quente, e logo se lhe aplique sobre o coração pombos, ou galinhas, ou frangos escalados em vivos e borrifados com vinho ou com aguardente, o que se fará com toda a presteza, tendo quente qualquer dos licores para lhe alentar os espíritos, que estão tão extintos como se verdadeiramente estivessem mortos; e, por falta desta diligência, estando expostos ao ar frio, com facilidade poderão passar desta vida, por lhe ser o ar de grandíssimo dano; e, depois dos pombos aplicados, se lhe dará,

pela boca, caldos esforçados, se os puder levar, ou algumas colheres de vinho generoso, e melhor serão de aguardente do Reino, da melhor que se puder achar; e, quando não possa tomar por estar de todo resfriado, pela circulação do sangue estar quase de todo extinta, se terá grandíssimo cuidado na boa cobertura, e repetindo as galinhas, frangos, pombos ou capões sobre o coração, até que de todo percam o seu calor natural, não os deixando esfriar, para se aplicarem outros, os quais estarão de sobressalente, porque é esta uma ocasião de tão evidentíssimo perigo que podem morrer ou escapar dentro de um quarto de hora; e tanto que se lhe puderem levar os caldos, se lhe darão.

remédios para os que se tiram debaixo da água, reputados por mortos

194. Consta de grandes autores que alguns afogados que estiveram duas horas debaixo da água, fazendo-lhes os ditos remédios, entraram em si e viveram muitos anos; o doutor Curvo diz que foi testemunha de vista de um pintor que, andando pintando a popa de uma nau, caiu no mar e, passadas duas horas que esteve debaixo da água, saiu na praia de Belém, que era distância de uma légua, e, fazendo-lhe os remédios ditos, entrou em si e viveu depois muitos anos.

duas horas esteve um pintor debaixo da água e escapou da morte por virtude dos remédios acima

195. A este caso se deve dar inteiro crédito pelo autor dele ser de conhecida verdade e sã consciência. Quem quiser ver as razões por que pode estar um homem debaixo da água duas horas sem morrer, veja a sua *Polianthea* da terceira impressão, no Trat. 2, cap. 21, pág. 151, núm. 49, aonde as acharão, o que sucede à maneira dos que lhe dão acidentes apopléticos, síncope ou uterinos, que estão algumas horas sem sentidos viventes.

196. Os corpos dos afogados na água não aparecem senão ao terceiro ou quarto dia, por razão dos humores não estarem corruptos senão neste tempo e aparecerem inchados por causa dos

flatos e vapores que da tal corrupção se levantam, ou também porque, no fim dos quatro dias, está o cadáver fermentado e leve, à maneira da massa com o fermento que se leveda e cresce. Conheceremos que os afogados se lançaram na água estando vivos ou os lançaram depois de mortos porque, deitados os bofes do tal afogado em uma tina de água, se eles ficarem em cima dela, entenderemos que foi deitado na água ou caído nela estando vivo, porque denota que os bofes tinham recebido ar nos seus brônquios e por isso não pode entrar neles água e nadam sobre ela; outro sinal há, o qual é inchar-lhe muito a barriga e deitar pelo nariz certos mucos e pela boca alguma escuma; porém, se virmos que os bofes se vão ao fundo da água e que a barriga não inchou, nem pelo nariz ou boca sai algum muco ou escuma, podemos entender que a tal pessoa foi morta antes de a lançarem na água, porque, como por causa da morte se fecham e apertam os brônquios do bofe e do ventre, nem este pode receber tanta água que o faça inchar muito, nem aqueles receber ar bastante que os faça tão leves que nadem em cima da água. Esta mesma experiência podemos fazer nas crianças que nascem mortas para sabermos se vieram mortas das entranhas da mãe ou se a mãe as matou depois de nascidas, pois este ponto é de grande importância, assim para os morgados como para sabermos julgar se as mães hão de ser castigadas por homicidas. As mulheres aparecem depois de afogadas em cima da água com o rosto para baixo e os homens com ele para cima, porque os peitos e a barriga das mulheres são partes mais pesadas que as costas e, por isto, buscam a parte mais baixa; e a mesma natureza é tão próvida que, ainda na morte, encobre as partes vergonhosas e dignas de recato.

197. Um corpo defunto brota sangue em presença do matador por antipatia ou providência de Deus e, pela mesma, um matador não sairá da presença do defunto, enquanto o defunto estiver de bruços. Eu assim o vi no Arraial de Cima, junto à Vila do Carmo, nas Minas do Ouro, que, caindo o defunto de bruços com uma facada no coração, andava o matador perto do defunto, e à sua vista, como pasmado ou peado, sem poder fugir; e tanto que um homem virou o defunto de costas, logo o matador correu e fugiu.

Para dessecar as almorreimas

198. Cozam escória de ferro pisada em vinho e as lavem com o tal vinho; ou tenham na mão um topázio grande, que é experimentado para reter o fluxo de sangue delas; ou as untem com o suor de um agonizante, que não doerão mais, nem tornarão a aparecer.

dessecar almorreimas

Para as almorreimas que se sangram demasiadamente

199. Azebre e incenso feitos em pó sutil se misturem com claras de ovos que fiquem em consistência de mel, que, posto nas almorreimas, certamente se suspenderá o fluxo.

para suspender o fluxo de sangue delas

200. Também é bom para suspender o fluxo o seguinte: fareis moer muito bem, por tempo de duas horas, duas oitavas de vidro de Veneza com quatro oitavas de manteiga crua misturada que fique um lenimento; untando as almorreimas com este remedio continuado quatro ou seis dias sarará o doente, lavando primeiro as ditas almorreimas com cozimento de tanchagem; é experimentado e, não bastando o que está dito, recorram ao tratado dos meus segredos.

Remédios certos para as almorreimas que saem fora

201. Lavando-as muitas vezes com aguardente em que tenham misturado um pouco de alcanfor, se recolhem e se tiram as dores. Ou este, que é certo: recolher as almorreimas, pondo-lhe em cima e carregando-lhe com um pedaço de lençol ou mortalha em que tenham amortalhado algum defunto, porque, recolhendo-as com o tal pano de mortalha, não tornarão mais a sair; eu o experimentei algumas vezes e é certo; e o mesmo faz em recolher o sesso saído fora.

para as almorreimas que saem fora, remédio de antipatia

202. Certo homem, cavalheiro da Ordem de Cristo, certificou que o maior remédio que havia para as almorreimas se recolherem era pondo um espelho atrás das costas e dobrando a cabeça para baixo, de modo que possa vê-las por entre as pernas ao dito espelho, que aquela vista bastava para se recolherem; é homem fidedigno e pode ser por antipatia; custa pouco experimentar-se e, quando não aproveite, também não fará dano. É certa experiência esfregar as almorreimas saídas fora com raminho de trovisco, que logo secam, e não faça dúvida a ninguém porque é certo, e, para quem anda a cavalo, basta trazer um raminho no cós do calção ou entre si e a sela; quem o experimentar conhecerá o grande remédio que é.

vendo-se a um espelho por entre as pernas, se recolhem as almorreimas e saram

Outro remédio singularíssimo de virtude oculta para os que forem atormentados de almorreimas e para preservar delas

203. Nestas Minas há uns macacos a que chamam barbados, outros lhes chamam bugios, e são uns que têm papo e são pretos pelo corpo, e pelo fio do lombo têm o seu cabelo a modo de ruivo e são conhecidos pelo nome de barbados, e pelo papo, de muita gente: destes, estando ainda vivos, se lhes tira aquela noz redonda a modo de bolazinha, que encaixa no quadril na cova onde joga a perna e há de ser o da perna esquerda; esta bolazinha, chamada de algumas pessoas "conta de macaco," se aperfeiçoa e fura para trazer atada no braço esquerdo, de modo que toque na carne; é bastante para se acabarem as queixas de quem for perseguido de almorreimas; a mim me certificou um parente meu, amante da verdade, que só de trazer na algibeira uma conta das ditas acima que lhe deram por ele dizer que padecia suas queixas do tal achaque e a não atara no braço por não ter queixa naquela ocasião, mas que, correndo os tempos, nunca mais sentira moléstia alguma; e indo em uma ocasião à dita algibeira, dera nela com a tal conta e

ficara na certeza de que estava livre das graves moléstias que em algumas ocasiões padecia, a qual conta lhe dera um paulista que tinha andando pelo Sertão muitos anos e, dando-lhe parte do lhe tinha sucedido, lhe respondera o tal paulista pela experiência que tinha estivesse certo que estava são para sempre, pois faziam aquelas contas milagres na tal enfermidade; e assim o tem experimentado, sendo passados alguns anos; e como há muitos remédios de virtudes e qualidades ocultas, não se pode duvidar que este seja um deles, pois é já aprovadíssimo nessas Minas em algumas pessoas. Visto falar aqui e em outras partes deste volume em virtudes e qualidades ocultas, também será razão dizer que coisa é qualidade e virtude oculta, e também simpatia e antipatia. Virtude e qualidade oculta é aquela de que procedem obras e efeitos que vemos e experimentamos com os sentidos, mas não os alcançamos com o entendimento.

conta de macaco com as condições referidas é certíssimo remédio para as almorreimas

conta de macaco

Simpatia é uma certa amizade, conformidade e inclinação que têm umas coisas com outras, conformando-se, buscando-se, abraçando-se e amando-se, como vemos no azougue com o ouro, na pedra de cevar com o ferro e no alambre com a palha, e outras coisas.

Antipatia é uma certa inimizade, repugnância, aversão e discórdia que têm, entre si, umas coisas com outras, assim viventes e sensitivas, como as que não têm vida, nem sentimento; isto se deixa ver nas cordas de viola feitas de tripas de lobo que, se se ajuntarem com as que forem feitas de tripas de carneiro, as rói e corta, como se fosse uma navalha; o mesmo em um tambor feito de uma banda com pele de lobo e da outra com pele de ovelha não fará estrondo, nem soará, ainda que tanjam nele com quanta força houver pela antipatia que estes animais têm entre si, não só enquanto vivos, senão também depois de mortos; na hera com as árvores vemos o mesmo, pois as aperta e mata, como também alguns cipós no Brasil que se enrolam, crescem e apertam as árvores de tal modo que,

sendo delgados e as árvores mui grossas, as corta e as faz secar; as couves com as parreiras, porque, ou as couves hão de crescer e a parreira não há de dar uvas, ou ela há de permanecer e as couves não, estando vizinha uma coisa da outra; e o mesmo se vê em outras muitas coisas. Quem for curioso e quiser ver a monstruosidade de coisas a este respeito, veja o tratado segundo da *Polianthea* do *doutor Curvo*, cap. 101, pág. 531, que folgará de ver e ficará admirado.

Para os tumores duros a que chamam ateroma, esteatoma ou melicéris

204. Estes tumores, pela maior parte, são inobedientes aos remédios por serem de natureza mui duros, pela qual razão se não resolvem facilmente, senão com remédios fortes, entre os quais é bom aplicar por bastantes dias, em cima de qualquer dos ditos tumores ou inchaços, uma esponja ou panos molhados, em água de cal virgem e assentada de muitos dias que fique tão clara como a água da fonte, e não levem os panos ou esponja coisa alguma de cal, e assim fará um efeito maravilhoso em desfazer grandes tumores, aplicando-se quente e muitas vezes no dia.

inchaços duros

205. Também a massa que já fica dita de queijo velho com azeite-de-mamona, que fique a modo de papas, é muito bom remédio. Ou este: feitas umas papas de aguardente do Reino com pós de butua e postas nos inchaços duros os desfarão, sendo continuado este remédio por muitos dias e renovado duas vezes cada um. Ou este: façam uma massa de gengibre pisado e servido com a dita aguardente e posta em cima dos tumores, que os desfará sendo continuada. Ou este: pisem alfavaca e alecrim partes iguais e, servida esta massa com aguardente e metida em um saquinho, que, aplicado nos tumores duros, estando quente e continuado, renovando o mesmo com aguardente e no fim de dois dias fazer outro novo, será um remédio muito eficaz.

vários remédios, e bons, para tumores duros

Remédio para os bêbedos entrarem em seu juízo

206. O bêbedo entrará em seu perfeito acordo se lhe derem a beber um copo de três ou quatro onças de vinagre, e razão disto é porque a bebedice procede dos vapores do vinho subidos à cabeça, e como os ditos vapores são narcóticos estupefacientes e voláteis e o vinagre é fixo, fixa, ata e prende os tais vapores, de sorte que se perde a bebedice.

bêbedos entrarão em seu juízo com vinagre

Para quem tiver a barriga inchada por causa de flatos ou por falta de conjunção mensal

207. Façam uma salada de folhas de arruda e de folhas de artemija; machucando esta salada muito bem, a ponham a frigir em um quartilho de bom azeite até que as folhas fiquem torradas, e depois fomentem a barriga duas vezes cada dia com este óleo quente, que é grande remédio. As mulheres que no tempo da conjunção têm tão acérrimas dores de barriga que andam a tombos pela casa se curam infalivelmente com o seguinte emplasto: em uma tigela de fogo poreis a frigir um pouco de óleo de macela e outro de banha de flor, e então fareis uma filhó de algodão ou estopa fina que cubra toda a barriga ou ventre e a ensopareis em três gemas-de-ovos bem batidas e deitareis a dita filhó nos óleos, por tempo de meia ave-maria e, tirando-a, a pulverizareis com alfazema; e como tiver pouca quentura, a aplicareis sobre o ventre, apertando-o com uma toalha, e sabei que tendes um remédio que nunca faltou com a sua admirável virtude, pois, fazendo-o como aqui ensino, escusareis fazer outro; ou beber uma boa porção de água do chá bem quente, que é remédio admirável.

remédios para dores de barriga das mulheres

Para quem comer barro o aborrecer para sempre

208. Deitai um punhado de terra de qualquer cova de defunto em uma quartinha de barro de boca estreita e, enchendo-a de água,

desta água dareis a beber à pessoa que come barro e o não comerá mais. Uma donzela houve que comia tanto barro que nem conselhos de confessores, nem de seus pais, nem o temor da morte foram nunca bastantes para largar tal vício; e bebendo água com terra de sepultura, como acima fica referido, ficou com tal asco que nunca mais comeu barro, nem bebeu água por púcaro de barro; e, se por descuido, o fazia, logo vomitava tudo quanto tinha comido.

para quem comer barro, o aborrecer por toda a vida

209. Os pós de casco da caveira de um defunto, sutilíssimos e dados a beber por quatro dias contínuos em água de flor, em quantidade de meia oitava, fazem aborrecer o barro; urinar em um púcaro de barro, deixando secar a urina e depois, feito em pó, dá-lo a beber a quem comer barro o fará aborrecer, de modo que nunca mais torne a comê-lo.

para o mesmo

Para o bafo fedorento

210. Quem tiver o bafo da boca fedorento, faça o remédio seguinte: as folhas e flores de alecrim fervidas em vinho branco com uma pouca de mirra, canela e beijoim, tomando bochechas deste vinho algumas vezes ao dia, é bom remédio. Comer e mastigar aipo muitas vezes é remédio que tira o fedor da boca e bafo horroroso.

para o bafo horroroso

Diabetética, que é e como se cura

211. A diabética é uma doença perigosíssima e muito dificultosa de curar, na qual os doentes padecem maiores sedes que os hidrópicos e dos que têm febres ardentes, porque toda a água de um rio não basta para moderar, como a experiência tem mostrado; pois vemos que, escassamente, acabam de beber, quando, no mesmo instante, a urinam tão crua e da mesma cor que a beberam, sendo a quantidade que urinam seis vezes maior do que a água que

beberam, porque não só deitam o que beberam, mas toda a umidade substancial do corpo se desfaz em urina; e por esta razão os que padecem esta terrível doença emagrecem, de tal sorte que morrem tisnados e feitos esqueletos.

diabetica, que enfermidade é

212. O remédio mais eficaz para esta doença, depois de algumas sangrias, sendo a doença nova e havendo forças, é tomar vomitórios duas ou três vezes em dias alternados; principalmente, serão de grandíssimo proveito se houverem sinais de enchimentos de estômago, e não ponho dúvida que com eles fique o doente são, como afirmam alguns autores, mas, se não obedecer aos vomitórios, recorram a médico douto.

diabética, como se cura

Para as abelhas não morderem

213. Quem tiver esfregado as mãos e o rosto com erva-cidreira verde estará livre de que as abelhas o mordam. Grande prova é esta das virtudes ocultas.

para abelhas não morderem

Para os trateados não sentirem as dores

214. Cozam dormideiras brancas e raiz de mandrágora, e no cozimento ajuntem ópio e deitem dentro uma esponja até que embeba tudo, e depois se seque ao sol, e, quando for necessário, se meta em água quente e se dê a cheirar ao culpado, que logo o fará adormecer; e quando quiserem que desperte, se lhe dará a cheirar vinagre de arruda.

para os trateados não sentirem as dores

Para quando alguma pintura estiver denegrida ou afeada e para quando cair tinta em alguma sobrepeliz

215. Quando alguma pintura estiver denegrida por causa de moscas ou de pó, se alimpa e torna a ficar com a sua cor e limpeza esfregando-a com toda a força com uma cebola crua cortada, e, depois de esfregada, lavar a tal pintura com água bem batida com uma clara de ovo é remédio certo; e, quando cair alguma tinta em sobrepeliz de sacerdote, se esfregue logo com cebola e depois se lave com sabão, que sem dúvida ficará como de antes.

pintura denegrida ou *afeada* e nódoas de tinta em sobrepeliz

Para tirar nódoas de vestidos

216. Esfregue-se a tal nódoa com fel de boi ou de vaca e, depois de bem esfregada, se lave com água e sabão, que ficará como de antes, ou com cebola e depois com água e sabão.

para nódoas de vestido

Para tirar pingas de cera de qualquer vestido

217. Lavem-se as tais pingas de cera com aguardente do Reino da melhor que houver, esfregando-as muito bem nas mãos, porque todas sairão e ficará o vestido como de antes: e, se quiserem que fique sem o cheiro da aguardente, se poderá lavar com água fria ao de leve.

pingas de cera

Para afugentar as pulgas

218. Lavareis o aposento com água em que ferverem dois arráteis de caparrosa branca, ou menos; e quem tiver paciência para untar o corpo ou a camisa que houver de vestir com azeite doce, estará seguro que as pulgas o mordam; o mesmo será lavando o corpo com o cozimento de poejos.

afugentar as pulgas

Para matar ou afugentar os piolhos

219. Para não criar piolhos no corpo ou matar os que nele houver, cozereis um punhado de semente da erva chamada espora-de-cavaleiro, em três quartilhos de vinagre forte; com ele lavareis a camisa, ou seja de pano de linho, ou de estamenha, ou de burel, e todos os piolhos morrerão ou fugirão. Uma tira de pano de linho delgado, da largura de três dedos, forrada com aquela pelinha, ou pelinhas, em que os bate-folhas batem o ouro, atando a dita tira junto da carne, mata ou faz fugir todos os piolhos por modo de encantamento. Esfregar muitas vezes no dia os lugares aonde se criam piolhos com o pano com que os ourives esfregam os vasos que douram é remédio seguro e experimentado. Esfregar os lugares dos piolhos com sumo de erva-santa, chamada por outro nome fumo-verde, matará todos os piolhos que houver.

para matar piolhos

Para matar piolhos ladros

220. Tomai um bocado de azougue vivo, mais ou menos, conforme quiserdes, e depois de o mortificardes ou matardes com saliva de homem que esteja em jejum, o que fareis na palma da mão ou em qualquer vaso, cuspindo-lhe e mexendo-o com o dedo de modo que fique o azougue bem morto, então o misturai com pós de tabaco ou com uma migalha de sabão, e com esta massa esfregareis a parte ou as partes que tiverem piolhos ladros e escusareis fazer outro remédio; com tal condição que esfregueis três ou quatro vezes e, ao depois de mortos, lavareis a parte com água quente e ficareis livres de tais sevandijas. Não aponto mais porque, quem fizer este, faz todos; mas não se aplique este ungüento, nem outro qualquer que levar azougue à cabeça, pelos grandíssimos danos que da tal aplicação pode resultar na tal parte. Vejam os curiosos as *Observações* do doutor Curvo páginas 301 e 498, onde acharão bom divertimento e bons conselhos.

para matar piolhos ladros, e é certo

Para conservar fruta sem apodrecer

221. Quem quiser conservar maçãs, camoesas, uvas, pêras ou marmelos por muito tempo sem apodrecerem, metam a tal fruta em mel que a cubra, e a conservarão.

conservar fruta sem apodrecer

Como se acenderá fogo com dois paus

222. Fogo se acenderá sem outro fogo em dois pauzinhos, um de casta mole e outro de casta dura, o que se fará na forma seguinte: a um deles façam um ponta bem redonda e ao outro um buraquinho bem no meio, ou final dele; este o ponham deitado com o buraquinho para cima e seguro que não bula, e o outro que tem a ponta redonda o ponham em cima do buraquinho do que está no chão, e andando com o de cima à roda com muita força entre as mãos ambas, até que cobrem os ditos paus muita quentura, que logo verão fumegar e aparecer fogo, em que porão isca ou mecha de enxofre e com ela acenderão candeias e o fogo que quiserem.

como se acenderá fogo sem outro fogo

223. Não importa que os paus sejam desta ou daquela casta, basta que sejam secos e um mole, outro duro. Desta sutileza usam os carijós e a sua imitação todos os que se acham no Sertão sem arma de fogo, fuzil e pederneira, ou em outra qualquer parte; eu já o experimentei e é certo.

os carijós foram os inventores

Para os amancebados se apartarem sem que a Justiça os obrigue

224. Tomem o esterco do amancebado, metam-no nas solas dos sapatos da manceba ou nas palmilhas deles, e o esterco da manceba o metam nas solas ou nas palmilhas dos sapatos do mancebo, que logo se aborrecerão, de modo que não poderão ver

um ao outro e se apartarão sem que ninguém os obrigue. É remédio de virtude oculta, como são muitos.

os amancebados se apartarão sem que sejam obrigados

Para tirar as dores e as nódoas dos açoites

225. Uma pele de carneiro ou de ovelha tirada de fresco do animal e aplicada, estando ainda quente, sobre o lugar dos açoites ou contusões, por um dia e noite, aproveita mais que todos os outros remédios juntos.

para tirar as dores e nódoas dos açoites

Para o mau cheiro da boca

226. Tomem um pedaço de ouro e tenham-no na boca por um pouco de tempo todos os dias, ou o tragam nela o mais tempo que lhe for possível, ou cozam losna em vinho e tragam na boca bochechas dele, ou a losna, casca de cidra e folhas de alecrim, tudo no mesmo vinho, e tomem bochechas a miúdo, trazendo-o o mais tempo que puderem, porque é um grande remédio.

para o mau cheiro da boca

Para a dor da ciática

227. Bosta de vaca ou de boi quente e posta em cima de uma folha de couve se ponha na parte ou se frija a dita bosta em urina, e, feita em papas, se apliquem na parte enferma, ou se fomente com óleo de arruda quente, ou feito de arruda e alecrim, que, se a dor proceder de causa fria, qualquer destes remédios a lançará fora, advertindo que a dor da ciática é aquela que dá no quadril, que algumas vezes se estende pela coxa abaixo.

remédios para a ciática

Para rachaduras nos calcanhares

228. Abram pela barriga ratos vivos e se ponham logo em quentes, repetindo isto muitas vezes, que é certo; ou untem-se as rachaduras com verniz desfeito com óleo rosado ou se untem com óleo de copaúba, ou, por outro nome menos verdadeiro, de copaíba; ou se lhe ponha o ungüento feito de cera da terra com azeite que fica dito para os calos dos pés, o qual se porá em pano, renovando-o, que abrandará as rachaduras, de tal modo que fará crescer a carne do meio delas e ficará tudo liso e igual, e, conseqüentemente, as rachaduras sãs; mas há de ser continuado e faça-se estimação deste remédio, porque não são poucos os pretos que ficam perdidos por causa de rachaduras nos pés.

para rachaduras nos calcanhares

Para rachaduras nos bicos dos peitos

229. De óleo violado ou de amêndoas doces meia onça, pós de incenso branco e cera nova o que baste; faça-se lenimento ao fogo, que fique brando, e se use.

rachaduras nos bicos dos peitos

Para unhas leprosas ou sarnosas

230. Pisem minhocas com azeite que fique uma massa ou lenimento e se leprosas ou use sobre elas; ou se faça um lenimento de manteiga do leite das vacas ou, por outro nome, nata, na qual misturem alguns pós de flores de enxofre, de tal modo que, escassamente, fique o lenimento com cor azul, para não ficar o remédio forte, que este é um dos melhores que pode haver.

Para unhas leprosas ou sarnosas

Para quando alguma tripa dá volta, a que os autores chamam vólvulo ou paixão ilíaca ou, por outro nome, miserere mei *Suas causas, seus sinais e sua cura*

231. As causas desta tão terrível enfermidade pela maior parte são dureza e a ressecação do excremento, ou de inflamação dos intestinos, ou de mudança deles do seu lugar, como acontece nos quebrados, saindo-lhe pela quebradura fora os ditos intestinos ou tripas; porque, impedindo-se por qualquer destas causas a saída dos flatos, dos excrementos e dos humores, necessariamente, pela demora que tudo faz, se enfraquece a virtude ou faculdade expulsiva dos intestinos e faz sair pela boca o que havia de sair por baixo.

causas

232. Os sinais desta doença são: haver dor grande junto ao embigo e, no mesmo lugar da dor, algumas vezes há tumor e, juntamente, há supressão dos excrementos, muitos flatos e rugidos por todo o ventre; as extremidades de todo o corpo pela parte de fora estarão frias e, muitas vezes, vômitos fedorentos ou estercorosos, e alguns doentes chegam a lançar o esterco pela boca, como já vi um, que morreu por não poder passar e buscar o caminho natural da via reta.

sinais

233. O primeiro remédio que se deve aplicar a esta queixa são ajudas emolientes feitas de partes iguais de óleo rosado e lambedor de violas, ou feitas de cozimento de malvas com igual quantidade de óleo de amêndoas doces, e, ao mesmo tempo destas ajudas, se tomarão duas vezes cada dia uns grandes caldos de frango cozido com malvas e urtigas mortas, se as houver, ajuntando a cada uma delas quatro onças de óleo de amêndoas doces, tirado sem fogo, pois é dos melhores remédios que tem a Medicina. Meter o doente em um banho feito de água morna, em que primeiro fossem cozidos dois arráteis de amêndoas doces bem pisadas e folhas de malvas, é remédio admirável.

cura

234. Mas porque, quando a doença é grave, as dores são intensivas e o doente não pode esperar dias para o uso dos emolientes, faz-se

preciso acudir com remédio mais pronto para desfazer o vólvulo ou volta da tripa; nestes termos, será preciso usar do último remédio e mais valoroso e pronto no obrar, como é dar ao enfermo três onças de azougue vivo, estando o doente em pé e não deitado, o qual beberá sem receio ou dúvida alguma de fazer mal, pois assim que se bebe, logo se lança por baixo, sem ofender a natureza, e é a primeira coisa que sai, porque, com o seu peso, faz endireitar o intestino e, no mesmo dia, fica o doente são, lançando o excremento sem moléstia, por estar brando com os laxantes que já tem tomado.

azougue vivo para desfazer a volta da tripa

235. Se, porém, esta doença proceder por causa das tripas ou intestinos estarem fora do seu lugar por terem saído por alguma quebradura, se não dê o azougue nem remédio algum sem reduzir, primeiro, as tripas a seu lugar, e, metidas dentro, se poderá dar sendo necessário, e os mais remédios que ficam referidos é porque há hérnias a que chamam intestinais, que são as quebraduras com as tripas fora, tão duras, grandes e frias que não é fácil obedecer a remédio algum; nestes termos, o melhor e mais pronto que se pode aplicar a estas inchações disformes é pôr-lhe em cima um cão vivo, que, com o seu calor natural, em espaço de uma hora, será bastante remédio para reduzir as tripas a seu lugar com pouco trabalho de mãos.

cão vivo

236. O emplasto que algumas vezes tenho feito e posto em cima destas inchações quando as tripas têm saído por quebradura e a parte está fria é o seguinte: farinha de trigo com aguardente, fazendo disto umas papas ao fogo que fiquem brandas, e, postas em pano que cubra toda a parte com a quentura que puder sofrer, é remédio que, algumas vezes que tenho usado dele, sempre me desempenhou, aplicado uma ou duas vezes, porque logo aquentava a parte, resolvia os flatos e a deixava tão branda que, pondo-lhe as mãos, com facilidade se recolhiam as tripas e se desfazia a inchação, umas das quais foi na Vila Real de Sabará a uma hérnia intestinal tão disforme de grande que foi a maior que em meus dias

tenho visto, estando de costas com as pernas muito abertas e a inchação tão dura e fria que duvidei obedecesse a remédio sem que ele primeiro expirasse; contudo, como devemos sempre tratar dos enfermos, ainda que as enfermidades tenham perigo evidentíssimo, lhe mandei fazer, com toda a presteza, o remédio que fica dito, e, antes de lho aplicar, lhe lavei e chapejei a inchação com aguardente do Reino quente, por espaço de algum tempo, e, pondo-lhe o dito emplasto ou papas de farinha de trigo e aguardente, o deixei para ir ver os outros enfermos; e passado pouco tempo vim de volta e lhe achei a inchação tão branda que, com pouco trabalho de mãos, lhe reduzi as tripas a seu lugar e na mesma hora ficou livre do evidente perigo em que estava, e lhe ordenei não andasse sem funda um instante, o qual enfermo foi um estrangeiro, morador defronte da igreja nova da dita vila, por nome o Patrão José.

emplasto singular, invento do autor

observação de uma inchação monstruosa em uma hérnia intestinal

237. Os remédios que ficam referidos se aplicarão por algumas horas, as que forem necessárias, para ficar branda a inchação; e tanto que assim estiver, se porá o doente com as pernas mais altas e a cabeça mais baixa e se lhe carregará brandamente com os dedos, para se meterem as tripas em seu lugar e fique a parte desinchada, tomando a respiração em si. Estando assim, se ligue a parte bem ligada e se dará o azougue vivo a beber, sendo necessário; e quando as ditas três onças não fizerem efeito em poucas horas, será por estar o intestino muito torcido ou as fezes muito duras; em tal caso se podem dar seis onças, tendo já o doente tomado emolientes pela boca e por ajudas, para que o excremento ou as fezes estejam mais capazes de deixar passar o azougue e não encalhe.

seis onças de azougue vivo para se tomar pela boca

238. Quem quiser mais notícia desta enfermidade, veja a observação 41 do doutor Curvo, no livro das suas observações, que

achará mais clareza se lhe for necessária ou duvidar do que digo a respeito do azougue, pois houve já quem, por erro, bebeu meio arrátel e nenhum prejuízo lhe fez.

meio arrátel de azougue bebido sem prejuízo

Para quando entra água ou bicho, ou outra qualquer coisa, nos ouvidos

239. Se o que entrou no ouvido foi água ou outra coisa líquida, se lhe acudirá metendo um canudo dentro dele, e, chupando com a boca pelo canudo com toda a força, sairá a coisa líquida que estiver dentro; se o que entrou no ouvido for pulga, metam no ouvido uma bolinha feita de cabelos de gato ou de cão, porque, pela simpatia, se vem a eles; mas, se assim não sair, encham o ouvido de azeite quente, que logo a pulga, mosca ou percevejo morrerá, ou se lhe botará aguardente quente; e se for aranha, a que chamam rotela,[1] que são as que apanham moscas, chegareis ao ouvido uma mosca pegando-lhe pelas pernas, porque, com o zunido das asas, logo a aranha sairá a pescá-la; e se o que entrou for outro bicho, botem dentro do ouvido água quente misturada com sumo de arruda ou de hortelã, ou de erva-de-santa maria, que, ou sairá em vivo ou em morto; e, se o que entrou foi pedra, pau, trigo, feijão ou grão de milho, ou outra qualquer coisa que não seja vivente, será o seu remédio meter no ouvido um pauzinho com a ponta untada de terebintina, ou com pez líquido, ou com visco, para que a coisa que estiver dentro se apegue e saia; isto se entende depois de fazer todas as diligências possíveis por tirar as tais coisas estranhas com os instrumentos que mais próprios forem e, quando feitas todas as diligências, assim de instrumentos, como de medicamentos, se não possam tirar, se lançará uma ventosa de boca larga que lhe caiba a orelha dentro, com muito fogo, três ou quatro vezes; mas, se ainda assim não sair, se lhe lançarão dentro no ouvido, estando com ele direito para cima, umas gotas de espirito-vitriolo para comer e consumir a dita coisa as vezes necessárias; e se a coisa estiver à vista, se lhe lançarão, a miúdo, os pingos em cima dela; ou se lhe

lance óleo de amêndoas doces, ou outro, para laxar e facilitar a saída.

ouvidos com bicho, mosca, água, pau, trigo, feijão milho ou outra qualquer coisa

240. Eu já me vi por duas ocasiões bem enfadado para tirar, por uma vez, um grão de milho e, por outra, um grão de feijão que, por estarem já inchados com a umidade de alguns dias, estavam mui justos e apertados; mas, fazendo muita diligência com a pinça os tirei, fazendo feridas, que ao depois se curaram com facilidade.

Porco-espinho, preço da sua pedra e virtudes dela

241. Porco-espinho é um animal que se cria nas partes da Índia, no bucho do qual se acha uma pedra, que, deitada na água, por tempo de quatro avemarias, a faz tão amargosa como fel; esta pedra e a sua água é um dos melhores contravenenos que até hoje se têm descoberto para febres malignas e todo o gênero de venenos; para ser verdadeira, é necessário que seja pesada e que, tocando-a com a língua, se não possa sofrer o amargor dela; e, assim mais, tomando na palma da mão um bocadinho de água da tal pedra, em um instante penetrará o amargor desde a palma às costas da dita mão, o que se conhecerá pondo-lhe a língua. Vale uma pedra destas duzentos mil réis, e, se é maior, vale trezentos; o senhor rei dom Pedro II comprou uma por quinhentos.

virtudes e preço da pedra do porcoespinho

Porco-montês

242. O porco-montês, se se meter debaixo de um cavalo, ainda que o matem com esporadas, não poderá correr, nem dar um só passo, enquanto o porco se não tirar de debaixo dele; é grande prova esta das qualidades ocultas e das simpatias.

qualidade oculta do porco-montês

Para os que tiverem os pés ou sovacos dos braços com mau cheiro

243. Lavar os pés ou os sovacos dos braços com vinagre bem forte, no qual tenham cozido fezes-de-ouro, infalivelmente tirará o mau cheiro dos pés ou sovacos, contanto que se continue esta lavagem por muitos dias.

para o mau cheiro dos pés ou dos sovacos

Para o pleuris, pós específicos, certos e experimentados

244. De flores de enxofre compostas meia onça, raspaduras de dente de aporco-varrasco e de *mandibula luciorum*, de cada um duas oitavas, de flor de papoulas vermelhas uma oitava; de tudo se faça pó sutil e se use. Virtudes: curam os pleurises com brevidade e todas as putrefações e apostemas do peito. Doses é de meia oitava até uma; tomam-se em água de papoula a que baste.

pós específicos para o pleuris

Outro, para o mesmo, sobre todos quantos há

245. O óleo chamado contraveneno do grão-duque de Florença, fomentando a dor da pontada com ele, diz o doutor Curvo, na sua *Atalaia da Vida*, fol. 531, que é o mais eficaz remédio que tem o mundo, com tal condição que o óleo seja verdadeiro, e que, por ver tantos prodígios com ele, se resolveu a comprar uma onça por seis mil réis para o ter pronto à meia-noite ou a qualquer hora do aperto, por não ser fácil achar-se nas boticas remédios preparados ou de que se preparem, ou serem horas de se não prepararem.

para o pleuris, remédio sobre todos quanto tem o mundo

246. Não faltam autores que mandam aplicar sobre a dor das pontadas óleos e ungüentos comuns; mas eu, pelo que tenho visto e experimentado nestas Minas, digo que não convém aplicar nelas

tais remédios, porque a experiência me tem mostrado que toda a cura das tais pontadas consiste em abrir os poros para a transpiração ficar livre e desembaraçada, o que se não pode conseguir com os tais remédios, antes ficarão os poros mais fechados e impedidos com os tais betumes, e o abri-los se conseguirá, felizmente, com os medicamentos que ficam referidos no primeiro tratado deste volume.

razão por que não convém óleo, nem ungüentos comuns para os pleurises das Minas

Para as chagas escorbúticas da boca ou mal de Luanda

247. Para as chagas da boca ou das gengivas, a que se chamam escorbúticas ou, como lhe chamam geralmente, mal de Luanda, quando as gengivas estão inchadas e com chagas, e às vezes com carne podre e os dentes abalados, são muito convenientes os gargarejos seguintes: cozam uma mão cheia de folhas de tanchagem e, depois de bem cozida, se tire deste cozimento seis onças, neste desfaçam uma onça de ungüento Egipcíaco que atrás fica a sua manufatura, ou se mande buscar à botica e, bem desfeito, estando o cozimento morno, tomará o doente bochechas a miúdo deste remédio, o qual serve para quando houver podridão; e, não havendo a tal podridão, se misturará menos ungüento, e, depois que as chagas estiverem limpas, gargareje com cozimento de cevada e tanchagem com meia oitava de gengibre machucado, e, levando o tal gengibre, ficará um grande remédio, como eu tenho experimentado, e, não o havendo, sempre será conveniente misturar no tal cozimento um bocado de ungüento Egipcíaco em pouca quantidade, porque assim ficará um remédio muito abstersivo, limpará bem as chagas, apertará as gengivas, os dentes os firmará e, conseqüentemente, é capaz de encarnar e cicatrizar as tais chagas; e, não havendo já as tais chagas e os dentes estiverem abalados, tome bochechas de vinagre esquilítico para os firmar e segurar, nem haja escoriação alguma.

remédio para as chagas podres da boca escorbúticas

mal de Luanda

Outro para as mesmas chagas escorbúticas, ou mal de Luanda

248. De folhas de couves vermelhas quatro mãos cheias, vinho quatro libras, gengibre machucado meia oitava, cinamomo duas oitavas; faça-se cozimento e dele beba o doente todos os dias, duas vezes, duas onças por cada uma, que é certo.

outro certo para o mesmo

Para hérnias humorais, e quais são

249. As hérnias humorais são aquelas que incham os grãos ou testículos por causa de pancada ou trilhadura; para estas é bom remédio a amolada dos barbeiros, que é aquele polme de pedra que se acha debaixo dos rebolos; este se estende em um pano e, morno, se aplica em cima do grão, renovando-o em se secando, e não serve para as outras hérnias; eu o tenho usado muitas vezes com bom sucesso, mas há de ser no princípio.

para hérnias humorais é certo

Para as hérnias nos testículos, duras como pedra, e que não obedecem a nada

250. O óleo de canela, sendo verdadeiro, aplicado sobre a hérnia dura, a cura certamente, mas, porque é caro e nem todos o poderão comprar, ensinarei outro também certo e infalível, que muitos anos esteve em segredo e dele tenho usado algumas vezes com felicidade, e é o seguinte: farinha de favas uma onça, misture-se com sebo de rinhoada de carneiro, pisada com duas gemas-de-ovos cruas, ajuntando a esta massa duas colheres de água e uma de vinagre forte, e, aplicando-a quente sobre a hérnia que estiver dura, renovando-a todos os dias duas vezes, desfará a inchação em poucos dias, certa e infalivelmente; faça-se grande estimação deste remédio, que ele desempenhará a esperança dos doentes e de quem o aplicar.

para hérnias duras como pedra, certo e infalível remédio, e de grande estimação

Outro para o mesmo

251. Tomem folhas de arruda e de meimendro verdes, de cada uma uma mão cheia, pisem-se muito bem em gral de pedra e, com umas gotas de vinagre rosado ou, em sua falta, vinagre forte, se formem umas papas de mediana grossura, que se porão em pano de linho e quentes na parte, por tempo de nove ou dez dias, e não só desfará a inchação, mas também tirará a dor, se a houver, e se desinflamará a parte com grande felicidade.

hérnias

252. E se este remedio for o primeiro que se aplicar e ficar ainda alguma inchação ou dureza em alguns dos grãos, ou em ambos, ou no escroto, usese do emplasto acima, de sebo de carneiro com farinha de favas, que a desfará toda, ou do óleo de canela, para acabar as relíquias que houver; suposto para os pobres de mais custo, é eficacíssimo, mas, porque nem em todas as partes haverá os remédios ditos, ensinarei outros de menos custo e mais fáceis, mas não de menos eficácia, quais são os seguintes:

outros

253. O primeiro é feito de pó sutilíssimo das cascas das ostras, misturado com tanta quantidade de vinagre branco quanto bastar para fazer umas papinhas, que, postas sobre a inchação por cinco ou seis dias sucessivos, a desfará toda sem dúvida. O segundo remédio é trazer em cima da inchação, por tempo de seis meses, as folhas da figueira baforeira, que certamente se desfará a dureza que houver.

outros

Para quem tiver cursos

254. Quem tiver disenteria de cursos lhe não faça remédio algum os primeiros três dias, ainda que sejam copiosos, mais que bom mantimento e de boa sustância, lavar-se por baixo todos os dias à noite a respeito da umidade não causar corrupção do intestino reto, que, se faltar esta diligência e limpeza, com muita facilidade lhe poderá sobrevir a tal corrupção; principalmente será muito certa se os humores que o doente lançar forem acres e mordazes, irritando e esquentando aquela parte; faço esta advertência por ser muito precisa nesta queixa, sendo tão fácil de curar no princípio com os tais banhos de água quente, e tão dificultosa e mortífera, não se tratando dela a tempo, da qual há de tratar o oitavo tratado deste volume.

cursos, se lhe não façam remédios alguns dentro de três dias

255. Se os tais cursos não forem muito apertados ou, ainda que o sejam, sendo a pessoa robusta que se ache com forças, se deixem passar mais dias sem remédio algum, senão os ditos banhos, porque quase sempre é caminho por onde a natureza se alivia de muitas e graves enfermidades; e, passados alguns dias, aqueles com que o doente puder, se a natureza não for regulando os tais cursos, mas antes forem por diante e o doente se for enfraquecendo, irá comendo a galinha cozinha com arroz ao almoço e jantar e, à ceia, comerá arroz cozido em água, sem mais tempero algum, tomando algumas ajudas de caldo-de-galinha com gema-de-ovo bem batida e uns pós de açúcar; é o que comumente eu mando fazer, assim a pretos, como a brancos, com admirável sucesso, indo-se desvanecendo pouco a pouco, que é o melhor modo que tenho achado e mais seguro; a água que beber será quente e não fria, ou será ferrada com um seixo, se for de água corrente melhor.

arroz cozido sem mais tempero algum e bom remédio para as cameras

Outros remédios, e bons, para o mesmo

256. Sendo as câmeras porfiadas que não obedeçam aos remédios acima ditos, será bom dar ao doente seis dias sucessivos, pela manhã em jejum e à noite, duas horas antes de comer, uma oitava de pó da semente de tanchagem, misturada com marmelada e, certamente, curarão as câmeras. Mas, se acontecer que não obedeçam, tendo diarréias e tendo passado duas ou três semanas, se verá se o doente tem amargores de boca e, tendo-os, se lhe dará um vomitório de seis grãos de tártaro emético, porque, segundo autores graves, são os vomitórios remédio maravihoso; e, não obedecendo ainda, tomará segundo e, depois de estar purgado, se lhe dará, em seis dias sucessivos, um escrópulo de pó de pedra-ume crua, misturado com meio quartilho de caldo-de-galinha, porque tem feito maravilhosos efeitos em muitos doentes, tomando ajudas de água de tanchagem cozida com um bocado de pedra-ume crua, que também é remédio louvadíssimo dos autores, com que muitos doentes têm escapado da morte, contanto que se hão de tomar duas ou três cada dia.

outros para as cameras chamadas diarreias

257. Dar ao doente que já não tem esperança de remédio, dez ou doze dias em jejum, sucessivamente, uma oitava de pós de raiz de butua, misturado com meio quartilho de água de tanchagem ou cozida com alquitira é remédio que tem livrado a muitos da sepultura, estando ungidos; e, se a diarréia for por diante, é tão preciso confortar o estômago e tomar banhos por baixo como é o comer, que sem ele ninguém vive; e, sendo isto assim tão necessário, se confortará com os remédios seguintes:

pés de butua em água de tanchagem é grande remédio

258. Todos os dias se fomentará o estômago e ventre do camarento com óleo de almécega ou com óleo de copaíba bem quentes, que são remédios milagrosos, e se, em cima de qualquer das ditas fomentações, lançarem uns pós de sândalos vermelhos, ou de murta, ou de canela, será muito mais conveniente, que muitos têm sarado só com estas fomentações; aplicar sobre o estômago e ventre um emplasto de poejos cozidos em vinagre forte é remédio

de que se podem esperar grandes efeitos. As fatias de carne de vaca mal-assada borrifadas com vinho e pulverizadas com pós de aromático rosado e canela, e postas sobre o estômago, o conforta muito; as folhas de couve verde pisadas muito bem com uma mão cheia de sal e duas onças de sabão, e pondo esta massa na sola dos pés, estancam certamente as câmeras de sangue ou de outro humor, assim o diz o doutor Curvo lhe sucedera, depois de ter aplicado mil remédios a um ministro e só com este se lhe suspenderam as câmeras, de sorte que foi necessário tirar-lho para cursar; e tem feito este remédio o mesmo a outros enfermos.

confortativos bons para o estômago

259. Mas, porque algumas câmeras procedem de intemperança quente do fígado por causa de gerar muita cólera e humores mordazes, em que não podem aproveitar os confortativos do estômago, mas o que convém é refrescar o fígado pondo-lhe em cima, todos os dias, um epitema de ungüento rosado e sandalino, misturado com uma oitava de açúcar de chumbo, desfeito com umas gotas de vinagre rosado, farinha de cevada e fumo de chicória ou de serralha; mas, se as câmeras não pararem, far-se-ão duas ou três sangrias na costa da mão direita, na veia chamada salvatela, que é junto ao dedo meminho, que costumam ser milagrosas não só para as câmeras coléricas e sanguinhas, mas para os todos os achaques que procedem do calor do fígado.

sendo as cameras procedidas de intemperança quente do fígado

260. Também é conselho de grandes autores que, nas câmeras de intemperança quente, se use de banhos de água doce, porque, em semelhantes casos, só eles costumam ser remédio eficaz, tomados em tina ou canoa, estando a água tépida por tempo ao menos de uma hora, cevando a tal água com outra muito quente, com tal condição que, para os banhos aproveitarem, hão de ser muitos e não poucos, ao menos que passem de cinqüenta. Leonardo Fioravanto curou a doze mil soldados do exército de Carlos V de câmeras mortais só com lhes dar vomitórios e com os meter cinco

dias na água do mar, deixando-os estar quatro horas dentro na dita água, e com justa razão, porque, como os banhos obram lentamente, é necessário, para surtir bom efeito, que a demora dentro da água seja mais e, não, menos.

banhos de água doce são admiráveis nas cameras de intemperança quente

261. No arraial chamado do Antunes, em Antônio Dias, distrito da Vila do Ouro Preto, morava um homem, que por nome não perca, que estava tão seco e mirrado com umas câmeras lientéricas, lançando tudo o que comia por baixo, quase da mesma sorte que o tomava pela boca; e porque este pobre enfermo estava já desamparado de um médico e cirurgiões sem lhe poderem atalhar as tais câmeras, nem a falta de cozimento do que comia, me falou dizendo que, como eu tinha muitas experiências das Minas, visse se na minha mão estaria algum remédio para sua queixa, pois se via desenganado em cima da grande despesa e infinita moléstia de muitos meses; confesso que, vendo este miserável com tão más cores, tão fraco e tão desfeito, não podendo dar um passo, que se me enterneceu o coração; nestes termos, me pus a considerar em algum remédio esquisito, pois me disse tinha usado dos comuns e particulares de bebidas, xaropes, purgas, confortativos e mil outras coisas, e foi Deus servido ocorrer-me o seguinte:

observação maravilhosa em umas câ meras lientéricas desesperadas

262. Mandei que, assim que se matasse algum boi ou vaca no curral, pois o tinha vizinho, se tirasse, com toda a presteza e sem demora, aquele redenho ou gordura que cobre as tripas, se embrulhasse em uma toalha e viesse o portador correndo, para que, com o calor natural do animal, o pusesse em cima do estômago e ventre e com a mesma toalha o cobrisse, e outra roupa, deixando-se estar de costas o mais tempo que pudesse; matando-se na mesma ocasião mais algum boi ou vaca, fizesse a mesma diligência com outro redenho, e para os mais dias em que se não matasse gado, metesse o tal redenho no cozimento seguinte para se aquentar e,

quente, o pusesse em cima do estômago e ventre todos os dias, duas, três ou quatro vezes. Alfavaca, mentrastos e poejos, de cada um uma boa mão cheia, tudo cozido em quatro frascos de água até ficar em a metade e, neste cozimento bem quente, metesse o redenho e o deixasse estar por algum tempo e depois o aplicasse, como está dito, com o qual remédio, por discurso de alguns dias, que me parece não chegaram a oito, sarou tão perfeitamente que nunca mais teve cursos, senão os naturais, com bom cozimento e boa vontade de comer.

remédio esquisito

263. Quem quiser mais remédios para esta doença recorra ao tratado sétimo dos formigueiros e, no discurso dele, entre outras enfermidades, achará um capítulo com alguns remédios particulares e uma observação, que folgarão de ver os curiosos, em um doente que, depois de mil remédios, sarou com um excelentíssimo, e outros muitos doentes, como lá se verá.

tratado sétimo

Para tosses muito antigas, ou achaques do bofe, e para arrotos contínuos

264. Os arrotos contínuos que resistem a mil remédios se remedeiam e curam tomando, por muitos dias em jejum, seis grãos de âmbar misturados com duas onças de excelente vinho, pois é remédio excelentíssimo. O mesmo âmbar, tomado em quantidade de quatro grãos, misturado em caldo-de-galinha ou outro licor conveniente, é remédio muito proveitoso nos achaques do bofe e tosses muito antigas; e, tomado na mesma forma e também por muitos dias, é grande socorro dos velhos, porque conforta muito a cabeça e os nervos, restaura os espíritos animais e corrobora o coração.

arrotos, tosses antigas e socorro dos velhos

Para dores antigas causadas de flatos ou de humores frios

265. Esfregar a parte dolorosa com ungüento, ou também chamado óleo, suposto o não é, de bicuíba, que é uma massa que muitos curiosos fazem das bicuibas das árvores do Brasil, continuado com alguns dias com ela bem quente e bem resguardado do ar, cobrindo a parte com uma pele de macaco chamado guariba, ou de outro bicho com o pêlo para dentro; porque este remédio, continuado em dores antigas, a todos leva a palma, pois tem tirado dores de juntas e de ossos que outros remédios não puderam tirar, de que eu sou boa testemunha em milhares de ocasiões, assim em minha casa, como fora dela, com tal condição que, quando se fizerem estas fomentações, se façam com tal cautela que nunca lhe dê o ar, e poderá estar certo que ficará livre das tais dores; e a razão por que mando continuar é porque as dores estão metidas nos ossos ou nas juntas, de tal modo que, só por discurso de muitos dias, poderá o remédio penetrar e tirá-las, pois é muito penetrativo e sutil; e, em falta da pele, sendo das macias como veludo, será baeta nova e, dobrada, melhor; sendo a dor em braço, será muito acertado, ou com a pele bem atada ou sem ela, trazer sempre vestida uma manga de duas baetas ou de uma, com outro forro; e sendo em perna, haveria a mesma atenção; ou, em falta deste óleo, se fomente a parte com água da rainha de Hungria muitas vezes, pondo-lhe pano molhado, coberto com baeta ou a dita pele, porque é grande remédio, morna em vidro, dentro de água quente.

unguento de bicuíbas para dores de flatos, ou de causa fria, invento do autor

Também para dores antigas ou inchaços de humor frio que nascem nas juntas é singularíssimo remédio o unto de lobo, pisado com as costas de uma faca e misturado com um bocado de sebo do rim de boi ou de carneiro, tudo bem mesclado; aquentá-lo e untar a parte com ele muito bem fomentada com resguardo do ar e cobrir logo com um couro de luva ou pele, e, bem atado, continuado por algum tempo, ficará o doente livre da dor ou inchaço que não quiser obedecer a outro remédio algum. E também o unto de cobra faz o mesmo.

Outro remédio para dores antigas que estejam encasadas, sem obedecer a outros, e eficacíssimo

Tomem uma boa mão cheia de folhas de erva chamada urgevão ou barbena, ou, por outro nome, erva-sacra, por nascer pela maior parte nos adros da igrejas, que tudo é o mesmo; esta se pisa que fique grossa e se misturam as claras de seis ovos e farinha de cevada a que bastar, para fazer emplasto brando e amoroso, e, sendo bem amassado, se estenda em um pano ou toalha que fique a massa grossa, se porá na parte queixosa, de modo que fique bem unida com a carne, e estará por vinte e quatro horas, sendo aplicado bem quente e bem seguro; este é um emplasto que tira as dores, por mais antigas que sejam ou estejam, nas juntas ou fora delas; e também tira pelos poros do couro sangue ou coisa que se parece com ele, o que se vê no emplasto quando se tira; é experiência certa e quem isto fizer verá se falo verdade; é necessário comer galinha, porque faz muita fraqueza.

Para quem for achacado de flatos ou maus cozimentos do estômago

266. O primeiro remédio que se deve tentar é comer o doente pela manhã alguma coisa para não andar em jejum, pois assim, e só com tão fraco remédio, se têm curado muitos a tão pouco custo; o segundo e beber agua da infusão do cha com pouco açúcar, a qual ha de tomar estomago bem quente ou em jejum, ou depois de comer, que será melhor e fará melhor cozimento, porém não se tomará o chá depois de ceia, porque faz perder o sono; é singular remédio para discutir e rebater os flatos, fazer bom cozimento no estômago e varrer, por modo de milagre, as dores de cabeça que procederem dele. A quantidade do chá que há de servir para duas boas bebidas será quanto se possa tomar com dois dedos; este se lançará na dita quantidade da água que se há de beber; estando ela fervendo, se abafará com ele por um pouco e, estando de cor bem tinta, se lançará na tigela ou xícara grande, e, com pouco açúcar, se beberá com a quentura sofrível, que, sendo xícara, ainda que seja grande, poderá tomar duas ou três. Esta advertência quis fazer para

as pessoas que não tiverem notícia de como se faz e toma, a qual bebida, nas Minas, é singular e mais necessária que em todas as mais partes.

o comer de manhã e a água do chá são remédios eficazes para os flatos ou maus cozimentos do estômago

como se prepara o chá

Para feridas fresca e chagas, remédio singular

267. Tomem as cascas de ovos que quiserem, tirando-lhe as pelinhas que têm pela parte de dentro, façam as cascas em pó sutil e o guardem em vidro bem tampado, que podem durar quatro ou cinco anos com toda a sua virtude; e, quando houver alguma ferida ou chaga, se cubra com os tais pós e não se tirem senão quando caírem por si mesmos ou, sendo necessário renovar-se, se renovará com mais pós, e em breves dias verão o maravilhoso efeito deste remédio.

pós de cascas de ovos é remédio maravilhoso para feridas frescas e chagas

268. Não duvido que alguns cirurgiões não gostem de que ensine um remédio tão fácil e tão eficaz, mas a conveniência dos muitos deve antepor-se à dos poucos. Diz o doutor Curvo que viu curar uma chaga com estes pós que tinha ano e meio, e sarou em oito dias.

Outro para feridas ou escalavraduras

269. Tomem aquelas pelinhas ou bexigas em que os bate-folhas batem o ouro e cortarão delas o que for necessário para cobrir a tal ferida ou esfoladura de pau ou pedra, a qual molharão com o cuspo para pegar nas pontas e a deixarão estar pegada até cair por si mesmo e fique a parte sã; ou, se fizer alguma matéria, como algumas vezes sucede, se tirará a que estiver pegada e, limpa a

chaga, se lhe porá outra folha nova; e, se, por acaso, for necessário pôr mais alguma, se lhe porá, o que poucas vezes será necessário. Eu tenho experimentado estes remédios em algumas pessoas e na minhas pernas algumas vezes, e sempre com admirável sucesso, mas não digo que se aplique nas feridas grandes, porque nelas nunca usei dele.

bexigas em que os bate-folhas batem o ouro é remédio singular para esfoladuras frescas

Óleo real, como se faz e suas virtudes

270. Tomai uma panela nova vidrada e lhe deitai uma canada de bom azeite velho, ponde-o a ferver e lhe deitai dentro duas cebolas brancas pisadas, que se frijam até que fiquem secas; então as tirai do azeite, sem ficar coisa alguma delas e ajuntai ao dito azeite onça e meia de eufórbio real machucado, advertindo que, quem machucar o eufórbio, se resguarde e acautele que lhe não dê o pó ou bafo dele, porque lhe fará dano; deixareis ferver o dito eufórbio por espaço de um quarto de hora, e, como for cozido, se tirará todo e lançareis no azeite cinco ou seis raminhos de arruda verde, e com ela ferverá um quarto de hora; e tirada também a arruda, lhe deitareis meia oitava de açafrão pisado e ferverá com ele por espaço de um credo; então tirareis a panela fora do fogo e deixareis esfriar, e, coado o óleo por pano grosso, o guardai em vidro bem tapado para quando for necessário, e não cheguem com ele aos olhos se untarem a cabeça, porque fará cegar. A panela e a colher com que se mexeu se deitará fora, porque não serve para mais nada.

271. As virtudes que tem o dito óleo são as seguintes: aplicado quente aos estômagos frios e repletos, ou indigestos, que pela frialdade e indigestões, ou faltas de cozimento, levantam vapores e fumos à cabeça, de que procedem muitas e diferentes enfermidades, como são vágados, gota-coral, dores de cabeça, esquecimentos, lágrimas involuntárias, tosses e catarros; de todas estas queixas se livrarão os que aplicarem o dito óleo quente ao estômago, como fica dito, e à moleira da cabeça, porque corrobora

o miolo e faz cozer e digerir os alimentos pela sua quentura; resolve o princípio da obstrução dos nervos ópticos, clarifica a vista e aplica-se seguramente a todas as dores do corpo nascidas de flatos ou de frialdades, principalmente das juntas e todas as mais partes, fomentado com o dito óleo quente qualquer parte que doer, por espaço de meio quarto de hora, pondo um pano molhado nele e continuando até que a dor se tire, que, sendo de causa fria, infalivelmente sairá.

virtudes de óleo real

serve para as dores do estômago, vagados, gota-coral, esquecimentos, lágrimas involuntárias, para os nervos ópticos, para a vista, para todas as dores do corpo, das juntas, para a dor da madre e de cólica, para os nervos encolhidos, dores artríticas, e para os que muito podem urinar, para a opilação do baço, para as esquinencias perigosas, para a surdez antiga, as dores e zunidos dos ouvidos, cura as pontadas, é muito quente e penetrativo, e por esta razão cura todas as queixas de humores fleumáticos, úmidos e ventosos.

272. Aproveita muito na dor da madre e de cólica, untando com ele, quente, todo o ventre, esfregando, de uma para outra parte, por espaço de algum tempo, porque tira as ventosidades dos intestinos ou tripas, que são as que costumam causar esta enfermidade; aproveita muito nos nervos encolhidos ou endurecidos por frialdade, continuando as esfregações por alguns dias. Alivia grandemente as dores artéticas e de ilharga e aos que não podem urinar ou que têm dor na bexiga, fomentando com ele a ilharga abaixo do embigo e debaixo da verga, bolsa e virilhas, pondo-lhe em cima um pano quente, porque resolve as ventosidades e alarga os meatos da bexiga, lança fora as areias e faz urinar sem dor.

273. Resolve toda a opilação do baço untando a parte como fica dito e, dentro de quinze dias, sarará, untando-se duas vezes cada um, guardandose de comeres grosseiros e indigestos; cura as dores de cabeça causadas de umidade ou frialdade, ou flatos, untando de

uma fonte para outra, com ele frio, e, sendo fora da cabeça, se aplicará quente; cura, com grandíssima presteza, as esquinencias, ainda que estejam em muito perigo, untando com ele brandamente os queixos e a garganta, esfregando por espaço de meio quarto de hora, deitará a matéria fora da garganta ou o humor e sarará; cura a surdez causada de umidade ou de flatos, ainda que seja antiga, contanto que não seja surdo de nascimento; serve para dor e zunido dos ouvidos, botando-lhe três gotas de óleo quente duas vezes ao dia e molhando nele uma bola de algodão, que se meterá no ouvido; dormirá da outra banda e, em oito ou dez dias, sarará: sara as pontadas, untando-as com ele quente quanto se possa sofrer, esfregando e pondo-lhe um pano molhado nele quente, cobrindo-o com baeta; é muito penetrativo e quente e, por esta razão, lança fora todos os humores fleumáticos, úmidos e ventosos.

Para defluxões da cabeça, invento do autor

274. Quem for sujeito a padecer defluxões de estilicídio, que da cabeça caia nos queixos, faces, pescoço, garganta ou no peito, fazendo tosses e outras muitas queixas que bastantemente afligem aos doentes, poderá usar do remédio abaixo, que lhe quero aconselhar, por ser o melhor e mais fácil que tenho achado em tantos anos para divertir e evacuar as tais defluxões e livrá-las de que caiam no peito e façam diversas enfermidades perigosíssimas, pois são os defluxos da cabeça nestas Minas muito comuns, e é o seguinte:

275. Se derem em sujeito que não for costumado a usar de mechas de fumo pelos narizes, costume-se a elas, ainda que, no princípio, lhe custe o sofrê-las, logo as não estranhará e traga-as sempre enquanto durar o defluxo, tirando-as quando estiverem já cheias de humor e metendo outras novas, e há de ser do fumo curado mais forte e mais macio, novo e não velho, ou, sendo velho, seja são; e, quando tirar as mechas, se assoará muito bem antes de meter outras, pondo-se de dieta, bebendo água bem quente com açúcar, e podem estar certos que é um grandíssimo remédio, porque faz purgar grande cópia de humores pelos narizes e estarão livres de

que lhe caiam os humores no peito; e, depois de experimentarem este remédio, ficarão certificados dos singulares proveitos que faz e me agradecerão o conselho; eu assim o tenho aconselhado a inumeráveis doentes com tão bom sucesso que só com este remédio tão fácil se curaram sem detrimento, sem despesas e com segurança de lhe não caírem os humores no peito, por cuja causa muitos ficam asmáticos, tísicos e com tosses encruadas, queixas que com muita dificuldade, trabalho e despesas se curam, ficando a cabeça muito leve, de que recebia grandes agradecimentos, pois lhe saía pelos narizes muita quantidade de humor tão viscoso e quente como fogo, outro tão líquido, quase como água, tudo por virtude das ditas mechas, por serem penetrativas e atrativas; e, já hoje, são sabidas de muitos.

mechas de tabaco de fumo metidas nos narizes são remédio singularíssimo para os defluxos grandes da cabeça

Pós cornaquinos, como se fazem ou de que constam

276. De antimônio diaforético grãos dezesseis, escamônea sulfurada grãos doze, *cremor tartari* grãos seis; tudo se misture e se tome de uma vez. Virtudes: purgam todos os humores supérfluos, dão-se nas obstruções com grande proveito; eu os tenho aplicado em obstruções com admirável sucesso; provocam suor e muitas vezes vômitos e cursos; curam as febres crônicas e afetos inveterados.

pós cornaquinos

Outros

277. Diagrídio sulfurado dez oitavas, antimônio diaforético seis oitavas, *cremor tartari* duas oitavas e meia; mistura-se e se façam pós; doses, é de meia oitava até dois escrópulos. Virtudes: servem para purgar quase todas as doenças, principalmente são muito convenientes nas obstruções, como no seu tratado se pode ver.

Os remédios que se aplicam por fora comunicam as suas boas ou más virtudes dentro

278. Porque há algumas pessoas, e o pior é alguns professores, que duvidam que os remédios aplicados por fora do corpo possam comunicar as suas virtudes dentro, os quero convencer com o seguinte: Diz o doutor Curvo que, estando uma mulher com uma dor de ventre procedida de causa fria e tão grande que o obrigou a mandar-lhe lançar uma ajuda de vinho, com a qual a mulher ficou tão bêbeda que falou mil disparates, é certo que não só comunicou a sua virtude a todo o corpo, senão também à cabeça; vemos também, cada dia, que as ajudas substanciais sustentam muitos dias aos doentes que nada comem; os emplastos que eu aplico às pontadas pleuríticas com tão grande aproveitamento dos enfermos, que em seu tratado ficam apontados, obram com tanta felicidade como podem experimentar quem deles usar, e não seria assim se não comunicassem dentro a sua virtude. Eu conheço um bom médico nestas Minas que não aplica às pontadas remédio algum pela parte de fora e a outras muitas doenças, dizendo que só os interiores são os verdadeiros, e não sei com que razão deixam padecer os enfermos, quando os livros estão cheios de remédios para se aplicarem pela parte de fora, e a experiência está mostrando, como melhor luz desta verdade, que são precisos e muito necessários, e curam muitas doenças sem nenhuns interiores, como cada dia estamos vendo, com fomentações de óleos, de aguardentes, emplastos, cataplasmas e tudo o mais.

razões por que os remédios aplicados por fora comunicam as suas virtudes dentro

Óleo que eu tenho feito em casa muitas vezes e fácil para dores de flatos ou de causa fria, o qual tem obrado sempre maravilhosamente e é invento meu, e para contusões que não obedecem a outros

279. Em meia medida das Minas, que corresponde a uma canada de Portugal, de bom azeite, se lhe ajunte uma boa mão cheia de folhas de arruda, outra de folhas de alecrim e outra de alfavaca ou

de poejos; tudo se meta em um tacho bem limpo ou tigela vidrada e se ponha a ferver até que as tais ervas fiquem torradas; então se coe por um pano e se guarde em frasco bem tapado, para quando houverem dores em qualquer parte do corpo que procedam de flatos ou de causa fria, como quase sempre sucede nestas Minas, porque poucas sucedem de causa quente. Com este óleo bem quente se fomentarão as tais dores, uma ou duas vezes cada dia, conforme a necessidade o pedir, o que se fará por algum espaço de tempo, esfregando, para uma e outra banda, para melhor penetrar a sua virtude, aquentar a parte e resolver o humor dela, pondo-lhe por cima um pano molhado no tal óleo quente e, por cima dele, seu pedaço de baeta nova e sua atadura bem atada, para que se não descubra e fique ao ar, pois lhe será de grande dano. Quem o experimentar conhecerá o efeito admirável deste remédio, como eu tenho visto e observado muitas vezes, assim nos meus escravos, como em outros muitos e muitos brancos; e por ver a grande obra que fazia, sempre estava prevenido com ele para a ocasião de necessidade.

óleo para dores de flatos ou de causa fria, invento do autor

Para quando houverem (sic) *cursos excessivos depois de alguma purga ou depois de ter tomado mercúrio, ou unturas*

280. Tomar ajudas de caldo-de-galinha em que primeiro tenham fervido levemente três oitavas de rosas secas e coado o dito caldo com forte expressão, ajuntar, a cada sete onças dele, seis grãos de láudano opiado e uma gema-de-ovo batida é remédio maravilhoso para fazer parar as câmeras, com tal condição que, se o doente estiver muito fraco, se lhe não ajunte de láudano senão dois até três grãos, pois assim será com mais segurança, das quais ajudas poderá tomar cada dia duas e as que forem necessárias. Ou este: dar aos doentes leite de vacas, ou de ovelhas, ou de cabras, em boa quantidade, é remédio que, muitas vezes, foi escusado fazer outro, como me tem acontecido muitas vezes com muitos doentes, com tal condição que o leite, ou há de ser com o calor natural com

que sair do animal ou há de ser morno no fogo. Meter as palmas das mãos do doente que tiver câmeras excessivas em uma bacia de água fria é remédio que já mandei fazer com bom sucesso, fazendo logo pará-las. O leite pela boca, como fica dito, e dado ao mesmo tempo por ajuda, morno com uns pós de açúcar, é remédio que já mandei fazer com bom sucesso.

varios remédios experimentados para cameras *excessivas*, de purga, ou de unturas, ou de mercúrio

281. Mas, se as câmeras forem tão inobedientes e desesperadas que não obedeçam aos remédios ditos, tome o doente, pela boca, sete ou oito onças de leite tépido, que é quebrado de frieza somente, em que misturem trinta folhas de ouro em pó, porque é remédio que não costuma faltar, sendo as câmeras procedidas de mercúrio ou de unturas, e tome defumadouros, no sesso, de pó de almécega e de incenso, estando bem coberto.

Para restaurar forças perdidas por esfalfamento ou por outra qualquer causa

282. Tomai uma galinha e um capão que sejam gordos e seis corações de carneiro, ou, em falta de carneiro, podem servir os de qualquer animal que estiver gordo, e, tirando desta carnes toda a gordura que tiverem, as fareis em picado miúdo e metereis o tal picado em uma panela vidrada, a qual poreis sobre o fogo brando e, de quando em quando, ireis voltando e revolvendo estas carnes; e como forem deitando de si algum licor grosso, o tirareis, e a carne se meterá em uma prensa, e, espremendo-se bem, se ajuntará a sustância que deitar com o primeiro licor; e a massa se tornará a meter na panela e, a fogo lento, se tornará a ir revolvendo até que apareça algum licor ou sustância grossa, e este se tornará a tirar e se ajuntará com o primeiro, tornando-se a meter a carne da panela na prensa, ajuntando o licor que lançar de si com outro, e deste licor dareis ao doente uma colher de duas em duas horas, porque este é grande restaurativo das forças e único refúgio para os que nenhuma coisa podem comer ou para os esfalfados por causa de mulher ou

de outras quaisquer causas, e esta é a verdadeira geléia e o verdadeiro modo de a fazer.

restaurativo de forças para os que estão excessivamente fracos ou estão esfalfados

Para os reumatismos acompanhados com grandes dores

283. É grande remédio fomentar a parte com água da rainha de Hungria, em que misturem a quarta parte de incenso em pó e uma de alcanfor.

284. Os bafos de leite cozido a fogo brando com um punhado de folhas de meimendro verde machucado, recebidos na parte dolorosa das dores reumáticas ou escorbúticas, ou gotosas, aliviam maravilhosamente a dor. Esfregar a parte dolorida da gota ou do escorbútico com a raiz da erva abrótea dá grande alívio aos gotosos. O remédio que eu tenho visto fazer bons efeitos nas dores da gota é dar-lhe banhos de urina de menino, morna, por algum tempo, e depois cobrir a parte com pós de raiz de butua com um pano seco e atadura, estando o doente de cama; e tomando os banhos a miúdo é remédio com que um meu amigo se aliviava das tais dores, tomando também, passado o princípio, duas ou três purguinhas leves, e em pouco tempo se punha na rua.

para dores de reumatismos ou de gotosos, remédios bons

Roupa lavada, se se pode vestir

285. Sucede cada dia pedirem os doentes licença para vestirem roupa lavada, assim camisas, como lençóis, pelo grande aborrecimento que têm ao cheiro da roupa suja; e porque há professores que lhe negam a tal licença, intimidando-os que lhes fará grande dano a mudança da imundícia para a limpeza, digo que grandes autores mandam vestir camisas lavadas e deitar lençóis lavados na cama, porque a suja não só é danosa para a saúde e causa aborrecimentos aos doentes, mas não recebe tanto em si as

fuligens e vapores maus que os corpos doentes, sensível e insensivelmente, estão continuamente exalando, quantos toma, embebe e recebe em si a roupa limpa e lavada. João Bautista Silvatico, autor gravíssimo, diz que concede liberalmente camisas e lençóis lavados aos doentes. Mercado, autor de boa nota, diz que mais necessária é a roupa lavada aos doentes que o comer. Senerto, autor dos da maior esfera, diz o mesmo. O doutor Curvo concede o mesmo, e até aos bexigosos, se suarem as camisas, porque será maior o dano da roupa molhada que o da limpeza; haverá, porém, advertência que a tal roupa seja bem quebrada nas mãos e defumada em alecrim, e o mesmo se observará com os doentes de azougue.

roupa lavada se pode vestir

Para a erisipela do rosto ou em outra qualquer parte

286. O melhor remedio que tem a Medicina e Cirurgia é a aguardente alcanforada, em que misturem uma pouca de água de flor de sabugo; mas este remédio não se continuará senão do quarto dia por diante, molhando panos delgados nela, assim fria ou não mais que tépida, que é quebrar-lhe a frieza somente, não os deixando secar; e, como de noite hão de dormir os enfermeiros e os panos se hão de secar, será melhor acerto ficar a parte sem eles, porque será menos mal que estar com eles secos, mas, podendo passar sem remédio, será melhor, porque no rosto poucas vezes são bons. E para outra parte que não seja no rosto é grande remédio o espírito de vinho, pondo panos molhados e picados, não os deixando secar; e de nenhum modo se use nas erisipelas de remédios frios, como mandam os antigos, porque corre grande perigo de se perder a parte, apodrecendo; ou se use de aguardente misturada com água de flor de sabugo, partes iguais com alcanfor, e, para não tornar mais a erisipela, traga o doente ao pescoço azougue vivo em um canudo que toque na carne, mas bem tapado, ou seja de prata, que o tenho experimentado algumas vezes por certo.

para erisipela do rosto ou de outra qualquer parte

E de nenhum modo se use de azougue vivo em emplasto, para resolver algum tumor que esteja no pescoço ou dele para cima, pelo perigo que tem de se comunicar o azougue à cabeça ou cérebro, e fazer gravíssimas queixas, como tenho encontrado alguns enfermos que, pela referida causa, foi necessário cobrirem a cabeça com folhas de ouro em capacete, rapada primeiro, e nem assim se lhe tirou o azougue, antes vivem miseravelmente atormentados.

Para sarna, ou gafeira das bestas, ou de cão, e para quando se pelam

287. Em meia canada de azeite se deite meio arrátel de pó sutilíssimo de enxofre e quatro onças de pedra-ume crua, sutilissimamente moída, e se vão deitando estes pós em meio arrátel de cera bela derretida, mexendo tudo muito bem, e depois lhe misturem o azeite, mexendo-se tudo até que fique ungüento brando, com que se untará a gafeira de besta ou de cão, não os deixando lamber, e, infalivelmente, sararão, ainda que o cão esteja hético, mirrado e sem cabelo; escrevo este remédio porque sucede este achaque a alguns cães de préstimo ou bestas boas.

gafeira de cao ou besta

Para tirar os sinais com que algumas crianças nascem, a que os autores chamam maevi materni

288. Pôr em cima do sinal a mão de qualquer defunto e deixá-la estar até que a parte se esfrie bem faz desaparecer os sinais ou manchas dentro de poucos dias; alimpar ou esfregar as manchas com as páreas ainda quentes de uma mulher parida faz o mesmo efeito; untar os sinais com o primeiro esterco das crianças quando nascem, a que chamam ferrado, deixando-o secar na parte, é bom remédio; o mesmo faz o sangue mensal das mulheres posto na nódoa; e algumas tenho visto que, ao compasso que crescem, se lhe vão desaparecendo as nódoas, até que saram.

sinais com que nascem algumas crianças

Para sonhos medonhos em que se representam fantasmas

289. Cuidam as pessoas que sonham coisas medonhas que vêem fantasmas e são só sonhos espantosos, tristes e capazes de matar, e, por estas razões, se lhes deve acudir e não fazer pouco caso deles. O melhor remédio que tem curado a algumas pessoas são os alambres brancos, trazidos em um fio ao pescoço, e fazer-lhes beber, ao deitar na cama, vinte féveras de açafrão desfeitas com duas colheres de água de cerejas negras ou, em sua falta, água de erva-cidreira; são remédios experimentados.

sonhos tristes e medonhos

Tintura de ferro, como se faz

290. Tomareis das escórias de ferro que se acham nas forjas dos ferreiros ou daquelas caspas que caem aos pés das bigornas, ou safras, quando se malham o ferro, um arrátel; façam-se em pó sutilíssimo e o deitem em uma garrafa, lançando-lhe em cima meia canada de vinagre branco muito forte; metereis esta garrafa dentro de uma tigela, meia de areia, e, por baixo da tigela, poreis fogo de candeia por tempo de quarenta e oito horas; e, se for em tempo de caniculares, bastará que se traga oito dias ao sol; e então escoareis o vinagre tão devagar e tão sutilmente que não se passe com ele pó do ferro algum e o guardareis em garrafa bem fechada; e, sobre o pó que ficou na outra garrafa, deitareis outra meia canada do mesmo vinagre forte e o tornareis a trazer sobre fogo moderado, ou ao sol dos caniculares outros oito dias, e o vinagre se tornará a tingir de cor roxa, o qual tornareis a escoar com a mesma cautela que escoastes o outro, e o ajuntareis com o primeiro e tornareis a deitar outra meia canada de vinagre sobre os pós da garrafa e fareis o mesmo que tendes feito, repetindo tantas infusões de vinagre, até que o pó da garrafa o não tinja; e então ajuntai aqueles vinagres tintos em um urinol ou tigela bem vidrada e ponde-a sobre o fogo a evaporar todo o vinagre, até que de todo se consuma e fique só no fundo da tigela uma matéria roxa, sobre a qual deitareis meia canada de água clara, e, mexendo tudo muito bem, evaporai aquela água sobre fogo brando até que se consuma, repetindo estas

lavações três ou quatro vezes, para que se gaste todo o azedume do vinagre e, ficando seco, guardai estes pós, que são a verdadeira tintura do ferro, da qual se dará ao doente, de vinte grãos até trinta, para as enfermidades abaixo declaradas.

tintura de ferro, como se faz

Virtudes da sobredita tintura e doenças para que serve

291. Serve em toda a sorte de câmeras, ou sejam, diarréia, ou disenteria, ou lienteria, em que faz maravilhosos efeitos; cura certissimamente as purgações das mulheres, ou sejam brancas, ou verdes, ou amarelas; cura as gonorréias, por mais antigas e obstinadas que sejam; cura aos que se vazam em sangue pelas almorreimas, pois acharão neste remédio, certamente, a sua cura: cura os fluxos do sangue do nariz que não querem obedecer aos outros remédios; nas opilações do fígado e do baço faz efeitos prodigiosos, com condição que os corpos estejam preparados e purgados para os achaques do baço. Mandam os autores dar esta tintura em cozimento de douradinha, mas eu, pela grande experiência que tenho da água cozida com raízes de capeba, sou de parecer que se dê nela, porque, nas obstruções do baço e do mesentério, obra efeitos prodigiosos e as suas virtudes se podem ver na cura das ditas duas obstruções que ficam referidas no seu tratado. Para a obstrução do fígado mandam dar a dita tintura em água cozida com uma mão cheia de folhas de morango ou de agrimonia, e eu, pela experiência que tenho, digo que nas Minas e no Brasil é mais conveniente dar-se a dita tintura com cozimento de raízes de salsa das hortas e de funcho, porque estão no seu natural com toda a sua força e vigor, e as outras vêm de Portugal e perdem muita parte de suas virtudes; e para as câmeras de sangue se dará em água de tanchagem; a dita tintura se dará na quantidade que fica dita no fim da sua receita.

tintura de ferro é remédio eficaz para todas as camâras, purgações da madre, esquentamentos, sangue das almorreimas e do nariz, opilações de fígado e do baço

também serve para cameras de sangue

Trociscos de Alaandal, como se fazem perfeitos e seguros

292. Os trociscos de Alaandal, sendo feitos com toda a perfeição, tendo grandíssimo préstimo para curar as hidropisias e modorras, diz o doutor Curvo que, se lhe faltasse este remédio, se não atreveria a curar estas duas doenças, mas com a infusão dos ditos trociscos, seis vezes tomados em dias alternados, cura muitas hidropisias, anasarias e ascites, e tirou o sono a muitos doentes que, por estarem submergidos em sonos profundos, a que os autores chamam modorras, que já estavam ungidos, os livrou da morte com a sobredita infusão, na qual pôs Deus uma tão grande eficácia para acordar os que muito dormem, que é necessário, para tornarem a dormir, dar-lhe amendoadas; devem-se fazer os tais trociscos do modo seguinte:

trociscos de alaandal, para que servem

293. Tomareis coloquíntidas das mais brancas e leves, que são as melhores, dois arráteis, tirai-lhe todas as pevides, de sorte que não fique alguma, pisem-se em almofariz grande, e, pela peneira de pau branco, coareis o pó delas, e então misturai o dito pó com uma pouca de alquitira que esteja derretida em tanta quantidade de água-rosada quanta for necessária para que a dita alquitira fique um polme, como caldo de farinha, e amassai o sobredito pó das coloquíntidas muito bem com o polme da alquitira, de tal modo que se forme uma massa medianamente dura, e, fazendo-a em pastilhas maiores que tremoços, se sequem ao sol, e, se for tempo de grandes calmas (que é o melhor tempo para fazer este remédio) se sequem à sombra; e como as ditas pastilhas estiverem secas e sequíssimas, se tornem a pisar no almofariz grande e se peneirem por peneira de boticário, a mais fina e tapada que houver, de sorte que fique um pó impalpável e o mais sutilíssimo que for possível; e então se misture este pó com umas gotas de óleo de amêndoas doces tirado sem fogo, e está preparado o remédio com toda a perfeição, a qual consiste em que o pó das ditas coloquíntidas seja sutilíssimo.

como se fazem os ditos trociscos

294. Escrevo este remédio por haver nestas Minas algumas hidropisias, para que, quando não obedeçam aos remédios comuns, se procure fazer, ou já feito (por não faltarem hoje boticas), cuja preparação para se tomar é a seguinte: tomem dos sobreditos trociscos de Alaandal ou, por outro nome, pastilhas, sutilissimamente moídos duas oitavas, deitem-se de infusão em cinco quartilhos de água comum e, passadas quatro horas, se coe a dita água por um papel mata-borrão ou por um pano de linho bem tapado, para que não passe algum pó dos trociscos com a dita água, que fará grandes dores no ventre, da qual tomará cinco onças por cada vez, dois dias sucessivos e três interpolados.

nestas Minas há algumas hidropisias

295. Esta é a celebradíssima água anti-hidrópica com que o doutor Curvo tem feito tantas e tão singulares curas em tantos doentes já ungidos, assim de hidropisias, como de sonos profundos, o que se manifesta na sua *Polianthea* da última impressão, página 417 até 419 e nas suas *Observações*, página 230, observação 38, aonde poderá ver o curioso as milagrosas curas em tantos doentes quantos são os que nomeia.

água anti-hidrópica tão decantada

Tantas forem as crianças quantas devem ser as páreas

296. Diz o doutor Curvo, no livro das suas *Observações*, página 209, que sua primeira mulher parira de um parto duas crianças e, sem embargo, que lançou uma grande párea, e alguns médicos a quem deu parte lhe disseram que, por ser grande, valia por duas; contudo, sempre ficou com grande cuidado, porque, assim como as crianças foram duas, pedia a razão fossem duas as páreas; maiormente, vendo que a enferma, de dia em dia, se lhe multiplicavam as queixas, prognóstico certo de que procediam da párea retida dentro e, por conseqüência, se a não lançasse com brevidade mataria a doente com a sua corrupção, e para fazer a dita

obra lançara mão dos remédios mais eficazes, tendo gasto algum tempo nos comuns, de que ele se queixa por lhe morrer a enferma; porque, como diz Galeno e outros doutores, quando o perigo é grande, são escusados remédios pequenos.

tantas forem as crianças quantas devem ser as páreas

297. Deu-lhe vinte gotas do óleo de alambre em duas onças de vinho branco sem proveito; deu-lhe uma oitava de pó da párea do primeiro parto sem proveito, e outros; ocorreram-lhe vários remédios, como são o fígado e fel da enguia, os pós dos testículos de cavalo que não morresse de doença, o sal volátil oleoso de sílvio, a pele de cobra aplicada sobre o *pecten*, a água da infusão da pedra-candar, a que vulgarmente chamam pedra-quadrada, já bebida, já atada na coxa direita pela parte de dentro; como não eram horas de buscar estes remédios por casas particulares e as boticas, pela maior parte, os não têm, se valeu do remédio seguinte, com que a lançou já corrupta, de que se lhe seguiu a morte.

remédios que se deram sem proveito

298. Tomai de canela finíssima de folhas de artemija, de raiz de genciana, de espargos e de *rubia tinctorum*, de cada coisa destas meia onça; de bagas de ouro escaldadas de trincai veneziano e de mirra, de cada coisa destas duas oitavas, de centáurea menor, de nêveda e de poejos, de cada coisa destas duas oitavas, de cabeças de macela uma oitava, de açafrão e de flor de noz-moscada, de cada coisa destas meia oitava; tudo se pise grossamente e se infunda em uma canada de vinho branco generoso por espaço de doze horas, no fim das quais se coem e, bem espremida as ervas, do dito licor deu à doente quatro onças, misturando-lhe uma de xarope de artemija, porque, por repetidas experiências, tinha visto efeitos milagrosos do tal remédio, por mais arraigadas que estivessem as páreas; e também provoca maravilhosamente a purgação dos meses; assim se fez, e com tão feliz sucesso que, dentro de uma hora, deitou a párea que tinha dentro, mas já tão corrupta e fétida que infeccionou a madre, de que morreu a enferma.

remédio maravilhoso que fez lançar uma párea podre, de que morreu a enferma

299. E porque pode acontecer que, em alguma parte distante de povoado, haja necessidade semelhante e não haja os tais remédios, ensinarei um fácil e excelentíssimo: tomai de azeite comum seis onças, misturai-lhe meia oitava de açafrão ou uma, feito em pó sutil, e dê-se a beber à enferma por uma vez, morno, e, vezes que for necessário, outro tanto por cada uma, o qual poderá tomar duas ou três vezes cada dia, conforme a necessidade que houver, que infalivelmente deitará as páreas que tiver dentro e também fará parir com facilidade.

para fazer lançar pareas e parir com facilidade, e fácil

Outro fácil

300. Façam cozimento de folhas de alhos com grelos dos mesmos alhos e meta-se a mulher dentro dele, estando morno; e também faz baixar a regra.

outro

Para concepção

301. Rosas, almécega, *galea moscata*, espírito de canela, noz-moscada, cubebas, massis, galanga, de cada uma duas oitavas, cardamomo, cascas de cidra, erva-doce, funcho, alcaravia, nêveda, aipo, de cada uma oitava e meia, âmbar e almíscar, de cada um dois escrópulos, pimenta longa e branca, de cada uma oitava e meia, açúcar branco quatro onças, mel puro libras duas; faça-se confeição segundo a arte, da qual tomará a mulher a miúdo, às colheres, e, sem dúvida, conceberá. Ou este: cozam coalho de lebre em leite de cabras, do qual beberá a mulher quando se for deitar.

para conceber

Outro para fazer parir

302. Dar-se-á à mulher, tamanho como uma avelã de fígados de eirogo feitos em pó, tomado em vinho, se for branco melhor, que fará repetir as dores e parirá.

para fazer parir

Para quando se atravessar alguma coisa na garganta

303. Para se não atravessar alguma coisa na garganta, deve haver mui grande cautela no mastigar os mantimentos, para que não suceda o fatal aperto em que muitos se têm visto e de que alguns têm acabado o curso de sua vida por falta de prevenção ou pressa com que muitos comem, ou também por descuido.

304. Sendo por qualquer causa que for, quando alguma pessoa estiver com algum pedaço de carne ou outra qualquer coisa atravessada na garganta que a não possa engolir nem lançar fora, se lhe acudirá com pressa dando-lhe uma pancada, com a mão fechada, na nuca, que é atrás do pescoço, porque muitos, com uma ou mais, têm lançado o bocado; e, não aproveitando esta diligência, se lhe meterá um pedaço de rolo de cera encurvado com a ponta quadrada em redondo, metendo-se-lhe direito pela garganta, por onde vai o comer, e se empurrará para baixo com brandura e modo, e não com vela, por ser grossa e capaz de afogar o doente com o mesmo com que se pretende aliviar; mas, no caso que não haja rolo e só haja vela, esta se adelgará e, com ela delgada e encurvada, se fará a dita operação, que é o melhor remédio e mais pronto; ou se meterão as mãos na boca ou penas de galinha para provocar vômitos.

remédios para quando se através sor em algumas coisas na garganta

Para apostemas pequenos, ou também grandes, a que chamam furúnculos, ou leicenços, ou abscessos

305. Quando houver tumor ou inchação em qualquer parte do corpo que se não resolva e queira fazer matéria, o que se conhecerá por

haver picadas na parte, se lhe porá emplasto maturativo, que se fará de folhas de malvas bem cozidas e pisadas com unto de porco sem sal, uma ou duas gemas-de-ovos e umas féveras de açafrão, que fique uma boa massa, a qual se estenderá em pano grosso e, quente, se porá na parte, renovando-se as vezes que for necessário; e tanto que tiver matéria, se abrirá com lanceta ao comprimento do membro, seja braço, perna, dedos, mão ou pé, e se lhe meterá mecha molhada em todo o ovo bem batido, e panos do mesmo; isto assim se fará a primeira ou até a segunda cura somente, para melhor tirar as dores da lanceta e adoçar as partes, e depois se misturarão no ovo umas pingas de aguardente do Reino para fazer as mais curas e, passados alguns dias, se irá acrescentando a aguardente, para que a cura seja breve; e, depois que a parte estiver desinchada, se curará com a dita aguardente *per se* somente até o fim ou se acabará a cura com qualquer parche de ungüento de encourar.

como se hão de abrir os apostemas e como se hão de curar no princípio

306. Mas no caso que, por algum acidente, se não possa fazer o dito emplasto de malvas que fica dito, se usará de basilicão que se vende nas boticas, que fique grosso no pano, e, em falta deste, se pode usar de folhas de pinhão cozidas e pisadas com gema-de-ovo e unto sem sal, que é um maturativo forte para os apostemas rebeldes de fazer matéria, ou as ditas folhas pisadas com azeite-de-mamona, gema-de-ovo e um bocado de unto sem sal; ou se faça ungüento de cera da terra derretida com azeite doce que fique ungüento mole, e, em falta do azeite doce, pode servir o de mamona, de sorte que fique mole depois de frio, o qual se estenderá em pano que fique grosso, e assim serão todos *os* emplastos maturativos para cozer melhor a matéria; e se porão quentes.

emplastos maturativos vários e bons inventados pelo autor

307. E, sendo que haja no apostema, depois de furado, alguma caverna ou cavernas, se seringará com aguardente morna com

seringa ou algum instrumento de canudo, ou, ainda que haja cavernas, bastará que haja algum saco ou vão aonde não possa chegar mecha, porque, deste modo, sarará em muito mais breve tempo, sem comparação, do que curado com mecha, que não chega senão a pouca distância; e é necessário esperar a obra da natureza que, sem benefício de remédio, é muito dilatada a cura. Falo como quem tem isto bem experimentado, porque, quando seringava qualquer caverna de apostema ou de chaga, fosse grande ou pequena, sarava em tão breve tempo que causava admiração; e a mesma causará a quem curar os apostemas depois de furados um ou dois dias, se daí por diante não curar com ovo só *ver se*, mas misturando nele aguardente, como fica dito, que o mais é fazer carrapata e querer que a cura seja dilatada, e a paga se meça pela sua medida. Tudo se experimentará e se deverá à grandíssima virtude da aguardente, a qual se verá com admiração no tratado sexto, que lá se acharão casos notáveis.

seringar apostemas os faz sarar com muita brevidade

Para curar enfeitiçados e ligados por arte mágica, ou maleficios

308. Aqueles que, sendo moços robustos e mui potentes para com suas mancebas, casando-se se acharão incapazes de consumar o matrimônio, estes, diz o doutor Curvo na *Observação* 101, que se defumem as suas partes vergonhosas com os dentes de uma caveira postos em brasas, e, sem mais outra alguma diligência, ficarão desligados e capazes dos atos conjugais sem dúvida alguma.

309. Aqueles que, sendo bem-casados e muito amantes de suas esposas, passaram a uma tal metamorfose ou mudança odiosa que nem as podiam ver, nem deitar-se junto com elas, estas inimizades se conciliam e unem, mandando ocultamente untar as palmilhas dos sapatos do homem amancebado com o esterco da manceba e untar as palmilhas dos sapatos ou chinelas da manceba com esterco do amancebado; que, daí por diante, se converterá o amor lascivo em tal desagrado e aborrecimento que nem a manceba poderá mais ver o amante nem o amante a manceba; não me culpem os que

souberem que já toquei esta matéria, porque agora foi preciso, o que sucede por antipatia.

malcasados por causa de alguma manceba ficam unidos em amizade com o esterco humano

310. Aqueles que, sendo discretos e de boa índole, passaram de repente a serem tolos e furiosos, ou fugiram da companhia das gentes, andando uns sempre rindo, outros chorando sempre, se curarão com vomitórios e depois com a infusão do heléboro negro, feito em água de erva-cidreira continuado por tempo de quatro meses, ou feito em água de borragens destiladas em alambique de vidro; alguns maníacos houve, por causa do sangue mensal, a quem, depois dos vomitórios, se deu por tempo de um mês meia oitava de aljôfar preparado e dado em quatro onças de água de borragens ou de erva-cidreira para curar os enfeitiçados ou doidos. João Uvaltério louva, por grande remédio para os enfeitiçados, a infusão do heléboro negro feita em água de erva-cidreira. Henrique Abheers louva muito para o mesmo a água de borragens e de erva-cidreira, e o doutor João Curvo diz o mesmo, e que a alguns curara com os vomitórios e mais remédios acima apontados, por entender que alguma mulher enganada pelo demônio ou por algumas feiticeiras, que são seus ministros, lhes aconselhara que, para conciliar a amizade do tal homem, lhe desse o seu sangue mensal, e como o dito sangue não tem tal virtude, antes seja tão perverso e venenoso que não só causa os ditos efeitos de loucuras, fúrias, taciturnidades e outros mil sintomas tão horrendos, como lastimosos, os quais se deliberou a curar na forma referida, e sararam.

doidos por causa do sangue mensal e como se curam

311. Aos que viu tão magros e secos como esqueletos, sem terem febre, nem frio, nem dor, nem fome, nem desgosto, nem causa alguma manifesta donde lhes pudesse vir a tal magreza, entendendo que eram enfeitiçados, por esta razão lhe deu o ouro da vida, descrição de Hartmano ou de Bruneto, e, ao depois, lhe deu,

por tempo de dois meses, leite de água, em que se desatava todos os dias meia oitava de pó de aljôfar bem preparado.

secos e mirrados

312. A um, que viu tão inchado como uma pipa, deu, depois do vomitório, meia onça de fumo de mastruço aquático, misturando-lhe uma oitava de trociscos de mirra, e lhe pudera dar também uma oitava de triaga magna desfeita em água de cardo-santo. Não falta autor da primeira grandeza que aconselha, por remédio singularíssimo, dar a um enfeitiçado duas ou três vezes uma oitava do pó da parreira seca, de que se haja tirado primeiro a túnica exterior.

inchação como uma pipa

313. Por utilidade do bem comum, quero advertir aos ignorantes e às mulheres depravadas que o sangue mensal está tão fora de conciliar e granjear o amor dos homens que, antes os faz tontos, loucos, furiosos e os mata, porque é tal o veneno e maldade do dito sangue que, até nas coisas insensíveis, faz tais estragos e efeitos tão lamentáveis que, se chega a qualquer árvore, a faz secar, ou seja erva, planta ou flor; se chega ao leite, corrompe-o; se chega ao vinho, o perde; se chega ao ferro, o embota; se chega aos vidros, os deslustra e perde seus luzimentos; e até a mesma vista dos olhos das mulheres que andarem com a conjunção mensal e se se enfeitarem a eles, lhe fará perder a sua gala e resplendor; e é tão danosíssimo o dito sangue que era proibido no *Levítico* ou lei antiga que a mulher e o homem não tivesse ajuntamento enquanto durassem os dias da menstruação.

advertência aos ignorantes e mulheres depravadas

314. Diz o doutor Curvo que os feitiços se podem dar em diferentes iguarias e bebidas, já disfarçados em vários manjares, já em notáveis fervedouros, dos quais se seguiu ficarem uns tontos e mentecaptos enquanto viveram, outros ligados e incapazes dos atos matrimoniais, outros inchados como pipas, outros secos como paus,

outros fugindo da gente, outros com tão grande aborrecimento às suas mulheres que nem as podiam ver, nem ouvir falar nelas; o que tudo viu e notou, e que seria impossível referir o que neste particular experimentou e observou, porque alguns viu enfeitiçados ou endemoninhados, que se queixavam viam vários fantasmas em figuras de cavalos, elefantes, perus, serpentes e dragões; a alguns destes curou, fazendo-lhe trazer ao pescoço e nos pulsos dos braços alambres brancos, e a outros mandando-os defumar com a semente da erva antérico, trazendo-a também ao pescoço; assim o dizem Escrodero, Crolio e outros autores.

coisas notáveis

Das dores flatulentas ou tumores flatuosos

315. Sucede, algumas vezes, haver dores em alguma perna ou braço tão acérrimas que desprezam os remédios mais famigerados, assim de sangrias, como de purgas, para as quais dores se usarão os remédios seguintes, tendo já desprezado os outros. Quatro onças de leite de cabras fresco ou, em falta, outro qualquer, misturando-lhe sobre fogo lento dez ou onze onças de bosta de boi fresca, duas oitavas de açafrão em pó e quatro gemas-de-ovos cruas, que se ajuntarão, estando a massa com pouca quentura por se não coalharem, estendida em pano de linho e posta na parte; e também é grande remédio a terra que se acha nos formigueiros da parte de fora amontoada, misturada com óleo rosado ao fogo, e, fora dele, se lhe ajunte uma ou duas gemas-de-ovos, bem mexido tudo, de sorte que se façam umas papas, as quais se porão em pano e na parte, com quentura moderada; e quando, nem a estes, nem a outros remédios de igual estimação obedecem dores grandes, que a muitos enfermos não deixam dormir, nem lhe permitem algum sossego, se entenderá que são procedidas de flatos, como já vi; para esta queixa não há remédio melhor que os pós bem finos de raiz de butua ou, por outro nome, parreira-brava, misturados com tanta quantidade de vinho branco quanto bastar para fazer umas papas, e, em falta de vinho, se farão com aguardente do Reino, que, sendo procedidas as dores ou inchação

por causa de flatos, sarará em poucos dias, renovando-se em se secando com a dita aguardente. Ou se lhe ponham panos de água da rainha de Hungria morna, em vidro dentro de água quente.

dores flatulentas ou tumores flatuosos em qualquer parte do corpo

316. Também costuma obrar este remédio maravilhosamente em inchações de humor frio ou dores de causa fria.

Para garrotilho e achaques da garganta

317. Estes dois remédios, ainda que pareçam de pouca utilidade, não se devem desprezar, porque assim são outros muitos e obram efeitos singulares. O primeiro tem por si a aprovação dos religiosos do convento da Corte Real, que dizem usar-se dele em Irlanda, sua pátria, com feliz sucesso; o outro pessoas de verdade o afirmam ser muito proveitoso; é, pois, o primeiro, atar ao pescoço uma meia com a palmilha bem suada e trazê-la sempre que toque a palmilha na carne.

para achaques da garganta

318. O segundo é puxar pelas orelhas para cima com força até que se façam vermelhas; estes remédios, como são de pouca despesa, não podem prejudicar e poderão fazer grande proveito, pois há algumas coisas que têm simpatia com outras e outras antipatia e obram sem que nós vejamos o como, que as virtudes ocultas só a Deus são reservadas.

Para dores de cabeça antigas e desesperadas que não obedecem a remédios alguns

319. Veja-se se o doente tem amargores de boca, fastio ou vontade de vomitar, ou maus cozimentos, e o estômago cheio ou empanturrado, que, tendo alguns destes sinais, não haverá dúvida que é ele o culpado, e assim se deve purgar com vomitórios; digo vomitórios porque, em queixas graves e antigas, um vomitório não

pode fazer bem à doença, ainda que faça boa obra; será preciso que tome dois e três, ou alternados ou sucessivos, conforme as forças ou idade do enfermo; e se a cabeça estiver muito quente com demasia, depois que o doente estiver purgado, se mandarão dar emborcações de água fria, rapada primeiro à navalha, por algum espaço de tempo, que será por um quarto de hora ou meia; ou também podem aplicar-lhe panos molhados em xorodino[2] de duas partes de água e uma de vinagre, e se for o vinagre rosado, melhor, renovando-os em se secando; e, se o doente conhecer algum alívio e não melhorar de todo, se lhe mandará pôr a cabeça em uma almofadinha de couro cheia de água fria, pondo-lhe em cima uma toalha dobrada em quatro dobras, e estará a cabeça posta por espaço de duas horas cada dia.

dores de cabeça

320. Sendo as dores desesperadas e com excessivo calor, não faça isto dúvida a ninguém, porque o doutor Curvo, com os vomitórios e com a almofadinha de couro cheia de água fria, curou umas dores acérrimas a um homem que estava deixado de outros médicos doutos e sarou radicalmente, o que poderão ver os curiosos nas suas observações, da pág. 358 até 364.

dores de cabeça de causa quente

321. Finalmente, em todas as doenças ou pela maior parte em quase todos em que houverem sinais claros de enchimento do estômago, se dê vomitório, principiando a cura por eles, porque não será possível curar-se aquela doença, que tem a sua principal causa no estômago, sem a tirar, nem os mais remédios podem obrar, nem a natureza os pode regular, nem os mantimentos que o doente comer podem fazer bom cozimento, donde resulta o quilo ou sustância nutritiva de todo o corpo, estando o estômago cheio e repleto de cóleras, de que procede não só não obrarem os mais remédios como se deseja, mas ir-se o doente enfraquecendo cada vez mais, até que muitas vezes se põe em estado que não pode

sofrer os vomitórios e periga, por falta de se não aplicarem enquanto há forças suficientes, como eles requerem.

doenças que tiverem as suas causas no estomago e razões de ponderação

322. E, pelo contrário, dando-se os vomitórios no princípio das doenças quando há enchimento no estômago, enquanto há todas as forças, não só obram melhor e vai a cura direita, mas os mais sintomas que houverem se diminuirão de tal modo que, muitas vezes, parece obra de milagre, e, depois de tomados, obram os mais remédios admiravelmente, quando sejam necessários, o que já deixo advertido na cura das pontadas pleuríticas e na cura das obstruções.

vomitorios obram em algumas queixas como por obra de milagre

323. O que tenho dito não só é fundado em autoridades de autores insignes, senão também nas minhas experiências, que assim mo têm ensinado inumeráveis vezes, curando gravíssimas queixas com um ou dois, e, às vezes, três vomitórios, como se pode ver nas observações que deixo referidas no primeiro tratado, e nestas Minas com mais razão, aonde os enchimentos são muitos e vai muita diferença de ver ao ler.

autoridade e experiência

Que coisa é espinhela e como se levanta, estando caída ou relaxada

324. A espinhela é uma cartilagem ou ossozinho mole que está situado no meio do peito ou, para melhor dizer, no fim dele, na parte dianteira que nasce de todos os ossos e está pendente com a ponta para baixo, a qual fica em cima da boca do estômago.

325. Esta cartilagem, ainda que se diz vulgarmente que está caída, o não está, nem pode ser, mas sim se relaxa por muitas causas, e

tanto que está relaxada ou torcida com a ponta para dentro, pica e ofende a boca do estômago e faz variedade de queixas, como adiante se verá.

326. Os sinais de estar relaxada, umas vezes são vômitos, por causa da ofensa que faz ao estômago, outras fastio e cansaço nos braços e pernas que não podem os doentes andar; os braços quebrados, o corpo desfalecido e algumas vezes há dor naquela parte da espinhela, carregando-lhe com os dedos; outras vezes faz emagrecer todo o corpo, de tal modo que os doentes se vão fazendo tísicos, principalmente quando está relaxada de muitos tempos, como já vi; outras vezes causa tosse seca muito grande, mas o mais certo sinal que sempre acompanha é o cansaço com fraqueza nos braços e nas pernas; isto, assim suposto, não é necessário que hajam todos os sinais, basta que hajam alguns para se levantar, porque da tal obra nunca pode resultar grande dano e de o não fazer se podem seguir muitos e grandes. O como se deve levantar e confortar a espinhela, segundo dizem os antigos, é por três modos, e eu digo que por quatro, acrescentando um, que me não parece fora da razão; dos três, só de dois se pode usar com mais segurança, que é com terebintina posta na palma da mão e na parte, levantando-a para cima uma e muitas vezes, como adiante se verá, e com ventosa.

327. Com terebintina, estando o doente em jejum e de costas, se porá na palma da mão um bocado de terebintina e, pondo-a em cima da espinhela brandamente, bulindo com a mão para uma e outra banda para que a terebintina a pegue bem, se levantará a mão de repente, como de estalo, uma e muitas vezes, com o mesmo jeito e brandura que tenho dito, para que, levantando a pele para cima, se levante também e endireite a espinhela que está por baixo; e, depois de feita esta diligência por muitas vezes, se lhe porá em cima o emplasto confortativo que abaixo se verá em parágrafo separado.

como se levanta com terebintina

328. O modo de a levantar com ventosa é o seguinte: haverá uma ventosa com um buraquinho no fundo, o qual se poderá fazer com

uma sovela grossa de quatro quinas na ponta e, metido o cabo entre as mãos, se torcerá ou fará andar à roda com força, para uma e outra banda, que, moendo assim o vidro, a vá furando e, furada, se tapará com cera o tal buraquinho. Haverá também uma moeda de prata ou de cobre e um bocado de rolo de cera, o qual se porá em cima da tal moeda, dobrado, para fazer melhor o fogo; e, estando assim pegado na moeda, esta se porá em cima da ponta da espinhela com o rolo aceso nas duas pontas, e depois que o fogo tiver tomado força, se porá a ventosa em cima do fogo e da moeda, que tudo há de ficar dentro dela e se carregará na ventosa com brandura para que assente a boca, se apague o fogo e pegue, e, tanto que pegar, se deixará estar com roupa em roda, para que, se cair, não quebre; e, passado algum intervalo de tempo, se pegará nela e se puxará para cima alguma coisa de quando em quando, para que, com esta diligência, se vá trazendo a espinhela a seu lugar; e, tanto que o doente disser que a ventosa puxa pouco, se tirará, ou se tirará a cera do buraquinho, para que, entrando o ar, caia a ventosa sem se lhe pôr a mão, como é certo há de cair; e, tornando a acender o rolo, se tomará a pôr com a moeda no mesmo lugar e se tornará a lançar a ventosa, como da primeira vez, carregando-lhe muito pouco para não tornar a meter a espinhela no mesmo lugar aonde estava de princípio; porque, estando caída, é sem dúvida que alguma coisa se há de ter endireitado com a primeira aplicação da ventosa; e, tanto que ela estiver bem pegada, se tornará a puxar por ela para cima com alguma força e de quando em quando, para deste modo a ir endireitando e reduzindo-a a seu lugar, porque, desta sorte, a ventosa por si está atraindo a espinhela, que é a sua virtude, e, pegando na ventosa puxando por ela, se suspende melhor; e tanto que não puxar, se lhe tirará a cera do buraquinho para cair e se tornará a fazer terceira ou quarta diligência pelo modo que fica dito; e depois se lhe porá o emplasto confortativo que adiante se verá.

como se levanta com ventosa

329. Mas, no caso que não haja ventosa com buraco, nem se lhe possa fazer, se fará a mesma diligência com a moeda e o rolo

aceso, pondo-lhe a ventosa em cima; e quando se quiser tirar, se não carregará com os dedos na carne para baixo, senão somente se puxará a ventosa para cima e para uma banda e para outra; porque, carregando-se com os dedos na carne para baixo, se tornará a levar a cartilagem ou espinhela ao lugar aonde estava, como já disse, a qual diligência se fará as vezes que for necessário, até que se entenda que tem puxado bem, sendo por tempo e por vezes bastantes para trazer esta obra mais segura e aproveitar o tempo; deste modo a tenho levantado inumeráveis vezes com bom sucesso. Tendo-se isto assim executado, se lhe aplicará o emplasto seguinte, que já estará preparado.

330. Terebintina meia onça, pós de breu, de incenso, mirra e almécega, de cada um um escrópulo, sangue-de-dragão meio escrópulo; misturem-se todos muito bem e, estando a terebintina no fogo, deles se irão lançando nela pouco a pouco e mexendo-os, até que fique um polme brando e não grosso, estando em cima de fogo muito brando; depois se tirará e se estenderá em pano novo bem tapado, o qual, passado pelo ar do fogo, se aplicará em cima da espinhela com quentura moderada, de tal modo que, se for mais quente, tirará a pele, como já vi, e, se for menos quente, não pegará; e posto na parte, se lhe carregará com os dedos muito pouco, tão-somente para o unir com a carne, e por cima seu pano e atadura.

emplasto confortativo para a espinhela

331. Se se mandar buscar este emplasto à botica, se pedirá emplasto de terebintina com pós de toda a bisma, que já os boticários entendem os pós que são; ou também se podem pedir os pós e a terebintina à parte e fazer-se o emplasto em casa, como acima fica referido; e os pós que sobejarem e a terebintina, se guardará tudo para fazer outro quando aquele cair, que sempre será bom conselho aplicar-se-lhe dois ou três emplastos para confortar bem a espinhela e não tornar a cair com facilidade.

332. Depois da espinhela levantada e o emplasto posto, fará o doente exercício moderado e não fará excesso algum, nem tomará

peso nas mãos ou sobre si, nem andará a cavalo, antes andará com muito sossego e quietação.

333. Confesso que nunca pude sofrer o dito vulgar das gentes, e o pior é de alguns cirurgiões imperitos, dizendo que os cirurgiões não entendem da espinhela, nem sabem curar tal doença, e é tão geral este abuso que eu o tenho ouvido muitas vezes, sendo certo que todos os autores falam nela, dizem o que é, como se deve curar e as infinitas queixas e gravíssimas que da espinhela caída resultam; e pelos ditos sem razão e sem fundamento se não chamam os cirurgiões e vão os doentes parar nas mãos das velhas comedeiras, que não têm outro ofício, pois a uns os escalam com esfregações pelos braços, com tal força que se lhe levantam caroços por eles, e então é que dizem que, por ter caroços, tem a espinhela caída e que tenha paciência para fazer ir ao outro mundo com tais dores que lhe impedem a respiração, e pedem, pelo amor de Deus, os deixem, como muitos me têm dito; a outros os enforcam em paus ou penduram em portas, fazendo nos miseráveis enfermos injustiças, sem nunca sararem, nem ser possível; e se algum, por desgraça, chega a ter melhora, é por virtude do emplasto que lhe põem em cima da espinhela e não mais pelas diligências que lhe fazem, pois serve só de martírio e de nenhuma utilidade.

abuso dos que dizem que não há espinhela e que os cirurgiães a não sabem levantar

334. Também algumas vezes tenho levantado a espinhela com terebintina posta na palma da mão, como atrás fica referido, mas o modo de levantar com ventosa tenho por melhor e mais seguro, além de ser de menos trabalho para quem faz a obra e de menos fadiga para o enfermo, e com ela levantei a espinhela a um menino em Lisboa que tinha saído de se curar no hospital de uma doença e estava tão magro que parecia tísico, com tanto cansaço que não podia andar e, depois que lha levantei, comeu bem, nutriu-se, andava bem e sarou, como outros muitos que não têm número, de diferentes queixas; e é certo que causa doenças gravissímas, sendo o seu remédio tão fácil, como é o levantá-la.

335. O quarto modo, que eu dizia não era fora da razão, é o seguinte: Estando o doente em jejum e deitado com a barriga para baixo, se lhe meterão as mãos, uma por uma ilharga e outra pela outra; e, postas perto do lugar aonde está a espinhela, se puxará por ambas para a banda das costas, carregando nelas muito bem, o que se fará por muitas vezes, contanto que as mãos, quando se puserem para começar a puxar, se não ponham em cima da espinhela, nem junto dela, mas haverá, de distância, uma mão-travessa de uma e da outra parte, porque, desta sorte, puxando a carne com as mãos, como tenho dito, se aperta nestas partes e se laxa, e estofa para fora no lugar da espinhela, e a mesma espinhela, o que se deixa conhecer patentemente aos olhos, fazendo-se esta diligência a qualquer homem estando em pé; e, pelo contrário, se verá também que, pondo as mãos nas ilhargas e puxando por elas, carregando-lhes para a parte de diante, se enrugará e encolherá a pele e carne em cima da espinhela, sumindo-se para dentro, o que foi engano dos antigos mandarem fazer isto assim mesmo para se levantar, que é o terceiro modo, em que não tenho falado, porque, não só (segundo a minha opinião) se não levantaria, mas se acrescentaria o dano, fazendo-a mais caída ou mais metida para dentro, que é o que comumente sucede.

modo novo de levantar a espinhela

336. Tendo-se feito as diligências por muitas vezes, como tenho dito, se virará o doente de costas e se lhe correrão as palmas das mãos de junto da espinhela para a banda das costas, uma por uma parte, outra pela outra, vezes bastantes, carregando-lhe; e, feita esta diligência, se porá em cima da espinhela o emplasto confortativo que fica referido.

337. A mim me consta por pessoas de verdade que um certo cirurgião levanta a espinhela sem ventosa, nem terebintina na palma da mão, dizendo o tal cirurgião que a levanta por novo modo nunca visto, nem usado, e o certo é ser bem-sucedido; e, interpretando eu o modo de que usaria, não acho ser outro senão este, e, porque há poucos tempos que assim o tenho entendido, não fiz experiência, o

que fizera sem receio algum se tivesse ocasião, pelo que aconselho a quem o quiser fazer o pode executar sem perigo, nem detrimento do enfermo, e com tão pouco custo.

338. No caso que qualquer doente que tenha sinais da espinhela caída ou haja receio de que o esteja, e este tal doente tiver sinais de enchimento no estômago, se lhe dará um vomitório antes de se levantar a espinhela e depois se poderá levantar e confortar, como fica dito. As queixas que se originam da espinhela caída, ou relaxada, são muitas e muito grandes; e se houver, como creio há de haver, quem duvide que há espinhela e que se pode relaxar e podem resultar gravíssimas queixas, veja a *Polianthea* do doutor Curvo, páginas 175, 176 e 177, onde achará bons exemplos e vários autores que o afirmam, e outros livros da Cirurgia e Medicina.

vomitório antes de levantar a espinhela

a espinhela caída faz gravissímas queixas

Para curar azias

339. O doente que tiver azia coma milho grosso assado, ou arrebentado, a que chamam pipocas, que logo lhe passará, mas, se acontecer alguma vez que com este remédio, não fique livre, tire a casca com uma faca a uma cidra e coma algumas talhadas dela, engolindo o suco para baixo e botando fora o bagaço, que com um ou com outro remédio destes dois infalivelmente ficará são, o que afirmo pelos ter experimentado muitas vezes sem falência, os quais são inventos meus.

dois remédios infalíveis para curar azias, invento do autor

Para caírem os cravos de boubas ou verrugas

340. Façam uma cova na terra que fique por cima com a boca mais apertada e por baixo mais larga; nela se lancem brasas vivas e em cima delas se lance esterco seco de porco e desfeito, e na boca da

cova se ponha o pé ou mão que tiver os cravos ou verrugas, de sorte que fiquem tomando aqueles fumos ou fumaças, abafando com roupa o pé ou mão, avivando as brasas e lançando mais pós do esterco por espaço de meia hora, e, no fim, se alimpará do suor e se lhe atará por cima um pano seco; assim se fará de manhã e de tarde, até que os cravos de todo caiam, o que farão em três ou quatro dias. Não experimentei este remédio, mas afirmou-mo um homem de crédito e é fácil de experimentar.

remédio certo para caírem os cravos de boubas, ou verrugas

Outro para o mesmo

341. Um pequeno de esterco humano fresco se ponha em um pano grosso e que também fique grosso; isto se porá em cima do cravo ou verruga e não se lhe bulirá senão passadas quarenta e oito horas, no fim das quais se tirará o remédio e se meterá a parte em água bem quente por algum espaço de tempo, e nela se pegará no cravo com alguma coisa para o arrancar, o qual sairá com quantas raízes tiver; e, se por alguma causa ou por estar muito arraigado não quiser sair, se tornará a repetir o mesmo remédio do esterco e água bem quente, que sem dúvida se arrancará; é remédio experimentado.

outro infalível para o mesmo

Advertência para quem comprar escravos

342. Quem quiser comprar algum escravo veja muito bem se o tal escravo tem joelhos metidos para dentro, ou mais ou menos, mandando-o passear para o ver por detrás e por diante, com os fatos levantados, porque, se tiver algum jeito ou sinal dos joelhos inclinados para dentro e as pernas para fora, de nenhum modo o compre; porque, pelo tempo adiante, se lhe vão entortando cada vez mais, até que não podem dar um passo, topando um joelho no outro, por cuja causa se vem a perder; digo isto porque perdi um depois de o sustentar cinco anos em uma cama, da qual se não

levantou mais por ficar tão engelhado que não podia dar um passo, o qual comprei com um jeito mui pequeno, e tenho visto isto mesmo em muitos; e muitas pessoas o terão assim experimentado, pois eu falo como quem tem feito observação em muitos que conheci com pouco jeito nos joelhos, e depois, passados alguns tempos, os vi com umas torturas mui grandes; e por isto faço este aviso para quem o quiser observar.

para quem comprar escravos

343. Esta queixa não é outra a causa dela senão o relaxarem-se os nervos por causa de humores frios e úmidos, que, umedecendo os ligamentos das juntas, os relaxam e, por esta causa, se estendem; e, querendo eu tentar fortuna em o que perdi, lhe endireitei as pernas e os joelhos e lhe pus emplastos confortativos com suas talas compridas, desde cima dos joelhos até os pés, renovando os emplastos por espaço de quarenta dias, e, mandando-o pôr em pé e dar alguns passeios, no mesmo dia ficaram como estavam de antes e fiquei desenganado.

causa por que os joelhos dos escravos se entortam e se perdem

Para quem for perseguido de arestas ou espigas junto das unhas das mãos

344. Quem tiver as ditas espigas (como lhe chama o povo) queime-as ao fogo de uma candeia ou chegando-lhe um tição em brasa viva, que, queimando-as e aquentando aquela parte muito bem, ficará livre delas quem isto fizer.

espigas das unhas

Para catarro ferino, ou tosse convulsiva, ou rouquidão da voz

345. Tomem uma colher de fumo de poejos adoçado com açúcar, que é remédio eficaz, assim para a grande tosse, como para quem

tiver a voz muito rouca; e tomará este remédio três ou quatro vezes cada dia, sendo continuado alguns, que é experimentado.

tosse ou rouquidão da voz

Para vômitos

346. Tome o doente que tiver vômitos contínuos, ou sejam de purga ou sem ela, pela boca quatro colheres de sumo de romã azeda, porque pararão como por obra de milagre, e, em falta deste, comerá uma fatia de pão torrado molhada em vinagre ou molhada no mesmo sumo de romã, ou tomará um escrópulo de sal de losna desfeito em leite ou em caldo-de-galinha, e, em cima do estômago, se porá um saquinho em que tenham metido um pouco de sal queimado ou torrado, que, tanto este remédio, como os mais são experimentados, e no caso que todos estes remédios faltem, tome o doente uma pílula de dois grãos de láudano opiado feito por bom artífice, que infalivelmente pararão.

remédios certos para vômitos

Para acidentes de gota-coral

347. Estando a pessoa com acidente de gota-coral, busquem uma menina virgem e ponha os dedos da mão em cima dos peitos do enfermo, que logo tornará em si e não continuará mais tempo o acidente; também as pedras que se acham no ventre de algumas andorinhas que estão ainda no ninho, tiradas no minguante da Lua e trazidas ao pescoço ou atadas no bucho do braço, livra dos ditos acidentes, certamente; o cascavel da cobra do Brasil trazido debaixo do sovaco livra dos tais acidentes, tudo por virtude oculta que Deus lhe deu.

gota-coral

Para a ránula

348. A rânula é um apostema que nasce debaixo da língua, que algumas vezes tem seu perigo e sempre é enfermidade que causa grande moléstia. Este apostema se esfregará com uma pedra-lipes brandamente e se verão efeitos prodigiosos; este segredo curou em três dias uma rânula que um cirurgião em Lisboa não pode vencer em sete; e há-se de esfregar de hora em hora, lançando o cuspo fora.

segredo para o apostema chamado rânula, que nasce debaixo da língua

Para emagrecer os que forem muitos gordos

349. Os que forem muitos gordos, e quiserem emagrecer, cozam funcho em todo o comer que usarem e, em jejum, comam uma fatia de pão torrado molhada em vinagre, e comam pouco.

Para emagrecer

Trociscos vitae. Virtudes

350. Corroboram as forças como coisa de milagre, recreiam os espíritos, confirmam o úmido radical e o acrescentam; corroboram a cabeça, estômago e fígado, tiram os humores viciosos do estômago e abrem as obstruções das veias; são muito convenientes em toda a enfermidade fria, restituem os velhos fracos, ajudam o cozimento, impedem toda a podridão, tiram as vertigens, avivam a vista, preservam de gota-coral e de apoplexia, aceleram o parto e são muito úteis às mulheres que estão fracas nele, e para tudo isto é remédio presentâneo. Doses são um ou dois de cada vez, feitos em pó sutil e lançados em licor conveniente para se beber, como vinho, caldo-de-galinha ou água cordial.

trociscos da vida têm grandes virtudes

Elixir sulphuris. *Virtudes*

351. Usa-se com admiração nos achaques do peito e bofe, livra o peito de todas as impuridades, mundifica os catarros, tira a tosse, assim antiga, como moderna; dá-se com grande proveito aos tísicos e aos melancólicos, faz alegria na nímia tristeza, na cardialgia; dilata a coarctação da respiração, cura a asma crônica ou envelhecida, conforta o coração, dilata a vida e retarda a velhice; toma-se em veículo apropriado, como é qualquer xarope peitoral de camoesas ou outro semelhante, e nunca se toma por si somente, e há de ficar a bebida com algum azedo: lançar-se-á em pouca quantidade, que serão algumas pingas do dito elixir.

o elixir *sulphuris* tem raras virtudes para o peito

Receita de mel de tanque para as obstruções

352. Em quanto baste de água comum se coza um bocado de raiz de butua e um molho de raízes de sapé, uma raiz de salsa das hortas, tudo picado ou pisado que fique grosso e diminua a metade da água, tornando a ferver com uma ou duas mãos cheias de folhas de picão, por pouco tempo, e depois se guarde em frasco.

receita de mel de tanque para as obstruções

353. Deste cozimento tirarão seis ou sete onças e, morno, se lhe lançará a terça parte de mel de tanque, que, mexido, se beberá em jejum e antes do sol posto; e, acabado o dito frasco de cozimento, se fará outro na mesma forma, advertindo que, se o doente, ao segundo ou terceiro dia, fizer muitos cursos, não tomará mais que uma vez ao dia, fazendo exercício e comendo seco, ou que incline mais a seco que cozido, assim carne de vaca, como galinha, frango ou franga e todas as aves do ar; beberá, de ordinário, água cozida com raiz de capeba, ou um molho de raízes de sapé, ou um bocado de raiz de butua, e, por fim, se purgará, sendo necessário; e se, no princípio, o doente tiver amargores de boca, tome primeiro um vomitório, porque será muito conveniente; a obstrução se fomentará com qualquer dos ungüentos ou fomentações que ficam referidas no tratado das obstruções. O mel de tanque acima é o que estilam as formas do açúcar.

Tisana contra morbum *de madame Focquet*

354. Pau-santo ralado, cascas do mesmo, salsaparrilha, sene, de cada coisa quatro onças, vinho branco nove libras.

tisana contra o gálico

Modo como se faz

355. O pau-santo e as cascas se farão em pó grosso, a salsa se rachará e tudo se infundirá no vinho por uma noite; depois se porá a cozer até gastar a terça parte e, nas duas que ficam, se lhe lançará o sene e a erva-doce, estando o vinho ainda quente; e ficando tudo de infusão vinte e quatro horas, depois se coará o tal vinho e se guardará para o uso, do qual se tomará cinco onças de manhã e outras tantas de tarde antes do sol posto, bebendo de ordinário água quente.

Pós que na Cidade da Bahia têm curado muitos enfermos de gálico que já estavam deixados ao arbítrio da natureza

356. De salsaparrilha boa e bem sã quatro onças, a qual se fará em pó sutil; de farinha de arroz um arrátel, de tapioca, ou carimã, que é o mesmo, em pó, um arrátel, de açúcar fino um arrátel; tudo se misture muito bem e se passe por uma peneira grossa de pau e se guarde em uma panela vidrada, da qual se irão tirando três colheres para o doente tomar por cada vez, que será em jejum e de tarde; e, sendo necessário água quente, tomará duas bochechas dela para engolir os ditos pós, e, conforme o doente passar com a primeira, assim continuará com mais ou menos quantidade, preparando-se primeiro com xaropes e purgando-se.

Pós particulares para curar gálico

357. Beberá, de ordinário, água de salsa pouco cozida, de modo que fique muito pouco alambreada, que é o verdadeiro sinal para se conhecer que fica branda e não forte; a salsa e água em que se cozer será a quantidade que a cada um lhe parecer; é remédio

muito usado na Cidade da Bahia, aonde tem curado enfermos sem número.

Para se fazerem cravos roxos

358. Em um craveiro branco e não em outro, quando este tiver varas com botões pequenos, se lhe fará uma cesura ou ferida ao comprimento da cana com a ponta de um canivete bem sutil e que corte bem abaixo do botão uma mão-travessa, pouco mais ou menos, que entre a ferida muito bem dentro ao interior da cana, abrindo a tal ferida para uma e outra banda com a ponta do dito canivete; então, se quiserem que os cravos saiam roxos, lhe botarão dentro na tal ferida pós de anil muito sutis, e depois se tape a ferida ou cesura com um bocadinho de barro, e a seu tempo verão a cor roxa.

cravos roxos

De que modo se matarão quantos ratos houverem em uma casa ou navio

359. Façam diligência por apanharem dois vivos, ou ao menos um, cortem-lhe a pele em cima do toutiço entre as orelhas com um canivete ou tesoura e lhe metam dentro duas ou três pedras de sal e, metidas, cosam a ferida com alguns pontos e cubram-na com cinza para tomar o sangue e, feito isto, soltem o tal rato, que, depois de se danar, morderá a quantos encontrar, e todos quantos morder ficarão danados e estes morderão outros, e assim o que levou o sal, como todos os mordidos, morrerão e se desinçarão quantos houverem, principalmente se meterem o sal em dois ou em três; é coisa que já se experimentou.

para matar quantos ratos houverem em uma casa ou navio

Para fazer letras de ouro

360. Tomem os pães-de-ouro que quiserem, moam-nos em almofariz e, depois de moídos, lhe vão lançando umas gotas de mel, mexendo sempre com a mão do almofariz, e depois se lhe lançará água de goma Arábia a que bastar e se escreverão letras de ouro.

letras de ouro, como se fazem

Xaropes para fazer vir a conjunção às mulheres

361. Mel de pau meio quartilho, manteiga tão lavada até ficar doce, ou melhor será a crua, meio arrátel, sene em pó uma onça; o mel se ponha no fogo até levantar fervura, então se lhe ajunte a manteiga e os pós de sene, uma cebola branca feita em picado e uma mão cheia de gergelim; e dando um par de fervuras, se tirará do fogo e se guardará, do qual tomará a mulher nove colheres em jejum e, depois de ceia, duas horas, outro tanto; tendo regimento à risca, poderá estar certa que lhe há de vir o seu mênstruo em abundância.

Para quem mija na cama estando dormindo

362. Para quem urinar na cama estando dormindo não há coisa melhor que comer, a miúdo, coração de cabrito montês assado muitas vezes, ou beber, em vinho, sessos de lebre, que é a última tripa, ou bexiga de porco ou porca feita em pó, bebido no mesmo vinho.

Para quando a madre sai fora de seu lugar

363. Para quando a madre está saída fora de seu lugar, que algumas vezes parece prepúcio de homem, atem os braços da enferma por cima do cotovelo com umas fitas bem apertadas e lancem-lhe ventosas nos peitos fora das tetas, e dêem-lhe a beber coisas odoríferas e de bom cheiro, e, por baixo, dêem-lhe fumos de coisas fétidas e de ruim cheiro, e beba também pós de ponta de veado, pondo emplasto de alhos pisados e destemperados com água de urtigas sobre a barriga, para a madre tornar a seu lugar.

Remédio certo e experimentado para chagas envelhecidas e teimosas de curar, principalmente sendo de causa fria, que me revelou um amigo cirurgião

364. Vinho de Malvazia uma libra, azeite comum duas libras, tudo misturado se ponha a ferver a fogo brando até se gastar o vinho, e depois se lhe misture libra e meia de terebintina e três onças de óleo de epiricão simples, bálsamo peruviano onça e meia, bálsamo ou óleo de copaiba, que tudo é o mesmo, meia onça, pós de sândalos vermelhos e de sangue-de-drago, de cada um uma onça, cera a que bastar, formese bálsamo. *S.A*. chama-se bálsamo lucatel.

para chagas envelhecidas e teimosas de curar

Remédio particular para curar feridas frescas de qualquer qualidade que sejam, em três dias

365. Óleo de terebintina uma libra, pós de incenso de mirra, de azebre, de almécega, de sangue-de-drago, de cada um duas oitavas; feito todos em sutilíssimos pós, doze ovos tão cozidos que fiquem as gemas muito duras, e depois se misturem as tais gemas e os pós com o óleo, e tudo estará de infusão em vidro, tapado em cinzas quentes por espaço de dez horas, e depois se esprema tudo e o licor que sair se guarde, como se fora óleo de ouro em vidro bem tapado, do qual se usará depois de desalteradas as feridas e dados os pontos necessários, sendo capazes deles, molhando no tal licor uma tira de pano dobrado e posta em cima da ferida, curando-a de vinte em vinte e quatro horas, não havendo necessidade que obrigue a curar mais cedo.

para feridas fechar em três dias

366. Para acidentes uterinos se toma deste licor meia onça desfeito em duas colheres de caldo-de-galinha, e, tomando morno pela boca, é certo livrar as mulheres daquele cruel acidente em pouco espaço de tempo.

para acidentes uterinos é certo

Remédio para impigens, certo e experimentando

367. Breu e enxofre, partes iguais; pise-se cada coisa de *per se* e se misturem estes pós com sebo de rim de boi ou de vaca, ou de carneiro, e, pisado muito bem que fique uma boa massa, se ponha a ferver para se incorporar e, metido em pano, e quente, se esfreguem as impigens muito bem, duas vezes ao dia, e sararão em poucos.

para impigens é certo

Remédio para quando alguma mulher anda de parto e não pode parir

368. Faça-se um cozimento de folhas e raízes de artemija, folha de arruda, de betônica, macela, bem apertado no cozimento, e beba dele várias vezes com uns pós de açúcar, e, quando estiver mais apertada de dores junto ao parto, dêem-lhe uma sopa de vinho generoso ou uma bebida da água seguinte, estando clara, preparada desta maneira: ponde em uma redoma de vidro três onças de canela machucada e deitai-lhe dentro quatro onças de aguardente fina e, tapada a redoma, a deixai estar três dias e depois a coareis por pano limpo e lhe lançareis uma onça de açúcar fino e duas onças de água-rosada, e guardai em vidro bem tapado para a ocasião de necessidade, do qual tomará o doente quatro colheres por cada vez; e também vale muito para qualquer indisposição da madre, fraqueza do estômago, faltas na respiração e para a supressão da urina.

para fazer parir, fraqueza do estômago e supressão da urina e fazer lançar as páreas e correr o parto

369. Também o sobredito remédio é muito proveitoso para fazer lançar as páreas e fazer correr o parto.

Remédio para fazer dormir

370. Cozendo a semente de alface, bebendo do seu cozimento e comida a semente, provoca o sono; a dita semente, feita em pó e misturada com leite de mulher que crie menina e gemas-de-ovos, fazendo uma cataplasma aplicada na testa, também provoca o sono; o sumo das folhas da dita erva misturado com água de cevada, bebida e esfregados os peitos com as mãos, dá abundância de leite às mulheres que o não tiverem. Ungüento populeão para fazer uma onça, óleo de dormideiras o que baste para fazer lenimento, ajuntando-lhe meia oitava de láudano líquido, e nisto se molharão panos ou uma tira para pôr na testa e fazer dormir; eu o tenho experimentado e dormiu o doente que havia três dias e três noites que não dormia, ajuntando ao lenimento sementes de alface, não se secando as tiras de pano.

para fazer dormir e dar leite às mulheres

Remédio para dores de gota, experimentado

371. Folhas de salva, de cana, de murta, maçãs de cipreste, alecrim, murtinhos, baga-de-louro, losna, rosmaninho; de tudo se faça cozimento em três libras de vinho branco, sem confeição, que diminua a terça parte e, coada, se guarde para o uso, que será na forma seguinte:

dores de gota

372. Com este cozimento quente se lavará a parte onde estiverem as dores, chapejando com um pano por espaço de algum tempo, aparando por baixo algum vaso e, enxuta a parte, se fomentem as dores com óleo anetino[3] morno e, na falta dele, com bálsamo anódino, e sobre qualquer das fomentações se porá lã vidrosa ou papel pardo, cobrindo com pano quente, os quais remédios se farão a miúdo se as dores forem grandes e, não o sendo, se farão duas ou três vezes cada dia, tendo bom regimento, fugindo de coisas salgadas e de verduras, não bebendo vinho e nem usando de atos venéreos.

dores de gota

373. Também os banhos de urina são admiráveis, e, se a urina for com calor natural será melhor, ou do próprio doente ou de pessoa sadia; os banhos de alecrim cozido também aliviam muito as dores aos gotosos, sendo tomados debaixo da roupa; e também os suadouros ou bafos do dito cozimento são muito proveitosos, mas o óleo anetino, depois de qualquer lavatório, é grande remédio; e também o fomentar as dores com aguardente morna é grande remédio, como eu tenho visto.

para o mesmo

374. E no caso que seja necessária purga, se fará com cozimento seguinte: polpa de ameixa três oitavas, jalapa em pó sutil três oitavas, ruibarbo bom em pó duas oitavas, iva artética dois escrópulos, hermodátilo uma oitava; com o que bastar de açúcar fino se faça eletuários. *SA*. Deste tomará o doente duas até três por cada vez, uma vez cada dia, e será conforme a obra que fizer, porque este remédio purga suavemente os humores das juntas, e é experimentado, e se continuará o tempo que a necessidade o pedir.

purga para os gotosos

Remédio para areias dos rins e bexiga, chagas cancrosas, cancros e para as mulheres conceberem

375. Para romper as areias dos rins e bexiga e lançá-las fora, bebam a goma ou resina com vinho branco, muitas vezes a miúdo e muitos dias.

chagas cancrosas

376. Para curar chagas cancrosas e cancros, usem lavá-los com água cozida com folhas da erva-tabaco ou, por outro nome, folhas de fumo-verde, e depois curá-los com fumo de outras folhas novas da mesma erva, porque, diz um autor, que é grande remédio e curará uma chaga cancrosa que não quis obedecer a nenhum outro remédio.

377. Para as mulheres conceberem, comam marmelos a miúdo e, quando estiverem vizinhas ao parto, os não comam mais.

para conceber

Curiosidades para quem carecer delas

378. Uma maçã lançada em uma cuba de vinho, se for ao fundo, tem o vinho água e, se ficar em cima, é sinal que o vinho é puro e são; ou, metendo no tal vinho uma cana ou palha, se ficar alguma gota de vinho pegado nela também será sinal de ter água.

379. A carne de qualquer animal morto, pendurada em uma figueira de um dia para o outro, ou por discurso de oito horas, ficará muito tenra, e também lhe sucederá o mesmo se a meterem em um monte de trigo; também a figueira tem virtude antipática para fazer perder a força a qualquer animal, por mais furioso que seja, amarrando-se a ela.

carne de animal morto se faz tenra

380. O cipreste se planta de estaca e de semente, a qual é muito fina; semeia-se em canteiro e não com esterco de cavalo, porque morre; quando se mudar, há de se pôr assim mesmo, como estava no canteiro à parte do nascente para ele mesmo; a terra não há de ser muito úmida, nem fria, e longe de fumo e da casa de vivenda, porque a sua sombra não é boa; semeia-se em outubro até o inverno, e há de se semear junto com aveia, por ter familiaridade e livre dos ventos, enquanto pequenos; e, quando forem crescendo, se lhe não cortem os ramos, por pequenos que sejam, por que não sofre ferida, e o cheiro dele, sendo continuado, faz os homens héticos e tísicos.

o cipreste, como se semeia e se trata

381. A água salgada do mar se faz doce fervendo-a primeiro, e depois, destilando-a por alambique, fica doce e capaz de se beber como a da fonte; mas, se não houver alambique, se pode remediar

com alguma forma dele, como um tacho com uma bacia virada em cima dele, que sejam as bocas iguais de uma mesma largura, para se tapar ou barrar, e um canudo de qualquer metal ou chifre de boi metido na bacia por um buraco, ou de outro qualquer modo que a necessidade ensinar, para que as vidas se salvem dos que andarem embarcados.

a água salgada se faz doce, destilando-a

382. Deste modo, com uma ponta de boi (por não haver outro instrumento que fosse a propósito) se livraram as vidas dos que iam embarcados em um patacho, fazendo viagem da ilha do Príncipe para a ilha Terceira, e foram arribados à ilha do Ferro em companhia do capitão Francisco Paulo, que o era do tal patacho, casado na dita ilha do Príncipe, da qual água beberam perto de quinze dias por não terem outra, nem do céu lhe cair. Este sucesso me certificou o sobredito capitão, e na verdade não sei como nas naus se não trazem alambiques para remediar tão grandes necessidades.

as vidas dos que navegavam em um patacho se livraram do aperto da sede com água salgada destilada

383. A água destilada do esterco humano por alambique, se for de vidro melhor, pondo no cano dele alguns grãos de almíscar, para ficar mais odorífera; esta água bebida é bom remédio para todas as ânsias do coração, para a pedra dos rins e bexiga e, principalmente, para os que forem mordidos de bichos venenosos, como é o mesmo esterco desfeito em água e bebido, como se verá no tratado dos venenos e mordeduras venenosas.

água destilada do esterco humano, para que serve

384. Também a água sobredita é bom remédio para sarar e desfazer as cicatrizes das feridas ou chagas, e também para tirar as manchas dos olhos.

385. Quebrando-se alguma louça da Índia ou vidro de estima, se soldará com o polimento seguinte: em uma clara de ovo se bata

muito bem um caracol que tenha dentro a sua lesma e, depois de batido ou nasado por algum tempo, se lance na clara toda, ou parte dela, uns poucos pós de farinha de trigo, de modo que fique o polimento brando; com ele se untará a quebradura que quiserem soldar e, atada com linha ou arame, se deixe secar ao sol e ficará segura.

para soldar louça ou vidros, é certo

386. De outro modo se solda a louça da Índia e é do seguinte: atem os pedaços quebrados, que fiquem certos em seu lugar, e ponham a tal louça direita em um tacho, cubram-na de leite e ponham a ferver no fogo por algum tempo, que ficará muito firme.

para soldar louça e certo

387. Também se solda com o seguinte: tomem um bocado de goma Arábia, deitem-na em uma gota de água, deixem-na desfazer por algum tempo, e tanto que estiver desfeita e aquele licor estiver grosso, untem a quebradura toda, ajuntem e atem, que, em se secando, ficará firme, mas, o que é melhor, o polimento dos pintores.

388. A cal fresca é inimiga da nossa natureza e causa asmas e mortes apressadas por qualidade oculta, por cuja razão não convém que pessoa alguma se meta em casa em que não esteja a cal muito seca.

As ovelhas, as burras, as gatas e as cadelas que estão prenhadas movem, se matam aqueles animais de quem conceberam; nisto se deixa ver o tácito influxo da simpatia que há entre o pai e a prole. O lençol, ou pano da camisa que uma vez fosse molhada com o sangue mensal das mulheres, ainda que se lave mil vezes, é tão danoso para curar feridas ou chagas que as fará assanhar e pode matar o doente que com ele se curar ou com os seus fios. A carne do pavão, depois de morto, não apodrece nem fede, contra o estilo das mais carnes. Untando a pedra de cevar com alho, não atrai o ferro, untandose o alambre com azeite, não atrai as palhas. Um,

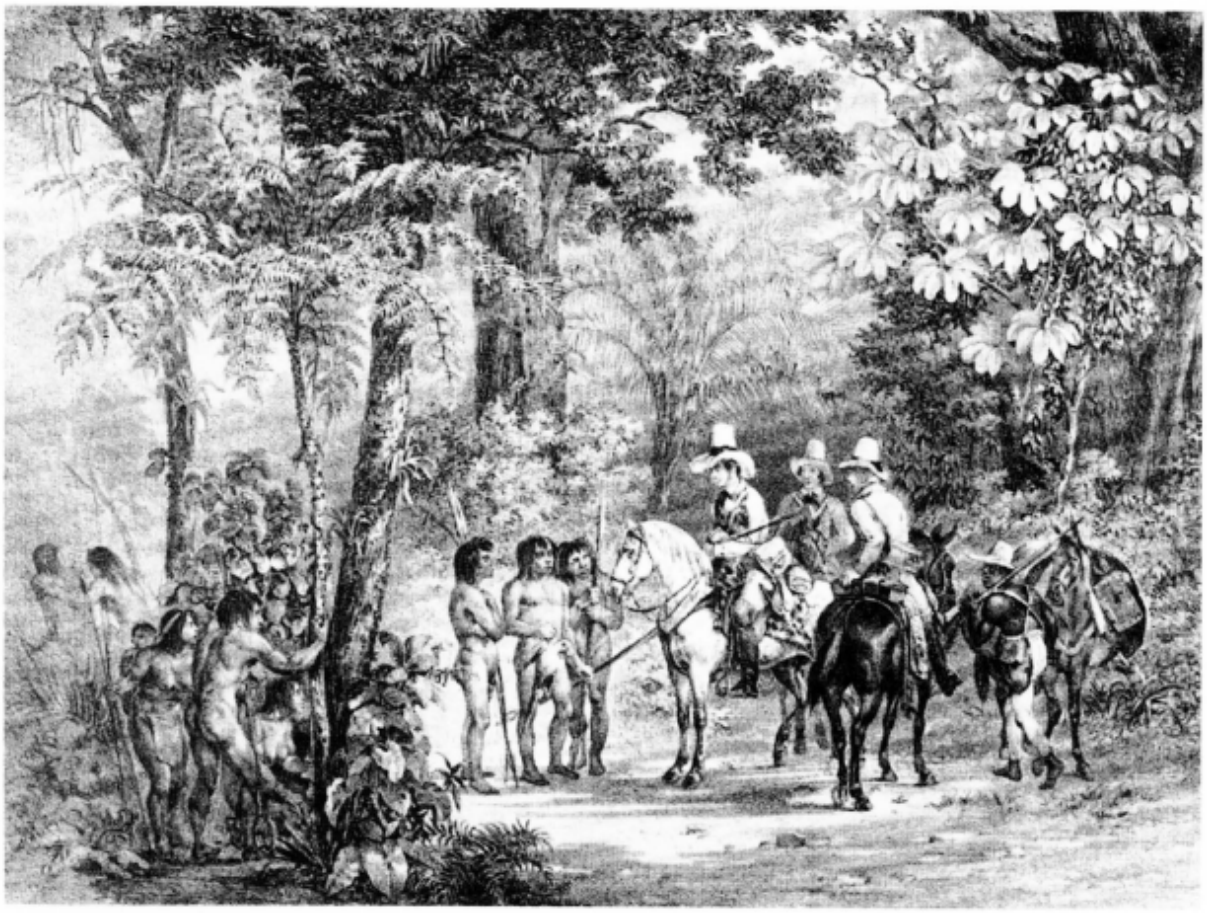
mordido de cão danado, deitando-se à sombra de uma sorveira, morre infalivelmente. Os pós de membro genital de um porco, dados a beber por sete ou oito dias sucessivos ao doente que não puder reter as urinas, as fará reter. Um dente de defunto que morresse de pura velhice, sem frio, nem febre, tocando com ele em qualquer dente que doer, o fará cair sem ferro, nem outra violência; os dentes de um defunto, postos em cima de brasas e defumando com eles as partes pudendas dos que estão ligados, os cura certamente, como dizem graves autores; e o doutor Curvo diz, na sua *Polianthea*, tratado segundo, cap. 101, número 26, página 538 que experimentou este remédio muitas vezes em vários doentes, os quais não nomeia por modéstia, mas, se fosse necessário, o faria em segredo; o dente de uma toupeira, arrancado dela estando viva, e deixá-la ir embora, tocando com ele o dente que doer, não doerá mais; o dente de um cão arrancado dele, estando vivo, trazido ao pescoço, livra de dores de dentes e os preserva delas por toda a vida, o que se afirma com experiências certas. Uma galinha, por mais dura que seja, estando morta, pendurada em uma figueira, se fará terníssima dentro de uma hora. Um osso de defunto atado ao pescoço de quem tiver maleitas, terçãs ou quartãs, pela maior parte as tira; as sardinhas bem salgadas e sarrentas, escaladas e postas nas solas dos pés de quem tiver as tais maleitas, as tira, o que se afirma com experiências, como se fosse obra de milagre. Os alambres trazidos ao pescoço que toquem na carne por muito tempo, livram dos estilicídios e fluxões que caem nos dentes, garganta e peito, o que se afirma por certo com várias experiências, tudo por virtudes ocultas que Deus lhe deu.

Remédio para que os bêbedos aborreçam o vinho

Dar ao bêbedo o vinho em que se afogarem duas ou três enguias, estando vivas, por algumas vezes a beber, o aborrecerá para sempre; ou dar-lhe a beber o vinho em que se misturem um bocado de esterco de homem; ou o em que misturem o suor dos companhões de um cavalo, estando suado; ou em que deitarem de infusão um ovo de uma coruja, mal-assado, feito em talhadinhas miúdas; ou o em que deitarem de infusão uma fatia de pão que

estivesse duas horas no sovaco de um agonizante; ou o vinho que se deitasse por duas horas dentro nos sapatos do mesmo bêbedo, estando ainda quentes, quando os descalçar; ou o sangue das trutas, tirados delas estando vivas e misturando no vinho bebido por algumas vezes. O coração do corvo feito em pó e dado a beber em vinho ao bêbedo, o não beberá mais, mas o que é muito melhor é o seguinte:

Tomem a cabeça de um cordeiro com lã, ossos e dentes, e um quartilho de sangue do mesmo cordeiro, e uma mão cheia de cabelos da cabeça de qualquer homem, e o fígado de uma enguia com seu fel; tudo junto se meta em uma panela barrada com seu testo tudo novo, e se meta no forno até que fique tudo bem torrado para se fazerem pós do que tiver dentro a panela, dos quais se darão ao bêbedo todos os dias uma oitava deles, em vinho, que mui poucas vezes o beberá, e daí por diante o não beberá em toda a vida.



Em seus encontros com os índios os europeus aprenderam, entre outros conhecimentos sobre a terra, como utilizar a flora local na medicina. (litografia de Rugendas)

1 **Rotela** - Houve, provavelmente, um equívoco do autor. Rotela são moluscos e rutela são coleópteros, enquanto as aranhas a que se refere não pertencem a nenhuma dessas duas classes de animais.

2 **Xorodino** - Talvez *oxirródino*, termo antigo de Farmácia, que *significa vinagre rosado*.

3 **Anetino** - Provavelmente anético: que diminui, afrouxa, acalma.

Tratado IV

Capítulo I

Das deslocações, fraturas e suas observações

Que coisa é deslocação

1. Deslocação é aquela que se faz quando algum osso de nosso corpo se decompõe e sai fora do seu lugar, de sorte que priva o movimento daquele membro, causada por alguma caída de alto, força ou pancada, o que se conhece porque não haverá movimento no tal membro e haverá grandes dores na tal junta, com inchação, mais ou menos, conforme o tempo que houver passado e estiver o corpo do tal enfermo, mais bem ou mal acompleicionado de humores.

Como se devem curar as deslocações

2. A primeira coisa que se deve fazer é aparelhar os panos, ataduras, aguardente, emplastos e talas; os panos antes serão mais que menos, por não faltarem na ocasião que são precisos, em que entrará um grosso e tapado para estender o emplasto que tome a junta em redondo, e para uma e outra banda uma boa mão-travessa, para o que se lhe tomará medida; as ataduras serão de pano forte e, quanto mais compridas melhor, e algumas menos para segurar as outras por fim, e se enrolarão para melhor se atarem com elas.

panos, ataduras, aguardente e emplastos

3. Os emplastos se podem preparar do modo seguinte: terebintina quatro onças ou aquelas que forem necessárias, conforme a junta, porque, se for junta grande, será necessário mais, e, se pequena,

menos; pós de toda a bisma, que são breu, incenso, mirra, sangue-de-dragão e almécega, de cada um uma oitava ou duas, conforme for necessário; e, pondo-se a terebintina ao fogo, se lhe irão lançando os pós, e, mexendo com uma colher ou espátula de pau até ficar em boa consistência, de modo que, antes fique mais brando, se tirará do fogo e se porá à parte; e, no caso que não haja todos estes pós, também poderão bastar parte deles.

emplastos

4. Ou este, que é mais fácil para se fazer em qualquer parte das Minas ou do Brasil e é do que eu tenho usado infinitas vezes com feliz sucesso, tanto em deslocações como em fraturas: olhos de embaúba limpos das cascas e de tudo o que é mais duro, que fique só o que é mimoso; isto se pica em miúdos e se pisa em almofariz, se for de pau será melhor, de modo que fique uma massa bem-feita; esta se lança em tacho com aguardente do Reino que a cubra, com a qual ferverá a fogo brando, e se vá mexendo até que fique uma massa capaz de se estender no pano, mas não fique branda, antes sobre dura; e, tanto que assim estiver, se tirará do fogo e se porá de parte, enquanto a deslocação se não reduz a seu lugar; e depois que ela estiver reduzida, se tornará a aquentar ao fogo, e com uma colher se estenderá no pano, que já estará preparado por medida, o que se fará com ligeireza para não esfriar, e, estando a massa estendida, se pulverizará toda com pós de breu, incenso, almécega e mirra, ou sangue-de-dragão, todos bem moídos, ou parte deles; e, estando esta massa coberta deles, se aplicará na parte com toda a diligência, para que pegue bem enquanto está quente.

emplastos de embaúba, fácil e admirável e melhor que todos

5. Este emplasto é melhor que todos os outros, na minha opinião, o que digo pela experiência mo ter assim mostrado, porque a embaúba per se, depois de pisada, é muito aglutinante e confortativa; a aguardente é singularíssima para todas as partes de juntas, assim pelas confortar valorosamente, como porque, para os nervos e ligamentos, não há no mundo remédio igual; além disto,

leva os pós confortantes e dessecantes, que tudo ordenado e feito como fica dito é um emplasto tão maravilhoso que não houve ocasião alguma em que me não desempenhasse com o seu maravilhoso efeito.

6 Quem estiver em parte aonde não haja a embaúba poderá usar do emplasto seguinte, depois do osso metido no seu lugar, lavada e chapejada a parte com aguardente do Reino bem quente, por algum tempo, pondo-lhe o pano molhado em cima do osso, deixando-o estar, tornar a molhar e a chapejar para desalterar aquela parte, aquentá-la e confortá-la. Lance-se aguardente do Reino, a melhor que se achar e sem mistura de cachaça, em um tacho, e depois se lance nela o pano que há de servir para o emplasto e se cubra o tal pano com os pós já ditos, ou com os que houver, que sempre será bom, sejam ao menos os de breu, de incenso ou de almécega; e, depois de coberto o tal pano dos pós, se porá o tacho em fogo brando até que a aguardente dê uma fervura, e, com a quentura sofrível, se ponha na junta e se ate bem.

outro emplasto para causa de necessidade

7. As talas, se a deslocação for em dedo, se porão em redondo dele, ficando direito; se for na junta da mão, se porá uma tala pela parte de dentro e outra pela de fora, que serão chatas e fortes; a de dentro chegará desde perto do sangradouro do braço até as pontas dos dedos, a de fora será pouco menos comprida e não carecerá de mais; sendo a deslocação no joelho, se porá também uma tala pela banda de dentro da perna e outra pela de fora; o seu comprimento será desde o pé até perto da virilha, e a outra da mesma sorte, ambas chatas e fortes. Sendo a deslocação no quadril, se lhe porá uma tala, ou tábua, de comprimento suficiente para se atar na perna e na coxa, que há de acompanhar com a ponta acima do quadril, e no direito da deslocação e do emplasto se cavará com uma enxó-goiva, para que assente e melhor se segure, a qual será, na dita ponta e aonde se cavar, de largura pouco menos de um palmo, e no direito da coxa e da perna será mais estreita para melhor se atar. A deslocação do ombro, como é parte aonde se não pode usar de

talas, se atará bem com ataduras fortes que prendam e dêem volta ao corpo, atravessando dos peitos para as costas, e a última terá muitas pernas, buscando o melhor jeito para que fiquem, assim o emplasto, como as ataduras, bem justas e unidas para firmar o osso.

como hão de ser as talas para todas as deslocações

8. Aparelhado todo o necessário para a cura, conforme a parte deslocada, havendo ministros que ajudem, mandará o cirurgião, ou curioso que houver de fazer a cura que uns segurem o doente e outros puxem pelo membro que estiver deslocado, com a força necessária; e o cirurgião carregará com as mãos na eminência do osso com toda a força ao mesmo tempo que os ministros puxam, para que assim entre o osso em seu lugar, o que se fará com todo o jeito e com toda a diligência, para que entre na junta donde saiu, antes que naquele vácuo entre algum humor, porque, como é humor frio de sua natureza, depressa se congela e engrossa, que, depois de entrado na cova e endurecido, só com um gancho ou ferro quente se tirará, e, conseqüentemente, não entrará, ou, ainda que entre, logo tornará a sair, como já vi, e nenhuma dúvida se pode oferecer a pessoa alguma; e, por conseguinte, ficará o doente com lesão para toda a sua vida, como já vi alguns, e nas observações que logo escreverei folgarão de ver os curiosos.

aparelhado todo o necessário, como se hao de meter as deslocações em seu lugar

Capítulo II

Das deslocações das vértebras do espinhaço

1. Se a deslocação for nas vértebras do espinhaço, como já vi, puxarão os ministros, uns pelos pés, outros por baixo dos braços, e também pela cabeça, com menos força, estando o doente de bruços, e o cirurgião com as mãos carregará em cima da eminência,

ou eminências, com brandura, porque estas deslocações entram em seu lugar com mais facilidade que as outras; e, estando a parte lisa e o doente com menos dores, que se entenda está a deslocação reduzida a seu próprio lugar, se lavará e fomentará por algum tempo com aguardente do Reino bem quente, e, enxuta a parte, se lhe aplicará qualquer dos emplastos que ficam referidos, e por cima dele se lhe porá um chumaço grande, ao comprimento do fio do lombo, e por cima dele se lhe assentará uma tábua de largura mais de uma mão-travessa, lavradas as ilhargas, que hão de ficar para dentro, de modo que fique um lombo mais alto pelo meio, para que assente e se ajuste bem naquela parte, a qual se atará com uma atadura muito comprida de pano de linho forte, cercando o corpo em redondo, e, depois de atada e segura, se virará o doente de costas com muito jeito e se porá na sua cama, e nela estará sempre de costas por espaço de três meses, e, quando quiser fazer curso, se virará de ilharga tendo quem o ajude, e haverá, neste caso, uma cautela muito grande, porque estas deslocações são as piores que há; e de dois em dois dia se virará o doente de ilharga e se lhe lançará aguardente quente, de modo que chegue à parte ofendida; e, passados sete ou oito dias, não havendo coisa de novo que obrigue a curar mais cedo, se tirará o emplasto fora, e, sentando o doente de bruços, se lavará e chapejará, ou fomentará, todo o fio do lombo e sua circunferência com aguardente bem quente, por algum espaço de tempo, pois é este um remédio excelentíssimo para semelhantes casos, e se lhe tornará a pôr o mesmo emplasto, na mesma forma que fica dito; e assim se lhe lançarão os mais, de quinze em quinze dias, ou de vinte em vinte, comendo o doente bem e coisas de sustância; e, se comer pés de boi com arroz, ou sem ele, serão muito convenientes, porque são sustanciais e engrossantes. Deste caso escreverei uma observação de um doente que curei com bom sucesso.

deslocação das vértebras do espinhaço

Capítulo III

Da deslocação do ombro e do quadril

1. Estas duas deslocações, abaixo da deslocação do espinhaço, são as piores, e, como tais, se devem remediar logo, por não ficar o doente com tão grandes lesões, o que se fará antes que passem quatro dias, porque, se passarem, com dificuldade se meterão os ossos em seu lugar, e, no caso que se metam, tornarão a sair com facilidade, principalmente se o doente estiver cacoquímico ou cheio de humores que estes acudam àquela parte e encham o vácuo, ou cova, ou alguma parte dela, ainda que eu curei uma deslocação do quadril que havia sete dias, que estava o osso fora do seu lugar, de que adiante farei memória, mas isto foi um acaso que a mim me não pareceu se pudesse firmar e confortar por uma vez, sem que deixasse de tornar a sair, mas sarou com bom sucesso.

2. Os sinais do ombro estar fora do seu lugar facilmente se conhecem porque haverá falta de movimento no braço, haverá grandes dores e na junta haverá eminência para alguma parte, e falta, ou cova em outra.

3. Deslocando-se o braço para baixo, que é o mais comum, se lhe meterá debaixo dele um novelo de fiado, linhas ou algodão, levantando o braço para cima, e, tendo um ministro o novelo seguro, o cirurgião mandará que outro pegue no braço, puxando por ele alguma coisa, inclinando-o para baixo, e o do novelo carregará nele para cima, e o dito cirurgião com uma mão pegará na cana do braço junto ao sovaco, e com ela puxará para cima e com a outra carregará no ombro para baixo, e não entrando deste modo, que é o melhor, se fará um pau redondo em uma ponta, e, tomada a medida do chão ao sovaco, ficará mais alto alguma coisa, e na ponta redonda que há de ficar para cima, se lhe porão umas dobras de pano ou um guardanapo dobrado, e, atado para ficar mais seguro, se meta esta ponta debaixo do sovaco e a outra, posta no chão, estando o doente em pé, carregará com o corpo para cima deste pau, e o cirurgião pegará no braço, e, meneando-o, lhe irá carregando com as mãos com toda a força em cima do ombro, e um ministro puxando pelo braço, outro segurando o pau e outro o corpo

do enfermo. Deste modo, ou do outro, ou com uma mão de almofariz, forrada com panos e atados, e com a ajuda de Deus, se meterá o braço em seu lugar.

deslocoção para baix do braço

4. E se a deslocação for para cima ou para algum dos lados, estas se reduzem mais facilmente puxando-se pelo braço e meneando-o, e carregando o cirurgião com as mãos na cabeça do osso com toda a força, que logo se reduzirá e entrará em seu lugar; estando assim, se fomentará por espaço de algum tempo com aguardente do Reino bem quente e, enxuta a parte, se lhe porá qualquer dos emplastos confortativos que ficam ditos, e atará, como fica referido, lançando-lhe outro emplasto, fazendo primeiro a fomentação de aguardente daí a sete ou oito dias, e os mais de quinze em quinze.

deslocação para cima ou para os lados

5. Sendo a deslocação no osso da cia, que é o do quadril, se conhecerá, porque, além da eminência que há de fazer a cabeça do osso fora de seu lugar, tem outro sinal muito evidente e muito claro que é igualar as pernas e os pés muito direitos, estando o doente deitado de costas; e se algum deles estiver mais curto, este estará fora do seu lugar; além disto, terá outro sinal muito claro, que é o não fazer com ele movimento e com grandes dores, principalmente quando lhe pegarem nele, movendo-o para alguma parte.

deslocação do osso da cia e que osso é

6. Esta deslocação, sendo no mesmo dia, se meterá no seu lugar facilmente, havendo ministros que ajudem, um para segurar o doente por baixo dos braços, estando deitado de costas, ou de ilharga, ou de bruços, conforme a parte para onde o osso estiver inclinado, se lhe buscará o melhor jeito, outro ministro puxando pela perna com força, e o cirurgião, ou curioso, carregará com as mãos em cima da cabeça do osso com toda a força para o fazer ir a seu lugar, para que assim se reduza, o que se conhecerá pela boa figura

do membro, pela igualdade dele, igualando os pés, e porque a junta estará, da mesma sorte que a outra, com menos dores.

7. Mas, no caso que sejam passados alguns dias, se meterá em seu lugar com mais dificuldade, para o que serão necessários mais ministros e mais força, e, se a parte estiver entumecida e inchada por causa de algum humor que tenha corrido à parte por causa das dores que quase sempre assim é, neste caso se não fará diligência alguma para o meter em seu lugar sem que primeiro se fomente a junta e a inchação com óleo de amêndoas doces e de macela com emplasto *filii Zacarias* ou de altéia, derretido tudo ao fogo que fique um lenimento brando e vá quente, cobrindo por cima com um pano molhado no mesmo para abrandar e resolver aquele humor, o que se fará três ou quatro vezes ao dia e noite, porque não pode haver dilação, antes, quanto mais brevidade melhor. E, tanto que se vir que a parte está mais molificada e branda, se meterão mãos à obra para o meter em seu lugar, e, se for em parte aonde não haja o tal remédio assim composto, que é um grande laxante e resolutivo, se poderá usar do óleo de amêndoas doces, ou óleo rosado, ou do de minhocas, e, em falta de todos, com azeite doce derretido com cera da terra, que fique linimento brando, pois também é grande molificativo. E, feitas as diligências e metido o osso em seu lugar, se fomentará muito bem e por bastante tempo, deixando-lhe estar o pano molhado em cima alguns intervalos, tornando-o a molhar na aguardente bem quente, para que assim penetre, desaltere, conforte a parte e resolva algum humor, e, enxuta, se lhe aplicará qualquer dos emplastos confortativos que ficam referidos, conforme a necessidade ou abundância, pondo-se-lhe as talas como fica dito. E pelos dias adiante, em todos eles, se lhe lançará por uma banda do emplasto, e, na sua circunferência, aguardente bem quente, molhando bem o emplasto, sem que se bula nele e menos nas ataduras, antes se apertarão para comprimirem o osso, para que, de nenhuma sorte, torne a sair, pois, saindo uma vez, sairá muitas mais; e por este respeito se deve recomendar muito ao doente esteja com toda a quietação, para que da sua parte não dê ocasião.

linimento para abrandar os ligamentos quando a quebradura for de alguns dias

8. Passados sete ou oito dias, se tornará a lançar outro emplasto, fomentando primeiro com a dita aguardente bem quente, isto é, se não houver necessidade de curar mais cedo, porque, havendo-a, se curará em qualquer dia que suceder; e no tempo da cura haverá mui grande cautela, buscando todo jeito possível para que o osso não saia, e assim se lançarão os mais emplastos de oito em oito dias, ou de dez em dez, ou de mais, não havendo necessidade, remolhando sempre com aguardente aquela parte e sua circunferência, para ajudar a confortar, aquentar a junta e resolver algum humor que tiver, o que se fará nesse tempo de dois em dois dias, cobrindo de todas as vezes aquela parte toda com uma baeta nova para resguardar o ar, que será de muito prejuízo a esta cura e a todas as mais deslocações, que em todas elas haverá a mesma cautela e as mesmas fomentações, pois são de grandíssimo proveito.

tempo em que se hão de lançar os emplastos no restante da cura

9. Não trato das mais deslocações por me parecer escusado, pois, do mesmo modo que se remedeiam umas, se curam e remedeiam as outras, e só digo que a principal tenção nestas curas é repor os ossos em seu lugar, conservá-los nele e confortá-los, para que não tornem a sair. O tempo que os doentes das deslocações de que tenho tratado hão de estar quietos é o seguinte: a deslocação das vértebras do espinhaço se não pode segurar em menos tempo de noventa dias; a deslocação do ombro há de mister sessenta; a do osso da cia, ou do quadril, há de mister outros sessenta completos; e se os doentes tiverem mais alguns com quietação, mais seguros ficarão.

tempo que os doentes de deslocações hão de estar de cama

10. Ultimamente, digo que em deslocações se não usem de óleos, nem de claras de ovos, principalmente nestas Minas, porque os

óleos relaxam e sempre são úmidos e as claras são frias; e nem remédios laxantes e úmidos convêm, aonde convêm quentes e confortantes, nem as claras convêm por serem frias, pois resfriam aonde é necessário aquentar e confortar, o que a razão mostra e a experiência me tem ensinado, sem embargo do grande autor Antônio Ferreira o dizer assim; mas os antigos não tinham obrigação para saberem tudo, nem pode haver dúvida em que Deus e o tempo vão mostrando as coisas a quem e quando é servido, e, segundo as regiões, assim se devem curar as doenças, atendendo-se a elas mais que aos autores, que delas não tiveram notícias. E se Antônio Ferreira manda aplicar óleos e claras de ovos respeitando as dores, a aguardente com que mando fomentar aquela parte por longo tempo não só é capaz de as moderar e tirar, senão que é remédio admirável para confortar os nervos e ligamentos da junta, aumentar o calor natural, de que muito necessitam as juntas, por ser muito balsâmica; e, fazendo-se o emplasto com aguardente como fica referido, melhor conforta e resolve o humor que há na parte, de tal modo que, dentro de dois ou de três dias, é necessário apertar novamente as ataduras por ficarem lassas, a respeito de estar a parte desinchada do humor que tinha ao tempo da primeira cura. O que tudo se deve atribuir à maravilhosa virtude da aguardente, assim no emplasto como nas fomentações que mando fazer, antes que se lhe ponha o primeiro.

em deslocações não convêm óleos, nem claras de ovos que mandam os antigos, e a razão por que

Capítulo IV

Das deslocações com ferida e suas observações

1. Porque pode acontecer algumas deslocações com ferida, estas se curarão do mesmo modo e só com diferença que, aonde estiver a ferida, nesse mesmo direito se fará um buraco no pano do emplasto para ficar a ferida patente à vista e curar-se todas as vezes que for necessário, metendo-se o osso primeiro em seu lugar e depois tratar

dos dois acidentes ao mesmo tempo, da ferida e da deslocação; da deslocação com o emplasto, confortando-a, e, como fica furado, pelo buraco dele se remedeia a ferida, curando-a com aguardente do Reino, porque esta cura a ferida, conforta a deslocação e preserva de corrupção, e não como diz Antônio Ferreira, que manda curar primeiro a ferida e depois a deslocação, dando por razão as dores e acidentes que podem sobrevir com a força de meter o osso em seu lugar; e eu, com licença de tão grande autor, digo que, no tempo em que se cura a ferida, de força hão de acudir humores àquela parte, e estes, embebidos na tal junta e nos seus ligamentos, mais certo será ficar o doente aleijado para toda a sua vida do que meter ao depois a junta em seu lugar; e, sendo em alguma das juntas grandes, como ombro ou quadril, com muito mais razão acontecerá isto mesmo. Além da razão acima, quero dar outra de mais ponderação e certeza. Se aquelas deslocações que se não remedeiam logo nos primeiros dias custam tanto trabalho, como eu tenho experimentado, e, se passarem alguns mais, se não reduz o osso a seu lugar por causa de estar aquele vácuo, ou cova, cheia de humor grosso e frio e a junta estar entumecida e dura com os humores frios que existem nelas, ainda que o cirurgião, os ministros e os doentes se mortifiquem e cansem, não conseguem o que desejam, como a mim já me sucedeu e adiante mostrarei; mal se poderá meter o osso em seu lugar depois de curada a ferida, tempo em que, precisamente, se hão de passar muitos dias ou semanas, e, pelas referidas razões, sou de parecer que a deslocação se meta logo em seu lugar e depois se conforte a deslocação e cure a ferida ao mesmo tempo; e se vierem alguns acidentes que a aguardente não possa remediar (o que não presumo) se remediarão com algumas sangrias, as menos que puder ser, e com alguns defensivos de clara de ovo com fumo de tanchagem bem batida, postos panos molhados na parte alta com outros de vinagre destemperado com pouca água, e misturado com pós de bolo-armênio ou sem ele; porém, estes defensivos serão pelo menos tempo que for possível, porque será menos mal remediar os acidentes que sobrevierem por mais alguns dias que ficar o doente aleijado; e, se estas razões não agradarem, estimarei dêem outras

melhores, para que os doentes fiquem mais bem servidos, que é o principal assunto do meu trabalho.

na deslocação com ferida se deve meter logo o osso em seu lugar e depois curar a ferida com a deslocação juntamente, e não como mandam os antigos

defensivos sobrevindo inflamação

2. O mesmo que digo a respeito de reduzir a deslocação antes de curar a ferida, digo também a respeito da deslocação com fratura, que, se não se reduzir a deslocação antes de curar a fratura, nunca mais se reduzirá ao seu lugar; e as razões disto são as mesmas que ficam ponderadas na deslocação com ferida; e de mais, que os remédios para curar a fratura hão de ser confortantes e a mesma confortação que eles fazem na fratura hão de fazer no mesmo osso que se deslocou, firmando-o na parte aonde estiver, e também pelo muito tempo que levam as fraturas em aperfeiçoar o poro. E se também estas razões não agradarem ao leitor, estimarei dê outras melhores para eu aprender; e para melhor doutrina, escrevo as observações seguintes:

deslocação com fratura se deve meter logo em seu lugar, para tudo se curar junto

Observação I

De uma deslocação que não se remediou, mas servirá de boa doutrina aos principiantes

1. A primeira deslocação que vi nestas Minas, assim que cheguei a elas, foi em um bom escravo de Antônio Martins, mamposteiro de bulas, morador da Vila Real do Sabará, junto à igreja velha, o que sucedeu do modo seguinte: Adoeceu o tal preto de uma grande dor em um quadril, e para o curar mandou chamar um ignorante barbeiro que em Portugal mal sabia fazer uma barba, pois destes por pecados não faltam nas Minas a cada canto, com título de cirurgiões, o qual, por ouvir dizer que a aguardente era boa para

dores, lhe aplicou panos molhados nela por muitos dias e depois outros mil remédios sem efeito; e, como o preto não podia dormir, nem sossegar, me chamaram no fim de quarenta dias, e, considerando a causa de que poderia resultar tão grande dor que o não deixava fazer movimento algum com a dita perna, me veio ao pensamento que poderia estar fora do seu lugar, e, mandando-o levantar e andar, me fui certificando por que a não podia arrastar. Mandei deitar o enfermo de costas para lhe igualar as pernas ambas e achei a enferma mais curta quatro dedos, e, vendo-lhe a junta do quadril, achei a eminência do osso fora do seu lugar, no meio de uma inchação grande, tão dura como uma pedra, que a aguardente tinha fortificado e endurecido, e o vácuo, ou cova, donde tinha saído a noz do osso, lisa e cheia de humor, sem sinal algum donde tinha saído, em cujos termos, disse ao senhor dele, que escusasse de se cansar, nem fazer remédio ou gasto algum, porque o preto tinha a perna fora do seu lugar e não tinha remédio senão ficar com lesão para sempre; e como o preto era bem ladino e percebeu isto, se pôs a chorar, e o senhor pouco menos de ver o seu escravo perdido, sendo dos melhores que havia nestas Minas.

2. Por uma parte contra o idiota, por outra contra si mesmo, e entre as coisas que disse, me pediu quisesse fazer a diligência possível a ver se, por acaso ou por fortuna, podia entrar o osso em seu lugar; e, sem embargo que me escusei quanto pude, por ver que não era possível remediar tal caso pelo muito tempo que havia passado, não se satisfez com estas razões, instando fortemente; e, para o consolar, lhe disse chamasse um cirurgião, que era o que havia naquela comarca, com o qual assentei se lhe pusessem na parte alguns emolientes de óleo de amêndoas doces e de minhocas com ungüento de altéia, de que se fez um linimento brando, com que se fermentou toda aquela parte, e, bem quente, ensopando nele um pano de linho dobrado e posto em cima, renovando esta fomentação todos os dias três vezes, por tempo de uma semana; e sem embargo que pouco ou nenhum efeito conhecemos, quis o senhor do doente que fizéssemos diligência para meter o osso em seu lugar, sem embargo do prognóstico que lhe havíamos dado e lhe demos; mas, como os rogos foram muitos, fizemos quantas

diligências foram possíveis e nada foi bastante para conhecermos efeito algum. Ficou andando com aquela perna a rasto e seu senhor perdeu quatrocentos mil réis; e do mesmo modo sucedeu o caso seguinte:

linimento

Observação II

Em um escravo, que também servirá de boa doutrina

1. Este caso observei em um escravo do capitão Tomé Pereira, morador no arraial do Padre Faria, junto à Vila Rica do Ouro Preto, o qual, dando-lhe uma dor no osso da cia, que é o do quadril, e para lha curar, chamou um prezado de grande cirurgião e, cuidando que era ciática, lhe aplicou um mare magnum de remédios, e, vendo que não aproveitavam, chamou-se um médico, e ambos assistiram tempo dilatado; e vendo que todo o seu trabalho lhe saiu frustrado, assentaram em que se pusesse um cautério de fogo em cima da dor e da mesma junta, como último remédio de ciática, que por tal a curavam; e não conseguindo efeito algum, se resolveram largar o doente ao desamparo com a chaga aberta.

2. Como o dito Tomé Pereira tinha de mim conhecimento bastante, de outro tempo e de outro distrito, indo da minha fazenda ao Ouro Preto a meu negócio, me chamou para lhe ver o dito enfermo, para o que me escusei, dizendo que aonde tão bons professores se tinham cansado tanto tempo, mal poderia eu fazer mais que eles em tão pouco, como era o de uma visita; contudo, foram tantas as instâncias dele e de outras pessoas, como a do capitão Vitoriano de Araújo Lanhoso e de Antônio Moreira de Sampaio, que me convenceram. E assim que vi vir o enfermo para a sala da casa com uma perna a rasto e muito atrás da outra, logo presumi a teria fora do seu lugar, e, com efeito, no projeto que fiz me não enganei, considerando não só pelo que via, senão também o muito tempo da cura e os muitos gastos que o senhor dele dizia tinha feito nas boticas, sem fruto. Mandei deitar o enfermo de costas, igualando-lhe as pernas ambas, achei que a doente estava mais curta que a outra

mais de quatro dedos, e indo ver a parte da dor, vi uma chaga redonda do tamanho da palma de uma mão, que me lastimou notavelmente, feita com o cautério de fogo que eu dizia; e, tanto que claramente conheci que o osso estava fora do seu lugar, lhe disse que não tinha remédio aquela enfermidade, nem com ela gastasse mais um vintém, porque tudo havia de ser baldado, que se aproveitasse dele para fazer fogo às panelas na cozinha ou para criar galinhas.

3. Neste passo, foram tantas as rogativas para eu dizer que enfermidade era aquela que, por mais instâncias que o senhor do escravo fez, os dois que já nomeei e outros mais vizinhos que se acharam presentes, não declarei a doença que o tinha posto em tão calamitoso estado, contentando-me com dizer somente que a doença que ele tinha não admitia cura, mas tratasse de curar a chaga ao miserável enfermo com algum pouco de ungüento, pela ter exposta ao ar sem coisa alguma. Ao depois o disse a um amigo, mais com o sentido de escarmento e piedade que por tirar o crédito a quem lhe tinha assistido.

4. O tal escravo era um molecão muito bem-feito, o senhor dele, um homem pobre. Causou-me tanta compaixão, vendo que, além de perder o seu valor e os serviços, ou conveniências, que dele podia ter, tinha para pagar os gastos nas boticas, que dizia eram sessenta e tantas oitavas de ouro. E, por estes e outros semelhantes casos, quando me chamavam para ver algum preto, examinava-o uma, duas e três vezes, perguntando-lhe tudo pelo miúdo, repetindo as mesmas perguntas que já tinha feito, para ver se respondia o mesmo ou se variava nas respostas, porque entendia que nesta diligência não ia mais, nem menos que a vida ou ficar o escravo perdido, como ficou este; porque, como todos os pretos são variáveis, e quando estão doentes muito mais, por esta razão tinha paciência para as perguntas, ainda que estivesse com pressa. Isto mesmo adverti já no princípio desta obra por ser tão preciso, como tenho mostrado, e o que mais é, para descargo da minha consciência, crédito de quem curar esta casta de gente, proveito dos enfermos e doutrina dos principiantes.

Observação III

Em que houve bom sucesso

1. Este caso observei e curei em um escravo de João Francisco Torroso, morador para as partes da Guarapiranga, e foi desta maneira: Passados sete dias, no fim deles me trouxe a esta minha fazenda de São Miguel do Bom Retiro, de Itacolomi, o tal escravo em uma rede com o osso fêmur deslocado no quadril, o que conheci assim pelas grandíssimas dores que tinha, como pela eminência que fazia a ponta da noz fora do seu lugar, algum vácuo que tinha donde saiu, falta de movimento e estar a perna mais curta que a outra; e assim, pelos dias serem muitos e lhe ter posto uns panos de aguardente em todo aquele tempo, entendi que não seria fácil repô-lo em seu lugar sem que primeiro lhe fizesse alguma fomentação, por estar a parte com alguma inchação de humor e dureza. Considerei também que, passados mais dias, seria mais dificultoso, por se acumular mais algum humor dentro na cova do que já havia de ter ou já tinha, e depois, ainda que entrasse o osso, também poderia sair outra vez e ser de mais trabalho e de mais risco, além do gasto. Resolvi-me, enfim, a fazer diligência para ver se evitava o susto e a contingência, e, feita a possível, com ministros que me ajudaram (que sempre nestas obras são precisos), não quis entrar o osso em seu lugar, ainda que faltou muito pouco, Fiz então um linimento de azeite comum, misturado ao fogo com cera da terra, da preta, que é a melhor, misturando-lhe também enxúndia de galinha e um pouco de unto de porco sem sal, que foi o que havia na ocasião, por se não poder ir à botica, que ficava distante e o caso não permitia dilação. ?, feito o tal linimento brando, fomentei aquela parte com ele bem quente, ensopando nele um pano de linho dobrado e posto em cima, o que se repetiu quatro vezes no resto daquele dia e noite seguinte; e no outro de manhã, meti mãos à obra, mandando aos ministros que o segurassem, por baixo dos braços uns, e outros puxando-lhe pela perna, e eu com as mãos carregando na cabeça do osso com toda a força, inclinando-o para a parte donde tinha saído, com a qual diligência se reduziu, dando um estourozinho quando entrou, deixando-me bem fatigado. Depois lhe

pus o emplasto confortativo de olhos-de-embaúba com aguardente, como atrás fica referido, lavando e desalterando, antes de pôr o emplasto, toda aquela parte com aguardente do Reino bem quente, por espaço de um quarto de hora, pondo-lhe por cima do emplasto uma baeta, ataduras bem fortes e talas, como fica referido. Dali a cinco dias lhe lancei outro emplasto do mesmo; dali a sete dias, outro, e outro dali a quatorze, lavando sempre, antes de lançar os emplastos, com aguardente quente; e, passados sessenta dias, o mandei levantar, ficando são sem mais queixa alguma.

linimento para laxar nervos, músculos e juntas

Observação IV

1. Este caso observei em um preto de Manuel Álvares, morador no arraial do Padre Faria, junto à Vila Rica de Ouro Preto, o qual, andando em uma mina ou estrada subterrânea junto com outros tirando ouro, lhe caiu em cima um grande pedaço do teto da mesma mina, que a terra e pedras o cobriram quase de todo, e, acudindo-lhe logo os companheiros, o livraram da morte e o trouxeram em uma rede para casa de seu senhor. E sendo eu chamado para o ver, a parte mais ofendida que lhe achei foi uma grande contusão no ombro esquerdo e na espádua do mesmo ombro, com tão acérrimas dores e inchação tão grande que o não deixavam sossegar; e, vendo com toda a atenção se tinha o braço deslocado, meneando-o alguma coisa e mandando-o menear por si, ainda que muito mal o podia fazer, lhe não achei sinais de deslocação; fiz-lhe uma fomentação boa, e por tempo largo, de aguardente do Reino quente, a fogo brando, para não exalar tanto os espíritos, pondo-lhe panos molhados com sua baeta nova por cima, para melhor rebater os espíritos da aguardente, impedir o ar, que não secasse tão depressa os panos, nem ofendesse a parte; e ordenei que, tanto que os panos se secassem, lhos remolhassem por cima com a dita aguardente, da mesma sorte que eu tinha feito. E indo vê-lo no outro dia, o achei gemendo e gritando sem alívio algum; tornei a ver se o braço estaria fora do seu lugar, não achei sinais; ordenei, pois, que se sangrasse no braço contrário, e no pé juntamente, fazendo

pequenas sangrias, e fiz um emplasto de farinha de trigo com aguardente fervida levemente e mexida, de modo que ficasse uma massa branda, e a estendi em um pano largo para tomar todo o ombro e a espádua, pondo-lhe por cima a mesma baeta, e que tomasse até quatro sangrias, as quais apliquei por não haver melhoria nas dores e por ser no outro dia do sucesso, que antes dele não convinha por estar resfriado e, então, já com calor bastante. E ordenei o dito emplasto por ter já dele usado muitas vezes com bom sucesso e ser a forma emplástica mais conveniente que os panos molhados, por assistir por mais tempo na parte a virtude da aguardente.

2. Neste dia ainda passou com grandíssimas dores, pela força da terra e pedras pisarem aqueles nervos, ossos, músculos e tendões; e, passando pela rua, no mesmo dia, um cirurgião, e ouvindo os gemidos, perguntou por curioso quem era, e, informado, respondeu que o doente tinha o braço fora do seu lugar e que ficava aleijado. No outro dia, me deu parte o senhor do doente da tal sentença, dada sem fundamento, ao que respondi o chamasse para ver o doente junto comigo, o qual veio e, fazendo todo o exame, persistiu no que tinha dito, mais com ódio ou ignorância que com razão; mas como eu estava certo em que o braço estava em seu lugar, disse que chamasse quantos cirurgiões houvessem em Vila Rica, Antônio Dias, naquele arraial, no Morro, na Passagem e na Vila do Carmo; e todos os que votassem contra mim eu lhes queria pagar a junta e o seu caminho, e os que fossem da minha opinião lhes pagaria ele. Não quis aceitar o partido, mas chamou-se outro somente, e, fazendo exame no tal doente à minha vista e do tal contrário, disse que o braço estava em seu lugar, à vista do que, ainda, o tal prezado se não deu por convencido, mas, chamando-se outro e sendo na minha opinião, ficou vencido e o senhor do escravo desenganado. Neste mesmo tempo já o doente tinha tomado as quatro sangrias e continuado com os emplastos de farinha e aguardente, com o que estava já muito aliviado das dores e também com menos inchação; assim se continuou com os emplastos e sem mais sangrias ficou são.

junta de vários cirurgiões

Capítulo V

Das fraturas sem ferida e uma boa observação

1. Fraturas, em nome cirúrgico, se chamam às quebraduras dos ossos de nosso corpo, as quais podem acontecer em qualquer deles, mas as que mais comumente sucedem são em pernas ou braços, e algumas em costelas, e nos ossos chamados da fúrcula, que são aqueles que vão do ombro para o pescoço e para a parte dianteira, a modo de travessas. Sendo, pois, a fratura em perna ou braço, o que mais importa em primeiro lugar é reduzir o osso, ou ossos, a seu próprio lugar, o que se fará, sendo em perna, estando o doente deitado de costas, mandando puxar um ministro pelo pé, pondo-o em sua forma natural, e outro ministro que segure o doente por baixo dos braços, puxando cada um para a sua banda com toda a força, advertindo que só se puxará com força sendo a fratura na perna, ou braço, do cotovelo para a mão, aonde temos duas canas, ou sendo a fratura na perna, do joelho para baixo, aonde também temos duas, e, sendo também a fratura ao comprimento dos ossos ou meio atravessada e meio ao comprido, de sorte que não seja totalmente atravessada, pois, neste caso, se puxará com sentido, para que não fiquem as duas cabeças dos ossos divididas uma da outra; e muito principalmente se deve atender a isto com muito grande cautela, sendo a quebradura na perna do joelho para cima, aonde não temos mais que um só osso ou cana, ou sendo a quebradura no braço, do cotovelo para cima, onde também não temos senão um só; porque, se nestas duas partes se puxar pelos membros com muita força, de sorte que fiquem as cabeças dos ossos apartadas, assim mesmo desunidas, cria, cada uma, o seu poro na ponta e, infalivelmente, fica o doente aleijado para toda a sua vida, sem remédio, como nas observações mostrarei.

2. Sendo, pois, como dizia, a fratura do joelho para baixo, estando o doente deitado e os ministros puxando, o cirurgião, ou quem fizer a

cura, irá correndo os dedos pela quebradura, carregando nos ossos que estiverem mais altos, compondo-os e igualando-os com toda a brandura que for possível, de modo que fiquem todos em sua forma natural, o que se conhecerá porque a parte da quebradura, correndo-lhe os dedos por cima, se achará lisa, igual e sem alto ou baixo, olhando bem a figura do membro, tomando-o pelo comprimento do corpo para ver se fica em forma natural ou não, olhando também para o são, o que é de muita importância, porque, nesta primeira cura, está toda a circunstância para o bom ou mau sucesso do enfermo, como também em todas as mais curas. Estando, pois, o membro direito, os ossos compostos e os ministros puxando não demasiado, se lavará todo o membro com aguardente do Reino, da melhor que se puder achar, e bem quente, deixando estar o pano molhado nela por algum espaço em cima da quebradura para aquentar aquela parte, corroborar aqueles ossos e nervos, desalterar a contusão da carne e feridas que as pontas dos ossos por força haviam de fazer dentro, o que tudo é de grandíssima utilidade, que tudo isto faz a dita aguardente. E, depois disto assim feito, se lhe porá o emplasto feito de olhos-de-embaúba, aguardente e pós, o qual já fica referido, ou o de terebintina, conforme a cada um lhe parecer, o qual estará preparado com as talas, panos e ataduras fortes e compridas, antes de entrar à cura.

fratura do joelho para baixo

3. Estando tudo aparelhado que antes sobejem algumas coisas que faltar uma só que seja, o membro direito e lavado com a dita aguardente, os ossos compostos e o emplasto feito que não fique úmido, se estenderá em um pano de linho grosso e bem tapado que tome todo o membro em redondo e traspasse alguma coisa, tomando também acima e abaixo da quebradura quatro dedos, e pulverizado com os pós que ficam ditos nas deslocações ou os que se puderem achar, conforme a parte ou a necessidade, que eu já fiz curas com os de breu e almécega somente, e nem por isso deixou de sarar o enfermo, o qual se porá quente para pegar, que frio não pegará, e de pouco proveito ou de nenhum servirá; e posto, se lhe meterá uma ponta por baixo da outra, puxando bem por elas para

ficar bem unido, tendo os ministros o membro no ar e bem direito, acompanhado com as mãos por baixo, que de nenhuma sorte bulam os ossos, nem se encolha o membro, não puxando com demasia; pegará o cirurgião em uma atadura larga e comprida que terá enrolada e começará a atar o emplasto e o membro, puxando com brandura e com força não demasiada, para que o enfermo não perca o membro, apodrecendo-lhe dali para baixo, como tem acontecido algumas vezes, ficando bem justa e unida, deixando a primeira ponta debaixo da primeira dobra e a última segurará com outra pequena e mais estreita. Depois disto, lhe porá as talas, que serão lisas e com as pontas que ficarem para dentro chanfradas ou rombas, para, quando se apertarem as mais ataduras, não se meterem pela carne, e, de nenhuma sorte, cheguem com as pontas às juntas, as quais se porão compassadas que fique pouco menos de dois dedos de largura entre uma e outra, nas quais pegarão os ministros para o cirurgião lhe atar uma atadura pequena nas pontas de uma banda e outra nas pontas da outra banda; estando assim, as tornará a compor, e, compostas, pegará em outra atadura que terá enrolada como a outra que já atou, e apertará as talas com ela, dando bastantes voltas, que, para isto, será comprida e forte, e no fim segurará a ponta dela com outra atadura pequena; depois, cobrirá com baeta aquele membro. Tudo isso se fará tendo os ministros sempre muito sentido em que não dê de si coisa alguma a quebradura, puxando sempre o necessário; e depois se porá a perna em uma telha de pau, cavado com enxó-goiva, à feição da mesma perna, em que assente muito direita, ficando o calcanhar de fora para assentar melhor, calçando-o com alguma coisa, a qual telha será forrada com pano e será de pau seco, e não de barro; mas, no caso que não haja com que se faça a telha de pau, será telha de barro, e esta será bem forrada; e, depois da perna assentada, se calçará com panos de uma e outra banda, e depois se lhe porá uma tala comprida de pau lavrado por uma banda para assentar, que chegará desde o calcanhar até a coxa, pela parte de fora, e outra pela de dentro, que esta será mais curta, e ambas se atarão juntas com a perna em cima, no meio e em baixo, ficando tudo bem seguro, para, deste modo, ficar a cura com perfeição e livre de que o doente possa bulir com a perna; nem se usará de

paus enrolados, como manda Antônio Ferreira, por ser menos conveniente que a telha.

como se fará a cura da fratura do joelho para baixo

nao se apertarão muito as ataduras por não apodrecer o membro dali para baixo

telha de pau para assentar a perna, invento do autor

talas desde a coxa até o calcanhar

4. Esta cura se fará na mesma parte aonde o doente há de dormir e ficar para enquanto durar a doença e, depois de tudo isto assim feito e acabado, se lhe dará sítio, que é uma corda atada na travessa ou caibro da casa, que fique com uma laçada ou seio no direito dos peitos do enfermo, e perto aonde o doente possa chegar e meter a mão para nela fazer força e se suspender quando quiser mover-se, ou para cursar, para deste modo não bulir com a perna; e isto é de tão grande importância que, sem esta corda, ficarão todos aleijados.

sítio nas quebraduras, que coisa é

5. Sendo a fratura em braço, se curará do mesmo modo com ministros que tenham grande sentido no que fazem, segurando bem o membro, olhando para o outro e com os mesmos remédios e tudo o mais que fica referido, só com diferença que o braço se porá ao peito em uma toalha larga em que assente bem, e também se lhe porão, depois das talas pequenas e atadas, duas largas e fortes, que chegue uma desde o cotovelo até às costas da mão e a outra desde o sangradouro, ou perto dele, até a palma da mesma mão, e bem atadas; mas não chegarão ao sangradouro, nem ao cotovelo, para dar lugar a dobrar o braço e se lhe dar sítio, que é metê-lo na toalha e ficar ao peito, e não ficará o braço muito levantado.

fratura do braço

6. Estas talas grandes que mando pôr nas pernas e braços é invento meu, de que tenho sempre usado com bom sucesso, que, deste modo, atándose estas talas juntas com a perna ou braço, não lhe fica lugar de bulir com o membro e são muito precisas, principalmente nos pretos, para quem me foi necessário buscar este meio, vendo que não estavam quietos, e, ao depois que usei delas bem atadas e seguras, sempre achava a cura direita e o membro bem situado, como o deixava. Também é invento meu o emplasto de embaúba com aguardente e também o lavar e desalterar a parte depois dos ossos em seu lugar com aguardente do Reino, cujas virtudes tão singulares se acharão manifestadas em várias partes deste volume. Também é invento meu a telha de pau seco cavado, como fica dito, e outras algumas circunstâncias que os professores perceberão muito bem.

invento do autor

7. Não havendo coisa de novo, se não bulirá nesta primeira cura, senão passados sete dias, ou seja em braço, ou em perna, e, passados eles, se lhe lançará outro emplasto do mesmo, e com as mesmas cautelas e circunstâncias que ficam ditas; e a outra cura será desta a quatorze dias, ou mais, não havendo necessidade, e, ainda que tenho curado alguns doentes com dois emplastos, sempre será melhor acerto lançar-lhe terceiro, que será aos vinte e cinco ou aos trinta dias; sendo perna, do joelho para baixo, estará de cama sessenta dias completos; sendo do joelho para cima, estará três meses, sem lhe faltar um dia, porque já me sucedeu mandar levantar um homem no fim de oitenta e sentiu ranger-lhe os ossos na mesma quebradura, e com o susto se deixou cair no chão, e, com efeito, indo vê-lo, ainda os ossos de todo não estavam unidos, o que conheci tirando tudo fora; e bulindo com a quebradura, lancei-lhe outro emplasto, com que esteve mais um mês, e ficou são; e esta do braço se não dará por segura, senão passados cinqüenta dias.

tempo que devem estar de cama os doentes de fraturas de pernas, coxas e braços

8. Mas, se houver alguma coisa de novo, como dores ou inflamação, se verá: se é por causa das ataduras apertadas, se afrouxarão; se for por causa da quebradura estar fora de seu lugar, como sucede muitas vezes por culpa do enfermo e a mim me sucedeu já algumas, se tirará tudo fora e se curará de novo; se for por inflamação causada de algum decúbito de humor que acudisse à parte, neste caso, sendo perna, se sangrará no braço as vezes necessárias e, sendo braço, se sangrará no pé, sendo antes menos vezes que mais, e, na parte acima e abaixo da quebradura, se porão panos molhados em três ou quatro ovos batidos com claras e gemas, misturando-lhe a terça parte de aguardente do Reino, tudo bem batido, que este remédio é bom para tirar as dores e não prejudica a fratura, como podem prejudicar os remédios frios de tanchagem, vinagres, etc. E sendo as dores muitas, se lhe porão por cima dos panos do ovo panos de água-rosada ou de vinagre destemperado, mas com sentido, e se renovarão todos em se secando; e tanto que se for a inflamação ou se for desvanecendo, se suspenderão as sangrias, as quais serão moderadas, porque pode acontecer desamparar a natureza a quebradura e ser a cura mui dilatada, como já vi, ou ficar o doente com lesão. Comerá coisas engrossantes, como arroz, mãos e pés de boi ou de vaca, e outros semelhantes, que sejam de sustância para criar ou regenerar o poro mais breve e mais firme.

sangrias havendo inflamação, e aonde se hão de fazer

9. Uma coisa de mui grande importância quero advertir na cura das fraturas (ainda que já tenho tocado esta matéria), e é que todas as que quebrarem os ossos atravessados, se não puxe pelo membro, como se puxa nas outras que quebram ao comprido, ou ao meio [guinete?], que nem é atravessado, nem ao comprido; isto é aonde temos um só osso, que são em duas partes, uma é do joelho para cima, a outra do cotovelo para cima. Conheceremos, pois, que a fratura é atravessada, pegando com uma mão fora da quebradura para uma banda e com a outra da outra banda, e, quando uma mão puxar para cima, a outra puxará para baixo, ou uma para uma banda e outra para a outra, e logo se verá no ranger dos ossos se

estão lascados ao comprido ou se as cabeças da quebradura passam uma pela outra; e também apertando o osso entre os dedos, examinando isto bem; e, se estiverem quebrados ao comprido, ou a meio [guinete?], puxarão os ministros com mais força, e se estiver o osso quebrado atravessado, puxarão muito devagar, tão-somente para as cabeças do osso ficarem justas e não cavalgadas, nem também apartadas, porque, ficando apartadas, ali criam cada uma o seu poro em cada cabeça, e, por força e sem remédio, fica o doente aleijado. Tornei a falar nesta matéria por algumas circunstâncias que acresceram e por ser de tão grande importância.

as quebraduras do cotovelo para cima e do joelho para cima se não deve puxar por elas com força, por não haver nestas partes senão um só osso, e a razão por que

como se conhecerá se o osso está quebrado ao comprido ou atravessado

10. As fraturas também se podem curar com emplastos de terebintina e pós de toda a bisma, como fica dito na cura das deslocações, estando o doente perto de botica, onde comodamente possa usar deles, de que eu também tenho usado com sucesso; mas, estando longe ou sendo o doente pobre, seguramente pode usar dos de embaúba, que são excelentes os simples de que se compõem; e, em suma necessidade, se pode usar do de aguardente e pós, que também fica dito nas deslocações.

razoes acerca dos emplastos, que são três

11. Nota que as fraturas nestas Minas tenho alcançado, por certo hão de mister mais tempo para sararem que em outras regiões, maiormente se forem em pretos que o seu ofício seja mineiro, que ande sempre metido na água, ou branco pobre que ande descalço e exposto a todo o rigor do tempo, ou em sujeito fleumático que abunde de humores frios; e também, por outra razão, que é pelo

clima não ajudar, por ser, na minha opinião, frio e úmido, e os ares finíssimos e penetrativos.

fraturas nas minas hão mister mais tempo para sararem que na Europa, e a razão por que

12. Também tenho observado que as fraturas se não devem curar nestas Minas como alguns autores mandam, principalmente Antônio Ferreira, o qual manda se misturem nos emplastos claras de ovos, como já toquei e de que nunca usei, nem me parece acerto usá-lo, por considerar o clima, a habitação dentro da água, os que são mineiros e pretos, que estes são os comuns que quebram braços e pernas, e também alguns brancos, considerando também a nutrição dos alimentos, ou sendo brancos pobres, que estes, pela maior parte, levam pior vida sendo forros do que levam os cativos. E, considerando o referido e os ruins agasalhos e fracas coberturas, sempre usei dos emplastos e modo que fica declarado com felicíssimos sucessos, seja Deus sempre louvado, sem sangrias, nem fomentações mais que as da aguardente. E para corroborar esta verdade, me seja lícito relatar o caso seguinte em uma observação que fiz.

Observação doutrinal muito para se ver

1. No ano de 1711 fui chamado para curar um escravo de Manuel Gonçalves Loures, tesoureiro dos defuntos e ausentes, morador na Vila Real do Sabará, o qual tinha uma fratura no osso fêmur, que é o da coxa, e estava totalmente quebrado, e, ao mesmo tempo, chamaram a outro cirurgião, e como ambos nos achamos juntos, a ambos pediu o senhor do escravo o curássemos. Logo começou o dito cirurgião a pedir claras de ovos, quis eu dissuadi-lo, sem que os circunstantes o percebessem, mas não foi possível; enfim, quebrou quantidade de ovos e se fez o emplasto com suas claras e pós da bisma, mas como eu fui com ele ao fogo, perverti a virtude das claras em as deixar cozer bem. Curamos o enfermo e passou bem até o seteno dia, em que nos tornamos a ajuntar para fazer a segunda cura, antes da qual mandou o dito cirurgião quebrassem ovos bastantes e fossem lançando as claras à parte. Disse-lhe com

silêncio e como companheiro que não curássemos com claras, por não serem convenientes, como já lhe tinha advertido, ao que respondeu, com voz inteligível, que todos os circunstantes perceberam e não eram poucos, que as claras eram muito necessárias e que se não podia fazer a cura sem elas, pois os autores assim o mandavam; e, como eu desejava tanto a saúde do enfermo, como o meu crédito, respondi que bem podíamos fazer a cura sem elas por serem muito frias. Alterou vozes, apontou autoridades e eu me despedi da cura e do senhor do enfermo, protestando com palavras moderadas que o doente até aquele ponto estava bom e, se dali por diante, lhe sucedesse mal, carregaria ele só com a cruz e, se bem, com o aplauso.

claras de ovos não convêm nas quebraduras, por serem frias

2. Dali a três dias me foi chamar o dito tesoureiro para lhe ir ver o dito enfermo, e, ainda que fiz bastantes diligências para me escusar, como era vizinho me não pude livrar e achei o doente na forma seguinte: assim que pus as mãos na coxa da quebradura, para cima e para baixo do emplasto que tinha, achei a parte sem calor, com muito pouco sentimento e muito disformemente inchada, cedendo ao tato e fazendo covas como em maçã; logo peguei na mão do dito seu senhor e lha pus em cima da inchação, dizendo-lhe carregasse com os dedos e visse a cova que fazia e o calor que tinha. Ficou o homem admirado e confuso, e, instando comigo lhe dissesse a causa de tão horrenda novidade, com grande importunação lhe disse, por me ver livre dela, que eram claras de ovos e que logo, sem demora, chamasse o dito cirurgião para tratar do caso; mas, pedindo-me com rogos enternecidos lhe aplicasse algum remédio, pois sendo o seu escravo bom o via perdido, sem embargo que recusei bastantemente instou, de sorte que, compadecendo-me assim do miserável estado em que via o enfermo, estando a pique de perder a vida, dilatando-se-lhe o remédio qualquer espaço de tempo ou não se lhe aplicando o que fosse capaz de aquentar a parte, chamar espíritos a ela e diminuir a grande inchação que tinha, para que, ausentando-se o humor frio e ficando a parte mais

aliviada, pudesse melhor a natureza corroborá-la com a ajuda da arte, como de seu senhor, para não perder um monte de dinheiro, como é o de um escravo bom.

claras de ovos iam sendo causa de apodrecer a coxa de um enfermo, e morrer

3. Fazendo estas considerações, me vi precisado a aplicar-lhe algum remédio, e excogitando qual seria o melhor e que prontamente o houvesse à mão, para com toda a presteza acudir a tal necessidade, ocorreu-me que não podia haver mais pronto, nem de melhor virtude, que a aguardente do Reino, da melhor que se pudesse achar, e que, em cada canada dela, se lhe lançasse uma mão cheia de sal, também do Reino, pois o do Brasil é muito mais inferior; e bem quente a fogo brando, e que esteja o sal derretido, nela se molhassem panos e se chapejasse e fomentasse toda a perna, desde o joelho até a virilha, molhando o emplasto que tinha e ataduras; mas que havia de ser tão quente ali junto do enfermo que mal se pudesse sofrer nas mãos e, depois que lhe fizesse uma larga fomentação, se lhe cobrisse toda a perna com panos molhados, e, por cima deles, sua baeta nova, seca e atada, e, se fosse dobrada, melhor, assim para resguardo do ar, como para os panos molhados na aguardente se não secarem tão depressa, abafando e rebatendo em parte os seus espíritos; e que houvesse grande cuidado que, em se secando os panos, se tornasse a fazer outra fomentação na mesma forma, panos molhados, baetas e ataduras por cima, e tratasse logo de comprar um barril da dita aguardente escolhida, que tudo lhe havia de ser necessário, e chamasse logo o cirurgião que estava encarregado da cura, e estivesse de acordo, para que, querendo mudar de remédio, não o consentisse, porque, na minha opinião, o não havia nas Minas melhor e que tinha cura dilatada.

a aguardente com sal salvou a vida a um enfermo

4. Bem sei que não faltará quem me calunie, tanto neste remédio, como em muitos mais que vão neste meu livro, mas eu lhes quero responder em poucas palavras: vejam e considerem bem as razões

que se acham na primeira folha do prólogo e as de estarmos nesta altura; e também do ver a ouvir dizer.

5. Assim, e do mesmo modo, continuou o dito cirurgião com o mesmo remédio, por achar lhe era conveniente, e não me constou que usasse de outro, mas, sim, constou a todos que esta cura durou acima de cinco meses. Com o tal remédio se desvaneceu toda a inchação e foi a parte adquirindo calor, mas a causa de durar a cura tantos meses foi por respeito da fratura ficar relaxada e aberta novamente, com a vizinhança de tanto humor frio; e o ficar aquela parte tão fraca e falta de calor foi a causa de o ver andar encostado a um bordão, depois de passados os cinco meses.

6. Tornando ao ponto de dizer eu que eram claras de ovos, aqui houve muito que ver, porque, indo o tal cirurgião ver o enfermo, lhe disse seu senhor que eu havia dito ser a inchação procedida das claras com que ele lhe fizera a segunda cura, de que ficou tão enfurecido que, topando-me na rua, me perguntou se eu havia de negar que fraturas se não curavam com claras de ovos, ao que respondi que, se respondesse ao que eu perguntasse, nenhuma dúvida tinha; disse que estava pronto. Perguntei então em que clima estávamos, em que partes habitavam os pretos mineiros, que agasalhos eram os seus, que mantimentos, que qualidade tinham os ossos e, finalmente, que qualidade tinham as claras de ovos. Respondeu, quanto à primeira pergunta, que o clima lhe parecia frio; à segunda, que as partes em que habitavam os pretos mineiros era dentro da água e que esta era fria; à terceira, de mantimentos e agasalhos, que tudo lhe parecia mais frio que quente; à quarta, que as partes ósseas eram frias e secas; e, finalmente, que as claras de ovos eram frias, secas e estíticas, o que não podia negar.

perguntas e respostas em um argumento na rua

7. Perguntei mais: “Pois, senhor, se vossa mercê confessa que tudo o que lhe tenho perguntado é frio, neste caso havemos de curar um semelhante com outro semelhante para se conservar a doença ou aumentar-se?” A isto respondeu que os autores assim o mandavam e assim o havia de seguir, e não a minha advertência; ao que disse

eu que éramos obrigados a curar as doenças conforme a região e o clima onde nos achássemos, a razão nos ditasse e a experiência nos ensinasse, porque os autores, quando escreveram, estavam em outras terras mui remotas e de diferente clima e não tinham notícia deste. Este caso sucedeu na rua da Barra, do Sabará, em presença de muito povo.

as doenças se devem curar conforme a região e a experiência ensina

8. No princípio que cheguei a estas Minas, usava, nas quebraduras, de emplastos feitos de terebintina e pós de toda a bisma, ou parte deles, que naquele tempo só os cirurgiões e médicos tinham alguns remédios, pois boticas as não havia; e como considerei haver poucos medicamentos e venderem-se por alto preço e ouvia dizer que os olhos-de-embaúba eram bons para quebraduras, compus os emplastos na forma que fica dito, com os quais tive sempre admiráveis sucessos. E nesta forma ficaram os doentes bem servidos, com menos despesa e menos trabalho de os irem buscar, muitas vezes um e dois dias de jornada; e, tendo curado com eles inumeráveis fraturas, ainda não houve uma que não sarasse perfeitamente, porque estes, além de pegarem bem, lançando-lhe os pós, estando bem quentes e postos na parte ainda com bom calor, fazem regenerar o poro para soldar as quebraduras, corroboram a parte, confortam e desfazem a inchação que sempre há mais ou menos, por levarem a aguardente.

razão por que compus os emplastos de embaúba

9. Não posso negar que os emplastos de terebintina e pós da bisma são muito bons e se podem usar, mas fazem mais despesa aos pobres e, na minha opinião, não obram tão bem neste clima, por não levarem a aguardente, que esta é descoagulante das inchações, confortante, balsâmica e amante da natureza.

10. Também o cataplasma, que se faz de duas onças de ferrugem da chaminé, limpa e peneirada, e de uma onça de farinha de trigo com meia onça de incenso em pó, tudo fervido a fogo brando em

uma aguardente do Reino até ficar em forma de emplasto, pode servir para curar qualquer fratura; e se podem acrescentar os simples, sendo necessário, de modo que, antes, sobeje massa, que falte na ocasião.

outro emplasto para quebraduras

11. Advirto aos principiantes que, quando fizerem alguma cura destas, depois dos ossos estarem repostos em seu lugar, lavem muito bem a parte e sua circunferência com aguardente do Reino bem quente, como já tenho dito, para desalterar aquela parte e corroborá-la, assim das dores e inchação, como da contusão que sempre se recebe externa e interna, pois, desta sorte, abraçará a natureza melhor o emplasto; eu sempre assim o tenho feito com bom sucesso e, se vejo que o doente, depois de curado alguns dias, se queixa de dores (porque muitas vezes sucede, quando se cura, estar a parte muito inchada), vejo se as dores são procedidas das ataduras ficarem mais apertadas, afrouxo-as; e sendo por causa da inchação não estar ainda de todo remetida, fomento-a com aguardente quente, assim por cima da quebradura, como por baixo dela, e, ainda que molhasse o emplasto, se me não dava. Muitas vezes vi dores procedidas por causa do emplasto estar seco e ter apertado muito aquela parte, o que remediava, admiravelmente, molhando-o com a dita aguardente quente as vezes necessárias, pondo-lhe seus panos molhados com baetas por cima, e logo aliviavam, porque ficava aquela parte mais fresca e menos áspera e desfazia a inchação, se a havia.

os ossos quebrados fazem contusão interna e externa

12. Não trato das mais fraturas, porque, à vista destas que ficam referidas, se poderão curar as mais que sucederem, nem trato de mais observações, sem embargo que pudera referir muitas; mas, porque o tempo me não dá lugar, passo a tratar das fraturas com feridas.

Capítulo VI

Das fraturas com ferida e suas observações

1. Sucedendo haver fratura com ferida que os ossos rompam a carne para fora, a primeira coisa que se deve fazer com toda a presteza é, se estiverem os ossos para fora, metê-los dentro, endireitando o membro, e pôr-lhe alguns panos molhados em aguardente quente, enquanto se aparelha o necessário para a cura; e a razão disto é por não estarem ao ar, que gravemente os ofende e altera, e, alterados, saem ao depois em esquírolas grandes ou pequenas, que fazem com que a cura leve muito tempo e dê muito trabalho.

2. A cura destas fraturas se fará do mesmo modo que as outras, tendo primeiro tudo aparelhado, como para as outras fica referido; se reduzirão os ossos a seu próprio lugar com toda a brandura e suavidade que for possível, pelas grandes dores que se excitam bulindo com os tais ossos, havendo ministros que ajudem; e no caso (como a mim já me sucedeu) que seja necessário fazer maior ferida para meter alguma ponta do osso para dentro, se cortará com uma tesoura aquela parte que servir de impedimento e, depois de recolhidos os ossos para dentro, se desaltere e lave muito bem a ferida com aguardente bem quente por largo tempo, o que também se poderá fazer antes de recolher os ossos; e, feito isso, se cobrirá a parte com panos de aguardente e baeta enquanto se estende o emplasto, o qual será do modo seguinte.

3. A massa para o emplasto será a mesma que fica dita nas fraturas sem ferida, mas o pano em que se há de estender a massa para estas será cortado no meio, onde se lhe fará um buraco redondo, ou como for necessário e a ferida o pedir, para esta tal ferida ficar patente à vista e os seus lábios para se curar quando for necessário; e para se fazer o buraco com melhor acerto, se tomará medida, para se ver onde se há de cortar o pano e o tamanho do buraco; isto assim disposto, se estenderá a massa bem quente e, pulverizada toda com os pós, se aplicará na parte, procurando que fique a ferida bem patente, puxando bem o pano, para que fique bem justo, atando o tal emplasto com sua atadura comprida, que já

estará enrolada para melhor se atar, de sorte que fique a ferida livre dela e das talas. Atando o emplasto, se porão as talas; estas, atadas, se meterá a perna (se o for) na sua caixa, ou telha de pau seco cavado, e depois as suas talas grandes atadas e seguras, curando a ferida com panos dobrados, molhados em aguardente; e, se for capaz de pontos, se lhe darão alguns para melhor resguardar o osso do ar, para se não alterar tanto e fazer-se denegrido, como pela maior parte sucede, a qual se curará de dois em dois dias, sempre com a mesma aguardente, e só se curará uma vez cada dia, no caso que faça muitas matérias, que, não as fazendo, bastará que se cure de dois em dois, ou de três em três; e a razão é porque, quantas menos vezes se expuserem os ossos ao ar, tanto será de mais proveito, assim para sarar a ferida em menos tempo, como para não saírem os ossos aos pedaços pelo tempo adiante, passados, às vezes, muitos meses, e em algumas ficam fístulas que nunca mais saram, o que se poderá evitar fazendo-se como fica dito; e de mais que a aguardente não só cura a ferida, mas conforta muito ps ossos, ajuda muito a natureza a fazer o poro para eles unirem, se não que é prodigioso remédio para preservar de corrupção, gangrena e herpes, pois, de ordinário, as gangrenas são muito comuns nestes casos, de que muitos têm perdido a vida, uns, por descuido, outros, por causa de quem os curava serem ignorantes e outros, por taparem a ferida com o emplasto, por serem idiotas, aos quais apodreceram e se gangrenaram os membros sem remédio, sendo tão fácil como fica dito; e, miseravelmente, acabaram as vidas, dos quais eu vi alguns a tempo, que lhes não pude ser bom.

emplasto das fraturas com ferida, como deve ser

á aguardente cura a chaga e preservar de gangrena e herpes

causa por que muitos morrem

4. É muito preciso haver advertência, quando se curar a chaga, para se não descobrir, senão quando o medicamento estiver pronto para se alimpar e curar, a respeito de não estar exposta ao ar; porque

muitas vezes sucede ficar a quebradura, ou rachadura do osso, à vista, e, se lhe der o ar, penetra mais por ela e altera o osso de uma e outra banda, o que logo se conhece por ficar denegrido ou mudado de cor; e curando-se com toda a cautela que tenho dito, quando se altere e se mude de cor alguma coisa, a natureza, ajudada do remédio da aguardente, vence muitas vezes a tal corrupção, e, quando a não vença, ou por pouca limpeza que há quando se cura e se expõem ao ar, ou porque, quando se cura a primeira vez, já estão alterados, raspar-se-á, pois, a tal corrupção com alegra as vezes que forem necessárias, que muitas me têm sucedido vencê-las deste modo, sem lançar ao depois esquírolas; e a natureza também ajuda a sua parte, pois é a melhor mestra e melhor agente.

5. Mas, no caso que se não vencer a corrupção do osso, se irá curando e esperando que a natureza o vá separando, ajudando-a com um pincel de pano pequenino, molhado em espirito-vitriolo, tocando com ele o osso denegrido ou alterado, pondo-lhe em cima fios secos e cobrindo a chaga com panos molhados e espremidos com aguardente; ou se poderá usar em cima dos fios do emplasto Gumielemi estendido em pano, e quente, mas o outro remédio tenho-o por melhor, de que sempre usei com bom sucesso; e, se crescer carne supérflua, como sempre cresce, que vá cobrindo o osso, se gastará a tal carne, ou com o mesmo espírito ou com pedra-ume queimada, esperando que a natureza o vá separando, ajudada com o que fica dito. Grande felicidade tive sempre com o espírito aplicado sobre os ossos alterados, porque uns, legrando-os e tocando-os com espírito, se vencia a corrupção, e, quando via que se não podia vencer e que não havia remédio senão sair alguma ou algumas esquírolas, tocava-as com o dito espírito e saíam muito mais cedo, porque as fazia destacar e separar admiravelmente, o que fiz muitas vezes e sempre me sucedeu bem.

espirito-vitriolo come a corrupção dos ossos alterados do ar

6. O primeiro emplasto se não tirará ao seteno, como se tira nas outras fraturas, mas sim se deixará estar até o quatorzeno, para quando se tirar este primeiro e se lhe pôr o segundo estar a quebradura já com algum poro e mais alguma coisa firme do que ao seteno, e não se dilacerarem outra vez os ossos novamente. E, se não houver coisa de novo e o doente se não queixar muito, ou as matérias não forem demasiadas, e a perna, ou braço, estiver bem assombrada, sou de parecer se lhe não bula, senão passados vinte dias, porque, então, se fará a segunda cura com mais segurança e mais conveniência para o enfermo; e os outros emplastos se lançarão como fica dito nas outras faturas.

em que tempo se hão de por emplastos novos nestas fraturas

7. Já disse que o ar é danosíssimo aos ossos fratos, que é o mesmo que quebrados, e aos nervos, que muitas vezes sucede, como tenho visto, ficarem bem ofendidos; e por este respeito deve haver grande cautela quando se curarem, para que lhe dê o menos que for possível, curando com ligeireza, cobrindo a chaga com muita cautela; e quem assim o não fizer terá paciência para curar o doente até lhe saírem todos os ossos que forem alterados do ar; e muitas vezes sucede, como já vi, saírem, sarar a chaga e depois tornar a arrebentar para saírem outros, ficando fístulas algumas vezes; e, pela maior parte, sucede por culpa de quem cura se não acautelar.

o ar é danosíssimo aos ossos e aos nervos

8. Mas, porque muitas vezes sucedem fraturas tão dilaceradas e com ossos tão miudamente quebrados, que alguns se podem tirar logo, sendo que, assim suceda, se tirarão aqueles que de todo estiverem separados, ou que sem dor nem violência se possam tirar; e os mais se curarão como fica dito, deixando sempre a ferida patente para se curar todos os dias, ou interpolando alguns; isto se observará em todas as fraturas que sucederem com ferida; e, para melhor clareza e doutrina dos principiantes, escrevo as observações seguintes:

Observação I

De uma fratura dilacerada em uma perna

1. No ano de 1718, andando um moço branco na paragem chamada Lavras Velhas de Ribeirão Abaixo, com um machado nas mãos derribando mato para fazer uma roça, lhe caiu um pau em cima de uma perna, que lhe ficou em cima de outro pau, e lhe fez as duas canas em cinza, pisando-lhe e dilacerando-lhe também os nervos. Veio em uma rede para o arraial, onde eu nesse tempo era morador; chamaram-me para curar este miserável, ao qual lhe achei a perna amassada como um bolo e aberta a carne por duas partes, com todos os ossos feitos em miúdos pedaços, dos quais lhe tirei logo alguns que estavam de todo separados; pus-lhe uns panos de aguardente em cima, e assim esteve enquanto preparei o emplasto de embaúba que fica dito, panos, ataduras, talas, aguardente e ministros para me ajudarem.

2. Tendo tudo preparado, desalterei e lavei as feridas e toda a perna caso grande com aguardente bem quente, tirando bastantes esquírolas de ossos, que de etodo estavam separadas; fui formando a perna de chata em redonda, mandando um ministro que puxasse pelo pé alguma coisa e outros que me fossem ajudando a aperfeiçoar a perna em forma natural. Depois de limpa e redonda o melhor que pude, forrei uma telha de barro e pus a perna dentro dela com uns panos molhados em aguardente quente, cobrindo-a por cima com panos e baetas; estendi a massa do emplasto em um pano grosso aberto por duas partes, para as feridas ficarem patentes, que eram quase de alto a baixo, para se curarem, tendolhe dado, primeiro, alguns pontos para ampararem a tal dilaceração. Estando neste termos, lhe pus o emplasto e, atado, lhe pus as talas que o caso permitiu, ataduras e as mais talas grandes, ficando a perna dentro na telha e bem calçada das bandas para ficar em forma natural; e, depois disto, assim feito e acabado, posto já o doente na parte aonde havia de estar sempre, lhe remolhei a perna toda, de alto a baixo, panos, emplasto e ataduras, com aguardente do Reino tão quente que mal a podia sofrer nas mãos, para que,

quando chegasse abaixo, levasse algum calor a respeito de traspassar os panos, o que fiz por largo tempo, atandome bem as talas grandes que acompanhassem o pé para o ter direito, e no meio, no joelho e na coxa, para que, se o doente quisesse bulir com a perna, não pudesse; pondo-lhe também sítio, que é o mesmo que uma corda atada em uma travessa da casa, que lhe ficasse a laçada em cima dos peitos para mover o corpo quando fosse necessário, pegando-se a ela.

3. Por estar o pobrezinho desconfiado que ficava sem a sua perna, o consolei, dizendo que havia de ficar com ela, e que comesse algumas coisas engrossantes, como franga ou galinha cozida com arroz e beldroegas, mãos e pés de boi cozidos com arroz, ou sem ele, usando deste mantimento o mais tempo que pudesse, por ser para o intento de mais utilidade que os outros; e que também podia comer carne de vaca cozida e assada, quando tivesse falta dos mais sustentos; e que, todos os dias, pela manhã e à noite, molhasse toda a perna com aguardente bem quente para não apodrecer e gangrenarse, que era o que mais temia, por estarem os nervos, carne, ossos e músculos pisados; e, por isso, mandava fazer as ditas fomentações a miúdo, ainda que por esta causa o emplasto não obrasse tão bem ou obrasse mais devagar; e por me certificarem que tinha lançado infinito sangue, o não mandei sangrar, e também porque era necessário que a natureza animasse aquela parte com espíritos nativos por estar tão dilacerada.

4. Não há remédio mais singular, nem mais pronto, nem que tenha as virtudes que tem a aguardente para o caso presente e outros semelhantes, principalmente nestas Minas; porque tenho usado dele milhares de vezes, não houve uma em que deixasse de conhecer a sua rara virtude, nem experimentasse mau sucesso; e para impedir gangrenas não há outro.

não há remédio como aguardente para preservar de gangrena

5. Ainda que as matérias eram muitas, dilatei o bulir no emplasto até os vinte e cinco dias, no fim dos quais chamei ministros, preparei

outro emplasto, lavei toda a perna com o dito remédio e lho lancei; e daí a um mês lhe lancei outro, que foi o último. Lançou muitas esquírolas de ossos enquanto esteve de cama, que foram três meses e meio, e, ainda depois de levantado, lançou algumas por dois orifícios, ou chagas pequenas que lhe ficaram, mas com a perna redonda, quase em sua forma natural, firme e forte, sem lesão alguma. Depois, como era moço pobre, não sei para onde foi tratar de sua vida, de quem não tive mais notícia.

Observação II

Nas mesmas Lavras Velhas curei a um escravo do capitão Simão Álvares Mozinho, o qual quebrou uma perna por junto do tornozelo e lançou uma ponta de osso para fora, rompendo a carne e a pele, ficando-lhe o pé totalmente torto para uma banda. E nesta forma mo trouxeram em uma rede, sendo um dia de jornada da casa do seu senhor à minha, que era nas ditas Lavras Velhas; e, quando chegou com o tal osso de fora, já denegrido, logo prognostiquei a seu senhor, que o acompanhou, que a cura havia ser dilatada por causa do osso alterado vir ao ar, porque de necessidade havia de sair a seu tempo; e, para o meter para dentro, foi necessário o cortar alguma coisa da pele e carne, porque, querendo endireitar o pé, não queria o osso entrar, o qual meti e cometi a natureza, dando alguns pontos para acomodar melhor a dilaceração da carne e não ficar aquela boca da ferida tão exposta ao ar. Lavei muito bem a ferida com aguardente bem quente e fiz a cura como fica dito, ficando a ferida patente para se curar todas as vezes que fosse necessário; botei-lhe os mais emplastos a seu tempo, curando a ferida todos os dias, enquanto fez muitas matérias, e depois mais interpoladamente; e para abreviar a cura, fui tocando o osso com espírito de vitríolo todas as vezes que curava a chaga, deixando passar coisa de um credo depois de tocado, e então curava a chaga com o dito remédio, porque o dito espírito, por ser espirituoso, comunica a sua virtude em pouco espaço de tempo; e, ainda assim, durou a cura três meses, lançou um grande pedaço de osso e sarou a chaga, mas não deixou de ficar com alguma lesão na junta do tornozelo por ser a fratura junto dele, não o perturbando andar de pé.

Observação III

Feita em vários doentes escravos do capitão-mor Custódio da Silva Serra que ficaram debaixo de um morro, desgraça grande

1. No ano de 1711, fui chamado para curar a treze escravos do capitão-mor Custódio da Silva Serra, morador na Vila Real do Sabará, que em cima de todos correu um morro de terra e pedras, andando os ditos escravos tirando ouro em uma lavra que tinha a parede sessenta palmos de alto ao pé do dito morro; e como mineravam com água que corria por cima da tal parede, se lhe sumiu atrás, e, vendo-se todos sem água na lavra, subiram alguns a ver para onde se tinha desencaminhado, e todos os que subiram ficaram livres e os que ficaram na lavra, que foram treze, ficaram debaixo das ruínas, donde se tiraram quatro mortos, e os mais, uns com braços quebrados, outros com as pernas, outros as costelas metidas com as pontas para dentro, outros com os ossos da fúrcula do pescoço feitos em miúdos pedaços; um com as vértebras do espinhaço deslocadas em duas partes, outro lançando sangue pela boca, narizes, ouvidos e algumas pingas por um olho, e ambos tão vermelhos como o mesmo sangue. Confesso que, quando cheguei ao terreiro da casa, fiquei impossibilitado de ânimo para fazer as tais curas, vendo os mortos e os vivos, todos estendidos no dito terreiro, da cor da mesma terra, uns com gemidos tão sentidos que moveriam à compaixão o mais duro coração que houvesse, outros sem dizerem nada por estarem na outra vida; e se a vizinhança não acudisse com seus escravos a cavar a terra para tirar os miseráveis, poucos se tirariam vivos; ensinando e mostrando os que ficaram livres das ruínas aonde tinham ficado ou tinham aparecido os desgraçados, quando a terra, pedras e árvores iam correndo por um despenhadeiro abaixo para um rio, aonde se foi achar um morto, que admirou pela distância não ser pouca; isto diziam os que ficaram livres por estarem em uma parte mais alta; e, acudindo muita gente, vendo o triste espetáculo, ficaram atônitos e admirados por se não ter visto caso tão lastimoso entre tantos que têm sucedido nestas Minas.

2. Das fraturas com feridas tirei logo muitos ossos, por estarem todos dilacerados, e as curei do mesmo modo que fica dito. As que não tinha feridas, as curei na forma já referida; e, para reduzir as pontas das costelas que estavam metidas para dentro, mandei fazer uma tenaz a um ferreiro, por molde que lhe dei, de boca larga, com a qual peguei na carne, e, puxando para fora, se reduziram a seu lugar admiravelmente, e, ainda que ficaram algumas feridas da boca da tenaz, como eram pequenas logo sararam com o mesmo emplasto confortativo da embaúba, por levar aguardente; e, para que não apodrecesse, fiz a segunda cura ao quarto dia, mas, como estavam boas, se fortificaram e sararam com o segundo emplasto; usei da tenaz porque, fazendo as diligências possíveis, pegando com os dedos e unhas, não pude trazer as pontas a seu lugar, o que facilmente consegui com o que inventei.

3. As fraturas com feridas, donde tirei os ossos, lhes dei alguns pontos nas maiores para melhor cobrir os ossos, os quais cortei a seu tempo, curando as feridas como fica dito, tocando os ossos alterados com espírito de vitríolo, que os fez sair e separar em menos tempo.

4. Ao que lançava sangue pela boca, narizes, ouvidos e olhos, ao depois que adquiriu calor no corpo (que todos saíram resfriados) lhe mandei dar quatro sangrias nos pés e seus engrossantes pela boca; e, tanto que o sangue parou, lhe ordenei bebesse, de ordinário e todos os mais, água bem cozida com raízes de capeba e um bocado de raiz de butua machucada, para que se não engrossasse o sangue e os mais humores e causasse algum apostema interno, por causa do qual viessem a perder a vida, pois é a dita bebida excelentíssimo descoagulante e me parece ser a raiz de capeba a mais singular que tem o mundo, pois, não só é descoagulante, mas vulnerária e desopilante dos canais do vivente, por cujas virtudes promove a circulação do sangue admiravelmente.

Raiz mais simular que tem o mundo

5. No mesmo tempo que acabei de curar a todos os treze, que me levaram um dia todo, em que gastei sete varas de pano de linho

para ataduras e oito frascos de aguardente, mandei dar a cada um seu copo dela, por estarem todos tremendo com frio, exceto ao que lançava o sangue pela boca, narizes e ouvidos, que, em lugar dela, lhe mandei dar um copo de sumo de mastruços morno com uns pós de açúcar, por ser bom engrossante, e franga cozida com beldroegas, e, conseguintemente, mandei que, em todos os aposentos ou senzalas, se fizesse fogo de dia e de noite para que aqueles corpos que estavam faltos de calor o adquirissem, para se promover a circulação do sangue e mais líquidos, e, tornados os humores fluidos, a natureza socorresse as partes ofendidas com espíritos e calor natural, o que não seria possível estando o sangue e os mais humores estagnados e diminuta a circulação; o que tudo se emendou, assim com estarem as casas quentes, como com a continuação das ditas bebidas e bom tratamento no comer e de sustância.

sete varas de panos e oito frascos de aguardente

engrossante de sumo de mastruços

fogos de dia e de noite

6. O que ficou com as vértebras ou juntas do espinhaço deslocadas lhe mandei fazer uma tábua por um carpinteiro, lavrada com o lombo pelo meio, para assentar no vão que todos temos no espinhaço; preparada a tábua, o emplasto de embaúba nas deslocações já referido, ataduras, panos, ministros que me ajudassem, mandei que um pegasse pelos pés, outro pela cabeça, outro por baixo dos braços, e que todos puxassem a um tempo com toda a força, estando o doente com a barriga para baixo e eu com as mãos carregando aonde era necessário, até aquela parte do fio do lombo ficar lisa e direita, sinal por onde se conhece estarem as deslocações e fraturas em seu lugar; estando nestes termos, lavei toda aquela parte acima e abaixo, para as bandas, com aguardente do Reino bem quente, por espaço de algum tempo, e, enxuta a parte, lhe pus o emplasto de embaúba, e por cima dele outro pano dobrado seco e a tábua, forrada, em cima deste; ficando bem assentada e justa, a segurei com ataduras de pano novo, bem

apertadas e bem compridas para darem muitas voltas, rematando a última ponta com agulha e linha. Feito isto, mandei virar o enfermo e pô-lo na sua cama por bastantes pessoas, para o levarem direito, aonde esteve por espaço de três meses, sempre deitado de costas, lançando-lhe emplastos novos ao seteno, quatorzeno, aos vinte e cinco e aos quarenta dias, pouco mais ou menos, que disto não há necessidade precisa, não havendo coisa de novo, como neste a não houve, com o que ficou são e sem lesão alguma.

vértebras de espinhaço deslocadas

sinal por onde se conhece estarem as deslocações e fraturas em seu lugar

7. Também todos os mais ficaram perfeitamente sãos, exceto um, que ficou com defeito em uma mão, por ficar toda pisada e os ossos feitos em miúdos pedaços, assim os da mão como os da junta do pulso, que para os reduzir a seu lugar pus a mão e os dedos em cima de uma tábua da feição e do tamanho necessário, e nela a conservei sempre com os dedos bem estendidos; e por fim, quando já os ossos estavam seguros, que foi aos trinta dias, lhe puxei a tábua para trás alguma coisa, para que os dedos fossem buscando o jeito de fecharem; e como o restante da fratura da mão e pulso era necessário mais tempo para os ossos fazerem poro, sempre conservei emplasto confortativo por tempo de sessenta dias, no fim dos quais ficou são, mas com defeito na junta, porque pouco a movia, por respeito dos ossos da mesma junta ficarem pisados e os nervos contundidos; nem era possível menos.

junta da mão pisada, e como se curou

8. Nota que, havendo nervos cortados ou ossos quebrados nos dedos das mãos, se os curarem encolhidos, encolhidos ficarão para sempre, mas, se os curarem estendidos, é certo fazerem seu movimento pelo tempo adiante, mais ou menos, conforme for o dano, curando-se com aguardente, o que digo por ter curado muitas feridas que cortaram nervos, uns totalmente cortados, outros cortados até o meio e outros em parte, e muitas destas uniram os

dedos de tal sorte que os dedos e os membros ficaram com seu movimento perfeito, o que se pode ver nas observações.

nervos cortados nos dedos das mãos ou pés não se curem encolhidos

9. Na primeira cura, que foi só lavar com aguardente a terra e sangue de todos os enfermos, para ver os danos que tinham e aparelhar o necessário, embrulhar com panos molhados as feridas, fraturas e deslocações, gastei quase um barril de aguardente; e para o restante de todas as curas, até as acabar, gastei oito barris dela, custando, naquele tempo, quarenta oitavas de ouro cada um.

oito barris de aguardente, de dez canadas cada um

10. Não explico a miudeza com que fiz estas curas, porque o tempo não me dá lugar e os anos que há me desculpam, mas, quando alguns ossos das fraturas que romperam a carne e se alteraram do ar, enquanto se não curaram, estes, ainda que foram metidos para dentro, sempre vieram a fazer-se denegridos, quando as chagas estavam fazendo matérias, e, por serem grossos e a natureza os não poder lançar senão em discurso de muito tempo, para se despedirem mais breve os tocava com um pincel molhado em espírito-vitríolo, em dias interpolados, com o que se foram separando dos sãos em menos tempo, sem comparação do que haviam de fazer sem o tal remédio, vindo logo crescendo o poro, que é o mesmo que segundo osso em lugar do que saiu ou ia saindo; e as carnes que cresciam nas chagas, a que chamamos carne supérflua ou esponjosa, também as tocava com o mesmo espírito para a comer, dessecar e fazer mais dura, para não cobrir os ossos, que também para isto é bom remédio, ou lhe lançava pós de pedra-ume queimada para gastar e consumir a dita carne, uma e tantas vezes quantas eram necessárias, pondo-lhe em cima fios secos para esperar que a natureza despedisse os ossos; e, deste modo, se despediram e fecharam as chagas com muito mais brevidade do que se esperasse que a natureza *per se* despedisse os ossos podres.

11. Não deixará de causar admiração a algumas pessoas que lerem a página antecedente e virem que na primeira cura, sem ser cura, gastei tanta aguardente só para lavar, desalterar e pôr panos molhados, e oito barris para fazer as mais curas até sararem, digerindo, mundificando, encarnando e cicatrizando todas as chagas, muitas feridas unindo em poucos dias, e ainda algumas contusas, tudo com a mesma aguardente; pois, não só com ela fiz todas estas curas maravilhosas, mas as preservei de gangrenas e herpes, de que muitos nestas Minas têm perdido a vida, por serem estes casos muito sujeitos a elas.

nao cause admiração

12. Ese alguém se admirar, como dizia, saiba que tudo o que digo é verdade, e saiba também que a experiência deve prevalecer a toda a razão, e os que a duvidarem fiquem com a sua opinião. Eu digo o que experimentei neste clima de vinte anos a esta parte e as curas, que nele fiz e me lembram, não havendo nestas Minas professor mais antigo; cada um seguirá o que lhe parecer.

a experiência deve prevalecer a toda a razão

13. Como atrás digo, que nas fraturas que sucederem, quebrando os ossos atravessados, haja grande vigilância em não puxar pelos membros, senão quanto bastar para que as duas cabeças dos ossos fiquem unidas e não apartadas, porque, se assim ficarem, criará cada uma o seu poro na sua cabeça e ficarão os membros dependurados pelos seus nervos, carne e músculos, jogando para todas as partes. Isto se entenderá, principalmente, nas fraturas do joelho para cima e nas do cotovelo para cima, por haver ali um só osso, porque, nas mais partes, poucas vezes acontecerão atravessadas. Em confirmação desta verdade, exponho os dois casos seguintes.

fraturas do joelho para cima e do cotovelo para cima, haja grande vigilância, e a razão por que

Observação IV

De uma fratura no osso da cia, ou fêmur, na qual ficaram as duas cabeças do osso apartadas e o doente aleijado para sempre

1. No ano de 1724 me chamou um homem, cujo nome me não lembra, morador no morro chamado de Antônio Dias, para lhe ver um escravo, no qual queria fazer junta de cirurgiões para ver se poderia ter algum remédio; e, antes de ir ver o enfermo e de subir o morro, lhe perguntei que achaque tinha o seu preto. Respondeu-me que havia mais de três meses quebrara uma perna pelo meio da coxa e que, chamando um cirurgião para o curar, lhe perguntara se carecia de outro para o ajudar, o qual respondeu que para aqueles casos e outros semelhantes não carecia de quem o ensinasse; curara o enfermo a primeira, segunda, terceira e quarta vez e, por fim, lhe dissera não tinha feito nada e que era necessário fazer junta, porque o osso estava apartado um do outro nas cabeças, aonde tinha quebrado, pondo culpa a desmanchos do enfermo; que chamasse cirurgiões para se lhe aplicarem os remédios mais convenientes.

2. Confesso ingenuamente que, quando o homem me explicou este caso como tenho declarado e me certificou era a mesma verdade, me fez admirar e sentir o miserável estado do enfermo e do senhor dele o ter perdido; não deixaram de me lembrar as palavras arrogantes e soberbas que respondeu quando não quis companheiro. Pois, homem, dizes que és sábio e que não é necessário quem te ensine e depois dizes que faça junta? É certo que és mais ignorante que ninguém e mais soberbo que homem algum; para um caso deplorado e já sem remédio, ainda queres fazer gastar mais ouro ao senhor do escravo em cima de o ter perdido, e tudo o que já tem gasto e dar a conhecer a tua ignorância? É certo que tanto ignoravas o caso no princípio, como o ignoras agora. Miseráveis são os enfermos que dão nas mãos de quem lhe ignora a doença e o modo curativo dela e terem valor para andarem curando entre cirurgiões e médicos; mas, enfim, a terra é boa, tudo permite e tudo se acha nela, porque cada um pinta as cores que quer.

homem ignorante ou soberbo

3. Informado, pois, deste homem os termos em que estavam os ossos da fratura, me disse que, pegando na perna e jogando com ela para uma e outra parte, a levava para onde queria; que, claramente, conhecia que os ossos estavam apartados, porque o doente também a não jogava, o que examinara depois que o cirurgião lhe dissera que não tinha feito nada e que chamasse junta. Examinando eu isto bem e conhecendo que as duas cabeças do osso estavam separadas e cada uma tinha já o seu poro pela distância do tempo de três meses, o desenganei, dizendo-lhe que não gastasse ouro em juntas, nem em remédios, porque tudo era baldado, pois tinha o seu escravo perdido e sem esperança de remédio humano, ao que respondeu lastimado contra o autor de tão lastimoso caso as coisas, que não digo por serem indignas de papel. Despediu-se certo no que lhe disse e dissuadido da junta e de remédios, por dar crédito às eficazes razões que lhe dei.

4. Passados alguns tempos, topei este mesmo homem e lhe perguntei pelo doente; respondeu que estava na mesma forma em que dantes estava, sem se poder mover senão com a perna a rasto, e que o cirurgião o desamparara assim que lhe deu as razões que eu lhe havia dado, e que era muita verdade o que eu lhe tinha dito, por ter tudo experimentado por certo.

5. Reflexão. Este caso não podia suceder senão pelos ministros puxarem com demasiada força pelo membro, de sorte que seria, sem dúvida, a causa de ficarem as cabeças dos ossos divididas e distantes uma da outra. Portanto, quando se fizerem curas nesta parte, deve haver cautela para que não suceda desgraça semelhante, como também em todas as quebraduras não se apertarem demasiadamente as ataduras, para que o doente não perca o membro, apodrecendo-lhe por falta dos espíritos se não poderem comunicar das ataduras para baixo, o que se deixa ver apertando-se um dedo com força, que, em pouco espaço de tempo, se achará sem sentimento na cabeça dele.

reflexão

Observação V

De uma fratura em um braço acima do cotovelo, onde temos um só osso, a qual foi causa de ficar o braço pendurado pelos nervos e carne, sem governo algum

1. No ano de 1722 foi a minha casa um miserável moço pedir-me uma esmola pelo amor de Deus, porque estava aleijado de um braço por culpa de um cirurgião ou por seus pecados. Perguntei o que tinha e como lhe sucedera a lesão, ou por que causa. Ao que me respondeu que, andando com um machado, derribando mato (como fazem muitos pobres) para fazer sua roça, lhe caíra um pau naquele braço e lho quebrara; chamara um cirurgião para o curar, o qual, passados dois ou três meses, o desamparara e ficara na forma em que eu veria. Desatou uma chapa de latão que trazia para amparar aquela parte das duas cabeças do osso e, pegando eu com as minhas mãos no braço, uma pela parte de baixo, outra pela parte de cima, joguei com as duas cabeças para uma e outra banda, e achei estarem divididas uma da outra, largura de uma polegada, pouco mais ou menos, estando preso somente pelos nervos, músculos e carne. Confesso que me causou isto a maior lástima que se pode imaginar, vendo um braço sem governo algum, nem utilidade mais que andar pendurado no corpo.

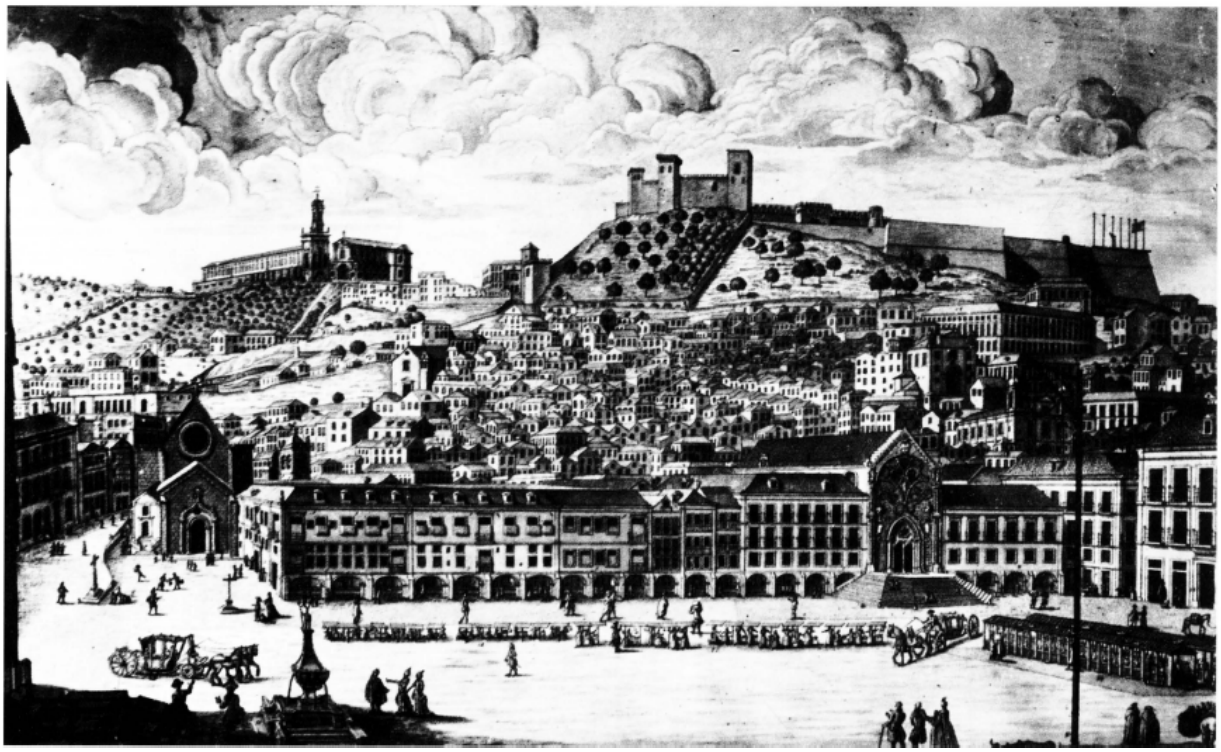
2. Do que deixo referido na cura das deslocações e fraturas se verá facilmente como se devem curar e quanto importa curá-las com toda a vigilância, assim para não apodrecerem os membros que tiverem fratura com ferida, para não perderem as vidas, como muitos têm perdido, ou cortando-se-lhe os membros, como para que não fiquem com lesões para sempre, como este e outros muitos que tenho visto, por culpa, pela maior parte, de quem os cura; e como me parece que neste clima das Minas se não deve observar outro modo curativo, me seja lícita a seguinte desculpa.

3. Não me condenem os leitores por escrever novo modo de curar deslocações e fraturas contra o método curativo do licenciado Antônio Ferreira, sendo um tão grande professor da Cirurgia, que compôs um tomo tão excelente que é a luz verdadeira e recopilado

exame de toda ela, encuendóse de estimações e prêmios, com que premiaram os senhores reis do seu tempo os seus grandes serviços e merecimentos, deixando os seus descendentes tão honrados e enobrecidos, como é notório; e, sem embargo da veneração que tenho a tal grande autor, movem-me a piedade e a consciência a dizer o que me parece melhor para os doentes deste clima, o que nele tenho observado; e me não parece fora da razão sirva também para os outros, pois as claras de ovos, os óleos, os vinagres etc. com que manda curar são remédios muito danosos nessa região por serem frios e úmidos, o que não duvido serem convenientes onde foram escritos ou naquele tempo. Mas porque a razão e a experiência me têm mostrado ser o meu método mais conveniente, por isso o exponho e aconselho com toda a clareza que me foi possível e o tempo me deu lugar, e alguma mais que o dito autor; como se pode ver, e por esta e por outras razões, disse no meu prólogo que quanto mais cresce o tempo, mais alcançam os homens; nem isto é tão sem padrinho que não tenha por si opiniões de autores graves, como são o doutor Curvo, o doutor Ribeira, o licenciado Feliciano de Almeida; e a este mesmo sentido podemos aplicar o que diz o doutíssimo Padre Vieira na sua história do futuro, que Deus, nosso Senhor, reserva as coisas para seu tempo: um só sabe pouco, muitos sabem alguma coisa e todos não sabem tudo.



Uralepis virens e Diplachene spioata. (Litografía de von Martius)



Fonte: Desenho sobre papel. Lisboa. Coleção Herdeiros do Prof. Celestino Costa. In: MOITA, Irisalva.
V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos. Lisboa: Correios de Portugal, 1992. p. 35.

Em Lisboa, Luís Gomes Ferreira completou sua formação no Hospital Real de Todos-os-Santos, onde era aprendiz no ano de 1750, e onde também fez observações anatômicas. Na gravura, vê-se a fachada oriental do Rossio, tendo em primeiro plano o Hospital e o Convento de São Domingos.



Fonte: Pormenor da farmácia do Hospital de São João de Bruges. In: MOITA, Irisalva. V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos, 1992. p. 16.



Fonte: Azeiteira e pote de barro cozido dos séculos XVII/XVIII, encontrados nas escavações realizadas em 1960 na área ocupada pelas ruínas do Hospital de Todos-os-Santos. In: MOITA, Irisalva. *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos,* 1992. p. 29, 4 1 .



Fonte: Pratos com inscrição do refeitório utilizado no Hospital Real de Todos-os-Santos. In: MOITA, Irisalva. *V Centenário do Hospital Real de Todos-os- Santos,* 1992. p.42.

A profissão de cirurgião-barbeiro envolvia a fabricação e a manipulação de medicamentos, o uso de instrumentos de cirurgia e conhecimentos básicos de anatomia. A farmácia de um hospital da época, potes, leiteiras, vasos, azeiteiras e bacias de barro cozido, tesouras e pinças cirúrgicas - instrumentos utilizados por esses profissionais - dão bem a idéia do que era o dia-a-dia dessa atividade.



Fonte: Ilustrações do século XII do livro de Cyrurgia de Theodoric Borgognone. In: LYONS, A. S.; PETRUCKLLII, R. J. Medicine: an illustrated history. New York, Abradale Press, 1987. p. 326-327.

Entre as funções de um cirurgião-barbeiro constava o conserto de ossos quebrados, sutura de feridas e pequenas cirurgias.



Fonte: KOEDIJICK, Isaac. O barbeiro-cirurgião, de Isaac. In: PORTER, Roy (Org.). *Medicina a história da cura.Lisboa:* Livros e Livros, 2002. p. 28.



Fonte: Cirurgião-barbeiro, médicos e atendentes atuando em um hospital de caridade. In: PORTER, Roy (Org.). *Medicina a história da cura,* 2002. p. 49.



Fonte: Ilustração de Luttrell Psalter (1340) mostrando um cirurgião barbeiro aplicando a sangria. In: LYONS, .. S. e PETRUCELLII, R. J.*Medicine:* an illustrated history, 1987. p. 363.

Os cirurgiões-barbeiros mesclavam as atividades de barbeiro (corte de cabelos, fazer a barba, etc.) com pequenas cirurgias, como a retirada de tumores bubônicos e a aplicação da sangria, método considerado por Luís Gomes Ferreira danoso se aplicado aos moradores das Minas Gerais.



Fonte: Afresco italiano que mostra uma botica com sua diversidade de drogas. In: PORTER, Roy (Org.). *Medicina a história da cura,* 2002. p. 79.



Fonte: Jarros de farmácia marcados Teriaga, ou Triaga, o famoso medicamento cura-tudo. In: LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R. J. Medicine: an illustrated history, 1987. p. 485.



Fonte: Cipó, desenhado por José Joaquim Freire. In: BELLUZZO, Ana Maria M. *O Brasil dos viajantes.* São Paulo: Metalivros, 1999. p.71.

A arte da cura exercida por médicos e cirurgiões no Novo Mundo introduziu na Europa novos medicamentos produzidos a partir da descoberta de plantas e ervas medicinais locais, cuja maioria já tinha sido incorporada na farmacopéia indígena. Tal foi o caso da quina utilizada no tratamento da malária, da Triaga Brasílica, desenvolvida pelos jesuítas da Bahia e do cipó.



Fonte: Os dois touros (tapeçaria des Gobelins). In: BELLUZZO, Ana Maria .. O Brasil dos viajantes, 1999. p. 109.

A diversidade das plantas, frutos, flores e raízes brasileiras foi rapidamente incorporada à farmacopeia européia. Luís Gomes Ferreira descreveu várias plantas locais, como o picão, a

amendoada, o cipó de poalha, o sapé, os jenipapos verdes, a erva-do-bicho, a cataia, a poaia, a jalapa, dentre muitas outras.



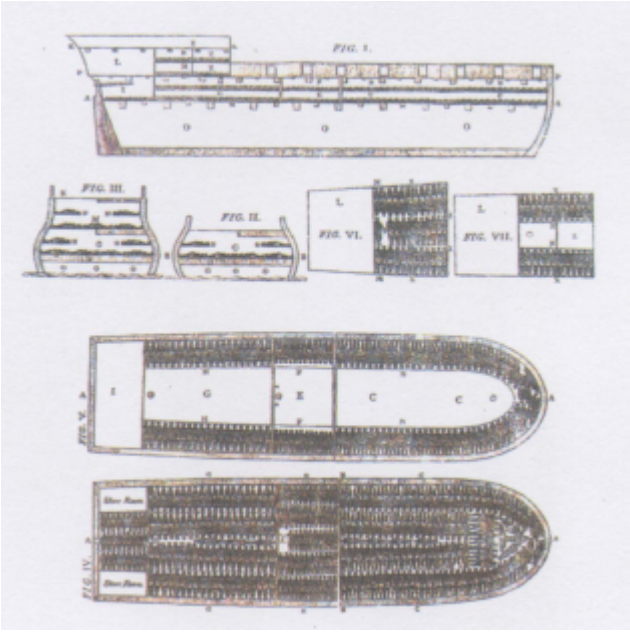
Fonte: O cirurgião negro. In: DEBRET, Jean-Baptiste. *Rio Je Janeiro:* cidade mestiça. Organização de Patrick Straumann. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 101.

No Brasil, no século XIX, com a hierarquização crescente das profissões e a valorização dos médicos em detrimento dos cirurgiões-barbeiros, estes passaram a ser em sua maioria negros. Apregoavam seus serviços nas ruas, cortando cabelos, fazendo a barba, extraindo dentes, aplicando ventosas ou realizando pequenas intervenções cirúrgicas.



Fonte: RUGENDAS, Johann Moritz. Lavagem do minério de ouro perto da montanha do Itacolomi. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A travessia da Calunga Grande.* São Paulo: Edusp, 2000. p. 471.

Segundo Luís Gomes Ferreira, o clima diferente e único da Capitania, frio e úmido, era a causa de quase todos os males, associado à alimentação, à moradia e à natureza da atividade mineradora, que obrigavam os escravos a passar muitas horas dentro da água ou no subsolo. Na ilustração, observa-se um serviço de mineração próximo ao pico do Itacolomi, perto de onde ficava a fazenda do cirurgião-barbeiro nas Minas. Nela, podem-se observar várias atividades típicas da mineração realizadas pelos escravos nos rios e córregos da região no século XVIII.



Fonte: SCHMID, Philipp. Planta e seção de um navio escravo em 1808. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A travessia da Calunga Grande,* 2000. p.371.



Fonte: Mameluca na Província de São Paulo. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A travessia da Calunga Grande,* 2000. p. 313.

Doença muito comum, particularmente entre os escravos, era o escorbuto, ou mal-de-Luanda. No *Erário Mineral,* Luís Gomes Ferreira divulgou pela primeira vez as descobertas do licenciado João Cardoso de Miranda sobre um novo medicamento para curar a doença que, geralmente, se manifestava nas longas viagens marítimas. Isso ocorria em decorrência do tipo de alimento e das péssimas condições do transporte de escravos a bordo, como se pode observar na ilustração de uma seção de um navio negreiro.

Todos os médicos que visitaram São Paulo e Minas Gerais no século XVIII também apontaram o bócio como uma doença recorrente na região.

Luís Gomes Ferreira descreveu as diversas etnias dos escravos nas Minas e as doenças que os acometiam. Segundo ele, os de nação mina eram os mais robustos e resistentes.



Fonte: DEBRET, Jean-Baptiste. *Rio de Janeiro:* cidade mestiça, 2001. Organização de Patrick Straumann. p. 114-115.

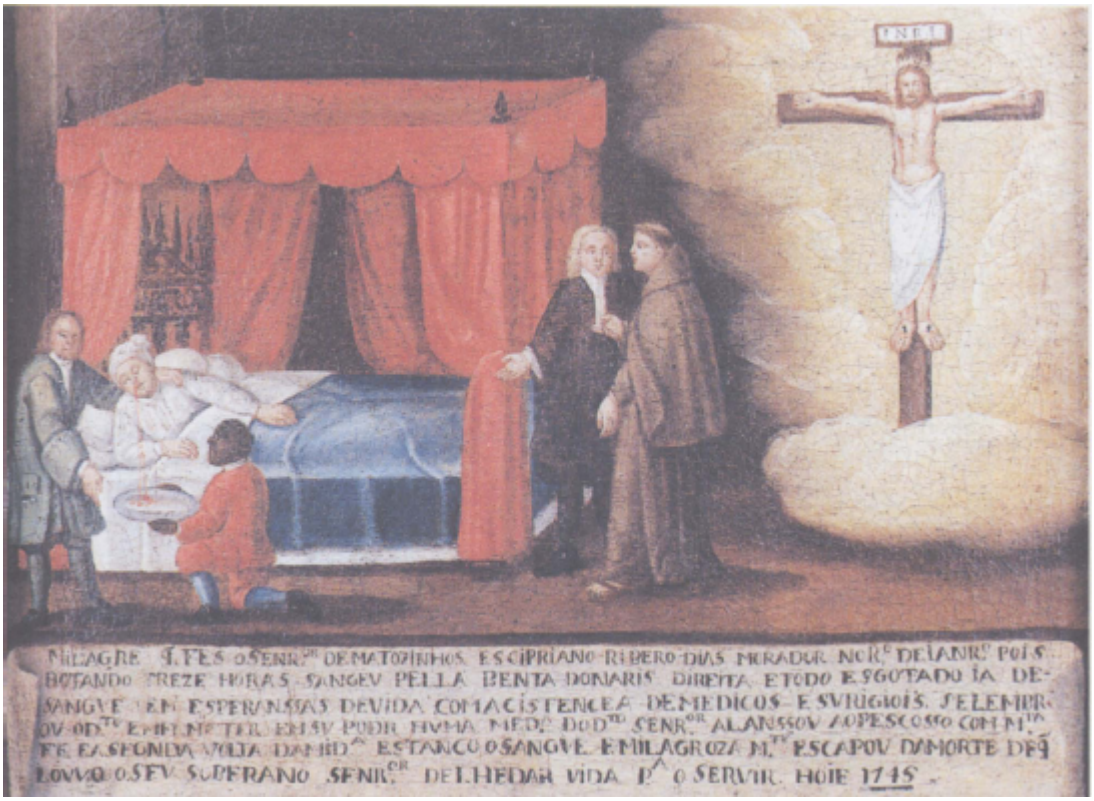


Fonte: MARTIUS, Carl P. von. Mariana e Vila Rica (atribuição). In: BFLUSSO, Ana Maria de Morais (Org.) *O Brasil dos viajantes,* 1999. p. 115.



Fonte: Planta de São Caetano. In: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, Lisboa [1732].

Mariana. Vila Rica e São Caetano foram algumas das cidades mineiras da Comarca de Ouro Preto onde Luís Gomes Ferreira viveu e atendeu seus doentes por um período. Na parte esquerda inferior da planta do arraial de São Caetano, aparece uma área de mineração onde o curso do rio foi desviado, a exemplo do que fizera Luís Gomes Ferreira na sua fazenda do Bom Retiro do Itacolomi, que ficava nas proximidades.



“Milagre que fez o senhor de Matozinhos a Cipriano Ribeiro Dias, morador no Rio de Janeiro, pois botando treze horas sangue pela venta do nariz direito e todo esgotado de sangue sem esperanças de vida, com assistência de médicos e cirurgiões, se lembrou o doente enfermo ter em seu poder uma medalha do dito senhor a lançou ao pescoço com muita fé e a segunda volta da medalha estancou o sangue e milagrosamente escapou da morte. De que louvou o seu soberano senhor de lhe dar vida para o servir hoje. 1745”. **Fonte:***Estórias de dor, esperança e festa:* o Brasil em ex-votos portugueses (séculos XVIII-XIX). Lisboa: Comissão Nacional para a comemoração dos descobrimentos portugueses, 1998. p. 53. fig. 9.

Os ex-votos são inestimáveis fontes sobre o século XVIII. Retratam cenas do dia-a-dia de onde se pode apreender, por exemplo, as crenças, o vestuário, o mobiliário, as hierarquias sociais, as profissões, as doenças e os tratamentos. No exemplar acima, pode-se observar o médico (paramentado de negro) e o cirurgião que se revezavam à cabeceira do paciente.



“Milagre que fez o Senhor de Matozinhos a Maria Angélica da Conceição que estando com um frouxo (sic) de sangue sem ter mais esperança de vida e apegando-se com o dito Sr. logo cobrou melhoras em 23 de junho de 1787”. **Fonte**: Ex-voto pertencente ao acervo do Museu do Diamante - Diamantina.



“Milagre que fez Nossa Senhora da Oliveira a Manoel da Slª. Irº. de Jerônimo […] que achando-se no Brasil indo de jornada para as Minas lhe deu uma grande febre malina que lhe aromou (sic) para o braço, de sorte que se fez junta de sete mestres em que assentou no dia seguinte pela manhã de lhe cortar o braço e vendo o irmão

logo que estava presente se pôs de joelhos com umas contas na mão pedindo à Senhora da Oliveira que acudisse a seu irmão, que não ficasse aleijado naquela terra, que lhe poria o dinheiro no que ganhasse naquele primeiro ano para lhe por no altar em uma pesa (sic) e fez a senhora tão grande milagre, que de noite suou sete camisas, vieram os mestres pela manhã para lhe cortar o braço e acharam-no são". **Fonte:***Estórias de dor, esperança e festa:* o Brasil em ex-votos portugueses (séculos XVIII-XIX), 1998. p. 63. fig. 18.



"Milagre que fez o Senhor de Matozinhos a Antônio de Freitas Matos, assistente nas Minas, padecendo uma obstrução que lhe deu em barriga d'água que chegou a ser furado 5 vezes e de cada uma tiravam 20 e tantos coartilhos (sic) d'água, com demora de 8 a 10 dias de um furo a outro e estando já mortal se apegou ao Sr., amarrando uma medida do Senhor pela cinta com muita fé logo teve saúde como também satisfez promessas que ao mesmo Sr. prometeu". **Fonte:***Estórias de dor, esperança e festa:* o Brasil em ex-votos portugueses (séculos XVIII-XIX), 1998. p. 67. fig. 21.

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

ERÁRIO MINERAL



LUÍS GOMES FERREIRA

(Volume 2)

Tratado V

Da rara virtude do óleo de ouro, das muitas enfermidades para que serve e observações de curas excelentíssimas que com ele se têm feito

1. Assim como o ouro é o soberano sobre todos os metais, assim também o seu óleo é o mais soberano remédio que até o dia de hoje se tem descoberto para curar muitas enfermidades grandes, para as quais os modernos não têm achado remédio de mais relevante virtude que este, com o qual se têm livrado muitos da sepultura, o que não seria fácil, antes muito dificultoso, curando-se com remédios galênicos, como se poderá ver em todo este tratado e observações.

2. Serve o óleo de ouro para a maior parte dos afetos cirúrgicos, como adiante se mostrará. Oleo de ouro se faz com sal, água forte e ouro, cuja receita anda em vários autores e por essa causa a não exponho. Aplica-se com uma pena, tirada primeiro a pluma quase toda que fique só na ponta coisa mui pouca dela, e qualquer pena de ave pode servir; e com o floco da dita pena molhado no óleo se faz círculo em roda do tumor, que fique todo o tumor de dentro; e também algumas vezes, para melhor fazer sua obra, se aplica em cima do tal tumor em modo de xadrez e, sendo ferida ou chaga, há de ficar todo o fundo dentro do círculo, e, quanto maior for o fundo, tanto mais largo será, de modo que, antes, fique mais largo que mais junto, a respeito de se darem os mais, porque hão de ser mais imediatos à ferida; e não se porá sobre a ferida ou chaga óleo,

pano, atadura ou roupa alguma que abafe, porquanto a parte adquire quentura e incha muitas vezes, mas, querendo-se cobrir, se lhe porá uma peneira e por cima o lençol; e não lhe chegará a roupa, sem ter passado um quarto de hora, para estar o óleo bem seco.

de que se faz o óleo de ouro

3. Ainda que alguns autores proíbem o desalterar-se as feridas com vinho, dizem outros que se pode fazer, principalmente estando sujas; eu sou do mesmo parecer e que se desalterem com aguardente quente, a qual acho mais conveniente que o vinho, pela experiência assim mo ensinar, pois o desalterar as feridas não tem inconveniente algum para que o óleo de ouro não faça a sua operação; antes, ficará a parte mais limpa e, correndo algum sangue, unirá melhor. Isto assim feito, e enxuta a parte que esteja seca, se usará do óleo na forma já dita, e a pena que uma vez servir não servirá para outra cura; advertindo que, se o óleo for bem-feito, obrará os prodígios que costuma e que adiante se verão, e, se for malfeito, obrará muito pouco.

4. O óleo se há de tratar com muita limpeza e o vidro em que estiver será de boca estreita e bem tapado que não respire ou evapore coisa alguma; e, quando se tirar a pena do vidro para se fazer o círculo, se tapará a boca com o dedo, advertindo mais que, nos tumores de matéria crassa, como são os lobinhos e as alporcas, se porá em círculo e em cima deles, em forma de xadrez, aplicando-o um dia e outro não. O mesmo se observará nos apostemas malignos, como são os carbúnculos, antrazes, cirros e cancros e, nos brandos e benignos, bastará de dois em dois dias; e, se nos apostemas de matéria fria, pondo-se um dia e outro não, estiver a parte muito cheia de óleo, se deixará passar mais um dia ou dois, e nas mais partes em que se puser se observará esta advertência.

5. É a cura deste óleo tão excelente que muitas vezes basta um só círculo para curar uma ferida ou chaga, e o que mais faz admirar é não fazer dano o ar à ferida ou chaga onde se põe, sendo comum opinião dos doutores e a experiência o mostra que é muito danoso a

elas, donde venho a entender que obra mais por propriedade oculta que manifesta; nem posso alcançar que das qualidades manifestas dos simples que leva o óleo de ouro resulte não entrar o ar em uma ferida do peito penetrante e impedir o êxito dos espíritos, quando entendo e os doutores dizem que é necessário muito grande cuidado para não entrar o ar nestas feridas por dissipar muito a qualidade vital, pois é um dos principais perigos que se consideram em semelhantes feridas; o que tudo se encerra em não deixar entrar o ar para ofender, nem deixar sair os espíritos vitais para enfraquecer. Outra prodigiosa virtude tem, que é penetrar do círculo ao fim da ferida, ou fim do dano, e trazer daí para cima a saúde tão firme, para nunca mais se sentir dano ou moléstia alguma.

6. Ultimamente, advirto que, feito o primeiro círculo, como tenho dito, se fará o segundo mais imediato à ferida ou chaga, que é o mesmo que fazê-lo mais por dentro do outro um quase nada; e o terceiro se porá ainda mais por dentro, e assim o quarto, sendo necessário.

Das enfermidades para que serve o óleo de outro

1. Serve o óleo de ouro para o fleumão, depois do doente sangrado e purgado, conforme parecer necessário, pondo-se um círculo em roda dele, que fique todo o tumor da parte de dentro, e por cima lhe façam grade ou xadrez do mesmo óleo; e, passados dois dias, lhe tornarão a fazer o mesmo e as mais vezes, até que se resolva, e, não se querendo resolver, mas antes havendo sinais de matéria, o que se conhecerá pela dor, pulsação, rigores com crescimento de quentura, se porá na parte emplasto maturativo; e, depois de aberto o tumor, também se poderá usar do dito óleo em círculo, advertindo que fique este modo de curar para todos os apostemas, que não será necessário usar de ovo quando se abrirem, salvo for na primeira cura; e, se o apostema for grande, em que seja necessário não tirar toda a matéria de uma vez, se tapará a incisão com uns fios molhados em ovo ou em aguardente, e na outra cura se tirará toda a matéria; e daí por diante se usará do óleo de ouro, alimpando

a pena por cima do tumor depois de feito o círculo, porque, feita a incisão, já não pode levar xadrez.

fleumão

2. Serve o óleo de ouro para curar furúnculos, pondo-se-lhe, ao redor e por cima, umas penadas; e, se tiver muita dureza, se porá em círculo e em xadrez um dia, e outro não, ou de dois em dois; e, se se não quiser resolver, nem romper por si mesmo, se abra e cure com o mesmo óleo até sarar; e, não querendo cicatrizar-se, se lhe porá ungüento branco, ou geminis, ou diapalma baixo do ponto com fios secos por baixo; e, se for no rosto, se lhe não ponha óleo de ouro, porque deixa os círculos impressos de cor branca que se não tiram, e, como no rosto facilmente se divisam, pode-se curar o enfermo com outros remédios.

carbúnculo

3. Serve o óleo de ouro para curar os carbúnculos depois de sarjada a pústula centralmente e na circunferência superficial, lavando as sarjaduras com aguardente quente para se dar descarga ao sangue adulto e venenoso, porque, deste modo, se não viciará tanto a massa do sangue; e, depois de bem lavadas e espremidas as sarjas e enxuta a parte, se porá o óleo de ouro ao redor, ficando todo o tumor e alguma coisa mais da parte de dentro do círculo; e por cima, fora das sarjaduras, se lhe porão algumas penadas de óleo, havendo cuidado de alimpar o sangue que for saindo. Ao outro dia, se tornará a por o óleo em círculo, repetindo as penadas, e assim se irá continuando um dia e outro não, até o enfermo sarar, advertindo que, primeiro, hão de preceder as evacuações de sangrias feitas sempre na mesma parte da enfermidade, por ser originada de humor venenoso, as que forem necessárias, conforme a grandeza do mal e as forças o permitirem, tomando também, ao tempo delas, seus cordiais. E, depois que o doente estiver mais temperado, se deve purgar com remédio brando e benigno; e, quem quiser fazer os cordiais purgativos, lhes pode ajuntar ruibarbo, agárico, polpa de canafístula ou outros semelhantes. E, depois destas evacuações feitas, conforme a cada um parecer mais conveniente, se poderá

usar do óleo de ouro, tocando com ele a pústula para ir consumindo parte da malignidade e tomando os cordiais em todo o tempo.

4. Os seus sinais são os seguintes: conhece-se pela pústula ter dureza, dor, quentura e vermelhidão, cresce com fúria e tem bexigas ao redor da pústula; o doente tem ânsias, agastamentos e não pode sossegar na cama, e algumas vezes tem delírios e os mais sintomas que costumam acompanhar as doenças malignas, porque é um tumor ou pústula tão maligna que queima o lugar em que se faz, levanta empolas e é de cor preta ou cinzenta; e, abrindo-se as empolas, fica a parte a modo de queimada.

5. Nota que nem sempre se dá carbúnculo com todos estes sinais, pois é certo que há muitos que não têm mais que a pústula, com quase nada de inflamação, e às vezes sem ela, que facilmente se curam; e há outros que são venenosos, como os ditos acima.

antraz

6. Serve o óleo de ouro para curar os antrazes, os quais não são outra coisa senão um carbúnculo arruinado ou malignado com mais graves sintomas, pois o sangue de que se faz é mais servido, podre e venenoso.

7. Os seus sinais são os mesmos do carbúnculo, com vômitos, grande febre, ânsias, desmaios e, às vezes, umas veias azuis ao redor; usar-se-á do óleo de ouro depois das evacuações universais que parecerem necessárias, assim de sangrias feitas da mesma parte, como purgas e cordiais, tudo como fica dito no parágrafo do carbúnculo, que tudo fica à prudente consideração do cirurgião que curar, usando-se também de temperantes e diaforéticos, que no antraz são muito convenientes.

8. A parte se sarjará mais profundamente para melhor evacuação do sangue grosso e servido, e se lavará com cozimento de tremoços e sal, ou melhor, será com aguardente *per se* ou misturada com espírito de vinho alcanforado, tudo morno; e, dada bastante descarga à parte, nela se porá o óleo de ouro ao redor, ficando todo

o tumor da parte de dentro; e será mais largo o círculo que no carbúnculo, porque, como é maior a malícia e se estende mais pela circunferências, é racionável que seja o círculo mais largo; e sobre o tumor algumas penadas do dito óleo.

9. No dia seguinte se tornará a pôr o óleo na forma referida e se irá continuando até o enfermo sarar, dando sempre cordiais, porque, como há venenosidade, se pode dizer que é gangrena e, se não obedecer, como tal se deve curar.

10. Não obsta que se dê inflamação no carbúnculo ou antraz, para se não pôr o óleo de ouro, porque a inflamação procede da mesma malícia do humor, e, como o óleo de ouro resolve e tira a qualidade venenosa, conseqüentemente, falta a inflamação; quanto mais que doutor João Castelo Branco manda pôr o óleo quando sobrevier dor e inflamação na parte, o que se pode ver no seu livro, página 10, e o doutor Manuel da Costa Monteiro, físico-mor das Armadas, diz no seu opúsculo que já fez esta experiência e tirou-se logo a dor e inflamação, e diz mais, que, na Universidade de Coimbra, em um companheiro que foi do doutor João de Abreu e Castro, lhe sobreveio nas costas de uma mão um carbúnculo de pústula branca (a que o vulgo chama maldita), com inflamação no braço e que quis mandar sangrar este enfermo, mas não fora possível admitir o que lhe dizia, porquanto só o queria fazer na sua terra; e, por não perder a matrícula, se resolvera a prometer-lhe saúde, sem que se sangrasse. Pôs-lhe o óleo em círculo e por dentro dele lhe deu algumas penadas e, não obstante encomendar-lhe não metesse a mão debaixo da roupa, de noite, com o frio, a recolheu e ao outro dia estava a mão e todo o braço rumoroso e inflamado que lhe meteu medo o sucesso. Contudo, tornou-lhe a pôr o óleo ao redor do tumor e deu penadas por todo o braço e mão, e tornou a recomendar, com instância, tivesse o braço fora da cama, o que fez à risca, e de tarde estava menos rumoroso e inflamado; e, continuando com o óleo de ouro somente, ficou são; só o que fez de mais dele foi adietá-lo muito e repetidas ajudas purgativas, com as quais purgava bastantemente.

gangrena

11. Serve o óleo de ouro para a gangrena, segundo diz doutor João Castelo Branco no seu livro, página 30, e se qualquer cirurgião quiser usar dele, me parece se deve usar na forma seguinte. Primeiramente deve sarjar e lavar com os lavatórios que forem mais convenientes e, melhor que tudo, na minha opinião, com aguardente do Reino, da melhor que se puder achar; e, depois de bem lavadas, espremidas as sarjaduras e enxuta a parte, se porá o óleo em círculo bem largo e por dentro dele algumas penadas, e também nas sarjas; e, se for perna ou braço, se darão penadas por toda a parte.

12. Ao outro dia se verá se a parte está mais tratável e de melhor cor, e, se a corrupção estiver parada, se não porá o óleo nesse dia, mas sempre no outro se deve pôr; e se continuará assim até o doente sarar. As penadas que se põem por dentro do círculo e nas sarjas servem para resolver o humor maligno daquela parte, e, sendo mão ou braço, as penadas que se põem por todo o membro servem também para resolver e consumir a malignidade que está espalhada por aquelas partes circunvizinhas da gangrena e defender que não venha a elas mais malignidade; mas, quando suceda que a diligência do óleo não aproveite, se lançará mão da cura da gangrena confirmada, que é separar o podre do são e lavar com aguardente e sal derretido, bem quente, pondo-lhe panos do mesmo bem quentes. Porém, vistas as observações de alguns autores, principalmente de Riverio, que curou muitas gangrenas com espírito de vitríolo e de enxofre, que são menos ativos que o óleo de ouro, daqui se infere que, sarjando, separando e lavando com a dita aguardente bem quente e enxuta a parte, usando-se do óleo de ouro se há de vencer a gangrena com mais razão, pois se deve confiar mais deste remédio que daqueles, por ser este mais excelente por todas as circunstâncias.

13. Serve também o óleo de ouro para curar o panarício, ou seja, maligno ou benigno, e, sendo necessário abrir-se o tal panarício, é grande remédio abri-lo com um palito de ouro em brasa, sendo feito

a modo de lanceta, que há de chegar até o osso, sendo o panarício maligno, que ordinariamente tem a matéria entre o periósteo (que é um panículo que cobre o osso) e o mesmo osso, que, chegando a ele, consumirá a malignidade por razão do ouro e do fogo, aonde não haverá mais corrupção, sarando com facilidade, usando-se do dito óleo.

panarício

14. Serve também o óleo de ouro para gastar e dessecar as carnes supérfluas que nascem nas unhas das mãos ou dos pés, que muitas vezes nascem por grandes aberturas que se fazem nos panarícios e outras vezes por se cravar alguma unha pela carne, ou também por outras causas.

carnes supérfluas

15. Cura-se o panarício pondo-lhe círculo e algumas penadas por cima, e a carne supérflua se cura tocando-a com o dito óleo; e, passado um dia, se tornará a tocar, e assim os mais, e com o mesmo óleo se acabará de cicatrizar. Também serve o dito óleo para curar as frieiras, pondo-lhe círculo em roda e penadas em cima; e, se tiverem chaga, se lhe porá só o círculo de dois em dois dias. Serve mais para tirar os calos dos pés e verrugas em qualquer parte do corpo, porque as gasta maravilhosamente sem moléstia, e também os calos.

16. Serve mais o óleo de ouro para curar os apostemas do lacrimal, pondo-lhe penadas em cima, pois só este grande remédio é capaz para impedir as fístulas e curá-las, e para as verrugas que estiverem nas pálpebras ou pestanas dos olhos é remédio singular e seguro, com tal condição que não chegue nada dele ao olho; e, finalmente, é soberano remédio para todos os apostemas que arrebentarem junto aos olhos, metendo-lhe o óleo dentro com a pena que chegue ao fundo da chaga, para livrar de ficar ao depois em fístula, como algumas vezes sucede, o que se fará uma e as mais vezes necessárias, em dias alternados.

carnes supérfluas

17. Serve também o óleo de ouro para todas as dores de flatos, ou sejam, na garganta, como sucedeu a uma religiosa que estava agonizando sem poder engolir coisa alguma, nem haverem já remédios que lhe aproveitassem, a qual sarou com umas penadas dele dentro de três horas. Assim o diz o doutor Manuel da Costa Monteiro lhe sucedera, aplicando-lho por não ter já para onde apelar, na consideração de ser remédio tão prodigioso para outros casos, ainda que houvesse quem lho notasse não havendo bom sucesso, o qual aplicou em forma de xadrez.

dores de flatos na garganta

18. À vista do sucedido e da atividade deste remédio, que razão pode haver para dissuadir que não seja bom para se pôr na garganta em círculo e em xadrez, como se fez no caso referido? Assim se deve usar, pressupondo as sangrias de braço, respeitando sempre o impedimento que pode haver, como gonorréia, ocasião de mênstruo, ou de purgação no parto, ou de almorreimas, que, nestes termos, se porão ligaduras fortes nas pernas ou ventosas; e, sendo sujeito robusto, se podem dar algumas sangrias no pé e no braço juntamente, tirando mais sangue do braço, que será a primeira, e menos do pé; e tomará ajudas purgativas não muito fortes.

19. Passado um dia, se porá outra vez o óleo e se irá continuando até sarar, porém, achando-se melhor, se passe dois dias sem que se ponha, pois tenho por sem dúvida há de fazer grande efeito; nem tira que se usem gargarejos refrigerantes, feitos de água de tanchagem, açúcar rosado ou sem ele, com umas gotas de vinagre ou como se dirá no capítulo da sua cura.

20. Alguns terão por paradoxo o meu dizer, porém não duvidarão que toda a intenção da cura da esquinencia é repercutir por dentro e resolver por fora, pois que melhor resolutivo há na Cirurgia que o óleo de ouro para se pôr pelas partes externas da garganta? Quanto mais que os modernos não admitem remédios adstringentes pela parte interna, senão também resolventes. Veja-se Doleo no capítulo

de angina, página 245 até página 250, e ver-se-ão as autoridades de muitos que unicamente querem remédios resolventes que abram os poros do couro e resolvam o vício, ou sal acre pelos ditos poros, pois é a causa da esquinência, coagulando os sucos e fazendo-os estagnantes, e, com os remédios incidentes, dissolvendo e resolvendo o sal acre, tira-se o impedimento da circulação do sangue e cessa a esquinencia.

21. Serve mais o óleo de ouro para curar os edemas que acontecem pela maior parte nas pernas, e são aquelas inchações que fazem covas, carregando-lhes com os dedos, mas é de advertir que, primeiro, se há de desinchar a parte com remédios quentes e dessecantes e com atadura expulsiva, que se principiará a atar da parte de baixo para a de cima, e, depois que a parte estiver desinchada (podendo ser de todo), se purgará o doente com medicamento que respeite ao humor fleumático. Depois disto assim executado, se aplicará o óleo de ouro ou, ainda que não esteja a parte sem inchação de todo, sempre se lhe porá para dessecar, confortar e segurar, para não tornar a inchar; pois é este óleo defensivo singular e resolutivo eficaz, o qual se aplicará na forma seguinte.

edemas nas pernas

22. Por-se-á o óleo em penadas por toda a perna ou toda a inchação um dia, e outro não, e, se o tumor for pequeno, se lhe dará círculo em roda, e, em cima, xadrez, e se continuará até sarar; e, no caso que o edema venha a fazer matéria (o que poucas vezes sucede), se abra com cautério de fogo antes de haver perfeito cozimento nela, porque, como é de causa fria, o cautério é excelente, pois faz a cura mais breve, e, aberto, se cure com mecha e pano de todo o ovo bem batido, as vezes que for necessário, até cair a escara; e, depois de caída, se curará com mecha e panos molhados em aguardente, com a qual cura se continuará dois ou três dias; e depois se usará do óleo de ouro em círculo da chaga, que fique antes mais distante que perto dela; e, se por fora do círculo tiver ainda alguma inchação, se lhe porão algumas penadas

e o círculo se repetirá, sutilmente, uma vez ao dia. Assim se continuará com esta cura até se digerir, mundificar, encarnar e cicatrizar.

23. O enfermo que tiver esta doença usará, desde o princípio até o fim, de mantimentos que inclinem mais a quentes e secos que a úmidos e frios, e mais assados que cozidos; o pão seja biscoitado, a água que beber será cozida com canela ou erva-doce; pode beber vinho branco, mas seja pouco; fuja de mantimentos que gerem fleumas, como são legumes, leite, que é o pior, peixe e outros semelhantes; faça exercício, principalmente antes de comer e passadas seis horas depois do jantar; o sono seja moderado, que de dia não é proveitoso.

24. Serve o óleo de ouro para curar as escrófulas ou, por outro nome, alporcas; e é de advertir que, primeiro, se há de sangrar o doente, se as alporcas tiverem inflamação e dores e, depois, se purgará muitas vezes com medicamentos respectivos ao humor fleumático e pílulas capitais, porque da cabeça é que continuamente correm à parte humores fleumáticos, e com o devido regimento.

escrófulas ou alporcas

25. Na escrófula, ou escrófulas, se porá círculo de óleo que fiquem todas dentro dele, e por cima dos tumores se porão penadas ou xadrez do mesmo óleo, o que se observará um dia e outro não, porque, como é humor frio, é conveniente aquentá-lo para melhor se resolver.

26. No caso, porém, que tomem a determinação de se madurar, se continuará com a mesma cura, até que por si arrebentem. A razão é porque a mesma matéria detida faz com que o humor endurecido se coza todo até as mesmas raízes e farão melhor ao depois; e, ao contrário, se experimenta quando se abrem antes, porque, pela dureza que fica, de ordinário não farão nunca, ou, quando o fazem, é em tempo muito dilatado e às vezes ficam fístulas irremediáveis; mas, não querendo arrebentar e havendo sinal de que a matéria faz caverna, se abra com cautério em brasa, e, se for de ouro, melhor;

e, aberta, se lhe porá círculo de óleo em roda e se irá continuando um dia, e outro não, até o enfermo sarar; mas, se tiver alguma caverna com calosidade, se meterá a pena com óleo pela caverna dentro que chegue ao fundo para a gastar, pois deste modo se tem curado muitas alporcas.

27. Serve o óleo de ouro para curar os cirros. A cura dos cirros, conforme a opinião dos doutores, se faz com bom regimento de coisas de boa nutrição e que criem bom sangue, fugindo de coisas salgadas e de águas salobras. O exercício seja moderado e durma pouco, principalmente de dia, por ser danoso, e acrescentar a matéria de que se fazem os cirros. Evite todas as paixões da alma que fazem os humores muito acres; paixões da alma são agastamentos, iras, inquietações, tristezas e outros semelhantes. Ande lúbrico do ventre, que é fazer curso todos os dias, ou naturalmente ou com ajuda. E em tudo haja muita cautela porque, adquirindo o humor acrimônia, poderá passar a cancro.

cirros

28. O cirro, falando rigorosamente, é um apostema ou um tumor duro e sem dor, quieto e sem sentimento tocando-o, e este é o verdadeiro cirro. O não verdadeiro tem alguma dor quando o comprimem; quando se faz de melancolia, tem a cor como de chumbo, com dureza; quando de fleuma, tem a cor do couro, e, quando de fleuma e melancolia, tem a cor do couro, branca e azulada e muitas vezes degeneram em cancros; porém, ainda que Antônio Ferreira, página 147, diga que o cirro que não tem sentimento não é curável, contudo, usando-se do óleo de ouro é curável, e melhor aquele que tiver sentimento, porque mais facilmente admite resolução.

sinais dos cirro

29. Mas, tornando à cura do cirro, além dos bons mantimentos de que deve usar, o exercício, se o fizer, será moderado; o sono, da mesma sorte, principalmente de dia. A causa antecedente se deve evacuar com algumas sangrias, se houver abundância de sangue

ou grande dor; purgar-se-á com medicamentos brandos e benignos, como são a confeição *Amech*, xarope de Rei e Pérsico, eletuário, indo em cozimento melancólico, conforme a idéia do cirurgião e indicações que tiver da causa morbífica e temperamento do enfermo.

30. O humor que estiver na parte se deve evacuar com remédios emolientes e resolventes, segundo a comum opinião dos doutores antigos; porém, segundo a dos modernos e a experiência o tem mostrado, a melhor cura que se deve fazer ao cirro, depois de ordenada a vida ao enfermo e a causa antecedente evacuada, na parte se porá o óleo de ouro em círculo do tumor e por cima dele, em modo de xadrez, metendo um dia de permeio e continuando até o doente sarar.

31. O doutor Manuel da Costa Monteiro diz no seu *Opúsculo* que no observação mosteiro de Santa Clara de Coimbra curara a dona Helena da Cruz de dois cirros maiores do que ovos que lhe nasceram em ambos os joelhos; e, depois de feitas as evacuações universais, lhe pusera o óleo de ouro em círculo e por cima em xadrez, metendo um dia de permeio para o tornar a pôr, e, ainda que gastou tempo, ficou sã sem mais outro remédio; e depois de estarem os tumores de todo desfeitos, continuou com o óleo mais alguns dias para que lhe não ficasse alguma relíquia do humor que fazia o cirro e tornasse a reincidir. Desta observação se infere o quanto poderoso é o óleo de ouro para dele se fazer confiança e não se enfadarem os cirurgiões de o porem, vendo que lhe não obedeça logo, e dela se pode fazer o exemplo para os cancros do peito ou em outra parte, pois, no princípio, é sem dúvida que, sendo o óleo bom, os há de vencer.

32. Serve o óleo de ouro para curar os cancros. O cancro é um apostema melancólico, duro, redondo e fusco que se faz de melancolia não natural, adulta e requeimada. Conhece-se porque se vê um tumor duro, redondo e fusco; cresce com fúria e atormenta a miúdo, quente e doloroso; principia do tamanho de um grão ou fava e depois cresce com veias ao redor, cheias de sangue melancólico,

que parecem pernas de caranguejo. O doente padece agastamentos, inquietações e desmaios, e ordinariamente nascem nos peitos das mulheres e algumas vezes nos dos homens, e outras vezes nas mais partes do corpo, suposto menos; e também onde nascem muitas outras vezes é na cara, ou por nascida ou por alguma chaga irritada de medicamentos fortes.

cancro

33. Os cancros em o princípio têm muita dificuldade de se conhecer pela confusão dos sinais, principalmente não havendo experiência, e sempre são dificultosos de curar, pois só no princípio, enquanto são pequenos, poderão ser curáveis, e depois de grandes, de nenhum modo se curam, pelas grandes raízes ou pernas que têm lançado; os que estiverem junto de membro principal ou em parte onde se não possam cortar as raízes, que sempre é mau fazer esta obra, salvo forem pequenos e que se não possam vencer com óleo de ouro, sempre são mortais pelo tempo adiante.

34. Cura-se com o bom regimento, fugindo de todas as coisas que possam gerar o tal humor, como são as salgadas, feculentas e amargosas. Use de mantimentos frios e úmidos, fáceis de digerir, como alface, borragens, peros assados, ameixas, frango, franga, galinha, cabrito, vitela, ovos brandos passados por açúcar; o sono seja moderado, evite as paixões da alma, que esquentam muito os humores, e ande lúbrico de ventre.

cura dos cirros

35. A causa antecedente se deve evacuar com sangrias, havendo enchimento de sangue ou dor, e, se for por falta de evacuação de almorreimas, se farão no pé da mesma parte ou também se por falta dos meses. Purgar-se-á a miúdo com medicamento brando e benigno, como são as ameixas de sene, o maná e outros semelhantes. A causa conjunta dizem os doutores que do cancro escreveram que não tem cura regular, senão paliativa.

36. Hipócrates, livro 6, aforismo 38 diz que os cancros, se os curam, morre o enfermo mais depressa, e se se não curam, vive mais. Mas Hipócrates fala do cancro confirmado e não do cancro no princípio, que é do tamanho de um grão ou fava, porque, nestes termos, não se conhece com facilidade e por falta de conhecimento é que morre muita gente, por se não curarem no seu nascimento, pois, nesse tempo, são curáveis, o que se confirma com o caso seguinte: Diz o doutor Manuel da Costa Monteiro, no seu opúsculo, que na Universidade de Coimbra o doutor José Borges, que de presente é provisor em Évora, sujeito melancólico e adusto, teve um tumor no peito, abaixo da teta, do tamanho de uma fava, de cor fusca; sentia ardor e algumas picadas com ânsia, lançava uns raios muito sutis ao modo de pernas. Fez-se consulta perante o senhor doutor José de Melo com alguns lentes da Universidade. Votou o dito Monteiro que era cancro; formaram-se várias idéias contra o seu parecer, resolveu-se que não era cancro; o doutor Manuel da Cruz, que foi do mesmo voto que o era, buscou os livros com muita atenção e, achando o caso segurado, advertiu ao senhor doutor José de Melo que não tinha dúvida o ser cancro, à vista do que curou-o o dito Monteiro na forma seguinte:

observação

37. Em roda do tumor fez círculo de óleo de ouro e em cima dele fez xadrez, e indo ao outro dia, achou o cancro da parte de fora do círculo fugindo para a parte de cima; tornou a fazer novo círculo e mais largo. No dia seguinte estava também da parte de fora do círculo, porém mais pequeno; e ultimamente o foi seguindo, até que, junto ao osso da fúrcula do pescoço, o acabou de consumir com o dito óleo de ouro; e de tal forte ficou são que jamais teve repetição alguma.

cura de um cancro

38. Se houvera desprezo neste tumor, criando raízes, como se havia de curar, que, depois das raízes lançadas e infiltradas, a sua cura era o mausoléu e teria por epitáfio o mesmo desprezo; e, por isso, o mesmo Hipócrates diz que se não curem, porque mais depressa

morrem. Ainda que se diga que alguns se curam, seria no princípio; muitas curas destas se têm investigado, porém a todas sucedeu a morte. Devem os cirurgiões fazer muito apreço dos tumores que nascem nos peitos das mulheres e homens, ainda que lhes não pareçam cancros, a fim de os curarem logo no princípio, pois a experiência lhes está mostrando os danos que resultam da tardança.

39. O cirurgião Manuel Carvalho Leitão, morador em Lisboa, a São Cristóvão, cortou um peito por causa de um cancro e queimou a parte com cautério de fogo e, não obstante cortar bem centralmente que lhe ficaram as costelas à vista, ficou em uma chaga plana que, ao passo que prometia melhorar, tornava a reincidir a malícia e finalmente morreu. Outros homens vieram à Corte a curar por insignes e o fim sempre foi mortífero, ainda que, à flor da terra, aparentemente mostrassem alguma melhora.

observação

40. Suposto que o cancro se cure também por obra de mãos, no que não concordo, só se for mui pequeno, mas este melhor cura tem e mais segura, com óleo de ouro, ainda tendo raízes, ao que me acomodo, porque com o óleo se se pode curar, grande felicidade, e, quando não se cure por ter tomado força ou as raízes forem grandes, se não segue prejuízo ao enfermo, como se pode seguir da obra de mãos, o que claramente se colhe do caso que fica referido, porque, de outro modo, se vem a cair no aforismo de Hipócrates e morrem os enfermos mais brevemente; e muitas vezes a facilidade, no princípio, com que se deixam à disposição do tempo é a causa de se não curarem, porque, ao depois, nem consultas, nem remédios aproveitam. Logo no princípio é que se há de cuidar no conhecimento deste apostema e chamarem-se homens doutos e de experiência para a verdadeira resolução, e fazer-se o que for mais conveniente.

41. Serve o óleo de ouro para curar as feridas do peito penetrantes, e muito mais seguro e mais facilmente curará as que o não forem, e também as que forem dadas pelas costas, que tudo é o mesmo,

sendo penetrantes ao vão do peito, o que se conhecerá pelos sinais seguintes:

feridas do peito penetrantes

42. Conhece-se a ferida ser penetrante pela falta de respiração, porque o ar que entra pela ferida dissipa o calor natural, debilita o coração, de modo que se não pode ventilar, e, por isso, a respiração, tão necessária para a vida, se não pode bem exercitar. Conhece-se também porque, tendo o doente a boca fechada e narizes tapados, sairá pela ferida o ar, o que facilmente se conhecerá pondo-lhe uma luz na boca da ferida, porque se apagará ou se verá o movimento que o ar fará na dita luz; ou também pondo na boca da ferida um espelho, saíra manchado; ou também se percebe muitas vezes pondo a mão sobre a ferida, logo a ela corresponde o ar; ou, posto um pequeno de algodão estofado sobre a boca da ferida, se moverá; e se da ferida não sair sangue, também é sinal de ser penetrante, porque o sangue que havia de sair para a parte externa corre para o vão do peito.

sinais de serem penetrantes

43. Conhece-se também a ferida ser penetrante pelo peso e graveza que o doente sente da parte ferida, tosse contínua e seca, lançar alguns escarros de sangue, ter ânsias e febre e deitar-se melhor da parte ferida que da contrária, porque o sangue que está extravasado no vão do peito, virando-se o doente para o lado contrário da ferida, carrega sobre o mediastino, que é um panículo que divide o peito pelo meio, de alto a baixo.

outro sinais de feridas penetrantes

44. O uso da tenta de ferro ou de prata é muito terrível para conhecer a penetração e sempre se deve abominar pelo dano que pode resultar de não ser penetrante e fazê-la facilmente, quanto mais que, para conhecimento se é penetrante ou não, é coisa ociosa, porque logo sairá o ar ou haverão alguns dos sinais que ficam referidos; e, quando os não tenha por onde entra a tenta,

facilmente sai o ar, que é o sinal mais certo de penetração; e se há grumo de sangue ou penca do bofe, que, pegado às costelas, sirva de impedimento para não sair o ar, a tenta não há de entrar no vão, como adiante referirei um caso, que, não entrando a tenta, se lhe pôs um círculo de óleo e lançou grande cópia de sangue, de que fui testemunha; e muitas vezes é a ferida tortuosa e estreita ou está alterada e tumorosa do ar, e não pode entrar a tenta, e o ar sai por ela por ser um corpo muito sutil; quanto mais que estes impedimentos para a tenta são algumas vezes para o ar não sair; e, se assim acontecer, para que a tenta, senão para fazer maior mal ao enfermo? Além do que, algumas vezes, não une a ferida por se lhe meter tenta, pois de molestarem a carne, músculos, nervos e tendões se inflamam as feridas, apostemam e vêm sintomas que afligem muito ao ferido quando não têm perigo, o que é mui ordinário nas feridas. A verdade é que, se a ferida for capaz, não há melhor tenta que o dedo, porque não molesta e percebe o dano que há com facilidade.

tenta de ferro ou de prata não é o melhor uso

45. Ultimamente, veja-se o que diz Alcaçar, no livro 3 das feridas do peito, página 133, que não se busque a penetração com a tenta, porque é perigoso; o mesmo diz Daça, capítulo 12 das feridas do peito, página 290, que não é remédio seguro a tenta, porque, se não há muito sentido, se rompe a pleura e se faz a ferida penetrante, não o sendo, causa por que manda que se use de velinha de cera, das que se usam nas carnosidades; e eu dissera que também se pode usar de tenta de chumbo, da qual eu uso há mais de vinte anos, por serem as mais mui ásperas e perigosas e esta mui dócil e benigna, nem a tenta é sempre certa para o conhecimento das feridas ou para onde caminham, porque, no nosso corpo, dão-se caminhos por onde pode passar a tenta, e cuidarmos que para aquela parte caminha a ferida, quando a arma fez a ofensa para outra. Diz o doutor Manuel da Costa Monteiro, médico e cirurgião, no seu *Opúsculo Cirúrgico*, folha 207, que, curando uma ferida penetrante, metida a mecha e posta a prancheta e pano, tudo se movia, e a causa era por estar saindo o ar pela ferida, porque a

mecha não foi pelo caminho da penetração, e se uma mecha, que é muito mais grossa que a tenta, teve diverso caminho e o enganou, por que não enganará a tenta milhares de vezes a outros? Advirto que se não use de tentas de parafuso, pois pode suceder não ser boa a tarraxa ou a cabeça da tenta pegar dentro de alguma coisa e ficar a metade dentro do peito; e a mim me parece ocioso tenta tão comprida, pois, para o cirurgião curar uma ferida ou chaga, não é necessário penetrar tão grande fundo, nem estar molestando o enfermo, basta somente conhecer que é penetrante. Finalmente, a tenta, na mão de quem a não sabe usar, é instrumento que molesta, fere e mata. *Falop.*, capítulo 12, página 214, diz que o cirurgião deve ter singular cuidado no conhecimento da penetração das feridas do peito, porque pode imaginar que não é penetrante e enganar-se por faltarem os sinais, o que não sucede poucas vezes a grandes homens e a mim já me sucedeu o mesmo, que do sétimo dia por adiante principiam os sinais de se converter, mudando-se o sangue em matéria, por se cuidar não era penetrante.

tenta de chumbo é a melhor

observação de uma cura feita, e se moviam os apositos por *causa* do ar, que *respirava* pela ferida

a mecha foi por um caminho e o dano era por outro

46. Em Lisboa sucedeu há muitos anos a um enfermeiro, na rua das Parreirinhas, a que assistiam aos cirurgiões da câmara del-rei, ter uma ferida pela parte posterior, que são as costas, e, passando até o seteno bem, neste dia teve tosse, a qual foi crescendo, e no onzeno começou a ter os sinais de matéria no vão do peito, e no vinte e um dia faleceu. Pode qualquer enfermeiro principiar a ter estes sinais no quarto dia ou mais tarde, conforme a mais ou menos quantidade que tem e vai caindo no vão, pois os sintomas do sangue extravasado vêm mais depressa sendo muito, e sendo pouco vêm mais devagar.

observação

47. Conheceremos que há matéria no vão do peito pela tosse, anélito ou bafo fétido e com dificuldade, peso sobre as costelas espúrias ou mendosas da parte ferida, grande febre e ansiedade; os panos da ferida vêm também com ruim cheiro ou com matéria; se se deita da parte sã, tem muita dor e da parte ferida tem mais alívio.

sinais da matéria no vão do peito

48. Conheceremos que o coração está ferido pela frialdade das partes externas, o sangue que sai será negro, suor frio, prostração de todo o corpo, pulso muito débil, a cor do rosto palidíssima, o lugar da ferida junto da teta esquerda; e também pode ser a ferida no coração, ainda que seja em qualquer parte do peito.

coração ferido

49. Estando o bofe ferido se conhece pelo sangue que sai ser vermelho com escuma, o enfermo se escandece e tem muita tosse, respira com dificuldade e zunido, e o lugar da ferida será nas ilhargas do peito.

bofe ferido

50. Se o diafragma estiver ferido, haverá dor sobre o espinhaço, a respiração pouca e apressada, tosse grande com zunido e dolorosa, alienação do entendimento, o escarro lívido, sede, fastio, rigor pungitivo e algumas vezes, espasmo; e o lugar da ferida junto das costelas mendosas ou espúrias.

diafragma ferido

51. Se estiver a veia cava ferida, se conhece porque o sangue que sai é negro e em muita quantidade, por ser veia muito grossa, as forças se debilitam e diminuem apressadamente, grande peso e os mais sinais de sangue extravasado com maior força e a ferida será junto do espinhaço, da parte direita, donde corre a dita veia.

52. Estando ferida a artéria magna, o sangue que sair será rubicundo, delgado e muito quente; sai com força e de salto, o enfermo se enfraquece com muita brevidade, as extremidades se esfriam e morre apressadamente; a ferida será da parte posterior, que são as costas, junto ao lado esquerdo; e quase a mesma brevidade de morte se vê estando a veia cava ferida, pelo muito sangue que se extravasa no vão do peito, que em breve espaço de tempo se sufoca o enfermo.

sinais da artéria magna ferida

53. O espinhaço ferido se conhece porque logo sobrevem espasmo, o doente se não pode ter em pé, dores grandes no lugar ferido; o entendimento se perturba, não dizendo coisa certa, e, tendo ofendida a sustância medular, serão os sintomas mais fortes.

espinhaço ferido

54. Os prognósticos destas feridas, dizem todos os autores que delas escreveram, que todas são perigosas, sendo penetrantes, e, tendo algum membro interno ferido, é muito mais eminente o seu perigo; havendo os tais sinais, se deve logo sem demora mandar sacramentar o enfermo. As que não tiverem membro interno ofendido são perigosas pelo ar que recebeu a cavidade do peito e a vital do coração, por este dissipar muito o calor nativo e também por estar cortada a pleura, que é um panículo que forra as costelas por dentro, de sustância nervosa e dotado de muito sentimento, por cuja causa se inflama muitas vezes e algumas se gangrena e morre o doente.

prognósticos de todas as feridas

55. As que têm membro interno ferido é muito apressado o seu perigo, sendo o dano muito, e, sendo pouco, não será com tanta pressa, e, além dos sintomas que ficam ditos, têm mais adjuntos os que sobrevierem por causa do tal membro que estiver ferido, porque, de ordinário, são mui fortes os acidentes, ainda que, me persuado, sendo o dano pouco em membro interno, sendo curada

com óleo de ouro bom, pode livrar o enfermo, como a experiência o tem mostrado, por ser o óleo de ouro prodigioso, como adiante mostrarei.

Como se devem curar estas feridas

56. Há dúvida entre os doutores se as feridas do peito penetrantes hão de ser curadas, no princípio, abertas ou fechadas. Dizem uns, como Lanfranco e outros, que se devem curar abertas, metendo-lhe mecha para melhor expurgar o sangue extravasado do vão do peito, que necessariamente se há de converter em matéria e matar o enfermo. Guido e outros não admitem esta doutrina porque pretendem tirar o sangue extravasado e curar a ferida, unindo-a com pontos, razão por que usam de ponto de laçada para abrirem a ferida, sendo necessário, e fazerem emborcação.

57. O que suposto a melhor opinião que se deve seguir é curar as feridas fechadas com costura, dando-lhe um ponto de laçada e, se a ferida for larga, se darão alguns encarnativos, porém sempre um de laçada para se desatar sendo necessário para fazer emborcação, havendo sinais de sangue extravasado; ou quando, na primeira cura, se não puder tirar todo o que houver ou que depois cair no vão, dando-se primeiro que se faça a emborcação, a beber ao enfermo uma boa xícara de posca aquosa, que é vinagre destemperado com água, em forma que se possa beber, para desengrumar o sangue que está fora dos seus vasos, para sair melhor por meio da emborcação. Esta posca aquosa mandam os autores antigos, e eu dissera que, se desse a beber uma xícara de água de chá, não muito tinta, ou de água de raiz de capeba pouco cozida, porque, se a posca aquosa se dá para descoalhar o sangue, levando o vinagre, que, além de ser frio, é irritante, com mais razão se deve dar qualquer das águas sobreditas, pois são muito vulnerárias e nada têm de frias; e, se me disserem que estas águas são quentes e que não convêm remédios quentes, respondo que só os quentes, não sendo em sumo grão, são capazes de volatilizar o sangue, para que saia melhor; quanto mais que, como não é bebida continuada, não pode inflamar com facilidade. Dada qualquer das

bebidas sobreditas, conforme parecer aqui curar, e havendo ministros que ajudem, se fará emborcação ao ferido, meneando-o com a ferida para baixo com muita brandura e suavidade, tendo os pés mais altos alguma coisa que a cabeça e com a tenta de chumbo que eu dizia, dentro na ferida, com muito grande vigilância para não molestar muito ao enfermo. Feitas todas as diligências possíveis, estando em casa bem recolhida e livre do ar, se virará o doente de costas, tendo sempre o cirurgião a mão em cima da ferida para que lhe não dê o ar, se curará na forma seguinte:

posca aquosa

água de chá ou água de raiz de capeba para descoalhar o sangue

58. Estando tudo assim feito, se lavará e desalterará a ferida com aguardente do Reino quente, que é melhor que tudo o mais, e depois se lhe dará um ponto de laçada e, sendo necessários mais alguns, serão encarnativos, e se lhe porá em cima um pano dobrado molhado em clara de ovo, estopada do mesmo, e por cima panos de vinagre destemperado, atadura larga e bem cosida.

59. Passadas algumas horas, se sangrará, no braço correspondente na veia da arca, e as mais vezes necessárias, respeitando as forças. Tomará açúcar rosado a toda a hora, às colheres, e os mais engrossantes, como são xarope de rosas secas e de murtinhos, ou de maçãs de anáfega, e o mais que dizem os autores, como Antônio Ferreira e outros. Evite todas as paixões da alma, como ira, tristeza e o mais que puder inquietar o ânimo, porque lhe serão de grande dano. Comerá coisas de sustância e de boa nutrição.

sangrias engrossantes e paixões da alma

60. Se a ferida for estreita que, por esta causa, não saia o sangue, se não continuem as emborcações, que molestam muito aos enfermos e perdem as forças, sem que primeiro se dilate mais a ferida, abrindo-a com um apostemeiro para a parte que for mais conveniente, ou, sendo tortuosa, conforme a tortuosidade, o que fica

à prudente consideração do cirurgião que curará e sua inteligência; larga a ferida, se fará a emborcação e curará como está dito. E, se acaso não sair o sangue por causa de grumos de sangue que tapem a boca da ferida, se lave com aguardente quente e se seringue com ela, que é maravilhoso remédio, para que, chegando ao grumo de sangue, o dissolva e adelgace, e sair melhor por meio da emborcação que se fizer.

ferida estreita, ou tortuosa, se alargará

seringar com aguardente, havendo grumos de sangue

61. Deixadas outras muitas razões que tenho por escusadas na consideração do remédio de que quero tratar para curar estas feridas, pois é o mais excelente e soberano que o engenho dos homens podia excogitar, o qual é o mesmo de que vou tratando, isto assim suposto, passo a dizer que, se os moradores das Minas soubessem o que é o óleo de ouro, não haveria nenhum que quisesse estar em sua casa sem este grande remédio para as ocasiões que se lhes oferecessem; e, se houver algum cirurgião que, tendo notícia do que ele é, ainda cure feridas de peito penetrantes sem que seja com óleo de ouro, não terá desculpa alguma e se fará homicida das vidas que por essa causa se perdem e o cargo de consciência não será pequeno; além do referido, escusarão os doentes de padecerem tantas moléstias com as curas galênicas, podendo se livrar delas, ou ao menos da maior parte, curando-se com o óleo de ouro. Além disso, se podem livrar muitos de morrer empiemáticos, ficando com fístulas lançando matéria, que são incuráveis, como já vi.

moradores das Minas não devem estar sem óleo de ouro

o cirurgião que não curar com óleo de ouro se fará homicida

62. Usar-se-á, pois, do óleo de ouro na forma seguinte: Havendo sangue extravasado, se fará emborcação, como fica dito, e, tirado o

sangue que comodamente sair sem fatigar muito ao doente, se lavará a ferida com aguardente quente, e, depois de bem lavada, limpa e enxuta, se lhe porá círculo do óleo, que tome tanto de circunferência à roda da ferida como a ferida tiver de fundo; e sempre será bom acerto que fique antes mais largo, havendo muito cuidado de alimpar o sangue que for saindo, ou matéria, se se usar do óleo em tempo que a haja, porque faz crostas que, tiradas, fazem escoriações, e, como se há de continuar com o óleo, molesta-se o enfermo pelo ardor que lhe faz. Posto o círculo como tenho dito, se lhe não porá em cima da ferida coisa alguma, se não só a peneira, como fica dito no princípio deste tratado, para que não chegue roupa à boca da ferida, nem ao óleo. Feito isto, e passadas algumas horas, se sangrará o doente no braço e se lhe ordenará o regimento que fica dito, e tome os seus engrossantes.

como se usara do óleo de ouro

63. Mas, se feitas as diligências com muita moderação a ferida não quiser lançar sangue, ou seja pouco, se lavará com aguardente, dando-lhe uma seringada com ela morna, e, enxuta, se lhe ponha o círculo de óleo e deixe-se estar com a boca da ferida inclinada para baixo por algum tempo, porque, se houver sangue extravasado, com estes remédios logo começará a sair pela ferida fora, como já vi e logo mostrarei.

circulada a ferida com óleo de ouro, logo se irá o sangue extravasando, se o houver

64. Saindo o sangue, como digo, se deixe correr bastante, e, querendo ainda correr mais, se dará ponto de laçada com qualquer parche de emplasto em cima para o impedir, porque não se tirará todo de uma vez, quando for muito; mas, passadas algumas horas, se tornará a por outro círculo, e inclinará a ferida para baixo para ver se quer sair todo o resto que dentro houver, com o ponto desatado; e, ainda que não queira sair, nem por isso se desanime o doente, ou quem o curar, e se cometerá a natureza, que ela, como melhor mestra, o regulará por outros caminhos; e se continuarão os círculos todos os dias uma vez, até o doente sarar, advertindo que todos os

círculos que se forem pondo hão de ser sempre pela parte de dentro do primeiro, como se diz no princípio deste tratado; e se continuarão as sangrias conforme a febre e as forças, e os engrossantes com bom regimento, e nesta forma, justamente, pode o doente confiar na graça de Deus e neste grande remédio que há de alcançar a saúde tão amável e tão desejada. Atrevo-me a dizer isto, assim pelo que fica dito, como pelas seguintes observações:

65. Diz o doutor Manuel da Costa Monteiro, no seu opúsculo, que, na Universidade de Coimbra, curara a um criado de Rodrigo de Melo, irmão do conde de São Lourenço, o qual recebeu um tiro de um bacamarte no peito, que o passou da parte das costas à parte dianteira, e, tendo no peito uma grande brecha, o curou com óleo de ouro, pondo-lhe os círculos na forma referida, e sarara perfeitamente.

observação

66. Na mesma universidade diz que curara uma facada no peito penetrante com o dito óleo e sarara a um companheiro de Lourenço de Castro, natural da Cidade da Bahia. Ao mesmo Lourenço de Castro curou e sarou de uma estocada penetrante no ventre com o zirbo de fora, que é a gordura ou redenho que cobre as tripas, o qual meteu para dentro, coseu a ferida toda com pontos encarnativos e lhe deu os círculos necessários, cortou os pontos a seu tempo e sarou.

observação

67. Na praça de Mazagão diz que curara muitas feridas de bala, passando o corpo de uma a outra parie, com o óleo de ouro.

observação

68. Na Corte diz que assistiu, com André da Silva, cirurgião do conde de Vilaverde, a um menino de idade de três anos, filho de Salvador Monteiro, que foi oficial da Secretaria das Mercês, o qual tinha na cabeça uma ferida contusa, não só com as membranas do

cérebro cortadas, mas ainda a mesma sustância do cérebro derramada pela ferida fora, que todos os de casa viram; teve motos convulsivos e vômitos contínuos que ao seteno lhe pararam, e escapou da morte, curando-se com óleo de ouro em círculos, como fica dito.

observação

69. Agora entram as minhas observações, que também se não envergonharam de aparecer.

70. Na Corte de Lisboa, morando eu em casa do licenciado Francisco dos Santos, ao Remolares, cirurgião do número da Enfermaria Real do senhor rei dom Pedro, que Deus tenha em descanso, uma noite, fora de horas, bateram à porta dois estrangeiros e, abrindo-a pelos conhecer, entraram com outro estrangeiro, a meu parecer morto, pegando um pelos pés, outro pela cabeça, e, pondo-o no meio da loja, chamei o dito cirurgião dono da casa, o qual, vindo abaixo, tenteou a ferida que tinha no peito e, não entrando a tenta, estando o doente sem dar acordo de si, lhe pôs um círculo de óleo de ouro e me disse que estivesse acordado até aquela ferida lançar bastante sangue, que logo assim o faria; e que, tanto que visse correr bastante pela casa, lhe desse um ponto de laçada; fiquei de sentinela, e, passado pouco tempo, começou a sair tanto sangue pela ferida que parecia um grande fluxo; depois que vi tinha corrido bastante, lhe dei o ponto de laçada, com que parou, e me fui deitar.

observação de uma estocada, virtude atrativa admirável do óleo de ouro, que fez expelir o sangue extravasado que dentro havia

71. Pela manhã, quando me levantei, deixando dois passeando, que eram os sãos, achei três, andando o ferido em passeio junto com os dois, ombreando como se não tivera tal ferida. Veio para baixo o patrão dizendo que o curaria e faria todos os gastos naquela casa, e lhe prometeu saúde abaixo de Deus, o que ele não aceitou, dizendo que já tinha um crime grande, por ser tenente de uma nau da rainha

Ana e ter dormido fora dela, e que para ela havia de ir curar-se; apertou com ele o dito cirurgião, dizendo que tinha uma ferida perigosa, se queria curar-se em sua casa havia de sarar, por não ter sinais de membro interno ferido, e, se fosse para sua nau, curando-se com os seus cirurgiões, havia de morrer. Com efeito, foi e, ao terceiro dia, faleceu, o que certificou o dito cirurgião, porque, indo vê-lo ao terceiro dia, o achou morto.

72. Desta observação se pode inferir a rara virtude do óleo de ouro, assim para atrair o sangue extravasado das feridas do peito penetrantes, como em pôr o enfermo a pé, com tantas forças como os que estavam sãos, porque, assim que os dois companheiros puseram o doente deitado no meio da casa, quase de todo nu, pelo malfeitor ou malfeitores o terem despojado de seus vestidos, vindo da casa do jogo, assim, e da mesma sorte que estava, se lhe pôs o círculo de óleo, e assim ficou nu exposto ao ar e ao frio, sem se lhe fazer emborcação, nem se cobrir com coisa alguma mais que um roupão que outro lhe lançou em cima. E depois me disse o cirurgião que assim costumava obrar aquele remédio e que, aonde se punha, não havia ar que lhe chegasse.

73. No ano de 1707, estando eu na Cidade da Bahia, deram de noite uma estocada pelas costas a um capitão de um navio do Porto, que lhe passou a espada à parte dianteira e saiu por baixo da teta esquerda; mas, não se contendo ainda com este dano, ofendeu muito bem o pulso da mão esquerda, por ir com a sua espada debaixo do braço. Curaram-se com óleo de ouro ambas as feridas e ambas sararam admiravelmente, ficando tão são que, depois, tornou à mesma cidade no seu navio, sem moléstia alguma, de que sou testemunha de vista porque o ajudei a curar e se lhe fizeram algumas emborcações brandamente.

observação de uma estocada que passou das costas ao peito e ofendeu o pulso da mão esquerda

74. Achando-me na mesma Cidade da Bahia, no mesmo tempo, sucedeu que, indo dar-se uma música de noite ao capitão do navio chamado Alamoda, que essa mesma viagem deu à costa, junto à

Viana, desceu abaixo o cirurgião da mesma nau por conhecer o seu escrivão que acompanhava a dita música e, saindo à rua, se pôs a urinar, próprio de quem se levanta de dormir; neste mesmo tempo lhe inclina o escrivão um estoque pela parte de detrás e disse: "Guarda, cirurgião, que te mato." Com esta palavra tão malsoante, se virou com violência e se meteu no estoque, o qual lhe entrou pela nuca, ou, por outro nome, cova do ladrão, e lhe saiu a uma maxila ou maçã do rosto; caiu, e se foi tanto o sangue que por pouco não expirou; chamaram-me e a outro cirurgião, que também se perdeu na nau-guia, da qual não houve mais notícia, vindo com o tal Alamoda para Portugal, ambas de licença; desalteramos a estocada por uma e outra banda com vinho tépido, e melhor fora com aguardente se então tivera a notícia que hoje tenho, e, desalterada e seca, lhe pusemos panos de clara de ovo e por cima outros de vinagre destemperado, para tomar o sangue, que já não era muito; não se sangrou porque tinha lançado um rio de sangue.

observação de uma estocada que passou da nuca a uma maçã do rosto, curada com óleo de ouro

75. No outro dia lhe pusemos círculo de óleo de ouro em ambas as bocas da ferida, na nuca e na maçã do rosto, ordenando-lhe quietação e bom regimento. Quando lhe fizemos a primeira cura, que seria meia-noite, não falava, mas, na manhã seguinte, quando lhe pusemos o óleo, falava já alguma coisa. Assim fomos continuando com os círculos todos os dias, uma vez, para o que lhe pusemos o primeiro mais largo, e os outros por dentro dele, e foi coisa de admiração, porque, sendo a nuca a origem e fonte donde nascem todos os nervos do nosso corpo, não teve este doente acidente algum convulsivo, que era o que mais temíamos, e ser a convulsão o que o levasse à sepultura; mas foi Deus servido que sarasse admiravelmente, para ir morrer dado à costa, onde fica dito, não se salvando (de perto de quatrocentas almas) mais que três homens, dos quais um pegado na unha de uma âncora, por sair com um pedaço do navio, ileso, sem ferida alguma, embarcando-se logo em Lisboa para a dita cidade, onde deu as tristes novas do naufrágio, aonde eu ainda me achava.

76. Nestas Minas do Sabará, tendo o capitão Matias Barbosa da Silva umas razões com o brigadeiro João Lobo de Macedo, remeteram o caso às mãos repentinamente, de que resultou ficarem ambos feridos, porque cada um tinha a sua faca com que fazia o que podia. Ficou o brigadeiro com uma facada junto ao embigo, não penetrante, e o capitão com outra no bucho do braço esquerdo, que lhe chegou ao osso; este, como ficou com os nervos, músculos e tendões ofendidos, mal podia bulir com o braço. Fui chamado para o curar, o qual curei com óleo de ouro, pondo-lhe círculo ao largo, para depois pôr os mais, e em breves dias sarou, ficando melhor do braço, mas não era senhor dele para pegar em coisa de peso; como já tinha mais confiança da aguardente que dos degoladouros, lhe ordenei banhasse todo o braço, por tempo largo, com aguardente do Reino, da melhor que se pudesse achar e, depois de bem banhado, estando o braço em cima do tacho que estivesse com a dita aguardente, com fogo por baixo para sustentar melhor o calor, lhe pusesse panos molhados e os cobrisse logo com uma manga de baeta e vestisse por cima o mais vestido que quisesse. Assim o fez uma e duas vezes ao dia; depois de passado pouco tempo, se mudou para a Vila do Ouro Preto, e mudando-me eu também do Sabará para a Vila do Ribeirão do Carmo, lhe falei na dita vila e o achei são, sem moléstia alguma, de que me deu o agradecimento.

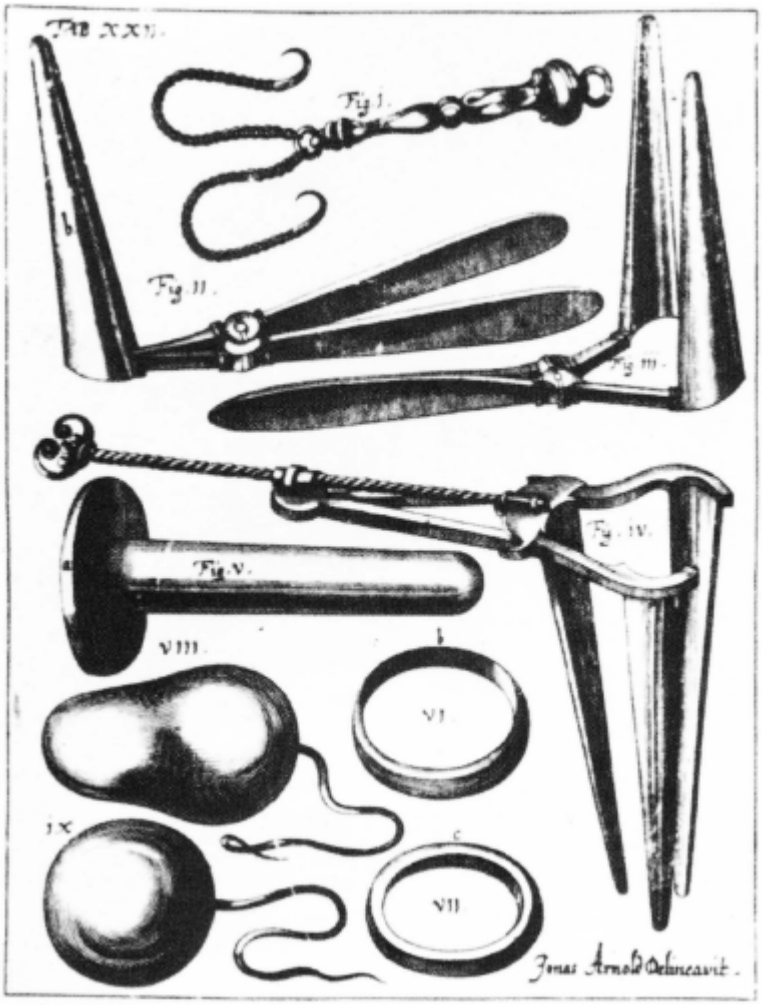
observação de uma facada curada com óleo de ouro

77. É muito para advertir que, quem curar com aguardente do Reino, se a aquentarem em um vidro grosso metido em água quente, farão curas excelentíssimas, estando o vidro tapado, e a razão é porque, como é espirituosa, aquentando-se assim, conserva em si os tais espíritos e não se exalam, que são os que mais efeito fazem nas curas e na parte aonde se aplica; e, pelo contrário, aquentando-se em outra qualquer vasilha, como se costuma, exala muita parte dos tais espíritos e fica mais fraca, por cuja causa de menos proveito.

a aguardente se deve aquentar em um vidro e não em outro vaso, e a razão por que

78. Não refiro outros casos que tenho curado e visto curar, por serem de menos ponderação. Bastem os que ficam referidos para inteiro crédito da soberana virtude do óleo de ouro, sendo bem-feito, do qual se deve fazer muito grande estimação, e, se qualquer sujeito que tiver família e posses o tiver em sua casa para acudir a sua necessidade ou a do pobre aflito, fará para si um grande acerto e para os pobres uma grande caridade.

79. Também o dito óleo cura os papos da garganta, que adiante farei manifesto; e também os tumores que nascem nas costas das mãos, que tudo isto procede de humor frio, como adiante se verá no Tratado VII.



Instrumentos de ginecologia e obstetrícia. (Gravura de J. Scultetus)

Tratado VI

Dos segredos ou remédios particulares que o autor manifestos para utilidade do bem comum

São os seguintes:

Remédio para toda a qualidade de sezões ou maleitas, com resguardo de três dias.

Remédio para toda a qualidade de feridas frescas, ainda que cortem ossos, nervos, veias ou artérias.

Remédio para toda a espécie de gálico.

Remédio para todos os fluxos de sangue, saiam donde saírem.

Remédio para as supressões da urina.

Remédio para as ictericias desesperadas.

Remédio para as defluxões asmáticas que caem no peito.

Remédio para as gonorréias velhas que não obedecem a outros.

Remédio para curar oftalmias rebeldes a todos os mais.

Remédio para quem lança sangue pela boca e para tísicos.

Remédio para braços ou pernas esquecidos por causa de algum estupor, paralisia [1] ou resfriamento.

Remédio, no último tratado deste volume, para o escorbuto, ou mal de Luanda, único deste contágio.

Capítulo I

Do remédio contra as maleitas ou sezões que entram com frio, de qualquer qualidade que sejam

1. Este remédio é o melhor que até hoje se tem inventado ou descoberto, pelas circunstâncias seguintes: é bebida que se toma uma só vez e com ela ficam os doentes livres de tão penosa doença para sempre; mui poucas vezes será necessário dar-se segunda bebida, porque, de tantos doentes que com este remédio tenho curado, que são perto de setenta, só a um, por nome Manuel de Sousa, que então morava em casa do padre Cipriano Gomes Claro, morador acima do arraial do Pompéu, distrito da Vila Real do Sabará, o dei terceira vez, por serem as mais rebeldes sezões que tenho visto, com a qual ficou totalmente são e livre de tão pernicioso achaque, pois nestas Minas e no Sertão do rio de São Francisco dá este achaque com tão terríveis sintomas, maiores que nas mais partes do Brasil e de Portugal; pois no dito Sertão vi muitos doentes que passaram a febres malignas, e eu experimentei o mesmo, que na barra do rio das Velhas as padeci cinco meses, sem saber então deste específico.

2. É remédio que se toma sem mais regimento que o que se tem com uma purga, e escusar-se-ão tantas despesas, tantas sangrias, tantos xaropes, tantas purgas, tantos cordiais e tantos outros mil remédios que muitos têm experimentado, além da moléstia de padecerem os rigorosos sintomas e o enjôo de tanta variedade, e, finalmente, virem por último a tomar a quinaquina, sendo remédio tão amargosíssimo, e tomar-se tantos dias contínuos e condenarem-se os doentes a um regimento tão largo e tão exato, sem discrepância no doce e no azedo, e, em conclusão, por qualquer

leve descuido, tornarem-lhe a vir as sezões ou não aproveitar o tal remédio, como não tem aproveitado a muitos que o têm tomado, como me consta com toda a certeza.

3. O dito remédio o inventou a minha curiosidade na dita Vila Real do Sabará, no ano de 1712, e, desde então até hoje, me não faltou em doente algum com o seu admirável efeito e, por serviço de Deus e bem do meu próximo, o quero revelar, e é a primeira vez que sai a público por meio da estampa, o qual é o seguinte:

4. Tomem uma mão cheia de folhas de arruda, machucada somente, lancem-na em uma vasilha vidrada ou tachinho bem areado, e lhe lancem em cima seis onças de vinho bom; ponham a vasilha em cima de brasas com cinza por tempo de um quarto de hora, estando as brasas vivas, carregando na arruda para baixo, que esteja infundida no dito vinho. Passado o dito tempo, se coe o vinho por pano de linho e, bem espremido, se lhe lancem seis grãos de tártaro emético, sendo pessoa robusta e, sendo mais fraca, serão cinco ou quatro, o que se fará desfazendo o dito tártaro com um pouco do mesmo vinho, lançando-o dentro estando o vinho quente, e se dará ao enfermo, quebrado somente da frieza, pela manhã em jejum, ou seja em dia de sezão ou não, ainda que tenho por melhor tomar este remédio no dia dela.

remédio particular e seguríssimo para maleitas

5. Com ele há de fazer o doente alguns vômitos e alguns cursos, conforme a quantidade de tártaro e a natureza do enfermo, mas, no caso que, algum dia, suceda que não faça obra alguma, como já sucedeu, espero que o doente fique são, como ficaram dois que eu curei, porque a virtude deste remédio com que cura esta doença é pela oculta que a arruda tem contra ela e não pela manifesta do tártaro, porque este só serve para alimpar o estômago; e advirto que a arruda há de ser verde e não seca, e nas pessoas que hão de ter filhos será em menos quantidade, porque extingue o sêmen, como também a hortelã.

este remédio cura as maleitas com a virtude oculta e não com a manifesta

6. Este é o remédio a que na Vila Real do Sabará chamavam "o santo," que tirava as maleitas, porque, naquele tempo, era tão conhecido que, quantos chegavam com maleitas do Sertão ou davam nos que estavam assistentes, todos recorriam a ele, porque sabiam que era infalível e de tão pouco regimento, como de três dias de cama e alguns mais, sem comer de tudo.

7. No caso, porém, que hajam algumas sezões tão rebeldes que, depois da primeira bebida, tornem a repetir, se tornará a dar segunda bebida na mesma forma, que mui poucas vezes sucederá; e se acontecer, como aconteceu ao doente que fica referido, que não passem com a segunda bebida, se dará terceira.

8. Este remédio se pode dar em todas as febres que entrarem com frio ou que tiverem grande sezão a horas costumadas, principalmente não obedecendo aos mais da Medicina; e, se o doente estiver fraco de continuar outros, tomará este em diminuta quantidade, o que confirmo com a observação seguinte:

Observação única em Domingos Rodrigues da Rocha

9. No ano de 1725 adoeceu Domingos Rodrigues da Rocha, morador e mercador na Vila do Ouro Preto, com uma febre, e para lhe curar chamou um médico e um cirurgião; sangrou-se, purgou-se, tomou muitos cordiais, muitas emulsões para se refrescar, porque ardia com calor; ora se achava com melhora, ora lhe tornava a continuar a febre, e sempre com crescimentos de tarde; passava quatro e seis dias quase livre, no fim deles, lhe tornava com a mesma força; estava muito magro, que também o era de sua natureza, dizia que tinha tanto calor que ardia em fogo. Eu, como era obrigado a este homem, quando ia àquela vila, o ia visitar; bem conhecia que era uma terçã esquisita pela sezão lhe durar pouco tempo, mas, como eu ia a meu negócio e ele se estava curando com dois professores muito bens, não queria desgostar ninguém, nem também tinha certeza de que não havia de sarar.

10. Foi correndo o tempo, que chegou a perto de cinco meses, e, vendo eu que o pobre doente, se estava bom alguns dias, tornava a padecer dobradamente as sezões e que estava gastando sem proveito, compadecendo-me dele lhe disse que, se guardasse segredo, eu o curaria em poucos dias e, depois de são, dissesse que o médico e o cirurgião o curaram e não me nomeasse, porque, antes, lhe dava de barato o crédito da cura que o ficar eu com inimigos, porque os não queria, nem de palha.

11. Aceitou de boa vontade e que guardaria quantos segredos eu quisesse, queixando-se da minha amizade o deixar padecer tantos tempos; se era certo o remédio, lho aplicasse pelo amor de Deus, porque já não tinha que gastar pela muito grande despesa que tinha feito e o miserável estado em que se via; consolei-o dizendo que estivesse certo, que, abaixo de Deus, o meu remédio, tomado uma vez somente, o havia de pôr são.

12. Com efeito o fiz em minha casa, mandei-lho e tomou com tão maravilhoso sucesso que, tendo até ali grande fastio, nem mais fastio, nem mais febre, nem mais sezão, e ficou sem queixa alguma. Constou-me guardara o segredo e folguei muito ficasse remediado, que era o meu principal intento.

13. Fez com o tal remédio alguns vômitos e poucos cursos; e, depois de sarar, viveu alguns anos rijo e valente, até que depois veio a morrer hético ou tísico, na mesma vila.

14. Se eu fizera memória dos doentes que curei com este específico encheria muito papel, mas como me pareceu que estivesse poucos anos nas Minas e me não passou pelo pensamento escrever das enfermidades delas, por isso me esqueceram os nomes e os não exponho; só digo que quem o experimentar me dará o agradecimento do grande específico que lhe descubro para se livrar de tão penoso gênero de enfermidade, escusando os doentes de padecerem tantos bocados amargosos da quina e de um regimento tão grande e tão apertado, e sempre com a desconfiança de lhe tornarem, como a muitos têm tornado.

15. Depois de ter escrito o parágrafo acima, me ocorreu o que agora direi. Este remédio é tão eficaz que, quando me chamavam para curar algum doente de maleitas, perguntava quanto se atrevia a dar-me pelo curar, ficando são, e, se o não ficasse, me não daria nada; uns havia que prometiam uma quarta de ouro, outros vinte oitavas, outros muito menos; e um curei por duas oitavas e meia que prometeu, e todos, pelo que prometiam, os curava.

Capítulo II

Do remédio das feridas e suas observações

1. Este remédio é tão soberano que se pode comparar com o óleo de ouro e nas feridas penetrantes do peito se pode usar dele seringando e pondo panos molhados nele, assim frio, em cima da ferida, depois de desalterada e cosida, não havendo sangue extravasado, levando tenção de unir; porque, seringando com ele, não haverá dano interno que se não remedeie, não sendo grande. Nas Minas do Rio das Mortes havia um cirurgião por sobrenome o Baião que me afirmaram algumas pessoas daquele distrito que ele tinha uma água com que seringava facadas e estocadas penetrantes, e que não havia alguma que não sarasse e, perguntando eu que cor tinha a água, me diziam que era vermelha como a minha, e não duvido fosse feita pela mesma receita, porque era francês e esta minha veio da França. Não terá muita conta a alguns cirurgiões usar dela pela brevidade com que cura, mas os que forem apaixonados pelo interesse terão paciência, quanto mais que os doentes devem pagar pela estimação das curas os que puderem e os pobres se devem curar de graça.

2. O tal remédio cura todas as feridas frescas, grandes ou pequenas, simples ou compostas, com nervos cortados, ossos, veias e artérias, como nas observações adiante se verá, desalterando as feridas primeiro com aguardente e dando-lhes os pontos necessários, molhando panos nele e pondo-os em cima das feridas; com ele tenho feito curas excelentíssimas na Cidade da

Bahia e nestas Minas, das quais nomearei alguns enfermos para crédito da soberana virtude deste grande remédio, o qual é o seguinte:

Como se faz

3. Aguardente fina duas libras, água da rainha de Hungria duas libras, incenso, mirra e almécega, de cada um uma onça, alecrim e murtinhos, de cadaum seis oitavas, feito tudo em pó muito sutil, pós de raiz de solda muito sutis uma onça. Tudo muito bem pulverizado e peneirado por peneira fina, se incorporem todos e se lancem em um frasco com as ditas águas e, tapado muito bem para que não evapore coisa alguma, estará por espaço de doze dias e só se vascolejará com ele uma vez ao dia, e, no fim dos ditos doze dias, ficará feito o tal remédio; e é o mais famigerado que tem toda a Cirurgia, exceto o óleo de ouro, que leva a palma a todos; quem usar dele me dará o agradecimento, o qual faço manifesto por serviço de Deus e bem de meu próximo. Uma onça desta água, misturada com seis onças de caldo-de-galinha e uma gema-de-ovo, tudo bem batido e tomado por ajuda na terrível dor de cólica, a faz cessar como coisa de milagre.

Como se deve usar dele

4. Sendo a ferida grande, depois de desalterada se lhe darão os pontos necessários e, se tiver fluxo de sangue, se lhe darão mais juntos; e, neste caso, se o fluxo for grande, se não tratará de desalterar, senão só de o tomar com os pontos e com o remédio posto em cima e atadura justa e apertada não demasiado, pondo um pano dobrado três ou quatro vezes, e, molhado no tal remédio, assim frio que fique a modo de tira ao comprimento da ferida, com outro por cima; e não faça dúvida ninguém pôr esse remédio para tomar fluxo de sangue por ser quente, pois eu tenho tomado grandes fluxos com ele nas veias jugulares e artérias cortadas, como logo mostrarei em uma observação grandiosa, porque, suposto as águas de que se compõe sejam quentes, leva os pós, que são singulares para o intento.

5. Mas não tendo fluxo de sangue, com os pontos e com o remédio morno se curará, pondo-lhe suas tiras de pano de linho, que não seja de camisa de mulher, ainda que mais se lave, e nesta cura se não bulirá, senão passadas quarenta e oito horas; isto é, não havendo coisa de novo, que, havendo-a, se lhe acudirá conforme for necessário; passadas as ditas quarenta e oito horas, se alimpará alguma umidade, se a tiver, e curará na mesma forma; e depois de vinte em vinte e quatro horas, até sarar.

6. E, sendo a ferida com nervos cortados, se desaltere com aguardente sendo a quente e se faça toda a diligência por encabeçar os ditos nervos, umas cabeças nervos com as outras muito direitas, para unirem, dando entre eles seus pontos cortado para os reprimir direitos, dados os necessários e encabeçados os nervos o melhor que for possível, cansando-se bem o cirurgião, para que o doente não fique com lesão; pois eu lhe asseguro que, se os nervos ficarem bem encabeçados, não fique o doente com lesão total, porque o tenho assim experimentado, nem faça dúvida o que dizem os autores a este respeito, pondo tantas dúvidas e questões a respeito de nervos cortados, pois a experiência me tem mostrado o contrário, assim com este remédio, como com aguardente, unindo nervos totalmente cortados e ossos ao mesmo tempo, como logo mostrarei no fim deste tratado.

sendo a ferida com nervos cortados

7. Se o sujeito for sanguinho, tomará algumas sangrias na parte contrária; como sendo a ferida na parte alta do corpo, tomará as sangrias na parte baixa e, se a ferida for na parte baixa, tomará as sangrias nos braços, as menos que for possível; e o membro se situará bem, que, sendo braço, se porá ao peito em uma toalha larga e, sendo em outra parte, estará o doente na cama; e sempre será acertado pôr algum defensivo na parte alta de panos molhados em vinagre destemperado com uns pós de bolo-armênio, tudo morno, e será na primeira e na segunda cura somente, porque não esfrie o membro que impeça o virem espíritos à parte para a

socorrer, salvo estiver a parte muito quente ou com alguma inflamação, que, neste caso, se devem continuar, e as sangrias.

8. Nesta cura se não bulirá, senão passadas quarenta e oito horas, e, se a parte estiver boa, se deixará passar mais tempo, porque, de expor a ferida ao ar, se seguirá mais dano que proveito, por ser o ar inimicíssimo dos nervos; passado o dito tempo, se curará com as mesmas tiras molhadas no remédio morno, e daí por diante se curará de vinte em vinte e quatro horas.

9. Sendo a ferida de nervos nos dedos da mão, depois de desalterada, os nervos encabeçados e dados os pontos necessários, se estenderão os dedos em cima de uma tabuinha delgada e da feição da mesma mão, em que fiquem os dedos juntos, estendidos e assentados na tábua, depois de embrulhados com tiras de pano molhado no remédio morno, e se atarão os dedos e a mão com a mesma tábua, que esta chegará adiante do pulso para melhor segurança e quietação, pondo-a ao peito, como já disse, curando-a no tempo que fica referido; e, tanto que tiver passado sete dias, se retirará a tábua para trás alguma coisa, que fiquem as cabeças dos dedos livres para irem buscando o jeito de fecharem; e nas mais curas se irá puxando pouco de cada vez, que, nesta forma, tenho curado muitas feridas de nervos cortados nos dedos e sempre ficaram com movimento, como se verá em uma observação que logo farei patente no capitão Domingos Fernandes Tenilha, dando-lhe, ao depois das feridas sãs, banhos de aguardente bem quente, metendo os dedos dentro por algum tempo e embrulhando-lhe panos molhados nela, cobrindo-a com um saquinho ou luva de baeta.

10. Sendo ferida com ossos cortados que estejam separados ou pouco menos, se tirarão e se coserá a ferida, e curará, desalterando-a, como fica dito; mas, não estando separados, nem se podendo tirar, se porão em seu lugar depois de desalterar a ferida e lavar o mesmo osso com toda a brevidade, para lhe não dar o ar que o altere, porque lhe proibirá a união; se cosa a ferida com os pontos necessários, de modo que o osso fique em seu próprio

lugar, para não ficar a parte ao depois com fealdade; e no mais resto da cura se observará o que fica referido.

sendo ferida com ossos cortados

11. Sendo a ferida contusa, se desaltere muito bem com a dita aguardente e, se for capaz de pontos, se lhe darão, e de toda a sorte que for se curará com panos molhados no remédio e posto em cima, observando o método que fica referido; e sendo com perdimento de sustância, que é quando a carne cai no chão, se curará do mesmo modo; o mais se verá nas observações.

sendo contusa

Observação I

De uma ferida em uma mão, que cortou nervos, veias, artérias e ossos

12. Na Cidade da Bahia de Todos os Santos, no ano de 1707, curei a um homem que não convém nomear, o qual recebeu uma cutilada com um traçado em uma mão da parte de fora, entre a junta do pulso e a mesma mão, que lhe cortou nervos, veias, artérias e parte do osso, e assim mais outra ferida em um dedo, que ficou preso por pouca carne; desalterei estas feridas com aguardente morna e lhe dei os pontos necessários, igualando quanto pude assim as cabeças dos nervos, que ficassem encabeçadas umas com as outras, como o osso do dedo, dando-lhe também seus pontos, o que se não faz sem grande trabalho; dados os necessários, lhe pus umas tiras de pano de linho molhadas no remédio somente quebrado da frieza, a que chamamos tépido, e atei com suas ataduras sem mais coisa alguma.

13. No dedo lhe pus talas pequenas em redondo por cima das tiras molhadas no remédio e por baixo dos dedos todos lhe pus uma tábua delgada e leve para todos ficarem assentados nela, a qual chegava desde as pontas dos dedos até adiante do pulso da mão, para também amparar a outra ferida e a junta não jogar, atando-a

toda muito bem com os dedos unidos na tábua, curando o tal dedo sempre em cima dela, puxando para trás a tábua depois da ferida unida, para o dedo ir buscando o jeito de fechar, recomendando que, com a outra mão, fosse carregando nas cabeças de todos, para que o doente se fosse curvando e não ficar retesado; assim se foi curando, até que ficou são de todas as feridas perfeitamente em termo de oito dias.

14. É de advertir que, ao segundo dia, lhe veio ao braço inflamação tão grande e com tantas dores que me persuadi abriam as feridas e não sarariam, senão por meio de matérias, e ficaria com a mão lesa; mas foi tal a virtude que lhe imprimiu o remédio que, existindo a inflamação alguns dias, não abriram coisa alguma; tratei logo de lhe aplicar defensivos de panos picados, molhados em água-rosada por todo o braço, e, por cima deles, um molhado em vinagre destemperado, também picado; e, na parte alta, panos de vinagre com pós de bolo-armênio, recomendando que, em se secando os panos, lhe pusessem outros molhados no mesmo; e porque se não quis sangrar, assim se foi continuando até o outro dia, em que amanheceu a inflamação mais remitida e com menos força e dores; com estes auxílios e com boa dieta se desinflamou a parte, ficando as feridas unidas, ficando sem lesão alguma, e depois foi sacerdote.

Observação II

De um caso grande

15. No ano de 1712 fui chamado para curar Francisco Gil de Andrade, morador nestas Minas, no arraial da Barra do Sabará da Vila Real, ao qual deram uma cutilada com uma espada larga que lhe chegou desde a nuca, ou cova do ladrão, até a face do rosto, por baixo da orelha, cortando-lhe veias jugulares, artérias, músculos e nervos do pescoço, da qual lançou bastante sangue, de sorte que ficou fraquíssimo; desalterei com aguardente fria, tão-somente para lavar aquela parte, e não quente, nem muito lavada, a respeito do sangue, que já estava correndo menos, se não ateasse outra vez; depois de desalterada, ou lavada, dei os pontos necessários e curei com o remédio, molhando tiras de pano e postas na ferida com pano

seco por cima, em modo de chumaço, para a atadura apertar melhor a ferida e acabar de parar o sangue.

16. Ao segundo dia lhe sobreveio uma grande inflamação no pescoço, na cabeça e no rosto, por cuja causa não curei com o remédio, mas sim com anodinos de todo o ovo bem batido com algum sumo de tanchagem e por cima panos de água-rosada, curando a miúdo por não se secarem os panos, com o que se foi desvanecendo a inflamação, e com boa dieta; depois de quase extinta, tornei a continuar com o remédio particular e, sem embargo que alguma coisa abriu a ferida com a inflamação, tanto que lhe pus uma vez o remédio, tornou a unir a ferida e a secar, de tal sorte que, em poucos dias, ficou inteiramente são, curando uma vez cada um.

Observação III

De um caso horrendo

17. No ano de 1711 fui chamado para curar a Manuel Gonçalves Moinhos, meirinho-geral do doutor ouvidor da Vila Real do Sabará, Gonçalo de Freitas Baracho, ao qual deram uma cutilada, a mais horrenda que tenho visto, porque, estando à porta do dito doutor, ao sair da missa, lhe assentou um mulato uma espada larga pela parte de detrás e lhe cortou as veias jugulares, artérias, nervos, músculos e tendões, chegando a ferida com uma ponta desde a nuca por baixo da orelha até quase o canto da boca, cingindo-lhe a espada alguma coisa para baixo, mas muito bem inclinada para dentro; e foi tão grande e tão funda que, para lhe tirar o sangue que dentro estava coalhado, lhe metia todos os dedos da mão, caindo-lhe aquela posta de carne quase em cima do ombro, fazendo admirar a todos os que se acharam presentes, que foi muito povo, e com a ponta do queixo também pegada na dita carne cortada. Confesso que, quando cheguei, achando um cirurgião junto com o enfermo, sem aparelhar, nem dispor coisa alguma, vendo que o doente se estava vazando em sangue, que fiquei também atônito, cuidando que o doente estava na outra vida ou perto do instante da morte, porque estava sem acordo por ter lançado infinito sangue, que a todos pôs em admiração não morrer logo.

18. Assim que cheguei ao doente e vi a ferida, logo com toda a presteza mandei a quatro ou cinco homens mais animosos dos muitos que se achavam presentes que pusessem os dedos na ferida em forma de pontos juntos e que apertassem bem para que não acabasse de expirar, por ser o sangue muito, enquanto aparelhava o necessário para a cura; capitulei com um seu irmão por nome Matias Gonçalves Moinhos, que hoje se acha morador no Rio das Mortes, se queria que curasse seu irmão com o meu remédio particular, por ser já conhecido, me havia de pagar não conforme as curas que fizesse, mas sim pela estimação da cura; isto disse por saber que, não morrendo logo, havia de sarar em poucos dias e por ter experimentado termos insofríveis em muitos; ao que respondeu que, sem dúvida, se haveria comigo com mão larga, sarando seu irmão em poucos dias como o remédio costumava, a qual achei ao depois mui encolhida; enfim, havendo grandes certezas, mandei buscar o remédio a minha casa, que era perto, e curei o enfermo na forma seguinte, feito tudo com brevidade, como o caso pedia:

dedos na ferida em forma de pontos

19. Desalterei alguma coisa, metendo a mão dentro na ferida para tirar o sangue que dentro havia, com muita pressa por serem os fluxos de sangue grandes, e logo lhe fui dando pontos mais juntos do que é costume, para melhor tomar o sangue, mandando que não tirassem os dedos para ter a carne direita e sossegar o sangue em parte, e eu cuidando na brevidade e em pôr o osso do queixo em seu lugar, e acabei de coser, dando-lhe dezessete pontos; vascolejei o frasco para sair com a água mais pós da sua composição e logo molhei umas tiras de pano de linho no remédio e lhas fui pondo umas em cima das outras, e por cima destas um chumaço, também molhado, com atadura por cima bem justa e apertada em sua conta, para o deixar respirar; e depois lhe pus a mão em cima da cura para se ir sossegando o sangue; e, ainda que molhou os panos e ataduras, foi parando, e parou de todo à minha vista; depois disto mandei dar ao doente um caldo-de-galinha, que, para o beber, foi necessário abrir-lhe a boca com uma faca, porque tinha os dentes fechados e estava amortecido.

cura de um caso grande

20. Bem sei que algumas dúvidas se há de oferecer a quem souber o que os autores dizem a respeito do perigo destas feridas, por dizerem que é dificultoso tomar-se o sangue nestas veias e artérias, e não menos com este remédio, por ser muito quente; mas saibam que se o remédio é mui quente leva os pós, que são muito aglutinantes, e já o remédio tem tirado muita parte da sua virtude, com que fica mui aperitivo.

21. Antes que me despedisse, ordenei que dali a pouco tempo lhe dessem três ou quatro colheres de bom vinho desfeito com marmelada, para recuperar parte dos espíritos perdidos, e se confessasse, logo que estivesse capaz, como fez; e saindo a gente para fora, disse um homem: "Quando sarará caso tão horrendo como este?" Respondi-lhe que para domingo havia de ir ouvir missa são. "Qual domingo será ele?" me responderam, ao que tornei dizendo que daquele a oito dias, de que ficaram todos muito admirados, mas mostrou o tempo que assim sucedeu.

22. Feita a primeira cura, como digo, em que tive muito cuidado de encabeçar os nervos e pôr a ponta do queixo em seu próprio lugar, para depois não ficar com disformidade, ordenei que fosse tomando algumas colheres do engrossante seguinte: água de tanchagem e de beldroegas, de cada uma duas onças, xarope de rosas secas duas onças; misture-se; e o não mandei sangrar, pelo muito sangue que tinha lançado, pois, da porta do doutor ouvidor aonde lhe deram a ferida até sua casa, que não era longe, deixou um rego de sangue pela rua que parecia de um boi, e em casa o mesmo, até eu chegar, que foi logo, por estar perto e o dito doutor me mandar chamar com muita pressa; e o cirurgião que lá achei se despediu logo antes da cura.

ponta do queixo em seu lugar

23. De tarde fui ver o doente e o achei já falando alguma coisa, suposto mal se entendia; e como achei o sangue parado e a cura bem seca, fiquei certo que, com o favor de Deus, me havia de sair

verdadeiro o prognóstico que tinha dado. Nesta cura não buli, senão passadas quarenta e oito horas, no fim das quais tirei a cura e achei a ferida toda unida e bem assombrada; curei com tiras de pano molhadas no remédio e ordenei fosse tomando as colheres do seu engrossante e comesse coisas de sustância, pouco de cada vez e a miúdo; passadas vinte e quatro horas, fiz terceira cura na mesma forma, por não haver coisa de novo; e lhe cortei os pontos. Passadas as vinte e quatro horas, fiz a quarta cura, que foi no sábado da mesma semana, última de todas, em que achei a ferida de todo unida e sã, a parte em forma natural, sem fazer matéria alguma, que é a propriedade e singular virtude deste remédio não deixar fazer matéria, aonde se põe; e neste mesmo sábado lhe disse se queria ir ouvir missa o podia fazer, ao que respondeu iria no domingo que eu lhe tinha prometido, como fez, com admiração de todos, grande crédito do remédio e da arte, de que não faltaram ainda testemunhas e o mesmo irmão, que ainda hoje se acha no Rio das Mortes.

Capítulo III

Dos remédios contra o gálico

1. Havendo mula no princípio, ou esquentamento, que tenha já de purgação quarenta ou cinqüenta dias, ou havendo gomas nos ossos ou no peito, ou taipárias na cabeça, ou dores pelas juntas, ou chagas na garganta ou por outras partes do corpo, ou mula aberta que não queira fechar, ou boubas, para tudo isto é admirável qualquer dos remédios seguintes: depois de preparados os humores com xaropes preparantes de humores frios e gálicos, que o doutor Duarte Madeira traz no seu livro e os boticários sabem muito bem, e purgado com purga de resina de batata uma ou duas vezes, conforme parecer conveniente, com três quartos de peso até uma oitava feita em pílulas, e depois com duas ou três purgas de jalapa pisada de fresco, porque perde muito a sua virtude, com duas oitavas e meia de peso cada uma até três, conforme as forças do doente e a idade, que estas têm o principado entre todas para

causas gálicas, descansando entre cada purga os dias necessários, e depois de última, para principiar a tomar os xaropes ou medicamento seguinte.

Xaropes contra morbum para toda a espécie de gálico, e para boubas

2. Salsaparrilha boa meia libra, sene onça e meia, açúcar três quartas; a salsa estará de molho por algum tempo para se rachar melhor, depois de rachada, se lance de infusão na mesma água, ou acrescentando-lhe mais por tempo de vinte e quatro horas em água que a cubra; e, passadas elas, se encherá um frasco da mesma e se lançará em um tacho limpo, o qual se porá em assento direito, e tendo o dito frasco de água e a salsa, se lhe meterá uma varinha ou pau, para se lhe fazer uma marca por donde der a água, e depois se lhe lançará mais meio frasco de água da mesma onde esteve a salsa de molho enquanto durar, e depois de água da fonte, tornando a fazer outra medida ou marca na mesma vara; depois disto assim feito, se lançarão no dito tacho dois frascos e meio de água; isto se entenderá de frascos ordinários e, perfeita a conta de quatro frascos de água, se porá no fogo a ferver com a dita salsa até ficar na medida de frasco e meio, que já está feita; então se lhe lançará o sene e ferverá com ele até ficar quase na medida de um frasco, ficando por cima da marca alguma coisa; e, para estas medidas se conhecerem bem, se há de tirar o tacho do fogo ou o fogo debaixo dele, para sossegar a fervura, estando direito, arrimando o sene e a salsa para uma banda; estando assim, se coará por pano ralo e, lavado o tacho novamente, se lhe tornará a lançar o tal cozimento e as três quartas de açúcar, e com ele ferverá até ficar na medida que primeiro se fez de um frasco e, coado segunda vez, se guardará para o uso.

3. Este é o celebrado remédio que ajustei nestas Minas, com que tenho feito curas quase milagrosas, assim na minha própria pessoa tendo chagas na garganta, e adiante se verá, como em outras pessoas de minha obrigação, e em outras muitas com taipárias, gomas *etc*.

chagas na garganta

4. A cura de qualquer das queixas que ficam referidas as tenho vencido com dois frascos do dito remédio, depois de tomados os xaropes e as purgas que ficam referidas, tomando deste remédio seis onças em jejum, morno por cada vez, e de tarde, antes do sol posto; e também os xaropes preparantes sempre os mandei tomar dois cada dia; assim se continuará, até se acabar o dito frasco e, tanto que o doente começar a tomar deste remédio, começará também a beber água de salsa da que ficou do cozimento, que escassamente mude de cor, a qual será conforme for a água que se quiser cozer; e a dita salsa, que já tem fervido, se pendurará para estar enxuta e dela se ir tirando para os cozimentos que o doente há de beber, que será por espaço de quarenta dias, os quais se contarão depois que o doente acabar de tomar os xaropes contra *morbum;* e comendo seco, ou seja, carne, ou farinha bem torrada, ou biscoito, e se o doente tiver dois meses de regimento, ficará mais perfeitamente são; pois eu, tendo uma chaga na garganta, por causa da qual mais caldo-de-galinha lançava pelos narizes do que passava para baixo, e não podendo tomar mais que um frasco dos ditos xaropes contra *morbum*, por me ser precisíssimo andar por fora, bebi água de salsa seis meses, observando à risca dois, comendo seco, e os mais com alguma largueza; fiquei tão são e valente que, daí em diante, comecei a engordar, com boas cores, e até hoje, Deus louvado, que há oito anos, não tive mais moléstia alguma, a qual observação adiante farei manifesta.

5. Mas, se o doente, ou por fazer muita obra com as duas bebidas cada dia, ou por fraqueza, não puder tomar as duas vezes, tomará só uma de manhã, e, se o medicamento ficar azedo com seu laço por cima, o não deve continuar por estar corrupto, salvo se o azedo for muito pouco, que neste caso irá ao fogo a purificar e se coará depois de dar duas ou três fervuras; e, no caso que seja necessário tomar terceiro ou quarto frasco, que muito poucas vezes acontecerá, se farão todos na mesma forma que fica referida. Persuado-me que é este remédio tão singular por ter o que este clima requer. Quem usar dele me dará o agradecimento, e o doente poderá andar de pé

quando o tomar, mas bem coberto, e não sairá de casa, e, se tiver fraqueza e não puder comer sempre seco, poderá comer cozido ao jantar, sendo galinha temperada, e tudo o mais com sal, mas seja pouco, e não sem nenhum, como alguns querem.

Pílulas para toda a espécie de gálico e boubas

6. Com estas pílulas tenho curado gonorréias antigas, cavalos, chagas na garganta, gomas, taipárias e dores de juntas, depois dos humores preparados com os xaropes preparantes e purgados com as purgas, como tudo fica declarado, das quais pílulas sua receita é a seguinte.

7. De resina de jalapa e extrato de raiz de bardana, de cada um meio escrópulo, mercúrio doce sublimado grãos dez, com umas gotas de bálsamo de enxofre terebentinado, se formem pílulas pequenas e dourem-se. É do doutor Ribeira e a tenho bem experimentada.

8. Esta quantidade costumo mandar tomar por cada vez, sendo o doente robusto e, sendo fraco, se poderá tomar por duas vezes, e quem quiser mandar fazer para mais vezes pode acrescentar as quantidades da receita; e, segundo a obra que o doente fizer, assim se poderão regular as pílulas ou o peso que há de tomar por cada vez, repetindo este medicamento até o doente sarar, porque nunca me faltou com o seu maravilhoso efeito, pois o seu ponto principal está em o mercúrio ser bem sublimado; e, no caso que a boca se inflame, ou gengivas, pare dois ou três dias, para não babar.

9. Ao mesmo compasso que os doentes começam a tomar este remédio, ao mesmo se vão desvanecendo as dores ou chagas, gomas, taipárias ou boubas, tendo o doente bom regimento; e, depois que as dores ou os outros sintomas estão fora, lhe mando ter regimento de água de salsa, comendo seco trinta ou quarenta dias, conforme são os aspectos gálicos que o doente padece; a água de salsa que o doente há de beber há-se de regular pela cor e não pela quantidade da salsa ou água em que se há de cozer, que esta é a melhor regra que se deve observar, a qual há de ferver somente até

mudar de cor alambreada, e não muito, para que não fique forte e esquente o doente; e o mesmo se observará em toda a água de salsa que os doentes beberem com outros quaisquer medicamentos.

10. É desgraça grande esquentar-se um doente quando se está curando de gálico, ou seja com salsa ou com outros medicamentos, porque é preciso largar a cura e refrescar-se com soros, ou frangos, ou leite, tisanas, emulsões *etc*. e tornarem as queixas (se é que tinham alguma melhora) para trás, e ser necessário muito tempo para se temperar, por cuja causa nunca os doentes são bem-sucedidos, como algumas vezes tenho visto.

11. Qualquer destes dois remédios costumam ser suficientes para curar qualquer causa gálica, ou seja pequena ou grande, ou sejam boubas, pois com eles tenho curado inumeráveis enfermos, dos quais apontarei algumas observações. Ainda aqueles a quem o mercúrio em sustância não aproveitou, acharam nestes remédios o seu refúgio, saindo das mãos de cirurgiões e médicos.

causas gálicas, ou boubas

Observação I

De dores de juntas mui grandes

12. Morando eu na Vila Real do Sabará, no ano de 1712, me chamou Miguel Fernandes, natural e vizinho de Coimbra, o qual teria de idade, pouco mais ou menos, sessenta anos; estando para fazer jornadas para a Cidade da Bahia, o assaltaram umas dores gálicas por todas as juntas, principalmente nos braços, que os não podia levar à cabeça e, na mesma cabeça, dores tão veementes que nem dormia coisa alguma, nem deixava dormir a vizinhança, nem a mim e à família de minha casa, para onde o levei depois de deixado de um cirurgião que o curou algum tempo e de um médico que o curou ou lhe assistiu algum, tendo gasto, em sustentos e medicamentos, por cima de mil oitavas de ouro por sua confissão,

sem proveito algum, o que me disse depois de estar em minha casa três dias.

13. A primeira vez que vi este doente na casa onde estava o achei tão miserável, assim no aspecto, como na pobreza que representava, custandolhe muito a pronúncia das palavras de fraqueza e magreza, por cujos motivos lhe ofereci a minha, cuidando levava para ela um pobre para o curar pelo amor de Deus.

14. Depois de se informar se eu o curaria, ou o trataria bem, de João Gonçalves da Costa e de Agostinho Barbosa, moradores na rua da Barra, do Sabará, aceitou a oferta que eu lhe havia feito e, passados os três dias de hóspede, me deu parte da informação que tinha tirado e do que lhe disseram, que foi aceitasse enquanto era tempo e também do que possuía, que não era pouco e o tinha à vista dos olhos em uma canastra, que são as caixas dos homens que andam pelo Sertão, em ouro limpo, que todo me ofereceu; mas, não fazendo aceitação de nada, tratei de o alimentar e nutrir, por estar mui debilitado, com caldos de galinhas gordas, pouco de cada vez e a miúdo, por tempo de um mês, pouco mais ou menos, porque, como não tinha mais que a semelhança, receava dar-lhe medicamento algum e, em lugar de lhe tirar a sustância que não tinha, lha metia por meio dos caldos com sua gema-de-ovo em cada um, e suas colheres de vinho bom desfeito com marmelada, e suas bacias de pão-de-ló.

15. Ainda que padecia terríveis dores, o ia esforçando dizendo-lhe que logo lhe dava medicamento para o aliviar; e, passados os trintas dias, como já estava com alento e mo persuadiam os remédios, e estava bem purgado dos que lhe tinham assistido, lhe fiz um frasco dos xaropes contra *morbum* e foi coisa prodigiosa, porque, assim que chegou ao segundo dia, se lhe foram varrendo as dores, de tal sorte que, antes de acabar o dito frasco, se lhe varreram de todo, e o não quis acabar de tomar, com o que ficou inteiramente são, bebendo água de salsa muito pouco cozida, que escassamente mudava de cor, por tempo de vinte e cinco dias, com grande crédito e gosto meu.

cura de um caso grande

16. Convalesceu em minha casa e dela foi para a Cidade da Bahia, aonde de ouro chegou muito valente, deixando-me em prêmio de meu trabalho quinhentas oitavas de ouro, fazendo todos os mais gastos à sua custa, o que fez admirar a muitos, que diziam o levara para perto da igreja (por morar junto dela) e custar menos a carregar para ela; e cuidando era um pobre, era muito rico de fazenda e de ânimo para a gastar, pois o fazia com liberdade; homem, sem dúvida, dos mais liberais e primorosos que tenho topado.

quinhentas oitavas de ouro

Observação II

De chagas na garganta e uma goma no peito

17. Morando eu nesta minha fazenda de Itacolomi, curei a mulher de Inácio da Costa, morador na mesma paragem, de chagas na garganta, que mal podia engolir os caldos e de uma goma em cima dos ossos do peito, preparando-a com quatro xaropes preparantes, dois cada dia, e purgando-a com uma purga de resina e duas de jalapa pisada de fresco, e depois dandolhe dois frascos dos xaropes contra *morbum*, tocando-lhe as chagas com um pincel molhado em espírito de vitríolo, que, depois de tocadas, logo começou a engolir melhor, e tanto que deu princípio aos xaropes contra *morbum*, o deu também a beber água de salsa pouco cozida; com estes auxílios ficou inteiramente sã, ficando-lhe uma cova aonde tinha a goma, que depois se via de longe. É o espírito de vitríolo para chagas da garganta singular remédio, como se verá em várias partes deste volume e na minha observação, que logo farei manifesta; teve de regimento trinta dias.

Observação III

De talpárias na cabeça e dores nas juntas

18. Morando nesta mesma fazenda de Itacolomi, veio para minha casa meu irmão Gabriel Gomes, ao qual deram umas dores pelas juntas e três taipárias na cabeça, das quais uma era quase do tamanho de um ovo; dei-lhe quatro xaropes preparantes, uma purga de resina, três de jalapa e os meus xaropes contra *morbum*, e, tomando deles dois frascos e com regimento de quarenta dias, bebendo água de salsa, sarou inteiramente, assim das dores das juntas como das taipárias, ficando no lugar da maior uma cova muito boa na testa.

Observação IV

De boubas

19. Morando na dita minha fazenda, veio falar-me Domingos Rodrigues, morador no arraial de Lavras Novas, do Campo das Minas Gerais, o qual, estando cheio de boubas, assim pelas partes baixas como pela cara e outras partes, preparei-o e purguei-o como fica dito, e, dando-lhe dois frascos de xaropes contra *morbum*, tendo regimento de salsa e comendo seco quarenta dias, sarou inteiramente, sem lhe tornarem a arrebentar, como costumam pela maior parte.

Observação V

De chagas na garganta em minha própia pessoa

20. Morando na dita minha fazenda, me queixava da garganta sem saber o que verdadeiramente tinha, porque só sentia dor, sem inchação interna ou externa; dava-me cuidado, porque, ao compasso dos dias, se me ia apertando cada vez mais; abria a boca, mandava ver e, por mais que fazia diligência para se me ver por dentro, nada se via; ia crescendo o impedimento, de sorte que chegou a termos que mais caldo-de-galinha lançava pelos narizes do que ia para baixo; esganava-me para abrir bem a garganta por dentro, até que me descobriram uma chaga comprida e negra para uma banda. Nestes termos, vendo-me com perigo de vida, mandei à Vila do Carmo buscar espírito de vitríolo, que para as tais chagas já

eu sabia que era remédio seleto, e, não mo mandando um chamado amigo boticário, fiquei com maior ânsia, vendo que o perigo se apressava; mandei um preto bom com toda ligeireza à Vila do Ouro Preto e, trazendo-mo, molhei logo um pincel de pano em um pauzinho no dito espírito e mandei que com ele me tocassem a chaga muito bem, ainda que chegasse às partes sãs e, fazendo-se assim, logo fiquei com menos dor; tornando a tocar pelo mesmo modo dali a duas horas, foi coisa como de milagre, porque, dali por diante, não lancei mais caldo pelos narizes e pude tomar quatro xaropes preparantes que mandei buscar à botica; tomei uma purga de pílulas de resina de batata e duas de jalapa, descansando os dias entremeio delas, que foram necessários.

21. Depois de estar assim preparado e purgado, fiz um frasco dos xaropes contra *morbum* e, tanto que comecei a tomá-los, não senti mais tal chaga, dando já princípio a beber água de salsa pouco cozida, como bem tenho advertido. Como tinha dado princípio a uma coisa de considerável despesa, para cortar a ponta de uma serra que vinha fenecer ao rio, fazendo uma volta para meter pelo corte ou brecha o tal rio e extrair dele e da volta que havia de ficar em seco o ouro que me fosse possível, era tempo de entrar a continuá-lo, medindo o mais do ano para o que era preciso. Entrei, com efeito, na assistência do tal serviço, sem acabar de tomar o tal frasco, nem poder tomar mais, por me ser preciso assistir em parte úmida, fundando-me em beber água de salsa por mais tempo, tendo bom regimento; e, com efeito, o tive por tempo de dois meses, comendo sempre seco; e como vi que estava livre da queixa que tanto perigo tinha ameaçado e que, tendo mais regimento, mais são ficaria, me resolvi a continuá-lo, suposto com mais alguma largueza, comendo ao jantar carne cozida, sendo primeiro moqueada ou seca no forno, ou galinha cozida, mas ao almoço e ceia, sempre seco; e tendo regimento de seis meses com água de salsa, no fim deles fiquei gordo, rosado, saníssimo até o dia de hoje, que haverá sete para oito anos.

22. Inumeráveis doentes de causas gálicas tenho curado com os tais xaropes contra *morbum*, pois, no discurso de vinte anos que

tenho de assistência nestas Minas, nunca curei galicados, senão com este remédio ou com as pílulas que logo farei manifestas, assim boubas, como todas as mais causas, e todos com bom sucesso, exceto um, por nome Manuel Pinto de Barros, que este, como estava já deixado de outros professores cheio de chagas pela cara e por todo o corpo, lhe não aproveitaram, de que veio a morrer, ainda que misturei no cozimento raízes e ervas frescas; agora me lembra outra observação e a quero escrever. É a seguinte:

Observação VI

23. Alexandre de Abreu e Miranda, irmão do padre Antônio Brandão, que foi capelão da passagem e depois da capela do Morro, freguesia da Vila do Carmo, no ano de 1726 até 1731, o tal Alexandre de Abreu e Miranda foi muito achacado de causas gálicas e, por respeito delas, se curou muitas vezes, assim nestas Minas, como na Bahia; veio de uma vez da dita cidade e chegou ao Ouro Preto muito miserável, com dores pelas juntas, sem poder mover-se, senão com puros gritos e com uma taipária na testa quase do tamanho de um ovo e já com tato de princípio de matéria. Vi este doente em casa de Rafael Ferreira Brandão, indo a meu negócio à dita vila, e como tive dele compaixão, chegou o dito irmão e fui com ele à casa de um bom médico, a quem disse que aquele enfermo era meu conhecido, que pedia o curasse; como eu morava longe, lhe não podia assistir, por cujo motivo lhe assistisse por ficar mais perto; e, informando-o da queixa pela ter visto, lhe disse também que aquele homem tinha tomado o azougue várias vezes e nunca ficara de todo são; que eu sabia um remédio bem experimentado no clima das Minas que, se o quisesse aplicar, lho faria manifesto; aprovando muito o que a experiência tinha mostrado por bom remédio, lho manifestei, e muitas curas que com ele tinha feito e que sua mercê o guardasse em segredo. Foi logo ver o doente e preparando-o com toda a brevidade, tomando dois xaropes cada dia para se purgar logo e tomar os xaropes contra *morbum*, antes que a taipária rebentasse; foi coisa admirável a obra deste remédio, porque, estando a taipária com princípio de matéria antes de tomar os preparantes e purgas, é certo que, quando acabou de se

preparar e purgar, que se haviam de passar alguns dias, e dentro deles a matéria na taipária havia de ir a mais e não a menos.

24. Com os tais xaropes contra *morbum* desfez-se-lhe a taipária, ficando uma cova no seu lugar, e sarou das dores que pelo corpo tinha; e o dito médico me disse ao depois que o medicamento era singular nas Minas e que dele se podia fazer grande estimação, assim por ser bom neste clima como por ser de pouco custo.

Observação VII

De uma gonorréia que sarou com as pílulas de mercúrio sublimado

25. Morando eu no arraial do Padre Faria, distrito de Vila Rica do Ouro Preto, me chamou Antônio Teixeira Chaves, morador junto do mesmo arraial, para lhe ver um seu escravo, o qual tinha uma dor nos tornozelos de um pé, a que tinha aplicado mil remédios sem efeito, e que o tinha perdido, sem ter mais queixa alguma, sem poder andar, nem fazer nada; e que havia oito ou nove meses que padecia esta queixa, sem que para ela houvesse remédio, e que, se eu o curasse, me daria uma quarta de ouro e, não ficando são, me não dava nada pelo muito que com ele tinha gastado.

26. Vendo eu que a queixa não era incurável, aceitei o partido. Considerei que seria algum humor frio que estaria encasado na junta e que só com remédios tópicos penetrativos postos na parte lhe lançaria a dor fora, como tinha sucedido a outros; e, com efeito, fui à sua casa e, achando o mesmo que me tinha dito, lhe mandei fazer um cozimento para meter o pé por discurso de algum tempo, que lhe ficasse a junta dentro nele, estando bem quente, e que, depois, lhe pusesse panos molhados nele com baetas por cima e atadura, o qual foi o seguinte: um pedaço de pau de sassafrás feito em rachas miúdas, duas boas mãos cheias de folhas de pinhão e algumas raízes de jaborandi, se cozesse tudo muito bem, até diminuir a metade da água em que se cozesse, que seria, pouco mais ou menos, quatro frascos para ficar em dois, e, na que ficasse, lhe lançasse uma mão cheia de sal, por ter alguma inchação, e com

este medicamento curasse três ou quatro vezes cada dia, bem quente, e estivesse o preto de cama; mas, vendo eu que assim se fez e que eram passados alguns incha dias sem melhora alguma, fazendo deste remédio muita estimação pela obra de outras ocasiões em semelhantes casos, e para inchações de pernas e pés, por serem remédios que estão no seu natural e obram com toda a sua virtude.

ção de pernas e pés

27. Considerei que esta queixa tinha alguma causa oculta que a fomentava, e, fazendo esse juízo, no qual me não enganei, examinei o tal enfermo se tinha alguma causa gálica ou se algum dia a tivera, respondeu que não; mas desconfiando de que me podia enganar, como outros muitos pretos e brancos, recomendei ao senhor dele o examinasse com todo cuidado, o qual por indústria veio a saber que ele tinha uma gonorréia, por outro nome, esquentamento, muito antigo; e, como já antecedentemente o tinha bem purgado, lhe dei só duas purgas de jalapa pisada de fresco, com as quais fez uma grande obra, e depois lhe dei as pílulas que ficam referidas, e em poucos dias ficou sem queixa alguma assim no pé, como a gonorréia extinta, bebendo água de salsa por vinte dias, comendo seco.

pílulas

Observação VIII

De umas boubas que sararam com as ditas pílulas

28. Morando nesta minha fazenda de Itacolomi, saíram a uma crioula, ainda rapariga, de meu irmão Alexandre Gomes de Sousa, que ficou bem cheia delas, assim pelas partes baixas, como pela cara e de baixo dos braços; dei-lhe os xaropes preparantes que logo escreverei e depois deles três purgas, a primeira de resina de batata e as duas de jalapa, e depois as ditas pílulas, tomando todos os dias quatro, com que fazia alguns cursos; e, se fazia mais ou estava fraca, a mandava descansar um ou dois dias, e em poucos que

continuou as pílulas, logo as boubas foram secando e eu as fui também matando com um pincel molhado em espírito de vitríolo, que, em discurso de vinte dias, pouco mais ou menos, bebendo água de salsa e comendo seco, ficou sem sinal de boubas, nem lhe tornaram a arrebentar, como quase sempre costumam. Quando as boubas saem na cara, olhos, nariz ou partes onde convenha matá-las, para isso é o espírito de vitríolo grande remédio e melhor que outras drogas, ainda que saiam em outra parte.

Observação IX

De uma mula em um escravo meu

29. Na mesma fazenda saiu uma mula a um escravo meu e muitas dores pelas juntas; tratei logo de o preparar e purgar, sem fazer caso da mula, só lha mandava fomentar com azeite quente para lhe moderar algumas das dores que tinha nela; e, depois de bem purgado, lhe dei três frascos do xaropes contra *morbum*, mas foi tal a rebeldia do mal que sarou a mula sem que arrebentasse e sempre ficou com algumas dores nas juntas. Continuou seu regimento com água de salsa, para ver se iam a menos e se extinguiam, mas foi pelo contrário, porque, em lugar de irem a menos, foram a mais, vindo-lhe também à testa uma taipária pequena; considerei, nestes termos, que o corpo estava cheio de humores ainda e que era necessário mais purgado; tornei-o a purgar com duas purgas de jalapa que, em causas gálicas, levam a palma a todas, e depois lhe dei as pílulas do mercúrio sublimado, para ver se a natureza se acomodava melhor com elas que com os xaropes contra *morbum*, e, com efeito, se desvaneceu a taipária, ajudada com emplasto de rãs para melhor se resolver; mas continuou as pílulas por mais de vinte dias, tomando três e quatro cada dia em jejum, bebendo sempre água de salsa pouco cozida e comendo sempre seco, tendo um regimento apertado por tempo de perto de três meses, com o que ficou são e sem queixa.

Observação X

30. Rafael Pires, morador nas Minas de Itacolomi, tinha uma mula aberta com tão larga boca e funda, que pouco faltava para passar ao vão das tripas, ou pelas más curas, ou por maus humores; e o que mais era estar com princípio de gangrena; nestes termos, estando desconfiado, me chamou e, mandando curá-lo com aguardente bem batida com ovo, por ter grandes dores, como estas abrandaram, se curou com ela somente, e morna, por respeito de livrar de corrupção; e ao mesmo tempo lhe fiz tomar quatro xaropes, dois cada dia, depois duas purgas de jalapa e as pílulas do mercúrio sublimado que ficam referidas, com os quais auxílios ficou são em vinte dias, bebendo água de salsa pouco cozida por tempo de trinta.

31. Muitos têm sido os doentes que tenho curado com xarope contra *morbum* e com estas pílulas, pois, no discurso dos anos que assisti nestas Minas, nunca usei de outros remédios, assim para boubas como para todas as mais coisas gálicas, e nunca usei de mercúrio em sustância, nem de unturas, por ver que muitos doentes tomaram unturas e mercúrio sem sararem, babando extraordinariamente, pela qual razão assentei que o clima destas Minas não permitia tais remédios, e assim que sempre os defendi; e tanto assim que, quando se fazia alguma junta em algum enfermo que o assistente era de opinião de mercúrio ou unturas, se o doente me nomeava, logo não faltava quem o defendia, dizendo que era escusado chamarem-me, porque não havia de ser de tal opinião e a enfermidade que não havia de obedecer sem o tal remédio.

clima das Minas não permite unturas, nem mercúrio em sustância

Xaropes preparantes de humores gálicos

32. Água de almeirão e de borragens, de cada uma oito onças; xarope de borragens e de almeirão, de cada um quatro onças; misture-se e se repartirão para quatro bebidas mornas que o doente tomará uma cada dia pela manhã em jejum; isto é para quando as queixas não forem fortes ou que o doente possa esperar para se curar devagar, mas, se as dores forem muito veementes, ou as chagas da garganta ameaçarem perigo, ou alguma taipária esteja

com princípio de matéria, ou outras necessidades semelhantes, tomará o doente dois xaropes cada dia, para se purgar com mais brevidade e se acudir à queixa, antes que o doente se precipite em algum perigo ou em dilação da cura.

Advertência acerca das taipárias e gomas

33. É muito para advertir que, quando algum enfermo tiver taipárias na cabeça que estejam crescidas com princípio de matéria, se acuda logo o enfermo com xaropes preparantes, dois cada dia, e purgá-lo com toda a brevidade, sem pôr nada na taipária, e logo com qualquer dos remédios que ficam referidos, para impedir que a talpária ou talpárias não arrebentem, porque, pela maior parte, todas têm tanta ou quanta corrupção no osso, por ser a qualidade do humor maligno e corrosivo, e depois são eternas para se curarem, porque lançam ossos corruptos e são enfadonhas para quem as cura e muito mais para quem as padece, ficando, ao depois, com covas na testa mui feias, o que se pode evitar curando-se a tempo com os alexifármacos que ficam ditos, sem se pôr nada na talpária, nem se fazer caso dela, porque, pondo-se-lhe emplasto resolutivo, como de rãs e outros, com eles se vêm a supurar, como tenho visto algumas vezes, e o doente condenado ao que tenho dito e a notáveis gastos. As gomas correm o mesmo paralelo, porque, se arrebentam, ficam corrupções nos ossos, que tarde se curam, ainda que as tais se gastem com óleo de enxofre, ou espíritos, ou pós dobrados; e é tão certo ter as talpárias e gomas corrupção nos ossos antes de rebentarem que, depois de curadas, ficam covas nos mesmos ossos onde estão, como deixo demonstrado. As talpárias nascem na cabeça e testa e as gomas nas canas dos braços e no peito.

Advertência acerca das boubas

34. É bem notório como se conhecem as boubas, mas porque haverá algumas pessoas que as não tenham visto, apontarei os sinais para serem conhecidas. Costumam nascer pela maior parte na cara e junto ao nariz, atrás das orelhas, nos sovacos dos braços e nas virilhas, e algumas vezes nas partes vergonhosas, e também

algumas por outras partes do corpo, suposto menos; são como pústulas ou bostelas, com sua casca por cima, e são a modo de atoucinhadas ou cor de toucinho, quando se lhe tira a casca de cima; e aplicando-se-lhe algum remédio para alimpar aquela chaga, nunca fica vermelha, mais sim da cor de toucinho; e só obedecem e se curam com os remédios contra gálico, como fica dito. É muito para notar e advertir que no vulgo está introduzido um tão ruim abuso, em que as boubas se não devem curar logo, senão passados muitos meses, como seis e um ano, sendo isto tanto contra os pobres enfermos que muitos ficam tolhidos para toda a sua vida, outros ficam aleijados, outros com os pés comidos, outros com fealdades no rosto, sendo atormentados de tão terrível enfermidade, e tão asquerosa que ninguém pode chegar a eles com tão abominável cheiro; e o que mais faz fugir a todos é o temor de se pegarem, como costumam.

35. Sendo isto tudo tão certo, como eu tenho visto e presenciado muitas vezes, fiz quantas diligências foi possível por tirar este abuso, sem poder convencer a alguns, nem com razões, nem com mostrar espelhos muito claros nos mesmos doentes; uns, que eu tinha curado logo no princípio, outros, que nomeava tolhidos e miseráveis, depois de padecerem tempos tão dilatados.

36. Pelo que sou de parecer que, logo assim que aparecerem boubas, se curem, antes que se infeccionem todos os membros internos e toda a massa do sangue, pois, desta sorte, se curam mais facilmente e se livram os doentes de padecerem tanto; e se elas tornarem a sair, se tornem a curar, a qual cura se deve fazer preparando os humores com os xaropes preparantes que ficam ditos e purgando com as purgas sobreditas, dando, ao depois disso, as pílulas de mercúrio sublimado repetidas até o doente sarar, ajudando a consumi-las com espírito de vitríolo em um pincel molhado, e o que servir uma vez se lançará fora; e o melhor será lançar um pouco de espírito, quanto baste para as boubas que quiserem tocar, em uma vasilha pequena, e nele molhar o pincel as vezes que for necessário, advertindo que o espírito há de estar guardado em um frasquinho de boca estreita e bem tapado, de

modo que não respire coisa alguma, porque ficará fraco e não valerá nada ao depois.

Pílulas de mercúrio sublimado

37. Também se matam as boubas com pós de verdete, mas estes molestam muito aos doentes e não é cura tão segura como o espírito, quando se querem matar, principalmente estando elas na cara ou em parte onde não convenha que lavrem ou abram chaga, que, neste caso, se deve matar e consumir, ainda que saiam em outra parte.

38. A verdadeira cura das boubas se faz com duas tenções: a primeira é a que está dita, a segunda é lavá-las com aguardente quente, ou com urina, ou com água quente, para que andem limpas, assim a respeito do mau cheiro que lançam de si, como para que não adquiram corrupção; e, tratando logo de as curar no princípio, ficam os doentes bem sãos e fortes, sem perigo algum, o que não acontece curando-as ao depois de passar seis meses ou um ano, ficando por esta causa muitos escravos perdidos, e alguns têm perdido a vida e seu senhores o seu valor; e, ainda que alguns fiquem bons, sempre seus senhores ficam prejudicados no tempo que andam com elas, por não fazerem quase nada, e, ainda que alguns senhores os façam trabalhar com excesso para o trabalho lhas curar (como alguns dizem), sempre é tirania e lhes vêm, pela maior parte, a custar caro: uns, porque é certo que doentes não trabalham como sãos, outros, porque, vendo que seus senhores os não curam, se desgostam e amofinam, de tal sorte que ficam incapazes ou tortos das pernas. Quem não quiser usar das pílulas pode usar dos xaropes contra *morbum*, purgando-os primeiro muito bem, ou usem de um ou de outro remédio, pois é o principal fundamento desta cura.

39. Nem as pílulas, nem os xaropes têm regra certa, porque os doentes uns são mais fáceis em obrar, outros mais robustos, uns têm mais idade e outros menos; uns têm tais naturezas que, com facilidade, se enchem de gálico até os olhos, outros há em que o gálico não faz tanto estrago; uns obedecem melhor aos remédios,

ou seja pela natureza, ou pela força do mal ser menor; e, sendo isto assim como ordinariamente se está vendo, é necessário considerar e não admirar. Finalmente, há também algumas naturezas que têm antipatia com o azougue e o azougue certa antipatia e repugnância com algumas naturezas, por cuja razão muitos doentes galicados tomam azougue muito bem aplicado e não saram; ou seja por esta ou porque o clima das Minas o não permita, como deixo dito, nunca fui inclinado a aplicá-lo a doente algum, maiormente vendo os maus sucessos de quem o tem tomado, considerando também algumas caveiras que tenho visto trespassadas e banidas do azougue, e alguns ossos de defuntos que por curiosidade vi, de homens que tinham tomado azougue, todos furados. E também se pode ver o que diz o doutor Curvo, na observação 49, página 303, a respeito dos douradores e mulheres que punham na cara ungüentos de azougue e outras razões de ponderação; e também homens que, tendo tomado azougue, quebraram os braços e pernas com limitada força, o que tudo considerado me fazia ter compaixão dos doentes que logo, como ordinariamente dizem, a carga cerrada lhe aplicavam azougue, ou fossem em sustância ou em unturas, podendo-se aquelas doenças curar com outros remédios sem se meterem os doentes em tantas confusões. À vista do que tenho dito contra o azougue, me seja permitido apontar alguns enfermos que tomaram azougue e não sararam, para melhor corroborar a verdade, assim em sustância, como em unturas, pois destes se têm visto desgraçados sucessos.

naturezas que têm antipatia com o azougue e o azougue com algumas naturezas caveiras de defuntos o que diz o doutor curvo

Observações dos doentes que tomaram untura e mercúrio, que não sararam

40. O primeiro que tomou mercúrio em sustância e não sarou foi José Álvares, morador na Vila Real do Sabará, junto ao capitão Manuel Dias Leite, no ano de 1712, o qual aplicou um médico e, suposto babou muito, não sarou de umas chagas que tinha em uma

perna; e depois eu o curei na forma que direi no tratado dos formigueiros.

41. O segundo doente que tomou o mercúrio em sustância em Vila Rica e não sarou, antes se retirou para sua casa com mais queixas e com menos dentes na boca porque lhe caíram quase todos com a muita cópia de baba que lhe acudiu à boca, foi Manuel Duarte, morador nos Gualaxos, freguesia dos Camargos, aonde hoje vive com pcuco gosto e com as mesmas queixas, depois de gastar considerável fazenda na dita vila e da grande moléstia que padeceu.

42. O terceiro doente que tomou mercúrio em sustância e não sarou foi o capitão Manuel de Oliveira, morador na freguesia dos Camargos, ficando da mesma sorte que antes estava.

43. O quarto doente que tomou o dito mercúrio e não sarou, antes ficou com as chagas que lhe rebentaram pelo corpo e pela cara, foi Manuel Pinto de Barros, morador na Vila Real do Sabará e, andando com as ditas chagas muitos meses, ainda que se refrescou com vários remédios, nunca obedeceram, até que deu a alma ao seu Criador.

44. O quinto doente que tomou o tal mercúrio e com ele deu a alma a Deus foi a mulher de João Jaques, que morou em Ribeirão Abaixo, e na Vila Rica do Ouro Preto tomou o dito mercúrio por voto de um médico e de um cirurgião, contra o meu, e nela morreu.

45. O sexto doente que tomou unturas e com a segunda ficou quase imóvel da cintura para baixo, caso lastimoso que sucedeu na forma seguinte: um homem ainda em boa idade, que agora me não lembra o seu nome, mas darei os sinais: veio de Pernambuco para estas Minas com seu negócio e se pôs morador em Vila Rica, junto à casa da Câmara. Deram-lhe umas dores pelo corpo e braços, chamou um bom médico, o qual, tomando informação da sua vida, achou que o doente lhe dissera havia alguns anos tinha recolhido duas mulas; por estes indícios de gálico, o preparou, purgou e apozemou, mas sem utilidade; deu-lhe o mercúrio em sustância, com que babou copiosamente, e as queixas em aumento; quis passar às unturas,

mas o doente lhe disse que, se as tomava, nelas morria, por ter visto que as queixas iam em aumento com a cura do gálico; a isto lhe disse o médico que chamasse outro para se fazer consulta e que se assentaria o que fosse melhor; e, vindo outro médico, propôs o assistente o que tinha feito e determinava fazer, que era passar às unturas; respondeu o chamado de novo que não tinha outro recurso, ao que se sacrificou o pobre enfermo.

46. Tomou a primeira untura, com que se achou muito mal; tomou a segunda, com que esteve às portas da morte, como lá dizem, e de todo perdeu as esperanças da saúde ou, como ele dizia, as esperanças da vida, com a qual começou a evacuar sangue e, neste mesmo dia, se sentiu com as pernas esquecidas e com mui pouco calor nelas; nestes termos lhe ordenou o médico assistente que parasse com as unturas e tomasse leites, frangos, soros *etc*. para se refrescar, com que continuou alguns meses; passados alguns dias da segunda untura, passou o médico chamado de novo, e, falando com este doente, lhe disse o miserável estado em que o puseram as unturas, que bem o estava adivinhando, que tinha as pernas esquecidas e estava para dar contas a Deus, ao que respondeu o dito médico que bem sabia que as unturas lhe haviam de fazer aquele estrago, o que me não admira, porque conheci o tal médico por inimigo dos cristãos velhos.

observação

47. Passados alguns meses, estando desamparado de remédios e assistência, me fez duas largas informações, ao que não deferi coisa alguma, por ver que era uma queixa gravíssima, e ainda em presença seria duvidoso o remédio, quanto mais aplicado por informação de papel; respondi que indo àquela vila o buscaria, e, se na minha mão estivesse algum remédio, com muita boa vontade lho aplicaria; ou se ele pudesse vir a minha casa (que era distância da vila duas léguas e meia) que melhor seria e mais breve; respondeu-me que muito grande favor e esmola lhe faria, pois ele nem em rede podia vir. Fui vê-lo e o achei em tão miserável estado que, para se pôr em pé, foi encostando e sustentando a uma muleta de uma

banda do corpo e a outra arrimada a uma parede da casa, se foi arrastando tão-somente para eu ver; os pés, os ia arrastando pelo chão sem os levantar quando os queria mover, não levantando nenhum deles; e dizia que aquele esquecimento e torpeza o sentia desde os quadris até os pés, e não tinha mais queixa alguma, só estar muito debilitado pelos muitos medicamentos que tinha tomado; e, assentado, me contou tudo o que tenho dito.

48. Por se não acharem folhas de ouro para lhe mandar beber nos caldos e pô-las também nas juntas para lhe tirar o azougue que tinha dentro no corpo e introduzido nos nervos, por cuja causa tinha tão grande esquecimento neles, lhe ordenei fizesse o cozimento seguinte, que é muito corroborante, confortante, penetrativo e descoagulante:

folhas de ouro, para que servem

49. Duas ou três raízes de capeba, um pedaço de pau de sassafrás, feito em lascas miúdas, um palmo de raiz de butua bem machucada, duas boas mãos cheias de folhas de pinhão, tudo se metesse em um tacho grande com doze frascos de água, que fervesse até diminuir a metade, e com este cozimento bem quente banhasse e chapejasse com um pano molhado as partes esquecidas por discurso de bastante tempo, tendo os pés dentro no tal cozimento, em roda de si um capote de duas baetas, para que o ar lhe não desse, ou um cobertor de papa; e, depois que a água fosse perdendo o calor, se embrulhasse bem, enquanto se tornava a aquentar depressa, para tornar a tomar banhos na mesma forma, e, se o tacho tivesse brasas debaixo para sustentar o calor, melhor o ar das Minas seria; e, depois que acabasse, enxugasse bem com uma toalha e se metesse na cama, e dali a duas ou três heras fizesse o mesmo com o mesmo cozimento na mesma forma, e assim todos os mais dias, com muita vigilância no resguardo do ar, por ser o destas Minas muito fino e penetrativo.

cozimento muito corroborante, penetrativo e descoagulante

o ar das Minas é muito frio e penetrativo

50. Assim continuou com o tal remédio por tempo de dois meses, e com ele experimentou tantas melhoras que, indo vê-lo, vi que andava pelo meio da casa sem muletas, levantando os pés, mas mui devagar e com pouca fortaleza; ordenei que fosse continuando e, dali a pouco tempo, tornei àquela vila e vi que alguma melhora tinha mais, mas mui pouca, e tornando outra, vi que estava parado sem mais melhora, em cujos termos lhe disse que saísse para fora das Minas, porque nelas não havia de alcançar mais melhoras, pelo clima o não permitir, pois era frio, e todas as coisas frias eram inimigas dos nervos e ele estava com tão pouca fortaleza neles; mas que não havia de ir para o Rio de Janeiro, por ser o mesmo ou quase o mesmo, mas sim para os Currais do rio de São Francisco, ou para a Cidade da Bahia, ou para a de Pernambuco, aonde me parecia que em qualquer deles havia de sarar sem mais remédio algum que o mesmo clima, por ser mui quente, pois tinha deles conhecimento pelos ter experimentado. Tomou o meu conselho e de Pernambuco escreveu a seus conhecidos às Minas, dizendo que, assim que chegara aos Currais, experimentara naquele clima algumas melhoras, e na dita cidade sarara de todo e ficava muito valente e agradecido a quem o aconselhara.

51. Desta observação se pode tirar muita doutrina para os principiantes se não arrojarem a dar mercúrio nem unturas de azougue sem expresso conhecimento da causa ser gálica, o que esta não parece o fosse pelos maus sucessos que houveram com os alexifármacos; e se os doentes de gálico não tomarem o tal azougue em unturas, nem em sustância, me parece mais acertado, curando-se com os mais remédios contra ele, pois não faltam hoje descobertos. O ponto está em se continuarem com moderação por discurso do tempo necessário, para que os doentes se não esquentem e haver neles bom regimento, que, desta sorte, se vencerão quantas queixas gálicas houverem, sem que se metam os doentes em perigo e ficarem com os ossos ralados do azougue, e sempre fracos toda a sua vida; e, se têm filhos, nunca são muito valentes ou livres de achaques.

bom conselho

Outro remédio maravilhoso para curar gálico, em qualquer espécie que esteja; é invento novo e seguríssimo

52. Mercúrio doce uma onça, deite-se de infusão por vinte e quatro horas em água de almeirão, ou de azedas, ou de borragens, que cubra o dito mercúrio, em vaso de vidro ou tigela vidrada, e, passadas as vinte e quatro horas, mexendo-se algumas, se vaze a água por inclinação ou por torcida, e se lhe torne a lançar água de escorcioneira uma libra ou mais, de sorte que fiquem os pós cobertos e esteja de infusão, mexendo-se algumas vezes, por outras vinte e quatro horas; e, passado o dito tempo, se tire a dita água e se lhe tornará a lançar outra tanta da mesma, fazendo tudo como está dito; e, passado o dito tempo, se vazará a dita água e ficará o mercúrio muito bem sublimado, e, ficando com alguma umidade, se lhe ajunte de resina de jalapa meia onça, de diagrídio oitava e meia; e, se quiserem que seja mais purgativo, se lhe poderão ajuntar dele duas oitavas; destes simples se forme massa, e dela se faça pílulas pequenas, e dourem-se, se quiserem, que será melhor; e delas se tomarão duas pelas onze horas da noite, ou mais tarde, ou de madrugada, e se continuarão por vinte e cinco ou por trinta dias, conforme a necessidade; e se com duas por cada dia fizer pouca obra, poderá tomar três. Se o doente quiser descansar algum dia, o poderá fazer havendo necessidade para isso, que, não a havendo, tomará todos andando de pé por casa, mas bem enroupado, bebendo água de salsa pouco cozida, que escassamente mude de cor; e depois que o doente sarar e não tomar mais pílulas, terá regimento de seco, bebendo água de salsa, como está dito, por tempo de vinte e cinco dias ou de trinta.

53. No caso que não seja possível tomar o doente preparação alguma antes de entrar nesta cura, poderá tomar a cura como está dito, usando de algumas ajudas purgativas antes de tomar as pílulas; mas sempre a preparação de xaropes e purgas, como em seu lugar fica referido, será melhor para o bom sucesso da cura;

que o tomá-la sem preparação é em caso de necessidade para alguns homens que tenham negócios precisos a que acudir.

54. Quem tomar este remédio poderá estar certo que há de sarar de todo o gálico que tiver, porque é cura seguríssima, por ficar o mercúrio bem sublimado e sem acrimônia alguma, pois, sem a sublimação, é muito corrosivo e faz babar com excesso, que, na minha opinião, não é o melhor meio para curar gálico, além da suma moléstia que os doentes padecem; e este sublimado não faz babar, e, quando faça alguma evacuação salivai, será mui pouca ou pouco abalo fará à boca; e, se a fizer e o doente tiver moléstia, pare um dia ou dois, que logo parará a moléstia da boca, isto é, quando incite alguma coisa a baba, que em poucas naturezas o fará, mas sim fará a sua evacuação por curso, e algumas vezes por suor e urinas. Este remédio é já experimentado em alguns doentes nestas Minas, como me afirma um amigo, e em outras partes que com outros remédios não puderam sarar; e é esta cura mui acomodada à natureza, por ser branda e dócil, e não como as unturas, que levam os doentes a outro mundo e os tornam a trazer a este com mil gêneros de sintomas e o mercúrio com as babas; não experimentei este remédio porque, quando me chegou à notícia, foi há pouco tempo, e não tive ocasião, que, se a tivera, o havia de fazer, porque me parece muito conveniente, e mo descobriu um amigo de verdade e de confiança, e me segurou tinha sarado a alguns doentes seus amigos e que ficaram muito sãos e muito satisfeitos, por andarem de pé toda a cura por casa e não se fatigarem com ânsia, nem moléstia, e que era invento novo de poucos ainda sabido; e eu, por fazer do tal amigo toda a confidência e me parecer bom remédio, o faço público, para que os doentes se aproveitem dele, emendando e consertando alguma coisa que me pareceu conveniente, assim para o clima destas Minas como para todas as mais regiões, por estar desconforme nos traslados, como em tudo assim sucede.

55. Este me parece ser aquele mesmo remédio particular do licenciado João Lopes Correia, que traz no seu *Castelo Forte* por remédio de certa sublimação, onde diz curara a tantos doentes deplorados, nomeando-os por seus nomes; e muito mais por me

dizer o tal amigo que este remédio se alcançara na Cidade da Bahia de um cirurgião, filho do dito João Lopes Correia, o qual aí faleceu.

Advertência acerca das mulas e dos esquentamentos

56. Sendo as mulas conhecidas por gálicas e o doente não quiser padecer as moléstias que se padece vindo a furo e traze-las abertas trinta ou quarenta dias com mechas, ungüentos, matérias, panos e ataduras, que naquelas partes tanto aborrecem, e, ao depois, para ficarem bem sãos, sempre se curam de gálico, pode, logo no princípio, fazer a cura que há de fazer no fim, tomando os xaropes preparantes, purgas e os mais alexifármacos, como fica dito, e não fazer caso da mula, salvo for com algum óleo para moderar as dores e dispô-la para melhor se resolver, que, com a tal cura, se resolverá e desvanecerá. Eu assim o tenho executado muitas vezes com bom sucesso, e se vê atrás, na observação nona, o que muitos estimarão saber, principalmente filhos, famílias, para se não descobrirem.

57. Os esquentamentos não se podem suprimir ou recolher sem perigo de ficarem os doentes entrevados, pelo que o melhor remédio é dar a beber ao doente óleo de copaúba, poucas pingas, em gema-de-ovo, todas as manhãs em jejum, para fazer purgar bem e alimpar o corpo, pois com este remédio têm muitos purgado bem matérias e têm ficado sãos sem mais nada, o que posso afirmar pelo aplicar a doentes meus; ou bebendo todos os dias em jejum e à noite, antes ou depois de ceia, duas horas, água de malvas com xarope de violas, seis onças por cada vez, sendo a água duas libras e do xarope uma, porque tira as dores e faz purgar, urinando bem, como deixo referido, onde se verá também se os esquentamentos procedem só de mulher infecta ou não.

Capítulo IV

Do remédio para fluxos de sangue

1. Este remédio é fácil e dificultoso; fácil, havendo a tinta, massa ou pastilhas de que se compõe, pois é o principal simples que faz parar todos os fluxos, saiam donde saírem, ou saiam do peito pela boca, ou pelos narizes, ou pela madre, ou pela via da urina, ou de almorreimas, ou de outra qualquer parte, por qualquer causa que for; o qual simples é uma massa, ou pastilhas, do tamanho de dois dedos, umas com letras e frisos de ouro e outras não; e todas são pretas, as quais vêm da China, ou Macau, para Índia, e da India para Portugal, Rio de Janeiro e Bahia, que de todas e em todas estas partes tenho visto, da qual massa, ou pastilhas, algumas pessoas fazem tinta para escrever e alguns pintores (como já vi) usam dela desfeita para fazerem sombras nas suas pinturas, e dela vem quantidade nas naus da India; e também alguns lhe chamam tinta de Nanquim. É dificultoso fazer-se este remédio não havendo a tal tinta, porque, sem ela, se não pode fazer o tal remédio.

2. Havendo, pois, a tal tinta, se fará o remédio na forma seguinte: coza-se uma mão cheia de folhas de tanchagem e outra de beldroegas, ou de almeirão, em uma panela com uma canada de água, até diminuir a metade; desta se tirará uma pouca em um prato e nesta se esfregará uma das ditas pastilhas, estando a água morna, e, tanto que a água estiver bem preta, se esfregará a pastilha no fundo do prato com outra água, até fazer dela seis onças para o doente beber, estando a água fria, o que fará a qualquer hora que a necessidade o pedir, e, se for longe do comer, será melhor, se o aperto do sangue der lugar, tomando-se este remédio de três em três horas, se o aperto for grande e se não parar o sangue com a primeira ou segunda bebida.

3. Eu assim tenho feito este remédio algumas vezes com bom sucesso, e, quando queiram mandar buscar as águas à botica, se pedirá água de tanchagem e de beldroegas, ou de almeirão, de cada uma três onças, para fazer as seis que ficam ditas, e, nelas misturadas, se desfará a massa, roçando-a até fazer a água bem preta, como fica referido.

4. Uma mulher em minha casa, estando com um fluxo de sangue pela madre, cuidando que era a sua conjunção, lhe foi continuando e se foi pondo em tanta fraqueza que já não se podia levantar porque lhe foi crescendo cada vez mais; deu-me parte e, tendo eu as tais pastilhas, mandei logo cozer tanchagem e beldroegas, e, desfazendo a massa como está dito, lhe dei uma bebida de seis onças, ficou com menos sangue, e, dando-lhe segunda, não correu mais o sangue.

observação

5. Um homem, cujo nome me não lembra, morador em Vila Rica do Ouro Preto naquele tempo, tinha tomado azougue, com que tinha babado muito, e estava ainda babando, e, como estava com os dentes abalados, lhe rebentou um fluxo de sangue pela cova de um, a que se aplicaram muitos remédios por um médico e um cirurgião, e todos baldados; estando o fluxo correndo com toda a força e o homem já quase expirando, chamou-se o padre Alexandre da Silva Vaz, que depois deste caso foi meu capelão e clérigo de toda a verdade, para o confessar, e, vendo que o homem expirava, tendo notícia deste grande remédio, foi com toda a pressa de noite, já fora de horas a uma botica a prepará-lo, e, dando-o ao doente, recomendando-lhe que o tivesse na boca algum tempo antes de o engolir, foi Deus servido que logo lhe parou o sangue e ficou livre do perigo, com admiração de todos os que já o choravam morto.

observação

6. Um clérigo na Cidade da Bahia, cujo nome não perguntei, estando desamparado dos médicos por não lhe poderem vedar o sangue que lançava pela boca, vindo eu das Minas e achando-me na dita cidade, na loja de um mercador, na rua Direita, e ouvindo falar no tal clérigo, e que morria, sem haver já remédio que se lhe não tivesse aplicado e estar deixado ao arbítrio da natureza, respondi que, se quisessem fazer um remédio particular que eu sabia e tinha aproveitado a muitos, mandassem a minha casa, à praia, que estimaria aproveitasse também a ele; e como aceitaram de boa vontade a oferta, e que sem dúvida se havia de ir buscar, fui

logo procurar as pastilhas e, achando-as em mão de um amigo mercador, fiz o remédio para tomar por quatro vezes, e, perguntando ao depois como se achara, me disse o tal mercador estava quase sem lançar sangue algum, e, tomando mais algumas vezes, me constou sarara, o que muito se estimou na casa, porque era clérigo que continuava seus estudos com boas esperanças.

observação

7. Outras virtudes têm as tais pastilhas, e é que, para inflamações dos olhos, tingindo com uma pastilha uma gota de água-rosada que não fique a água muito preta e molhando os olhos com uma pena, assim dentro, como por fora a miúdo, estando fria, é supremo remédio; e quando algum olho se esbugalha, que parece quer rebentar e saltar fora, fazendo um polme destas pastilhas em uma gotinha de água-rosada, ou em falta, água da fonte, e untando todo o olho com este polme, é o mais supremo remédio que há no mundo, o que me afirmaram duas pessoas de crédito; e o doutor Curvo, a quem se pode dar sem o menor escrúpulo, diz que a uma filha de Caetano de Melo, vice-rei que foi da Índia, dera de improviso uma inchação mui grande, de tal modo que cuidavam que o olho rebentava e que, fazendo-se um polme muito preto e grosso de uma pastilha em um gotinha de água, e, pondo-lho, fora coisa como de milagre, ou como de encanto, porque, em duas horas, se desfez a inchação e vermelhidão e ficou sã.

outra virtude específica têm as tais pastilhas para olhos esbugalhados e inflamações deles

8. Como não há muito tempo que este remédio me chegou à notícia, não tive ocasião de fazer mais experiências, mas é sem dúvida que o tomá-lo não tem risco algum, e também é certo que, quanto mais tinta largar na água que se há de beber, quanto melhor fará o seu efeito, por ser pegajosa e grudenta, e por esta razão aglutinante.

Observação em um fluxo de sangue pelo cano da urina, ocasionado por um ato venéreo, havendo um esquentamento

9. No ano de 1708, indo eu a segunda vez embarcado por cirurgião de uma nau que ia pela ilha da Madeira para a Cidade da Bahia, antes de chegar à dita ilha me disse o capitão da mesma nau que tinha um esquentamento e que, para ficar livre dele, lhe afirmara um seu amigo que, tendo cópula com uma preta, ficava são; e, perguntando-me se poderia ser assim, lhe respondi que tão longe estava de sarar que antes se metia em um perigo evidentíssimo de perder a vida, com um fluxo de sangue pela via, achando a morte aonde buscava o remédio, e que era mais para bárbaros que para católicos; chegamos à terra, e tomando uma lavadeira preta para lavar a roupa veio trazê-la em uma ocasião, e metendo-se com ela em uma câmera, saiu para fora chamando por mim, que lhe acudisse pelo amor de Deus.

10. Caso notável! Estando em o sobrado de cima, acudi aos gritos e o achei com a camisa e ceroulas metidas com as mãos entre as pernas, carregando-lhe e apertando com força, mas não se julgava ser pano branco, senão da cintura para cima, porque tudo o mais estava ensopado em sangue e correndo no sobrado. Em caso tão apertado, o mandei assentar dentro de uma bacia grande cheia de água fria, metendo-se debaixo dela os testículos, o membro e as virilhas, com o que foi sossegando o sangue alguma coisa. Ordenei mais umas cataplasmas de panos molhados em clara de ovo com sumo de tanchagem e algumas pingas de vinagre, para pôr assim frio nas virilhas com panos de vinagre por cima; e pela boca tomou engrossantes de águas frescas com pós de bolo-armênio e xarope de rosas secas e de murtinhos, tudo repetido muitas vezes, com que sarou; isto sirva de espelho aos que se quiserem ver a ele.

Capítulo V

Do remédio para as supressões da urina

1. Cozam uma boa mão cheia de erva-do-bicho, cuja descrição se achará no tratado da corrupção-do-bicho, muito bem cozida em dois frascos de água que fique em um, e dela tomará o doente seis

onças com uns pós de açúcar pela manhã, em jejum, morna, e de tarde outras seis onças, ou às horas que a necessidade o pedir, e assim as mais vezes que for necessário, se ainda carecer; e poderá o doente estar certo que há de urinar bastantemente, segundo o que abaixo se verá; eu o não duvido pelas virtudes que considero e tenho visto na tal erva em outras doenças, nem se pode duvidar, porque há remédios que parecem agrestes e são certíssimos para doenças, que algumas vezes a Medicina fica injuriada.

2. Manuel da Costa Pereira, homem de negócio de escravos e verdadeiro, contou, em uma ocasião, que, assistindo em Pernambuco em casa de um cirurgião francês por nome Antônio Barbião, que era assaltado em muitas ocasiões de uma supressão de urina e que em uma estivera às portas da morte naquela ocasião, sem que ele nem outros cirurgiões e médicos o pudessem livrar, e indo o dito Manuel da Costa de casa do dito Barbião à cidade de Olinda a seus negócios, viu no caminho a dita erva chamada "do bicho," e, lembrando-se pela ver que no Rio de Janeiro se tinham curado um branco e um preto com a dita erva, mandou, por um seu pajem, apanhar uma mão cheia e a levara para a casa do dito Barbião; e antes de chegar a ela, ouvindo tocar os sinos, lhe pareceu tinha falecido pelo deixar quando saiu de casa, com a tal retenção apertado; mas, averiguando o caso, achou que ainda estava vivo, e, chegando à casa, dera logo a tal erva à sua mulher e lhe disse a cozesse bem e desse da sua água a seu marido um bom copo a beber; e que, fazendo-o à noite, foi tão feliz o sucesso que pela manhã saiu para a rua livre da queixa. Outro caso de um preto.

observação

3. O caso do preto sucedeu do modo seguinte: morava um homem no Rio de Janeiro e tinha um preto doente com uma supressão de urina; mandou fazer uma ajuda de erva-do-bicho para o dito escravo tomar, receando tivesse corrupção-do-bicho ou para se livrar dela (de que morre muita gente, como se verá no seu tratado) e, mandando-a lançar ao dito escravo, a não quis receber por nenhum modo; enfadado, o senhor do escravo lhe disse que ou a havia de

tomar ou o havia de matar e, dando uma volta, a bebeu o dito escravo, e no outro dia tinha urinado bastante urina e estava livre da queixa; este é o caso do preto, vamos ao de outro branco.

observação

4. Passado pouco tempo depois deste caso, chegou de fora da dita cidade, à casa do senhor deste escravo, por ser seu amigo, um homem que trazia uma gravíssima supressão de urina, e lhe disse que se vinha curar com um religioso de certa religião, por ser notório que tinha uma receita particular para o tal achaque, e que trazia cem mil réis para lhe dar, que tanto levava pelo remédio; ao que respondeu o dono da casa o que lhe tinha sucedido com o seu escravo e que bom seria fazer-se a mesma experiência, porque nada se perdia, nem o remédio tinha perigo; o que, pondo-se em execução, foi tão bem-sucedido que se recolheu são para sua casa e com os seus cem mil réis; isto me foi comunicado por um amigo de muita verdade e sacerdote, e me pediu o escrevesse para benefício do bem comum.

observação

Capítulo VI

Do remédio para as ictericias

1. O doutor Francisco de Almeida, natural de Pernambuco, assistindo em Coimbra, lhe sobreveio uma icterícia tão rebelde que desprezou todos os remédios da Medicina, a que assistiram bons médicos, e por último o lente de prima em Medicina, o Torvão, por alcunha, o qual, assistindo ao doente por alguns meses, o deixou por incurável. Este doente, por se divertir em tão lastimosa consideração, se retirou uma tarde encostado a um bordão para fora da cidade e se foi assentar à sombra de uma oliveira com muita tristeza, como quem não achava remédio ao seu mal; no mesmo tempo, veio chegando para ele um velho todo remendado e, vendo

a sua tristeza, lhe perguntou qual era a causa dela, ao que respondeu que a sua doença lha não havia ele de curar; tornou o velho dizendo: "Poderá ser que sim." Ouvindo isto, o doente lhe deu parte da sua queixa e o velho lhe disse: "Mui fácil é a vossa cura e de pouco gasto; ide para casa e comprai uma canada de mel, do melhor, e também dois ou três rábãos de horta, e fazei deles nove talhadinhas muito delgadas, depois de limpos os rábãos, e deitai-as em uma tigela vidrada e os cobri com o dito mel; ponde-as ao sereno e, pela manhã, em jejum, as comei, e o mel. No mesmo dia fazei outras tantas talhadinhas, infunde-as em outro mel, ponde-as ao sereno, e pela manhã as comei, e o mesmo mel; isto mesmo fazei todos os dias até chegar a nove e, no fim deles, vos achareis são."

observação

2. Assim o fez o doente e, ao segundo e terceiro dia, se foi achando com melhoras, e, antes de se acabarem os nove, se achou são radicalmente, com admiração dos médicos que lhe tinham assistido, principalmente do Torvão, que, perguntando-lhe pela cura que fizera, e dando-lhe parte, a aprovou e disse se havia de aproveitar do conselho do velho, os quais se não devem desprezar; e bem sabem os doutos que o rábão tem particular virtude para as ictericias.

3. O mesmo doutor Francisco de Almeida contou este caso em Pernambuco a um sacerdote muito verdadeiro e de sã consciência, que nestas Minas mo afirmou por verdade; e disse que o dito doutor era de muita verdade também e mo noticiou há pouco tempo, e eu lhe acho muito fundamento para ser bom remédio, assim pelo rábão ser bom para tal enfermidade, como pelo mel. Eu já apliquei a um ictérico as talhadas do rábão com açúcar e houve bom sucesso; e também tenho notícia, por pessoa de crédito, que já sararam dois brancos e uma preta com o rábão em talhadas, serenadas com açúcar, e muito melhor será com o mel.

observações

4. Em falta do mel de Portugal, me parece mais acertado usar do mel há algum mel de pau das abelhas do Brasil do que do açúcar, porque, deste mel, tenho muita experiência, mas há de ser o mel a que chamam de jitaí,[2] ou mandassaia, que é o melhor, e as mais castas muito duvidosas, porque há algum mel que é venenoso e mata. Dos dois tenho usado infinitas vezes com admiráveis sucessos em obstruções, como fica referido no seu tratado para flatos, para dores de estômago, para fraquezas dele e para chagas, misturado com sumo de picão ou, por outro nome, carrapicho, e uma gota de sumo de folhas de fumo verde, ou, por outro nome, tabaco; dando tudo uma fervura, molhando fios e panos, mundifica as chagas, encarna e cicatriza.

há algum mel que é venenos

Capítulo VII

De uma receita particular para os defluxos asmáticos que da cabeça caem no peito, remédio único para os curar, e quem não sarar com ele, escuse fazer mais; é segredo dos padres da Companhia de Jesus, do qual não têm ainda notícia médicos, nem cirurgiões; consta de umas águas, que se farão na forma seguinte:

1. Flor de laranja azeda, raízes de malvas com algumas folhas, não muitas, raiz de manjericão, raiz de arruda e raiz de alfavaca; de cada coisa destas uma mão cheia, deite-se tudo em panela nova vidrada, na qual se lançarão também duas libras de água comum e uma de vinagre branco, com o que há de ficar a panela cheia; ponha-se a ferver com os ditos simples até diminuir a metade e, tirada do fogo, estando morna, se coe e deite em um frasco, e nele se lançarão duas frutas reladas por nome pepes[3] que vêm de Angola e não faltam na Bahia na mão de quem é curioso, e os

angolistas costumam trazer, e outras coisas de préstimo, e é cada uma do tamanho de uma azeitona grande; e se vascolejará o frasco por tempo de meia hora, o que se fará uma vez cada dia, por discurso de cinco, e, ao tempo que se vascolejar com ele, estará mal tapado, de sorte que lhe fique por onde respire para não rebentar. Esta é a primeira água; a segunda é a seguinte:

2. Ajuntem urina de meninos de idade de três ou de quatro anos, até que façam duas libras, e se deite em panela nova vidrada, e se lhe lançará dentro uma mão cheia de raízes de malvas e algumas folhas; tudo bem lavado e pisado, se ponha a ferver até gastar a metade; ao depois se deixe esfriar e se coe, e guarde; esta é a segunda água.

Como se usará destas águas

3. Em uma vasilha de cobre, e não em outra, se deitarão duas colheres do remédio da urina, e da outra água uma colher; estando tudo misturado e mexido, se ponha a amornar, e, estando o doente de costas, se mandará esfregar com esta água desde o pescoço ato fim das costelas por todo o peito, e o mesmo se fará pelas costas abaixo, fio do lombo e costelas, esfregando sempre para baixo por bastante tempo; isto se fará de manhã, estando o doente em jejum e bem agasalhado na cama, e nela estará depois de esfregado duas horas; e depois se poderá levantar bem enroupado com muita cautela do ar e, à noite, depois da ceia; e depois de se deitar na cama, passado algum tempo, se fará a mesma esfregação, continuando-se por tempo de um mês, duas vezes ao dia; e com o regimento seguinte ficará o doente são.

Regimento

4. Não comerá o doente salada, nem manteiga, nem queijo, nem azeitonas, nem azeite, nem leite de nenhuma sorte que seja, nem beberá vinho, nem aguardente e fugirá de todos os alimentos quentes; e, se o doente quiser, havendo necessidade, poderá temperar o seu comer com manteiga de porco em pouca quantidade.

5. Diz quem em sua própria pessoa experimentou este remédio na forma que está dito que é milagroso para os defluxos que caem no peito e nos brônquios do bofe, que fazem rebentar os doentes com tosse seca; e também tira os grandes calores das costas e dos rins; serve também para os pleurises e todos os achaques do peito.

6. Com este remédio se curou um clérigo na Vila Rica do Ouro Preto, depois de ter experimentado baldadamente todos os remédios da Medicina, aplicados por médicos e cirurgiões experimentados, e só com este ficou radicalmente são; e oferecia um escravo, entre vinte que tinha, pela receita, e, não a podendo alcançar com esta despesa, o veio a conseguir por astúcia e por muito menos; e parece foi Deus servido para se fazer pública, pelo modo que este sacerdote a houve e pelos meios que me veio a mão.

7. De nenhum modo se pode fazer este remédio sem as frutas de Angola chamadas tepes, ou pepes; estas são dificultosas e só se poderão alcançar por via de algum homem que tenha correspondência no dito Reino de Angola, para que as mande vir, ou procurarem-se nos portos de mar, como na Bahia (aonde eu vi bastantes na mão de um curioso) que trazem as embarcações que de lá vêm, ou curiosos que as mandam vir por terem outros préstimos também, as quais vêm com outras muitas coisas medicinais e é certo que só em Angola as há.

Capítulo VIII

Do remédio para curar gonorréias velhas que não querem obedecer a nenhum outro

1. Terebintina fina e lavada *S.A*. duas oitavas, gemas-de-ovos número três; desfaça-se tudo muito bem e depois se lhe misture três onças de açúcar muito branco e uma libra de vinho branco finíssimo e sem confeição; e, sendo tudo misturado e liquidado, se coará por pano de linho tapado e, bem espremido, se guarde. Toma-se este

remédio por quatro vezes em jejum, e de tarde, antes da ceia, quatro ou cinco horas, e no outro dia o mesmo. Chama-se leite de terebintina, porque fica como leite; é certo e experimentado por um amigo, cirurgião de boa nota, que o tinha em segredo e mo descobriu para o fazer manifesto e utilizar os próximos.

Capítulo IX

Do remédio para curar uma oftalmia rebelde a todos os mais

1. Água de flor de sabugo, rosada e de tanchagem, de cada uma três onças, solimão, grãos cinco, em pó sutil; dê tudo uma leve fervura a fogo brando e, coado por pano de linho tapado, se lhe misture uma clara de ovo, batida primeiro, tutia preparada uma oitava, açúcar de chumbo, grãos dez, pedra-lipes, grãos dois, colírio branco de Razis sem ópio um escrópulo; tudo muito bem batido e coado outra vez se guarde em vidro, do qual se lançarão umas pingas nos olhos a miúdo, e também por fora, estando inflamados ou denegridos, como sucede quando o mal é antigo e rebelde; chama-se "colírio de milagre," porque obra por modo como se o fosse.

Capítulo X

Do remédio da fruta chamada urucu, para quem lançar sangue pela boca, ou estiver tísico, ou tiver tosse seca

1. Em três frascos de água lancem três onças de urucu bem pisado, o qual se ponha a ferver até ficar na terça parte; então se coe por um pano e, bem espremido, torne ao fogo com o que bastar de açúcar para ferver e ficar em ponto de lambedor, no qual, depois de tirado do fogo, se lhe lançará mais uma onça do dito urucu em pó

sutil e se mexerá muito bem, e, mexido, está o remédio feito; dele tomará o doente pela manhã em jejum e à noite três horas depois de cear, ao recolher na cama, duas boas colheres, morno, e assim os mais dias até se acabar, tendo bom regimento, fugindo de mulheres, como de mortal inimigo; e, sendo necessário, outro remédio se fará, e tanto que acabar de o tomar, ou o que for necessário, terá regimento de vinte dias.

2. Nota. Destas frutas há abundância nas Minas e no Rio de Janeiro, e é este um remédio singular para todas as defluxões asmáticas e para o que fica dito e usado de alguns curiosos com feliz sucesso, por ser descoberto há pouco tempo; os tísicos, tomando também uma oitava de urucu feito em pó lançado em leite por cada vez têm grande alívio; e, sendo continuado, poderá sarar pelos grandes efeitos que nele se têm visto.

Capítulo XI

Do remédio para braços ou pernas que estiverem com pouco movimento, ou esquecidos por causa de algum estupor, ou paralisia, ou resfriamento

1. Semente de mostarda quatro onças, aguardente fina meia canada, unto de porco sem sal meio arrátel, óleo de arruda oito onças, espírito de cocleária uma onça.

2. A mostarda se pise muito bem em almofariz e se misture com a aguardente e, lançada em tacho bem limpo com a banha de porco e o óleo, ferverá tudo a fogo brando até se incorporar, mexendo-se com espátula de pau; e, incorporado, se tirará do fogo, e estando quase frio se lhe lançará o espírito, ou, em sua falta, a mesma quantidade de espírito de ferrugem, e se mexa e guarde em vaso bem tapado para o uso.

3. Deste medicamento se usará molhando nele um pano, estando morno para esfregar e fomentar todas as partes queixosas,

esfregando muito bem a parte primeiro com um pano seco e a fomentação com o maior resguardo do ar que puder ser; e, depois da parte fomentada, se cobrirá com alguma pele de bicho macia, como de lontra, ou outra semelhante, ou com papel mata-borrão e baeta por cima, que fique a parte bem livre do frio; isto se fará três ou quatro vezes cada dia. É remédio que inventei e experimentei com bom sucesso em um braço que estava esquecido; faz adquirir calor e espíritos à parte que estiver falta deles; é descoagulante e conforta admiravelmente.

4. Ao mesmo tempo que este remédio se administrar, é necessário tomar o doente alguma bebida vulnerária e sudorífica para promover a circulação, assim do sangue como dos mais líquidos, para que a natureza socorra aquela parte com calor e espíritos com mais facilidade; e, no que toca a purgar, não sou de parecer, por se não enfraquecer a natureza e desamparar mais a parte, salvo for ao depois que ela estiver socorrida e o doente tiver abundância de humores alheios do sangue, o que se fará com purga de jalapa ou de rom, como fica dito.

Outro remédio experimentado em dois doentes que, estando com pouco movimento em braço e perna, ficaram sãos, sem irem às caldas

5. Mirra escolhida, azebre hepático, espicanardo, sangue-de-drago, incenso, múmia, bedélio, opopánaco, bálsamo, açafrão, almécega, goma Arábia, estoraque líquido, de cada um duas oitavas; láudano e sumo de castóreo, de cada um duas onças e meia, almíscar meia oitava, terebintina de Veneza quatro onças; misture-se tudo e se lance em alambique de vidro e, a fogo brando, se faça destilação segundo a arte, e o que destilar se guarde em vidro bem tapado para não exalar a virtude, e se guarde para o uso.

6. O uso deste remédio é fomentar com ele morno desde a nuca pelo espinhaço abaixo até o fim dele, e depois molhar uma tira de pano usado e pô-la em cima da fomentação, que será de largura de três dedos, e deixá-la estar, até que fique quase seca, e depois tornar a fazer o mesmo as vezes necessárias; porém, este remédio

se não aplicará, senão depois que o doente estiver purgado e repurgado e, por cima do pano e da fomentação, se porá uma pele de bicho macia ou baeta nova e bem agasalhada do ar, e com este remédio se escusarão caldas; assim mo afirmaram e me parece será bom pelos simples de que é composto.

Observação de um caso grande com nervos e ossos cortados, curados com aguardente

1. No ano de 1716 curei ao capitão Domingos Fernandes Tenilha, morador em Ribeirão Abaixo, freguesia de São Caetano, na paragem chamada as Lavras Velhas, a quem deram uma cutilada em os dedos de uma mão tão grande que um lhe ficou pegado por mui pouca carne da parte de dentro, que era não o mínimo, senão o outro; e outros dois vizinhos, um deles foi cortado até o meio do osso, e o outro pouco menos; todos cortados pela parte de fora.

2. Assim que cheguei à casa do doente, estava um sujeito com uma tesoura na mão para acabar de cortar o que estava quase de todo cortado; impedi a tal obra e, desalterando as feridas com aguardente quente, pus os dedos em cima de uma tabuazinha e fui encabeçando os nervos, e dando entre eles os pontos necessários superficiais, para ficarem os nervos mais seguros e os ossos também, tendo mui grande cuidado que tudo ficasse em sua forma natural, e acabados os pontos e os dedos compostos em sua figura, curei com panos molhados em aguardente, da melhor que se achou, embrulhando nos panos, cada um de *per se*, e depois todos juntos; e depois pus a mão assentada na dita tábua, que era de feição da mesma mão, e chegava adiante do pulso para melhor segurança e se atar, pondo-lhe também panos molhados na aguardente em toda a mão e pelo braço adiante, e lha pus ao peito coberta com baeta nova para defender o ar, pois é inimigo capital dos nervos e ossos.

3. Feita assim esta cura, lhe ordenei se fizesse uma manga de duas baetas, adiante fechada a modo de bolsa, para melhor resguardo do ar, e metesse a mão dentro nela, recomendando-lhe o bom regimento, e se guardasse de mulheres como de mortais inimigos; e por estar desconfiadíssimo de ficar aleijado, lhe disse que se

observasse o que lhe ordenava e, se sujeitasse a minha cura e disposição, havia de ficar com pouca lesão e os seus dedos todos; o que assim sucedeu por mercê de Deus, porque ficou com pouca lesão, como logo direi.

4. Nesta cura não buli, senão passados três dias, por ter lição de alguns autores modernos e ter já experiência que as curas a miúdo não são boas, expondo as feridas ao ar, que lhes causa grande dano, e o mesmo acontece nas chagas; passados os ditos três dias, ainda que havia grandes dores, como o caso o pedia, e eram toleráveis, curei do mesmo modo, por achar as feridas bem assombradas. Com esta cura ficou com mais algum sossego, por lhe tirar os panos, que estavam muito secos.

5. Assim fui continuando com a mesma aguardente, curando de vinte em vinte e quatro horas, até que todas as feridas uniram sem fazerem matéria; e depois que de todo estiveram unidas, curei muitos dias do mesmo modo, sempre com a tábua debaixo, mas puxando-a alguma coisa para trás que ficassem as pontas dos dedos fora dela, para irem buscando o jeito de fecharem e os nervos e ossos se segurarem melhor.

6. Depois das feridas estarem unidas, a parte desinchada em sua forma natural e sem queixa alguma mais que a imperfeição do movimento, lhe mandei tomar degoladouros, metendo a mão nas aberturas dos bois com muito grande cautela do ar, quando a desembrulhasse e quando a tirasse do sangradouro; e vendo que, no discurso de muitos dias, não tinha melhora alguma, lhe ordenei não continuasse mais os tais degoladouros, mas sim procurasse a mais fina aguardente que se pudesse achar, e, com ela bem quente, tomasse banhos na mão com um pano molhado, e metendo-a também dentro nela, estando com a quentura sofrível, tendo a aguardente fogo debaixo e a mão em cima dela, e chapejasse por bem tempo, sendo o fogo brando para não ferver e exalar os espíritos, que são a parte balsâmica e mais essencial, cobrindo toda a mão e braço com panos molhados, e cobrindo logo com baeta, e metendo-a na sua manga; isto fizesse quatro ou seis vezes cada

dia. Ordenei que pusesse a mão em cima da aguardente, para que a vizinhança do calor defendesse melhor a parte ofendida do ar ambiente, e para que, quando se molhasse o pano, chegasse à parte com mais calor; e são estas duas coisas muito necessárias.

7. Com este modo de cura foi experimentando muita melhora, carregando de quando em quando com a outra mão nas cabeças dos dedos ofendidos para irem fechando, assim mesmo dentro na manga já sem tábua; e, no discurso de um mês, pouco mais ou menos, que continuou com estes banhos e fomentações, ficou quase sem lesão, de sorte que todos os dedos fechavam e abriam, exceto o que ficou pendurado pela pele e pouca carne, que este, quando fechava a mão, lhe ficava alguma coisa mais aberto que os mais; e, pegando com a mão em coisa grossa, lhe não fazia defeito algum, nem ao abrir, porque em nenhum tinha diferença, senão que todos ficavam direitos.

8. Daqui por diante fiquei advertido que era melhor a dita aguardente para os tais casos que os degoladouros; e, sendo daí a tempos consultado por um amigo por nome Antônio de Sousa, morador junto à Vila do Carmo, para aplicar algum remédio a um seu camarada por nome Gabriel Pereira, que, recebendo uma cutilada em um braço, sarara a ferida e o braço o não podia mover, tendo-lhe o cirurgião que o curou aplicado os degoladouros sem proveito algum, e sendo que havia passado bastante tempo, lhe aconselhei os tais banhos e fomentações de aguardente da melhor que pudesse achar, fomentando por muito tempo e cobrindo os panos com brevidade com manga de baeta, assim como tinha aconselhado ao capitão referido; e dentro de pouco tempo ficou com todo o movimento do braço e sem queixa alguma, e outros mais com o mesmo bom sucesso, como o capitão Matias Barbosa da Silva, cuja observação fica referida no tratado do óleo de ouro.

9. E se me perguntarem a razão por que a aguardente é melhor nestes casos para laxar os nervos que os degoladouros, sendo remédio que todos os autores têm aprovado, e óleos laxativos, responderei que o clima das Minas é frio e úmido e o ar muito fino e

penetrativo, e como estas coisas todas são inimicíssimas dos nervos e ossos, por isso, dizia eu, que houvesse mui grande cautela quando fizesse as curas; e, pelo contrário, a aguardente, sendo boa, é quente e seca, é balsâmica e espirituosa, por cujas virtudes muito penetrativa e defensiva de corrupção, conforta e corrobora grandemente, ajuda o calor natural, aumenta e restaura os espíritos perdidos e, com os que de si exala, defende a parte do ar, ajuda muito a aperfeiçoar o poro nos ossos quebrados ou cortados e fortifica muito os nervos e a sua união, e os laxa, como fica demonstrado; e, finalmente, é um grande remédio, segundo a muita experiência que dele tenho. Já para gangrenas é singularíssima e para chagas sujas impedi-las de corrupção, curar as podres e preservá-las, sendo aplicada muito quente, e ainda as que estão privadas de todo o sentimento, como referirei na observação do escravo de João Gonçalves Ribeiro, no tratado dos formigueiros.

clima das Minas *é* frio e úmido, e o ar finíssimo e muito penetrativo

excelências e virtudes maravilhosas da aguardente do reino, sendo boa

10. Do caso dos dedos cortados ficarão os professores que tiverem visto as terríveis questões dos autores a respeito dos nervos cortados e meio cortados e as dúvidas tão grandes que põem na sua união e cura, aos quais e para todos servirá esta leitura de boa doutrina, principalmente aos principiantes.

Observação maravilhosa de um caso grande, curado com aguardente, em uma ferida de cabeça penetrante

1. No ano de 1710, me mandou chamar dom Francisco Rondom, natural de São Paulo, estando morador nas Minas da Paraopeba, em um ribeiro minerando; e andando os seus escravos trabalhando, caiu na cabeça de um um galho, ou braço de um pau, que, casualmente, se despegou do seu natural, e logo ficou o tal escravo em terra e sem acordo, nem fala; fez-lhe alguns dos seu remédios caseiros, mas sem efeito algum; no fim de três dias, cheguei a vê-lo

e o achei do mesmo modo, sem responder uma palavra, com uma pequena ferida; nestes termos, considerei que algum osso quebrado estava sobre a dura-máter e ofendendo o cérebro, abri praça[4] em cruz com uma tesoura e, afastando bem a carne e o pericrânio, logo com os dedos achei ossos fractados para várias partes; tomei o sangue com lequinos de fios molhados em clara de ovo, e, sendo junto da noite, antes de horas de ceia, descobri a cura, e, estando o sangue parado (que quer Deus dar o frio conforme há a roupa) porque não tendo mais que clara de ovo e teias de aranha para tomar o sangue, por serem matos gerais mui distantes de povoado e de vizinhança, parou o sangue, não sendo pouco; e, logo assim que meti os dedos na ferida, achei um osso submerso, e, entendendo que aquele era o que fazia o dano, me não enganei, porque, metendo o levantador com o melhor jeito que pude, alguma coisa o levantei; e porque o doente estava com um peso notável na cabeça e muito sonolento depois de ter trabalhado bastante tempo, lhe lancei em cima das fraturas umas pingas de aguardente, tépida somente, para confortar a fraqueza que tinha recebido e a contusão; depois disto curei com todo o ovo, misturado e batido com umas pingas da dita aguardente; no outro dia já o doente falava alguma coisa, e nesse mesmo dia ordenei fosse o doente para a Vila Real do Sabará em uma rede, onde eu era morador, para lhe assistir, e o curei do modo seguinte:

2. Depois de chegar o doente, fiz um digestivo de terebintina lavada e misturada com um pouco de óleo de aparício e umas pingas de aguardente, com o qual fiz a primeira cura, molhando nele fios e curando a circunferência da carne que tinha levantado e afastado, lançando primeiro umas pingas de aguardente morna, somente em cima das rachaduras dos ossos, e pondo-lhe em cima delas fios secos; no outro dia tirei a cura e meti o levantador outra vez e levantei mais o osso, e, daí por diante, foi o doente falando muito bem, mas não com todo o acerto; pelo tempo foram saindo os ossos quebrados, curando sempre do mesmo modo, até que saíram todos e ficou o cérebro à vista com um buraco quase do tamanho de uma laranja; pus-lhe um pedaço de casco de cabaço, limpo por dentro e por fora, forrado com tafetá encarnado e seguro, bem justo com as

paredes dos ossos em redondo, lançando dentro, antes de o pôr, umas pingas de agu565ardente quebrada somente da frieza, e por cima do cabaço curava com o sobredito digestivo, carregando bem nos lábios da chaga para ter mão na carne que não crescesse e cobrisse as paredes do osso, que ia em redondo criando poro; e, assim que este ia crescendo, ia eu também aparando e diminuindo o cabaço em roda com um canivete para ir sempre ficando certo com o osso, para ter mão nos apósitos da cura, que é o de que serve o casco de cabaço, com a qual cura continuei sempre até de todo se fechar o buraco; e não lancei dentro leite, nem óleo rosado onfacino, como mandam os antigos, por ver que com a aguardente ia sucedendo bem desde o princípio; e algumas vezes toquei a carne dos lábios com espírito de vitríolo e outras com pós de pedra-ume queimada, para ter mão nela, enquanto a natureza ia criando o poro e tapando o buraco, por onde se estavam vendo os miolos palpitar claramente; e, assim que o buraco se acabou de fechar, acabei também de lançar fora o casco de cabaço e acabei de curar a chaga com aguardente somente, até de todo encarnar e cicatrizar, falando o doente em toda a cura muito bem e comendo melhor; e, por fim, como em algumas ocasiões o doente falava alguma palavra com menos acerto, mas servindo muito bem, disse a seu senhor o não mandasse carregar na cabeça peso algum.

3. Esta observação me lembrou ainda a tempo e a quis escrever para doutrina dos modernos e para melhor crença da maravilhosa virtude da aguardente. Quem dissesse aos antigos que em cima das membranas do cérebro e em cima do mesmo cérebro se lançava aguardente, sendo um medicamento tão cálido, que diriam eles, quando encomendam tanto os benignos? É certo que o haviam de reprovar com a espada na mão, e também é certo que eles não podiam saber tudo.

1 O autor usa o arcaísmo gráfico parlezla.

2 Na verdade jataí, jatí, jetaí ou jeti-pequena, abelha cujo mel é muito apreciado.

3 O autor usa também a grafia *tepes*.

4 **Abri praça** - *Abrir praça, abrir caminho, fazer lugar*. O autor, por analogia, utiliza a expressão para dizer do corte que fizera durante uma cirurgia.

Tratado VII

Dos formigueiros e outras doenças comuns nestas Minas

Capítulo I

1. Esta doença de formigueiros é muito ordinária nestas Minas, assim em pretos como em brancos, e, como tem suas diferenças, os quero distinguir na forma seguinte:

2. Destes, há uns que nascem nas solas dos pés dos pretos mineiros que facilmente se conhecem, porque lhes fazem buracos ao mesmo modo que as formigas os fazem na terra quando fazem as suas casas, solapando as solas dos pés e fazendo nelas buracos redondos e fundos, com comichão e dores grandes que os não deixam andar sem grande moléstia; outros há que nascem nos braços, mãos e pernas, assim dos pretos como dos brancos, mas mais ordinário é nos braços, e, pela maior parte, principiam pelos dedos e costas das mãos com uns tumores pequenos e vermelhidão e dor, que facilmente fazem matéria e rebentam, mas sempre com vermelhidão em roda; e depois vão crescendo pelo braço adiante os mesmos tumores e rebentando como os outros, uns principiando mais pequenos, outros maiores e outros com matéria, sem quererem obedecer a remédio algum. Os das pernas se formam do mesmo modo e, algumas vezes, uns e outros se originam de arranhaduras que, fazendo chaguinhas e sendo desprezadas, acudindo-lhe algum humor colérico, se vão transformando em formigueiros e multiplicando-se inchaços e chagas por várias partes das pernas e braços, e algumas vezes, à vista dos olhos, parecem-se com herpes, por nascerem os tumores mais juntos.

Como se devem curar os dos braços e das pernas

3. Os formigueiros dos braços e das pernas sempre são mais comuns em brancos que em pretos e, se chegam a arrebentar, muitas vezes fazem cavernas pelo interno, que passam de uns a outros, como já vi algumas vezes; e, como esta doença procede de humor colérico exaltado e de sangue adulto, será bom que o doente tome um vomitório e, depois dele, que tome umas emulsões ou amendoadas para se refrescar, feitas como se diz no princípio da *Miscelânea*, tomando cinco ou seis onças, ou sete por cada vez, assim frias, em jejum e ao sol posto, ou depois de ceia um bom pedaço, que será hora e meia ou duas, que são estas bebidas admiráveis nesta enfermidade; e se parecer que necessita de se purgar, se fará com maná em cozimento fresco e de nenhum modo outra casta de purgas; e se não houver muita necessidade de purgar, se não purgará, senão com o vomitório, ou dois, e as bebidas frescas.

4. Ao depois que o doente estiver disposto na forma que fica dito, o melhor remédio que tenho achado e em que tenho assentado (depois de me enganar com outros sem fruto algum) é queimar ao tais tumores com cautério de fogo em brasa e as chagas, queimando muito bem, até que façam escara dura, isto é estando os tumores e as chagas em parte para isso que não seja em cima dos nervos ou juntas, que nestas partes se queimarão menos, por não se ofender algum nervo, ou nervos, e fique o doente com lesão; advertindo que, se se não queimarem bem, não sararão as tais chagas e será preciso tornarem-se a queimar, como a mim já me sucedeu.

5. Tanto que as chagas e tumores estiverem queimados, se lhe porão fios e panos de azeite em todo o ovo bem batido com azeite comum ou óleo rosado, para refrescar aquele calor que ficou dos cautérios, renovando os panos e fios em se secando; e, no segundo dia, se porá na escara um pano bem untado com manteiga crua, ou, em falta dela, gema-de-ovo batida com azeite doce, continuando

com isto até as escaras caírem, e, tanto que as chagas ficarem limpas sem as escaras, se curarão com o medicamento seguinte:

6. Uma dúzia de bicuibas descascadas, da casca de fora se embrulhem em um papel e, depois de embrulhadas, se borrife o papel com água e se metam debaixo de cinzas quentes, cobrindo o papel com elas e com algumas brasas, o qual estará por um quarto de hora, avivando as brasas em cima da cinza, para ficarem as bicuíbas assadas, não secas, nem queimadas; então se tirem e se pisem em almofariz ou gral de pau, e se meta aquela massa em pano de linho e, atado como saquinho, se infunda em aguardente do Reino que o cubra em um tachinho limpo ou tigela vidrada, e se porá a ferver em fogo brando; e tanto que tiver fervido algum tempo, de sorte que apareça algum óleo das bicuíbas na aguardente, se molharão as chagas com o mesmo pano atado bem quente, assentando-o em cima delas; e, depois de feito isto, se molharão fios e panos para se porem nas chagas assim morno e, desta sorte, se irão curando uma vez cada dia, aquentando aquele licor que ficou, se for bastante para outra cura, aliás acrescentando-o com outra aguardente, e torne a ferver com o saquinho dentro para largar a sustância das bicuíbas e curando na mesma forma; e tanto que as bicuíbas não largarem óleo na aguardente, se assarão outras e se curará na forma sobredita; e, se virmos que as chagas obedecem bem a este remédio, com ele se curarão até o fim, como eu muitas vezes tenho feito.

massa de bicuibas para curar formigueiros

massa de bicuíbas metida em pano e infundido em aguardente para curar formigueiros, remédio singular

7. Este remédio inventou a minha curiosidade por ver que esta má qualidade de doença não queria obedecer a outros de nenhuma sorte; e tanto assim que, antes de usar dos cautérios e deste remédio, me vi doido com tal casta de doença, e logo que usei deles, sararam todos quantos me vieram à mão, que foram vários, e nas observações farei alguns manifestos para melhor crédito da verdade.

8. Mas, no caso que as chagas, depois de queimadas, se escandalizem com o remédio das bicuíbas e aguardente, como já alguma vez me sucedeu, em tal caso se não use dele e se usará de emplasto de diapalmo baixo de ponto, com fios secos por baixo e o parche, ou parches quentes, ou de emplasto Saturno com os mesmos fios, ou de ungüento de fezes-de-ouro com poucos fios, ou sem eles, que é muito fresco e dessecante, ou de ungüento de minio alcanforado ou outro semelhante, porque qualquer destes é muito capaz de encourar as chagas e cicatrizá-las, pois toda a circunstância está em queimar bem; mas, se nenhum destes remédios (depois dos cautérios) fizerem o efeito desejado, apelem para um remédio que também inventei, com que sarou e finalizou um formigueiro terrível depois que o queimei, que tomava uma perna quase toda, depois de passados treze ou quatorze meses, curado com cirurgiões, ou com o nome disso, e um médico, que todos o deixaram por incurável, como logo mostrarei, o qual remédio se achará na observação de José Álvares.

9. Advirto, antes de entrar nas observações, que o principal remédio que doma esta serpente é o fogo, como deixo referido; e tanto que este se aplica, queimando muito bem, não havendo impedimento de nervos, ossos ou junta, lhe dissipa a malícia e ficam vencíveis facilmente, o que não acontecerá se se não queimarem, como tenho visto algumas vezes.

o fogo é o que doma esta serpente

10. Advirto mais: que os formigueiros não só acontecem por abundância de humor que vem do interior para as partes externas, senão também por pancada ou ferida; acudindo ali humor colérico, vai correndo e fazendo novos tumores naquela vizinhança, que deles se formam chagas corrosivas com buracos fundos que não obedecem verdadeiramente senão ao fogo de cautérios, e não a cáusticos, como já vi aplicar com mau sucesso, fazendo dores insuportáveis sem alcançarem o efeito desejado.

11. Bem conheço que um cautério de fogo posto em cima de uma chaga que está em carne viva, ou posto em cima de carne sã, é

coisa para temer, mas também sei que alguns doentes padeceram dores muito fortes que esta enfermidade causa, por tempos muito dilatados, e que fizeram grandes despesas, e, no fim de tudo isto, não tiveram outro recurso senão sofrerem os cautérios, exceto uma mulher, que teve dezessete buracos em uma perna e, não querendo nunca sofrer outros cautérios, a curei com outros remédios em discurso de muito tempo, cuja observação farei manifesta com as mais que puder, para melhor doutrina dos que quiserem observá-la.

Observação I

De um formigueiro desesperado em José Álvares

12. No ano de 1711 me chamou José Álvares, morador na Vila Real do Sabará, junto ao capitão Manuel Dias Leite, o qual tinha duas chaguinhas em uma perna e, junto delas, um ou dois tumores também pequenos; fui-lhe aplicando alguns remédios sem efeito algum, e, como eu andava com uma moléstia, lhe não podia assistir como ele desejava, por cuja causa queria chamar quem lhe assistisse melhor; adverti que visse quem chamava, porque a sua doença me parecia grave, o que entendi por não obedecer ao que lhe tinha aplicado, antes ia a mais; respondeu que um barbeiro o havia de curar e pôr são, ao que, tornei que sentia desprezasse um cirurgião aprovado para se curar com um barbeiro, do que não fez caso.

13. Com efeito, curou-se com o tal barbeiro quatro meses, com um cirurgião três e com um médico quatro ou cinco, e no fim de treze ou quatorze meses veio a minha casa em uma rede, tão disforme e desfigurado que, conhecendo-o muito bem, o não conheci, e me disse, com lágrimas, vinha procurar o seu remédio na mão de quem tanto tinha ofendido, dizendo o tinham todos desenganado, principalmente o dito médico, que nas Minas não tinha que se cansar, porque nelas não havia de sarar; mas, como não estava capaz de sair das Minas, por não se poder ter na perna, nem tinha posses para o fazer, pois estava pobríssimo e fraquíssimo com a pele somente em cima dos ossos, perguntei-lhe que lhe tinham feito; respondeu que tinha tomado xaropes vários, purgas, apózemos,

salsas, mercúrios e outros mil remédios sem efeito algum, e que a perna eu veria o miserável estado em que a tinha.

quatro meses de cura sem efeito e outros quatro ou cinco também sem proveito

14. Vendo-lhe a perna, lhe achei, em quase toda ela, uma chaga viva, e em algumas partes seus olhos ou buracos mais fundos, com dores tão insuportáveis que não podia consentir que lhe tocasse nenhum leve pano e, olhando para o aspecto, só se via a semelhança de homem. Respondi-lhe que se não desconsolasse que eu lhe faria tudo quanto estivesse na minha mão.

15. Assisti a este doente perto de três meses, pus-lhe a chaga sã por três vezes e sempre tornava a arrebentar em dois, três dias, com novas dores e inflamações; fiz-lhe variedade de remédios, assim da arte como de ervas da terra; nunca foi possível sará-la, e, vendo que me não valia o estar de noite vacilando no remédio que lhe faria de dia, e que, ao mesmo tempo que ficava seca tornava a abrir com dores que o faziam perder a paciência, destilando pelos buracos humor tão delgado e corrosivo que ia corroendo e desfazendo a cútis, que já estava cicatrizada, e ficava tudo outra vez em nova chaga, e tão quente como fogo.

em tres meses de assistência sarou três vezes

16. Vendo, pois, estes destemperos e que a nada obedecia, não estando em termos de evacuação alguma, pelas muitas que tinha tomado, fiz juízo de que aquele Etna[1] tão ardente não havia de obedecer senão a outro Etna semelhante, e assentei que só o fogo atual poderia vencer serpente tão indomável ou hidra tão cruel, pois, como dizem alguns autores, algumas vezes um fogo vence outro fogo; e a experiência me tem mostrado que assim sucede. Prognostiquei-lhe o perigo em que estava e o que tinha experimentado; se se atrevia a sofrer um remédio forte, que só era o que o poderia curar mediante a graça divina, ao que respondeu que, se a sua perna não tinha outro remédio senão cortá-la, que lha cortasse já, ou fizesse dela o que quisesse.

Etna tão ardente não obedece senão a outro semelhante

17. Em cujos termos o levei para casa de um ferreiro por nome Luís de Almeida, morador na Barra, do Sabará, e pedi-lhe fizesse a cama perto da forja e lhe queimei toda a chaga com cautérios feitos em brasa na mesma forja, queimando com um, enquanto o outro se fazia vermelho, experimentando neste enfermo a paciência que nunca vi em outro algum, porque era o mesmo pôr-lhe os cautérios na chaga que pô-los em cima de um pau, sem que nada movesse a perna, sendo tanto o fumo e o cheiro de carne assada que fez fugir a muita gente que ia ver o caso.

cautérios feitos em *brasa* na forja de um ferreiro

18. Feita uma boa escara e bem dura, lhe pus uns panos molhados no cozimento seguinte, que mandei fazer a um senhor de engenho e já o tinha pronto; ordenei que tirasse uma boa panela de caldo de cana e o passasse pelo alambique, sem que fosse destilado nem muito apertado; e, postos os panos molhados neste cozimento morno em toda a chaga, ordenei que, em se secando, lhe pusessem outros, e assim todos os dias até cair a escara; e como vi que assim que a escara foi arrugando e levantando-se em redondo que os lábios da chaga vinham encarnando perfeitamente, com matérias brancas e boas, lhe fui continuando os ditos panos molhados em redondo e em cima, com tão maravilhoso efeito que, ao compasso que a escara foi caindo aos pedaços, foi a chaga encarnando e ao mesmo tempo cicatrizando em roda, com cicatriz tão perfeita até que sarou de todo a chaga radicalmente, sem nunca tornar a reincidir, curada sempre com o dito licor morno, sem mais coisa alguma em discurso de dezenove dias.

caldo de cana-de-açúcar

19. Louvada seja a Majestade Divina que nunca permitiu houvesse necessidade que não fosse propício em a remediar, maiormente quando os homens fazem da sua parte; eu, como tinha trabalhado tanto, usando de quantos remédios tinha a Cirurgia e o país

permitia, inventando tantos e tanta variedade deles sem efeito, além dos que os mais lhe tinham aplicado e sabia a mesma Divina Majestade que o meu maior desvelo era o socorro deste pobre, quis, e foi servida, que investigasse um remédio tão áspero como é o fogo, em caso tão grande e tão sensitivo, mas, por ser grande, por isto mesmo apelei para grande remédio, como dizem alguns autores, que enfermidade grande se não cura com remédio pequeno, como nesta foi certo, e, ao mesmo tempo, excogitasse outro, que a alguns pareceu ridículo e parecerá, mas foi eficacíssimo, como tenho demonstrado; e ainda haverá algumas pessoas que se lembrem do tal caso, pois foi bem notório, e muito mais notório pelo médico que lhe assistiu me dizer muitas vezes em público que não perdesse o meu tempo, que o doente não havia de sarar nas Minas; mas quis Deus sucedesse pelo contrário, lembrando-se deste pobre tão aflito e desamparado. Este foi o formigueiro mais terrível que tenho visto e, daqui por diante, fiquei ensinado a curar esta enfermidade com fogo, e nenhum formigueiro deixou de obedecer a ele, como irei mostrando.

enfermidade grande nao obedece a remédio pequeno

Observação II

20. Na mesma Vila Real do Sabará, no ano de 1712, foi a minha casa André Rodrigues, feitor de uma roça na paragem chamada o Capão, o qual me mostrou um braço com uns tumores na junta do pulso até o cotovelo e uma chaguinha nas costas da mão que, dizia ele, se lhe originara de uma arranhadura, que, tendo nela comichão, a coçara e depois lhe foram crescendo os ditos tumores pelo braço adiante; uns tinham a cor vermelha e a cabeça mole, com princípio de matéria, outros ainda duros com a mesma cor do couro, uns maiores, outros menores, e dizia lhe iam crescendo cada vez mais.

21. Nestes termos, como conhecia que era um formigueiro, lhe disse que não tinha outro remédio senão queimar os tais tumores e chaga, desenganando-o a enfermidade que tinha, e tivesse paciência para sofrer um cautério feito em brasa, ao que repugnou, mas, enfim, veio nisso com grande paciência minha, para sofrer as

muitas fugidas que fazia com o braço; e depois que, por sua culpa, o queimei em outras partes, esteve quieto e deu lugar a queimar tudo e a fazer as escaras boas; pus-lhe uns panos molhados em todo o ovo, batido com azeite comum, para refrescar aquele calor do fogo, e, no segundo dia, lhe pus gema-de-ovo batida com o mesmo azeite e tirando-lhe a clara por não servir para o ferimento, com o que, continuando, lhe caíram as escaras e, depois delas caídas, ficando as chagas limpas, lhe pus um pouco de ungüento de fezes-de-ouro com fios por baixo, em pouca quantidade, alimpando-os todos os dias, e com o tal ungüento sararam sem mais coisa alguma, nem lhe tornaram a vir mais inchaços e ficou são para sempre.

22. Passados cinco anos, o topei no arraial chamado do Padre Faria, junto a Vila Rica, onde ele neste tempo era morador, e falando-me, sem eu o conhecer, me lembrou o caso, dando-me os agradecimentos, lembrando-lhe ainda as novas feridas que eu lhe fizera, enfadado de não querer sofrer, o que era para seu bem.

Observação III

23. Na dita Vila Real, e no mesmo ano, sucedeu outro formigueiro em um escravo de Manuel Gonçalves Moinhos, meirinho-geral da Ouvidoria em tempo do doutor ouvidor Gonçalo de Freitas Baracho, na forma seguinte:

24. Adoecendo o dito escravo de uns tumores e umas chagas em uma perna, chamou seu senhor um cirurgião, que não nomeio, o qual, curando o tal doente tempo esquecido, dando-lhe xaropes, purgas, apózemos contra gálico, salsa e muitos remédios na parte sem efeito algum, me deu parte do muito tempo que tinha assistido ao dito doente, pedindo-me o meu parecer; e, pelo desejo do seu bom sucesso e do enfermo, lhe aconselhei cauterizar-se todas as chagas e tumores que estivessem por arrebentar, e que lhe fizesse o remédio das bicuíbas que fica referido, e o curasse na dita forma, que logo sararia; agradeceu o conselho, fez o que lhe ensinei e sarou o tal preto em pouco tempo.

Observação IV

25. Mudando-me da Vila do Sabará para a do Ribeirão do Carmo, me chamou logo, por cartas, com grande instâncias, o mestre-de-campo José Rebelo Perdigão para lhe ir ver uma mulher por nome Domingas da Silva, a qual tinha, em uma perna, dezessete buracos tão cavernosos e fundos que, seringando por um, saía o lavatório por outros vários, e como, segundo a informação que me deram, tinham procedido de um formigueiro e, por mais diligência que lhe tinham feito vários curadores, não tinham sarado, nem obedecido a coisa alguma; que nestas Minas são estes tão comuns e gerais que, a cada passo, se encontram em vilas e arraiais, e o pior é não haver quem nisto ponha os olhos, sendo de tanta conseqüência; mas, tornando ao fío da observação, digo que, sendo chamado para a tal doença, apliquei por seringa vários lavatórios dessecantes e abstersivos, já de cozimento de cevada com pragana e folhas de tanchagem com uma gota de mel de pau; já de cozimento da mesma tanchagem com umas rachas de pau de sassafrás, por ser muito dessecante; já com o cozimento ou infusão das bicuíbas em aguardente, que atrás fica referido, sem que, com nenhum destes remédios, houvesse melhora alguma; e, tomando mais miúda indicação, vim no conhecimento que estes buracos e chagas tinham procedido do tal formigueiro e, como tais, não haviam de obedecer senão a remédios mais fortes e purgando-se; nestes termos me resolvi a dar-lhe um vomitório de tártaro emético, e, depois com outro, feita uma boa descarga da primeira região, lhe queimei as tais chagas e buracos com espírito de vitríolo, tocando as chagas com ele e aplicando-o nos buracos e cavernas por seringa, seringando com ele todos os dias uma vez, seringando primeiro com o lavatório dessecante de sassafrás, que acima fica dito, para alimpar as matérias por dentro e o espírito obrar então melhor; queimei-as com este remédio potencial, por não poder queimá-las com remédio atual, que é o cautério de fogo, por serem fundas e não poder lá chegar.

cozimento abstersivo

espírito de vitríolo

26. Assim fui continuando com o dito espírito, seringando um dia por um buraco, outro por outro, porque de uns se comunicavam a outros; assim se foram ampliando as cavernas, de sorte que, depois que usei destes auxílios, em poucos tempos sararam as chagas com grande crédito da arte e gosto meu, bebendo o doente sempre água de ruibarbo.

27. Muitas observações que me passaram pelas mãos escreveria desta doença, se as tomara em lembrança ou as recomendara a memória, mas, porque o não fiz, as não repito com a clareza que desejava.

28. Em conclusão, digo que foram muitos e que, tanto que virem que nascem tumores pelos dedos, ou costas das mãos, ou pelos braços que logo rebentam e com os sinais já ditos, e que vão principiando outros, se trate logo de os queimar com cautério de fogo e, caída a escara com qualquer dos remédios apontados, se curem as chagas com o remédio das bicuibas, que dele tenho usado muitas vezes com bom sucesso, ainda que, aparentemente, pareça duvidoso, pois, desta sorte, se atalha esta enfermidade e não vai mais em aumento como vai, se não se doma com estes contrários; e de outro modo penaliza os pobres doentes mais dobradamente que o fogo, por muitas razões, como são gastos, tempos, dores, falta de negócios e de assistência dos seus escravos e aflições, sem toparem melhor remédio que o que lhes ensino.

Queimar os tumores sem piedade

29. Mas advirto que se hão de queimar assim os tumores, como as chagas sem piedade, para que se consuma toda a malícia do humor mordaz e corrosivo, mas com condição que, se estiverem em partes nervosas ou em cima de algum osso, como deixo referido, se queimarão com tal cautela que o fogo não ofenda os nervos ou o periósteo, que é um panículo que cobre os ossos, porque lhes fará grande dano ou poderá causar alguma lesão; e o enfermo se mandará segurar para se fazer a obra, conforme for necessário e com menos moléstia do operário. Advirto mais que, no caso que haja algum enfermo tão melindroso que, de nenhum modo, queira

consentir os cautérios de fogo, se poderão queimar com medicamentos fortes, que também são cáusticos e queimam, suposto com menos atividade para a doença e talvez de mais moléstia e sentimento para o doente, segundo a qualidade deles.

Capítulo II

Dos formigueiros que nascem nas solas dos pés dos pretos

1. Sobre quantas doenças perseguem os pobres pretos nestas Minas, esta não é de menos molestia e difícil de curar, porque, pela maior parte, os senhores os não aliviam do trabalho por causa dela e andam com muito grande moléstia, sem se poderem ter em pé, como quem os tem visto e os tem possuído com esta enfermidade, a qual é terrível, porque lhes faz nas solas dos pés grandes buracos e broqueamentos fundos, corroendo para o interno e para uma e outra banda, que, andando eles sempre a cortar naquelas solas grossas, sempre crescem, e os buracos sempre fundos, de modo que não podem pisar no chão, e por esta causa andam pela maior parte nas pontas dos pés.

Como se curam

2. A verdadeira cura é purgar com vomitórios e queimar com cautérios de fogo, de sorte que cheguem a queimar até o fim dos buracos com algum cautério mais delgado ou de ponta, e depois derribar as escaras com o que fica dito e, depois de caída, curar com o remédio das bicuíbas ou outro qualquer, para cicatrizar, mas sempre hão de ser remédios dessecantes nesta parte, como o seguinte: água de tanchagem e de pés de rosas, de cada uma duas onças, pós de alvaiade duas oitavas, pós de pedra-ume crua uma oitava misture-se, e no mesmo, estando morno, se molharão fios e panos, com que se curará uma vez cada dia até sararem.

3. Também o seguinte remédio tem curado a muitos: faça-se um buraco na terra junto ao fogão, que seja redondo, fundo e estreito, e nele se lancem brasas de fogo e, em cima delas, bosta de boi seca, e os pés que tiverem formigueiros se porão com os buracos em cima do tal buraco, tomando aqueles defumadouros, que será por um quarto de hora, acendendo as brasas e botando bosta para fazer boa fumaça, estando o pé coberto e em roda com alguma roupa; e enquanto está tomando estes defumadouros, estará fervendo no fogo outra bosta com urina ou com aguardente, para fazer umas papas, que se porão em pano e na parte, bem quentes; e o mesmo assim de fumaças, como de papas, se fará todos os dias duas vezes, até ficarem sem dores e poderem andar, mas não sairão para o trabalho senão depois que as solas dos pés estiverem lisas, direitas e sem sinal de buracos; aliás, esperem por outros buracos nos pés em poucos dias e, por isso, sou de parecer que os pretos que tiverem esta enfermidade se deixem estar em casa até ficarem bem sãos, sem nunca se molharem; e para melhor obrarem os fumos, se cortarão aqueles couros em roda dos buracos, para ficarem bem patentes, com um canivete ou navalha de barba; este modo que tenho exposto é o melhor de todos que tenho achado; cada um fará o que melhor lhe parecer; as frutas grandes e redondas a que chamam de lobo, que não faltam no campo das Minas Gerais, assadas, partidas e postas em cima dos buracos têm curado a muitos.

Capítulo III

Da enfermidade a que chamam comumente cangalha e eu lhe chamo convulsão de nervos

1. Esta doença é uma das mais trabalhosas e dificultosas de curar e que dá grandíssima moléstia aos pobres dos pretos, porque lhes faz encolher os dedos das mãos e fechá-los, de tal sorte que ninguém, por mais força que tenha, lhos abre; a outros se lhes retesam os braços, de tal modo que ninguém lhos pode dobrar; a outros se lhes retesa todo o corpo, de tal modo que, pegando uma pessoa pelos

pés, outra pela cabeça, quase vai o corpo direito, querendo-o levar para alguma parte, sem fazer senão muito pouco arco no meio; outros, finalmente, se lhes arregalam os olhos, de tal modo que metem medo e até os beiços se retraem; a uns dá com mais força e a outros com menos; a uns passa e ficam bons em pouco tempo, a outros lhes dura mais e alguns lhes dá a miúdo; a outros mais interpoladamente, metendo-se alguns dias de permeio e, aqueles a quem esta doença dá a miúdo e com grande força, pela maior parte morrem dela, principalmente não se lhes fazendo algum remédio, porque basta o experimentarem a doença e verem que seus senhores os não curam, para irem esmorecendo e perdendo as esperanças da vida, até que a perdem.

2. Esta doença é muito comum nestas Minas, e é só nos pretos de toda a Costa da Mina, excetuados todos os de Angola somente, e pela maior parte é só nos que são mineiros que andam metidos dentro da água ou com os pés nela, que, os que se ocupam em roças, nunca neles vi tal doença; algumas pessoas chamam a esta doença camba e, vulgarmente, cangalha, mas, como é doença que convele e puxa os nervos, sem ocupar outras partes, eu lhe não dou outro nome, senão convulsão por causa fria.

3. A sua cura mais própria e verdadeira é preparar os humores frios com xaropes e depois purgar os humores, universalmente, com purgas de resina de batata, duas ou três vezes, e com alguma de jalapa, e, depois, dar-lhe suores de cascas de cedro bem cozidas, sendo primeiro quebradas em miúdos pedaços que diminua mais de a metade da água em que se cozerem, metendo o tacho com o cozimento debaixo de um assento de paus, a modo de grade, de modo que o doente se cubra bem coberto e em redondo, de modo que lhe não entre o ar, e o tacho, quando se puser debaixo de girão ou assento, há de ir fervendo para sustentar mais tempo o calor; e, depois que o doente tiver suado muito bem, se tirará com muita cautela do ar, se alimpará e deitará; isto fará uma vez cada dia somente, porque os suores enfraquecem muito e continuará por espaço de vinte ou trinta dias, tendo neste tempo regimento, e

beberá água, de ordinário cozida, com raízes de capeba e uma pouca de butua machucada.

4. Nesta forma tenho curado alguns escravos meus e alheios; uns ficaram sãos sem mais lhe repetir a queixa, outros, daí a poucos tempos, lhe tornou a repetir, ainda que com menos força, e outros, passado algum tempo, lhe tornavam com a mesma; e, finalmente, o que eu costumo mandar fazer a dois que tenho com esta queixa quando lhe dá é mandar-lhe dar banhos de água bem quente, em que primeiro se tenham cozido bastantes mentrastos bem cozidos, e naquela água mandava meter as mãos do doente encolhidas, estando a água bem quente, e nela se deixasse estar por algum tempo, e logo se endireitavam os dedos; e, se também tinha as pernas e os pés retesados, também lhe mandava dar banhos nelas, metendo-lhe os pés dentro, porque, logo, o calor das mãos e dos pés se ia comunicando a todo o corpo, e muitos doentes ficavam livres e outros muito aliviados.

5. O melhor remédio que há para estes doentes é fazer-lhe ou dar-lhe alguma descarga e ocupá-los em serviço seco, sem entrarem na água, como é tirá-los do exercício de mineiros e metê-los em serviço de roças, porque desta sorte ficam, pela maior parte, livres.

6. Mas o remédio para se livrarem e nunca mais lhe dar tal doença é saírem os tais escravos do clima das Minas para qualquer dos povoados, e não é necessário mais remédio algum, o que digo não só porque alguns amigos mo afirmaram pelo experimentarem em escravos seus, senão também porque eu o experimentei em um meu e nunca mais teve sombra de tal queixa; e o certo é que o clima das Minas é o fomento de tal doença e o que impede a cura dela, para nenhum ficar são radicalmente, como é certo no que tenho assentado. O sobredito meu escravo saiu das Minas para a Cidade da Bahia e, estando nela oito meses sem queixa alguma, tornou para as ditas Minas, e são passados dois anos sem lhe tornar a repetir.

sair das Minas para outro clima

Capítulo IV

Das roturas das virilhas, a que o povo chama quebraduras

1. Conhece-se haver quebradura nas virilhas em que haverá tumor ou inchaço, umas vezes como um ovo, outras mais pequeno e outras maior, pois algumas vezes sucede ser como uma bola e outras como a copa de um chapéu, quando as tripas saem pela quebradura fora, como já vi e curei, e, quando os mesmos doentes o dizem, não é necessário mais sinais, porém, quando eles ignoram o que é, é preciso que se conheça se o é ou não é, porque pode haver o tal tumor e não ser rotura; mas, para que se venha em inteiro conhecimento, se mandará deitar o enfermo de costas com os pés encolhidos e, carregando-lhe brandamente com os dedos, se virmos que logo se desvanece e a parte fica em sua forma natural, não teremos dúvida em que é rotura.

2. Neste caso, a primeira coisa que se deve fazer depois de metidas as tripas, ou o zirbo que as cobre em seu lugar, se lhe porá algum dos emplastos que adiante direi, e em cima do tal emplasto sua funda, para poder seguramente andar de pé e, sendo antiga, não queira intentar curar-se, porque perderá o tempo, e só o que deve fazer é ter grande cautela em não andar sem funda, por ser de tanto perigo que muitos têm perdido a vida por este descuido e outros vários se têm visto às portas da morte, como eu tenho presenciado e curado.

3. Se a inchação for pouca, facilmente se recolhe ou desfaz pondo-se o doente de costas e comprimindo-a com os dedos, mas, se for muita e não se lhe acudindo logo, umas vezes dá grandíssimo trabalho para se recolher, como já me sucedeu, outras ameaçam tanto perigo que morrem os doentes sem remédio, não se podendo recolher as tripas; pelo que, no caso que a inchação seja muita, se lhe porão logo, com toda a presteza, panos molhados em aguardente quente, repetindo-os em se secando, para aquentar as

tripas e o zirbo, tirar-lhe os flatos e desalterar, que de ordinário sempre estas partes estão frias; e conheceremos que o remédio tem obrado porque a parte estará mais quente e mais mole; estando assim, se fará diligência pelas recolher, estando o doente de costas com os pés mais altos que a cabeça, tomando o doente a respiração em si com toda a força; e, se ainda não quiser obedecer, se farão umas papas de farinha de trigo com aguardente a fogo brando e, feitas, se estenderão em pano que fiquem grossas e, quentes, se apliquem em cima da inchação e, passado um quarto de hora, se verá se a parte está já tratável e capaz de se recolherem; aliás, se tornarão a pôr papas novas, até que se possa fazer a tal obra; mas, não sendo possível recolherem-se, em tal caso se use do cão vivo que deixo referido, que é o único e mais presentâneo remédio que há para logo se recolherem com o calor natural daquele animal.

4. É tão perigoso este gênero de enfermidade que já me sucedeu estar trabalhando para meter as tripas dentro a um doente e ele, sem fala, agonizando e de todo quase frio, mas, por mercê de Deus, escapou de tão manifesto perigo, e outro que, quando me chamou, tinha tão grande e disforme inchação como uma grande copa de chapéu, o qual estava com as pernas tão abertas e com a inchação tão grande que me meteu medo, mas, pondo-lhe as papas de farinha de trigo com aguardente, que fica referido, em pouco tempo cobrou quentura, se pôs mole e, conseqüentemente, lhas recolhi, pôs-se-lhe a funda e ficou são; outros vi no mesmo perigo, que escusado me parece nomeá-los por ser doença tão comum e todos sabem o perigo que tem; encomendo muito que se mande tomar a respiração em si com toda a força ao doente que tiver as tripas saídas, quando se carregar com as mãos, pois é uma grandíssima circunstância para se recolherem.

tomar a respiração em si com toda a força

papas de farinha de trigo com aguardente

5. Visto falar aqui em tripas ou intestinos, quero dizer o que com eles me sucedeu, tocante ao seu comprimento. Como os autores se

não conformam nas opiniões, porque uns dizem que têm mais varas e outros menos, assistindo eu no Hospital Real no ano de mil setecentos e cinco, morreu de repente um soldado com uma estocada debaixo dos arcos do Rocio e, fazendo-se anatomia na casa delas, se viu que a causa da morte tão apressada que não deu lugar a confessar-se foi porque a espada passou uma penca do bofe e, nela, uma veia grossa que, difundindo-se o sangue na cavidade do peito, o sufocou.

6. Como o anatômico era afeiçoado a um Filipe de Santiago, condiscípulo meu, lhe deixava sempre a chave da casa das anatomias e, ficando o corpo em cima da mesa para de tarde se fazer anatomia em outra parte dele e as tripas em uma sarapilheira no chão, fomos a horas de silêncio, e, pagando a um enfermeiro para as lavar, as medimos e achamos em todas dez varas e meia, as grossas seis e as delgadas quatro e meia, pendurando-as na parede da casa com seu letreiro por baixo, que dizia o seu comprimento e outras mais coisas que foram louvadas quando todos entraram de tarde.

Capítulo V

Das roturas que podem admitir cura e dos seus remédios mais eficazes

1. Porque podem acontecer roturas em meninos e pessoas grandes e, ou os doentes ou seus pais podem vir em conhecimento logo no princípio, assim que sucedem ou nos primeiros dias, e estas podem ter cura e sararem radicalmente, me parece acerto apontar aqui alguns remédios dos mais eficazes e singulares com que alguns doentes têm sarado, segundo afirma um autor grave, os quais são os seguintes, e também particulares.

2. Vinagre, o mais forte que se puder achar, seis quartilhos, deite-se dentro em uma panela vidrada com vinte e quatro maçãs verdes de cipreste e as cascas de duas romãs azedas; tudo machucado, se

ponha a cozer até gastar a terça parte ou até que estejam capazes de se poderem pisar em um almofariz, e se irão tirando os paus ou teagens[2] das maçãs, e estes paus ou tiagens, se tornarão a deitar dentro na panela com as cascas que se não puderem pisar bem, e lhe ajuntarão três onças de incenso macho muito bem moído e, mexendo-o muito bem, se tornará a pôr ao fogo a dita panela, estando bem tapada com seu testo e, de quando em quando, se irá mexendo até se gastar o dito vinagre; então se deitará dentro uma quarta de cera bela, e, com uma colher de pau, se irá mexendo até que se veja uma massa grossa; então se tirará do fogo e continuarão mexendo, até que se esfrie, da qual se farão uns paus como de chocolate e se guardarão estes paus como uma jóia de grande preço, porque, com palavras se não pode encarecer as curas que com esta massa se fizeram, enquanto esteve em segredo.

3. O modo de usar dela é, estando quente, estender um pouco em pano de linho novo e, bem tapado, estando as tripas recolhidas e a parte sem inchação alguma, se porá o dito emplasto sobre a quebradura, tornando-o a aquentar, e sobre ele se porá a funda, que será muito conveniente para reprimir aquela parte; e para este remédio obrar melhor, se deixará estar o doente de cama alguns dias, os mais que puder, de costas, que será ao menos por vinte dias; e podem estar certos que, se a quebradura for de poucos dias e o remédio for feito como fica dito e o doente observar os dias de cama, há de sarar certamente, pois não só se afirma terem sarado alguns enfermos e meninos recém-nascidos, senão que me parece ser este remédio eficasíssimo pelos simples de que é composto.

4. Mas porque no Brasil não há as maçãs de cipreste verdes e só poderão haver nas boticas as cascas de romãs, sou de parecer que, em lugar das maçãs de cipreste, se lancem a cozer no vinagre dois jenipapos verdes, e, desta sorte, se pode fazer este remédio nas Minas, porque nos Currais, perto delas, há esta fruta; o primeiro emplasto pode servir três dias e depois se renova, ou se faz outro de novo; os jenipapos não façam dúvida a alguém, porque é fruta excelente para a tal enfermidade, e não falta quem diga que, do

mesmo pau se faz uma rodela, que, metida dentro em funda e andando por tempos em cima da quebradura, a cura e une, sem ficar sinal dela; e para maior segurança, tomará o doente, estando em jejum, uma gema-de-ovo mal-assada, deitando-lhe dentro uma boa dedada de pós de raiz de solda, por tempo de oito ou dez dias.

5 Tudo o que o doente comer será assado e não cozido, e nada de manteigas, nem azeite ou coisas untuosas, por não relaxar a parte, e a água que beber será pouca, e, se for misturada com vinho tinto, será melhor.

manteigas, azeite ou coisas untuosas não convêm

6. A mim me parece, sem embargo que não fiz experiência por não ter o remédio feito, que há de ser singular o meu segredo de curar feridas frescas, o qual se achará no tratado sexto, porque, pelas singulares virtudes que nele tenho alcançado, não pode deixar de fazer bom efeito, e pelos simples de que é composto, pois faz sarar feridas, por maiores que sejam, com ossos cortados e nervos em tão poucos dias, como são três ou quatro ou, quando muito, até seis, como nas observações se pode ver. Digo que há de ser bom, sendo a quebradura de poucos dias ou poucas semanas, que, sendo antiga, duvido muito que este nem outros a curem.

7. E sem embargo que este remédio faça as gloriosas curas que faz em feridas patentes, e a ferida ou abertura das quebraduras esteja oculta, contudo, como é remédio muito penetrativo e unitivo, não duvido nada de que seja o mais singular que haja para esta tão dificultosa doença; e, demais que, como de o aplicar se não pode seguir dano algum, com muita razão se deve usar dele, porque, facilmente, poderá ser o único para esta doença.

8. Bem sei que não há de faltar quem diga que, parecendo-me conveniente, como o não apliquei a algum enfermo havendo tantos desta enfermidade? E é com razão, mas eu dou a minha. O tal remédio o não fiz mais que uma vez nestas Minas e o não tive muito tempo que o não deitasse fora, estimulado de se me dar coisa limitada pela grandiosa cura que com ele fiz a Manuel Gonçalves

Moinhos, na Vila Real do Sabará, como deixo demonstrado na sua observação, merecendo por ela um grande prêmio, de que logo me pesou a sua perda, por não ter naquele tempo de que o fizesse; e, como o não fiz mais, por essa razão o não apliquei a esta doença, nem antes de vir para estas Minas me veio ao pensamento seria bom para ela, como agora aconselho; e como me parece que, depois deste grande remedio sair a público e se souber das suas raras virtudes, que poucas casas de familia das Minas estarão sem ele, com mais razão se pode aplicar a esta doença, tendo-o à mão, mas há-se de renovar duas vezes cada dia, por discurso de vinte, estando de cama, sempre com funda em cima dos chumaços molhados nele morno, que, espero em Deus, seja superior a todos e cure os de poucos dias quebrados.

9. Para estes é certo remédio o seguinte: uma erva, a que chamam pescolubrinos[3] que há em muitas partes e hortas sem cultura, que tem as folhas farpadas mais que as de malvas e da sua altura, pouco mais ou menos, e sem algum cheiro, e é conhecida de muita gente; desta erva, pisada e misturada com pós de favas secas, se faz emplasto e se põe em cima da quebradura com a funda por cima; daí a três ou quatro dias se faz outro, e daí a seis ou oito se faz outro, e assim se fazem três ou quatro emplastos, para trazer debaixo da funda por discurso de vinte e cinco ou trinta dias; estando de cama ou andando muito devagar, não comendo azeite, nem manteiga, ficará são, sendo de pouco tempo a quebradura. Um sacerdote de verdade achou-se rendido em uma virilha, fez este remédio assim como fica referido e sarou: assim mo afirmou e por isso o escrevo.

Capítulo VI

Das esquinências ou dores de garganta

1. O remédio de que comum ente usei sempre e uso em qualquer queixa da garganta no princípio pela grande experiência que dele tenho é o seguinte: Assim que algum preto ou branco se queixava

de dor ou impedimento na garganta, mandava cozer em panela de barro uma mão cheia de folhas de carurus de espinho ou, por outro nome, juqueris, que têm alguma semelhança com silvas de Portugal, que muitas pessoas têm nas hortas em latadas como parreiras e também os há no mato, e são os paus e folhas espinhosas e são muito bons para comer; de folhas de tanchagem, outra mão cheia; estas duas ervas se ponham a ferver em quantidade de um frasco de água até gastar a metade, pouco mais ou menos, e deste gargarejo se usará assim frio, ou quebrado somente da frieza, com umas pingas de vinagre, que se lançará no que se houver de usar naquela ocasião, tomando três ou quatro gargarejos de cada vez e, no dia, oito ou dez, e uns pós de açúcar, deixando estar o medicamento na boca o mais tempo que puder, deixando cair o remédio bem abaixo, porque não tem perigo, ainda que passe algum, tomando suas ajudas purgativas para que a natureza ande lúbrica.

2. Este remédio é tão singular para queixas da garganta que, pelo maravilhoso proveito que tenho visto infinitas vezes, julgo que o dito caruru de espinho tem particular virtude para queixas ou virtudes ocultas, pois tem sido poucas as vezes que tem faltado; e, se virmos que com este remédio há alívio, com ele se continuará e, acabado, se fará outro cozimento; mas, se, pelo contrário, experimentarmos que a queixa vai em aumento com febre e alguma dificuldade na respiração ou de engolir, neste caso será preciso sangrar-se no braço e no pé juntamente, fazendo a do braço primeiro e maior, pois assim o tenho mandado fazer muitas vezes com feliz sucesso, porque, deste modo, se faz evacuação com a do braço e com a do pé derivação para divertir, que a do braço não suspenda os humores para cima, e, por esta causa, a do braço, sendo só, não faça tão bom efeito como algumas vezes tenho visto morrerem os doentes sufocados, sem que as sangrias do pé lhe possam aproveitar por serem feitas quando já os humores estão suspendidos e a natureza debilitada com as repetidas sangrias do braço, que alguns professores aplicam com grande repetição de três e quatro cada dia, e eu, sempre deste modo que digo, me sucedeu bem, Deus louvado; cada um fará o que melhor lhe parece, porque é mais

acertado prevenir o futuro pelo modo que exponho que esgotar um enfermo com as sangrias do braço e depois passar ao pé, ou sangrar só no pé e depois passar ao braço, que sempre isto tive por mau.

3. As sangrias se farão as vezes necessárias e se acudirá com elas antes que a esquinência ou garrotilho ponha ao doente em manifesto perigo e, quanto mais for o aperto, tantas mais se darão ao dia, repartindo-as por suas horas, assim de dia, como de noite, para, entre elas, tomar o doente os gargarejos que ficam ditos e os seus comeres, que serão de boa sustância, para melhor sofrer as sangrias e não perder as forças, pois sem elas se não pode obrar coisa alguma, tratando esta doença com toda a vigilância e cuidado, pois é a parte de tanto perigo, como todos sabem; e, quando esta queixa aperta com perigo, só as sangrias repetidas poderão ser o seu remédio; e, se virmos que, depois das sangrias, há necessidade de purgar, se fará com maná de cozimento fresco, que será o peso dele até três onças, ou também em caldo-de-galinha desfeito e coado, ou também fazendo um cozimento de duas oitavas de folhas de sene, dando só duas fervuras; e, coado no que baste, se desfaça o maná e, desfeito muito bem, se tornará a coar e se dará morno ao enfermo, como eu algumas vezes tenho feito com bom sucesso; e, porque sucede haver naquela parte alguma porção de humores alheios da natureza do sangue e as sangrias os não podem tirar, é preciso então purgar com esta purga ou outra semelhante, contanto que seja branda e benigna, pois assim o tenho experimentado neste clima e assim o aconselho, e sempre cada um curará conforme entender melhor e a presença da enfermidade o pedir, e, para mais clareza e inteligência, quero escrever a seguinte observação.

Observação de uma esquinência em Clemente Garcez que, por culpa de quem a curou, degenerou em um garrotilho sufocante

4. Na Vila Real do Sabará, indo eu passando por uma rua, me chamaram para ver um ourives por nome Clemente Garcez, morador junto à igreja velha, o qual achei com o pescoço todo inchado, de tal modo que não tinha aquele vão que todos temos,

antes estava tão igual que só os queixos e a barba aparecia, e tão sufocado que não se lhe entendia uma só palavra, nem engolia caldo-de-galinha algum, e de tal sorte vi este miserável enfermo que, por instantes, se esperava acabasse a vida; vendo, pois, tão manifesto perigo, perguntei que tempo havia que estava doente e que remédios se lhe tinham aplicado; foi-me respondido que havia quinze dias e que os remédios que se lhe tinham feito, e faziam ainda, eram gargarejos de vinagre e panos por fora do mesmo. Não posso explicar a dor e sentimento que tive vendo tão grande perigo e a desordem dos remédios que, sem dúvida, metiam ao doente na sepultura em lugar de o livrar dela; também me não pude suster que não perguntasse quem lhe assistia; responderam-me que um barbeiro e, acabada a resposta, entra o dito pela porta dentro; o que aqui se passou, passo em silêncio; e, aplicando mais o sentido ao enfermo que lhe faria do que ensinar ao ignorante para em outra ocasião ser mais temente a Deus e menos prejudicial ao bem comum, lhe dei a despedida conforme o seu merecimento.

5. Nestes termos me pus a discorrer e fazer juízo do remédio mais ativo e que mais prontamente se pudesse aplicar sem se passarem horas ou instantes, se possível fosse; ocorreu-me que o não podia haver mais pronto, nem mais singular que uns farelos de milho grosso fervidos em aguardente do Reino, feitas disto umas papas que, estendidas em um pano, se aplicassem quentes em cima da inchação, por esta estar tão dura como uma pedra e fria como neve, e que os assistentes tivessem sentido para renovar emplasto novo, em se secando aquele; assim se fez o primeiro com toda a presteza em minha presença e lho pus e atei.

farelos de milho grosso com aguardente

6. Fui de tarde ver este doente e o achei com alguma melhora, assim na pronúncia das palavras, como na inchação, porque estava mais branda e alguma palavra se lhe percebia; fiz emplasto novo, animei o enfermo, pus-lhe aquela massa quente em toda a inchação, recomendando muito se não descuidassem os assistentes de lhe porem massa nova em se secando aquela, e a razão disto é

porque, em se secando, os farelos não podiam fazer efeito considerável em necessidade tão grande, e de mais que, como a aguardente é espirituosa, todos os remédios que com ela se fizerem é necessário haver prevenção em se renovarem mais brevemente que os outros, por exalarem os seus espíritos; e também é preciso advertir que, quando for ao fogo, seja este brando e não forte, porque, quanto mais forte for, menos virtude lhe ficará.

7. Ao outro dia de manhã fui ver o enfermo e o achei com muita melhora, tanto nas palavras que articulava como na inchação e no engolir, que já levava para baixo mais caldo do que lançava fora; e, como visse que o humor que existia na parte era de natureza fria, tratei de lhe dar quatro xaropes preparantes para o purgar com resina de batata, o que fiz por a poder engolir e para sarar mais breve e mais seguramente; tomou os ditos xaropes em quatro dias em jejum e no outro dia a purga, tendo sempre o emplasto na parte, renovando-se-lhe como fica dito; e, passados alguns dias, como com a purga fez grande obra, ficou livre da inchação, assim externa como interna, e, conseqüentemente, falando e engolindo sem o mínimo impedimento. Este é o enfermo que poucos dias antes estava para dar contas a Deus e, por virtude dos poucos remédios que ficam referidos e de tão pouco custo, ficou livre de tão evidente perigo.

Observação na Cidade da Bahia de uma pedra que tirei do cano da urina a um homem que estava com o juízo quase perdido por não poder urinar

8. Indo eu passando pela rua Direita, da Cidade da Bahia, me mandou chamar, com muita pressa, João da Costa, oficial de armeiro e, indo à sua cama, o achei com o cano na mão e como desesperado, dizendo-lhe acudisse com muita pressa; e apalpando onde ele dizia, lhe achei, junto da ponta, uma grossidão que logo entendi era pedra, que o não deixava urinar e o tinha impedido havia cinco dias, não urinando senão gota a gota; e metendo-lhe a pinça ou tenaz pela via dentro, abrindo-a primeiro e metendo-a à força, quando chegou a topar na pedra, fiz força para passar adiante;

passou e, apertando-a, puxei por ela e tirei uma pedra como um grão grande de fonte; urinou muito e sarou.

Capítulo VII

Dos remédios para tumores ou inchaços de humor frio que nascem nas costas das mãos

1. Estes tumores, uns são duros e móveis, outros são brandos e fixos, que, pela sua brandura, imaginam alguns cirurgiões que deles têm pouca experiência (como já vi), que estão cheios de matéria e é engano, porque não têm dentro senão uma serosidade como água, que, depois de abertos, degeneram em chagas tão sórdidas que, por mais pós de Joannes que se lhe lancem, nunca alimpam, nem fazem matéria, por cuja causa muito dificultosas e trabalhosas de curar; destas logo escreverei uma observação muito boa; e não se abrindo, é o remédio tão fácil como o seguinte.

2. Fervam um pouco de mel de pau do melhor, que é o de jetaí ou de mandassaia, ou de urucu, ou outros bons que há, e não de alguma má casta de alguns que também há que, quem os come, lhe causam várias queixas, como são tremores de mãos, pés e de todo o corpo, encolhimento de nervos, ânsias do coração, suores frios, desmaios e lepra, cursos e outras queixas notáveis, de que muitos se têm visto às portas da morte, principalmente comendo muito, como muitas vezes tem acontecido por estes sertões, o que os serranistas sabem muito bem; escolhendo, pois, um dos melhores, se porá um pouco em um tacho pequeno ou tigela vidrada, e se lhe misturará um pouco de sal do Reino torrado e moído, com o qual ferverá até derreter o sal, mexendo-o, e neste medicamento se molhará um pano dobrado e se porá em cima do tumor com a quentura que puder sofrer, sem fazer dano e, por cima do tal pano, um couro de luva, e se ate com atadura, renovando-o todos os dias uma vez e sempre quente, continuando deste modo até de todo se resolver o tal tumor.

queixas notáveis que faz o mel que é venenoso

3. Este remédio é um resolutivo tão eficaz que nunca me faltou em desfazer estes tumores que nestas Minas há bastantes, assim em pretos, como em brancos, sendo continuado, e por nenhum caso se abram, porque não hão de achar neles senão humor seroso como água.

4. Mas, se virmos que, passados vinte e cinco ou trinta dias, o tumor ou tumores não obedecem a este tão maravilhoso remédio, se purgará o doente, se houver enchimento de estômago, com um vomitório e depois com resina de batata, ou com jalapa em pó, que são próprias para humores frios de que se formam estes tumores, continuando o emplasto na parte, sempre; e nesta forma tenho curado a muitos escravos que já não trabalhavam por causa das grandes dores que lhes faziam os tais tumores, e livrado a seus senhores, a uns de os perderem, a outros de lhes ficarem para sempre incapazes de todo o gênero de serviços; e deste gênero de cura não usou cá professor algum, por ser invento meu.

5. O remédio que os autores mandam aplicar a estes tais tumores são pastas de chumbo azougadas, e era o de que eu usava, mas como vi que não fazia nada, inventei o tal remédio e com ele fiz excelentes curas, uma das quais foi a um escravo do coronel Guilherme Mainarde da Silva, na forma seguinte:

6. O dito coronel me falou para lhe ver um escravo, o qual tinha um tumor nas costas de uma mão, perto da junta do pulso, quase do tamanho de um ovo, e mole, ao qual aconselhei o remédio que fica referido, e, fazendo-lho, continuou com ele por algum tempo, e, sem se purgar, nem mais coisa alguma, se lhe desfez de todo; mas, daí a perto de um ano, lhe tornou a repetir o mesmo inchaço, e fazendo o mesmo remédio de todo se desfez sem lhe tornar a repetir; e, sendo passados doze anos, ainda hoje se lembra da tal cura, por possuir ainda o escravo e ser bom.

7. Quem tiver óleo de ouro e quiser usar dele nestes tumores das mãos, dando-lhes uns riscos ou penadas, e cercando-os em roda,

experimentará o sararem, ou sejam, os tumores brandos ou duros, observando na cura deles o que fica declarado no tratado do óleo de ouro.

observação

óleo de ouro para *curar* tumores duros das costas das mãos

Observação única de um tumor que um cirurgião abriu nas costas de uma mão, cuidando que estava cheio de matéria, e achou humor tão delgado como água, e o que sucedeu

8. Vindo eu da Cidade da Bahia pelo Sertão para estas Minas e chegando ao rio de São Francisco a uma fazenda de Januário Cardoso, me mostrou um homem um seu escravo com um tumor nas costas de uma mão do tamanho de um ovo, que estava muito mole, pedindo-me lhe aplicasse algum remédio, mas como ainda não sabia de que o mel, e o sal, era bom, lho não apliquei, nem outro algum, por não ter, nem haver para que apelar; mas sempre lhe recomendei que o não furasse, nem desse crédito a quem lhe dissesse que estava cheio de matéria, como parecia, por estar mole; que, quando chegasse aonde lhe pudesse fazer uma pasta de chumbo azougada, lha faria e poria, por ir a minha botica adiante; como ele também ia para a mesma parte, cada um fez a sua jornada quando pôde. Chegou este homem à parte aonde achou um cirurgião, o qual lhe disse que estava cheio aquele tumor de matéria e persuadiu ao homem que, não se abrindo, se corrompiam os nervos e morria, ou ficava o preto aleijado; e, sem embargo que o homem, lembrado do que eu lhe tinha advertido, repugnou, contudo abriu o cirurgião o tumor e achou o que eu tinha vaticinado.

9. Passadas duas semanas, pouco mais ou menos, cheguei àquele sítio onde estava o homem com o tal preto e logo me foi buscar, e deu conta do sucedido, mostrando-me o doente com uma chaga muito aberta e grande, cheia de pó de Joannes, com nervos podres, e o doente em puros gritos, o que não pude ver sem grande compaixão de ver um bom preto perdido, ou em termos de ficar

aleijado daquela mão, e o homem parado sem poder fazer jornada, em cujos termos, pedindo-me lhe aplicasse algum remédio, lhe disse não curasse aquela chaga senão com aguardente do Reino; fiz jornada e ele ficou.

10. Passados alguns meses, o vi nestas Minas, aonde me disse que o cirurgião fora continuando com os pós de Joannes, e ele não tivera remédio senão deixar naquela fazenda o preto, e depois tivera novas que ficara com a mão lesa.

Capítulo VIII

Dos papos e dos seus remédios mais eficazes

1. Esta doença de papos é uma das mais dificultosas de curar e não faltam em algumas partes destas Minas; tem-se observado que, pela maior parte, procede das aguas que se bebem em alguns sitios e não se lhe dá outra causa, sem embargo que pode proceder de outras; também por pessoas de verdade me consta que, na vila de Oitu, e nas mais sujeitas à capitania de São Paulo, é a gente destas partes muito sujeita a esta doença, e há alguns nestas Minas que de lá vêm que têm papos que metem medo, caindo-lhe pelo peito abaixo, dos quais tenho visto alguns; destes grandes, alguns há que padecem grave moléstia, porque se sufocam da respiração e outros lhe roncam quando andam, e é doença mais comum em paulistas, carijós, mamelucos e mais em mulheres que em homens; também em pretos e alguns, suposto poucos, em filhos de Portugal, mas nenhuns vi, nem me consta, que fossem grandes.

na vila de Oitu, e em toda a Capitania de São Paulo, há muita gente com papos

Como se devem curar

2. A cura desta doença, sendo no princípio, se deve intentar, porque alguns têm sarado, mas os antigos e grandes dificultam muito a sua cura, sem embargo de que sempre devemos aplicar os remédios e

Deus obra sobre eles, como temos visto em algumas enfermidades de que não havia esperança e sararam; isto assim suposto, passo a dizer com que remédios se lhes deve acudir, e são os seguintes:

3. Seja o primeiro o mesmo que fica apontado para os tumores das mãos, molhando nele um pano que cubra o papo e atado com sua atadura, que comprima e aperte o que baste, renovando-o todos os dias, ou de dois em dois, porque, como o mel se não seca com facilidade, pode-se meter um dia de permeio, e, quando em quinze dias não obre, sempre se deve continuar mais outros quinze, porque, como é tumor de causa fria, sempre estes hão mister tempo largo para se resolverem; mas, quando este não faça o efeito que desejamos, se mande por uma mulher que estiver com a sua conjunção mensal que morda com os dentes todo o tumor, apertando-o bem muitas vezes e, depois de mordido, se lhe atem cordas de viola por cima dele, que alguma coisa apertem; e a mulher irá mordendo todos os dias em jejum enquanto lhe durar o sangue e continuará com outra do mesmo modo, porque estes dois remédios têm curado alguns. Aqueles que não tinham papos antes de irem morar para algum sítio, roça ou fazenda e depois de morarem no tal sítio foram crescendo papos a algumas pessoas daquela casa, como algumas vezes tem acontecido e eu tenho visto, o remédio verdadeiro deste papos é não beberem mais daquela água de que estão bebendo, e se, em discurso de algum tempo, não diminuírem e sararem, sempre é necessário pôr-se-lhe algum remédio, que estes obedecerão melhor e não se encherão todos os da casa de papos, como se encheriam bebendo da água de que bebiam.

mulher que esteja com a conjunção e cordas de viola para os papos

largar aquela água de que bebem e beberem de outra

4. Alguns têm sarado tomando as ondas do mar e depois lavando e pondo panos de água salgada em cima dos papos, ou morando perto do mar, onde bebam daquela água que nasce perto dele; também alguns têm sarado bebendo em jejum, por muito tempo,

urina de menino ou, não a havendo, da sua própria; esfregar os papos com um pano molhado em sangue mensal e, depois de esfregado, pôr-lho em cima, isto feito por muitas vezes, mas com tal condição que não seja do primeiro sangue ou do primeiro dia, porque este lhe tirará a pele fora; beber a água que passa por milho que está de molho é remédio que curou a um branco que eu conheço; como é encher um coco de milho quebrado e cair-lhe água limpa, cheio ele sai aquela água para fora, beber o doente desta água sem beber de outra, e tirado aquele milho quando já está mole, é capaz de fazer farinha, lançar outro, e assim as mais vezes; pôr em cima dos papos saquinho de sal torrado, estendido e feito a modo de colchão cozido é remédio muito bom; pisar alecrim, arruda, losna, alfavaca, murta ou murtinhos, ou sejam estas ervas verdes ou secas, e, depois de bem pisadas, pisar uma boa mão cheia de sal do Reino e misturar tudo, e metido em saquinho cosido pelo meio, de modo que fiquem as ervas bem estendidas, e trazer o tal saco atado, aquentando-o todos os dias, borrifando-o com a aguardente e continuando por tempo de vinte ou trinta dias, é bom remédio.

sangue mensal

sangue mensal, sendo do primeiro dia, tira a pele fora

5. Mas, quando os remédios apontados não bastem para curar os papos, bastará o óleo de ouro, para quem quiser ver-se livre deles, pondo-lhe penadas por cima do tumor e cercando-o em roda, o que se fará de dois em dois dias, observando as condições de o aplicar que ficam referidas no seu tratado.

óleo de ouro cura os papos

Capítulo IX

Das chagas do membro viril ou genital, a que vulgarmente chamam cavalos

1. Ainda que algumas vezes acontece haverem chagas no membro sem serem gálicas, como estas se remedeiam facilmente com água de tanchagem, rosada, com alvaiade e uma pedrinha-lipes, coisa pouca, pisada, que logo se desfaz, escuso gastar tempo inutilmente, quando o posso empregar em outras coisas que sirvam de algum melhor proveito aos enfermos; isto suposto, tratarei das gálicas, a que chamam cavalos; estas, sendo no princípio, muitas vezes tenho visto sararem com o seguinte: cortem um limão-galego e esfreguem com ele as chagas muito bem até lançarem sangue, e depois se lhe lance em cima delas pós de cato, o que se fará algumas vezes.

2. Mas, se não houver este remédio ou não quiserem usar dele, usem do seguinte, de que tenho muita experiência e de que sempre usei depois que o excogitei para semelhante doença, e é o seguinte: assim que se conhecem que são cavalos, se toquem com um pincel de pano molhado em espírito de vitríolo, enxugando as chagas primeiro, e, depois de bem tocadas e de passar algum intervalo de tempo, se lhe porá em cima um parche de qualquer ungüento fresco e dessecante, como o branco, ou o de fezes de ouro, ou pano seco; isto se fará, uma vez cada dia somente, até de todo se consumirem, encarnarem e cicatrizarem.

espírito de vitríolo para *curar* cavalos é supremo remédio

3. Este é o melhor remédio que tem toda a Cirurgia para estas chagas, o que digo pela grande experiência que dele tenho; e se as chagas, com a primeira cura, ficarem limpas, se tocarão da segunda com o pincel superficialmente, que é o mesmo que tocá-las escassamente; mas, se a segunda vez não aparecerem limpas, se tocarão muito bem uma e muitas vezes, ainda que façam sangue nos lábios, alimpando-o e tocando-as, para o remédio penetrar ao interior ou fundo delas, porque sucede haver alguns cavalos que têm covas tão fundas e cheias de matéria que toda esta diligência é necessária; e é preciso que o tal espírito seja bem ativo, tendo toda a sua força e vigor, que algum há muito fraco por ter exalado a sua força estando mal tapado, e este obra muito pouco, e por isso é

necessário que seja forte e que esteja bem tapado o vidro, para que não evapore coisa alguma, e, no caso que as chagas sejam antigas, como tenho visto, e estejam cheias de matérias grossas, sordícies brancas a modo de atoucinhadas, estas não só é preciso tocá-las bem e por algumas vezes, senão que é necessário pôr-lhe em cima uns fios, ou o mesmo paninho do pincel com que se tocou, e então se lhe porá apenas pano seco para destruir aquela podridão e ficar a chaga limpa, e, limpa, se toca escassamente como fica dito, pondo-lhe em cima um dos ungüentos sobreditos ou de cinábrio, que é mais próprio para chagas gálicas, tocando com o espírito de dois em dois dias, *etc*.

4. Mas, se virmos que as tais chagas não querem obedecer, entenderemos que a qualidade gálica é a causa, por ser em grande quantidade; nestes termos, daremos ao doentes quatro xaropes preparantes de humores gálicos e depois deles uma purga de resina de batata para purgar universalmente, e duas ou três de jalapa, e depois as pílulas do mercúrio sublimado, que tudo fica declarado no tratado dos segredos; tocando as chagas de três em três dias, ou de quatro em quatro, não poderão deixar de render-se a tão poderosos contrários, como até agora não houve algumas que resistissem.

preparar e purgar os humores gálicos

5. Sendo as tais pílulas tomadas interpoladas, não costumam fazer babar aos doentes, nem eu fui nunca afeiçoado a que babassem, contentandome que fossem fazendo três ou quatro cursos cada dia, que é o que sempre me bastou para os meus doentes sararem com as tais pílulas, e também por livrar os doentes de tais penalidades, pois as previ sempre escusadas; e quando via que algum doente que tomava estas pílulas sentia alguma ebulição na boca que indicasse a querer babar, mandava parar um dia ou dois, e depois continuava as pílulas sem babarem, e sempre com bom sucesso; e para crédito do grande remédio que é o espírito de vitríolo para destruir o fermento venéreo, incidir, absterger e alimpar todas as chagas, o farei manifesto pelas seguintes observações, entre infinitas que pudera referir:

parar com as pílus para não babar

Observação I

De uma chaga ou cavalo no membro viril

6. Junto à Vila Real do Sabará morava em sua roça Luís de Sousa, o qual, tendo uma chaga da banda de baixo da fava do membro viril, em cima da via da urina, chamou um médico, o qual lhe assistiu mês e meio; mas, vendo o doente que não tinha melhora, me chamou e, vendo-lhe a chaga, lhe achei muito sórdida e cheia de matéria branca, muito pegajosa, bastantemente grande, e o membro também inchado; informado do que tenho dito e de que era gálica, lhe prognostiquei que estava em risco de urinar por aquela chaga depois de limpa, maiormente se fosse funda, como parecia, por estar em cima da via da urina; e como já tinha boa experiência do espírito de vitríolo, a toquei muito bem tocada com um pincel molhado no dito espírito e lhe pus o mesmo paninho do pincel em cima da chaga; passadas vinte e quatro horas fui ver o doente e lhe achei a matéria grossa quase toda destruída e a chaga limpa em parte.

7. Tornei a tocá-la, não como da primeira vez e, à terceira cura, já lhe não pus o paninho molhado, por estar de todo limpa pelos lados, pondo-lhe fios secos e sem ungüento, pelos não haver, com que desta tal máquina de matéria grossa e viscosa, que ficou a chaga mui funda, já nesta ocasião apareceu alguma urina, mas pouca; toquei a chaga superficialmente com o pincel molhado e pus-lhe uns fios secos; ao outro dia achei a chaga mais limpa, mas com mais urina, e, finalmente, dentro de sete dias ficou a chaga encourada, e quando urinava por ali lançava alguma parte da urina, e, dizendo-lhe se queria curar-se, também ficaria são. Perguntou como; diz- lhe que, rasgando daquele buraco até a ponta, ficando a via à vista, e depois com um canudo metido para urinar por ele, se havia de curar a ferida em cima dele, escamando também o buraco para tudo unir a um tempo; ao que respondeu queria antes ficar assim; e assim ficou.

urina saía pelo buraco da chaga

abrir a via da urina

8. Este remédio costuma fazer dores grandes, principalmente quando as chagas estão limpas, mas são dores de tão pouca duração que não existem mais tempo que de um credo, e assim, por esta razão, como pela grande brevidade com que cura esta e outras várias enfermidades, livrando os doentes de padecerem tantas dores com pós de Joannes, pedra-lipes e outros remédios fortes de tão pouco proveito à vista deste, e além disto a moléstia que os doentes padecem com esta enfermidade, com todo o valor se podem oferecer a padecer de dores de tão pouco momento; e a razão de durarem tão pouco é por este remédio espirituoso que, imediatamente, comunica a sua virtude e do mesmo modo faz o seu efeito; além destas grandes virtudes, se junta outra de muita estimação, que é tirar a inflamação do membro, que pela maior parte sempre acompanha estas chagas, como tinha a que fica referida, sem que sejam necessários panos de água de tanchagem, rosada, vinagres, *etc*.

9. Não cause admiração vendo-se correr sangue quando as chagas se tocam com o espírito, principalmente quando estão limpas, porque assim sucede, de que se não faça caso, e só se alimpará o tal sangue chupando-o com um paninho e pondo-lhe o parche de ungüento, ou sem ele, que no outro dia se achará tão vermelha como uma romã, estando quando se lhe põe o espírito tão feia; o tal remédio se deve tratar com grande cuidado de não estar o vidro mal tapado, porque se exalará a sua virtude e ficará tão fraco que de pouco servirá, ou de nada; com que melhor se tapa é com cera da terra ou amarela de Portugal, porque pega e se une bem.

Observação II

Em dois escravos meus com chagas na garganta curadas com dito espírito

10. No ano de 1730 se me queixaram dois escravos meus da garganta que lhe doía e custava o engolir; fiz-lhe o gargarejo de carurus de espinho e de tanchagem, que já fica referido, e, sem embargo de ser um grande remédio, não tiveram com ele alívio algum; e, reparando eu que este remédio costumava curar a muitos, sem mais coisa alguma, lhes mandei abrir a boca, e, carregando-lhe com o cabo de uma colher em cima da língua para ver se na garganta tinham alguma chaga, com efeito me não enganei e lhe descobri algumas, as quais toquei com um pincel molhado no dito espírito, com que tiveram alguma melhora, mas como não experimentasse a que em semelhantes casos tinha visto muitas vezes deste remédio, e, por ser vagarosa a melhora, os purguei a ambos com purgas de jalapa por duas vezes, atendendo aos humores gálicos de que eles sempre abundam, tocando sempre as chagas, uma vez ao dia, com o dito espírito, e ambos sararam em poucos dias. Bem sei que alguns professores hão de fazer muito reparo e eu lhes não tiro a razão, mas eu, que assim o administrei, não foi sem fundamento; cada um curará como melhor lhe parecer, que eu neste clima sempre curei os meus doentes mais conforme a razão e a experiência que pelos autores.

Observação III

De uma fistula que curei em Silvestre de Sousa com o mesmo espírito e outros remédios pela boca

11. No ano de 1716, morando eu na fazenda do mestre-de-campo José Rebelo Perdigão, em Ribeirão Abaixo, morava também Silvestre de Sousa, o qual tinha uma fístula em uma coxa acima do joelho, quase um palmo, havia perto de um ano, à qual já não fazia remédio algum por ter feito tantos que já estava desconfiado, a qual fístula atravessava a coxa de uma banda à outra, lançando matérias fétidas por uma e outra banda, e, pela sua antigüidade e putrefação das matérias, bem dava a entender havia de ter dado no osso; e como era seu amigo e o ver com uma queixa tão penosa, entrei a curá-lo na forma seguinte:

fistula que atravessava a perna de uma banda a outra

12. Primeiro que tudo lhe dei um vomitório para depor e evacuar as cruezas da primeiro região e os mais remédios obrarem melhor, e para os sustentos se converterem em melhor sustância; depois lhe dei quatro xaropes preparantes de humores gálicos, que ficam receitados, purgando-o e dando-lhe os meus xaropes contra *morbum*, que tudo fica receitado no tratado sexto; porque, como era moço e tinha padecido algumas queixas gálicas, lhe fiz as evacuações universais e dei os alexifármacos contra o tal gálico; e depois que deu princípio a tomar os ditos xaropes contra *morbum*, dei também princípio a seringar a fístula com cozimento de cevada com pragana e uma rachinha de pau de sassafrás, tudo bem cozido para seringar com este cozimento e lavar as matérias quatro vezes cada dia; e quando seringava por um buraco, saía o cozimento pelo outro, lançando matérias com muito ruim cheiro; no fim de dois dias, quando a maior parte das matérias estavam já limpas e a chaga, fui seringando com o dito espírito duas vezes cada dia, com o qual começou a lançar esquírolas miúdas do osso fêmur, ou cana de coxa, a modo de areias grossas, e as matérias com menos fétido e em menos quantidade; com isto continuei alguns dias, enquanto tomou o primeiro frasco dos ditos xaropes, que lhe durou seis; no fim deles, tornei a usar do lavatório dito acima, seringando primeiro com ele e depois com o espírito, e também interpolando um e outro, um para ir gastando a corrupção do osso e outro para ir alimpando e dessecando.

os sustentos se convertem em melhor sustância

seringar a fístula

quando seringava por um buraco, saía o cozimento por outro

esquírolas do osso que saíam como *areias*

seringar com espírito

13. Tornei a fazer outro frasco de xaropes contra *morbum*, que, como era segredo meu, o fazia por minhas mãos, os quais tornou a

continuar bebendo já com os primeiros, e com estes água de salsa pouco cozida; assim foi continuando e com bom regimento com tão feliz sucesso que foram as matérias a menos e sem fétido, nem areias, com boa cor, de sorte que acabou com o frascos dos xaropes, continuou a água de salsa, continuei com os ditos remédios na parte, ora seringando com o espírito, ora com cozimento dessecante, com que não lançou por ambos como fazia a princípio, e foi encarnando e cicatrizou de todo.

14. Depois que acabou de tomar o segundo frasco de xaropes contra *morbum* (remédio que nunca me faltou nestas Minas, com a sua excelentíssima virtude) a vinte e cinco dias, pouco mais ou menos, tempo em que o dei por são, e assim o ficou para sempre, o qual ainda hoje assiste nas Minas do Rio das Mortes, sem nunca mais se queixar da tal fístula que tanto o tinha atormentado com gastos, dores e amofinação das matérias no discurso das curas, que tinha feito sem utilidade alguma.

15. Desta observação se pode inferir a grande virtude dos dois remédios, xaropes contra *morbum* e o espírito de vitríolo, e das mais que ficam referidas; e espero em Deus que este meu trabalho seja grato assim aos leitores comuns como aos professores, se não em tudo, em parte, e aos doentes, de utilidade, pois, vendo-me em uma terra tão falta de remédio e tão remota, sem ter boticas naquele tempo para onde apelar, era preciso vacilar e fazer juízo dos remédios que poderiam haver e serem proveitosos para as tais queixas, e por esta razão interpretei alguns, que ninguém até hoje usou.

razões de ponderação

Capítulo X

Das contusões grandes causadas por pancadas, caída de alto ou aperto

1. Não havendo fratura, nem sendo a contusão em parte onde se tema perigo, pode servir o seguinte remédio, que é muito descoagulante: em uma pouca de urina, se for velha será melhor, se lance uma pouca de ferrugem de chaminé, e se mexa muito bem, sendo primeira peneirada, se molhem panos, estando bem quente, e se lhe ponham, chapejando com eles a parte, e por cima baeta e atadura, e se parecer necessário algumas sangrias, sejam poucas, antes tome pela boca mais remédios descoagulantes e vulnerários para promover a circulação do sangue e mais líquidos, pois nestas Minas são estes remédios muito necessários, os quais se podem fazer desta maneira. Cozam uma ou duas raízes de capeba e meio palmo de raiz de butua machucada, de modo que fique a água bem alambreada, e dela beba o doente sem usar de outra, ou seja com uns pós de açúcar ou sem ele, que, deste modo, estará livre de se lhe formar apostema interno e se promoverá a dita circulação, pois não posso explicar as excelentíssimas virtudes destas duas raízes; e na parte da contusão se vá sempre usando dos panos e lavagens acima ditas.

2. Mas, se a contusão for muito grande ou não obedecer ao que fica dito, que tenha procedido de alguma caída de alto ou de terra que caia em cima de algum corpo, como está sucedendo a cada passo em casas e minas, se confortará a parte com toda a brevidade possível, por se não constiparem aqueles poros com o ar frio, lavando-a e chapejando-a com panos molhados em aguardente por tempo de meio quarto de hora, estando a vasilha dela em cima de brasas junto da parte queixosa, que é este modo admirável para aquentar, confortar e penetrar, abrindo os poros e pondo-lhe os mesmos panos molhados com baeta por cima, para lhe não dar o ar, que será de muito dano; e logo se ordenará a bebida seguinte:

aguardente abrem poros e os não deixa constipar com o ar frio

3. Cozam-se duas raízes de capeba, não sendo grandes, uma pouca de raiz de butua, uma onça de cardo-santo em quatro frascos de água, que fique em dois; deste cozimento se tirarão cinco ou seis

onças e se lhe lançará de cinco até dez grãos de antimonio diaforético marcial, e, mexido, se dará morno a beber ao doente em jejum e de tarde por cada vez; e assim se continuará os dias que forem necessários, cobrindo-se o enfermo muito bem assim que beber este remédio, porque, muitas vezes provoca suor e é muito louvado neste caso, além dos mais efeitos que faz, tão singulares, pois é um remédio dos mais presentâneos que tem a Medicina para vulnerar e promover a circulação dos sangue e mais líquidos, para não suceder algum apostema interno, desfazer e tirar as dores das contusões; e, se parecerem precisas algumas sangrias, não sejam muitas, porque os mais remédios bastam e o sangue é valentão muito necessário para defender a nossa fortaleza dos mais inimigos; e, se misturarem tanta parte deste cozimento, como de aguardente, e com isso bem quente banharem a parte, experimentarão um efeito maravilhoso, ou, ainda que não seja, senão raiz de capeba e de butua bem cozidas; quem fizer esta mistura e curar com ela, terá um grande remédio; eu assim o tenho feito, depois que com outros não quis obedecer uma contusão e logo obedeceu, e daí por diante o fiquei fazendo com bom sucesso.

bebida vulneraria admirável para fazer circular o sangue e mais líquidos

4. Se a queda ou pancada suceder em parte onde não hajam todos os simples que ficam ditos para fazer o dito cozimento, ou se não possa tomar o remédio por algum acidente, se tomará espírito de ferrugem, lançando dele umas pingas em cozimento de raiz de capeba, ou de raiz de butua, ou em água de chá, quatro ou cinco onças por cada vez; e quando tudo isto falte, se lançarão as ditas pingas em urina de menino ou de homem sadio, com tal condição que a urina seja fresca.

5. É este remédio singular, por ser o espírito muito descoagulante, e o tenho dado e tomado em muitas quedas com bom sucesso, a qual bebida se tomará em jejum e a toda a hora algumas vezes no dia, e será continuada por alguns, tratando a contusão onde se deu a pancada, como se diz, são remédios seguros; e, suposto tal espírito

ser amargoso, terá o doente paciência por seu proveito. A urina fresca tomada com ferrugem peneirada é gravíssimo remédio, sendo continuado.

6. Com estes auxílios tenho curado grande contusões e, ainda que a algumas pessoas pareçam estes remédios fracos, são admiráveis e muito valentes; mas, para melhor inteligência, no fim deste capítulo escreverei uma boa observação.

7. Porém, no caso que a contusão seja pequena ou aconteça em parte remota onde não haja os remédios que estão referidos, se fomentará com aguardente e, sem nem esta houver, se fomente com urina e cozimento de capeba, se a houver, ou urina por si somente, bem quente, cobrindo com os pós de almécega e de breu, ou um deles; de todos os remédios que tenho dito, tenho usado com bom sucesso, e nada de óleos comuns e só o em fronte, passado o primeiro, porque nunca vi deles bom sucesso em contusões; também tenho usado de água de chá, lançando o antimonio nela para beber em falta dos simples, para fazer o cozimento que fica dito, também misturando-a com aguardente para fomentar e também dando a mesma água de chá a beber aos doentes, quando estão resfriados, ao tempo que recebe as tais quedas ou pancadas; e as sangrias, quando se tomem, não sejam, senão no outro dia da queda ou pancada, ou depois algumas horas, quando já estejam os doentes com calor e livres de sustos.

óleos não convêm em contusões, excetuando o que ensino a fazer, particular de alecrim e arruda, na miscelânea

Observação em quatro escravos meus, grande contusões e caso grande

8. Entre muitos casos de contusões que me têm passado pelas mãos, foi o de maior admiração o seguinte: No ano de 1824, trazendo os meus escravos cortando a ponta de um morro, ou espigão de terra, para meter por aquela brecha um rio caudaloso e dele extrair ouro em uma volta que havia de ficar em seco, andando

quatro em uma cortadura da dita ponta, mui apertada e funda, que fazia para meter um golpe do dito rio e ajudar ao tal serviço, sucedeu correr a terra de uma banda com muitas pedras que os imprimiu na outra parede que estava cortado a prumo e os sepultou, ficando tão cobertos de terra e pedras que tinham em cima de si mais altura de uma pessoa, a que logo acudiram os mais cavando a terra e os tiraram, parecendo impossível o saírem vivos e, levados para casa, lhes fiz tomar o cozimento das raízes de capeba com butua e cardo-santo com antimonio diaforético marcial, como acima fica dito e na mesma forma aplicado, e com os panos e banhos de aguardente por espaço de bastante tempo por todas as contusões; e porque ficaram muito pisados das pedras e terra com tão grande susto, como quem esteve sepultado por algum tempo, os não quis mandar sangrar, e só dando-lhes a cada um seis onças da grande bebida vulnerária morna que atrás fica dita, duas vez cada dia, chapejando-lhes as contusões três e quatro vezes, tendo o tacho com aguardente em cima de fogo junto da parte e partes ofendidas, fazendo-lhes fomentações largas, pondo-lhes panos dobrados e molhados com baetas novas por cima, dando-lhes bem de comer, tendo-lhes as suas casas quentes com fogo e cuidado que estivessem bem cobertos; mas porque ficaram com algumas dores em algumas partes, sem quererem acabar de obedecer, fiz um cozimento forte de raiz de capeba com butua machucada, e dele misturei tanto como de aguardente, e com esta mistura muito bem quente fomentei as partes como fica dito, e todas acabaram de obedecer a este admirável segredo, ficando todos bem sãos dentro em dezenove dias, e foram para o trabalho; e o não se sufocarem foi porque a terra e pedras que correram ficaram com suas aberturas, por onde lhes entrava algum ar e também por serem pretos animosos.

cozimento de raiz de capeba e de raiz de butua com aguardente para contusões

9. Dessa observação se pode inferir a prodigiosa virtude dessa bebida, porque, saindo os pretos com os corpos tão pisados que se não podiam mover, nem ter em pé, que com fundamento me

persuadia haviam de ter algumas fraturas e algum dano interno, mas o que mais me animou foi o não lançarem sangue pela boca; bem sei que haverá quem faça reparo em não mandar sangrar estes pretos, mas, como eu tenho visto nestas Minas muito grandes danos das sangrias, nunca fui afeto a tal evacuação; não que deixe de mandar sangrar alguns, mas é rara vez, e com muita necessidade; e, demais, que estes, quando saíram de debaixo da terra, vinham quase defuntos e tão frios como neve, mas, como os mandava cobrir bem de roupa e lhes acudia à boca dando-lhes algumas pingas de aguardente em cima do comer, foram recuperando calor até que sararam perfeitamente; e, no caso que hajam contusões com fraturas, esta se curará como fica referido no seu tratado.

Outra observação em um escravo meu de uma grande contusão nas costas

10. No ano de 1724, andando um escravo meu derrubando mato para fazer uma roça, lhe caiu um pau em cima das costas e o pisou, de tal modo que mais se não buliu daquele lugar sem que o fossem carregar em uma rede para casa, aonde chegou mais morto que vivo, lançando pela boca algum sangue, tão desmaiado e tão frio que não falava, nem bulia com membro algum, que justamente me pareceu não escapava da morte; logo mandei aquentar o seu aposento, fazendo-lhe fogo, e ordenei a bebida de água de raiz de capeba, butua e cardo-santo, dando-lha a beber com o antimonio diaforético marcial, tudo como atrás fica dito, a qual bebida lhe dava três vezes cada dia, longe dos comeres, fomentando-lhe logo assim que chegou a casa, todas as partes contusas com a aguardente, com espaço de bastante tempo, pondo-lhe panos molhados com baeta nova por cima e atados com uma toalha, o que logo mandei fazer para que lhe não entrasse algum frio naquelas partes ofendidas por ficarem fracas; e, não havendo esta cautela, se introduziria algum humor, e frio, no osso sacro e custaria muito a lançá-lo fora daquelas juntas das cadeiras, como já me sucedeu, além do tormento que haviam de dar ao doente; também, se não querem obedecer, cobrir as contusões (depois da fomentação com aguardente) com pós de breu e almécega é bom remédio.

aguardente

11. Ao terceiro dia, como o preto estava bem nutrido e já estava com calor, lhe mandei dar duas sangrias no braço, e como vi que o sangue da boca lhe parou e as queixas iam a menos, lhe não mandei dar mais sangrias, por não enfraquecer a natureza e levar mais tempo a cura, como tenho visto nestas queixas e em outras muitas; fui continuando com as ditas bebidas e com as fomentações na forma dita com tão admirável sucesso que pareceu obra de milagre, segundo a melhora que em poucos dias alcançou, até que de todo ficou são; e é para advertir que, para este preto sair debaixo do pau, foram outros cortá-lo com machados.

Observação de outro caso quase semelhante

12. João Carvalho, morador na freguesia do Ouro Branco, me veio informar de que lhe caíra um pau em cima de um escravo seu e foi necessário cortar o pau para tirar o tal escravo, ao qual ordenei, quando chegasse a casa, achando que o doente estava já com calor e não frio, ou tremendo, como quase sempre assim sucede, lhe mandasse dar duas sangrias no braço e duas no pé; ao mesmo tempo que abrisse e acabasse de atar a do braço, abrisse logo a do pé; e como me disse que lançava algum sangue pela boca, lhe receitei o seguinte engrossante: *Recipe*. Água de tanchagem e de beldroegas, de cada uma quatro onças, xarope de rosa secas e de murtinhos, de cada um uma onça, misture-se; e ordenei que deste engrossante assim frio desse ao doente quatro colheres por cada vez em cima das sangrias, e, entredia, longe dos comeres, e, depois que o sangue parasse, tornasse à bebida vulnerária que atrás fica dita, e que, logo que chegasse a casa, fomentasse todas as partes contusas com panos molhados em aguardente bem quente, pondo-lhe os mesmos panos por cima com baeta, e foi o efeito destes remédios tão admirável que o sangue que lançava pela boca parou, as dores foram a menos e, não se bulindo o doente no princípio, se foi meneando ao depois, e só lhe ficou uma dor na cruz das cadeiras, ou osso sacro, que se não quis acabar de extinguir, pelo

que foi necessário usar de remédio mais forte e que existisse por mais tempo na parte com a sua virtude, o qual foi o seguinte:

foi necessáriocortar um pau para tirar debaixo dele um corpo

13. Ordenei que preparasse um pano dobrado que tomasse toda aquela parte da cruz das cadeiras e pusesse aguardente junto da parte queixosa, e com o mesmo pano molhado, estando bem quente, fomentasse aquela parte por bastante tempo para ter lugar de penetrar dentro a sua virtude, abrindo os poros, e, tendo isto assim feito, cobrisse toda a parte com pós de breu, incenso e almécega bem moídos e misturados, ou a maior parte deles, e logo cobrisse os pós com o mesmo pano molhado na tal aguardente, estando bem quente, cobrindo-o com sua baeta e bem atado com sua atadura larga; e, no outro dia, tirada a baeta, remolhasse o tal emplasto com aguardente bem quente, sem bulir nele, tornando a cobrir e atar, e assim todos os dias, o que se executou com tão bom sucesso que, em pouco tempo, se tirou a dor e ficou são.

pós de breu, incenso e almécega

14. Mas porque algumas vezes me tem sucedido que nem com aguardente, nem pulverizando com os ditos pós se querem tirar as dores, uso, em tal caso, de fomentação de óleo de arruda e de alecrim feito em casa, como ensino a fazer no tratado da miscelânea, invento meu, com que tenho tirado dores antigas e que não obedeciam a outros remédios.

óleo de arruda e de alecrim

15. Também tenho usado, em dores rebeldes, de saquinho de farelos de milho grosso e fervidos em aguardente, posto com a quentura sofrível, e também cheio de ervas quentes pisadas, e fervido na dita aguardente a fogo brando, como fica dito nas pontadas.

Capítulo XI

Da gota-serena que dá nos olhos

1. Esta enfermidade é uma falta na vista, maior ou menor, e é muito comum nos pretos destas Minas; é doença que se não conhece senão pela informação do doente, porque se lhe vêm os olhos sãos e claros sem sinal de doença. Uns experimentam mais falta na vista, outros menos, uns mais de dia que de noite, outros mais de noite que de dia, que estes são os mais, outros, finalmente, de dia vêem admiravelmente, e, tanto que se vai pondo o sol, se lhe vai escurecendo a vista cada vez mais, ao compasso que a noite cresce, até que ficam, de todo, cegos, as quais diferenças sucedem pela maior ou menor ação de humor frio que está embebido nos nervos ópticos ou visuais.

2. A cura desta enfermidade, suposto os autores a façam dificultosa, eu, pela mercê de Deus, tenho curado a muitos doentes dela com facilidade do modo seguinte:

3. Mando tomar quatro xaropes preparantes de humores frios, feito o cozimento de ervas capitais, como macela, coroa-de-rei, hissopo, rosmaninho ou outras semelhantes, de duas ou três destas, meia onça de cada uma; fervam em seis quartilhos de água, até diminuir a metade, então se lhe lancem duas oitavas de sene, com que dará uma leve fervura, no fim da qual se coará e adoçará com açúcar e se repetirá para quatro bebidas, que poderá tomar em dois dias, manhã e tarde, e, no terceiro ou quarto dia, tomará uma purga de resina de batata, e, descansando um ou dois dias, tomará outra e depois uma ou duas de jalapa, para respeitar alguns humores gálicos, se os houver; e depois tomará três ou quatro purgas capitais na forma seguinte:

4. *Recipe*. Massa de pílulas lucis, cochias e agregativas, de cada uma uma oitava, misture-se e façam-se pílulas pequenas segundo a arte e dividam-se em três doses para tomar por três vezes, uma oitava por cada uma, em jejum e de manhã cedo, ao romper do dia,

sendo em tempo frio, e, sendo mais temperado, se tomarão pelas duas horas depois da meia-noite.

purgas capitais

horas de tomar as pílulas

5. Antes de tomar estas purgas capitais, estando já purgado, se porá em cima dos olhos um saquinho de tafetá carmesim ou, em falta, de pano de linho cheio de folhas de alecrim machucadas somente, e, tendo falta de vista em ambos os olhos, se fará um saquinho para cada um; estes saquinhos, depois das ervas dentro e cozidos, se infundam em aguardente dentro de tigela vidrada ou tachinho bem areado; ferva a fogo brando por tempo de meio quarto de hora e, tirados os saquinhos e mornos somente, se apliquem em cima dos olhos estando fechados, lançando primeiro alguma daquela aguardente dentro neles e se atem com sua atadura; no outro dia se tornarão a infundir os mesmos saquinhos ou a borrifar com a dita aguardente, e se apliquem como está dito; isto assim se fará todos os dias duas vezes, e o alecrim não servirá senão para dois dias, no fim dos quais se meterá alecrim novo; assim se continuará no tempo das purgas capitais e depois, até que o doente fique de todo são.

remédio particular, invento do autor

6. Mas, no caso que alguma gota-serena seja tão rebelde que não obedeça aos remédios apontados, ou por ser antiga ou porque os humores estejam tão infiltrados nos nervos ópticos e sua vizinhança que se não alcance vista perfeita, neste caso se fará o remédio seguinte:

7. Em um frasco limpo e seco de boca larga se meta um molho de ramos de alecrim com as pontas para baixo, do mais verde e viçoso que houver, atado com uma linha branca para melhor entrar pela boca do frasco, e se atará na boca de modo que não cheguem as pontas do alecrim ao fundo do frasco; este frasco, assim com a boca destapada, se porá ao sereno de fora de uma janela dois ou três

dias e noites para destilar e, tanto que virmos que já não aparece nada de licor nas pontas do alecrim, se lançará o licor que houver em um vidro bem tapado, e, se houver aguardente fina e perfeitíssima, se lhe misturará a terça parte dela, mas, não a havendo, nesta forma se usará do tal licor por si somente, lançando dele umas gotas dentro nos olhos, estando o doente de costas, pondo-lhe os saquinhos em cima, como fica referido, o que se fará duas ou três vezes ao dia, tendo regimento; e com estes auxílios não haverá gota-serena que se não renda, pois eu não curei até o presente doente desta enfermidade que não sarasse e ficasse com a sua vista clara e perfeita, seja Deus sempre louvado.

remédio particular, invento do autor, para gota-serena

8. Muitos curei também com o remédio seguinte, sem purgas: tomem um pedaço de fígado de boi ou de vaca, meta-se em um espeto e salpique-se de cravo da Índia, metendo-o no tal fígado, e se ponha a assar; e o primeiro molho que lançar de si se deixe cair no chão, mas o outro que for lançando se apare em uma vasilha enquanto ele quiser lançar de si, e, ficando seco, se esprema, ajuntando tudo, e deste licor se lançará nos olhos três ou quatro vezes cada dia, e o tal fígado se dê a comer ao doente, e, acabado ou estando o licor corrupto, se fará outro na mesma forma. É este remédio admirável e tem curado inumeráveis enfermos, assim em minha casa como fora dela.

remédio de fígado de boi para gota-serena

9. O remédio dos saquinhos com o licor do alecrim é utilisíssimo para desfazer belidas, névoas, unhas dos olhos, que ficam das oftalmías, porque descoagula o humor, conforta a parte, impedindo as defluxões, e é certo, porque o tenho experimentado muitas vezes.

Capítulo XII

Dos bichos de mosca-varejeira no nariz ou outras partes, e suas observações

1. Esta doença também é muito comum nestas Minas, assim em pretos como em brancos, da qual têm morrido brancos e pretos em grande número, porque há muitas moscas-varejeiras e também porque se lhe acode tarde.

2. Estas moscas são de cor azul e se cevam em monturos, carnes podres e umidades imundas, e a maior abundância delas é em tempo de chuva. A criação destes bichos é do modo seguinte: Estas tais moscas, assim que se põem, ou seja em roupa ou nas feridas e chagas, havendo umidade, ou no nariz de quem está dormindo, ou ainda acordado, quando as pessoas são pouco limpas, como há alguns pretos e também alguns brancos, começam a lançar pela boca uns ovos brancos que, em pouco tempo ou horas, começam a bulir e ficam bichos animados que, enquanto são pequenos, facilmente morrem com qualquer remédio contra eles, mas, ao depois que tomam corpo (o que em poucos dias sucede), são mais duros e trabalhosos de matar, principalmente quando estão metidos por suas casas ou cavernas que fazem, aonde não é fácil chegarem os remédios, e, ainda que cheguem, não existindo por tempo, não morrem sem que se estejam aplicando a miúdo.

como se geram os bichos de mosca

Com que remédios se matam

3. Havendo bichos em alguma chaga ou ferida, se tratará de os matar antes que cresçam e façam cavernas com sumo de fumo verde, ou, por outro nome, de tabaco, misturado com outro tanto de vinagre que seja forte e umas pedras de sal, molhando fios e mechas tendo cavernas, lançando algum remédio deste com seringa ou pondo-se o doente em forma que o remédio corra para onde estiverem os bichos, e depois as mechas e fios; e, não obedecendo, se misture neste medicamento sarro de cachimbo, desfazendo-o muito bem, ainda que se liquida muito mal, sempre

larga virtude, ou se unte a mecha ou os fios no mesmo sarro, que, aonde ele chegar, é remédio seguro; o pôr-se o doente em forma que o remédio corra para onde estiverem os bichos é tão necessário como o mesmo remédio, pois, por falta de se não aplicarem os remédios como convém, ficam estes inflamados e os doentes sem utilidade, ou perdem a vida.

sarro de cachimbo

4. Estes bichos aonde entram é pela maior parte nas chagas ou feridas que andam expostas ao ar, sem andarem cobertas, e o mais comum é nos pretos quando se açoitam nas nádegas ficando as carnes escarnadas e se desprezam não olhando mais para as tais feridas, antes alguns senhores os metem em ferros e os fazem trabalhar, não podendo dar um passo, que destes se têm perdido muitos, uns por causa dos bichos lhe comerem a came e corromperem-se os ossos de que dão acidentes mortais, outros por causa de se gangrenarem, apodrecerem e perderem aquelas partes, como de ambos os modos tenho visto muitos, uns que remediei outros, que não pude remediar, porque lhes dão herpes e morrem miseravelmente, que é lástima grande e pouco temor de Deus deixar morrer ao desamparo os pais, que devem ter estes em lugar de filhos; mas vamos aos mais perigosos, que são os que entram pelo nariz.

Com que remédios se deve acudir quando entram pelo nariz

5. Este gênero de enfermidade é bem terrível e bem dificultoso de curar, principalmente quando são passados alguns dias, tempo em que os bichos já são grandes e têm subido para cima ou para algum lado; sendo grandes, são mais duros de morrer, e tendo subido para cima, ou para algum dos lados, são mais dificultosos de matar, por lhes não poderem chegar os remédios senão com muita indústria de quem os aplicar, e também porque, quando chegam, não é senão aos primeiros e daí não passam, assim porque os remédios não assistem naquela parte, como porque os bichos, tanto que são grandes, estão tão unidos e acunhados uns com os outros que, ainda podendo os remédios fazer assistência, não seria fácil

contaminar senão os primeiros, o que muitas vezes tenho observado por certo; e esta é a maior razão por que digo que esta enfermidade é terrível e dificultosa, e também porque, sendo grandes, têm mais fortaleza e não morrem com facilidade.

6. Tendo observado algumas vezes que, sendo os bichos grandes, não morrem com facilidade aplicando-lhe remédios experimentados por bons, e a razão é porque, tirando alguns vivos em algumas ocasiões e lançando-os no medicamento com que curava, não morriam em pouco tempo, e também, em outras ocasiões, quando curava alguma bicheira em feridas de açoites, depois de tirar os que podia, lançar o remédio em cima dos outros, e via na outra cura que os bichos que estavam primeiro estavam uns mortos, outros contaminados do remédio, por estarem amarelos, e os mais, aonde o remédio não tinha assistido ou penetrado, estavam com a sua cor natural, força e vigor por estarem acunhados, como dizia.

7. Quando os bichos tinham entrado pelos narizes, muitas vezes me enganei, cuidando que as dores, peso ou inchação da cabeça seriam procedidas de outras causa; e, por falta de conhecimento ia fazendo outros remédios e os bichos crescendo, e, depois que eles estavam fortes e tinham contaminado o interior, saíam umidades sanguinolentas pelo nariz, e vinha então no conhecimento de que o eram, que este é o melhor sinal e mais certo aonde há estas sevandijas; pelo que fiquei de acordo, quando via algum enfermo com peso na testa, dores nos olhos com peso neles e na cabeça, ou inchação para algum lado do nariz, examinava então o doente com mais miudeza e atenção, perguntando se sentia morder-lhe alguma coisa para cima do nariz ou bulir-lhe coisa que fizesse rumor, e lhe apalpava a cara e por junto dos olhos, carregando-lhe para ver se lhe doía ou sentia pejo; se era preto, perguntava se algum dia tivera bichos no nariz, que quem os tem uma vez é mais fácil tê-los mais; perguntava mais se lhe corria ou tinha corrido alguma umidade pelo nariz com mau cheiro ou sanguinolenta, que estes dois sinais de umidade com mau cheiro e sangue são mui ordinários e certos; o mau cheiro procede da corrupção e podridão que, aonde há bichos, é certa, e o sangue procede de algumas veias que os bichos

rompem, maiores ou menores, que, por isso, vem mais ou menos sangue, o qual não vem puro, senão misturado com a tal umidade; nestes termos, não teremos dúvida em que são bichos, os quais se matarão com os seguintes remédios. Assim que viermos em conhecimento que são bichos e que entraram pelo nariz, faremos um remédio na forma seguinte:

sinais de haver bichos no nariz

umidade com sangue e mau cheiro é certo sinal de bichos

8. Pisem-se folhas de fumo ou de tabaco verde e de hortelã, tantas quantas bastem para fazer duas onças de sumo coado por um pano; este se ajunte com outras duas onças de vinagre fortíssimo e umas pingas de espírito de vitríolo, e umas pedras de sal moído, e deste remédio se lançará com uma colher, estando o doente de costas e com a barba bem levantada, e assim estará o mais tempo que puder para que este remédio vá buscando os caminhos ou cavernas que os bichos tiverem feito, chegue a eles e os destrua; e, havendo certeza de que estão para algum dos lados, depois que o doente estiver algum espaço de tempo de costas e com a barba levantada, se virará para aquela parte onde estiverem os tais bichos, para que, assim, se dê jeito ao remédio caminhar direito a eles, o qual se aplicará de duas em duas horas e será sempre quente.

remédio para matar bichos de mosca, invento do autor

9. Este remédio não só é capaz de matar os bichos, senão também de curar as chagas que eles fazem e muito contra as podridões e maus cheiros que sempre há aonde há os tais bichos; terão muito sentido quando apontar algum para se tirar, que, obrigados do remédio, buscam desviarem-se dele, para o que estará uma pessoa sempre junto do enfermo, porque costumam aparecer e voltar logo com toda a pressa; haverá também cautela na boca para ver se passam a ela, como já vi, vendo-a, se aparece alguma dor ou inchação no céu dela, e, aparecendo algum tumorzinho, se abra

com lanceta antes que os bichos o furem, porque ficará com o buraco para sempre e com a voz rouca e falta na pronúncia das palavras, o que não sucederá abrindo-o com lanceta; e se continuarão os remédios por uma e outra parte com seringa, tirando sempre os que forem aparecendo, obrigados do seu contrário.

10. Mas, se com este remédio aplicado por dois dias virmos que não faz o efeito desejado, faremos outro mais forte da maneira seguinte: sumo de folhas de fumo verde, coado ou limpo, uma onça; água em que se lave meio palmo de fumo curado, de que se faz o tabaco, este, desfeito e esfregado na dita água, duas onças dela, vinagre forte duas onças, sal do Reino duas oitavas, pisado e desfeito no mesmo medicamento, espírito de vitríolo umas pingas; este remédio se lançará com uma colher ou com seringa, por uma e outra parte, ordenando ao doente que busque o melhor jeito para o remédio correr e ir buscar a parte, ou partes, onde estão os bichos.

remédio forte

11. E, no caso que a necessidade seja grande, de modo que ameace perigo, neste caso se ajuntará ao sobredito remédio um bocado de sarro de cachimbo, o qual se acha dentro dos canudos, e também alguma cinza do mesmo fumo ou tabaco que se queimou, que tudo se desfará o melhor que puder ser e, ainda que muito mal se liquida, sempre larga grande virtude no remédio por se fortíssimo, o que se fará estando o remédio quente, desfazendo-o com uma colher; nem seria muito conveniente desfazer-se de todo, por ser venenoso e por ser capaz de matar segundo a quantidade, mas como vai correto, não tem perigo. E, para que se saiba o que ele é, repito a observação seguinte:

remédio ainda mais forte

12. Na Vila Real do Sabará, Manuel Soares, tendo piolhos ladros nas partes baixas, lhe aconselharam untasse as tais partes com o dito sarro, e, porque se descuidou, levou os dedos ao nariz, e pela respiração que tomou se lhe comunicou o terrível, asqueroso e venenoso cheiro ao cérebro, e, de repente, caiu em um acidente

mortal, em que esteve por discurso de mais de cinco horas sem acordo algum, nem mais que uma fraca e tênue respiração e um pulso tão delgado como um cabelo da cabeça; e, passado o dito tempo, foi a natureza vencendo aquela aura venenosa e tornou em si, mas muito devagar, o que eu presenciei por ser chamado e ele confessou o que fica referido, ao qual sem saber a causa do acidente, nem pessoa alguma da casa, lhe deitei pela boca, com muito trabalho, triaga magna desfeita em vinho.

observação

13. Por esta causa, e por eu ter outra experiências do que ele é, sou de parecer que, havendo bichos no nariz, se não metam mechas de sarro de cachimbo, como alguns curiosos fazem havendo bichos em outras partes, pois todos sabem que, onde ele chega, os destrói, e só se usará do sarro nesta parte, sendo correto, com outro medicamento ou com os que ficam referidos, e será quando os bichos estejam longe ou sejam grandes pela necessidade e perigo que corre a vida do enfermo, como sucedeu ao padre, por antonomásia chamado o Canjica, morador em Ribeirão Abaixo, que de bichos de mosca que lhe entraram pelo nariz perdeu a vida, e outros; pelo que é muito preciso que se apliquem os remédios a miúdo e com grande cuidado, e para melhor clareza refiro a seguinte observação:

Um clérigo, por alcunha o padre Canjica, morreu por *causa* de bichos de mosca no nariz, e por não fazer disso caso

Observação única de bichos no nariz em um escravo meu

14. No ano de 1730, sucedeu entrarem bichos de mosca pelo nariz de um escravo meu e, queixando-se de que lhe doía a cabeça e a testa, mandei-o tomar banhos e ajudas de erva-do-bicho, cuidando seria corrupção; mas, como as queixas cresceram e eu duvidoso no remédio que faria, me disseram outros seus parceiros que o tal preto lançava pelo nariz uma aguadilha vermelha; perguntei-lho, respondendo que assim era; nestes termos, por estes sinais, vim em

conhecimento de que eram bichos de mosca, maiormente porque as queixas cresciam e não havia corrupção-do-bicho; fiz-lhe o primeiro remédio, parecendo-me seriam ainda pequenos, e bastaria, mas, como não aparecesse nenhum e as queixas em aumento com peso grande na cabeça e febre pelo fervedouro, que eles faziam fugindo do remédio, comendo e furando para diante com mais força, passei ao outro remédio mais forte que fica referido, e com ele começaram a sair alguns já mui grandes e de cor amarela feridos do remédio, caindo na cama uns, outros tornando para dentro.

15. Nestes termos, vendo que este remédio obrava devagar e que os bichos eram grandes e mui fortes, as queixas iam crescendo, o membro era tão principal como é a cabeça, o escravo era de valor de quatrocentas oitavas de ouro e a sua vida corria perigo grande, me vi aflito na contingência do remédio, à vista do que, ainda que por uma parte considerava que o sarro de canudos de cachimbos era venenoso, pela outra considerava o perigo iminente, já com a cara e olhos mui inchados, os pulsos com intercadências, me resolvi a fazer o remédio com o sarro que ultimamente fica referido, o qual, aplicado a miúdo com as condições que ficam apontadas, foi o seu efeito maravilhoso, porque, ao mesmo compasso que o ia aplicando, iam morrendo, saindo e outros, ainda fortes, fugindo para fora, aplicando o remédio estando o doente de costas com barba bem levantada; passado um dia da aplicação deste remédio, se começou a queixar da boca e, estando eu bem longe de que seriam bichos, lha mandei abrir e lhe vi, no céu dela, um buraco com um fervedouro de bichos, tantos e tão juntos que me pôs em admiração, com um véu ou película por cima, que bem os deixava divisar; rompi a tal película e vi mais claramente aquela multidão, e tanta babugem, fiapos ou teagens tão asquerosas e com tão mau cheiro que, a todos os que viram, causou horror. Tratei com toda a brevidade de ir tirando neles com a pinça e tirei cinqüenta e tantos.

inter cadências nos pulsos, cara e olhos mui inchados

caso novo

16. Por uma e outra parte fui seringando com o dito remédio, e por uma e outra foram saindo mortos e vivos, tirando alguns e cortando com a ponta da tesoura os fiapos ou teagens do buraco, aplicando a miúdo o remédio, uns caindo do nariz na cama, outros caindo na boca; assim foram saindo obrigados do remédio, que, acabado um, fazia outro, com que se foram extinguindo, a cara desinchando, os pulsos se foram endireitando e o buraco da boca se foi alimpando e sarou, mas ficou com o buraco aberto e redondo no meio do céu da boca, por cuja causa ficou o preto com alguma rouquidão na voz; o mais essencial que procurava era pôr-se o enfermo em modo que o remédio corresse para onde estavam os bichos e estar assim por algum espaço de tempo para o remédio aproveitar.

> **a cara foi desinchando, mas ficou com o buraco no céu da boca**

17. Nota. Este preto não sentiu os bichos na boca por ser preto robusto que coisas poucas lhe não davam abalo, e também porque esta casta de gente sempre é agreste e, ainda que alguns sejam bem ladinos e práticos, sempre em algumas coisas têm parte de brutos; teve febre com intercadências nos pulsos, teve a cara e os olhos muito inchados e teve alguns delírios. As dores, e o peso da cabeça foi grande e o entrarem os bichos foi estando ele dormindo de dia fora de casa; puseram-se-lhe moscas em alguma umidade que lhe saía do nariz, em pouco espaço de tempo ficaram animados bichos dos ovos que elas lançam pela boca, como dizia no princípio deste capítulo.

Capítulo XIII

Das chagas da boca, garganta e nariz

1. As chagas da boca e da garganta, ainda que pela maior parte se julguem por gálicas, nem sempre o são, por serem partes a que acodem vários defluxos, o que não tem as do nariz, que, pela maior parte, sempre são procedidas da má qualidade gálica. Sendo umas

ou outras procedidas da dita má qualidade sem dúvida, a primeira coisa que se deve fazer é preparar, purgar e repurgar e dar os alexifármacos contra o gálico, que tudo se achará no tratado 6, cap. 3, porque assim estas, como todas as que procederem de causas gálicas, como tenham propriedade oculta, não saram sem esta se extirpar com os seus contrários, ou, afnda que sarem à força de remédios bons, tornam a arrebentar de novo; assim que tenho por melhor fazer-se logo a cura verdadeira por se não gastar tempo baldado.

propriedade ocult

2. Tanto que o doente tiver tomado a primeira purga, sendo as chagas gálicas, se poderão tocar com espírito de vitríolo em pincel molhado, pois nesta qualidade de chagas é excelentíssimo remédio, o que se fará uma vez cada dia, ou um e outro não, conforme o estado dela, porque, se estiver suja, se tocará todos os dias e, estando limpa, bastará de dois em dois, ou de três em três, e não sendo na boca, garganta ou nariz, se cobrirá a tal chaga com qualquer parche de ungüento de encourar, e sendo em alguma das ditas partes, quando seja necessário mais alguma coisa, será algum gargarejo dessecante para tomar na boca ou na mão para sorver pelos narizes, o que se fará muitas vezes cada dia, e de noite, o qual se poderá fazer desta maneira. Água de tanchagem, se for de cozimento melhor, quatro onças, espírito de vitríolo, tantas gotas quantas forem bastantes para ficar azedo picante, a que se chama água vitriolada; sendo as chagas mais sujas, será a água mais forte com mais espírito e, sendo mais limpas, será mais branda com menos espírito, a qual se guardará em vidro bem tapado, porque, como fica sendo espirituosa, bom será que se feche para obrar melhor.

espírito de vitríolo

água vitriotada

3. Porém, se, pelo contrário, não virmos indícios de que as chagas sejam gálicas e não obedecerem a algumas curas do espírito, ou

não o houver, faremos o remédio seguinte: folhas de tanchagem uma mão cheia, cevada um pugilo, maçãs de cipreste duas oitavas, mirra uma oitava; coza-se tudo em água da fonte, que fique em libras duas e, na coadura, se dissolva bálsamo *proprietatis* três oitavas, misture-se. Este remédio é abstergente e dulcificante, com o qual se gargarejará a miúdo e, sendo necessário, se tocarão as chagas com o dito espírito interpoladamente.

gargarejo abstergente e dulcificante

Capítulo XIV

De chagas em qualquer parte do corpo

1. Sendo as chagas nas pernas dos pretos, que nestas Minas costumam pela maior parte andarem com elas escaneladas ou escalavradas pelos serviços em que atualmente andam, estas se remedeiam muitas vezes com um pano molhado em aguardente do Reino quente as vezes necessárias, ou sejam, chagas ou feridas frescas, e também os pós das cascas dos ovos, que ficam ditos na miscelânea; outras vezes, tendo já chagas, se remedeiam com um parche de emplasto de diapalmo baixo de ponto com óleo rosado ou manteiga crua, que fique brando, sendo continuado com fios por baixo, alimpando-as uma vez cada dia; outras se remedeiam com parche de ceroto magistral continuado do mesmo modo; outras se remedeiam com pós de caroba, sendo do campo melhor, estando a chaga limpa, que estes costumam fazer um casco seco e se não tira, antes se lhe lançam mais pelas bandas onde tiverem alguma umidade, alimpando-a; e, estando sujas, se misturam pós de pedra-lipes com os de caroba, mas sejam mui poucos para não escandalizarem, de modo que, se as chagas estiverem pouco sujas, se misturarão poucos pós de pedra-lipes, que serão, quanto mais sutis uns e outros, melhor; e se estiverem mais sujas, se misturarão mais pós lipes para comerem e alimparem, perdendo antes por menos que por mais; com estes pós, ou sejam simples ou compostos, tenho curado infinitas chagas, os quais fazem regenerar

carne por baixo do casco, que fazem boa e firme, de modo que, caindo esta escara, ficam as chagas sãs, ou, quando alguma vez o não ficam, tornam-se-lhe a lançar outros pós e depois saram. Este modo de cura é muito conveniente, porque, assim, estão livres do ar que prejudica muito a elas e, por esta razão, mandam os modernos curar feridas e chagas de vinte em vinte e quatro horas, e eu sou do mesmo parecer pelo ter assim usado com bom sucesso, isto é, não havendo necessidade de curar mais cedo; e muitas feridas tenho curado que lhe não bulo senão passados dois dias, também com bom sucesso, pois, deste modo, estando livres do ar ambiente, a mesma natureza, como melhor mestra, costuma fazer melhores obras que a mesma arte.

pós de pedra-lipes com pós de caroba curam muitas chagas

os modernos

2. Estando alguma chaga com lábios calosos ou beiços duros em roda, é preciso abrandá-los, que, sem isso, não farão o que se consegue com o dito emplasto de diapalmo baixo de ponto ou com o de ceroto, aquentando-os quando se põem e ir tirando-os pouco e pouco que se não faça sangue até ficar sem coisa dura em roda; ou também se abrandam e curam com emplasto Saturno, que é, para chagas de toda a qualidade, excelentíssimo remédio; ou só para tirar os lábios calosos, se use do ungüento feito de cera preta ou amarela com azeite doce que fica dito na *Miscelânea* para os calos; com qualquer destes se podem tirar os lábios calosos e curar a chaga até o fim, exceto o de cera; as virtudes do Saturno se podem ver na miscelânea, e a sua receita, e se verá o quão maravilhosas são.

chagas com lábios calosos

ceras com azeite doce

chagas redondas ou em cima de juntas

3. As chagas que são redondas ou em cima de juntas sempre são mais trabalhosas de curar, e, tanto que não obedecerem aos primeiros remédios, é preciso tirar a causa antecedente que as fomenta, que são os humores, purgando e tornando a purgar, estando o doente de cama toda a cura, principalmente sendo nas pernas, porque, como são partes baixas e inferiores, acodem mais humores a elas e só poderão estas serem boas na terra aonde os doentes andarem com as pernas para cima e a cabeça para baixo; isto é exagerar o que são, para com elas se ter grande cuidado.

chagas nas pernas só serão boas na terra aonde se andar com elas para cima

4. Sendo a chaga virulenta, que é quando dela corre matéria delgada e mui quente, é necessário temperá-la com remédios frescos; e, sendo corrosiva, do mesmo modo é necessário temperá-la; e, sendo sórdida, são necessários remédios mais fortes para alimpar a corrosão ou sordícies; e, estando limpas e temperadas e estando o doente de cama com bom regimento, se tocarão com xarope rosado, ou mel de pau, ou espírito de vitríolo, escassamente, pondo-lhe fios secos e qualquer ungüento fresco e dessecante por cima, como é o ungüento de fezes de ouro, ou branco, ou de tutia ou, o que é melhor, o Saturno.

5. Quem quiser ter em sua casa o emplasto de diapalmo baixo de ponto o comprará nas boticas, pedindo-o do mesmo modo que é um bom remédio para todas as chagas que se querem encourar.

6. Eu sempre folguei de trazer os pós de caroba comigo para quando me pediam que visse alguma chaga, os quais trazia em três papéis, um com os pós simples, outro com pós compostos brandos, outro com pós compostos mais fortes, como assim: duas oitavas de pós de caroba bem finos e meio escrópulo de pós de pedra-lipes, também bem finos, e o outro mais forte assim: pós de caroba duas oitavas, pós de pedra-lipes um escrópulo ou até escrópulo e meio; e, quando encontrava chaga limpa, lançava-lhe os pós simples e pano por cima e, quando chaga mais suja, lançava-lhe os pós menos fortes; e, quando estava com algumas sordícies brancas ou

alguma podridão, lançava-lhe os pós mais fortes, e muitas vezes me diziam ao depois que as chagas tinham sarado com os pós que eu lhe tinha lançado uma só vez. E, para que se saiba o que são estes pós, veja-se a observação seguinte, que quero referir para doutrina dos principiantes e de quem mora pelos matos:

Observação de uma chaga podre curada com os ditos pós

7. No ano de 1712, na Vila Real do Sabará, curei a um homem de mais de sessenta anos, chamado o coronel Francisco Barreto, morador nos Currais do rio de S. Francisco, onde tinha suas fazendas, de uma chaga podre em uma perna já deplorada e deixada de cirurgiões, cujo sucesso foi desta maneira:

8. Indo o reverendo padre Cipriano Gomes Claro ver este enfermo por seu amigo, ao entrar na casa sentiu mau cheiro e, perguntando a causa, lhe disse o dito coronel que era procedido da sua perna; viu o dito padre que assim era e o fez chamar-me, ainda que o doente o não queria fazer por estar desconfiado de cirurgiões, dizendo que eles o tinham posto naquele estado, sem o poderem curar; com efeito, à força de muitas instâncias do dito padre, fui vê-lo e lhe achei uma chaga mui grande, podre e tão fétida que, à vista dela, se não podia tolerar o mau cheiro que tinha, e, como estava mui desconfiado de sarar, o animei, dizendo-lhe que, se fizesse da sua parte, havia de ficar são.

9. Lavei-lhe a chaga muito bem lavada com aguardente do Reino bem quente e, enxuta, lha cobri toda com pós de caroba do campo, que é melhor que a de mato virgem, misturados com pós de pedra-lipes em igual parte, bem moídos, cobrindo-os com um pano seco e atadura, os quais fizeram uma escara mui dura e seca, na qual não buli senão depois que pela circunferência começou a lançar matéria boa, que foi ao quarto dia, e, depois que a escara se foi abalando e que, por vontade, quis sair, ficou a chaga limpa e encarnada como uma romã; lancei-lhe outros pós mais brandos com poucos de pedra-lipes e nas mais curas ainda com menos, de sorte que fui diminuindo os de pedra-lipes, até que fiquei curando com os de caroba somente; e, desta sorte, acabou de sarar esta chaga em

discurso de dezenove dias, da qual cura me deu cem oitavas de ouro. E têm grande propriedade estes pós para chagas que procedam de causa gálica. Refiro o prêmio para se saber o quanto estimou a cura.

pós de caroba do campo com pós de pedra-lipes em igual parte ambos

10. É para advertir que os mais cirurgiões que lhe tinham assistido lhe tinham dado xaropes, purgas e apózemos contra gálico com água de salsa, com o que o tinham posto um esqueleto, pois não tinha mais que a pele em cima dos ossos e uma febre lenta; estes lhe tiraram a sustância com as muitas purgas e regimento apertado, e eu lha meti fazendo-lhe comer duas galinhas cada dia sem purga alguma, e sem mais remédio algum ficou livre do perigo em que estava de morrer, ou de se lhe cortar a perna, e fez jornada para o Sertão, onde era morador, e tinha de idade mais de sessenta anos.

11. Sendo que alguma chaga se intempere com alguma inflamação e dores grandes, é necessário que se lhe apliquem remédios frescos, anódinos e temperados, para que se tempere a mordacidade de humor que causa a inflamação e as dores, o que se consegue muitas vezes com panos molhados em todo o ovo bem batido com algumas gotas de aguardente do Reino, também batidas com o dito ovo, que este remédio é bom para a chaga e tira a inflamação por ser temperado entre frio e quente; e os frios ou frescos, se tirarem as dores, farão mal à chaga, e, se feito isto três ou quatro vezes no dia, passando-os pelo ar do fogo se não remediar, usa-se do ovo com leite de peito e com bom regimento, e estando o doente quieto; e, se a inflamação for grande que não obedeça, antes tenha grandes dores, se sangre o doente da parte contrária algumas vezes, e, sendo necessário, se purgará com um vomitório de tártaro, se houver enchimento de estômago, e, não o havendo, com maná, e, temperada a inflamação, se curará a chaga como fica dito. Se houver alguma chaga que faça muita matéria e não obedeça, será preciso purgar o tal enfermo, que, sendo pretos, se purgarão com resina de batata, que é muito própria para eles, e

depois com jalapa, que é própria para humores gálicos de que abundam, que, sendo fomentadas destes humores, não saram sem se tirarem; e muitas vezes é preciso passar a remédios alexifármacos contra o tal gálico, como me tem sucedido algumas vezes.

conjectur

12. Com aguardente, sendo boa, tenho curado muitas chagas, e a parte onde se puser este soberano remédio, se pode ter confiança certa que não há de apodrecer, e se estiver alguma já podre, curando-se com este remédio, não tendo mistura de cachaça ou outras patifarias que lhe lançam os negociantes deste gênero, ou não estando fraca, e quando se aquentar for a fogo brando, ou em vidro dobrado metido em água quente para que não exale a sua força, por ser espirituosa, sendo bem quente e cobrindo bem a chaga com fios molhados, panos dobrados, será um remédio soberaníssimo; e sendo a chaga sórdida, lavar com ela e botar-lhe pós de Joannes também é boa cura, pondo-lhe por cima dos pós fios secos para fazerem escara, que, caída esta, será fácil de cicatrizar com qualquer ungüento ou pós dessecantes, tudo já referido.

13. Também para as chagas podres, sujas, sórdidas ou com gangrena é específico remédio o ungüento Egipcíaco, misturado com aguardente do Reino, fazendo linimento brando, em que se molharão fios ou panos miúdos, estando bem quente, e por cima pano dobrado, molhado em aguardente, lavando primeiro a chaga muito bem com a mesma bem quente. É este remédio tão singularíssimo como se pode ver na observação seguinte:

remédio específico para chagas podres ou com gangrena

Observação de uma mordedura venenosa, por cuja causa estava uma mão quase perdida sem sentimento; boa doutrina para os modernos e remédio inventado pelo autor, com que sarou o doente

14. No ano de 1719 me chamou João Gonçalves Ribeiro, morador em Itacolomi, freguesia da Vila Real de Nossa Senhora do Carmo, aonde estava com um seu escravo, trazendo-o para a dita vila por eu estar nela para lho curar, o qual achei com uma mão e braço muito inchado, por causa de uma mordedura de cobra chamada jararaca, bicho venenosíssimo, a qual o tinha mordido nas costas de uma mão junto à junta do pulso, e me disse o dito senhor que havia nove dias e o tinha sangrado e curado com panos molhados em aguardente de cana ou, por outro nome, cachaça, que bem cachaça é para tudo, como mostrarei no décimo tratado e fica também demonstrado nas obstruções do fígado, conselho que lhe dera um curioso, que estes têm enterrado a muitos, como a este ia sucedendo; e, examinando o doente, me disse que a mão a sentia fria, pesada e esquecida, e, nesta informação que me deu, não foi sem diferença das palavras naturais, mostrando ter algum ameaço da podridão ao cérebro, se não era o medo ou receio da morte, por considerar a mão perdida e ser preto ladino e brioso; e, vendo-lhe a mão, lhe achei uma pequena ferida dos dentes da cobra e já esfacelada e podre em toda a circunferência, a mão e braço com frialdade ao tato; os dedos sem movimento e frios, e, mordicando com as unhas na pele, me disse que nada sentia; meti-lhe uma lanceta por todo o restante das costas da mão e dedos e nada sentiu; meti-lha pela parte de dentro e só na cova da palma da mão mostrou sentimento, com algum sangue descorado, e também o mostrou melhor na junta do pulso e no braço.

curiosos têm enterrado a muitos

medo ou receio a morte

dentes da cobra, a mão e dedos sem sentimento

15. Nestes termos, como aquela parte estava resfriada dos panos da cachaça, que é fria e constipatória, e desanimada com as sangrias que lhe deram (erro gravíssimo em mordeduras venenosas e em venenos) e tinha sentimento no interno, dispus o medicamento seguinte: Mandei a uma botica buscar duas onças de ungüento Egipcíaco e lhe misturei aguardente do Reino boa, com que fiz um

linimento brando; tendo isto feito, dei umas sarjaduras pequenas e superficiais, não para exalar o calor ou espíritos, que nada disto havia aonde elas chegaram, mas sim para o remédio penetrar melhor; e, tendo isto assim disposto, mandei aquentar meio frasco de aguardente em um tacho quão quente se pudesse tolerar e, pondo-lhe a mão e todo o braço em cima do tacho, tendo este por baixo fogo para sustentar o calor, lhe fui dando banhos em todo o braço e mão por dilatado tempo e depois lhe cobri a chaga podre dos dentes da cobra e as sarjas com fios molhados no linimento do ungüento Egipcíaco bem quente e por cima panos molhados dobrados em aguardente bem quente, e em todo o braço até o ombro, para corroborar, aquentar e fortificar aquele membro e chamar espíritos a ele, cobrindo tudo com meio côvado de baeta nova, e, depois de atada, bem coberto o braço debaixo de roupa, ordenando-lhe que comesse bem e fossem mantimentos de boa sustância, e que, passadas duas horas, lhe tirasse a baeta e molhasse os panos por cima com aguardente bem quente e tornasse a cobrir com a mesma baeta e a atar; isto fiz um dia à noite, recomendando estivesse bem coberto, para que tudo ajudasse a regenerar espíritos que animassem aquela parte, pois tão falta estava deles.

erro gravíssimo em feridas venenosas

sarjas nao para exalar os espíritos

linimento e panos de aguardente

16. No outro dia de manhã fui vê-lo e louvei a Deus, vendo a parte com mais calor; curei na mesma forma e, de tarde, quando o ia curar, me disse o senhor dele que dois cirurgiões o tinham ido ver por terem notícia, e de sua curiosidade, os quais lhe disseram que o verdadeiro remédio era cortar-lhe o braço antes que morresse, ao que respondera que, sem eu o determinar, se não havia de fazer tal obra, porque me conhecia havia muitos anos e a mim me disse, se quisesse fazer junta, o fizesse, ou curasse como entendesse.

votos de cortar o braço

17. Tirei a baeta, descobri a cura e, como ao tirar os panos saiu calor, tive isto por bom anúncio; alimpei as umidades e achei a parte da mordedura toda esfacelada com bastante carne podre e nervos, e as sarjaduras com sentimento, e curei na mesma forma e com o mesmo remédio; ordenei que se remolhassem os panos do braço e mão com aguardente bem quente; ao outro dia achei mais calor e mais sentimento em toda a mão; cortei alguns nervos que de todo estavam perdidos no lugar da mordedura, pondo-lhe fios e panos molhados no dito linimento bem quente, e o mais como fica dito, curando deste mesmo modo, até que as sarjaduras fizeram boa matéria e a chaga, lugar da mordedura, foi alimpando em redondo, cortando com a tesoura os nervos que a natureza ia separando, ficando a cabeça do osso da noz da junta todo negro, que ao depois saiu, como logo direi.

nervos podres se cortarão

18. Mas, como o lugar da mordedura ficou contaminado do veneno e, gangrenado, foi alimpando muito devagar, ajudado da tesoura, e o osso, ou noz da junta que todos temos à vista, como a mordedura foi junto dele, apodreceu, de sorte que saiu inteiro do comprimento de uma mão-travessa; e para o fazer destacar, e os nervos mais brevemente, os toquei com espírito de vitríolo; depois de saído, foi a natureza regenerando poro em lugar do osso, mas não pude chegar à junta e ficou afastado dela uma polegada; encarnou esta chaga e cicatrizou com o mesmo remédio, diminuindo no Egipcíaco, até que de todo o tirei e acabei de aperfeiçoar a cura com aguardente por si, tocando a carne em redondo do poro com espírito dito acima, para ir tendo mão nela, enquanto o poro foi crescendo, pondo-lhe fios secos para uma e outra coisa dessecá-la e não cobrir o poro; e depois que vi não crescia mais, curei só com aguardente, e logo fechou.

19. Por fim, para confortar assim aquela junta como os dedos para o seu movimento, ordenei que se fomentasse o braço e toda a mão por um bom espaço de tempo com a dita aguardente bem quente, estando em cima de fogo junto da mão do enfermo, e se cobrisse

com panos dobrados molhados bem quentes, embrulhando também os dedos; e depois, logo antes que lhe desse o ar, se cobrisse com baeta atada, e assim se metesse a mão e braço em um saco de duas baetas e se atasse acima do cotovelo, a modo de sarralho de bolsa, fazendo-lhe a fomentação uma vez cada dia e se remolhassem os panos duas, mas não a baeta, nem o saco, ou manga; assim se continuou até que o preto teve calor natural, moveu a junta do pulso e os dedos; só ficou com diferença que os três dedos da parte de fora não fechavam bem, que só em coisa que enchesse a mão fazia presa, abrindo-os admiravelmente e a junta do pulso também com alguma falta no movimento, mas pouca.

confortar a junta e os dedos para o seu movimento

sarralho de bolsa

20. Nota que, na minha opinião, a pior coisa que se fez a este doente foi sangrarem-no logo assim que foi mordido, porque, com as sangrias, segundo a circulação do sangue, se comunica o veneno a todo o corpo, o que é erro da maior grandeza comunicá-lo ao todo em lugar de o atrair pela mesma parte para fora, como claramente mostrarei no tratado dos venenos e mordeduras venenosas; e também foi erro porem-se-lhe na mordedura panos molhados em cachaça para resfriar e constipar os poros da parte, por ser fria, que, por isso, pelas sangrias e pelo veneno, se mortificou a parte mais depressa; mas é de advertir que pela boca lhe deram contravenenos da experiência, que no tratado referido farei manifestos, com que livraram o doente das ânsias que no princípio teve, como todos têm os mordidos de tal casta de bicho, pois há alguns mordidos dele que lançam sangue pelos ouvidos, olhos, nariz e boca, fazendo-se-lhe as unhas pretas; e alguns me afirmaram que por elas lançam sangue alguns mordidos desta casta de cobra, mas os que o lançam pelas ditas partes, com certeza são mordidos da cobra de cascavel.

sangrias em mordeduras venenosas não convêm e foram a pior coisa

Capítulo XV

Das chagas dos dedos dos pés e unhas

1. Estas chagas costumam ser bem enfadonhas em sua cura e, por ter visto e observado que são trabalhosas e os autores não fazerem delas expressa menção, quero fazer este capítulo separado.

2. Quando houver ferida fresca nestas partes, é necessário não se desprezar, porque, passando a chaga, são algumas bem custosas de remediar por serem partes exangues, faltas de calor e aonde mais facilmente se agravam, topando tudo nelas, e também pela duração de tempos, causando muita moléstia, impedindo calçar sapatos e a cada um tratar de seus ofícios e negócios, além da despesa, pelo que, havendo chaga, se tratará dela do modo seguinte:

3. Água de tanchagem e de pés de rosas, de cada uma duas onças, pós de alvaiade muito sutis quatro oitavas, pós de pedra-lipes (ainda que sejam grossos, logo se desfazem) um escrópulo, pós de caroba, se a houver, uma oitava, ou, em sua falta, de pós de mirra, tudo se misture; e, estando morno, se molharão fios e panos que se porão na chaga, mexendo primeiro os pós; estando o doente de cama, se curará duas vezes cada dia, levando tenção de dessecar, continuando com este remédio até consumir e dessecar a chaga de todo; e quem quiser ter remédio para mais tempo poderá pedir as quantidades dobradas.

4. Este remédio é adstringente e dessecante, virtudes muito necessárias nas chagas destas partes, por serem úmidas, e não se tratará de mundificar e encarnar como nas mais chagas e só de cicatrizar; se não houver alguma das águas ditas, se poderá usar de água das pias dos ferreiros, quanto mais velha melhor, em sua falta, porque é muito dessecante; e no caso que, continuado este remédio por tempos, não quiser a chaga, ou chagas, obedecer, nestes termos purgaremos o doente, primeiro com um vomitório e depois

com resina de batata e jalapa, continuando os mesmos remédios, pois deste modo não haverá chaga nestas partes que nao obedeça.

nestas chagas não se tratará de mundificar e encarnar como nas mais

5. Deste mesmo modo tenho curado muitas chagas, assim modernas, como envelhecidas, e sempre com bom sucesso, tendo regimento e estando de cama; e, para melhor clareza, quero referir uma grande observação entre muitas que puder escrever, a qual é a seguinte:

Observação única de uma chaga em um dedo de um pé muito antiga

6. Um sarralheiro, que me não lembra o nome, morador na Cidade da Bahia junto às portas de São Bento, achando-me na dita cidade em casa de meu irmão Alexandre Gomes de Sousa, aonde o tal doente ia conversar muitas vezes no ano de 1709, uma das quais me mostrou um pé que trazia por cima do sapato sem poder trabalhar no seu ofício, nem calçar sapato para ir à missa, aonde lhe vi um dedo com a cabeça toda comida até a mesma unha, dizendo tinha feito mil remédios havia muitos meses sem alcançar saúde, e que um cirurgião lhe dissera que só saindo ou deixando crescer as raízes da unha para se lhe arrancar, sararia, que, se eu me atrevesse a curá-lo, me pagaria bem, porque era homem pobre e não trabalhava no seu ofício havia meses; ao que respondi que aquela doença não era incurável, que, se este estivesse de cama e observasse os preceitos que lhe pusesse, nenhuma dúvida tinha em o pôr são; sem embargo que estava muito inchado e tinha dores tão excessivas que o não deixavam dormir de noite e andava havia alguns meses que nada lhe fazia por ter padecido e gasto muito sem alcançar melhora; e o dizerem-lhe que deixasse crescer a unha para lhe pegar com uma tenaz para lha arrancar, que tais dores as não podia sofrer em cima das que padecia.

7. Neste termos, entrei a curá-lo com o medicamento sobredito, estando de cama, comendo mais assado que cozido, e como era

chaga antiga e era fomentada de causa antecedente, que são os humores pituitosos de todo o corpo, e caminhavam para aquela parte, e também humor colérico pela corrosão que a tal chaga tinha, me pareceu conveniente evacuá-los e suspendê-los com um vomitório e depois evacuar os mais humores, principalmente os gálicos, com purgas de jalapa interpoladas até três, tendo resguardo de mulher.

8. Deste modo fui curando a chaga revolvendo os pós, para que os fios levassem consigo alguns e fossem dessecando aquelas umidades e as purgas descarregando o corpo, com o que foi obedecendo admiravelmente, e, dentro de trinta dias, ficou a chaga de todo seca e sã; e, para segurar esta cura, ordenei que aqueles oito dias se não levantasse da cama e, passados eles, o fizesse só pela casa, mas não com o pé metido em sapato, e que não comesse senão carne seca, e que as primeiras vezes que saísse fora fizesse pequena jornada; com este modo de cura e com estes documentos, ficou inteiramente são, sem nunca mais lhe repetir tal chaga.

9. Não há dúvida que me fez admirar o não achar quem o curasse, como haver quem lhe aconselhava que deixasse crescer a unha para se lhe arrancar, não tendo inconveniente a unha para sarar a chaga, o que me pareceu despropósito.

10. Nota que a verdadeira tenção que se deve ter nestas chagas é dessecá-las com remédios adstringentes e dessecantes, para adstringir e dessecar as umidades daquelas partes, para o que podem servir todos os que forem dessecantes, como são pós de alvaiade, pós de mirra, de incenso, de almécega, de bolo-armênio, de pedra-ume crua, de pedra-lipes, de murta, de murtinhos, de alecrim e folhas de caroba do campo, que são excelentes, havendo-os; destes, todos se escolherão os que houverem conforme a parte e a necessidade e se misturarão nas águas sobreditas, ou rosada, ou de tanchagem, cozendo as suas folhas muito bem, ou de pés de rosas, ou da pia dos ferreiros, de sorte que, havendo inflamação e dores, é mais conveniente a rosada e de tanchagem, e não havendo

algum destes acidentes, se usará de qualquer das outras, ou misturadas.

11. Também o tocar estas chagas com espírito de vitríolo e lançar-lhe em cima pós de caroba ou de mirra, ou de alecrim, ou cato, ou outros semelhantes, é muito bom, porque o espírito gasta a carne supérflua que costuma nascer nestas chagas e desseca as umidades admiravelmente, de que também tenho usado muitas vezes; e também para quando a chaga estiver suja, a alimpa muito bem; ou, passado um credo, se pode curar com o remédio das águas e pós que fica referido.

Capítulo XVI

Das escoriações do escroto, ou bolsa dos testículos, ou membro viril

1. Estas escoriações ou esfoladuras da pele procedem, muitas vezes, por demasiado calor ou por causa de algum pruído, coçando-se, e, acudindo a estas partes algum humor soroso ou colérico, causa as tais chagas superficiais; tendo, pois, esta causa, facilmente se remedeiam com o seguinte remédio: água de tanchagem e rosada, de cada uma uma onça, alvaiade em pó sutilíssimo duas oitavas, misture-se; ou água de cozimento de folhas de tanchagem muito bem cozida duas onças, alvaiade em pó sutil duas oitavas, misture-se e, tépido, se molha um paninho de linho fino ou pincel, e se molham as escoriações a miúdo, ou se lhe põem pano molhado, renovando-o em se secando, sendo os pós revolvidos, estando o doente sem fazer exercício; e, se for no membro viril, depois de feita a cura, se levantará para cima com sua atadura e, havendo grande dor por serem estas partes muito sensitivas, se use de leite de peito com alvaiade e umas pingas de sumo de tanchagem com bom regimento e quietação.

2. Mas, se com estes remédios não obedecerem, se examinará se são gálicas e, se o forem, se enxaropará o doente purgando-o e

dando-lhe os alexifármacos como se diz no tratado sexto, usando, ao mesmo tempo, de algum dos remédios acima, para temperar as dores, e sarará.

Capítulo XVII

Dos remédios contra cursos

1. É muito ordinário nestas Minas darem cursos aos pretos e também aos brancos; tanto que assim suceder, se não façam remédios alguns mais que banhos por baixo para que aquela umidade não faça alguma corrupção, e, sendo mulher, os tomará em ambas as vias até passarem três ou quatro dias; e haverá tais cursos que se é necessário passarem-se mais, como aqueles que forem críticos, que são os por onde se aliviam muitas enfermidades.

cursos crítico

2. Conheceremos, pois, que os cursos são críticos porque haverá alívio em outras queixas, se as houver, ou o doente se não enfraquece muito, pois, neste caso, se não devem impedir, salvo for muito devagar, de modo que de todo se não suprimam de repente, porque será de grande dano para o enfermo; e, deixando-os continuar, se vai a natureza aliviando de alguma grave enfermidade, e o que só se deve fazer serão ajudas de caldo-de-galinha com gema-de-ovo e açúcar, tomando todos os dias os ditos banhos.

3. Mas, se, pelo contrário, virmos que os cursos vão em aumento e que o doente se vai pondo em muita fraqueza tendo já tomado as ditas ajudas, duas ou três cada dia, ainda que fiquem dentro, nenhum dano fazem, antes confortam e fortalecem a quem está fraco, e são muito temperantes das dores que sempre há pela barriga, nos intestinos e na via, para o que e para moderar os cursos, são excelentíssimas, como muitas vezes tenho experimentado em muitos doentes e em mim mesmo; e também é supremo remédio em todas as enfermidades onde houver fraqueza.

4. Se virmos que com as tais ajudas não passam os cursos nem se moderam, comerá o doente arroz cozido em água sem sal, nem mais tempero algum, com sua galinha assada; ou também poderá comer o arroz sem tomar as ajudas, porque com ele tenho curado inumeráveis enfermos, e à noite é o mais próprio, servindo-lhe de ceia; ao almoço e jantar, galinha com alguns grãos dele.

5. Mas, se virmos que com nenhum dos remédios ditos os cursos obedecem, mas, antes, vão em aumento, pondo os doentes em excessiva fraqueza, e que algumas queixas crescem, ou de novo lhe sobrevêm outras, estes cursos são os que se chamam sintomáticos, aos quais se deve acudir logo com remédios engrossantes brandos, como é tomar ajudas de caldo-de-galinha com a terça parte de sumo de tanchagem, gema-de-ovo e açúcar e, pela boca, água ferrada com um seixo do rio feito em brasa, depois fria a toda a hora, e galinha cozida com arroz; os ovos cozidos em vinagre e feitos em quartos, molhados em outro vinagre e comidos, muitos doentes têm sarado com eles; outros muitos remédios pudera apontar, mas, porque os livros estão cheios deles, passo a tratar dos que tenho experimentado.

cursos sintomáticos

6. Se os cursos permanecerem e o humor que o doente lançar for de ruim qualidade, como sejam frialdades aos pedaços de mistura com outros e sejam em quantidade, os tais doentes os tenho curado com purgas de resina de batata, duas e três, sendo pretos, porque estes sempre abundam de humores e nunca é erro purgá-los, e, sendo branco, o purgava com purga de maná em cozimento comum, ajuntando-lhe duas onças de xarope Pérsico, ou com purga de ruibarbo; e saravam uns cursos com mais cursos, o que por algumas vezes assim me sucedeu.

7. Mas porque, muitas vezes, sucede haver cursos tão rebeldes que não obedecem a coisa alguma, neste caso se dará ao doente aquele grande *arcanum* já descoberto, que se cria nesta América em tanta abundância, chamado poalha ou, por outro nome, pacacoanha, nome do gentio, que são umas raízes miúdas que têm

muitos nós; estas, feitas em pó e dadas em quantidade de duas oitavas até duas e meia, lançadas em água quente ou em caldo-de galinha, e bebido este remédio em forma de purga pela manhã, em jejum, com que os doentes costumam fazer alguns cursos, por serem purgativos, e passado o dia que se toma este medicamento, costumam estancarem-se os cursos de milagre, como adiante mostrarei; também algumas vezes fazem vômitos, mas poucas.

arcanum ja descoberto na América

8. Também se podem dar estes pós sem que o doente chegue ao extremo, porque, tanto que virmos que os cursos, câmaras ou diarréias passam de dez ou de quinze dias, se pode dar este remédio, que é seguríssimo; e, quando aconteça (o que pode suceder) que, tomada a primeira porção, as câmaras continuem, se poderá dar segunda com toda a confiança, ainda que os cursos sejam de sangue.

9. Também se dão estes pós lançando-os à noite de infusão em seis onças de água morna, e pela manhã escoa-se a tal água morna e, morna, se dá a beber ao doente em forma de purga, como fica dito; e, passado o dia em que se toma e o outro, e os cursos continuam, se dão os pós que ficaram em água morna desfeitos, e, quando não passem os cursos com a primeira bebida, com a segunda sem dúvida passarão.

10. Eu de ambos os modos tenho usado, assim lançados os pós em água quente e tomados com a mesma água, como dar primeiro a infusão e depois os pós, sendo necessários; e de ambos estes modos me sucedeu sempre admiravelmente.

11. Nota que a obra deste grande remédio se não tem averiguado ao certo como a faz; sabe-se, sim, que faz alguns cursos e que daí por diante param os que o doente tinha de antes. Neste remédio, necessariamente, lhe havemos de dar duas qualidades, uma purgativa, outra adstringente, ou engrossante, ou apertiva, que tudo vale o mesmo; a purgativa é a com que faz os cursos que acima digo; a adstringente ou apertiva é a com que adstringe e aperta os

vasos ou partes donde sai o tal humor, e também, muito conforme a razão, se lhe pode dar a virtude de confortar, pois vemos que, no tempo dos cursos, estavam as oficinas naturais tão enfraquecidas e laxas, e, depois de parados, ficam com mais fortaleza e os doentes mais animosos, e eu não duvido tenha virtude oculta para a tal enfermidade, como outros têm.

Observação única de uma diarréia desesperada em casa do doutor ouvidor-geral da Vila do Ouro Preto, que, estando o doente feito um esqueleto, sarou com os ditos pós por modo de milagre

12. No ano de 1724, morando eu no arraial do Padre Faria, casualmente passei pela porta do dito ouvidor Antônio Bercó del-Rio e provedor da Fazenda Real, e sendo chamado por um criado seu para levantar a espinhela a um escravo do tal ministro, ao qual um médico assistia, e com efeito a fui levantar no outro dia de manhã; estando lavando as mãos, depois da obra feita, chegou o tal médico e, perguntando de que modo tinha levantado a espinhela, lhe disse que com ventosa, o que aprovou, e conversando comigo me disse que aquela obra de levantar a espinhela a mandara fazer para ver se, por acaso, paravam os cursos daquele enfermo tão antigos e tão rebeldes que todos os remédios tinham desprezado, pois se tinha cansado bastantemente e lhe tinha aplicado variedade deles; ouvindo isto, lhe perguntei se lhe tinha já aplicado aquele grande remédio, chamado por língua da terra, pacacoanha, ou, por outro nome, poalha, ao que respondeu que ainda não, "pois, advirta vossa mercê, senhor doutor (lhe disse eu), que é um grande remédio, porque o tenho experimentado várias vezes em câmaras, ou sejam antigas ou modernas, e sempre com bom sucesso;" ao que respondeu que era bom e que o receitasse eu, ao que repugnei, dizendo que o doente era seu e que o receitasse, parecendo-lhe; mas, tornando a repetir o mesmo, lhe disse que o tal remédio tinha tão pouco que receitar que muitos boticários já sabiam que quantidade se dava e como se tomava; a tudo isto assistiu presente o dito criado do tal ouvidor. Com estas palavras e sem nenhum de nós o receitar, nos despedimos.

13. Passaram-se três dias sem que o tal médico tornasse a visitar o enfermo, e eu menos, por não ter obrigação para isso; no fim deles perguntou o dito ministro ao tal criado pelo enfermo, o qual lhe respondeu que, depois que estivera com o cirurgião, quando levantou a espinhela, não tornara a ver o doente, e, examinando o que se passara, perguntou se se lembrava do nome do tal remédio e, dizendo que sim, lho mandou buscar a uma botica, que o boticário deu e ensinou o como se havia de tomar o tal remédio, e, dando-lhe no mesmo dia, lhe pararam os cursos, fazendo alguns com ele. Começou a comer com boa vontade e em poucos dias se nutriu e tomou carnes.

14. É muito para advertir que este doente tinha os tais cursos havia dois meses, e, como eram contínuos de dia e de noite, estava tão desfeito e falto de carnes que não tinha mais que a pele em cima dos ossos, ou feito um esqueleto, e foi coisa de admiração ver que, em poucos dias, depois de tomado o remédio, tomou carnes, nutriu-se e começou a andar de pé, como quem não saíra de tal doença.

15. Daí a vinte dias, pouco mais ou menos, indo eu despachar uma petição pelo dito ministro, como ele não sabia se eu era cirurgião ou não aprovado, pois me não conhecia, lhe dava a minha carta de aprovação e, não a aceitando, me disse que já sabia era um grande cirurgião, pelo moço estar presente e lhe dizer que eu era aquele que já lhe tinha dito aplicara o remédio com que o camarento tinha sarado e livrado da morte, e que não era necessário ver a carta; daí a alguns dias, passando pela rua, me chamou o criado e me contou o que havia precedido, dizendo fora buscar o remédio que eu tinha nomeado por mandado de seu amo e o dera ao doente, e que estava são com tanta diferença como difere a água do vinho, e, chamando-o, o vi de pé e tão nutrido que, se me não dissera que era o mesmo, não era possível conhecê-lo.

16. Nota. Daqui se pode inferir a rara virtude deste remédio, e não só tenho visto este maravilhoso sucesso, senão que a outros muitos enfermos o tenho aplicado com a mesma felicidade, de sorte que só a um o dei segunda vez; e, como isto assim seja, tenho por

escusado escrever mais observações; só digo que, em todas as frotas que vão do Brasil para Portugal, levam muito grande cópia deste remédio, por ter lá chegado a notícia da sua rara virtude, e os mesmos boticários o mandam ir, e os curiosos ou experimentados que desta América têm ido para o terem pronto nas ocasiões desta tão penosa enfermidade.

Observação em um homem da freguesia de São Bartolomeu, vizinha à Vila do Ouro Preto, com uma hérnia aquosa, a maior que vi em meus dias

17. No ano de 1725, morando eu no arraial do Padre Faria, me chamaram para ver um homem da freguesia de São Bartolomeu que estava no mesmo arraial e vinha a procurar-me; fui ver este homem e lhe achei uma hérnia na bolsa dos testículos tão grande que a trazia em saco atado ao pescoço, e me disse havia sete anos que a tinha, fazendo-lhe multidão de remédios, sangrando-se e purgando-se sem alívio algum, e que, estando já desconfiado e resoluto a trazer aquele tão grande peso enquanto fosse vivo, lhe disseram que eu tinha muita experiência das doenças das Minas, que talvez acharia na minha mão a saúde, e que, por isso, vinha para que o visse; assim que vi tão grande monstruosidade, fiz diligência para conhecer se seria hérnia carnosa ou aquosa, e, não descobrindo sinais certos, nem pondo-lhe candeia da outra banda para ver se fazia transparência de água, por ter muita grossidão de humor, nem de maneira alguma a pude conhecer, por ter a antigüidade que digo, ordenei que se chamasse outro cirurgião e um médico, e, consultando todos em que mais parecia aquosa, se lhe meteu a agulha canulada e logo começou a correr água quase vermelha, que encheu uma bacia de urinar; não quisemos tirar mais naquele dia; no outro tiramos outra bacia cheia e no outro meia, que foi a última que tinha; e para resolver parte do humor que tinha, lhe aplicamos panos de aguardente quente com sal, e sarou em no discurso de oito dias ficou são, não o podendo alcançar em sete anos.

sendo hérnia de sete anos.



O cirurgião e o camponês. (Gravura de Lucas van Leyden)

1 **Etna** - Do topônimo *Etna*. O autor usa a metáfora do vulcão ardente para falar da ferida dolorosa.

2 **Teagens** - Provavelmente de *teia, tecido;* também *membrana celular reticular*. O autor, provavelmente, utiliza analogia. O certo é

que desconhecia a grafia correta da expressão, já que usa também *tiagens* para se referir à mesma coisa.

3 **Pescolubrinos** - *Plantas com folhas fendidas, como o pé dos pombos*. Provável equívoco do autor, que usa a grafia *pescolombinos*.

Tratado VIII

Da enfermidade a que chamam corrupção-do-bicho, suas causas, seus sinais, seus prognósticos, sua cura e suas observações

Que coisa é corrupção-do-bicho?

1. Corrupção-do-bicho não é outra coisa senão uma largueza e relaxação do intestino reto e seus músculos, ou, por outro nome se chama o sesso, mais ou menos largo; e, segundo a maior ou menor largueza, assim será a maior ou menor corrupção.

As causas desta enfermidade quais são?

2. As causas desta enfermidade são um calor extraordinário que aquela parte adquire, ou por ser o tempo mui calmoso ou a região ser muito cálida, como são os Brasis, ou por haver pouca limpeza na tal parte, passando-se muitos dias ou semanas sem se tomarem banhos, ou também porque, havendo alguma febre, se não tomam, sendo então mais precisos, ou porque, havendo alguma pessoa que tenha cursos, não toma os ditos banhos, sendo muito necessários para lavar e refrescar aquela parte, pelas quais causas se relaxam os músculos daquela parte e se abre, umas vezes menos e outras mais, de tal modo que, não havendo grande cuidado em se remediar a tal largueza, em breves dias tira a vida.

3. Isto é o que se chama corrupção-do-bicho, e não porque haja bichos naquela parte, como imaginou Antônio da Cruz, escrevendo desta doença no fim do seu livro, um tratado extenso, dizendo que esta doença procedia de bicho ou bichos que se criavam na tal parte

e que era necessário matá-los enquanto pequenos, o que fez por falsa informação que lhe deram; e o chamarem-lhe corrupção-do-bicho logo direi a razão que houve para isso.

Sinais desta enfermidade, estando no seu princípio

4. Conheceremos que algum doente tem princípio de corrupção porque terá dores de cabeça e de costas, moimento de corpo, espreguiçamento dele e com alguma febre ou muita, e o tempo será calmoso pela maior parte.

Os prognósticos quais são?

5. Os prognósticos desta enfermidade no seu princípio não têm perigo algum, mas, se não se remediar com todo o cuidado e vigilância, sem se desprezar, passará à largueza grande e grande corrupção, pondo-se o doente em perigo evidentíssimo.

Estando a corrupção no princípio, como se curará?

6. A primeira coisa que se deve fazer é assentar-se o doente em uma bacia de água morna e tomar um banho, lavando e chapejando o sesso muito bem e por muitas vezes; se o doente tiver notícia desta doença, meterá o seu próprio dedo na via para ver se tem alguma largueza, mas há de advertir que se há de espremer e tomar puxo para aquela parte se abrir, que, de outro modo, ainda que esteja com alguma largueza, o não conhecerá; e se não tiver a tal notícia, lavará e meterá o dedo quem a tiver, mandando que o doente puxe como quem quer fazer câmara ou, ao menos, que não aperte a via, para se vir em perfeito conhecimento se há ou não a tal largueza; e se não a houver, bastará tomar alguns banhos para sarar das ditas queixas, porque também poderão proceder de almorreimas, e com os ditos banhos ficar livre delas, como a muitos têm sucedido.

7. Mas, havendo alguma corrupção ou largueza e a pessoa for de melindre, como tenho visto, e não queira tomar ajudas, fará um limão em quartos, que será dos pequenos, e, estando no banho,

meterá os quartos do limão que puder dentro da via e se deixará ficar com eles dentro e, sendo à noite, se deitará na cama e dormirá com eles dentro, que pela manhã acordará são das queixas antecedentes; e, não querendo meter o limão por causar algum ardor, que pouco será e se o não causar será sinal certo de largueza maior, e, então, com mais diligencia, se deve meter e tratar dela; ou, não havendo limão, se poderá usar de fios e panos molhados em leite de peito com algum pó de alvaiade que fique linimento e, depois de tomado banho, se porão os tais fios e panos molhados no linimento morno, e segurados para não caírem; ou se molharão em água-rosada com os mesmos pós; e também podem servir claras de ovos bem batidas com sumo de erva-moura, ou de tanchagem, ou de serralha, que todas estas coisas são frescas e temperam o grande calor daquela parte, e por isso muito convenientes nesta doença, e para as almorreimas que estão na mesma parte, são remédios muito bons; e [se] a qualquer deles ajuntarem um bocadinho, conforme a quantidade do remédio, de açúcar de chumbo, terão um remédio muito admirável, pois, em almorreimas saídas fora e tão dolorosas que nem água tépida podiam os doentes sofrer, têm feito sarar a alguns que estavam com dores insofríveis, fazendo um linimento brando com leite, água-rosada, poucos pós de alvaiade, e sutilíssimos, com açúcar de chumbo, tudo bem misturado, e pondo os fios molhados a miúdo e sempre com calor muito moderado.

quartos de limão

para as almorreimas, remédio admirável

8. Mas, se a pessoa não for de melindre, haja ou não haja corrupção ou largueza, havendo as tais dores de cabeça, moimento do corpo e dores nele, ou espreguiçamento depois de tomar o banho, tome ajudas de cozimento de erva-do-bicho, assim chamada por ser aprovadíssima para a tal enfermidade e na América de todos conhecida, que logo farei memória dela para se conhecer em Portugal, pois a há em várias partes sem dúvida alguma, e também posso afirmar com toda a certeza haver no dito Reino a tal

enfermidade; esta dita erva, cozida muito bem, deste cozimento se tira a calda necessária para ajuda e se lhe lança algum sumo da dita erva e umas pedras de sal, sem mais coisa alguma, morna se aplica as vezes necessárias, com seus banhos ao menos duas vezes cada dia, manhã e tarde.

9. Havendo quaisquer queixas das referidas, se deve fazer todo o sobredito sem desprezo e sem descuido, porque tenho visto haver algumas e não se perceber largueza, havendo-a mais interna que externa e, pelo pouco caso ou ignorância, morrerem alguns doentes falando, pelo que recomendo muito se trate desta doença no princípio, pois custa tão pouco; para alimpar e refrescar aquela parte e proibir que se não laxem os músculos com o calor e umidade e se abra a via mais, antes se apertará com os ditos remédios, pela limpeza e frescura deles.

Descrição da erva-do-bicho, de que trato

10. Esta erva costuma nascer em touças com muitos nós e muitos braços, metendo-se uns pelos outros, não muito alta; as folhas são compridinhas a modo da folha da oliveira, mas mais compridas; dá umas espigazinhas compridas com flor, uma casta dela branca e a outra a modo de vermelha; a sua semente voa com o vento, por cuja causa um pé produz muitos; em pouco tempo nasce e dá-se bem em terras úmidas e por perto de água; nestas Minas há grande abundância dela, e, pela específica virtude que tem para doença chamada corrupção-do-bicho, todos a estimam muito, e porque ninguém pode estar sem ela, quem se muda para algum sítio novo a primeira coisa que leva para ele é alguns pés dela para plantar, porque a cada passo é necessária, principalmente para escravos. E o melhor sinal que tem para se conhecer é, mastigando as suas folhas, queimarem na boca, e tem os seus paus vermelhos. Em Portugal também a há, com certeza, e com a mesma certeza a tal enfermidade; eu a tenho visto neste Reino de Portugal em várias partes, a que chamam erva-pulgueira.

Sendo a corrupção grande, como se conhecerá

11. Conheceremos que algum doente tem grande corrupção porque a febre será ardente e as partes externas de todo o corpo estarão muito esquentadas, haverá muito sono, grandes dores de cabeça, o corpo todo moído com dores de costas e alguns chegam a ter delírios; e o sinal mais certo é fazendo-se o exame e achando-se a via larga, pois estas corrupções grandes com facilidades se conhecem.

Como se curam estas

12. A primeira coisa sempre deve ser o banho, para ver em que estado está a corrupção, metendo-lhe o dedo como deixo referido, e, se entrar somente a ponta do dedo, não se deve temer muito, mas se entrar o dedo todo com facilidade se deve temer mais; e, se a parte estiver tão larga que não só entre o dedo senão outra coisa mais grossa se se lhe metesse, este caso já é mui perigoso e se lhe deve acudir com todo o cuidado, pelo que, não estando ainda neste extremo, se lhe dará seu banho e logo sua ajuda de cozimento da dita erva bem cozida, para lavar e alimpar o intestino reto das viscosidades que neste caso sempre têm, lançando-se-lhe ajuda morna de tanto cozimento, como de sumo da dita erva, com algum sumo de limão e umas pedras de sal desfeito na dita calda, com a qual estará o mais tempo que puder sem a lançar fora; e, depois que a lançar, tomará outro banho, e nele meterá dentro na via algumas pílulas feitas da mesma erva pisada e amassada com algum sumo de limão, molhando as tais pílulas em água em que tenham desfeitos algumas pimentas malaguetas, e, se for em Portugal, desfarão na tal água um ou dois pimentões; e com estas pílulas metidas dentro da via estará o doente, ou o farão estar, o mais tempo que for possível, porque, assim retendo dentro tanto as ajudas como as pílulas, lhe resultará grande proveito.

entrando o dedo ou coisa ainda mais grossa

13. Estes banhos, ajudas e pílulas se continuarão três e quatro vezes cada dia, tomando o banho primeiro, depois a ajuda e, lançando-a fora, outro banho, e nele as pílulas, que, sendo assim, alcançará muito grande proveito e as melhoras que deseja.

14. Mas, se for algum acidente ou por descuido a corrupção for a mais, ou porque, quando se lhe acudiu, era já tarde e a corrupção era grande, neste caso tome um banho bom, que é o mesmo que lavar bem aquela parte, e, enxuta com um pano, se lhe lançarão ajudas como as ditas acima, espertando-as mais ou fazendo-as mais fortes, ajuntando-lhe no cozimento da erva algumas pimentas, ou sejam malaguetas, ou de qualquer das outras, pisadas e desfeitas, ou dos pimentões; e, depois de lançar ajuda fora, tome outro banho e nele meta dentro da via pílulas, balas ou buchas da dita erva pisada e de folhas dos olhos de algodão, ou das suas maçãs ou botões antes de abrirem as flores, e, depois de tudo isto pisado, se lance esta massa em um prato e se pulverize com pó de verdete em pouca quantidade, mas sejam os pós bem sutis, porque, em lugar de curarem, não vão fazer alguma chaga no intestino, o que não farão indo finos e com alguns grãos de pólvora desfeita em sumo de limão e umas pedras de sal, como deixo referido; se misture tudo na massa e dela se façam as pílulas que forem bastantes, que muitas vezes se metem seis, oito e dez, conforme a largueza que há, estando ou fazendo estar o doente com elas o mais tempo que puder, e, lançadas fora, tome outra ajuda para lavar o intestino e alimpar as corrupções e as viscosidades que estão pegadas às paredes do dito intestino que fazem a tal corrupção e largueza, as quais, algumas vezes, são tão fétidas e de mau cheiro que não há quem as possa tolerar; e, quando saem as pílulas ou buchas, trazem pegadas em si tal máquina de humor pegajoso que faz admirar, o qual, com o dito calor que deixo referido, faz as corrupções e algumas vezes chaguinhas no tal intestino.

indo a corrupção a mais

os pós de verdete sejam finos, por nao fazerem chaga

15. As pílulas, ou balas, serão mais ou menos conforme for a largueza, porque há algumas tão grandes que é necessário meterem-lhe muitas, como já mandei fazer muitas vezes, por ver que as larguezas eram grandes, como mostrarei em uma observação que fará admirar a quem lhe quiser dar crédito.

observação que fará admirar

16. Feita a massa como acima fica dito e a primeira cura assim, do mesmo modo se farão as mais, advertindo que esta corrupção se deve curar a miúdo, que será de duas em duas horas, ou de três em três, dando lugar a comer o doente e a fazer cozimento, porque, como é enfermidade perigosíssima, não admite demoras.

como e enfermidade perigosíssima, não admite demoras

17. Digo que é perigosíssima e que não admite demoras porque, quando os doentes chegam a este estado, estão muito prostrados de forças, amodornados e muitas vezes com delírios ou sem fala; então, é preciso acudir-se na forma que tenho dito, pelo grande perigo de vida que os está ameaçando, com tal condição que, se com duas ou três curas se não achar a via mais apertada, se façam as ajudas com mais pimenta, e, se forem das cumaris ou malaguetas, serão melhores, e a massa com mais pós de verdete bem finos, e a massa bem revolvida, mais pólvora e mais sumo de limão, carregando também mais no sal, assim nas ajudas, como na massa, porque é muito contra as corrupções todas; e se os limões forem dos pequenos, chamados galegos, serão melhores, por serem mais fortes e azedos.

com delírios ou sem fala

massa com mais pós de verdete e mais pólvora

18. Sendo possível fazer-se a massa com todos os simples que digo, se metam as pílulas dentro do intestino reto e, sendo necessário, se tape a boca dele com um pano, sendo a largueza grande para que a massa não saia para fora, como já vi e mandei fazer em uma largueza monstruosa, que, por estar muito larga, a via não retinha dentro ajudas, nem massa.

19. Digo que as ajudas e massa se sofram dentro ou se façam sofrer por algum tempo, porque, como aquelas viscosidades e

humores pegajosos, grossos e languinhentos estão pegados às paredes do intestino reto, é preciso que haja dilação e assistência do remédio na parte para fazer o seu efeito, que é despegar os tais humores, as ajudas lavando e tirando os mais delgados e a massa os mais grossos.

viscosidades e humores pegajosos ou languinhentos pegados nas paredes do intestino reto

20. Assim se continuarão banhos, ajudas e massa e, sendo necessário, se ponha o doente com a cabeça mais baixa e os pés mais altos, e a traseira, para melhor se reterem os medicamentos dentro para fazerem o seu efeito e não adquirir a parte podridão e gangrena, como já vi, pois, se assim suceder, o seu remédio será a sepultura.

cabeça mais baixa e os pés mais altos

o seu remédio será a sepultura

21. Depois de saído os humores viscosos, ficam chaguinhas (como já disse), as quais se curam com os mesmos remédios que ficam apontados, como a experiência me tem mostrado inumeráveis vezes; digo que ficam chaguinhas ou escoriações porque tenho observado que, enquanto não saem os tais humores grossos, não sentem os doentes com ajudas nem massa dores algumas, e, tendo-os lançado, logo sentem dores e ardores mui grandes, pois, estando já as paredes do intestino limpas, ainda que as ajudas ou massa sejam brandas, as sentem, o que não acontece antes, como tenho observado e visto; e, tanto que os tais doentes sentem as ajudas brandas, é sinal de que o intestino está limpo, e, neste caso, se vê ou se mete o dedo na via, e, achando-a apertada ou mais apertada do que estava de antes, se pode findar a cura com as tais ajudas brandas ou com talhadas de limão e banhos, como digo no princípio deste tratado, ou com os outros remédios frescos.

22. E, se houver quem diga que os remédios que aponto são fortes para onde há calor grande e que deviam ser mui frescos, respondo

que os frescos são muito bons para o princípio enquanto não há corrupção ou largueza grande, porém, para o depois, quando a via está carregada e cheia de humores, e larga, só os que têm virtude forte para os arrancar poderão vencer a tal enfermidade, apertar a via e, conseqüentemente, livrar ao doente da morte com toda a segurança; pois, quando estes o não fizerem ou outros semelhantes, os brandos, de nenhum modo o farão; responderei mais que a experiência de vinte anos a esta parte me tem ensinado que as ajudas do cozimento das folhas da dita erva com sumo das suas folhas são admiráveis para o princípio e para todo o tempo, o que alguma razão não pode contradizer, pela experiência ser melhor mestra; nem também se pode duvidar que Deus, Senhor Nosso, lhe tenha dado alguma virtude oculta para curar esta tão terrível enfermidade, e tão perigosa.

virtude oculta

23. É tão certo o seu perigo que ela tem metido na sepultura a muitas mil pessoas, assim pretos como brancos, principalmente no Sertão chamado do rio de São Francisco, caminho muito continuado das praças do Brasil para estas Minas, aonde eu estive doente cinco meses de sezões que se malignaram, de que escapei pela providência do Altíssimo, e nesse mesmo tempo corrupto e largo por muitas vezes, curando-me da tal largueza pelo mesmo método que tenho referido, aonde presenciei, curei e vi curar e morrer a multidão de pessoas, por ser aquele clima calidíssimo e as águas sempre quentes, encharcadas e corruptas, que, para se beber delas, se mandam tomar muito de madrugada; e algumas vezes os viandantes lhe põem lenços para beber em cima deles, das quais bebem também e se espojam quantos bichos imundos e venenosos há; e só se livra melhor de sezões e, conseqüentemente, de corrupções e larguezas quem a bebe quente no fogo, onde se apura, assentando no fundo da vasilha as suas fezes. As sezões, ou maleitas, que muito oprimem os habitadores e viandantes daquele Sertão também têm metido na sepultura a muitas mil pessoas, pela razão já referida, principalmente na seca, quando a força do sol é mais intensa e o dito começa a encher, por ter a sua origem daí

muitos centos de léguas, segundo alguns afirmam, não havendo ninguém que até o dia de hoje saiba ao certo o seu princípio, e, por isso, se pode contar no número quinto dos grandes do mundo.

esta doença tem metido na sepultura a muitas mil pessoas

o autor esteve largo e corrupto por muitas vezes

muitas mil pessoas

rio de São Francisco com muito centos de léguas

24. Os que vi morrer sem os poder remediar foi por lhes ter passado de largueza a podridão, ou gangrena; uns morrendo falando, outros sem falarem palavra mais que gemendo e outros, por mais robustos, querendo resistir de pé, caíam no chão, e, nesse dia ou no outro, davam a alma a seu Criador; os que estavam sem fala, cuidavam os sãos que eles estavam dormindo e os achavam na outra vida; todos os que chegam a estar muito largos, ou corruptos, ou a morrerem, lhes sucede por culpa sua de se lavarem, tomarem banhos e ajudas, ou meter quartos de limão, assim que se sentem com dores de cabeça, fazendo pouco caso, como já vi, por quererem antes morrer que tomar uma ajuda; a um vi que, dizendo-lhe tomasse ajuda, que estava com corrupção, por ter más cores e andar com as queixas ou sinais que ficam apontados, respondeu uma leviandade, mas ia-lhe custando caro, porque cuidei que não escapasse; caiu no chão, sem já se poder ter em pé; só então consentiu banhos, ajudas e pílulas, tudo mui forte por estar muito largo, de que livrou com muito trabalho.

os que não se puderam remediar foi por lhes ter passado de largueza a podridão, ou gangrena

um sujeito, por não tomar uma ajuda, disse uma leviandade, mas ia-lhe custando a vida

25. Nota que, havendo largueza e corrupção-do-bicho, por nenhum caso se lance azeite, óleos ou coisas untuosas nas ajudas, porque, certamente, se laxará e abrirá mais a parte, e se tomar uma sangria que seja, o seu remédio será a sepultura; e a purga fará o mesmo pela maior parte.

óleos, azeite ou coisas untuosas não convêm, nem*sangrias*, nem purga em corrupção-do-bicho

26. Nota mais que a esta doença se chama corrupção-do-bicho não porque haja bicho vivente naquela parte, como deixo referido, mas sim porque os primeiros que no Brasil conheceram esta doença, de que morreu gente sem número em certo tempo, como logo mostrarei, lhe deram este nome, e daí por diante se lhe ficou chamando assim; e, suposto não acertaram no último nome, o primeiro lhe deram com muita propriedade, porque, sem dúvida, é corrupção e largueza.

os primeiros que no brasil conheceram esta doença lhe deram o tal nome

27. Dizem algumas pessoas antigas, e a mim me parece ser certo sem dúvida, que, naquela fatalíssima doença que há muitos anos houve na Cidade da Bahia, chamada "a bicha," que naquele tempo era doença reputada por peste, da qual ficaram muitas casas de família sem pessoa alguma, morrendo todos largos e corruptos por baixo, sem que ninguém desse em tal causa, senão ao depois, procedia dos grandes calores que há na tal cidade a maior parte do ano e que, fazendo aos tais doentes todos os remédios da Medicina, não escapava pessoa alguma a quem dava o dito mal; e que, na consideração de ser peste, meteram nas ruas da cidade muito gado vacino, andando com ele de uma para outra parte, e que nela dormia; assim é tradição na dita cidade, aonde eu o examinei e é sem dúvida; e dizem mais que, depois que deram em se lavarem por baixo e a tomarem ajudas da erva-do-bicho, que logo foi o mal cessando e não morrera mais ninguém; e, como viram que o lavar e tomar banhos era o seu remédio, daí lhe ficou o costume que hoje há em todos os habitadores da América, e muito principalmente nas

mulheres, em o fazerem a miúdo, ou todos os dias, como é certo, e quiçá que não haja outra razão para elas serem menos cometidas de tal doença, como sem dúvida o não são; e como a doença que matou a tantas mil pessoas se lhe deu o nome de "bicha," e se viu a largueza e corrupção da via, se denominou o nome em corrupção-do-bicho; e também, como se deu naquela erva tão excelentíssima para curar doença tão terrível, se lhe deu também o nome de erva-do-bicho, como geralmente se chamam a estas duas coisas.

doença da bicha, que doença foi

tradição naquela cidade

costume na América

razões por que se chama corrupção-do-bicho e a erva por que se lhe deu o tal nome

28. Como a causa desta doença é o excessivo calor, como disse no princípio deste tratado, e esta região do Brasil foi reputada dos antigos por zona tórrida e inabitável, enganaram-se, porque é habitável, e também se enganaram em parte, porque não é tórrida, suposto bastantemente cálida quase todo o tempo do ano, que só nos meses de maio, junho, julho e alguma parte de agosto são meses mais temperados; que, nos mais, é calidíssima, por passar por ela o Sol duas vezes no ano e por ficar dentro nos trópicos, o que também sucede no Rio de Janeiro, suposto em tempo diverso, e é clima mais temperado e por tudo mais apetecido.

clima do Rio de Janeiro é mais temperado

29. É tão certo proceder esta doença de grande calor e dela morrer inumerável gente que a primeira vez que embarcou por capitão-de-mar-e-guerra José de Semedo acompanhando a frota para o Rio de Janeiro, com mais duas naus de guerra, se meteram muito na costa de leste, aonde as calmas e faltas de ventos são muito certas e se demoraram as naus muitos dias, por cuja causa foram adoecendo e morrendo muitos soldados, sem que os cirurgiões se entendessem

com tal doença, porque, sangrando-os morriam, purgando-os morriam e de todo o modo se iam lançando ao mar.

costa de leste

30. Discorrendo todos em que os que adoeciam morriam e que as naus iam ficando sem soldados e marinheiros, resolveram em que se chamasse um médico filho do Rio de Janeiro que ia embarcado em um navio mercantil de passagem para a sua terra, por ter acabado o seu tempo de Coimbra, o qual, indo ver os doentes, os mandou lavar por baixo e ver no banho se estavam largos na via, e, fazendo-se a tal diligência, se acharam todos largos e corruptos, o que fez na consideração de que estavam os navios em calma e fazer tanto calor que ardia a gente e os doentes com os sinais de corrupção, o que percebeu por lhe lembrar que, na sua terra, era muito comum a tal doença; e, assistindo nas naus alguns dias, não morreu mais pessoa alguma pelos mandar lavar a miúdo e refrescá-los com todas as coisas frescas que havia. Isto me consta por pessoa fidedigna que embarcou na tal frota e diz que foi bem notório e bem lembrado este caso.

médico que ia embarcado deu remédio para não morrer mais gente

31. Neste Reino de Portugal, onde cheguei há poucos meses, é certo haver esta doença pela padecer já por duas vezes; e, falando eu nela a um sacerdote de verdade, me afirmou morrera no castelo de Lanhoso um médico, em poucos dias, sangrando-se, e que, indo a lavarem-no para o amortalharem, lhe acharam a via com uma largueza muito grande; e falando eu nisto a outras pessoas, dando-lhe os finais, me certificaram ter morrido algumas pessoas desta tal doença, e é certo que no estio e tempos calmosos, os doentes que têm febres ardentes são, pela maior parte, acometidos desta enfermidade, e como os médicos e cirurgiões que não têm passado a América a ignoram, não é muito de admirar que assim suceda.

em Portugal há esta doença e a cura dela se ignora, e o seu conhecimento

32. O padre Francisco Fernandes Paulino, morador na Cidade do Porto, no bairro chamado as Hortas, me certificou que, indo ver uma sua irmã que estava enferma junto a Guimarães, a achara com os sinais de corrupção-do-bicho, o que conheceu por ter andado pelo Brasil, e, vendo-a com perigo de vida, mandou metê-la em um banho de água morna e ensinou a uma mulher o que havia de fazer, e achando a via muito larga, assim que chegou o médico que lhe assistia, lhe disse a doença que sua irmã tinha, e lhe declarou o que tinha visto no Brasil e os que tinham morrido, e o remédio, ou remédios, que se lhe deviam aplicar; não esteve o tal médico por tais razões, antes respondeu que tal doença não podia haver e que ele bem sabia a doença que curava, e, ainda que o dito padre instou com toda a força como irmão, e dizendo que, se não curasse sua irmã daquela doença que certamente morria, lhe não valeu de nada; com efeito, dali a dois dias morreu; e disse mais o dito padre que, se não tivera receio de ficar irregular, lhe havia de fazer os remédios que entendesse para a tal corrupção, ou de ser denunciado pelo tal médico, por ficar agastado, no caso que ela morresse por estar perigosa, como veio a morrer. Há poucos dias, me disseram, morrera um moço com os sinais certos desta mesma doença, sem ninguém a conhecer.

quem tiver corrupção ou opilação sem se curar destas, se não curem outras queixas, ainda que as tenha, e a razão por que

33. Nota que, quem tiver esta queixa ou esta doença, ainda que padeça outras enfermidades, lhes não faça remédio algum sem primeiro curar esta, assim como os opilados, que ainda que tenham as queixas que tiverem, se não curarem primeiro a opilação estarão livres de curar a tal doença que, com a opilação, se complicar; e quem não observar estes dois preceitos ou advertências, ou não curará os tais doentes ou dará com eles na cova infalivelmente; e curada a corrupção, ou opilação, sucede algumas vezes ficarem as outras queixas curadas ou mais fáceis de se curarem.

34. Digo que, quando algum doente tiver corrupção junta com outras quaisquer queixas, não faça remédio algum a elas sem primeiro curar a tal corrupção ou largueza, porque se põe o doente em grandíssimo perigo de perder a vida, principalmente sangrando-se ou purgando-se.

35. Costuma esta doença fazer largueza tão grande e corrupção, como mostrarei na observação seguinte, a qual folgarão de ver curiosos, os principiantes e todos para fazerem muito caso desta doença, assim que sentirem dores de cabeça, pois, com um par de banhos, se podem livrar de chegarem a tão miserável estado, como chegou um pobre moço, de que entro a tratar.

Observação de um moço que estava já sem fala por causa de uma corrupção e largueza tão grande que lhe cabia uma mão fechada pela via dentro muito à vontade, da qual, por mercê de Deus e indústria minha, recuperou a vida e a saúde

36. No ano de 1708, vindo eu da Cidade da Bahia pelo Sertão para estas Minas, estando doente de sezões, que se malignaram, e corrupção-do-bicho, que me acometeu por várias vezes, que por mercê de Deus escapei de ir povoar um cemitério de muitas cruzes, postas cada uma à cabeceira de cada defunto na mesma ordem que passava à estrada, na paragem chamada a barra do rio das Velhas, na fazenda do mestre-de-campo Manuel de Queirós, aonde me vieram chamar, estando de cama, para ver se podia ir ver um moço que estava expirando em outra casa que servia de hospital, em que não faltavam doentes curados à custa do dito mestre-de-campo dono da fazenda, com muita caridade e amor, fui ver o tal moço encostado a um bordão por ser muito perto, e me disseram que a causa de morrer era o estar tão largo por baixo que não retinha dentro na via ajudas, nem buchas ou pílulas, porque, assim que lhas lançavam, no mesmo ponto saíam, o qual estava agonizando sem dar mostras de que estava vivo, senão uns baixos gemidos. Tomei-lhe os pulsos e lhos achei com intercadências a miúdo e muito fraquíssimos; mandei logo chamar o dono da fazenda e lhe pedi mandasse vir dois pretos para pôr aquele doente com as pernas

para cima, encostado a uma parede da casa; e fazendo-se assim, sustentando-o para que não acabasse de expirar, lhe mandei abrir as pernas; aqui, fiquei mais que admirado por ver a via tão larga que, muito à vontade, lhe cabia por ela uma mão fechada, que a todos fez pasmar o grande buraco que tinha, vendo-se por ele os intestinos. Confesso que me não parecia que a via se pudesse abrir tanto, mas, depois disto, me disse um amigo que, no Sertão, vira outro caso semelhante em um camarada seu; estando este doente nestes termos, o mandei pôr no chão a descansar, enquanto, com toda a pressa, se fazia uma massa, que ordenei fosse feita dos ingredientes seguintes:

massa forte para corrupção grande

37. Folhas bastantes de erva-do-bicho, cabeças ou olhos de algodão, e suas maçãs ou botões, tudo muito bem pisado e pulverizado com pós de verdete bem finos, lançando-lhe uma pouca de água em que se tenham pisado e desfeito algumas pimentas e um bocado de pólvora, tudo bem desfeito, misturado com a massa, e, depois, a mesma massa, tornada a pisar com sumo de limão, em forma que se pudessem fazer balas, buchas ou pílulas grandes, que toda a massa era um prato cheio; mandei levantar o doente na forma primeira e, abertas as pernas, lhe mandei lançar aquela massa, fazendo dela bolos ou bolas e, lançada dentro, lhe mandei pôr no buraco umas ceroulas amparando com a mão, para que a massa não saísse; mandei deitar o enfermo e assim descansou um quarto de hora em minha presença para ver se sentia a massa ou não, dando algum sinal de lhe arder.

38. Como vi que não dava sinal de sentimento, mandei tirassem o pano e, assim que se tirou, saiu tudo para fora, tão cheio de langanhos e humor viscoso que tudo veio coberto dele; e, vendo eu que a falta de sentimento não era por culpa da massa, mas sim por causa do muito humor que estava pegado às paredes do intestino, ou intestinos, lhe mandei fazer uma ajuda forte das que ficam ditas, para lavar e alimpar, ordenando que, ao lançar a ajuda, levantassem o doente com as pernas e a traseira mais do que o mais corpo, para

reter a ajuda dentro, pois, de outro modo, era impossível retê-la, a qual, deste modo, esteve dentro algum tempo, e, quando a lançou, trouxe bastantes humores.

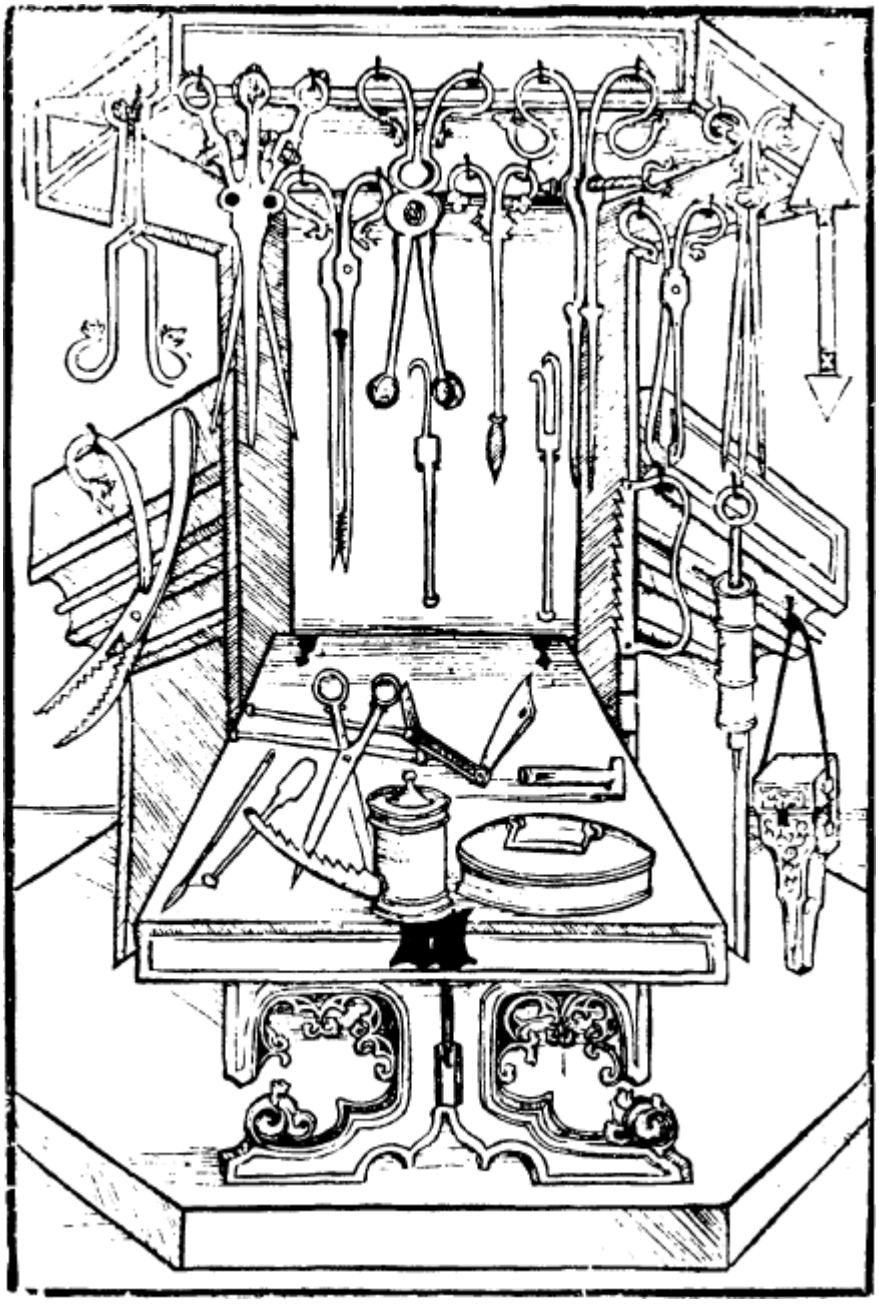
39. Enquanto tomou a dita ajuda, se fez outra massa mais forte com mais pós de verdete e mais pólvora, e os mais simples que ficam ditos, a qual se lhe meteu dentro estando com as pernas para cima, como da primeira vez; metida e tapada a via com um pano, se largou o doente a descansar, tendo-se conta que não saísse a massa; e, passado pouco tempo, como a outra massa e ajuda tinham tirado os humores e aquela parte ficou mais limpa, começou o enfermo a dar mostras de sentimento, remexendo-se, sinal que estimei sumamente por me dar melhor esperança de vida; deixei-o estar assim bastante tempo, e cada vez se mexia mais e gemia, sempre com o pano e a mão posta em cima dele, e, passado o que me pareceu, mandei tirar o pano e logo saiu a dita massa coberta do mesmo humor, como da primeira vez; mandei-lhe dar um banho para refrescar aquela parte e moderar os ardores externos, e também parte dos internos, e logo lhe mandei lançar outra ajuda do mesmo, estando do mesmo modo, a qual sentiu muito bem, e, lançada fora, tomou outro banho, sustentando-o nele e, dado, o deixei descansar para beber um caldo-de-galinha; e indo descansar para a minha cama, ordenei lhe dessem outro banho e, depois dele, lhe tornassem a meter mais massa.

40. Assim se continuou, ficando de cura em cura mais apertada a via, até que, em menos de oito dias, se levantou o doente são, sem queixa alguma, ficando assim os mais doentes como os sãos, admirados por não fazerem conta que aquele escapasse da morte, falando, no mesmo dia, em que havia de dar contas a seu Criador se não fora socorrido com os remédios que ficam ditos, e foi depois que sentiu a massa, como os que estão com modorras, que não sentem as ventosas, senão com muito fogo, ou sarjadas.

41. Esta foi a maior corrupção que tenho visto e por ela se pode fazer juízo certo de que uns perdem a vida por falta de diligência, outros por falta de indústria e também por falta de conhecimento.

42. Inumeráveis seriam as observações que tenho feito se as escrevesse, mas porque me parece escusado gastar tempo nelas pelo que deixo referido, e porque já hoje é enfermidade bem conhecida no Brasil, passo a tratar dos resfriamentos no seguinte tratado:

43. Depois de ter este tomo escrito, me certificam algumas pessoas, falando eu nesta doença, que é certo haver neste Reino a tal doença, sem que, até o presente, ninguém a conheça, e que o adágio de dizer o povo "tal está fulano que já não aguarda uma ajuda" é, sem dúvida, que é porque a via está muito larga; é, logo, conseqüência certa que este tal tem a tal doença, e como estes não hão de morrer, se não se lhe fazem os remédios para a tal queixa, nem há conhecimento dela! Ora, acabem todos de se desenganarem: façam-lhes os remédios que ficam referidos e verão se falo verdade. Eu já padeci esta doença neste Reino por duas vezes; de uma, se me foram as dores de cabeça com um lavatório por baixo, tendo alguma largueza, como coisa de milagre; de outra, não quis cessar a dor de cabeça, largueza na via e frios senão mantendo quartos de limão na via, que, ficando para o outro dia dentro, amanheci são.



Instrumentos cirúrgicos. (Gravura do livro *Cirurgia, de Hieronymus Brunschwig*)

Tratado IX

Dos resfriamentos

1. É admirável a experiência e melhor mestra que todas as artes, pois, assim como tem mostrado nos climas e nas regiões tão diversas e perigosas enfermidades, assim, e do mesmo modo, tem mostrado os seus remédios, tudo pela providência do Altíssimo.

2. Nesta das Minas tem mostrado que as pontadas pleuríticas, no princípio desta colônia nova, não havia remédio para elas mais que o da morte: hoje já se remedeiam, por ter mostrado a experiência o seu modo curativo, tão alheio da notícia dos primeiros, como já hoje inculcado, assim de palavra a alguns, como de minha tosca pena de hoje por diante a todos, se não com toda a clareza e individuação, ao menos conforme o tempo me deu lugar e Deus o permitiu.

3. Nesta dita região se supõe morrerem muitos doentes de lombrigas sem se conhecer de que morrem, e a mesma experiência me tem mostrado que muitos morrem delas, e os seus contrários, com que se têm livrado e podem livrar, como se pode ver no princípio desta obra.

4. O mesmo tem mostrado a experiência na doença da corrupção-do-bicho em todo este novo mundo da América, assim o seu perigo, como em ser o seu remédio fácil, como se pode ver no tratado que agora acabamos de escrever.

5. Todo o deduzido se pode ver no que deixamos escrito e pretendemos escrever nos seguintes tratados, principalmente neste dos resfriamentos, os quais têm levado muitos à sepultura e outros passado muito mal, assim brancos como pretos, sangrando-se sem se conhecer tal doença por haver febre e menos os seus remédios;

o que agora começamos a escrever, queira Deus, seja para glória sua e com acerto para os enfermos, que é todo nosso empenho.

6. A doença a que o vulgo chama resfriamento, e com efeito o é, é uma constipação dos poros do corpo humano e uma quase estagnação, ou constipação, dos humores e circulação deles, parada mais ou menos, o que acontece pelas causas seguintes.

As causas quais são?

7. As causas desta enfermidade podem ser muitas, as quais podem acontecer a quem, estando com o corpo quente ou esquentado, se meter em água fria ou passar algum rio a vau, ou se lançar nele a nadar, ou por desgraça cair nele, ou, estando suado, beber muita água fria, ou, estando na cama quente, sair dela nu para o vento, ou, levantando-se de algum ato venéreo, que é ajuntamento com mulher, tendo então os poros abertos e, por isso, perigosíssimo, ou, acabando de fazer algum serviço, trabalhando braçalmente, e se lavar ou fartar de água fria, como fazem os trabalhadores destas Minas ou viajantes das estradas, fiados em que as águas das minas não fazem mal, (como todos dizem), ou porque, andando no serviços de lavras ou de roças, trabalhando suados, se molham com chuva, e molhados se deixam estar até ficarem frios, ou porque não têm outra roupa para mudar, ou porque, barbaramente, a deixam enxugar no corpo, estando parados ou com pouco exercício, de modo que não andam sempre (que é o melhor), ou porque, suando a camisa, a deixam enxugar no corpo sem a tirarem, e outras causas a estas semelhantes, como assistir em casa úmida com paredes molhadas sem estarem bem secas, e outras.

Os sinais quais são?

8. Também os sinais desta doença são vários, assim como as causas o são, mas, pela maior parte, são os seguintes: haverá febre, umas vezes grande, outras mais pequena; haverá muito grande preguiça com espreguiçamentos e fastio, haverá moimento de corpo com dores por todo ele, principalmente pelas costas, e com tremuras de frio; e, quando o resfriamento for grande, não

poderão os doentes moverem os braços, nem pernas, senão com grande peso; as veias do corpo estarão sumidas e as artérias com pouca pulsação ou quase sufocadas, assim as dos pulsos como as das outras partes do corpo, e outras vezes com muita febre.

Os prognósticos quais são?

9. O doente que estiver resfriado e tiver muitas lombrigas, ou estiver esfalfado, ou tiver corrupção-do-bicho, não se lhe acudindo logo com os remédios próprios a qualquer das queixas, são os resfriamentos quase sempre mortais, e, acudindo-se com eles, sempre têm seu perigo, ainda que menor; e quem se sangrar estando com qualquer casta de resfriamento morrerá pela maior parte, e, estando esfalfado ou corrupto, infalivelmente irá para a sepultura em poucos dias; e quem se purgar com estes dois gêneros de complicação, ou tendo-os sem resfriamento, incorrerá no mesmo perigo, como deixo referido no tratado antecedente; e, ainda que a causa do resfriamento seja leve, estando o doente mal acompleicionado de humores frios, ou com alguma obstrução, sempre se deve reputar por perigoso, principalmente fazendo remédios contrários; e, a quem acontecer, por causa de algum ajuntamento com mulher, pondo-se ao vento, pela maior parte morrerá, como se pode ver no seguinte tratado:

Capítulo I

Como se curam os resfriamentos mais leves

1. Havendo alguns sinais de resfriamento, porque não é preciso que haja todos os que ficam apontados, se verá, com muita atenção, se o doente está com corrupção-do-bicho metido em um banho com muita cautela, ou se está esfalfado pela informação do doente, ou se tem sinais de muitas lombrigas, os quais se manifestam no princípio desta obra; porque, se tiver alguma destas complicações, se curará como adiante se verá, e não as tendo se curará do modo seguinte:

2. Uma ou duas pencas de gengibre se pise muito bem em um almofariz e, depois de pisado, se lance em uma tigela vidrada, ou tachinho, com aguardente do Reino que cubra a tal massa, e, mexida, dará uma ou duas fervuras a fogo brando que fique uma massa branda, a qual se meterá em um pano ralo, e, atado assim quente, se esfregará todo o corpo muito bem esfregado, desde a cabeça e braços até as pernas, metendo as mãos por baixo da roupa, e a casa bem livre de ar ou quente com fogo; e, tanto que o pano ficar seco, se lançará na aguardente que ficou na vasilha, tornando ao fogo para ficar quente e se tornar a continuar a esfregação, e de tal modo que, de nenhum modo, dê o ar nas partes esfregadas; e, acabado de esfregar, beba o doente um pouco de aguardente do Reino com uma migalha do mesmo gengibre pisado e, bebido, se abafará bem para suar, cobrindo-se de roupa muito bem, ou beberá uma tigela de água de chá muito bem quente, ou se fará a massa para se esfregar na forma seguinte:

massa para esfregar o corpo e suar

bebida para provocar suor

3. Uma mão cheia de folhas de arruda e outra de folhas de mostarda, se for da preta, melhor, tudo se pisará, e, depois, um bocado de gengibre, se o houver, também pisado, e, depois, outra vez pisado, com um bocado de sebo do rim ou de unto de porco; depois de tudo pisado e feito uma massa branda, se meta em pano forte, e atado se esfregue todo o corpo, aquentando este pano ao fogo primeiro e muitas vezes; ou também se pode lançar a massa a ferver em aguardente, como acima, e fazer o mesmo com a mesma cautela, bebendo uma das ditas bebidas. Ou esta, para quando houver necessidade: folhas de mostarda e de arruda, se a houver, pisadas e fritas em urina, metidas em pano, e esfregar o corpo, dando também a beber a mesma bebida, ou água de capeba bem cozida, com uns pós de açúcar, que esta será muito mais conveniente que nenhuma das outras; ou, em falta de tudo, como pode acontecer no Sertão, seja bebida água bem quente quanto puder sofrer, com um cravo da Índia pisado, cu com pós de butua,

ou canela pisada, ou água cozida com ela bem cozida, ou com pós de casca a que chamam paratudo, que é uma casca grossa, amargosa e amarela, ou com noz-moscada ou, finalmente, com uns pós de açúcar.

outra massa

outra, para quando houver necessidade

bebidas várias vulnerárias e sudoríficas

4. Esfregado o corpo e tomada qualquer das bebidas, se abafará bem para suar com a roupa que for suficiente, pois todo o intento e empenho que nesta cura deve haver é abrir os poros para suar e promover a circulação, assim do sangue, como dos mais humores, porque, neste gênero de doença, os poros estão fechados e a circulação parada ou retardada; e, assim que, abrindo os poros e fazendo-se a circulação com os remédios acima, ou outros semelhantes que sejam diaforéticos e vulnerários, ou sudoríficos, ficará o doente são.

5. Suando o doente duas ou três camisas, se tirará da cama para outra, porque é de crer que os lençóis estejam também molhados mais ou menos, e, quando vestir as camisas e se tirar da cama, haja muito grande cautela para que não lhe dê o ar, que será de grande dano, fechando-se outra vez os poros.

Capítulo II

Como se curam os resfriamentos mais pesados

1. Os resfriamentos que ameaçam grande perigo são os que causam uma sufocação de todos os poros do corpo, porque, estando estes fechados e resfriados, o doente com tremuras, as veias sumidas e as artérias com a pulsação mui apressada e muito delgadas, e o doente sem poder mover os braços e pernas, tendo-os a modo de quebrados; e algumas sucede haver grande febre

com pulsos grossos, mas poucas vezes, por cuja causa muitos se enganam e mandam sangrar o doente com grandíssimo perigo. Estes se curam com medicamento mais forte para melhor abrir os poros, o qual se fará do modo seguinte:

2. Uns dentes-de-alho limpos, uma mão cheia de folhas de arruda, uma ou duas pencas de gengibre, um pedaço de banha de porco sem sal, ou com ele, e, em sua falta, de sebo do rim, tudo muito bem pisado, cada coisa de *per se*, e, depois de junto, se torne a pisar e se lance em tigela vidrada, ou tachinho limpo, e se cubra de aguardente da melhor que se puder achar, com a qual irá fervendo a fogo brando, mexendo-se, de modo que fique uma massa branda, que, metida em pano de linho ralo e forte, se esfregará todo o corpo, estando o medicamento quente, com força, estando braseiro ou fogo perto do doente, com o resguardo do ar que fica referido.

massa para esfrega

3. Acabado de esfregar, tomará o doente pela boca qualquer das bebidas sobreditas ou um copo de água bem quente em que primeiro se tenham fervido dez ou doze grãos de pimenta-do-reino machucada, que é admirável remédio; e, como há de se esfregar todos os dias uma ou duas vezes, conforme a necessidade que houver, as bebidas serão as mesmas que forem as esfregações.

4. Assim, e do mesmo modo, se continuarão as esfregações e bebidas que forem necessárias até o doente sarar, e, quando se tirarem as camisas, se não houver grande cautela, terá o doente, por esse respeito, risco de vida ou ficará tolhido, mas, havendo o cuidado referido, sarará o doente em poucos dias, sendo uma doença de tão grande moléstia e de perigo, tratando-se o doente com mantimento de boa sustância.

5. Nota que, quando algum tiver os sinais desta doença e as causas que ficam ditas, se não sangre, ainda que tenha muita febre, porque, sangrando-se, não só a febre se não há de diminuir, mas irá em aumento, pela causa dela não pecar em sangue, mas sim nos humores alheios da sua natureza; e, dando ao doente as

esfregações e bebidas vulnerárias que abram os poros e movam suor, por este se aliviam as queixas e se promove a circulação vagarosa ou espasmódica, assim do sangue, como dos mais humores; promovida, e os poros abertos por onde transpira as fuligens, ficará o doente livre de uma doença dilatada ou perigosa, como a experiência me tem mostrado nestas Minas inumeráveis vezes, assim em pretos como em brancos, e a febre se extinguirá, pois é queixa mui comum; e também devem tomar algumas ajudas purgativas, não fazendo curso todos os dias. Digo que é mui comum porque o clima das Minas assim o permite, e as qualidades das ocupações em que exercitam os habitadores delas.

advertência mui necessária

circulação vagarosa ou espasmódica

6. Mas, se virmos no princípio da doença que o doente tem corrupção-do-bicho, é preciso tratar dela como fica referido no tratado antecedente, sem que se faça outro remédio algum enquanto durar a tal corrupção, salvo for alguma esfregação, e de nenhum modo as bebidas, por serem mui quentes.

corrupção, enquanto dura, se não faz remédio algum a outra doença, se a houver

7. E se virmos que o doente tem sinais de muitas lombrigas, os quais ficam apontados no princípio desta obra, se lhe darão os melhores remédios que ali ficam apontados, para vermos se se hão de continuar estes ou os de resfriamentos, o que será fácil conhecer nos primeiros dois dias; e, ainda que o doente lance algumas, sendo poucas, e não tiver sintomas de muitas, se pode curar o resfriamento e depois as lombrigas.

8. Finalmente, se, pela grande fraqueza e debilidade em que virmos o enfermo, e pela sua informação, nos certificarmos que está esfalfado, em tal caso se lhe não faça remédio algum, senão somente os que forem conducentes à dita queixa, como são ajuda de caldo-de-galinha gorda, com duas ou três gemas-de-ovos em

cada uma, muito bem desfeitas e batidas com uma ou duas colheres do mesmo caldo, e misturadas no resto, tomando duas e três, cada dia, com duas colheres de açúcar, sem mais coisa alguma; e, ainda que as não lance fora, não haja cuidado algum, porque, se assim for, é certo que a natureza de tudo carece, e sempre se continuem, ainda que se deitem umas em cima das outras.

esfalfado

9. Pela boca se terá grande cuidado de sustanciar e alimentar o doente com bons caldos-de-galinha ou de perdiz, a miúdo, e pouco de cada vez, até se achar com sustância e bem nutrido de forças; ou se lhe faça a geléia que fica dita na *Miscelânea*, e, depois que estiver com forças, sendo necessário, se lhe darão alguns remédios sudoríficos, ou vulnerários, a seu tempo.

10. Também a experiência tem mostrado que, havendo alguma dor em braço, ombro, costelas, coxas ou pernas, ou estas partes estejam atormentadas ou resfriadas com pouco calor, e com outros remédios se não acham bem, usam muitas pessoas de untar aquela parte com sebo do rim quente, e, depois, com uma faca quente em brasa, afogueiam a tal parte, uns com o mesmo fio da faca, outros com a costa dela, que este é o melhor modo; e o modo de afoguear é pondo-a e tirando-a uma e muitas vezes, crestando o couro a modo de quem está fazendo algum picado, aquentando a faca as vezes necessárias, cobrindo aquela parte com um pano molhado em aguardente quente com baeta por cima, todos os dias uma vez, com o que muitas pessoas se têm achado bem de dores antigas.

afogueamento com faca

11. Este modo de cura inventaram os carijós do mato, e deles passou aos paulistas, e destes a nós; suposto eles, nem pessoa alguma até o presente usou do pano de aguardente, eu o acrescento, por me parecer muito conveniente para melhor exalar e resolver aquele flato, ou humor, que ali existe; e depois que saram, ficam aquelas partes com aqueles riscos aonde se pôs a faca, o que serve de aquentar aquela parte e sair dela o humor ou flato; e é

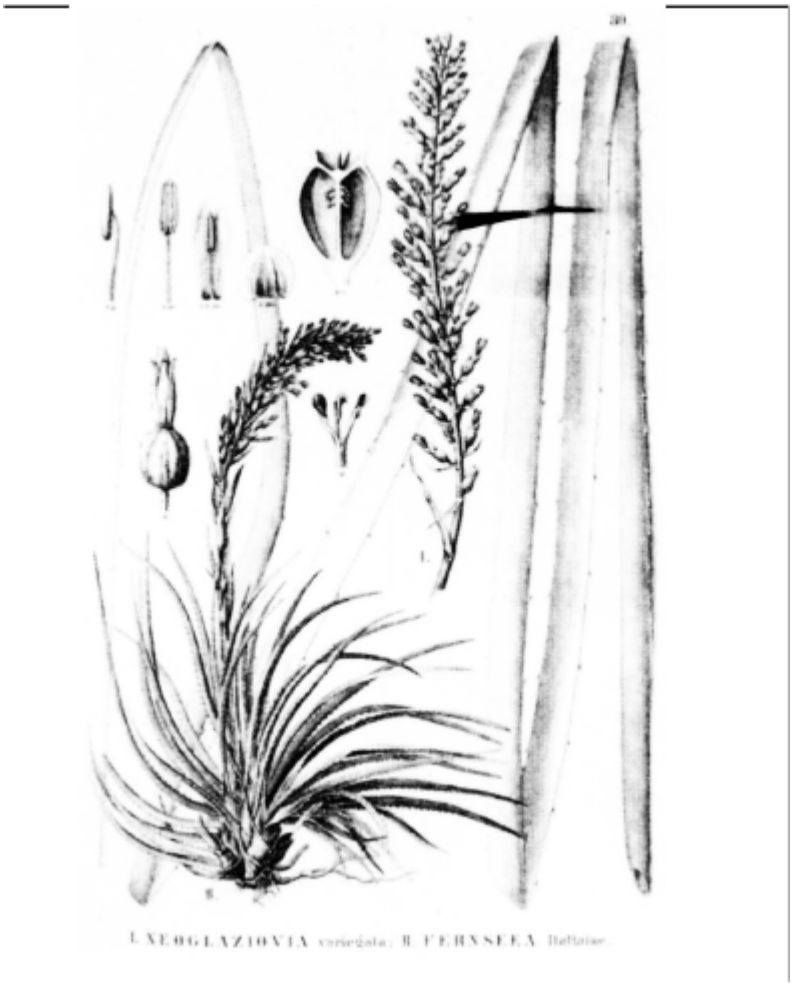
certo que, com isto, têm sarado muitos doentes e alguns de dores antigas, que tinham encasadas.

invento dos carijós do mato

12. Também o remédio último do tratado dos remédios particulares, ou segredos, que o autor faz manifestos é, para os resfriamentos dos braços ou pernas, maravilhoso.

13. Os esfalfados que atrás digo podem ficar esfalfados não só por causa de mulheres, senão também por demasiado trabalho em outro qualquer ofício ou ministério de casa, assim do corpo como do espírito, ou estudo, que tudo pode acontecer assim a homens como a mulheres; e destes, muitos têm febres grandes, que, faltando a legítima informação, se sangrarão e darão consigo na sepultura, as quais febres se não curam senão com restaurativos de caldos magros de aves gordas, como de meia galinha cozida com meia perdiz, ou meio capão, com gemas-de-ovos, pão-de-ló em vinho puro, marmeladas, geléias, pouco, e mais vezes, *etc*.

esfalfados podem ter febres grandes



Neoglaziovia variegata e Fernseea itatiaiae. (Litografia de von Martius)

Tratado X

Dos santos que faz o leite, melado,aguardente de cana e advertências para conservação da saúde

Capítulo I

Do leite

1. O leite, sendo na estimação de muitos um bom prato, é, na verdade, muito prejudicial à saúde, porque a primeira coisa que faz a quem o continua é tirar-lhe e extinguir-lhe a vontade de comer; a segunda é fazer obstruções e introduzir flatos e outras várias queixas procedidas das tais obstruções; a terceira é introduzir más cores, queixas tão custosas de curar, como penosas a quem as padece; e para bem se perceber o que é o leite, façam a seguinte observação:

2. Quando mugirem as vacas, lancem sempre o leite em uma panela, e, no discurso de poucas semanas, vão ver a tal panela por dentro, e verão que, se for vidrada, estará o vidro em algumas partes comido e no barro seus buracos, e se a panela não for vidrada, serão os buracos maiores, tudo procedido da malignidade dele, e para melhor inteligência refiro as seguintes observações:

Observação no padre Francisco Fernandes Paulino

3. No ano de 1731, morava em Vila Real do Sabará o padre Francisco Fernandes Paulino, o qual me chamou passando pela rua e me disse que andava de pé, mas que ia morrendo sem saber de quê; perguntei-lhe de que se queixava; respondeu que lhe não doía nada, mas que se não podia ter em pé, nem dar um passo, senão com muito vagar e jeito, porque, se pusesse um pé mais baixo que o outro, sem dúvida cairia no chão; e olhando para as cores do rosto lhas vi pálidas, o semblante triste, o coração amortecido e, finalmente, sem gosto algum em coisa desta vida, nem gostar de gênero algum comestível.

4. Perguntei-lhe em que se sustentava; respondeu que em nada, porque nada comia, e, fazendo-lhe várias perguntas e dando a elas resposta, veio a dizer, em conclusão, que só sustentava a vida em uma gota de leite bebido ao jantar e à noite, e que se não fora aquele limitado sustento, estaria já na sepultura, ao que respondi: "Ora, meu padre, se comer ou beber mais leite, fica condenado à morte dentro de poucos dias, sem remédio algum," e instando comigo que não podia comer outra alguma coisa desta vida, e que, se lhe proibia o leite, morria mais depressa, ao que lhe respondi que excogitasse o que lhe apetecesse e o comesse e de leite fugisse como de um inimigo que estava com um bacamarte para lhe tirar a vida; e o deixei.

5. Resolveu-se, enfim, em largar o leite, e pela melhora que logo foi experimentando, disse que, sem dúvida, morria se o continuasse, e não só eu lhe disse que o largasse, senão também o licenciado João da Rosa, húngaro, que defendia o leite fortemente, como mais experimentado e ciente; e ficou o dito padre são em poucos tempos das queixas que, enquanto continuou o leite, padecia, e da grande debilidade de forças em que estava; mas não das más cores, que lhe ficaram e conservou enquanto assistiu nas ditas Minas, e hoje se acha na Cidade do Porto.

6. Muitas têm sido as pessoas que se me têm queixado de não poderem comer coisa alguma, nem o apetecerem, tendo muito ruins cores no rosto; e examinando se comiam leite e dizendo-me que

sim, lhes declarei o perigo em que se iam pondo, e que, enquanto comessem leite, estavam livres de terem vontade de comer, e, largando-o, me deram ao depois o agradecimento do bem que lhes fizera.

7. Em minha casa se experimentou o mesmo, porque, tendo sobrinhos e sobrinhas, e também algumas vacas, continuaram estes em comerem leite, ainda que lho mandava impedir, até que, no fim de alguns meses, se viram pálidos das cores e com obstruções, de tal modo que, sendo totalmente vedados, então conheceram o mal que fizeram e lhes fazia, e, conseqüentemente, o aborreceram todos, de sorte que se perdia ou se coalhava, ou se não tirava das vacas.

8. Coalhado e escorrido por pano ralo, e depois de feita a coalhada e seca com a manteiga ou nata, com umas pingas de leite fresco, deste modo se pode comer ao jantar, como eu sempre comi; ou bebido com o calor natural com que sai do animal, que eu, algumas vezes, tenho aplicado para alguns doentes se nutrirem e refrescarem muita magreza ou ressecação em que estavam, e se acharam nutridos com a sua umidade e substância.

naturezas secas e ressecadas

9. Soros nunca os apliquei a doente, pela experiência de vinte anos nestas Minas me ter mostrado, em muitos doentes, que médicos e cirurgiões o aplicaram sem efeito algum pela sua grande frieza e o clima o repugnar, pois faz grandes obstruções e outras várias queixas.

Capítulo II

Da aguardente de cana

1. Segundo as muitas observações, que tenho feito, e a experiência me têm mostrado em todo o tempo que tenho assistido nestas Minas, não há coisa alguma nelas que seja mais prejudicial à saúde,

assim de pretos como de brancos, como é a dita aguardente ou, por outro nome, e bem próprio, cachaça, pois, ordinariamente, quando queremos afirmar que uma coisa não presta para nada dizemos que é uma "cachaça". Esta tem sido a causa de morrerem inumeráveis escravos e também bastantes brancos, irremediavelmente; os escravos, uns bebem tanta que, perdendo o juízo, se matam em pendências, outros, bebendo-a de ordinário, adquirem doenças gravíssimas, como são obstruções nas veias e canais de todo o corpo, no baço, no mesentério e no fígado pela maior parte, e esta mais difícil de curar; os brancos, de tal sorte se casam com este vício que, quase todos, morrem hidrópicos, sendo a origem desta hidropisia o formar-se-lhe no fígado obstrução, e aumentada esta por se ir cevando com a tal bebida e o fígado obstruto, vai inchando, e, inchado, faz compressão ao bofe e o vai apertando, de tal modo que os doentes desta obstrução vêm a morrer sufocados, não podendo tomar a respiração senão meio sentados, como em muitas vezes tenho visto e presenciado, de que já falei no capítulo desta obstrução; e se as razões referidas não agradarem ou forem menos doutas, estimarei haja quem as dê melhores e escreva com melhor doutrina para os doentes serem melhor socorridos, que é o meu único objeto.

varias razoes acerca das obstruções e da causa dos que morrem sufocados

2. Os que não têm morrido hidrópicos têm morrido trêmulos e com as entranhas assadas, porque estes e aqueles, tanto que caem neste miserável e abominável vício, quanto mais bebem, mais securas têm, e, por isto, compram um barril e, enquanto ele dura, não cessam de beber, e, como é barata, mais cobiça faz; e o pior é que os devotos lhe dão tantas virtudes como dias tem o ano, faltando-lhe pouco para venenosa.

3. Os que têm falecido de obstruções no fígado, quase posso dizer que a sua causa foi por continuarem a tal bebida, e os que tenho curado por me chamarem a tempo e se emendarem se pode ver no

tratado das obstruções na obstrução do fígado, não falando em muitos mais.

4. O melado, que também se fabrica da mesma cana-de-açúcar de que procede a dita aguardente, é também muito prejudicial à saúde; quem o comer, veja como, porque só os que forem trabalhadores lhes não fará tanto dano. As batatas também são danosas, e muito principalmente sendo cozidas, e, sendo assadas, serão menos, e há de ser em pouca quantidade; e os carases, suposto menos maus, também serão melhores assados que cozidos, e cozidos com a vaca se podem usar; e quem não der crédito ao que digo, (pela experiência assim mo ter mostrado) experimentará maus cozimentos e, por isso, enchimentos de estômago, más cores no rosto, flatos e obstruções.

5. Em confirmação do que é o melado e as batatas, escreverei uma observação, que é a seguinte:

Observação em João Gonçalves da Costa

6. No ano de 1712, em Vila Real do Sabará, morava João Gonçalves da Costa no arraial chamado da Barra, por onde eu casualmente passei já de noite, e, achando-o mexendo com uma colher batatas cozidas com melado em um prato para comer, lhe disse que tal coisa não comesse porque era muito prejudicial e lhe havia de fazer grande dano, ao que não deu ouvidos.

7. No outro dia, pelas oito horas, me mandou chamar com muita pressa, ao qual achei com uma febre ardentíssima e tão ansiado na cama que lhe não permitiam as ânsias sossego algum, e com o barbeiro em casa para se sangrar, o que não consenti, ainda que o doente dizia que, se se não sangrava, que morria; àquelas mesmas horas lhe dei um vomitório, que, quando o tomou, seriam nove e meia, de tártaro emético, com o qual obrou muito copiosamente; e, descansando no outro dia, lhe dei no terceiro outro vomitório, por ter ainda alguma febre, amargores de boca, fastio e dor no estômago, com o qual obrou bem e ficou livre da febre e de todas as mais queixas; mas, para melhor segurança, visto que estava com a

primeira região despejada, tomou mais uma purga de resina de batata para alimpar o corpo e a segunda região, com o que ficou bom e bem advertido a observar a advertência que lhe tinha feito, e os seus amigos e vizinhos, que todos souberam do caso.

um vomitório dado pelas oito horas da manhã, em caso bem apertado

Advertências para a conservação da saúde

8. Assim como me pareceu acertado fazer estas advertências, também não será menos acerto dizer o melhor regime que devem guardar os moradores das Minas para melhor conservação da saúde, pois é o único morgado desta vida.

9. Nestas Minas, o que mais persegue os moradores delas são obstruções e flatos, e como as coisas sobreditas, pela maior parte, causam estas duas queixas, recomendo muito fujam delas o mais que for possível, pois lho diz um cirurgião, dos menores cirurgiões, mas bem experimentado no país, e que fez da sua parte por acertar.

10. Os flatos também procedem a muitas pessoas por andarem em jejum até o jantar e também por andarem com os pés molhados ou úmidos; para quem os tiver por andar em jejum, se livrará deles comendo alguma coisa pela manhã, ainda que seja pouco, e beber-lhe em cima uma pinga de aguardente do Reino, ou, não comendo, uma xícara de chocolate, ou também de chá, porque o chocolate, e o chá com o açúcar que leva, são muito peitorais, desterram muito os flatos, se os há, e proíbe o havê-los, ou que se não levantem; o chocolate sempre é mais sustancial, e, se levar gemas-de-ovos, será ainda melhor, e for feito em leite.

11. O chá, quanto menos açúcar levar, será mais conveniente à saúde; pela manhã é muito bom, mas muito melhor é ao depois de comer, para fazer bom cozimento, metendo-se algum tempo em meio, como uma hora até duas; principalmente será singularíssimo quando alguma pessoa tiver comido muito em algum banquete, como a mim me sucedeu em um por gostar dos manjares, comendo

inadvertidamente, e depois tive ânsias no coração e sem poder sossegar deitado, em pé, nem sentado; e, perguntando na casa se havia chá, fez-se, e com uma boa porção fiquei sem ânsia, nem queixa alguma no mesmo instante, como se fosse coisa de milagre; e, quando alguma pessoa tiver negócio preciso que lhe seja necessário velar de noite, beba chá em quantidade à noite, porque lhe tirará o sono e não lhe custará o passar sem dormir.

caso notável com a excelente virtude do chá

12. Pela manhã, quando se levantarem da cama, nela se há de vestir e calçar, e se costumarão a trazer sertum de duas baetas, quem puder, ou de baeta forrado de pano de linho ou de brim, que tanto que qualquer pessoa se costumar a trazê-lo lhe não será penoso, antes estranhará muito, se o largar; e, no caso que algum homem casado pela manhã tenha ajuntamento com sua mulher, se não levante da cama logo ao vento, porque se porá em risco de perder a vida, como sucedeu a um homem casado que a perdeu dentro de dois dias pelas dita causa, o que constou ao depois de sua morte por confissão de sua própria mulher; porque, sendo eu chamado e não podendo ir vê-lo, me pediram fizessem alguma receita, aplicando-lhe algum remédio, e, fazendo um papel a adivinhar, por não ter informação legítima, dizia: "Se tiver esta queixa assim e assim, se lança este e aquele remédio; se desse esta e aquela causa, faça assim e assim; e, finalmente, se estiver fraquíssimo, se examine se teve com sua mulher algum ato venéreo pela manhã e se logo se levantou ao ar em camisa e ceroulas (costume mau no Brasil) para terreiro," onde caiu, como me disseram; sendo que assim fosse, dizia eu me parecia não teria remédio; foi o portador com esse papel e, quando chegou, achou o enfermo na outra vida, e, não havendo quem entendesse a palavra de "ato venéreo," se chamou um sacerdote, o qual a declarou, e depois confessou a tal mulher que assim fora. Sucedeu este caso para a banda da Guarapiranga e outro assim semelhante para as partes de Mato Dentro, paragens assim chamadas em nome vulgar. Levantando-se um homem de um ato com uma mulher, saiu da cama e foi em camisa ao terreiro chamar os escravos para o

serviço, e tornando-se a deitar na cama, nela o acharam morto; o que me consta com toda a certeza.

um homem casado perdeu a vida dentro de dois dias

costume mau do Brasil

13. A quantos terá sucedido isto mesmo, sem se saber de que morrem, por não serem coisas em que as mulheres queiram falar; e a pretos, que, como brutos, fazem o que muitos não ignoram, e eu o sei mui bem, que, por serem coisas impraticáveis, as passo em silêncio.

coisas em que as mulheres queiram falar

14. O demasiado uso venéreo atrasa os anos da vida e faz faltar a vista antes dos anos o permitirem, como também a faz diminuir muito o lavar os pés a miúdo, enfraquecendo-se os órgãos visuais. O meter os pés em água bem quente e deixá-los estar é grandíssimo remédio para dores de cabeça, para cólicas, para pontadas que dão de repente e para acidentes, ou sejam uterinos, da madre por outro nome, ou outros quaisquer.

15. Outro caso sucedeu com a estupenda virtude do chá, e é o seguinte: Meu irmão, o abade de Prondas, João Gomes Ferreira, tem uma obstrução no fígado há dez ou doze anos, para a qual nunca pôde achar remédio, curando-se várias vezes, até que se lhe fez cirrosa, adquirindo natureza de pedra sem dor alguma, e o tumor grande, do qual se lhe levantavam flatos que lhe davam grandíssima moléstia e lhe inchava, de tal sorte que não podia abotoar justilhos, nem vestia, principalmente em jejum, e se lhe via o tumor de longe por cima dos vestidos; e perguntando-me que remédio faria para os flatos o não molestarem tanto, lhe aconselhei usasse da bebida do chá, e, fazendo-o assim, nunca mais teve tais flatos, os vestidos lhe chegaram sempre assim, em jejum, como a toda a hora, e o tumor ficou em seu ser sem crescer, nem diminuir, e passa sem queixa alguma que lhe dê moléstia, passando excessivas, exceto o tumor, que o faz cansar, mas não muito, e com ele há de acabar, porque

não admite cura, por estar cirroso e duro como uma pedra, o qual vi e apalpei, do que sou testemunha de vista; e tomando as caldas do Geres todo os anos, este de 1733, lhe não foram necessárias por causa do chá.

16. Outro caso maravilhoso semelhante ao que fica referido, que observei com o chá em uma moça donzela de idade de vinte anos; estando a dita moça com tremuras mui grandes de mãos, pernas e cabeça, de sorte que, estando na cama a fazia tremer toda, me chamaram, e, estando duvidoso no remédio que lhe aplicaria, me ocorreu o chá, e, fazendo-lhe dar uma boa porção de água bem tinta dele, foi coisa como de milagre, porque, em discurso de um credo, ficou sã sem mais lhe tornarem as tais tremuras, e sem suar, que era o verdadeiro intento para que lho mandei dar, a qual estava sem febre; e, tendo alguma falta na sua conjunção, depois lhe veio em abundância.

outro caso do chá, semelhante

17. Mil excelências pudera referir do chá, mas, por não parecer ladainha ou demasiado encarecimento, digo só que, quem continuar a bebê-lo todos os dias, assim em jejum, como depois de comer, experimentará grandíssimos proveitos na saúde, porque faz bom cozimento, faz discutir todos os flatos, faz promover admiravelmente a circulação do sangue e mais líquidos em que consiste, pela maior parte, a boa observação da saúde; é bom para as tosses, se se procederem de causa fria, como pela maior parte sucede; é bom para os trêmulos, não sendo por velhice; é bom para as convulsões de nervos, por ser quente, e eles, de sua natureza, frios; é bom para provocar a conjunção às mulheres que a tiverem retardada ou não lhe vier; é excelente para os gotosos, por ser enfermidade das juntas e nelas existirem humores frios, como são as fleumas; e, finalmente, para outras muitas enfermidades, mas há de ser continuado e não se deve usar antes do comer, perto dele.

excelencias do chá

gotosos

18. Quando alguma pessoa for por algum caminho ou chegar a alguma parte suado ou cansado, ou fizer algum excesso, por nenhum modo beba água fria, ainda que tenha sede, porque, quando não suceda morrer, como eu vi morrer um preto quando fui por cirurgião do exército de Minas ao Rio de Janeiro, que, indo cansado e suado, foi beber a um córrego, e não deu muitos passos que não caísse morto; lhe pode suceder alguma pontada e outras muitas queixas perigosas, como a mim me sucedeu no rio de São Francisco, que, chegando muito cansado de remar em uma canoa, bebi água e caí como morto em terra, e passado perto de uma hora sem dar acordo, tornando em mim, me achei com uma pontada, que muito custou a curar.

Tratado XI

Dos venenos e mordeduras venenosas

Capítulo I

1. Este tratado não é menos necessário que os mais, que deixamos escrito, suposto não faltam autores que escreveram dos venenos e seus remédios; mas como tenho prometido escrever este, é forçoso dizer alguma coisa, ao que agora dou princípio, e nele apontarei alguns remédios novos que escritor algum ainda não tocou, nem é de admirar que eles os não escrevessem, por lhes faltar a notícias deles; e do mesmo modo também não é maravilha escrever eu alguns, por ter andado pelas terras que eles não viram, nem delas tiveram notícia.

2. São os venenos mortíferos segundo as suas qualidades e também as suas quantidades, porque há alguns menos venenosos que outros, e ainda os mais venenosos e corrosivos não poderão matar se a sua quantidade for menos valorosa que a natureza, pois, se a natureza vencer o tal veneno e corrosão, ainda que o doente tenha ânsias, sempre escapará da morte, e, sendo ajudada com os seus contrários, muito melhor o vencerá; o que suposto, como é mortal inimigo, muito se deve temer; mas, no caso que alguma pessoa, ou por desgraça, ou por malícia, tenha tomado algum veneno, se lhe acudirá com os seguintes remédios neste tratado.

3. Quem tiver desconfiança que se lhe darão veneno, se preservará dele tomando pela boca algum dos remédios seguintes: tomará todos os dias, em jejum, uma oitava de triaga magna, ou de Veneza, desfeita em vinho, que são excelentes remédios. Ou este: todos os

dias, em jejum, tomará uma oitava de confeição do mitridato desfeita no mesmo vinho. Ou este: atem no lagarto do braço esquerdo, do cotovelo para cima, um diamante, ou uma esmeralda, ou um jacinto, porque se tem por coisa aprovada preservar de veneno e do ar contagioso, mas com tal condição que qualquer destes três perfeitos remédios se hão de pôr em cima da carne.

4. Também quem tomar cinco grãos de raspaduras de unicórnio todos os dias, em vinho e em jejum, de nenhum veneno será ofendido, como a experiência tem mostrado em alguns que foram com veneno condenados à morte, sem nunca com ele os poderem matar. Ou este: tomem vinte folhas de arruda, dois figos passados, a carne de uma noz e uma pedra de sal, tudo se misture com o vinho e se beba em jejum todos os dias, e se preservarão de todo o veneno e do ar contagioso, como se experimentou muitas vezes na peste, porque, os que tomaram este remédio, não foram nunca ofendidos dela.

5. De três qualidades são os venenos, porque uns são minerais, outros animais e outros vegetais: os minerais são os venenos que saem das minas, os animais são os que se tiram ou saem dos animais, e os vegetais são os que se tiram das ervas; e, porque algumas vezes sucede estarem os doentes que os têm tomado sem fala e sem acordo para poderem informar que qualidade de veneno tomaram ou lhe deram, e não há pessoa que, com individuação, possa informar, me parece acertado apontar os sinais de cada um deles, os mais comuns, para se vir melhor em conhecimento de cada espécie e poder-se aplicar a cada um o seu contrário. Isto assim suposto, passo a dizer quais são os sinais de quem tomou solimão, por ser um dos minerais mais perversos, e são os seguintes:

Sinais de quem tomou solimão e como se lhe acudirá

6. Os sinais de quem tomou solimão serão inchar-lhe a língua logo assim que o tomou; cuspirá e babará muito, e terá na boca um sabor como de ferro; a garganta se apertará e se sentirá dores e corrupções no ventre e a respiração se apertará.

7. A este sintoma se acudirá logo com um vomitório de boa porção de manteiga e azeite comum, partes iguais, tudo bem misturado e morno, e depois que tiver vomitado bem, ou com este ou com outro qualquer vomitório, sendo logo enquanto o veneno está no estômago, se dará ao doente uma grande porção de leite de vacas ou de cabras, e, depois disto, se lhe dará a beber uma oitava de cristal bem preparado em quatro onças de óleo de semente de nabos, feito por expressão, ou, em falta deste, em óleo de amêndoas doces, porque o cristal tem grande virtude para embeber em si todo o enxofre arsenical do solimão, e desfeita a união de tão cruel inimigo, pode sair do corpo sem fazer mal; mas, porque ainda podem ficar relíquias depois do veneno vomitado e quebrantado com os mais remédios sobreditos, fazendo alguma ansiedade no coração, se lhe dará algum cordial alexifármaco, como é a triaga de esmeraldas, ou magna, ou brasílica, que esta é admirável contra toda a espécie de venenos ou mordeduras venenosas, como eu tenho bem experimentado e é segredo dos padres da Companhia de Jesus da Cidade da Bahia, dando dela ou de outra uma oitava desfeita em caldo-de-galinha gordo por cada vez e a miúdo.

8. Mas, sendo caso que o veneno não esteja já no estômago, por ser passado o primeiro ou segundo dia, se purgará o doente com purga de bom maná, de duas, ou três, ou quatro onças, conforme as forças e a idade, desfeito em caldo-de-galinha gordo; ou se purgará com uma ou duas onças de canafístula misturada com açúcar, às colheres ou bocados, porque qualquer destes adoça a mordacidade dos humores acres e corrosivos irritados do veneno do solimão, e todas as coisas doces, brandas, lenitivas, pingues e gordas embotam o veneno, para que não faça as suas operações venéficas. Ou este: em quatro ou cinco onças de amendoada de pevides de melancia, melão e abóbora, sendo de água melhor, se lhe ajunte uma colher de mucilagens de malvaísco e outra de cristal preparado e se tome, que é grande remédio neste caso. Ou este: em cinco onças da dita amendoada se lhe lance de sal tártaro uma oitava, e, desfeito, se tome as vezes necessárias; este remédio embota o veneno e destes dois dizem autores maravilhas.

Sinais de quem tomou rosalgar e como se lhe acudirá

9. Os sinais de quem tomou rosalgar serão porque o doente terá grandíssimas ânsias no coração, dores excessivas nos intestinos, que são as tripas, desmaios, ardores de garganta, sede insuportável, tosse, vômitos, cursos de sangue e convulsão.

10. A este sintoma se acudirá logo com remedios oleosos e pingues, porque estes têm grandíssima virtude de rebater a acrimônia do veneno; entre todos, tem o primeiro lugar o leite de vacas e o óleo de amêndoas doces, dados em grande quantidade; em falta destes, servirão as tisanas ou amendoadas adoçadas com boa porção de xarope magistral de violas; e, quando a maior força do veneno tenha descido às tripas, deitaremos repetidas ajudas de mucilagens de pevides de marmelo, semente de malvas, ou de cozimento das mesmas folhas bem cozidas, ou de óleo violado e de gólfãos misturados com igual porção de leite de vacas.

Sinais de quem tomou água-forte e como se lhe acudirá

11. Os sinais de quem tomou água-forte são porque, no mesmo instante que o doente a bebeu, se lhe apertará a garganta, como quem a aperta com uma corda; e, se o doente se não sufocar logo, lhe acudiremos com grande quantidade de óleo de amêndoas doces tirado sem fogo, ou com grande cópia de leite de vacas ou de cabras, tirado do animal no mesmo instante, misturando-lhe alguma das triagas cordiais que acima ficam ditas; ou se lhe dê a beber muita água fria misturada com óleo de tártaro feito por delíquio, ou tome mucilagens de escorcioneira, e tudo se fará de duas em duas horas, para que se não passe tempo baldado pelo perigo ser eminente.

Sinais de quem tomou cantáridas e como se lhe acudirá

12. Os sinais de quem tomou cantáridas são porque o doente terá repetidos desejos de urinar, com dores e ardores no cano da urina, e sairá a urina muito ensangüentada ou será puro sangue.

13. A este sintoma lhe acudiremos dando ao doente grande quantidade de leite de mulher ou de vacas, ou outro qualquer, e, em falta de todos, lhe daremos seis onças de óleo de amêndoas doces tirado sem fogo ou, em sua falta, as mucilagens de pevides de marmelos e semente de malvaísco tiradas em água rolada; também serão de grande proveito as amendoadas de pevides de melão, melancia e de abóbora, sendo de água será melhor, feitas em água de beldroegas ou de alface, adoçadas com lambedor violado magistral ou de papoulas, usando também, ao mesmo tempo, de ajudas de leite misturado com água de duas claras de ovos bem batidas e postas a escorrer, untando o pécten com óleo violado e metendo o doente em banho de folhas de malvas, violas, semente de dormideiras e alface, tudo bem cozido.

14. Mas, se doente tiver tomado as cantáridas de poucas horas, se lhe dará um vomitório de azeite batido com alguma água, tudo morno e em boa quantidade, misturando-lhe semente de rábãos, e, no caso que o doente não vomite com este, se lhe dará outro qualquer vomitório dos antimoniais enquanto as tem no estômago, por ser a descarga pela boca mais conveniente e de menos perigo; e, depois de ter vomitado, se lhe darão ajudas de sarro ou de goma de trigo e cevada, ou de arroz, tudo desfeito com água e espremido muito bem, ou ajudas de água de cevada descascada e bem cozida com malvas, linhaça e alforvas, ou qualquer dos remédios acima ditos. Um homem que eu conheci as tomou para ofensa de Deus, mas perdeu a vida.

Sinais de quem tomou napelo, e o que é e como se lhe acudirá

15. Os sinais de quem tomou napelo, que entre os vegetais é o mais refinado e é uma erva com que se infeccionam as pontas das lanças e as letras, este se conhecerá porque os beiços e a língua se inflamarão e incharão e o corpo se fará todo roxo e as pernas trêmulas.

16. A este sintoma se acudirá logo, dando vomitórios e depois leites, manteiga frescas de vaca, pós de esmeraldas e de âmbar, *terra lemnia* desfeita em vinho.

Sinais de quem tomou miolos de gato e como se lhe acudirá

17. Os sinais de quem tiver tomado miolos de gato serão porque terá loucura e tontice, não atinando o que quer dizer, ou não dirá coisa certa; a este sintoma se acudirá com o diamusco doce e com o cheiro de almíscar continuado.

Sinais de quem tomou ópio e como se lhe acudirá

18. Os sinais de quem tomou ópio serão o ter sono profundo, grande frialdade por todo o corpo e comichão por todo ele; o suor que lhe sair pelos poros do corpo cheirará ao mesmo ópio, a cara a terá mui amarela, os beiços grossos e verde-negros, as unhas lívidas ou de cor de chumbo, os olhos turvados, a língua grossa, e o anélito, ou respiração, parece que lhe falta, e, por último, lhe vêm soluços contínuos e, atrás deles, espasmo.

19. A este sintoma lhe acudiremos com toda a brevidade dando um vomitório de azeite quente em boa quantidade e ajudas mui agudas, ou bem purgantes, e se usará do seguinte: tome pela boca extrato de arruda, ou essência de castóreo, ou vinagre de arruda, ou mel com azeite-rosado, tudo morno; ou beba vinho puro em quantidade, cozido com losna; ou beberá vinagre puro por si somente, e será quente, ou beba cozimento de semente de arruda feito em vinho, ou vinho cozido com pimenta, ou beba triaga desfeita em vinho, que é, neste caso, singular remédio; todo o corpo se untará com óleo de castóreo, depois de esfregado com panos ásperos, e, para o sono profundo, se lançarão algumas ventosas, pois as ventosas e a esfregação espertam o doente e fazem adquirir calor, pois tem o corpo como quem está resfriado.

20. Comerão os doentes envenenados com qualquer veneno caldos gordos de galinha, capão, franga e todo o gênero de aves, e serão cozidas com folhas de arruda, borragens, língua de vaca e, melhor que tudo, com pimpinela, que é singularíssima erva para os venenos e melhor para os corrosivos, e o leite; a água que beber, podendo, seja só leite.

regimento

21. É coisa já experimentada e singular remédio abrir um animal grande, como boi ou vaca, e meter-se o doente dentro nele, ficando-lhe a cabeça de fora enquanto ele estiver quente, e, tanto que for o animal esfriando, se tire fora, com toda a cautela do ar, porque todo o veneno sairá por suor, e sempre será mais conveniente se o doente estiver purgado; e também este remédio é convenientíssimo para os paralíticos que estiverem desesperados de remédio, porque, com o calor natural do animal, se confortam as partes paralíticas ou espasmódicas, estando tolhidos de todo o corpo ou de algum membro, metendo-se o membro ou todo o corpo dentro no animal, assim que se abrir; e também para estupores, dando a beber ao doente, depois de sair, uma boa porção de água de chá ou da bebida vulnerária que fica referida nas pontadas pleuríticas, o que se fará as vezes necessárias, e advirto que este é um grande remédio, o qual foi experimentado no Sertão por um curioso em um doente que estava tolhido ao desamparo, e sarou, o que me constou por pessoa fiel, e a mim me parece muito conforme à razão.

animal grande aberto para curar estupores e paralisias, e tirar o veneno do corpo

Capítulo II

De remédios químicos cordiais contra os venenos

1. Tomem de bezoártico jovial em água triacal, ou, em falta dela, em vinho, ou, em necessidade, em caldo-de-galinha, do qual se tomará de três grãos até cinco ou seis, ou outro qualquer cordial; ou tomará em vinho, ou caldo, de bezoártico potável um escrópulo, ou até uma oitava, que é eficaz contra qualquer veneno; ou tome cinco ou seis grãos de tártaro emético, que logo fará lançar o veneno pela boca, ou bicho venenoso. Ou este: de ouro potável, de quatro até oito pingas em vinho, porque logo se verá ressuscitar o doente. Ou este:

untem a testa, fontes, garganta, a boca do estômago, a região do coração, a nuca, que é atrás do pescoço, espinhaço, os pulsos dos braços e as juntas dos artelhos com o óleo de escorpiões composto e tomem algumas pingas pela boca, porque é utilíssimo para todos os venenos. Ou este, que faz lançar o veneno, ou por vomito, ou por curso, ou por suor, que é tomar uma oitava de sal de engos em vinagre. Ou este: *deturbitum* mineral, *vel aurum vitae ex manuali Theophast*, se dá aos meninos um grão e aos adultos grãos três ou até cinco, e se verão livres do veneno ou da peste, ou de algum encantamento que se lhes tiver feito, autor Artem foi. 112. Ou este: tomem em vinho duas ou três pingas de óleo de enxofre e lançarão o veneno. Ou este: tomem de triaga de múmia meia ou uma oitava e, em suma necessidade, tomarão duas oitavas desfeita no mesmo vinho.

2. Outro remédio insigne para quem tomou veneno, ou seja, solimão, ou rosalgar, ou napelo, ou pó de diamante, ou peçonha de aranha, ou de sapo, ou de *thoragoaldense*, ou cérebro de gato, ou sangue menstrual. A. Paracelso e Artem, referidos por João Lopes Correia, fol.116. Tomem do remédio chamado *arcanum ciconiae Theophast* meia onça desfeito em vinho, ou melhor será em leite tépido, porque faz lançar o veneno por vômito, ou por curso, ou por suor, dentro da sexta parte de uma hora; e, depois de o lançar, tomará, em leite, meia oitava de coral vermelho em pó, ou muito melhor será tomar meio escrópulo de magistério de coral, e seja em leite morno, e disto irá tomando por muitos dias.

3. Nota que este segredo se deu (depois de ter tomado vários antídotos) ao conde Ludovico de Nassau, príncipe de Orange, dado pelo duque Albano. Ou este: tomem meia oitava, ou uma, de álcool de carne de víbora em vinho generoso ou de malvasia.

4. É este remédio das víboras tão afamado que príncipes e senhores ricos usam dele, e nestes nossos tempos o almirante de Castela o usava todos os dias.

5. Nota mais que, no Sertão do rio de São Francisco e suas lagoas, assim da parte da Bahia, como da parte de Pernambuco, há umas

aves a que chamam inhaúma (as quais eu vi) cuja aves são como galinhas, pouco mais ou menos, e têm na testa um corno pequeno e delgado, e nas pontas das asas uns esporões, cujo corno e esporões, feitos em pó, têm virtude bezoártica muito excelente contra todo o veneno, tomado em quantidade de um escrópulo ou até meia oitava, lançado em quatro onças de água de cardo-santo, e bebido ou em vinho do melhor ou em caldo-de-galinha; e não só é singular para toda a casta de veneno, como também para todas as mordeduras de cobras as mais venenosas; e este corno é o verdadeiro unicórnio e está experimentado por tal; e quem mata as ditas aves faz do tal corno e esporões muita estimação.

unicornio verdadeiro de uma ave contra todo o veneno, a qual há no rio de São Francisco e se chama inhaúma

6. Também no dito Sertão se acham alguns veados entre a multidão que há deles, os quais criam no seu bucho (e têm certos sinais) umas pedras redondas, cada um a sua, que eu vi uma redonda do tamanho de uma laranja, cuja pedra é o melhor bezoártico do mundo, assim para venenos e mordeduras venenosas como para febres malignas, roçando ou limando dela meia oitava para cada bebida em licor conveniente, conforme a necessidade, da qual pedra vi efeitos prodigiosos.

pedra muito cordial que se acha no bucho de alguns veados

7. Visto que falei em contravenenos do Brasil, falarei também em algumas raízes que o são, como o é a raiz de mil-homens, assim chamada vulgarmente, da qual há abundância nestas Minas e em todo Brasil; e dela se pode dar de peso, feita em pó, até meia oitava, ou ralada com um ralador, como eu muitas vezes tenho feito, desfeito o pó em vinho ou em aguardente do Reino ou, em falta de tudo, em água morna; e também é aprovada pela experiência para malefícios e dores de barriga.

raiz de mil-homens para toda a *casta* de veneno e feitiços

8. A raiz da erva chamada orelha-de-onça, por ter o mesmo feitio, é prodigiosa para todos os venenos e malefícios, assim tomado o seu pó, como bebida a sua água, ou tudo junto, que será melhor, a qual tem seus nós mais miúdos que a de mil-homens, que também os tem, e mais grossos que a de poalha, que os destas são miudinhos; e se dá do seu pó de um escrópulo até meia oitava, para toda a qualidade de veneno e para quem tiver desconfiança que lhe deram feitiços e para mordeduras venenosas, da qual há abundância no campo das Minas Gerais e nas mais partes do Brasil.

raiz de orelha-de-onça para o mesmo

9. A raiz da butua também é grande contraveneno e a água do seu cozimento, sendo primeiro a raiz machucada, é singularíssimo remédio para desfazer os apostemas internos, bebendo dela, de ordinário, com doze ou quinze grãos de seu pó sutil com uns pós de açúcar, ou sem ele; e, se for cozida junto com raiz de capeba, será mais eficaz e seguramente os desfaz, não tendo ainda matéria; e, tendo-a, os faz rebentar e faz sair a matéria pela boca, ou por curso ou por urina, conforme a cavidade onde estiver o apostema; e, continuando a dita bebida, cura a chaga que ficou do tal apostema, como eu tenho visto e outras pessoas, que mo afirmaram por certo.

raiz de butua é também contraveneno e desfaz os apostemas *internos* e para os pleurises

10. Para os pleurises é esta bebida remédio excelentíssimo, como eu tantas vezes tenho experimentado e se pode ver no tratado deles; e lá se verão também as raras virtudes da raiz de capeba e no tratado das obstruções, pois, na minha opinião, segundo o que nela tenho experimentado, é uma das melhores raízes que tem o mundo e é uma das bebidas vulnerárias de que sempre fiz grande estimação, sendo ambas cozidas; serve mais a tal raiz de butua para fazer lançar as páreas e fazer correr o parto às mulheres e a sua conjunção, sendo bebido o seu cozimento bem apertado, misturandome açúcar ou sem ele, e para fazer lançar as molas; e tem outras muitas virtudes, como são as seguintes:

raras virtudes da raiz de capeba

bebidas vulnerarias

faz correr o parto elançar as pareas e molas

Receita da butua para o figado e chagas dele

11. Um pedaço de raiz de butua feita em rachas miúdas se coza em três canadas de água da fonte até ficar em uma e, depois, se ponha a serenar por nove noites, e, passadas elas, se beba da tal água todos os dias em jejum uma xícara, com pouco açúcar, tão-somente para lhe tirar parte do amargor; e com a dita água se lavarão as chagas ou rachaduras que houver em qualquer parte do corpo, estando somente morna, porque é mezinha esta aprovadíssima pela experiência, por se ter usado em algumas ocasiões e pelo que se verá no que se segue.

12. Um sacerdote de muito crédito me afirmou por verdade que, em Lisboa, vira sarar um enfermo que estava deixado dos médicos por incurável, por ter as mãos todas gretadas e com chagas do fígado que não podia pegar em nada, e com o uso da tal bebida e lavar as chagas com a tal água muitas vezes no dia, e por muito tempo, experimentando melhoras em pouco, viera a sarar; diz mais o tal sacerdote que viu em outras pessoas efeitos admiráveis com o uso da tal água em achaque do fígado e confessou que, sem dinheiro, o achariam, mas não sem a tal raiz, assim pelo que dela tinha visto, como pelo que em si tinha experimentado.

mãos gretadas do fígado e com chagas, que sararam

13. Um meu amigo me certificou que, rebentando-lhe a boca em chaguinhas, por causa de uma defluxão e ser esquentado do fígado, e ter ouvido dizer que a butua era raiz admirável para quem era esquentado do fígado, metera na boca um bocado dela e a fora mascando e engolindo a saliva, o que continuara, lançando uma fora e metendo outra na boca, e no discurso de poucos dias se achara são sem chagas e sem defluxo, e que daí por diante a ficara

usando em algumas vezes, que lhe tornou a arrebentar a boca e sempre com o dito remédio sarara, e que nunca estava sem ela.

chagas na boca por causa de defluxo, e sararam

14. Bebendo água de ordinário bem cozida com esta raiz machucada e tomando, na mesma meia oitava do seu pó, ou em água de papoulas, ou de cardo-santo, é admirável remédio para os pleurises. Para pancadas ou quedas, dando a beber meia oitava do seu pó em urina todas as manhãs em jejum, é singular remédio, como eu muitas vezes tenho mandado fazer com feliz sucesso em quedas grandes, sem mandar sangrar; a mulher que não puder lançar as páreas, ou lhe não correr o parto, ou tiver faltas na sua conjunção, usando beber o seu cozimento, assim em jejum, como a toda a hora que quiser beber, sendo bem apertado o cozimento, é remédio infalível por tantas experiências que dela tenho feito; roçando ou sulando esta raiz em uma pedra, e lançando-lhe umas pingas de aguardente que faça polme e, posto em cima dos tumores duros, os desfaz; sendo continuado a miúdo e por tempo é certo em os resolver; a água bem cozida com esta raiz e molhar nela panos para pôr na erisipela, não os deixando secar, é bom remédio, e melhor que todos para não tornar é o canudo com azougue vivo ao pescoço, como se diz no tratado terceiro. Para toda a chaga, esfoladuras ou rachaduras do fígado, lavando-as a miúdo com a sua água e aplicando-lhe em cima polme feito desta raiz sulada em pedra com água-rosada ou de tanchagem, não o deixando secar e beber o doente do cozimento, é remédio certo que as cura. Para dores de barriga ou de estômago, ou a que chamam cólica, bebendo do seu cozimento com o seu pó, é remédio excelente, porque os faz cessar. Para câmaras de sangue, bebendo o seu cozimento com seu pó por bastantes dias em jejum, as faz parar. Para carnosidades e supressões da urina é grande remédio. Para as purgações da madre, de qualquer cor que sejam, bebendo água do seu cozimento, por trinta dias com doze grãos de seu pó, em seis onças por cada vez, em jejum, é grande remédio. Para rebater toda a sorte de veneno, bebendo o seu cozimento com meia oitava de seu pó, sendo bebida grande por cada vez, é remédio admirável.

Para a icterícia, tomado do mesmo modo, dizem alguns curiosos, que é o melhor remédio do mundo. Para esquentamentos, tomado um escrópulo do seu pó com outro de terebintina feito em pílulas, e tomado por nove dias, os cura admiravelmente. Não tenho experimentado todas estas virtudes, mas sim muita parte delas, como se pode ver nas pontadas, nas quedas, nos resfriamentos e neste tratado dos venenos; e não podemos negar que Nosso Senhor lhe poderá ter dado todas e outras muitas, como se tem visto em outras coisas; e também se não pode duvidar, porque eu vi os paulistas fazerem muito caso dela, trazendo-a consigo, que são estes homens muito vistos e experimentados em raízes, ervas, plantas, árvores e frutos, por andarem pelos sertões anos e anos, não se curando de suas enfermidades senão com as tais coisas e por terem muita comunicação com os carijós, de quem se têm alcançado coisas boas com que eles se curam a si de muitas doenças, imitando nisto as feras, que, por instinto natural, vendo-se acometidas de algum achaque, buscam o seu contrário, e ainda os mesmos animais domésticos.

pleurises

quedas

faltas na conjunção

apostemas duros

erisipela

chagas ou rachaduras do fígado

dores de cólica, de barriga ou de estômago

câmaras de sangue

purgações da madre

para toda a sorte de veneno

para a icterícia, o melhor remédio do mundo

para esquentamentos

raízes, ervas, plantas, árvores e frutos

imitando nisto as feras

15. Não faça dúvida ter-se esta raiz por quente, para se deixar de aplicar a quem for de natureza cálida, porque, se ela é boa para quem for esquentado do fígado, fica claro que não esquentará a ninguém, e quando, por algum acidente o faça, na mão está o largá-la.

16. A raiz de cipó chamada pacacoanha, ou por outro nome poalha, nomes que lhe deram os gentios carijós e por eles descoberta, é uma raiz delgadinha e com muitos nós, enozelada e torta; são estas raízes o único e certo remédio para curar cursos, ou sejam de sangue ou sem ele, como eu tantas vezes experimentado e se pode ver no tratado sétimo, e também é remédio contra os venenos, feitas as raízes em pó e tomando dele uma oitava em vinho generoso, ou caldo-de-galinha, ou água quente.

raiz de cipó para cursos, ou sejam de sangue ou sem ele, chamada pacacoanha

17. Nota que para todos os venenos que se tomarem pela boca ou de mordeduras de animais venenosos, seja no princípio ou passado ele, se pode tomar de todas as triagas e pedras-bazares: as triagas se tomarão por peso de meia oitava até uma, e os pós das pedras cordiais por grãos de cinco até seis, e se tomarão em vinho, ou águas cordiais, ou caldo-de-galinha gordo.

todas as triagas e pedras-bazares

18. Também é excelente remédio dar logo no princípio oito ou dez onças de água de flor de laranja para vomitar, ou, em sua falta, seis ou sete onças de azeite comum, tudo morno; e por nenhum caso se

sangrem os avenenados, pelo perigo que têm de se comunicar o veneno com muita pressa a *todos os* membros internos, como também se não deixarão dormir muito os tais doentes, e se lhe acuda com muita pressa.

água de flor de laranja para fazer vomitar, ou azeite doce

não se deixem dormir muito

Capítulo III

Da mordedura do cão danado

1. Sendo certo que alguma pessoa está mordida de cão danado, o que logo se conhece assim pela relação do doente estando em seu juízo como pela dos parentes e amigos; ou quando não haja quem dê os sinais certos, se porá carne de uma noz ou um bocado de pão em cima da ferida que fez o cão por algumas horas, e dá-la a comer ou fazer engolir a uma galinha, e se o cão que mordeu estivesse danado, a galinha morrerá nesse dia; e assim, de um modo como do outro, vindo-se em certo conhecimento de que o cão estava danado, se acudirá ao doente com toda a brevidade, antes que chegue ao terceiro dia, em que se costuma comunicar o veneno a todo o corpo, e também para que o doente não venha a cair naquela miserável e perigosíssima enfermidade a que chamam hidrofobia, de que, pela maior parte, morrem todos sem juízo, que é quando os doentes aborrecem tanto o verem água que antes consentirão que os matem, do que o verem-na; e por esta razão se lhe deve acudir logo no princípio com os remédios seguintes:

2. Assim que houver mordedura de cão danado, se cortarão os lábios da ferida, separando e lançando fora toda a redondeza dela com navalha ou verdugo, até onde tiverem chegado os dentes do cão ou a baba dele; depois de feito isto, se sarje muito bem sarjada aquela parte com sarjas profundas na circunferência, e na parte

vizinha serão as sarjas mais superficiais e se deixará correr bem sangue, espremendo muito bem e com toda a força, lavando com vinagre e sal moído bem quente, ou com aguardente do Reino e sal também bem quente, porque tenho experimentado em mordeduras de cobras ser a aguardente admirável, por ser quente, abrir os túbulos da parte e fazer correr bem o sangue dela; espremida e lavada a parte, e enxuta, se lhe porá o remédio seguinte: fazem-se alhos e cebolas com triaga magna e umas pingas de aguardente, se faça massa e se aplique na mordedura e sarjas.

alhos, cebolas com triaga para a mordedura, e sarjas

3. Muitos autores mandam, depois de sarjada a parte e bem dessangrada, que se lhe apliquem em cima ventosas com bastante fogo, como poderoso remédio para atrair o veneno para fora, e, depois das ventosas, o remédio já dito. Outros querem que, depois das sarjaduras e dada bastante descarga de sangue, se apliquem animais abertos vivos com todo o seu calor natural, para atraírem a si todo o veneno, e, depois de aplicados algumas vezes, se lhe ponha o remédio já dito.

ventosas com bastante fogo

animais abertos vivos

4. Outros querem que, dadas as sarjas e a descarga de sangue, se lhe apliquem cautérios de fogo atuais, porque, com eles, se consome o veneno e alguma podridão, e demais que, com a escara do fogo, se conserva a chaga muito tempo aberta, o que é muito necessário neste caso, na qual dilação se vão expurgando todos os humores pestíferos e malignos, de tal modo que não haverá temor de que os doentes caiam em hidrofobia, o que é doutrina assentada de todos conservar-se a chaga aberta ao menos por quarenta dias.

cautérios

5. Eu, venerando muito a todos, sou de parecer que, depois de sarjar, espremer o sangue e lavar com o medicamento sobredito, se

lhe apliquem os cautérios com bastante fogo e, feita uma boa escara dura e forte, se trate logo de a derribar, aplicando-lhe em cima gema-de-ovo e manteiga crua, tudo bem amassado e posto morno e grosso, renovando-o a miúdo e ajudando com a pinça para que caia e se alivie a parte de alguma relíquia do veneno que ficasse debaixo da escara ou sua circunferência, e, caída a tal escara, se lhe aplique em cima da chaga o remédio seguinte: de galbano e opopánaco, de cada um uma onça, raiz de lírio roxo, aristolóquia redonda e de genciana, de cada uma duas oitavas, pós de caranguejos do rio quatro oitavas, terebintina quatro onças, triaga seis oitavas, será a que bastar, faça-se emplasto, *SA*. e dele se usará na chaga, pois é remédio atrativo e por isso muito conveniente.

cautérios com bastante fogo

Outros remédios para a chaga mais fáceis

6. De triaga magna uma onça, alhos assados e cebola, tudo se pise, e, em forma de cataplasma, se aplique na chaga. Ou este: cozam labaças muito bem cozidas e com o seu cozimento lavem a chaga e se lhe apliquem as folhas pisadas, e bebam do seu cozimento, que concordam muitos ser este um grande remédio, e adverte Aécio que só com este curara a muitos mordidos de cão danado. Ou este: cozam folhas de arruda e se pisem com alho e sal, e, feito massa, se aplique. Ou este: bebam bom vinho, mas pouco, com triaga, e comam alhos com pó, que tudo fará grande bem. Ou este: pisem dentes de alhos limpos com folhas de arruda e aguardente, façam massa e se aplique, que deste tenho usado com bom sucesso em mordeduras de bichos venenosos.

7. Pela boca se darão a beber qualquer das triagas, ou de Veneza, ou magna, ou de esmeraldas, ou brasílica desfeitas em vinho meia oitava, ou uma, por cada vez, ou se dará confeição de acintro, por si ou misturada com alguma das ditas tragas, ou em caldo-de-galinha, ou águas cordiais.

8. Mas, caindo o doente em hidrofobia, se chame médico douto, havendo-o, porque é doença que lhe pertence, mas, se não o houver, ainda que esta doença, conforme concordam todos os autores, é mortal, principalmente estando de todo confirmada, contudo o médico ou cirurgião católico não deve deixar ao doente sem lhe aplicar algum remédio, ao menos para consolação do enfermo e dos parentes, o qual poderá aproveitar, como tem acontecido a muitas doenças mortais de necessidade.

9. Comerá cozido a miúdo, e liberalmente, e beberá água cozida com língua de vaca, borragens, azedas, e de escorcioneira, e dormirá pouco. O doente se deitará em um tanque de água de repente e se deixará dar alguns mergulhos para perder o grande temor que dela tem, e, bebendo bastante, se refrescará e perderá a grande secura em que consiste este achaque, e se extinguirá aquela grande intemperança quente e seca de que depende tal enfermidade, e, extinta a sede, venha a perder o temor da água; e daí por diante a beba e não morra à pura sede e secura; e saindo do tanque, se meterá em um banho de azeite quente depois de enxuto.

10. Feito isto, se usará de remédios antimoniais para provocar suor, cursos e vômitos, pois só os remédios ásperos lhe aproveitarão, lançando o veneno para fora, que os brandos de nada servirão. Se beber água fria, será muito conveniente, o comer seja de boa sustância e a miúdo, para que não perca as forças, que será perigo evidente se as perder.

11. Querem muitos que os mordidos vão ao mar tomar as ondas, mas não é coisa segura ficarem só com isso; portanto, sempre façam o que fica dito.

Capítulo IV

Das mordeduras de víbora e mais cobras venenosas

1. A mordedura de víbora ou de outra qualquer cobra venenosa se sarjará logo muito bem e, dada bastante descarga do sangue espremendo-se, se lhe aplicarão ventosas com bastante fogo para atrair o veneno para fora e pôr-lhe na parte mordida remédios atraentes para se não comunicar o veneno ao todo, e seja regra geral, em todas as mordeduras venenosas, como são a triaga pisada ou misturada com folhas de arruda e posta na parte, tomando pela boca a mesma triaga, assim como fica dito na mordedura do cão danado, e, se puderem apanhar a mesma víbora, se pise e ponha na mordedura, ou a cabeça de víbora seca e posta nela; ou bebam azeite ou vinho, em grande quantidade, que diz um autor que é grande remédio; ou abram frangos vivos pelas costas e se apliquem enquanto estiverem quentes e se renovarão.

2. Se beberem vinho bom e odorífero a miúdo, diluindo nele uma pouca de triaga magna, é grande remédio. Mas, o maior de todos quantos há, segundo a minha opinião, é queimar a mordedura com cautérios de fogo, sarjando a parte ou não sarjando, e é certo que, dando alguma descarga de sangue àquela parte, será mais conveniente, derribando logo a escara com gema-de-ovo e manteiga crua, e dando pela boca alguns cordiais conforme os houverem; e depois de caída a escara, se curará a chaga no estado em que ficar, conservando-a aberta o mais tempo que for possível, para exalar todo o veneno que houver nas partes circunvizinhas.

queimar a mordedura

Capítulo V

Das mordeduras das cobras do Brasil a que chamam jararacas, surucucus e cobras de cascavel, e outras

1. Das cobras chamadas jararacas há grande abundância assim em todo o Brasil como nestas Minas, e por esta razão há mais pessoas mordidas destas que das outras, de que há menos. As chamadas

surucucus são mui mansas, mas, se são ofendidas, é custosa a sua defesa, por serem mais destemidas no investir, e a sua mordedura é mais perigosa que a das jararacas. As cobras de cascavel são tão perigosas as suas mordeduras que mui poucas pessoas escapam da morte, principalmente não se lhes acudindo logo, no mesmo instante ou ao menos sem se passar uma hora, porque é tão venenosíssima que logo o doente começa a deitar sangue pelos olhos, narizes, boca, ouvidos e alguns pelo cano da urina, e as unhas dos pés e mãos a fazerem-se-lhe denegridas ou azuis, quando por elas não lança também algum sangue, e os mordidos a sentir logo ânsias no coração e desmaios, de que ordinariamente morrem; e, para escaparem de tão evidentíssimo perigo, hão de preceder três coisas: a primeira, que se lhe acuda logo, se possível for no mesmo instante ou na mesma hora, com os remédios abaixo apontados; a segunda que, o que estiver mordido, se não deixe ver de mulher que esteja com a sua conjunção mensal; a terceira que o doente que estiver mordido se não molhe ou passe rios; e, se se não guardarem estas três condições, será dificultosíssimo o escapar da morte, para o que se deve logo dispor como católico, e para melhor segurança se observarão as mesmas três coisas nas mais mordeduras; e o não se sangrarem fazem quatro, como adiante direi, e a razão por quê.

sangue se lança pelos olhos, *narizes, boca*, ouvidos etc. na mordedura do cascavel

para escaparem de tão evidentíssimo perigo se devem guardar quatro condições

2. Também há outras muitas cobras de diferentes nomes, mas estas são menos venenosas, não falando em duas castas, que são as de coral e de duas cabeças, suposto não tem mais que uma; estas, quando são muito compridas, são de dois palmos, e a cabeça que tem para trás é do mesmo feitio que a verdadeira de diante, e por isso se chamam de duas cabeças, e são cegas, como eu examinei, e são pretas, e não andam senão por baixo da terra; as de coral também são curtas, que terão, pouco mais ou menos, três palmos, e

são muito lavradas, como de ouro, com seus anéis; e ambas estas, no seu veneno, são semelhantes às jararacas e surucucus e se lhes deve fazer a mesma cura e com o mesmo cuidado e condições acima apontadas, por serem muito precisas.

cobras de duas cabeças e de coral

3. Há no Brasil dois animais, ou bichos: um se chama jaratacaca e é do feitio de doninha, pouco mais ou menos, e mui galante na cor; este, para se defender, as suas armas não são outras senão procurar, por instinto natural, pôr-se de barlavento e largar uma ventosidade tão fétida e tão terrível que, imprimindo-se na roupa, ainda que esta se lave quinhentas vezes, se lhe não tira o mau cheiro, e aos narizes é o mais horroroso que pode haver no mundo. O outro é chamado preguiça, por ser tão vagaroso que, para andar dez braças de terra, gasta dez dias, e para subir a uma árvore gasta oito, mudando as mãos e os pés tão devagar que pouco se percebe com a vista; e quando queremos afirmar que qualquer pessoa é preguiçosa dizemos que é "a preguiça do Brasil," a qual é do feitio de um ouriço-cacheiro, pouco mais ou menos; este não faz mal e aquele não faz outro.

Com que remédios se deve acudir a estas mordeduras

4. Assim que acontecer alguma mordedura, ou seja de jararaca, ou de surucucu, ou de cascavel, ou de coral, ou de cobra de duas cabeças, o primeiro remédio que se lhe deve fazer, sem nenhuma demora, é cauterizar a mordedura com cautérios de fogo feitos em brasa viva, e quando não hajam cautérios se queimará com outro qualquer ferro que faça feição para o intento, queimando bem queimada assim a mordedura, como a suas circunferências, para que chegue o fogo ao interno, aonde poderiam chegar os dentes da cobra, ainda que seja parte de nervos ou de ossos, porque, em caso que o doente fique aleijado, será menos mal que de perder a vida, quanto mais que nunca a lesão poderá ser grande aquentando-se o tal ferro as vezes que for necessário até ficar bem queimada e fique uma escara bem seca e dura, na qual, depois de feita, se porá gema-de-ovo amassada com manteiga crua que fique grosso o

remédio, e este se continuará, de hora em hora, ou de duas em duas, renovando-o, e se irá ajudando com a pinça ou tesoura, para que a escara caia o mais breve que for possível, levantando-a e cortando-a para o medicamento penetrar melhor e mais breve saia fora, e, saída, se cure a chaga como fica dito na mordedura do cão danado ou com ceroto, que é atrativo.

em caso que o doente fique aleijado, será menor mal que o de perder a vida

5. Feita a primeira cura, como está dito, pela boca se darão os melhores alexifármacos que houverem, e, se possível, se darão todos em vinho do melhor que houver, e, em sua falta, em aguardente do Reino, e de nenhum modo em aguardente da terra sendo nas Minas, porque tem certas qualidades muito contrárias a nossa natureza e por isso não convém usar dela em doença, nem em saúde, como deixo referido no seu tratado, e lá se verão os seus malefícios; não digo, porém, o mesmo da aguardente da Bahia, porque aquela é feita de cana-de-açúcar espremida e esta de mel já depurado, e não tem aquela senão uns poucos espíritos, e o mais venenoso à natureza, ainda que há muitas pessoas que dizem dela milagres, porque assim lhe têm conta.

de nenhum modo se darão remedios em aguardente da terra e a razão por quê

6. Mas, se a mordedura acontecer nos matos (como pela maior parte sucede) ou no Sertão, se queimará logo sem demora, e os contravenenos que houverem, ou das triagas acima, ou dos que logo apontarei, se tomarão em urina ou em água quente, em falta dos líquidos que acima ficam ditos, e serão dados de duas em duas horas.

7. O melhor remédio sobre todos quantos os autores têm descoberto e a indústria dos homens tem penetrado até o dia de hoje, ainda que é áspero e horroroso para se tomar pela boca, é o esterco humano desfeito em qualquer líquido e bebido na quantidade que a cada um lhe parecer. Digo que é sobre todos

quantos há, porque assim o tem mostrado a experiência, que, quantos têm bebido esta soberana triaga, todos triunfaram da morte, estando com ânsias mortais, e, se for do próprio doente, será melhor.

o esterco humano é a melhor triaga e único remédio na *mordedura de* cobra de cascavel

8. Também pode acontecer a mordedura em ocasião que não haja vontade de fazer curso; sendo assim, se provoque com ajuda e faça-se todo o possível porque o doente tome este singular remédio, pois vale mais um esforço e resolução para o tomar que experimentar o amargoso trago da morte.

9. Este remédio se pode dar em todas as mordeduras, mas na mordedura da cobra de cascavel é o único que pode valer, e o queimar a mordedura, que os mais, não entrando estes, serão todos baldados pela maior parte. Esta cobra tem os cascavéis na ponta do rabo e, quantos eles forem, tantos anos terá a cobra, e os que são do comprimento de um dedo (como eu tenho visto muitos) têm seis e sete cascavéis, com seus nós pegados uns nos outros, que, bulindo com eles, tocam ou tangem muito bem.

tantos são os cascavéis, tantos anos tem a cobra

10. Outras cobras há no Brasil; uma a que chamam sucuriú, que é de estranha grossura e pouco comprimento, a qual assiste dentro dos rios e lagos fundos, aonde, indo bois beber ou nadar, pega com a boca neles e os engole inteiros, exceto as pontas, que lhe ficam atravessadas na boca, moendo-lhe os ossos, de tal modo que ficam como se fossem carne, mas não faz outro mau; e o mesmo costuma fazer a homens, que, indo nadando em água morta e funda, pega neles e os some para baixo, sem nunca mais aparecerem, e destas cobras há poucas.

11. Há outra cobra a que chamam jibóia, que também assiste dentro de água em ribeiros mais pequenos, e é mais pequena e mais comprida; e indo algum animal a beber, é tão sutil que lança a cauda

como laço e com ele recolhe o bicho ou animal e o devora, enroscando-se em cima dele, mas *é* mui mansa. Outras variedades há de cobras de menos ponderação.

Capítulo VI

Dos remédios do pais experimentados que se costumam dar pela boca

1. Os remédios que se costumam dar pela boca e se têm experimentado serem perfeitos nas mordeduras de qualquer cobra venenosa são os seguintes:

2. O que é muito versado e se tem por certo, e eu tenho mandado dar muitas vezes, são umas castanhas ou favas, que se criam dentro em umas frutas redondas, do tamanho, pouco mais ou menos, de uma bola de jogar a laranjinha, e cada uma destas bolas tem bastantes dentro em si; filhas de um cipó grosso que sobe pelas árvores acima e nascem só pela beira dos rios grandes. Destas castanhas se dá a carne de uma de cada vez, pisada e desfeita em qualquer dos ditos líquidos, quatro ou seis vezes cada dia, e é sem dúvida que com elas se têm muitos livrado da morte, e é o remédio em que todos fazem a maior confiança; mas nunca se deixem de dar outros contravenenos, como são a raiz de mil-homens, como fica dito, ou a raiz da orelha-de-onça, ou um escrópulo de pó de enxofre, que a experiência tem ensinado e se tem visto dele efeitos admiráveis.

castanhas ou favas, grande contraveneno

enxofre é experimentado contraveneno

3. Em todo o Sertão do rio São Francisco desde a barra, que faz no mar, correndo rio acima até o rio das Velhas, e deste vindo pelo caminho das Minas até uma fazenda a que chamam *"o* Pegabem," que serão, pouco mais ou menos, quatrocentos léguas, segundo

alguns afirmam, há, em toda esta distância, e quiçá a haverá em outras partes, uma erva ou árvore mais baixa que um homem a que chamam vulgarmente velame, e é a sua folha cabeluda pela parte de baixo; desta se tira a raiz, ou raízes, da parte do nascente, e delas se rala com um ralador, ou roçada em uma pedra, ou se pisa e se dá o seu pó ou o seu bagaço desfeito em água bem quente, e melhor em vinho ou aguardente, duas ou três colheres, três, ou quatro, ou seis vezes cada dia, conforme a necessidade, por espaço de dois até três dias, se a necessidade chegar a eles, pois é tão prodigiosa a virtude desta raiz que não há nem tem havido pessoa que a tenha tomado que não ficasse são até o terceiro dia. E, no caso que as ânsias apertem muito, pode tomar o remédio do enxofre que fica dito ou, em seu lugar, um bocado de pólvora moída, que, para ânsias do coração, não há coisa que mais as aplaque que a pólvora ou o enxofre.

raiz de velame é grande contraveneno

pólvora ou enxofre

4. Nota que o esterco humano, a pólvora e o enxofre se experimentaram no Sertão em pura necessidade, porque, segundo me afirmou uma pessoa de crédito que tinha calculado o Sertão, que, sucedendo uma cobra picar ou morder a um homem que estava só, ali ficou sem se poder mover de um lugar, pelas dores e ânsias do coração, adjunto tudo com o temor da morte; não viu recurso algum senão o do seu próprio esterco, por ter ouvido dizer que era bom. Tomou-o desfeito em água fria, por se chegar para um córrego, e logo sentiu que se foram desvanecendo as ânsias e que, tomando-o por mais vezes, ficou são; o remédio da pólvora, que experimentara outro andando à caça e sendo mordido, bebera a pólvora desfeita e se achara capaz de recorrer dos matos em que se achava a casas, onde tomou outros e a mesma pólvora, e sarara; o remédio do enxofre do mesmo modo se experimentou e daqui ficou correndo a notícia, por cuja causa é hoje versado nos curiosos o falarem nisso e se tomarem os ditos remédios, pois a mim me consta ter-se tomado o esterco humano muitas vezes, e os mais, e

principalmente o esterco, é certo. Também as raízes da árvore espinhosa, cuja descrição fica na miscelânea, aplicada para os esquentamentos, tiradas da parte do nascente, são admiráveis contravenenos, segundo me afirmou um curioso, pisadas, e o seu bagaço lavado e espremido em água, e bebida quente.

razoes por que e como se experimentaram os três remédios, esterco humano, pólvora e enxofre

5. Por fim deste tratado, quero advertir que as vezes que tenho curado mordeduras de cobras venenosas sempre usei de cautérios de fogo em brasa viva em cima da mordedura, e sempre me sucedeu bem, dando também pela boca os contravenenos que tinha ou podia haver, conforme a parte em que me achava; e suposto alguns tiveram grandes ânsias e dores que corriam pelo membro mordido, como braço ou perna, e o mesmo membro adormecido, sempre me escaparam todos da morte. Também quero fazer outra advertência muito necessária, e é que os mordidos, por nenhum modo se sangrem, como eu tenho visto algumas vezes, e é abuso em muita gente, de que me consta têm morrido alguns; e a razão é porque, por meio da circulação do sangue, corre o veneno mais arrebatadamente ao coração e mais membros principais e não dá tempo a se aplicarem os remédios.

uso do autor em estas mordeduras

sangrar em mordeduras venenosas nao convém e a razão por que

6. Todos os viventes, assim racionais como irracionais, se podem danar e contaminar de veneno, exceto os patos e os porcos; os patos, assim o dizem os autores; os porcos, digo eu, porque vi por duas vezes serem mordidos de cobra jararaca, que, sendo bastantemente venenosa, observei que lhe não fez prejuízo algum, vendo-lhe correr sangue da mordedura.

Capítulo VII

Se o sangue menstrual é venenoso e que danos faz

1. O sangue menstrual das mulheres, estando no atual fluxo dele, é tão perverso e maligno que faz os efeitos seguintes: os panos das suas camisas, aonde ele chegou, ainda que se lavem quinhentas vezes, se usarem deles nas feridas ou chagas, as fará infeccionar e alterar, de sorte que serão muito trabalhosas de curar por causa do mesmo veneno.

2. Se alguma mulher, andando com a conjunção, entrar na adega dos vinhos, os fará referver, azedar e turbar, e o mesmo se sucederá no lagar ou cuba dos azeites, porque ficarão como leite; o remédio desta perda é tão fácil como urinar-lhe dentro qualquer homem, que logo ficará como de antes, e é experiência certa.

3. Todas as plantas por onde a mulher passar ou lhe pegar com sua mão se secarão, de tal modo que nunca mais tornarão a nascer; os cães que comerem o sangue menstrual se farão danados, e toda a mulher que, andando prenhe e lhe vier o mênstruo, a criança que parir nunca será forte; e toda a que lhe não baixarem os meses, não emprenhará e, andando com eles, vendo-se a um espelho, ficará manchado e sem luzimento. As criaturas humanas, se por malícia ou erro, comerem sangue mensal, ficarão loucos e sem juízo, como eu vi um homem como uma torre e bem disposto que ficou sem juízo, e, como era rico, deram-lhe tutor, e assim veio a morrer. Outros muitos danos faz além destes e dos que ficam referidos.

Tratado XII

Do escorbuto ou mal de luanda

1. Visto que tomei esta empresa maior que a minha capacidade, não deixei de proceder cuidadoso, assim no pouco tempo em que determinei dar ao prelo o que chegasse a escrever, como por acudir com brevidade aos habitadores das Minas do Ouro, onde alguns amigos ficaram esperando com ânsia os fracos rasgos da minha pena, porque, principalmente na cura das pontadas pleuríticas, de que perdem escravos sem número, os que não perecem da tal doença, lhes fazem grande despesas nas boticas, e os têm em casa convalescendo muitos meses, por ficarem mui debilitados por causa das muitas sangrias que lhes mandam tomar, e outrossim os obstrutos, brancos e pretos, de que saram poucos, como lá é bem notório, fazendo graves despesas em tempos largos, gotas-serenas, formigueiros e outras muitas doenças comuns e perigosas, muito ordinárias naquela colônia nova; e eu, pela Providência e graça de Deus, todas estas e outras as curo com facilidade em poucos tempos e com poucas despesas, inventando remédios do país que obram com toda a sua virtude, como de todos é bem sabido, por morar em várias partes das Minas.

2. Achando-me, pois, na Cidade da Bahia, vindo de volta para este Reino e tendo notícia que João Cardoso de Miranda, cirurgião curioso e sem ofensa dos mais dos da primeira estimação, tinha inventado um remédio de grande eficácia e infalível virtude para escorbutos, ou mal de Luanda, que tudo é o mesmo, por ser achaque terrível naquela praça e em todas mais partes e tão inobediente aos remédios dos autores, que morriam pretos, e brancos, vindo da Costa da Mina e de Guiné nas embarcações de negócio de escravos em muito grande número, e vendo isto o dito cirurgião, foi investigando o tal remédio, até que o pôs em perfeição.

3. Tendo esta notícia, que eu determinava dar ao prelo um livro, sendo curioso (como já disse) veio a minha casa vê-lo e nela me noticiou o sobredito seu remédio, mostrando-se sentido de já ter dado a sua manufatura a um ministro por nome Francisco de Santa Bárbara e Moura para trazer a tal receita em sua companhia para Lisboa e dá-la ao físico-mor para este a dar à estampa, zelo, sem dúvida, de bom católico; e me disse falasse na Corte com o sobredito ministro para que, se passado um mês a não fizesse pública, ma desse a mim para a ajuntar a este tomo; com efeito assim sucedeu, porque, assim como na sobredita Cidade da Bahia foi o tal ministro assinalado no zelo do bem comum, despachando na mesa, na rua, a toda a hora do dia e da noite, deixando saudades àqueles moradores, assim também o mostrou em ter muito gosto que eu procurasse a tal receita para a fazer pública por meio da estampa, o que fiz por serviço de Deus e de Sua Majestade, que Deus guarde, nas partes da Índia e nas naus que vão para ela, aonde perde soldados sem número por causa do tal contágio, que assim se lhe pode chamar; e agora ficarão socorridos com este tão célebre e admirável remédio.

4. É sem dúvida ser de efeitos maravilhosos o que digo por me constar com toda a certeza na dita cidade, que, podendo seu autor lucrar com ele oculto cabedal considerável, antepôs a conveniência alheia à sua própria. O que diz na sua carta que escrevia é a mesma verdade, cujo teor é o que se segue, e a receita se manifesta no fim dela.

Carta ao físico-mor

5. Muito meu senhor. O serviço de Deus e o bem comum é o único motivo que puramente me move para tomar a confiança de molestar a vossa mercê em lhe comunicar um remédio específico que, com muito trabalho e diligência, foi Deus servido alcançasse para opugnar a qualidade e infecção escorbútica, ou mal de Luanda, e todos seus produtos; e como já hoje tenho bem justificada a sua utilidade com repetidas experiências, me animo a remeter a vossa mercê a composição deste remédio para que, por meio da estampa,

se faça público, que é todo o meu desejo; e suposto que, com ele oculto, podia adquirir grande conveniência, antepus a esta a utilidade pública, pois se assim o não fizesse, entendo me mostraria a Deus gravemente ingrato; porque, suposto digo o alcancei com muito trabalho e diligência, bem conheço que, sendo eu o mínimo professor cirúrgico, não podia haver, no meu limitado talento, capacidade, nem engenho para poder fabricar a composição de tão completo remédio, porquanto alguns simples que nele entram, se não acham inculcados pelos autores para esta infecção, por cuja razão estou certo que Nosso Senhor foi servido dar-me luz para fazer a dita composição e ser remédio de suas criaturas, e o fazer-me particularmente esta mercê só unicamente o podia obrigar a ânsia com que o desejava alcançar, pois me afligia muito o ver acabar tantos enfermos tão miseravelmente, sem se poder achar auxílio com que pudessem ser socorridos, pois nos autores se acha mui pouco adiantada esta matéria, e, por esta razão, me não dou por satisfeito com o fazer público nesta cidade, mas desejara ter asas, voar a todas as partes do mundo, para que, em todo ele, não houvesse criatura que, na sua necessidade, se não aproveitasse deste quase infalível remédio.

6. Nem o que tenho dito pareça encarecimento, pois só assim o poderá entender quem não tiver notícia do grande estrago que faz este contágio, porque, só nesta cidade, morriam, em cada um ano, para cima de dois mil escravos e muitos homens brancos, pelo grande comércio que há para os Reinos de Angola e Costa da Mina, donde vem mais comumente esta infecção; porque o ano passado de mil e setecentos e trinta e um, em um navio que veio dessa Corte por Benguela para esta cidade, o qual, depois de chegar a terra, lhe morreram mais de duzentos enfermos, além dos que no mar lhe faleceram; e no próprio tempo entrou da Costa da Mina uma embarcação que desta cidade tinha ido, na qual morreram trezentos e sessenta, e todas as mais vêm com maior ou menor prejuízo, por causa do dito contágio, para o qual se não achava remédio e só se julgava por espécie de peste, e, desta sorte, morriam quase todos ao desamparo; mas, depois que Nosso Senhor foi servido que eu pusesse em praxe este remédio, e na sua última perfeição, não

perigou mais algum a quem eu assistisse, passando de quinhentos os que tinha curado este presente ano de 1731, chegando a maior parte deles feitos uns esqueletos, e só em uma casa curei mais de cinqüenta, os quais vinham do mar como mortos, e destes nenhum só perigou; porém, não era só causa desta ruína a falta de remédio específico, senão também ignorar-se a essência desta enfermidade, pois são tantos e tão diversos os seus sintomas que, com facilidade, podem enganar ao mais douto e esperto médico, enquanto não tiver uma larga experiência dos efeitos deste contágio; e esta é a razão por que, havendo nesta cidade vários professores da Medicina e Cirurgia suficientemente doutos, nunca puderam fazer juízo acertado sobre esta enfermidade, pois só tinham por afetos do escorbuto ou mal de Luanda aos que viam com as gengivas ulceradas ou podres, sendo que os que trazem este sinal são os menos e os que livram melhor.

dois mil escravos

duzentos enfermos mortos em uma embarcação e trezentos e sessenta em outra

cinqüenta enfermos em uma casa curados com o tal remédio, sem perigar um

7. Neste particular é que eu desejara dar uma larga notícia, pois a muita experiência e exercício que tenho tido nesta matéria me tem dado luz para o poder fazer, o que nesta ocasião não posso satisfazer como desejava, por haver cinco meses que, gravemente, me acho molesto de uma oftalmia em um olho, inobediente aos remédios, o que farei sendo preciso, e ajuntarei (sendo necessário) certidões das pessoas mais principais desta cidade para crédito e aceitação do dito remédio e de prelados das religiões, os quais todos têm presenciado a utilidade do sobredito remédio; e, pela dita causa, estive resoluto a não fazer nesta frota este aviso a vossa mercê, mas, como estou tão inteirado do grande estrago que faz o dito contágio nas naus de Sua Majestade - que Deus Guarde - nas viagens da Índia e em todas aquelas partes, não quis retardar esta notícia pelas muitas vidas que se poderão livrar com o uso deste tão

soberano remédio, por cuja razão tive, por maior acerto, fazer agora este aviso, ainda que não seja com a especulação que desejava; e, como me determinei fazer esta diligência, seria em mim erro sem desculpa valer-me de outra sombra ou patrocínio que não fosse o de vossa mercê, pois a ninguém compete melhor esta incumbência, assim em razão do cargo e lugar que dignamente ocupa, como pelo zelo com que deseja os aumentos da Medicina, para com ela agradar melhor a Deus e utilizar o bem comum da república.

8. São os sintomas desta enfermidade tantos e tão vários que mal se podem definir. Primeiramente se acham disenterias, diarréias, caquexias,[1] hidropisias, pleurises, legítimos e notos, tosses, corrimentos, encolhimentos de nervos, coagulações em várias partes do corpo, apostemas de matéria quente e fria, opilações de humores, crassos e viscosos, héticas, dores nas cadeiras e em todas as juntas, ictericias, morféias; e, em conclusão, todos os sinais que podem produzir as mais enfermidades a que o corpo humano está sujeito se acham nesta infecção; todos tenho experimentado, cederam ao dito remédio; e, assim, o que qualquer professor deve advertir, se se achar em região onde presuma pode haver esta enfermidade ou encontre enfermo no qual ache alguns sinais dos que ficam apontados, fique certo em que todos os mais que lhe forem sucedendo, ainda que os sintomas o não manifestem, são produtos da própria causa, principalmente se não alcançar conhecida melhora com os remédios que lhe aplicar, segundo o juízo que fizer da queixa, atendendo a ela com os seus particulares remédios, ponha o maior empenho em destruir o dito contágio com este específico.

sinais vários para se conhecer a má qualidade do escorbuto ou mal de luanda

sinais

9. Este contágio umas vezes faz efeitos crônicos, outras agudos, morrendo uns em dois e três dias, outros subitamente; e porventura que as malignas, que há poucos anos acometeram essa Corte,

fossem espécie deste veneno, que tanto deram em que entender aos senhores médicos.

outros sinais

10. O modo de se administrar este remédio é na forma seguinte: pela manhã, em jejum, se dará uma dose, e de tarde outra, que serão de cinco até seis onças para cada vez, a qual se diminui ou acrescenta, conforme as forças do doente, segundo parecer a quem curar, continuando todos os dias, não havendo coisas que o impeça; e o que mais se deve advertir é que, naqueles enfermos em que se julgar peca mais a quantidade de humor que a qualidade dele, se pode usar o dito remédio na forma da receita, o que se conhecerá pelos sintomas que comumente são os que ficam referidos e outros da mesma classe; e pecando mais na qualidade por ser ruim, se diminua o purgante, o que manifesta pelos sinais seguintes, a saber: febres contínuas e héticas, reumatismos com febre aguda, pleurises, estupores espúrios, diarréias, ressecações e outras desta classe; porém, sempre fique a bebida mais ou menos solutiva, excetuando nas diarréias e disenterias, nas quais haverá algumas em que não convenham purgantes. A dieta deve ser moderadamente de alimentos frescos, como galinha, franga ou frango cozidos com chicória, borragens, almeirão, alface e beldroegas; e, sendo no mar ou em parte onde não hajam os tais alimentos, se lançará mão do que houver mais próprio a este respeito; o que eu uso em terra, sendo escravos, é mandar-lhe dar vaca fresca cozida com galinha, de sorte que, com três galinhas, se possa fazer comer para vinte doentes, que, como são escravos, não podem os senhores, ou não querem, grandes gastos; fujam de comeres salgados e doces, e de tudo o que possa ser demasiadamente quente.

modo de aplicar o remédio

outros sinais

dieta

11. Deve-se notar que, achando-se alguns enfermos em que este contágio, por estar já mui sigilado, faça maior resistência, não sirva esta de obstáculo para que se não continue este remédio, porque sempre se alcançará saúde, ainda que seja com maior repetição, pois tenho encontrado alguns que, para ficarem de todo sãos, foi necessário tomarem quarenta até cinqüenta bebidas, como também outros, em que não foi necessário continuar mais de seis até oito.

repetição de bebidas até cinqüenta

12. Em sangria se não fale nesta enfermidade; isto se entende de cura regular, porque, com qualquer que seja, se exala a vida ao enfermo; e de cura coacta, quando muito se podem permitir somente até duas, havendo alguma grande febre ardente ou pleuris sufocativo, e estas sejam sempre depois de ter tomado algumas bebidas do específico remédio.

sangria nao convém

13. Os eméticos, que se acham pelos autores tão aprovados, lhe tenho achado grande contradição, principalmente sendo os sintomas agudos, porque têm morrido muitos no mesmo dia em que tomaram vomitório, e, sem embargo que ignoro a causa, a experiência me tem ensinado, pelo que só uso do dito remédio, o qual, com a sua brandura, cura com segurança a todas as diferenças desta infecção; e não só o tenho por conveniente para a dita, mas também para os afetos hipocondríacos e fazer baixar a conjunção impedida.

vomitorios não convêm

14. Também se acham nestes enfermos várias chagas sórdidas, podres e de todas as diferenças delas, as quais resistiam aos remédios com que lhe acudia, segundo o estado em que se achavam, e agora, facilmente se vencem com o uso do sobredito remédio, ajudando-as com os tópicos na parte que adiante se manifestam. Ao dano das gengivas se acudirá lavando-as repetidas vezes com sal dissolvido ou desfeito com sumo de limão, e, na sua

falta, em vinagre ou um bocado de ungüento Egipcíaco, estando elas podres ou com alguma podridão e fétido, dissolvido em aguardente fina, e segundo a podridão que tiver, assim se lhe misturará mais ou menos ungüento Egipcíaco, no qual medicamento, estando morno, se molhará um pincel de pano e com ele se tocarão as chagas e gengivas por dentro e por fora várias vezes no dia, o que, algumas vezes, tenho feito com bom sucesso, umas das quais foi em Francisco Ribeiro, morador na rua das Flores desta Cidade do Porto, cuja observação de um escorbuto já desamparado abaixo farei manifesta, porque o tal observação medicamento tira o mau cheiro, alimpa singularmente as gengivas de toda a podridão, ficando vermelhas, e conforta os dentes abalados.

às chagas e às gengivas se acudirá

observação

Remédio para as chagas que sucede haver no corpo

15. Bálsamo sulfúreo terebintinado duas oitavas, xarope rolado uma onça, água da rainha de Hungria, ou, em sua falta, aguardente fina duas oitavas, azebre, mirra e incenso, tudo em pó sutil, de cada um meia oitava, triaga magna duas oitavas, misture-se. Neste medicamento morno se molharão as pranchetas, ou fios, para se aplicarem nas chagas, cobrindo-as com um parche de emplasto estítico de Crólio, misturado com o de manus dei, partes iguais ou qualquer deles.

A receita é a que se segue

16. Recipe. Cozimento de raiz de chicória, grama, fragária, douradinha, mastruços e coclearía três libras, sendo as ervas verdes e sendo secas, fique o cozimento em libra e meia; confeição de diatártaro reformada e sal catártico, de cada um três oitavas, sal tártaro três oitavas, antimônio diaforético marcial e espírito de cocleária, de cada um duas oitavas, xarope de chicória de Nicolau com ruibarbo três onças, misture-se.

receita

17. Tenho representado a vossa mercê, na melhor forma que pude, assim a composição do remédio, como o mais, e da prolixidade com que mortifiquei a vossa mercê, peço repetidas vezes perdão, e a Nosso Senhor fico pedindo lhe remunere o trabalho, pois só ele pode; e se, na pobreza de meu préstimo, houver coisa em que possa dar gosto a vossa mercê, fica a minha vontade sacrificada aos preceitos da sua. Guarde Deus a vossa mercê muitos anos. Bahia de Todos os Santos, 6 de dezembro de 1731.

De vossa mercê,
senhor doutor Manuel da Costa Pereira, beija as suas mãos seu mais humilde criado
João Cardoso de Miranda

18. Não querendo roubar a glória ao autor da receita, fiz manifesta a carta sobredita e a mesma receita, mas porque lhe faltaram algumas circunstâncias que julgo serem necessárias, as quero declarar para utilidade pública, como é a descrição da erva mastruços que na tal receita se manifesta, para ser conhecida neste Reino e nas Minas, por ser muito necessária no cozimento, pelas suas raras virtudes e outras algumas, como também uma boa observação.

19. Nota. A erva mastruços é uma erva muito medicinal para várias enfermidades, como deixo referido em várias partes deste volume; na Cidade da Bahia se chama mastruços, nas Minas se chama erva-de-santa-maria, e é a mesma de que trato no tratado das pontadas, a qual quis declarar por seu autor não ter notícia do outro nome; e digo mais que neste nosso Reino de Portugal a tenho visto em várias partes em jornadas que tenho feito, como na estrada de Coimbra, nesta Cidade do Porto, em Braga, Barroso *etc*. cuja descrição é a seguinte:

Descrição da erva mastruços ou de santa-maria, que tudo é o mesmo

20. A erva que na Bahia se chama mastruços e nas Minas erva-de-santa-maria é uma erva semelhante à que se chama orgevão, mas é o orgevão que nasce em terra boa e úmida, porque este é mais alto do que o que nasce em terra seca, que é mais baixo e rasteiro, como se vê nos adros das igrejas onde costuma nascer e nos pátios de freiras ou frades, e muita comparação têm, suposto as folhas da de santa-maria são mais compridas; e o melhor sinal para se conhecer é ter as suas folhas farpadas em redondo e ser de ruim cheiro, ascorosa e fétida, chegando aos narizes quase semelhante ao cheiro do saramago; e quem tiver assistido nas Minas a conhecerá muito bem.

Observação muito boa em Francisco Ribeiro da Costa, *cunhado de João Antunes Guimarães, moradores nesta Cidade do Porto, na rua das Flores*

21. No mês de março de mil e setecentos e trinta e três, estando Francisco Ribeiro da Costa, cunhado de João Antunes Guimarães, ambos moradores da rua das Flores da Cidade do Porto, doente de escorbuto ou mal de Luanda, que tudo é o mesmo, e sendo assistido de um bom médico por discurso de bastante tempo, lhe aplicou vários remédios, assim purgantes, como ao dano das gengivas, mas não vendo efeito algum da sua diligência, porque não só tinha as gengivas podres, senão muito grande fastio, e, quando dormia de noite se sufocava sem poder tomar respiração, e pelas gengivas lançava de noite no travesseiro muito sangue podre, e vendo o tal médico que as tais queixas não obedeciam, se resolveu dizer-lhe que não tinha na sua mão mais que lhe fazer, sendo este um dos melhores médicos que tem esta cidade.

22. Vendo-se o pobre enfermo nestes termos e tendo casualmente notícia de que eu estava compondo este livro, e que nele falava na sua enfermidade e sabia um remédio ainda não escrito de autor algum, particular e certo, me mandou pedir o quisesse ver e aplicar-lho. Vi o tal enfermo e, quando lhe mandei abrir a boca para lhe ver as gengivas, me mandou um tal cheiro e tão horroroso que, pelo não pôr em maior desconsolação do que a em que estava por estar

desamparado, o sofri sem fazer caso do mau cheiro que tinha, por ter as gengivas cheias de carne podre e denegridas, com os dentes todos negros e tão abalados que, com os dedos, se lhe podiam tirar todos.

23. Como o dano das gengivas prometia maior perigo de se lhe gangrenarem e morrer, lhe acudi com o remédio seguinte:

24. Aguardente fina seis onças, ungüento Egipcíaco duas oitavas; misture tudo muito bem. Com este remédio ordenei tocasse as gengivas por dentro e por fora, molhando nele um pincel várias vezes ao dia; assim continuou com feliz sucesso, porque logo as gengivas se foram alimpando e o mau cheiro se desvaneceu.

25. Logo fiz o remedio para tomar pela boca que fica referido na receita, com o qual, tomando cinco onças, fazia dez e doze cursos sem moléstia, nem detrimento algum, antes, dizia ele, que, ao compasso dos dias que o tomava, se achava mais forte e mais valente, tomando os primeiros dias, manhã e tarde, pelo aperto de queixas em que estava, e, depois que se não sufocava e as gengivas estavam com grande melhora, tomou uma só vez ao dia, com que se lhe varreu o fastio que antes tinha.

26. Acabado o primeiro remédio, lhe fiz o segundo, com o qual foi continuando uma vez ao dia com as mesmas melhoras em aumento, continuando sempre com o remédio da aguardente e ungüento Egipcíaco, fazendo outro quando se acabava. Acabado o segundo remédio da receita, sem embargo que estava sem queixa alguma e as gengivas encarnadas e em sua forma natural, lhe fiz terceiro medicamento para tomar pela boca, para se acabarem de purificar algumas relíquias do humor maligno que causa a tal doença.

27. Como os dentes, ainda que com o remédio da aguardente se firmaram mais do que estavam, ainda buliam muito, principalmente os de diante, e para os confortar melhor receitei seis onças de vinagre esquilítico para tomar bochechas dele, mas como é remédio forte e a boca estava escandalizada do humor, se lhe esfolou em

algumas partes e a língua, em cujos termos mandei misturar no tal vinagre que havia quase outra tanta água de tanchagem e, suposto ficou mais brando o remédio, ainda o não pôde sofrer; ordenei que usasse da água de tanchagem somente com um bocado de ungüento Egipcíaco, com que sarou a boca e os dentes alguma coisa mais firmes; e, tornando a continuar com o vinagre esquilítico que estava misturado com água de tanchagem, ficaram os dentes melhores, e, para a negridão deles, os mandei tocar com espírito de vitríolo, que logo se alimparam, caindo as pedras e cascos pretos, e assim ficou gordo e rosado.

28. Nota que, curando nas Minas um enfermo de uma infecção escorbuta, lhe crescia tanto a carne das gengivas que lhe cobria os dentes, e não querendo obedecer a remédio algum, mandei fazer dois ferros tortos de corte, à feição dos com que se fazem colheres, para lha cortar, a qual fui cortando e usando dos remédios que ficam ditos na miscelânea, de gengibre, e do sobredito de aguardente e ungüento Egipcíaco para a ir dessecando, e de cozimento de tanchagem com cevada com pragana, balaústias e um bocado de pedra-ume crua, lançando-lhe, ao depois, pós de incenso e de mirra; estando o cozimento frio para se dissolverem é melhor, e desse cozimento tomava bochechas a miúdo, tendo-o na boca por algum tempo, com que sarou purgando-o algumas vezes interpoladamente; e daí a algum tempo lhe tornou a sobrevir a mesma queixa, à qual não assisti por morar muito distante, de que morreu, nem eu tinha ainda notícia do específico que fica dito, curando-o da primeira vez em minha casa, por ser escravo de um amigo.

observação

29. Suposto se diz acima que a confeição se tomará em quantidade de cinco até seis onças de cozimento de manhã e tarde, também se pode tomar sem cozimento, misturados os simples da receita em quantidade de duas colheres por cada vez, desfeita em caldo-de-galinha, isto é, quando não houver as ervas para se fazer o dito cozimento, que, havendo-as, se tomarão então as ditas cinco ou

seis onças de manhã e tarde, se o doente puder com a obra, que, aliás, tomará uma só vez ao dia; e, sendo a confeição tomada no caldo, será este bem quente para se dissolver, que, de outra sorte, se não desfarão bem as confeições, guardando o mesmo regimento que se dá a outra qualquer purga benigna, pois nenhuma obra com mais suavidade que esta e não só é conveniente para o escorbuto ou mal de Luanda, senão também para as erisipelas, passado o terceiro dia, se convier purgar; e no mar se pode usar deste purgante em qualquer queixa, sendo pessoa de melindre, por ser remédio que obra brandamente e sem fatigar os enfermos.

30. Quando o escorbuto suceder no mar ou outra qualquer parte aonde não hajam as ervas para fazer o cozimento, se ajuntarão os simples da receita e se fará confeição para se dar no sobredito caldo-de-galinha, sendo desfeita a quantidade que fica dita, estando ele bem quente, como fica referido.

31. Se neste meu livro se notarem algumas coisas por novas ou por duvidosas, já eu satisfiz com dizer no princípio dele que, quanto mais crescia o tempo, mais alcançavam os homens. E agora direi mais: que as coisas, por novas, não podem desmerecer o crédito de sua verdade, porque, que coisa haverá hoje no mundo tão antiga que não fosse nova em algum tempo? Saber o que os antigos souberam não é saber, disse Sêneca. Temo que os que condenam as coisas novas são aqueles que não podem dizer senão as muito velhas, e talvez que muito remendadas. O avarento chama pródigo ao liberal, o covarde, temerário ao valente, o distraído, hipócrita ao modesto; e cada um condena o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande padre Soares, que tanto tinha em si do que os antigos souberam, dizia que daria de alvíssaras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava. Se alguém quiser que nos atemos em tudo aos passados, quererá que se atem os vivos aos mortos; as coisas velhas são do tempo, as coisas novas do merecimento, porque as velhas são alheias, as novas nossas; se por duvidosas, não obrigo a alguém a crer o que digo, por ter a vontade livre.

32. O doutor Francisco Baile falou naqueles tempos muito a meu favor, no que exponho nestes, porque diz, falando das artes, que a razão de não terem chegado a toda a sua perfeição é porque os professores delas se acumulam nas opiniões antigas, de sorte que as supõem estabelecidas como tábuas da lei. Diz mais que uma das principais causas por que se não chega a fazer ou estabelecer opinião certa e permanente é porque nunca acompanha a experiência o discurso, que são os dois pólos em que se sustenta toda a máquina das artes; e, finalmente, diz que, quando o discurso se encontrar com tanta dúvida que não atine com razão certa que o satisfaça, se recorra à experiência.

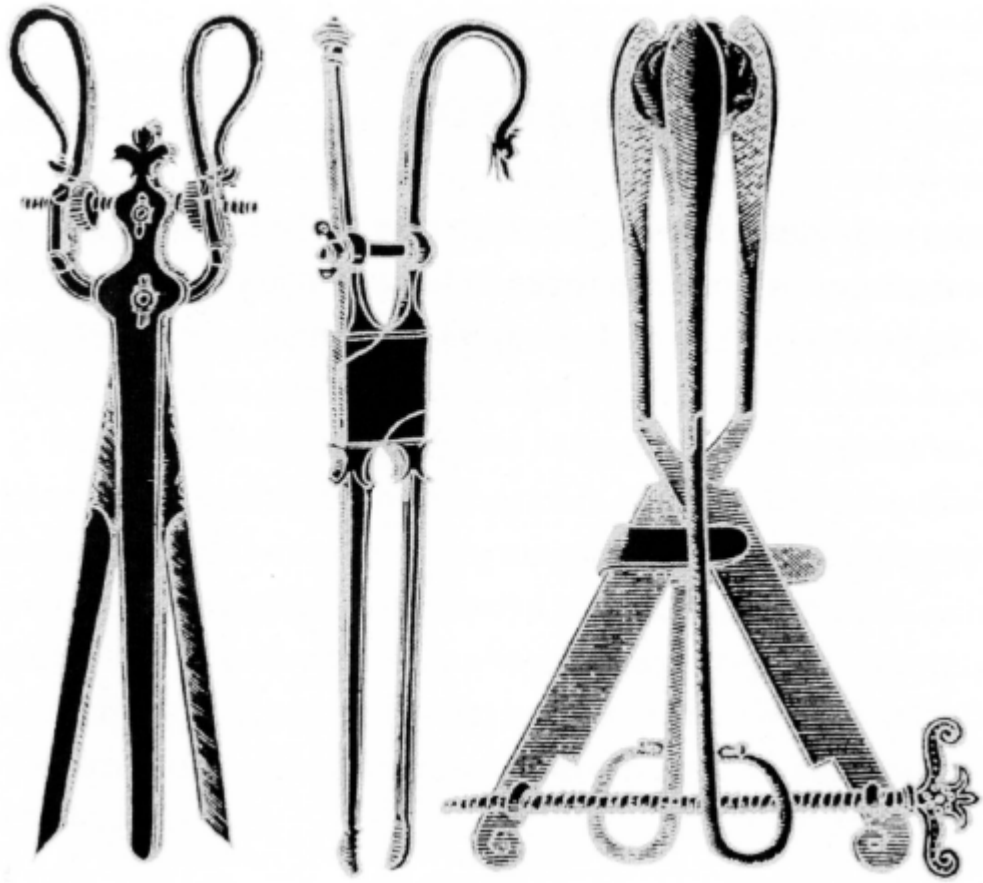
33. Tenho acabado o meu *Erário Mineral*. Se não agradar aos leitores, por mais claro para uns ou por menos para outros, não é porque me faltasse vontade de contentar a todos, pois o mais claro é para que todos entendam o que lerem e se aproveitem, e o menos é por duas razões: a primeira, porque o entendimento é curto para tamanha empresa; a segunda, porque o tempo não deu mais lugar; e, se ainda assim houverem desafeiçoados, podem pegar na pena para nos comunicar os apurados partos do seu entendimento, e ficarei satisfeito.

F I M

Protestação

Do autor

Se alguma coisa neste livro digo contra a Santa Fé Católica, ou contra o próximo, ou contra os bons costumes, o hei por não dito, e em tudo me sujeito às disposições da Santa Madre Igreja de Roma.



Tesoura e pinça cir.rgica. (Gravura de Hans Gersdorff)

1 **Caquexias** - Grafia atualizada de *cachechias*, forma antiga utilizada pelo autor.

Index das coisas notáveis que se contêm neste livro[1]

[A abreviatura Trat. denota o Tratado, cap. o capítulo, n. o número, v. o volume e p. a página] [2]

A

Abóbora

As suas pevides, sendo das de água são mais convenientes para as tisanas ou emulsões, por serem mais frescas. Trat.I, cap.XVIII, n.3, v.1, p.260.

Aborrecer o vinho

As pessoas a quem o vinho fizer mal e quiserem tomar remédios para o aborrecerem, vejam o Trat.III, v.1, p.445-446.

Abscessos ou apostemas

Os externos, em qualquer parte do corpo, curam-se com os remédios que se apontam no Trat.III, n.350-307, v.1, p.420-421, com algumas circunstâncias novas. Ibid.

Os apostemas internos curam-se com a bebida que se faz das admiráveis raízes de butua e de capeba, ou, por outro nome, pariparoba, assim no princípio desfazendo-os, como, ao depois de formados, fazendo-os rebentar e curando a sua chaga. Trat.XI, cap.II, n.9, v.2, p.675 e Trat.II, cap.V, advertência n.1 e 2, v.1, p.304.

Acidentes uterinos

Curam-se com os bons remédios que se acharão no Trat.III do n. 61 até 64, com uma observação muito boa, v.1, p.337 e 338, n.366, v.1, p.440.

Acidentes de gota-coral

Aliviam-se e muitos enfermos têm sarado com os remédios eficazes que se apontam no Trat.III, n.345, v.1, p.434.

Aço

O autor nunca aplicou aço para curar obstruções, por ver em alguns doentes ruins efeitos dele e por saber outros remédios mais seguros, como expõe na cura delas. Trat.II, cap.V, n.14, v.1, p.304.

Afogados

Os que se tiram debaixo da água, como se lhe deve acudir e que tempo podem ficar embaixo dela sem morrer, e a razão por que. Trat.III, n.193-195, v.1, p.378-379.

Os afogados podem estar debaixo da água duas horas sem morrer, o que sucede à maneira dos que têm acidentes de apoplexia e acidentes uterinos, que estão muito tempo sem sentidos viventes, nem têm pulso, porque caíram em síncope e escusa o coração ar enquanto ele durar e pode estar vivo, e, por esta razão, os dos tais acidentes de apoplexia se não enterram senão passados três dias e os afogados, com o susto quando caem na água, lhe podem suceder a mesma síncope e conservarem a vida sem morrer. Trat.III, n.193-195, v.1, p.379.

Razão por que os corpos dos afogados aparecem em cima da água no fim de quatro dias e por que incham. Trat.III, n.196, v.1, p.379.

Sinais por onde se conhecerá que um afogado foi morto antes de cair na água ou se se afogou e morreu dentro dela; e as crianças, se nasceram mortas ou se as mães as matou depois de nascidas. Ibid.

Por que razão os corpos da mulheres afogadas na água aparecem com o rosto para baixo e os homens com ele para cima. Ibid.

Agonizante

O suor de um agonizante cura as almorreimas, de sorte que não tornam a doer, nem aparecer. Trat.III, n.198, v.1, p.380.

Uma fatia de pão metida debaixo do sovaco de um agonizante e dada a beber em vinho ao bêbedo, o não beberá mais. Trat.III, v.1, p.445-446.

Água

Sendo bem quente, metendo-lhe os pés dentro e deixá-los estar cevando-a com outra para suster a sua quentura mais tempo, livra do acidente e aperto da alma. Trat.III, n.172, v.1, p.371-372.

Os banhos ou lavatórios de água quente, tomados por baixo na via reta, tiram as dores de cabeça como coisa de milagre. Trat.VIII, n.42, v.2, p.649.

Água fria pode fazer resfriamento, quando, estando alguma pessoa suada, se meter nela ou se lançar a nadar ou, estando suada, beber dela até fartar. Trat.IX, n.7, v.2, p.652.

Também água fria pode matar, como fez a um escravo vindo carregado, suado e cansado em companhia do autor quando foi por cirurgião do exército das Minas ao Rio de Janeiro, que, indo o tal escravo beber água a um ribeiro, se fartou e a poucos passos caiu morto; e pode causar pontadas, como ao autor sucedeu. Trat.X, advertências, n.18, v.2, p.666.

Água fria é bom remédio quando a cabeça está quente com demasia sendo a queixa antiga e não obedecendo a outros remédios, fazendo nela emborcações depois que o doente estiver purgado. Trat.III, n.319, p.199.

Uma almofadinha de couro cheia de água fria curou umas dores de cabeça antigas. Trat.III, n.320, v.1, p.425.

Água cordial e purgativa muito branda, com a qual se pode andar de pé e se pode tomar sem preparação alguma. Trat.III, n.68, v.1, p.339.

Água mercurial para sarnas e impingens. Trat.III, n.69, v.1, p.339-340. Outro remédio para impingens, invento do autor e certo. Ibid.

Água para inflamações dos olhos e outros remédios para o mesmo. Trat.III, n.73, v.1, p.341.

Água para verrugas, cravos e lobinhos, e outra mais forte para o mesmo. Trat.III, n.90 e 91, v.1, p.347.

Água para tirar os sinais das bexigas e fazer o rosto formoso Trat.III, n.92, v.1, p.347.

Água para tomar fluxos de sangue pela boca, ou veia, ou artéria cortada. Trat.III, n.93, ibid.

Água anti-hidrópica para curar hidropisias. Trat.III, n.294-295, v.1, p.417.

Água para fazer crescer as bexigas. Trat.III, n.123, v.1, p.356.

Água particular que o autor revela e faz pública para curar feridas frescas de qualquer qualidade que sejam, ou cortem ossos, nervos, veias ou artérias, ficando sãos em poucos dias sem fazer matéria; e algumas observações de curas pasmosas que o autor fez com ela. Trat.VI, cap.2, n.3, v.2, p.520.

Água de azougue

É bom remédio para matar lombrigas e como se prepara. Trat.I, cap. 6, n.5, v.1, p.237-238.

Água do chá

É singular remédio e melhor que quantos há para quando alguma pessoa tiver comido muito em algum banquete que cause ânsias no estômago para fazer bom cozimento, como sucedeu ao autor, caso admirável da sua prodigiosa virtude. Trat.X, cap.2, n.11, v.2, p.664 e n.15, v.2, p.665 e Trat.III, n.207, v.1, p.384 e Trat.I, cap.XIV, n.2, v.1, p.252.

É prodigioso remédio para quem for achacado de flatos ou maus cozimentos no estômago e como se deve preparar para beber e a quantidade em que se deve tomar. Trat.III, n.266, v.1, p.404 e trat.I, cap.XIV, n.2, v.1, p.252.

Águas destiladas

Água salgada, destilando-a, se faz doce, sendo primeiro servida. Trat.III, n.381, v.1, p.443 e uma observação de como escaparam da morte os navegantes de uma embarcação por benefício desta indústria, por não terem outra para beber, n.382, ibid.

A de flor de laranja é boa para fazer vomitar em todos venenos, dada como se diz no trat.XI, cap.II, n.18, v.2, p.678.

Água-forte

Sinais de quem tomou água-forte e como se remediaram os seus sintomas. Trat.XI, cap.I, n.11, v.2, p.670.

Água para queimaduras

A água com que uma mulher se lavar por baixo é admirável remédio para não empolarem as queimaduras, ou sejam de fogo ou de água, aplicando-se-lhe antes que se levantem empolas, lavando com ela e'pondo-lhe panos molhados, pois é certo. Trat.III, n.159, v.1, p.368.

Água da rainha de Hungria

É grande remédio para dores de flatos ou de humores frios. Trat.III, n.265, v.1, p.402 e n.315, v.1, p.424.

Também para as chagas que sucede haver no corpo de quem tem a doença chamada escorbuto ou mal de Luanda é bom remédio, misturada no medicamento que se achará no Trat.XII, n.15, v.2, p.695.

É precisa para fazer o insigne remédio particular para curar feridas frescas, grandes ou pequenas, que cortem ossos, nervos, veias ou artérias em poucos dias. Trat.VI, cap.II, n.3, v.2, p.520.

Para reumatismos é também grande remédio. Trat.III, n.283, v.1, p.411.

Aguardente

Quem beber na forma que se aponta, conservará melhor a saúde nas Minas. Trat.I, cap.XI, n.3, v.1, p.249.

É bom remédio para curar apostemas da terceira ou quarta cura por diante depois de furados, misturada com ovo para abreviar a cura. Trat.III, n.305, v.1, p.420.

É também grande remédio para seringar os apostemas e chagas que tiverem cavernas fundas ou para os lados, curando-as em tão breve tempo que causa admiração. Trat.III, n.307,v.I, p.421.

Com ela bebida em pouca quantidade e na forma que se aponta, curou uma surdez ao autor no princípio que chegou às Minas. Trat.I, cap.XI, n.3, v.1, p.249.

Misturada na forma que se aponta nos emplastos confortativos para curar deslocações, fica um remédio supremo e melhor que todos os mais. Trat.IV, cap.I, n.4, v.1, p.448.

Para lavar e fomentar as partes que tiverem deslocações depois de reduzidas a seu lugar é remédio prodigioso, como o autor tem experimentado. Trat.IV, cap.II, n.1, v.1, p.450; cap.II, n.4, v.1, p.452 e n.7, p.453.

A aguardente com que o autor manda fomentar as deslocações não é só capaz de tirar as dores delas melhor que os óleos que Antônio Ferreira manda, senão que é remédio admirável para confortar os nervos e os ligamentos das juntas e aumentar o calor natural delas e da parte, de que muito necessitam por ser muito balsâmica. Trat.IV, cap.III, n.10, v.1, p.454-455.

Cura as feridas que sucedem junto com as deslocações e ao mesmo tempo cura a mesma deslocação e preserva de corrupção. Trat.IV, cap.IV, n.1, v.1, p.455-456.

É grande remédio para fomentar as fraturas depois de postos os ossos em seu lugar, para aquentar e corroborar a parte, desalterar a contusão que os ossos fazem quando quebram internamente e os nervos, que tudo é de grandíssima importância. Trat.IV, cap.V, n.2, v.1, p.457-458.

Aguardente com sal salvou a vida a um enfermo, caso grande e doutrinal para os principiantes. Trat.IV, cap.V, observação doutrinal, n.12, v.1, p.468-473.

É tão grande remédio que cura as feridas, conforta os ossos, ajuda a natureza a fazer o poro e é prodigioso remédio para preservar de corrupção, gangrena e herpes, que de ordinário as gangrenas são muito comuns nas fraturas, de que muitos têm perdido as vidas. Trat.IV, cap.VI, n.3, v.1, p.473-474.

É bom remédio para tirar as dores e as inchações das contusões nas quebraduras, e faz que a natureza abrace melhor os emplastos confortativos. Trat.IV, cap.V, observação doutrinal muito para se ver, n.11, v.1, p.472-473.

É tão bom remédio como se pode ver em um caso grande de uma perna tão quebrada e amassada, ou aberta como uma pescada, e feitos os ossos em cinza. Trat.IV, observação 1, do n.1 até o n.5, v.1, p.476-478 e observação 2, ibid.

É tão singular remédio que, curando com ele a 13 escravos que ficaram debaixo das ruínas de um morro ou monte, cobertos de terra, pedras e árvores, andando em uma lavra tirando ouro, só na primeira cura gastou o autor oito frascos e até o fim oito barris, caso notável em que houve bom sucesso, como se pode ver no Trat.IV, cap.VI, observação 3, do n.1 até o n.13, v.1, p.479-484.

É bom remédio para seringar feridas do peito penetrantes, quando, por causa de algum grumo de sangue, não saia o que dentro houver extravasado para o adelgaçar e sair melhor. Trat.V, n.60, v.2, p.507-508.

É tão excelente como se pode ver no remédio que o autor ensina a fazer com ela para curar feridas frescas em poucos dias, ainda que cortem ossos, nervos, veias ou artérias. Trat.VI, cap.II, do n.1 até o n.9, v.2, p.519-522, e observação 1, do n.12 até o n.14, observação 2 e observação 3, do n.15 até o n.21, v.2, pag.523-524.

É tão singular remédio e tão prodigioso que por si somente curou ossos e nervos cortados totalmente em três dedos de uma mão e ficou o doente sem lesão, exceto em um, que, por ficar preso por muito pouca carne, ficou com alguma lesão nele e os outros com todo o seu movimento, que tudo se pode ver na observação corr. nervos e ossos cortados. Trat.VI, cap.XI, do n.1 até o n.5, v.2, p.559-560.

Para laxar os nervos faltos de movimento por causa de alguma ferida que os cortasse ou assombrasse é melhor remédio que todos os degoladouros dos bois e os mais. Ibid., do n.6 até o n.10, v.2, p.560-564.

Para feridas de cabeça penetrantes é tão soberano remédio que, lançando-a o autor em cima do cérebro ou miolos que estavam à vista, os conservou sem alteração nem febre e sarou admiravelmente, como se pode ver no Trat.VI, observação maravilhosa, v.2, p.564.

Para curar formigueiros é tão bom remédio, como se pode ver no Trat.VII, cap.I, n.6, v.2, p.568-569.

Para aquentar e desalterar as tripas que tenham saído por quebraduras das virilhas ou rotura, tirar-lhe os flatos e ficar a inchação mais branda e capaz de se recolherem fazendo o remédio como se aponta ou por si somente, é experimentado e presentâneo remédio. Trat.VII, cap.IV, n.3, v.2, p.581.

Para curar esquinências da garganta com grande inchação de humor frio, feito o remédio como se aponta é tão prodigioso que livrou a um enfermo das mãos da morte. Trat.VII, cap.VI, observação de Clemente Garcez, do n.4 até o n.7, v.2, p.587-589.

Para se não constiparem os poros nas contusões grandes com o ar frio, se aplicarão panos molhados, chapejando a parte por tempo de meio quarto de hora. Trat.VII, cap.X, n.2, v.2, p.601.

Para contusões, misturada com água de raiz de capeba e de raiz de butua, é grande segredo. Trat.VII, cap.X, observação em quatro escravos do autor, n.8 e n.9, v.2, p.603-604 e observação em um escravo, com uma grande contusão nas costas. Trat.VII, n.10 e n.11 v.2, p. 604-605.

Este grande remédio, fervendo nele um saquinho de farelos de milho grosso e aplicado em cima de dores antigas que não querem obedecer a outros, as tira. Trat.VII, observação de outro caso semelhante, n.12 até n.15, v.2, p.605-606.

Para gota-serena que dá nos olhos, fazendo-se o remédio como se aponta, é remédio certo para os doentes ficarem com a sua vista perfeita. Trat.VII, cap.II, do n.5 até o n.9, v.2, p.607-608.

Para chagas podres é grande remédio, lavando-as com ele bem quente e curando-as, como se diz no Trat.VII, cap. 14, observação de uma chaga podre, do n.7 até o n.11, v.2, p.619.

É tão admirável remédio para chagas podres, como se pode ver na observação de uma mordedura de uma cobra muito venenosa, por cuja causa estava sua mão sem sentimento; boa doutrina para os modernos. Trat.VII, cap.XIV, do n.14 até o n.20, v.2, p.621-624.

Também é bom remédio para desinchar o humor frio que fica das hérnias aquosas, depois de tirada a água com a agulha, misturado com sal, o que se pode ver na observação que, tendo sete anos, sarou dentro de oito dias. Trat.VII, cap.XVII, n.17, v.2, p.633.

É grande remédio para curar os resfriamentos, fazendo-se como se aponta no Trat.IX, cap.I, n.2, v.2, p.654 e n.3, ibid. e cap.II, n.2, p.655.

Para curar mordeduras de cão danado, misturada com sal, depois de sarjadas, é bom remédio. Trat.XI, cap.III, n.2, v.2, p.679 e n.6, p.680.

É boa para nela se darem os alexifármacos ou cordiais nas mordeduras venenosas. Trat.XI, cap.V, n.5, v.2, p.684 e cap.VI, n.3, p.686.

É prodigiosa misturada com ungüento Egipcíaco para curar as gengivas podres da enfermidade chamada escorbuto ou mal de Luanda. Trat.XII, n.14, v.2, p.694-695.

Aguardente, se a aquentarem em vidro tapado metido em água quente, farão com ela curas excelentíssimas e a razão por que. Trat.V, n.77, v.2, p.513.

Água de porco-espinho

Esta água é muito cordial nas febres malignas e em todos os venenos, e como se conhecerá se a pedra é verdadeira e quanto vale cada uma. Trat.II, n.241,v.1, p.394.

Ajudas

Ajudas fortes para purgarem bem se acharão no Trat.I cap.XV, n.1, v.1, p.253.

Para corrupção-do-bicho se acharão no Trat.VIII, n.12, v.2,p.639 e n.14, ibid. en.I7, p.639-641.

Alecrim

O óleo que dele e de arruda se faz é soberano para todas as contusões e dores de causa fria. Trat.III, n.279, v.1, p.409.

Alhos

São bons para misturar no remédio da fomentação nas obstruções do baço e do mesentério. Trat.II, cap.V, n.8, v.1, p.302.

Também são bons para a mordedura do cão danado, assim como se aponta no trat.XI, cap.III, n.2, v.2, p.679.

Alface

Água do cozimento da semente de alface, bebida e comida a semente, provoca o sono, e misturada no lenimento que se aponta é experimentado por certo para fazer dormir, pondo-se tiras molhadas na testa. Trat.III, n.370, v.1, p.441 e Trat.III, n.13, v.1, p.322.

Almécega

O seu pó é grande remedio nos emplastos confortativos, assim nas quebraduras como nas deslocações e na espinhela. Trat.IV. cap.I. n.4, v.1, p.448 e nas contusões. Trat.VII, cap.X, observação n. 10, v.2, p.604 e para alimpar os dentes. Trat.III, n.28, v.1, p.326.

Almeirão

O seu cozimento serve para fazer amendoadas ou emulsões. Trat.III, n.10,12,13 e 14, v.1, p.321-322 e Trat.II. cap.II, n.1, v.1, p.282.

Almorreimas

Para dessecá-las, impedir as que se sangram, para as que saem fora e para os que forem muito atormentados delas, se preservarão de tudo com o remédio singular que obra por virtude oculta, o qual se achará no Trat.III, do n. 198 até o 203, v.1, p.380-381.

Curam-se com a tintura de ferro. Trat.III, n. 291, v.1, p.415. E as purgações da madre, de qual cor que sejam. Ibid. Cura também as gonorréias antigas, os fluxos de sangue do nariz, as opilações do fígado e do baço. Ibid.

As dolorosas, com dores insofríveis, se remedeiam com o linimento admirável que se achará no Trat.VIII, n.7, v.2, p.636 e 637.

Alporcas

Curam-se com sangrias, sendo necessárias, com purgas respectivas ao humor fleumático e capitais, e depois com o óleo de ouro. Trat.V, n.24, v.2, p.497.

Amianto

É uma espécie de pedra de que se faz pano, que para se lavar e ficar limpo se mete no fogo sem se queimar. Proêmio.

Os antigos amortalhavam os seus príncipes nesta casta de pano, o que se pode ver na *Polianthea* do doutor Curvo. Trat.II, cap.1011, n.35 e 36, v.2, p.541.

Âmbar

É bom para conceber. Trat.III, n.301, v.1, p.419, e para arrotos contínuos, tosses antigas e socorro dos velhos. Trat.III, n.264, v.1, p.402.

Antimonio

O diaforético marcial serve para as quedas, misturado nas bebidas vulnerárias, para o que é grande remédio. Trat.VII, cap.X, n.3, v.2, p.601.

Para o remédio do escorbuto ou mal de Luanda é muito necessário. Trat.XII, n.15, v.2, p.695.

Antipatia

Por antipatia obram muitos remédios, como se pode ver no Trat.III, n.153, v.1, p.365 e 366 do ouvido do gato e vaso natural e Trat.III, n.159, v.1, p.368, da lavagem de uma mulher para não empolarem as queimaduras e Trat.III, n.347 para acidentes de gota-coral, e Trat.III, n.203, v.1, p.381para almorreimas e Trat.VII, cap.XVII, n.11, v.2, p.630, para curar cursos.

Antraz

Curam-se os antrazes com óleo de ouro. Trat.V, do n.6 até o n.10, v.2, p.492-493.

Anatomia

A que o autor fez em um escravo do doutor ouvidor-geral da vila do Sabará foi a que deu claros indícios e mostrou com toda a verdade que muitos escravos morriam de lombrigas; e dali por diante ficou o autor atendendo a elas em todas as enfermidades com os seus contrários nas purgas e mais remédios, pois elas foram as que mataram ao enfermo em menos de vinte e quatro horas. Trat.I, cap.XXI, observação 1, p.267 -268.

Amendoadas

Achar-se-á a sua manufatura. Trat.III, do n.7 até o n.10, v.1, p.321.

A qualquer hora

Ou seja do dia, ou da noite, se devem purgar os doentes de pontadas com perigo, como se diz no Trat.I, cap.XII, n.1, v.1, p.250.

Arrotos

Para os contínuos o âmbar é o seu remédio. Trat.III, n.264, v.1, p.402.

Arestas, ou espigas nos dedos das mãos

Curam-se e não tornam a nascer. Trat.III, n. 344, v.1, p.433.

Ar

É danosíssimo aos nervos e aos ossos. Trat.IV, cap.VI, n.7, v.1, p.476 e Trat.VI, observação de um caso grande, n.1 e 2, v.2, p.559 e n.9, p .561.

Arroz

É grande remédio para quem tem cursos, cozido em água sem sal, nem mais tempero algum, e com galinha. Trat.VII, cap.XVII, n.4, v.2, p.629.

Arruda

É remédio antipático das sezões. Trat.VI, cap.I, n.4, v.2, p.517.

Nas pessoas que hão de ter filhos será em menos quantidade, porque extingue o sêmen. Ibid.

Açúcar de chumbo

É bom remédio para as oftalmias dos olhos que são rebeldes, com que se faz um bom colírio, a que o autor chama de milagre, pois nunca lhe faltou. Trat.VI, cap.IX, n.1, v.2, p.558 e Trat.III, n.75, v.1, p.341.

Asma

Com o espermacete se faz um remédio para elas e para tosses rebeldes, cuja receita de achará no Trat.I, observação 7, n.5, v.1,

p.277.

Para as asmas se acharão vários remédios bons no Trat.III, do n.164 até o n.176, com uma observação, v.1, p.369-373.

Autoridades e expenências

Veja-se o Trat.III, n.323, v.1, p.426.

Azia

Curam-se admiravelmente com os dois remédios que se apontam no Trat.III, n.339, v.1, p.431.

Azougue

Com o azougue vivo se faz uma água muito contra as lombrigas. Trat.I, cap.VI, n.5, v.1, p.237.

Azougue em unturas tem feito muitos danos no clima das Minas a vários enfermos, principalmente a um, que ficou esquecido da cintura para baixo e quase imóvel, caso lastimoso e como sarou por conselho do autor. Trat.VI, cap.III, observações dos doentes que tomaram unturas e mercúrio em sustância que não sararam, do n.40 até o n.51, v.2, p.542-547.

Azougue vivo trazido em canudo ao pescoço que toque na carne livra para sempre das erisipelas. Trat.III, n.286, v.1, p.412. E de nenhum modo se use de azougue vivo na cabeça, pelo perigo que tem. Ibid. e Trat.III, n.220, v.1, p.387.

B

Baba

Ainda que muitos doentes babaram copiosamente, nem por isso sararam. Trat.VI, cap.III do n.40 até o n.51, v.2, p.543-547.

Quando os doentes se curarem de gálico com os remédios que o autor ensina e sentirem a boca agravada, inchada, ou as gengivas, que são indícios de querer babar, descansarão um, dois ou três dias para se serenar aquela ebulição e não babarem, e depois tornarão a continuar os remédios. Trat.VI, cap.III, n.8, v.2, p.522 e n.54, p.548.

Baço

A sua obstrução se conhece e se cura como se diz no Trat.II, cap.IV do n.1 até o n.3 e uma advertência muito necessária do n.1 até o n.9 e suas observações das p.298-299.

Bafo fedorento, horroroso ou mau cheiro da boca

Cura-se com os remédios que se apontam no Trat.III, n.226, v.1, p.389 e n.210, v.1, p.385.

Banhos de água

Sendo lançada morna em canoa e metido o corpo dentro dela, ficando a cabeça de fora, é bom remédio para os esquentados na obstrução do fígado. Trat.II, cap.II, n.1, v.1, p.282.

Barro

Com que remédios se aborrecerá. Trat.III, n.208, v.1, p.384.

Bexigas

O leite virginal tira as suas manchas e as suas covas. Trat.III, n.119, v.1, p.355 e n.92, v.1, p.347 e faz o rosto formoso.

Óleo humano feito de unto de homem que morra sem frio, nem febre é remédio aprovadíssimo e experimentado pelo autor para tirar as manchas e desfazer as covas das bexigas, e outro, ibid. Trat.III, n.120, v.1, p.358.

As bexigas se farão crescer com os remédios que se acharão no Trat.III, do n.121 até o n.124, v.1, p.356.

Cordial para elas, de que o autor tem usado com bom sucesso. Trat.III, n.125, v.1, p.357.

Bêbedos

Entrarão em seu juízo com vinagre. Trat.III, n.206, v.1, p.384.

Bebidas vulnerárias

Veja-se o trat.VII, cap.X, n.3, v.2, p.601 e n.5, p.602 e cap.X, n.1, v.2, p.600-601.

Boubas

Curam-se admiravelmente com os remédios, que se apontam no Trat.VI, cap.III, observação 4, n.19, v.2, p.533-534 e observação 8, n.28, p.537-538 e uma advertência muito boa no n.34, p.540-541.

Boticas

Nelas fazem grandes despesas os principiantes que curam escravos nas Minas e senhores deles, podendo-se escusar a maior parte delas. Trat.XII, n.1, v.2, p.689 e trat.II, cap.V, advertência muito necessária, n.5, v.1, p.301.

Bicho

É enfermidade chamada corrupção-do-bicho, nome que se lhe deu no Brasil e por que razão se lhe deu o tal nome. Trat.VIII, na nota n.26, v.2, p.643.

Esta doença tem metido na sepultura a muitas mil pessoas. Trat.VIII, n.23, v.2,p.642-643.

Em Portugal é certo haver esta doença e a cura dela e o seu conhecimento se ignora. Trat.VIII, n.31, v.2, p.645.

Bichos de mosca

Curam-se as suas chagas e matam-se com os remédios que se apontam no Trat.VII, cap.XII, do n.1 até o n.4, v.2, p.609-610.

Quando entram pelo nariz, com que remédios se deve acudir a sintoma tão perigoso. O mesmo Trat. e cap., do n.5 até o n.13, v.2, p.629-632 e uma observação maravilhosa, do n.14 até o n.17, v.2, p.632-633.

Bichos do Brasil

Há dois bichos célebres: um que com a sua ventosidade imprimindo-se na roupa não se tira o mau cheiro, ainda que se lave quinhentas vezes, e com isto se defende.

O outro é tão vagaroso que para subir a uma árvore alta gasta oito dias e para andar dez braças gasta dez dias. Trat.XI, cap.V, n.3, v.2, p.683.

Bofe

O bofe se oprime e aperta com a inchação ou inflamação do fígado quando está obstruído com alguma obstrução, e por esta causa falta a respiração e se sufocam os doentes. Trat.II, cap.III, n.1, v.1, p.292.

Ao açafrão chama Escrodero "alma do bofe". Trat.I, observação 7, n.5, v.1, p.277.

O bofe se repurga e alimpa com os lambedores. Trat.I, cap.VII, n.2, v.1, p.241-242.

Bubão ou mula

Curam-se as mulas ou bubões sem que venham a furo com os remédios que se apontam no Trat.VI, observação 9, n.29. v.2, p.583, e também do modo que se expõe no mesmo tratado, na advertência acerca das mulas e dos esquentamentos, onde se achará boa doutrina e novo modo de cura delas, com menos moléstias e mais segurança do que os antigos aconselham. Trat.VI, p.549.

Butua

Água cozida com raiz de butua é excelente nas pontadas que procederem de causa fria. Trat.I, cap.XIV, n.2, v.1, p.252, e cap.XX, n.5, p.265, e cap.XXI, observação 3, n.2, p.271 e Trat.VII, cap.X, n.3, v.2, p.601-602, onde se achará uma bebida vulnerária admirável, e no mesmo tratado observação em quatro escravos do autor, n.8, p.603 se achará um remédio tópico para contusões admirável.

As virtudes desta raiz tão admirável se verão no tratado XI, cap.II, n.9, v.2, p.671 e cura as chagas do fígado.

C

Cabelos

Para caírem os cabelos e não tornarem a crescer, se acharão remédios no Trat.III, n.l77, v.1, p.374 e para não nascer cabelo e para fazer nascer cabelo. O mesmo Trat., n.179 e 180, p.374-375.

Caveiras

Traspassadas e banidas por causa do azougue que se tomou. Trat.VI, n.39,v.2,p.542-543.

Cabeça

As suas dores, sendo antigas, se curam como se diz no Trat.III, n.319, v.1, p.425.

Cal

A cal é inimiga da nossa natureza e causa mortes apressadas. Trat.III, n.388, v.1, p.444.

Calos

Tiram-se sem risco da vida com os remédios que apontam no Trat.III, do n.182 até o n.187, v.1, p.375-376.

E para que não tornem a nascer, remédios bons no n.188, p.377.

Calos das fontes

Curam-se bem com o remédio que se aponta no Trat.III, n.189, v.1, p.377.

Câmeras ou cursos

Curam-se admiravelmente com os remédios que se apontam no Trat.VII, cap.XVII, do n.1 até o n.6, v.2, p.628-629.

E quando não obedeçam, se curarão com toda a certeza com o remédio específico ou arcano descoberto na América, ou sejam de sangue ou sem ele. Trat. o mesmo, do n.7 até o n.11, p.629-630 e uma observação maravilhosa. Trat. o mesmo, do n.12 até o n.16, p.631-632 e Trat.III do n.254 até o n.263, v.1, p.398-402.

E quem tiver cursos que procedam de purga, ou de mercúrio, ou de untura, veja n.280 e 281, v.1, p.410-411.

Camisas e lençóis

Camisas e lençóis lavados se podem vestir. Trat.III, n.285, v.1, p.412.

Cancro

Com que remédios se cura, e se aponta um excelente, estando no princípio. Trat.V, do n.32 até o n.40, v.2, p.499-502.

Cantáridas

Sendo tomadas pela boca com erro ou com malícia, como o autor conheceu um homem que as tomou para ofensa de Deus e perdeu

a vida, se lhe acudirá com remédios que se apontam no Trat.XI, cap.I, do n.12 até o n.14, v.2, p.670-671.

Cão danado

A estas mordeduras se acudirá com os remédios particulares que se apontam no Trat.XI, cap.XI, do num.1 até o n.11, v.2, p.678-681.

Carbúnculo

Cura-se com os remédios que se apontam no Trat.V, n.3, v.2, p.490.

Carne

A de qualquer animal morto se fará tenra em breves horas, por mais dura que seja, se a pendurarem em uma figueira. Trat.III, n.379, v.1, p.442.

Carta

A que se escrevia ao físico-mor que não teve efeito, se manifesta no Trat.XII, n.5, v.2, p.690-691.

Nela se manifestam os diversos sinais e várias complicações de escorbuto ou mal de Luanda que os autores antigos não alcançaram. Trat.XII, n.8, v.2, p.692-693, e n.10, p.693-694.

Cautérios de fogo

São o melhor remédio que se pode aplicar nas mordeduras de cobras e nas do cão danado. Trat.XI, cap.II, n.17 e 18, v.2, p.678 e cap.IV, n.2, p.682 e cap.V, n.4, p.684 e cap.VI, n.5, p.687.

Cangalha ou convulsão de nervos

Que doença é e como se cura. Trat.VII, cap.III, do n.1 até o n.6, v.2, p.572-580.

Cebo [sic] *ou unto*

O de homem, fazendo-se dele óleo, tira os sinais e desfaz as covas das bexigas com toda a certeza. Trat.III, n.120, v.1, p.355.

O sebo de carneiro com os mais simples que se diz é prodigioso remédio para as hérnias duras como pedra. Trat.III, n.250, v.1, p.397.

O de homem, untando com ele a cabeça, fará nascer nela o cabelo se não o tiver, estando, porém, rapada à navalha. Trat.III, n.180, v.1, p.375.

Cebolas

Delas se faz um remédio excelente para as queimaduras. Trat.III, n.161, v.1, p.368.

Para a surdez, dores e zunidos neles se faz da cebola um grande remédio. Trat.III, n.132, v.1, p.358.

Delas se faz um remédio desobstruente para fomentar as obstruções. Trat.II, cap.II, n.10, v.1, p.286.

Chá

A sua água ou tintura é tão excelente e tem tão singulares virtudes, como se pode ver no Trat.X, cap.II, n.11, v.2, p.664, e n.15, p.665 e Trat.I, cap.XIV, n.2, v.1, p.252.

Chagas

Para as velhas que não obedecem a nada se achará um no Trat.III, n.364, v.1, p.439.

Para as do membro viril ou genital se acharão remédios bons no Trat.VII, cap.IX, do n.1 até o n.5, v.2, p.594-596, e observação 1, do n.6 até o n.9, p.596.

Para as do membro viril, a que chamam cavalos, e bolsa dos testículos, se curam com os dois que se apontam no Trat.III, do

n.190 até o n.192, v.1, p.377-378.

As da boca, garganta e nariz se curam com remedios que se apontam no Trat.VII, cap.XIII, n.1-2, v.2, p.615-616.

As que houver em qualquer parte do corpo se curarão como se diz no Trat.VII, cap.XIV, v.2, p.616, e uma observação de uma chaga podre procedida de uma mordedura venenosa que o autor curou contra a opinião de dois professores que era de opinião que se cortasse a mão por não haver sentimento, a qual servirá de boa doutrina, p.619-621.

Outra observação de outra chaga podre curada em breves dias e com facilidade, que também será doutrinal, p.620.

As dos dedos dos pés e unhas se curam como se diz no Trat.VII, cap.XV, v.2, p.624, e uma observação n.6, p.625-626.

Ciática

A uma deslocação do osso do quadril chamou um cirurgião e um médico ciática, curando-a como tal, e como se enganaram ficou um escravo perdido. Trat.IV, cap.IV, observação 2, n.1, v.1, p.458 e Trat.III, n.227, v.1, p.389.

Cipó [Ver Sipó]

Cipreste [Ver Sipreste]

Cirurgiões e médicos

Os principiantes no clima das Minas se enganam todos certamente e, se chegam a ver em um enfermo o efeito da sua diligência, o não vêem em um cento. Trat.I, cap.VII, n.1, v.1, p.259.

Cidra

É remédio certo para fazer passar a azia e como se toma. Trat.III, n.339, v.1, p.431, e também o milho assado.

Circulação do sangue

Circulação do sangue e mais líquidos se promove. Trat.I, cap.I, n.2, v.1, p.290 e cap.VII, n.4, p.246.

Promove-se com os remédios no Trat.I, cap.XIII, n.1, v.1, p.250, e cap.XIV, n.2, p.252.

Bebida vulnerária admirável para fazer circular o sangue e mais líquidos. Trat.VII, cap.X, n.3, v.2, p.601.

Cobra

A de cascavel, que se acha no Brasil, tantos são os cascavéis que tem no rabo quantos anos tem de idade. Trat.XI, cap.V, n.9, v.2, p.685.

A de duas cabeças é cega e chama-se de duas cabeças porque no feitio não há diferença. Trat.XI, cap. V, n.2, v.2, p.683.

A cobra chamada sucuriú engole um boi inteiro por ser de estranha grossura. Trat.XI, cap.V, n.10, v.2, p.685.

A cobra chamada jibóia lança a calda e faz dela laço, com que apanha gente ou animais que vão beber, e metendo debaixo de si o que apanha, devora e come Trat.XI, cap.V, n.10, v.2, p.685.

Cólica

Para este terrível acidente se acharão remédios bons no Trat.III, do n.145 até o n.151, v.1, p.362-365.

Conceber

Para conceber, veja-se o Trat.III, n.301, v.1, p.419 e n.377, p.442.

Conjunção mensal

Com que remédios se provoca. Trat.II, cap.II, n.16, v.1, p.289. Duas observações que mostram melhor como se provoca a falta da purgação mensal ou regra das mulheres. Trat.II, cap.V, n.10, v.1, p.303.

Contas de macaco

Nas Minas e em todo o Brasil há uns macacos de certa casta, dos quais se tiram uns ossos de que se fazem contas; trazidas no braço esquerdo, curam por virtude oculta toda a qualidade de almorreimas certamente e preserva a quem for atormentado delas, sendo com as condições que se apontarão. Trat.III, n.203, v.1, p.381.

Convulsão

É doença de nervos que se encolhem e também se lhe chama nas Minas cangalha, e é muita comum nos pretos, e só nos mineiros, a razão por que e que cura tem. Trat.VII, cap.III, do n.1 até o n.6, v.2, p.578-580.

Contusões

Para as contusões grandes causadas por pancada, caída de alto ou aperto, se acharão remédios bons no Trat.VII, cap.X, do n.1 até o n.5, v.2, p.600-602 e três observações boas do n.8 até o n.15, p.603-606.

Nas contusões não convém óleos comuns e só poderá ser proveitoso o que o autor ensina a fazer na miscelânea, à folha 409 e há de ser aplicado passado o princípio. Trat. o mesmo, cap.X, n.7, v.2, p.602.

Cordiais

Para as bexigas se achará um bom cordial no Trat.III, n.125, v.1, p.357. Cordial solutivo antipleurítico para as pontadas. Trat.II, cap.XVI, n.1, v.1, p.254-255.

Cordial fresco para febres ardentes. Trat.I, cap.XVIII, n.4 v.1, p.260.

Curiosidades

Veja-se o Trat.III, n.378, v.1, p.442.

Corrupção-do-bicho

Que coisa é, de que causa procede, seus sinais, seus prognósticos e com que remédios se cura. Trat.VIII do n.1 até o n.9, v.2, p.635-638.

Descrição da erva-do-bicho para curar a tal doença. Trat. VIII, n.10, v.2, p.638-639.

Sendo a corrupção grande, como se conhecerá e como se curará. Trat.VIII, do n.11 até o n.16, v.2, p.638-639.

Esta enfermidade causa delírio e muitas vezes ficam os doentes sem fala, e é doença tão perigosíssima que tem metido na sepultura a muitas mil pessoas. Trat.VIII, do n.17 até o n.24, v.2, p.640-643.

Os que morrem desta doença é por lhes passar de largueza a corrupção, a podridão e gangrenar-se o intestino reto; e os mais robustos, querendo resistir, caem no chão e alguns morrem no mesmo dia. Trat.VIII, n.24, v.2, p.643.

Nesta enfermidade não convêm sangrias, nem purgas, nem azeites, óleos ou coisas untuosas nas ajudas, e a razão por que. Nota n.25, p.653.

Por quê razão se chama corrupção-do-bicho e se lhe deu o tal nome e por que se deu também o nome a erva chamada do bicho, que em Portugal se chama pulgueira. Nota do n.26 até o n.30, v.2, p.643-645.

Neste reino de Portugal com certeza há esta doença, e nos tempos calmosos ou havendo febres ardentes, é muito mais certo havê-la, e

no dito reino tem morrido muita gente dela; o seu conhecimento se ignora e a cura. N.31, p.645.

Quem tiver esta queixa, ainda que tenha outras, lhe não faça remédio algum, sem primeiro curar esta, assim como os opilados que, sem que primeiro se curem as tais opilações, se não curarão as doenças que com elas se complicarem; e quem não observar estas duas advertências ou não curará os tais doentes ou dará com eles na sepultura. Trat.VIII, n. 32-33, v.2, p.645-646.

Largueza tão grande em uma corrupção que cabia uma mão fechada pela via dentro. Observação n. 36, p.647.

O adágio de dizer o povo "tal está fulano que já não aguarda uma ajuda" é sem dúvida que é, porque a via esta muita larga e tem a tal doença; o autor já padeceu esta doença em Portugal por duas vezes e como a remediou. N.43, p.649.

Cravos de boubas

Curam-se com os remédios que se apontam no Trat.III, n.340-341, v.1, p.432 e n.90-91, p.347.

Cravos roxos

Fazem-se cravos roxos do modo que diz no Trat.III, n.358, v.1, p.437.

Cursos

Não se lhes deve fazer remédio algum os primeiros três dias, salvo os lavatórios que deve tomar, e, passando a mais, vejam o Trat.III, do n.254 até o n.263, v.1, p.398-402.

Quem os tiver que procedam de purga, ou de mercúrio, ou de unturas. Veja o Trat.III, n.280-281, v.1, p.410-411 e uma observação.

Veja-se o Trat.VII, também cap.XVII, onde se acharão remédios particulares para cursos rebeldes, v.2, p.628 e uma observação

muito boa, p.631.

Criança

A que estiver morta na barriga de sua mãe se lançará com os remédios que se apontam no Trat.III, n.57, v.1, p.336, e n.58-59, e para não mover, n.60, v.2, p.336-337.

Coisas novas ou duvidosas

Notando-se algumas, veja-se o Trat.XII, n.15, v.2, p.695-696 onde se acharão respostas às censuras muito adequadas e verdadeiras.

D

Defunto

Posta a mão de qualquer defunto em cima dos sinais com que algumas crianças nascem e deixá-la estar até que a parte se esfrie, desaparecem os sinais ou manchas em poucos dias. Trat.III, n.288, v.1, p.414.

Uma fatia de pão metida no sovaco de um defunto e dada a beber a quem se tomar do vinho, o aborrecerá para sempre. Trat.III, v.1, p.445-446.

Os dentes de uma caveira postos em brasas ou seus fumos tomados nas partes vergonhosas curam aos que estão ligados e incapazes dos atos matrimoniais. Trat.III, n.308, v.1, p.421.

Os corpos dos defuntos afogados não aparecem senão ao terceiro ou quarto dia e a razão por quê. Trat.III, n.196, v.1, p.379.

Os defuntos afogados se conhecerão se foram lançados vivos ou se morreram antes de caírem na água pelos sinais que se apontam no Trat.III, n.196, v.1, p.379.

As crianças defuntas se conhecerão se nasceram mortas ou se a mãe as matou depois de nascidas pelos sinais que se apontam no Trat.III, n.196, v.1, p.379.

Por que razão as mulheres afogadas na água aparecem em cima dela com a barriga e o rosto para baixo e os homens com ele para cima. Trat.III, n.196, v.1, p.379.

Por que razão um defunto bota sangue em presença do matador e um matador se não ausentará da presença do defunto enquanto o tal defunto estiver de bruços. Trat.III, n.197, v.1, p.380.

Defluxos

Para os asmáticos que da cabeça caem no peito, se achará um remédio particular no Trat.VI, cap.VII, do n.1 até o n.7, v.2, p.556-558.

Para os defluxos da cabeça se purgarem bem pelos narizes e não caírem no peito, faça-se o remédio que se aponta no Trat.III, n.274, v.1, p.407.

Deslocações

Que coisa é deslocação e como se cura. Trat.IV, cap.I, do n.1 até o n.8, v.1, p.447-450.

A deslocação das vértebras do espinhaço, como se curará. Trat.IV, cap.II, n.1, v.1, p.450-451.

A do ombro e do quadril, como se curará. Trat.IV, cap.III, n.1, v.1, p.451.

As que sucederem com ferida, como se curarão. Trat.IV, cap.IV, n.1, v.1, p.455-456.

A que suceder com ferida, se deve meter o osso logo no seu lugar e depois curar a ferida e confortar a deslocação ao mesmo tempo, e

não como manda Antônio Ferreira e a razão por quê. Trat.IV, cap.IV, n.1, v.1, p.455-456.

A deslocação do osso da cia tem um sinal, além dos mais, muito claro e evidente para se conhecer que os antigos não ensinaram, e que osso é o da cia. Trat.IV, cap.III, n.5, v.1, p.452.

A deslocação ou osso que, depois de reduzido a seu lugar, tornar a sair uma vez, sairá outras com facilidade, e por esta causa se deve ter grande cuidado nas ataduras e na segurança dele. Trat.IV, cap.III, n.7, v.1, p.453.

Em deslocações não convém óleos, nem claras de ovos, como manda Antônio Ferreira e a razão por quê. Trat.IV, cap.III, n.10, v.1, p.454-455.

Para aviso dos principiantes escreve o autor duas observações doutrinais que lhe parece não causarão fadiga aos leitores e se acharão no Trat.IV, cap.IV, n.1, v.1, observações 1-2, p.456-459, e as mais que se seguem.

Cinco observações maravilhosas, da p.456-462.

Diabética [sic]

É doença que põe os doentes feitos uns esqueletos e lhes faz mais sede que os hidrópicos, e como se curará. Trat.III, n.211, v.1, p.385.

Diagrídio

Sendo misturado com excesso nos medicamentos purgantes para fazerem mais obra por curso, não é o melhor nas obstruções, porque é fazê-los obrar por força. Trat.II, cap.II, n.3, v.1, p.282.

Diarréia

Veja se uma observação de uma diarréia desesperada, a qual não causará fastio a quem a ler e servirá de boa doutrina aos principiantes. Trat.VII, cap.XVII, n.12, v.2, p.631.

Dores antigas causadas de flatos ou humores frios

Veja-se o Trat.III, v.1, num.265, aonde se acharão remédios singulares, p.402.

Para fazer dormir, veja-se o Trat.III, n.370, v.1, p.441.

E

Elixir Sulphuris

Serve para muitas doenças, como se pode ver no Trat.III, n.351, v.1, p.435.

Emplastos

O emplasto que se faz da erva-de-santa-maria na forma que se aponta tem virtude indizível para pontadas pleuríticas de causa fria e dores da mesma causa, ou sejam de humores ou de flatos. Trat.I, cap.VII, n.4, v.1, p.242.

O de farelos de milho grosso ou de alecrim feitos na forma que se aponta obram maravilhas nas pontadas e dores de causa fria. Ibid., n.5, v.1, p.243.

O emplasto Saturno, excelente para todo o gênero de chagas, principalmente para as velhas. Trat.III, n.114, v.1, p.353, e suas virtudes.

O que se faz de gengibre, na forma que se aponta, cura as inchações nas pernas e pés de humor frio, ainda que sejam antigas. Trat.III, do n.39 até o n.43, onde se achará uma observação maravilhosa, v.1, p.329-330 e outra observação na própria pessoa do autor, do n.44 até o n.49, p.330-332.

Para dureza de juntas, n.116, p.354.

Para deslocações, emplastos admiráveis inventados pelo autor, os quais se acharão no Trat.IV, cap.I, do n.3 até o n.6, v.1, p.447-449.

Para as roturas das virilhas se achará um bom emplasto no Trat.VII, cap.IV, n.3, v.2, p.581.

Emulsões

A sua manufatura se achará no Trat.III, n. 12-14, v.1, p.321-322.

Empresa

A em que o autor entra no composição do seu livro a não ignora o seu fraco talento. Proêmio, no segundo parágrafo.

A que o autor tomou foi maior que a sua capacidade. Trat.XII, n.1, v.2, p.689.

Enchimento

O do estômago é muitas vezes a causa de haver pontadas pleuríticas. Trat.I, cap.III, v.1, p.233.

Enfeitiçados ou ligados

Veja-se o Trat.III, do n.308 até o n.314, v.1, p.421-423.

Enxofre

É grande contraveneno nas mordeduras das cobras, como se pode ver no Trat.XI, cap.VI, n.2, v.2, p.686.

Erisipela

A do rosto ou de outra qualquer parte se cura como se diz noTrat.III, n.286 v.1, p.412.

A erisipela ulcerada se curará prodigiosamente como se diz no Trat.III, n.45, v.1, p.331, com uma observação na própria pessoa do

autor.

Escarros

Os que saírem com sangue nas pontadas pleuríticas se não sangrem os doentes por esse respeito, porque virá mais sangue nos escarros, e só será o seu verdadeiro remédio a purga e a razão por quê. Trat.I, cap.XIX, n.1, p.262, e cap.XX, n.3, p.264.

Com que purgas se devem purgar os doentes que lançarem escarros de sangue com tosse. Trat.I, cap.XX, n.4, v.1, p.264, e n.5-6, *p.265-266*, e os que são verdes como ervas.I bid.

Escravos

Advertência como se hão de comprar e escolher, para seu senhor os não perder. Trat.III, n.342, v.1, p.432.

Alguns senhores de escravos hão de dar conta a Deus pelos não tratarem como devem, assim no tempo de saúde, como no tempo das doenças, visitando-os e assistindo-lhes, por se não encherem de confusão vendo que não têm outro pai. Trat.I, cap.XVI, n.2, v.1, p.255.

Espinhela

Que coisa é espinhela, como se levanta e como se fortifica. Trat.III, do n.324 até o n.338, v.l,p.426-431.

Espermacete

Deste medicamento se tira quantidade das baleias e se faz um remédio excelente para tosses, cuja receita se achará no Trat. I, na observação 7, n.3, v.1, p. 276

Espíritos

O de vitríolo é grande remédio para gastar a negridão dos ossos alterados nas fraturas e fazê-los separar mais brevemente. Trat.IV,

cap.VI, n.5, v.1, p.475.

Para gastar a corrupção que houver nos ossos, havendo fístula, é admirável remédio. Trat.VII, cap.IX, observação 3, do n.11 até o n.15, v.2, p598-600.

Para curar chagas da garganta e da boca é supremo remédio e obra nestas partes como coisa de milagre. Trat.VI, cap.III, observação 5, na própria pessoa do autor, n.20, v.2, p.534 e observação 2, n.17, p. 533.

Para matar boubas e fazê-las secar, sendo na cara, olhos, nariz, boca ou outras partes em que convenha destruí-las, ainda que saiam em outra parte, é bom remédio e melhor que verdete ou outras drogas. Trat.VI, cap.III, observação 8, n.28, v.2, p.537-538.

Para chagas do membro viril, a que chamam cavalos, obra excelentemente. Trat.VII, cap.IX, n.1, v.2, p.594 e n.6, observação 1, p.596, e observação 2, n.10, p.598.

Não cause admiração vendo correr sangue quando se tocarem as chagas do membro com o espírito. Trat.VII, observação 1, n.9, v.2, p.597-598.

Para negridão dos dentes, tirá-la e quebrar as pedras que se criam neles, é bom remédio, como se pode ver na observação de Francisco Ribeiro. Trat.XII, n.21, v.2, p.697 e Trat.III, n.28, v.1, p.326.

Para consumir a coisa estranha que tiver entrado nos ouvidos quando se não possa tirar de outro modo, é o espirito-vitriolo bom remédio. Trat.III, n.239, v.1, p.393.

Espírito de ferrugem

O espírito de ferrugem é grande remédio nas quedas. Trat.VII, cap.X, n.4, v.2, p.602, e também para os obstrutos é grande remédio. Trat.II, cap.VI, observação 3, n.6, v.1, p.315.

Espírito de cocleária

É bom remédio para o escorbuto ou mal de Luanda, lançado no remédio específico para beber. Trat.XII, n.16, v.2, p.695.

Espírito de vinho

É grande remédio nas erisipelas, não sendo no rosto. Trat.III, n.286, v.1, p.412 e para surdez dos ouvidos. Trat.III, n. 131, v.1, p.358. Os espíritos não se aquentam. Ibid.

Escoriações

As que sucedem no escroto, ou bolsa dos testículos, ou membro viril, se remedeiam como se diz no Trat.VII, cap.XVI, n.1, v.2, p.627-628.

As escoriações que sucedem nas erisipelas se remedeiam prodigiosamente com o remédio inventado pelo autor que se achará no Trat.III, n.46, v.1, p.331.

Esfalfamentos

De que causas podem proceder os esfalfamentos e como se devem curar. Trat.IX, cap.II, do n.8 até o n.12, v.2, p.657-658 e Trat.III, n.282, v.1, p.411.

Esquinências ou dores de garganta

Com que remédios se curam. Trat.VII, cap.VI, n.1-3, v.2, p.585-586 e uma observação n.4, p.587-588.

É*rnias* [sic]

As que estiverem duras como pedra obedecerão admiravelmente aos remédios que se acharão no Trat.III, n.249-250 até 253, v.1, p.397-398.

Para as hérnias aquosas, vejam o Trat.VII, cap.XVII, v.2, p.628, onde se achará uma boa observação.

Esterco humano

É remédio eficaz para fazer matéria no panarício e fazê-lo rebentar. Trat.III, n.154, v.1, p.366.

Para remediar as ânsias do coração causadas de mordeduras venenosas de cobras do Brasil, principalmente de cobra de cascavel, nesta é o seu único remédio, e fazer com que os doentes livrem da morte, tomada pela boca. Trat.XI, cap.V, n.7, v.2, p.685 e cap.VI, n.4, p.687, e para cravos e verrugas. Trat.III, n.341, v.1, p.432.

Estupores

Veja-se o Trat.VI, cap.XI, n.1, v.2, p.559, onde se achará um remédio particular e Trat.XI, cap.I, n. 21, v.2, p.672-673.

Ecterícias [sic]

[Ver Ictericias]

Veja-se o Trat.VI, n.1, v.2, p.516, onde se achará um bom remédio particular e suas observações.

Havendo-a nos olhos, veja-se o Trat.III, do n.73 até o n.86, v.1, p.341-346.

Exercício

Faz os proveitos que se apontam no Trat.II, cap.II, n.15, v.1, p.288. O exercício é a melhor âncora para salvar os obstrutos. Trat.II, cap.IV, n.3, v.1, p.299.

Não se gaste tempo e dinheiro em curar obstruções sem exercício. Trat. o mesmo, n.9, p.302-303.

F

Falta de respiração

Havendo dificuldade na respiração, na obstrução do fígado, os pés e pernas inchadas, as maxilas do rosto vermelhas, pela maior parte morrem os doentes hidrópicos. Trat.II, cap.II, n.1, v.1, p.282.

Faltas de respiração em pontadas pleuríticas são muito perigosas, como se pode ver no Trat.I, observação 2, n. 1, v.1, p.268.

Vomitórios em pontadas que não tiverem enchimento de estômago fazem morrer os doentes sufocados. Trat.I, observação 3, n.1, v.1, p.271, e n.3, p.212.

Fastio

É um dos sinais de haver enchimento de estômago. Trat.I, cap.IV, n.1, v.1, p.234.

Para os escravos que tiverem fastio. Veja-se o Trat.I, cap.XVI, n.4, v.1, p.256.

Para os que nenhuma coisa podem comer se achará um remédio, grande restaurativo de forças. Trat.III, n.282, v.1, p.411.

Fedor da boca

Quem tiver fedor na boca ou bafo fedorento, veja o Trat.III, n.226, v.1, p.389 e n.210, p.385.

Fígado

Com que remédios se cura sua obstrução. Trat.II, cap.II, n.3, v.1, p.282. As chagas ou gretaduras do fígado, com que remédios se curam. Trat.XI, cap.II, n.11, v.2, p.676.

Febre malignas

Veja-se o trat.III, n.66, v.1, onde se achará um remédio fácil e de grande proveito, p.338.

Flatos

Com que remédios se curam e os maus cozimentos do estômago. Trat.I, cap.XI, n.3 e 4, v.1, p.245 e no Trat.III, n. 266, v.1, p.404, e dores deles se curam, n.265, p.404.

Curam-se admiravelmente com água do chá. Trat.X, cap.II, n.11, v.2, p.664, e n.15, p.665.

Flagelo

O maior dos moradores das Minas são as pontadas pleuríticas. Trat.I, cap.I, n.1, v.1, p.229.

Flatulentas dores ou tumores flatuosos

Veja-se o Trat.III, n.315, v.1, p.424.

Fraqueza

Caindo os doentes em fraqueza sobrepõe a enfermidade à natureza e custa muito a livrar o doente da morte, havendo pontada pleurítica. Trat.I, cap.16, n.3, v.1, p.255.

Frangos

Na forma que se aponta servem para refrescar os doentes que estiverem esquentados na obstrução do fígado. Trat.II, cap.II, n.1, v.1, p.282.

Fraturas

Que coisa é fratura, onde sucede e como se cura. Trat.IV, cap.V, n.1, v.1, p.462-463.

Em que partes dos quatro membros, braços e pernas temos uma só cana e como se devem curar estas tais fraturas, e conhecê-las. Trat.IV, cap.V. n.1, v.1, p.462, e n.9, p.467.

As ataduras se não apertarão demasiadamente nas fraturas por não se perder o membro dali para baixo, apodrecendo, como algumas vezes tem acontecido. Trat. IV, cap.V, n.3, v.1, p.464-465.

A telha em que se há de pôr a perna depois de curada e atada será de pau cavado e não de barro, salvo for por necessidade, nem se usará de paus enrolados, como manda Antônio Ferreira, por ser a telha mais conveniente. Ibid., p.465.

Que tempo devem estar de cama os doentes de fraturas em pernas, coxas ou braços. Trat.IV, cap.V, n.7, v.1, p.466.

Fraturas várias de uma desgraça grande, sendo diversas, como se curaram. Trat.IV, observação 3, n.1, v.1, p.459-460.

Duas fraturas foram causa de ficarem dois enfermos com os membros pendurados pelos nervos e carnes, p.461-462.

Feridas frescas

Curam-se com os remédios que se apontaram no Trat.III, n.365, v.1, p.439, onde se achará um remédio que as cura em três dias, e n.267, p.405.

Curam-se, felizmente, com o remédio particular que se aponta no Trat.VI, ainda que cortem ossos, nervos, veias ou artérias, cap.II, do n.1 até o n.9, v.2, p.519-522, o qual as cura em poucos dias, sem fazerem matéria, e três observações maravilhosas que os curiosos folgarão de ver, n.10, p.522, até n.21, p.526.

Fogos

Feitos de dia e de noite nas casas dos enfermos que saíram resfriados debaixo da terra foi grande remédio ou indústria. Trat.IV,

cap.VI, observação 3, n.5, v.1, p.481, e fogo se acende sem outro fogo. Trat.III, n.222, v.1, p.388.

Formigueiros

Que coisa é formigueiro e com que remédios se cura. Trat.VII, cap.I, do n.1 até o n.11, com quatro observações, do n.12 até o n.29, v.2, p.567-576.

Os formigueiros que nascem nas solas dos pés dos pretos se curam como se diz no Trat.VII, cap.II, do n.1 até o n.3, v.2, p.577-578.

Fomentações

Veja-se a observação em quatro escravos do autor no Trat.VII, cap.X, n.6, v.2, p.602, onde se achará uma fomentação esquisita com que se acabaram de sarar umas contusões que não quiseram obedecer a outras.

As fomentações de aguardente são tão admiráveis e tem o autor usado tanto delas que se acharão em muitas e várias partes deste volume, e no Trat. VII, cap.X, n.8, p.603.

Fluxos de sangue

Ou saiam da boca, narizes, madre ou almorreimas, ou via da urina, se curam eficazmente com o remédio particular que o autor faz manifesto no Trat.VI, cap.IV, n.1, com suas observações até n.8, v.2, p.549-552.

Para olhos esbugalhados obra o tal remédio como coisa de milagre; como se deve usar dele e uma observação. Cap.IV, n.7, p.551-552.

Para tomar fluxos de sangue, veja-se outro remédio no Trat.III, n.93, v.1, p.347.

Para fluxos de sangue de artéria cortada vejam também o mesmo tratado, n.95, onde se achará um remédio eficaz experimentado, p.348.

G

Gafeira

Com que remédios se cura. Trat.III, n.287, v.1, p.413.

Gálico

Com que remédios se cura. Trat.VI, cap.III, do n.1 até o n.11, v.2, p.527-531, aonde se acharão remédios eficazes e particulares, e nove observações, do n.12 até o n.31, p.531-539.

Duas advertências acerca das talpárias, gomas e boubas, do n.33 até o n.39, p.540-543.

Algumas observações de doentes que nas Minas tomaram unturas e mercúrio, que não sararam, do n.40 até o n.51, p.543-547.

Outro remédio para curar gálico, em qualquer espécie que esteja, andando de pé, invento novo e seguro, n.52, p.547, e uma advertência acerca das mulas e dos esquentamentos, n.56, p.549.

Garganta

Atravessando-se alguma coisa na garganta, veja-se o Trat.III, n.303, v.1, p.419.

Para garrotilho, ou achaques da garganta, veja-se o Trat.III, n.317, v.1. p.424.

Garganta com esquinência se cura com os remédios que se apontam no Trat. VII, cap.VI, n.1, v.2, p.585-586.

Gatos

Gatinhos acabados de nascer feitos em pó é bom remédio para a asma. Trat.III, n.167, v.1, p.370.

O bafo dos gatos tem antipatia com o nosso bofe, e dormindo com eles na cama causa asma, o que consta por mil experiências. Trat.III, v.1, p.362.

O ouvido do gato cura o panarício por virtude oculta. Trat.III, n. 153, v.1, p.365.

Geléia

A que se faz de uma galinha, um capão, seis corações de carneiro, é grande remédio para restaurar forças perdidas. Trat.III, n.282, v.1, p.411.

Gordos

Os que forem gordos e quiserem emagrecer, vejam o Trat.III, n.349, v.1, p.435.

Gonorréias ou esquentamentos

Com que remédios se curam. Trat.III, do n.51 até o n.56, v.1, p.334-335.

Veja-se também o Trat.VI, cap.VIII, n.1, v.2, p.558, onde se achará um remédio particular que vencerá as que desprezarem os outros, e uma observação no mesmo tratado, n.25, p.536.

Gota

As suas dores se moderam com os remédios que se apontam no Trat.III, n.371, v. 1, p.441.

Gota-serena

A que dá nos olhos se cura admiravelmente com os remédios que se apontam no Trat.VII, cap.XI, do n.1 até o n.9, v.2, p.606-608.

Gota-coral

Veja-se o Trat.III, n.347, v.1, p.434, onde se acharão bons remedios para sair do acidente, e muitos têm ficado sãos com eles.

Gengibre

É grande raiz para curar as inchações e dermatosas dos pés e pernas. Trat.III, n.39, v.1, p.329 e n.43, p.330.

Para o mal de Luanda, Trat. III, n. 247, v.1, p.396, e para dores de barriga, Trat. III, n.149, p.364.

É também grande remédio para os resfriamentos. Trat.IX, cap.I, n.2, v.2, p. 654 e cap.II, n.2, p.655.

É também bom remédio para o escorbuto ou mal de Luanda. Trat. III, n.247, v.1, p.396, e Trat.XII, n. 28, v.2, p.699.

H

Hortelã

A hortelã extingue o sêmen, assim como também a arruda, e por isso se não devem usar em muita quantidade. Trat. VI, cap.I, n.5, v.2, p.517.

Hidropisias

Estando um doente tão inchado como uma pipa por causa de uma hidropisia, sarou radicalmente em quarenta dias, não bebendo água de nenhuma qualidade e comendo seco, por conselho do autor. Trat. II, cap.VI, n.1, v.1, p.310-311.

Formam-se algumas hidropisias da obstrução do fígado, quando é grande, e morrem os doentes falando. Trat.II, cap.II, n.1, v.1, p.282.

Veja-se também a observação do sargento-mor Gaspar de Brito Soares, que servirá de boa doutrina aos modernos. Trat.II, cap.III, n.1, v.1, p.292, e a observação do capitão Manuel Dias Leite, p.292.

Formam-se também muitas hidropisias da continuação da bebida chamada cachaça ou aguardente da terra. Trat.II, cap.III, n.3, v.1, p.293, onde se achará notícia de vários enfermos que perderam a vida por causa da obstrução do fígado e morreram hidrópicos.

Veja-se também o Trat.X,cap.II, n.1, v.2, p.661-662.

Curam-se bem com a água anti-hidrópica Trat.III, n.294-295, v.1, p.417.

I

Jalapa [sic]

São as melhores purgas para tirarem as dores das juntas, causadas de qualidade gálica. Trat.I, cap.IV, n.3, v.1, p.235 e cap.XVIII, n.6, p.261, e Trat.VI, cap.III, n.1, v.2, p.527-528.

Ictericias

[Ver Ecterícias]

Com que remédios se curam. Trat.III, num. 86-87, v.1, p.346. Veja-se o Trat.VI, n.1, v.2, p.516, onde se achará um remédio particular e uma observação muito boa.

Impingens

Veja-se o Trat.III, n.70, v.1, p.340, onde se achará um remédio certo, invento do autor, e n.367, p.440.

Informação

A que se tomar ao pretos se repetirá duas e três vezes por serem variáveis no que dizem, e alguns brancos rudes também. Trat.I, cap.X, v.1, p.247.

Inflamação do fígado

Sendo por causa de obstrução, são perigosas. Trat.II, cap.II, n.2, v.1, p.281.

Inchação de pés, pernas e tornozelos

Aponta-se um remédio singular, sendo feito como se diz no Trat.III, n.50, v.1, p.333 e n.39, p.329.

Inhaúma

É uma ave que se cria no Sertão do rio de São Francisco, cuja tem um corno na testa, *[sic]* que é o verdadeiro unicórnio, e uns esporões nos encontros das asas, que tudo é excelente contraveneno. Trat.XI, cap.II, n.5, v.2, p.674.

Intestinos ou tripas

Se estiverem saídos por alguma quebradura das virilhas, se meterão dentro com os remédios que se apontam no Trat.III, do n.235 até o n.237, v.1, p.392-393.

Veja-se também o Trat.VII, cap.IV, do n.1 até o n.3, v.2, p.549-550, onde se acharão alguns remédios, e o comprimento que têm as tripas medidas pelo autor.

Veja-se mais o cap.V que se segue, onde se acharão remédios para curar as quebraduras de pouco tempo, v.2, p.553-554.

L

Lagarto

Os seus pós, como se devem preparar para desunir a carne dos dentes e tirá-los sem ferro, e que lagarto é. Trat.III, n.35, v.1, p.328.

Lágrimas de sangue

Com elas se deve chorar vendo acabar a vida dos enfermos de pontadas com vomitórios, tolhendo-lhes a respiração; uns no primeiro dia, outros no segundo, e o que mais é sem se poderem confessar. Trat.I, cap.XIII, n.1, v.1, p.251.

Com elas saiu um enfermo debaixo da terra, e não só chorava sangue pelos olhos, senão que também lhe saía pela boca e ouvidos, e sarou. Trat.IV, cap.VI, observação 3, n.1, v.1, p.479-480.

Lambedores

O que se faz de aguardente com açúcar, sendo boa, feito na forma que se aponta, é admirável nos catarrões que procedem de causa fria. Trat.I, cap. VIII, n.2, v.1, p.245.

O que se faz de raiz de capeba é excelente para a tosse com escarros de sangue nas pontadas. Trat.I, cap.XIX, n.1-2 e n.7, v.1, p.262-263.

O que se faz de avenca, na forma que se aponta, também é de grande proveito nas tosses que ficam das pontadas ou se originam de causas frias. Ibid. e p.244.

Lambedor, ou xarope violado, é bom remédio para os esquentamentos, assim para tirar as dores deles, como para fazer urinar, misturado com água de malvas. Trat.III, ?. 56, v.1, p.335.

Laranjas azedas

São remédio eficaz para as tosses que procederem de soros delgados ou não obedecerem a outros remédios. Trat.I, observação 7, n.4, v.1, p.276.

Láudano opiado

Mistura-se nos remédios opiados, como se pode ver no fluxo de sangue do nariz. Trat.III, n.24, v.1, p.324. O líquido para fazer dormir. Trat.III, n.370, v.1, p.441.

Leite

O de vacas, sendo continuado, é muito prejudicial à saúde. Trat.X, cap.I, do n.1 até o n.9, v.2, p.659-661, onde se verão os danos que causa.

O que se chama virginal tira as manchas da cara e covas da bexigas. Trat.III, n.119, v.1, p.355.

Lenimento

Para abrandar a dureza e inchação que costuma haver quando algum osso está deslocado, fora de seu lugar alguns dias, é preciso usar dele para se poder reduzir a seu lugar. Trat.IV, cap.III, n.7, v.1, p.453.

Para fazer dormir, pondo-o na testa, veja-se Trat.III, n.370, v.1, p.441.

Letras de ouro

Fazem-se letras de ouro pelo modo que se aponta no Trat.III, n.360, v.1, p.438.

Ligados por malefício

Com que remédios se desligarão. Trat.III, n.308, v.1, p.421.

Limão

Os gomos de limão partidos em bocadinhos é grande remédio para dores de cabeça, metidos na via reta, ou havendo alguma corrupção-do-bicho. Trat.VIII, n.6, v.2, p.638.

É preciso o limão para se fazer a massa e curar a corrupção-do-bicho, n.l2,p.423, en.l7, p.425.

É também grande remédio para curar o panarício. Trat.III, p.153, v.1, p.365.

Para lavar a língua e excitar a vontade de comer no grande fastio é bom remédio. Trat.I, cap.XVI, n. 4, v.1, p.250.

Língua

Estando a língua branca e úmida depois de haver febre, é sinal de predominarem mais humores frios que quentes. Trat.I, cap.XVI, n.5, v.1, p.256.

Quando estiver cheia de sarro, por cuja causa os doentes não podem comer, se lavará e raspará como se diz no Trat.I, cap.XVI, n.4, v.1, p.256.

Lombrigas

Conhece-se haver lombrigas pelos sinais que se apontam. Trat.I, cap.V, v.1, p.236.

Remédios para matar lombrigas, inventados pelo autor. Trat. o mesmo, cap.VI, n.1, v.1, p.236.

Algumas pontadas procedem de lombrigas. Trat.I, cap.IV, n.4, v.1, p.235.

Elas mataram um enfermo em menos de vinte e quatro horas com uma pontada, o que o autor conheceu por fazer nele anatomia. Observação 1, p.267-268.

Também iam matando a outro, se o autor não estivera advertido nos sinais e no pulso e da anatomia que tinha feito, o qual livrou com sucesso admirável. Observação 2, p.268-270.

Iam matando a outro também, em que o autor teve contingência com um médico sobre a escolha do remédio, estando o doente com perigo evidentíssimo, com uma pontada apertadíssima, o que servirá de boa doutrina para os modernos. Observação 3, p.270-272.

Estes bichos se produzem dos humores corruptos que procedem dos maus cozimentos. Trat.1, cap.VI, n.9, v.1, p.240.

M

Maçã

Lançada no vinho, se conhece se é puro ou tem água. Trat.III, n.378, v.1, p.442.

Madre saída fora

Cura-se como se diz no Trat.III, n.363, v.1, p.439.

Mal de Luanda

Como se conhece que efeito faz e como se cura. Trat.XII, v.2, p.692-694. Esta enfermidade faz efeitos crônicos e agudos, e causa variedade de queixas alheias da notícia dos antigos. Trat.XII, n.8, v.2, p.692.

Para esta tão terrível enfermidade faz o autor um remédio manifesto, particular, esquisito, certo, bem experimentado e ainda não escrito. Trat.XII, n.16, v.2, p.695.

Uma observação excelente na cidade do Porto, além de outras no Brasil, que, estando o doente desamparado de um grave médico, sarou com o remédio particular acima referido. Trat.XII, n.21, v.2, p.697.

Outra observação, n.28, p.698-699.

Quando este mal suceder no mar, que se fará. Trat.XII, n.30, v.2, p.699.

Maleitas ou sezões

Curam-se eficazmente com o remédio particular que o autor inventou e faz público para utilidade do bem comum, melhor que a quinaquina e com resguardo de três dias somente. Trat.VI, cap.I, do n.1 até o n.8 e uma observação que vale por muitas, do n.9 até o n.15, v.2, p.516-519.

Medicamentos

Os que se aplicarem às enfermidades das Minas, sejam sempre de natureza quentes pela maior parte. Trat.I, cap.XI, n.2, v.1, p.248.

Médico

O que for falto de experiência nas Minas há de temer na escolha do remédio para curar escarros de sangue nas pontadas com aperto. Trat.I, cap.XX, n.7, v.1, p.266.

Mel de pau

É grande remédio para curar obstruções. Trat.II, cap.V, n.1, v.1, p.299 e n.7, p.302 e n.9, p.302.

Melado ou mel

O que se faz de cana-de-açúcar nas Minas causa os danos que se apontam no Trat.X, cap.II, n.4, v.2, p.662.

Mênstruo

Com que remédios se provoca às mulheres, estando impedido por alguma obstrução. Trat.II, cap.II, n.16, v.1, p.289 e cap.V, advertência muito necessária, observações em mulheres, n.10, v.1, p.303.

Mercúrio em sustância

Com ele se curaram vários doentes nas Minas que não sararam, ou fosse porque os doentes tivessem mau regimento ou porque o azougue tem antipatia com algumas naturezas, ou porque o clima

das Minas o não permita, como sempre pareceu ao autor por mais certo. Trat.VI, observações dos doentes que tomaram unturas e mercúrio que não sararam, n.40, v.2, p.543.

Mercúrio sublimado e misturado com os mais medicamentos que se apontam é soberano remédio para curar qualquer causa gálica, ou seja boubas, cavalos, mulas, esquentamentos, gomas ou taipárias. Trat.VI, observação 7, n.25, v.2, p.536, e observação 8, n.28, p.537-538 e observação 9. E advertência acerca das boubas, p.538.

A receita das pílulas do mercúrio sublimado se achará no n.7, p.517.

Mordedura

A de víbora e mais cobras venenosas do Brasil, se cura com os remédios que se apontam no Trat.XI, cap.IV, n.1-2, v.2, p.681-682 e cap.V, do n.1 até o n.8, p.682-685 e cap.VI, do n.1 até o n.5, p.686-687.

Os mordidos devem guardar à risca três condições. Trat.XI, cap.V, n.1, v.2,p.682-683.

Mortalha

Um pedaço de mortalha de qualquer defunto é remédio de antipatia para recolher o sesso saído fora e almorreimas. Trat.III, n.201, v.1, p.381.

Morte

Sucede haver morte repentina bebendo alguma pessoa água, indo suado por algum caminho ou tendo feito algum exercício. Trat.X, n. 17, v.2, p.666. Um preto morreu da mesma causa à vista do autor. Ibid. O autor quase experimentava o mesmo. Ibid.

Um homem casado experimentou o mesmo, levantando-se do ato conjugal e saindo para fora de casa ao vento. Trat.X, cap.II, n.12, v.2, p.664.

Móvito

Com que remédios se impedirão os móvitos. Trat.III, n.60, v.1, p.337.

Mulheres

Estando doentes, devem tomar banhos ou lavatórios em ambas as vias, e a razão por quê. Trat.I, cap.XVI, n.1, v.1, p.254.

As do Brasil, por terem costume de tomar banhos todas as noites, por esta mesma razão não são acometidas da enfermidade chamada corrupção-do-bicho. Trat.VIII, n. 27, v.2, p.644.

Minas

Nelas se verificam as razões que o autor aponta. Trat.I, cap.I, n.3, v.1, p.230-233.

Ministro

O que se nomeia deixou saudade aos habitadores da Bahia e teve muito gosto que o autor procurasse a receita do insigne remédio para o escorbuto ou mal de Luanda. Trat.XII, n. 3, v.2, p.690.

N

Nascidas, ou inchaços de humor frio [sic]

Com que remédios se curam. Trat.VII, cap.VII, n.1, v.2, p.589-590.

Os inchaços, apostemas ou abscessos que costumam nascer em qualquer parte do corpo se curam com os remédios que se apontam no Trat.III, n.305, v.1, p.420.

Natureza secas ou ressecadas

Veja-se o Trat.II, cap.V, n.5, v.1, p.301 e Trat.X, cap.I, n.8, v.2, p.661.

Nervos

Sendo cortados nos dedos das mãos ou pés, e sendo curados encolhidos, encolhidos ficarão para sempre; mas, se forem curados estendidos, é certo fazerem depois seu movimento mais ou menos segundo o dano; e também é certo o unirem. Trat.IV, cap.VI, observação 3, n. 8, v.1, p.482.

Os nervos cortados, com que remédios se curam. Trat.VI, cap.XI, observação de um caso grande que uniram os nervos e ficou o doente sem lesão, n.1, v.2, p.559.

Nódoas nas crianças

As com que algumas nascem se curam pelo modo que se aponta no Trat.III, n.288, v.1, p.414.

Nódoas em vestidos

Tiram-se com os remédios que se apontam no Trat. III, n. 216, v.1, p.386.

O

O *autor*

Não é oráculo para escrever novo modo de curar as doenças, sem se conformar com os antigos mestres, e a razão por quê. Trat.I, cap.I, n.3, v.1, p.230.

Obstruções

Como nas Minas há muitas obstruções pelo clima ser muito conducente a elas, têm dado muito cuidado aos protetores; o autor expõe o seu método curativo, que a razão e a experiência lhe têm ensinado; cada um seguirá o que melhor lhe parecer. Trat.II, cap.I, n.1, v.1, p.281.

A obstrução do fígado, como se conhecerá e como se curará. Trat.II, cap.II, do n.1 até o n.17, v.1, p.282-289.

Se o doente da obstrução do fígado estiver esquentado, com que remédios se curará. Trat.II, do n.1 até o n.4, v.1, p.290-292.

Observações em obstruções do fígado. Trat.II, cap.III, v.1, p.292-298, Trat.X, cap.II, n.15, v.2, p.665.

Notícia de vários enfermos que perderam a vida por causa da obstrução do fígado. Trat.II, v.1, p.281-283.

Quem curar obstruções com medicamentos purgantes, sem usar primeiro dos preparantes simples, não só as não curará, senão que se farão as obstruções maiores, e a razão por quê. Trat.II, n. 13, v.1, p.287-288.

Obstruções se não podem curar sem exercício, e os proveitos que dele resultam, n.15, p.63.

Sendo a obstrução em mulheres, que purgas se lhe deve dar, n.16, p.64.

Sendo as obstruções do baço e do mesentério, como se conhece e como se cura. Trat.II, cap.IV, do n.1 até o n.3, v.1, p.298-299, cap.V, do n.1 até o n.14, p.299-304.

E uma advertência muito necessária, cap. V, do n.1 até o n.9, v.1, p.304-307.

Sendo em mulher com faltas de conjunção, com que remédios se curarão, cap. V, n.10, v.1, p.308.

Observações em obstruções do baço e do mesentério, cap.VI, observação 1, n.I,v.I,p.310-311.

Obstruções são causa de muitas enfermidades e, sem se curar a obstrução, se não curará a tal enfermidade. Trat.I, n.2, v.1, p.229-230.

Óleos comuns

O de canela cura as hérnias duras como pedra. Trat.III, n. 252, v.1, p.398.

O de copaúba, ou capaíva, que tudo é o mesmo, é grande remédio para esquentamentos, sendo aplicado como se diz. Trat.III, n.53, v.1, p.334.

O que o autor ensina a fazer de folhas de arruda e de alecrim é grande remédio para todas as queixas que procederem de causa fria. Trat.III, n.279, v.1, p.409 e Trat.I, cap.XXI, observação 5, n.2, v.1, p.273.

Nos pleurises das Minas não convém aplicar óleos e a razão por quê. Trat.III, n.246, v.1, p.395.

O que se chama óleo real, como se faz e para que serve. Trat.III, n.270, v.1, p.405.

O de amêndoas doces é bom para quem tomou solimão. Trat.XI, cap.I, n.7, v.2, p.688-689, e para quem tomou rosalgar e água-forte. O de semente de nabos para o mesmo, ibid até 671.

Óleo de ouro

De que se faz, como se deve usar dele e como se deve tratar. Trat.V, n.2, 3, 4 e 6, v.2, p.489-491.

É tão maravilhoso este óleo que algumas vezes basta um só círculo para curar uma ferida ou chaga. Trat.V, n.5, v.2, p.490-491.

Óleo de ouro, para que enfermidades serve. Trat.V, n.1, v.2, p.489.

Serve para fleumão, como se deve aplicar e a que tempo. Ibid.

Serve para os furúnculos, como se aplica e a que tempo, n.2, p.489.

Serve para os carbúnculos, como e a que tempo. Ibid, n.3, p.490.

Serve para curar os antrazes, como se aplica e a que tempo, n.6, seus sinais, n.7, observação, n. 10, p.492-493.

Serve para curar a gangrena, como se deve aplicar e a que tempo, n.11-12, p.494.

Serve para curar os panarícios, ou sejam malignos ou benignos, e como se há de aplicar, n.13-15, p.495.

Serve para gastar e dessecar as carnes supérfluas que nascem nas unhas das mãos e dos pés, n.14, p.495.

Serve para curar os apostemas do lacrimal e impedir que fiquem fístulas, como sucede pela maior parte, e curá-las depois de feitas, e para curar as verrugas que nascem junto aos olhos, na cara e nas pestanas, e com que condições, n. 16, p.495.

Serve para todas as dores de flatos e da garganta, e uma observação, n.17,18,19 e 20, p.495-496.

Serve para curar as escrófulas, ou por outro nome alporcas, e com que condições, do n.24 até o n.26, p.497-498.

Serve para curar os cirros, como e com que condições, do n.27 até o n.31, com uma observação, p.498-499.

Serve para curar os cancros, como e a que tempo se há de aplicar, n.32, p.449-500.

Serve, finalmente, o óleo de ouro para curar as feridas do peito penetrantes, como se deve usar dele, seus sinais e suas circunstâncias, algumas novas; suas observações boas, do n.41 até o n.78, p.502-513.

Óleos, azeite, ou coisas untuosas não convêm nas ajudas, havendo corrupção-do-bicho, e a razão por quê. Trat.VIII, v.2, p.635.

Olhos

Estando brancos, e a língua, como se diz, são sinais certos de procederem as pontadas de causa fria. Trat.I, cap.XII, v.1, p.249-250.

Olhos, ou olho que estiver tão inflamado ou esbugalhado que pareça quer saltar fora, se remediará facilmente com o insigne remédio particular que se ensina no Trat.VI, cap.IV, n.7, v.2, p.55-552, uma observação. Ibid.

Olhos que estiverem inflamados, se curarão muito bem com os remédios que se apontam; e para névoas, belidas, feridas e ictericias neles no Trat.III, do n.73 até o n.86, v.1, p.341-346.

Olhos inflamados e com dores que não queiram obedecer a outros remédios obedecerão ao colírio, que chamo de milagre, que se achará no Trat. VI, cap.IX, n.1, v.2, p.558. E outro semelhante no Trat.III, n. 75, v.1, p.341.

Olhos com gota-serena se curam admiravelmente com os remédios que se apontam no Trat.VII, cap.XI, do n.1 até o n.9, v.2, p.606-609.

Olhos de embaúba

São soberanos os olhos desta árvore para fazer emplastos para curar quebraduras e deslocações. Trat.IV, cap.I, n.4, v.1, p.448.

Sinais de quem tomou ópio e com que remédios se lhe deve acudir. Trat.XI, n.18, p.2, p.672.

Oftalmia: veja-se olhos inflamados. Olhos quebrados: veja-se fraturas. Olhos deslocados: veja-se deslocações.

Ourinas [sic]

Quando as urinas estiverem suprimidas ou o doente urinar pouco, se remediará com o remédio particular que se aponta no Trat.VI, cap.V, n.1, v.2, p.553.

Quem tiver falta de urinar, ou seja por causa de esquentamento ou por outra qualquer causa, veja o Trat.III, n.55-56, v.1, p.335.

Ourina [sic] *com sangue*

Se proceder por causa de esquentamento, use-se do remédio no Trat.III, n.56, v.1, p.335 e, por outra causa, refresque-se o doente e veja-se a *Polianthea* do doutor Curvo, Trat.II, cap.LVI, v.1, p.335, aonde se acharão as várias causas por onde pode sair o sangue de mistura com a urina e os seus remédios.

Ouvidos

Estando com surdez ou zunidos, ou que deitem matéria, se curarão com os remédios que se apontam no Trat.III, do n.129 até o n.141, v.1, p.358-361.

Ouvidos com bicho dentro, mosca, água, grão de trigo, de feijão ou de milho, se curarão como se diz no Trat.III, n. 239, v.1, p.393.

Todos os remédios que se aplicarem aos ouvidos hão de ser quentes, exceto o espírito de vinho, porque todos os espíritos se aplicam frios. Trat.III, n.131, v.1,p.358.

P

Panarício

Para este achaque se acharão remédios bons no Trat.III, do n.152 até o ?.156, v.1, p.365-367.

Papos

Para esta doença mais comum nas Minas, em São Paulo e suas vilas, se acharão remédios bons no Trat.VII, cap.VIII, n.1, v.2, p.592.

Páreas

Tantas forem as crianças, tantas devem ser as páreas e remédios para se lançarem. Trat.III, n.296, v.1, p.417.

Parir

Veja-se o Trat.III, n.302, v.1, p.419, e n.368, p.440, e para fazer lançar páreas.

Paralisias, estupores ou ramo de ar

Para estas enfermidades são boas as purgas de rom. Trat.II, cap.II, n.16, v.1, p.289.

Para o mesmo ou resfriamento de pernas ou braços que estiverem esquecidos, um remédio muito bom que se achará no Trat.VI, cap.XI, n.1, v.2, p.559.

Outro remédio que sarou dois enfermos estando com braços e pernas esquecidos, que escusaram caldas. Trat.VI, v.2, p.560.

Pleurises

De que causas procedem. Trat.I, cap.I, n.2, v.1, p.230, e que remédio se lhes devem aplicar, ibid.

Pós específicos para os pleurises. Trat.III, n.244, v.1, p.395, e um remédio sobre todos quantos há, n.245, p.395, e n.246, p. 395 com razões boas. Ibid.

Peripneumonias

Diferem pouco dos pleurises e também a sua cura. Trat.I, cap.XXI, observação 7, n.12, v.1, p.279.

Pretos

Como são variáveis no que dizem, se tirem as suas informações com vagar e paciência por duas e três vezes, porque, perigando um,

o dinheiro dele posto em prata carrega outro. Trat.I, cap.XXI, observação 2, n.2, v.1, p.276.

São, de natureza, mais robustos que os brancos. N.14, p.280.

Os que são bons, quando dizem que estão doentes, estão meio mortos, e pela maior parte vêm a morrer. Ibid.

Os de nação Cobus e os Angola nas doenças são muito moles e, pelo contrário, os de nação Mina são muitos duros. ibid.

Preparantes

Estes medicamentos misturados com purgantes não convêm nas obstruções e razão por que. Trat.II, cap.II, n.3, v.1, p.28-283.

Pedra cordial

A que se acha no bucho de alguns veados que têm manchas brancas é singular contraveneno nas mordeduras venenosas, e muito cordial nas febres. Trat.XI, cap.II, n.6, v.2, p.674.

Pólipo

É tumor que nasce dentro no nariz e com que remédio se cura. Trat.III, n.111,v.1, p.353.

Pólvora

É bom contraveneno nas mordeduras venenosas, como se pode ver no Trat.XI, cap.VI, n.3-4, v.2, p.686-687.

Porco-espinho

O preço da sua pedra e as suas virtudes para que servem. Trat.III, n.241, v.1, p.394.

Porco-montês

Este animal tem simpatia com os cavalos porque, enquanto ele estiver debaixo deles, não darão um passo, ainda que os matem com esporadas. Ibid.

Pós cornaquinos

São excelentes para obstruções. Trat.II, cap.II, n.12, v.1, p.286.

De que constam os pós cornaquinos e que efeitos fazem. Trat.III, n.276, v.1, p.408.

Os pós contra gálico que têm curado muitos doentes. Trat.III, n.356, v.1, p.437.

Pós de cascas de ovo para curar feridas frescas e chagas. Trat.III, n.267, v.1, p.405 e Trat.VII, cap.XIV, n.1, v.2, p.616-617.

Pós de caroba do campo misturados com pós de pedra-lipes, mais ou menos segundo o estado da chaga, as cura eficazmente. Trat.VII, cap.IX, v.2, p.594.

Estes pós curam também as chagas podres. Trat.VII, observação, v.2, p.619.

Pós simpáticos

Os pós da simpatia curam os fluxos de sangue lançados em pano que esteja molhado no sangue do tal fluxo ou no instrumento que feriu. Proêmio. Trat.III, n.15, v.1, p.322.

Professores

Os da Cirurgia e Medicina se enganam com as enfermidades das Minas a cada passo. Trat.I, cap.I, n.1, v.1, p.229.

Pontadas

Algumas principiam por dores de cabeça, pescoço e ombros, a que muitos professores chamam reumatismos e se enganam. Trat.I,

cap.VII, n.2, v.1, p.241.

Purgas

As de resina de batata são universais e também capitais. Trat.I, cap.IV, n.3, v.1, p.235.

Estas purgas são as melhores que há para os pleurises das Minas. Trat.I, cap.VII, n.3, v.1, p.242.

Havendo sinais de lombrigas ou desconfiança que as possa haver, se misturarão nestas purgas alexi-fármacos contra elas, como se diz. Ibid.

Sendo a pontada com aperto se dará ao doente uma purga destas, a qualquer hora do dia ou da noite, porque só ela poderá livrar ao doente da morte. Trat.I, cap.XIII, n.2, v.1, p.251 e cap.VII, n.2, v.1, p.341.

Estas purgas e as de pós cornaquinos são maravilhosos nas obstruções, sendo os pós cornaquinos verdadeiros. Trat.II, cap.V, n.2, v.1, p.300.

As purgas de trociscos de Fioravanto também são boas nas obstruções, suposto não são tão boas por serem brandas; e as que hão de arrancar os humores das obstruções hão de ter fortaleza. Trat.II, cap.II, n.12, v.1, p.286 e cap.V, n.4, p.300, cap.VI, observação 3, em Domingos Francisco de Oliveira, n.5, v.1, p.315.

As purgas de rom, estando o rom em pedra, e fazer dele pós para purgar as mulheres que tiverem obstruções, são maravilhosas purgas, assim para a tal obstrução como para lhe fazer vir a conjunção, que sempre as obstrutas têm falta delas. Trat.II, cap.II, n.16, v.1, p.289.

Também estas purgas são boas para quem tiver paralisias ou ramo de ar. Ibid e cap.V, n.10, v.1, p.303.

As purgas de maná compostas são admiráveis em todas as enfermidades do peito . Trat.I, cap.XVI, n.2, v.1, p.255.

As purgas de jalapa são muito próprias para os humores gálicos e muito singulares para as queixas de juntas, quando há dores nelas. Trat.1, cap.IV, n.3, v.1, p.235 e cap.XVIII, n.6, p.261 e Trat.VI, cap.III, n.1, v.2, p.527-528 e observação 2, n.17, p.311, e observação 3, n.18, p.312 e observação 5, n.20, p.312, e observação 9-10, de Rafael Pires, n.29-30, p.317-318.

As mais purgas se acharão na cura das enfermidades nos seus tratados e capítulos

Q

Qualidade ocultas, simpatias e antipatias

Que coisa é qualidade e virtude oculta, simpatias e antipatias, que têm umas coisas com outras. Trat.III, n.203, v.1, p.381-382.

Quebraduras ou fraturas

Que coisa é quebradura ou fratura, como se conhece e como se cura. Trat.IV, cap.I, n.1, v.1, p.447.

As quebraduras ou fraturas sem ferida, como se curam. Trat.IV, cap.V, n.1, v.1, p.462-463.

As quebraduras ou fraturas com ferida como se curam. Trat.IV, cap.VI, n.1, v.1, p.473.

Quebraduras ou roturas das virilhas

Como se conhecerão e com que remédios se curarão. Trat.VII, cap.IV, n.1, v.2, p.580.

As que podem admitir cura própria. Trat.VII, cap.V, do n.1 até o n. 8, v.2, p.582-585.

Quedas

As quedas, pancadas, caída de alto ou aperto, com que remédios se curam. Trat.VII, cap.X, n.1, v.2, p.600-601.

Queijo

Com ele se faz um emplasto para durezas de juntas ou tumores duros em outra qualquer parte. Trat.III, n. 116, v.1, p.354.

Queimaduras de pólvora

Curam-se com os remédios que se apontam no Trat.III, n.157, v.1, p.367.

Queimaduras de água ou fogo

Curam-se admiravelmente com os remédios particulares que se apontam no Trat.III, do n.158 até o n.163, v.1, p.367-369.

Quinaquina

Sendo remédio amargosíssimo e tendo-se por certo para curar sezões, por qualquer descuido não aproveita, ou ainda sem ele; e o remédio que se manifesta é certíssimo e sem regimento, como se pode ver no Trat.VI, cap.I, n.2, v.2, p.516.

Queixas

As grandes não costumam obedecer senão a grande remédio. Trat.I, cap.XX, v. 1, p.263.

Sendo maiores de noite que de dia são indícios que sempre observei, pecarem mais em humores frios que quentes. Trat.I, cap.XXI, observação 6, n.2, v.1, p.274 e observação 7, n.3, p.276.

R

Raiz de butua

Esta raiz é grande contraveneno, desfaz os apostemas internos, bebendo-se o seu cozimento ordinariamente. Trat.XI, cap.II, n.9, v.2, p.675.

É singular para curar chagas do fígado e suas gretaduras, como se pode ver na receita que se manifesta, n.11, p.676 e uma observação.

Para chagas da boca que procederem de defluxos por causa quente, para pleurises, para faltas de conjunção, apostemas duros, erisipelas, dores de cólica, de barriga ou de estômago, câmaras de sangue, purgações da

madre, para toda a sorte de veneno, para a icterícia, o melhor remédio do mundo, para esquentamentos, para o parto, páreas e molas; e a mais preta é a melhor, do n. 12 até o n.14, p.676-678.

Raiz de capeba

Esta raiz tem as singularíssimas virtudes que se apontam para curar tantas enfermidades, como se pode ver no Trat.II, cap.V, n.11, v.1, p.303 e Trat.I, cap.XIII, n.1, v.1, p.251 e cap.XIV, n.2, p.252, onde se verão os grandes efeitos que faz para curar pontadas e para provocar a conjunção das mulheres.

Desta singular raiz se faz um lambedor de grande eficácia para os que lançam escarros de sangue. Trat.I, cap.XIX, n.2, v.1, p.263.

Veja-se uma advertência muito necessária no Trat.II, cap.V, n.1, 2 e 3, v.1, p.299-300, e duas observações em mulheres com obstruções, n.10, p.303, e outra observação em um homem, n.3 e n.6, p.300-301.

Veja-se também o Trat.VII, cap.I, n.1, v.2, p.567-568, e n.3, ibid, e uma observação em quatro escravos do autor, p.570.

Raiz de cipó chamada poalha, ou pacacoanha

Esta raiz é soberana para toda a qualidade de cursos, ou sejam com sangue ou sem ele, porque os cura certamente, aplicando-se como se apontam no Trat.VII, cap.XVII, n.7, v.2, p.629 e 630 e Trat.XI, cap.II, n.16, v.2, p.678, e contra os venenos.

Raiz da árvore espinhosa

É bom remédio para esquentamentos, cuja descrição se achará no Trat.III, n.51, v.1, p.334.

Raiz de gengibre

É tão singular para inchação de pernas e pés que fazem covas pondo-lhe os dedos, quer sejam modernas, quer antigas, como se pode ver no Trat.III, n.39, v.1, p.329, e n.43, p.330, e para mal de Luanda, Trat.III, n.247, v.1, p.396, e n.248, p.396 e Trat.XII, n.28, v.2, p.698-699.

Raiz de jabarandi [sic]

É muito bom remédio para dores de dentes. Trat.III, n.38, v.1, p.328, e para resfriamentos de bestas, n.143, p.361.

Raiz de jurubeba

É bom remédio para esquentamentos e fazer urinar. Trat.III, n.54, v.1, p.335.

Raiz de mil-homens

É bom contraveneno e para malefícios e dores de barriga. Trat.XI, cap.II, n.7, v.2, p.674-675.

Raiz de orelha-de-onça

É soberano para toda a casta de venenos, para malefícios e mordeduras venenosas. Trat.XI, cap.II, n.8, v.2, p.675.

Raiz de velame

É grande contraveneno para mordeduras venenosas. Trat.XI, cap.VI, n.3, v.2, p.686.

Rânula

É apostema ou tumor que nasce debaixo da língua e se cura, felizmente, com o remédio que se aponta no Trat.III, n.348, v.1, p.434.

Remédios no Tratado III

Receita de mel de tanque para curar obstruções. Trat.III, n.352, v.1, p.436.

Remédios para áreas dos rins, bexiga, chagas cancrosas e para conceber, n.375, v.1, p.442.

Remédio para chagas escorbutas de boca ou mal de Luanda, n.247, v.1, p.396.

Remédios para dores de dentes, arrancar os furados, para os tirar sem ferro, para tirar as suas dores infalivelmente e para curar feridas frescas, por grandes que sejam, do n.29 até o n.34, p.326-327.

Remédio para alimpar a limosidade dos dentes ou pedra que se cria neles, n.26-27, p.325.

Remédio para tirar negridão dos dentes, n.28, p.326 e como se preparam os pós do lagarto, n.35, p.328.

Remédios para tomar o fluxo de sangue dos narizes se acharão vários, do n.15 até o n.25, p.322-325.

Remédio para febres e para as malignas, n.65-67, p.338-339.

Remédio para feridas nos olhos, do n.77 até o n.79, p.342.

Remédios para dores de cólica, vários e experimentados, do n.145 até o n.151, p.362-365.

Remédio para inchação dos queixos por causa de dores de dentes, n.37, p.328.

Remédio para inchação de pernas, pés e tornozelos que faz covas pondo-lhe os dedos, n.39, p.329-334, com uma observação na própria pessoa do autor.

Remédio para as mesmas inchações, invento do autor, de que tem usado com bom sucesso, n.50, p.333.

Remédio para gonorréias ou esquentamentos, n.51, p.334.

Remédios para o mesmo e para fazer urinar os que têm muitas dores no princípio, do n.51 até o n.56, p.334-335.

Remédio para icterícia nos olhos, n. 86-87, p.346.

Remédio para névoas, cegos, cicatrizes e belidas nos olhos, do n.80 até o n.83, p.342-343.

Remédios para quando os olhos estiverem inflamados, n.84-85, p.344-345.

Remédio para impinges, n.70, p.340, e n.72, p.341.

Remédio para lançar a criança que estiver morta no ventre de sua mãe, e para lançar as páreas, e para não mover, do n.57 até o n.59, p.336.

Remédio para acidentes uterinos ou sufocação da madre, do n.61 até o n. 64, p.337-338.

Remédio para o panarício, do n.152 até o n.156, p.365-367.

Remédio para o bafo fedorento, n.210, p.385.

Remédio para os trateados não sentirem as dores. Ibid.

Remédio para tomar fluxo de sangue de artéria cortada, n.95, p.348.

Remédio para não sonhar, n.118, p.355.

Remédio para resfriamento de bestas, n.143, p.361-362.

Remédios para queimaduras de pólvora na cara e outras partes, para as de água quente ou fogo, para não empolaram e curá-las depois de chagas, certos e experimentados, do n.157 até o n.163, p.367-369.

Remédio para a asma, do n.164 até o n.176, com uma observação, p.369-373.

Remédios para os calos se tirarem sem risco da vida e para não tornarem a nascer, e para os das fontes, do n.182 até o n.189, p.375-377.

Remédio para chagas do membro viril e mais partes, do n.190 até o ?.192,p.377-378.

Remédio para os bêbados entrarem em seu juízo, n.206, p.384.

Remédio para quem tiver a barriga inchada por causa de flatos ou faltas de conjunção mensal, n.207, v.1, p.384.

Remédio para quem comer barro, o aborrecer para sempre, n.208-209, p.384-385.

Remédio para, quando alguma pintura estiver denegrida ou asseada, ficar como nova, n.215, p.386.

Remédios para tirar nódoas de vestidos e pingas de cera, n.216-217, p.386-387.

Remédio para afugentar as pulgas e piolhos, p.387.

Remédio para matar piolhos ladros, n.220, p.387.

Remédio para conservar fruta sem apodrecer, n.221, p.388.

Remédio para se acender fogo com dois paus, n.222, p.388.

Remédio para os amancebados se apartarem sem que a justiça os obrigue, n.224, p.389.

Remédio para as dores e as nódoas dos açoites, p.389.

Remédio para a diabética e que enfermidade é, n.211-212, p.385.

Remédio para as abelhas não morderem, p.385.

Remédio para o mal cheiro da boca, n.226, p.389.

Remédio para dor de ciática, n.227, p.389.

Remédio para rachaduras nos calcanhares, p.390.

Remédio para rachaduras nos bicos dos peitos, p.390.

Remédio para unhas leprosas ou sarnosas, p.390.

Remédio para quando alguma tripa dá volta, a que os autores chamam paixão ilíaca, ou miserere mei, do n.231 até o n.238, p.390-393.

Remédio para quando entra alguma coisa nos ouvidos, seja o que for, n.239-240, p.393-394.

Remédio para os que tiverem mau cheiro nos pés ou sovacos, n.243, p.395.

Remédio para o pleuris, pós específicos e experimentados, p.395.

Remédio para o mesmo, sobre todos quantos há, n.245, p.395.

Remédio para chagas escorbúticas, n.240, p.394. Remédio para hérnias nos testículos, que estejam duras como pedra, e para as humorais, n.240 até o n.253, p.394-398.

Remédio para quem tiver cursos, do n.254 até o n.263, p.398-402. Remédio para tosses muito antigas e arrotos contínuos, n.264, p.402. Remédio para feridas frescas, n.267, p.405.

Remédio para feridas ou escalavraduras, n.269, p.405.

Remédio para defluxões da cabeça, n.274, p.407.

Remédios que se aplicam por fora, comunicam suas boas ou más virtudes dentro, n.278, p.409.

Remédio certo e experimentado para chagas velhas que não querem obedecer a outro algum, n.364, p.439.

Resfriamentos

Que coisa é resfriamento, de que coisas procede, seus sinais e seus prognósticos. Trat.IX, do n.1 até o n.9, v.2, p.651-653.

Como se curam os mais leves, cap.I, p.653-655.

Como se curam os mais pesados, cap.II, do n.1 até o n.12, p.655-658.

Respiração

Respiração apertada por causa de pontadas pleuríticas. Trat.I, cap.XIII, n.1, v.1, p.250 e cap.XXI, observação 2, n.1, p.268 e Trat.II, cap.III, observação 1, n.1, v.1, p.292, observação 2, do n.1 até o n.4, p.293-294, por causa de obstruções, e notícia de vários enfermos que perderam a vida por causa de obstruções no fígado, sufocados da respiração, e Trat.III, n. 175, v.1, p.372373, por causa de asma sufocante, de que sarou o enfermo e se acabou de livrar das repetições, saindo das Minas, e Trat.XII, observação, n.21, v.2, p.697.

Reumatismo

Para esta doença é grande remédio a água da rainha de Hungria e outros. Trat.III, n.283-284, v.1, p.411.

Reumatismo se não deve chamar a todas as dores de ombros ou pescoço. Trat.I, cap.VII, n.2, v.1, p.241.

Romã

Sendo azeda é remédio certo para fazer parar os vômitos. Trat.III, n.346, v.1, p.434.

Roupa lavada

Esta se pode vestir em algumas doenças que se apontam no Trat.III, n.285, v.1, p.412.

Rouquidão de voz

Esta rouquidão, catarro e tosse se curam como se diz no Trat.III, n.345, v.1, p.433.

Ruibarbo

Com algumas purgas dele e com os mais remedios curou o autor umas câmeras continuas que procediam de uma obstrução no fígado. Trat.II, cap.III, n.3, observação II, v.1, p.293-294.

S

Sal

Sendo o sal do Reino e não da terra, é grande remédio para curar os tumores de humor frio que nascem nas costas das mãos, fazendo-se como se aponta no Trat.VII, cap.VII, n.2, v.2, p.590.

É também grande remédio para chagas podres e matar bichos de mosca-varejeira. Trat.VII, cap.XII, n.8, v.2, p.611-612.

É também grande remédio para dessecar inchação de humor frio. Trat.VII, cap.XVII, observação última, n.17, v.2, p.633.

Serve mais para curar os antrazes, Trat.VI, n.8, v.2, p.517.

Sangrias

Não convêm em escarros de sangue, a razão por quê. Trat.I, cap.XX, n.3, v.1, p.264.

Estas se devem fazer no braço e no pé juntamente nas pontadas, tendo o doente os sinais que se apontam no Trat.I, cap.XVI, n.1, v.1, p.254.

Devem se suspender, tanto que a febre declinar para melhora, pelos danos que causam. Trat.I, cap.XVI, n.2,v.I, p.255, e n.3, p.356.

Sendo no braço somente, tenho visto maus sucessos, e a razão por quê. Trat.I, cap.XVIII, n.2, v.1, p.259.

Dando-se as sangrias com excesso, fazem os gravíssimos danos que se apontam. Trat.I, cap.XXI, observação 7, n.9-10, v.1, p.*277-279*.

As que se fazem nas costa da mão para câmaras. Trat.III, n.259, v.1, p.400.

Sangrias não convêm nos avenenados, nem em mordeduras venenosas, e a razão por quê. Trat.XI, cap.II, n.18, v.2, p.678.

Também não convêm nos enchimentos de estômago, ainda que haja febre.

Sangue menstrual

Se o sangue menstrual é venenoso e que danos faz. Trat.XI, cap.VII, n.1, v.2, p.688.

Sangue

Lança-se sangue pelos narizes, boca, ouvidos, olhos, cano da urina e algumas vezes pelas unhas dos pés e mãos na mordedura da cobra de cascavel. Trat.XI, cap.V, n.1, v.2, p.682-683.

Sangue pela boca ou pelas outras partes

Estanca-se com o remédio particular que se aponta no Trat.VI, cap.IV, ?. 2, v.2, p.550.

Sangue pela boca ou tísica

Veja-se o Trat.VI, cap.X, n.1, v.2, p.559, onde se achará um remédio particular de uma fruta, há pouco descoberto, e para artéria cortada um remédio certo. Trat.III, n.95, v.1, p.122.

Sarna ou gafeira

A de bestas ou de cães de préstimo se curam certamente com o remédio que se aponta no Trat.III, n.287, v.1, p.413.

Saúde

Advertências para melhor se conservar a saúde nas Minas. Trat.1, cap.XI, n.3, v.1, p.249 e Trat.X, n.8, v.2, p.663.

Sebo [Ver Cebo]

Sipó [sic]

A raiz do cipó chamada pacacoanha, ou por outro nome poalha, é o único remédio para câmaras, ou sejam de sangue ou sem ele, como se pode ver no Trat.VII, cap.XVII, n.7, v.2, p.629 e 630.

Sinais com que algumas crianças nascem

Curam-se os sinais ou nódoas com os remédios que se apontam no Trat.III, n.288, v.1, p.414.

Sipreste [sic]

Como se semeiam, plantam e tratam. Trat.III, n.380, v.1, p.443.

Solimão

Quem tomou solimão se conhecerá pelos sinais que se apontam, e se remediarão os seus danos. Trat.XI, cap.I, n.6, v.2, p.668.

Sonhos

Os medonhos, em que se representam fantasmas, se curam como se diz no Trat.III, n.289, v.1, p.414.

Sonos profundos

Curam-se com a celebrada água anti-hidrópica. Trat.III, n.265, v.1, p.402-404.

Soros de leite

Como sejam de natureza fria e úmida, aplicando-se aos que têm febres e grandes calores para os refrescar, tendo obstruções, não só não tiram os tais calores, senão que se farão as obstruções maiores, e a razão por que. Trat.II, cap.V, n.4, v.1, p.300, e cap.II, n.2, p.282.

Sudoríficos remédios

A que doenças se devem aplicar. Trat.I, cap.I, n.2, v.1, p.229 e cap.XIV, n.1, p.252 e Trat.IX, cap.I, n.4, v.2, p.654-655.

Sufocação

Sendo por causa de alguma obstrução ou por hidropisia, são muito perigosas, como se pode ver no Trat.II, cap.III, notícias de vários

enfermos que perderam a vida, n.1, v.1, p.292.

A sufocação da madre por causa de vapores que dela se levantam, como se remedeiam. Trat.III, n.61, v.1, p.337 e n.62-64, p.338.

Sendo por causa de asma, como se remedeia. Trat.III, n.175, v.1, p.372-373.

Suores

São reprovados nos que têm falta de ouvir ou na vista, e a razão por quê. Trat.III, n.140, v.1, p.361.

São muitos necessários e o principal remédio para curar os resfriamentos, e quais serão estes remédios. Trat.IX, cap.I, do n.2 até o n.5, v.2, p.654-655.

Supressão da urina

As altas se curam com vomitórios e sangrias repetidas nos braços. Trat.I, cap.I, n.9, v.1, p.233, e Trat.VI, cap.V, n.1, v.2, p.553, onde se acha um remédio particular que o autor faz manifesto e duas observações, e também serve paras as carnosidades.

Surdez dos ouvidos

Para esta doença se acharão remédios bons no Trat.III, do n.129 até o n.141, v.1, p.358-361.

O autor se curou a si de uma surdez que lhe sobreveio logo que chegou às Minas com um remédio fácil inventado por ele, como se pode ver no Trat.I, cap.XI, n. 3, v.1, p.249.

Simpatias e antipatias

Simpatias e antipatias que coisas são e que diferença tem uma coisa da outra. Trat.III, do n.196 até o n.203, v.1, p.379-383.

Síncope

Síncope, acidentes apopléticos, ou uterinos são causa de ficar os doentes fora de seu sentido, caírem na água e estarem debaixo dela duas horas sem morrer. Trat.III, n.194-195, v.I, p.379.

T

Tabaco

Sendo em pó e misturado com azougue vivo e morto com saliva de pessoa que esteja em jejum, é grande remédio para matar piolhos ladros. Trat.III, n.220, v.1, p.387-388.

Espírito de tabaco é bom remédio para a alma. Trat.III, n.164, v.1, p.369.

Água em que se tiver cozido folhas de tabaco serve para lavar as chagas cancrosas e os cancros, e o seu fumo serve para curar as mesmas chagas. Trat.III, n.376, v.1, p.442.

Talpárias

Veja-se a observação 3 no Trat.VI, cap.III, n.18, v.2, p.312. Veja-se também uma advertência acerca das talpárias no mesmo Trat., n.33, p.540.

Testículos

Estando metidos em água fria e resfriados é grande remédio para estancar o fluxo de sangue do cano da urina, observação no Trat.VI, cap.IV, n.8, v.2, p.552.

Tisanas

Não se devem aplicar aos doentes que tiverem obstruções ainda que tenham grande calores, e a razão por quê. Trat.II, cap.V, n.4, v.1, p.300.

A tisana contra *morbum* se achará no Trat.III, do n.1 até o n.6, v.1, p. 319-320, e a de Madame Fouquet. Ibid.

Tristeza do autor

Achando-se o autor mui triste no princípio que chegou às Minas, vendo que morriam tantos escravos de pontadas e se perdia tanto ouro em tão poucos dias sem os poder remediar, o fazia ter grande pena, e o mais que se segue. Trat.I, cap.VII, n.1, v.1, p.241.

Tísicos

Aponta-se um remédio novo, ainda não escrito para este achaque. Trat.VI, cap.X, n.1, v.2, p.559.

Tosses

Como se curam as que são rebeldes. Trat.I, cap. XXI. observação 7, n.3, v.1, p.275.

Tosses com escarros de sangue se curam com o lambedor maravilhoso que o autor ensina a fazer, de que tem usado com feliz sucesso. Trat.I, cap.XIX, n.2, v.1, p.263.

Havendo escarros de sangue com tosse, se não sangre o doente, porquê, quantas mais sangrias tomar, mais sangue lançará nos escarros, e a razão por quê. Trat.I, cap.XIX, n.1-2, v.1, p.262-263 e cap.XX, do n.1 até o n.3, p.263-264.

Tosses e dificuldade na respiração por causa de pontadas se curam do modo que se aponta no Trat.I, cap.XXI, observação 6, do n.1 até o n.3, v.1, p.274-275.

Toupeiras

Os pretos, e também alguns brancos, que mineram por baixo da terra, uns em altura de cinqüenta, oitenta e mais cem palmos, outros em estradas subterrâneas seiscentos e setecentos, andam feitos toupeiras, e o mais que aí se verá. Trat.I, cap.I. n.2, v.1, p.229.

Transpiração

A transpiração ou o suor nas pontadas é muito conveniente e com que remédios se consegue; Trat.I, cap.XIV, n.1-2, v.1, p.252, e Trat.II, cap.II, n.11, v.1, p.286, e n.4, p.283.

Os proveitos da transpiração ou exercício se podem ver no Trat.II, cap.II, n.15, v.1, p.288.

O exercício de que procede a transpiração é a melhor âncora para salvar os obstrutos. Trat.II, cap.IV, n.3, v.1, p.299.

Tripas

Estando saídas fora, com que remédios se podem recolher. Trat.VII, cap.IV, do n.1 até o n.3, v.2, p.580-581, e Trat.III, do n. 231 até o n.238, p.390-393.

Trociscos

Os de Alaandal como se fazem perfeitos e para que servem. Trat.III, do n.292 até o n.295, v.1, p.416-417.

Os que se chamam vitae têm grandes virtudes, e para que servem. Trat.III, n.350, v.1, p.431.

Os de Fioravanto, para que servem. Trat.II, cap.II, n.12, v.1, p.286.

Tumores

Os duros como pedra com que se curam. Trat.III, n.204-205, v.1, p.383.

Para os que nascem nas costas das mãos, que são de humor frio, se achará um remédio particular, invento do autor, no Trat.VII, cap.VII, do n.1 até o n.7, v.2, p.589-591, e uma observação n.8. Ibid.

[U]

Urina

[Ver Ourinas]

Unguentos, Unicórnio, Unturas

[Ver em V]

V

Vaca

O seu leite, bebido com o calor natural, nutre os ressecados ou que estão magros, para se umedecer. Trat.II, cap.V, n.5, v.1, p.301.

Vaso natural

O da mulher cura o panarício por virtude oculta, e como. Trat.III, n.153, v.1, p.365-366.

Venenos

Quem tiver desconfiança de que lhe darão veneno, se preservará dele com os remédios que se apontam no Trat.XI, cap.I, do n.3 até o n.5, v.2, p.668-669.

Os venenos são mortíferos, segundo as suas qualidades e quantidades, cap.I, n.2, v.2, p.668.

Destas qualidades são os venenos, cap.I, n.5, v.2, p.669.

Sinais e remédios para quem tomou solimão, rosalgar, água-forte, cantáridas, napelo, miolos de gato e ópio, cap.I, do n.6 até o n.30, v.2, p.668-673.

Remédios químicos cordiais contra os venenos, cap.II, n.1, p.673.

Unicórnio da ave inhaúma, pedra de veado cordial, raízes do Brasil cordiais contra os venenos e mordeduras venenosas. Trat.XI, cap.II, do n.5 até o n.10, e do n. 15 até o n.18, v.2, p.674-678.

Os avenenados e mordidos de animais venenosos não se sangrem, e a razão por quê. Trat.XI, cap.II, n.18, v.2, p.678.

Os mordidos de cão danado com que remédios se lhes deve acudir. Trat.XI, cap.III, do n.1 até o n.11, v.2, p.678-681.

Os mordidos de víbora com remédios se lhes acudirá. Trat.XI, cap.IV, do n.1 até o n.2, p.681-682.

Os mordidos das cobras do Brasil com que remedios serão socorridos e que cobras são. Trat.XI, cap.V, do n.1 até o n.5, v.2, p.682-684.

Se o sangue menstrual é venenoso e que danos faz. Trat.XI, cap.VII, v.2, p.688.

No Brasil há uma cobra chamada sucuri, a qual assiste dentro dos rios e lagos fundos, que engole um boi inteiro, ficando só as pontas de fora. Trat.XI, cap.V, n.10, v.2, p.685.

Há também outra casta de cobra chamada jibóia que também assiste dentro da água e que danos faz. Trat.XI, cap.V, v.2, p.682-683.

Esterco humano, pólvora e enxofre como se experimentaram e souberam ser contra venenos. Trat.XI, cap.VI, n.4, v.2, p.687.

Os mordidos de cobra de cascavel que condição devem guardar, inviolavelmente, para escaparem da morte. Trat.XI, cap.V, n.1, v.2, p.682-683.

Para melhor segurança se devem guardar as mesmas condições nas mais mordeduras. Ibid. Trat., cap., n. e pag. ibid.

As cobras de cascavel tantos cascavéis têm no rabo quantos anos tem a cobra. Trat.XI, cap.V, n.9, v.2, p.685.

Ventosas

Ventosa de boca larga para atrair a coisa estranha que tiver entrado no ouvido. Trat.III, n.239, v.1, p.393-394.

Ventosa sarjada na mordedura do cão danado. Trat.XI, cap.III, n.3, v.2, p.679, e também para a mordedura das víboras, cap.IV, n.1, v.2, p.681-682.

Verrugas

As que costumam nascer nos cantos dos olhos ou nas pestanas se curam eficazmente com óleo de ouro, e com que condição se a aplica; e para os apostemas que nascem nos cantos dos olhos depois de rebentados, para não ficarem fístulas. Trat.V, n.16, v.2, p.495, e Trat.III, n.90-91, v.1, p.345, e n.340-341, p.432.

Vida

Atrasam-se os anos de vida com demasiado uso venéreo. Trat.X, cap.II, n.14, v.2, p.665.

Vinagre

Faz entrar os bêbedos em seu juízo. Trat.III, n.206, v.1, p.384. Serve para inflamações da garganta, misturado com o cozimento da excelente erva, chamada caruru de espinho. Trat.VII, cap.VI, n.1, v.2, p.585.

Vinagre esquilítico

Serve para firmar e confortar os dentes, estando abalados por causa do mal de Luanda, depois das chagas estarem sãs e não antes, nem havendo na boca chaga ou escoriação alguma. Trat.III, n.247, p.396, e n.36, p.328.

Vinagre rosado

Serve para epitema no coração. Trat.III, n.259, v.1, p.400.

Vista

Com que remédio se restitui a vista fraca ou perdida. Trat.III, do n.73 até 86, v.1, p.341-346 e Trat.VII, cap.XI, do n.1 até o n.9, v.2, p.606-608.

Ungüentos [sic]

Ungüento Egipcíaco como se faz e para que serve. Trat.III, n.96, v.1, p.349.

Ungüentos branco como se faz e para que serve. Trat.III, n.103-104, v.1, p.351.

Ungüento desopilativo de fumos como se faz e para que serve. Trat.III, n.105, p.351.

Ungüentos para dores em qualquer parte do corpo. Trat.III, n.108, v.1, p.352.

Ungüento molificativo para calos e que tira as dores. Trat.III, n.109, v.1, p.352.

Ungüento para as gretas dos bicos dos peitos e mais partes, que é certo. Trat.III, n.110, v.1, p.352.

Ungüento para o pólipo que nasce dentro no nariz. Trat.III, n.111, v.1, p.353.

Ungüento para diversas chagas. Trat.III, n.112, v.1, p.353.

Ungüento Egipcíaco para mal de Luanda. Trat.XII, observação em Francisco Ribeiro, n.21, v.2, p.697.

Unicórnio [sic]

O da ave chamada inhaúma é o verdadeiro e é singular contra veneno, a qual se acha no rio de São Francisco dos Currais da Bahia, como se pode ver no Trat.XI, cap.II, n.5, v.2, p.674.

Unturas [sic]

Com as unturas de açougue ficou um enfermo esquecido da cintura para baixo, de tal modo que se não tinha em pé, nem dava um só passo: caso estupendo; o qual, por conselho do autor, se recuperou nas Minas muitas melhoras e, ultimamente, pelo mesmo foi acabar de sarar em Pernambuco sem mais remédio que o tal clima. Trat.VI, observação dos doentes que não sararam do n.45 até o n. 51, v.2, p.544-546.

Os mais doentes se podem ver ali mesmo, do n.40 até o n.44, p.543-544.

Vomitórios

Não se apliquem a doentes que tiverem pontadas sem o inteiro conhecimento de ser procedida de enchimento do estômago, pelo perigo que tem de morrer o doente sufocado, e a razão por quê. Trat.I, cap.IV, n.1, v.1, p.234.

Não se dê a quem tiver dificuldade na respiração, pelo grande perigo que corre a vida do enfermo, e a razão por quê. Trat.I, cap.XIII, n.1, v.1, p.250, e cap.21, observação 3, n.1, v.1, p.270.

Vomitórios de tártaro emético nas Minas prova admiravelmente, e que quantidade de peso se pode dar dele. Trat.I, cap.IV, n.2-3, v.1, p.234-235.

Purga de resina sarou um enfermo que tinha uma pontada da parte esquerda, e como se conheceu ser causada de enchimento do estômago. Trat.1, cap.XXI, observação 4, do n.1 até o n.2, v.1, p.272-273.

Com um vomitório sarou outra pontada, como se pode ver no Trat.I, cap.XXI, observação 6, n.1, v.1, p.274.

Vomitórios são os primeiros remédios que se devem aplicar nas obstruções. Trat.II, cap.II, n.3, v.1, p.282 e cap.III, observação 3 em André Rodrigues Lima, n.1, v.1, p.294 e cap.V, n.1-2, p.299-300, e cap. VI, observação 3 em Domingos Francisco de Oliveira, n.3, v.1, p.313 e n.5-6, p.315.

Vômitos

Sendo ocasionados de purga com excesso ou por outra qualquer causa, se curam como se diz no Trat.III, n.346, v.1, p.434.

X

Xaropes

De xaropes não usou nunca o autor em pontadas para preparar os humores, só se contentava com fazer beber aos doentes a água de ordinário, cozida com qualquer delas. Trat.I, cap.IX, n.2, v.1, p.247.

Bebidas desobstruentes que se podem reputar por xarope preparantes para prepararem os humores das obstruções. Trat.II, cap.II, n.4, v.1, p.283 e cap.5, n.1, v.1, p.299.

Xaropes contra morbum para curar gálico, admiráveis e bem experimentados. Trat. VI, cap.III, n.2, v.2, p.528-529.

Xaropes preparantes traz o doutor Duarte Madeira e os boticários sabem muito bem. Trat.VI, cap.III, n.1, v.2, p.527-528.

Xaropes preparantes se podem dar dois cada dias nas causas gálicas. Trat.VI, cap.III, advertência acerca das talpárias e gomas, n.3, v.2, p.529.

Xaropes preparantes no Trat.VII, cap.VI, num.7, v.2, p.58-589, e cap.II, n.3, p.577-578 e observação 3 em Silvestre de Sousa, n.12,

p.381, e Trat.III, n.42, v.1,p.329-330.

Z

Zunimento de ouvidos

O que o autor padeceu em uma surdez se curou facilmente. Trat.I, cap.XI, n.3, v.1, p.249 e Trat.III, n.132, v.1, p.358.

LAUS DEO



1 - A normalização editorial se viu obrigada, aqui, a obedecer critérios outros, com o fim de manter a integridade do index existente no documento original, o que seria impossível se uma intervenção normativa tivesse sido feita, o que significaria

"organizar" um outro index. Foi mantida a posição dos descritores, embora sua seqüência alfabética não seja exata. Algumas palavras, quando, e somente quando, descritores (por exemplo, *Cebo, Sipreste, Ourina, Sipó)* tiveram sua grafia mantida, e a elas foram remetidas as palavras atualizadas através de remissivas. Mantidas também foram as variações de grafia que resultaram em mais de um descritor para a mesma palavra, como é o caso de *Ecterícias e Ictericias*. O texto dos verbetes, porém, foi atualizado conforme procedimento normativo adotado para todo o documento.

2 - No documento original está escrito: "A letra t. denota o tratado, o c. o capítulo, o n. o número, o p. a página," contrariando a anotação que segue a cada descritor. Procurando não alterar o corpo do texto, esta edição "corrigiu" o que parece ter passado despercebido à edição original, com a vantagem de, com esse procedimento, manter inalterado o texto do documento.

Glossário[1]

Observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do Erário Mineral, *de Luís Gomes Ferreira*.

Bruno Flávio Lontra Fagundes (Org.); Sérgio Goes de Paula (Org.); Ângela Pôrto; Júnia Ferreira Furtado; Roberta Cerqueira; Viviane de Lamare

Um glossário exato e completo que abrangesse todo o universo vocabular médico-cirúrgico do *Erário Mineral* seria trabalho de validade duvidosa. Isto porque a possibilidade de um tratamento rigoroso que trouxesse até o leitor atual todos e cada um dos significados estaria ameaçada pela própria maneira pela qual Luís Ferreira apresenta seus conhecimentos: ele fala para seus contemporâneos e conterrâneos, pressupondo-lhes certos conhecimentos então comuns a todos, dialogando com os saberes circulantes nas Minas da primeira metade do século XVIII. Remédio para cólica, por exemplo, são

> *os pós da casca grossa e amarela a que chamam nas Minas* para tudo, *e há bastantes paus dela, os quais são grossos e delgados com as folhas largas, e é este remédio tão vulgar em algumas partes, que até os pretos trazem estas cascas consigo para as ocasiões de suas dores de barriga, e as casas que dela têm notícia não estão sem ela, por ser tão prodigiosa…*

Para pontadas, recomenda *cozimento peitoral feito na botica, o qual os boticários sabem muito bem*. Os exemplos poderiam se multiplicar, e a simples leitura do texto de Luís Ferreira mostra a impossibilidade não só de um glossário completo - mesmo para quem tenha conhecimentos enciclopédicos (na própria acepção do termo) - como também a futilidade da tentativa, já que cada uma das

definições do autor está referenciada aos conhecimentos de seu próprio tempo e lugar.

Também a abrangência dos termos médico-cirúrgicos estaria sempre em falta, já que o *Erário Mineral*, mais que um livro de receitas, é também um livro de conselhos e opiniões, onde abundam as descrições miúdas e detalhistas, fala dos ofícios, dos instrumentos de trabalho, das práticas e dos hábitos das diversas camadas sociais. O *Erário Mineral*, como muitas vezes se disse, é um guia para o dia-a-dia do século XVIII mineiro e, no que aqui nos interessa, fica ampliado o universo vocabular para muito além do campo das doenças e de seu tratamento, alcançando o cotidiano daquela sociedade. Cotidiano nas suas minúcias, já que os ingredientes de suas receitas são, muitas vezes, retirados das cozinhas, das oficinas, das hortas e dos matos, ampliando notavelmente o número de palavras não triviais hoje em dia. Se acrescentarmos a isso a impossibilidade de definir o que é não trivial, temos um problema de bom tamanho: qual seria a expectativa mediana do leitor?

O problema cresce quando se pensa que, a despeito da aparente falta de rigor de Luís Ferreira, os cuidados com os significados já eram uma preocupação sua, como se pode ver nesta "Advertência muito necessária," capítulo X do Tratado I:

> *Se o doente for preto, ou branco rude, a informação que se tomar, se repetirá duas e três vezes; porque como é gente agreste e variável, agora dizem uma coisa, e tornando a ser perguntados, respondem outra, como a mim me tem acontecido com todos; e por folgar de acertar, evitar perigos e despesas, ou não fazer as enfermidades maiores do que haviam de ser, sempre quando tomo informações a esta casta de gente me ponho com toda a paciência; e, outrossim, primeiro que tome o pulso ao doente, converso com ele algum intervalo de tempo, e sempre lho tomo por duas e três vezes, por ter experiência certa de que assim que entro e o salvo, se assusta, levantandose se pode, compondo-se e salvando também, e*

> *neste princípio se lhe alteram os pulsos mais do que estavam de antes e do que ficam ao depois; e se não, faça cada um experiência, e verá se isto é certo como digo; e ainda digo mais, que não só nesta qualidade de gente é certo o que tenho dito, mas também em todos os mais, e a razão é: porque com a política das cortesias do Médico ou do Cirurgião, e com o sentido no que receitará, naturalmente se hão de alterar mais, ou menos*.

Considerando o que aparentemente pretende ser o livro - receitas, conselhos e procedimentos médico-cirúrgicos - o limite mais adequado pareceu ser algo como um *glossário de termos médicos, cirúrgicos, químicos efarmacêuticos*. Os outros termos que eventualmente aparecem e não são ingredientes ou parte dos procedimentos médicos é porque foram considerados, de alguma forma, relevantes para o entendimento da prática médico-cirúrgica de então. A distinção entre ambos os conjuntos, como se poderá ver, nada tem de clara, já que tanto a Cirurgia quanto o cirurgião estão completamente imersos em seu meio social, tanto em sua prática como nos recursos lingüísticos de que lançam mão.

Definido o universo do glossário, resta uma decisão: que definições serão apresentadas? Uma opção seria trazer o universo vocabular para o presente e, seguindo dicionários modernos, definir os termos e expressões segundo o saber atual. No entanto, mais uma vez somos ameaçados pela imprecisão, trazida pelo simples decorrer do tempo: muitos dos termos usados na obra não têm mais o mesmo significado.

Esse tipo de dúvida é particularmente difícil de solucionar quando se trata de nomes de plantas, cuja designação popular no século XVIII não é necessariamente a mesma que a dos tempos atuais; nestes casos, não só nos ativemos à orientação de apresentar apenas os termos e expressões relativos à Medicina e à Cirurgia, como resistimos à tentação da provável correspondência, e não fizemos qualquer tentativa de apresentar as definições científicas, dando ênfase apenas às características médico-farmacêuticas da planta,

mesmo quando extremamente imprecisa, dando valor à simples expressão "de uso médico".

Dessa forma, já que o rigor e a abrangência seriam objetivos impossíveis de alcançar, optamos por aceitar a imprecisão, mantendo-a, no entanto, no âmbito do universo da obra. E assim, ao invés de buscar as correspondências com a época atual, decidimos nos ater aos significados mais próximos possíveis daqueles usados por Luís Gomes Ferreira e usar dicionários contemporâneos ao *Erário Mineral*, resumindo, mas reproduzindo, a linguagem da época, para que o leitor atual tenha as mesmas referências que o público a quem se dirigia a obra. As exceções mais notáveis referem-se às unidades de peso, medida e volume, que foram apresentadas também com as correspondências com as unidades atuais.

O leitor verá que mesmo ros dicionários de então a idéia de precisão e rigor não é a mesma que a de agora, mas a imprecisão trará a compensação de nos informar sobre o modo de pensar da época; a definição de "centáurea" é um exemplo disso:

> *É erva de que há duas espécies, a centáurea maior e a centáurea menor. Estas duas ervas, ainda que semelhantes, são totalmente diferentes*.

Abrótea - Erva medicinal cujo talo é liso e da altura de um côvado,* tendo na parte superior uma flor amarela ou branca, a modo de estrela ou cetro.

Abstersivo - Medicamento que, reprimindo o fluxo de humor,* limpa, defeca e mitiga a dor da parte donde mana. Esta virtude tem o salitre, o mel etc.

Açafrão - Planta de cuja flor os estigmas são empregados como iguarias e usados em Medicina como estimulantes. Achaque - Disposição mórbida que se toma habitual e quase natural no sujeito. Acintro - Forma popular de absintio.

Acrimônia - Na medicina antiga, diz-se do estado de agudeza de humor picante que ofende a parte do corpo em que se acha.

Açúcar de chumbo - Alvaiade;* espécie de cal em que se converte o chumbo dissoluto por meio dos ácidos voláteis* do vinagre; *tb*. açúcar de Saturno.

Adstringente - Medicamento que provoca constrição, aperto, pressão.

Ad summun - *Expressão latina*. A parte máxima, o máximo, em maior quantidade.

Agárico - Excrescência esponjosa, a modo de cogumelo, que se cria na superficie dos troncos e ramos mais grossos de algumas espécies de árvores. Só o que se cria nos troncos dos lariços se pode tomar pela boca.

Agastamento - Cólera,* irritação nervosa dos órgãos dos sentidos ou do espírito; *v.g*. agastamentos do coração.

Agresta - Termo de Farmácia. O sumo das uvas verdes.

Agrimônia - Planta cujas folhas são curativas das mordeduras do cão danado* e possui fruto guarnecido de uns biquinhos agudos. Chama-se também eupatório, ou porque o rei Eupator foi o primeiro a fazer uso dela ou porque é remédio contra os achaques* do fígado.

Água aluminosa - Remédio em que há pedra-ume, inventado para curar chaga.*

Água benedita - Certa água purgativa. *Ver* purga.

Água ferrada - 1. Água em que se mergulhou em ferro em brasa; 2. Água em que se pôs uma brasa ou um pedaço de pão tostado ao forno para amornar.

Água da rainha de Hungria - Remédio composto de flores de alecrim colhidas pela manhã em tempo seco, sobre que, postas em vaso sem erva alguma, deita-se-lhe aguardente e destila-se, a fogo brando, pelo espaço de vinte e quatro horas e, ao sol, pelo espaço de três dias.

Água-forte - Água que naturalmente possui alguma virtude* medicinal. Ácido nitroso ou sulfúrico.

Água-rosada - 1. Águas artificiais; 2. qualquer dissolução em água pura ou infusão; 3. água destilada de rosas.

Água ruça - Certo líquido pardo que escorre da azeitona em pilha no lagar, antes de se fazer o azeite.

Ajuda - Laxativo, purgante; *tb*. mezinha

Alambre - 1. Goma* de algumas árvores que, rebentando do centro e saindo fora com abundância, se coalha; 2. O betume de certas fontes, grosso e resinento, o qual, chegando ao mar, com a força da água salgada se congela e aperta, de maneira que vem a fazer-se pedra; *v.g*. açúcar em ponto de alambre. O alambre atrai finas palhas e a razão desta atração é que as partes sutilíssimas e imperceptíveis da matéria, movendo-se por algum calor nascido da esfregação, saem por toda a circunferência, afastando de si o ar quanto lhes é possível; como vão diminuindo seu movimento ao mesmo passo que se apartam de seu centro, logo, mais fracas, são também repelidas do ar e, na volta que fazem, se pegam à palha ou a qualquer outro corpo leve com que topam no caminho; *tb*. carabé.

Alcanfor - 1. Goma* que sai de uma árvore de extraordinária grandeza que nasce nas Índias Orientais; 2. resina oriental aromática de cheiro muito forte, que faz chama e se desfaz em aguardente; tb.cânfora

Alcaravia - Erva de propriedades medicinais usada nos tratamentos contra gases intestinais cuja semente é mais comprida que a dos

cominhos, porém com o mesmo sabor deles, e que eram chamadas de carus, ou carum, nas boticas.*

Alegrar - Termo de Cirurgia. Raspar com alegra o casco, para que, depois de muito tênue e furado, possa o cérebro purgar* ou receber algum remédio; *tb*. legrar. *Ver* alegra

Alegra - Instrumento cirúrgico para raspar o casco; *tb*. legra.

Alexifármaco - Diz-se dos remédios que os antigos julgavam próprios para prevenir, corrigir ou destruir os maus efeitos dos venenos; *tb*. antídoto. Alfavaca - Gênero de plantas da família das labiadas, muito cultivada em jardins por causa do aroma e da beleza das flores.

Algália - 1. Licor* de cheiro muito suave que se cria em uma espécie de pequena bolsa nas virilhas do gato de Algalia; 2. instrumento de cirurgião, de forma canulada, usado para aplicar o cáustico* na cura das carnosidades, quando as candeias de cera e as tentas* de chumbo ou prata não bastam.

Aljôfar - 1. Todo gênero de pedra fina; 2. pérolas miúdas que se acham dentro das conchas que as criam; 3. gotas de água peroladas, normalmente do orvalho da manhã.

Almécega - Casta de goma* ou resina que auxilia o cozimento* e que, apertando as fibras do estômago, suspende o vômito; também aplicada externamente em óleos, ungüentos* e emplastos.*

Almíscar - 1. Sangue coalhado na bexiga de uma espécie de veados, cabras ou gazelas; 2. substância odorífera, de sabor amargo e cor amarela, que se extrai de uma bolsa existente no ventre do almiscareiro macho, mamífero ruminante. O caçador, depois de matar o animal, corta-lhe a bexiga, dela tirando uma posta de sangue coalhado do tamanho do ovo de galinha; põe-na a secar ao sol e se reduz a uma matéria leve, tornando a envolvê-la na bexiga para a conservar.

Almorreima - Tumor nas costas das veias ao redor do sesso,* cheias de sangue melancólico.

Alporca - Tumor esquirroso, de pequenas glândulas encerradas em membrana particular.

Alquitira - Planta e, juntamente, espécie de goma* medicinal, que os boticários chamam *dragantum gummi*. Altéia - Erva medicinal. *Ver* malvaísco.

Aluminosa - Coisa em que há pedra-ume* ou qualidades deste mineral; *v.g.*, banhos de caldas sulfúreas e aluminosas.

Alva de cão - O excremento dele, aliás, pós de jasmim, que se dava por medicamento aos bexiguentos. *Ver* bexigas.

Alvaiade - *Ver* açúcar de chumbo.

Amendoada - Emulsão com açúcar e delida em água, à base de amêndoas pisadas ou de pevides* de melão, melancia, etc.

Amolada - Água da caixa em que gira a pedra de amolar dos barbeiros.

Anáfega - Espécie de madeira de frutos doces; jujuba.

Anasarca - Inchação universal de todo o corpo, feita de humor mais grosso que a água, não muito grande na barriga, mas as pernas, braços e rosto estão inchados, luzidos e muito brancos e, metendo-se o dedo na carne inchada, faz covas.

Anélito - 1. Bafo, respiração; 2. vapor que exala de coisa quente, como o ar que os bofes* expelem.

Angelim - Árvore indiana da família das urticáceas.

Animoso - Cheio de ânimo, forte, valoroso.

Antérico - Gênero de plantas da família das liláceas, constituído de ervas de raízes fibrosas, folhas filiformes e flores dispostas em cachos.

Antimônio - Mineral de cor negra, cheio de veias brilhantes, a modo de ferro polido, que participa da natureza do metal e da pedra.

Antipatia - Repulsa orgânica que afasta uma coisa da outra.

Antraz - Termo de Medicina. Carbúnculo* malignado que lança as raízes para o coração.

Aparício - Ungüento de hipericão.*

Apósitos - 1. Ligadura que se faz aderir a um ferimento ou chaga; 2. Qualquer remédio que se põe num ferimento externo.

Apostema - 1. Tumor preternatural; * 2. coleção de pus subcutâneo; *tb*. fleimão, tumor, supuração, abscesso.

Apostemeiro - A lanceta com que se abrem apostemas.*

Apózemo - Termo de Medicina. Decocção ou cozimento* de várias raízes, folhas, sementes, flores etc. para expelir ou preparar os humores* para a purga;* *tb*. apózema.

Arasto - Arrastadamente, de rastos, rojando pelo chão.

Arca - No corpo humano, o peito, receptáculo das partes vitais; *v.g.*, peito, a arca dos membros espirituais. *Aracanum* - Expressão latina. O mesmo que arcano - Que encerra mistério, cabalístico, enigmático.

Arcano - Extrato ou sal que se tira do salitre* e caparrosa* que, destilados juntos, é chamado arcano duplicado e *sal de duobus*. Aristolóquia - Erva excelente para ajudar a lançar as páreas* e que, cozida com vinho, cura o mal de Luanda.*

Arrátel - Unidade de medida de peso correspondente a 459 gramas.

Arrobe - 1. Suco da uva em fermentação que serve para temperar vinho ou licores;* 2. vinho cozido ao fogo, com que se aduba outro vinho; 3.0 mesmo que a terça parte, porque o mosto, que é a matéria de que se faz o arrobe, fica na terça parte, minguado das duas.

Artemija - Erva de grandes propriedades medicinais, que auxilia a lançar as páreas* e atenua dores, confortando membros cansados de andar ou trabalhar.

Artética - Relativo à inflamação dos tecidos de uma articulação, sendo a gota aquela inflamação que dá nos nós dos dedos e nas juntas.

Ascite - Hidropisia* do baixo-ventre.

Assa-fétida - Termo de Farmácia. Suco de cheiro acre, a modo de alho, que se forma do licor* que se destila do tronco de uma planta cujas folhas se parecem com as da arruda, usado no tratamento dos achaques* histéricos.

Ateroma - Termo de Medicina. Espécie de tumor preternatural,* da cor do couro, que contém substância envolta em uma túnica membranosa, na qual, às vezes, se geram corpúsculos, como grãos de areia, mosquitos etc; é comprido e, levantando-o acima quando se aperta com os dedos, tarda em abaixar-se e, tirado, se levanta devagar.

Azebre - Erva da Arábia e Ásia, muito amarga.

Azougue - O mesmo que mercúrio.

Bacamarte - Arma de fogo de cano curto e largo.

Baeta - Tecido de lã utilizado para ornamentação de ambientes interiores; *tb*. tecido felpudo de lã, grosseiro, utilizado pelos mineiros nos serviços das canoas. *Ver* canoa. Baldado - Inútil.

Bálsamo - Licor,* óleo ou goma* aromático de propriedades medicinais. O bálsamo do Brasil, de grande estimação na Europa, saía de troncos de vegetais muito altos, cuja casca grossa era cortada, de preferência, na lua de março.

Bálsamo anódino - Bálsamo que tem a propriedade de acalmar ou fazer cessar as dores.

Bálsamo peruviano - Bálsamo proveniente do Peru, que sai de uma planta do tamanho da romeira e que dá folhas semelhantes às da urtiga.

Basilicão - Termo da Medicina. 1. Nome que se dava, antigamente, àquelas substâncias a que se atribuíam grandes propriedades curativas; 2. ungüento* supurativo muito usado na Farmácia.

Bate-folhas - Aquele que reduz a folhas muito delgadas um metal maleável. Bedélio - Goma* ou resina medicinal, a qual se destila de certas árvores da Arábia ou da Índia, cujas folhas são como as do carvalho.

Belida - Mancha esbranquiçada na córnea; *tb*. névoa.*

Beldroega - Erva da família das urticárias.

Bem assombrada - O que é ou está de boa aparência.

Bexiga - Doença que cobre a pele de bostelas* e que procede de sangue viciado, que, reconcentrado nas bostelas*, gera pequenos abscessos, com impressões corrosivas na pele, que nela deixa umas pequenas cicatrizes.

Bicho de conta - Pequeno crustáceo que vive entre pedras ou em lugares sombrios e úmidos, também chamado milípedes.

Bisma - O mesmo que emplasto.

Bicuíba - Árvore da família das miristicáceas, também chamada bocuba, de cujo fruto se extrai um óleo medicinal utilizado para

reumatismo.

Bezoártico - Termo de Medicina. Remédio em que entra pedra-bazar* ou qualquer outro gênero de antídotos.

Bochechas - Tomar na boca certo líquido, movendo-o.

Bofe - Parte interior, vital e nobre do animal, cuja substância é mole, leve, esponjosa e a modo de sangue coalhado. Está situado na cavidade do peito, no hipocondrio direito, debaixo do diafragma, em certa distância que lhe deixa livre o movimento. Divide-se em duas partes a que os anatômicos chamam lobos,* um largo e redondo, outro estreito e pontiagudo e separados um do outro por uma abertura por onde entra a veia umbilical; a estes dois lobos acrescentam um terceiro, situado na parte posterior do fígado.

Bolo-armênio - Torrãozinho ou pedaço de terra crassa e pesada, de cor avermelhada, extraída de cavernas da Capadócia, confinantes com a Armênia, donde tomou o nome. Há ainda o legítimo bolo-armênio, medicamento dessecativo, incrassante, repercuciente* e adstringente*, aromático, brando, sem areia e que, mastigado, se derrete na boca, como manteiga.

Bonico - Excremento miúdo do burrico e de outros animais.

Borragem - Erva que, condensando com seu suco os sais dos humores,* abranda as suas asperezas e as do sangue. Sua raiz lança umas folhas largas, quase redondas, um tanto picantes, peludas e ásperas ao tato. O talo tenro, oco, ramoso, inclinado para a terra sustenta umas flores azuis ou púrpuras, e algumas vezes brancas, sendo uma das três flores cordiais, e as sementes são negras e se parecem com cabeças de víbora. *Ver* cordial.

Bostela - Pequeno tumor na pele, causado de humor* acre e quente; *tb*. pústula.*

Boticas - Casas onde se vendem remédios e drogas medicinais.

Bouba - Doença venérea que começa, de ordinário, por um tumor da virilha chamado bubo.

Bucho - A parte mais carnosa do braço humano.

Buglossada - De buglossa. Planta medicinal; *tb. l*íngua-de-vaca.

Bulas - Letra pontifical, através da qual a autoridade eclesiástica concede graças espirituais.

Butua - 1. Raiz de tantas virtudes* medicinais que, conta-se, seria preciso um livro inteiro para explicar todas com os diferentes modos de aplicar e usar. Diz-se que o pó dela serve para apostemas* ou abscessos interiores, para o pleuris,* para pancadas ou quedas, para desinchar toda sorte de tumor, etc. 2. Planta trepadeira e medicinal de Angola.

Cabaça - O mesmo que cabaço, vasilha formada da casca inteira e seca do fruto de uma planta da família das curcubitáceas em forma de pêra.

Calomelano - Subcloreto de mercúrio empregado em medicina com purgativo anti-sifínítico.

Câmara - Alcova de dormir.

Camarento - Aquele que tem câmeras,* cursos,* diarréias. Câmera - Evacuação do ventre; *tb*. curso.* Camoesas - Nome de diversas variedades de maças.

Cana - Osso mais ou menos alongado de certas partes do corpo, especialmente do antebraço e da perna.

Canada - Medida de coisas líquidas, como vinho, azeite, etc., e que contém quatro quartilhos, ou seja, 1,4 1.

Canafístula - Grande árvore que dá fruto do mesmo nome, sendo sua polpa líquida eficaz para purgar* o estômago de humores coléricos. Planta laxativa, no Brasil existe uma espécie denominada

Cassia fistula brasiliana, que é muito maior e muito mais purgativa. *Ver* cólera.

Cancro - Tumor de matérias impuras, duro, redondo e escuro, que tem veias ao redor, cheias de sangue, manifestas ou escondidas, que parecem pernas de caranguejo; *tb*. câncer.

Cangalha - 1. Distrofia óssea; 2. enfermidade que faz as pessoas andarem de maneira estranha, abrindo muito as pernas; 3. pau para puxar parelha de bois pelo pescoço; *tb*. camba.

Canoa - Canal retangular com 1 a 1,5 m de comprimento, 0,5 a 0,7 m de largura e 0,1 a 0,6 m de profundidade, tendo o fundo inclinado no sentido da corrente da água, canal em que, na extremidade, eram colocadas baetas* ou couros* de boi que retinham, como filtros, o ouro carregado pela água lamacenta dos córregos e veios.

Cantárida - Insetos que têm virtude* de queimar e fazer bexigas* e que entram em preparados medicinais. Nascem de um humor* viscoso pegado a detenrminadas folhas, tendo pés e asas a modo de moscas compridinhas, de cor verde, luzidia, azul e dourada e têm muito mau cheiro. Há muitas espécies delas: umas são do tamanho de besouros e mais compridas, outras como pequenos escaravelhos, outras como vespas, etc. Nunca é bom tomá-las por boca, porque, por certa disposição de uma membrana inferior viscosa, se pegam à bexiga e, com picadas penetrantes e corrosivas, causam chagas* difíceis de curar.

Cão danado - Cão atacado de hidrofobia.

Caparrosa - Sal mineral congelado de uma água verde destilada das minas de cobre e que tem em si alguma virtude* metálica.

Capeba - Raiz amarga que produz tintura ou garapa amarga usada contra a hidropisia* no Brasil.

Caquexia - Estado em que todos os hábitos do corpo permanecem alterados. Carabé - Ver alambre.

Carbúnculo - 1. Antraz;* 2. Pedra preciosa a que a fama deu este nome com a falsa suposição de que luzia de noite, como carvão aceso; 3. rubi, ou outra pedra semelhante, da cor de sangue de boi, que de dia mostra um fogo denso e luz feito brasa.

Cardamomo - Planta da Índia, ou também da Arábia, que tem virtude* diurética, atrativa, cefálica e cardíaca e é um dos ingredientes da triaga.*

Cardo-santo - Planta de talo grosso, ramoso, meio curvo e meio direito, de folhas compridas, retalhadas, felpudas, guarnecidas de espinhos e quase da cor de folhas de borragem.* Da parte superior dos ramos saem umas folhas que formam uma espécie de capitel, e juntamente saem uns como ramalhetes de flores amarelas, às quais, depois de caídas, sucedem umas sementes compridas, pardas ou amareladas. O cozimento* do cardo-santo tira toda a imundície e supérfluo humor* do estômago.

Carimã - 1. Flor da farinha de pau que se deita nos caldos para incrassar* os humores;* 2. a farinha de uma raiz do Brasil a modo de nabo; *tb*. beiju.

Caroba do campo - Arbusto da família das bignoniáceas, também chamado jacarandá da serra.

Carrapata - Ferida que dura muito e que a princípio parecia fácil de curar.

Caruru - Espécie de planta espinhosa que dobra a folha e cujas espécies se prestam a preparados culinários medicinais.

Castóreo - Medicamento atenuante e cefálico que dissolve os humores* viscosos e é bom contra a surdez. São os testículos de castor dessecados na chaminé e guardados num lugar sem exposição ao sol. Além da bolsa externa, se acha outra, interior e pequena, que contém em si um licor* untuoso ou adiposo, que parece mel e que adquire consistência.

Catana - Arma, terçado, espada longa, ou faca comprida e larga.

Cataplasma - Papas medicamentosas que se aplicam diretamente sobre a pele ou entre dois panos.

Catártico - Que é purgativo, menos que os drásticos e mais que os laxantes.

Cato - Termo de Farmácia. Suco resinoso, extraído por decocção de certa árvore indiana; é adstringente,* aromático e corroborante. Cáustico - Termo de Cirurgia e Medicina. Medicamento corrosivo que consome a

carne, com sensação de abrasamento e queimação.

Cautério - Termo de Medicina. 1. Instrumento ou substância que se usa para queimar porção de tecidos orgânicos; 2.pequena úlcera, resultante da aplicação do cautério.

Cavalo - Chaga* nos órgãos genitais nascida de contágio gálico, contraído de fresco antes de se comunicar ao fígado; *tb*. ferida nos órgãos genitais.

Celamim - Medida de coisas secas, como trigo, cevada, grãos, etc., que equivale à décima-sexta parte de um alqueire. Cenrada - Cinza fervida em água a que se acrescentam, às vezes, ervas aromáticas. Centáurea - Erva de que há duas espécies, a centáurea maior e a centáurea menor, que, ainda que semelhantes, são totalmente diferentes.

Ceroto - 1. Ungüento* composto de cera, óleo, gomas* e pós dessecativos para confortar e fortificar os ossos quebrados; 2. emplasto* confortativo contra fraturas; o magistral tem virtude* para supurar, atrair, mundificar,* preservar, encher, consolidar e encourar* qualquer ferida ou chaga.

Cerusa - Termo de Farmácia. *Ver* alvaiade.

Cesura - Corte, talho, que propriamente se diz da fratura dos olhos da cabeça.

Chaga - 1. Solução de continuidade nas partes moles do corpo, causada por ferimento, contusão ou dilaceração, ou pela resolução de um tumor; 2. cicatriz.

Chaminé - As ventas.

Chapejar - Banhar alguma parte do corpo com qualquer líquido, lançando-lhe este em cima em pequenas porções e por vezes. Cia [Osso da] - Osso da bacia.

Cinábrio - Mineral utilizado na cura do *morbum* gálico em forma de fumos ou vapores que abrem todas as veias e poros* do corpo, extinguem o contágio, limpam as entranhas, comunicando sua qualidade pelos nervos ao cérebro, pelas artérias ao coração, pelas veias ao fígado.

Cirro - Termo de Medicina. Tumor duro preternatural* causado de humor* grosso e viscoso, de sorte que resiste ao tato, sendo de duas maneiras: um principiante e doloroso, quando se apalpa com força; outro, incurável, é confirmado e puro, cuja característica é não provocar sentimento de dor.

Coacta - Forçada; coagida.

Cocleária - Erva medicinal muito usada como antiescorbútico.

Cólera - Um dos quatro humores* do corpo humano. É a porção mais tênue do sangue, sendo sua natureza ígnea, quente é seca, ainda que úmida, como os mais humores,* mas tem virtude* dissecativa, como a água do mar; a cor é amarelada, o sabor um pouco amargo. A sua função é nutrir as partes com que simpatiza; *v.g*. os bofes,* que, para receberem mais facilmente o ar, têm substância tênue e esponjosa. *Ver* simpatia.*

Coloquíntidas - Erva que faz o ventre fácil, por causa de seu grande amargor. É planta indiana, que pelo chão estende muitas hastes, felpudas e ásperas, vestidas de folhas largas, recortadas e alvadias, particularmente por baixo. Dela saem flores amarelas, às quais se segue um fruto do tamanho da laranja mediana e quase redondo, coberto de uma casca luzidia, dura, lisa, amarela e verde.

Comedeiras - Pessoas interesseiras, que aproveitam os ensejos de lucro fácil e ilícito; *tb*. ladroagem.

Companhões - Testículos.

Confeição - Medicamento composto de várias drogas medicinais.

Confeição amech - Termo de Farmácia. Chama-se amech, de Hamec, seu inventor, antigo médico árabe. Confortativo - Próprio para confortar ou fortificar.

Constipar - Termo de Medicina. Situação em que os poros* ou outros meatos* do corpo se cerram e se apertam

Contusa(o) - Que sofre contusão.

Contusão - Lesão produzida no tecido vivo pela pancada de um corpo duro, sem rompimento de pele. Convelir - Abalar fortemente por convulsão.

Copaíba - Planta do Brasil que têm as folhas espessas e miúdas, umas redondas, outras ovadas. Utilizada como medicamento, cura as pessoas que são doentes da alma, as dores da bexiga e as inveteradas do estômago. É muito boa para o mal do fígado, dentre outros; *tb*. copaúba.

Cordial - 1. Remédio para o coração; 2. remédio que conforta; 3. medicamento que aumenta o calor do corpo e a ação do estômago e do coração.

Coroa-de-rei - Erva com flores pequenas, amarelas e umas bolsinhas cheias de pequenos grãos vermelhos de bom cheiro, da qual se faz, nas boticas,* emplasto* que amolece e resolve os inchaços do fígado.

Corrobante - Que fortifica.

Corrupção-do-bicho - Doença comum no Brasil colonial que atacava o intestino reto, causando grande alargamento e ulcerações.

Costela mendosa - Das doze costelas de cada lado do corpo humano, mendosas são as cinco costelas mais baixas de cada lado, as quais não chegam até os ossos do meio do peito; são imperfeitas e acabam em umas cartilagens, com que se conglutinam.

Couro - 1. Pele; 2. pele espessa e dura de certos animais.

Côvado - Unidade de medida linear correspondente a 66 centímetros.

Cova do ladrão - A nuca.

Cozimento - 1. Expressão de boticário: o modo de cozer ou dispor o medicamento com a virtude* e calor do sol ou do fogo; 2. humor* que o calor natural ou algum medicamento digere; 3. digestão; 4. remédio de ervas ou outras drogas cozidas em água para se beber.

Crasso - Grosso, espesso.

Cremor tartari - *Expressão latina. Ver* tártaro; *tb*. cremor tartáreo.

Crocus martis - *Expressão latina. Ver* açafrão.

Crueza - Matéria indigesta.

Cubeba - Gênero de arbusto da família das piperáceas, semelhantes às pimenteiras, origiário da Índia Oriental e dotado de propriedades excitantes.

Cutilada - Golpe de cutelo, sabre ou espada.

Cursar - Lançar do ventre para baixo.

Curso - O movimento apressado de fluidos e líquidos; *tb*. câmera. Decúbito de humor - Termo de Medicina. Deitar* humor.* Defluxão - Correnteza de humores.* *Ver* estilicídio. Degoladouro - Sangria.

Deitar - 1. Lançar fora de si; 2. fazer cair ou sair; 3. entornar, verter.

Delíquio - 1. Fazer-se líquido; 2. estado de um corpo que, de sólido, tornou-se líquido pela ação da umidade do ar. Desalterar - Fazer cessar a alteração.

Descarga - 1. Descarga de humores, *v.g.*, descarga que dá algum alívio; 2. descarga de matéria ruim. *v.g*. descarga com sangrias.

Desinçar - Destruir, extinguir, exterminar, falando em bichos que se multiplicam muito.

Desmancho - Desordem, confusão; *v.g.*, desmancho nos costumes, desmancho no gostos do corpo, desmancho no comer ou no beber. *Ver* desmanchos de mulher.

Desmanchos de mulher - 1. Parto imperfeito, aborto; 2. desarranjos e abusos sexuais.

Destemperar - 1. Diz-se do líquido cuja força alcoólica, sabor acre ou temperatura se alterou pela mistura de água ou de outro líquido, *v.g.*, destemperado em algum licor,* vinagre destemperado em água; 2. relaxar; *v.g.*, destemperar as tripas, destemperar o estômago.

Diaforético - O medicamento que com o calor mais ativo que os remédios rarefativos dissipa insensivelmente o humor* impacto na parte, convertendo a matéria em vapor e exalando por transpiração.

Diagrídio - Solução medicinal a base de enxofre que entra na composição da escamônea* preparada.

Diapalmo - Termo de Farmácia. Emplasto* dessecativo de vários ingredientes, o qual se mexe com espátula de palma e tem em si, enquanto se está fazendo, alguns trociscos* de palma.

Discutir - Dissipar, diluir; *v.g.*, discutir flatos.*

Dormideira - Espécie de papoula que tem qualidade sedativa e narcótica.

Douradinha - Erva medicinal, assim chamada porque parece cor de ouro quando lhe dá o sol.

Douradores - Oficial que dá cor de ouro a algum metal branco.

Edema - Termo de Medicina. Tumor mole, alvadio e sem dor que, comprimido com os dedos, faz cova.

Eirogo - O mesmo que eiró, fígado de enguia.

Eletuário - Termo de Farmácia. Confeição* medicinal para purgar.*

Embrocação - Termo de Medicina. Medicamento líquido, ou banho, com que se umecta a parte afetada com pano molhado em algum licor,* esfregando e cobrindo a dita parte com o dito pano.

Emético - Que provoca vômito.

Emoliente - Remédio que tem a propriedade de amolecer, de modificar ou de abrandar a inflamação. *Ver* molificativo.

Empiema - Termo de Medicina. É, na cavidade do peito, uma congestão de matéria que afoga o bofe.* Ajunta-se esta matéria depois de uma esquinência,* de uma pneumonia e, mais freqüentemente, de um pleuris,* porque, a qualquer doença em que não fica o peito bem limpo por via do escarro, se forma um apostema* que, abrindo-se, deita as matérias que nele se contêm, na cavidade do peito.

Emplasto - Medicamento exterior, de substância sólida e glutinosa, composto de vários simples* ou drogas, amassadas num corpo.

Emplasto Filii Zacarias - Emplasto que fortifica ossos quebrados.

Empola - 1. Tumor redondo, fofo e transparente que se forma na superfície da água ou de qualquer outro licor;* 2. bolha formada por derramamento de serosidade entre a derme e a epiderme.

Encarnativo - Termo de Cirurgia. Atadura encarnativa é a que se faz apertando sobre o lugar ferido e juntando os lábios da ferida para que encarne e cicatrize.

Encasar - Encaixar em outro osso um osso, que é como a sua casa; *v.g.*, encasar um osso.

Encrassante - O mesmo que incrassante.*

Encourar - Formar cicatriz em ferida depois de encarnar.

Engos - Planta em tudo semelhante ao sabugueiro, sendo menos alto. As folhas têm um cheiro mais forte, servem para fomentar* e têm virtude para discutir,* resolver* e fortificar os nervos; são remédios para ciática, paralisia*, etc.

Erva-do-bicho - Planta medicinal, poligonácia, o mesmo que acataia.

Enxúndia - Banha ou gordura das aves.

Erva-pulgueira - Erva assim chamada porque sua semente se parece com uma pulga ou porque dela fogem as pulgas; é veneno frio.

Erva-santa - Planta de cheiro forte chamada de tabaco.* No princípio de sua introdução na Europa, teve o tabaco* muitos nomes e suas prodigiosas virtudes* lhe granjearam o nome de erva-santa. Lança um talo da grossura do dedo polegar, redondo, felpudo, cheio

de uma matéria branca; as folhas são de um verde esmaecido, pegajosas ao tato, um pouco pontiagudas.

Escabiosa - Erva sudorífica, cordial,* peitoral que resiste a veneno.

Escalados - Ventres cortados, rasgados. *Ver* escalar.

Escalar - Cortar, rasgar, com espada, faca ou outro instrumento.

Escamonea - Erva purgativa que produz, de uma raiz comprida e grossa, muitas hastes compridas e delgadas que se pegam e se abraçam com plantas vizinhas. Boa para evacuar os humores* coléricos, acres, serosos, melancólicos ou tartarosos.

Escorcioneira - Erva com talo redondo e oco que dá folhas muito compridas e ramalhetes de flores azuis ou amarelas. É ótimo remédio contra a peçonha do sapo e mordeduras de víboras e serpentes.

Escrófula - *Ver* alporca.

Escrópulo - Unidade de peso equivalente a 24 grãos,* ou seja, 1 1/8 g. Esfalfamento - Condição de muito cansaço, de quem apenas pode tomar fôlego. Esforçar - Reforçar, fortalecer com alimento, exercício.

Esmeralda - Pedra fina, diáfana, de um verde muito agradável à vista que vedam os fluxos do ventre e as hemorragias, temperando a acrimônia dos humores;* para estes efeitos se tomam por boca, depois de bem moídas.

Espasmódico - Relativo a espasmos, que são contrações involuntárias e convulsivas dos músculos, em especial dos que não obedecem à vontade e que presidem à vida orgânica, como os do estômago, os do intestino etc.

Espermacete - Termo de Farmácia. 1. Esperma da baleia. Alguns boticários chamam esperma ou semente de baleia aos miolos do

dito peixe, tirados do crânio; esta substância branca e oleaginosa serve para umectar e com ela se fazem remédios emolientes* e resolutivos;* 2. substância usada nos emplastos* e ungüentos* para abrandar as durezas dos peitos e nas ajudas* para disenterias.

Espinhela - Nome vulgar do apêndice cartilagíneo do esterno ou apêndice xifóideo.

Espinhela caída - Expressão inexata com que se nomeia a dor no externo, causada por doença ou fadiga.

Espircanardo - Planta grammínea, aromática.

Espírito - 1. Líquido de propriedade medicamentosa resultante da destilação do álcool em substâncias aromáticas; 2. parte mais sutil e mais pura extraída de substância sólida ou líquida por destilação ou por outro modo.

Espírito de vinho - Aguardente, muitas vezes retificada ou destilada. Conhece-se a sua perfeição quando, deixada cair uma gota dele, esta gota, em lugar de cair no chão, se desvanece no ar, ou quando, depois de se pôr fogo a um pouco de espírito de vinho com pólvora, ele se consome todo, sem deixar sinal.

Esquilítico - Aquilo em que entra esquila, espécie de planta, também chamada cebola albarrã.

Esquinência - Termo de medicina. 1. Afeto que, tapando com a inchação dos músculos do esôfago o caminho por onde vão a comida e bebida ao estômago, e impedindo a entrada e saída do ar pela artéria, sufoca e mata; 2.doença que aperta a laringe e faringe e impede o engolir e o respirar.

Esquírola - Termo de cirurgia. Fragmento de osso, como sucede nas fraturas quando nelas fica algum pedaço do osso quebrado.

Esteatoma - Tumor de matéria grossa.

Estilicídio - Humor* que desce da cabeça e que cai no peito.

Estítico - Termo de medicina. Que tem virtude* adstringente.*

Estoraque - 1. Bálsamo que varia de consistência e que exala um cheiro agradável, semelhante ao do ácido benzóico; 2. Arbusto que produz este bálsamo e pertence à família das estirácaceas.

Estupor - 1. Cessação ou suspensão das funções animais; 2. adormecimento de alguma parte do corpo, por causa de humor* cru e frio; 3. falta do perfeito sentimento e princípio de paralisia.*

Eufórbio - Planta de que sai dela, por incisão em bocadinhos, uma goma amarela, friável, tão acre que queima a boca. Tomado por boca, pode fazer muitos benefícios, mas com risco de causar inflamação nas entranhas, sendo o mais seguro usar dela em óleos, emplastos* e ungüentos;* as suas principais virtudes* são atenuar, deterger e resolver.* Deriva o nome de Eufórbio, médico de el-rei Juba, que foi o primeiro que introduziu o uso dele e com ele sarou a Augusto César, cujo médico era Musa, irmão de Eufórbio.

Evacuação - Termo de Medicina. Descarga de humores,* excremento ou sangue supérfluo das veias.

Exangue - Que perdeu o sangue.

Exercício - É o movimento que se faz com algum trabalho, por cuja causa se apressa a respiração.

Expressão - Ação de espremer, comprimir frutos.

Família - Conjunto de criados, empregados e serviçais que vivem debaixo de um mesmo teto e servem a um mesmo senhor; fâmulos.

Fatos - As roupas do corpo.

Fazer obra - Termo de Medicina. Significa "fazer efeito". Fedegoso - Planta leguminosa cujas sementes torradas parecem café. Feitio - O

resultado do trabalho do artista, o seu lavor; forma e configuração. Felga - Pigarro.

Ferrado [da criança] - Humor* negro e denso, de cor férrea e como matéria ferrugenta, que a criança deita depois de a parteira abrir o sesso.*

Féveras - 1. Filamentos, pequenas fibras vegetais; 2. espécie de fios de came que se acham nas extremidades do fígado e dos bofes.*

Fezes-de-ouro - Ungüento* branco cru. *Ver* litargírio.

Flato - Vapor crasso e preternatural* no corpo.

Fleumão - Termo de Medicina. Significa o mesmo que fleimão, inflamação do tecido celular ou conjuntivo. Fleumático - Um dos humores* do corpo humano, pachorrento, impassível. Flores de enxofre - As partes mais sutis de alguns minerais que, com o fogo, se levantam e se pegam ao mais alto do alambique.

Fístula - Termo da Medicina. Conduto acidental, estreito e alongado, que dá passagem a pus ou líquido de secreção ou excreção, desviado das vias naturais.

Fomentar - Aplicar repetidas vezes algum remédio úmido e quente sobre a parte do corpo que dói.

Fragária - 1. O mesmo que morangueiro; 2. Morango bravo.

Formigueiro - Enfermidade cutânea, comichão entre o couro* e a carne, que, de ordinário, ataca os pés e as mãos; também ataca cavalos.

Frialdade - Qualidade fria, cujas três propriedades são fazer parar, consolidar e condenar.

Frotas - Regime de comércio estabelecido entre Brasil e Portugal, em que as naus, reunindo-se em um dos portos, a certa época do

ano, atravessavam juntas o mar oceano em direção à metrópole.

Fular - Pisoar; trabalhar o pano com o pisão, batendo-o bem ao tecer para ficar bem tapado.

Fuligem - Termo de Medicina. Vapor que, de excrementos adultos, se levanta à cabeça para nutrição dos cabelos, sendo algumas más.

Fumo verde - *Ver* erva-santa.

Funda - Utensílio ortopédico para conter quebraduras.

Fúrcula - Osso que da parte do peito se encaixa em cada ombro e o faz estar mais firme; *tb*. azilha.

Furo - O rompimento do tumor; *v.g.*, vindo a furo.

Furúnculo - A borbulha ou espinha carnal, ou espécie de apostema* pequeno, exterior, que procede do calor do fígado. Fusco - Escuro, pardo.

Gafeira - 1. Sarna do cão, espécie de lepra; 2. mal que dá nas cabras, pelando-as e matando-as.

Galanga - Raiz cheirosa medicinal, procedente da China ou da Ilha de Java. Galbano - Planta da família das umbelíferas que produz uma resina medicinal. Gálico - O mesmo que sífilis.

Garrotilho - Certa enfermidade do sangue, que ataca a garganta impedindo a respiração.

Geminis - Emplasto* para encourar que resolve apostemas* pequenos de humores* frios; são mais brandos que o diapalmo*. Ver encouradas.*

Genciana - Erva medicinal cuja raiz é atenuante, aperitiva, alexifármaca e sudorífica; mata as lombrigas, resiste ao veneno, é boa contra as mordeduras do cão danado,* provoca a urina, lança fora as febres intermitentes etc. *Ver* alexifármaco.

Goma - Humor* viscoso que sai de algumas árvores e se endurece, variando seus diferentes nomes conforme as diferenças das árvores donde saem. Todas as gomas são emolientes* e resolutivas.*

Gota - Termo médico. Doença que afeta o organismo inteiro, especialmente as articulações que ficam vermelhas e inchadas.

Gota-coral - Convulsão de todo o corpo e um recolhimento, ou atração, dos nervos, com lesão do entendimento e dos sentidos, que faz com que o doente caia de repente. Procede este acidente da abundância dos humores* neumáticos* corruptos que, enchendo subitamente os ventrículos anteriores do cérebro e recolhendo-se o cérebro para expulsá-los, atrai para si os nervos e os músculos, ficando o doente sem movimento, como se estivesse morto. Os médicos chamavam a gota-coral epilepsia, enquanto o popular, porque acreditava a convulsão ser uma gota que caía sobre o coração, registrava-a com o nome de gota-coral.

Gota-serena - O mesmo que amaurose; enfraquecimento ou perda completa da vista, sem lesão alguma do aparelho visual, nem obstáculo nenhum à passagem dos raios luminosos. Também chamada catarata negra.

Gral - Almofariz de louça ou de vidro com que, nas farmácias, se misturam os medicamentos.

Grão - Unidade de peso nas boticas.* 24 grãos fazem um escrópulo.* Equivale a 49,6 miligramas.

Gravação - Sentimento de dor, que produz inércia ou pachorra.

Heléboro - Antigo nome de várias plantas que se supunha curassem a loucura.

Herpes - Afecção da pele. Há varias especies: o corrosivo, ou ambulativo de empolas* e pequenas bostelas,* faz chagas* que sempre vão crescendo; o *milliaris*, que faz alguns grãos como milho, por outro nome *formica;* o puro, que se faz de cólera* pura,

compreendendo somente a cutícula que está sobre o couro* e é propriamente uma inflamação colérica.

Hético - Aquele que tem febre hética, a febre habitual pegada nas partes sólidas do corpo, como as partes nervosas e carnosas; por estar fixa nestas partes a febre se chama habitual.

Hidrópico - O doente de hidropisia.*

Hidropisia - Inchação ou tumor preternatural* do ventre ou das pernas, ou do corpo todo, causada de uma água intercutânea quando não há boa sanguificação no fígado.

Hipericão - Gênero de plantas lenhosas ou herbáceas.

Hipocondríaco - Aquele que, pelas fumaças e vapores que lhe sobem ao cérebro, anda melancólico e quase fora de si.

Hissopo - Planta medicinal da família ds labiadas.

Humor - 1. Substância líquida nas plantas ou nos corpos dos animais. A Medicina entende por humores não apenas os quatro humores do corpo, como são o sangue, fleuma, cólera e melancolia, mas todas as mais umidades, como o leite, o esperma, a saliva, as lágrimas, o soro do sangue etc; 2. toda substância fluida que gira e circula nos vasos de um corpo organizado, como o sangue, o quilo, a linfa.

Ilharga - 1. Lado do corpo humano desde os quadris aos ombros; 2. cada uma das partes laterais e inferiores do baixo-ventre.

Impingem - Bolsa seca que se estende e vai lavrando, pouco a pouco, pelas partes cutâneas do corpo humano. Procede de humores* salgados, tênues e sorosos, misturados com os melancólicos e expulsos pela natureza para a superfície da pele; quando a aspereza e comichão é excessiva, com escamas ou caspas grossas, é mais lepra.

Incidir - Termo de Medicina. Fazer os humores* mais tênues e gastá-los pouco a pouco.

Incisão - *Ver* incidir.

Incrassar - Termo de Medicina. Engrossar; *v.g.*, incrassar os humores,* os espíritos.*

Infeccionar - Fazer infecto, insalubre e pestilento; *v.g.*, infeccionar os ares.

Infundir - Termo de Medicina. Deitai * de infusão, pôr de molho algum misto, planta ou outra coisa em água, ou outro licor,* para tirar dela o sumo.

Inhaúma - Nome comum a diversas espécies de aves brasileiras.

Intercandência - Falta de continuidade, interrupção.

Iva artética - Erva artética.*

Jaborandi - Planta medicinal do Brasil, especialmente boa para dores de dente; *tb*. jabarandi.

Jalapa - Nome comum a várias espécies de plantas do Brasil, da família das convolvuáceas, cuja raiz é aplicada como purgante drástico.

Juá-bravo - 1. Planta da família solanáceas, também chamada jurepeba; 2. Fruto do juazeiro; 3. Juá-bravo é também chamado arrebenta-cavalos.

Juqueri - *Ver* caruru.

Labaça - Planta de talo avermelhado, de folhas pontiagudas e cuja raiz é emoliente.*

Ladino - Escravo capaz de falar a língua portuguesa e que dominava um ofício.

Lagarto [do braço] - 1. Músculo grosso dos braços e das pernas; 2. a polpa da carne entre o cotovelo e o ombro.

Lambedor - 1. Composição farmacêutica, de mediana consistência, assim chamada porque o enfermo, que a deixa ir deslizante pouco a pouco pela garganta, não o bebe propriamente, mas, em certo modo, lambe-o; 2. xarope* medicinal feito de açúcar dissolvido em suco de flores ou frutos.

Langanho - Coisa pegajosa, cheia de carne de má qualidade.

Languinhento - Fraco, sem firmeza e vigor.

Laranjinha - Espécie de jogo popular.

Láudano opiado - Termo de Farmácia e de Química. Extrato de ópio, preparado com vários ingredientes e corretivos que o fazem útil à saúde. Concilia o sono, mitiga as dores, veda toda a evacuação* imoderada, e é admirável para frenesis, manias e toda a casta de fluxões violentas, principalmente as que caem no peito e ofendem os bofes.* A base dos ingredientes da composição do láudano é o ópio, acrescido de outros como o extrato de açafrão,* magistério* de pérolas e corais feito sem corrosão, óleo de cravo e âmbar, tudo preparado a modo de eletuário* mole.

Laus Deo - *Expressão latina*. Louvado seja deus.

Lenimento - 1. Medicamento que mitiga dores; 2. Aquilo que embrandece, suaviza também se escreve linimento.

Leônica [veia] - Veia debaixo da língua, que os barbeiros sangram na esquinência.* As veias leônicas são duas.

Lequinos - Termo de Cirurgia. São fios juntos, feito mechas, que, a modo de caroços de tâmaras, se metem nas chagas* e feridas para não se cerrarem mais depressa do que convém. Grafia atualizada de lechinos/lichinos.

Letras de ouro - Caracteres de escritura dourada.

Libra - 1. O mesmo que arrátel; 2. Antigo peso que, nas boticas, equivalia a 12 onças.

Licor - 1. Bebida obtida artificialmente, quer por fermentação, quer pela mistura de certos vegetais aromáticos ou seus produtos, como o açúcar etc., no álcool ou na aguardente; 2. nome por que se designam vários líquidos compostos, sobretudo quando neles entra o álcool; 3. líquido substancial.

Lienteria - Termo de Medicina. Lisura ou polimento dos intestinos, que é a causa do acelerado descenso dos excrementos.

Lientérica - De lienteria.*

Lírio cardano - Flor que dá em variadas cores, azul, branca, verde e amarela, imitando o arco celeste e cuja raiz lança um cheiro forte; *tb*. lírio azul.

Litargírio - Vapor ou fumo que exala da prata ou ouro quando são queimados. Há formas de litargírio: um que se faz com escuma de chumbo, queimado e fundido com prata; este fica branco, mas quando o fogo é muito intenso, se faz amarelo, ainda que queimado só com prata, de maneira que só a diferença da cocção, mais ou menos violenta, distingue o litargírio de prata do litargírio de ouro; *tb*. fezes-de-ouro.*

Lobinho - Tumor preternatural,* ora duro, ora mole, sempre redondo e que nasce, de ordinário, nas partes do corpo duras, secas e nervosas.

Lobos - Partes que pendem do bofe* separadas, como os dedos da mão.

Loja - 1. Casa baixa, no plano ou andar da rua, que serve de oficina, casa de venda, armazém, às vezes de cocheira etc; 2. estabelecimento de comércio de mercadorias e fazendas no espaço

urbano e de prestação de serviços por mestres de ofícios mecânicos.

Losna - Erva medicinal de talo guarnecido de muitos ramos, com folhas brancas e muito retalhadas e flores pequenas e douradas; a semente é redonda e tem forma de cacho de uvas.

Lúbrico - Termo de Medicina. 1. Diz-se de remédio que solta o ventre; 2. escorregadiço. Maçã de cipreste - Fruto do cipreste; *tb*. acipreste.

Macela - Erva cheirosa de altura de um palmo, com muitas pequenas covas, donde saem as folhas pequeninas e muito delgadas. As flores são amarelas no meio e cercadas por fora de folhas brancas, amarelas ou vermelhas.

Madre - O útero.

Magistério - Termo de Farmácia e Química. 1. Preparação de uma mistura por meio da qual todas as partes homogêneas são sublimadas a um grau de qualidade ou de substância mais nobre do que naturalmente têm, sem outra mudança que a da expulsão das impurezas externas; 2. nome de certos compostos minerais a que se atribuíam virtudes* extraordinárias.

Mal de Luanda - Notável opilação* dos membros interiores, como estômago, baço e fígado. Procede este mal da corrupção ou continuação dos vapores do mar, dos mantimentos salgados, das águas crassas e salobras que, causando humores* grossos e fleumáticos,* opilam e obstruem as partes interiores do corpo e o sangue melancólico e mordaz que vem à boca rói e ulcera as gengivas. O nome deriva por ser mal comum em Luanda, ilha que, como todas as ilhas, estão sujeitas a este mal, que, de ordinário, domina em terras marítimas.

Magistério - Nome de certos compostos minerais a que se atribuíam virtudes* extraordinárias.

Maleita - Forma popular. A febre terçã intermitente.

Malva - Erva de virtude* emoliente.*

Malvaísco - Espécie de malva branca que tem virtude de mitigar a dor e de madurar apostemas* rebeldes.

Mamposteiro [de bulas] - 1. Aquele que arrecada as esmolas da bula* da Sagrada Cruzada; 2. alguém que arrecadas as esmolas das bulas.*

Maná - Droga medicinal originária do orvalho e de muitas virtudes;* purga levemente e sem moléstia, evacua a cólera* e facilita a urina.

Mandibula luciorum - *Expressão latina*. Mandíbula de "lúcio," peixe de rio cujos pequenos ossos da cabeça são excelentes para pedras nos rins e da bexiga, para provocar urina, acelerar o parto e purificar o sangue.

Mão-travessa - Medida que equivale a meio palmo, tomada pela largura da mão com os dedos unidos. Máquina - Massa grande, muita coisa junta.

Mastruço - Planta medicinal da família das quenopodiáceas, também chamada mastruz.

Mata-pasto - Planta medicinal do Brasil. Matadura - Ferida leve no lombo de animal.

Matéria - Termo de Cirurgia. Umidade alterada e apodrecida, feita e gerada da carne pisada ou sangue corrupto que sai das chagas,* apostemas* etc. Na Cirurgia são consideradas três maneiras de matéria: *virus, sordes* e *sanies. Virus* é matéria delgada, feita de superfluidade e humores quentes; *sordes* é grossa, languinhenta, originada da superfluidade mediana; e *sanies*, que é propriamente a matéria, sendo igual e alva, a qual se faz por força de calor natural.

Maturativo - 1. Que auxilia ou produz a maturação; 2. Que promove a supuração.

Maxila - Cada uma das peças ósseas em que estão inseridos os dentes dos animais vertebrados.

Meato - 1. Os poros do corpo; 2. vias e caminhos da transpiração.

Meimendro - Planta medicinal e tóxica da família das solanáceas.

Mel de pau - No Brasil, as várias espécies de mel que várias castas de abelhas fazem no mato nas concavidades das árvores.

Mel de tanque - 1. No Brasil, mel de açúcar ou melaço: licor* negro que purga e destila pelos buracos das formas em que se mete o açúcar e que, dos canos por onde corre, vem a cair em uma grande vasilha, a que chamam tanque de mel; 2. o mel que resta da fabricação do açúcar.

Melicéris - Termo de Medicina. Tumor mais brando e redondo, que cede facilmente ao tato e com a mesma facilidade se levanta; *tb*. melicérides.

Meminho - O dedo mínimo da mão.

Mendosa - *Ver* costela mendosa.

Mentrastos - O mesmo que mentastros, planta medicinal, espécie de hortelã silvestre.

Mercúrio doce - Termo de Química e Medicina. É o mercúrio do qual se tira todo sal e matéria corrosiva. Penetra sutilmente nas partes mais sólidas do corpo, em busca dos maus humores* e é soberano remédio contra males venéreos.

Mesentérica [veia] - Veia entre ou no meio dos intestinos. *Ver* meseraica.

Meseraica [veia] - Veia que desce do fígado ao mesentério.

Migas - 1. Bocadinhos de pão molhado em caldo; 2. sopas de pão.

Mínio - Óxido vermelho de chumbo. O natural se cava das minas e se tira de uma pedra vermelha, de nome azougue, ou das veias de prata, em forma de areia vermelha; o artificial, que se usa nas boticas,* de nome zarcão, se faz quase sempre de chumbo e alvaiade* queimado. O minio *é* adstringente,* dessecativo e é usado para emplastos* e ungüentos,* servindo também na pintura, com o qual se enverniza de vermelho a louça.

Ministério - Qualquer ofício, ocupação em ajudar alguém em alguma coisa. Ministro - Todo aquele que ajuda alguém em alguma coisa. Mirra - 1. Planta da família das burseráceas; 2. Goma resinosa desta planta. *Miserere met - Expressão latina*. Cólica intestinal.

Mitridato - Antídoto célebre contra veneno, primeiro e mais famoso do mundo, que possui diversas composições que podem ter até oitenta elementos.

Moimento de corpo - Abatimento de forças, prostração; em Cirurgia, fratura feita na carne.

Mola - Tumor carnoso que se forma no útero.

Molificativo - Termo de Medicina. Remédio quente e úmido, sem viscosidade. *Ver* emoliente.

Monturo - 1. Lugar onde se depositam dejeções ou imundícies; 2. Monte de lixo, ou esterco.

Moquém - Grades altas onde se desidrata e seca a carne defumada.

Morbo - 1. Doença, estado patológico; 2. Genericamente, doença venére as. *Ver* boubas.

Morféia - 1. O mesmo que lepra; 2. Designação antiga de uma doença cutânea mal classificada.

Mucilagem - Termo de Cirurgia. Matérias muito espessas e viscosas que se fazem de raízes e sementes pisadas em vaso de metal, pedra ou madeira, cozidas em água quente e coadas com um pano. Também são feitas com certos frutos, como marmelos, figos etc.

Mula - 1. Tumor maligno originado de contágio gálico, quando tem o fígado força suficiente para resistir ao tumor virulento e mandá-lo para as glândulas das virilhas; 2. adenite inguinal, de origem venérea, conhecida como mula porque, de ordinário, se amua e é rebelde e resistente à maturação.

Múmia - 1. Erva medicinal a que se atribui a virtude* de soldar* as feridas; 2. a parte carnosa do corpo humano; 3. amálgama de chumbo e de mercúrio.

Mundificar - Termo de Cirurgia e Medicina. Fazer uso de remédios e ungüentos* que limpam as partes, chagas* e feridas de humores* viciosos.

Murta - Gênero de plantas que constitui o tipo da família das mirtáceas.

Murtinha - Casta de uva de Cascais.

Napelo - Erva sumamente venenosa, que se assemelha ao nabo. A raiz é a parte mais peçonhenta, cujo veneno, se não se lhe acode de pronto, não tem antídoto.

Nêveda - Erva de talos e ramos angulosos e nodosos, que fortifica o cérebro, provoca a urina etc. Suas folhas são quase redondas, pontiagudas, felpudas e levemente cobertas de uma lanugem branca, debaixo das quais brotam umas flores salpicadas de vermelho, formando uma espécie de ramalhete.

Névoa - Mácula que aparece na córnea dos olhos e obscurece a vista.

Nitro - Substância que se cava como mineral; o nitro e sua escuma são cáusticos* e têm as propriedades do sal.

Noli me tangere - *Expressão latina*. Úlcera maligna.

Notos - Aquilo que não é legítimo; bastardo.

Novos direitos - Tributo real pago por oficiais administrativos ou eclesiásticos, designados ou nomeados para o exercício dos cargos públicos e ofícios divinos, tributo calculado sobre o salário e os emolumentos que o cargo propiciava e sobre o tempo em que os oficiais estavam providos.

Obstruto - Termo de Medicina. Refere-se ao impedimento nos vasos ou canais naturais do corpo.

Oitava - No antigo sistema de pesos a oitava parte da onça ou 3 gr., 586.

Óleo de aparício - Óleo confortativo, digestivo, mundificativo, sendo grande remédio nas feridas contusas, porque preserva da podridão; faz-se com azeite velho, terebintina,* incenso em pó, trigo, raiz de cardo,* valeriana etc. *Ver* mundificar.

Óleo de sabugo - Medicamento que nas boticas* é tomado contra a disenteria.

Onça - Unidade de medida de peso correspondente a 26,68 gramas.

Onfacino - Termo de Farmácia. Óleo, azeite de azeitonas verdes.

Opilação - Entupimento das veias ou dutos por onde, nas funções animais, se descarregam os humores* No corpo humano, o fígado é a parte mais sujeita a este entupimento, quando então se enchem

os corpos de ventosidades ou se embebem de humores* grossos, por falta de exercício ou por falta de qualquer evacuação.*

Opilado - Aquele que tem as vias e poros* do corpo entupidos.

Opopánaco - Termo de Farmácia. Goma* que, por incisão,* se tira da planta chamada *Panaceshera cleum*. Opugnar - Atacar, combater.

Orégão - Erva medicinal de várias espécies, cujas virtudes* são serem dissecativa, quente no terceiro grau, resolutiva* e digestiva.

Orelha-de-onça - Planta da família das minispermáceas.

Oximel - Termo de Medicina. Xarope* de mel preparado e cozido com vinagre, sendo duas partes de vinagre e a terceira de mel.

Panarício - Termo de Medicina. Inflamação aguda originária de humor* maligno, acrimonioso ou salgado que se acha entre o osso e o periosso e entre os nervos e tendões.

Panículo - Membrana que cobre todas as partes do corpo por dentro. É chamado também: panículo carnoso, ou tela carnosa, por degenerar em alguns lugares em carne; panículo nervoso, por ser musculoso em partes; e panículo adiposo que, feito óleo coalhado, fica debaixo da gordura.

Panos - Nódoas que aparecem no rosto e corpo de algumas pessoas, em certos estados patológicos ou fisiológicos.

Pão-de-ouro - Antiga moeda de ouro do feitio de uma barca, por isso também chamada barca-de-ouro.

Paratudo - Nome que se dá em São Paulo a um pequeno arbusto das leguminosas. Em Minas Gerais também é chamado boi-gordo. (Cassia rugosa).

Paralisia - Mal que relaxa e desata os nervos, tirando-lhes o seu vigor natural, provocando intemperança fria, umas vezes simples,

outras vezes com presença de humores. O vulgo chama a este acidente ar, porque causa nos corpos humanos o efeito que nas plantas causa a malignidade dos ares viciados de alguma má influência, que seca algumas árvores, principalmente no tempo da canícula.

Parche - Pedaço de pano ou tafetá com cola, emplasto,* etc. pregado sobre ferida, ou para tirar dor.

Pariparoba - *Ver* capeba; *tb*. periparoba.

Páreas - Mistura de humores que passam da mãe ao feto e saem depois do parto; *tb*. placenta.

Pau-santo - Árvore de admiráveis efeitos. É pequena e de tronco e ramos delgados, sendo no tronco mais grossa que nos ramos.

Pecten - Expressão latina. Osso do púbis.

Pedilúvio - Banho dos pés.

Pedra-bazar - Precioso contraveneno. Remédio sudorífico, cardíaco e histérico que facilita o parto, expele as páreas* e é tão amigo do coração que todos os remédios cardíacos se chamam, por analogia, bezoárticos.*

Pedra calaminar - Espécie de pedra mineral branca ou avermelhada que, quando se queima, deita um fumo amarelo, usada na composição de ungüentos* e emplastos;* é adstringente* e boa para dessecar e cicatrizar chagas.*

Pedra-candar - Pedra aquadradada, da cor e peso de ferro, cujas virtudes* principais são ajudar a expelir as páreas* e provocar a urina; *tb*. pedra-quadrada.

Pedra de cevar - Pedra sobre a qual se afirma que atrai o ferro; é falso que isto não ocorra estando presente o diamante; diz-se que comida em certa quantidade, preserva da velhice; um certo rei do

Ceilão mandara fazer panelas desta pedra em que lhe faziam de comer.

Pedra-hematites - Pedra muito compacta, pesada e acesa na cor, ou negra, dura como aço, com feição de agulha. Moída, tem cor rubra e estanca o sangue vivo do peito. É muito adstringente* e dessecativa.

Pedra-lipes - Espécie de vitríolo* azul muito adstringente* e dessecativo, misturado a vários remédios. É medicamento gordo e untuoso, com que se fazem cataplasmas. Ver unto.

Pedra-ume - Termo de Farmácia. Sulfato duplo de alumina e potassa. Pejo - Incômodo, estorvo.

Pencas - Partes do fígado que, separadas como dedos, saem a cobrir o estômago, porém, segundo se afirma, raras vezes tem-nas o do homem, e só se acham nos fígados dos animais, exceto no fígado do boi. Havia controvérsias sobre a existência delas e, por isso, alguns só admitiam que as pencas fossem uma pequena porção de came que se estende com uma membrana mais delgada que a do fígado; *v.g.*, pencas do bofe*

Pepes - Nome de árvores africanas.

Periósteo - Termo de Medicina. Membrana, ou panículo,* que cobre os ossos do corpo.

Peripneumonia - Termo de Medicina. 1. Bofe;* 2. inflamação do bofe* ou só das partes adjacentes e circunvizinhas dele.

Pero - 1. Maçãs compridas, diferente das maçãs redondas; 2. fruto silvestre.

Pescolubrino - Plantas com os pés fendidos como pés de pombo.

Pevide - Semente.

Picão - Planta do Brasil da família das compostas, também chamada carrapicho. Pílula - Pequeno bolo da grossura de uma avelã, mais ou menos, inventado para engolir mais facilmente alguns remédios desagradáveis ao gosto. Pode ser purgativa, corroborativa, alterante, cefálica; tb. pírola.

Pinga - Uma porção mínima.

Pingue - 1. Gordo, forte, corpulento. 2. Fértil, abundante.

Piolho ladro - Aquele que se cria nas pestanas dos olhos, na barba e nas partes vergonhosas. Diz-se que não tem pés e que, fixo no lugar da carne onde se metem, rói mais que os outros, comumente chamado chato.

Pisada - De pisar. Trabalhar com pisão, moinho de uma roda dentada que faz alçar e baixar uns paus como martelos sobre um pano utilizado em preparados curativos.

Pleuris - Termo de Medicina. 1.Inflamação da membrana, ou túnica, chamada pleura, com pontada e febre agudas, grande dor de ilharga,* que, impedindo a necessária extensão dos músculos, dificulta muito a respiração. Depois de inflamada a pleura, logo se inflama o bofe* pela mesma parte; 2.inflamação da metade do bofe.*

Poalha Célebre planta da América eficaz contra as disenterias e afetos do estômago; *tb*. pacacoanha.

Poejo - Erva de duas espécies. A primeira espécie lança muitos talos quadrados e felpudos, uns levantados e outros rasteiros; tem as folhas redondinhas, porém mais brandas e morenas; suas flores, postas ao redor dos talos em forma de anéis, são azuis ou purpúreas, às vezes, de um vermelho claro e, raras vezes, brancas; o cheiro dela, particularmente quando está em flor, é aromático e o sabor é acre e picante; a da segunda espécie tem as folhas compridinhas e estreitas e os talos redondos e avermelhados.

Polme -1. Diz-se de várias coisas nem muito líquidas, nem muito secas, mas de uma mediana consistência, como papas; 2. sedimento de vegetal cozinhado em água ou outro líquido.

Ponfólige - Óxido de zinco.

Populeão - Termo de Farmácia. Ungüento* antigamente usado como perfume, que resfria e cura as queimaduras de fogo e de pólvora que estiverem no couro* somente e, posto na testa, serve para fazer dormir.

Poro - 1. Buraco no corpo, tão miúdo que não há vista humana que o enxergue; 2. passagem ou caminho por onde alguma coisa pode passar.

Posca - Bebida ácida composta de vinagre e água, usada na milícia romana.

Pó comaquino - 1. Pós purgativos; 2. pós de numerosas aplicações.

Pós de cato - Ver cato*.

Pós de verdete - Ver verdete.*

Pragana - As barbas ou filamentos ásperos da espiga do trigo e cevada.

Preparar - Termo de Medicina e Química. Com banhos e sangrias preparam os médicos o corpo para o purgar;* os boticários preparam tirando a malícia aos medicamentos, os químicos preparam o azougue, o antimonio* e outras drogas para as sublimar, calcinar e edulcorar.

Presentâneo - Diz-se dos remédios, veneno etc. eficazes e que têm virtude para produzir

prontamente o seu efeito. Preternatural - Termo de Medicina. O que excede a devida ordem da natureza; *v.g*. calor preternatural,

ação preternatural, tumor preternatural. O mesmo que sobrenatural.

Pruído - Comichão. Mordacidade no humor* que faz vontade de coçar; *tb*. prurido, coceira.

Pugilo - Punhado ou mão cheia.

Pungitivo [rigor] - De pungir, que significa picar. Ver rigor.*

Purga - 1. Medicamento que faz purgar;* 2. certas bebidas de propriedades medicinais.

Purgar - 1. Ação de expelir os humores* viciosos. A invenção de purgar é de Esculápio; 2. separar metais ou minerais das imundícies da terra.

Pústula - Vesícula cutânea cheia de líquido purulento, que contém pus.

Pústula branca - Pústula chamada de "pústula maldita". *Ver* bostela.

Quarta - Febre intermitente que faz repetições de quatro em quatro dias.

Quartilho - Unidade de medida de líquidos equivalente a 0,6655 1. O quartilho da Bahia no Brasil é uma canada* de Lisboa.

Queixas Gálicas - Mal venério.

Quilo - Termo da Medicina. Substância líquida do que se tem comido, de cor próxima a do leite, algum tanto viscosa, entre salgado e ácido, e matéria do sangue. Preparada, em primeiro lugar, na boca por meio dos dentes e da saliva, cozida e digerida no ventrículo pelo dissolvente em que nele se acha, e aperfeiçoada no intestino duodeno pela virtude* balsâmica do humor* bilioso que, por meio do seu óleo urinoso e salgado, a altera e a dispõe para a sanguificação, juntamente com o suco pancreático, que a ajuda a

incidir e a atenuar as partes mais densas; *tb*. suco da digestão. Grafia atualizada de chilo.

Rabão - O mesmo que rábano; nome de várias plantas cruciferas.

Raiz da china - Raiz curativa que nasce na China, à semelhança de batatas e com alguns nós.

Raiz de mil homens - Planta brasileira trepadeira que cresce à beira dos rios, conhecida também como jarrinha.

Ramo de ar - Acidente de paralisia.*

Rânula - Tumor na parte inferior da língua.

Rebolo - Nó de gres, que gira em torno de um eixo horizontal, passando por dentro de uma calha com água e que serve para amolar.

Recipe - *Expressão latina*. Receita.

Redenho - Cartilagem ou panículo* gordo que cobre os intestinos dos carneiros e outros animais, em forma de rede. No corpo humano, a parte que corresponde a esta se chama zirbo*.

Regimento - 1. Modo de viver, concernente aos alimentos que os médicos prescrevem a doentes convalescentes ou achacados; 2. dieta. Relíquia - Sobejo, resto. Remédio cordial - *Ver* cordial.

Repercuciente - Termo de Medicina. Substância que faz refluir os humores.*

República - Conceito genérico a todas as formas de governo e estado, que significa comunidade política organizada de direito e leis, na qual todos vivem sob a proteção e subordinação do príncipe, cuja justiça tem por base a premiação aos bons e justos com honras e dignidades e o castigo dos maus que ameaçam a coisa pública.

Resolutivo - Que tem virtude de resolver,* fazer recolher ou dissipar tumores, inflamações etc.

Resolver - Termo da Cirurgia. 1. Tirar pelos poros* do couro* o humor* que está na parte insensível, e assim, quando se resolve o apostema,* se desfaz o tumor por suor, com mezinhas resolutivas,* etc; 2.dissipar, desfazer, dissolver.

Retundir - Termo de Medicina. Rebater, reprimir, moderar, conter.

Rigor - 1. Frio corporal forte, causando grande tremor e movimentos involuntários; *v.g*. rigor da febre; 2. movimento concussivo e involuntário dos músculos para botar fora o que lhe faz dano, podendo haver ou não febre. *Ver* pungitivo [rigor].

Rinhoada - Os rins de animais, de propriedades medicinais.

Rom - Tinta amarela, espécie de goma.*

Rosalgar - Espécie de arsênico vermelho. É veneno corrosivo e é tirado das minas calcinado por fogos subterrâneos.

Rosmaninho - Planta aromática de cheiro acre e amargo ao gosto e de muitos pequenos ramos com folhas semelhantes às da alfazema.

Rotura - O mesmo que ruptura.

***Rubia tinctorum* -** Planta para tinturas cuja raiz é amarela ou vermelha.

Ruibarbo - Raiz que purga a cólera* e a fleuma, mundifica* o estômago, conforta o fígado e baço, desfaz as opilações,* clarifica o sangue etc. e de que se usa em todo tempo e idade. É raiz grossa, esponjosa e amarela, de onde brotam umas folhas largas e quase redondas, espessas e verde-escuras, um pouco azedas ao gosto e pegadas a uns pés compridos da grossura do dedo polegar e um pouco escuras.

S.A. - Abreviação latina de *secundun arten*, que significa conforme, de acordo com a arte.

Saburgo - O mesmo que sabugueiro, arbusto caprifoliáceo.

Sal amoníaco - 1. Sal encontrado debaixo da areia, coalhado em lascas ou em grãos, a modo de incenso; 2. espécie de goma* que destila uma árvore a que Plínio chamava *metopium*-, 3. preparado que se costuma fazer nas boticas;* 4. sal artificial e volátil* que se faz com a ferrugem das chaminés e com sangue humano ou de algum animal.

Salitre - É um sal mineral, parte volátil* e parte fixo, extraído das pedras dos edifícios velhos, de abóbadas subterrâneas, do sedimento das urinas de vários animais etc.

Salsaparrilha - Planta cuja raiz é como pequenos ramos, ou fibras e pequenos canudos, da feição de uma pena de escrever, redondos, duros, rugosos e de cor parda escura, por fora, e branca, por dentro.

Salvatela - Termo de Medicina. Ramo da veia cefálica, entre o dedo anular e o meminho.* Diz-se que a sangria nela é excelente remédio contra os afetos melancólicos e contra as febres terçãs* e agudas.

Sândalo - Árvore que exala um cheiro muito suave quando a queimam e cujas virtudes* corroboram e alegram o coração.

Sangue-de-drago - Espécie de goma* que, por incisão,* destila em licor* e que, logo em se levantando o sol, se endurece e se congela em umas pequenas lágrimas friáveis e vermelhas, como o sangue. Mana de uma árvore do tamanho de pinheiro, que dá muito ramo e tem umas folhas da feição de espadas, cujos frutos formam cachos, que de amarelos se fazem vermelhos e de vermelhos azuis, sendo um pouco azedos ao gosto.

Sanguinho - Aquele em que predomina o sangue; *v.g*. homem de humor sanguinho; *tb*. sangüíneo.

Saramago - Raiz hortaliça bastante conhecida, branca e suculenta; *tb*. rábão.

Sarjadura - Incisões leves com ferro quente na pele.

Sarralheiro - Oficial que faz fechaduras.

Sarro - Crosta branca na língua de quem tem febre.

Sarro de vinho - Borra do vinho, condensada e seca, composta da parte mais grossa e salina do vinho, a qual, apartada e separada por fermentação, se endurece e se petrifica, ficando pegada à vasilha por dentro.

Sassafrás - Planta de virtude* incisiva, penetrante, aperitiva etc. É pau aromático, com alguma acrimônia e de cor amarelada, do tamanho de um pinheiro mediano, coberto de uma casca áspera e muito cheirosa.

Sedenho - Espécie de fonte que se abre no toutiço,* abaixo da raiz do cabelo, na cova do ladrão.* Com um cordão de sedas de cavalo se conservava aberto e com ele se tiravam as matérias, porém como a aspereza das ditas sedas escandalizava* a parte causando dores e inflamações, passou-se a usar cordão de tiras de pano de Holanda, ou de algodão, linho cru ou seda.

Sene - Planta medicinal purgativa. *Ver* purga.

Septo transverso - Termo de Medicina. O diafragma, membrana frontal que separa a cavidade do peito da cavidade do ventre inferior.

Sertum - Colete de homem ou de mulher, feito com panos de baeta.*

Sesso - Parte do corpo por onde saem os excrementos.

Sevandija - 1. Qualquer bicho ou inseto sujo e asqueroso; 2. designação comum a parasitas imundos.

Sezão - Relativo a febre intermitente ou periódica, seus acessos e duração.

Simpatia - Atração orgânica que aproxima uma coisa da outra.

Simpático [pó] - Remédio prodigioso. É preparado assim: o vitríolo* romano, depois de dessecado e purificado por destilação, e bem triturado ou pisado, se expõe ao sol pelo espaço de quinze dias, aproximadamente, para se calcinar e reduzir a uns pós muito finos. Quando se quer curar uma ferida ou uma chaga,* molha-se no sangue da ferida ou na matéria da chaga uma tira de pano de linho, no qual se botam logo uns pós do dito vitríolo* calcinado; este pano molhado, envolto em outro, se guarda em uma pequena caixa ou bolsa, em lugar temperado. Acaso a chaga* ou ferida se inflame, tem-se o cuidado de refrescar o dito pano e, sem outro remédio que o de ter a chaga* muito limpa, em breve tempo fica curada.

Simples - 1. Medicamentos misturados de ervas e plantas; 2. as drogas de que se compõem os remédios; *tb*. símplices.

Soldar - Ação de fazer solda interior com compostos de ruibarbo,* múmia,* ruivinha etc a qualquer rutura ou sangue extravasado, principalmente em quedas; *v.g.*, pós de solda.

Solimão - Composição de azougue, sal amoníaco,* salitre* e vitríolo* sublimados e reduzidos a uma massa mortalmente venenosa.

Sordícies - Termo de Cirurgia. 1. Matéria suja que cria nas partes internas do corpo ou nas chagas;* 2. matéria grossa, pegajosa, feita de superfluidade dos humores* grossos e viscosos, e como tal fica pegada às chagas.*

Soro - A substância aquosa, clara e tênue que, pelo ácido, se separa do coalho.

Sorveira - Árvore rosácea.

Spica nardi - Espiga medicinal, do comprimento e grossura de um dedo, guarnecida de uns fios ásperos, vermelhos ou pardos; o cheiro é desagradável e o sabor amargoso. Cria-se na superfície da terra e, às vezes, na terra mesma, e de uma só raiz saem muitas; *tb*. espicanardo.

Sular - Triturar no gral.

Sulphur tartari - Matéria térrea e salitrosa que se pega nas paredes dos tonéis de vinho, de onde tira o sal tártaro,* purificando-a, lavando-a e calcinando-a em fogo de revérbero, que se diz também cristal tártaro:* *tb*. sarro.

Tabaco - *Ver* erva-santa.

Talpárias - Termo de Cirurgia. Abscesso pituitoso que faz concavidade, da espécie dos ateromas,* que nasce sobre o pericrânio, ou entre ele e o crânio, e às vezes o corrompe, em parte ou em todo.

Tanchagem - Erva medicinal de diversas virtudes* medicinais.

Tártaro - A borra ou parte térrea do vinho que, evaporada e separada, se endurece e chega a se petrificar, pegada aos lados da vasilha.

Teagem - 1. De teia. O mesmo que teada; 2. membrana celular reticulada.

Tenta - Instrumento de ferro, comprido e redondo, que serve ao cirurgião de examinar se a ferida é profunda, estreita, penetrante, etc.

Terçã - Febre em que os acessos se repetem com um dia de intervalo; *v.g.*, febre terçã. *Ver* quartã.

Terebintina - 1. Nome coletivo das resinas líquidas, que são os sucos odoríferos, semilíquidos e glutinosos das árvores da família

das coníferas e das terebintáceas; 2. resina ou goma* transparente e aromática da árvore a que chamam terebinto.

Terra lemnia - *Expressão latina*. Terra medicinal, assim chamada da ilha de Lemos, no mar Egeu; é ruiva e rara, entra na composição da triaga.

Terra sigillata - *Expressão latina*. Terra que veda as hemorragias, gonorréias, vômitos etc. e aplicada exteriormente veda o sangue, dessecando as chagas,* fortificando as juntas, etc. Eram em pequenos bolos redondos de uma parte e chatos da outra, com o selo das armas dos príncipes em cujas terras eram criadas; *tb*. terra lemnia.

Testo - 1. Bocado de barro, cozido, redondo, com que se cobre panelas, cântaros, quartas, etc; 2. o casco da cabeça.

Tinha - 1. Espécie de sarna chata, ou lepra da cabeça, que vai furando o couro cabeludo; 2. nome de várias doenças cutâneas da cabeça; 3. vício, mácula, defeito.

Tisana - Medicamento líquido, que constitui a bebida ordinária de um doente.

Tísica - 1. Geralmente qualquer atenuação e emaciação do corpo, mas particularmente aquelas das chagas* no bofe;* 2. ulceração do bofe* que, insensivelmente, derrete todo o corpo, causada de humor* acre e corrosivo, com febre lenta, tosse, escarros de sangue e matéria purulent? que, pouco a pouco, atenuam o corpo; 3. definhamento progressivo do humor* nutriente que afeta o bofe,* atacando o ventrículo, o pâncreas e as glândulas lácteas; 4. corrupção, extenuação, definhamento progressivo.

Tísico - Aquele que tem chaga* no bofe e se vai definhando. *Ver* tísica.

Tormentilha - Erva de cuja raiz se diz que, feita em pó, mesclada com um pouco de pedra-ume* e metida na boca, alivia o tormento

da dor dos dentes.

Tostão - Designação popular da antiga moeda de cem réis.

Toutiço - A parte posterior da cabeça.

Traçado - Arma, terçado.

Trateados - Os que sentem as dores.

Tratear - Dar tratos.

Triaga - Medicamento cuja base são os trociscos* de víbora, sendo excelente contra mordeduras e picadas de bichos venenosos.

Triaga magna - A triaga* em que entram todos os ingredientes, em contraposição àquela a que os farmacêuticos chamam "triaga dos pobres," porque é mais fácil de fazer e mais barata.

Trilhadura - Esmagamento.

Trincai - Suco ou sal mineral que, por si mesmo se congela e fica transparente, sendo um pouco acre. Alguns o purificam e o refinam como os mais sais, dissolvendo-o em água, filtrando a dissolução e deixando-a evaporar.

Trocisco - Termo de Farmácia. É medicamento, feito em pequenos bolos redondos, composto de um ou de muitos ingredientes, reduzidos a um pó muito sutil, incorporados e amassados com água destilada, vinho, vinagre ou outros sucos vegetais.

Trovisco - Pequeno arbusto cujo tronco, quando muito, é do tamanho do dedo polegar e é dividido em muitos pequenos ramos vestidos de folhas, em cujos ramos se ajuntam umas flores pequenas e brancas. Das folhas e do fruto desta planta usavam os antigos para purgar* com violência as serosidades, mas a acrimônia corrosiva deste remédio lhe fez perder o crédito.

Túbulo - Pequeno tubo.

Turquescos - Feitos à maneira turca.

Tutia - Fuligem* metálica de diferente grandeza e espessura, dura, parda e escabrosa, sendo boa para as doenças dos olhos e para cicatrizar ou encourar chagas.*

Ungüento - Termo de Farmácia. 1. Certa composição medicinal que tem consistência mais mole, com que se fazem emplastos* que se aplicam exteriormente para curar chagas,* tumores etc; 2. composição de ervas ou drogas para untar* alguma parte do corpo. *Ver* emplasto.

Ungüento branco cru - Remédio composto de fezes-de-ouro* contra sarnas e bostelas.*

Ungüento populeão - *Ver* populeão.

Unicórnio - Pedra amarela, cinzenta ou parda que, na lisura e, às vezes, na sua própria figura, parece com corno. Exteriormente é muito dura, mas por dentro é tenra, branca e branda ao tato, compacta ou pouco porosa. Diz-se ser virtuosa contra veneno e epilepsia e é adstringente,* dessecativa e alcálica, vedando as câmeras* e hemorragias.

Untar - Estender na superfície de alguma coisa matéria untuosa. Unto - A gordura dos rins ou entranhas do porco. Untura - O que se estende na superfície de alguma coisa.

Urgevão - Erva de sumo purgativo, com virtude* incisiva, atenuante, cefálica, resolutiva* e aperitiva, que faz vir leite às mulheres, atenua a pedra dos rins e da bexiga e é boa contra a cólica ventosa; *tb*. barbena, erva-sacra.

Uvas-de-cão - Planta pequena criada em cima de muros, refrigerante, resolutiva* e consolidante, cujos talos são altos, duros, lenhosos e avermelhados.

Vacino -Expressão que traduz a idéia de vacina.

Vágado - Vertigem. Chama-se assim porque dando na cabeça, representa andar tudo vagando, e à roda.

Vale - *Expressão latina*. "Adeus" usada como fórmula de despedida no fim de carta, de prólogo, preâmbulos e como advertência aos leitores em obra publicada.

Vara - Unidade de medida linear equivalente a 1,10 m.

Vascolejar - Sacudir um vaso, resolver e misturar líquidos; *v.g*. vascolejar um licor.*

Veia emulgente - Termo de Medicina. Veias pelas quais os rins separam a urina do sangue, chupando-a e atraindo juntamente para si todo humor,* que em si encerram Velame - Planta herbácea medicinal do gênero cróton.

Ventosa - Vaso cônico de vidro ou de metal que se aplica sobre a pele e no interior do qual se rarefaz o ar com estopa queimada afim de determinar urna violenta aspiração que produza uma revulsão na parte doente do corpo a que se aplica.

Verdete - Mineral que nas minas de cobre se gera numas pedras. O verdete raspado é feito numa vasilha de vinagre muito forte, com lâminas de cobre na boca dela; tapada pelo espaço de dez dias, depois se tiram as lâminas, de onde se raspa o verdete.

Verdugo - Navalha pequena.

Vestidos - Vestes, de uma maneira geral.

Virtude - Esta ou aquela propriedade inerente para produzir certos e determinados efeitos e resultados.

Vitríolo - Sal mineral, semelhante ao vidro, havendo quatro espécies gerais: o branco, o verde, o azul e o vermelho. O vitríolo é alexifármaco* e contraveneno dos cogumelos quando fazem mal a quem os comeu.

Volátil - Termo de Farmácia e Medicina. A parte que nos corpos é mais tênue, mais sutil e facilmente se evapora e dissipa no ar.

Vulnerária - Planta corroborante e boa para feridas, que lança uns talos delgados redondos, encurvados, felpudos e avermelhados, criada em lugares secos e areentos.

Vulnerário - Termo de Medicina. Remédios apropriados na cura das feridas ou úlceras. Os externos são os que se dão quando a chaga,* já limpa e mundificada, começa a criar carne nova; os internos são bebidas e cozimentos* de ervas e plantas vulnerárias*

Xarope - Termo de Farmácia. Líquido para diferentes partes do corpo inventado, principalmente para preparar os humores* e facilitar as vias para a purgação, sendo tomados em jejum, estando o estômago despejado para se distribuir melhor; é extraído das águas, sucos e tinturas dos frutos e ervas, cozido com mel ou açúcar, até certa consistência.

Xarope do rei Sapor - Assim chamado porque Sapor, rei dos persas, o inventou, ou porque feito para ele. É um xarope purgativo, cuja base são as maçãs de cheiro, com sucos de borragem, sementes de erva doce e açafrão; restitui os espíritos vitais, tempera o humor melancólico, atenua as viscosidades, dissipa os ventos, relaxa o ventre, purifica o sangue.

Zirbo - Termo de Medicina. Membrana delgada e dobrada, de substância gorda e espermática, cuja figura tem feição de rede, que serve para colher ou reter os vapores adiposos e lentos que andam espalhados pelo ventre inferior. Ver redenho.

Bibliografia do glossário

ALMEIDA, Francisco de. *Novo dicionário universal português*. Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão Livraria, 1891.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português…* Lisboa Ocidental: Oficina de Pascoal da Silva, 1712.

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa, 1948.

CHERNOVIZ, Pedro Luís Napoleão. *Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias para o uso das famílias*. 5. ed. Paris, 1878.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário critico e etimológico da língua portuguesa. 8. ed*. Paris: Editor Ângelo Francisco Carneiro, 1863.

CORREIA, M. Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

FARIA, Eduardo de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lisboense, 1849.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson,1939.

FORTES, Hugo e PACHECO, Genésio. *Dicionário médico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fábio M. de Melo, 1968.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa. 2*. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954.

GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

MAGNE, Augusto. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: INL/Instituto Nacional do livro, 1950.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro, 1955.

PINTO, Pedro A. *Dicionário de termos médicos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1954.

PINTO, Pedro A. *Dicionário de termos médicos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1962.

RIUDOR, A Bárbara. *Etimologias médicas*. Barcelona: Tipografia Católica Casals, 1925.

SARAIVA, F.R.dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 5. ed. H. Garnier, s.d.

SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa recopilado*. Lisboa: Lacerdiva, 1813.

SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Confluência, 1949.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: INL/Instituto Nacional do Livro, 1954.

VIEIRA, Domingos. *Grande dicionário português ou tesouro da língua portuguesa*. Porto: Ernesto Chadron e Bartolomeu H. de Morais, 1871.

VEIRA, Domingos. *Grande dicionário português ou tesouro da língua portuguesa*. Porto: Ernesto Chadron e Bartolomeu H. de Morais, 1873.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases*. Porto: Civilização, Edição Crítica, s.d.



Faca de sangrar com três lâminas e pino de lancetar. (Coleção particular)

1 Para a elaboração do glossário a seguir, foram utilizados, principalmente, o *Vocabulário Português e Latino*, pelo padre Rafael Bluteau, edição do Colégio das Artes da Companhia de Jesus, em 10 volumes; e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, por Antônio de Moraes Silva, Lisboa, da Tipografia Lacerdina, em 2 volumes. Foram utilizados asteriscos para remeter a termos que se encontram no próprio glossário, independentemente de sua ocorrência no documento. E foram selecionados termos e expressões hoje completamente alheios ao mundo da Medicina e da Cirurgia e que, retirados do vocabulário vulgar do século XVIII mineiro, foram incorporados pelo saber médico, sem os quais este saber não se exprimiria.

Glossário de médicos

Ronaldo Simões Coelho

> *Se você quiser ser um bom médico, deve aprender a pensar por si mesmo e não simplesmente usar os pensamentos dos outros*.
>
> Paracelso

Luís Gomes Ferreira cita diversos autores antigos, nos quais baseia a sua prática. São os seguintes:

Aecio - Escritor bizantino. Viveu no século VI, às margens do Tigre. Estudou em Alexandria e escreveu em 16 livros um sumário médico, onde cita os principais escritores gregos.

Antonio Ferreyra - Antônio Ferreyra, autor de Luz *verdadeira e recopilado de toda a cirurgia*, publicado em Lisboa também em 1735.

Avicena - Abu-Ali al Husain (980-1037) era natural de Bocara, na Pérsia. Médico, astrônomo, matemático e enciclopedista, foi menino prodígio, sabendo de cor o Alcorão aos 10 anos de idade. De sua imensa obra, dez livros são consagrados à medicina. Uma recomendação de Avicena tem seu uso consagrado na terapêutica moderna: a música e as narrativas bem contadas são, segundo ele, ótimos remédios.

Bruneto publicou, de 1695 a 1709, um periódico intitulado *Le Progrès de la Médecine*, em fascículos mensais, que o dr. Ferreira deve ter lido e acompanhado.

Cornaro - Viveu entre 1467 e 1566. Nasceu em Veneza. Seu *Trattato della vita sobria* é um primoroso livro de higiene. Não era

médico.

Crolio - Osvaldo Crólio, seguidor de Paracelso, astrólogo e alquimista do século XVI. Acreditava que havia duas magias. Uma delas é profana, infame, diabólica, perigosa, chamada magia negra. A outra permite conhecer as profundezas e os mistérios mais difíceis, pela observação da simpatia e da antipatia, e se chama magia branca.

Escreveu que *a inveja é a real companheira dos estudantes de medicina* e que, *onde a inveja e o ódio mandam, o julgamento é cego*. Tinha opiniões nada lisonjeiras sobre seus colegas, de quem dizia que não estudavam e divulgavam uma falsa ciência, *construindo cemitérios*. Segundo ele, *os médicos mundanos e avaros se deixam levar pelo amor ao dinheiro e às honrarias* e, por isso, *merecem tomar suas refeições num urinol*.

Era grande defensor de que o médico fosse apenas um ministro da natureza, devendo ter conhecimento universal para melhor compreender o homem. Era capaz de ficar meses preparando um remédio, transformando um metal até conseguir a *quintessência necessária ao bálsamo interno do corpo*. Fazia, desse modo, remédios que podiam ser dados em pequena quantidade, pois havia remédios dados em tão grande quantidade que os doentes preferiam morrer a tomá-los. Ensina seus segredos aos leitores, como *um presente dado de coração*, apesar de ter gasto muito em inventá-los.

Curvo - João Curvo Semmedo (1635-1719), nascido em Alentejo e falecido em Lisboa, médico português, autor, dentre outros livros, da *Polyanthea Medica*, que teve sucessivas edições no século XVIII, e foi apontado como o "novo evangelho" dos médicos portugueses. Seu prestígio era tão grande que há uma inscrição em sua efígie afirmando que diante dele "a morte fugia apavorada". A Água Cordial Bezoártica do dr. Curvo era famosa. Compunha-se de flor de papoulas vermelhas, esquibas de cavalo frescas, bezoártico de Curvo, arrobe de bagas de sabugo e água. Semedo exerceu a maior influência no autor do *Erário Mineral*. Em outro livro de sua autoria,

publicado em 1707, cujo título é *Observações médicas doutrinais*, fala num fenômeno da maior atualidade: o da falsificação de remédios. Diz ele sobre onde buscar o óleo verdadeiro: *Porque também em Florença, como em Portugal, se falsificam hoje alguns remédios, e se vendem aos desgraçados doentes com o nome de verdadeiros, mas logo se conhece o engano, porque os adulterados e contrafeitos não fazem as boas obras que fazem os legítimos*. Um comentador português da obra de Semedo, Ferreira Mira, afirma ter sido ele o *primeiro que teve notícia exacta da circulação sanguínea e linfática*.

Falópio - Gabriele Fallopio (1523-1562), discípulo de Vesálio, anatomista e crítico de Galeno, que combateu os galenistas. Abandonou o estado eclesiástico para se dedicar à anatomia. Estudou em Ferrara, Pisa e Pádua. Sucedeu a Vesálio em Pádua, onde realizou estudos metódicos, dos quais fez claras descrições. Ainda hoje se diz "trompas de Falópio". Há quem o considere superior a seu mestre Vesálio.

Galeno - Nome do maior médico grego depois de Hipócrates. Nasceu em Pérgamo em 130 e viveu até o ano 201. Escreveu mais de 500 obras. Dominou o pensamento médico durante quinze séculos. Suas idéias foram aceitas pelos cristãos e pelos maometanos por causa do seu monoteísmo. Foi médico de imperadores e era muito vaidoso. Marco Aurélio foi seu cliente, assim como Cômodo, filho do primeiro, um dos mais violentos entre os imperadores romanos, corrupto e sangüinário, tendo sido assassinado por estrangulamento aos 31 anos de idade.

Os relatos de casos de Galeno são louvores a si mesmo. Aliás, ele chega a dizer que fez mais pela medicina do que Trajano fez pelo Império Romano. Grande observador, dissecador de animais, médico de gladiadores (o que lhe teria permitido estudos especiais), foi um grande sábio, mas o fato de nunca ter sido questionado, até surgir Vesálio, impediu o avanço da medicina. Um dos fatos contados por Galeno se refere aos ciúmes freqüentes entre os

médicos, relatando serem tão intensos que se matavam uns aos outros.

Em escrito autobiográfico, ele diz:

> *Pessoalmente, não sei como adquiri minha natureza. Foi, porém, minha grande sorte ter um pai de temperamento tranqüilo, justo, eficiente e bondoso. Minha mãe, pelo contrário, era tão irascível que às vezes mordia suas escravas e estava constantemente gritando com meu pai e discutindo com ele, pior do que Xantipa com Sócrates. Quando eu via a nobreza de conduta de meu pai e a comparava com a vergonhosa atitude de minha mãe, decidi amar e desenvolver o comportamento dele, assim como odiar e fugir do dela. Ao lado dessa enorme diferença entre meus pais, observava que ele nunca estava aborrecido, enquanto minha mãe se preocupava com as menores coisas. Você sabe que as crianças imitam aquilo que amam e evitam o que não gostam de ver*.

Como médico, afirmava: *Os médicos devem saber por quais métodos a saúde deve ser restaurada quando estiver ausente, e conservada quando presente. O que traz a saúde se chama medicina ou remédio, enquanto o que a mantém se chama maneiras saudáveis de viver*.

A leitura de suas cartas a Glauco expondo seu método terapêutico é um resumo completo de suas idéias.

A influência de Galeno na obra do autor do *Erário Mineral é* permanente. Aliás, Galeno escreveu o seguinte: *A razão encontra as respostas mais depressa, mas a experiência confirma nossa confiança nelas*, frase que parece ter calado fundo em Gomes Ferreira.

Guido - Guido Guidi, discípulo de Vesálio, morreu em 1569. Chamado também de Vidius, organizou a Faculdade de Medicina do Colégio de França. Suas lâminas anatômicas, em número de 77, foram publicadas em Pádua, em 1611. Como o material de

dissecção era raro, o estudo da anatomia era feito por meio de lâminas. Basta lembrar que Falópio dissecou em um ano apenas sete cadáveres.

Hipócrates - Nasceu em Cós em 460 a. C. e morreu em Larissa, aos 85 anos de idade. Considerava-se descendente de Asclépio e de Héracles. Seus métodos de observação, sua certeza de não haver nada de sobrenatural na causa das doenças e sua escola o tornaram, ao ser relido, exemplo do bom exercício da medicina. Tudo indica que sua escola era composta apenas de membros de sua família e que o famoso juramento teria sido a forma encontrada para manter os segredos tão bem guardados, a partir do momento em que estranhos começaram a freqüentá-la. Todo o ensino era oral e prático, e as crianças conviviam desde cedo no ambiente de cura e tratamento. A medicina como sociedade secreta atravessa os tempos e não se pode negar que o corporativismo médico atual represente os resquicios de tal modo de vê-la e praticá-la. Um assunto que merece ser estudado é o fato de o juramento de Hipócrates ter sido adotado pela Igreja Católica. Como pode um pagão ter penetrado tão intensamente no pensamento da Igreja, a ponto de, na Idade Média, seu juramento ser impresso em forma de cruz?

A vida e a obra de Hipócrates estão cercadas de lendas. De seus três filhos, os dois homens aprenderam medicina com ele. Sua filha, em virtude de algum encantamento, foi transformada em dragão e só voltaria à forma original depois de ser beijada por um cavaleiro.

Outro episódio, lendário ou não, teria sido a recusa de Hipócrates de tratar o rei da Pérsia, Artaxerxes I, por considerá-lo inimigo dos gregos, num gesto de patriotismo que varou os séculos e inspirou artistas.

Conta-se que no seu túmulo apareceu, logo após sua morte, um enxame de abelhas cujo mel tinha grandes poderes curativos.

Hipócrates, contemporâneo de Platão (que o cita em suas obras), viveu numa época culturalmente rica, o chamado século de Péricles,

tendo convivido com Tucídides, o historiador, e com Eurípedes, o autor trágico, além de tantos outros que se tornariam tão célebres quanto ele.

João Batista Sylvatico ou Giambattista Silvatico publicou um dos primeiros livros de doenças simuladas, *De its qui morborum simulant deprehensis*, editado em Milão em 1591.

João Cardoso de Miranda - João Cardoso de Miranda, médico português, publicou *Relação Cirurgica e Médica* (Lisboa-1714), em que ensina como tratar o escorbuto. Em 1749, publicou *Prodigiosa Lagoa, descoberta nas Congonhas das Minas de Sabará*, lagoa cujas águas eram reconhecidas como capazes de curar a lepra. Clinicou na Bahia e em Minas. Morreu no Brasil, em 1773. Sua receita contra o escorbuto é transcrita integralmente por Luís Gomes Ferreira.

João Castellobranco - Também conhecido como João Rodrigues de Castelo Branco, passou para a História com o nome de Amato Lusitano. O nome Amatus é, ao que tudo indica, a tradução latina do nome hebraico de sua família, Habib, que significa querido. Viveu de 1511 a 1568. Judeu português, estudou em Salamanca, clinicou em Castelo Branco e emigrou para a Antuérpia, fugindo da Inquisição. Seu livro *Comentários a Dioscórides*, publicado em Veneza em 1553, é sua obra mais conhecida. Tal como Hipócrates, formulou um *Juramento*, no qual declara que *sempre tratou seus doentes com igual cuidado, quer fossem pobres ou nascidos em nobreza, sem procurar saber se eram hebreus, cristãos ou sequazes da lei maometana; sempre foi parcimonioso nos honorários e muitas vezes sem qualquer paga, tendo sempre mais em vista que os doentes recobrassem a saúde por seu intermédio, do que tornar-se rico pela sua liberalidade ou pelos seus dinheiros; como autor de escritos médico, ao publicar os seus livros, nada mais teve a peito do que promover que a fé intacta das coisas chegasse ao conhecimento dos vindouros, sem outra ambição que não fosse contribuir de qualquer modo para a saúde da humanidade, sem nada fingir, acrescentar ou alterar em sua honra*.

Descreveu as plantas das ilhas da Madeira e São Tomé. Cita o óleo de ouro, tão caro ao autor do *Erário Mineral*. Teve, dentre outros desafetos, Pietro Andrea Mattioli, também médico e comentador de Dioscórides, por ter apontado erros na obra do colega, o qual não lhe perdoou, chamando-o de plagiário e, pior, de *marrano*, acusação gravíssima na época e que deve ter apressado a ida de Amato Lusitano para longe de Portugal. Aliás, Amato Lusitano foi criticado por Falópio, Vesálio e Eustáquio, por ter descrito, nos seus estudos anatomofisiológicos as válvulas da veia ázigos e sua influência na regulação da corrente sangüínea. Seu nome está, pois, vinculado à descoberta das válvulas venosas, muito antes das descrições de Fabrício de Acquapendente, cujo discípulo, William Harvey, veio a demonstrar como se processava a circulação do sangue.

Lanfranco - Clérigo, grande cirurgião milanês, banido da Itália no fim do século 13, levou para a França a cirurgia italiana da época, fixando-se em Leão e em Paris, onde se associou ao Colégio de São Cosme. Em sua obra *Chirurgia Magna*, posiciona-se contra a divisão entre médicos e cirurgiões, afirmando que *nenhuma pessoa pode ser um bom médico se não possuir conhecimentos de cirurgia operatória*, o que contrariava os conceitos da época.

Leonardo Fioravano - Um dos discípulos mais conhecidos de Paracelso. Sua obra é toda escrita em linguagem acessível ao povo. Nasceu na Itália no século XVI. Ferreira o cita como tendo curado 12 mil soldados do exército de Carlos V de *cameras mortais só com lhes dar vomitorios*, o que não deixa de ser uma informação espantosa.

Madeyra - Duarte Madeyra Arraes publicou em 1751 (muito depois do nosso autor) o livro *Madeira Ilustrada*, sobre o morbo gálico. Era físico-mor do rei D. João IV. Foi lente de medicina em Pádua.

Mercado, cujo nome é Luís Mercado (1525-1611), nasceu em Valladodid. Foi médico de Felipe I. Escreveu diversas obras, dentre as quais um tratado sobre doenças de mulheres. Seu retrato, pintado por El Greco, encontra-se no Museu do Prado.

Mesue - Messue o velho, cujo nome era Janus Damascenus, foi um cristão que chegou a ser diretor do Hospital de Bagdá, tendo vivido de 777 a 837. Sua obra foi comentada por Jacobus de Partibus, o mesmo que comentou a obra de Avicena, já no século 15. Mesue era contemporâneo de Harun-al-Rashid, o grande califa que reinou de 786 a 802, responsável pela tradução ao árabe das obras de Hipócrates, Galeno e Dioscórides. Mesue foi um dos principais tradutores.

Paracelso é citado de passagem. Felipe Teofrasto Bombastus de Hohenheim nasceu na Suíça. Seu pai era médico. Sua mãe suicidou-se quando ele tinha 9 anos. Nascido em 1493, morreu em Salzburgo em 1541. É o mais importante médico de sua época e deixou obra do maior valor. Foi um revolucionário da medicina, sendo considerado o precursor da introdução de elementos químicos no tratamento das doenças. A medicina do trabalho lhe deve muito, assim como a clínica. Descreveu doenças endócrinas, como o cretinismo. Procurava aprender medicina não apenas nos livros, mas com o povo: camponeses, alquimistas, cartomantes, ladrões, músicos, barbeiros, parteiras, mulheres velhas, ciganos, vagabundos e até com outros médicos. Considerava a natureza como o fundamento da ciência médica. E afirmava: *O paciente deve estar presente na mente do médico dia e noite. Ele deve colocar todo o seu poder racional e seu pensamento a serviço de seus pacientes*. Combativo e combatido, dava aulas em alemão e não em latim, tendo sofrido perseguições de outros médicos. Para se ter pequena idéia de sua oratória, veja-se, dada a sua atualidade, o seguinte trecho de uma de suas aulas:

> *Venham a mim os que gostam da arte médica. Não me limitarei a repetir o que dizem os livros que lhes dão para ler, mas vou contar minhas próprias experiências. E lhes ensinarei uma medicina totalmente nova. Não esta que vocês aprendem com os catadores de piolhos, que tudo emporcalham e depois têm de enviar seus chefes à república vizinha, pedir socorro aos estrangeiros, desmoralizar a medicina nacional*.

Dirijo-me aos que querem ser médicos. Não desprezem minhas doutrinas porque sejam novas nem porque lhes fale em linguagem compreensível e não em latim, nem porque esteja sozinho nas minhas convicções. Mas sim porque eu os levarei até onde fui, até onde nasce a doença, como os levaria à nascente do rio.

O que lhes ensinam é falso. Dizem que lhes ensinam medicina, mas na verdade lhes ensinam como utilizar remédios fabricados por eles. Nunca lhes irão mostrar que a doença poderia ter sido evitada.

Quem fabrica o remédio não quer evitar a doença, quer lucrar com ela. E vocês são o instrumento de seus lucros.

Porém, se vocês saírem comigo, em vez de ficarem lendo livros que nada ensinam, vocês irão ver em que condições se fica doente no nosso meio.

Na arte de curar há dois caminhos. Um está nos livros. O outro está naquilo que se estuda no local. Quisera ensinar o que está nos livros. Para isso, basta que não sejam lidos. Devem ser, de preferência, abandonados às traças ou destruídos pelo fogo. Foram escritos por médicos de gabinete, não por médicos como eu, que vive no meio do povo.

Os médicos da universidade me dão pena. São contra mim porque de suas mentes não brotou o que brotou da minha. E porque eu recomendo coisas que aprendi na experiência e não aquilo que eles, servilmente, apenas repetem dos antigos. Repetem e seguem, de medo, ou para ter um lugar nessa sociedade em que o doente não tem importância se não tiver dinheiro. São as suas obras que devem fazer do médico um doutor e não os títulos que lhe confere o governo, a igreja ou a universidade.

Quem não se alistar abertamente sob minha bandeira não é digno de que um cão levante sua pata traseira para sujá-lo.

Temos de guerrear contra doutores de luvas brancas que temem sujar as mãos no contato com o povo.

Dos que não se aproximam daqueles que trabalham, eu tenho nojo. Estes não são preguiçosos nem boas-vidas. Vestem-se mal, não usam anéis de ouro, porque não precisam disso para encontrar a verdade. São pacientes e aguardam o resultado de seu trabalho. Não precisam freqüentar lugares públicos e serem citados nos salões. Estes são os meus, que usam roupa de couro, falam pouco e sabem muito, pois pelo trabalho se deve conhecer o homem e não por seus discursos".

Paulo Egineta ou Paulo de Egina (625-690) é citado por Luís Ferreira Gomes, em seu apoio. Foi último dos ecléticos gregos, autor da obra *Epitome da Medicina*, em sete livros, impressos pela primeira vez em Veneza, de 1528 a 1553. De grande reputação, Paulo de Egina afirma que os antigos já sabiam tudo sobre a matéria médica, sendo ele apenas um compilador. Bom cirurgião, descreve a amputação da mama, trepanação, amigdalectomia, paracentese e litotomia. No tratamento da hérnia, propõe a exérese do testículo, mutilação que vai durar até o século XVI, mil anos depois.

Plínio o Velho - Caius Plinius Secundus nasceu em Como, no ano 23, durante o império de Tibério, vindo a morrer asfixiado em 79, quando foi contemplar de perto a erupção do Vesúvio. Tendo iniciado, aos 23 anos, a carreira eqüestre, conheceu, então, o que é hoje a Alemanha. Voltando a Roma, agora sob o jugo de Nero, Plínio foge das atividades políticas, dedicando-se à retórica, à gramática e também à advocacia. Com a morte de Nero e a chegada ao poder de Vespasiano, retoma a vida pública, exercendo a procuradoria na África, na Bélgica, na Gália e na Espanha e em outros lugares. Nos intervalos de suas atividades, dedicou-se a ocupações literárias. Escreveu a *Historia Natural*, em 37 volumes, a única de suas obras que chegou até nós. Interessado nos mais variados campos do conhecimento, escreveu, segundo a relação feita por seu sobrinho, mais de cem livros. Ocupava seu pouco

tempo livre estudando e escrevendo. Durante a ceia ou a massagem, um escravo lia livros para ele e anotava o que desejava. Nas muitas viagens, sempre havia um escravo lendo e escrevendo. É dele a frase: *Não existe livro tão ruim que não tenha algo aproveitável*. Sua história natural é uma verdadeira enciclopédia: trata de cosmografia, geografia, antropologia, zoologia, botânica, mineralogia, remédios das plantas, dos animais e dos minerais. A primeira edição impressa é de 1469, publicada em Veneza. Plínio foi o primeiro cientista a citar as fontes em que se baseava. Deveria ser considerado o pai da Ecologia, pois critica o abuso dos poderosos que, por vaidade, constroem coisas suntuosas, destruindo a natureza. Para ele, a natureza foi feita para o bem-estar do homem, mas o homem usa mal o que ela lhe oferece. Sobre a medicina, tinha uma opinião firme: preferia a medicina popular àquela considerada oficial ou científica. No *Lapidario*, o dr. Ferreira teria tido ocasião de aprender coisas como as seguintes: *A pedra que solta mel é boa para a garganta e o útero; está comprovado que as epidemias causadas pelos eclipses do sol se combatem acendendo fogueiras; o âmbar, bebido ou carregado no pescoço, é remédio contra a loucura e a disúria; durante o reinado de Tarquinio apareceram de repente no fogão de sua casa genitais masculinos de cinza e a escrava Ocrésia ficou grávida, nascendo assim Sérvio Túlio, que sucedeu a Tarquinio no trono*.

Rhazes - Nome latinizado de Abu Bakr Muhammad ibn Zakarya Al-Razi, é considerado um dos grandes médicos de todos os tempos. Nascido em Teerã em 865, estudou em Bagdá. Talvez tenha sido nele que Luís Gomes Ferreira se baseou quando insistiu em que não se abusasse da vida sexual. Diz Rhazes: a relação sexual *leva o homem a todo tipo de calamidades e perturbações. Enfraquece a vista, arruina e destrói o corpo, leva ao envelhecimento precoce, à senilidade e ao desgaste, prejudica o cérebro e os nervos e reduz as forças*. Diz, ainda: *Além disso, o uso freqüente dos órgãos sexuais aumenta os testículos, atraindo para ele muito sangue, o que resulta em aumento do esperma*, impedindo que o corpo mantenha seu frescor natural. Rhazes introduziu o uso de compostos de mercúrio, como purgativos, depois de tê-los

experimentado em macacos, fato que o torna um precursor da medicina experimental. Na velhice, Rhazes ficou cego. Uns dizem que foi por causa de catarata. Outros afirmam que sua cegueira foi resultante de violenta surra, ordenada por um califa, cansado de seus modos ingênuos. Consta que Rhazes teria dito que não se importava com a a cegueira, pois já havia visto tanto no mundo que estava cansado.

Riverio - Lázaro Riverius foi professor na Universidade de Montpellier.

Senerto - Daniel Sennert (1572-1637) publicou tratados sobre escorbuto (1624), disenteria (1626), e febre (1627). Foi um grande clínico, seguidor de Paracelso, menos radical. Crê em curas mágicas e nas virtudes ocultas. Ensinou em Wittenberg.

Sílvio (1614-1672), professor de Vesálio, a quem chamou de louco, fazendo um trocadilho: *Não se deve dizer Vesálio, mas Vesano*, por não concordar com seu aluno na descrição dos erros de Galeno, de quem era fanático seguidor. Seu nome era Jacques Dubois. Consta, por outro lado, que Vesálio teria dito sobre seus professores que só os havia visto usando facas nas mesas de jantar.

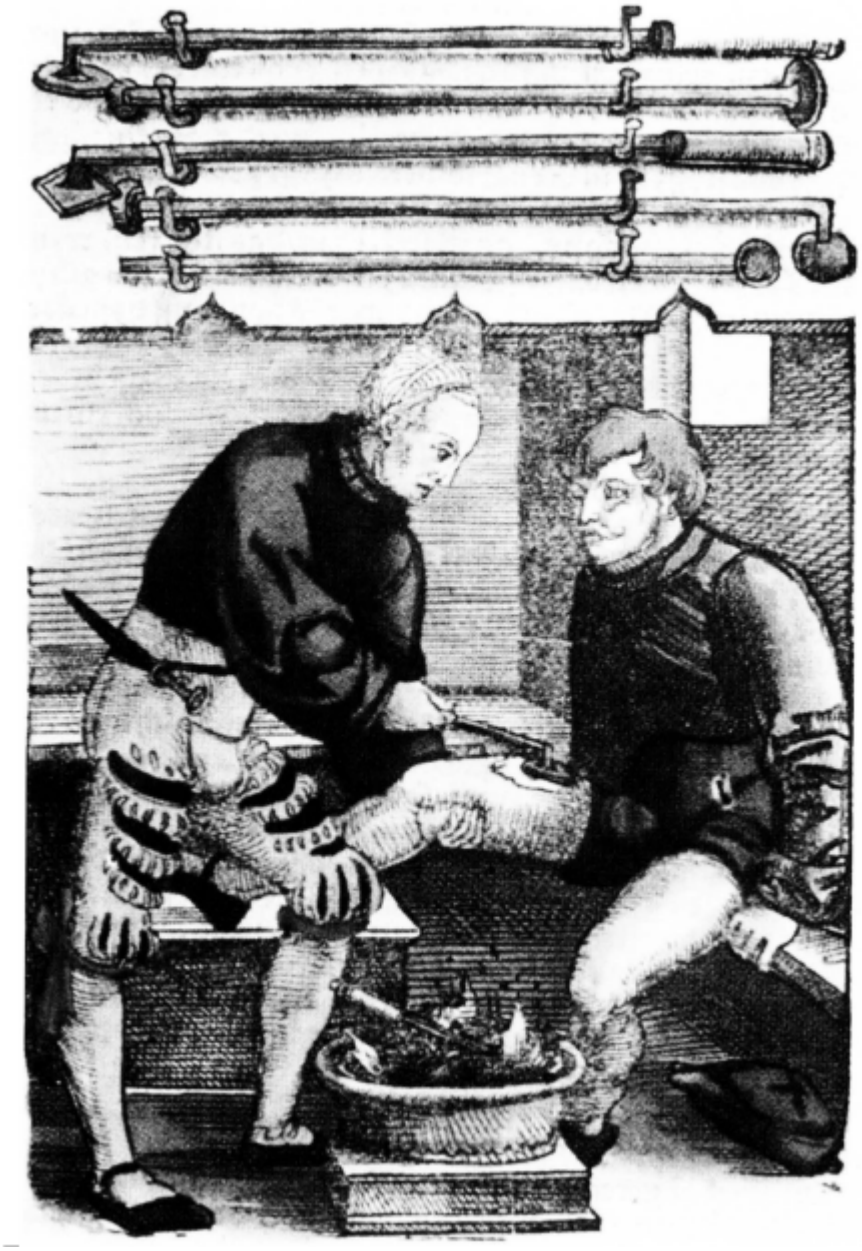
Sílvio chegou a escrever ao Imperador Carlos V protestando contra o fato de Vesálio ter usado ilustrações no seu livro, que considerava como *coisa supersticiosa e obscura*. Além disso, via nas ilustrações um risco, pois qualquer pessoa poderia aprender medicina. Este é um dos muitos exemplos de *envidia medicorum* na história da medicina. Nasceu em 1478 e morreu em 1555. A ele se devem descrições importantes, como o aqueduto de Sílvio. Seu livro, de 1536, *Isagoge*, é um marco na história da medicina. Mas tudo indica que Ferreira se refere a outro Sílvio, pois cita a seguir Senerto, aluno deste segundo Sílvio. Trata-se de Franciscus Sylvius (1614-1672), ou Francisco de la Boë, que publicou *Disputationes medicae* em 1663.

É grande divulgador da teoria das analogias de Paracelso e insiste na importância da observação das formas que nos cercam. Por

exemplo, as plantas capilares curam doenças do couro cabeludo. Se uma folha ou uma semente se parecem com olhos, dentes, coração, etc., vão curar doenças desses órgãos. Os "olhos" da cauda do pavão curam doenças das mamas.

Zacut Lusit - Médico e filósofo português, conhecido como Rabbi Zacuth ou Zucuth, do século XVI, citado pelo autor como autoridade reconhecida. Escreveu um livro sobre a doença dos brasileiros, *o mal-do-bicho*, também chamado de achaque do bicho, mal do sesso, maculo, que Luís Gomes Ferreira descreve exaustivamente por ter sido ele mesmo vítima da doença, sobre a qual afirma: *Tão certo o seu perigo, que ela tem metido na sepultura a muitas mil pessoas, assim brancos como pretos*.

Outros nomes são citados, ligados ou não à medicina, como Camões, Sêneca, Padre Vieira e alguns sobre os quais não consegui, até o presente, coletar dados, como Reusnerio, Uvalterio, dentre outros.



Exemplos de ferro de cauterizar e um paciente tendo sua perna cauterizada. (Gravura em madeira de Johannes Wechtlin)

Sumário das ilustrações

Capa - *Estórias de dor, esperança e festa:* o Brasil em ex-votos portugueses (séculos XVIII-XIX). Lisboa: Comissão Nacional para a comemoração dos descobrimentos portugueses, 1998.

Pág. V - VASCONCELOS, Ivolino de. Notícia histórica sobre Luís Gomes Ferreira e sua obra - o Erário Mineral. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DO BRASIL NO SÉCULO XVIII. p. 375.

Pág. X - PORTER, Roy. (Org.) *Medicina:* história da cura. Lisboa: Livros e Livros, 2002. p. 124.

Pág. XVI - VASCONCELOS, Ivolino de. Notícia histórica sobre Luís Gomes Ferreira e sua obra - o Erário Mineral, p. 373.

Pág. 2 - CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros:* as tábuas votivas no ciclo do ouro. Belo Horizonte: BDMG Cultural; Rio de janeiro: Expressão e Cultura, 1994. p.40.

Pág. 27 - BELUZZO, Ana Maria de Morais (Org.) O *Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1999. p. 63.

Pág. 44 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R. J. *Medicine:* an illustrated history. New York, Abradale Press, 1987. p. 455.

Pág. 102-MOITA,Irisalva. *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos*. Lisboa: Correios de Portugal, 1992. p. 50.

Pág. 106 - DEBRET, Jean-Baptiste. *Rio de Janeiro:* cidade mestiça, p. 111.

Pág. 117 - MOITA, Irisalva. *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos*, p. 50.

Pág. 144 - BELUZZO, Ana Maria de Morais. (Org.) O *Brasil dos viajantes*, p. 85.

Pág. 150 - BELUZZO, Ana Maria de Morais. (Org.) O *Brasil dos viajantes*, p. 87.

Pág. 170 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R. J. *Medicine:* an illustrated history, p. 82.

Pág. 180 - DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresta através do Brasil*. São Paulo: Edusp, Belo Horizonte: Itatiaia. Prancha 19.

Pág. 192 - BELUZZO, Ana Maria de Morais. (Org.) O *Brasil dos viajantes*, p. 60.

Pág. 208 - *Estórias de dor, esperança e festa:* o Brasil em ex-votos portugueses, (séculos XVIII-XIX),p.59.

Pág. 214-CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros, p.27*.

Pág. 228 - ??IT?, Irisalva. *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos*, p. 19.

Pág. 317 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R J. *Medicine:* an illustrated history, p. 361.

Pág. 318 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R J. *Medicine:* an illustrated history, p. 361.

Pág. 446-LAGO, Pedro Corrêa. (Org.) *Iconografia brasileira:* coleção Itaú. São Paulo: Itaú Cultural; Contra Capa Livraria, 2001. p.192.

Pág. 488 - BELUZZO, Ana Maria de Morais. (Org.) O *Brasil dos viajantes*, p. 117.

Pág. 514 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R. J. *Medicine:* an illustrated history, p. 456.

Pág. 634 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R J. *Medicine:* an illustrated history, p. 383.

Pág. 650 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R J. *Medicine:* an illustrated history, p. 409.

Pág. 658 - BELUZZO, Ana Maria de Morais. (Org.) O *Brasil dos viajantes*, p. 117.

Pág. 702 - ??IT?, Irisalva. *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos*, p. 50.

Pág. 768 - LAGO, Pedro Corrêa. (Org.) *Iconografia brasileira*, ?.169.

Pág. 806 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R J. *Medicine:* an illustrated history, p. 470.

Pág. 818 - LYONS, A. S. e PETRUCELLII, R J. *Medicine:* an illustrated history, p. 383.

Pág. 821 - CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros*, p.51.



Ex-voto do século XVIII, onde se agradece Nossa Senhora do Carmo a cura de uma criança enferma.